Caderno

“TERRAS QUENTES”

Nº 18

* Vade-mécum de palavras e frases medievais e mais uns regionalismos.

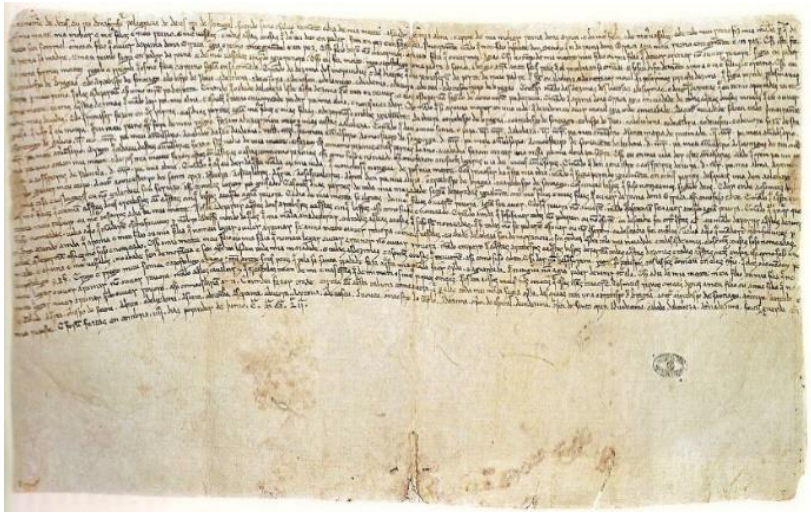
**Carlos Alberto Santos Mendes

Introdução

Com este trabalho, inevitavelmente inacabado, pretendemos, humildemente, contribuir para ajudar alguém a compreender melhor a língua portuguesa falada e escrita em tempos medievais, sendo que esse alguém começou por nós. Recorremos à ajuda dos dicionários mais importantes, em nosso entender, datados a partir do século XVII, assim como se foi extraindo palavras e o seu significado de várias obras coetâneas à idade média portuguesa.

Como sabemos, não existe nenhum documento, propriamente em português anterior ao século XII, até então a escrita expressava-se em latim "Bárbaro", como nos diz Dr. Fr. Domingos Vieira, no início da sua obra.

O nascimento da língua portuguesa deu-se por etapas; assim há especialistas linguísticos que são da opinião que o primeiro documento mais antigo escrito em português, foi o testamento do Rei D. Afonso II datado de 27 de junho de 1214.



Testamento do rei D. Afonso III - 1214

Será o Rei D. Dinis que em 1296 instituiu por decreto que a "língua vulgar" (o galaico-português) fosse usado em vez do latim na corte, todavia, será no ano seguinte, ano da assinatura do tratado de Alcanizes, 12 de setembro de 1297, tratado que definiu as fronteiras com Castela, que o Rei D. Dinis, baniu definitivamente o galaico-português, fonte do português, e instituiu na Chancelaria régia, nos notários, na redação das leis e na poesia a língua portuguesa.

Notas:

* A designação Vade-mécum é uma expressão proveniente do latim que significa "vai comigo" e é aplicada quando se trata de um livro ou manual de uso prático, que os leitores podem consultar para esclarecer dúvidas.
** Mestre em História Regional e Local, Licenciado em Arqueologia e História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Investigador colaborador do Centro de Arqueologia (Uniarq) da Universidade de Lisboa, Presidente da direcção e investigador da Associação Terras Quentes.

Como diria Alexandre Herculano em 1874, na sua história de Portugal, **"A Galiza deu-nos população e língua, e o português não é senão o dialecto galego civilizado e aperfeiçoado".**

Características da Língua Arcaica. (In Vieira (**VD**); introdução)

"Na língua portuguesa, distinguem-se duas fases a arcaica, até meados do século XVI; e a moderna a partir de então.

Características do Português arcaico:

A) *FONETICAMENTE:*

1- *A existência de hiato entre vogais, proveniente da síncope de consoantes sonoras do latim: seer (latim sedere) pee (lat. Pede); paaço (lat. Palatuim) Mercee (lat. Mercede); Voontade (Lat. Volunatte). O mesmo hiato se observa nas ligações das preposições "a" com o artigo "a" e os pronomes demostrativos: aa, aaquele, etc. Em vocábulos como ûu (lat unu), bõo, boõ ou boom (lat. Bonu) a ressonância nasal do "n" latino era representada por til ou "m". Por outro lado, em vocábulos do tipo de "cheo" (lat. Plenu) creo (lat. credo), não se havia ainda verificado a ditongação da primeira vogal com a inter alação do "i" (cheio, creio). Anote-se ainda a forma poer (lat. ponere) anterior à contração.*
2- *Nas formas verbais da 2ªpessoa do plural não se opera ainda a síncope do "d": levades (levais) devedes (deveis) partides (partis), sodes (sois).*
3- *A persistência da terminação "om" (a par de "am" e de "ão" esta dissilábica) que depois se transformou, como aquelas, no ditongo "ão" (ou am): nom (não); prisom (prisão); houverom.*
4- *As três terminações uniformizam-se na língua moderna, mas mantêm-se distintas no plural: prisom «prisão» pl. Prisões; pam «pão» pl. Pães; mão (dissilábica) mão pl. Mãos.*
5- *A existência de grande número de disseminações, Fermosa (por formosa) Dezia (por dizia) devisar (por divisar) etc.*
6- *A manutenção de "z" requerido pela etimologia (ci» z) em patronímicos: Vasquez, Gonçalves etc.*
7- *Além destas, ainda outras características, principalmente no que respeita à pronúncia.*

B) *SINTÁCTICAMENTE;*

- Predomínio da coordenação sobre a subordinação, muitas negligências na construção do período.

C) MORFOLOGICAMENTE:

1- Algumas palavras tinham género diferente do actual; eram do masculino as que terminavam em "agem" (a linhagem); era do feminino, entre outras, a palavra fim; eram uniformes os nomes em "or" (como senhor) e em "ês" (o que explica a existência actual de advérbios como Portuguesmente.

2- O pronome "lhe" referia-se indistintamente ao singular e ao plural, como ainda hoje se verifica na linguagem popular e na ligação "lho" (lhe+0) ou lhes+o).

3- Os verbos de tema em "e" tinham um particípio "udo"; sabudo (sabido, de saber), teúdo (tido de teer» ter). Esta terminação ainda hoje se conserva nos substantivos conteúdo e temudo, originalmente particípios.

4- Existiam muitas palavras que deixaram de se usar (arcaísmos).

a) *Pronomes: aqueste (este) aquesse (esse) esto e aquesto (isto) esso e aquesso (isso) elo e aquelo (aquilo); al (outra coisa); sa Forma proclítica de sua).*
b) *Advérbios "u" (onde) "i" (aí) "alá" (lá); certas (certamente); estonce (então), "atá" (até) etc.*
c) *Preposições: per (por) pera (para) des (desde) etc.*
d) *Conjunções: ca (porque; do que) desque (desde que, logo que) de guisa que (de modo que) etc.*
e) *Formas de ser provenientes de esse: "see" (=é, está), siia (=era, estava), som (sou) que provinha directamente de ssum*
f) *Diversos vocábulos e locuções, que se indicam nas notas aos textos."*

ABREVIATURAS USADAS

AA	Dicionário Arte e Arquit.
Adj.	Adjectivo
Adv.	Adverbio
Agric	Agricultura
AM	António Moraes
Anat	Anatomia ou anatómico
Antiq	Antigo ou anticuado
Archit	Arithmetica
Artilh	Artilharia
Astro	Astrologia
At	Activo
BC	António Borges Coelho
BD ou ATQ	Associação Terras Quentes
BE	Bernardo Encarnação
Botan	Botânica
Bras	Brasão
BV	Balcão Vicente
c. ou cap.	Capítulo
Cirurg	Cirurgia

CM	Carlos Mendes
CNS	Código Nacacional de Sítio
Col	Coluna
Comp	Comparativo
Chron	Cronica
DA	Dic. Aristocrático
DH	Houaiss dicionário
Dim	Diminutivo
DMP	Dic. Pesos e medidas
Doc.	Documento
EF	Eduardo Faria
Eluc/VT	Viterbo
EP	Esteves Pereira
ET	Estrabão
Escullt	Escultura
FL	Fernão Lopes
Famil	Familiar
Fol. Ou folh	Fólio ou folhas
Filos	Filosofia
Fisic	Física.
Forti	Fortificação
Freq	Frequentemente
Geogr	Geografia
Geom	Geometria
HS	Herman Saraiva
I, é.	Isto é.
IS	Innocencio Silva
Interj.	Interjeição
Irreg	Irregular
Jurid	Jurídico
LC	Luís Cardoso
Lat	latino
Log	Lógica
LV	Leite de Vasconcellos
M	Masculino
MC	Manuel Cardoso
MGM	Museu Martim Gonçalves de Macedo
MF	Maria Isabel Ferreira, Tese
MJ	Mota Pinto
Manejo	Manejo dos cavalos
MR	Marreiros, Rosa
Med	Medicina ou Médico
Milit	Militar
Mus	Música
N ou neutro	Náutica
NAP	Calado, Adelino
ND/RT	Novo Dicionário

Opt	Ótica
Ortogr	Ortografia
P. ou pág.	Página
PA	Palavra Árabe
PB	Pedro Barbosa
PE	Esteves Pereira
Pl.	Plural
Pint	Pintura
Prep.	Preposição
Pron	Pronome
Prov.	Provérbio
Reg(s)	Regionalismo(s)
RB	Raphael Bluteau
SM	António Silva Moraes
Sing	Singular
s. ou Subst	Substantivo
T.	Termo
T. ou Tom	Tomo
TMC	Topónimos MC
Us	usado
VB	Vítor Fernando Barros
VD	Domingos Vieira
VR	Viterbo J. Santa Rosa

A

Introdução: A atual forma de notação musical é razoavelmente precisa e a cada nota corresponde uma determinada frequência (digo razoavelmente porque não é bem assim, mas é complicado explicar sem dar exemplos nem entrar em explicações que requerem de facto algum conhecimento de escalas, acidentes etc..), o que permite descrever sem margem para dúvidas uma melodia, bem como é possível indicar a duração de um som e assim registar o ritmo e indicar igualmente a dinâmica.

Durante a idade média, e especialmente com o estabelecimento das regras da música religiosa (refiro-me ao canto gregoriano), foram criados elementos (genericamente camados de neumas) que constituíam os elementos básicos da notação musical antes da invenção do sistema de pautas de cinco linhas, claves etc.
Como eu julgo que disse na última vez que falamos sobre música, esses elementos serviam mais como auxiliares de memória e constituíam pequenas marcas colocadas junto do texto das canções e indicavam quando a melodia passava a mais aguda ou mais grave e foram naturalmente ficando mais elaboradas com o passar do tempo indicando cada vez mais alterações.
As mais básicas:
"*A 'virga' quando passava para mais agudo, o 'tractulus' para mais grave e com o passar do tempo surgiram mais com a função de completar estes dois mais básicos (torculus, porrectus, scandicus, climacus, gravis punctum, podatus, clivis e eventualmente outros que desconheço).*
Os próprios neumas tinham sinais de alteração como por exemplo o subpunctis, o resupinus, e o flexus.
As letras que se refere em "A e seguintes"; tinham a função ajudar a interpretação e notar algumas alterações do ritmo ou até mesmo da melodia"**.** (VR)

"É evidente que o músico (ou mais exatamente o cantor) tinha de conhecer previamente as músicas até porque se tratou durante séculos de algo perpetuado pela tradição oral e os neumas, como já referi, apenas serviam de auxiliar de memória.
Mais tarde surgiu a pauta de 4 linhas ainda durante a idade média e finalmente a de 5 que ainda hoje se utiliza.
- A letra "A" – Como nota musical, servia de levantar a voz no cantochão. Dizem que Pedro Romano fora o primeiro que usou das letras do alfabeto em o canto gregoriano quando o veio ensinar a França, mandado pelo Papa Adriano I a instâncias do Imperador Carlos Magno. Quaisquer que fossem as notas da música, antes e depois de S. Gregório Magno, nós o ignoramos; sabemos, porém, que os Gregos usaram de sete notas em o canto, muitos séculos antes de Guido Arentino inventasse as seis, de que actualmente nos servimos. Ainda neste artigo, seguiu Viterbo a doutrina de Du Cange, conforme se verificará pela seguinte transcrição: "A in superscriptione cantilenae, ut altius elevetur, admonet". Ita Notkerus in opusculo inscriptio, "Quid singulae literae in superscriptione significent cantilenaes. "A Letra A nos antifonários indica os sítios onde a voz se deve elevar. Esta vogal servia e serve para vocalizar no cantochão e em todas as obras vocais, sobretudo da escola italiana, em que o vocalizo foi sempre aproveitado como elemento ornamental de grande valor; serve também para a preparação de as classes de vozes, masculinas e femininas, nos estudos quotidianos, em que pelos vocalizo, com diversas vocais, se faz empostação de vozes. Foi Pedro Romano quem primeiro usou as letras do

alfabeto no canto gregoriano, quando em França, aonde foi enviado pelo Papa Adriano I a pedido do Imperador Carlos Magno. Sabe-se que antes do nome das notas fixado por Guido de Arezzo, já elas tinham sido devidamente divididas pelos gregos numa série de escalas". (Eluc)

A FUNDO – Para baixo, águas vertentes ao sopé, quando antigamente se falava de terras ou propriedades que corriam a fundo. Hoje dizemos de um sujeito perfeita ou cabalmente instruído em uma faculdade ou negócio que os tem penetrado afundo, isto é, que nada tem escapado à sua penetração e conhecimento. (Eluc)
A LA FÉ/ALAFEM – Locução adverbial antiga, usada para assegurar uma afirmação; À boa-fé; sem dúvida; certamente.
A SECO – Técnica de pintura mural que aplica a tinta sobre uma preparação já seca, ao contrário do fresco. (AA)
AA - à
AACIMA – Finalmente; Por fim de tudo; Por último; Em conclusão.
AADE – Adem ou Ganso, ave bem conhecida, doméstica ou selvagem.
AADUR – Adv. Dificilmente (NAP)
AAGUADOIRO – O mesmo de aguadeiro. Molho de Linho.
AAL - Tipo de porcelana chinesa, de coloração amarela, fabricada entre 1650 e 1725 (DH).
AALENIANO - Diz-se de ou camada inferior do Jurássico médio ou a mais alta do Jurássico inferior; aalênio, aalense (dh)
AALLEM – Além.
ÀS – (que às tu assi de dizer? – "Como te atreves a dizer tal coisa?
AAS – Asas, e nos singular "as"; asa. - Propriamente asas, mas aqui parece estar empregado no sentido de barbatanas (LV).
AAZADOR -O que azou, diligenciou, ocasionou, facilitou. (AS), Também; Se dizia do homem ou mulher que fomenta, ordena, dá ocasião ou motivo para se fazer alguma coisa. Causador, ocasionador, proporcionador. O que azou ou diligenciou (Elucidário Santa Rosa Viterbo – expressão século XIV). O mesmo que hoje o "facilitador. (CM)
AAZAR – (por melhor aazar) – Facilitar.
AAZARÁ – Causará.
AASO – Ocasião ou motivo.
AAZO – Por motivo. Causa (NAP)
ABA – Parte do vestido que lhe serve de fralda.
ABA – Palavra que em Syriaco e em egypcio significa Pai é o título que as egrejas syriacas, egyeiacas e coptas são aos seus bispos. Também se escreve ABBA. Também Monte da Arménia onde nasce o rio Ruphrates. (PC).
ABAD I – Primeiro rei Mouro de Sevilha chefe da dinastia dos Abaditas, foi elevado ao trono em 1015 e reinou 26 anos., juntou aos seus estado o reino de Córdova
AB INITIO (exp Latina) – Desde o início.
ABADEJO- Badejo, vaccaloura.
ABADENGO – Legado pio; esmola.
ÁBACO – Peça superior do capitel da coluna, (AS)
ABACUN – Abu-bassun; (PA), Nome de um mouro, Aldeia na província d'entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga.
ABÁDA – A porção que leva a aba colhida e apanhada. (AS)
ABADEJO – Vaca loura. (AS)

ABADENGO – Ofício do abade, Legado Pio que se deixa ao confessor, ou director e padre espiritual. (AS).
ABADINHO **–** Diminutivo de abade; superior de uma abadia, de um mosteiro ou de uma confederação de mosteiros; superior religioso de um território onde exerce poderes quase episcopais; pároco; título honorífico eclesiástico; homem gordo e pachorrento.
ABAFÁDAMENTE – Abafado, Ocultamente, enroladamente (AS)
ABAFADIÇO – Lugar calmoso, em que não corre o ar livremente ou viração. (AS)
ABAFADO – Tapado, coberto de sorte que se embarace a comunicação com o ar livre. Preso sem saída, embuçado. (AS)
ABAFO – Sufocação, estufa.
ABAFAMENTO – Acção de abafar, sufocação. (AS)
ABAINHAR – Dobrar e coser o extremo do pano sem ourela para que se não desfie. (AS)
ABAIXAR - Descer
ABAIXAR a Fé – Humilhar; Abater; Tratar com desprezo.
ABAGANHAR – Agarrar, catrafilar; como termo de gíria "Isso dão cantigas. Aqui abaganha-se tudo.
ABALADA – Direcção que leva a caça que se levantou (AS)
ABALAMENTO – Abalo; desinquietação; desassossego. Também Tremor, movimento desordenado, irregular das cousas naturais.
ABALISADAMENTE – Distintamente, com vantagem – o cavaleiro que abalizadamente se esmerasse – (AS)
ABALISAR – Assignar, demarcar, marcar (EF)
ABALLAR – Partir; Aballu; Aballarom.
ABAMBRENSE - Relativo a Abambres, Trás-os-Montes (Portugal) ou o que é seu natural ou habitante. (DH)
ABANETE - Cinto de linho branco us. por sacerdotes hebreus em atos religiosos; abanés. (DH).
ABANICO – O mesmo que Gorja ou Gorgueira; Adorno de indumentária feminina. O leque é um objeto de uso pessoal usado para abrandar o calor. Foi muito usado pelas elites europeias, no período de 1670 a 1930, como um forte símbolo de luxo e elegância. Também; Pequeno abano ou leque; sabre, espada ou estoque. (DH).
ABANTAR – (Regionalismo) – Andar ou trabalhar depressa. (VB)
ABARATADO – Reduzir a barato, diminuindo do preço. (AS)
ABARCA – Certa espécie de calçado rústico (Compõem-se de uma sola e alguns pedações de couro cru atados com cordéis. Também; Sandália rústica cuja sola é atada ao peito do pé por cordéis ou correias; calçado grosseiro de sola de madeira; qualquer calçado largo e malfeito; chanca. (DH).
ABARCAR – Abranger, compreender, cingir com os braços. (AS)
ABARDAR, ABARDADO – Diz-se que o navio está abardado com a terra quando (esta) está próxima por S.V. sendo necessário afastar-se dela para segurança do navio.
ABAREGADO – Herdade que o colono, ou enfiteuta não habita. (AS)
ABARGA – Lugar de pescaria. Também armadilha de pescar sáveis ou lampreias. (AS)
ABARITÂM – Entre as horríveis maldições de que os antigos fizeram uso, tinha lugar distinto a de ser alguém tragado vivo pela terra e sepultado nos infernos.
ABARLAVENTO – Barlavento (AS)
ABARRACAMENTO – Lugar onde estão barracas. (AS)
ABARREGADA – Herdade ou casal em que a enfiteuta ou colono não reside e habita.

ABARREGADO - Part. Pass. De Abarregar-se. Amancebado, antigo. (AS).
ABARREGAR-SE - Ligar-se a barregã; amancebar-se. (DH).
ABARREIRADO – De abarreirar "arravalde… que era abarreirado e com fossas d'artredor". (AS)
ABARRISCO – Com abundância, com largueza, com fartura. Também; confusa, promiscuidade. (AS).
ABAROADO/ABARROTADO – Teimoso; Pertinaz; fixo no seu parecer; Obstinado.
ABÁS - Na Grécia e no Oriente (séc. XVII-XIX), peso de ponderar pérolas e pedras preciosas equivalente a 0,1458g; abaz. (DH)
ABASCADO – Que se mostra espantado, apatetado, (Trás-os-Montes) (DH).
ABASMAR – Desprezar; Ter em pouco.
ABASTAMENTE – Suficiente; Abastadamente, com tudo o que é preciso e necessário.
ABASTANÇA – Abundância, cópia, fartura.
ABASTANTE – Competente, (NAP)
ABASTAR – Bastar.
ABASTARDAR – Fazer degenerar.
ABATER – Habata (PA); Diminuir o preço de alguma coisa
ABATÍDO – Navegar; ir de rota abatida; sem fazer demoras, nem escalas. Animo abatido, demisso, baixo, humilhado, vil, incapaz de cousas altas e grandes.
ABASTIMENTO – Acto ou efeito de aviar; execução; provisão abundante; abastecimento, fornecimento. (Trás-os-Montes). (DH)
ABASTOSO – O Mesmo que abastado.
ABATUFADO - Que tem gordura balofa (especialmente no rosto) (Trás-os-Montes). (DH.
ÀBAVO - Trisavô, ou antepassado, entre os romanos; abávio. (DH)
ABBADADO/ABBADIADO – Paróquia que antigamente tinha prelado ou abade.
ABBADAGIO – Beberete, merenda ou qualquer outra refeição corporal que se extorquia aos fregueses pelos pastores da igreja.
ABBADAR – Pôr Abbade em huma igreja, ou ter direito de o apresentar nella.
ABBADENGO – Legado pio que os confessados deixavam aos seus padres espirituais que tinham ouvido as suas confissões. Conquistou Beja, Évora, Lisboa, Santarém e Coimbra.
ABBADESSA – A prelada maior ou superior de uma comunidade de monjas ou religiosas de votos solenes.
ABBADIM – Abbadin, (pa) Nome de um lugar na província d'entre Douro e Minho Termo de Guimarães.
ABBARRADA – Vaso de barro para beber ou de louça da Índia em que se metem flores.
ABBATINA – Vestido de abbade ou clérigo secular, consta de túnica e capa talar mui fraldada, vulgo batina. (AS)
ABACELAR – Soterrar provisoriamente as raízes de qualquer planta enquanto esta não se coloca definitivamente. (LV).
ABECHUCHO – Reg. – Encorpado, desajeitado, grosseiro. (VB)
ABDALA – Abdalab. (PA); Nome próprio de homem. É composto de Abd. O servo e de Alah, Deos o que significa servo de Deus. Também; ABDALÁ - Religioso muçulmano na Pérsia; abdá, abdal, abdalita [Equivale a *dervixe* entre os turcos e a *monge* entre os cristãos]. (DH).
ABDELMALEK – Abdelmalek (PA) Nome próprio composto de Abd (servo) e de Malek (o rei), o servo do rei.

ABDERITA - Relativo a Abdera, cidade da Trácia, ou de outra do mesmo nome, na Hispânia, ou o que é seu natural ou habitante; Que ou aquele que é simplório, ingênuo, tolo, inepto. (DH)

ABEBERAR – Dar de beber, matar a sede. (AS).
ABEDEGAS – Nome árabe de Ourém que conservou ainda por algum tempo depois de tomada por D. Afonso Henriques em 1136. (PE).
ABEDESSA - Abedessa; corrup. de abadessa; superior de um mosteiro de monjas; mulher muito gorda.
ABDESTE - Ablução das mãos em purificação, entre os muçulmanos; abdesto; A água que serve para esta finalidade; abdesto. (DH).
ABEGOARIA - Lugar que o abegão reserva para guardar o gado, o carro e os utensílios agrícolas. (DH).
ABEGOENS – Nome dado antigamente aos enfermeiros dos hospitais. (PE).
ABELAINA – Abelaina;m.q. abeleirar, fazer sociedade no trabalho de sementeira, emprestando-se mutuamente, gente, gado, alfaias (reg.) (TMC)
ABELAIRAIS - De abelaina (ver, abelaina) (TMC)
ABELHA – Peça metálica que encaixa na andadeira, fazendo-a girar (VB)
ABELHACA/AIVECA – Reg. Cada uma das peças que ladeiam a relha do arado e servem para afastar a terra do rego. (VB)
ABELHEIRA - Ninho de abelhas, buraco onde as abelhas se alojam, – nome vulgar de espécies da família das Urquidáceas (erva-abelha), alpivre – Buraco ou conjunto de buracos nas rochas semelhantes às perfurações feitas nas árvores pelas abelhas. (TMC).
ABENCERRAGE - Relativo à linhagem moura dos abencerrages (que dominou Granada e se tornou famosa por sua rivalidade com os zegris) ou indivíduo dessa estirpe; abencerragem. (DH)
ABERREGAAR-SE – Amancebar-se, viver deshonestamente, fazer-se barregãa ou concubina de alguém.
ABERTA – Segundo certos historiadores da arquitectura militar, espaço entre duas ameias. O Prof. Pais da Silva identificava este espaço com a ameia. (AA). Também (Reg.) Terceira lavra de um terreno (Barroso) (VB)
ABESSADA - (ver abessedo), (TMC)
ABESSEDO - Gír., lado do monte não soalheiro; onde não bate o sol; de abessana, junta de bois esp. Para puxar o arado; o primeiro sulco que aberto, num campo arado, serve de referência para os demais. (TMC)
ABESTIÇO - Variedade de linho português. (DH).
ABEXEDO - Corrup. de abessedo; (ver, abessedo) (TMC).
ABEXIGAR – Reg. Zombar de; troçar de; ridicularizar. (DH).
ABDARRAMÃO I - (756 ano em que chega ao poder, morre em 788) – Em Maio de 756, desembarca no Andaluz, em Almuñecar à frente de um exército de clientes omíadas e de iemenitas, vence em Almazara, nos arredores de Córdova, o último governador dependente de Damasco, Yusuf e estabelece o emirato independente de Córdova. No ano de 756, ano em que ABDARRAMÃO I chega ao poder na península Ibérica esta era uma manta de retalhos.
ABDARRAMÃO III IBN MARUANE AL JILIQII, "O GALEGO" (912/961) – Em mais de metade do que é hoje o território português, emergiram governos autónomos que durante 57 anos entre 874 e 931, reconheceram como chefe principal, Abdarramão III, o Galego,

fundador da cidade de Badajoz. Ibn Maruane foi o primeiro dissidente a promover a causa muladi no Ocidente, isto é, a causa dos hispanos convertidos ao Islão e diferenciados das comunidades árabes e berberes. As fontes muçulmanas, tratam-no como "mestiço ou renegado", mas era muladi e filho dum governador de Mérida. Na final da década de vinte do século X, Abdarramão III submeteu os muladis do Ocidente. 928 tomou mèrida, em 929 atacou Badajoz. De Badajoz seguiu para Beja onde o Sr. de Beja Said bem Malik foram levados para Córdova. De Beja o emir avançou para Ossónoba. Em 929, no auge do seu poder, Abdarramão III proclamou-se Califa, o sucessor do profecta. (Wikipédia)

ABDARRAMÃO SANCHUELO – O Sanchozinho, filho de uma princesa de navarra. E neto do Almaçor. Mohâmede al-Mahdi, convocou então a guerra santa contra Sanchuelo. Sanchuelo que vinha de Calatrava, foi abandonado durante a noite pelos berberes, até ficar um pequeno grupo e as 70 jovens do harém. As tropas de Mohâmede al-Mahdi. Sanchuelo foi degolado. A anarquia iria precipitar a queda do califado e a pulverização do poder político e militar. (Wikipédia)

ABD AL-AZIZ IBN MUSA – Ficou a comandar as tropas muçulmanas depois de 711 na Península, que escolheu Sevilha para Capital. O seu casamento com Egilona, viúva de Rodrigo, indiciava um outro Casamento por conveniência entre a cúpula invasora e a alta nobreza visigoda. Em 715, acusado de aspirar à realeza, Abd al-Aziz ibn Musa era assassinado na mesquita, ex-catedral de Sevilha pelos chefes muçulmanos. (Wikipédia)

ABD AL-MALIK IBN OMAR AL-MARUANI – Primo de Abdarramão I, reuniu a sua gente e disse: "A nós, proscritos do Oriente, chegadas a este longínquo pais disputam-nos o último bocado com que conservamos o alento. Os Omíadas vencem de novo e segue-se uma repressão que valeu a Abdarramão I o ódio dos árabes. Restabelecida esta autoridades, filha, Beja. Évora, Santarém, Coimbra e todo o Algarve. Acantona os Cristãos nas Astúrias. (Wikipédia)

ABD AL-MALIK AL-MUDAFAR – Filho do Almançor, que o sucedeu tinha o cognome do "Triunfador" "pese a que estava dominado pelo vinho e se afogava em prazeres" continuou as campanhas militares contra o norte cristão., recomendava aos combatentes que não queimassem nem demolissem as casas. Os muçulmanos que quisessem inscrever no registo do exército receberiam 2 dinares por mês, na condição de se estabelecerem nas fortalezas. Além disso recebiam casa e terra para trabalhar. Abd Al-Malik morreu em 1008, sucedeu-lhe seu irmão Abdarramão Sanchuelo, o Sanchozinho- (Wkipédia)

ABDERA – Atualmente, Agra (Almeria) Cidade de fundação Fenícia. (ET)

ABECEDÁRIO – Os antigos lhes chamaram Abectuário; Abgatório etc.

ABECER – Equivalente a apetecer.

ABESSO – Injuria, desordem, sem razão. Séc. XII (VT). Também; Albasso (PA)m o mal, a adversidade

ÀBEIRO – Assim denominam nos açores o chapéu de palha de abas largas.

ABEGÃO – O que trata da abegoaria e tem inspecção à cerca dos criados, ganhões etc... (AS). Também; O abegão era pau para toda a obra. Fazia a manutenção do equipamento agrícola metendo a mão na madeira e no ferro, e, nalguns casos, também fazia as vezes de ferrador. Isto porque os mestres ferreiros, geralmente, tinham oficina aberta apenas nos povoados de maior dimensão, vilas e cidades. O ferreiro também exercia a função de ferrar as cavalgaduras, com a forja faziam os diferentes moldes para cascos de mulas, cavalos e burros. Uma oficina de ferreiro ocupava no mínimo, 4 pessoas: uma que

acarretava o ferro, a lenha e o carvão para a forja; outra que se destinava apenas a alimentar a fornalha e que se chamava "foleiro"; mais um ou dois trabalhadores malhavam/batiam o ferro e por último havia um "mestre" do ofício que executava as peças. (CM)
ABEGOARIA – O trabalho rustico. Os aparelhos deste trabalho. (lugar onde se guarda). (AS). Também; – Conjunto do gado e das alfaias de uma propriedade agrícola; Dependência onde se alojam os animais e alfaias agrícolas.
ABELHAR-SE – Dar-se pressa, obra com diligência e actividade. (AS)
ABELHARUCO – Ave abelheira.
ABELHEIRA – Casa das abelhas em tronco de árvore.
ABELHUDO – Desembaraçado, confiado, intrometido.
ABELITRIO – Cidade antiga da Lusitânia, hoje Alter do Chão. (PE)
ABERRAR – Apartar-se, desviar-se do caminho, dos ditames da razão.
ABERREGAAR-SE – Amancebar-se, viver desonestamente, fazer-se barregã ou concubina de alguém.
ABESENTADO – Do Brazão; Adornado de Besantes “aguia preta” (AS).
ABESSO – Sem razão, mal que se faz a alguém; daqui parece se deriva Avesso.
ABIÇAM – Abiçám (PA) Aldea na província de entre douro e Minho – Palavra composta; abi (Pai) e de çám, o assinalado.
ABICAR – Diz-se de qualquer embarcação que chega a pôr na praia o bico. Também diz Leite Vasconcellos; Abicar o ferro é suspender a ancora na corrente da amarração de forma que fique a prumo.
ABICHECA - cerimónia religiosa na qual os árias se aspergiam com água do Ganges para celebrar suas vitórias. (DH).
ABIGEAR - furtar (gado). (DH)
ABIGEATÁRIO - Indivíduo que pratica o abigeato; ladrão de gado; abígeo. (DH).
ABILHAMENTO – Asseio; Ornato; Atavio; Enfeite.
ABILHEIRA - mesmo que abelheira; abelha-flor; alpivre; enxame; erva-abelha; erva-aranha. (TMC)
ABILIX – Monte que corresponde ao lado africano do estreito de Gibraltar. (ET)
ABIOCENO - Local onde não existem seres vivos. (DH).
ABIOTO – Mesmo que Cicuta; o que mata, o que é contrário à vida. (DH)
ABLETO - na antiga Roma, soldado que, em tempo de guerra, era escolhido para servir na guarda dos cônsules. (DH).
ABMATÉRTERA - irmã da trisavó; matértera máxima. (DH).
ABNETO - trineto, filho de bisneto ou bisneta. (DH).
ABOAR – Apegar; Separar; Dividir, Estremar.
ABOBADELA – Abu-Abdallab (PA); Nome próprio de um Mouro. Nome de uma vila na província da Beira, Bispado de Coimbra e de um lugar na Província de Trás-os-Montes, termo de Mirandela.
ABOBADILHA – Abóbada de pouca espessura em forma de semicírculo, feita com tijolos. (AA)
ABOCAR – Tomar a boca de uma rua, praça, enseada, porta; embocar; Entrar por ela.
ABOCINAR - Dar a um arco ou a uma claraboia altura maior em um lado ou frente do que no outro.
ABOIVILLE – Pano; Certo pano que se fabrica na cidade de Abbevile, em França.
ABOLADO – Adj. Safado; Abolido; Riscado; Amassado; Cancelado; Sumido.

ABOLAR – Abolir; Cancelar; Sumir; Riscar; Diz-se da mossa ou contusão que um corpo sólido faz noutro, deixando-o amassado, pisado, torcido, desfigurado.
ABOLÊNCIA/AVOENGA – Direito de suceder na posse de bens que foram dos avós ou outros consanguíneos.
ABONANCAR – Fazer-se o tempo sereno e de bonança; Fazer-se o mar de leite, Tranquilo, Sossegado.
ABONDAR – Reg. Aproximada, chegar ao alcance da mão. (VB)
ABONDO – Abundante, cheio do precioso e necessário.
ABOQUEJAR- Reg. Estar quase a dizer uma coisa, dar a perceber.
ABORBITAR – Apartar-se, se não estar pela promessa ou ajuste; Sair-se fora da órbita, esfera, estado ou condição que lhe pertence.
ABOTOAR/ABOTOADO/ABOTOADURA – Diz-se da tecnologia de construção naval (falando-se da cravação do costado) em vez de pregado quando no tabuado trincado se substitui a pregagem ordinária por pregos de cobre que rebitam ou abotoam internamente sobre anilhas do mesmo metal. Abotoar significa também em linguagem náutica "prender a enfrechadura ou qualquer cabo por meio de botões" o conjunto desses botões denomina-se abotoadura.
ABOVEDA – Abóbada. (NAP)
ABOVILA – Certo pano ou droga que se fabricava na cidade de Ávila.
ABRA – Abra (PA) significa enseada, ou ancoradouro para as embarcações. Deriva do verbo árabe Abara, entrar para dentro, passar de um lado para o outro.
ABREDO - corrup. de àgrego; acha-se em escrituras antigas que falam no aspecto e situação ou limite de terras que partem com outras. (Eluc.) (TMC)
ABREGO – Termo usado nas demarcações dos séculos XV e XVI e que significa a parte meridional ou do sul.
ABRILADA - Revolta de abril de 1824, em Lisboa, quando o infante D. Miguel liderou movimento pela abdicação de seu pai, D. João VI. (DH).
ABROSQUEIRA - de abrolho; espinho; espécie de pua; rebento; gomo; planta da família das zigofiláceas que produz frutos espinhosos e é espontânea em Portugal. (TMC)
ABROTEA – Baruaq (PA) Abrotea, ou Gamão, Erva. O Abrótea, também conhecido como abrótea-da-primavera e gamão, é uma planta herbácea e medicinal robusta, vivaz, rizomatosa, com raízes carnudas e folhas planas e lineares, todas basais, da família das liliáceas, que os antigos costumavam colocar nos túmulos, e era também considerada como penhor de amor. É parecido com Asphodelus albus e particularmente Asphodelus cerasiferus, pode ser distinguido pelo seu tronco muito ramificado e frutos menores.
ABRUNCEIROS - de abrunhal; terreno onde crescem abrunheiros; árvore ou arbusto inerme da família das rosáceas, que produz frutos (abrunho)
ABRUTELA – O mesmo que Arotêa, terra aberta de novo, roteada, desbravada, reduzida a cultura, estando antes cheia de mato e abrolhos.
ABSCONDUDO – Às escondidas, furtiva e clanculáriamente.
ABSEDO - Corrup. de abessedo (ver, abessedo) (TMC)
ABSENCIA – Ausência.
ABSÍDE – Construção de planta semicircular, poligonal ou de lóbulos, coberta de meia-cúpula e situada geralmente no eixo longitudinal de outro edifício de maiores dimensões (igreja, capela, basílica) que é por ela delimitada. Na igreja cristã faz parte da capela-mor e era reservada aos actos litúrgicos de maior importância. A Abside pode assumir notáveis dimensões e formas bastantes complexas. (AA)

ABSTERIDADE – Austeridade; Rigor; Aspereza.
ABU AL-ABAS – Em 747, comanda uma revolta na Pérsia. Abu Al-Abas dizia-se descendente do profecta. A rebelião exprimia o descontentamento que lavrava nas províncias orientais do Império. Em 750 os revoltosos triunfam na batalha do Grand Zab e o califaomíada Maruan era preso e morto. Começava a dinastia dos Abássidas.
ABU AL-KATAR AL-HUSAIN IBN DIN AL-KALBI – Governador (742-744). A Paz durou pouco, Al-Sumayl chefe dos Cáicidas, forçou o governador à fuga.
ABU AL-MALIK IBN ABU AL-JUAD – Apoderrou-se de Beja e fortificou Mértola. Ibn Bakr era senhor de Ossónoba. Aliaram-se a Ib Maruane. Das faldas da Estela do Algarve, o Ocidente escapava ao poder fiscal, político e militar de Córdova.
ABUNA - título honorífico com que os cristãos da Etiópia designam o primaz metropolitano. (DH)
ABUNDOSAMENTE – Abundantemente.
ABUNDOSO – Abundante, Farto; Cheio.
ABUNHADO - aquele que, nascido em terras de um senhorio, é obrigado a viver e trabalhar nelas, sem, porém, ser escravo. HD).
ABUSÃO – Erro; Engano.
ABUR – Usa-se maliciosamente para indicar despedida que não deixa saudades. (VB)
ABURRIDA – Aborrecida, enfadonha.
ABXIM – Habaxi (PA), Significa cousa negra., deriva do verbo árabe Habaxa, ter a cor negra ou trigueira. Corte do Rei dos Abixins.
AÇAAGADOR – O que açacalava, polia, dava corte e afiava todo o género de ferramentas e armas. Também; O que açacalava, polia, dava cortes e afiava todo o género de ferramentas e armas. (Viterbo 1425).(CM)
ACA [acá] – Cá. (NAP)
ACABAR – Forma popular; Matar.
ACABAR COM ALGUEM QUE – resolvê-lo, convencê-lo a que.
ACABADO – Perfeito, completo e bem-disposto para cumprir o se ministério.
A CABO DE POUCO -Passado pequeno espaço de tempo.
AÇACAL – Aguadeiro, homem que se ocupa em carretar e trazer água por dinheiro ou de graça. Também; Açacaal, mesmo que aguadeiro. (do Árabe as-saqqã).
Homem que se ocupa em carretar e trazer água por dinheiro ou de graça (Viterbo século XVI). (CM). Também; aquele que carrega água; aguadeiro. Etimologia; ár. *as-saqqá* 'carregador de águas', cp. do mesmo rad. ár. *acéquia*; cp. esp*. azacán* (1280) 'id.'; f.hist. 1408 *açaquaes*, séc. XVI *açacal. (DH).*
AÇACALADO - que recebeu polimento; luzidio, limpo (diz-se especialmente. de arma branca); que se refinou; aperfeiçoado. (DH).
AÇACALADOR – Assaccál (PA), Palavra que ainda hoje usão os espadeiros, Significa bornidor, ou alimpador de espadas,e outros instrumentos.
AÇACANHAR - pisar com o calcanhar; acalcanhar. (DH).
ACAÇAPADO/ACACHAPADO – Diz-se que os mastaréus estão acaçapados quando tiradas as cunhas elas arriam até as gargantas ficarem sobre a pega, em linguagem naval. Acocorar-se, baixar-se.
ACACHADO - Acaçapado, agachado, encolhido. (VB)
ACADIMAR – Tomar juízo, sossegar, sujeitar-se.
ACADO – Achado, visto, Exposto, Dado ao manifesto.
ACAECER – Cair em sorte; Caber por herança

ACAECER – Acontecer.
AÇAFATA - fidalga a serviço de damas da família real [Era costume levar peças de vestuário ou de toucador dentro de um açafate.]. (DH).
AÇAFATE – Assafate (PA); Cestinho sem arco, nem asas em que se mete o pão, fruta, roupa ou outra qualquer cousa. Também; pequeno cesto de vime, sem arco nem asas, usado. para pôr flores, guardar objetos etc.; dali. Etimologia: ár. *as-safat*'id.'. (DH).
AÇAFELAR – Tapar uma porta, Fresta, janela ou outra abertura do muro ou parede com pedra e cal
ACAFELAR – Tapar; Ripar; Caiar.
AÇAFRÃO – Azzâfarán, (PA) Especiaria bem conhecida.
AÇAGAADOR/AÇAGADOR – O que açacalava, Polia, Dava corte e afiava todo o género de ferramentas. [Antigo] Cutileiro, serralheiro, armeiro. Cf. Arn. Gama, Bailio, 38.
ACAIRELADAS – Guarnecidas de cairel, isto é, fita ou galão para debruar.
ACALÇAR – Alcançar. Atingir.
AÇALMADO - bem abastecido; guarnecido, que se acalmou. (DH).
AÇALMAMENTO – Defensão; Guarda; provimento; Reparo
AÇALMAR – Guarnecer; Fortificar uma praça., repará-la e provê-la de todo o preciso para o tempo de guerra.
AÇAMAR – Açamma (PA) Açamar, encabrestar.
AÇAMBARQUAR – Pôr travessas às portas das casas, para ninguém poder nelas entrar.
ACAMBOADO - preso (o boi ou junta de bois) ao cambão ('peça de madeira'). DH).
AÇAMO – Cámamo (PA) (voz corrupta) Hé a corda que se põe, na boca dos animais para não morderem. Também significa a focinheira de corda.
ACARAR – Olhar; Respeitar; Tratar com afabilidade e distinção como respeitando a face do poderoso ou amigo.
ACARRAR - juntar-se (o gado) de pé, imóvel, com as cabeças protegidas pela sombra, nas horas de maior calor; recolher ao acarradouro; estar parado, imóvel, em razão de calor, doença, prostração, cansaço, sono ou ebriez; estar no choco (diz-se de galinha e outras aves). (DH).
A CARÓM – A face. À vista, Junto, perto, descobertamente e sem alguma coisa posta de permeio.
ACAROAR – Lavrar a terra na direcção oposta à decrua.
ACARVADO/ACARVAR – Angustiado, Aflito, Ferido, Magoado.
ACAUDILHAR – Acada (PA) Conduzir, reger, governar.
ACCORRER-SE/ACCORRIDO/ACCORRO/ACCORRIMENTO – Socorrido; Auxiliado; Favorecido; Amparado; Defendido.
ACEDARES – Espécie de redes malcheirosas, e de malha estreita que apartavam a sardinha ao largo.
ACEDRENCHADO – Acolchoado.
ACEECER – Caber; Tocar; Cair por sorte.
ACEIRAR – Defender, Resguardar as fazendas e searas.
ACEITAMENTO – Repto; Duelo; Desafio.
ACENAR – Dar a entender, de algum modo; mostrar.
ACENDIMENTO – Chamas; Fogo; Incêndio; - Ardor; Fervor do espírito; Fogo do amor de Deus.
ACEQUIAT – Assaquiat. (PA) O regato, ou ribeirinho.
ACHABOUCADO – Desajeitado, tosco, malfeito. (VB)

ACHACAR – Axcá (PA); Dar queixa, ou libelo contra alguém.
ACHADA – Planície no alto de um monte; planalto. (DH).
ACHA-DE-ARMAS – Acha (arma antiga). (DH).
ACHANATAR - fazer às pressas (um trabalho, uma tarefa etc.), sem capricho nem qualidade; atamancar; dar um jeito em; remendar. (DH).
ACHAQUE – Axxaqui (PA). Enfermidade, ou moléstia habitual. Deriva do verbo árabe xaca, que na oitava conjugação significa queixar-se, lamentar-se de dor ou de moléstia.
ACHAR MENOS – Dar pela falta.
ACHAROAR – Envernizar, dar aparência de charão. (AA)
ACHEDA – Axxedda. (PA), A aspereza.
ACHEGAS – Acréscimos, acrescentos.
ACHINPAR – Bater com força. (VB)
ACHOADO – Descaído, mergulhado, metido de popa; falando-se do navio (LV).
ACICATE – Axxacate. (PA) Espora comprida de uma só ponta de que usam os africanos quando montam o cavalo – Deriva do verbo surdo xacca, picar, molestar, estimular, afligir, escandalizar. *Item mandarão que levem de guarnecer humas esporas mouriscas, cheias de acicates, 80 réis, Liv. Vermellho fl 531*. Nota; O nome Acicate também se pode derivar do nome arábico Axxaucate, que significa espinho, bico, aguilhão, ferrão: e este do verbo Xaca, picar, trespassar.
ACIPIPE – Azebibe, (PA), Significa a passa de uva. O acepipe em portugal é qualquer coisa que se dá ao doente que tem fastio.
ACITERA – Assetera (PA); A cobertura, o véu.
ACEPTADA – XV. Aceitada ou aceita (LV)
ACÉQUA – Vala para água; Regato; canal para irrigar campos. Comumente se toma por açude, mas, acéquias são os lagos, poços, ou charcos que formam os regatos ou pequenos rios.
ACERQUA – Juntos, quase.
ACERTAMENTO – Verdade, Certeza; Exclusão de todas as falsidades; engano ou mentira.
ACERTAR-SE – Suceder; Achar-se; Vir; Estar.
ACERTAVA – Calhava.
ACÉTERE/ACETRE – Lavatório portátil, vaso de água às mãos.
ACHAADA – Planície; Escampado ou terra baixa e plana.
ACHACAR – Acusar; Dar libelo; Fazer queixa ou denúncia contra alguém
ACHADAS – Coimas ou penas que se levam aos que fazem algum furto, roubo
ACHÁDEGO/ACHÁDIGO – Prémio que se dá ao que achou alguma coisa.
ACHEGADO – Tem significado especial de amigo, partidário. (LV)
ACHAQUE – Má disposição que oprime o corpo humano; Antigamente se tomava por acusação e também por condenação multa ou pena.
ACHAR – "ouro e prata que por eles podiam achar" – Obter, receber. Achar era um antigo termo de caça que designava "obter conhecimento da presa pelos cheiros" (do latim afflare).
ACHATAR – Alcançar; conseguir alguma coisa.
ACHAVASCADO – Rustico, Grosseiro, Tosco. (AM)
ACHEGAMENTO – União; Acção de se chegar um objecto ao outro.
ACHEGANÇAS – Pertenças; Foragens; Pensões grossas e miúdas de um prazo, casal, benefício etc.

ACICATE – s.m. Espora de cavalar à ginete com uma só ponta de ferro e nela uma peça que impede penetrar muito a tal ponta: Bater os acicates; ferir com eles o ginete; e no fig. Estimular, irritar "bater-lhe os acicates". (AM). Também; – Axxacate. (PA) Espora comprida de uma só ponta de que usam os africanos quando montam o cavalo – Deriva do verbo surdo xacca, picar, molestar, estimular, afligir, escandalizar. *Item mandarão que levem de guarnecer humas esporas mouriscas, cheias de acicates, 80 réis, Liv. Vermellho fl 531*. Nota; O nome Acicate também se pode derivar do nome arábico Axxaucate, que significa espinho, bico, aguilhão, ferrão: e este do verbo Xaca, picar, trespassar. (TMC)
ACIMAR/ATIMAR – Concluir; aperfeiçoar uma obra ou empresa, dar-lhe uma última mão, pôr-lhe o ramo; levá-la até ao cabo.
ACINTEMENTE – De propósito; advertidamente, com intenção e só a fim de desgostar alguém.
ACIPIPE – Azebibe, (PA), Significa a passa de uva. O acepipe em portugal é qualquer coisa que se dá ao doente que tem fastio.
ACITERA – Assetera (PA); A cobertura, o véu.
ACISTANO/ACITANO/ACITÉRIO – Mosteiro, e principalmente monjas.
ACITARA – Tapete; alcatifa; reposteiro; pano de raz; cobertor bordado; capa; manto de tela fina e preciosa.
ACIPRESTE – Cipreste, (planta)
AÇO – Adv. Para cá, para esta parte
AÇODAMENTO – Pressa.
AÇÔFAR – Latão; Metal fictício.
ACOGULADO – Dizia-se do alqueire bem cheio.
ACOIMAMENTO – Desafio ou desafiação.
ACOIMAR – Fazer pagar o dano que fizeram os animais na fazenda alheia; Castigar; Censurar; Repreender. Também; Acama (PA); Criminar, imputara crime. (TMC)
ACOIRELAMENTO – Divisão de um terreno em coirelas; Fogueiras ou casais.
ACOITAR – Cuidar; Procurar.
ACOLANTRO – O outro; A Outra; acoloutro; Aqueloutra(o)
ACÓLCETRA – Colcha.
ACOLHER-SE – Fugir ocultamente; Fugitivo com a maior cautela.
ACONHECER – Reconhecer
ACÓNITO/ACONITUM – Herva venenosa (aconitum Farm. Lisboa) "o lethal acónito lhe propina entre amores brindado" ... (AM); Servia para ervar as pontas dos virotões. Amassado os bolbos, besuntava-se as pontas era altamente tóxico. Também; O acónito (ou capuz) mais encontrado em Portugal é o *Aconitum napellus* da subespécie *lusitanicum*. Esta planta venenosa, que floreia no Verão, é altamente tóxica para os sistemas nervoso central e cardiovascular. A ingestão provoca inicialmente sensação de queimadura e ardor na boca e garganta, náuseas, vómitos, diarreia e perturbações respiratórias, que podem levar à morte.
ACONITINA -A aconitina (acetilbenzoilaconina) é um dos alcaloides mais venenosos que se conhece. É o alcaloide mais abundante do Aconitum napellus L. (99% dos alcaloides totais) e as suas propriedades farmacológicas e medicinais são conhecidas desde 1833. É um diéster formado por ácido acético e ácido benzoico e pela base aconina (alcamina nor-diterpênica penta-hidroxilada). É muito tóxica e a dose letal para o adulto situa-se entre 3 e 6 mg. A aconitina atua como um veneno muito rápido, causando um

abrandamento do ritmo cardíaco e um abaixamento da pressão sanguínea. A absorção através da pele pode ser fatal e as floristas que manipulam o A. napellus L. podem sofrer envenenamento. Fórmula Molecular: (C34H47NO11). Massa Molar=645,75. Https://(Aconitum_carmichaelii.com).
ACOLHESCER – Conhecer; Reconhecer; Ingenuamente confessar.
ACONOCIMENTO – Reconhecimento; Reconhecença da enfiteuta para com o direito do senhorio.
ACONTECER-SE – O mesmo que acontecer.
ACONTECIMENTO (POR) – O mesmo que por acaso.
ACONTHIOSO – O que deve ter determinada contia de bens para poder gozar de algum privilégio ou servir algum ofício, cargo ou ministério.
ACONTIADO – Vassalo que recebia do Rei certa quantia para estar prestes a servi-lo com um número de lanças em tempo de guerra, ou qualquer outra necessidade e precisão concernente à monarquia. Também; Vassalo que recebia do Rei certa quantia de dinheiro para estar prestes a servi-lo com um número de lanças em tempo de guerra ou qualquer outra necessidade ou precisão. (Viterbo Século XIV). (CM).
ÁCNUA - antiga medida agrária romana equivalente a 10,8 m^2; acna. (DH).
ACO – Pergaminho de pele de vitela. (DH).
ACOGULADO - que se acogulou; cheio em demasia; abarrotado, transbordado; reunido em grande quantidade; amontoado, apinhado, aglomerado; muito próximo, junto; encostado. (DH).
ACOIMADO - que se acoimou; coimado, multado, punido, censurado, vingado. (DH).
ACOIMADOR - que ou o que impõe ou aplica coima ('multa', 'pena'); que ou aquele que repreende, censura. (DH).
ACÔNCIO - dardo pequeno, usado na Grécia antiga; (DH).
ACONTIADO - que recebia a contia do rei para servi-lo com armas e cavalos em tempos de guerra (diz-se de vassalo); aquele que em tempo de guerra era obrigado a contribuir com armas e cavalos, segundo o acontiamento ou valor de sua fazenda; vassalo a quem o soberano dava pensão para que servisse em tempo de guerra; senhor de castelo ou vila, por graça do soberano; (1405). (DH).
ACOOMHAR – O mesmo que acoimar. Dar pena e castigo; proibir; Não conceder.
ACOPAR-SE – Forma popular de ocupar-se
AÇOR – Ave de rapina semelhante ao falcão.
AÇORAR-SE – Apressar-se; correr em busca de alguma coisa com demasiado ardor; proceder com extraordinário desejo; ansiar-se; afligir-se, para conseguir o intento.
ACORDANÇA – Consonância; Concerto; Melodia.
AÇORES – O mesmo que falcões, ave bem conhecida.
ACORREI – “Acorrei ao Mestre que o matam” (FL) – Socorrei, acode
ACORRO – Acorrimento; Socorro; Auxílio; Ajuda; Reforço; Amparo; Refúgio. Também; (…Pedindo-lhes trigoso acorro…) = Urgentemente.
ACOSTADO-O que anda ao lado de alguém; Assim foram chamados os nobres da casa real por andarem ao lado do príncipe que no francês antigo, se dizia “coste”.
ACOSTAMENTO – Moradia que se dava aos fidalgos da corte.
ACOSTAR – Estar de acordo, anuir.
AÇOTEIA – Assotûa. Eirado ou terrado de huma caza.
ACOUCE – Alcauce (PA). O arco.

AÇOUFAR/AÇÔFAR (PA)– Latão; aço e todo o outro metal. Deriva-se do verbo sataba, estender qualquer cousa sobre a terra.
AÇOUGAGEM/AÇOUGUES/AÇOUGI – Direito que se pagava de quaisquer vendas ou compras não só nos lugares onde se vendiam carnes frescas, mas ainda em todo o lugar e praça em que se vendiam frutas, hortaliças, peixe, galinhas, panelas etc. E, por isso às ruas dos mercadores se chamaram algumas vezes açougues, nome que os árabes ainda hoje dão aos lugares em que estas coisas se vendem. Também; Imposto sobre todas a transações realizadas no mercado (açougue). (HS).
AÇOUGUE – Mercado (do árabe assok) (HS). Também do Árabe Assoco, praça ou lugar onde se vendem comestíveis. Os Árabes não só dão este nome ao lugar onde se vende carne, mas também peixe, fruta, hortaliça e mais cousas. Os Castelhanos o pronunciam sem corrupção assoco. Deriva-se do verbo sáca, que na oitava conjugação significa comprar, feirar, fazer negócio com compras e vendas. Também; Carniça; carniçaria; carnificina; degoladouro, massacre; matadouro; matança; mortandade; talho – lugar onde se fazem crueldades. (TMC)
AÇOUTAR – Sávata (PA) Dar pancada com cordas, corrêas de couro, e não com pau.
ACOYTAR – Cuidar; Procurar.
ACOVATAR – Abrir covas ou covatos; no Vale de Coina (LV)
ACRECENTAMENTO – Engrandecimento (NAP)
ACREJO/ACREYO – Acredor. Palavra singular de etimologia obscura.
ACREPANTAR – Subjugar; obrigar; submeter à lavoura e a outro serviço.
ACROTÉRIO – Pequena base colocada na ponta e nas extremidades laterais das rampas dos frontões e que serviam de suporte a ornamentos. (AA)
ACTA – Os autos de uma causa ou litígio, tudo o que de parte a parte se tem escrito, dito e ajuntado; Acórdão; Resolução; Assento; postura.
AÇUCAR – Assoate (PA). Assoccar. Deriva-se do Pérsico xácara, que significa o mesmo.
AÇUCENA – Assusána (PA); Flor bem conhecida, deriva-se do Hebraico zuzan.
ACÚCIA – Cidade dos Vaceus, situada junto ao rio douro, que corresponderá a Toro na província de Zamora. (ET)
ACUCIAR – Dar pressa.
AÇUDE – Assode (PA) lugar onde a água do rio, ou levada faz preza. Deriva-se do verbo Surdo, Sadde, tapar, impedir, represar o curso de água.
ACUDIR – Vir; ter; Chegar; parar.
ACUITAR-SE – Pôr-se em termos de mais trabalho, aflição, angustia e pouca.
AÇULAR – Assala (PA); Enfurecer, irritar.
ACURRAR – Levar à padreação (o animal) Coito, cobrição.
ACURZO – Nome de Homem, hoje usa-se de preferência a forma Acúrsio.
ACUSA CRISTO – O que acusa os outros com ou sem motivo; acusa-cristos; acusa-pilatos. (VB)
ADAGA - espada, curta e larga, usada. por povos bárbaros, especialmente.
na Idade Média; arma branca pontiaguda, de um ou dois gumes (geralmente.
junto à ponta), mais larga e maior que o punhal. (DH).
ADAGUE – Adague, (Regionalismo) Pilha de madeira. (Regionalismo) Camada de telha que se põe no forno para cozer (Regionalismo) fila de videiras numa vinha. (TMC)
ADAIÃO – Deão, dignidade eclesiástica, que depois do bispo ou arcebispo, preside ao cabido.

ADAIL – Oficial de guerra a quem pertencia guiar e conduzir o exército por veredas e caminhos ocultos e não trilhados, ensinando-lhe e apontando, quase mesmo com o dedo a sua marcha. Também era do seu ofício governar os almocadéns e almocreves e toda a outra gente com que se faziam correrias nas terras dos inimigos. Também; cabo-de-guerra ou oficial superior no antigo exército português;(DH).
ADARGA/ADAGA – Antigo escudo de couro de forma oval. Também; ADARGA, (PA) Addarâ, também se escreve adaga, escudo de couro que antigamente usavam os povos de Espanha e de África. Deriva-se do verbo "Daraá" que na oitava conjugação significa vestir ou armar-se de Adaga. – *Vinham todos adargados à sua morada. Decada I. fol. 75.* Também; *Adarga – Escudo fabricado não em madeira, mas em pele, originário do Magrebe, no Séc. XIII, muda a sua forma circular, assumindo um aspecto bi-oval.* (CM)
ADARGAR-SE – Amparar-se, encobrir-se, defender-se, meter-se a coberto.
ADARVE – Muro de fortaleza com merlões e ameias. Por extensão: caminho estreito sobre muro de fortaleza. Caminho da ronda da sentinela na face interna dos mouros de uma fortaleza, castelo, torre de menagem, etc., necessário à vigilância (AA).
ADCAMAR – Fazer; Refazer; Compor; Ajustar; Acamar alguma coisa.
ÁDDITO – Adjunto; Companheiro; Sócio.
ADDUZER – O mesmo que aduzer e aduguer; Trazer alguma coisa.
ADELA/ADELO – Addallál (PA) O que vende fato nas feiras e pelas ruas.
ADEMA – Terra; Courela, ou belga lavradia, ou baixa de monte, ou calva.
ADEMÃO – Auxilio, ajuda, cooperação. (VB)
ADÊMEA – Nem era terra de campo raso e descoberto que todos os anos se lavra e afruta; nem monte maninho, terra inculta ou bravia que, poucas vezes se rompe e semeia.
ADENTE – Para o diante, desde hoje para todo o sempre.
ADER – Acrescentar.
ADERADO – Justo preço; certo; Racionável.
ADERAR – Taxar a dinheiro.
ADEREÇAR – Tareza (PA), Enfeitar-se, vestir roupas mais elegantes.
ADEREÇO – Attarço (PA); Ornato, enfeite.
ADERENÇAR – Tratar; conferir; Tomar assento ou acordo. Dispor, cf. O francês dresser
ADERENCIA – Valia, valimento, empenho, favor.
ADERGAR – Acertar ou persuadir-se de alguma coisa com grave fundamento.
ADESTRADO – Em heráldica: diz- se de qualquer peça principal do escudo quando acompanhado à destra (isto é, à direita) de uma peça secundária.
ADEXTRADO – Na baixa latinidade se dizia "adextrare" por levar alguém à mão direita ou por servir ao estribo algum príncipe, magnate ou prelado.
ADEVEZA - corrup de devesa; cercado; coutada; couto; souto; tapada. Ou de aderno; arbusto da família das oleáceas de folhas espessas coberto de pelos sedosos, espontâneo em Portugal, tb. Arbusto inerme da família das ramnáceas, conhecido por aderno-bastardo, sandim e sanguinheiro-das-sebes
ADIAFA - oferenda de alimentos e/ou gratificação em roupas, dinheiro etc.,
além do salário, com que se compensam os trabalhadores no fim de qualquer
obra ou labor agrícola importante (monda, ceifa, colheita de azeitonas). (DH).
ADIANTADO – (Substantivo); Era o governador de uma província; capitão de uma praça de guerra. Havia adiantados civis e militares; os primeiros eram os que chamamos hoje regedores de justiça. Também; Funcionário civil e judicial. Originariamente devia ter sido

um cargo civil e militar em que um governador representava o Reinuma província distante. (Viterbo, Séc. XIII). (CM)
ADIÇA - tarefa de puxar, com auxílio de uma corda, o ouro ou outro metal extraído de mina; mina de ouro ou de outros metais. (DH).
ADIÇEIROS – Mesmo que mineiros, nome proveniente da mineração e ouro em Sobral da Adiça, perto da Fonte da Telha, Caparica, já em tempo romano. Também; Nome dos mineiros que trabalhavam nas minas de ouro (em adiça, entre Almada e Sesimbra). (Viterbo- 1346). (CM)
ADIL – Adil, Pousio; alqueive (do árabe "terreno inculto) (TMC)
ADIVAL – Certa medida agrária séc. XIII, feita com uma corda ou cordel que devia ter 12 braças. Ainda hoje nas Beiras chamam adivais as cordas de carro e mesmo quaisquer outras cordas grossas e compridas.
ADIZ - de adir; entrar em posse (herança) (TMC)
ADJUDOIRO – Ajuda, suplemento achega.
AD MAJOREM DEI GLORIAM - para maior glória de Deus [Lema da Companhia de Jesus, que aparece geralmente. representado pelas iniciais A.M.D.G., em frontispícios de obras de autoria de membros desta congregação religiosa.]. (DH).
ADMENA – Alameda, passeio ou rua de quaisquer árvores frondosas e copadas que sendo antigamente mui usadas de álamos ou choupos, tomaram o nome das árvores de que elas se faziam.
ADOBA – Tijolo; por extensão: peso de ferro, do feitio de um tijolo que se prendia à perna do prisioneiro para impedir a fuga.
ADOBE – Attobi (PA); Espécie de ladrilho ou tijolo feito de terra e seco ao sol de que fazem paredes e casas. Deriva-se do verbo "Tába" ser macio, lizo e plano.
ADONAI - entre os hebreus, um dos nomes de Deus no Velho Testamento, designando-o a partir de seu atributo de senhor; o poder que de Deus emana. (DH).
ADONDE – Século XVIII e XIX. No presente como ainda acontece na linguagem popular é frequente em muitos escritores clássicos, emprega-se a forma adonde em casos que só exigiriam, onde ou aonde. (LV).
ADOORADO – Cheio ou vexado com dores, enfermidades ou moléstias.
ADORBE – Addarbe (PA)- O caminho ou rua muito estreita. Dá-se este nome ao espaço que há sobre a muralha, por onde se anda acompanhando as ameas.
ADOSSADO – Em arquitectura o termo aplica-se a uma construção encostada a outra mais alta que lhe serve de apoio. Como coluna adossada: a que se apoia a uma parede ou um pilar. (AA). Também; Arquitectura, encostado a uma parede ou a outro elemento de maior superfície ou volume (diz-se de elemento arquitetónico ou escultórico). (DH).
ADOSSAR – Justapor, encostar.
ADPÁTRUO - irmão do tetravô paterno. (DH)
ADOUTAR – Adoptar, tomar como seu, o filho de outro, perfilhá-lo.
ADUA - na Idade Média, tributo cobrado por um suserano, em trabalho ou em dinheiro, para a construção ou conservação das obras de defesa de uma localidade; anadúvia; guarda, patrulha feita sobre pessoa(s) que prestava(m) este tipo de serviço ao suserano; obrigação de alistamento militar; convocação à guerra, feita àqueles não isentos do serviço militar; imposto pago pela isenção do serviço militar; partilha de água de fonte comum, entre lavradores e pastores, para a irrigação dos campo. (DH).
ADUAR (ant) – Do árabe, ad-dawâr = aldeia. Povoação temporária dos mouros que se dedicam à pastorícia. Acampamento de árabes errantes; pode ter 50 a 100 tendas.

ADUFA – Anteparo formado de pequenas tábuas inclinadas que protegiam os vãos de acesso e janelas (como a veneziana) Eram fixas ou móveis.
ADUFO – Adobe. Grande ladrilho de barro seco ao sol.
ADUSSESSE – O mesmo que aduzisse. (BV)
ADREDE - Adv. Advertidamente; Acinte, de propósito, com reixa velha, maliciosamente e de caso pensado.
ADREGAR – Acontecer.
ADREGO – Acaso, casualidade, Provincianismo alentejano e duriense. (LV)
ADRIÇAR/ADRIÇADO – Adernar.
ADRO - Átrio; cemitério, eremitério; peribolo; vestíbulo – terreno em frente ou á volta da igreja.
ADRO DA IGREJA DE NUZELOS - Adro, (ver adro) – Igreja; abadia; basílica; canga; catolicismo; catria; clero; comil; gangarina – Nozelos; lugar da freguesia de Arcas. (TMC)
ADTÁ – Adv. Até um certo e determinado tempo ou lugar.
ADUA – Annuduva, Anuduva, Anuduba, Annaduva, Anuda, Anupda, Anuguera, Anudiva e anaduva, que todos estes modos se acha escrito desde o séc. IX até ao século XV. Certa imposição de dinheiros para reparar, compor, fazer de novo ou argumentar as cavas, torres, muros, castelos, fossos e outras semelhantes obras militares.
ADUA – Addula (PA); Rebanho de bois e bestas de qualquer villa ou cidade que sae a pastar.
ADUADO – Sossegado, de génio brando e efeminado, referido especialmente a crianças. Foi sempre o mais aduadinho dos alunos (Escola Limiana).
ADUANA – Addiúan; Casa ou lugar onde se juntam os Ministros e Administradores da Fazenda Real para cobrar os Direitos; donde os Franceses e Italianos deduzem o nome Aduane e Laduana por Alfândega; deriva-se do verbo árabe Dána, escrever cousas públicas.
ADUAR – Aldeia de Árabes. (PA); Povoações onde habitam os Mouros do Campo e consta de tendas decabellos de gado tecidps como panno, as quaes levantão em diversos lugares por causa dos pastos do gado. Ordinariamente os Aduares constão de 50, 60 até 100 tendas e todos estes aduares juntos se chamão Almohella.
ADUBAR – Reparar, compor, fortalecer, aproveitar, guarnecer terras, vinhas, casas e quaisquer outras propriedades e edifícios.
ADÚBIO/ADUBOIRO/ADUBOURO/ADUBUIRO – Trabalho, cavas, labrança, estrumes e todos os amanhos e benfeitorias que são próprias e necessárias a uma fazenda para andar sempre bem aproveitada.
ADUBO – Attobo (PA); Especiarias como são; pimenta, cravo, canela etc.
ADUCHO – Adido; adicionado; acrescentado.
ADUELA – Cada uma das saliências convexas do bojo da roca de fiar. (VB)
ADUFA – Resguardo exterior, feito de tábuas, estreitas, mas não unidas.
ADUFE – Addofe (PA); Instrumento musical, é o mesmo que pandeiro. Deriva do Hebraaico hadaff.
ADUGAR – Conduzir ou fazer aparecer.
ADUGUER/ADUZER/ADDUZER – Trazer alguma coisa.
ADULTÉRIO – s.m., do lat. Adulteriu; Cruzamento de raças; Enxertia; alteração; Falsificação; Falta de fidelidade conjugal.
ADUR – dificilmente, a custo. Velhacaria; Traição; Engano; Maldade.
ADUSSESSE – O mesmo que aduzisse (BV)

ADUSSIA – Abside; Capela-Mor; Construção saliente, geralmente semicircular e abobadada, atrás do altar-mor, também designada com o termo de hemiciclo; Adro dos sacerdotes que, no templo judaico, ficava atrás do altar.
ADUZER/ADDUZER/ADUGUER – (Lat. Adduco) – Meter, introduzir; pôr; Investir.
ADUZUDO – Trazido, Conduzido; Acarretado.
ADVENDIÇO – Estrangeiro, Estranho; Vindo de fora e que não pertence à mesma nação.
ADVIR – Suceder; acontecer.
ADVOGADO DA IGREJA – O mesmo que patrono, protector dou defensor da Igreja.
ADVOGADO, Vouzeiro, Advogaria**.** Ofício de advogado que, mais de uma vez servia para esconder a verdade, protelar as causas e extorquir com trapaças e enredos uma sentença cheia de injustiça, com detrimento da parte oposta e que não soube ou não pode contrastar a mentira. (Viterbo – 1301). D. Pedro extinguiu esta profissão durante o seu reinado. (CM)
AFAAGAMENTO/AFALGAMENTO – Encanto; Meiguice; Afago; Doçura; Atractivo.
AFACHINAR, AFACHINADO – Enfeixar (lenha)
AFAMAR – Lançar boa ou má fama de qualquer coisa ou pessoa; Deitar fama de alguma coisa; Dizer ou afirmar aquilo que é verdade ou falso.
AFANAR – Cansar-se muito; Desvelar-se.
AFANOSO – Trabalhoso; Cheio de cuidados, aflições e penas.
AFAZIMENTO – Comunicação ou comércio torpe e desonesto.
AFEITADOS – Alindados, enfeitados.
AFFAM – Trabalho; Desvelo; Cuidado; Mortificação e cansaço.
AFFICADAMENTE – Com afinco, com insistência.
AFFIMENTO – Termo; limite; Vizinhança; Afinidade do lugar; Estremo; Conjunção; Terra limítrofe a outra sem que entre elas medeie qualquer terreno ou belga.
AFFOGAÇÔES/AFOGAÇÔES – Pensões várias e miúdas que os enfiteutas ou colonos pagavam pelo fogo ou jus habitante.
AFFRIÇAM – Angústia (NAP)
AFICADAMENTE – Com grande teima e obstinação. Constantemente; com muita instância, obstinadamente. Também; com empenho, insistência.
AFICADO – encarniçada, renhida.
AFICAMENTO – Necessidade; aperto; Obstinação; Teima; Inflexibilidade; Pertinácia de Juízo; Firmeza no intento ou resolução primeira. “faziam polo grande aficamento” Devido ao grande aperto.
AFICAR/AFICAR-SE – Pressionar; importunar; Persuadir com muita força; Apertar com razões e argumentos a que, de nenhuma sorte ou só com dificuldade grande, se poderia responder; Fazer violência às vontades alheias; Obstinar-se; Entrincheirar-se nos seus próprios sentimentos, não ceder aos conselhos; Rejeitar os pareceres todos que com os próprios se não conformam.
AFICAVA – Se empenhava, insistia.
AFILAR/AFILADO – Diz-se que o navio afila ou está afilado quando a proa está à linha do vento – É necessário para se regular as agulhas.
AFILHOSA - M.q. afilhar; açular; afilar; agarrar; filar; filhar. (TMC)
AFINCAVAM – “Outros se afincavam” – Teimavam, insistiam.
AFINCO – Firmeza; Constância ou valentia no dizer ou obrar alguma coisa.
AFINFAR – Bater. Ter cópula. (VB)
AFINHAR – Importunar; fatigar, Emagrecer. (VB)

AFIRMAR – Pegar de forma que fique seguro, firme.
AFLAR – Achar.
AFLIGIMENTO – Angústia; Dor; Pena; Aflição.
AFUSAL - quantidade de fio que cabe em uma roca; mão de linho; a quarta parte de uma pedra de linho ou dois arráteis dele (DH).
AFOCINHAR/AFOUCINHADO – Cair de narizes; Cair por terra; Prostrar-se com o peso; Abater-se; Sujeitar-se a condições iniquas e pouco honrosas.
AFOGAÇÃO - pequena quantia que os enfiteutas ou colonos pagavam pelo fogo ou direito de habitação. (DH).
AFOGAR – Também tem o significado de enforcar.
AFORA – "Nem eu esse nom tirava afora" – Exceptuava. Também: Fora (NAP)
AFORRADAMENTE – Livremente; sem obstáculo.
AFONSINHADO – Dizia-se do capão cujas penas, na cauda, eram grandes e reviradas como uma foice. - Afoucinhado de foucinha diminutivo de fauce ou foice.
AFONSO I – As guerras civis no Andaluz permitiram a Afonso I (739/757) rei das Astúrias avançar com incursões armadas de depredação que ultrapassaram o vale do Douro e chegaram a Viseu. Mas o seu reinado continuava assente na cordilheira Cantábrica.
AFONSO III – No tempo de Afonso III o avanço asturiano ficou marcado pela fundação de Burgos em 882 pela reorganização de Zamora em 893 de Simancas em 898 de Toro em 900. Zamora foi reconstruída por moçárabes e com dinheiro de um moçárabe rico de Toledo. Em 904 fundaram o mosteiro de Sahagun; em 913 o de San Miguel de Escalada.
AFONSO HENRIQUES. D. (1099-1185 – 86 anos) – O primeiro rei de Portugal era filho de D. Afonso de Borgonha e de D. Teresa, filha ilegítima de Afonso VI de Leão e Castela. D. Henrique neto do Duque Roberto I da Borgonha, tinha-se tornado Conde de Portugal em 1095 e depois da sua morte em 1112, D. Teresa tomou conta do Governo, mas D. Afonso Henriques, derrotou as suas forças em 24 de Junho de 1128 e tomou conta do governo. Depois de um período de conflito com Afonso VII de Leão obteve o reconhecimento final do seu título de rei de Portugal na conferência de Zamora (4-5 de Outubro de 1143). De seguida alargou a fronteira portuguesa para sul através de expedições contra os muçulmanos, conquistando Santarém e Lisboa (1147), Beja (1162), Évora, 1165 e Juromenha 1166. Aquando da sua morte, 6 de Dezembro de 1185, tinha estabelecido com segurança a Independência de Portugal.
AFONSO D. II (1185?1223 – 38 anos) – Rei de Portugal de 1211 a 1223, era filho de D. Sancho I e de D. Dulcia, filha de Ramón Berenguer IV de Barcelona. Este reinado notabilizou-se pelo seu contributo militar na vitória sobre os muçulmanos em Navas de Tolosa, 1212, e pela conquista de Alcácer do Sal em 1217, mas foi também marcado por conflitos com o clero e nobreza que se ressentiram da política de D. Afonso II, favorável ao reforço da coroa em seu detrimento. Foi excomungado em 1220 e morreu em 25 de Março de 1223.
AFONSO D. III (1211? – 1279 – 68 anos) – Rei de Portugal desde 1248 até 1279 era filho de D. Afonso II e de D. Urraca, filha de Afonso VIII de Castela. Tornou-se regente depois da deposição do seu irmão, D. Sancho II, em 1245 e rei aquando da morte deste em 1248. Conquistou Faro em 1249 e estabeleceu o seu domínio sobre o Algarve, o qual garantiu a Portugal os limites naturais na sua fronteira meridional. A primeira reunião conhecida da cúria regia, na qual os concelhos estavam representados, data do seu reinado, 1254. D. Afonso III morreu em 16 de Fevereiro de 1279. (Wikipédia)

AFONSO, D. IV – (1291-1357 – 66 anos) – Rei de Portugal de 1325 a 1357, era filho do rei D. Dinis, a quem sucedeu, e de D. Isabel, filha de Pedro III de Aragão. Esteve em guerra (1336-1340) com o seu genro, Afonso XI de Castela, mas por fim acabou por se aliar com ele contra os muçulmanos para vencer a batalha do rio Salado, 1340. Em 1355 D. Afonso IV, ordenou o assassinato de D. Inês de Castro, o que levou o seu filho e herdeiro D. Pedro, à rebelião. D. Afonso IV morreu em 28 de Maio de 1357. (Wikipédia)
AFONSO D. V (1432-1481 – 49 anos) – Rei de Portugal de 1438 a 1481, nasceu em Sintra, em Janeiro de 1432, filho do rei D. Duarte e de D. Leonor, filha de Fernando I de Aragão. Sucedeu a seu pai com a idade de seis anos, mas sobre e regência da mãe. Esta, contudo, foi obrigada a abdicar em 1440 a favor de D. Pedro, duque de Coimbra e tio de D. Afonso. Depois do fim da menoridade em 1448, D. Afonso iniciou uma série de campanhas militares no Norte de África. Conquistou Alcácer Ceguer, em 1458 e depois da conquista de Arzila, em 1471, Ocupou Tânger. Ambicionando a união de Castela com Portugal, invadiu Castela apoiando os direitos da sua esposa D. Joana, filha de Henrique IV de Castela, contra os de Isabel I. Por este motivo foi a França em 1476, esperando poder contar com o apoio de Luís XI. Ao ver que o não conseguia, abdicou a favor do seu filho D. João, que, contudo, deixou de reger aquando do regresso do pai a Portugal, em novembro de 1477. D. Afonso morreu em 28 de agosto de 1481. (Wikipédia)
AFORAÇOM – Aforamento; Prazo e também arrendamento.
AFORA – "Nem eu esse nom tirava afora" – Exceptuava.
AFORAR – Era antigamente sinónimo de Arrendar.
AFORCIAR – Violentar; Forçar algumas mulheres para dela abusar, corrompendo a sua honestidade.
AFORRADO – Arregaçado; Encoberto; disfarçado como de alforge e à ligeira.
AFORRAR – Arregaçar; Desembaraçar-se para caminhar; Pôr-se à curta; Aviar-se; Fazer-se prestes e ligeiro.
AFORTELEZAR/AFORTELEZAMENTO/AFORTELLEGAMENTO – Reparar; Fortalecer; Aumentar nos locais defensáveis tudo o que é obra militar.
AFRETAR – Partir; Confinar; Demarcar.
AFRIGIR-SE – Afligir-se; Arrepender-se; Ter pena, dor ou sentimento de alguma coisa.
AFRONTA – Jurisdição, poder e alçada – Necessidade, Urgência; Aflição; Pressa.
AFRONTADO – Afogueado (NAP)
AFRUITEJUGAR/AFRUITENEGAR – Produzir frutos; frutificar; procriar.
AFRUITENEGAR/AFRUITIVIGAR/AFRUYTIVIGAR – Afrutar; Reduzir a cultura; fazer que a terra antes estéril e bravia, seja tornada frutífera e rendosa.
AFUMADO – Terra ou limite afumado, isto é, roteado, reduzido a cultura, aproveitado, habitado.
AGA – Operativo do verbo haver – Século XII e XIV era frequente dizer-se: aga eu; aga tu; ágamos nós; agades vós; agão eles.
AGADADO – O mesmo que está abardado, (referido ao enxame).
AGALEADO, SELADO – Diz-se de uma embarcação é agaleada ou selada quando o plano do convés ou a linha da borda apresentam uma depressão a meia nau.
AGALHAR – "Agalhar uma vasilha" é armá-la e destorcê-la de um extremo para começar a bastir ou arquear as aduelas no extremo oposto.
AGANADO – No Douro chamam "uvas aganadas" às que são apertadas pelo calor solar sem chegarem a completo estado de maturação.

AGARENOS – Mouros (descendentes de Agar, escrava de Abraão de quem teve um filho chamado Ismael. Daí a designação de Ismaelitas também dada aos Mouros.
AGARIMAR – Acarinhar, proteger do frio. (VB)
AGASALHADO – Gasalhado, hospedagem, carinhosa, afabilidade, bom trato. (LV)
AGASALHAR-SE COM UMA MULHER – Casar-se com ela; viver na sua companhia e dentro da mesma casa.
AGEGELADO/GEGELADO – Terreno algum tanto encostado que, por meio de cômaros ou arretos é reduzido a pequenos campos ou leiras.
ÀGER - entre os antigos romanos, trincheira ou sistema de defesa de acampamentos militares, construída de terra e protegida por muro ou paliçada, (DH).
AGGRAVAR – Pedir; Procurar; Obter; Conseguir; Alcançar.
AGIINHA – Asinha; Depressa. (NAP)
AGILHADA – Medida agrária e particular do campo de Coimbra, Tinha dezoito palmos de comprido ou seis côvados. Em Coimbra iguala a 459m2.
AGINHA/AZINHA/ASINHA – Depressa.
AGIOSTÍRIDE – Do grego, Agios = santo): Oratório com portas. (AA)
AGNAÇÃO -consanguinidade por linhagem masculina; no direito romano, transmissão do parentesco entre os varões que descendiam de uma mesma família ou estavam sob o mesmo pátrio poder. (DH).
AGNADO/AGNATO – Que ou o que é parente por agnação; agnato. (DH).
AGNISTÉRIO – Lugar de purificação. Capela-mor. Santuário (AA).
AGNOME - entre os antigos romanos, alcunha honorífica que se acrescentava ao nome de alguém para destacar uma de suas virtudes ou lembrar a excelência de um de seus atos. (DH).
AGNUS DEI – Cordeiro de Deus. Símbolo de Cristo sacrificando-se para apagar os pecados dos homens. Geralmente representados com a cruz estandarte. Surge nos tímpanos de algumas igrejas românicas o foi objecto de pinturas do período barroco de Zurbaran e Josefa de Óbidos. (AA).
ÁGOA/AAGOA/AGUAA/AGUOA/AUGA/AUGOA – Água – Partir pela agoa é muito diferente de partir pela veia da água e agoas vertentes: Partir pela veia da água era quando a divisão ia pelo meio do rio, ficando ambas as partes com igual margem, mas não empachá-la ou diverti-la.com detrimento dos que ficam do outro lado.
AGOMIA/AGUMIA – Dão este nome a uma espécie de Faca que usavam os Mouros. Alguns chamam-lhe faca de Foice, por ser torta para dentro. – Porém antigamente chamaram agomias aos gomis ou, melhor, a certos vasos de duas asas e boca, mais larga do que nos gomis se usava e, alem disso não tinham bico.
AGOMIL – Espécie de jarro bojudo, boca estreita e bicuda; serve como prato raso para dar água às mãos.
AGONÍSTICA - na Antiguidade greco-romana, ciência e prática dos combates ou lutas corporais, consideradas uma utilização especial da ginástica; em antigos jogos dialéticos, técnica de argumentação usada para fazer valer uma opinião. (DH).
AGONÓTETA - entre os gregos, magistrado que presidia espetáculos, jogos sagrados ou lutas. (DH).
ÁGORA - praça principal das antigas cidades gregas, local em que se instalava o mercado e que muitas vezes servia para a realização das assembleias do povo; formando um recinto decorado com pórticos, estátuas etc., era também um centro religioso. (DH).
AGOSTIO – Agostinho; Agostinha, nome de homem e de mulher bem conhecidos.

AGOTES – Casta de gente desprezada e miserável, espécie de párias de Aragão e Navarra, que passavam por descendentes dos Godos.
ÁGORA – Praça publica onde havia o mercado e onde se concentrava a vida cívica nas cidades gregas. O equivalente romano é o fórum.
AGRADE – Peça de um carro de Bois. (MC). Também; grade., cerca; cancela; caniçada; vedação: cana; ripado. – agrade acarinhar; afagar; aprazar; ceirar; comprazar; contentar. Agrado64cmp. -acto ou efeito de agradar; sentimento ou sensação de satisfação, de aprazimento (TMC)
AGRAVAMENTOS – Queixas.
AGREBOM -M.q. agre+bom; agre; ácido; azedo; acre – Bom; de boa qualidade; competente; agradável; saboroso. (TMC).
AGRELO - m.q. agrela; agrura; aspereza; escabrosidade. (TMC)
AGRES - de Agre; que é acre ou azedo; ácido; acerado; acerbo; acre; acro; agraço; agraz; agro. (TMC)
AGROCHÃO - antepositivo, do grego agrós "campo", terreno cultivado ou potencialmente cultivável, herdade.
AGROGEIRO - Relativo a agrologia, ciência que trata do conhecimento dos terrenos em relação à cultura que lhe convém.
AGUADILHA – Líquido patológico expulso pela mama em vez de leite ou formado em abcessos, mas menos espesso que o pús. (MC).
ÁGUA D'ALTA - Água; substância (H_2O) líquida e incolor, insípida e inodora, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos e excelente solvente para muitas substâncias; parte líquida que cobre aproximadamente 70% da superfície terrestre, sob a forma de mares, lagos e rios; arestim; auga; brilho; bua; chuva; cozimento; embriaguez; fonte; humor; infusão; lago; lágrimas; licor; limpidez; linfa; lustre; mar; menha; pranto; qualidade; ribeiro; rio; saliva; seiva; serosidade; suco; suor; torrente; transparência; urina; (TMC)
ÁGUA-FORTE – Processo de gravura que consiste em desenhar com uma ponta metálica sobre uma fima capa de verniz protetor com que se cobriu a lâmina metálica. Depois introduz-se a lâmina num banho de ácido nítrico misturado com água (água-forte) que corrói a zona de metal desenhada, já não protegida pelo verniz.
AGUADOIRO. (o mesmo que aguadeiro) Molho de linho em rama que se vai enriar. Cova, fosso, tanque com água onde se faz o curtimento do Linho (homem/mulher que procedia a esse processamento) Elucidário, Joaquim Santa Rosa de Viterbo (1400). (CM)
AGUARDANTE – O que guarda e Observa o ajuste ou contrato.
AGUARDAR – Cumprir à risca; Satisfazer inteiramente; Reservar para si.
AGUARENTAR DESPESAS – Cerceá-las; Diminuí-las; Evitar gastos imoderados; Vãos perniciosos e supérfluos.
AGUÇA/AGUÇAR – Pressa; Cuidado; Diligência; Presteza; Prontidão; Fervor; Actividade.
AGUEIRA – Sulco ou vala por onde escorrem as águas da rega; agueiro; torrente de água que faz mover o moinho. (TMC)
AGUILHÃO – O mesmo que alfinete. Também designação vulgar de um insecto muito nocivo aos cereais.
AGULHA/AGULHÃO – Bússola (em linguagem náutica) Agulhão; Bússola pequena
AGUISADO – Apropriado; razoável.
AGULALA – Lisonjeiro; Adulador.

ÁGUIA – 1) Insígnia das legiões romanas. 2) Figuras de brasão. A águia bicéfila dos imperadores de Bizâncio foi usurpada no século XV pelos czares da Rússia. (AA)
AGUIAMENTO – Perspicácia; Penetração; Aquilina; Direcção; Previdência; Cautela.
AGUIÃO – Norte; Vento Norte.
AGUILHAR – Aguilhoar; Estimular; Repreender.
AGUISADAMENTE/AGUISADO – Justa e racionavelmente; Honesto; Conveniente; De propósito; acinte; Advertidamente, com advertência plena e sem a mais leve sobra de inadvertência ou ignorância.
AGURDADOIRO – Conveniente; Justo e digno de se guardar.
AGUSO – Abaixo; Para baixo.
AHINCO – Empenho; Grande força; Instância; Afinco.
AICHE – Não me digas! pode lá ser! Caramba! (VB)
AIRA-FRAL – Tributo que se pagava nos portos de França, se era ancoragem ou outra qualquer pertença às suas alfândegas, não temos a certeza. – Espécie de andorinhas de pés rasteiros.
AJADES – Tenhais vós; Por quase todo o século XV os tempos dos verbos que acabavam em "ais" ou em "eis" terminavam em "ades" ou "edes".
AJIMEZ – Janela geminada de estilo árabe dividida ao meio por uma coluna ou mainel.
AJUDADEIRA – Este foro é frequente nos prazos da Sé de Viseu. Consistia em alguma contribuição que os vassalos ou enfiteutas deveriam dar ao senhorio para algumas despesas que este fazia, conforme o seu estado e condição.
AJUDOURO/AJUDADOURO – Protecção; Auxílio; socorro.
AJUNTADAMENTE – Juntamente por uma vez, de um só lanço.
AJUNTAMENTO – Efeito de ajuntar; Concurso; Multidão ou reunião de pessoas.
AL (Pronome antigo) – Outra coisa. Também, AL, al (PA) Partícula que se acha quase em todas as Escrituras antigas e ainda hoje se usa pelos Tabeliões, quando no fim do depoimento das testemunhas acabãm dizendo; "*e al não disse*",Sendo uma abreviatura da palavra Latina "aliud" e quer dizer; "*e não disse mais cousa alguma*".
AL-ALÁ IBN MUGUIT AL-HADRAMI – Comanda em 764 uma revolta contra Abdarramão I. Al-Alá ibn Muguit arvorou no território de Beja a bandeira negra dos Abássidas. Os exércitos afrontam-se nos arredores de Carmona e a vitória premiou o Emir, Abdarramão I. Das cabeças cortadas mandou separar a de Al-ALá Ibn Muguit e de outros chefes: Nas orelhas pregaram bocados de pergaminho com os seus nomes, levaram-nas para o Cairo onde as deixaram na praça, endereçadas ao califa abássida Abu- Jafar-Almançor.
AL-ANDALUS – Termo que designa a parte da Península Ibérica sob denominação muçulmana, cuja área foi reduzida à medida que progredia a reconquista cristã. Para alguns a palavra provirá de Vandalícia "Terra de vândalos", para outros, de "Landahlauts" palavra visigótica que significa "a terra dividida".
AL FRESCO – Pintura a fresco, ou seja, sobre reboco húmido. (AA).
AL-SE AL QUE NOM – O mesmo que *ao menos*.
ALÁ- Neste lugar, lá.
ALA – Cavaleiros de Ala; Ordem militar instituída por D. Afonso Henriques em 1167; (S. Miguel de Ala). Também; Parte lateral de um edifício que constitui prolongamento do corpo principal, geralmente mais baixa. Também; Topónimo referente á freguesia do Concelho de Macedo de Cavaleiros; pl. de arcas; cinta; ataúde; caixão; baú; tanque; cofre; reservatório; tesouro; incha; urna; álea; asa; az; bando; enfiada; ensejo; énula;

campana; extrema; fila; fileira; flanco; labareda; lado; ocasião; reboque; renque; troço. (TMC)
ALA ou ALLAH – Nome que os Mouros dão ao seu Deus.
ALABÃO – Atlabbán (PA); Termo dos pastores muito usado além-tejo. Significa ovelha que dão muito leite, gado alabáo. Deriva da voz "*Labán – o leite"*.
ALABARAR – Queimar; Consumir; Perecer; Denegrir; Ofuscar.
ALABARDA – (Voz Teutónica) A arma que os Archeiros e guardas do palácio trazem. Pus este nome, e sua Origem que parece Arábico, para dar a conhecer que não o é. Também; ALABARDA – antiga arma composta de longa haste, que é rematada por peça pontiaguda de ferro, atravessada por lâmina em forma de meia-lua. (DH).

Três modelos de Alabarda expostos no museu Martim
Gonçalves de Macedo, Espólio da Associação "Terras Quentes"

ALBARRADA – Vaso de barro com asas; parede que se faz de pedra seca sem barro: Monte de terra. (VT)
ALACIR – Vindima ou colheita de vinho e azeite. É voz arábica s.m. do árabe al-açir = O suco, o sumo da uva ou da azeitona espremida. Também (PA) Alâcir, significa a vendima do vinho e azeite; porém propriamente é a matéria ou succo que sai da uva, ou azeitona espremida. Deriva-se do verbo âçara espremer.
ALACRÃO – Alâcrab. (PA) Escorpião, insecto venenoso.
ALAE – Compartimentos laterais da casa romana que davam para o átrio. Aí se podiam guardar as máscaras dos antepassados.
ALAFOENS – Alafoii (PA); Vila da província da Beira. Tomou o nome de Alahún Senhor de Viseu; significa irado. Este Governador Africano sendo vencido por D. Fernando I (chamado o Magno se fez Cristão por cuja conversão lhe deu El Rei D. Fernando terras para nelas viver as quais compreendiam o conselho de Lafões, derivado do nome do mesmo Governador.
ALAGAR – No Vale do Coina, alagara uma cova é enchê-la de terra, arrasá-la.
ALAGOA – Lagoa.
ALAGOSTA -Mulher desgovernada, esbanjadora. (VB)
ALAMAR – (Voz Hebraica) Alam (PA). Tranças ou colchetes com que se ataca o vestido.
ALAMBIQUE – Alambique (voz grega) com artigo al Arábico. Vaso de cobre ou de vidro em que se destilam ervas, flores, licores.
ALAMPAR – Sentar. Fixar-se, postar-se, colocar-se, relampejar. (VB).
ALANO – relativo aos alanos, povo de origem iraniana que invadiu a Gália em 406, ou indivíduo desse povo. (DH)
ALÃO – Grande cão de caça (pl; alãos). Patronímico do povo Alano.
O Brasão da cidade de Coimbra representa uma mulher jovem coroada, como que a sair de um cálice, tendo do lado direito um leão de ouro e do lado esquerdo um dragão verde

(no original). ***O rei bárbaro dos Alanos, Ataces****, que usava na bandeira um leão dourado, veio, com o seu exército, destruir a cidade de Conímbriga, governada por Hermenerico, rei dos Suevos, que tinha como emblema a serpente verde. Depois disso, resolveu construir uma nova cidade nas margens do Mondego, a atual Coimbra. Hermenerico decidiu vingar-se e veio dar luta a Ataces, mas foi novamente vencido e, para obter a paz, consentiu no casamento da sua filha, a Princesa Cindazunda, com o antigo inimigo. A história acaba assim com um casamento feliz, tendo Ataces oferecido à cidade nascente o brasão que ainda hoje se mantém.*
O Brasão apresenta então, no meio, a Princesa Cindazunda. O cálice simboliza o casamento, o leão dourado, o rei Ataces e o dragão verde, o rei Suevo Hermenerico. In, *Brasão de Coimbra – Ao encontro de duas cidades (wordpress.com)*
ALAR – Erguer por meio de corda.
ALARA – Abano; Abanico ou leque com que o acólito enxota as moscas da cabeça ou face do celebrante. Também; leque com o qual o acólito enxotava as moscas que se aproximavam do celebrante da missa; qualquer leque ou abano. (DH).
ALÁRABE – árabe errante, beduíno. (DH)
ALARDEAR – Fazer ostentação e alardo das suas prendas ou ofícios; Jactar-se; Engrandecer-se.
ALARDO – Alârdo (PA); Resenha da gente de guerra ou mostra que se passa aos soldados. Deriva do verbo ârada; apresentar, fazer aparecer, passar mostrar aos soldados. Os Castelhanos o prenunciam melhor: alárdi. Também; Revista às tropas e contagem de efectivos. (NAP); Também; revista anual das tropas; manifestação ou demonstração militar que tinha como objetivo exercitar a tropa para a luta; relação do pessoal de bordo com os postos (posições) que lhe correspondem nas fainas do navio; tabela-mestra. (DH)
ALARIFE – Arquitecto; mestre-de-obras (ficou da língua arábica).
ALARVE – Alárabi (PA) São ao árabes que vivem no interior do deserto os quais não tem domicílio, nem cultivam terras; ordinariamente vivem de roubos que fazem uns aos outros e nas estradas. Também; que ou aquele que é árabe beduíno; que ou quem é rústico, abrutado, grosseiro, ignorante; que ou o que é tolo, parvo, estúpido; que ou o que come em demasia; glutão; que ou quem é vaidoso, presumido. (DH)
ALASTRINHOS - De alastro – estrame; feno; palha.
ALÁSTROS - Pl. de alastro; (ver, alastrinhos).
ALAÚDE – O escaler da nau ou de qualquer embarcação. Também; instrumento de cordas dedilhadas de origem árabe, com larga difusão na Europa da Idade Média ao Barroco. (DH)
ALVA - primeira claridade da manhã; alba; alvor; aurora; primeiro momento; início; começo; alvorada; anteaurora; antemanhã; dilúculo; esclerótica; madrugada; manhã; primórdio.
ALAVOEIRO: Os que guardam o alavão (rebanhos de ovelhas de ordenha, para fazer queijo. (CM)
ALAZÃO – Alhasan (PA) Termo de cavalaria, significa cavalo que tem a cor mais clara que russo em que domina o humor colérico.
ALBACAR - Porta nas antigas fortificações mouriscas por onde entrava e saía o gado – Do árabe al-bagar, “bois e vacas”
ALBACARA -*Albacara* é o feminino de albacar.

ALBAGUEIRA – Terreno íngreme onde abundam os saganhos e as giestas de flores brancas; gir. (TMC)
ALBARDA – Albardad (PA) – Cobertura cheia de palha que se põem nas bestas de carga.
ALBARDAN – Albardan (PA); O tempo frio da tarde e da manhã. Nome de uma aldeia, termo de Tomar.
ALBARDE – Albárde (PA); Aldeia do bispado da Guarda. Significa cousa fria. Deriva-se do verbo árabe "barada", ter frio.
ALBARDEIRO/ALBARDEIRÃO – Mentiroso. (VB)
ALBARED – Albarid (PA); O correio. Aldeia na Província de Trás-os-Montes.
ALBARQUEQUEIRO – Albricoqueiro, árvore que dá albricoques, uma espécie de damascos.
ALBARRÃA – Chamaram-se torres albarrãas nos princípios da monarquia, aquelas em que se guardavam, a bom recato, os dinheiros da coroa, que sobejavam dos gastos ordinários. Também ALBARRAÃ – Albarraã (PA) cebola alvarraã, ssignifica cousa do campo. Os Árabes comummenete lhe chamam "baçal elfár", cebola de ratos. Também; torre fortificada, em castelo ou muralha, de onde se vigiavam os campos ao redor; alvarrã, albarrana. (DH)
ALBARRADA – Vaso de barro com asas; parece que se fez de terra seca sem barro; Monte de terra e faxina, que o inimigo vai levando diante de si para se aproximar à praça e não ser varejado com a artilharia.
ALBARRAQUE – Albarraque (PA), Coisa que resplandece. Aldeia e rio no patriarcado e lugar no termo de Alenquer.
ALBEAÇA – Albiaça (PA); A miséria e infelicidade. Aldeia e ribeira do patriarcado de Lisboa, termo de Santarém.
ALBEICAS – Do latim "albêdo" brancura; alvura
ALBERCA – Alberca (PA); Pequeno receptáculo para as águas. É termo muito usado nas nossas províncias do Sul para significar pequenas valas ou sangradouros no meio das terras baixas para despejo das águas.
ALBERGATE – Albalgat (PA); (voz africana) Calçado marroquino de que usam os Mouros de África a que chamamos Servilhas. Hoje dizemos alparcas em lugar de Albergate
ALBERGAGEM – Direito que os padroeiros tinham a serem recebidos e hospedados pelos párocos das igrejas de que tinham o padroado.
ALBERGAR – Hospedar; recolher; tirar da rua; dar pousada a um amigo, passageiro ou peregrino, seja pobre ou rico.
ALBERGARIA – Casa ou edifício destinado a recolher toda a qualidade de pessoas que fazem jornada a precisam das comodidades do sono, mantimentos e descanso. – Também, direito que tem o senhorio de ser hospedado recolhido e sustentado na casa do seu vassalo ou enfiteuta – Também, Hospital, hospício transitório de pobres e miseráveis, peregrinos, passageiros, estropiados, enfermos.
ALBERNÓ – Casaco de mulher. (VB)
ALBOIO – Claraboia de abrir no telhado.
ALBORAM – Alboram (PA); O carrapato. Sítio em Santarém aonde os judeos tiveram a primeira synagoga.
ALBORE/ÁLVORE/ÁRVOL/ÁRVOR - Árvore
ALBORNOZ – Manto com capuz, usado pelos árabes. Também; ALBORNOZ; Albôrnós (PA) (voz Syriaca bórnós) Especie de capa de lã cheia de felpa por dentro com mangas e capuz de que os Africanos e gente ordinária do Oriente usam no inverno.

ALBUFEIRA – Uma lagoa formada pelas águas do mar, que o ímpeto das ondas ou do vento lança fora dos limites ordinários e vão cobrir algum espaço de terra seca. Também; ALBUFEIRA; Albobeira (PA) Vila do reino do Algarve. É nome diminutivo de "hebron" o mar. Significa mar pequeno ou lagoa. Os Castelhanos a qualquer tanque grande ou lagoa, chamão Albuhéra.
ALBUJAR – Cair pó, diz-se do nevoeiro quando molha quase tanto como a chuva. (VB)
ALÇA – Recurso; apelação; agravo.
ALCAÇARIA – Lugar onde se curtem as peles. Ou, o mesmo que tanaria ou palame, lugar ou fábrica onde se curte e prepara toda a qualidade de peles e couramas.
ALCACER – terreno em que se cultiva aveia ou cevada, para o pasto dos animais; farrageal, ferrageal, ferragial, ferregeal, forrejo; forragem verde para o gado; terra húmida com ervas para servir de forragem; cultura de cevada, aveia e centeio. (DH).
ALCÁCER/ALCÁÇAR/ALCÁZAR/ALCÁCERE/ALCAZAREL/ALCÁZER – Castelo, fortaleza. Palácio acastelado; fortaleza, castelo, palácio fortificado, de origem moura, ger. residência de governador, alcaide, casteleiro ou mesmo de rei; qualquer palácio ou moradia imponente, suntuosa. (DH); Também; Grito de aclamação.
ALCÁÇOVA/ALCÁCEVA – Antiga designação do bairro do Castelo; Presidio; Fortaleza. Também; ALCAÇOVA, Alcásba (PA); significa fortaleza ou presidio, castelo.
ALCACERIA – Casa-forte; Castelo; casa real; Palácio.
ALÇADA – O Poder que é cometido ao ministro da justiça.
ALCACHOFRADO – Bordado a ouro ou prata de modo que imita a alcachofra.
ALCADEF – Alcodaf (PA); Vazo de barro sobre o qual os taberneiros e tendeiros medem o vinho, azeite e mais licores.
ALCAFACHA – Alcafach (PA); os salteadores. Aldeia do bispado de Coimbra
ALCAIATE – Utensílio em forma de estilete que o fundidor fixa no molde para o retirar mais facilmente da areia.
ALCAIDARIA – A dignidade de alcaide ou governador de uma praça, fortaleza ou castelo; Também; Tributo ou pensão, que se costuma pagar aos alcaides e também ofício de alcaide e ministro da justiça.
ALCAIDE DA FUSTA - Embarcação do tipo da galé, mas de menores dimensões, embora variáveis. Cada um dos remadores de uma fusta. (CM)
ALCAIDE/ALVAZIL – Juiz do povo ou cidade no tempo dos mouros e princípio da nossa monarquia.
ALCAIDE DA VARA - Oficial subalterno de justiça que prendia, penhorava e fazia outras diligências por mandado do alcaide-mor. (CM)
ALCAIDE DA VILA - Alcaide que superentendia numa determinada Vila. (CM); Também: Oficial subalterno de justiça que prendia, penhorava e fazia outras diligências por mandado do alcaide-mor.
ALCAIDE DOS DONZEIS; Homem que tinha a seu cargo os meninos nobres que, no palácio, se criavam, castigando as suas travessuras, cuidando da sua limpeza e boas artes (Viterbo – D. João II). (CM)
ALCAIDE DOS MOUROS FORROS: Mouro reconhecido por presidente ao chefe numa mouraria. (CM)
ALCAIDE DAS SACAS: Oficial de Justiça que tomava conhecimento dos contrabandos e prendia ou penhorava os contrabandistas. (Viterbo – 1778). (CM)

ALCAIDE DAS TERCENAS: Oficial subalterno de justiça que exercia as suas funções nos estaleiros onde se construíam navios, nos armazens onde se guardavam armamentos navais e nos depósitos de munições de guerra. (Viterbo – 1442). (CM)
ALCAIDE DAS VINTENAS DO MAR; O que prestava serviço na vintena da Marinha, instituição formada por maritimos, pescadores e barqueiros, jovens capazes de combater e de servirem a bordo às ordens de um Anadal auxiliado por oficiais seus denominados vintaneiros ou vinteneiros nome que designava igualmente os macebos alistados. (Viterbo – 1383). (CM)
ALCAIDE DA FUSTA: Embarcação do tipo da galé, mas de menores dimensões, embora variáveis. Cada um dos remadores de uma fusta
ALCAIDE PEQUENO – Magistrado policial, escolhido pelo alcaide da cidade com o acordo dos oficiais da câmara. Competia-lhe manter a ordem e perseguir (por ordem dos juizes) os criminosos.
ALCAIN – Alcaien (PA); Lugar do termo de Castelo Branco
ALCAIOTARIA – O infando crime de alcovitar.
ALCAIOTE/ALCAYOTE – Alcoviteiro. Ou alcoviteira.
ALCAIZES – Livros de alardo e apurações de gentes de guerra.
ALCALA – Alcald (PA); Cidade de Castela a nova. Significa castelo ou fortaleza. Também; certo género de alfaia que hoje.
ALCALADA – rede para cobrir cavalos, protegendo-os das moscas e de outros insetos. (DH).
ALCALAS – Certas alfaias para ornato, talvez panos de rás ou bordados.
ALCALDAMENTO – Direito ou tributo que nas alfandegas se pagava quando se manifestavam as mercadorias proibidas e outras quaisquer que se importavam ou exportavam do reino.
ALCADAR – Manifestar na alfândega a fim de se pagar certo tributo para o alcaide ou senhor da terra e mesmo para a coroa.
ALCÂNAVI/ALCÃNAVY – Linho cânhamo.
ALCANEDE – Alcanét (PA); Vila da província de Lisboa. Significa temperada. Deriva-se do verbo árabe Canata; ser sombrio, temperado; prudente.
ALCANELA – rede com que se pescam sardinhas. (DH)
ALCANTARA – Ponte de pedra. Depois de expulsos os Mouros chamaram os portugueses “pontes pedrinhas” as que eram de pedra e muitas conservam ainda o distintivo de pedrinhas, sendo mui ordinário o fazerem-nas de pau assim como os lagares de vinho e por isso, aos de pedra, disseram “lagares de pedrinho”
ALÇAR – Apelar; agravar; recorrer para algum outro juiz, é o mesmo que levar ou levantar a causa a um tribunal superior.
ALÇAR-SE/ALSAR-SE – Deixar-se; alçar-se de uma demanda, não a prosseguir, compor-se com a parte, deixar-se dela.
ALÇAS – Gastos contingentes e incertos, mas que são indispensáveis; perdas; danos que ordinariamente se experimentam.
ALCAPARRA – Arbusto cujo botão ou flor serve de condimento.
ALCAPARRAS – Alcabbar (PA); voz grega com artigo árabe. É fruto de um arbusto bem conhecido. Também; A alcaparra é um arbusto da família das Caparidáceas, originário da região mediterrânica. Seus frutos, bagas ovais e carnudas, são considerados afrodisíacos. O termo vem do árabe alcabbar, introduzido na Península Ibérica entre os séculos XV e XVI.

ALCÁRCOVA – Escavação Que protegia a barbacã. (HS)
ALCARRACHE – Alcarrache (PA); o que ajunta e atrahe muita água. Rio assim chamado na província de além-tejo termo de mourão.
ALCARRADA – Alquerta (PA) Termo usado no Minho donde depois veio o nome de arrecada, brinco das orelhas, pingente. Deriva do verbo árabe "Carata" – enfeitar com brincos e pingente.
ALCARROTEIRA – Mulher mexeriqueira. (VB)
ALCATIFA – Alcatifa (PA); Tapete, deriva do verbo árabe Catafa. Matizar, ornar, bordar com cores diferentes.
ALCATRA – Alcatra (PA) Parte do espinhaço da rês, deriva do verbo "Catara" dar no lado, ou no espinhaço.
ALCATRÃO – Alcatrán (PA); Especie de betume líquido. Deriva-se do verbo Cátara" pingar, distillar, cahir às pingas; porque o pês se colhe das gotas da resina que o pinheiro de si distilla.
ALCATRUZ – Alcaduz (PA); Vaso de barro que atado ao calabre da nora tira água do poço, cisterna ou rio. Os Castelhanos o prenunciam sem corrupção alguma. Alcaduz.
ALCAVALA/ALCAVALLA – Tributo, sisa ou direito que os vassalos pagavam ao património real das fazendas ou gado que possuíam; Portagens e cibárias são muito frequentes nos forais antigos. Também; Prestação devida pela venda de carne no mercado. (HS)
ALCHAS/ALCHAZ – Pano; Droga ou tecido que hoje não conhecemos.
ALCHAZAR – Ferregial, campo ou veiga em que se colhe ferrã ou cevada verde para as bestas, a que ainda hoje no Alentejo chamam alcácer ou alcacel.
ALCHERIA – Alquaria ou alqueria, fazenda do campo e lavoura distante e alongada da cidade ou povoação grande em que há uma ou outra casa para se recolher a abegoaria.
ALCOBA/ALCOBBA – Aklcobba (PA). Pequena casa de que ordinário seve para o lugar da cama. Também; significa Torrinha.
ALCOBAÇA – Alcobaxa (PA); Vila acastelada na província de Estremadura. Significa carneiros. Foi assim chamada pelos muitos outeiros que a cercão. No tomo crónica de Cister Liv. III pág 328 nas seguintes palavras; *D'amus itítque vobis locum ipsum, que alcobaxa…*Também; Lenço grande de algodão que era usado principalmente por pessoas que cheiravam raé. (AA)
ALCOCEIVA – Sítio, bairro ou casa em que vivem as meretrizes.
ALCOCHETE – Alcaxete (PA); Aldeia na província da Estremadura. Significa achado de ouvelha. É composto do nome verbal Alcai "o achado" e de xate "a ovelha".
ALCOENTRE – Alconaitara (PA); lugar na província da estremadura. Significa ponte pequena. É diminutivo de Alcântara a ponte.
ALCOFA – O alcoviteiro ou alcoviteira, o que serve de medianeiro, acompanha e encobre as torpezas alheias.
ALCOICE/ALCOUCE – (Do árabe, Alqaus), Cabana.Lugar de prostituição. Bordel, bairro de meretrizes.
ALCOCEIFA (ant) – Alcoice, bairro de meretrizes.
ALCORÂO – Texto sagrado da revelação islâmica. A palavra deriva de um radical que significa "recitar"; "Ler". Também; ALCORÃO – Alcor-na. É o nome que os Mahometanos dão ao livro da sua lei. Deriva-se do verbo "Cará" (ler), coligir escriptos. Foi assim chamado por se terem ajuntado os diversos Capítulos que nele se contém, os quais estiveram dispersos por muito tempo, e pela frequente leitura que dele fazem e á imitação dos Hebreus que chamam à Bíblia Macra livro de leitura. Também; livro

sagrado que contém o código religioso, moral e político dos muçulmanos ou maometanos; Corão; Moçafo.; religião muçulmana, islamismo; (séc. XVI) torre de mesquita de onde se chamam os crentes muçulmanos à oração; alcorana. Reg. Alentejano, Sotão. (DH).
ALCORCOVA – Assim chamavam no século XIII ao fosso dos valados com que na estremadura e Alentejo tapavam os olivais, vinhas campos e outras quaisquer fazendas. Do antigo verbo "carcabear" «abrir fossos» fazer escavações ou valas.
ALCOUCE – Casa em que se dão cómodos para lascivos comércios
ALCOUCEZ/ALCOVEZ – Vento do sul.
ALCOUÇO/ALCOUSO – Sul, à banda do sul.
ALCUNHA – Alcomia (PA); Pronome que se junta ao nome próprio e ao de família. Deriva-se do verbo" Canna" por apelido; ou nomear alguém por seu sobre nome.
ALDA – medida de comprimento que equivalia a cerca de um metro. (DH).
ALDEA/ALDEOLA/ALDÉÉA/ALDEYA/ALDEIA. – Casal; quinta; herdade; vila ou granja, constante de uma casa de lavoura ou abegoaria em que se recolhiam os frutos do campo.
ALDEAGANTE – Vadio, vagabundo, forasteiro. (VB)
ALDEIA – Povoação de pequenas proporções, menor que a vila; povoação rural; povoado; (do árabe Ad-dayHa); burgo; campanário; campo; lugarejo; pago; parvalheira; terra; vico. (TMC)
ALDRAVA/ALDRABA – Aldraba (PA). Ferro com que se fecha uma porta ou janela. Há aldrava com que se bate nas portas. Deriva-se do verbo árabe "daraba" bater com um ferro numa porta, dar pancada.
ALDRETE – Na língua vascongada significa Sábio; entendido; audaz, entremetido.
ALFA – Chama de fogo; Lufada de ar quente. (VB).
ALFAGEME – barbeiro ou sangrador que, além de suas funções habituais, também limpava e afiava armas brancas; açacalador.; o que fabricava, açacalava ou vendia espadas e alfanjes; açacalador, armeiro, espadeiro. (DH).
ALÉ – Palavra de regozijo, contentamento e alegria.
ALEALDAMENTO – Juramento que se dava na alfândega de como era precisa e necessária para os gastos de sua casa e família, alguma mercadoria que se havia de gastar naquele mesmo ano.
ALECRIM – Aleclil (PA) Arbusto aromático.
ALEGÁCIA - De alegável: que se pode alegar, alegar; deputar; fazer passar de um estado ao outro; defender; explicar; expor; ponderar, referir; relatar.
ALEIVE/ALEIVOSIA/ALEIVOSO – Acusação ou testemunho falso; Maldade cometida atraiçoadamente com capa e mostras de amizade. – Assim chamaram como por antonomásia da maior traição, à mulher adultera e traidora da fidelidade que devia ao seu marido. O traidor, o que faz mal sob cor e pretexto. Também; Traidor (BV).
ALEIVOSO – Traidor (BV)
ALEIXAR-SE – Apartar-se, retirar-se, pôr-se ao largo.
ALEILI – Flor do goivo, bem conhecida.
ALEMBRAR – Lembrar.
ALÉM DO RIO - Além; acima; acolá; ademais; afora; aí; alende; ali; antes; avante; fora; lá; longe; parte de lá; para o lado de lá; mais á frente; mais adiante.
ALEVANTADO – Revolto (NAP
ALEVANTAR – Levantar. Também; Revolto (NAP)

ALÉO – Vara grossa ou cajado com que se jogava a choca.
ALEVANTO – Alvoroço, motim; estrondo; descomposição de palavras; Ralhos; Disputas; Contendas.
ALFA – Rego aberto para sementeira – recolhido no Vale de Coina (LV)
ALFACE – Alchasse (LA). Também Alchasse (PA) Hortaliça bem conhecida. Também é nome de Aldeia no reino do algarve, termo de Tavira.
ALFACINHA – O mesmo que folhada ou alface do mar. Alga membranosa.
ALFAFA/ALFOFA – Alboba (PA) Nome de uma porta antiga de Lisboa, pela parte do castelo. Significa Ameixieira.
ALFADO - Que tem ou é marcado com alfa, na antiga notação musical; "alfa", marco entre bens comuns e particulares, fronteira; rego aberto para sementeiras.
ALFAGEME – Oficial que compõe ou guarda espadas. Também; Nome que se deu aos barbeiros porque afiavam e limpavam as espadas – F.L. cap56 usa esta palavra no sentido de alfange ou espada curta. Também; Al-haj-jam (PA) O Cirurgião.
ALFAIA – Alfaia (PA); qualquer movel de uma casa. – *A gente da terra é rica e as casas mui bem alfaiadas.* Em nota: *He mais provável que o nome Alfaia traga a sua etymologia do nome arábico "Alae", que significa instrumento, aparato, ornato, porque o nome acima indicado não se encontra nos dicionários*.
ALFAIATE – Alchaiat (PA); oficial que faz vestidos e coze. Deriva.se do verbo "chaiata" cozer. Também; Profissional que produz vestuário (VR)
ALFAIATES – Alchaiates (PA) Vila de Alfaiate bispado de Lamego. Também uma ribeira com o mesmo nome.
ALFAMA – Couto; Refúgio; Asilo: (do árabe Alhama ou al-hamma, refugio).
ALFANBAR – Cobertor de papa; cobertor de lã que ainda hoje, em espanhol, se chama alfamar.
ALFANBAREIRO – Oficial que fabrica e se ocupa em fazer cobertores de felpa.
ALFANDEGA – Os Árabes e Orientais lhe chamam Alfandáqua e é propriamente um grande Hospício ou estalagem segura, onde os comerciantes estrangeiros se recolhem com as suas mercadorias. Nestes lugares ordinariamente se cobram os direitos reais. E neste sentido se disse em Portugal Alfandega: Uma casa pública com o seu tribunal privativo para cobrar os direitos das fazendas que entram ou saem. Todas as Alfandegas do Reino estão subordinadas à de Lisboa. Também; ALFÂNDEGA – Antigo; o mesmo que albergaria. Repartição onde se cobram direitos de entradas e saídas de mercadorias. Depósito. (AA): Também; repartição pública, ger. localizada nas fronteiras de região, país etc., onde se inspecionam bagagens e mercadorias em trânsito e onde se efetua a cobrança das taxas correspondentes de entrada e saída; aduana.; (1570) edifício ou recinto onde funciona essa repartição; aduana. (DH)
ALFANGE – Alchanjar (PA) (voz turca) Espécie de espada, ou faca larga e curta. Também o nome de hum bairro em Santarém que fica à borda do Tejo. Também; Cimitarra mourisca. (AA); Do Árabe hispânico – al-khanjar ou al. Khanjal que significa o "Punhal" arma de lamina larga e curva de um só gume. Usada desde o século XI, Original de Alfange com guarda peninsular Século XII/XIV.

Espólio da Associação Terras Quentes

ALFAQUAQUE/ALFAQUEQUE – Homem de boa verdade, destinado para resgatador de cativos ou libertador de escravos.
ALFAQUI – Os Árabes chamam Alfaqui aos seus sacerdotes e sábios da lei. Especialista de lei religiosa, jurista.
ALFARÁS/ALFARÁZ – Cavalo generoso e exercitado na guerra; O cavalo que anda com arrogância e desusadas altivezes; Cavalos destros e bem montados.
ALFARAZES – Cavaleiros destros e bem montados. Também; ALFARAZES – Alfarase (PA) Significa lugar de Cavaleiros, derivado do nome "Faras" o cavalo.
ALFAREME – Pano. Tiras de tecido branco que os mouros enrolavam à volta da cabeça. (HS). Também; véu ou espécie de touca que as mulheres usavam na cabeça. (DH).
ALFARROBA – Alcharrub (PA); O fruto da Alfarrobeira, são umas bagas compridas e largas, são doces, porém pouco sucosas. Também; A alfarrobeira, também conhecida como Pão-de-João ou Pão-de-São-João, figueira-de-pitágoras e figueira-do-egipto, é uma árvore de folha perene, originária da região mediterrânica que atinge cerca de 10 a 20 m de altura, cujo fruto é a alfarroba. (Wikipedia)
ALFAYAM – Alchayam (PA); Lugar na província de Trás-os-Montes. Significa lugar sombrio. Deriva do verbo árabe "Chalama"; fazer sombra.
ALFAZEMA – Alchozama (PA), Também; As alfazemas são plantas do género Lavandula, da família Lamiaceae. São pequenos arbustos, perenes, incluindo, também, as anuais e os subarbustos (Wikipedia)
ALFEIRE – Rebanho, fato; manada de qualquer espécie de gado. Receptáculo de porcos com cancelas ao redor; Lugar cerrado com sebes ou ramadas onde estes animais se recolhem.
ALFEIREIRO – O pastor que guarda gado. Também; Alfeiro; Alfeireiro ou Maioral. Pessoa que se ocupa dos rebanhos de alfeiro (gado novo). (Leite de Vasconcelos) O termo ainda é hoje conhecido no Alentejo (Moura, Serpa, Safara) onde significa o maioral de um rebanho composto por borregos, carneiros e bem assim de gado que parece temporão.
ALFEIZARÃO – Alcheizaran (PA); Lugar na província da Estremadura, Coutos de Alcobaça. Significa, Caniço ou canavial miúdo.
ALFELOA – Melaço cristalizado e, por extensão, o doce a guloseima. Muitos morriam de fome, havia alguns que se podiam manter da venda de guloseimas; crónica de D. João I.FL. (HS)
ALFELOEIRO – O que fazia doce de qualquer qualidade. Hoje chamamos alféloa ao doce de açúcar ou melaço posto em ponto. Também; Vendedor de Alféloa, melaço ou doce. Massa de açúcar branco feita a modo de pauzinho roliço. Pasta de melaço, em ponto forte, de modo que fica branca depois de manipulada, reduzindo-se ao feitio de uns pauzinhos torcidos.
ALFENADO – Enfeitado; melindroso e que com desdém, não permite que lhe toquem nos vestidos. Também; Tinto com a cor da baga da alfena; o Diabo. (HS).
ALFENETE – Alchelele (PA); (nome corrupto) deriva-se do verbo surdo "Chalala", pregar, segurar com alfinete. Em Castelhano Alfilele.
ALFERAZ – Alferes.
ALFERCE – Enxada; Enxadão ou picaveque.
ALFERENA – O estandarte ou bandeira que um alferes costuma levar na ocasião de batalha ou qualquer outra expedição militar.
ALFERES – Cavaleiro responsável pelo estandarte real. (BV); Também; Dos árabes nos ficou esta palavra, que quer dizer Cavaleiro (do árabe, al-fâris, cavaleiro, escudeiro). E

porque a bandeira ou estandarte real ordinariamente se entregava a um cavaleiro, honrado, generoso e bem montado e que facilmente a não largasse no furor da peleja, deram os espanhóis o título de alferes ao oficial que a pé ou a cavalo leva o estandarte. Também; Cavaleiro responsável pelo estandarte real. (BV). Também; Porta-bandeira. (DH)

ALFÉRES-MOR – Em Portugal se acham dois ofícios de alferes; o 1º só como Ofício Palatino ou honorário; o 2º com actual exercício. A este pertencia levar a Bandeira Real no Exército, em que o mesmo rei se achava. (VT)

ALFETÉNA/ALFETNA/ALFECHNA – Por hostilidade; guerra, contenda; Discórdia; Dissensão; Sedição.

ALFIM – Enfim. Também; ALFIM- Alfil (PA) O Elefante. Peça do jogo de Xadrez que representa o Elefante.

ALFITETE – Alfetát (PA); (termo de cozinha); É certo guisado de galinha, ou carneiro, com massa fina ou polme, açúcar, especiarias e outros temperos.

ALFITRA – Alfreti (PA); Um dos quatro tributos que os Mouros conquistados e ainda não convertidos pagavam aos reis portugueses que era a décima dos seus gados.

ALFIZ – Moldura rectangular que enquadra um arco. É um elemento tipicamente muçulmano adoptado pelos Mudéjares. Também; Consta de uma moldura, geralmente rectangular (ainda que se admitam outras formas), que demarca exteriormente um ou mais arcos concêntricos ou não, em elementos como portais ou janelas

ALFITRA – Um doo quatros tributos que os mouros conquistados e ainda não convertidos pagavam aos reis portugueses que era a décima dos seus gados.

ALFOLLAS – Certos vestidos de certo pano que vinha de granada.

ALFOMBRA – Tapete; alcatifa.

ALFONSIS – Eram moedas de ouro, prata ou cobre, mandou-as bater D. Afonso IV.

ALFORA/ALFORRA – Ferrugem que dá nas searas e as consome e esteriliza.

ALFORBA -Al-holha (PA); O feno grego.

ALFORGE – Alchorge (PA); Espécie de sacola, dividida em duas algibeiras em que se leva mantimento, ou fato na jornada. Deriva-se do verbo “charaja”, sahir fora, fazer jornada.

ALFORRIA – Alhorria (PA) A liberdade que o Senhor dá ao escravo.

ALFOURE/ALFOUFRE/ALVOVRE/ALFOUVE – Assim chamavam e ainda hoje chamam no Minho a um pequeno pedaço de terra.

ALFOZ – (no plural Alfozes/Alfoces) – Concelho; Julgado; Comarca; Beetria; Jurisdição ou castelo que vivam e se governam pelo seu particular foral, usos e costumes, situados em terras montuosas. Também; Em muitos documentos é o mesmo que “lugar cham” ou “terra chaã”

ALFRESES/ALFREZES – Alfaias e móveis de uma casa; Calças; Alfreses; especiais; bacias; gumys e outras coisas.

ALFRESES – Ornatos de vestidos.

ALGARISMEIRA – Mulher linguareira ou mexeriqueira que acrescenta sempre alguma coisa ao que conta. (VB)

ALGANÁME – O principal pastor e que toma sobres a obrigação de conservar e aumentar o rebanho.

ALGÁRA/ALGARÛ/ALGARO/ALGARADA – Expedição militar, combate; conflito; contenda; assalto; Briga; Peleja; Refrega. Também Correria de cavaleiros por terras inimigas, com o fito de pilhar e destruir os campos. (PB)

ALGARA – Atoleiros; barranco; sorvedouro; Paul; Concavidade subterrânea; Cova tremendal.
ALGARAVIA – Cousa do Ocidente a que os Árabes chamam "Algarbia". E porque a antiga Turdentina ficava ao Ocidente, lhe chamaram "Algarb" que nós corruptamente, dizemos Algarve.
ALGARISMO – O número ou letra numeral. Vem do grego "Arithmós" donde vem aritmética.
ALGARVE – Algarb (PA); Cousa do Algarve ou do Ocidente. Assim chamam os Mouros à antiga Turdetania. Etimologicamente Algarve na língua Arábica significa terra plana, cham e fértil.
ALGAZARRA – grita ou alarido dos mouros quando iniciavam um combate. (DH)
ALGEBEIRA – Algeiba (PA); Bolso ou espécie de saquinho cozido no vestido.
ALGEBISTA/ALBEGRA – Aljabbar (PA); O que exerce a arte de concertar ou reparar os ossos quebrados ou deslocados. Derivado do verbo "Jabara" Concentar, solidar, reparar os ossos quebrados ou deslocados.
ALGEBRA – Algebra (PA); A Sciencia que faz huma parte das Mathematica.
ALGEMAS – Allejama (PA); Instruymento de ferro com que o Alcaide, ou oficial de justiça prende as mãos dos criminosos, ou dedos polegares. Deriva-se do verbo "ljema", por freio, sunjugara.
ALGEMIA – Alagemia (PA); A limgoa barbárica. Os Mouros dão este nome às línguas Europeas. O mesmo que algaravia.
ALGEREVIA/ALJARAVIA – Algelabia (PA) Espécie de roupão com meias mangas e capuz que chega até ao joelho. *Tinha vestida huma camiza de linho, tinta azul e sobre elle huma Algeravia.*
ALGERÓZ – Alzarub (PA) O cano do telhado
ALGIMEADO – (Letrado) – O que era perfeito e consumado em a sua faculdade e não o só falava algaravias.
ALGO – Substantivo – Favor; benefício; acolhimento; mercê; Benfeitoria; aumento; Utilidade.
ALGODÃO – Alcoton (PA); Espécie de lanugem muito fina e branca e bem conhecida.
ALGOFAR/ALJÔFAR – Pedraria fina e miudada qual chamam hoje à "grossa grãos "de conta.
ALGORITMO -sistema de numeração decimal assimilado dos árabes; C.1894, sequência finita de regras, raciocínios ou operações que, aplicada a um número finito de dados, permite solucionar classes semelhantes de problemas (p.ex.: algoritmo para a extração de uma raiz cúbica). processo de cálculo; encadeamento das ações necessárias ao cumprimento de uma tarefa; processo efetivo, que produz uma solução para um problema num número finito de etapas; mecanismo que utiliza representações análogas para resolver problemas ou atingir um fim, noutros campos do raciocínio e da lógica; conjunto das regras e procedimentos lógicos perfeitamente definidos que levam à solução de um problema em um número finito de etapas. (DH).
ALGOS – Haveres (NAP)
ALGUAZIL – Magistrado com funções de polícia. (HS).
ALGUIDAR – Algadar (PA); (voz pérsica) de "godar" Vaso de barro bem conhecido.
ALGUR – Adv. Por alguma parte.
ALHAFA – Medo ou temor que mete algum precipício. Também; ALHAFA – Alchava (PA); Nome de hum sítio em Santarém pela parte do Oriente. Significava medo, ou temor.

Este sítio era um outeiro que cahia para hum valle muito fundo, donde os Mouros lançavam os malfeitores quando pela justiça eram sentenciados à morte, de maneira que quando chegavam ao fundo do vale ião já feitos em pedaços. Deriva do verbo árabe cháfa – temer, recear.
AL-HAKAM – (792-822) – sunismo malaquita, inspirado no magistério do medinense Malik ibn Anas (795)
AL-HAKAM (961/976) – Filho de Abdarramão III, quando chegou a notícia de seu pai ao Palácio Al-Zahra, Al-Kaham convocou para juramento os escravos do palácio, os eunucos, chamados os grandes califas, como Jafar, prefeito da cavalaria e da fábrica dois tapetes. Os arqueiros traziam às costas os arcos e os carcazes. AlHakam II teria reunido na sua biblioteca 400.000 volumes manuscritos. E ficaram famosas outras bibliotecas de particulares em Córdova e outras cidades. Al-Hakam II morreu em 976.
ALHOS - designativo comum a várias espécies do género allium, da família das aliáceas; erva com comprimento até 60 cm (allium sativum) com folhas lineares, flores brancas ou avermelhadas e cápsulas loculicidas, o bulbo dessa planta é constituído por vários bulbinhos ou dentes também chamado cabeça. (TMC)
ALÍCULA -espécie de túnica curta e leve usado pelos antigos romanos das classes inferiores. (DH)
ALJAMA – Bairro judeu ou muçulmano que constitui uma comunidade. Designa também a instância de governo dessa comunidade. Etimologicamente; reunião, assembleia.
ALJAMIA – Falar ou conjunto de falares ibéricos resultantes da fusão das línguas locais com o árabe, durante a ocupação da Península.
ALJAVA – Bolsa ou coldre de couro que os besteiros ou arqueiros, traziam a tiracolo ou á cintura e onde transportavam os virotões ou setas destinadas à utilização nas operações militares. (CM)
AL-KINDÍ – Filosofo (796-873) o primeiro filósofo doa árabes natural de Kufa na Arabia do Sul, viu a sua biblioteca confiscada por pressão dos Alfaquis. – Além do seu valor teórico a filosofia permitia dirigir a vida dos homens para o bem.
ALHALCUM – Alhalcûm (PA); O Céu da boca perto dos gorgomilos.
ALHALEB – Alhaleb (PA); Veia, a que desce até às virilhas e se chama porus uritridis.
ALHANSE – Cobra ou tortuoso a modo de cobra. Este nome deram os Mouros ao vale de Santarém.
ALHIA – s.f. – Trata-se do plural neutro de altus, alia, grafado ao modo medieval.
ALHODERA – Espécie de tributo e um dos quatro que os Mouros pagavam quando estiveram em Espanha.
ALHODRA – Sequestro de terras ou fazendas.
ALHOSOS – Alhâsûs (PA); São três ossos pequenos carquilhozos que estão no fim da cauda.
ALHUR – Adv. Em outra qualquer parte, ou lugar.
ALI-ABU-ASSAM – (designado por Alboacem) chefe árabe.
ALÍCULA -espécie de túnica curta e leve usado pelos antigos romanos das classes inferiores. (DH)
ALIFAFE – Hoje chamam alifafe a certa enfermidade que acomete os cavalos entre o jarrete e o osso da perna; Porém no ano de 1092 significava o travesseiro em que o rosto ou a face se levanta ou alivia.
ALFANGE (árabe) – Arma branca
ALFAQUI – Alfaquih (PA) Sacerdote dos Mouros.

AL-FARABÍ – (872-950); Médico, matemático, filósofo e músico. Nascido no Turquestão. Analisou a ciência da linguagem; a utilidade da lógica; as ciências matemáticas, que compreendem a aritmética, a geometria a ótica, a astronomia, a música a ciência dos pesos, a ciência da engenharia. Vinham depois a ciência física e metafísica, a ciência política, o direito e a teologia

ALFÉLOA – Melaço em ponto.

AL-GAZALÍ – (m.1111); encabeçou a reacção dos teólogos juristas e sufis contra a liberdade de filosofar e influenciou fortemente os místicos peninsulares muito particularmente os Muridines e também os alfaquis almóadas. Um dos seus livros de combate "destruição dos filósofos" alvejava o racionalismo neo-aristotélico, em particular o de Al-Farabí e de Avicena. A filosofia teria que se resignar ao papel da disciplina auxiliar da teologia.

ALICESSE – Alicerce.

ALICORNIO – Unicórnio.

ALIMA – Animal ou animais domésticos nas Décadas de João de Barros, nos Lusíadas de Camões e ainda hoje no Minho se chamam alimária; Alimárias.

ÁLIME – teólogo muçulmano. (DH).

ALINHAR – Conservar o adquirido.

ALIOS – Alhos.

ALÍPILO –escravo que, entre os romanos antigos, tinha a função de depilar os frequentadores das termas. (DH).

ALIPTA- entre os antigos gregos e romanos, aquele que friccionava com óleos aromáticos atletas e frequentadores de termas. (DH).

ALIPHASE/ALIFAFE – Vulturinos se não entende por travesseiros de pluma, mas sim por cabeceiras, onde o rosto descansava, para as distinguir das outras em que se punham os joelhos.

ALIPTÉRIO – Na antiga arquitectura romana: lugar onde se perfumavam os que saíam do banho ou os atletas antes de começar a luta. Também; entre os antigos gregos e romanos, salão onde atletas e banhistas eram friccionados com pomadas e óleos diversos. (DH).

ALÍPTICA – entre os antigos gregos e romanos, arte ou técnica de utilizar óleos e pomadas para massagens com fins medicinais. (DH).

ÁLITA –na Grécia antiga, o encarregado de manter a ordem nos jogos olímpicos. (DH).

ALITARCA – na Grécia antiga, chefe e magistrado dos álitas, que mantinham a ordem nos jogos olímpicos; alitarco. (DH).

ALITARQUIA – cargo ou dignidade de alitarca. (DH).

ALIVAMENTO – Alívio; escoante; correnteza; desembaraço.

ALIVAR – Aliviar; tirar do peso; desabafar.

ALJAMAS – Congregações; sinagogas; ajuntamentos; Juntas; assembleias; sinédrios; concílios ou convenções. Deu-se este nome às patrulhas e magotes dos Mouros que ficavam no reino sujeitos ao monarca e governados pelo se respectivo alcaide, Juiz ou cônsul. Deriva de Aljama do verbo arábico hajama, pôr freio, subjugar, reprimir, ter como preso, abatido e encerrado.

ALJAVA – Aljâba (PA); A bolsa em que se metem as setas. Deriva-se do verbo Jaâba. Colligir, ou meter setas na aljava.

ALICATE – Allacuti (PA) – Torquês, instrumento de que usam os ourives, ferreiros, caldeireiros e ferradores. Deriva do verbo árabe Lacata, apanhar agarrando, aferrar, pegar com tenaz ou torquês.
ALICERCE – Alasas (PA); O fundamento de qualquer edifício. Deriva-se do verbo árabe "Assasa"Lançar fundamento, estabelecer qualquer cousa para a posteridade. Os Hebreus também diziam asîs, que significa o mesmo.
ALIFAFE – Al-hafafe (PA); leve no peso. Deriva-se do verbo árabe "Haffa". Ser Leve. Em 1092 significava o travesseiro em que o rosto ou face se levanta ou alivia.
ALIZABA – variedade de túnica mourisca de mangas largas e aberta na parte da frente. (DH).
ALJAMA - povoação ou agrupamento de judeus e mouros em Portugal. (DH).
ALJAZAR – terreno seco, cercado de água do mar; aliazar. (DH).
ALJOFAINA – pequena bacia para lavar as mãos e o rosto. (DH).
ALJORSES – Algerás (PA; (nome corrupto que se utiliza na Beira) Significa campainhas ou chocalhos que se penduram aos pescoços das bestas.
ALJORZE – chocalho, campainha que se põe no pescoço das bestas (mais usado no pl.). (DH)
ALJUBA – Vestidura mourisca, talar, com mangas, que hoje dizemos Jaqueta por corrupção de aljubeta. Também; casaco curto com meias-mangas ou, à maneira de um colete, sem mangas; espécie de túnica larga que, usado pelos mouros, descia até os joelhos, possuía mangas largas e se ajustava à cintura; veste própria dos judeus do séc. XIV, ornada com uma estrela de seis pontas feita de pano de cor viva. (DH)
ALJUBE – Aljobbe (PA) Significa cisterna ou poço sem água, cova profunda. Muitas vezes se toma por lago de Leões; prisão, carcere ou cadeia. Em Portugal é cadeia dos delinquentes em matéria eclesiástica. Deriva-se da voz "Johbon" o poço ou cisterna.
ALJUBETA – aljuba pequena; certa vestimenta que os clérigos usavam antigamente. (DH).
ALL – Outra coisa (NAP)
ALLA [alló]- Lá
ALLACIR – Tempo de colheita dos seus frutos.
ALLEIJAM – Menoscabo, pouca estimação e honra da pessoa.
ALLÓ – Adv. Ali; naquele lugar.
ALMA – Núcleo em madeira duma estátua coberta de placa de metal. (AA)
ALMAALA – acampamento mourisco; almafala; força militar, exército; almafala. (DH).
ALMAÇAVE – Almaçaber (PA); Lugar das sepulturas ou cemitério. Assim se appellida a Igreja de Santa Maria em Lamego.
ALMACAVE – Cemitério islâmico. (AA)
ALMÁCEGA – (de origem árabe, almassâa); pequeno reservatório de águas. (AA). Também; pequeno tanque destinado a receber a água da [2]nora ou da chuva; almágega, alverca. (DH).
ALMADA – Almadán (PA); Vila fronteiriça de Lisboa e separada pelo Tejo na distância de uma légua. Significa, mina, isto é, de ouro ou prata. Bluteau, seguindo quase todos os Etymologistas antigos deduzem este nome das vozes Inglesas "WIMADEL", que quer dizer segundo eles, nós todos a fizemos; persuadindo-se que os Fidalgos Ingleses que ajudarão a El-rei D. Afonso Henriques na conquista de Lisboa e edificaram e desta sorte a denominaram. Almadan muito antes da conquista de Lisboa. E como devemos dar maior crédito às memórias mais antigas, por isso me persuado que os Árabes lhe

impuseram o nome ALMADÁN que na língua dessa nação significa mina de Ouro ou prata e com eles colhiam muito ouro que o Tejo lançava fora, quando o mar se agitava lhe puseram o nome de "hosnel mandán" Fortaleza de mina. Também; No texto de Fernão Lopes Almadaã (a denominação árabe era Almadana)

ALMADENA – Almadena (PA); significa, torre ou lugar do pregão. Deriva-se do verbo addana, gritar, dar vozes, clamar, chamar gritando para a Oração. Almadena é torre muito alta à maneira das nossas dos sinos. Em cada mesquita há uma Almadena.

ALMADRAQUE – colchão grosso e rústico; enxerga; almofada ou coxim que servia de assento; variedade de sofá ou divã improvisado sobre caixote, baú, arca etc., com colchão ou cobertura acolchoada para formar o assento; cobertor dobrado sobre o qual alguém se deita. (DH).

ALMAFALA – Designação dada pelos Mouros ao sítio que se chama Graça.

ALMAFALLA – Almahalla (PA); O exército ou acampamento. Demos pregão em Almafalla. O sítio aonde está fundado o Convento da Graça em Lisboa, também assim se chamava antigamente.

ALMÁFEGA – burel branco de lã grosseira, especialmente empregado em luto; almárfaga, almárfega; (DH).

ALMAFRE – Almafre (PA); Morrião, Elmo, capacete de aço ou de ferro que costumam trazer na cabeça os homens vestidos de armas brancas. Deriva-se do verbo árabe "Gafara", cobrir ou por alguma coisa sobre a cabeça.

ALMAFREIXE – Mala grande para levar a cama. (NAP). Também; Grande mala de viagem. (Do ár. al-mafrex).

ALMAGRE – Almogra (PA); Terra vermelha, mineral de que se servem os pintores para várias obras, e os serradores para assinalarem onde devem cortar ou serrar a madeira.

ALMANÇOR (976-1101) – Mohâmede ibn Abu Amir (futuro Almançor) era privado da sultana Subh (Aurora), a basca intendente de seu filho "Hixeme" – Filho do Califa morto Al-Hakam II. Conjurou-se para que o Irmão de Al-Hakam II, Al-Muguira o sucedesse. Abu Amir (Almançor) tomou o título de hájibe (secretário) e pouco a pouco foi liquidando os seus adversários. No ano de 978 iniciou a construção de cidade satélite de Medina al-Zahira, numa ponta avançada de Guadalquivir. Rodeou-a de altas muralhas, guarneceu-a de armas e instalou ali as diversas repartições da administração e fazenda. No verão de 984, Ramiro de Leão reconheceu a soberani8a do secretário de Córdova. Em 997 a expedição estival teve como destino Santiago de Compostela. Almançor mandou proteger o túmulo dito do Apóstolo. E escravos cristãos transportaram os sinos da catedral de Santiago para Córdova. Em 999 estabeleceu uma guarnição em Zamora e tomou Astorga. Almançor morreu na campanha de 1102 contra Medinaceli.

ALMANDRAQUE – Coxim ou colxim, almofada, estrado, alcatifa ou cabeceira que serve de genuflexório; Enxerga; Enxergão; Colchão cheio de lã, palha ou erva; manta grossa ou alcatifa dobrada sobre que alguém se deita.

ALMADRAQUEXA – Travesseiro ou cabeçal.

ALMAFARIZ/ALMAFARIZ – Almofariz alfaia doméstica bem conhecida que, em alguns documentos se chama "ylofariz".

ALMÁFFEGA/ALMARFEGA – Burel branco e grosseiro de que os nossos maiores faziam o seu Dó. Não só os parentes e amigos do finado vestiam dele todo o tempo que durava o luto, mas, ainda, outros quaisquer que o queriam vestir por honra do defunto, o podiam fazer. Acabado o tempo de tristeza, os testamenteiros lhes recompensavam a fineza com um vestido de Valencina ou outro pano alegre e festival.

ALMAFRE – Morrião; elmo, capacete de aço ou ferro que costumavam trazer na cabeça os homens vestidos d'armas brancas.
ALMAFREIXE – Tapete; esteira.
ALMANJARRA – Almojarra (PA); O pau torto da atafona, ou nora porque puxa a besta. Significa propriamente a rastadeira. Deriva-se do verbo Surdo "Jarra" puxar, arrastar, atrair a si arrastando.
ALMALHO/ALMALIO – Touro; novilho; Bezerro; boi novo e que ainda não trabalha sujeito ao jugo.
ALMALO – Animal grande como cavalo, besta muar ou Jumento, boi, Vaca, etc, que, por antonomásia se chamaram animais e alimárias a que os Espanhóis antigos chamavam "Alimaña".
ALMANICHA – indivíduo cruel, perverso; indivíduo vadio, vagabundo. (DH)
ALMANJARRA – pau ou trave a que se atrela o animal para movimentar a [2]nora ou a atafona; traquitanda; rodo usado para juntar o sal nas salinas; móvel muito grande e mal-acabado. (DH).
ALMANSIL – Almansal (PA); Aldeia do reino do Algarve significa o aposento ou hospedaria, dar agasalho e pousada a alguém.
ALMANSUR – Almansur (PA); Nome próprio de um rei mouro, que assolou terras desde o Guadiana até ao Mondego.
ALMARGE/ALMARGEM- Almarge (PA) – O mesmo que Almargem; Prado ou rossio, cheio de erva e pasto para gados, situado ao longo das povoações e nas margens dos rios. Pradaria; campo, especialmente o inundado.
ALMARGIA/ALMARGIO – Diz-se do animal que foi lançado ao almargem por doença ou velhice.
ALMARJAM – Almarjam (PA) Aldeia do reino do Algarve. Significa lugar das pedradas ou do cúmulo das pedras. Deriva-se do verbo árabe "rajama" apedrejar alguém.
ALMARRAXA/ALMOTOLIA/ALMANJARRA – Regador; hissope; aspersório. Ver do verbo arábico "raxa" borrifar, deitar água com a mão. Também; utensílio assemelhado a uma [1]botelha, de vidro ou prata, com o bojo cheio de orifícios, e que servia para borrifar; almaraia; ornamento que apresenta a forma de uma garrafa com asas; almaraia. (DH).
ALMAS – Pessoas ou vidas de um prazo. Aragem; respiração; exalação; Odor; Princípio vital; sopro vital; vida.
ALMATICA – mesmo que Dalmática; **Dalmática** é o traje litúrgico próprio do diácono na Igreja Católica. É colocada sobre a alva (túnica) e a estola. É utilizada na celebração da missa. Aberta dos lados, tem as mangas largas e curtas. O seu nome deriva de peça luxuosa de vestuário usada na Dalmácia (região ao sul da Europa), por volta do século II, adotada então pelos romanos.
ALMATRIXA – Almatraxa (PA); São as mantas com que guarnecem as bestas de sela. Também significa os atafaes com franjas.
ALMAZEM/ARMAZÉM – Armachzen (PA). Algumas vezes se toma pelo provimento de guerra como setas, metralhas, alcatrões, pólvora, balas etc. Tomando-se o conteúdo pelo continente *"Alguns dos nossos besteyros empregaram neles seu almazém"*. Casa onde se guardam armas, munições fazendas e mantimentos. Deriva-se do verbo árabe "chazana" Guardar, esconder, fechado, enthesourar. Também; depósito de armas; arsenal. (DH)
ALMEAZAR – Véu ou pala com franjas de que usaram no ornamento dos altares.

ALMECE – Almasle (PA); Termo de Pastores e muito usado no além-tejo. Significa o soro do leite que escorre do queijo quando o apertam.
ALMECEGA – (Voz grega com artigo Arábico) Espécie de goma ou resina semelhante ao incenso, resina da aroeira.
ALMECHTELEIN – Almochteleîn (PA); Idade provecta, isto é até aos 40 anos.
ALMEDINA- Almedina (PA); Significa Cidade. Também é o nome de uma porta do Castelo de Tomar e não porta de sangue, como diz P. João Baptista, autor do Mappa de Portugal. Também; a parte de uma cidade (sobretudo marroquina ou habitada por mouros) construída em lugar alto, geralmente em torno de um castelo; medina. (DH)
ALMEIA –dançarina oriental de estilo lascivo cujas danças são acompanhadas de cantos geralmente improvisados. (DH).
ALMEIDA – Almeidá (PA) Praça d'armas ma província da Beira. Significa Mesa. Foi assim chamada pelo assento chão que teve na primeira fundação.
ALMEGUE – lugar por onde se pode atravessar um rio; vau. (DH).
ALMEITIGA – Almoço ou leve refeição que se dava ao mordomo ou prestameiro que pedia, media e arrecadava os foros reais.
ALMEIZAR – Almeizar (PA); Cinto
ALMEIZARES – Tocados de seda
ALMENARA – (Do árabe, almenara=farol); 1) Torre de mesquita. Minarete. 2) Farol ou fogueira que se acendia nas torres e atalaias para dar sinal ao longe.
ALMENARAS – Faróis acesos nas torres para dar sinal ao longe.
ALMENARAS – Fogos artificiais e convencionados com que desde os muros, torres ou atalaias se dava rebate de inimigos ou se faziam outros avisos aos que estavam distantes. Também; Faróis acesos nas torres para dar sinal ao longe.
ALMEXIA – Certo sinal que el-rei D. Afonso IV mandou que os Mouros trouxessem sobre os vestidos quando não usassem dos seus próprios trajes. – Pragmáticas de1468;1488;1563 e 1698. (Espécie de túnica curta de tecido forte usada pela classe mais humilde dos Mouros na Península) - Vestuário obrigatório para não se confundirem com os cristãos.
ALMEZAR/ALMEZER – Misturar; confundir alguma coisa.
ALMIARA – certa porção de palha presa à volta de uma vara vertical que lhe serve de eixo. (DH)
ALMINHAS – Painel que representa as almas dos mortos penando no purgatório; nicho ou capelinha situado geralmente na berma das estradas; pessoas, diminutivo de alma. (TMC).

Alminhas da Cernadela –
Foto: Associação Terras Quentes

ALMÓADA – Dinastia de soberanos berberes de Marrocos que reinaram em al-andaluz entre 1146 e 1232, literalmente; aquele que professa a unicidade de Deus. Também; berberes pertencentes a uma dinastia que sucedeu aos almorávidas, reinando sobre a África setentrional e a Espanha muçulmana de 1147 a 1269. (DH).
ALMÓADAS (1145-1249) – As divisões dos Muridines levaram rapidamente à deposição de Ibn Kasi, que se dirigiu a Salé em 1145. No ano seguinte os Almóadas desembarcavam com ele em Algeciras e entregaram-lhe o governo de Silves. Mas quando os Almóadas convocaram os chefes Andaluzes para Marraquexe, Ibn Kasi faltou à chamada e assumiu o poder na cidade Natal. O mesmo fez Sidray ibn Wazir, que se tornou Senhor de Mértola. E de todo o Garbe. Ibn Kasi procurou o apoio do rei de Portugal Afonso Henriques. Como penhor da aliança o monarca cristão enviou-lhe para Silves um cavalo, um escudo e uma lança. Ibn Kasi foi degolado em 1151 e a cabeça espetada numa lança "eis aqui o mhadi dos cristãos". Tavira aguentou-se até 1168. Em 1189 Alvor e Silves caíram em poder dos cristãos, apoiados pelos navios da terceira cruzada. No ano seguinte o califa Yacub desceu o vale do Tejo incendiando as colheitas. Torres Novas foi abandonada. Tomar foi tomada e incendiada. Depois submeteram Palmela e Almada. Milhares de cativos foram embarcados para Marraquexe.
ALMOCADEM – Almocaddem (PA); Ofício antigo da milícia. Significa guia ou encaminhador do exército na sua marcha, cujo ofício é marchar adiante. Deriva-se do verbo árabe "Cadema" = chegar, guiar, encaminhar.
ALMOAHEDES/ALMORÁVIDES – Certas famílias africanas que ultimamente passaram a Espanha, onde até à expulsão total dos Mouros se conservaram.
ALMOÇABEL/ALMOTACEL/ALMOTACÉ – Moderador dos pesos e preços e medidas dos mantimentos. Corresponde ao Edil Romano. Em Portugal há almotacel-mor.
ALMOCADEM – O que guia ou encaminha o exército marcando à sua frente.
ALMOCARAVIA/ALMOCARIA – Ofício do almocreve, recoveiro que conduz ou aluga bestas.
ALMOCATEM – Comandante ou chefe militar.
ALMOCAVAR/ALMOCOVAR – Cemitério, lugar das sepulturas. Também; Almacbar (LA)
ALMOCELLEIRO – O que faz cobertores para camas, mantas, cobertas, lisos ou de felpa. Também; O que faz cobertores para camas, mantas, cobertas, lisos ou de felpa. Nos documentos de Lamego se diz *amucelleiro.*
ALMOCOUVAR – O pastor que tem a seu cargo a guarda do rebanho.
ALMOCREVE(S): Almocáravia, ofício de almocreve, recoveiro que conduz ou aluga bestas. Também; na nossa era de informação instantânea, imaginarmo-nos a nascer, viver e morrer no mesmo sítio poderá ser um exercício mental complicado, contudo, só fazendo este exercício poderemos compreender o quão importante eram todos aqueles que não faziam o seu dia-a-dia numa determinada localidade, mas entre várias. Era o caso dos Almocreves, condutores de animais de carga que faziam do transporte de bens de uma terra para outra a sua profissão. Naturalmente falamos de outros tempos em que 50km não se fazia em meia hora, mas um ou dois dias; com eles iam também as notícias de freguesia para freguesia, do campo para a cidade, e da cidade para o campo. Quem ia casar com quem, quem comprou o quê, quem vendeu o quê, quem é o novo pároco de sítio tal, se as colheitas para lá da serra prometem, se há perigo de guerra. (CM). Também; Lacrau, escorpião. (VB). Também; Mercador que usa animais de carga para transportar produtos de uma cidade para outra (VR)

ALMODOVAR – Almod'aûár (PA); Vila na provincia de Alem-tejo. Significa, coisa redonda. Deriva-se do verbo árabe "daûara" arredondar alguma coisa, cercar à roda.
ALMOFAÇA – Almohassa (PA); raspador de ferro com dentes com que se limpam as bestas para lhes tirarem a caspa.
ALMOFADA – Espécie de saco estofado para encosto; assento; ornato; coxim; travesseiro; almadraque; bisa; boleia; cabeçal; chumela; reclinatório. (TMC)
ALMOFALLA – Campo ou arraialem que por algum tempo se reside; acampamento; bairro; aldeia; Tropa.
ALMOFARIZ – Almohbrés (PA); Vaso de bronze em que se pisão adubos, medicamentos e várias coisas. Deriva-se do verbo árabe "harasa"; pisar, machucar, esmagar. Em Castelhano Almeris.
ALMOFATE – Almogate (PA); Nome de um ferro com que se fazem furos no couro. Segundo Moraes é o ferro com que os correeiros abrem os buraquinhos onde se enfiam os fuzilões das fivelas.
ALMOFIA – Prato grande de barro envernizado ou esmaltado, profundo e muito largo.
ALMOFRE – Almafre; Elmo; Capacete.
ALMOFREIXE – Mala grande, saco ou malotão em que se leva ou estende a cama nas jornadas.
ALMOFREZ – Almogrez (PA); Sovela de sapateiro, com que os correeiros abrem os buraquinhos na sola para neles enfiarem os fuzilões das fivelas.
ALMOGADEL – Almajedal (PA); Lugar no termo de Tomar. Significa lugar de contenda. Deriva-se do verbo árabe "jadala" que na quinta conjugação significa contender, disputar, altercar.
ALMOGAURES ou ALMOGÁVERES – Cavaleiros que tomavam parte nas incursões em território inimigo. Também; Soldados dedicados ao serviço de rapina, em surtidas fulminantes.
ALMOGAVAR – Certas companhias de soldados, escolhidos pela sua animosidade, ligeireza, esforço e perícia militar.
ALMOGRAVIA – Expedição militar, correria, entrada repentina nas terras do inimigo talando os campos, cativando as gentes e roubando tudo o que pode ser útil.
ALMOHADEN – Almuadden (PA); assim se denomina o mouro que chama o povo à oração do alto da torrem de qualquer mesquita.
ALMOLEIMAR – Chefe dos Mouros.
ALMONDEGA – Albondeca (LA) Certo Guisado de carne. Também "Albondeca" (UPA) Termo de cozinha. É um guisado de carne picada ou pisada com algum tempero e adubos de que se fazem umas pequenas bolas de tamanho de uma castanha e depois, as guisam
ALMORÁVIDA: Dinastia de soberanos berberes de Marrocos que reinou sobre al-andaluz entre 1086 e 1144. Literalmente aquele que defende um ribat.
ALMORAVIDAS (1090/1146) – Em 1089 Yusuf voltou à península para cercar aledo na região de Lorca. No ano seguinte levou o seu exército até aos muros de Toledo. O objectivo, porém era o Andaluz. Os Alfaquis acusavam os reis das taifas de impiedade, de não cumprimento das leis do Islão e apoiavam os Almorávidas. Depois da queda de Sevilha, os Almorávidas voltaram-se para Badajoz. Omar Al-Mutauáquil pediu ajuda a Afonso VI e entregou-lhe como penhor Santarém, Lisboa e Sintra. No princípio de 1094, Sir Abu Bacre entrava em Badajoz. No conflito Islão-Cristandade as armas decidiram então a favor doa Almorávidas. Afonso Vi era batido em Jean., Consuegra e Maçagon.

Nesta última batalha participou o conde D. Henrique. Em 1111 os Almorávidas submetiam Santarém avançaram para Coimbra e chegam aos arredores do Porto. Também; membro de seita árabe, religiosa e política que se espalhou pela Espanha no último período de domínio mouro; marabuto; relativo aos almorávidas, dinastia berbere que reinou sobre o Marrocos, o Mahgreb ocidental e parte da Espanha, de 1055 a 1147. (DH).

ALMORÇAR – Almoçar.

ALMORÇO – Almoço

ALMOSARIFE/ALMOZARIFE/ALMOXARIFE – Homens eminentes, honrados e constituídos em dignidade. Que cobra os direitos reais ou que dimanaram da coroa. Também; oficial que cobra os direitos reais de vários géneros. (almoxarife da alfândega; da Portagem; das casas e tendas; das Ovenças; das Tercenas; do armazem; do Biscoito; do Castelo; do Celeiro; do Paço da Madeira; dos Fornos do Biscoito. (CM).

ALMOTAÇAR – taxar (o almotacé) o preço de; estabelecer regulamentos; regrar. (DH).

ALMOTAÇARIA – cargo ou função de almotacé. (DH)

ALMOTAÇARIAS – Do Árabe al-muthasib. Direito sobre os pesos e medidas. Ao almotacé competia superintender nas questões do mercado, dos preços, das obras públicas, águas, caminhos, etc. (BV).

ALMOTACÉ (ALMOÇABEL) – (Edis romanos) Inspector de pesos e medidas nos mercados. (CM). Também; inspetor encarregado da exata aplicação dos pesos e medidas e da taxação e distribuição dos gêneros alimentícios; almotacel. (DH).

ALMOTOLIA- Almotlîa (PA); Vaso de barro vidrado ou de lata que serve para azeite. Deriva-se do verbo "Talá" untar, bornir, dourar. Também; pequeno vaso de folha, de forma cônica e gargalo estreito, usado sobretudo para azeite e outros líquidos oleosos; (1880) pequena vasilha, com bico estreito e comprido, própria para lubrificar maquinismos por meio de compressão ou dispositivo ejetor. (DH).

ALMOXARIFADO –função de almoxarife; depósito em que, num estabelecimento público ou particular, ficam os materiais necessários a todos os demais setores. (DH).

ALMOXARIFE – o que é responsável pelo almoxarifado; tesoureiro de casa real; aquele que administrava propriedades da casa real; cobrador de portagem ou pedágio. (DH)

ALMOXARIFE DAS CASAS E TENDAS – Funcionário incumbido da administração dos prédios e lojas comerciais pertencentes ao rei – João Domingues Torrado no reinado de D. João I.

ALMOYNHA/ALMUIA/ALMUINHA – Não só se tomou esta palavra por horta ou pomar como pro vezes se tomou por prédio urbano. "No Foral de Tomar de 1174, traduzido em português no século XIV se diz; *se alguém entrar en vinha, ou em almoynha d'alguem furtivelmente de dia per razom de comer, ou com sa mão besta en ferraem d'alguem meter, peite V soldos. Se alguém de vinha ou d'almoynha en regaço ou en taleiga, ou em cesta truoxer algua cousa ou ferraem, ou em almoynha peyte LX soldos e o que trouxer vestido: e disto que peytar aia o senhor do lavor ameadade: e se nom ouver que peyte, pregueno na porta per huum dia e de mays acoute-no*. E no mesmo foral; *Se alguen en defendimento de seu agro ou de ssa vinha ou de ssa almoynha esbulhar o danador peró que o danador seja ferido ou chegado, o Senhor da vinha nom peyte: e se o danador ferir o dono, satisfacalhy e qualquer coomha, que lhy fezer corregalha.*

ALMOZALA/ALMUCELLA – Cobertor ou manta mais ou menos fina e preciosa que servia nas camas dos ricos e pobres.

ALMUADEM – Mouro que chamava o povo à oração. Também; ALMUADEM/MUEZIM – aquele que do alto dos minaretes conclama os muçulmanos às orações; almuadem, almuédão. (DH).
ALMUINHEIRO/ALMOINHEIRO – Hortelão, o que trata de uma horta. O que cuida e se ocupa no serviço e cultura.
ALMUDE – Almodde (PA); Medida dos áridos que corresponde ao nosso alqueire. Em portugal foi antigamente medida de áridos, é agora medida dos líquidos. Os Hebreus também dizem "modd" e significa o mesmo.
ALMUDADA/ALMUTADA – O mesmo que almude ou dois alqueiros.
ALNA – Côvado, medida de três palmos e que corresponde ao cúbito menor dos romanos. Também; medida de comprimento, variável segundo a região, mas correspondendo, em geral, a três palmos. (DH)
ALÓ – Lá.
ALODIO – Herdade livre.
ALOÉ – Aluat (PA); Planta muito cheirosa e medicinal e bastante amargosa. Os Árabes vulgarmente lhew chamam "Assabre"" azebre, coisa muito amargosa. Deriva-se da voz Hebraica "Aluá" que significa coisa amargosa.
ALOGAR – Alojar. (NAP)
ALOGEADO – Alojado.
ALOILADO – Atoleimado; maluco. (VB)
ALONGAMENTO – Demora; dúvida; oposição; embaraço; resistência; Tardança.
ALOTRIGUES – Designação de um dos diversos povos que habitavam a região Montanhosa do norte da Ibéria. (ET)
ALPARAVAZ – A aba da esteira à roda do estrado ou o pano que dos colchões para baixo cobre o vão do leito.
ALPE – Travesseiro ou cabeçal com a sua fronha ou almofada.
ALPENDER/ALPENDORADO/A – No alpendre, ante a porta do pallatorio; Alpendre, coberto, galilé; espécie de teto sustentado e erigido sobre colunas ou pilares.
ALPERCATA – sandália que se prende ao pé por tiras de couro ou de pano; sinónimos, alparca, alparcata, alpargata, alpargate, alpercata, alpercate, alpergata, apragata, paragata, pargata, pracata, pragata. (DH)
ALPES – Pastos de gado situados entre montes ou lugares sombrios.
ALQUEIRE – Medida de sólidos e líquidos bem conhecida e usada neste reino desde o princípio, porém com grandes diferenças entre as comarcas e concelhos; Rasão/rasa; rasa velha; especialmente para cereais. Também; antiga medida de capacidade para cereais, variando entre doze e meio e quinze litros. (V B). Também; antiga medida de capacidade usado sobretudo para cereais, mas de volume variável (na região de Lisboa equivalia a 13,8 litros). (DH).
ALQUEIVE – ato ou efeito de alqueivar; abrição, alqueve. (DH).
ALQUERIA – Fazenda do campo e lavoura com sua casa de abegoaria para residência do caseiro.
ALQUIAR/ALQUIER – Alquilar; alugar; dar de renda qualquer coisa móvel, semoventes ou imóveis.
ALQUICÉ – Capa com que os Mouros se costumam cobrir.
ALQUIES – Alquias (PA); é a medida dos sapateiros por outro nome craveira. Deriva-se do verbo "casa" medir ou tomar medida com cordel ou vara.

ALQUIMIA – Alquimia. A arte de converter o mental com certas composições em ouro. Deriva-se do verbo árabe "Camá", ocultar encobrir, esconder por certo tempo.
ALQUISER – Enxerga ou pequeno enxergão de que usam os Mouros.
ALVISERA – Alvíssara (NAP)
ALVÍSSERA – "mando-vos pedir alvissara"; Alvíssaras, gratificação.
AL-RAZÍ – (865-925); Médico, alquimista, filósofo. Director do principal hospital de Bagdade, afirmava que os filósofos e não os profectas é que deviam despertar as almas do seu letargo material. E questionava: Se Deus nos deu a razão, porque enviaria profectas que se contradizem uns aos outros?
ALROTAR – Desprezar com soberba e arrogância; presumir de si com altivez, jactar-se e engrandecer as suas cousas com orgulho e sem verdade. Hoje se toma por insultar ou escarnecer de alguém por jactar-se e presumir de si, assoalhando com vanglória as suas obras, virtudes e talentos.
ALROTADOR –que ou o que costuma alrotar; que ou aquele que zomba, que escarnece; que ou aquele que grita e se lamuria para pedir esmolas; que ou aquele que provoca desordem, arruaça. (DH).
AL SECCO – Pintura de parede sobre reboco seco.
ALTAMIA – Almofia ou pequeno alguidar, vaso de barro vidrado e bem conhecido; Prato grande ou de cozinha feito de barro.
ALTO DA BOLA - Alto: (ver, Alto da Côroa) Bola: objecto natural ou fabricado maciço ou oco, redondo em toda a volta; esfera; m.q bolha. (TMC)
ALTO DA CAMBA - Alto; (ver alto da côroa), Camba; câiba; caimba; cambeira; cambeta; mucamba; nesga; pina; cada uma das peças curvas que formam as rodas dos carros de bois; peça do freio em que entra o tornel da rédea. (TMC)
ALTO DA CAROCEIRA – Alto: (ver, Alto da Côroa); Caroceira: caroç., antepositivo, do latim "carundium"núcleo dos frutos do tipo Drupa (ameixa, azeitona, manga etc.) ao qual se juntou o sufixo "eira" (TMC)
ALTO DA COROA - Alto: o que tem extensão vertical – o que está acima do plano do observador, ilustre; eminente; superior; importante; soberbo; altivo; transcendente, elevação, monte; cume; pináculo; lugar elevado; Coroa: aureola; capela; diadema; glória; realeza; reino; nimbo; soberania; triunfo; vitória; velho; velha. (TMC)
ALTO DA CRUZINHA – Alto; (ver, alto da coroa) – Cruzinha; diminutivo de cruz; adversidade; aflição; cristianismo; cruzeiro; desgostos; fadário; infortúnio; penas; sacrifício; sofrimento; suplicio; tormento; tortura. (TMC)
ALTO DA CURVACEIRA – Alto: (ver, Alto da Coroa) – Curvaceira: de curvaça, tumor ósseo na base dos jarretes dos equídeos, sobreosso. (TMC)
ALTO DA ESCARAVADA – Alto: (ver, Alto da Coroa) – Escaravada: de escarar, es+cara+ar "descarar, perder a cara" tornar-se descarado. Tomar bebida alcoólica em excesso, embebedar-se. Desgrenhado, arrepelado. (TMC).
ALTO DA MADORRA – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, extraindo-se a seguinte informação:
Designação; Alto da Madorra; Tipo de Sítio: Habitat; Período: Neocalcolítico; CNS: 2055; Localização: Carrapatas: **Descrição**: Habitat aberto, localizado no topo e nas encostas sul/sudeste do pequeno monte da Madorra. Este sítio foi intervencionado arqueologicamente, por interferir no traçado previsto do troço da IP2 Pinhovelo-Vale Benfeito. Na intervenção foram feitas numerosas sondagens, em quadrados de dois metros ou em valas. Obtiveram-se numerosos materiais arqueológicos datáveis

genericamente do neocalcolítico, mas a conservação estratigráfica dos achados era bastante fraca, com uma acentuada destruição provocada por trabalhos agrícolas. A potência média da terra rondava os 20 cm, e só em algumas depressões do terreno foi possível encontrar alguns níveis mais conservados. Numa zona, encontrou-se o possível negativo de uma estrutura, com empedrados, associados a barro de cabana. Noutra zona, identificou-se uma área de combustão. O material exumado é essencialmente, cerâmica, composta essencialmente por recipientes fechados, esféricos de fundo redondo. As decorações incluem diversas topologias de punção, havendo também cerâmica penteada. Apareceu igualmente um machado de pedra polida, polidores, fragmentos de mós, pesos de tear em xisto. Não se identificou material lítico lascado. De notar que cerca de 150 metros a Sudoeste, numa plataforma inferior, fica o sítio pré-histórico da Urreta das mós. (BD).

ALTO DA ORRETA DA CUBA – Alto: (ver, alto da Côroa) – Orreta: atalho; caminho entre dois lugares, mais curto que o caminho principal; vereda; carreiro; estorvo; corte; remate. – Cuba: balsa; balseiro; barrica; bota; dorna; feiticeiro; figurão; influente; mancueba; matreiro. (TMC)

ALTO DA PINHA – Alto: (ver alto da coroa) – Pinha: aglomeração; aglomerado; ananás; anona; ata; ateira; pedalha; cabeça; montão; multidão; pilha; rima; queimadura. (TMC)

ALTO DAS LASTRAS – Alto: (Ver, Alto da Coroa) – Lastras: Lastra, pedra larga e grande. Na olaria, pasta de argila pronta para pôr nas formas. (TMC).

ALTO DAS MESURAS – Alto: (Ver, Alto da Coroa) – Mesuras: Urbanidade, cortesia, honra, modéstia, gravidade (Fernão Gil, tesoureiro da Guarda, diz no seu testamento de 1299 "Mando ao Cabidoo huuma cuba chea de vinho, só tal condiçom, que elles, per as mesuras, sayam sobre mim, quando ssayrem da Missa da Prima atá os trinta dias. Elucidário Doc da Guarda"). Medida, termo, conta, razão. "Os Çapateyros, e Alfayates, e Ferreiros, e outros Mesteiraaes vendem sem mesura o calçado, e as outras cousas, por tal guisa, que em todo continuamente amostram gram malicia em sseos mesteres. Documento de Silves de 1404. Elucidário"). (TMC)

ALTO DAS PENAS GOSAS – Alto: (Ver, Alto da Coroa) – Penas: Elevação de terreno; rocha; fraga; punição; tristeza. – Gosas: Corrup. pl. de Guzo, Força, Vigor.

Alto das Portelas (cmp63). (TMC)

ALTO DE S. PAMBO – Alto; (ver, alto da coroa) – S. Pambo; m.q. são pambo; pessoa que morreu em estado de santidade. (TMC)

ALTO DO CANCALHO - Alto: (Ver, Alto da Côroa) - Cancalho: De Cancara, armação, geralmente de madeira, que serve de suporte para a palha, ou outra qualidade de cobertura. (TMC)

ALTO DO MALHÃO - Alto: (Ver, Alto da Coroa) - Malhão: O que assinala um limite de espaço; Marco; Baliza; Divisa; Feixe de arbustos. (TMC)

ALTO DO MARCO - Alto: (ver, alto da coroa) – Marco: alveiro; baliza; capacidade; demarcação; dinheiro; divisa; estrema; fronteira. (TMC).

ALTO DO PICARRÃO - Alto: (Ver, Alto da Côroa) – Picarrão: aumentativo de Pica. Reg. Acto ou efeito de picar ou cavar de leve a terra. Reg. Sacho de picar. Espécie de lança. Pénis. (TMC)

ALTO DO PONTEIRO - Alto: (Ver, Alto da Côroa) – Ponteiro: Pequena haste ou vara para apontar; utensílio aguçado dos canteiros para desbastar pedra; O que está na ponta; que aponta; diz-se do vento contrário à navegação. (TMC)

ALTO DOS CARVALHOS – Alto; (ver, alto da coroa) – Carvalhos; pl. de carvalho; azinho; bodião; carvalha; carvalheira; carvalheiro; dentilha; querco; roble; árvore da família das Fagáceas, comum em Portugal, útil pela madeira, pelo fruto e tanino que fornece. (TMC)
ALTO DOS ENGARANHADOS - Alto: (Ver, Alto da Coroa) – Engaranhados: de engaranhar; embaraçar; enlear; enregelar; inteiriçar. (TMC)
ALUGAÇOM – Arrendamento, aluguer e a mesma acção de alugar alguma coisa.
ALUGUEIRO – O que aluga alguma coisa.
ALUIR – Pipa aluída é aquela cujas aduelas não estão suficientemente apertadas; diz-se em Trás-os-Montes, Lisboa e Minho (LV).
ALUSTRAR – Alustre é provincianismo transmontano e minhoto significando relâmpago. Relampejar.
ALUSTRE/ALUSTRO – Relâmpago. (VB)
ALUMIAMENTO – Luz; claridade.
ALUZ – Espécie de pele ou tecido antigo, espesso e felpudo, empregado para vestuário ou ornato.
ALVADO - É o lugar onde assenta o cortiço das abelhas (Moncorvo) (LV).
ALVAIADE – Albaiade (PA) Composição de certa droga. Também; Tinta branca de carbonato de chumbo outrora muito usada na pintura de construção civil, mas que foi substituída pelo branco de zinco por causa dos efeitos nocivos sobre a saúde.
ALVALADE (Ant.) – 1) Campo murado, 2) Estrado ou tablado levantado do chão para dele se assistir a qualquer solenidade ou espetáculo. (AA)
ALVALADE GRANDE – Actual Campo Grande – crónica D. João I, Fernão Lopes; …Onde assim foi que, pousando eles naquelas aldeias uma légua da cidade, saíram um dia, per mando do Mestre João Fernandes Moreira e outros de cavalo com ele, com alguns peões e besteiros, atá um campo que chamam Alvalade Grande. (HS). Lugar habitado e murado. (PA).
ALVANEIRA – Refgo por onde corre a água; Cano de esgoto. (VB)
ALVANEL – Albanai (PA) Nome de Ofício. ALVANEL – (do árabe Albanné= pedreiro): Pedreiro que trabalha na obra de alvenaria de tijolo pedra, etc.
ALVARÁ – Albara (PA) Cédula, Carta Régia.
ALVARINHA – Diz-se de uma espécie de urze. (VB).
ALVARINHO – um tanto alvar; esbranquiçado; que se encontra enfraquecido; débil, anêmico; que demonstra parvoíce; tolo, simplório, néscio; Reg. Trás-os-Montes, que tem a cabeça no ar; tresloucado; certa casta de videira de uva branca do alto Minho e da Galiza; cainho-branco. (DH).
ALVARRAÃ – Albarran (PA), Cebola Alvarraã.
ALVARRAQUE- Albarraque (PA); Lugar na Província da Estremadura. Significa reluzir, resplandecer.
ALVAZARENTO – Lazarento, Leproso.
ALVAZIL/ALVACIL/ALVASIR – Esta palavra que entre os árabes talvez signifique o ministro de estado; o conselheiro do Príncipe; Juiz ordinário e que decidia das causas na primeira instância, admitindo apelação e agravo nos casos que a lei o permita.
ALVEICI/ALVECI – Certa seda branca e mui delgada.
ALVEIRO – Fazer alveiro quer dizer o mesmo que fazer garotice, tratantada, maldade, usado geralmente em prática com as crianças (Paredes de Coura) (LV). Também; Espécie de lençol pequeno feito de linho ou estopa. (VB)

ALVERCA – Terra apaulada, alagadiça, pantanosa, entrecortada com charcos, pântanos e lagoas. É mais usada em Castela do que em Portugal. (Do árabe al-birkâ, lago piscina, poça, tanque.).
ALVIÃO – Picareta. (VB)
ALVIDRADORES – Assim foram chamados também valiadores, avaliadores ou estimadores.
ALVIDRAMENTO – A acção de alvidrar; avaliação.
ALVIDRAR/ALVIDRO/ALVIDROSO – Fazer composições, escolher juizes árbitros para terminar qualquer demanda ou questão.
ALVIELLA – Albaila (PA); Lugar província da Estremadura, Significa, coisa mingua.
ALVOR – Albúr (PA); Vila do reino do Algarve; significa cousa ou campo inculto.
ALVORIÇAR/ALVORIZAR – Hoje diz-se dos enxames das abelhas quando se levantam e seguindo a abelha mestra se ausentam fugindo do colmeal; retirar-se, fugir, ausentar-se com passo ligeiro com indignação e a seu pesar.
ALY: DES ALY – O mesmo que desde então.
ALXAIMA – Algaima (PA); as tendas em que vivem os árabes campestres as quais mudam de uns lugares para outros, segundo os tempos e comodidades.
AMA – Amma (PA); criada, serva. (voz Hebraica) amim do verbo aman. Criar, educar, nutrir.
AMÁ – Interjeição, Agora! De maneira nenhuma. (VB).
ÂMBULA – pequeno vaso de gargalo fino e bojo redondo. recipiente utilizado para guardar os santos óleos. (DH)
AMADIGO – Lugar; povo; quinta; casal ou herdade, que lograva os privilégios de honra por nele se haver criado ao peito de alguma mulher casado.
AMADOIRO – Amável, digno de estimação e amor.
AMADORRA - – A+Madorra; mesmo que modorra; montão de pedras miúdas, túmulo romano (de meda+orra) (TMC)
AMADURAR – Moderar; reformar e benignamente interpretar.
AMAGAR-SE – Estar na cama doente, acamado. (VB)
AMÁGO – Ameaço; cominação; Terror; espanto, a fim de alcançar ou extorquir alguma coisa.
AMALANCORNADO – Macambúzio. (VB)
AMALHAR – Demarcar; pôr balizas, divisões e marcos que antigamente se chamavam malhoens como derivado de amalhar.
AMANHAR – Compor; reparar; assear; consertar e falando de terras ou vinhas fabricar, cavar e fazer tudo o mais que pertence à sua cultura.
AMANHAR-SE – Vestir-se; desenrascar-se; abarbatar-se. (VB)
AMANTELADO – Cercado de fortes e alterosos muros. Daqui desmantelado, destruído desbaratado, ambos de amantelar e desmantelar; fortalecer e destruir.
AMÁS – Ajuntamento de muitas cousas postas em montão ou rimas.
AMANTAR – Extinguir; extirpar; arrancar; tirar de uma vez; fazer cessar. – Também; pagar; satisfazer.
AMARGAR O ATREVIMENTO – Pagar o atrevimento, ter o castigo dele.
AMAVIAS – Sortilégio; Filtros; encantos para excitar o amor lascivo e desonesto.
AMAVILMENTE – Desveladamente; com muita atenção, amor, agrado.
AMAVIOS – Bruxedos.

AMBICIAR – Entregar-se a pensamentos acções e cuidados de ambição; O mesmo que ambicionar.
ÂMBRIA – Fome. Cf. O espanhol Hambre
AMBRÓÓ – Ao longo; ao comprido.
AMEAÇA – Vontade, desejo ou tenção manifestada por obras ou palavras, que o vassalo ou colono tinha de passar a outro senhor, qualquer que escolhesse, deixando o primeiro. Na tradução do foral de Tomar de 1162, se diz: *Antre vós, nom seja nenhuma ameaça: e se algum dos vossos quizer hir a outro senhorio ou a outra terra, haja poder de doar, ou de vender o seu herdamento a quem quizer, que en elle more, e seja nosso homem assim come huum de vós.*
AMEAÇAMENTO – Ameaça; cominação.
AMÊDA– A+meda; montão cónico de feixes de cereais, palha, colmo, caruma – lugar onde há medas, medeiro. (TMC)
AMÊDO – A+Mêdo; terror, susto, receio, terror; apreensão; fantasma; almado outro mundo; assombramento; cagaço; cagueira; cerol; grima; horror; pânico; pavor; receio. (TMC)
AMEIREDO – de ameigo; ameigamento; fazer carinhos; meiguices; acarinhar; afagar. (TMC)
AMEIRINHOS – Diminutivo de amieiro; árvore da família das Betuláceas, frequente em terras húmidas, cuja madeira é aproveitada para construção e a casca para preparar curtumes. (TMC).
AMEITAI/AMETAI – A metade de qualquer coisa.
AMIÃO – Peça do centro da roda do carro de bois. (VB)
AMELANDINHA – Bondosa. (VB)
AMENTA/EMMENTA/AMENTAS – O salário que se dá ao pároco por encomendar a Deus as almas de alguns particulares defuntos.
AMENTAR – Voz pastoril; o mesmo que enfeitiçar ou encantar, chamando, por encanto, os lobos para destruir o rebanho do seu vizinho. Também – O mesmo que trazer à lembrança ou ao entendimento. Isto é; não fale em mim; nem pela imaginação lhe passe o lembrar-se de mim.
AMENTRE/AMENTRÉ – Adv. Enquanto.
AMERCEAMENTO – Comutação de pena corporal; Comiseração; Compaixão; piedade; Benignidade; benevolência.
AMERCEAR – Regular a pena ou multa com menos rigor do que pedia a qualidade do delito.
AMENSINHAVEL – Tudo o que é saudável ou para o corpo ou para a alma.
AMESQUILHAR-SE - Humilhar-se; encolher-se; abaixando a voz com demasiada submissão.
AMIÃO – Peça do centro da roda do carro de bois. (VB)
AMICIDADE/AMICITIA/AMIZDAD – Amizade, boa correspondência.
AMINISTRAR – Fornecer, proporcionar.
AMIRGULHAT – Mergulhar (NAP)
AMITO – Veste litúrgica. Lenço de linho cobrindo a cabeça e os ombros do padre oficiante.
AMIZIDADE – Amizade (NAP)
AMO – Aio; Mestre; Director; condutor que tem a seu cargo a boa educação e instrução de um menino nobre e honrado. – Antigamente chamavam os fidalgos seus amos

àqueles que lhes tinham criado os filhos. – O lavrador e sua mulher que criam de leite até aos três anos os filhos dos nobres.
AMOEDAR – Recolher moeda; A raridade dos metais preciosos obrigava a amoedar objectos já fabricados; O rei de Castela mandou cortar à tesoura a sua baixela de prata para pagar soldos. Segundo uma tradição registada pelos cronistas do século XVI, mandou igualmente reduzir a moeda um retábulo de prata esmaltada pertencente ao mosteiro de Guadalupe que pesava 4000 marcos e a esse confisco atribuía a lenda os desastres com Portugal. (HS).
AMOSTAMENTO – Admoestação; Instigação; Impulso; Persuasão.
AMOLAÇÃO – Problema; aborrecimento; chatice. (VB)
AMOLAR – Na baixa latinidade se disse Amola e Amula por vaso de vinho e hama por pipa ou túnel. Também; aborrecer, maçar, chatear, tramar, molestar. (VB)
AMOLENTAR – Abrandar; enternecer; enfraquecer; relaxar. Forma prostética de Molentar, de mole do latim molle; mole tenro; flexível; delicado; brando; macio; sem aspereza; fraco de temperamento; tímido; sensível; efeminado; impudico; obsceno; suave; agradável aos sentidos; de temperatura amena; macio; agradável; terno; afectuoso; mudável.
AMOLHOAR – Dividir ou divisar com marcos ou balizas; estremar; demarcar.
AMONTADO – Que anda a monte, fugido. (VB)
AMONTAR – Caber; importar; cair; acontecer na sorte; herança ou legítima. Hoje dizemos montar.
AMOOAR/AMORAR – Retirar; apartar; encobrir; sonegar.
AMOR – Benefício; favor; graça; mercê.
AMORADO – Refugiado; ausente; posto a monte; escondido; retirado por causa de algum crime, pelo qual a justiça o persegue.
AMORAR – Espantar; apartar; fazer retirar ao longe.
AMORETE – Certo pano. - Também; adj. De amora com a mesma formação de clarete, palhete (cor de palha). Amorete – emprega-se hoje para designar o nome duma certa casta de uva de cor vermelho-escuro, arroxeada.
AMORIO – Benevolência; amor; afecto; inclinação. (é dos princípios da monarquia).
AMORTIVIGAR/AMORTIVIGAR/AMORTIFICAR/AMORTIGUAR – Cassar; consumir; romper um papel de sorte que se não possa ler.
AMORTIZAR – Fazer livres e isentas algumas certas e demarcadas fazendas de todos os encargos e direitos que antes pagavam.
AMOSTRAÇAM – Admoestação canónica que deve preceder a sentença de excomungação.
AMOTAR – Fazer motas; valos ou tapumes para resguardo de uma fazenda, segundo os vários usos das terras.
AMOUCO – Ahmaco (PA); louco, demente, tolo.
AMPROM – Adiante, em direitura, ao longo.
AMURUJAR – Cobrir d'água; limar o prédio, o campo.
AMOROSO – Macio, suave ao tacto.
AMOS – Ambos.
AMOSTRAR – Mostrar.
AMOXARIFADO – Do Árabe al-muxrif. Cargo do Almoxarife, funcionário régio para questões predominantemente fiscais. (BV).

AMU – aquele que chefia, que dá as ordens; amo, senhor, patrão; tratamento cerimonioso para pessoas de consideração. (DH).
ANÁBATRO – Conjunto de bancadas nos anfiteatro, teatros e circos da Grécia e de Roma.
ANACHORETA – O que vive retirado; religioso que vivia na solidão, especialmente no deserto.
ANAÇOADO – Amável; humilde. (VB)
ANADARIA/ANADALLARIA – Distrito em que o capitão dos besteiros tinha jurisdição. Também; Prestação pecuniária ou em géneros para remuneração do anadel ou chefe dos besteiros. (HS)
ANADEL/ANADELL – Assim se chamava o capitão dos besteiros; Maioral; Chefe; Espingardeiro. Também; (Annadem ou Anhadel); Capitão dos Besteiros. A quem competia a nomeação dos besteiros do conto, a sua inscrição na lista do recenseamento, a sua convocação e instrução. Anadel do mar; Anadel-mor; dos Besteiros de cavalo. (CM). Também; ANADEL – chefe, comandante de uma companhia de besteiros ou de espingardeiros. (DH)
ANADELARIA – imposto pago ao anadel; posto de anadel; área em que o anadel exercia a sua autoridade. (DH).
ANADEL-MOR – Autoridade militar de quem dependiam os anadéis de todo o país, isto é, os chefes dos grupos de besteiros.
ANAFADO – Bruto, que não só é gordo, mas tem o pêlo igual, assente, nédio e luzidio.
ANÁFORA (MF)
Fundamental para a liturgia, consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de vários versos, frases ou parágrafos. "Que soomente podesem trazer pano de linho.... Que ouvessem por abito da rreligiam ho scapalayro. Que dormissem vestidos e cintos*"E ho freire clérigo que nomfor de missa reze hua vez ho saltério. E ho freire leigo presente reze polas três missas cento e cinquoenta vezes o oater noster e sendo ausente cinquoenta vezes ho pater noster.... E ho freire clérigo ausente que nomfor de missa reze cinquoenta salmos. "*
ANAS – Rio Guadiana, actualmente.
ANASAL – parte do elmo que protegia o nariz. (DH).
ANCANCELAR – Fechar os rebanhos com candelas para estrumar o terreno. (VB)
ANCESTRAL –relativo ou próprio dos antepassados ou antecessores; que vem dos avós ou dos antepassados; avito, muito antigo ou velho; remoto; familiar antepassado, antecessor; avoengo; a ascendência ('linha das gerações anteriores'). (DH).
ANCIL – escudo sagrado de bronze, de forma oval, que os antigos romanos guardavam no templo de Marte, sob custódia dos sálios. escudo pequeno; broquel. (DH)
ANDADOR – Do Latim ambitare, andar em redor. Oficial da justiça Municipal idêntico ao de porteiro. São geralmente, os responsáveis pela execução de penhoras. (BV).
ANDAREGO/ANDARENGO – Que anda ligeiro. (VB).
ANDAS – Liteira (NAP)
ANDAUTONIENSE - relativo a Andautônio, cidade da Panônia, antiga região da Europa entre o Danúbio, a Nórica, a Ilíria e a Mésia (atual Hungria principalmente, estendendo-se à Áustria, Eslovênia, Croácia e Voivodina) ou o seu natural ou habitante. (DH)
ANDES – Andas, espécie de liteira. (HS).
ADAIME – Addeáme (PA); Armação de madeira de que usam os pedreiros e carpinteiros nas obras.
ANDOA – tipo de barro azulado extraído das margens da ria de Aveiro. (DH).

ANDOR – Andul (PA); Voz Pérsica, Espécie de liteira ou ándas que é levado por quatro homens em que costumam as pessoas grandes transportar-se.
ANEIXA – Propícia, oportuna. (VB)
ANEPÍGRAFO – que perdeu ou não tem título ou inscrição (diz-se de moeda, medalha, monumento, baixo-relevo antigo etc.); anepigráfico. (DH).
ANFIÃO – ânfiún (PA); Composição de suco das papoilas brancas, vulgarmente chamada opio. Os Asiáticos e Africanos usam muito o anfião. Os efeitos que opera nas pessoas que o tomam são diversos; em uns, causa muita alegria; em outros muita tristeza; e às vezes lhes provoca o choro. Em outros finalmente causa elevação considerando-se como soberanos e poderosos.
ANAFIL – Espécie de Trombeta, instrumento musical de metal, de que os Mouros usam na guerra, para excitar os ânimos dos combatentes.
ANAFRAGAR – Morrer ou, por outro qualquer modo, impossibilitar-se para servir. No foral de Tomar de 1162; E se a algum dos cavaleiros morrer o cavalo e não poder aver onde compre outro nos lho daremos e se lho non dermos este honradamente atee que possa aver onde compre outro.
ANAGLIFO – 1) Obra esculpida em baixo-relevo. 2) Jogo de sombras que dá a impressão de relevo.
ANCESTRAL –relativo ou próprio dos antepassados ou antecessores; que vem dos avós ou dos antepassados; avito, muito antigo ou velho; remoto; familiar antepassado, antecessor; avoengo; a ascendência ('linha das gerações anteriores'). (DH)
ANCIL – escudo sagrado de bronze, de forma oval, que os antigos romanos guardavam no templo de Marte, sob custódia dos sálios. escudo pequeno; broquel. (DH
ANCONAS – 1) Consolas de cada lado de uma porta, suportando uma cornija. 2) Projeções deixadas em blocos de pedra, como os tambores de uma coluna, para os suspender na sua posição.
ANCORIFORME – Artefacto ideotécnico do Bronze Final/Primeira Idade do Ferro, chamado Ancoriforme, anteriormente conhecidos apenas em representações iconográficas do Bronze Médio do sítio de habitat da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros). A análise química não destrutiva provou ser feito de uma liga de bronze ternária, integrável na importante colecção de artefactos metálicos da Fraga dos Corvos a qual constitui talvez o mais importante conjunto artefactual do Bronze Final/Primeira Idade do Ferro com filiações meridionais actualmente conhecido no Norte de Portugal. (retirado do artigo “Uma materialização de um símbolo iconográfico: a representação metálica de um “ancoriforme”, no prelo, de autoria de João Carlos Senna-Martinez)

Ancoriforme recuperado na Fraga dos Corvos,
Macedo de Cavaleiros, espólio da Associação Terras Quentes.

ANDAÇO – Mal contagioso; epidemia, que acomete geralmente os homens ou os animais.
ANDADA – Ida; viagem; passeio.

ANDADO – O mesmo que passado ou que tinha decorrido quando se falava do tempo, dias e anos. No século XIII; XIV e XV era mui frequente contar os dias dos meses até 15 andados e daí até ao fim por andados.
ANDADOR – A este pertencia guardar os presos nas cadeias públicas e servir em outros ministérios enfadonhos do concelho. Também; ANDADOR – Do latim *ambitare,* andar em redor. Oficial da Justiça municipal idêntico ao de porteiro. São, geralmente, os responsáveis pela execução de penhoras. (BV)
ANDADOS – Decorridos. Carta de escambo entre Outeiro de Muas e Gostei e Castanheira.
ANDAIEM/ANDAJEM – Casa de um só andar.
ANDANÇA – Felicidade, dita, fortuna (século XV)
ANDANTE (BEM) – O mesmo que feliz; ditoso; afortunado.
ANDAR (À ESPADA) – Matar ou morrer às estocadas; passar tudo a cutelo.
ANDAREGO/ANDARENGO – Que anda ligeiro. (VB).
ANDAUTONIENSE - relativo a Andautônio, cidade da Panônia, antiga região da Europa entre o Danúbio, a Nórica, a Ilíria e a Mésia (atual Hungria principalmente, estendendo-se à Áustria, Eslovênia, Croácia e Voivodina) ou o seu natural ou habitante. (DH)
ANDEIRO (CONDE) – "… e o Mestre matou o conde andeiro seis dias dezembro, era já escrita de quatrocentos e vinte e um; - Data da era de César, correspondente ao ano de 1383 da era de Cristo, que só em 1421 foi adoptado em Portugal. Estadista ao serviço de Portugal, proeminente das negociações deste país com a Inglaterra. Galego por nascimento, apoiou a pretensão de D. Fernando I de Portugal ao trono de Castela, depois da morte de Pedro I de Castela pelo seu irmão bastardo Henrique, que então se tornou rei com o nome de Henrique III, em 1369. Os reveses militares portugueses obrigaram o Andeiro a procurar refúgio na Inglaterra em 1371, depois do que apoiou João de Gaunt, duque de Lencastre como candidato ao trono, de Castela. Agiu como intermediário entre as cortes Portuguesas e Inglesa durante as negociações diplomáticas de 1372 e 1373 e, quando as relações anglo-portuguesas foram retomadas em 1380. Regressou a Portugal em 1381, com a esquadra inglesa sob o comendo de Edmundo de Langley (depois duque de York) e foi feito conde de Ourém pela sua participação no contrato de casamento de D. Beatriz filha de D. Fernando com D. Juan de Castela, e pelas suas relações escandalosas com D. Leonor Teles, viúva de D. Fernando Andeiro foi morto pelo Mestre de Avis (depois D. João I de Portugal) em 6 de dezembro de 1383. (FL)
ANDERE/ANDREL/ANDREU – André, nome de homem.
ANDOA – tipo de barro azulado extraído das margens da ria de Aveiro. (DH).
ANDROCÉFALO – Termo que se emprega quando se fala de estátuas de animais com cabeça de homem, com os touros. A. Dos Assírios. (AA).
ANDURRIAES – Lugares públicos e de pouco asseio, mas trilhados por muita gente.
ANÉGIA – Cidade; território; concelho ou comarca dos Aregenses que se incluía entre os rios Alarda e Paiva, correndo desde as serras de Arouca até abranger algumas porções de terreno no julgado de Penafiel e à direita do rio Douro.
ANEIXA – Propícia, oportuna. (VB)
ANEPÍGRAFO – Medalha ou baixo-relevo sem título ou inscrição. Também; que perdeu ou não tem título ou inscrição (diz-se de moeda, medalha, monumento, baixo-relevo antigo etc.); anepigráfico. (DH).
ANFESTO – Para cima, andando indo ou correndo para cima.

ANFÍLOCOS – Cidade que Estrabão situa na Galícia, confiam com a ibéria na parte oeste dos Pirenéus. (ET)
ANGARIAR – Obrigar ou violentar alguém a quaisquer serviços.
ANGÁRIA/ANGUEIRA/PARANGARIA. Aluguer de bestas ou outros quaisquer animais de carga e tiro.
ANGEO – Anjo.
ANHOTO – Ronceiro; vagaroso e, por qualquer modo, impedido para caminhar e fazer viagem.
ANIADEIRO – Menino, criança. (VB)
ANICÓNICO – 1) O período primitivo anterior à criação de imagens esculpidas, em que se adoravam ídolos em troncos de árvore. 2) Diz-se de uma civilização que não cria imagens. Ex. Hebreus, mas também Visigodos ou os muçulmanos. (AA)
ANILHAÇAR – Prender com anilhos. Estatutos antigos da Sé da Guarda.
ANINIA – Pele de cordeiro que, antigamente se chamava aninho e, ainda hoje se diz anho.
ANNAL- Dia de aniversário da morte de alguém; Anual.
ANNASSIA/ANNATA – O mesmo que Annata, não a que se paga dos benefícios consistoriais, que é um rendimento de primeiro ano, mas sim certo direito ou imposto que anualmente se pagava ao senhorio da terra.
ANNEISAM – União, incorporação, anexação.
ANNICIO/ANNIZIO/ANNUNCIO/AGNICIO – Assim se chamaram aqueles instrumentos, doações, sentenças etc.
ANNIVERSARIA – O mesmo que aniversário; comemoração anual em certo dia.
ANNOS – O Agnus dei da missa.
ANNOVAMENTO – Nova determinação ou contrato, que deve guardar-se e não o antigo ou que primeiramente se fez.
ANNUNCIAÇÃO – O vocábulo regista-se no século XVI com o sentido de aviso; revelação; prognóstico; Nova; noticia.
ANOJAR – Causar nojo; aborrecimento; desgostar.
ANORMOLO – O que tem irregularidade, exorbita e discrepa da natureza e qualidades das outras cousas.
ANPRÓÓM – Ao longo, adiante.
ANRRIQUES – Moeda de Castela de que veio muita a Portugal; ao princípio eram de receber, depois os falsificaram e, por isso, deram ocasião a se fazer particular regimento no de 1471 sobre os seus quilates e modo com que haviam de entrar na arca do Cambo. (FL)
ANTA – Marco ou Marcos grandes, levantados ao alto, penedias, terras ou sítios que ficavam na dianteira; à face e como à frente de algum castelo ou povoação distinta. Como topónimo regista-se a partir do século XI. Antas ou dolmens são monumentos funerários pré-históricos.
ANTAS – O mesmo que Aras, sobre que os primeiros Cristãos queimavam as primícias, ou sobre os Gentios faziam os seus infandos sacrifícios
ANTANHO – Antão, nome de homem. (Leia-se Antánio, variante de António, do Latim Antônius. De António proveio o arcaico Antom, que deu Antão.
ANTE – Diante, perante, na presença. É muito usado no século XIII. – Adv. Antes, de preferência, pelo contrário.

ANTEMURO – Obra exterior de fortificação. Baluarte. Parapeito de fortaleza. Barbacã. (AA)
ANTIFAAL – Livro das antífonas a que dizemos antifonal.
ANTONHIO – António, nome de homem. – Forma popular Antónho.
ANTRECAMBAMENTO – Câmbio, Troca, Alternativa.
ANTRELIADO – Papel ou escritura que tem entrelinhas.
ANTRELIAR – Escrever alguma cousa entre linha e linha, ou regre e regra, e que sem as acostumadas ressalvas, pode fazer suspeita de falsidade, dolo ou fraude.
ANTRELINHADURA – Lugar, onde entre regra e regra se escreve o que tinha naturalmente esquecido.
ANTRE LOBO E CAM – Ao crepúsculo (NAP
ANTRELUIADO – Alvará livro ou carta que tenha entrelinhas e, por isso mesmo, suspeitosa.
ANTREPOIMENTO – Interposição, tempo ou cousa que se mete de permeio.
ANUÇAR – Renunciar todo e qualquer direito que alguém tenha ou possa ter.
ANUDIVA – O mesmo que adûa.
ANÚDUVA (Regime de) – Obrigação de colaborar nas obras levadas a efeito nas fortalezas, (castelos e outras) que constituíam as linhas de detenção (defesa) que corriam praticamente ao longo de toda a fronteira terrestre de Portugal – espécie de imposto que obrigavam a população de determinado lugar de trabalhar graciosamente para essas obras de beneficência das estruturas defensivas do País.
ANZOLO - Anzol
AONA – O mesmo que Adua.
AO NOVO – Por altura das colheitas. (BV)
AO SOPÉ – Adv. Para baixo, correndo ao fundo. Diz-se de uma terra ladeirosa.
APALANCAR – Fortificar (NAP)
APALEAR – Dar com um pau, bater com pau.
APARENTALADO – Aparentado; conjunto; da mesma geração de linhagem.
APARIÇO – O mesmo que abril ou abrir. Nome próprio de homem que em latim se dizia Aprilis. Latim Aprilis nome de um Mês Abril.
APARIÇOM – Dia da aparição – Dia de Reis; dia da Epifania.
APARTAMENTO – Peça, quarto; porção de algum edifício, lanço ou sala. Também se entende; Cerca; muro; fortaleza; Torres; castelos e quaisquer outras obras de fortificações e arquitectura militar. Também de entende: Divórcio, separação que um consorte faz do outro com quem se tinha casado.
APASCOAMENTO – Pastagem, lugar destinado para pastos de gados.
APEÇONHENTAR – Encher de peçonha, de peste, de maldade; cheio, cheios de peçonha, física ou moralmente falando.
APEDRADO – Apedrejado e apedrejada. – Regista-se no século XVI com o sentido de "guarnecido de pedraria, de enfeites ricos a ouro, prata, etc.). Ver foral Tomar 1174.
APEIRO – Hoje está contraída esta palavra a significar todas as peças de jugo ou canga dos bois ou vacas e todo o aparatado de lavoura e abegoaria como carros, charruas, arados, grades, segas, etc.
APELIDO - Brado de socorro, toque a rebate. Também; apelo, chamamento
APENDOADAS – Engalanadas, ornadas com pendões.
APETRAR – Apodrecer (falando-se de fruta)
APILARADO – Perfeito, apurado, janota.

APÓCRIFO – diz-se de ou obra religiosa destituída de autoridade canônica; diz-se de ou obra mantida na clandestinidade (por exemplo, o *Livro das Sabinas*, entre os romanos); diz-se de ou obra falsamente atribuída a um autor ou de cuja autoria se tenha dúvida (p.ex., várias poesias atribuídas a Luís de Camões [1525? -1580] são apócrifas, por seus editores haverem introduzido em sua lírica textos de outros poetas coevos). (DH).
APODAR – Determinar o preço. "Mais três bestas que foram apodadas a VIIII morabitinos. Doc. de S. Simão da Junqueira de 1329 (VT)
APÓFIGE – perfil côncavo que serve para ligar o *fuste* da coluna às molduras ressaltadas da base ou do capitel. (DH).
APORFIAR – Porfiar; Teimar; Rivalizar.
APESAR QUE QUEM PESAR – Doa a quem doer.
APESSOADO (MUY) – De boa estatura.
APORREADO – Espancado, ferido, batido.
APOSTAMENTO – Porte, atitude.
APOSTILA/APOSTELIA/APOSTILHA/APOSTELIA – Expor; adicionar; explanar; interpretar, algum texto ou sentença. Também; nota breve que se acrescenta geralmente à margem de uma obra, para esclarecê-la ou complementá-la; livro em que se reuniram anotações feitas em outras obras. (DH)
APOSTO – Ornado; Limpo; Asseado; grave; Decente. – Também; airoso, bem feito de corpo, com compostura; composto; grave.
APOSTOLADO – Juiz delegado; comissário, mandado ou enviado pelo príncipe a um certo negócio ou diligência.
APOSTOLAR – Pregar com espírito verdadeiramente apostólico; Fazer missão; falar ao coração, que não só aos ouvidos; propor com toda a eficácia as verdades sólidas do evangelho de Jesus Cristo. É do século XIII.
APOSTÓLICO – O livro das epístolas de S. Paulo.
APOSTOLIGO – O Sumo Pontífice, sucessor de S. Pedro e vigário de Cristo na Terra.
APÓSTOLO – Cada um dos doze discípulos de Jesus Cristo; aqui refere-se a Sant'Iago, que foi um dos apóstolos.
APOSTOLOS – Entre os Hebreus, ainda antes da vinda de Cristo, se chamaram apóstolos os que arrecadavam as contribuições para os concertos e reparos do templo e ao que, com jurisdição delegada, zelavam a observância da Lei de Moisés que, por isso, S. Paulo, na sua epístola aos da Galácia protesta que é Apostolo, não instituído pelos homens, mas sim por Jesus Cristo.
APOUQUENTAR – Reduzir a pouco; decair; humilhar; Abater.
APOUSENTAMENTO – Aposento; casa; morada;
APOXIÓMENO – Estátua célebre de Lisipo que representa um atleta que raspa a pele depois da luta. Mais esbelto que o Dorífero de Policleto. O apoximénio enriquece a escultura grega de um novo cânone ideal das proporções do corpo humano.
APPELLAÇAM/APELAÇÃO – Nome que faz distinguir uma cousa ou pessoa da outra: - Nome, palavra, denominação; pronuncia; pronunciação; Apelo; Apelação; Recurso judicial.
APRASMO – Vontade livre de consentimento, intercessão; mercê, favor.
APRAZIVEL – Dado ou concedido a prazer e consentimento das partes.
APRECIADURA – Finta ou coima; Conversação certa e determinada; Assento; Postura da Câmara ou postura.
APRES – Junto; Aperto de mão

APRESSAR ALGUÉM – Afligir; Angustiar; Causar peso; oprimir e tudo o que é oposto a desapressar alguém.
APRÉSSO – Apreendido ou sabido.
APRESSURADO – (ocupado) - O Rei refere-se a João Rodrigues de SÁ (o Sá das galés) Cavaleiro mui pronto é dos poucos nobres que D. João I elogia sem qualquer restrição, veio a ser camareiro-mor de D. João, alcaide do Porto, esteve no cerco a Guimarães, foi à Santa Sé resolver o casamento de D. João com Filipa de Lencastre e esteve em Ceuta, depois de mil ferimentos. (HS)
APRESTAÇÔENS – Tudo o que pode ser útil e prestadio para a vida, regalo e conveniência do homem
APRESTAMADO – Assalariado; que tem soldo ou mantimento certo e consignado em frutos ou dinheiro.
APRESTAMO – Consignação de certa quantia de frutos ou dinheiro, impostas em algum terreno ou cousa rendosa e destinada para sustento e manutenção de alguma pessoa, ou pessoas.
APRESURIA/APRESÚRIA – Acção de apertar; pressão; espremedura; Esguicho; Jorro; peso; cargo Tribulação; Aflição; Desgraça.
APRIZOAR – Prender; Tirar a liberdade; meter em ferros; pôr em prisão.
APRODEIRO – Apto; Capaz; A propósito; Conveniente; Proveitoso.
APROFEITAR – Fazer benfeitorias; Aproveitar; Reduzir a cultura uma herdade ou casal.
APROUGUER – Futuro do conjuntivo de aprazer (LV)
APTÉRIO –na Grécia antiga, edifício desprovido de colunas; área, na pele das aves, desprovida de penas; aptério. (DH).
APUPOS – "Muito prestes com grandes apupos" – Gritaria, aclamações.
APURAÇÃO – Acto de escolha e selecção dentre os que são propostos para algum ofício, emprego ou ministério.
APURADOR – O que se ocupa em alimpar as pautas; apurar, escolher e separar os mais dignos e capazes para algum emprego ou ministério. Também; recrutador; o que escolhia ou separava gente para a guerra, besteiros, galeotes, homens do mar etc. Viterbo. (CM)
APURAR – Alistar; Arrolar; Pôr na lista ou pauta.
AQÓ – Adv. Aqui, Cá; Neste lugar.
AQUADRELAMENTO/AQUADRELAR – Rol; Conta; Anumeração; Resultado da conta.
AQUAECER – O mesmo que acontecer, caber, vir ou pertencer; Falando-se de Partilhas de uma herança.
AQUECER – Suceder alguma coisa; Acontecer. É do século XIV.
AQUECIMENTO – Sucesso; Acontecimento; Caso; Cousa que sucedeu; Facto; evento; Acaso.
AQUEECEROM – "falando das cousas que se no combato aqueecerom" – Tinham sucedido. (FL)
AQUEECIMENTO – Sucessos, acontecimentos. Esta forma foi substituída por acontecer, suceder, devido à confusão com aquecer.
AQUESTO – Aquilo.
AQUITÂNIA – Território da Gália confinam com a Ibéria na parte oeste dos Pirenéus.
AQUIXAR-SE – Queixar-se
AQUEJAR/AQUEIXAR-SE/QUEIXAR – Apressar. Talvez por influência do castelhano; Afligir; Magoar; Fatigar; pôr em aperto; pôr em perigo.

AQUEME – Governador; Regente; Maioral – Entre os Judeus era o mesmo que o seu Rabbi. (VT) Também; regedor ou justiça mayor entre os Mouros com alçada até morte, em uma só audiência e nelas se diz que cada vez despeja as prisões. Dai viria o provérbio justiça dos mouros da accelerada. (AM)
AQUESTE: Adj. E pron. Este.
AQUENTEJÀNOS – Povos d'aquem do tejo. (AM).
AQUINHOADOR – O que faz quinhões, sortes, partilhas. O que dá premio a vários e louvor a diversos, segundo os seus merecimentos. (AM)
AQUISTO: Isto. Também se acha aquesto no mesmo sentido, mas é mais espanhol que português.
AQUJAR – Perguntar com instância; inquirir curiosamente cujo é isto ou aquilo? Cujo é este menino? De quem é. Termo antigo que, ainda hoje, não é inteiramente desusado.
AQUOGOMBRÁDO – É um pouco aquogombrado, desalmado. (AM)
ARA – Pedra benta, embutida no meio da mesa do altar, sobre a qual o sacerdote oficia. Também; Uma Ara é uma pedra aparelhada, de forma geralmente prismática, com uma inscrição em que o dedicante agradece a uma certa divindade algum benefício ou graça concedida. In, https://pt.wikipedia.org/wiki/Ara_votiva.

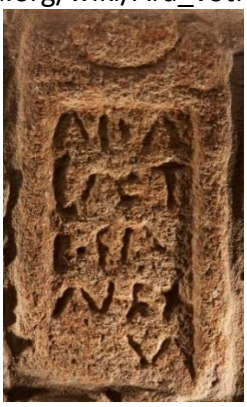


Foto ATQ - Ara votiva encontrada embutida numa empena interior
de numa casa particular em Pinhovelo, Macedo Cavaleiros

ARABESCAS – Mulheres Árabes
ARABI – Senhor, mestre ou sábio da lei. Vem do hebraico rabbi que se interpreta mestre.
ARABIADO – Ou rabiado-mor dos Judeus. Dignidade que, entre eles, correspondia a mestrado ou pontificado das suas sinagogas.
ARABIZAÇÃO/ISLAMIZAÇÃO – A arabização e a islamização do sul de Portugal começaram logo nos primeiros tempos, levada a cabo pelos árabes iemenitas Yahsubi que sob a direcção do chefe do clã Abu al-Sabbah al-Yashubi, se estabeleceram em Beja e no Algarve. Nos finais do século IX as conversões andariam por cerca de ¼ da população Hispano-romana. Em 912 ainda a população cristã seria maioritária, mas a partir do século X inicia-se um período explosivo que leva à conversão da maioria dos hispanos. Por volta do ano 1100, 80% da população do Andaluz seria islâmica, cabendo os restantes 20% às minorias cristãs e judaicas. Em 1120 os Almorávidas deportaram milhares de cristãs para o Norte de África; em 1145 os almóadas fizeram o mesmo aos judeus. Em meados do século IX, o mártir Eulógio de Córdova verificava com inquietação que o árabe estava a destronar o latim. (BD).

ARCABUZ – antiga arma de fogo, portátil, de cano curto e largo, que em sua origem era disparada quando apoiada numa forquilha; espingardão [Criada no séc. XV, mais tarde foi suplantada pelo mosquete.]; mulher alta e magra. (DH).
ARACHNOIDE – Uma membrana do olho; diz-se assim, por ser muito semelhante à teia de aranha. (AM).
ARCAL – Sítio referenciado pelo Abade Baçal, (vol. IX, p. 571) como de interesse arqueológico, não constando, todavia, nas fichas de registo de cadastro da freguesia de Morais; derivado de arca; abraço; amplexo; anca, anta; baú; burra; caixão; cofre; costa do; depósito; frasqueira; lado; peito; reservatório; tanque; tesouro; ucha; urna; pl. Alas. (TMC).
ARCAS – topónimo referente á freguesia do concelho de Macedo de Cavaleiros; pl. de arca; abraço; amplexo; anca; anta; ataúde; baú, burra; caixão; cofre; costado; depósito; frasqueira; lado; peito; reservatório; tanque; tesouraria; tesouro; tórax; ucha; urna; pl. Alas. (TMC).
ARCHA – antiga arma dos archeiros, em forma de machado e uso semelhante à alabarda. (DH).
ARCHEIRO –guarda de palácio que usava a archa como arma; arremessador de archa; frecheiro, arqueiro. (DH).
ARCHOTE –corda de esparto, untada de breu, que se acende para iluminar um lugar ou caminho; tocha, facho; grande vela de cera; tocha; copo grande, com vinho; chicote ('extremidade') de cabo, com volta, preso na parte que suporta esforço do próprio cabo. (DH)
ARCÍFERO -que está armado de arco; que traz arco. (DH)
ARÁDEGA – Um tributo de 6 fangas de trigo que se paga aos Padres de Alcobaça.
ARADOIRA – Dia de Lavoura; Jeira ou vessada de um dia. Doc. 1317
ARADOIRO – Arado; Charrua ou ferro de arado a que chamam relha na Província da Beira Baixa e Trás-os-Montes.
ARAL – Terra inculta, reduzida a cultura roteada. Doc. 1326 – Lavrar, cultivar; Sulcar; cultivar os campos; Dar-se a trabalhos agrícolas. Doc. 1116.
ARALHA – Novilha de dois anos. (AM)
ARAME – Dinheiro, em linguagem popular de todo o país.
ARAMIO – Arada ou terra que se lavra num dia.
ARAMPEÇO – Problema imprevisto, contrariedade. (MC)
ARÀNEA – Túnica das que compõem o bugalho do olho. Tratado de anatomia; contem o humor christallino.
ARANDELA – Guarda-mão ou defensa, que se crava nas lanças e massas da feição de um funil a qual lhe cobre o punho; também; são peças que se juntam por baixo da peça do castiçal, onde se fixa a vella para aparar o que della cai ou se derrete. Espécie de colar e punhos com pregas; babados, Galvão. (AM)
ARANHOL – Armadilha de caçar aves, com feição de teya de aranha. (AM)
ARÃO – Herva, aliás Jarro Curvo. (AM)
ARAUTO – Intérprete; Internúncio que, antigamente em tempos de guerra, levava recados de um rei ou de um exército a outro. O cargo de arauto foi criado no reinado de D. João I, por influência inglesa – Competia aos arautos realizarem missões públicas e secretas entre os reis, tratando e declarando a paz e a guerra. (Do Franco "Hérialt")
ARAVALDE/RAVALDE/ARAVALIDE/ARRAVALDE – Arrabalde (NAP)
ARAVIA – Linguagem embaraçada, que não se entende. Vasconço, Geringonça. (AM)

ARAVOR – Nas fraldas e ao nascente da penhascosa e alcantilada. Marialva onde o seu dilatado e rendoso campo principia, e no sítio em que hoje vemos o lugar de Devesa existiu, no tempo dos romanos a cidade de Aravor.
ARBIM – Vestido rústico, grosseiro, que se trazia de luto, camponês. É do princípio da Monarquia. (AM)
ARBIS – "Arbis de espadas, chaves, topes", Panno grosseiro de que se faziam Lios e envoltórios de espada. (AM)
ARBITRÍSTA – Alvitreiro o que dá alvitres, planos, projectos em materiais de governo e política sobre arrecadações das rendas ou contos, imposição de tributos.
ARCA – Mamoa. Do latim arca; marco especial, usado nos campos e formado de quatro paredes à maneira de guardas de poço, que os agrimensores edificavam nos quadrifínios. Como os Dolmens também serviam de marcos o povo aplicou por metáfora, o termo arcas aos dolmens. Também: Sofre; caixa; tesouro; armário; Caixão; ataúde; sarcófago; Cárcere; Limite; Tabique; Tapume; Cano dum telhado.
ARCABOIÇO/ARCABOUÇO – A ossada ou arca do peito, em que se contém as partes vitais, como os bofes, o coração etc.
ARCABUZ – Mulher alta e magra – Viana do Castelo (LV). Também; Arma de fogo que tem a arca do cano mais larga que as espingardas. Também (PA) arma de fogo. Os Mauritanos chamam assim às pistolas.
ARCAZ – Arca grande, com gavetões. Usa-se comummente nas sacristias grandes.
ARCER – Arder; queimar-se; Abrasar-se. Também: Estar em brasa; brilhar; cintilar; sofrer; estar doente de; desejar ardentemente; morrer; estar ansioso por; estar apaixonado; estar abrasado em amor.
ÁRCHA – Arma dos archeiros; é um manchil de carneiro largo e longo de dois pés posto numa haste de que usarão as guardas do Paço, que dantes usavam de arco e frechas, como os besteiros da Camara. Os mesmos archeiros usam alabardas agora e já se chamam alabardeiros. Puas, pontas como as das frechas e setas usadas dos archeiros – Fig. Armou a rosa de agudas archas – (AM)
ARCHEIRO – s.m. (o ch como x). Homem de alabarda da guarda real. – que usa de arco – Os archeiros vierão d'Inglaterra do Inglez Archer, que dispara tiros de arcos – Pina chama archeiros (do Inglez Archer) e frecheiros, aos nomeados depois dos besteiros; por onde archa de roseira parece mais frecha, pua, como a que o arco do archeiro dispara. (AM)

Foto: ATQ; Museu Martim Gonçalves de Macedo

ARCHETA – Mealheiro ou caixa para receber esmolas. (AM)
ARCHETES – Ornatos em forma de arco.
ARCHIACÓLITO – O primeiro acolito. (AM)
ARCHIBANCO – Banco grande com vãos para guardar alguma coisa, cobertos com as taboas do assento. Arca, banco. (AM)
ARCHICADEIRA – A principal cadeira.
ARCHOTE – Feixe de esparto banhado em pez que se acende para alumiar o caminho torcido como corda grossa, facho breyado. (AM).
ARCO – s, m. Bésta,ou peça de madeira, marfim ou pontas de certos animais, ferro, aço, dotadas de elasticidade, com uma corda de ponta a ponta, na qual se embebe o cabo da seta que puxamos contra o nosso peito; com isso se curva o arco e solta a frecha, ao restituir-se o arco comunica o seu impulso à corda e esta á seta, de que se faz tiro. – Os arcos inteiros, ou círculos de pão ou ferro, com que se aperta a aduela das pipas, etc. – Porção de círculo com a sua corda em Geometria – Arco Iris, da Iris celeste ou da velha; arco de várias cores que se vê nos ares em tempo chuvoso, defronte ao sol. – Obra de architectura com volta e feição de arco e abobada de pedra, tijolo, também os há de madeira. Os arcos das águas livres em Lisboa, de ponte de porta etc. – das pontes; das portas é a pedra ou madeira de cima com feição de arco a que é direita diz-se verga, opp. À soleira, ou limiar. – Arcos: semicírculos; v.g. com que se fecha um parêntesis – Arco instrumento com que se ferem as cordas da rabeca, rabecão etc. é de pão com corda de sedas de cavalo enresinadas – Arco Triunfal; o que se eleva em honra e memoria dos triunfadores e de algum grande feito de guerra – Arco de Pelouro, o mesmo que bésta de pelouro. (AM).
Também; Forma construtiva usualmente de alvenaria, enquadrando uma abertura de modo a transportar apoios laterais o peso da construção. Quanto às principais formas: 1) Volta perfeita (semicircular, meio ponto, volta inteira, volta redonda) 2) Arco quebrado (formado com dois segmentos de circunferência, com centros diferentes). 3) Canopial (De carena contracurvado, flamejante). 4)Arco abatido (Asa de cesto, sarapanel, rebaixado), formado por três segmentos de círculos de centros diferentes. Arco cuja altura é inferior a metade da largura. 5) Asa de padeiro, arco cuja curva muito rebaixada tem o aspecto de uma meia elipse. 6) Policêntrico: formado de muitos segmentos de círculo com centros diferentes, usado no final da Idade Média (manuelino). Também; arma portátil e perfurante, constituída de vara forte e flexível com uma corda presa às suas extremidades, esta corda ao ser puxada para trás por setas (ou flechas) recurva a vara, produzindo força para o arremesso perfurante das setas; qualquer objeto ou figura semelhante a essa arma; o que é curvado ou arqueado. (DH)

Legenda: Original de arco Long-Bow pertencente ao espólio da Associação Terras Quentes

ARCO EM FERRADURA – Aquele em que os lados desenham um segmento de círculo mais fechado do que o semicírculo. Pertence à cultura muçulmana e à arquitectura visigótica.

ARCO LOBULADO – Aquele que é formado por vários arquinhos sucessivos, justapostos e dispostos semicircularmente.
ARCO TRIBULADO – Formado pela junção de três segmentos de círculo cortados num arco.
ÁRCULA – túmulo pequeno; sarcófago dos antigos romanos convertidos ao catolicismo, encontrado nas catacumbas dos primeiros cristãos. (DH).
ARDEGO – Fogoso; ardente; demasiadamente vivo e esperto. Também se tomou no sentido de negócio árduo, pesado, dificultoso, intrincado. Também; adj. Cavallo ardego, que sai à espora, fogoso, que sai ao estímulo. (AM)
ARDIDEZA – Esperteza; Valentia; Intrepidez; Fogosidade. Coragem.
ARDID – Ardil
ARDIDAMENTE – Ousada, intrepidamente.
ARDIDEZA – Ousadia, desenvoltura, despejo de homem valoroso, atrevimento.
ARDIDO – Valente, Corajoso.
ARDILEZA – Esperteza; Valentina; Coragem.
ARDILOSAMENTE – Com ardil, astuta, sagazmente. (AM)
ARDINGO – Desembargador do Paço d'el-rei; Ministro do seu concelho.
ARDOR – O calor forte ou a causa dele que existe nos corpos cujo flogisto se põe em acção ou no mesmo fogo, sol. Fig. O ardor das armas mui tersas, reluzentes, fulgor. (AM)
ARDUO – Trabalhoso, áspero, Fig. Difícil, causa, demanda, negócio.
AREAL – Pregão usado nas aclamações reais – a palavra evolui mais tarde para arraial. (HS)
AREATICA/HERADIGA/HEIRADEGA/EIRADEGA/EIRADIGA/EIRADEGO – Foro ou pensão de frutos que os colonos pagavam ao senhorio.
AREEIRA – Terra safara, seca, deserta, como os arnados e areaes. (AM)
AREEIRO/AREIEIRO/AREYEIRO – Vaso onde está a areya ou poeria que se deita para enxugar a tinta da escrita. – O que carrega areya. (AM).
ARFAR – Arha (PA); balouçar, sacudir.
ARÉGIA – Cidade, Território, Concelho ou Comarca dos Arengenses correndo desde as serras de Arouca até abranger algumas porções de terreno no julgado de Penafiel e à direita do rio Douro.
ARELHANA – Cordão de cingir o chapéo que é de prata ou oiro. Cinto em cujas pontas andam uns canudos onde se traz o dinheiro. (AM)
ARENGAR – Fazer sua fala, discurso, oração.
ARGÊNTEA (MONTANHA) – Montanha donde fluía o rio Bétis, nas proximidades de Castulo, cidade famosa pela produção de prata.
ARGOLA – Algolia (PA); Grilhão, golilha.
ARGOLÃO – Individuo que fala muito alto, exibindo pretensas qualidades ou pretensos conhecimentos. (VB)
ARGOLÁRIO – Individuo que fala demais. (VB)
ARGUILHEIRO – Individuo diligente no trabalho. (VB)
ARGULHO – Orgulho. (NAP)
ARIANO – diz-se de ou seguidor de Ário; adepto do [1]arianismo; relativo ao [1]arianismo; que faz ou profere heresias; heterodoxo. (DH).
ARIFA- Arifa (PA); conhecedora, sábia, Aldeia na Estremadura.
ARLOTA – mulher que não trabalha, vadia, vagabunda. (DH).

ARMORIAL – livro em que se registam os brasões da nobreza; relativo a heráldica ou brasões. (DH).
ARMORIAR – que foi alvo de zombaria, de escárnio; insultado. (DH).
ARNÊS – Antiga armadura. Também; armadura completa de um guerreiro, que o cobria da cabeça aos pés. arreios de cavalo; aquilo que protege, ampara. (DH)
ARNESEIRO (DO REI) – Especialista no fabrico de Equipamento completo de um cavalo de sela ou de tiro, ou Armadura completa de um soldado.
ARENGENSE – Povos que pertenciam à cidade, Concelho, Julgado, Comarca ou departamento de Arégia; Povos e cidades que se faz repetida menção na história dos Godos e Suevos
ARENZADAS – Certo número de arenzos. Ant. castelhano; O que se pode comprar por um arenzo; certo peso de mercadorias; medida agrária.
ARENZO – Foral de Algosinho 1187 – Que moeda esta fosse, eu o não saberei dizer. Só se assim chamavam ao denário, que era a portagem ordinária que de uma carga se pagava. Moeda antiga de prata. Peso antigo.
ARCABUZ OU CANHÃO DE MÃO- Peça original, provavelmente atribuível ao século XIV

Arcabuz ou canhão de mão, espólio Associação Terras Quentes

ARCANJO – Anjo de ordem superior.
ARFECE – Vil, baixo; Zote. Também se disse, refece; por uma cousa ou pessoa de mui pouca estimação. Arrefece: adj. (do árabe ar-rakhiç) barato; leve.
ARFIL/ALFÍL – No jogo de xadrez é trebelho, ou peça da figura do elefante “andai d’esse arfil, moveio-o”
ARGA – Este é o nome que hoje damos a uma grande serra, que corre à vista do mar, desde as alturas da vila de Viana até às da vila de Caminha.
ARGAANS – Alforges; Trouxas; Taleigas; Mochilas: Também ARGÂA, diminutivo do latim angariae “Serviço de transporte; Transporte obrigatório de cavalo ou em carro, a sela do cavalo empregadas para esse efeito. Derivam angarillas (1369) e anguerillas donde por metátese saiu a variante arganillas (1378) donde se extraiu Árganas.
ARGANÉU – Argola com espigão que se embebe em qualquer ponto a bordo para se fixar cabo
ARGEL – Mofino; Malvado; Infeliz; Desgraçado; Propriamente se diz hoje do cavalo que é argel. Também; fazer argel; bulha, gritaria, motim, dar investida; Cavalo argel é dos mal assinalados, o que tem malha branca só no pé direito, ou que tem os sinais atravessados; o que tem o pé e mão direita branca. (AM)
ARGENTARIA – Veias d’Ouro e prata e qualquer outro metal, que cada um podia cavar, pagando de entrada a el-rei.
ARGUEM – Alguém
ARIMONO – Cadeira coberta e fechada e que hoje chamam cadeirinha; Cadeirinha fechada e portátil.
ARISTOXÉNIOS – s.m. plural. Músicos que só pelo ouvido julgavam da correspondência dos sons entre si; discípulos de Aristoxeno, músico e filosofo, natural de Tarento, autor dos elementos harmónicos, o mais antigo tratado de música que se conhece. (AM).

ARKOSE – Grés avermelhado que serviu até fins do século XII para construir todas as igrejas do Auvergne. O emprego deste material é, pois, índice importante na datação das igrejas daquela zona.
ARMADA – Conjunto de homens que batiam o mato, para levantarem a caça e a encaminharem para os locais onde os caçadores a aguardavam.
ARMAR – Fazer, arranjar, conseguir, obter.
ARMAS DE DOM JOÃO I (REI DE PORTUGAL): Recreação do século XIV (Aljubarrota); Descrição: Armas de D. João I; - Descrição heráldica: Campo de prata carregado com cinco escudetes de azul, sobrecarregados com onze besantes de prata, os laterais virados em abismo; bordadura de vermelho carregada com doze castelos de ouro e nela cosida uma cruz florenciada de verde.

Armas Rei D. João I – espólio
Associação Terras Quentes

ARMAS DOS "BOTELHO" - Recreação do século XIV (Aljubarrota); Armas Botelho -De ouro com quatro bandas de vermelho. No campo de batalha de Aljubarrota; Pero Botelho, Comendador-mor de Cristo.

Armas dos "Botelho" Espólio
da Associação Terras Quentes

ARMAS DOS "COELHO" - Recreação do século XIV (Aljubarrota); Descrição: Armas dos Coelho**;** De ouro com um leão de azul, armado e lampassado de vermelho, carregado de três burelas colubreadas de ouro; bordadura de azul carregada de cinco coelhos de prata. No campo de batalha de Aljubarrota; Eguas (Egas) Coelho.

Armas dos "Coelho" Espólio
da Associação Terras Quentes

ARMAS DOS "CUNHA" - Recreação do século XIV (Aljubarrota); Armas dos "Cunha"; De ouro com nove cunhas de azul abatidas e alinhadas em três palas. No Campo de Batalha de Aljubarrota; Lopo Vasques da Cunha.

Armas dos “Cunha” - Espólio
da Associação Terras Quentes

ARMAS DOS LEX (LEI) ou (NOGUEIRA) - Recreação do século XIV (Aljubarrota); Armas Lex (Lei); De Ouro com seis coticas em banda cosidas de prata. No campo de batalha de Aljubarrota; Afonso Anes das Lex (Leis) Afonso Anes Nogueira ou Afonso das Leis.

Armas dos “LEX” - Espólio
da Associação Terras Quentes

ARMAS DOS “MACEDOS” – Antes da Batalha de Aljubarrota: Armas dos Macedo; De azul, cinco estrelas de seis raios de ouro, postas em aspa. *Versão antes de Aljubarrota.*

Armas dos “Macedo”,
antes de Aljubarrota

APÓS A BATALHA DE ALJUBARROTA: Descrição: Armas dos Macedo; Escudo, partido em pala, na primeira pala as Armas dos Macedos, que são: Em campo azul cinco estrelas de ouro, de seis pontas, cada uma, e postas em sautor.
Timbre o dos Macedos, que é um braço vestido de azul, com uma Maça de armas na mão como que quer dar com ela, a Maça de ferro com suas pontas e cabo de ouro e a mão de sua cor e por diferença, uma Brica de prata e nela hum trifólio preto…
Versão após Aljubarrota

Armas dos “Macedos” após Aljubarrota,
espólio da Associação Terras Quentes

ARMAS DOS “MELO” - Recreação do século XIV (Aljubarrota); Armas dos Melo; De vermelho com dobre- cruz de ouro, entre seis besantes de prata; bordadura de ouro. No campo de batalha de Aljubarrota; Vasco Martins de Melo “O velho” e seus filhos; Vasco Martins de Melo “O Moço” e Martim Afonso de Melo.

Armas dos” Melo”, espólio
da Associação Terras Quentes

ARMAS DOS “PACHECO” - Recreação do século XIV (Aljubarrota); Descrição: Armas dos “Pacheco”; De ouro com caldeiras cosidas de ouro sotopadas, carregada cada uma de faixas veiradas de vermelho e ouro, as asas veiradas do mesmo, cada uma com quatro cabeças de serpe, lampassadas de vermelho. No campo de batalha de Aljubarrota; Diogo Lopes Pacheco e seus filhos João Fernandes Pacheco e Lopo Fernandes Pacheco. Fonte: arca tumular de Lopo Fernandes Pacheco na Sé de Lisboa. Veiro representa pele de esquilo, uma pele de grande valor na Idade média. O esquilo em questão era de cor variada; cinzento-azulado nas costas e branco por baixo, sendo utilizado para confecionar mantos. Era cosido alternando as partes escuras com as partes claras o que resultava em padrão cinzento-azulado e branco acinzentado. A espécie exacta de esquilo nunca foi claramente identificada. O nome veiro, vem do latim “de vários coloribus”; de cor variada de onde passou ao francês “vair”, ao espanhol “vero” e ao Português “veiro”.

Armas dos “Pacheco”, espólio
da Associação Terras Quentes

ARMAS DOS “PEREIRA” – Recreação do século XIV (Aljubarrota) Descrição: Armas dos Pereira De vermelho com uma cruz florenciada de prata, vazia do campo. No campo de batalha de Aljubarrota; D. Nuno Álvares Pereira. “Fernão Lopes refere a presença em Aljubarrota de vários Nobres também de apelido Pereira: Álvaro Pereira; Joan Rõiz Pereira, entre vários outros. Não se sabe quais as suas insígnias. Apesar de na época não havia ainda Reis d’armas que regulamentassem o uso de insígnias, era muito provável que a cruz florenciada só tivesse sido utilizada pelo Condestável do Reino.

-Escudo. *Crónica de D. João I, vol II cap XLI, p.102; “Ho comdestabre de Portugal amdava em çima de huu cavallo perante a sua avanguarda e alas de huua parte para há ouutra com huu escudo no braço da parte dos inmiguos por reçeo dos virotões quue algus loguares vinnhão e nnão somente chegava aly, mas deles pasavvão as azes e feriraõ na carriagem homeis e moços e bestas.*

Armas dos Pereira, espólio
da Associação Terras Quentes

Armas dos “SAA” (SÁ) - Recreação do século XIV (Aljubarrota); Armas dos Saa (Sá); Xadrezado de prata e azul de cinco peças em faixa e seis em pala. No campo de batalha de Aljubarrota; João Róiz de Saa, Comendador-Mor de Avis. Esteve no cerco de Guimarães, com D. João I, onde foi ferido gravemente. Esteve no cerco de Lisboa, onde com outro combatente tomaram sozinhos uma galé Castelhana que estava no cerco de Lisboa, daí passou a ser conhecido pelo “Sá das Galés”, foi um dos heróis de Aljubarrota. Após Aljubarrota foi o emissário enviado por D. João I, para negociar o seu casamento com D. Filipa, com o Papa. Por fim esteve presente no cerco a Ceuta. João Rodrigues de Sá foi um dos maiores heróis Nacionais, pouco lembrado.

Armas dos “SAA”, espólio
da Associação Terras Quentes

ARMAS DOS “SANDOVAL” - Recreação do século XIV (Aljubarrota) proveniência; Sandoval de La Reina, Burgos, Espanha. Fonte: castelhano. Do lugar de seu nome, no distrito judicial de Villadiego (Burgos). Descendente do Conde Fernán González. Descrição: Campo de ouro, com uma banda em preto, orientada da esquerda para a direita, de cima para baixo

Armas dos “Sandoval”, espólio
da Associação Terras Quentes

ARMAS DOS “SANTARÉM” - Recreação do século XIV (Aljubarrota); Descrição: Armas dos “Santarém”; Esquartelado: I e IV de negro, com um leão de prata armado e lampassado de vermelho; II e III de vermelho, com três palas de Ouro. No campo de Batalha de Aljubarrota. João Afonso de Santare (Santarém).

Armas dos “Santarém”, espólio
da Associação Terras Quentes

ARMAS DOS “SEM” - Recreação do século XIV (Aljubarrota); Armas dos Sem; De vermelho, com um leão de ouro armado e lampassado de azul, bordadura cosida de azul, carregada de oito vieiras de prata realçadas de negro. No campo de Batalha de Aljubarrota; Doutor Gil do Sem.

Armas dos “Sem”, espólio
da Associação Terras Quentes

ARMAS DOS “SILVA” - Recreação do século XIV (Aljubarrota); Armas dos “Silva”; De prata com um leão de púrpura armado e lampassado de vermelho. No campo de batalha de Aljubarrota; João Gomes da Silva.
Filho primogénito de Gonçalo Gomes da Silva, serviu D. João I, como copeiro-mor e alferes mor o qual lhe fez várias mercês como ex. O lugar de Unhão, as terças da igrejas de Santiago do Castelo, Santa Maria de Caminho e S. Librão de Vila Nova de Cerveira, doação do Castelo de Valongo etc. Casou com D. Margarida Coelho, Filha de Egas Coelho.

Armas dos “Silva”, espólio
da Associação Terras Quentes

ARMAS DOS “SOUSA” - Recreação do século XIV (Aljubarrota); Armas dos “Sousa”; De vermelho com uma caderna de prata. Fonte: Mosteiro de Alcobaça, túmulo de Martim Afonso de Souza No campo de Batalha de Aljubarrota. Martim Afonso de Sousa, 2º senhor de Mortágua, o da batalha real. Fora do casamento com Aldonça Rodrigues de Sá, abadessa de Rio Tinto, tem uma filha; Brites de Sousa que casa em 1380 com Martim Gonçalves de Macedo.

Armas dos “Sousa”, espólio
da Associação Terras Quentes

ARMAS DOS “VASCONCELOS” - Recreação do século XIV (Aljubarrota): Descrição: Armas dos Vasconcelos; De negro com três faixas contraveiradas de prata e vermelho.
No campo de batalha de Aljubarrota; Men Rõi de Vasconcelos e seu irmão Rui Mendes de Vasconcelos, meirinho-mor de comarca de entre Douro e Minho. A propósito de veiros, ver armas dos “Pacheco”

Armas dos “Vasconcelos”, espólio
da Associação Terras Quentes

ARMATOSTE – Certo engenho com que antigamente e com grande facilidade se armavam as bestas. As que tinham esta armadilha se chamavam “Béstas d’armatoste”. Registada até 1460. “As béstas naquele tempo como não eram em aço armavam-se com um engenho, chamado armatoste estribando um pé no arco. Também; ARMATOSE - Pequeno engenho com que antigamente, e com grande facilidade, se armavam as bestas. (CM)
ARMÉNIOS – s.m. pl. Hereges da Arménia que tiveram origem da seita dos Jacobinos, e tinham muitos erros. (AM)
ARMENTINHOS/ARMENTYOS – É palavra de Monte Alegre e Barroso. Significa um pequeno rebanho de gados ou abelhas.
ARMEIRO – Produtor e vendedor de armas (VR)
ARMENTIOS – São quatro cabeças de gado vacum, ou quatro bestas, ou quarenta ovelhas, ou quarenta carneiros ou quarenta colmeias.
ARMILA – 1) Cada um dos anéis ou círculos da esfera armilar. 2) Cada um dos anéis da base decerto tipo de colunas e do capitel da coluna dórica.
ARMILLAR – adj. Esfera armilar: esfera composta de círculos que representam as orbitas dos planetas e peças em que se afiguram esses planetas, para se demonstrar o movimento deles. (AM)
ARNALDO/ARNERO/ARNOSO – Areal; Terra, Monte ou praia; Cheios de areia.; Terra alagada e areenta, pouco própria para sementeira.
ARNÊS – antiga armadura completa.
ARNEZ – Coura; Peito de aço; Gibão de ilhós. Também Conjunto de armas defensivas que se acomodam ao corpo.
ARO – Arco, circunferência, contiguidade, vizinhança ou termo de uma cidade, Vila ou terra grande que, ordinariamente fica quase no meio do dito arco.
AROEIRA – Lentisco (arvore)

AROLAS – Individuo sem valor (VB)
ARPAR – Levantar ferro.
ARPENTE – Medida de terra. Entre os godos, quadrado que media vinte e quatro palmos de cada lado.
ARQUITÃO – Arca de madeira onde se guarda o cereal. Tulha de latão para azeite. (VB)
ARQUITECTO; Architectus Aeminiensis Lusitanus CIL 2559 e CIL 5639. Divina nobilis arte in carmine dicitur architectus ponuis Alcantarensis CIL 761. (Esta nobre arte divina está na canção dos Arquitectos da ponte de Alcântara). (CM)
ARQUIVOLTA – Moldura concêntrica, decorada ou não, do extradorso de um arco. Arco que constitui um elemento dum portal. Os portais românicos e góticos compõem-se de muitas arquivoltas concêntricas em recuo, umas sobre as outras e decoradas de ornatos geométricos ou esculturas.
ARRÃA – Uma erva que trazida seca ao pescoço das mulheres, dizem que lhes seca o menstruo. (AM)
ARRABALDADO – Oliveiras arrabaldadas – Termo Transmontano que significa dispersas pela freguesia.
ARRABALDE – parte de uma cidade ou povoação que fica fora ou nas adjacências de seus limites; subúrbio (também. usado no pl.). (DH).
ARRABIDA – Arrahdá (PA); Serra na província da estremadura. Significa habitação do gado, lugar de pastagem. Deriva-se do verbo árabe rabada, povoação fora dos muros da cidade. Rabada recolher-se para lugar seguro.
ARRABIL – Instrumento músico de cordas e arco semelhante a rabeca e usado pelos pastores. Também, do árabe granadino ar-rabib; espécie de violino de três cordas; Instrumento pastoril de cordas e arco semelhante a uma rabeca pequena. Também; instrumento de arco, de origem árabe, com duas a cinco cordas; aiabeba, rabil. (DH).
ARRACEF – Recife. Significa ainda em alguns dialectos do Norte de África Parede que serve de apoio; dique paredão; muralha; cais molhe.
ARRAIA MÍUDA – Plebe, povo.
ARRAIZ – Pano; Peça; ou corte bordado, ou tecido com lavores, de que antigamente se usava e ainda hoje se usa, assim nos leitos como nos vestidos. Nas casacas dos homens e mulheres ricas a que se chamavam sayos ou sayas.
ARRAMAR – Dispersar-se. (NAP)
ARRANPADOIRO – Terra inculta de brejo e matagal que se podia romper e cultivar.
ARRANCADA – Assim se chamavam antigamente às expedições militares que se dirigiam contra os Mouros ou outros inimigos.
ARRANCOAR – Queixar-se; agravar-se perante o magistrado; acusar alguém; queixar-se dele em juízo e pedir satisfação.
ARRANDAR – Espalhar; dividir; separar.
ARRANHOSA – Herva de cuja fruta se faz tinta.
ARRÁS – Penhor. Em Roma começou a aplicar-se as arras aos matrimónios, originando-se assim as arrhae sponsaliae, cuja entrega era frequentemente acompanhada dum anel, denominado, por isso mesmo, anulus arrharum pronubus sponsalitius ou genialis. O uso do anel de arras mantém-se no reino visigodo, como se comprova pelo código visigodo.
ARRAS – Dote, com que o marido assegurava a manutenção da esposa, no caso de esta lhe sobreviver.

ARRATEL – Peso de uma libra. Também; (PA)Peso de doze ou dezasseis onças é o mesmo que uma libra.

Direita: Peso em chumbo com marcas de calibração
da Terronha de Pinhovelo (ambiente romano); Espólio da ATQ

ARRAVESAR/ARREVESAR – Vomitar com ímpeto e demasiada violência.
ARRE – Arrie (PA) (termo de arrieiro) Voz com que se costuma incitar os jumentos e bestas de carga para que andem. Deriva-se do verbo árabe "arra" mover-se, andar, caminhar.
ARREAL – Arraial; acampamento de um exército ou de alguns corpos de soldados ou milícias
ARREAR – Ornar; compor; assear.
ARREAR-SE – Jactar-se, presumir de si; ensombrecer-se. Do aparato e pompa militar dos arraiais, ou da faustosa arrogância dos que demasiadamente se enfeitavam.
ARREBAÇAR – Arrancar, tirar com violência.
ARREBANHÃO – Diz-se de pessoa egoísta que que tudo para si. (VB)
ARREBÁTAPUNHADAS – Homem sem termo, que leva as coisas por força, violentamente. (AM)
ARREBENTADIÁBO – Vulgar. Uma vez vinho, depois da comida. (AM)
ARREBOL – Aurora.
ARRECADADO – Homem arrecadado; posto a recado; em guarda; arrecadado para não fugir; preso, bem seguro. (AM)
ARRECADAR – Alcançar; recolher; receber; acolher; recuperar; Cobiçar, Tomar conta de.
ARRECADAS – Brincos e joyas das orelhas e do pescoço; Partes que adornam, prendas "as virtudes da mãe de família e das donzelas são as joyas, arrecadas e arreyos mais estimáveis. (AM)
ARREÇAGA/REÇAGA – Rectaguarda; Traseira;
ARRÉDA/ARREDAR – fazer recuar; afastar; desviar.
ARREDA-QUEIXOS – Afastamento do queixo de qualquer objecto ou pessoa. Beber um copo sem arreda-queixos (ou d'arreda-queixo), beber um copo de vinho de uma só vez. (VB)
ARRE-DIABO – Caramba! Não me digas! (VB)
ARREEIRO – guia de cavalgaduras ou de animais de carga, encarregado tb. de alugá-los; tropeiro. (DH).
ARREDIO- adj. A rês, ovelha arredia; que se arreda, atrasa, desvia da manada, rebanho ou fato; O que foge à comunicação, conversação, que não vai onde costumava. (AM)
ARREDO – Longe de nós; ausentar-se; retirar-se para longe; passe de largo; desapareça para sempre.
ARREDONDA – Em volta. (NAP).
ARREFÊES – Reféns (NAP)

ARREFENTAR – Arrefecer; esfriar; diminuir o calor. Também; Prov. Não me aquenta nem me arrefenta; não traz dano, nem proveito. (AM).
ARREGANHADA – Diz-se de mulher com as pernas abertas, despertando volúpia; diz-se da pessoa com os beiços apertados mostrando os dentes
ARREGANHAR – Diz-se da cebola muito seca que larga casca; arreganhar a taxa; rir-se. Também; Abrir as pernas ou a boca; rir-se, mostrando os dentes. (VB)
ARREIGADO – O que está conaturalizado, firme, fixo, estabelecido em alguma terra; onde tem casa, mulher, fazenda.
ARREIGAMENTO – Fiança ou abono de pessoa que estava arreigada na terra.
ARREIO – adorno; enfeite, atavio; conjunto de apetrechos que permite o trabalho do animal de carga ou de tração (mais usado no pl.); conjunto de peças com que se prepara a cavalgadura para montaria; arreamento (mais usado no pl.). (DH)
ARREITAR – Causar ereção do genital; causar pruído e apetite venéreo. (AM)
ARRELDE – Peso de quatro libras de dezasseis onças cada uma, que são quatro arráteis de peso corrente. (AM)
ARRELHAR – prender (o bezerro) à perna da vaca durante a ordenha. (DH)
ARREMANGAR – Arregaçar as mangas "arremangou os braços, dando mostras que o vinha degolar) Arregaçar-se; levantar a mão para alguém, ameaçar. (AM)
ARREMEDILHO – Entremez, Farsa; comédia ou representação jocosa.
ARREMEÇO – Tiro, como chuço, dardo e outros, que se atiram à mão.
ARRENCOAR-SE – Queixar-se; agravar-se perante o magistrado.
ARREPANAR – Cortar a erva com a mão. (VB)
ARREPESO/REPSO – Arrependido.
ARREPICAR – Repicar (o sino)
ARRESUADO – Diz-se de individuo que depois de comer se sente satisfeito. (VB)
ARRESTALAR – Assentar forte bofetada em alguém. (VB)
ARRICAVEIRO – Soldado paisano, rustico e lavrador que só em tempo de guerra serve na guarda, ou vigia das praças ou nas obras que tendem à sua defensão. Também; s.m. antiq. "apurações (reclutas) de besteiros, peões, arricaveiros" (AM).
ARRÍCIO - No fresco é a segunda camada de revestimento de um muro sobre a qual a composição é esboçada. (AA).
ARRIEIRO – Homem que aluga e acompanha as bestas de estrada, de cavalgar. (AM)
ARRIEL – Ornatos de muitos anéis, feitos e tecidos de fios d'Ouro que tomavam e cobriam metade dos dedos.
ARRIFE – Uma penha ou fraga continuada por mais ou menos espaço.
ARRIMAR – Encostar; arrimar a escada ao muro; arrimar mantas à muralha. (AM)
ARRINCAR DO CAMPO – Fazer com que o inimigo largue o posto.
ARRINCOADA/ARRINCOAR – Retirada; acantonado; recolhido.
ARRINHOS/ARINHOS – Areais e enseadas onde é fácil e copiosa a pescaria dos sáveis e lampreias no rio Douro.
ARRIO – Ario, nome próprio.
ARRÓBA/ARROBA – Arrobâ (PA) – Peso de trinta e dois arráteis; arroba de vinho; medida mencionada nas constituições do convento de cristo em Thomar dadas em 1503.Também (PA); Significa a quarta parte e peso de 25 a 32 arráteis e vem a ser a quarta parte de um quintal, seja quintal grande de 128 arráteis ou de cem.
ARROBE – Arrobbe. (PA) voz pérsica "robb"). significa o mosto do vinho apurado ao fogo. Diz Bluteau no I tomo do seu dicionário pág. 566. Que arrobe na língua Arábica significa

terça parte e que o mosto que é matéria de que se faz arrobe, depois de apurado, fica na terça parte; porém é derivação extravagante porque além de ser voz Pérsica a terça parte em Árabe é "Sol som" e a quarta parte é "robên"!
ARROCOVA/ARROCAVA/ARROTAVA – Explorador volante que vigiava o terreno que circundava uma povoação fronteiriça para anunciar a aproximação do inimigo e assim evitar os ataques de surpresa.
ARROIO – Regato. Também; pequena corrente de água, seja ou não permanente; regato; pequeno curso de qualquer líquido. (DH).
ARROJA (Ô) – Campo de torgos cuja rama foi queimada pelo fogo.
ARROMPER – Romper a terra e cultivá-la, roteá-la e dispô-la para levar copiosos frutos.
ARROMPUDO – Roto; aproveitado e reduzido a cultura.
ARROYDO - Tumulto
ARRUÍDO – Clamor, vozaria, ruído, barulho. Também, Briga (BV).
ARRUINHAMENTO/ARRUNHAMENTO – Ruína; Destruição; Calamidade de terras; Searas; Lavouras; casas, Edifício, que torne as propriedades menos rendosas ou inteiramente estéreis, causada pela intempérie dos elementos ou pelos homens.
ARRUNHAR/ARRUINADO – Destruir; arruinar; Desfazer. Também arrunhar; abrir o javre e fazer o pente, afagando o topo das aduelas, em uma vasilha, é termo de tanoaria. (LV).
ARS GRATIA ARTIS – a arte pela arte. (DH)
ARSENAL – Darsand (PA); Casa das obras ou dos ofícios.
ÁRTABROS – Povo do noroeste extremos da Península, habitava junto ao cabo Nério e era vizinho dos Célticos dessa região. (ET).
ARTE – O sentido mais humilde desta palavra é a maneira de fazer qualquer coisa com habilidade. Enquanto trabalho do homem, arte opõe-se a natureza. Também; Astúcia. (NAP)
ARTEFICIOS DE COMBATER VILA – Engenhos de guerra, máquinas de assédio; Gats, Trabucos, Catapultas, bastidas etc. (HS)
ARTEIRICE/ARTICE – Sagacidade má; velhacada; Maledicência; Intriga.
ARTEIRO/ARTEIROSO – Astuto; sagaz; destro; Manhoso; Fino; Enganador; Homem com arte; Esperto.
ARTELHARIA – Hoje damos o nome de artilharia a toda a qualidade de peças, morteiros, obuses, canhões, colubrinas, bastardas e legítimas, falconetes, pedreiros, savres, etc.
ARTELHARIAS – Trastes, móveis, utensílios que se achavam dentro de uma casa e que serviam à precisão ou ao luxo.
ARTIFICIO – Tudo aquilo que é preciso para uma vivenda e habitação cómoda e reparada e em que a arte prática se exercita.
ARTREVOSO – O que está tenebroso, encapotado.
ARVAQUES – Um dos povos em que se dividiam os Celtiberos, de todos eles o mais aguerrido e o que mais resistência opôs à presença romana. A sua cidade mais importante era Numância, nas margens do Douro superior. (ET)
ARVIDO – Juiz, arbitro, escolhido ou livremente aceite pelas partes.
ASADO/ASADA/ASAR – Vaso com asa. Em Arronches e Campo Maior asado é uma panela de barro que serve geralmente para a azeitona. (LV)
ASAGRE – Uva verde. (VB)
ASAZ MUYTO – Muitíssimo (NAP)
ASCITÉRIO – Lugar destinado para o exercício das virtudes e, particularmente, se toma pelo mosteiro ou recolhimento de mulheres religiosas, virgens ou honestas.

ASCONDIDAMENTE/ASCONDUDAMENTE – Às escondidas, clandestinamente. No foral antigo de santarém; dos que casam ascondudamente com mulheres virgens ou vehuvas.
ASCONDUDO – Clanculáfriamente; sem testemunhas de vista; às escondidas.
ASCRITICIO – Homem ou mulher que era obrigado a morar pessoalmente em alguma terra ou casal, como se fora escravo da gleba.
ASCUMA – Curta lança de arremesso.
ASCUNHA – s.f. Arma antiga; crónica do condestável, Lança pequena arrojadiça. (AM)
ASEÇOO – Chão, Terrado; assento.
ASEITAMENTOS – Embustes; enredos; ciladas; armadilhas; Emboscadas.
ASEITANÇAS – Embustes; enredos; ciladas; Armadilhas; emboscadas; aleivosias; Insídias.
ASENTADA – Construída (NAP)
ASESSEGAR/ASESSEGROM/ASESSEGUASSE – Sossegar (NAP)
ASESSEGO/ASSESSEGO – Repouso (NAP)
ASIANOS – Asiáticos, povos da Ásia.
ASINHA/AGINHA/AZINHA – Depressa. Sem demora; prontamente e sem embaraço. Também; sem demora; rapidamente, depressa, aginha; de repente, subitamente; antes do esperado; cedo. (DH)
ASMAR/OSMAR – Ter para si; julgar com fundamento.
ASNIL/ASNAL – Cousa de asno, como albarda; sela; Cilha; Cabeçada etc.
ASNILHO – Em sentido próprio "burrinho" em linguagem mística, tomar o corpo pela alma. O vocábulo asnilho pertence à língua castelhana; o português que lhe corresponde é asninho.
ASOBERBAR-ASSOBERBAR – Tratar alguém com insolência; Orgulho; Soberba; arrogância; Altivez; Tirania; despotismo; Legítimo orgulho; Nobre Altivez; Grandeza de alma; Elevação de sentimentos.
ASPA – Pá de madeira para limpar trigo (VB)
ASPARO – Áspero – Em mirandês existe o mesmo vocábulo. (LV Philologia mirandesa vol. II pág 163)
ASPEITO – Aspecto; Vulto, face, cara, rosto, semblante. É do século XV e XVI.
ASPERIDADE – Rigor; Aspereza.
ASSADOURO – Respiração muito acelerada. (MC)
ASSAFORA – Assabra (PM), Lugar na orivincia da estremadura. Significa Campina.
ASSALTEAR – Assaltar, dar assalto.
ASSANHAVA – "Se assanhava" – Se irava, se encolerizava.
ASSANICAR – Abanar com força e repetidas vezes.
ASSAPADO – Atolado, enterrado. (VB)
ASSAPAR – Assentar; acertar; Atolar; Enterrar. (VB)
ASSARALHOPADO – Confuso, atrapalhado.
ASSARIO – Espécie de uva.
ASSASSINO – Hassassino (PM) (voz Pérsica) Os assassinos eram certos povos da Pérsia e bem conhecidos na história. Alguns autores querem que a sua origem fosse dos Karamates, que era uma dinastia que durou 171 anos. O primeiro Príncipe que tiveram foi Hossein sabab de quem tomaram o nome de Hossassinos; o qual se estabeleceu8 primeiro na província do Iraque pérsico no ano de 482 de Cristo. A profissão destes povos era o voto de obediência que prestavam a seu príncipe de lhes obedecerem cegamente e de se matarem a si mesmos se ele o mandasse, e com maior vontade lhe obedeciam, quando os mandava para matar algum príncipe seu contrário ou cristão.

Destes mesmos assassinos foram os que mataram publicamente o celebre Marquês de Monferrat em Tripoli da Siria.
ASSEDAR – Fazer passar o linho pelo sedeiro para o separar da estopa. (VB)
ASSENS – Encefalite dos porcos.
ASSESSEGO – Severa tranquilidade, ânimo aparentemente sossegado, mas com mostras de carrancudo (pesado).
ASSENTAMENTO – Tranquilidade. (PAN)
ASSESSÃO – intervalo de tempo entre o preparo do campo e a semeadura. (DH)
ASSEUSEIRA – m.q. açoreira (de açor, significa terra de açor) Viterbo diz: nas serranias de Trás-os-Montes apareciam bastantes destas aves, para além desta grafia usa-se ainda assureira, assoreira e assoeira; ave de rapina, diurna da família dos falconídeos; falcão; diz ainda o autor referido que, em Trás-os-Montes não faltam povos, quintas e sítios de terra com o nome de azoreira. (TMC)
ASSI/ASSY – Assim.
ASSI MESMO – Também.
ASSIGNAÇÃO – Concessão.
ASSIM ERA – Era tão. (HS)
ASSINAR – assinalar.
ASSÍNDETO (MF)
supressão da conjunção coordenativa entre frases ou elementos da frase para as tornar mais rápidas e lhes dar mais força. "*Proverão sobre os altares, callizes crazes ouro prata joyas vestimentas almaticas e capas*"
ASSIINASTES – (Que vós assinastes) – Designastes, escolhestes.
ASSIINOU – "…por certas razões que lhe logo assinou…" Expôs, significou.
ASSOÃO – Conjunto dos ossos que forma a espinha dorsal do porco. (VB)
ASSOBIADO – Pontiagudo, esguio.
ASSOLLOÇAM – Absolvição, sentença a favor do reu.
ASSOMÁDA – Lugar alto que domina algum vale, Cume (AM)
ASSENTAMENTO – Postura; assento ou acórdão que se toma em câmara para que os povos concorram com alguma contribuição.
ASSERTOR DA PAZ – No Código Visigodo se disse "pacis assertor", o destinado pelo príncipe, como juiz árbitro para terminar, compor e decidir as lides de demandas e contendas.
ASSESSEGAMENTO – Quietação; Sossego; Tranquilidade; descanso.
ASSIDUA – Capela-mor de uma igreja.
ASSIMAR/ACIMAR – Dar a última perfeição, concluir, acabar. Também; estar ou tornar-se grávida – que significava primitivamente, inchaço; e depois; Gomo, Vergôntea tenra; Onda, vaga, pelo latim Cyma "Parte superior das couves ou das árvores; renovo; rebento. No latim tardio, por extensão, passou a significar "O que está em cima, a parte superior".
ASSINAMENTO – Consignação, nomeação; escritura ou título de apresentação ou investidura.
ASSISIO – Assim se chamam, em muitas catedrais, os ministros da segunda ordem que contínua e assiduamente devem assistir ao coro e demais ofícios divinos, sem que este serviço lhes dê igualdade alguma com os cónegos que tem voz em cabido.

ASSOAR/ASSUAR/ASOUHAR/ASUMAR/ASUNAR– Ajuntar o povo e fazer assuada não só para algum mau fim, mas também para cousas de obrigação, honra e proveito; ajuntar gente armada para algum bom ou mau fim.

ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DO PATRIMÓNIO "TERRAS QUENTES" – A «Terras Quentes», Associação de Defesa do Património Arqueológico do Concelho de Macedo de Cavaleiros, foi fundada por escritura pública no dia 20 de dezembro do ano de 2002.

Logotipos utilizados pela Associação "Terras Quentes

Em agosto de 2005, foi aprovado por unanimidade, em Sessão de Câmara de Macedo de Cavaleiros, o Interesse Público Municipal da Associação Terras Quentes.

Setembro 2005 solicitou-se à Presidência do Conselho de Ministros o reconhecimento do Interesse Público da Associação Terras Quentes. Reconhecimento que chegou em dezembro do mesmo ano, pelo Ministério da Cultura e pela Presidência do Conselho de Ministros, a outorga da utilidade pública, ao abrigo do decreto-lei 460/77.

Relacionamento Institucional:

-Membro da Comissão Cinegética Municipal.

-Associado da Associação de Desenvolvimento da Terra Quente - Desteque

-Sócio Fundador do Geoparque "Terras de Cavaleiros".

No verão do ano de 2003 iniciaram-se as intervenções arqueológicas no concelho, rotina que se tem mostrado sólida para isso, tem contribuído de forma fundamental a ajuda financeira que a instituição tem recebido anualmente por parte da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros. Bem hajam os edis que nos tem possibilitado essas intervenções. Como demonstração são 52 as campanhas arqueológicas levadas a cabo em 20 arqueossítios diferentes, incorporando 18 arqueólogos seniores e cerca de 1.500 voluntários de várias universidades do País (Lisboa, Nova de Lisboa, Porto, Coimbra, Minho, Vila Real, Évora e Universidade Católica Portuguesa) e do estrangeiro (Universidade de Vigo, Valladolid, Zamora, Complutense, S. Paulo, Louisville) e da escola secundária de Macedo de Cavaleiros assim como vários trabalhadores de arregimentação local.

1- Fraga Corvos (Vilar Monte); Senna-Martinez, Elsa Luís, Jéssica Represas. (2003 a 2016 – 14 Campanhas).
2- Fraga Abrigo (Vilar do Monte); José Ventura e Hélder Carvalho. (2003 a 2007- 5 campanhas)
3- Terronha Pinhovelo (Pinhovelo); Carlos Mendes, João Tereso, Helena Barranhão Lúcia Miguel. (2004 a 2006 – 3 campanhas)
4- Cramanchão (Cortiços); Carlos Mendes, Miriam Arranz, João Tereso, Helena Barranhão. (2003, 2004 e 2006 – 3 campanhas).
5- Fraga da Pegada (Stª Combinha); Carlos Mendes, Sofia Figueiredo, Fátima Bento. (2006 – 1 campanha)
6- Mamoa Stº Ambrósio (V. Porca) Hélder Carvalho. (2003 a 2005 - 3 campanha)
7- Bovinho (Edroso); Carlos Mendes, João Tereso, Helena Barranhão, Miriam Arranz. (2003 e 2005 – 2 campanhas)

8- Necrópole Sobreirinho (Comunhas); Carlos Mendes e Nathalie Ferreira. (2003, 2004 e 2006 – 3 campanhas).
9- Senhora do Campo (Lamas); Carlos Mendes e Senna-Martinez. (2003-1 campanha)
10- Forno Romano, (Salselas); Carlos Mendes. (2003 – 1 campanha)
11- Cabeço da Anta, (Salselas); Carlos Mendes. (2003 e 2004 – 2 campanhas)
12- Xaires (Talhas); José Ventura, Hélder Carvalho, Patrícia Pinheiro. (2008 a 2010 – 3 campanhas)
13- Forno Pradinho (Salselas); Carlos Mendes. (2003 – 1 campanha)
14- Prado Cavaleiros (M Cavaleiros); Carlos Mendes Liliana Pereira. (2007-1 campanha).
15- Real Filatório (Chacim); João Tereso Helena Barranhão, Lúcia Miguel. (2006-1 campanha).
16- Vias Augustas (Lamalonga); Carlos Mendes, João Tereso, Lúcia Miguel, José Rodrigues e Helena Barranhão. (2006 – 1 campanha)
17- Campo Pereiro (Castelãos); Carlos Mendes, Hélder Carvalho, João Nunes, Raquel Henriques. (2007 a 2009 – 3 campanha).
18- Azenha da Marta (Fornos Ledra); Carlos Mendes. (2007- 1 campanha)
19- Fornos da Cal (V. Porca e Salselas); Carlos Mendes. (2005 e 2006 - 2 campanhas)
20- Forno da Velha (Lagoa); Hélder Carvalho, José Ventura. (2006 – 1 campanha).

Classificação de arqueossítios:

No ano de 2007 foram preparados, com justificação técnica e científica dez dossiês de arqueossítios existentes no Concelho de Macedo de Cavaleiros, com o intuito de serem remetidos à tutela ministerial a fim de se habilitarem ao processo de classificação/protecção. Foram propostos: A Terronha de Pinhovelo (povoado romanizado) sito em Pinhovelo freguesia da Amendoeira; povoado romanizado do Cramanchão na freguesia dos Cortiços; Forno Romano e Forno de Telha do Pradinho freguesia de Salselas; Necrópole do Sobreirinho, em Comunhas, Freguesia de Ferreira; Fornos da Cal de Vale da Porca; Povoado da Idade do Bronze da Fraga dos Corvos na Freguesia de Vilar do Monte e Fraga da Pegada freguesia de Santa Combinha: Destes dez arqueossítios, cinco foram considerados com valor de serem classificados.

Classificações atribuídas:

Arqueossítio classificado de Interesse Nacional: Terronha de Pinhovelo

Arqueossítios classificados de interesse Municipal: Forno Romano de Salselas; Povoado Romanizado do Cramanchão; Povoado da Fraga dos Corvos e Fraga da Pegada.

Registos patrimoniais existentes no Concelho de Macedo de Cavaleiros:

-Em 2003 existiam 67 sítios com valor patrimonial arqueológico, registados na Base de Dados do então IPA.

- Hoje (2016) existem 181 sítios arqueológicos registados na Base de Dados da Associação Terras Quentes.

O Plano director Municipal de Macedo de Cavaleiros apenas tinham sido consideradas 87 referências patrimoniais.

Hoje, na base de dados da Associação Terras Quentes para além dos 181 registos de bens arqueológicos, existem 667 registos de património edificado e etnográfico.

Assim, passamos de 87 elementos patrimoniais existentes no PDM em 2003 para 848 registos patrimoniais registados na base de dados da Associação Terras Quentes em 2016. Acrescentámos 761 novos registos patrimoniais.

Visibilidade pública do nosso trabalho:

Exercemos a visibilidade junto ao público Concelhio, Nacional e no estrangeiro da seguinte forma:

Com Instituições concelhias:

-Junto das Escolas Concelhia – 1º - 2º e 3º ciclo

-Junto das Instituições com deficientes (CERCIMAC)

-Com reuniões com as populações locais (Sítios arqueológicos)

Junto ao público em geral: Jornadas, seminários e conferências;

Jornadas da Primavera: 14 eventos – 115 comunicações – 172 conferencistas:

Inventário da Diocese: 2 eventos – 18 comunicações – 22 conferencistas.

Noites com o património: 4 eventos – 11 comunicações – 16 conferencistas:

Total: 20 eventos: 144 comunicações – 210 conferencistas.

Espaços Museológicos de autoria da nossa Instituição:

- 2003 – Sala-museu de arqueologia – Pré-inauguração do Centro Cultural de Macedo de Cavaleiros.
- 2006 – Sala-Museu de arqueologia no Parque Central da Paisagem Protegida do Azibo.
- 2009 – Museu Municipal de Arte Sacra – Casa Falcão.
- 2015 – Museu Municipal de História -Martim Gonçalves de Macedo – Escola do Toural.
- 2016 – Museu Municipal de Arqueologia – Coronel Albino Pereira Lopo – Escola do "trinta".

Nosso Site: www.terrasquentes.pt; no ar desde o ano de 2006, mas só a partir de maio de 2008 o nosso alojamento começou a ter contador de visitas. Até ao momento (6 de março de 2017), com quase nove anos de existência (do contador) tivemos: 451.980 visitas, ou seja, uma média anual de 51.784 visitantes, i.e., 142 visitas por dia.

Publicações:

13 Edições dos Cadernos Terras Quentes; contendo 116 artigos de 171 autores; 4 Livros - 5 autores e 3 catálogos de museu (Museu de arte Sacra, Museu Municipal Martim Gonçalves de Macedo e Museu Municipal de Arqueologia Coronel Albino Pereira Lopo). Sete trabalhos finais de licenciaturas; Sete teses de mestrado; Duas teses de doutoramento; seis artigos em publicações estrangeiras; cinco capítulos em livros; seis publicações em revistas portugueses da especialidade; oito conferências e congressos internacionais.

ASSOMADA – Lugar alto e eminente donde alguma cousa se vê; Viso; Cume; Cabeço.

ASSOMADO – O que é fácil e pronto a perturbar-se; irar-se; agastar-se, e tomar vingança com paixão e ira.

ASSOMAMENTOS – Corrilhos; Assuadas; Ajuntamentos; Assembleias.

ASSOMAR – Ainda se usa na província de Trás-os-Montes por chegar-se a uma janela ou qualquer lugar, próprio para dali se ver alguma cousa.

ASSONJO – Catadupa ou despenhadeiro de um rio que, com horrível estrondo, se precipita, ajoujando-se e aturdindo aos que residem ou chegam às suas vizinhanças.

ASSUADA – Assuat (PA). O clamor, a gritaria com que se pede socorro. Também; "gram parte daquela assuada" = Ajuntamento de gente. (FL)

ASSUNAR-SE – Ajuntar-se, congregar-se como de assuada; reunir-se; juntar-se; congregar-se.

ASSUAR – Ajuntar a gente em ranchos e turmas para qualquer empresa ou negócio público, prescindindo de ser um bom ou mau fim.
ASSUCAR – Lavrar a terra para tapar o cereal semeado anteriormente. (VB)
ASSUDADA/AÇUDADA – Uma grande açuda ou algumas continuadas, umas depois das outras que façam representação de uma só; fechar; cerrar; máquina para tirar água dos rios.
ASSUNADA – Regimento; tropa; Companhia de soldados postos em tom de marcha.
ASSUSO – Nem sempre significou acima; També se tomou por vezes por baixo; Antes; anteriormente.
ASTA – Cidade da Turdetânia, convenientemente situada junto a um estuário e próxima do porto de Gades, corresponderá actualmente a Mesas de Asta, na província de Cádis. Também; Haste, pau.
ASTERÍSMO – Sinal ou estrelinha nos livros impressos que faz remissão da cita, ou nota que lhe corresponde; Sinal ortográfico antigo; era uma como estrella * que servia de remeter o leitor à nota, ou glossa. (AM)
ASTER-SE – Abster-se. (AM)
ÁSTIGIS – Cidade importante da Turdetânia, corresponderá, hoje, a Écija, na província de Sevilha.
ASTIL/ASTIM – Certa medida agrária, a que hoje chamam Estim ou Estil e se pratica no campo de Santarém e suas contiguidades. Tem 25 palmos craveiros de largo e de comprimento. Em Coimbra usam Aguilhadas em lugar de estins.
ASTO – Subst. Inveja; Astúcia; Simulação; dolo; Fraude; Habilidade; Sagaz; Manhoso.
ASTRAGALÍSMO – Jogo de dados, entre Gregos.
ASTRAR – Estender os molhos de cereal na eira (S. Pedro das Cebolas, Bragança, segundo Leite de Vasconcelos. (VB)
ASTRÉGO – Obrigação; respeito ou parentesco.
ASTREVIMENTO – O mesmo que atrevimento; confiança; Estrevimento.
ASTROSO – Infeliz, Desgraçado e que nasceu em má estrela, que o vulgo se persuade influi em o nascimento e sucesso da vida, e que em latim se diz astrum.
ASTUCIA – Má Indústria, subtileza, finura, invenção, subtileza para fraudar e outros maus fins. (AM)
ASTÚRIA (REIS) – Afonso I (739-757); Fruela I (757/768); Aurélio (768/774); Silo (774/783); Afonso II, o Casto (791-842); Ramiro I (842-850); Ordonho I (850/866); Afonso III (866-910). Antes de 1085, ano da conquista cristã da cidade de Toledo o território para lá do Douro caracterizava-se por uma extrema dispersão de terra de ninguém, habitada por diferentes núcleos étnicos: Berberes muçulmanos e cristãos, neo-muçulmanos, comunidades cristãs de larga permanência núcleos residuais de grupos tribais de pastores pré-romanos. O reino das Astúrias ganhou outra consistência ideológica e política durante o reinado de Afonso II (791/842). Transferiu a capital para Oviedo. No segundo quartel do século IX e primeiros anos do século X durante os reinados de Ramiro; Ordonho e Afonso III, o reino das Astúrias avançou para a meseta e desceu para sul do rio Minho.
ASTUREES – Denominação de um dos povos que habitavam o norte da Ibéria, situado entre os Galaicos e Cântabros. O seu território incluiria boa parte das actuais províncias das Astúrias e de Leão e ainda metade ocidental da província de Zamora. (ET).
ASUUADA – Ajuntamento.
ASVANDADAMENTE/ASVANDAMENTE – Debandadamente, um depois de outro.

ATÁ – Adv. Até. Também; Corrupção de a tal ponto. Nobiliar; *Na qual durou atá o tempo que ó Conde Julião a entregou"*. (AM)
ATAA – Até. Leia-se Atá.
ATABAL- Attablo (PA); Tambor, ou caixa militar. Em Portugal são caixas de cobre, cobertas de um só lado e se tocam nas vésperas e dias festivos às portas das Igrejas.
ATABÁLE – Tambor, cuja caixa é uma meya laranja de cobre; Gil Vicente. (AM)
ATABALES – Antiga designação de Timbale: Do Árabe aT-Tabl "Tambor".
ATABEFES – Bofetão, sopapo; do árabe tabikh
ATABUCADO – Enganado; embebido; fora de si; com grandes esperanças, mas sem fundamento.
ATABUCAR – Dementar alguém com enganosas promessas, para o atrair ao seu partido, iludir; Enganar.
ATACA – Attecca (PA); O cordão ou atacador.
ATACAR AS BOTAS – Apertá-las com atacas ou atacadores.
ATAFÀL – Cinta larga, em geral franjada que rodeya a anca das bestas como mulas de cavalgar, jumentos etc., por baixo da cauda. (AM)
ATAFÒNA – Attahuna (PA) Engenho ou máquina de moer trigo, posta em movimento à mão ou por besta. Atafona ou mó de braço.
ATAL – *A par de tal*, em língua arcaica também se usava "*atam ou tam".*
ATALAIA – Referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p. 354), com potencial arqueológico, todavia não consta das fichas de registo de cadastro da freguesia do Lombo. (TMC). Também; aquele que vigia, que observa; sentinela; lugar elevado de onde se observa ou se vigia; guarita construída em lugar elevado para vigiar o inimigo. (DH).
ATALAIÃO – Designação dada em certas zonas a torres de vigia cercadas por um pequeno circuito amuralhado, de forma a construir um pequeno castelo.
ATALAEIROS/TALAEIROS – Homens experimentados e sobretudo especialistas que trabalhavam em estruturas de vigilância – Atalaias – Foros de Castelo Rodrigo.
ATTA'LI – Até ali.
ATAGANTADOS/ATAGANTAR -Açoutados; castigar alguém com pena de açoutes; Afligi-lo; Mortificá-lo.
ATALAIAS/ATALAYAS – Torres de vigia; Lugar alto; reduto posto em alguma iminência donde as sentinelas descobrem o campo e qualquer movimento inimigo. Dos Árabes nos ficou esta palavra que eles pronunciam "Attalaá"; derivado do verbo Tálea que, na oitava conjugação significa Vigiar; olhar ao longe; descobrir com a vista. No foral de Tomar de 1162, traduzido, se diz; Atalayas ponhamos nós a meyadade do anno e vós a meyadade.
ATALAYAR-SE – Acautelar-se com atalaias, pôr guardas avançadas, tomar todas as medidas de segurança e cautela para conservar-se indemne, sem perigo ou ruína.
ATALHADO – Confuso; perplexo; embaraçado, sem saber o que há-de obrar, dizer ou responder.
ATÁLHO – Caminho diversos da estrada real, que conduz ao mesmo sítio, mas é mais curto. "Eu farei caminhos novos por atalhos velhos" (AM)
ATALIÃO – Torreão como atalaya grande.
ATAM – Tão.
ATANÇAS – Até; Então.
ATAQUEIRO- Produtor de atacas, ou seja, cordas (VR)

ATAREÇA – Os Espanhóis disseram “ataraçanas” o que hoje dizemos tercenas e os nossos antigos taracenas e Terecenas, que eram os arsenais onde se fabricavam as frotas e se guardavam os materiais de que elas precisavam e todo o armamento com que elas se guarneciam; O ferro da lança. No antigo dialecto dos Ingleses “ategar” ou “Hategar” se dizia do ferro ou cúspide da lança.
ATAÚDE – Certa medida de grãos de que particularmente se usou em Galiza e Leão (do árabe at-tãbut, Arca; ataúde; tumba.
ATAVERNADO – Vinho, vendido a retalho em Tabernas.
ATAVIAR/ATAVIO – Attiaba (PA); (voz corrupta de taiaba) Adornos, enfeites, compostura, preparos. Do verbo árabe “Taîaha”.
ATEIGAR – Estimar ou avaliar os frutos no campo, antes de amadurecerem e se recolherem para que os colonos os possam sonegar.
ATEIRÓ – Peça do arado, em metal, que liga o esse ou calço à rebela. (VB)
ATER – Chegar o vitelo a mamar. (VB)
ATERÍDO – Aterido de frio; regelado; enteiriçado “cavallos auguados e ateridos dos frios; pasmado do frio. (AM)
ATÉM – adv. Até
ATEMAQUI – adv. Até aqui.
ATEMPAR – Conceder tempo para as apelações se remeterem ao juízo superior.
ATENDA – Dilação; espera; Moratória.
ATENDER – Esperar; aguardar.
ATERMAR/ATEMPAR – Assinar termo para alguma cousa se fazer ou cumprir; Baliza; Limite; Termo; Fim; Extremidade.
ATICISMO – Finura de gosto próprio dos Atenienses em oposição ao Beocismo, tornado sinónimo de estupidez e de pouca flexibilidade de espírito.
ATILADEZA DO CORPO – Asseio; Compostura dele.
ATIMAR – O mesmo que acimar.
ATOAR/TOAR – Atemorizar; Espantar; Meter medo e terror. É do século XIII. Também soar; estrondear.
ATOARDAS – Vozes; vagas; Fama; rumor.
ATOCHO – Cunha; Tarraxa; Embrulho, com que alguma coisa se aperta para ficar mais firme e segura. Ainda dizemos atochar para apertar.
ATOLEIMADO – Tolo nas acções e gestos. (AM).
ATOLEIRO(S) – Chão muito embebido em água, que cede facilmente ao passo ou a coisa pesada e a recolhe, suja e prende em si. (AM)
ATONDO – Direito de rotear, romper; agricultar algum terreno inculto e reduzido a mato bravo. Também é sinónimo de apréstemo. Do latim vulgar “Attonditum” Tosquiado.
ATOSSIGAR - Matar com tóxico, envenenar “…os foram afogando, ou atossigando pelo caminho”. (AM).
ATOUCINHADO – Ferida branca com aparência de toucinho.
ÁTRABÍLIS – Cólera Negra, humor do corpo humano, quando toma aquele caracter. (AM)
ATRATO – Vestido negro, de luto “Os réos entre os Romanos hido atratos ao tribunal” (AM).
ATRAVESSADIÇO – Cousa que se atravessa, entremete e perturba a boa ordem, desinquieta e embaraça a boa harmonia.
ATREFÍCIOS – O mesmo que utensílios.
ATREGULAR-SE – Atrapalhar-se, meter os pés pelas mãos. (VB)

ATREVIMENTO – Confiança na protecção de alguém que serve de ocasião e motivo para impunemente cometer algum delito ou insolência.
ATRIGADO – P. Passado de Atrigar-se, antigo; Cor de trigo, pálido, por doença, medo, etc., (AM)
ATRONDAR – Levantar um pouco a saia, apertando-a com um baraço acima da cintura. (VB). Também; Trovejar, ressoar, estrondear. (VB)
ATRUTADO – Adj. Pelle; malhada, sarapintada, sardenta, como as trutas. (AM)
ATUAR – Tratar alguém por tu, falar por tu; Atuar-se tratar-se por tu mutuamente. (AM)
ATUIR – Obstruir, entupir.
ATUNO/ANTUNO – Novidades; renovos; colheita de trigo. cevada e centeio. Foral de Torres Novas 1190.
AUÇAM/AUÇOM - Acção posta em juízo. Documento das Bentas do Porto 1396; Nas ordenações se diz auçam.
AUDITÓRIO – Que pertence ao sentido de ouvir; o sentido auditório" "o órgão auditório", auditivo. (AM)
AUFESTO/ENFESTO – Acima. O mesmo que enfesto.
AUGADEIRO – Feixe de Linho em rama, quando da primeira vez se mete na água.
AUGA/AUGAS – Água (NAP)
AUGOUAS – Águas de regar.
AUGUSTA EMERITA – Cidade da Turdetânia cuja população autóctone terá recebido colonos romanos misturando-se com eles e constituindo-se também por isso, como um dos exemplos estrabonianos de cidades peninsulares que progrediram, em particular a nível civilizacional e político; pode identificar-se na atualidade com a cidade de Mérida na província de Badajoz (ET)
ÁULA – Casa onde se dá lição pública de alguma Sciencia e algumas artes; (AM).
ÁULICO – Que é próprio da corte: um pintor áulico é um pintor da corte.
AUMENTAÇÃO – Aumento.
ÁUREO – Com este nome se cunhou a primeira moeda de ouro no ano de 190 a. C.
AUSIDUA/OUSIA/AUSSIDUA – Capela-mor chamada santa por antonomásia por nela residir ordinariamente o Santíssimo Sacramento e, nela se celebrarem os ofícios divinos e as principais funções da Igreja.
AUSTINAÇOM – A língua moderna refez este vocábulo, dando-lhe a forma "obstinação" (LV).
AUTIVO – Activo; que exerce acção que opera.
AUTO – Solenidade (do lat. Actu- provieram as formas divergentes acto e auto, bem como a forma desusada aito); composição dramática.
AUTOS – "nos autos de cavalaria" – Actos, técnica.
AVAMBRAÇOS – Besta de Garrucha; Armadura do antebraço. Peça da armadura destinadas a defender os golpes nos braços. Também; O **avambraço** é um item de armadura do período medieval, que buscava proteger a parte inferior do antebraço que correspondia do cotovelo ao pulso[2].
AVANGUARDA/AVENGUARDA/ABENGARDA/VENGUARDA - Vanguarda (NAP)
AVANIA – Opressão; Vexação; Injuria; Afronta. É palavra Turquesca, mas usados dos nossos antigos.
AVANO – Abano (NAP)
AVANTADO – Aumentado; enriquecido; interessado, o que conseguiu alguma vantagem.

AVANTAMENTO – Parece que é o mesmo que levantamento, Alvoroço; revolta; s.m. Ant. Acrescentamento em honras; Medranças; promoção.
AVANTAR – Aumentar; Enriquecer; Interessar, conseguir alguma vantagem.
AVARCAS – Sandálias que usam os religiosos de S. Francisco, que também se dizem Alpargatas; Alparcas. Calçado rústico de couro cru, cobrindo os dedos e a borda do pé e, algumas vezes a todo ele; a sola é atada ao peito do pé por meio de correias.
AVARIA – Todo e qualquer dano que sucede a um navio ou ao que nele está carregado e também os gastos e despesas extraordinárias e imprevistas de uma viagem. Também; Palhaçada, cabriola, feito digno de ser notado (LV)
AVE – Tem tu, imperativo do verbo (h)aver. Ou imperativo (2ª pessoa do singular) de aver (LV)
AVEA – Espécie de trigo ou cevada que já entre nós se não usa com frequência e algum dia se cultivava muito nas províncias do Minho e Beira Baixa.
AVEÁÇO – Pão de aveia.
AVEDOIRO – O que pode ter sido e havido nos termos hábeis, na forma das leis e sem dúvida ou embaraço algum.1ª metade do século XV; que se há-de haver; Digno de possuir-se.
AVEELA – Caminho estreito; Azinhaga; Cangosta; Viela.
AVEENÇA/AVENÇA – Pacto; convenção, concerto ou assento entre partes; concórdia; União.
AVEENÇAES – No antigo foral de santarém se dizia que os ocençaes eram homens que tinham cargo de arrecadar rendas d'el-rei, ora suas, ora de arrendamento.
AVEENÇAL/AVENÇAL – Celeireiro, o que tem inspecção sobre os mantimentos de uma comunidade.
AVEEROM – Aconteceram
AVELEIRAS – pl. de aveleira, árvore da família das Coriláceas, que produz avelãs, também conhecida por aveleira, avelanzeira; campo de avelãs. (TMC)
AVELHENTAR – Fazer envelhecer, fazer velho, famil v.g. os trabalhos, as doenças avelhentão o homem, e os climas doentios. (AM)
AVELÓRIOS – Contas de vidro qualhado de várias cores, de que os Européos usam no trato com os Cafres, em vez de dinheiro. Fig." vender bem avelórios". (AM)
AVELUTADO – Que tem felpa como veludo.
ÁVE-MARIA – s.f. A Saudação Angelica a N. Senhora – Sinal do sino, para se rezar três vezes à boca da noite – No Rosário Ave-marias são as contas que servem de numerar as saudações angelicas, que se recitam – Às Ave-marias; à boca da noite ou sobre a tarde. (AM).
AVEMTURA (POR) – Porventura
AVENA – Frauta (flauta) pastoril. Estilo humilde e simples e dos versos pastoris. (AM)
AVENAL – Lugar ou sítio cheio ou abundante de aveleiras.
AVÉM – Ele tem; terceira pessoa do indicativo do verbo (h)aver.
AVENÇAR – Fazer avença; ajuste; pacto ou concerto com alguém.
AVENDAR – O mesmo que apartar dos bens ou da herança.
AVENDIÇO – O mesmo que advendiço; estrangeiro que veio de fora.
AVENDO – Separação; apartamento; acção de pôr de fora.; alongar e excluir da herança; deserdação.
AVENHIR – Avir; compor; concertar com alguém.

AVENIDA – Estrada ou caminho, por onde se vai para uma cidade, Vila, Castelo ou fortaleza. (do francês avenue – do rad venir (caminho, alameda, avenida, via longa, ordinariamente orlada de árvores) do latim advenir.
AVENIENCIA – Pacto; Concerto; Avença, Ajuste.
AVER – Verbo. O mesmo que avir; ter, conter; encerrar; oferecer; possuir; ocupar; tomar posse de; alcançar; obter; guardar, etc. Também; Bens, riqueza; Cabedal.
AVER ALGUMA MULHER DE VIRGINDADE – Desonestar-se com ela; corrompê-la, estando ainda virgem.
AVES GARRIDAS – As que falam o que lhes ensinam.
AVESSADO – Feito às avessas; arrevessado; hostil; mal-avindo; repelir. (TMC)
AVESSAR – Dobrar; Mudar; Induzir; subornar; corromper.
AVIAR/AVIADO – Preparar (NAP)
AVICENA – (980/1037) Usbeque. Maior sábio do Oriente; abordou as ciências naturais, a física, a química, a astronomia, as matemáticas, a música, a economia, a moral e a exegese corânica. No cárcere escreveu a História de Hayy ibn Yaqsan, que teria larga influência nos filósofos peninsulares Ibn Bayya e Ibn Tufayl. O seu Cânon de medicina entrou nas universidades europeias desde 1309.
AVIDAS/ÂMEDES/ÂDAS – Parece ser o mesmo que andas, tumba ou esquife em que os pobres eram levados à sepultura.
AVIDOR/AVINDOR – Medianeiro da paz entre os litigantes ou discordes.
ÁVITO – Em língua moderna regressou à forma latina “Hábito”
AVVIER/AVIINR – Suceder.
AVIL – Mau; perverso; Vil.
AVINÇA/AVEENÇA/AVENIÊNCIA – Composição amigável; concerto; avença.
AVINDEIRO/AVINDOR – Homem respeitável e de probidade. O seu ofício era compor as partes para evitar ou concluir sem delongas as ruinosas demandas.
AVINGAR A HERDADE – Reduzi-la a cultura; estremá-la; reparti-la, demarcá-la.
AVIR – Suceder; acontecer alguma cousa.
AVIAR/AVIADO - Preparar
AVIR-SE – Concordar-se; compor-se ou ajustar-se com alguém; fazer com ele avença.
AVITITADO – Prazo ou arrendamento de vidas. É do século XIV e XV.
AVITO – Vestido; roupa; insígnias ou distintivo do seu respectivo estado ou profissão.
AVIVENTAR – Avivar; florescer; despertar; dar vida.
AVISADO – Prevenido (NAP).
AVISAMENTOS – “contra ele de gentes e d’armas com taes visamenros” – Preparativos, defesas. Também; Discernimento (NAP)
AVIZAMENTO/AVIZANÇA – Conselho, deliberação, Juízo assento; moderação grande nas palavras e acções, prudência, sisudeza.
AVOAMENTO – Voo; Elevação de espírito.
AVOAR – Fugir; desaparecer quase de repente. Vem do latim “advolare” (fugir voando)
AVOENGA – Direito de suceder nos bens que foram dos avós ou outros ascendentes consanguíneos. Em Aragão chamam a isto bens de avolorio, do espanhol Abuelo.
AVOENGO/AVOENGA/AVOLENGA – Os costumes e acções que praticaram os nossos avós, antepassados ou ascendentes da nossa família. É do século XV.
AVOGADO – Advogado, patrono, vozeiro.
AVOLTO – Volteiro; revolto; desavindo.
AVOLVIMENTO – Alvoroto; volta; revolta; gritaria, Bulha; Turbação.

AVONDAMENTO/AVONDANÇA/ABUNDANCIA – Cópia, fartura; abundar, transbordar; correr copiosamente; ser rico; ser excessivo; redundante; plenitude; excesso de alimento; magnificência.
AVONDANÇA – Solenidades de forma exigidas pela lei para a validade de um acto jurídico. (HS)
AVONDANÇAS – Diligências; cautelas; requisitos para alguma cousa se fazer com justiça e razão.
AVONDAR – Satisfazer, dar com largueza e fartura
AVONDOSO – Abundante.
AVONDOSAMENTO – Com largueza; abundantemente e sem falta.
AVORRECER – Muito repugnante. (HS)
AVORRECIVEL – O Português de hoje fez ressurgir o "b" de origem – aborrecível.
AVORRECEDOIRO – Abominável, digno de ser aborrecido e detestado.
AVERARCA – Abarca
AVUDO – Tido ou havido, tida ou havida.
AVIYNDEIROS – Avindor.
AXA – Palavra que usamos para designar uma mulher indeterminadamente do mesmo modo que os homens dizemos soão ou um fulano.
AXENTE – Assim chamaram a prata. Vem do latim argentum.
AXORAR – Aferrar. Termo náutico antigo de que ainda usaram Fernão Mendes Pinto e Diogo de Couto.
AXÓRCAS – pl. Pulseiras ou argolas de adorno nos braços e pernas V. Ajorca, Ajorcado.
AYRÂO – Era antigamente um ramo de flor de pedras dinas que, no toucado das mulheres se punha se sem correspondência.
AYXA ANZURES – Ayxa ânsora (PA); Nome próprio da mulher de Echa Martimm Rei de Lamego, o qual depois de vencido pelo Conde D. Henrique 1102 se batizou com a sua mulher e a maior parte da sua família, por cuja acção lhe deu Conde D. Henriques o domínio de Lamego e seus limites para nele viver como se colige da seguinte passagem: Echa Martim, Dominus Lameca… donationem quam nemo post nos irrumpat, neque violet… quam illi facio de totu terra de Lameco quam ipsse sempre habuit de suis patribus Sarracenis qui ibi regnaverunt: & quiae ego illum vici, & precendi cum Axa Anzures, cum multis feminis & postquam erant ad meum vele voluit esse Christianus tam ipse quam Axa Anzures do illis & posteris locum Lameca & totam suam jurisdictionem &c. – Crónica de Cister Tomo I Livro V capitulo I pág 559.
Tradução: *Echa Martim, senhor Lamego, às mulheres e depois de estarem junto ao meu véu quis ser cristão, tanto ele como Axa Anzures, dou a eles e à sua posteridade o lugar de Lamego e toda a sua jurisdição etc. Aos sarracenos que lá reinaram: e desde que eu os venci, e para ser honrado com Axa Anzures, com muitas mulheres, e depois que elas estavam em meu véu, ele desejou ser um cristão, tanto ele quanto Axa Anzures, e eu dou a eles e para sua posteridade o lugar de Lamego e toda a sua jurisdição & c.*
AZ ORDENADO – Formatura. (HS)
AZAFAMA – Tumulto de cuidados e negócio; fervor; cuidado; Pressa; Diligência. Daqui Azafamado, o que anda cheio e desinquieto com mil cuidados e desvelos, para fazer e concluir alguma obra ou levar ao cabo algum negócio.
AZAGA – (do árabe sâqa) retaguarda dum exército.

AZAGAIA -Alchazeca (PA); (voz corrupta) Lança arrojadiça de que usam os mouros quando montam a cavalo. Deriva-se do verbo árabe "Chazaca" rasgar, passar, ferir rasgando com lança ou com arma de ponta.
AZAL – Designativo comum a numerosas castas de uva. (TMC)
AZAMBRADO – Malazambrado, diz-se do individuo desairoso e mal vestido (LV)
AZAMBUADO – adj. Escabroso – insipido como zamboa; parvo.
AZAMBUJA – Azzabuja (PA); Vila da província da estremadura. Significa Olival bravo ou zambujal.
AZAQUI – A décima de todos os frutos das terras que os mouros de Lisboa e seu termo pagavam à coroa.
AZAR – Asar (PA); Dificuldade, infelicidade, fortuna, adversa.
AZARIA – De azaria temos frequente menção nos forais antigos, que foram dados àquelas terras defensáveis, que confinavam com os Mouros. No foral de Tomar de 1161, se diz; *de azaria et de tota illa cavalgada, in qua non fuerit Rex, nobis V^{am} partem: vobis IV^{or} partes absque ulla Alcaidaria* e na tradução que se fez deste no século XIV, lemos; *E d'Azaria e de toda aquela cavalgada, en que el-rei non for, a nós a quinta parte, e a vós as quatro partes, sem nenhuma Alcaidaria.*
AZARNEFE - espécie de veneno. (CM)
AZARVE – Muro, trincheira (NAP)
AZAVAM/AZEVAM – Azagaia, lança curta e arrojadiça.
AZCUMA – Azeúma; Lança curta ou dardo.
AZEDAL – De azedinha; aleluia; trevo-aquático; trevo-azedo; campo de azedas. (TMC).
AZEDO – Enchido de tripa de porco, constituído por pão, mel, gordura de porco e azeite. (VB)
AZEIRAR – Forçar de aço – Temperar ou dar tempera de aço ao ferro. – Endurecer como o aço; - c'os trabalhos mais se azeira a virtude, como o oiro se afina no crysol "e azeirão a alma às frechas de cupido" "lhe azeirarão a constancia a virtude aos golpes da tyrannia e das desgraças", i.e., fizeram fortes para resistir. (AM).
AZEITÃO – Azzeitun (PA) Lugar na província da Estremadura. Significa Olival ou as oliveiras.
AZEITE – Azzait (PA); Óleo de azeitona. Da mesma maneira o prenunciam os Hebreus "zait".
AZEITE DE SAYM – De peixe que hoje dizemos azeite de saim. Óleo de peixe que se extraía principalmente dos cachalotes e das toninhas e que era usado sobretudo na iluminação.
AZEITEIRO – Homossexual (VB)
AZEMÁLA/AZEMELLAS/AZEMELHAS – s.f. Besta de carga de cáfila – fig. Homem ou mulher estúpidos.
AZEMEL – Não só significa o almocreve que trata e guia as azémolas ou bestas de cargas, mas também se toma pelo campo ou arraial.
AZEMOLA – Azzamla (PA); Besta de carga.
AZENA/AZENIA/ACENIA/ASENHA/ASSANIA – Moinho d'agua que serve para o trigo e qualquer outro género de pão a que chamamos, Azenha; Asanha ou Acenha. Hoje difere do moinho: este tem rodízio e anda com água do rio e, aquele tem roda, pela parte de fora e anda com água do ribeiro que caindo do alto da roda lhes dá impulso. Ficou-nos este nome dos árabes que chamam assanha ao moinho d'agua que serve para trigo. No

foral de Tomar de 1162, se diz; En nhas asenhas non dedes mais cá de XIIII, partes huma, sem ofreçom.
AZENE – Azene: Corrup de Azena; m.q. azenha; azenia; acenia; asenha; assania; Moinho de água que serva para trigo e qualquer tipo de pão, a que chamamos azenha, azanha, asanha ou acenha. Hoje difere do moinho, este tem rodízio e anda com água do rio, e aquela tem roda, pela parte de fora, e anda com água do ribeiro que, caindo do alto na roda, lha dá o impulso, ficou-nos este nome dos Árabes, que chamam assanha ao moinho d'água, que serve para trigo, e nós chamamos azenhas não só as que moem o pão, mas também as que pisam a azeitona. /Elucidário, Viterbo, pp697). (TMC)
AZENHA – Atafona; moinho; moinho de rodízio movido a água (do árabe as-sániâ). (TMC)

Legenda: Foto das saídas de água de uma azenha; espólio da Associação Terras Quentes

AZENHA DA CEGA – Azenha: (Ver, Azenha) – Cega: Mulher que não enxerga; Estado de embriaguez; sem ver; tacteando no escuro; sem ponderar ou raciocinar; a torto e a direito. (TMC)
AZENHA DA MOTEIRA - Azenha: (Ver, Azenha) - Moteira: acto ou efeito de motejar: Zombar de; gracejar; dizer motejos; troçar; dar mote para glosas. (TMC)
AZENHA DA TURCA - Azenha: (Ver, Azenha) - Turca: Bebedeira; camoeca; embriaguez; herniária; porre; touca; natural ou habitante da Turquia. (TMC)
AZENHA DAS DOBRAS – Azenha: (Ver, Azenha) - Dobras: Pl. de dobra; parte de um objecto que se sobrepõe a outra parte; prega; vinco; da geologia, deformação sofrida pelos estratos das rochas sedimentares e devida a movimentos tectónicos. Antiga moeda Portuguesa. (TMC)
AZENHA DO CHIQUEIRO - Azenha: (Ver, Azenha) – Chiqueiro: Curral onde são recolhidos ou criados os porcos, ovelhas, bezerros, cabras etc. pocilga; lugar lamacento onde refocilam os porcos; lugar imundo; (TMC)
AZENHA DO SERRÃO – Azenha: (Ver, Azenha) – Serrão: Relativo a serra, serrano; serra grande manejada por dois homens e própria para serrar toros de madeira. (TMC)
AZENHA DOS DÍZIMOS – Azenha: (Ver, Azenha) – Dízimos: tributo que os fiéis pagavam à igreja como obrigação religiosa; referente à décima parte de um todo; (TMC)
AZENHAGA – Azzancha (PA); (voz corrupta) Aldeia na província da estremadura. Rua estreita e apertada; caminho entre duas paredes ou mato. Deriva-se do verbo árabe "Zanaca" apertar, estreitar.
AZEQUIA – Presa; regadeira; poça; tanque onde se recolhem as águas para regar as terras.
AZERADO – Afiado.
AZERVADA – Paliçada; reparo feito de ramos troncos e paus; estacada. Ainda hoje se diz azevre um para-vento ou biombo feito de ramos para resguardar as eiras
AZEUMA/AZEVÁM - O mesmo que azagaia, lança curta e arrojadiça.
AZEVÃ – lança pequena de arremesso, espécie de ascuma; azevão. (DH)

AZIAR – Azziar (PA); (termo de Alveitaria) Mordaça de ferro ou de pau que lançam ao beiço de cima de qualquer besta para estar quieta quando a querem curar ou ferrar.
AZIBAL – De azinho; m.q. azinhal, campo plantado de azinheiras; árvore da família das fagáceas, que fornece madeira apreciada, produz fruto (bolota) (TMC)
AZIMELA – Macho ou mula grande de carga a que antigamente chamavam mus ou muas ou azémola.
AZINHOSO – Lugar cheio ou abundante de azinheiros; espécie de carvalho a que os latinos chamam azinheiras e enzinheiros e é bem conhecido pela sua bolota mais pequena e mais doce.
AZINTAL – Ocidental, que está ou fica da parte Ocidental.
AZIUMAR-SE – Azedar-se, tomar aziúme e perder o gosto natural que as frutas, ou qualquer manjar ou iguaria tinham.
AZO – Ocasião; motivo; tentação; tentação; jeito para ser fazer alguma cousa.
AZOO – Situação de aperto. (NAP)
AZORECHO – Azulejo
AZOREIRA/AZTOREIRAS – Matas, devesas ou moutas em que se fazia lenha.
AZÓTICO – Ar azótico é o que respiram ou melhor, exalam os corpos mortos combinados com a respiração dos vivos.
AZOVIA – Azevia; os pobres fazem ainda com mel outras lambarices, como as azovias (LV)
AZUDE – O mesmo que açude ou açuda; presa; mota; represa; dique, que faz altear as águas ou para as conduzir a sítios mais altos que o seu álveo ou para que depois abrindo-se estes receptáculos, corram com mais violência e abundância. Vem do verbo arábico sadda, tapar, impedir, represar o curso de água. Os espanhóis também chamaram açudes ou açudas a uma grande roda, com que se tira água de algum poço ou caudaloso rio, para regar hortas, pomares e outros usos, o que nós dizemos nora.
AZUL – Lazur (PA); (voz Persica) Coisa Azul, donde os pintores e lapidários tomaram o nome da pedra a que chamam “Lápis Lazúli” e os Árabes e os Persas lhe chamam “Lazuardi”
AZUMBRADO – Algum tanto corcovado; de estrutura não direita.

B

B – Enquanto nota musical, significava muito, ou fosse levantando, ou abaixando ou sustendo as vozes do canto. (Eluc)

BAARAZ – Planta chamada por outro nome herva de ouro com que fazem os alchimistas particulares segredos. (AM).

BABE – Babe (PA); Freguesia na província de Trás-os-Montes. Significa portinha. Deriva-se da palavra árabe "babon".

BABEGARDO – Babelârdo (PA); Aldeia termo do Tomar. Compõem-se de Babe, a porta e adro, largura. Significa Porta Larga.

BABEIRA – Parte inferior do capacete que protege o queixo (AA). Também; na armadura, peça do elmo que cobria a região inferior da face (boca e queixo); cada uma das passagens por onde a água do mar entra nos compartimentos de cristalização. (DH).

BÁBÓRDO – O lado do navio oposto a estibordo (do francez bàbord) o Bombordo, dizem hoje. (AM).

BABOUVISMO – doutrina social de François-Noël Babeuf (1760-1797), dito Gracchus Babeuf, um dos primeiros agitadores da Revolução Francesa, e que preconizava a igualdade entre os homens e o trabalho obrigatório para todos. (DH).

BABUCHKA – avó; vovó. (DH)

BACAMARTE – antiga arma de fogo de cano largo e em forma de campânula (para facilitar o carregamento da munição); indivíduo sem préstimo, inútil, pesadão; livro velho, volumoso e sem utilidade; coisa sem serventia; traste; cavalo que fica sempre entre os últimos colocados. DH).

BAÇAL – Baçal (PA); Freguesia na província de Trás-os-Montes. Significa "Cebolal", o lugar das cebolas.

BACALAR – Prédio rústico que constava de dez ou doze casais, cada um com a sua junta de bois. Os seus colonos ainda que sujeitos ao senso eram, contudo mais honrados que os símplices lavradores porque estavam livres e isentos de encargos servis.

BACAMARTE – Espada curta e larga que pendia ao longo da coxa esquerda.

BAÇAQUEIRA – Bandulho, estomago inchado. (VB).

BÁCARO – planta (*Nardus stricta*) da fam. das compostas, nativa das charnecas eurasianas, que era usada para entretecer as coroas de louros dos antigos gregos e romanos; bacante, bacárida, bacáride, nardo. (DH).

BACCALAR – Assim chamam hoje um pequeno povo nas margens do douro e no termo da vila de ermamar (Armamar).

BACHALER – Beneficiado de uma catedral.

BACHAREL/BACHALER – Assim se chamam nas academias e universidades ao que já tem o primeiro grau, e está iniciado para ser doutor. Porém não só nas universidades, também nas igrejas catedrais e nos mosteiros havia bacharéis ou baccalarios, nome que se dava aos cónegos e monges mais novos e que já estavam dispostos e como de caminho para subirem a dignidade e cargos mais altos nas usas respectivas corporações.

BACIA – Bacia-de-forno é, no Minho uma "vasilha de barro vermelho, oblonga e pouco alta, para assados no forno" (LV)

BACINETE – Síntese histórica; No início do séc XlII começou a disseminar-se por toda a Europa o aparecimento de uma protecção para a cabeça, que ficou conhecida por grande elmo, elmo de cano, ou baul. Tratava-se como já se referiu, de um enorme e pesadissimo capacete de forma cilindlica (daí o nome de elmo de cano ou Baul) que numa primeira fase assentava totalmente sobre a cabeça e mais tarde, já nos finais do

séc XIII, passou a assentar sobre os ombros. Por debaixo desse elmo começaram os cavaleiros a usar um pequeno casco feito em cabedal ou em ferro colocado entre o coiro cabeludo e o aìmofrém de malha, destinado a evitar o contacto directo do grande eìmo com a cabeça. Esse pequeno casco, tambérn conhecido em Portugal por cervilheìra, era anteríor ao séc, XIII. Sabe-se que, durante o séc. XlI, já a cervilheira era usada por debaixo ou por cima da malha do almofrém.

Neste último caso e afim de evitar o contacto directo da cota de malha com o coiro cabeludo, enrolavam os combatentes um capuz - a coifa -- geralmente feito de urn materiaì forte ou acolchoado à volta da cabeça atado sob o queixo, sobre o qual assentava a cota. A cabeça, como o ponto mais vulnerável do corpo humano. foi sempre aquele que mais atenções despertou aos ferreiros e fabricantes de armaduras daquela época, e por isso houve sempre o cuidado de se efectuarem sucessivos aperfeiçoamentos, tendo em conta não só o factor defesa. mas também a comodidade e mobilidade do cavaleiro. O grande elmo não permítia qualquer espécie de mobilidade ao combatente, aìém de que o seu peso o tornava extremamente incómodo. Assirn, era sempre transportado no arção da sela ou às costas, só sendo envergado no rnomento do combate. Durante esse tempo a cabeça do carvaleiro ficava protegida apenas pela cervilheira e pelo almofrém. Começou então, já na segunda metade do séc XlII reconhecer-se a necessidade de uma maior e melhor utilização Para essa protecção interior até porque o grande eìmo era rnuitas vezes abandonado em combate devido aos incómodos que provocava aos cavaleiros deixando dessa forma a sua cabeça descoberta.

Nasceu então. já nos finais do séc XIII. um novo tipo de protecção que ficou conhecido por “íracineie” A sua forna era semelhante à cervilheira mas projectava-se mais para baixo. Na sua fase inicìaì o topo do bacinete era redondo taì como a cervilheira simplesmenie possuia uma grande diferença em relação a esta última não se destinava a ser colocada por debaiso ou por cima,da cota de maìha mas a assentar directamente sobre a cabeça, sendo a cota de malha fixa aos seus bordos inferiores.

Nessa época, o almofrém já não estava fixo à restante loriga pelo que não se tornava fáciì colocá-la .com o bacinete no topo. Começou então a usar-se um novo sistema, que consistia numa proção de cota – a camalha – suficiente para cobrir os ombros, costas e peito dos combatentes a qual era fixa ao bacinete. Este tipo de bacinete começou a ser conhecido por bacinete de camalha (do Inglês “*Cap mail”*).

A partir de 1300 começou a ajustar-se à cervelheira, que estava já então fixa ao camal de malha, uma cara, ou, como os Franceses de então diziam, un viaire, ou seja, uma peça móvel que cobria a face, podendo facilmente levantar ou baixar. Os primeiros ensaios deste suplemento de armadura de cabeça são estranhos, mas indicam claramente a natureza dos golpes que importava parar.

Estamos num período em que o combatente começou a tomar consciência dos eleitos devastadores das novas armas qüe então começarâm a proliferar nos campos de batalha. A necessidade do combate corpo-a-corpo à arma branca obrigou cada um a procurar os meios próprios e a cobrir-se da forma mais segura e mais prática. Nos finais do sec. XIII. uma vez quebradas as lanças as gentes de armas serviam-se sobretudo de espada larga e da maça. Dos golpes destas armas, os mais perigosos eram os oblíquos ou horizontais. Os golpes de ponta não eram utilizados senão no combate a pé. A cavalo os golpes de talha sobre o escudo à altura do pescoco ou da cara, quer fossem dados pela espada ou pela maça d'armas eram violentamente sentidos através da camalha

isto é, a parte da cota de malha que pendia do bacinete sobre os ombros ou podiam atingir o nariz ou os maxilares.
Estando a cervilheira bem fixa ao crânio nasceu a ideia de proteger a face com um apéndice proeminente e bem ajustado ao capacete para não saltar por efeito de um golpe vigorosamente aplicado.
As primeiras viseiras formavam um apêndice pontiagudo que se projectava sobre o pescoço e que permitia ser facilmente levantado para o combatente respirar. Para alem disso preservava o cavaleiro dos golpes de talha sobre a cara ou sobre o pescoço. Mas um golpe obliquo sobre esta viseira podia causar sérios traumatismos. Por isso, é muito raro vermos esle tipo de cara em iluminuras ou esculturas. tendo desaparecido nos primeiros anos do séc. XlV. Cerca de 1310. aquela viseira foi substituida por uma outra mais bem concebida que envolvia o pescoço e a camalha. Apesar de tudo, qualquer destas viseiras tinha um defeito, a parte inferior apoiava sobre o peito e não sobre a armadura rigida pelo que ficava sempre vulnerável a qualquer golpe violento. Para solucionar este problema, ccmeçou-se a adoptar a partir de 1350 uma baveira rigida sobre a qual assentava a cara, concedendo urna resistincia mais eficaz aos golpes.
Por essa época, a grande moda nos bacinetes era ditada pela França mas sobretudo pela Itália do Norte, que desde há muito conservava era quase monopólio do fabrico de armas defensivas. Os elmos de Pavia e Milão eram mencionados desde o séc. XI. Os bacinetes italianos eram diferentes dos franceses. Enquanto que nos primeiros como vimos os bordos inferiores da cara apoiam sobre uma peça de ferro chamada baveira nos bacinetes italianos não existia essa baveira os lados da cara apoiavam-se firmemente sobre os bordos inferiores do bacinete , o que impedia a viseira de ferir a face sob o impacto de um golpe. Para além disso, a parte inferior da cara descia até muito baixo de forma a ocupar o lugar da baveira
Por volta de 1380. os Franceses começaram a inclinar o topo do bacinete bastante mais à retaguarda do que os Italianos, a fim de oferecer uma maior resistência aos golpes. Para além disso, abriram no bico da cara pequenos orifícios para arejamento e respiração, mas somente do lado direito. a fim de não diminuir a resistência do aço por efeito da pancada da lança contrária, feita geralmente a partir do lado esquerdo.
Enquanto Franceses e lngleses disputavam a supremacia dos bacinetes nos campos de batalha, os Alemães criararn um eslilo rnuito próprio. A cara para os seus bacinetes limitava-se a ser arredondada ou levemente pontiaguda e movia-se somente para cima, atraves de um ponto fixo onde se articulava. Podia também ser movivel. A este tipo de bacinete deram os Alemães o nome de Klappvisier. Muitas vezes, a cara era substituida por uma peça metálica, que estava fixa à malha do camalho e que enganchava no frontal de bacinete. Este modelo parece ser de proveniência mais antiga que o Klappvisier. Todos estes bacinetes tiveram existência em Portugal.
Quando D. Dinis morre, no segundo quartel do século XIV, o país encontrava-se em plena prosperidade económica. Afonso IV vai pois herdar um Portugal estabilizado que começava a acompanhar a Europa nas técnicas mais avançadas.
No periodo que coincide com o reinado de Afonso IV, não temos quaisquer indicacões em relação ao uso dos bacinetes em Portugal. Tal não acontece, porém, em relação ao reinado de D. Pedro. Temos dessa época algumas descrições, nas sobretudo magníficas representações iconográficas, das quais se destacan os túmulos de D. Pedro e de D. Inês, em Alcobaça e a escultura de Cristo morto, que se encontra no Museu Machado de Castro,em Coimbra.

Em quaisquer destas esculturas se pode apreciar, para além das peças de armamento e vestuário da época, os modelos de bacinetes e grandes elmos já atrás descriros.
Quaisquer destas duas esculturas se situam na segunda metade do séc. XIV.
Os túmulos de.D. Pedro e de D. lnês são contudo os exemplares em que podemos obrservar os mais extraordinários exemplares de bacinetes desse período. As representações iconograficas de cenas alusivas ao julgamento final dos assassinos de D. lnês, em que figuras de personagens da época se misturam com cenas relgiosas retratam-nos de uma forrna perfeita os vários modelos de armas da altura. E curioso verificar que, nos inúmeros bacinetes ali representados, nenhum está equipado com cara, apesar da cara estar mais do que divulgada nessa epoca.
Os bacinetes representados na estátua do Cristo Morto dão-nos, também, uma noção exacta do uso daquele modelo de capacete.
Nas três representações de guerreiros que se encontram ao longo do aludido monumento, verificamos um facto extremamente curioso e importante para o estudo dos bacinetes, Nos dois primeiros quadros vemos dois guerreiros apoiados nos seus grandes elmos e tendo na cabeça bacinetes sem cara. No terceiro quadro vemos um guerreiro apoiado no seu escudo, sem o grande elmo, mas com o bacinete equipado com cara. Essa cara está articulada em ambos os lados do bacinete, e, pelo seu formato, embora esteja levantada, parece-nos ser do tipo saliente, talvez em forma de bico de pássaro. Isto signilìca que os dois primeiros guerreiros utilizavam os bacinetes sob o grande elmo. Por sua vez, o terceiro guerreiro já não tem grande elmo e por isso está representado com um bacinete com cara.
A época áurea dos bacinetes em Portugal situa-se entre os reinados de D. Fernando e D.João I. Para o estudo do armamento desta epoca, possuímos felizmente uma vasta documentação que nos é dada por Fernão Lopes ao longo da Cronica de D.João I. Também é de salientar a Crónica de D. Fernando pelo mesmo autor, em que se recolherarn igualmente preciosos elementos sobre este assunto. A minúcia com que este autor aborda os factos descritos permite-nos ter uma ideia exacta do armamento da época. dando-nos assim possibilidade de efectuarmos um estudo científico sobre a matéria. Existem actualmente em Portugal dois bacinetes de um modelo tipicamente Ibérico. Ambos são de baveira e encontram-se em relativo bom estado. Um deles pertenceu à colecção particular de William Scollard e está de momento no nosso país. O outro pertence ao Museu Municipal de Pinhel e foi encontrado em escavações naquela zona. São ambos muito parecidos, embora o de Pinhel seja um pouco mais estreito e comprido. Nenhum deles possui cara e ambos estão equipados com baveira.
A primeira vez que no nosso país é feita uma referência ao bacinete é no reinado de D. Fernando. O reinado deste rei coincide com uma altura em que o bacinete estava no máximo da moda na Europa. Para mais, a vinda dos Ingleses para Portugal e o contacto com os Espanhóis deram-nos a noçãodaquela protecção.
Por este motivo, El-Rei D. Fernando decretou uma série de normas relativas às alterações que pretendia fossem introduzidas no nosso armamento. Dessas alterações, uma havia que respeitava à introduçâo obrigatória do bacinete em substituìçào da capelina. Ao legislar no sentido de adoptar o uso obrigatório do bacinete no nosso país, D. Fernando seguia uma moda então já muito divulgada no estrangeiro e reconhecia as suas vantagens.
Fernão Lopes aborda de forma curiosa este ponto, porquanto, segundo ele, D. Fernando mandou que da capelina fizessem “barvuda com camalhom”,,. E è curioso porque

embora a barbuda seja uma variedade do bacinete distinta dele há casos em que historiadores a consideram, embora de forma discutivel, totalmente distinta. Fernão Lopes confunde estas duas armas.
Na crónica de D. João I ao aludir à forma como ."O mestre hordenou de fazer moeda…" (idem. Cap. XLIX), relata-nos Fernão Lopes a vinda dos Franceses para Portugal a fim de auxiliar D Fernando na luta contra os castelhanos os quais traziam bacinetes que chamavam barbudas e que, devido a esse facto, nós passámos a chamar às barbudas, bacinetes. Este pormenor é extremamente curioso e por isso merece a pena transcrever este pedaço de texto.
"Quando elRei Dom Fernãdo começou guerra com elRei Dom Henrique, como ouvistes, venheram a Castella com ele muita gemte de Framceses a que chamavom compana bramca; e viinham armados a esta guisa: tragiam baçinetes com estofas, e camal de malha com cara posta e chamavom lhe barvudas…." "… e nos chamamos agora aas barvudas bacinetes de camall…" (cap.-mail). Idem, cap. XLIX.
A barbuda aparece, ao que se supõe pela primeira vez, no nosso país no reinado de D Fernando.Apesar da polémica que se tem gerado à volta deste modelo de capacete parecem não restar dúvidas de que na realidade é uma variante de bacinete caracterizada brasicamenre por ter urn guarda-nuca mais comprido e uma face mais proeminente.
A crónica de Giovani Matteo e Filippo Villani, no cap. LXXXI ao descrever os "feitos e desfeitos da Companhia Branca de John Hawkood (1364) reza-nos o seguinte:
…"Desde que os Ingleses se viram capitaneados, como homens amantes de presa e desejosos de peleja, no dia 2 de Fevereiro, em numero de mil lanças, as quais faziam três por "lança" de gente a cavalo e eles foram os primeiros que trouxeram para Itália o conduzir a cavalaria sob o nome de "lanças" que antes se conduzia sob o nome de "Barbutas" ou "Banduras".
Deste registo fica-nos uma informação preciosa: as barbudas não eram mais do que um tipo de bacinete especifico adoptado e utilizado pelos homens das barbutas. E daí o seu nome.
Em tudo o mais é absolutamente idêntico. e as diferenças não justificam que tenha uma caracterização própria, a não ser para identificar uma moda qüe se gerou em alguns países. nomeadamerrte em ltáia, de onde se disseminou pela Europa.
Estes bacinetes eram, bem como a sua camalha, forrados corn um tecido acolchoado ou com cabedal. A esse forro dá-se o nome de estofa, que só era aplicada nos capacetes das pessoas com mais posses, visto serem caras. Femão Lopes alude a este facto da seguinte maneira: "... e os que eram bem armados haviam de ter barvuda com seu camalho e estofa…"(Idem, cap. XLVIII).
Geralmente, só o forro interior do bacinete era feito em cabedal e composto por tiras em forma de gomos unidas no topo. A malha de ferro é que geralmentre assentava sobre uma matéria acolchoada.
Os documentos portugueses coevos pouco se referem às barbudas, porquanto no nosso país se confundia o bacinete com a barbuda. seja como for o bacinete foi durante toda a segunda metade do séc. XIV era portugal a defesa para a cabeça mais divulgada.
Face ao incremento que tiveram as armas ofensivas nesse periodo, a protecção total da cabeça era fundamental para a sobrevivência do cavaleiro. Simplesmente os calores a que os combatentes estavam sujeitos davam origem a que frequentemente retirassem a cara. Na batalha de Atoleiros (1384), D. Nuno Álvares Pereira combateu com um

bacinete sem cara, e Rui Pereira foi morto porque “alçou a cara do bacinete que não podia bem sofrer (devida ao coỳor) e ouue huua a virotada pela testa de que em pouco espaço lançou aquell fidalgo os spiritu", Fernão Lopes (Crónica deD.Joãol, cap. XLXV)
A mesma sorte teve João Afonso, filho de "Affomsso Esteeveez da Azãbuja ", que morreu "de huua viratom pello rosto " por não levar a cara do bacinete (idem cap.XLX)
Aliás, os fidalgos portugueses deviam ser um pouco avessos ao uso da cara.
Na descrição das armas que os fidalgos portugueses usaram na batalha de Aỳjubarrota, Fernão Lopes (Crónica de D. João I) alude aos bacinetes envergados pelos nossos combatentes (bacinetes de camalha) " delles com caras e delles sem ellas" . O próprio D . Nuno Ávares Pereira antes das batalha de Atoleiro " (.. .)beijou a terra e alçousse em pee, e pos seu bacinete sem cara" , (ídem cap. XLIX).
Se tivermos em conta que os Castelhanos possuiam magníficas armas ofensivas, principalmente bestas de excelente qualidade e enorme poder, e se admitirmos que os portugueses sabiam, como certamente deviam saber, de todo esse poder, teremos de concluir que mesmo com calor era arrojado não protegerem o rosto.
No que respeita à forma da cara nada nos é referido acerca disso. É de supor no entanto, que predominassem as caras de feitio aboalado, embora não seja de excluir o uso das viseiras com a forma de bico de pássaro.
Pelo que toca à maneira como a cara estava articulada ao bacinete julga-se que os portugueses tanto usassem a articuỳação lateral como a frontaỳ. (MGM) Também; Parte da armadura por baixo do capacete. Morrião ou chapéu de ferro ou aço para defender a cabeça das armas ofensivas. Havia bacinetes singelos e bacinetes de camal ou babeira a qual era uma parte do elmo do nariz para baixo, que cobria a boca, a barba e os queixos. Havendo moradores de Freixo de Espada à Cinta, mandado dizer a el-rei D. João I que a maior parte dos homens daquela vila, “a quem lançaram béesta da garrucha e solhas e gorgilim, tinhão arneses d’homem d’armas, a saber; Cótas e bacinetes de camal e Laudees, e deles peças, manda o rei no ano de 1410 que escolham; ou ter as cotas ou peças com bacinetes de camaaees ou de babeira e com avambraços; ou ter as ditas solhas e gorgelim, qual antes quiseram ter, tal tenhão. (CM).

Legenda: Bacinete bico de pássaro
espólio da Associação Terras Quentes

BACÍO – Hoje se toma, em algumas partes, por vaso de contumélia e destinado às imundices. Porém na província de Trás-os-Montes, ainda conserva o seu antigo significado, pois chamam bacio aos pratos. Mas note-se que, antigamente, bacio se tomava por todo o vaso de boca larga, como gomis, canecas etc, e, nisto se

diferenciavam das bacias que estas eram de mais bojo e fundas, e aqueles eram mais chatos e espalmados, a modo das nossa bandejas.
BACIRRABO – Caudatário do bispo, o que levantava as fímbrias das vestes pontificais. No tombo do aro de Lamego.
BACORO – Bocaairo (PA); Nome diminutivo de "bacron" o boi. É o mesmo que novilho. Os Árabes chamam Bocairon a toda a cria que é pequena.
BACULO – Vinha, bacelo. Talvez derivado de bachus.
BÁCULO – Bordão alto, cajado de pastor, de peregrino. – Espécie de bastão alto, com a extremidade superior curva, do qual usam os Bispos e abbades de certas ordens quando fazem ontifical e em outras ocasiões. – Porta levadiça, com o seu conytrapeso que se põe diante das guardas avançadas. (AM).
BADALHOUCE/BADALIOS – Assim se acha nomeada, em os nossos mais antigos monumentos a cidade de Badajoz.
BADAMÉCO – Pasta de papeis ou livros que se levam à escola; - corrupto de "vade mecum" – chulo; homem de pouco préstimo.
BADAMECOS – Testículos. (VB)
BADE – O nome de S. Beato presbítero que floresceu nas Astúrias, pelos fins do século VIII e confutou a heresia dos monotelitas em Espanha.
BADÊLE – Pá do lixo, em Freixo- de- Espada-à-Cinta. Cf. Espanhol badil, pequena pá de ferro. (LV)
BAÈTA/BAYETA – Tecido de lã grosseiro, felpudo; a frisa ou avesso dos panos de lã. (AM)
BADULAQUE/BAZULAQUE – Guisado de carne, cortada em miúdos ou de fressuras de carneiro com cebola toucinho, azeite etc., e bem conhecido e praticado nas comunidades religiosas deste reino. Entre as mais sousas que o Condestável Nuno Álvares Pereira deu ao mosteiro de Alcobaça "donavit etiam grandem Caldeiram (Caldeirão) in qua Castellani de famulato Regis faciebant suos.
BAFAGEM DE VENTO – O assopro do vento favorável e de servir, aragem própria e acomodada para navegar.
BAFOMÉ/BPHPOME/BAFOMETE – Do latim medieval baphometh, baffometi. É uma criatura simbólica que apareceu como ídolo pagão em transcrições do julgamento das Inquirições dos Cavaleiros Templários no início do século XIV.
BAFORDAR – É, no jogo das armas, tirar lanças por alto. Brincar com elas, fingir combate militar. Jogar lanças ou varas simulando combate militar.
BAGO ou BÁCULO – (do latim baculu): Bastão.
BAGUEIXE – Bachueixe (PA); Lugar na província de Trás-os-Montes. Nome diminutivo de "bochxon" o buraco. Significa o buraquinho. Deriva-se do verbo "bachaxa, furar, abrir buraco.
BÁIA – Trave lançada entre bésta e bésta na cavalhariça, da menjadoura a um páo perpendicular fronteiro. (Baya melhor ortofraphia) (AM)
BAILADEIRA – Tosse convulsa, frequente nas crianças. (VB)
BALANCIM – Alfaia agrícola de ferro, em forma de arco, onde se prende a grade. (VB)
BAILÉO – Estado, palanque, cadafalso, varanda que se arma em lugar alto com cordas, calabres e madeiras, andaime ou pequeno teatro que se forma em lugar eminente e que, de longe, se avista. É trivial no século XV e XVI.
BAILHEIRO – Expedito, ligeiro.
BAILIA – No mosteiro de Bayram de 1347 se chama Baylia a comenda de Leça. E, com efeito na Ordem do Hospital, hoje ordem de Malta e mesmo na do Templo (sobre cujas

ruínas se levantou a de Cristo) já desde os finais do século XII se chamaram Baylias, Balias e Ballias as principais comendas.
BAILIO – O comendador de uma primeira e principal comenda.
BAINHEIRO- Produtor e vendedor de bainhas de espadas (VR)
BÁINIS (RIO) – Minho (Rio) (ET).
BAIXO-RELEVO – Escultura muito utilizada na decoração arquitetónica na qual as figuras não sobressaem no seu volume total, ficando aderentes à superfície a que se aplicam, com relevo menos acentuado o meio-relevo e o alto-relevo.
BAJANCOS – Charlatães e mezinheiros que curavam com ervas.
BAJOUJO – Tolo, baboso, estupido. (AM)
BAJULIA – Bailado, comenda ou terra do Balio.
BALAGATE – Pano grosseiro da Índia, pintado de branco e azul de que usam no reino de Angola e Costa da Mina. (AM)
BÁLANO – cabeça do pênis; glande. (DH)
BALANDRÃO – Vestidura antiga como capa de irmandade com capuz e mangas largas, usadas dos Mouros. (AM)
BALÁO – Balezes; Sorte de pano de lã azul. (AM)
BALASIÃO/BALEAÇÃO – Pesca de baleias ou azeite que delas se tira.
BALATA – Assim se chamam nos documentos antigos, o campo de Balada ou Vallada que ficam entre Santarém e Lisboa.
BALAÚSTRE – 1, Colunelo baixo ou pequeno pilar, geralmente mais grosso a meio do fuste, com molduras, usado em parapeitos de balcões, corrimãos de escadas, peitoris de janela etc., 2) Este tipo de colunas também aparece em decorações arquitetónicas renascentistas, enquadrando portais ou janelas. 3) Em marcenaria, designa as peças torneadas que formam o espaldar de uma cadeira ou a cabeceira de uma cama.
BALÁZIO - s.m. Golpe de bala – fig. O dano repentino – Carta de descompostura, que se manda a outrem. (AM)
BALDÂO – Afronta; Injuria; Incómodo; Insulto. Também; Pau, cravado verticalmente no travessão dianteiro do trilho, que serve de apoio à pessoa que conduz os animais. (VB)
BALDAQUINO – Pavilhão constituído por cobertura decorada assente em colunas ou adossado à parede, executado em madeira (dourada ou policromada) sobre o altar, trono ou um leito. No caso de S. Pedro de Roma, o baldaquino, da autoria de Bernini tem colunas de bronze em pedestais de mármore. Também; tipo de dossel com cortinas, apoiado em colunas, usada para embelezar tronos, andores, leitos etc.; cobertura portátil formada por um dossel sustentado por varas que cobre um altar; pequeno dossel com as mesmas características, colocado sobre o sacrário para exibição do Santíssimo Sacramento. (DH).
BALDEAR – Tornar-se amalucado, doidivanas, tanso. (LV)
BALDEBALHOZ – Homem desinquieto, mas de bons sentimentos. (VB)
BALDIO – Beledon (PA); Escusado, Inútil, por demais supérfluo e desnecessário. Também; inútil, frustrâneo Ocioso fig. “ouvi meus contos Baldios, Sá de Miranda. - O terreno inculto, desaproveitado que talvez serve de pastos comuns e logradouros do Concelho “Os baldios do concelho” “Quanta fazenda baldia, sem dono que as aproveite”. (AM)
BALDOAIRO – Livro que consta da ladainha dos santos, orações e preces que se rezam, cantam e entoam nas ladainhas de maio. Também, Título aos que continham admoestações ao povo, parenéticos e homiliários e ainda mesmo os que tratavam dos

vícios e virtudes, místicos e exortatórios cuja doutrina se pregava nas assembleias particulares nos púlpitos e cadeiras oportuna e inoportunamente. E também as vidas ou flores dos santos se chamavam baldoairos.
BALDRÉU - Pelica para luvas, de cujas apara se faz cola. (CM). Também; couro macio e fino; pelica (usado, p.ex., na confecção de luvas). (DH)
BALEAR – Varrer a palha para o lado da meda. Dar uma sova. (VB)
BALEASÃO – O mesmo que Balasião.
BALEIA – Vocábulo usado em Freixo de Espada à Cinta para designar baleio (ver baleio) (VB)
BALEIO – Espécie de vassoura, feita de arbustos que serve para balear o trigo ou juntar o estrume. (VB)
BALENDOENS – Borzeguins; os monges de Alcobaça eram obrigados a dar anualmente a el-rei umas botas uns borzeguins e uns sapatos em reconhecimento do padroado real el-rei D. Afonso III.
BALENAÇÃO – Pescaria de baleias ou azeite que delas se tira.
BALESTEIROS (Ant) Bailéus, donde os besteiros atiravam. Ameias.
BALESTREIRO – Pequeno vão feito na bacia de uma sacada, no grosso de uma cornija elevada dos edifícios medievais para se lançarem por ele projéteis sobre os sitiantes. Mata-cães. Quando o Balastreiro estava numa torre isolada chamava-se Mucharabi, Romanos e Árabes conheceram o Balestreiro, muito usado na idade média em quase todos os castelos portugueses desde D. Afonso III. Mais tarde, no fim do período e até depois, continua a aplicar-se em certas casas fortificadas, mas só como elemento ornamental como os merlões ou as torres.
BALESTRA – Trabuco, machina militar de atirar pedras. (AM)
BALIO – s.m. Cavaleiro de Malta que tem Balaiado, ou comenda a qual se alcança por antiguidade ou graça especial do Grã-mestre. – Balio Capitular; o que assiste aos Capítulos da Ordem – Balio Conventual, é dos primeiros conselheiros da Ordem. (AM).
BALISTA – máquina bélica para o arremesso de pedras, fachos etc. (DH)
BALÍSTICA – estudo do movimento de projéteis, geralmente dentro e fora de armas de fogo; estudo do movimento de projéteis que se movem apenas pela ação da gravidade. (DH).
BAÇHARIM – Tijolo cerâmico usado para revestir pisos.
BALHAR – Bailar (NAP)
BALHAU – Mulher gorda e malfeita. (VB)
BALHESTEIRAS – Eram os vãos abertos nas torres das muralhas, dos quais se arremessavam as bestas e outros projéteis ou matérias inflamáveis sobre o sitiante.
BALÍO – Senhor, Príncipe, herói, ilustre, nobre, pessoa respeitável, condecorada com benefícios e distinta por merecimentos.
BALLESTAR – Atirar com bésta. “fingiam destreza no ballestar”
BALOUÇADOR – Cavalo desinquieto no andar ou que anda a trote, saltando e quase bailando.
BALOUÇAMENTO – Sacudidura, solavanco, andar a trote.
BALOUÇAR – Andar desassossegadamente e com solavancos.
BALOUTA – Balluta (PA); Bolota. Nome de duas aldeias de Trás-os-Montes.
BALSA – O mesmo que Balça. Tem esta palavra mui diversos significados. Toma-se primeiro por um basto silvado com que se tapam quaisquer terras ou propriedades.
BALSÕES – Estandartes.

BALSAM – Estandarte, Bandeira, Pendão.
BALSAMO – Balsam (PA); (Voz Pérsica) Este nome não significa só balsamo entre os Árabes e Persas, mas também qualquer óleo aromático. Também; bálsamo é uma planta suculenta, largamente conhecida por suas qualidades ornamentais e medicinais. O seu caule é ramificado, de textura herbácea e porte subarbustivo, geralmente entre 30 e 90 centímetros de altura. As folhas são carnosas, glabras, brilhantes, de formato espatulado a ovado, recurvadas para cima, de cor verde a bronzeada e dispostas em rosetas nas extremidades dos ramos. As inflorescências surgem no outono e inverno, são do tipo panícula, terminais e compostas por pequenas e abundantes flores amarelas, pentâmeras e bastante decorativas.
BALUARTE – 1) Aterro de terra habitualmente revestido de uma maçonaria. O termo é com frequência usado erradamente no sentido de muralha ou fortaleza cercada de fossos formando o recinto duma cidade ou de um castelo. 2) Nas antigas fortificações: obras avançadas ou salientes da muralha, de planta pentagonal irregular com quatro ou três lados e três ângulos exteriores (além dos dois ângulos internos formados nas intersecções com as cortinas). Tem três partes: a gola (ligação à muralha, os flancos e as faces. 3) Bastião. Fortaleza. Construção alta sustentada por muralhas. Também; fortaleza inexpugnável; local absolutamente seguro. (DH).
BALUGAS/BALEGOENS/BORZAGUINS – No foral que El-rei D. Afonso Henriques deu a Celeirós de Panóias se determina que a viúva que quiser passar a segundas bodas.
BALUTA – Balluta (PA); Aldeia na Província entre Douro e Minho. Significa sobreiro ou azinheira que dá bolotas.
BANABÓIA – Vadio; Vagabundo. (VB)
BANAZOLA- Homem de pouca monta, desprezível, por mole, e sem indústria, banana. (AM)
BANCAL – Pano de cobrir mesas ou bancos.
BANCARIA – O maneyo dos banqueiros de Roma na negociação das Bullas – o dinheiro que por isso se dá. (AM).
BANCO – Uanco (PA); nasce este nome do verbo árabe “Uanaca” que significa fixar assento.
BANDÁRRA – Homem vadio, ocioso.
BANDARRA –indivíduo que pretende prever o futuro; adivinho, vidente. (DH)
BANDIR – Banir, desterrar, proscrever, encartar por meyo de bando a quem não é do mesmo partido e facção. (AM)
BANDO – Partido; Facção. Também; Bandeira ou pendão ou qualquer espécie de insígnia ou estandarte.
BANDORIA – Dissensão, discórdia, guerra, contenda, inimizade, partido. Agravo, Injustiça, desordem
BENDOUNAS – Redenhos dos intestinos, partes inúteis dos animais que ficam no lugar onde eles se matam e alimpam.
BANDURIA/BANDORIA – Pendência ou descomposição de palavras.
BANDURRA – Espécie de citara pequena de quatro ou cinco cordas. (AM)
BANIENSE – relativo a ou indivíduo dos banienses, povo da Lusitânia; que ocupava a região entre Alfândega da Fé a Torre de Moncorvo. (DH).
BAQUE – Uaqdo (PA); Queda, cahida.
BANQUEAR-SE – Lançar-se por terra, prostrar-se diante de alguém em sinal de reverência, agachar-se, coser-se com a terra para não ser visto de alguém.

BANQUETA – Passeio.
BANZO – Braço do escano. (VB)
BARCAL – Vaso de barro com água. Espécie de alguidar para os chichos. (VB)
BARAÇO – Maraçon (PA); Cordel, corda delgada. Deriva-se do verbomaraça, ligar, atar com cordel.
BARÃO – Baron (PA); Voz Hebraica, Bar. Cousa justa, pura, limpa de toda a mancha. Em Árabe significa o mesmo.
BARATO – Barátel (PA) – Voz Pérsica; Suborno ou dadiva que se dá de graça: no jogo é porção de dinheiro que dá gratuitamente o taful ao jogador, ou às pessoas que o tem servido no jogo. Também; Sem questionat. (NAP)
BARBA, BARBAR – Abanar a colmeia (LV).
BARBACÃ – muro avançado, construído especialmente entre a muralha e o fosso, para proteger os pontos estratégicos de uma fortificação; antemuro, falsa-braga; abertura feita em muralha, pela qual se observam os arredores da fortificação e se atiram setas contra invasores (1875); cada um dos orifícios abertos nos muros de arrimo para escoar a água infiltrada e empoçada (1896). (DH).
BARBEIRO DAS ESPADAS - Homem que se ocupava em limpar, açacalar, dar esmeril e guarnecer as espadas, adagas, terçados etc. e igualmente fazer-lhes as bainhas. (CM)
BARBEITA – Barr baita (PA); Duas aldeias na província de entre Douro e Minho. É nome composto de "**barr"** Campo e de Baita, a casa. Significa o campo da casa.
BARAFUSTAR – Mover-se com ímpeto para uma e outra parte, estrebuchar. E no sentido moral; contradizer
BARALAR/BARALIAR – Altercar, ralhar, contender, descompor-se com palavras ou tomar-se nos braços.
BARALAS – Alterações, contendas, disputas, alegações, demandas, descomposições de palavras e algumas vezes lutas e pancadas a braço partido.
BARALIAR – Altercar, ralhar, contender, não só de palavras, mas também por obras.
BARAM – Sujeito de bom sangue, nobre, ilustre, forte de animo, robusto de corpo, agigantado, gentil-homem e bem-disposto. Os Árabes prenunciam Baron e dizem que se deriva do hebraico Bar coisa justa, pura, limpa de toda a mancha e baixeza que tal deve ser o barão.
BARATA – Troca, permutação, contrato escambo.
BARATAR – O mesmo que destruir, desbaratar.
BARATO – (como substantivo) Se toma em mui diversas significações; não fazer caso, desprezar. Também; Preço baixo, baixa de preço, rebaixe.
BARAZA – Braça, medida de dez palmos.
BARBA – Distinguiu Deus o homem da mulher com a insígnia das barbas – Parece cousa monstruosa e inaudita que o nosso rei D. Fernando fosse o primeiro que, em Portugal fizesse a barba e cortasse o cabelo. Os portugueses o imitaram desde logo na tosquia da cabeça para não se abafarem tanto com as viseiras, morriões e capacetes; que por isso o rei de Castela desesperado da batalha de Aljubarrota os nomeou como por desprezo Chamorros que quer dizer tosquiados.
BARBA (DIA DA BENÇÃO DA) – Se chamava aquele em que, deixado inteiramente o mundo, algum se alistava solenemente na vida monástica.
BARBACÃ – Muro anteposto às muralhas mais baixo do que estas para defesa do fosso. Também; Muro de altura inferior ao da muralha, que corria à frente dela e formava a primeira linha de defesa. (HS)

BARBARA – Terra barbara, o mesmo que inculta bravia.
BARBÁRIOS – Assim foram chamados os que habitavam na serra da Arrábida e suas contiguidades, desde Setúbal até à margem esquerda do Tejo.
BARBA-CAANS – Assim se nomeiam aquelas fortificações que nós hoje dizemos barbacãs e eram como umas muralhas baixas que defendiam o fosso que ficava entre elas e o muro e, por isso, lhe chamaram os latinos antemural.
BARBARISMO – Vida de Bárbaro, selvagismo.
BARBATA – Jactância de palavras proferidas com arrogância, insultos ou ameaços; lançar barbatas, parece que se devia dizer bravata, como derivado do francês bravade. É do século XVI.
BARBATO – Assim foram chamados entre os cartuxos e outras congregações de monges e leigos ou conversos que, suposto eram tratados na vida e na morte como monges não faziam, contudo, a mesma profissão e, para distinção traziam a cabeça inteiramente rapada e as barbas compridas.
BARBEIRO- Profissional responsável pelas barbas e pelas sangrias (VR)
BARBEIRO DAS ESPADAS - oficial, que se ocupava em alimpar, açacalar, dar esmeril e guarnecer as espadas, adagas, terçados, etc., e igualmente fazer-lhe as bainhas.
BARBEITO – Valado, cômaro, que divide uma propriedade da outra e, igualmente a defende. Também; se tomou pelo circuito, termo ou baliza que inclui todas as peças que são pertença de uma fazenda ou casal, todas as fazendas de uma quinta ou casal. Também; ainda hoje na Beira Alta, chamam barbeitos aos cômoros e bordas das searas que, ordinariamente são os limites e as balizas por onde elas partem e dividem com as outras de diverso dono.
BARBETE – Plataforma de terra nos ângulos flanqueados dos baluartes nas fortificações onde eram colocados canhões para disparar por cima do parapeito.
BARBICÁCHO – Cabeção de cordas de bestas. – Pôr o barbicacho a alguém; fr. fam. Tê-lo sujeitado, preso, constrangidamente obrigado. (AM).
BARBILHO – Funda de esparto que se põe no focinho aos bois, para não comerem o trigo, que debulham; e assim a que se põe aos cabritinhos e novilhos de leite, para não mamarem nas mães. (AM). BARBUDA – Moeda de Portugal do tamanho de 8 reis ainda que mais delgada. Lavrou-a el-rei D. Fernando. Também; Peças de dinheiro mandado lavrar por el-rei D. Fernando; eram de prata da grandeza de meyo tostão e valiam trinta e seis reis da moeda corrente. (AM). Também; Barbuda, também conhecida por Celada, por ter os elmos de viseira caída, foi o nome dado a esta moeda de bolhão**.** A Barbuda juntamente com o Grave e o Pilarte, foram moedas batidas para ocorrer às despesas da guerra com Castela em memória dos guerreiros franceses que tomaram partido pelo rei de Portugal, D. Fernando.

https://www.numismatas.com/phpBB3/viewtopic.php?t=7804#:~:text=Barbuda

BARCA TAVERNEIRA – Aquela que traz vinho para vender ou, dentro da qual mesmo, se vende vinho, como hoje se pratica nas tabernas.

BARCARENA – Barr carreina (PA); Lugar na província da Estremadura. É nome composto de "barr", terra e "Carra" habitar e do afixo "na" nós e vem a ser, terra da nossa habitação.
BACARDIGA – Barcada, carga que uma barca pode levar de uma vez.
BARCHA – Embarcação grande.
BARCIA – No tempo de El-rei D. Afonso Henriques chamavam os portugueses Barcias às naus como consta da história da fundação do mosteiro de S. Vicente de fora.
BARDA – Carapaça de lâmina de ferro que proyege o peito e a garupa do cavalo.
BARDIETA – Território que corresponderá actualmente à província de Guipúscoa e a parte oriental da província de Álava (ET).
BARDO – Curral de Ovelhas, móvel, constituído por uma série de cancelas especadas no chão. (MC).
BARGA – Pequena casa, coberta de palha, cardenha, palhoça. Apude Berganza.
BARGANTE – Homem pícaro desavergonhado, atrevido de mãos costumes e caracter. (A)
BARGUEIRO – O que fazia redes de pesca a que chamavam bargas ou vargas. Caldeireiros; bargueiros; Béesteiros, etc. Doc. câmara do Porto. Também; O que fazia redes de pescar, a que chamavam bargas ou vargas (Viterbo – 1487) (CM)
BARK IBN YHAYA IBN BARK – Senhor de Ossónoba (Faro) rodeou esta cidade com muralhas e portas de ferro. Cercou-se dum conselho e duma administração de finanças; recrutou soldados e acumulou provisões. Ordenou aos súbditos que dessem de comer aos viajantes e albergassem os estrangeiros. Velaria de tal modo pela segurança dois caminhos que se podia viajar pelo território como se estivessem em casa ou na dos parentes.
BARIM – Buril, instrumento de ourives.
BAROIL – O mesmo que varonil. Mulher baroil.
BARQUEIRO; Barcarum certâmen. In ind. XII. (CM)
BARQUETE – Barco pequeno. (NAP)
BARRACHEL – Termo antigo militar. Oficial a quem pertence buscar, prender e levar ao seu general os soldados desertores e fugitivos. Na baixa latinidade; barigildus e barigellus.
BARRAGÃA – O mesmo que Barragão
BARRAGAN – Pano de camelão. No ano de 89 faz S. Rosendo uma doação, na qual diz; mas ninguém se persuada que esta barregana era de pêlos das nossas cabras e que dela faziam gala os mancebos guapos.
BARRAGÃO/BARRAGÃA – Companheiro, companheira, assim no bem como no mal. Com o tempo prevaleceu esta voz no sentido em que se toma berregãa. Concubina, manceba, mulher que procura filhos ou faz diligência para isso, fora do santo património.
BARRANHA – Bornïa (PA) Vaso de barro com gargalo estreito.
BARRANHÃO – s.m. Alguidarinho em barro ou madeira. (AM), também; nome de pessoa. (TMC). Também; Vasilha grande, Barriga grande. (VB)
BARRARIOS – Que barrarios estes fossem eu o não sei; presumo que seriam os que moravam dentro da vila e seus arrabaldes e que os venários seriam os que moravam no campo.
BARRAZA/BARAZA – Armadilha de fios ou laços com que se prendiam e caçavam os animais feros e montarazes.
BARRÉGO – Grito, berreiro.

BARREGUEIRO – O que tem concubina ou berrega, a quem dá vestidos e mantimentos.
BARREGUICE - Amancebamento, concubinato.
BARREIGUICES – Uniões não sancionadas.
BARREIRAS – Falando-se em líquidos, parece mesmo que verteduras, pois estas são as que caem das borlas ou barreiras do vaso por onde eles se medem "Pagareis vinte almudes de vinho mole à bica com suas barreiras – doc. século XIV" Também; Campo, lugar ou terreiro divisado com teia ou estacada em que os besteiros se deviam exercitar cada domingo, ali deviam jugar à besta o vinho e a fruta estando presente o anadel dos besteiros "Mando que vades com os ditos béesteiros, cada domingo áás barreiras, para os insinardes".
BARRENHÃO – Alguidar; o servidor, Bacio. (AM).
BARRIA – Barria (PA); Aldeia da Província de entre douro e Minho. Significa campina ou deserto.
BARRIGÃO - Aumentativo de barriga; qualquer parte que sobressai; protuberância; saliência; abdómen; baú; bojo; bucho; búzera; embuste; fole; pança; prenhez; redenho; ventre. (TMC)
BARRILETA – Barril pequeno
BARREYRAS/BARREYRAS – Trincheira (NAP)
BARRO – Lugar pequeno, quinta, aldeia, casa de campo ou de abegoaria. Vem do latino barrium ou varrium. Também (LV) No concelho de Moncorvo os apicultores ou abelheiros chamam barro ou calças ao pólen que as abelhas trazem nas cestas das patas.
BARROCA – Borca (PA); Terra inculta, cheia de penedia e cascalho.
BARROCO – penhasco ou penedo alto e sobranceiro ao vale ou à terra plana e assente. Daqui barrocal, lugar cheio de penedos altos e fragosos. Desta palavra ainda usam em Pinhel e Riba Côa.
BARRONCO/BARONCO – Penedo alto e isolado. (PAN)
BARUÍL – Varonil.
BARVA – Barba (NAP).
BARZULACO – Individuo simplório, um zé-ninguém (recolha efectuada em Carviçais – Torre de Moncorvo – (VB)
BASA - Base
BASELICA – Palácio real, edifício sumptuoso, público, magnifico, adornado de pórticos, naves, tribunas, salas, varandas e, no qual, os príncipes e magistrados davam audiências às partes e faziam justiça.
BASILICAS – Assim chamam os antigos franceses a umas capelinhas ou nichos de madeira que costumavam pôr sobre as sepulturas dos nobres, pondo-se sobre as dos plebeus unicamente um esquife ou tumba, ou um pequeno coberto; assim consta da lei sálica.
BASTARDO (CALIM) MALACA – Moeda mandada cunhar pelo rei D. Manuel. Moeda pertencente ao espólio da Associação Terras Quentes.

Reverso Anverso

Legenda: **- Anverso:** - + CRVX: XPONOSTRESIESVNICA (a cruz de cristo é a nossa única esperança) entre a cercadura peroladas. Ao centro a cruz da ordem de Cristo pontuada no meio. **Reverso:** - +DMPRDEPEV SORDIEMAIA 10. – Manuel I Rei de Portugal senhor de Ma/aca. Ao centro, a esfera armilar.

BASTARDO (CALAIM) MALACA – Moeda mandada cunhar pelo Rei D. Sebastião. Moeda pertencente ao espólio da Associação Terras Quentes.

Reverso Anverso

Legenda: - **Anverso:** - Ao centro, dentro da cercadura dupla perolada e lisa, uma representação do escudo real, com sete grossos pontos em vez de castelos, um pequeno escudete dentro do escudo das quinas e um conjunto de pontos em substituição da coroa, ladeado de três grandes pontos em coluna. **Reverso:** Ao centro, dentro da cercadura perolada e de outra cercadura concêntrica tripla, lisa e perolada, com cruzetas entremeadas três setas cruzadas e atadas, com pontas viradas para baixo, ladeados, pelas letras "S" e "B".

BASTECIDA – "Qual vos tinham bastecida" – Arquitectada, preparada.

BASTEZA – Terreno de pinhal novo.

BASTIAAENS/BASTIAENS – Certos louvores de figuras levantadas em prata ou outros metais.

BASTIDA – Era, na milícia antiga, uma torre de madeira que igualava ou excedia a altura dos muros inimigos, para dela atirarem os besteiros. Também se chamaram bastidas as trincheiras ou paliçadas com que se defendiam os lugares e os exércitos. E finalmente foram chamadas bastidas não só a todas as fortificações, reparos e barreiras que sirvam a ofender ou defender uma praça ou campo, mas, também se deu o mesmo nome a uma balsa ou jangada de muitos paus presos e ligados entre si.

BASTILHA – 1) Obra militar isolada destinada à defesa ou ao ataque das cidades fortificadas. Tanto era uma obra provisória em madeira, como um forte em sólida maçonaria destinada a sufocar o espírito de revolta de uma cidade – como a famosa Bastilha de Faubourg St. Antoine, em Paris que serviu no antigo regime de prisão do Estado e cuja demolição em 14/8/1789 foi o primeiro acto da revolução francesa. 2)

Fortaleza. Pequeno forte. Espécie de obra avançada destinada a proteger as proximidades das pontes levadiças na arquitetura militar medieval. Por extensão: Qualquer praça-forte muralhada.
BASTONÁRIO – O ministro inferior de justiça, oficial da vara, bedel, porteiro da maça. Do latino bastum que também significa o bordão ou bastão.
BATALHA – Assim chamavam antigamente a todo o corpo de um exército, constante de vanguarda, centro e retaguarda. Também, Formação de combate. (NAP)
BATEGA – Hoje chamam os rústicos bátega de água a um grande cerrado chuveiro que lança água como se fosse a cântaros, ao que os mareantes chamavam aguaceiro. Também; Bátea ou Bateja (PA); Prato côvo, tijela ou sopeira é semelhança de gamela.
BATEGA D'AGOA – Um grande e cerrado nevoeiro.
BATINA –veste tipo bata, que vai até os tornozelos, com mangas compridas e colarinho sem gola, geralmente. preta, usado pelos clérigos e sacerdotes católicos que não pertencem a uma ordem ou congregação que tenha hábito próprio. (DH).
BATISMO DE FOGAÇA – Banquete esplêndido por ocasião de algum batizado para o qual se concorria com dinheiros ou cousas comestíveis.
BATOQUE – Um pau aguçado de ambos os lados, com que os rapazes jogam fazendo saltar por meio de uma pancada dada com outro pau mais comprido, de moso que não caia no círculo que traçam no chão. O mesmo que Bilharda. O pau menor que entra nesse jogo. Em Freixo de Espada à Cinta, o batoque que era um pau pequeno e redondo, jogado com uma espécie de raqueta de madeira. (VB)
BATUDO – São muito frequentes nos prazos antigos estas expressões. Campa, tajuda e, quando havia interdito, malho tajugo; Malho tanjugo; malho batudo etc.
BAUILIA/BAUILIO – Comenda. Comendador e comenda.
BAXÁ – Dignidade suprema entre os turcos, vice-rei ou governador de província.
BAZAR – Bazár (PA), voz pérsica. Praça ou feira onde se vendem todas as castas de mercadorias.
BEBER (A VIRAR) – Beber de uma vez, de um trago.
BEADANTE – Feliz (NAP)
BECHUCARIAS – Quinquilharias, cousas várias e miúdas. Como nas terras do Prestes João não corre moeda tudo se compra nas feiras a troco de outras cousas.
BEDELHO – Traqueta ou ferrolho, que se levanta por meio de aldrava. Miúdo pequeno.
BEDÉM – Capa Mourisca. Couto – Capa de água de coiro esparto, ou junco contra a chuva; Bedém, esclavina, croça, capa agoadeira.
BEDUIN – Badaui (PA); Homem rustico que vive no campo. Os Árabes domésticos que vivem nas povoações chamam Beduins a todos os que vivem no campo. O termo compreende todos o que não são da cidade.
BEDUÍNO –relativo a ou árabe nômade do deserto; que ou o que possui natureza selvagem e brutal. (DH)
BEDULO – Vidoeiro; planta lenhosa da família das Betuláceas, cultivada e espontânea em Portugal, especialmente nas regiões mais elevadas, também conhecida por bédulo; bétula; bidoeiro. (TMC)
BÊE/BÊES – Obra Pia (NAP)
BEEITA – Benta; nome de mulher
BEEITO – Bento, nome de homem.
BEESTEIRO DE LÃA – O cardador, o que prepara a lã para ser fiada.
BEETRIA – Povoação Árabe.

BEFFROI – Torre alta e estreita que as cidades livres erguiam como símbolo de domínio. (belfredo)
BELHÃO – Moeda de baixa Lei ou muita liga. – Bulhom; veim de Vellon Castelh, porque os romanos marcavam as moedas de cobre e baixa lei com o véllo de uma ovelha em memoria de que as cabeças de gado tal eram primitivamente como moeda entre os povos pastores; Bilhão é do francês billon; e bulhão parece errata. (AM)
BEHETRIA – Povo livre que pode escolher senhor todas as vezes que quiser.
BEGUINO/BIGUINOS – Frade Mendicante.
BEIÇOAIRO/BENÇOEIRO – Livro ou rol dos bens que, por testamento e doações foram deixados ou, por outro qualquer justo título adquiridos.
BEIÇOM – Bênção – século XIII e XIV.
BEIGA DA DONA – Beiga, abastardamento de Veiga: campina; prado; vargem; várzea – Dona: título honorífico que precede o nome próprio; proprietária; dama; governanta; senhora da nobreza. (TMC)
BEIJAR (AS MÃOS) – "Crónica de D. João FL" – "Nun'Alvares se ficou de Joelhos ante ele para lhe beijar as mãos e o Mestre não o quis consentir; e ele estando em geolhos ante ele, trabalhava-se para lhas beijar e o Mestre por o levantar dizendo que não era tal como ele pera lhe darem a beijar as mãos" – Especialmente ele. Mestre, não tinha autoridade para dar a mão a beijar a Nun'Alvares (porque enquanto este se batera bravamente o Mestre nada fizera. (HS).
BEIJO – Espiga vermelha do milho. (VB)
BEILHÓS – Castanhas assadas e limpas já de toda a casca.
BEITA – Benta, nome de mulher.
BEITES/BEITO – Patronímico de Beito o mesmo que Bento.
BELADO – de baladouro; que contém beladoura; planta herbácea venenosa da família das solanáceas, subespontânea e cultivada em Portugal, de aplicação terapêutica. (TMC).
BELADONA – erva ereta e ramosa (*Atropa belladonna*) da família. das solanáceas, de folhas ovadas, flores campanuladas, violáceas, e bagas globosas, roxas quase pretas, luzidias, com muitas sementes achatadas; erva-midriática [De origem eurasiática, é altamente venenosa devido à atropina, alcaloide presente em toda a planta, especialmente. nas raízes, folhas e sementes; cultivada para usado medicinal, especialmente em homeopatia.]. (DH).
BELADONINA –substância tóxica ($C_{34}H_{42}N_2O_4$) presente, como a atropina, na beladona e em outras espécies das solanáceas e amarilidáceas. (DH)
BELDRO – Espécie de ancinho, com dentes de madeira (Freixo de Espada à Cinta. (VB)
BELDROEGAS – Baldoraca (PA), voz pérsica. Hortaliça bem conhecida.
BELEGUINS – Baleguin (PA); O oficial inferior de justiça que prende; vulgarmente quadrilheiro ou esbirro. Deriva-se do verbo "balaga" que na II conjungação significa trazer, acompanhar, guiar, lançar mão a alguém. Também; BELEGUINS – "Belagui" Chinelas mouriscas. Acha-se este nome na primeira carta que el-rei D. Afonso III, pela qual absolveu os Monges de Alcobaça da obrigação que tinham de dar aos Reis de Portugal um par de Borzeguins, ou uns Beleguins à sua escolha.
BELEZA – Nome de mulher (documento da Guarda de 1299, mando Beleza Joannes…)
BELEITAR – Habilitar para entrar na herança.
BELFO – Diz-se de pessoa que tem os dentes salientes e expressa-se com alguma dificuldade; aplica-se aos animais que mal podem comer

BELIÃO (RIO) – Lima (rio)
BELLADONA – Planta que produz uma cebola, com folhas largas, as quaes vem depois de um ramilhete de flores encarnadas desmayadas da feição da açucena. Muito tóxica um seu preparado era utilizado para besuntar as pontas de setas dos besteiros e archeiros. (AM)
BELVERDE – O mesmo que Insulana. Euphorbia Insulana é uma planta, uma erva, encontrada em vegetação de Catinga, (Brasil) na beira de uma trilha na planície da reserva. O caule é muito frágil e exsuda latex branco ao ser cortado. Também; BELVERDE – m.q. ***valverde*** (*Bassia scoparia*); planta (*Bassia scoparia*) da fam. das quenopodiáceas, com folhas lanceoladas e flores rubras, em panículas, nativa da Europa e muito cultivada como ornamental; belvedere, belverde, linária, mirabela; peça de fogo de artifício cujas faíscas formam uma figura semelhante a uma pirâmide ou cone invertido; bichinha; Reg. situação em que reina agitação, desentendimento; balbúrdia, confusão; Etimologia; as var. *belveder* (Camões, século XVI) e *belverde* (séc. XVII), registradas em (1813), explicam o fato de verem nossos etimólogos no it. *belvedere*, através do fr. *belvédére* (1536), a fonte do português *valverde*; tudo leva a crer, porém, que se trata de duas palavras: a it. (sob a forma aport. *belvedere*) e a port. mesma, *valverde* (*val(e)* + *verde*), já em Bluteau (1721), donde o cruzamento *belverde*; ver *valverde*. (DH)
EARIAS INSULANA é um insecto, borboleta. Earias insulana é uma grande praga de algodão no Mediterrâneo Oriental. Os danos são causados pelas larvas, que causam. Acontia xanthophila Walker, Earias chlorion Rambur; Earias frondosana Walker; Earias gossypii Frauenfeld; Earias insulana syn. Os sintomas de ataque são semelhantes para todos os Earias spp. A infestação de algodão geralmente começa na safra jovem. Earias insulana entra no terminal da planta.
BEMDADO – Por bem-nascido, de família honrada, nobre, distinta e mesmo de bons costumes. 1434.
BEMFEITOR DE TERRA – També se chamavam benfeitores da terra os que a cultivam, plantam, semeiam, etc.
BENFEITORIOS/BEMFEITORIAS – O que o, enfiteuta, tem obrigação de fazer.
BEMDIZER – Abençoar, no sentido de benzer, louvar; noutro sentido, separando os seus elementos – bem dizerdes; isto é, falais acertadamente
BEMGUÁRDA – Vanguarda (AM)
BEMQUERENÇA –Afeição; amor e boa vontade (documento de Lamego século XV). Também; Este era o nome que primeiramente se deu à vila de Bragança, por ser o mesmo que antes tinha o terreno quinta ou lugar em que el-rei D. Sancho I a fez de novo construir, havendo dado ao mosteiro de castro de avelas as vilas de Pinelo e Santulhão em escambo e troca pelas terras que fazem o assento e arrabaldes desta vila. 1187 (ver elucidário). Zoelas, de quem Plínio se lembrou Livro IV, cap. III, e livro XIX, capítulo II. E o Abade Baudrande no seu livro Lexicon Geográfico.
BEM RAZOADO – De boa razão, de bom raciocínio.
BEMSILHO/VENCILHO – Ligadura, vencelho, atilho: Vem do latino vincire, atar, unir, ligar, apertar, faz-se de vergas, palhas, juncos, cordas etc.
BEM-VISTA – Á Bem vista, por vistoria, Exame, revista.
BENAFICIO – Benefício, prestimónio, mercê, tença ou pensão certa, anual e vitalícia.
BENCATEL – Bencatél (PA); Aldeia da província de Além-Tejo, Termo Évora. Significa Aldeia do filho do Matador. Deriva-se do verbo “catela”, matar.

BENÇOAIRO/BEIÇOEIRO. O mesmo que benfeitoria. Em alguns documentos de Espanha se acha benefactorias por behetrias.
BENÈSSE – Emolumento que os curas e vigários tem de pé d'altar, além dos dízimos ou côngruas. – Fig. Doação gratuita, presente. (AM)
BENGALEIRO – O que vende lençarias de Bangala e outras mercadorias que de lá trazem.
BENICIO/BENISSIMO – O mesmo que "Ab início". Século XV.
BENIDADE – Benignidade. De benino. Que ocorre frequentemente na nossa língua até pelo menos à primeira metade do século XVII (LV).
BENINAMENTE – Benignamente.
BENREZES – Corrup. de Banrrezes/Banreses; antiga povoação pertencente à freguesia de Vale da Porca, extinta por epidemia de tifo no princípio do século XX. (TMC).

Legenda; Banreses actual; foto
espólio Associação Terras Quentes

BENRROTA – Bem+rota; Bem; domínio; honra; posse; propriedade; proveito; apoiado – Rota; caminho; direcção; corte de terreno para abrir caminho; espécie de junco. (TMC)
BENTINHO – Pequeno escapulário bento, que se traz ao pescoço. (AM)
BENZEDEIRA – Mulher que benze ou que diz palavras com que pretende curar doenças e feitiços "Benzedeiras ou embusteiras, que são gémeas"
BERBEDÓNIA – de berber; formado do árabe "ber berys"; ocorre em cultismos em geral da botânica, a partir do século XIX; berberidácea, berberidódeas. (TMC)
BERBERES – Povos autóctones do Noroeste da África (Mouros, Cabilas, Númidas, etc. Foram islamizados pelos Árabes, a partir do século VI.
BERBIÕES – Aberturas no soalho do carro de bois, duas atrás e duas à frente, onde assentam os estadulhos ou as engarelas. (GVB)
BERIMBAU – Pénis. (VB)
BERLEBEIS – Magistrados mores de justiça em terras da Turquia.
BERNEO – Pano fino de cor escarlata que vem de Hibernia – Capa longa, de pouco custo, grosseira. – Ou coberta da cama do tal berneo grosseiro.
BERNIO – Pano fino escarlate procedente da Hibernia (moderna Irlanda) capa do mesmo pano.
BÉRRA – O cio dos veados. V. Brama. Diz-se famil. Ou chulamente que anda na berra uma beleza ou dama que todos cortejão e dezejão, ou solicitam, e que quer ser cortejada e seguida como as vacas o são, quando andão com o cio e quando no pasto muitos touros que berrão então extraordinariamente. V. Brama.
BERRÃO – barrão; chorão; varrão; porco não castrado próprio para reprodução. (TMC)
BERROTA – Bem+rota; rota; espécie de cipo ou junco, corte de terreno para abrir caminho; (ver cordinhal); (ver; benrrota). (TMC)
BERTEL – Barryéll (PA) Aldeia do Bispado do Porto. É composto de "barr" campo e de "téll" o outeiro e vem a ser campo do Outeiro.

BERTAROUCA – Barrtaruca, palavra árabe (PA); Freguesia na província da Beira, Lamego, Significa, campo trilhado ou frequentado.
BERTHOLESA – Nome de mulher, que corresponde ao de Bertholomeu.
BERTOLDO – Individuo brutamontes, palerma. (VB)
BESCHA – Toda a qualidade de bestas (gado).
BESSADAS – Vessada; avessada; jeira; vessadela; terra fértil e regada; porção de terra que se lavra num dia com uma junta de bois, (do latim versâre "revolver") (TMC)
BISPO – Afim; antístite; delfim; esturro; fumo; pastor; peru; pontífice; prelado; presbítero; queimado; rabadilha; uropígio. (TMC)
BÈSTA – Animal bruto, irracional, quadrupede, em geral doméstico. – Fig. Pessoa ignorante, estupida "andar besta" obrar como tal, - Fazer-se besta, fingir-se tolo, bajoujo. – Besta de tiro, de sege, carroça, arado – de carga, de roda, de moer moendas d'engenho. – Jogo de cartas deste nome. Também; A besta, embora imperfeita, já era conhecida em Portugal por volta do séc. XI, porém, só se tornou uma importante arma de guerra durante o séc. XIV. Na batalha de Atoleiros, D. Nuno Álvares Pereira, serviu-se dos peões e dos besteiros para o triunfo desta batalha e que marca a supremacia da infantaria como decisiva para este triunfo. (CM)
BESTA (com "é" aberto) – Arma antiga com que se arremessavam setas, virotões, pelouros, etc. Pequena máquina militar com que se atitava setas. É o diminutivo de balista que antigamente era uma máquina bélica que despedia e arremessava pedras mui grossas com que se desmantelavam e demoliam os muros e torres. Entre os romanos não foi ignorado este marcial instrumento a que chamaram balearis. Também; BESTA – arma portátil que consiste de um arco de madeira, chifre ou aço, montado em uma coronha, cujas extremidades são ligadas por uma corda que se retesa por meio de mola e que, ao ser solta, arremessa setas curtas, pelouros etc.; balesta, balestra. Gramática, uso; o Formulário Ortográfico, aprovado pela Academia Brasileira de Letras na sessão de 12 de agosto de 1943, não permite que a distinção de timbre entre *besta* (é) e *besta* (ê) seja registada com acento circunflexo diferencial; em caso de equívoco, um recurso possível seria usar a informação de timbre entre parênteses depois da palavra: *uma multidão de bestas (é) tomou de assalto as muralhas da cidadela.* (DH)

Besta de arco composto – Espólio
da Associação Terras Quentes

BESTA DE BODOQUE – Aquela com que se atiravam balas de barro.
BESTA DE (COM) ESTRIBO – Esta peça só aparece a partir de 1299. (AM)
BESTA DE GARRUCHA – Aquela com que se atiravam garrochas, virotes ou virotões, já de ferro, já de pau, com farpas ou sem elas. 1410. Também existiram besteiros a cavalo, utilizando a *besta de Garrucha* (uma besta armada por meio de um gancho ou garra de ferro preso a um cinto), que era muito mais leve do que a *besta de polé*.
BESTA DE PELOURO – A que se chamavam escorpião. Com ele se atiravam balas de chumbo.

BESTA DE POLÉ - A besta usada pela infantaria era a *besta de polé* (uma besta com arco de lâmina metálico, que era armada com um sistema de roldanas, a *polé*, dando-lhe grande força e poder de penetração). Era pesada e por isso, como os arcos muito mais leves, os arqueiros levavam vantagem relativamente aos besteiros.
BESTA TRAVADA – O mesmo que besta peada, para que não faça danos nos frutos ou searas alheias.
BESTAS "Carne das bestas" – Gado cavalar.
BESTEIRO – soldado cuja arma era a besta; fabricante ou comerciante de bestas ('arma'). (DH).
BESTEIROS – Homens que manejavam as bestas.
Besteiros; século X, XI, XII, documentos onde se lê; Terra de Balestariis. Também; O que vai armado de bésta, o que atira com besta. Os bésteiros eram os que usavam de béstas de garrucha, e eram mais afazendados e considerados, que os bésteiros do conto (também chamados de Fraldilha) ou do número de cada Cidade. Vila ou Lugar, ou Couto era obrigado a ter, os quais usado de béstas de polé, ou folga, como gente de menos posses e ordinária. Ord. Af. I Tit 68 e 68 paragrafo 35. Os besteiros do conto serviam de pé; os de cavallo, del-rei e da sua câmara eram mais considerados. Os besteeiros foram extintos por el-rei D. Manuel a 14 de março de 1498, quando na Europa se ordenou a tropa e armas, talvez segundo a ordenança Suissa ou Francesa principalmente depois das guerras entre Carlos V, Imperador e Francisco I de França ou segundo a táctica inventada por Machiavello. (BD)
BESTEIROS DA CÂMARA – Nas cortes de Coimbra 1472 que se vieram a acabar em Évora em 1473 se fez a ordenança dos moradores que el-rei havia de trazer. Entre os mais se nomeiam estes: Moços de Monte, e buscantes. Tinham estes besteiros obrigação de guardarem a Câmara e o quarto onde el-rei estava ou dormia.
BESTEIROS DE CAVALLO – Os que pelejavam de cavalo e besta.
BESTEIROS DE FRALDILHA – Os que hoje dizemos saiotes, porém com saias de malha mais compridas e honestas. (BD)
BESTEEIROS DE POLÉ – Assim se chamavam os que usavam de besta, que tinha uma roldana a que antigamente chamavam polé. (BD)
BÉSTEIROS DO CONTO – No ano de 1379 deu el-rei D. Fernando uma real provisão para o anadel e besteiros do conto da cidade do Porto, e para os de Vila Nova de Gaia. E no ano de 1380, mandou apurar todas as vintenas dos homens do mar e os besteiros do conto, declarando que se algum desses a quem se tinham lançado arneses em lugar de bestas, tornassem a ser postos por besteiros. No ano de 1391, consta por carta el-rei D. João I que no porto não deviam passar de 25 os besteiros, visto ali se faziam outras apurações de homens de vintenas do mar. Chamavam-se do conto porque usavam de piques ou lanças ferradas. E também podemos suspeitar que se disseram do conto os que eram do número que devia haver em cada terra, cidade, vila ou comarca prontos e aguisados, pois só estes eram da tropa regular e efectiva e entravam na conta ou resenha das praças que compunham os nossos regimentos naquela parte que, de bésteria se aumentavam. (BD)
BESTEIROS DO MAR – Os da marinha para guarnecer as esquadras.
BESTEIROS DO MONTE – Chamaram-se assim os que andavam pelos montes e descampados, caçando à besta quando el-rei saía à caça. Nas cortes de Lisboa 1498 extingui-os D. Manuel.
BESTEIROS POUSADOS – O mesmo que aposentados.

BESTERIA – Soldados armados de bestas.
BESTIÂES (Bastiões ou bastiães) – Lavores em relevo. Cadafalso, tablado, palco.
BESTIAL – Coisa de besta; fig. Estupido; grosseiramente, erróneo- brutos, boçais; Que se pollue com bestas e animáes. (AM)
BESTILHA – Bésta pequena, de que usaão os alveitares para sangrar. (AM).
BETA – Listra de cor diversa do assento do pano, seda; Veya de metal na mina; nas pedras, ou pedreiras "toda a sorte de minas, betas e vieiros de riquíssimos metais"; uma beta por onde o batel foi alado a bordo. (AM)
BETAS – Fila de cereal com as espigas voltadas para fora do eirado. (VB)
BETAR – Matizar, fazer sair melhor uma cor a par de outra, raiar com galhardia, ficar bem, frisar, concordar.
BETESGA – Ruazinha ou beco sem saída que faz saco ou fundo do saco, donde vem embetesgar-se, meter-se, entrada sem saída por outra parte; pequena loja com uma porta dianteira sem outra no fundo; espécie de corredor cego, ensacado. (AM)
BETICA – Turdetânia. (ET)
BÉTICO – relativo a ou o natural da Bética, província da Hispânia (atual Andaluzia). (DH)
BETÍGENA – relativo a ou o nascido como ribeirinho do Bétis, na Bética, província da Hispânia (atual Andaluzia). (DH).
BÉTIS (CIDADE) – Cidade importante da Turdetânia, que terá recebido colonos romanos, situava-se junto ao rio Bétis. (ET).
BETUARIA – Beitbaria (PA); Freguesia na província da estremadura. É composto de "beit" a casa e de "barria" o campo. Casa do campo.
BEVEDICE - Bebedeira
BEVER/BEVEO/BEVEROM/BEVENDO – Beber. (NAP)
BEVERAGES/BEVERAGEES - O vinho que cada um tem para gastos de sua casa, amanhos e culturas das suas propriedades e fazendas.
BEZERRO ABINHEIRO/AVELHEIRO – O que já não mama, mas ainda não está sujeito ao jugo, novilho. Ainda hoje se diz abelhudo, o que não descansa, apressado e não tem sossego.
BICA – Bichas são, a bordo, pedaços de cabo cosidos no vergueiro de espaço a espaço para arrumar ou ferrar a vela. Esbicar é cortar em bicos ou dar forma de bicos. Beijos esbicados são beijos prolongados como chilreio. (LV)
BIÇA – s.f.t. da As. Peso de oiro que vale quinhentos cruzados. Diz que biça é peso de dois arrates e meyo.
BICO/ESBICAR – Bico é no Minho a renda estreita de bilros que toma várias designações conforme o desenho.
BIDENTE – Enxadão de dois dentes, alvião instrumento rustico. (AM)
BIDUO – Espaço de dois dias. (AM)
BIÉCO – Viade ou Bade. O nome de S. Beato, presbítero que floresceu nas Astúrias pelos fins do século VIII e confutou a heresia dos monotelitas em Espanha.
BIFA, DE BRUJAS, DE MALINAS DE MASTERVILLE. Panos; Pragmática de D. Afonso IV sobre o modo de vestir, mesa e comitiva dos grandes do ano de 1340.
BIFACE – utensílio do paleolítico, do formato de uma grande amêndoa, que consiste num fragmento de rocha (ger. sílex) lascado e aplainado dos dois lados, para formar uma extremidade afilada e cortante, e a outra extremidade arredondada, para ser segura pela mão ou ser encabada; faz-tudo; que tem duas faces ou dois lados opostos; bifacial. (DH).

BIFE – Para além do luxo gastronómico por vezes se aplica a esta palavra um qualificativo mais ou menos pitoresco; Bife-de-cabeça-chata, é em todo o país a "sardinha"; Bife de gaivota, vem no mesmo sentido; Bife-de-cafeteira é a xícara ou caneca de café do almoço. (LV)
BIFERO – Que produz duas vezes no anno os seus frutos. "bifera colheita" segunda daquele ano.
BIFFA – Retalhos de falsas lãs, similhavis a biffas.
BIGORRÍLHA – Homem vil, de pouca conta. (AM)
BIGUINOS/BEGUINOS – São muitas as opiniões sobre a etimologia deste nome, que se deu a umas sociedades de homens e mulheres que, talvez não principiando com mau espírito brevemente declinaram em quase toda a europa, para mil hipocrisias erros e fanatismos que com razão foram condenados nos concílios vianenses 1161 e 1311. Para Leite de Vasconcelos; beguinos, certos frades mendicantes.
BILHARDA – Um pau adelgaçado por ambos os lados, com que os rapazes fazendo-o saltar e dando-lhe uma pancada com que não caia na roda, ou círculo que traçam no chão. (AM)
Regras:

Os jogadores dispostos de forma circular, separados de dois metros. Cada qual faz uma pequena poça junto de si, no qual assenta a extremidade do seu pau. Para determinar qual é o jogador que fica com a bilharda em primeiro lugar, um deles pega em todos os paus e bilharda e atira-os, simultaneamente, por cima da cabeça para trás das costas, para longe. O dono do pau que fica mais próximo da bilharda é o primeiro a lançar.

Então, após todos estarem preparados, isto é, com a extremidade do seu pau na sua poça, o que tiver a bilharda lança-a de forma que caia verticalmente no centro do círculo. Os outros podem bater-lhe e atirá-la para longe. Se isso acontecer, quem a lançou vai imediatamente buscá-la e tenta metê-la numa das poças dos outros que, entretanto, têm que ir esfuracar (esburacar), obrigatoriamente, na poça de quem foi buscar a bilharda. Se o conseguir fica o dono da poça. Se bater na bilharda e falhar fica ele com a bilharda (passa a ser ele a lançá-la ao ar). Se falharem duas ou mais vezes, fica com a bilharda o primeiro a levantar o pau da sua poça.

Perde o jogador que ficar com a poça maior, pois é sinal que gastou muito tempo a ir buscar a bilharda.

BILHÃO – Moeda baixa de cobre. Gaspar Nicolas, Arte de Furt. – Na série arithmetica, segue-se à centena de milhão, para a esquerda.
BILLOTO – Cepo ou cepa de lenha, madeira, uma tora, Foral de Lisboa. (AM)
BIMBALADA – Bimbalhada de sinos; o toque de muitos e o som que fazem. (AM)
BIOCO – Mantilha que escondia o rosto. Em sentido figurado; desculpa, alibi. (HS).
BIPELTADO – que tem dois escudos, couraças ou armaduras;
BIQUEIRO – Pontapé; diz-se daquele que só gosta de boa comida, e pouca quantidade, guloso. (VB)
BIRIMBAU – Instrumento que é um arco de ferro aberto por baixo, atravessado por uma palheta d'aço; aplica-se à boca e com dedo se vibra a tal palheta é de moços vulgares e pretos. (AM)
BÍRRA – Doença de bestas ou vicio com que sentindo a garganta apertada se ajuda de ferrar os dentes na manjedoura para poder engolir. – Birra; pertinácia, teima caprichosa, paixão, agastamento. (AM)

BIRRENTO – Agastado, raivoso, enfadado. Ainda na Beira Alta usam desta palavra.
BÍRRO – Chapéo, murça, ou barrete antigo, em geral vermelho. (AM)
BISÁLHO – Saquinho ou borrachinha de trazer pedraria e coisas dessa preciosidade. (AM)
BISÁRMA – Alabarda ou arma de dois modos, porque fere de corte e com ponta oposta; arma de gume e ponta de corte, golpe e estocada ou pontiaguda. (AM).
BISCOITO – Placa de barro cozido sobre a qual é aplicado o vidrado.
BISCUIT – Literalmente significa duas vezes cozido, donde peça de porcelana que sofre duas cozeduras.
BISCOUTAR – Cozer dando a consistência e torrado do biscouto para não amolecer ou bolorecer com a humidade nos barris, payoes etc., para se conservar por muito tempo. (AM).
BISNAGA – Bastinag (PA); Erva bem conhecida.
BISPAL – O que é ou pertence ao Bispo.
BISPO – Este título, lograram, alguns respeitáveis presbíteros que nunca foram consagrados bispo, mas foram incumbidos de algumas funções que ordinariamente eram da competência episcopal. Também; Alcunha que se dava no século XII a pessoas não vulgares em Portugal.
BISPO CARDEAL – Bispo próprio e residente na sua diocese com ovelhas próprias e território separado.
BISPO COMENDATÁRIO – No tempo da cúria romana esteve em Avinhão é que se inverteu a disciplina antiquíssima da Igreja Santa.
BISPO DAS ORDENS – O bispo coadjutor e sem território.
BISPO DOS FATUOS OU DOUTOS – A que também chamaram bispo dos meninos ou inocentes
BISPO HONORÁRIO – O que sem território algum residia em o mosteiro, destinado só a fazer ali as funções episcopais.
BISTO (BISPO?) ISENTO – O que não reconhece outro algum superior no espiritual mais que o romano pontífice. A estes os gregos chamavam autocéfalos.
BISPO LEGAL – O que é iminente em letras e virtudes e canonicamente eleito.
BISPO PORTATIL – Os que não tinham clero nem povo; estavam prontos para o que os sumos pontífices lhes mandassem.
BISPO PALATINO – O mesmo que bispo da capela real a que chamamos capelão-mor.
BISPO REGIONÁRIO – Assim foi chamado aquele que era consagrado bispo, não para uma certa e determinada catedral com clero e povo, mas sim para pregar a fé de Jesus Cristo e exercer o seu poder episcopal.
BITAFE – Título, rótulo, ou inscrição de um livro
BITALHA/BITUALHA/VITUALHAS – Mantimentos, víveres, munições de boca, aguadas, refrescos.
BIZANTE – Besante moeda de Bizâncio. (Constantinopla)
BIZARRIA – Bexaria (PA); Elegância, gentileza, garbo.
BLANCA/BIANCA – Moeda ínfima de Castela que correu em portugal em tempo de el-rei D. Duarte e depois valia meio real branco ou três ceitis. O mesmo era Blanca que maravidi de Castela.
BLANDO – Brando.
BLANDURA – Brandura.
BLOIDA – Excremento ou lixo humano.
BÔ – Interjeição Não me digas! Pode lá ser! Não acredito! Também; advérbio Bom. (VB)

BÓA – Bens móveis, ou raízes. Ord. Af. 4. 98 1. “Herdarom toda a boa de seu padre, salvo a terça parte”. Daqui se derivou para aboar; fazer partilha, divisão de bens e fins e herdades commuas, com vizinhas.
BÒA – Variação de bom, adj. Correspondente aos substantivos femininos: v.g. Boa casa, boa saúde. (AM)
BOA-FÉ – Palavra de honra e de verdade com que alguém se co0mprometia e que caracterizava o sujeito de pessoa de bem; é o contrário de má-fé.
BOAYANCA/BARRANCO – Cova ou quebrada de terra, a modo de valado de ambas as partes que quase sempre está húmida, como presa de água.
BOAS – Bens, assim móveis como de raiz.
BOAS MANHAS – Boas artes; bons; aprovados e honestos costumes. É do século XIV e ainda se acha no século XVI.
BOBEDA – Abobada.
BOBEDO – Bobedo; Bobe+edo; rolo; pequeno cilindro oco; cacho ou anel de cabelo. (TMC)
BOBO DA CORTE; BUFÃO, BUFO OU SIMPLESMENTE BOBO; Nome pelo qual era chamado o "funcionário" monárquico encarregado de entreter o rei e rainha e fazê-los rirem. Muitas vezes eram as únicas pessoas que podiam criticar o rei sem correr riscos. (CM) Também; BOBO – Alvar; atoleimado; aparvalhado; bufão; caturra; chocarreiro; estúpido; farsante; farrista; jogral; maluco; relógio; tolo; truão; zângano. (TMC)
BOBÓ – Ache; arrebenta-cavalos; barrigudinho; bobo; girino; ingénuo. (TMC)
BOCA DO VALE – Boca: abertura; barra; beque; bico; bocal; começo; embocadura; entrada; foz; princípio. – Vale: barbeito; comba; talvegue; val; vão; planície entre duas montanhas ou colinas. (TMC)
BOCAL – Muro que serve de parapeito à volta do poço ou cisterna.
BOCETA – Pequena caixa, cilíndrica ou oval, de papelão ou madeira.
BOCICODIO – O que não diz palavra por falta de juízo.
BOCIJO – Repetição importuna de se abrir a boca.
BÓCOS – pl de bóco; acriançado; bobo; mocó; palerma; parvo; pascácio; pateta; simplório; tolo. (TMC)
BODALHA – porca pequena., leitoa.
BODEGA – Taverna movível, como as feiras, onde se come ou bebe.
BODIVO/BODO – O mesmo que bodo, os; também se escrevia vodibo e vodo.
BODÓQUE – Bolla de barro que se atira com a besta ou arco com duas cordas e uma rede no meyo, no qual se põe a balla ou pelouro de barro com que se atira. – Bésta de bodoque; aquella com que se atirava o bodoque o qual hoje se atira à mão com arco de duas cordas de linho, paralelas com rede no meio da altura dellas e defronte da empolgueira; na rede se poim a balla ou mais Portuguez e propriamente o bodoque de que se deu nome ao todo, i. é, ao arco, e cordas “um d’airi, ou pau de arco”. (AM).
BOETA – Boceta, cápsula, píxide, arquinha, gaveta, cofre. Vem do Francês boete na mesma designação.
BOFORDAR – O mesmo que bafordar.
BOHO – Da gíria; interjeição popular, designativo de “está bem, negativo” admiração; exclamação. (TMC)
BOI – As nossas leis têm proibido com graves penas, que se não cacem perdizes com boi, rede ou candeio. O artificio do boi consiste em cobrir o caçador com o couro de um boi,

representando àquelas aves a figura daquele animal, de que elas se não espantam, mas antes o acompanham e, por isso, mui facilmente são tomadas.
BOIÇA – m.q. bouça: bravio; tapa; terreno delimitado em que se criam pinheiros, eucaliptos, carvalhos e mato; terreno inculto. (TMC)
BOIEINHA – Diminutivo de boieira; alvéola; barroneira; alvela; avoeira; chíria; chirina; lavandeira; lavandisca; pastorinha. (TMC)
BOINHO – Juncos ou tábuas.
BOLDRIÉ – (Do antigo Francês Bauldriee) Cinta de Coiro, com uma peça de que se suspende a espada. (AM)
BOLEEIRO – O que dirige a boléva, ou as seges; como o cocheiro dirige os coches. (AM)
BOLELAS – De bole; nome vulgar de uma planta herbácea da família das gramíneas, espontânea e frequente em Portugal, que se agita á menor aragem. (TMC)
BOLETINHO – Diminutivo de boleto; agárico; alojamento; boletim; bolota; machinho Borbeleira (TMC)
BOLEYMA – Bolo grosseiro
BOLIMENTO – Movimento de gente de guerra.
BOLHÃO; REAL BRANCO – Moeda. Reinado D. João I 1385/1422. Espólio da Associação Terras Quentes.

Anverso Reverso

Anverso - + ADIVTORVM * NOSTRUM * QVI // FECIT * CELVM * ETER (**O nosso auxílio vem do Senhor que fez o céu e a terra**) em duas coroas de círculo concêntricos, entre cercaduras pontuadas. Ao centro, o monograma real Y coroado, tendo à esquerda a marca monetária L.
Reverso - + IHNS x DEI x GRA x REX x POR x ET x AL (**João pela graça de Deus Rei de Portugal e Algarve**) entre cercaduras pontuadas. Ao centro, as quinas em cruz dentro de epicicloide duplo tetralobado de recorte gótico, cantonado de trifólios.
BOLSA DE VINHO – Borracha.
BOLSEIRO – Recebedor, depositário, o que tem a bolsa ou cofre de uma comunidade religiosa ou secular. Também; recebedor, depositário, o que tem a bolsa ou cofre de uma comunidade religiosa ou secular. (Viterbo – 1307). (CM)
BOMBACHAS – Calções largos e compridos que se atavam por baixo dos joelhos; eram de seda e se encorpavam com tufos ou garambazes.
BOMBARDA – Antiga máquina de guerra para arremessar pelouros. Também; na Idade Média, máquina de guerra que arremessava, por meio de cordas e molas, grandes pedras; peça de artilharia similar ao morteiro, que arremessava grandes pelouros de pedra; boca-de-fogo primitiva [Podia ser grossa, quando de grande calibre, usada para atacar fortificações, ou miúda, quando de pequeno calibre.]; qualquer das antigas peças de artilharia figuradas no escudo; antigo instrumento de sopro e palheta dupla. (DH).

BOMBÈIRO – O que sabe a composição das bombas de guerra e o modo de as atirar: v.g "Uma companhia de bombeiros". (AM)
BONA – Bens e fazendas assim móveis como da raiz
BONDADES – Boas qualidades.
BONECRA – Boneca, castanha chocha. (VB)
BONISSIMO – Muito bom.
BÕO, BÕOA – No feminino, além de nasalada, ocorre já a actual forma *boa* (LV)
BOOM – Bom.
BOQUEJO – Pequena refeição antes do almoço.
BORCAR – Emborcar.
BORDEGÃO – Vil, baixo, zote, rústico.
BORGANHONA – Arma defensiva do soldado ligeiro na guerra. (AM)
BORGES – A forma actual burguês (segundo Leite de Vasconcelos) do Francês Burgeois e do espanhol arcaico Burgês.
BORGONHÊS – relativo a Borgonha ou o que é seu natural ou habitante; borguinhão; dialeto do francês que, na Idade Média, se falava em todo o Leste da França. (DH).
BORGUINHÓTA – Uma carapuça, com certo feitio, desusada hoje. – Capacete, ou cervilheira da malha defensiva da cabeça.
BORNAL – Saco de merenda; fardela; Taleiga. (VB)
BORNE – 1) Pedra de forma cónica colocada ao longo das construções para evitar que as viaturas rocem. 2) Os Bornes (ou marcos) miliários são os que os Romanos colocavam de milha em milha nas estradas com as inscrições indicativas da estrada (donde vinha e para onde se dirigia e as distâncias.
BORNEIRO/VERRUMEIRO – Buraco no tampo do tonel ou pipa no qual se introduz a torneira.
BORONDANGAS – Adj. Nome que dão em Rebordelo (concelho de Vinhais) à classe dos judeus (vocábulo recolhido em fotocópias cuja proveniência se desconhece). VB)
BOUSENDE– Sítio referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, topónimo que não consta nas folhas de registo de cadastro da freguesia de Espadanedo, sendo, contudo, o nome da uma localidade pertencente á freguesia. – Bousende; genitivo do n. Pessoal de origem germânica Baudisindus, isto é, "villa", (in Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. XXXIX, p. 529). – Da base de dados do IPA, extrai-se a seguinte informação: Designação: Bouzende. Tipo de sítio: Achado isolado, Período: Indeterminado: CNS: 17257Localização: Espadanedo.
Descrição: Na parede de uma casa arruinada da aldeia de Bouzende foi reaproveitada uma pequena escultura antropomórfica, representando uma cara, esculpida em granito. Encontra-se algo deteriorada, sendo difícil atribuir-lhe uma cronologia, mas poderá ser medieval, provavelmente reaproveitada da Igreja, pois é provável que Bouzende seja povoação de origem medieval, ainda que não haja evidências directas disso. (TMC)
BOROA SCAROLADA – Era o pão de painço que, propriamente se dizia broa.
BORRACHÃO – Aumentativo de borracha. – Borracão de campanha. F. Forriel. – Borrachão para pólvora, na artilharia. (AM).
BORZEGUIM – Termo de origem flamenga. Calçado que cobre parte da perna. Também; tipo de calçado de feitios diversos que cobria o pé e parte da perna, usado desde o tempo dos assírios, de que procedem as botas e afins; calçado do tipo da bota ou botim, de couro macio ou tecido, usado desde a Antiguidade até a Idade Média, e que, de acordo com a classe social do indivíduo, podia ser feito de tecidos preciosos e adornado

com bordados, pedrarias etc.; antigo calçado mouro que consistia numa espécie de meia grossa, provida de uma sola de couro fino ou pele curtida; aparelho de tortura que consistia em quatro talas de madeira presas por cordas, com que se comprimiam os pés dos réus introduzindo cunhas entre elas e martelando-as. (DH).
BOSTAL – Curral de bois.
BOSTELLO – Pequeno Bosque, tapada, território, termo ou distrito. É diminutivo de boscus ou bostus de que muito usaram os inferiores latinos.
BOSTO/BOSTÊLO/BRANDA – É a bouça de mato, pastagem nas montanhas da serra da Peneda (LV)
BOSTOIRO – Individuo inútil, sujo, mole. (VB)
BÓTA DE VINHO – Embolhas, algumas levavam a trinta almudes.
BOTELHO – Medida de grãos e farinha menor que o selamim. (AM). Também; Abóbora, em fase de crescimento que se dá como alimento aos animais e que algumas pessoas comem em salada ou guisado. O mesmo que bobro. (VB)
BOTEQUIM – (do italiano botteghino) Loja de bebidas. Bar.
BOTIJA – Batia (PA); Vaso bojudo com boca estreita.
BOTOENS DE TERRA – O mesmo que batizar, administrar o sacramento do batismo.
BOUÇA – Terreno inculto.
BOVINHO – Sítio referenciado na base de dados do IPA, como de interessa arqueológico, topónimo que não consta nas folhas de registo dos prédios rústicos da freguesia de Edroso. Da base de dados do IPA extrai-se, a seguinte informação; Designação: Bovinho; Tipo de sítio: Povoado Fortificado. Período: Idade do Ferro/Romano; CNS 2011; Localização: Edroso. Descrição: O castro do Bovinho, também denominado Poço dos Mouros, situa-se num relevo em esporão de baixa altitude onde as condições naturais de defesa e o seu controle geoestratégico são de fraca qualidade. Esta estação arqueológica tem vindo a ser descrita como um povoado fortificado que possui uma linha de muralha que circunda toda a sua área, e um fosso localizado junto ao seu colo de acesso. Segundo a mesma fonte descritiva (Lemos:1993), no interior do perímetro muralhado foram observados indícios de romanização: Da visita efectuada ao local aquando do processo de relocalizações colocadas em curso pela Extensão do IPA de Macedo de Cavaleiros, nenhum destes elementos descritos foram observados de forma perentória, devido à intensa vegetação que cobre todo o espaço ocupado pelo povoado, o que não permitiu a recolha de qualquer vestígio material, nomeadamente cerâmica de superfície, assim como não se observou quaisquer indícios de fosso ou de muralha. Os únicos elementos detectados foram um talude que se desenvolve junto ao sector sudeste, o sector onde se situa o colo de acesso, e um profundo poço parcialmente entulhado que se abre imediatamente a seguir a este talude, sendo o responsável pela origem do topónimo Poço dos Mouros. Quanto à plataforma onde se desenvolveu o povoado é praticamente impossível fazer qualquer descrição quer do seu tamanho ou forma, quer de outros elementos estruturais que aí possam existir. O local encontra-se praticamente inacessível, coberto por densa floresta de silvas, urze, pequenos carrascos, carvalhos e giestas. (TMC).

Fotos ATQ; 1) Aspecto da muralha do povoado do Bovinho 2) fase de trabalhos no poço mineiro Bovinho

BRAÇA – Medida longa de 7 pés geométricos ou 10 palmos de craveira. (AM).

BRAÇAIS - Peça de arnês destinada à defesa do braço. (CM)

BRAÇAL/BRACELLOENS – Armadura com que antigamente se defendiam os braços. "Escudeiro com cotas e braçaes" Chron. Do Condestável. Ord Af. 1. F. 287. (AM).

BRACAMARTE – espada curta, de lâmina de dois gumes, larga e pesada. (DH)

BRACEIRO – Forte ou ágil de braços. Também; relativo a braço; braçal; que se faz com o(s) braço(s); que se arremessa ou se faz mover com o(s) braço(s); Reg. cunha nos dentes de uma entrosa ou na roda de uma azenha. (DH).

BRACELEIRA – Arma ofensiva dos soldados romanos na guerra. (AM)

BRÁCHAROS – Povos das antiga Lusitânia sujeitos à chancelaria de Braga. (AM).

BRAÇO, DE TRANSEPTO – Metade do transepto. Cada um dos ramos menores da cruz latina cuja forma foi conferida à planta de uma igreja, por inclusão de um transepto.

BRAFONEIRAS – Antiq. Armaduras, que cobriam a parte superior dos braços. Nobiliário "Punham-se também aos cavallos acobertados. Brafoneiras em Castelhano, peças de armar que cobriam as coixas, os coixotes, ou coxotes, lhes chamamos nós. Também; Peças de malha em forma de calça, destinadas à protecção das pernas, (CM)

BRÁGA – Argola com cadeya de ferro com que se prende alguém pola perna, andando a cadeya atada à cinta ou a uma argola que prende outra pessoa.

BRAGA – Nas antigas fortificações, muro que servia de tranqueira. Cidade Portuguesa, pré-nacionalidade. Também; espécie de calças ou calções, largos ou justos, apertados por baixo ou não, de uso entre alguns povos da Antiguidade e, no campo, até a Idade Média; modernamente, vestem-nos alguns muçulmanos; entre os lusitanos, espécie de grevas feitas de tiras de couro, ou de esparto ou linho; argola de ferro usado para prender os remadores às galés; cintura de fortes paliçadas ou de alvenaria que se construía à frente do circuito de muralhas das fortificações para defender-lhes o pé contra as baterias inimigas; cabo usado para conter o coice do canhão; bragueiro; o remador cativo das galés. (DH).

BRAGAL – tecido grosseiro com trama de cordão de que se faziam as bragas ('calças') e, mais tarde, toalhas de mesa rústicas, panos para cobrir massa de pão etc.; preço ou valor de oito, e depois sete, varas desse tecido, quantidade essa usada como unidade monetária em diversas transações (compra e venda, arrendamentos, aforamentos etc.) e no pagamento de impostos às mitras; bragádiga; par de bragas ('calceta') que se punha nas canelas dos prisioneiros para impedir-lhes a fuga. (DH)

BRAGAS – Calças amplas de origem gaulesa, apertadas às pernas por correias. No fim do século XV são substituídas por calções.

BRAGAADIGA/BRAGADIGA – A estimação ou o preço de um bragal.
BRAGAL/BRAGEL – Na Beira e Trás-os-Montes ainda hoje se chamam bragal a um pano de linho grosso atravessado por muitos cordões – O bragal constava de oito varas pela medida antiga, mas, pela nova, eram sete varas. Também; Pano grosso atravessado de muitos corsões que se tece na Beira e Tralos-Montes Chron. De Cister, Delle se fazem toalhas e com elle se cobre a amassadura da farinha para levedar. Um bragal nos Foraes antigos, como preço, ou pensão, são sete varas do dito bragal, e estes retalhos se davam por preço em lugar de moeda "comporado v.g ou aforado por tantos bragaes, nas medidas antigas eram 8 varas. (AM)
BRAGUEIRO – Em um documento de Tarouca do século XIV se toma por bragal sarja, estamenha ou linho grosso e que servia para as roupas interiores e baixas dos que professavam a regra de S. Bento. Também;
BRANCA – Maravedil de Castela, que correu neste reino por três ceitis
BRANCAGEM – No foral da vila de Monção – Se arrecadará para o dito concelho o direito da brancagem. S. de cada fornada de pão de trigo que se vende na praça, que se já bragado e de callo um real; porque pão molete não pagaram nada.
BRANCO – Cor produzida pela reunião de todas as cores do espectro.
BRANDEZA – Suavidade, brandura.
BRANEA – O mesmo que bouça, brenha, tapada.
BRAQUEMARTE – Espada curta e larga usada antigamente. (Braquemard Franc. Terçado largo). (AM)

Braquemarte - Espólio da Associação Terras Quentes

BRÊA - Alcatroar; embrear; emporcalhar; enodoar; labrear; sujar. (TMC)
BREIA – Chã; chapada; planalto; vereda; vereia; lugar elevado, alto, gir.
Brieira (TMC)
BREGEIRO – O mesmo que brejo; com todos seos montados e passigos, 1478.
BREJO – Lugar baixo, alagadiço, húmido, pantanoso, cheio de silvas e matagais.
BRENSEDA – Multidão de brenhas, silvados, matagais, brejos, pauis.
BRESFAMIA – Palavra injuriosa, blasfémia.
BREVEMENTE – Enfim, em uma palavra.
BREVIARIO/BREVERIADO – Documento das bentas do porto; Livro manual em que se contém o ofício divino, que os eclesiásticos, cada dia, devem rezar. Também; resumo, sinopse; livro que reúne os ofícios que os sacerdotes católicos rezam diariamente; as orações, salmos, antífonas etc. desse livro; livro que se está sempre a ler; livro predileto; conjunto de princípios, ideias, convicções etc.; doutrina; cada um dos dois tamanhos de letra nos quais eram impressos os breviários (ecles) [Equivalem aos atuais corpo 8 e corpo 9.]. (DH)
BREVIÁRIO DE CARREIRA – Breviário pequeno portátil.
BREVIORIO – Livro eclesiástico grande que não só continha as horas do ofício divino, mas também o directório, orações, preces, ofício de defuntos, ladainhas, etc.
BRIAL – Espécie de camisola.
BRIGA – Na língua antiga dos espanhóis antes que fossem conquistados pelos romanos, se chamou briga a um ajuntamento de gentes que constituíam uma cidade com suas particulares leis e costumes.

BRINCO – Brinquedo.
BRINÇO – Brinço: masc. de Brinça; erva; da família das umbelíferas, de folhas partidas e flores amarelas, em umbelas nativa da Europa e usada como aperitivo, diurética e especialmente em veterinária; funcho-de-porco; peucédano. (TMC)
BRIGANDINA – Corpete de lâminas ou escamas de aço, ligadas sobre um couro com rebites que forma revestimento exterior. É originário de Itália e substitui a cota de malha. (AA)
BRINGELA – Badanjan (PA); voz corrupta do pérsico; Fruto de uma planta de horta muito conhecido
BRIO, OS – Brida, das; freios de cavalos com rédeas largas que, algumas vezes, eram de ouro.
BRISDA – Pénis. (VB)
BRISTOL – Pano forte e grosseiro, fabricado em Inglaterra, na cidade de Bristol.
BRITAMENTO – Arrombamento, fracção, força, fazendo-se muitos frutos e roubos
BRITAR – Quebrar, romper, despedaçar, arrombar.
BRITASSEM – Partissem, quebrassem. O termo britar subsiste ainda hoje na linguagem com sentido especial de partir, pedra.
BRIVIA – O mesmo que Bíblia., sagrado códice das divinas escrituras.
BRIZAR – Embalar um menino.
BROCAL – Escudo pequeno de madeira forrada de coiro forte, com seu brocal; no meyo tem embigo de metal, ou diamante que cobre a embraçadeira que está por dentro e por onde se segura.
BROCHA – O que hoje dizemos broche, ornato do peito, assim como a sarta era do pescoço. Também; Fecho de metal que se prega nas pastas dos livros para os ter fechados. – Entre pintores, pincel grande e grosso. – Cravo de ferro com que o sapateiro prega o coiro com a sola pela borda da forma, antes de os cozer; - Peça de artilharia antiga, para abrocharas peças e ajuntá-las pelas bordas. Nobiliar. “huma brocha por cima do lorigado. – Correya de coiro com que se abraça a garganta do boi cangado; prende nos canzis. – Peça de apertar alpercatas, fixando e unindo uma borda à outra. - Peças de corda que amarrão de fueiro a fueiro para não abrirem, com carga alta. (AM).
BROCHASA – Peça do leito.
BRÔCHO – Prego curto sem cabeça próprio para calçado. (LV)
BROLAR – Broslar; Bordar.
BRONZO – Bronze.
BROQUEL – Escudo. Também; - Escudo pequeno, usado antigamente e que, em geral apresentava no meio um umbigo de metal que cobria a embraçadeira, a qual estava por dentro e por onde se segurava a peça. (CM)
BROSLADO – Bordado.
BROU D’IPRE – Pano.
BRUGO – Lagarta, pulgão e toda a qualidade de insetos que destroem as searas.
BRUXENTO – de bruxar; fazer bruxarias; capacidade sobrenatural atribuída a bruxas ou bruxos; sortilégio; facto extraordinário que não se sabe explicar. (TMC)
BUFAREIRA – Estramónio; planta herbácea medicinal da família das solanáceas, também conhecida por figueira-do-diabo e erva-dos-feitiços. (TMC)
BUCELLARIO - Soldado forte, generoso, destemido, que tinha a seu cargo a guarda do príncipe, de quem era apaniguado e de quem tinha mantimentos e o senhorio de algumas terras.

BUCENTÓRIO/BUCENTAURO – Um certo Galeão de Veneza.
BUCHOTE – Arquinha ou baú pequeno.
BUÇO – Boculo (PA); A primeira barba que nasce aos rapazes. Deriva do verbo Bacala. Vestir o semblante de penugem.
BUDEL – Não duvidamos que os bedéis das universidades herdassem o nome dos antigos budeis das igrejas, mas parece que os seus ministérios, se não em tudo, em uma grande parte, se diferenciavam.
BUEIRO – Abertura no telhado, nas casas que não tem chaminé, para a saída do fumo. (VB)
BUÈTA – Antiq. Cofre, boceta; "por morte de D. Henrique de Menezes não se acharam na sua bueta, sendo tangas". (AM).
BUFARRA – Nevoeiro (VB)
BUFETE – Armário usado desde o século XVI constituído por duas ou mais filas de Prateleiras abertas, encostado a uma parede onde se guarda a baixela e a prataria. Aparador.
BUFO – Sopro forte e rápido; ventosidade expelida pelo ânus, sem ruído; homem avarento; burlesco; ave de rapina noturna da família dos Bubonídeos ou Estrigídeos, também conhecido por corujão. (TMC)
BUFOARIA – Buhavaria (PA); Lugar da província da Estremadura, termo de Alenquer. Compoem-se de "Bu", Pai e de "bavaria" a Candida, que vem a ser. O Pai da Candida.
BULCÃO – Tempestade.
BUFFOM/BUFAM/BUFON – Bufarinheiro que anda com as suas tendas às costas e só vende cousas miúdas e de pouco preço, apregoando-as diariamente pelas ruas. Também; Bufom ou Bufona. O que anda com a sua tenda às costas e só vende coisas miúdas e de pouco preço. (Doc. de Lamego 1300). (CM)
BUFONA – Mulher que tem o mesmo emprego que o buffon.
BUFONEIRAS – Chocarrices, graças, chistes, motes que se acham em gente de teatro.
BUFURDIO – Jogo, brinco de cavalhadas, justas, torneios e todos os mais divertimentos que se faziam por gente de cavalo e armada, levemente, só a fim de se alegrar a si e aos circunstantes.
BUGIO – design. comum a todas as espécies de primatas; macaco; design. comum aos macacos da família. dos cebídeos do género. *Alouatta*, que ocorrem das florestas do Sul do México à Argentina; com cerca de 50 cm de comprimento, cauda preênsil e pelagem densa, espécie. sob o focinho, formando uma barba espessa; aquiqui, barbado, guariba [Habitam a copa das árvores, onde se alimentam de frutos e folhas e se fazem notar pela voz grave e alta.]; pessoa que imita ou arremeda outrem; Reg. espécie de pantógrafo; maquinismo em forma de forquilha usado para puxar barcos. (DH).
BUJARRONA – a maior das velas de proa, de forma triangular, que se enverga num dos estais do velacho; colarinho duro, de ponta revirada, usado com casaca. (DH).
BULA – em Roma, pequena bola de metal que os filhos dos patrícios usavam ao pescoço até os 17 anos e, mais tarde, todos os ingênuos ('nascidos livres'); bolinha ou pequena bolsa que traziam ao pescoço os que entravam em triunfo em Roma, dentro da qual metiam supostos preservativos contra a inveja; medalha portada pelos nobres romanos, emblema de seu poder; qualquer peça de ouro ou prata ou outros metais em forma redonda ou oval; em chancelaria e sigilografia, selo ou sinete, em geral de forma redonda, que se prendia a um documento ou acompanhava uma carta, atestando-lhe a autenticidade; decreto ou documento com tal selo ou sinete; escrito solene ou carta

aberta provida de tal selo, expedida em nome do papa pela chancelaria apostólica, com instruções, indulgências, ordens, concessão de benefícios etc.; Reg. série de privilégios concedidos por bula pontifícia, cujas cópias podem ser adquiridas pelos fiéis; dispensa de certas práticas religiosas que concedem os bispos; impresso que acompanha medicamento e contém informações sobre a sua composição, utilidade, posologias e as suas contraindicações. (DH).

BULADOR – Burlão, trapaceiro, enganador.

BULHÂO/BULHOM – Punhal. Medalhão de ouro ou prata cunhado para memória de algum notável acontecimento e também por ocasião de alguma particular empresa ou para distinção de alguma sociedade ou família.

BULHEIRO – De bulha: barulho; desordem; rebuliço; rixa; desordeiro; pinhal; antigo; medalhão; contenda; discórdia; ralhos. (TMC)

BULLA – Assim chamam hoje a qualquer diploma, carta, breve, rescrito ou letras apostólicas.

BUÍR – Polir, alizar, acicalar com a fricção acicalado; o ferro, os gonzos, o punhal buído. – A roupa buida; que se faz mais delgada e rara com o uso e mais geralmente se diz puída. (AM).

BURACO – Aberta; abertura; alvéolo; barranco; boquete; casebre; casinhola; cavado; cavidade; cova; decepção; desastre; forame; fosso; fracasso; janela; loca; lorca; lura; olhal; olho; orifício; toca; vulva. (TMC)

BURGA – Topónimo referente á freguesia do concelho de Macedo de Cavaleiros. – M.q. burgo; seixo; calhau; cascalho; pedrinha; burgau; burgalhau; burgó; (TMC)

BURGALEZ – Moeda que el-rei D. Sancho I mandou fazer.

BURGEL/BURGEZ/BURGUEZ – O que morava no burgo que algumas vezes se tomavam pela mesma povoação ou vila.

BURGO – Esta palavra é dos antigos germanos, Cimbros ou Teutões. Significava uma cadeia de lugares ou ajuntamento de casas nas raias ou fronteiras, seguidas umas às outras e onde residiam efectiva, as guardas militares romanas. A estas se ajuntaram muitos nacionais de Alemanha.

BURGOS – Em 1080, o concilio de Burgos abolia o rito hispânico ou moçárabe e impunha a liturgia Romana.

BURGUEZ – O mesmo que burgel.

BURGUÈZ – Vizinho do burgo. Na M. Lus. Tom. 5 f. 154, col 1, se diz burgues de Paris, no sentido de Bourgeois, Francez, cidadão de Paris; não-nobre, ou fidalgo, porque os nobres e fidalgos viviam nos seus castelos e no campo para a defesa do cidadão, burguez ou vilão que exercia os mesteres e mecânica, ou da classe do povo e comuneiros. (Ing. Burguess). (AM).

BURLA/BULRA – Engano, zombaria, peça, mentira, fraude, tramoia, intriga, cabala que o burlão ou iliciador faz na hipoteca venda ou dinheiro que tomou emprestado.

BURLIÇA – Com cio. (MC)

BURRADA – Tropa de burros. – Asnidade.

BURRANHO – Individuo estúpido, burro. (VB)

BURRAS – pl de burras; fêmea do burro; jumenta; cavalete usado pelos serradores de madeira; dispositivo simples que serve para tirar água dos poços; pé-de-meia; cofre; fortuna. (TMC)

BURREIRO – m.q. burriqueiro; condutor de burros; que negoceia em burros; alquilador. (TMC)

BURRINHO-DO-MOLEIRO – Jogo de rapazes, também conhecido pela designação de jogo do "bolisco" (Meirinhos, Mogadouro. (VB)
BURRO – Apoio de madeira que sustenta os baldrames. Também; Guindaste de madeira para transportar as caldeiras da lareira para outro lugar.
BURZIGADA – Miscelânea; mistura; misturada. Prato típico do dia da matança do porco, que consiste numa espécie de refogado feito com as vísceras eseu sangue coagulado; espécie de cachola alentejana (Lagoaça – Freixo-de-espada-à-Cinta). (VB)
BUSPATARO – Agachis, esconderijo mui estreito, curto e baixo.
BUSTO – Entre Douro e Minho desde o século VIII até ao XII se tomou busto por tapada ou bouça.
BUTARGAS – Ovas de peixe3 sobretudo tainhas curadas ao fumeiro.
BUTIRADA – Bica, bolo ou fazedura de manteiga.
BUXO -Boqço (PA); certa qualidade de pau bem conhecido.
BUZ – Beijo, ósculo, sinal de reverência, amor honesto e cortesia. Hoje se faz um buz inclinando alguma cousa a cabeça e levando com gravidade as mãos juntas e quase fechadas perto da boca. Isto alude o adágio: "Foi-se sem chuz, nem buz, isto é, nem cousa alguma disse, nem o mais leve sinal de cortesia fez. (Viterbo).
BUZ- Bus (PA); Beijo, Osculo. A isto alude o Adágio: Foi-se sem Chuz nem Buz.
BUZARANHA/BUZARENHO – Coisas fantásticas que se apresentam aos olhos de quem tem muita febre. (VB)
BUZENO/BUZEO/BUUZEO/BUZIO – Medida de sólidos que ainda hoje se usa entre Douro e Minho e é quase do princípio da monarquia – Buzeno são dois alqueires e meio, mas hoje contém quatro alqueires justos da medida corrente; e por esta conta o buzeno ou búzio antigo eram cinco alqueires dos nossos, que só faziam cada um meio alqueire dos daquele tempo. *"Em 1390 pagou o mosteiro de Rio Tinto doze buzeos de segunda, oito de aveia e quatro de milho pela medida do celeiro do bispo do porto".* (Viterbo).

C

C – Como nota musical, denotava o apressado ou brevidade do canto.

CÁ – Porque; Pois, do que. (NAP)

CABA – Câba (PA); Cenáculo, ou casa quadrada. Este nome tendo artigo, significa o Templo de Meca, por ser fabricado de forma quadrada. Deriva do Verbo "Caabâ" fazer alguma coisa em quadrado ou quadrada.

CABA ou CAVA – Cábba (PA); Mulher má, adultera. Deriva do verbo cabába, viver à maneira de mulher pública, ou ter vida dissoluta. *"Os grandes e públicos pecados acabarão de encher a medida da sua condemnação que a força feita à Cava filha do Conde Julião"*. João de Barros Década I pág. I.

CDABAÇA – Espécie de abóbora branca, com forma de oito, usada como recipiente de vinho, depois de retiradas as sementes e devidamente curtida. Chouriço de abóbora. (VB)

CABAÇA DE VINHO – Um cântaro de seis canadas ou meio almude, a que ainda hoje chamam cabaço, na província do Minho.

CABAÇAS – Cestos e cabaças para quatro frades da esmola. Estas cabaças eram para pedirem vinho cozido e não mosto, como faziam os da observância que, por isso, não tinham agora, neste convento, dentro e fora de casa, as vasilhas novas para este fim.

CABAÇO – Tronco de madeira, redondo, rachado, que suporta o rodízio do moinho. (VB)

CABADURA – O mesmo que cabedal. No foral de Santa Cruz de Vilariça de 1225.

CABÃES – Todo e qualquer.

CABALARIO/CAVALLEIRO – Havia cavalleiros e escudeiros fidalgos que, ordinariamente se intitulavam milites, sem mais distinção alguma.

CABALLARIA – Vide Cavalaria.

CABANA – Cabbana (PA); Barraca, Choupana.

CABANCO – cab; antepositivo relacionado com "cabeça"; de cabano; bovino cujos chifres são abertos e horizontais ou ligeiramente voltados para baixo; cavalo ou burro que tem uma orelha caída. (TCM)

CABANAL – Espaço, nas traseiras da casa, constituído por quatro postes ou esteios cobertos com colmo, onde se colocam a lenha, as madeiras, o carro de bois, etc.; alpendre. (VB)

CABEÇA – alma; alto; cabeço; cabo; carola; chefe; cimo; coco; cocuruto; coroa; crânio; fomentador; fonte; frente; guia; juízo; maioral; melão; memória; mona; motor; pinha; regedor; rei; sabedoria. (TMC)

CABEÇA BRANCA – Cabeça; (ver cabeça) – Branca; cabelo branco; cã; antiga moeda de ouro; aguardente; braga; branquinha; cachaça; grilheta; navalha; patroa; senilidade; velhice. (TMC)

CABAÇA DE OURO – Cabaça: abóbora; aboboreira; aguadoiro; botelha; cabaceira; cabaço; cacau; cabeço; calabaça; palerma; papeira; pigente; purunga. – Ouro: areia; dinheiro; fausto; fortuna; jóias; lodo; opulência; preciosidade; resplendor; riqueza; metal amarelo-brilhante elemento químico com o número atómico 79 e símbolo AU. (TMC)

CABANEROS – Nas inquirições d'el-rei D. Afonso II – se chama freguesia de Cabaneros, a que, depois se chamou de Cabanoens, junto a Ovar.

CABEÇALHO – Timão do carro de bois. (VB)

CABEÇÃO – Cabresto especial para domar cavalgaduras. (VB). Também; tipo de cabresto, por vezes feito de lã, com duas rédeas e um arco de metal que se ajusta ao

focinho para guiar o cavalo sem lhe machucar a boca; cabeça grande; em peças de roupa que se vestem acima da cintura (como capas, casacos, vestidos, camisas), a parte superior, que forma uma espécie de gola geralmente larga e pendente. (DH)
CABEÇO – Pequena elevação. Nata do Leite. (VB)
CABDAL – Vide Capdal.
CABDEL – É o que hoje dizemos almirante. Quando antigamente os reis e os imperadores faziam guerra por mar e armavam naus. Também; Coudel. Nobiliário, plur. Cabdeles, Caudilho, chefe de tropa de terra ou de armada: O Cabdel das Armadas chamava-se Almirante "Os Emperadores e os Reyx que haviam guerra per o mar, quando armavam náos pera guerrearem seos inimigos, poinham Cabdelles sobre ellas a que chamam em este tempo Almirante. (AM)
CABDEL DAS GALÉS OU NAVIOS – O primeiro chefe e governador absoluto da esquadra.
CABDIS – Justiças-mores das terras onde residem.
CABÉ – Adv. Junto, perto, a par.
CABEÇA DA MATA – O que morava e tinha o seu casal ou vivenda dentro de alguma mata ou lugar coutado e defeso. Este podia trazer os seus porcos na tal coutada nos meses de outubro, novembro e dezembro.
CABEÇADA – O mesmo que casalo encabeçado.
CABEÇAL – O que tinha obrigação de responder ao direito senhorio por todos os direitos e foros do casal, que andava repartido por muitos ou alguns, dos quais cobrava a respectiva porção.
CABECEIRA – Primeiro motor; chefe; capitão; a quem os outros seguem. 2) A cabeceira de uma igreja (caput ecclesiae) é a extremidade da nave atrás do santuário, assimilada à cabeça de Cristo, onde se situa o altar-mor. Pode ser constituída por um conjunto de capelas centradas na capela-mor.
CABECAER – Agitar ou manear a cabeça, cair com sono.
CABECEL – Vide encabeçado.
CABEÇO – Altura; assomada; cimo; cocuruto; colina; cômoro; cume; eminência; juga; montezinho; morro; outeiro; penedo; pico; ponta; sumidade; viso (TMC); Cabeço – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro da freguesia de Murçós. Da referida base de dados extrai se a seguinte informação: Designação: Cabeço. Tipo de sítio: Povoado Fortificado. Período: Romano. CNS: 17279 Localização: Murçós. Descrição: Pequeno povoado fortificado, situado num cabeço pouco proeminente, rodeado por todos os lados menos por um, por vales relativamente encaixados de pequenas ribeiras. O único acesso faz-se por Norte. Possui assim boas condições defensivas naturais, mas não tem qualquer controle estratégico sobre a zona em volta. O topo do cabeço é uma plataforma aplanada, rodeada por todos os lados por um talude bastante alto e inclinado, que corresponde a uma linha de muralha, que forma um recinto oval. Os materiais de superfície são abundantes, só tendo sido detectados materiais de época romana, nomeadamente tégulas, cerâmica comum, e alguma sigillata. Não há evidência de ocupação anterior ou posterior à época romana. Dentro da zona muralhada, ocupada por um denso matagal, existem um ou dois enormes buracos feitos já há bastante tempo pela população de Murçós, à procura do tesouro que a lenda diz aqui estar. Foi também feito algum arroteamento para plantações florestais fracassadas, mas que parecem não ter tido grandes efeitos destrutivos pelo

que, apesar de tudo, o povoado se apresenta em razoáveis condições de conservação. (TMC)
CABEÇO ALTO – Cabeço; (ver cabeço). – Alto; alcantilado; altaneiro; crescido; grande; majestoso; cabeço; transmontano; monte; elevado; píncaro. (TMC)
CABEÇO DE AZAMOR - Cabeço: (Ver, Cabeço) – Azamor: Cidade da costa Atlântica de Marrocos. Os seus moradores prestaram vassalagem a D. João II em 1486. Após uma conquista falhada em 1508, é ocupada militarmente em 1513. Mostrando-se a sua ocupação muito onerosa, foi destruída e abandonada em 1542. (TMC)
CABEDAL/CABEDALL – Dinheiro (NAP)
CABEDAL/CAPDAL – O grosso dos dízimos, foros ou pensões, v.g. pão, vinho, azeite ficando o nome de direituras para tudo o mais que eram miunças e foragens.
CABEÇO D'OSSA – Cabeço; (ver, cabeço) – Ossa; osa; ursa. (TMC)
CABEÇO DA ADREIRA - Cabeço: (Ver, Cabeço) – Adreira: de, Adrede; Advertidamente, acinte; de propósito; com rixa velha; maliciosamente e de caso pensado. (TMC)
CABEÇO DA ANTA - Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, pp. 570, 705 e 706), como de interesse arqueológico; – Topónimo também referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro rústico das freguesias de Salselas e Soutelo Mourisco. Da base de dados extraiu-se as seguintes informações: Designação: Cabeço da Anta. Tipo do sítio: Indeterminado Período: Indeterminado. CNS: 17281 Localização: Salselas. Descrição: O Cabeço da Anta é um morro pouco pronunciado e de vertentes suaves, sobranceiro à ribeira de Salselas, onde a tradição local e o Abade de Baçal assinalam a existência de um possível monumento megalítico. O Abade Baçal, refere especificamente a existência de dois grandes blocos de xisto que poderiam ser esteios, e mais alguns blocos espalhados no chão. Actualmente, nada é visível no local.
Designação: Cabeço da Anta. Tipo: Indeterminado. Período: Indeterminado. CNS: 6505 Localização: Soutelo Mourisco. Descrição: Apesar do Abade de Baçal descrever com certo pormenor este suposto monumento, a sua existência é duvidosa, pois o local indicado para a sua implantação não tem as características normais de implantação de monumentos megalíticos, tratando-se de um cabeço rochoso, onde nada foi encontrado, ainda que haja um denso matagal a ocultar parte da zona. A referência descreve uma anta com cinco esteios, e alguns vestígios da respectiva laje de cobertura (Intervenção arqueológica campanha de 2004, no Cabeço da Anta na Freguesia de Salselas, Sector D, gravuras, provavelmente da Idade do Bronze) (TMC)

Pedra com inscrições "filiformes" encontradas
no Cabeço da Anta, Salselas

CABEÇA DA BETA – Cabeço; (ver, cabeço). – Beta; acelga; beterraba; corda; filãozinho; lista; raia; risco; vieiro; pl. apuros; dificuldades. (TMC)
CABEÇO -cume arredondado de um monte2.pequeno monte arredondado; outeiro. Pequena elevação descoberta em terreno submerso. NÁUTICA peça de ferro vertical com base fortemente cavilhada no convés, que serve para dar volta aos cabos de força ou espias. Poste de amarração. *regionalismo* penedo (TMC)
CABEÇO DA FAZENDA – Cabeço: (ver, cabeço) – Fazenda: acção; acto; azienda; feito; feitoria; labuta; herdade; mercadoria; negócio; obra; pano; peleja; quinta; rendas; rendimento; riquezas. (TMC)
CABEÇO DA FERRADA – Cabeço: (Ver, Cabeço) – Ferrada: Recipiente que recolha o leite ordenhado de cabras, ovelhas e vacas; espécie de balde de lata que leva comida aos cães pastores de gado; balde em que se coloca lavagem do porco; manter relações sexuais. (TMC)
CABEÇO DA FERREIRA - Cabeço: (ver, cabeço) – Ferreira: besuga-de-ova; ferreiro; rabeta; rabirruivo. (TMC)
CABEÇO DA FONTE – Cabeço: (ver cabeço) – Fonte: bica; causa; chafariz; filão; fontanela; germe; mãe; matriz; mina; nascente; nascimento; princípio; raiz; temporã; teta. (TMC)
CABEÇO DA MIRA – Cabeço: (ver cabeço) – Mira: alvo; desejo; escopo; fim; fito; intenção; intento; intinto; meta; objectivo; pontaria; posto; proa; propósito; vista; acto de mirar; espreitar. (TMC)
CABEÇO DA PAIXÃO - Sítio referenciado na base de dados do IPA como de interesse arqueológico, sito na freguesia de Morais, que, todavia, o topónimo não consta das fichas do registo de cadastro rústico da freguesia; sítio referido na obra do Abade Baçal, (495-IX), como de interesse arqueológico, sito na freguesia de Murçós; – Cabeço: (ver, cabeço) – Paixão; martírio que precede a morte de cristo; a semana que precede imediatamente o Domingo de Páscoa.
Da base de dados do IPA extrai se a seguinte informação: Designação: cabeço da Paixão. Tipo de sítio: Povoado Fortificado. Período: Idade do Ferro. CNS: 1997 Localização: Morais Descrição: O Cabeço da Paixão eleva-se de forma dominante sobre o vasto planalto de Morais, constituindo-se como o monte de maior altitude de toda esta área. As suas condições de defesa natural e de controlo geoestratégicas são de excelente qualidade, constituindo um factor determinante para a implantação de um povoado fortificado. Actualmente o local encontra-se densamente florestado por uma vegetação rasteira, constituída predominantemente por giesta, carrascos e silvas. Tal facto dificulta uma observação mais pormenorizada da organização estrutural deste povoado, sendo, no entanto, ainda claramente visíveis os derrubes de uma linha de muralha que circunda uma pequena plataforma situada no cume do relevo formando um recinto aproximadamente circular. Alguns derrubes de pedra miúda de xisto proliferam por toda a área podendo um desses amontoados constituir os vestígios relacionados com a existência de um torreão. À superfície não foram detectados vestígios cerâmicos, facto que em grande parte se deve à vegetação que prolifera por todo o local. (TMC)
CABELEIREIRO - Ornatrix. CIL 1740; Tonstrinum. CIL 5181. (CM)
CABELO DA VELA – Sítio referido na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.356), como sendo uma atalaia, todavia este topónimo não se encontra nas fichas de registo de cadastro da freguesia de Vale da Porca. – Cabeço: (ver, cabeço) – Vela; acto de velar; vigília, sentinela; rolo cilíndrico de cera que contém interiormente um pavio que serve para dar luz. (TMC)

CABEÇO DAS MEIRINHAS – Cabeços, pl. de cabeço; (ver cabeço) – Meirinhas, f de meirinhos; aguazil; beleguim; citote; esbirro; galfarro; alcaide; polícia; quadrilheiro; sôfrego; vadio. (TMC)
CABEÇO DAS OLAS – Cabeço: (ver, cabeço) – Ôlas, pl. de ôla: cartel; olaria; onda; panela; remoinho de água; buraco cavado nos penedos dos rios ou ribeiros. (TMC)
CABEÇO DAS OLGAS – Cabeço: (ver, cabeço) – Olgas: propriedade agrícola destinada a horticultura; leira; courela de terreno; planície no meio de outeiros. (TMC)
CABEÇO DE ADREIA – Cabeço; (ver, cabeço) – Adreia, de Adregas; acto ou efeito de adregar; acaso; casualidade; aceitar; alcançar; conseguir; descobrir; enganar; iludir; suceder. (TMC)
CABEÇO DO BERRÃO – Sítio referido na base de dados do IPA como tendo valor arqueológico, mas que não consta nas fichas de registo rústico da freguesia de Talhas, tb. Conhecido pela" cerca dos mouros". Da base de dados do IPA retirou-se a seguinte informação: Designação: Cerca dos Mouros/ Cabeço do Berrão. Tipo de sítio: Povoado fortificado. Período: Idade do Ferro. CNS: 2007 Localização: Talhas.
Descrição: Povoado fortificado de média dimensão, localizado num cabeço isolado sobranceiro ao rio Sabor. Tem uma razoável situação estratégica, controlando um troço do rio Sabor, e apresenta boas condições naturais de defesa, sendo inacessível pelos lados Norte e Leste onde as encostas caem em arriba. O acesso faz-se com alguma facilidade por Sul ou por Oeste, onde as encostas são suaves. Apresenta uma única linha de muralha, de configuração ovalada, que o rodeia por todos os lados menos por Leste, sendo aí substituída pelas arribas do sabor. A muralha, em xisto, apresenta-se bem conservada. Em nenhuma parte, se vê a sua face, mas o seu derrube atinge ainda, em toda a extensão, entre dois e três metros de altura. Não se notam indícios de torreões, nem na muralha, nem no interior. Esta é uma plataforma alargada, densamente coberta de mato. Junto ao declive para o Sabor, onde a erosão actuou mais intensamente, detectam-se alguns fragmentos de cerâmica manual, enquadrável na Idade do Ferro. O interior deverá ter sido agricultado, em tempos, mas acumulou grande potência estratigráfica, pelo que deve haver uma razoável ou boa conservação dos vestígios arqueológicos. É de assinalar que o cabeço imediatamente vizinho deste, para Sul, separado apenas por uma depressão baixa e aplanada, tem o topónimo de Cabeço Berrão, podendo estar de alguma forma relacionado com a ocupação deste povoado. (TMC)
CABEÇO DO CUBO – Cabeço: (ver, cabeço) – Cubo: alcatruz; unidade de medida para sólidos, equivalente a um alqueiro e meio; medida de madeira com 1 m3 de capacidade para areia, cascalho; caçamba; botifarras; sapatorras. (TMC)
CABEÇO DO CUCO - Cabeço; (ver, cabeço) – Cuco; campainha-amarela; coitadinho; coque; cornudo; cozinheiro; mocho; polícia; ave trepadora da família dos Cuculídeos frequente em Portugal na Primavera.
CABEÇO DO FACHO – Topónimo onde se situa a capela de Nossa Senhora do Campo, sítio intervencionado no âmbito do projecto de investigação arqueológica "Terras Quentes", tendo a sua primeira campanha decorrido em setembro de 2003. Foram efectuadas quatro sondagens, sendo que na sondagem "B" foi possível detectar um cunhal de empena com lajeado interior, possivelmente pertencente à construção da antiga ermida sobre a qual foi construída a actual capela de Nossa Senhora do Campo.

Na sondagem “C” foi posto a descoberto restos de um pavimento exterior, de pedra fincada em cunha e posta a preceito, também anterior à actual construção. (TMC).

Foto: ATQ; Restos dos caboucos da antiga ermida da Srª do Campo

CABEÇO DO FIDALGO – Topónimo referenciado na base de dados do IPA como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro da freguesia de Santa Combinha. Da referida base de dados, extraiu-se a seguinte informação: Designação: Cabeço do Fidalgo. Tipo de Sítio: Indeterminado.
Período: Indeterminado/ poderá tratar-se de um povoado da Idade do Ferro, com ocupação posterior. CNS: 17282 Localização: Santa Combinha. Descrição: O Cabeço do Fidalgo é, actualmente, uma ilha no meio da albufeira da barragem do Azibo.
Originalmente, seria um cabeço isolado, rodeado por pequenas ribeiras, com boas condições defensivas naturais. O cabeço está quase totalmente coberto por um denso mato de carrascos e estevas, o que dificulta muito a prospecção de superfície. Foi possível encontrar alguns fragmentos de cerâmica e de telha. Muito fragmentados e rolados, o que torna problemático a sua atribuição cronológica. Em Santa Combinha, o local é conhecido como “sítio de mouros”, e há memória do aparecimento de telhas e de alicerces de estruturas. É possível que se trate de um povoado fortificado da Idade do Ferro, com provável romanização. (TMC)

Foto “Terras Quentes”; - Ilha onde se situa o Cabeço do Fidalgo na albufeira da barragem do rio Azibo

CABEÇO DO GANDARADO - Cabeço: (Ver, Cabeço) - Gandarados: de Gandara; terra arenosa improdutiva; terreno onde medram plantas agrestes; terreno onde medra a charneca (origem pré-romana). (TMC)
CABEÇO DO MARCO - Cabeço: (Ver, Cabeço) - Marco: Pedra oblonga que se junta a outras da mesma espécie para assinalar os limites de um território, de um lote etc. qualquer pedra já existente num local, que se usa como sinal de demarcação ou limite territorial; coluna, pirâmide, cone ou cilindro, feito tradicionalmente em mármore ou granito, e destinado a fixar a lembrança de um acontecimento, ou a associação deste com determinado lugar; sinal; símbolo. (TMC)
CABEÇO DO NARIZ - Cabeço; (ver, cabeço) - Nariz; beque; bitácula; cara; chaveta; corneta; faro; feições; ferrolho; focinho; função; násio; penca; pessoa; rosto; tromba; ventas. (TMC)

CABEÇO DO PAU - Cabeço; (ver, cabeço) - Pau; acha; árvore; bastão; bordão; cacete; cajado; castigo; cavaco; chavelho; chifre; estaca; lenho; madeira; madeiro; moca; paulada; pénis; porrete; ripa; sarrafo; trave; vara; viga. (TMC)
CABEÇO DO RUSSO - Cabeço: (Ver, Cabeço) - Russo: relativo à Rússia; provavelmente corruptela de Ruço: Que tem o pêlo acinzentado; pardacento; desbotado; cavalo; macho ou burro de pêlo pardacento; pessoa com cabelo loiro ou castanho-claro. porco; suíno. (TMC)
CABEÇO DOS MOUROS – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de valor arqueológico, extraindo-se da referida base a seguinte informação: Designação: Cabeço dos Mouros Tipo de sítio: Povoado Fortificado. Período: Idade do Ferro.
CNS: 17264 Localização: Lamalonga. Descrição: Povoado fortificado sobranceiro ao rio Tuela com excelentes condições de defesa natural na vertente voltada a este rio. A vertente oposta, do lado oriental, apresenta uma topografia da maior suavidade permitindo um mais fácil acesso e penetração. Por esse motivo, neste sector parece ter-se desenvolvido um mais elaborado sistema defensivo, sendo ainda visíveis os vestígios estruturais de um torreão e os derrubes de uma linha de muralhas. Esta linha de muralhas parece circundar o povoado na sua totalidade, no entanto, nos lados Este e Sul verifica-se o reforço do sistema defensivo através de uma segunda linha de muralhas. O estado actual em que se encontra a estação, coberta de intenso matagal, dificultou uma prospecção e análise mais pormenorizadas do conjunto. No entanto, no seu interior foram detectados fragmentos cerâmicos com uma cronologia atribuível à Idade do Ferro, não se verificando vestígios de romanização. Na zona Sul do povoado detectaram-se ainda três estruturas rectangulares de pequenas dimensões escavadas directamente em blocos graníticos que constituem o afloramento local. Em dois casos estas estruturas estavam articuladas com um conjunto de pequenas escadas também escavadas directamente na rocha. Na zona oeste, numa pequena plataforma que se desenvolve a uma menor altitude foram observadas pequenas estruturações realizadas com lajes de xisto colocadas verticalmente formando pequenas caixas cujo comprimento e a largura não ultrapassam os 30 e 20 centímetros respectivamente. O Cabeço dos Mouros implanta-se num pequeno morro sobranceiro à confluência da ribeira do Fornos com o rio Tuela, numa área fortemente irrigada e onde proliferam pequenos lameiros. (TMC)
CABEDELEIRO – Aquele que, no seu contrato ou negócio, traz cabedal ou fazenda alheia. O que tinha recebido e estava devendo bens, frutos, dinheiro ou cabedais alheios.
CABELEIREIRO; Ornatrix. CIL 1740. - Tonstrinum. CIL 5181.
CABELO – No foral original da ponte do sabor, dado por el-rei D. Sancho II en 1225, o qual se guarda na Câmara de Moncorvo, se lê: Para inteligência deste foral se há-de advir e notar que havia muita diferença de uma mulher andar com toca ou em cabelo; do primeiro modo andavam as viúvas com a cabeça coberta, assim como as casadas andavam com ela descoberta mas com os cabelos atados ou anelados; porém as donzelas e solteiras, e que ainda estavam debaixo do pátrio poder e geralmente todas as que não eram casadas andavam com a cabeça descoberta e os cabelos soltos e compridos.
CABER – Capital ou cabedal que se emprega nas benfeitorias de um casal, casas, prédios ou herdades. Verbo acomodar-se com tudo, receber o que lhe dão.
CABERE – Sorte, quinhão.

CABÊS – de cabear; mover (o cavalo) a cauda, quando golpeado ou picado; rabear. (TMC)
CABIDADO/CAVIDADO/CABIDAR – Acautelado, astuto, sagaz.
CABIDELA – Quebdîa (PA); termo de cozinha, espécie de guisado que se faz dos miúdos das aves de pena, particularmente dos perus. Os Árabes lhe chamam "quebdîa" guisado feito das entranhas, isto é, moela, fígado, e forçura de qualquer rês. Deriva-se da voz "quebdón", o fígado.
CABIDO – Assim disseram os capítulos ou dietas dos religiosos, em que os prelados conferiam o que mais importava ao bom regime das suas comunidades; Também; Conjunto de cónegos de uma catedral.
CABIDOS – Em algumas partes deste reino, ainda hoje chamam às galilés ou alpendres das igrejas, porque para além de outros usos, serviam para os paroquianos ali fazerem as suas assembleias.
CABIDUAL/CABIDOAL – Estrada larga, caminho de carro principal, corrente.
CABIMAS – Acha-se esta palavra nos documentos de Lamego. Parece ser o mesmo que cabimentum, que vem do francês cabire. Assim consta dos estatutos da ordem de malta.
CABISCOL – Chantre, dignidade que, num cabido, colegiada ou mosteiro tem a seu cargo a prefeitura e governo do coro, entoação do canto, regulamento e decência dos divinos ofícios.
CABIZONDO – Sacerdota do Japão mais autorizado em dignidade e grão entre os outros. Mendes Pinto cap.111. (AM)
CABO (A) – Toma-se no sentido: depois., passado (LV)
CABO – Fazenda, riquezas, cabedal. No foral da Guarda; Fim, termo, limite ou última baliza.; Lugar, que cada um ocupa, como fazendo cabeça de si mesmo; no século XIII e XIV é mui trivial esta frase nos documentos de tarouca, como de cabo, que quer dizer, com efeito, finalmente, em conclusão.
CABO BARBARO – Cabo Espichel, na região de Setúbal. (ET)
CABOUQUEIRO – Aquele que trabalha com cabouco, ou seja, escavação no solo. (VR)
CABRA – Cabra esfolada, diz-se do céu que, à noite, apresenta uma cor avermelhada, anunciando calor para o dia seguinte. (VB)
CABRÁMO – Corda ou prisão que se lança ao boi ou besta de cabeça para a mão.
CABREIRO – Arisco; atilado; desconfiado; diligente; esperto; esquivo; estranho; finório; grosseiro; manhoso; montanhês; rústico; sonso. (TMC)
CABRESTANTES – Sarilhos em que se enrolam cabos para erguer pesos.
CABRESTO – Arreio de corda ou couro, sem freio, com que se prendem as bestas pela cabeça.
CABRO – O mesmo que cabrão.
CABRUA/CABRUNA – Toda a peleteria de cabra ou bode.
CÁBULA – Manha, ronha.
CAÇADOR; Auceps; in carmine 2335 - Venator. CIL 2240. (CM)
CAÇAPO – Pequeno coelho de tenra idade.(VB)
CAÇAR – Desarvorar (NAP)
CACARELHOS – Corrup. de cacarejos; garrulice; chocalhice; garrulidade; loquacidade; palavreado; palraria; tagarelice; verbosidade. (TMC)
CACELA – Cacila (PA); Vila do reino d Algarve, termo de Tavira. Significa, pastagem de gado.

CACEM SANT-IAGO DE CACEM – Cácem (PA). Vila do arcebispado de Évora. É nome próprio do homem de quema terra tomou o nome. Significa o que divide, ou repartidor. Participio do verbo árabe "Cáçama", dividir, repartir.
CACHAÇUDO – Orgulhoso; vaidoso. (VB)
CACHADO – Escondido, coberto, oculto.
CACHAMÒRRA – Arma de pau que é de pouca extensão e mais grossa numa extremidade que n'outra: a gente polida não usa desta palavra: Clava. (AM)
CACHÃO – Caixa grande, tosca para fazendas, assucares, drogas, etc. – Cachão de água o grande fervor dela levantando borbulhões quando ferve ou em rio que acha estorvo ou se despenha. (AM)
CACHARÓS – Casa velha e feia, grande e desconfortável. (VB)
CACHEIRA – Certa Casta de vestidura antiga.
CACHEIRO – Ardiloso, astuto. (VB)
CACHICHA – O mesmo que catixa ou cativa XIV (LV)
CACHIMBÁCHES – Mercadoria miúda como facas, navalhas, tisoiras, etc. (AM)
CACHÍMBO – Vasinho de barro cónico onde se põe o tabaco a arder; tem um cano onde se embebe a extremidade de um canudo e a outra se mete na boca, do que cachimba e por ele se sorve o fumo. (AM).
CACHINA – Repugnância; nojo. (VB)
CACHONCEIRA – Cabeleira de cachos (que nada se parece com as perucas), cabelo comprido e formando anéis.
CACHONDO – Que está com cio. (VB)
CACHORRO – 1) Pedra em ressalto sobre a prumada de um paramento, arredondada por baixo em forma de consola, que suporta ou as extremidades de uma viga ou de um lintel de porta de que diminui a carga da cornija ou uma galaria em ressalto, ou na base de um arco. São Frequentemente decoradas de esculturas de cabeças ameaçadoras, mas têm carácter mais construtivo que decorativo e por isso se distinguem das quartelas e dos modilhões, que são mais ornamentais. Também; Saliência, em granito, numa das extremidades da janela para colocar um vaso de manjericos ou de flores. (VB)
CACIFEIRO – O cónego que tem inspecção ou administração da massa de mesa capitular da catedral de Coimbra onde até hoje se conserva esta antiga palavra.
CACIFO – Cofre, onde se guarda o dinheiro que pertence à mesa capitular da Sé de Coimbra; - Medida de sólidos, mas irregular segundo o Censual dos votos do Porto.
CACIS – Sacerdote entre os Mouros, espécie de capelão de uma mesquita.
CAÇOARIA – Parece ser todo e qualquer vil e de pouco preço que, no mar na praia ou no rio se tomava. Daqui vem o nome cação em sentido torpe e nada honroso "Paguem dizima de todo o pescado e mesmo caçoaria"
CAÇOILA – Espécie de tijela grande de barro. (VB)
CAÇOLETA – O fuzil da espingarda, ou antes o fogão. – Vaso em que o ourives recoze prata. (AM). Também; Parte côncava na fecharia das armas de pederneira, onde se coloca a escorva.
CACOSO – Sujo, ranhoso; feito em cacos, velho. (VB)
CAÇOTE – Vestido militar, ou sayo antigo, de pano grosso, acolchoado, como os Loudeis, bastido, que levavam à guerra os que não tinham armas de ferro. "caçote de canhamaço"; - Talvez era talar e fraldado; - Levando-lhe a fralda de um caçote, que levava vestido. (AM)
CAÇURRENTO – Sujo, desonesto, ascoroso.

CADANHO – Cada um ano, anualmente.
CADAQUE – Todas as vezes que. Doc. de Coimbra 1351.
CADAVAL– Lugar onde há cádavas; cadava, conjunto dos pés de mato que ficam depois das queimadas. (TMC)
CADEA DO MONTE – Assim chamaram os homens rústicos do campo ou montanheses os quais guardavam os preços, quando estes acompanhavam a correição ou alçadas que antigamente faziam os reis ou seus enviados. "*E o carcereiro do corregedor há de dar huma cadês de monte"* Código Afonsino.
CADEIRA – Em Fernão Lopes, crónica D. João I – XIV - ...- E algumas damas do paço estavam sentadas no estrado. (O uso das cadeiras não estava generalizado; as pessoas sentavam-se no chão sobre almofadas, ou em bancos encostados às paredes. Como se vê no seguimento, os grandes fidalgos estavam num banco corrido.
CADEIXO – Livro velho, alfarrábio, Bacamarte. (AM)
CADELA/CADELICE – Cadela é epiteto injurioso aplicado à mulher malcomportada
CADEXO – Troço de seda ou de retrós.
CÁDI – Do árabe quadi (Juiz).
CADIM – Cadim (PA); antigo, velho.
CADIMA – Cadîma (PA); Freguesia na Província da Beira. Significa coisa antiga.
CADIMO – Cadimo (PA); Ardiloso, Ladrão velho e muito exercitado. Também; assim chamam hoje ao ladrão velho, subtil e muito exercitado nas artes e na destreza; antigamente se se chamava cadimo aquilo que era público, patente e manifesto, e também aquele ou aquela que usava continuamente o seu ofício.
CADIOTA – Travessa de madeira do carro de bois, colocada no local onde o cabeçalho se fende em duas chedas, com dois orifícios rectangulares para a fixação das estadulhetas. (VB)
CÃES DE MAFAMUDE – Mouros.
CADIEIRO – Carcereiro, o que tem obrigação de guardar os presos.
CADIMO – Assim chamam hoje ao ladrão velho, subtil e muito exercitado nas artes e na destreza; antigamente se se chamava cadimo aquilo que era público, patente e manifesto, e também aquele ou aquela que usava continuamente o seu ofício.
CADULO – Diz-se da terra encarquilhada com a geada.
CADUU – Cada um.
CAENDAS/QUEENDAS – Assim se chamavam à comemoração que, por algum defunto ou defuntos se fazia no primeiro dia de cada mês, ao qual os romanos deram o nome de Kalendas.
CAER – Cair, vir; acontecer por herança, partilha ou sorte.
CAESARAUGUSTA – Corresponde à cidade de Saragoça. (ET)
CAFARRO – Tributo que os cristãos da Terra Santa pagam aos Turcos.
CAFÉ – Cahue (PA); Pequeno fruto de arvore assaz conhecida, depois de torrado e moído é que este nome lhe compete. Antes de torrado chama-se em árabe "Bonn".
CAFILA – Quafela (PA); Companhia de mercadores ou passageiros que para maior segurança se juntam e fazem jornada. Deriva.se do verbo árabe "Cáfala" caminhar com segurança
CAFIZ – O mesmo que cahiz
ÇAFOM – Pele branda, carneira, couro com que se cobrem cadeiras bancos etc.
ÇAFOOENS – Calças largas, feitas de peles brandas e curtidas.

CAFRE – Cafer (PA); infiel, incrédulo, homem sem Lei nem religião. Entre nós os Cafres são os Gentios da Cafraria. Deriva de "Cafron", o Deserto, terra sem água, nem erva. Nota: Os Mouros chamam Cafres (infiéis) tanto aos Christãos, como aos Judeus e Gentios; e por isso nos parece não ter lugar a derivação do nome "Cofren", deserto, mas sim o verbo "Cafara". Não crer em…
ÇAGA – O mesmo que hoje, na milícia a rectaguarda. Era o lugar menos honrado e se não dava senão a pessoas de pouca confidência no real exército.
CAGA-LUME – Lampianista, acendedor dos candeeiros de iluminação pública.
CAGAVAI – Individuo de pouco valor. (VB)
CAGOM (DE) – Por acaso furtuito, sem advertência nem vontade.
CAHIDIÇO – Que está caindo, sem firmeza ou segurança.
CAHIMENTO – Diminuição, falta, queda, desfalecimento.
CAHIZ/CAFIZ – Medida dos sólidos ou grãos. Havia cahiz grande, ou maior e Cahiz pequeno, ou menor; o primeiro constava de dezasseis alqueires (que era um quarteiro ou quarta parte de moio ordinário ou geral, a que davam além dos quinze um alqueire mais de verteduras); o segundo constava só de oito alqueires.
CAIBO/CAINHO/CAMBIO/CAINBO – Balança real em que se pesava toda a qualidade de moedas com algum interesse das rendas da coroa.
CAIEIRO – Trabalhador da construção (caiador, aquele que caia, aquele que dá uma ou várias mãos de cal) (VR)
CAIFÁS – paulista das classes altas que aceitava dar homizio ou acoitar escravos. (DH)
CAIM – o que mata o irmão; fratricida; homem mau, perverso, cruel; patife; *Caim*, filho de Adão e Eva, que assassinou seu irmão Abel; f.hist. séc. XIV *Caym*, séc. XV *Caim;* A história de Caim e Abel é narrada no livro de Gênesis. Este teria sido o primeiro homicídio da história da humanidade. Abel era pastor de ovelhas e Caim, lavrador. (DH)
CAIMBAS/CAMBAS – São as peças laterais do freio do cavalo.

Camba recuperada em contexto romano – Terronha de Pinhovelo,
faz parte do espólio arqueológico da Associação Terras Quentes

CAIMBO/CAIBO – Vide trabuquete; Comutação, escambo, troca; Câmbio à vista, quando o banqueiro com letra sua e com algum interesse nos faz cobrar, pelo seu correspondente, em um lugar o dinheiro que lhe entregámos em outro lugar.
CAIMITA – relativo a Caim, o primogênito de Adão (genealogia no Gênesis, capítulo 4), ou indivíduo do povo de que Adão é considerado ancestral; cainígena, cainita. (DH).
CAINO – Petição de miséria e pobreza, memorial em que se lembra a indigência do suplicante ao Príncipe ou seus ministros. Ainda hoje dizemos cainho o miserável e mesquinho que se trata com demasiada economia e que, por génio ou pobreza suma, em tudo se mostra iliberal e acanhado.
CAIREL – O cabeça possoeiro, ou cabecel de um casal, ou coirela.

CAIRO – Cahera (PA); é o nome que os Árabes dão à cidade Metropoli do Egypto. Significa Augusta, Vencedora. Deriva-se do verbo "Cahara" vencer afligir, sujeitar.
CAIXA DE PENITÊNCIA – Uma pequena arca, em que se lançava o dinheiro que resultava das condenações dos revéis, desprezadores ou negligentes em cumprir as leis da igreja ou as determinações dos seus prelados e pastores.
CAIXÃO – Caixa de madeira de formato rectangular que se colocava em cima da besta para transporte de estrume. (VB)
CAJON/CAJAM/CAJÃO – Caso, motivo, ocasião, acontecimento, sucesso; Também Queda perda, ruína, vide somitimento; Também, Desastre, infelicidade, desgraça, infortúnio. Ainda se usava esta palavra no século XVI em que se tomava por injuria, afronte, desar, insulto, ignominia, opróbrio, ludibrio, vitupério.
CALABRA OU PERRIERE – Modelo séculos XII/XV - Síntese **histórica:** *…. E foi cercar Torres Novas, levamdo comssigo huuas oiteemta lamças e homees de pee e beesteiros; e fez levar huu engenho pequeno com que lhe mamdava tirar, damdolhe aas vezes alguus combates que lhe pouco emppeçimento faziam. Crónica de D. João I, Fernão Lopes, Vol.I cap. CLXX.*
Embora a cálabra ou "perriere" seja um engenho da mesma família do trabuco, mas de tracção humana, a facilidade da sua manufacturação deve ter levado D. João I a utilizá-las em alguns dos seus assédios. É certo que não tinha a potência de um trabuco, mas compensava a rapidez com que era feita no teatro de operações.

Calabra, espólio Associação Terras Quentes

CALAÇA – Parece ser a costa ou banda de um porco
CALCADA – Luta (NAP)
CALADO – Armado; busmelé; cala; discreto; exagerado; moderno; mudo; quieto; reservado; retraído; secreto; silencioso; silente; sossegado; tácito; taciturno. (TMC)
CALATRE – Prostituta ordinária. (VB)
CALBEIROS - – cal+beiros; relativo a cal; sítio onde se amontoa cal. (TMC)
CALÇADOR – Aquele que trabalha no empedramento de estradas, ruas e calçadas. (VR)
CALCETEIRO; operário que calça as ruas com pedras justapostas; empedrador. É provavelmente uma das mais antigas profissões conhecidas (tempo romano). (CM)
CALÇO – Peça de madeira ou anilha de ferro, atravessada pela ateiró, na qual assenta o esse ou rosca; o mesmo que; tesa. Peça de madeira entre varas do arado. Triângulo de ferro, com três pés, para colocar as panelas ao lume (Freixo de Espada à Cinta). (VB)
CALDARIUM, CALDÁRIO – Nas termas romanas, grande sala aquecida, destinada aos banhos quentes. Geralmente era coberta de cúpula.
CALDEIRÃO – Regueira pequena nos lameiros. (VB)
CALDEIREIRO - Aerarius Cordubae CIL 2238. (CM)
CALDURO – Sopa de castanhas piladas.

ÇALAIO – Tributo, que se pagava do pão cozido na cidade e patriarcado de lisboa.
CALAMENTO DA VERDADE - Ob-repção ou subtileza, com que se consegue algum benefício, graça ou mercê, ocultando a verdade, a qual se manifestada fosse, não é de crer se conseguisse.
CALATRAVA – "Calat el teraba" (PA); Cidade de Castela a nova, Reino de Toledo. Compõem-se de "Calá" Fortaleza e de "Teraba" a Terra. Fortaleza de Terra. Foi assim chamada pelos dois grandes outeiros de terra que tem aos seus lados.
CALÇA/CALÇAS – Meia, calçado das pernas e hoje bem conhecido.
CALÇADA – Pancada, golpe, contusão que se dá ou faz com uma calça ou meia.
CALÇADURA – Tudo o que é preciso ou se costuma empregar no calçado do homem ou mulher.
CALDEIRA – Vaso metálico, para cozinhar; era a insígnia dos Ricos-homens; Também, O pendão e a caldeira eram as insígnias e distintivos dos ricos-homens desde o tempo dos Godos até ao século XV em que, de todo, se extinguiu este título da antiga nobreza, substituído por outros que actualmente veneramos. Pelo pendão se mostrava o poder e autoridade de alistarem os seus vassalos para a guerra.
CALDEIREIRO - Aerarius Cordubae CIL 2238
CALDO AMARELO – Assim chamaram o que se fazia com gemas d'ovos.
CALECUT – Calacut (PA); voz Pérsica, Cidade na Índia. Significa plantas quentes. Foi assim chamada pelas grandes produções de especiarias que dela se colhem.
CALEFATÓRIO – Recinto do mosteiro onde era permitido o aquecimento por meio de fogo. (ex. Alcobaça).
CALEIRA – Buraco feito na porta para permitir a entrada e a saída dos gatos. (VB)
CALENDAS – Talvez Calendário (LV)
CALEIROS – pl. de caleiro: caieiro; caleira; calo. Topónimo relativo a um lugar da freguesia de Vale da Porca, onde se encontram vestígios de antigos e recentes fornos para a produção de cal. (TMC)
CALEZ – Cálix (NAP)
CALHAGAUS – Adjectivo: Nome que em Rebordelo (concelho de Vinhais) dão à classe mais elevada dos judeus (vocábulo recolhido em fotocópias cuja proveniência se desconhece) (VB)
CALHANDREIRA – s.f. vulg. A mulher que faz limpeza nos bacios e os vai vazar aos lugares destinados para semelhantes despejos. (AM). Também; mulher negra que despejava e limpava calhandros ('vaso', 'penico'); mulher que exerce a prostituição; prostituta; mulher que fala demais sobre a vida alheia; bisbilhoteira, mexeriqueira. (DH).
"Calhandreiras são, de facto, mulheres. Representavam o grau mais baixo de entre os "escravos de ganho", que desempenhavam as mais diversas tarefas, em Lisboa, lá pelos séculos XVII e XVIII, antes de haver água canalizada ou esgotos na cidade. Eram cerca de mil, as negras que, ao final do dia, calcorreavam as ruas apanhando os desperdícios. As que recolhiam os excrementos, de calhandros à cabeça, eram as calhandreiras e tinham também o mais reduzido pagamento, apenas 30 reis diários. Esses cestos, que deram nome à "profissão", eram depois despejados no rio". (in; O sal da história (sapo.pt).
CALHANDREIRO – indivíduo negro que despejava e limpava calhandros ('vasos', 'penicos'); indivíduo linguarudo. (DH)
CALHAU – Individuo estúpido, parvalhão, pouco inteligente. Mulher com má reputação. Jogo de força e destreza praticado pelos adultos em Freixo de Espada à Cinta, caído em desuso. Pedregulho. (VB)

CALHETA – Nas costas recifosas ou bravas é pequeno boqueirão quebrada ou aberta que dá passada para o navio abordar arribar a terra. (AM).
CALHOADA – Pedrada (VB)
CALHOSTRO – Brutamontes. Também; Brenha, mata. (VB)
CALIABRIA – Quase uma légua de Castelo Melhor, entre leste e nordeste e já no termo de Almendra e na comarca de riba Côa, se acham as ruínas da famosa cidade de Caliabria.
CALIBRE – (Do árabe,qâlib = molde): aparelhos ou peça em madeira ou metal, que serve para moldar perfis ou outras peças que devem ter a mesma dimensão e ser repetidas várias vezes.
CALICE – Nascente de água ou rego dela.
CALIFA – Literalmente "sucessor" (do Profeta). Chefe espiritual e temporal da comunidade muçulmana. Também; Dignidade suprema entre os Mahometanos que tem os direitos e Soberania e o sumo pontificado a seu modo. Também; sucessor do profeta Maomé, na qualidade de guia ou líder temporal e espiritual da comunidade islâmica. (DH).
CALIFADO – Território governado por um califa. O Califado de Córdova; período brilhante durante o qual os califas com sede em Córdova governaram o al-andaluz 913-1032. Também; no direito muçulmano, conjunto de princípios seguidos por chefes políticos e religiosos após a morte de Maomé (c570-632); dignidade ou jurisdição ('poder') de califa; área ou território governado por um califa;(DH).
CÁLIGA – Calçado que traziam os soldados romanos. (AM) Também; A diferenciação do formato dos sapatos para o pé esquerdo e para o pé direito foi uma moda lançada na Grécia Antiga e que perdura até os dias de hoje. Até os gregos, o comum eram os sapatos possuírem uma forma única para ambos pés. Também; entre os antigos romanos, calçado em forma de sandália, guarnecido de pregos. (DH).
"*Na Ásia, a mais de 2000 anos, a madeira era usada na fabricação de sapatos; e, no Japão, o "Tageta" (também chamado de "Oashi) era usado por camponeses nos campos de arroz".*
CALIS – Vaso de vidro ou metal em que está o vinho e água que o sacerdota consagra no sacrifício da missa. – Fig. "Beber o calis da amargura "sofrer, tragar, gostar as amarguras da vida, ter trabalhos "esperavam morte santa e honrada que como çalis de sua última determinação tinha bebida "beber os tormentos, gota a gota, ou de um só calis" de uma vez, de um golpe. Ecalis da intemperança e embriaguez. (AM)
CALLA "Tomarão a atalaya, que era sobre a calla ", porto, entrada, passo, aberta, quebrada em terra, no recife etc. Porto entre montes; aberta na cerca ou seba; (AM)
CALLANDAIRO – O mesmo que callandario ou Kalendario.
CALMA – Calor (NAP)
CALMEIRO – O mesmo que calma, Calmaria.
ÇALOIO – Ou çalaio. Tributo que se paga do pão cozido na corte e patriarcado de Lisboa. Também O que era da seita dos Mouros a qual chamavam çalá – Mouro não de crença, mas de origem.
CALOYRA – Monja grega.
CALOYRO – Frade Grego.
CALONHA/CALUMPNIA/CALUMNIA – Hoje sabemos que a calumnia é uma acusação falsa sem razão ou fundamento diante do juiz, ou de qualquer outro superior legitimo e que o juramento de calumnia se dá ao autor para que não vexe ou persiga ao inocente.

CALPE (PROMONTÓRIO) – Tratar-se-ia de uma das colunas de Hércules, estreito de Gibraltar. (ET)
CALUÈTÉ – Pau de ponta cravada no chão onde se enfia pelo seso o reo e sai-lhe a ponta pelo pescoço. – "pau alto a que os Malabares chamam Caluete, em justição a gente baixa" Mendes Pinto. (AM).
CALUMPNIA – Direito real correspondente às coimas de certos crimes mais graves. (BV)
CALVÁRIO – Moeda de ouro que se fez lavrar el-rei D. João III com o valor de 400 reis. Tinha de uma parte a cruz levantada sobre o mo9nte calvário com a letra: in-hoc signo vinces, e, da outra o escudo real coroado e na orla, estas palavras Joan II Port. Et Al. R. D. Gui. Nada mais claro que a origem deste nome.
CALVEIRO – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Sítio referido na obra do Abade Baçal, (vol. X, p. 275), como de interesse arqueológico, situando-se no seu caso na freguesia de Vale Benfeito: caveiro; cabeceira; cavilação. Da base de dados referida, extraiu-se a seguinte informação:
Designação: Calveiro. Tipo de sítio: Povoado fortificado. Período: Idade do Ferro. CNS: 17292 Localização: Vale Benfeito. Descrição: O sítio do Calveiro, ou Alto do Serralhão, localiza-se no topo de um grande monte isolado, rodeado por diversas ribeiras. O topo é estreito e alongado, na direcção Norte-Sul, com vertentes relativamente inclinadas por todos os lados, menos a Sul. Apresenta assim condições naturais de defesa e controle estratégico de razoável qualidade. O Abade de Baçal refere aqui a existência de um grande povoado fortificado, com a existência de vários recintos muralhados ligados entre si, e indicando ainda a existência de vestígios de casas circulares na encosta Oeste. A descrição refere uma tremenda quantidade de pedras soltas. Actualmente, nada disso é visível. Foi possível encontrar alguns fragmentos de cerâmica manual, de cronologia difícil de discernir, mas podendo ser da Idade do Ferro. Estes fragmentos encontram-se devido à abertura de um caminho pelo topo do monte, e são muito escassos, concentrando-se na parte Sul do monte.
Nenhum vestígio de estruturas é visível. No entanto, se tomarmos a descrição como válida, o povoado estende-se por todo o topo, incluindo a parte rochosa onde se implanta actualmente o marco geodésico do Calveiro, e seria um povoado fortificado da idade do ferro. É também de realçar que o local apresenta uma razoável potência estratigráfica, e que não é tradicionalmente usado para a agricultura, só para pastagem, pelo que é possível que haja estratigrafia arqueológica conservada. (TMC)
CAMA – Quantidade (NAP)
CAMAFEU -1) Pedra dura (ou por vezes, vidro ou cerâmica) com camadas de diferentes cores, gravada ou esculpida de modo que o desenho numa só cor fique em relevo sobre fundo escuro. O contrário de *intaglio.* Os gravadores utilizavam de preferência para este efeito, ágatas, ónix, sardónix, calcedónia, coralina, apresentando várias camadas diversamente coloridas, o que lhes permite destacar as carnações, as roupagens e os acessórios em tons diferentes. Os nus são gravados nas paredes claras; o vestuário e acessórios nas camadas coloridas. Estas matérias duras são atacadas com o esmeril ou pó de diamante com auxílio de pequenas rodas metálicas movimentadas por um torno especial.
CAMAL – Vide bacinete.
CAMAL DE MALHA – Peça de malha de ferro que protegia o rosto. (HS)

CAMALHÃO – Termo Agricultura; A porção de terra entre dois regos, na horta ou jardim; nas estradas a terra que fica entre os cortes fundos que cavão as bestas de carga nos tempos de chuvas e onde elas vão metendo os pés. (AM)
CAMALHO – O mesmo que camal.
CAMANHO – Tamanho, tanto.
CAMARA – Nos doc. Dos mosteiros e catedrais se acha a cada passo: Camara do Prior etc. Camara do Bispo; Camara do Abbade. Ainda hoje se chama camara na congregação de S. Bernardo à cela dos abades. Também; Apelido em Portugal e distintivo de nobreza. Também; Aposento (NAP)
CAMARA ÇARRADA – Desta fala a ordem do reino: Dizem camara carrada é prometer uma incerta quantidade de arras; prometer tudo o que é preciso para ornar e paramentar dignamente o quarto ou casa de uma senhora nobre distinta e honrada sem faltar cousa alguma à precisão decência e costume.
CAMARA DA CAMA DO ESTADO – O quarto onde estava a cama, em que el-rei dormia, que também se disse simplesmente camara do estado.
CAMARA DE ARTILHARIA – Carreta em que a artilharia descansa ou se conduz de uma a outra parte.
CAMARA DE FERRO – Grilhão, adobe, que se lança aos pés do infeliz, cativo ou criminoso.
CAMARADA – Vivenda e conversação de pessoas commensaes no mesmo rancho, ou camarote, nos navios e quarteis. – "cada hum procurava ser de sua camarada" – M.L. Tom. 2. – "Excito outros de sua camarada" i. é. Da sua cevadeira, convivência, conversação, partido, facção.; - O que é da mesma companhia, regimento e ho0je se chama assim qualquer soldado. Também; Conjunto de homens que se juntavam para fazer a segada, quer à jeira, quer de empreitada. (VB)
CAMARANCHÂO/CARAMANCHÃO – Obra avançada de fortificação antiga que também se dixiam cubelo – Hum (daqueles tiros) derrubou três ameas de hum camaranchão…e os mouros pareceo que já tinham seu feito concertado, pois assi acertarom aquelle cubelo. Crónica do Conde D. Duarte.
CAMAREIRO – Ofício monástico, vigário do abade. Era da sua inspecção o vestir os monges.
CAMARETA – Quarto Pequeno.
CAMARTELO – Martelo de alvernar com um lado aguçado e o outro plano. Instrumento de demolição.
ÇAMARRA – Túnica aberta à frente, com mangas e tiras largas soltas. (NAP)
CAMBA – Moinho pequeno, molinheira, moinho de mão, picarnel.
CAMBÁ – M.q. camba; cada uma das peças curvas que formam as rodas dos carros de bois; peça do freio em que entra o tornel da rédea. (TMC)
CAMBADELLA – s.f. V. Cambalhota. – Cambapé; fig. Dar cambadela a alguém; fazer-lhe mal privando-o de coisa ou meyo, com que poderia remediar-se em algum aperto; - Na luta dá-se, arma-se cambapé, ou cambadella para fazer cair.
CAMBADORES (RUA DOS) – Cambistas. (HS)
CAMBAIS – Armadura dos antigos cavaleiros. Também; CAMADA INTERNA Como ficavam em fricção direta com o corpo, a "cueca "e a "camiseta" eram de linho ou algodão (o mesmo material também era usado numa espécie de touca amarrada sob o queixo. Outra opção era uma peça única, tipo camisão. CAMADA INTERMEDIÁRIA Esse "enchimento" praticamente obrigatório, cuja camada externa podia ser de couro, protegia a pele e absorvia o impacto dos golpes. Quem não podia pagar uma armadura

completa usava somente com este estofo e uma coa de malha. CAMADA INTERMEDIÁRIA -A cota de malha era uma série de aros de aço entrelaçados. Era tão eficaz contra armas de corte que permitia dispensar peças da armadura externa (gerando agilidade). Podia ser combinada a partir de diversas peças, dependendo da riqueza e do status do proprietário. CAMADA EXTERNA Geralmente feita de peças de aço ou outro metal leve, a armadura típica do século 15 era bem sofisticada. Armas de corte raramente a penetravam e as de impacto eram defletidas em suas curvaturas. As únicas vulnerabilidades eram a flechas de arco longo e virotões de alguns tipos de besta e armas de fogo e também os olhos que por mais fechado que fossem os elmos havia sempre uma abertura para não bloquear a visão. In: https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-era-a-armadura-de-um-cavaleiro-medieval.

CAMBAL – A farinha que faz lábio na mó de baixo. Vide Azena.

CAMBALÃO – Estalagem gratuita na Palestina talvez o mesmo que caravançará (LV).

CAMBÂO – Reunião de indivíduos que nas arrematações de gado se quotizam ou combinam para a compra em comum, fazendo depois uma nova arrematação entre si com divisão proporcional dos lucros.

CAMBAR/CAMBHAR/CANBHAR/CAMBÚÚ – Trocar.

CAMBEIRO – Tábua com pequenos paus onde colocam o pão cozido, pendente do tecto. Rego onde se escoa a água dos socalcos no sentido do declive do terreno. (VB)

CAMBHEA – Troca, escambo, comutação.

CAMBIÇO – Timão do trilho (Mogadouro e Miranda do Douro) (VB)

CAMBIO/CAIBO/CAINHO – Balança real em que se pesava toda a qualidade de moedas com algum interesse das rendas da coroa.

CAMBHO(A) – Troca. Carta de escambo entre Outeiro de Muas e Gostei (MJ)

CÁMBO – Ladra, vara de sacudir fruta ou gancho para a apanhar. – O cambo de ouro ou prata por moeda cunhá-la; antigamente o lavramento da moeda e o direito de cambar os metais para elas andou por contracto. – Cambada, V. um cambo de pescado. (AM).

CAMBOAR – Jungir ao carro duas outras juntas de bois, para subir as ladeiras. (VB)

CAMBÕES – Peças que compoõem a circunferência das rodas dos carros de bois.

CAMIHO – Caminho (NAP)

CAMINHO CABIDUAL – Estrada larga, caminho de carro, principal, corrente.

CAMINHO DA BARCA - Talhas: Freguesia de Macedo de Cavaleiros; Vaso grande para água, azeite etc. certo número de alqueires de sal, nas salinas; acto ou efeito de talhar ou de cortar; corte; incisão; obra, especialmente de madeira, executada com talha-frio, escopro, buril, etc.; combinação de roldanas móveis em que cada uma está montada em eixo independente; cadernal. (TMC)

CAMISA DE ALTAR – Vestidura dos ministros do altar, a que hoje chamamos alva.

CAMISA MOURISCA – Veste sacerdotal a que chamamos alva.

CAMISIO – Alva, vestidura sacerdotal.

CAMISOTE – Armadura antiga que cobria todo o corpo.

CAMOIRO – Que faz que não ouve; que faz ouvidos de mercadores. (VB)

CAMPA – Sino, sineta, sino pequeno. (Cp. Campainha).

CÁMPA – s.f. A pedra com que se cobre a sepultura, loisa sepulcral; - Sino pequeno para sinaes de aviso em comunidades; a campa tangida, i. é. Convocada a comunidade ao som da campa, - Dar de campa, fr. Ant. tocar o sino de rebate, ou repique nas fortalezas e praças, tocar alarma. Crónica D. João I por Lopes. (AM)

CAMPAÇAS - de campação; acto ou efeito de campar; motivo de orgulho e honra; ufania. (TMC)
CAMPÁGO – Calçado romano que usavam os senadores e seus filhos.
CAMPAINHA DE SSO TELHA – Sineta ou campainha que se tocava dentro ou à roda da igreja.
CAMPAR/CAMPIAR – Trocar, escambar, trocar escambos. É frequente no século XI e seguintes.
CAMPANHA – Campo (de batalha).
CAMPANHAS – Companhias, esquadrões.
CAMPANIENSE – relativo a Campânia, na Itália, ou o que é seu natural ou habitante; campano. (DH).
CAMPANIFORME – que tem forma de campânula. (DH); modelo de decoração de cerâmica.
CAMPATURA/CAMPIATURA – O escambo ou troca.
CAMPAYNA DE SSO TELHA – Sino pequeno e manual de que se usa tão somente nas procissões, enterros e outras funções eclesiásticas dentro ou à roda da Igreja.
CAMPECHE – Pau de que se extraí tinta roxa.
CAMPEIRO – O chamador de uma irmandade ou confraria que também se diz campainha. Também; s.m. O campainhão que chama irmandade a som de campa, ou campainha. (AM). Também; Largo, Praça (Fornos- Freixo de espada à Cinta) (VB)
CAPELINA - - Será a «barvuda» e camalho servia de base para o grande elmo que, na segunda metade do século era usado quase exclusivamente para justas e torneios. (CM)
CAPITEL – Zona superior de coluna ou de pilastra que sobrepuja o fuste e suporta o entablamento. Também; parte superior da coluna, sobre o fuste; parte superior, geralmente ornamentada, de pilar, pilastra ou similar; ornato na parte superior de peça de madeira; cobertura de alambique; capacete; peça da agulha de marear, pequeno disco de latão no centro da rosa-dos-ventos. (DH).
CAMURRO/CAMURRÃO – Teimoso, casmurro.
CANAMEIRA canamão; pequena peça a que se apoiam os trabalhadores que ocupam o trilho com que se debulham alguns cereais. (TMC)
CANCABURRADA – s. fem. Acção mal desempenhada, parvoíce, despropósito.
CANADA – Passagem ou caminho por entre paredes ou lugares ermos e escusos. Também; Medida antiga correspondente a 1,4L (HS). Também; Medida de líquidos, contem quatro quartilhos, é a duodécima parte de um almude: - Canadas, as entradas de caminho, que fazem nos campos os carros e carretas que os atravessam; estrada estreita, passagem, v.g. do gado por estradas e carreias para não danarem os semeados. Também; Linha de arames a todo o comprimento da vinha. Baixa de terrenos entre duas elevações laterais. (VB)
CANADELA – Medida usada no século XIV na terra de Moncorvo, fazia três quartas do alqueire que agora corre ou pouco menos.
CANADO – Copo de metal para beber água. (VB)
CANASTRA – Berço de bebé; Vocábulo recolhido por Leite de Vasconcelos em Vimioso. (VB)
CANDELO – De cando, espaço estreito entre a ranilha e as barras, no casco das bestas; pernada seca de uma árvore; desfiladeiro; cândo; candil. (TMC)

CANDIEIRO - Oficial que faz candeias de cera a que hoje chamamos rolo; este era diferente do cerieiro, que fazia velas, tochas e brandões. (No ano de 1487, se mandam taxar as obras dos picheleiros, cirieiros e candieiros da cidade do Porto). (CM)
CANDIL – Candil (PA); Lâmpada, donde nós derivamos o nome candêa.
CANELEIRAS - Peça de equipamento militar destinada à protecção das canelas. (CM); Parte da armadura que protegia a cana da perna. Também; CANELEIRAS - (arma defensiva) -Defesa das pernas, composta por duas lâminas articuladas com dobradiças na parte externa e com correias e fivelas na parte interna. Muito usadas em coiro, abertas na parte interna e unidas por um cordão que corria de um extremo ao outro. O texto diz «francesas», provavelmente de metal, coisa comum na Europa. (CM)
CANALÉGAS – Carneiros, camboas, pesqueiras.
CANAMEIRO – Terra semeada de linho canimo.
CANAPETO – Uma espécie de couve.
CANBA – Troca.
CANBÁS – s.m.pl. Canbáses. Arma defensiva, ou coberta de corpo, acolchoada para embaraçar golpes, ou estocadas como os Loudeis e armaduras de solhas ou antes folhas, laminas de corno de bufalo etc. sayão de canhamaço: Ord. Af. 1. 30. “Senhos canbases e senhos bacinetes”: - “Canbases talvez do Inglez convass” – panno grosseiro bastido ou mui apisoado, ou mais certo o canhamaço, do qual pano fazião caçotes dármas e as que mandavam dar ao Alcaide, cada dois anos, deviam ser de menos duração que as solhas de ferro (ou folhas, lâminas) tomando-se a matéria pela obra. (AM)
CANBASES – Corpos, cotas ou saias de malha, guarnecidas com lâminas de aço a que chamavam solhas. Esta armadura defendia os guerreiros desde os ombros até ao meio dos quartos.
CANCHI – s.m. Arvores do Japão, cuja casca serve de papel para escrever.
CANDEA/CANDEU – Assim chamaram os antigos portugueses a toda a lâmpada ou tocha, sem diferença de arder em azeite, cera a sua chama.
CANDIA – Vinho moscatel de Candia ou Creta.
CANDIEIRO – O oficial que faz candeias de cera a que hoje chamam rolo; este era diferente do cerieiro, que fazia velas, tochas e bordões. No ano de 1487 se mandam taxar as obras dos picheleiros, cirieiros e candeeiros da cidade do Porto.
CANDIL – s.m.t. da As. Peso de 1000 libras, ou meia tonelada de carga. – Diz que um candil de arroz são 20 alqueires da medida portuguesa
CANELEIRAS – Parte da armadura que protegia a cana da perna. Também; CANELEIRAS – (arma defensiva) -Defesa das pernas, composta por duas lâminas articuladas com dobradiças na parte externa e com correias e fivelas na parte interna. Muito usadas em coiro, abertas na parte interna e unidas por um cordão que corria de um extremo ao outro. O texto diz «francesas», provavelmente de metal, coisa comum na Europa. (CM)
CANGALHAS – Armação de madeira ou ferro em que se sustenta e equilibra a carga das bestas, metade para um lado, metade para o outro. (VB)
CANGALHO – Pessoa ou coisa sem jeito. (VB)
CANHAMAÇO – Assim chamavam à estopa grossa de linho galego e ao pano ordinário de linho canemo.
CANHONA – Ovelha. (MC).
CANHOTO – Grande tronco de castanheiro ou cerdeira que os rapazes da aldeia de Cidões, concelho de Vinhais queimam na noite da cabra – a noite que une o mês de

outubro a novembro – depois de o terem "furtado" puxando um carro de bois, a fim de cozinharem em panelas de ferro, uma cabra para repasto de todos. (VB)
CANISTEL – O mesmo que canistrel, canastra, ou cesto de vime, talas ou juncos.
CANJA – s.f.t. da As. Arroz cozido até fazer um caldo grosso; - Arroz de que fazido canjas, que são papas; Canudo pelo qual se dá este caldo aos doentes. (AM).
CANOA – Mulher alta e feia um tanto estouvada. (VB)
CANÓNICA – Assim chamavam ao mosteiro em que se vivia segundo a forma dos sagrados cânones, ou em que viviam cónegos. 1138.; Também; Ainda, hoje, em dia se dão este nome às casas de residência do pároco que estão imediatas à igreja, como entre nós se conservam muitas.
CANTÁBRIA – Região situada no norte da Ibéria, confina com os Astures a oeste, com o Oceano a norte com os Vascos a este com os Vaceios a sul. Estrabãao salienta o comportamento selvagem do povo que a habita. (ET)
CANTADORIAS – Vide chantadorîas: Ipsam hereditatem scilicedt cantadorias in víneas, in pareiras, figeiras, maceeiras, nogeiras, castineirus.
CANTARO – No Minho era o mesmo que almude, na Beira levava dois alqueires ou doze canadas.
CANTAR/CANTILENA – Dizer sem rebuço e sem receio
CANTEIRO – Assento que se diz malhal de pedra ou pau em que descansam as cubas pipas ou tonéis; Também Vide Gallinha de canteiro quando se não pagava a galinha.
CANTICO GRÃO – Os quinze salmos graduais, que pela razão sabida se disseram canticum graduum, crónica do conde D. Duarte de Meneses.
CANTIDADE – O mesmo que qualidade ou condição.
CANTIL – Cesto de vime, barrado com pez, para ficar impermeável e nele verter vinho. (VB)
CANTO – Pedra (cp. Canteiro, cantaria) Roda de carroça. Também; adv. Quanto. Ver crónica D. João I de Fernão Lopes Assalto ao Castelo de Guimarães "Sá das Galés".
CANTO DO CERRADO - Canto: (ver, canto) - Cerrado; basto; carregado; compacto; copado; desuso; duro; encostado; espesso; frondente; impedido; implacável; insulado; nublado; obstinado; pertinaz; rigoroso; tampado; tenebroso; vigoroso; alminha; cerca; cerradão; horto; souto; tapada. (TMC)
CANZAL – Canzal: de Canzil: Cangalho; marca que se faz em orelha de rês; canzo; (TMC)
CÃO – Hospedaria gratuita o mesmo que cambelão.
CAPA – Vestidura solta, que desce dos hombros até aos joelhos, ou mais abaixo e talvez até aos calcanhares sendo talar, ou até rojar e arrastar. Era vestido de corte nos homens feitos e que cingião espada; e dos seridores do paço, os que eram moços serviam em corpo ou pellote e os mais adiantados na idade ou graduados serviam com capa. V. Res. Misc. "vimos moços com capa" (abuso de censura), Crónica de D. João III P.4 c.38.
CAPADEIRO – Capador, o que tem ofício de castrar os animais. (CM)
CAPADÓCIA – "Capadócia, Capadócia" – Deve ser um grito de guerra, possivelmente tirado de alguma novela de cavalaria.
CAPÃO – Feixe de vides muito apertado; Galo; Variedade de feijão rasteiro. (VB)
CAPÃO AFOCINHADO – Nos prazos do mosteiro de Seiça do século XV e XVI, se acha de pensão, além doutras "Hum capão afoucinhado, bom e recebedondo".
CAPAR – Castrar; cortar um pequeno cubo no meio da melancia para verificar se o fruto está maduro. (VB)

CAPARÃO – Espécie de carapuça que se põe ao falcão, para estar quieto onde o caçador o deixa. Arraes, 7.5 Toira-se o capardo quando se solta a ave às presas. Cast. L.8. Assim o Sr. D. João II ameaçava os mouros, que tiraria o caparão a um valoroso capitão para ir fazer-lhe guerra. Resende crónica cap. 108. Ed. 1752.
CAPDAL/CABDAL – Hoje se toma pelos bens e riqueza, já naturais, já de raiz, já moveis e somoventes, já morais e de espírito. Porém antigamente se tomava por um direito real a que chamavam direito de cabeça, censo fiscal, jugada ou fossadeira.
CAPEÇO – Cabeço, Pequeno outeiro
CAPEIRETE – Pequena capa.
CAPEIROM – Capa grande.
CAPELA DA FRAGA DO SANTO – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, extraindo-se dai a seguinte informação:
Designação: Capela da Fraga do Santo. Tipo de sítio: Ermida Período: Indeterminado. CNS: 17271 Localização: Olmos. Descrição: Num local bastante inóspito e de difícil acesso, onde se desenvolvem acidentados afloramentos rochosos que se implantam numa posição sobranceira e de forte pendor no sentido de uma linha de água subsidiária do ribeiro das fragas do santo, pode observar-se alguns vestígios estruturais, nomeadamente derrubes e alguns alicerces de uma construção aproximadamente quadrangular de reduzidas dimensões, conhecida localmente como a Capela da Fraga do Santo. A julgar pela sua localização, a capela do santo pode ter sido um pequeno ermitério ou ermida, que se desenvolveu nas imediações da localidade medieval de Malta. Na proximidade da capela do santo existe um outro afloramento rochoso, também em xisto que é designado localmente com o topónimo “fraga do ermitão” (TMC)
CAPELA DE SAMPAIO – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo do cadastro rústico da freguesia de Castelãos. Da referida base de dados extrai-se a seguinte informação: Designação: Capela de Sampaio. Tipo de sítio: Capela. Período: Indeterminado CNS: 17207 Localização: Castelãos Descrição: Numa encosta de acentuado declive, na margem esquerda da Ribeira do Vale do Medo, curso de água subsidiária da Ribeira de Carvalhais, observa-se um conjunto bastante denso de vestígios constituídos por telha de meia cana que pertenceram a uma antiga capela designada localmente por capela de Sampaio. Do templo não restam estruturas ou ruínas capazes de permitirem uma hipótese interpretativa sobre a sua planta ou arquitectura. A sua existência apenas é referida pela memória colectiva na actual aldeia de Castelãos. As informações orais recolhidas não permitem extrair quaisquer conclusões sobre a sua cronologia ou características arquitetónicas. O local onde esta se implantou encontra-se actualmente ocupada pela plantação de castanheiros tendo sido a actividade agrícola a principal responsável pela sua aparente destruição. (TMC)
CAPELA DE SÃO JOÃO – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Lamalonga. Tb. É referenciado na obra do abade Baçal (vol. IX, p. 60), como de interesse arqueológico. Da base de dados do IPA, extraiu-se a seguinte informação: Designação: Capela de São João. Tipo de sítio: Miliário. Período: Romano. CNS 6184 Localização: Lamalonga. Descrição: Na parte ocidental da aldeia de Lamalonga, no adro do pequeno templo de São João, foram desenterrados dois miliários, tendo um, epigrafado, sido recolhido no Museu de Bragança, e outro,

anepígrafo, deixado no local da descoberta, o que acabou por levar à sua destruição. O miliário que actualmente integra o espólio do Museu Abade de Baçal é dedicado ao Imperador Constâncio I. Estes miliários faziam parte da via romana que ligava Chaves a Astorga e cujo trajecto passava por Vale de Telhas e Lamalonga. com a inscrição que ocupa a parte superior da superfície cilíndrica *"Ao Imperador Flávio Valério Constâncio […], nobilíssimo César"* (TMC)

CAPELHAR – Vestidura Mourisca, que se traz sobre a vestidura a que chamam Marlota e se usa em funções como jogos de cannas justas. (AM)

CAPELINA – Capacete leve, usado em festas e torneios. (HS). - Será a «barvuda» e camalho servia de base para o grande elmo que, na segunda metade do século era usado quase exclusivamente para justas e torneios. (CM)

Capelina- Espólio da Associação
Terras Quentes

CAPELINAS e BACINETES – Partes da armadura que defendiam a cabeça.

Bacinete-Espólio da Associação
Terras Quentes

CAPELLA – Confundiram alguns as capellas com os morgados, sendo cousas mui diversas. Entre nós houve quem procurasse a origem dos nossos capelães nos costumes árabes e não sem algum fundamento. Estes bens assim dados às mãos mortas ficavam sempre na sua administração, quando não fosse no seu domínio e eram sempre dos adquiridos para que se não ofendesse o direito da linhagem ou da avoenga. Também; Ornamentos, peças, trastes do altar e tudo o que serve à liturgia.

CAPELLÃO DOS JUDEUS – O ministro que servia nos sacrifícios legais e cerimónias judaicas. Em Portugal os houve enquanto duraram as comunas ou judiarias.

CAPELLINA – Peça de cavaleiro armado, talvez o morrião, que defendia a cabeça, ornado de plumas.

CAPELO DE NASAL – Réplica de original que se encontra no museu de Torres Novas, cronologia século XIII. Síntese histórica: Capelo de Nasal com guarda nuca: Durante o primeiro quartel do século XIII começa a adicionar-se ao capelo uma placa destinada a

uma maior protecção da cabeça. Era o primeiro passo para aquele que haveria de ser conhecido por elmo fechado ou grande elmo. Reprodução de um exemplar encontrado no Castelo de Torres Novas único do género que se conhece no nosso país.

Espólio da Associação Terras Quentes

CAPELO DE NASAL – Réplica de original encontrado no castelo da Cardiga, cronologia século XIII. Síntese histórica: Capelo de Nasal com guarda nuca: Durante o primeiro quartel do século XIII começa a adicionar-se ao capelo uma placa destinada a uma maior protecção da cabeça. Era o primeiro passo para aquele que haveria de ser conhecido por elmo fechado ou grande elmo. Reprodução de um exemplar encontrado no Castelo de Torres Novas único do género que se conhece no nosso país.

Espólio da Associação Terras Quentes

CAPELOS (DE FERRO) – A parte do hábito de alguns religiosos, com que cobrem o pescoço e cabeça – Capello de viúvas e outras mulheres, é espécie de toucas com bico ou sem ele que lhes cobre a cabeça e parte da testa. – Espécie de capirote, insígnia de Doutor que eles lanção ao collo e cobre parte dos peitos eram acções e funções académicas. – Armadura antiga que defendia a cabeça. Nobiliário. Pag 313. – Capello da tenda de guerra; o sobrecéu, pavelhão ou coberta, esparavel, - Capello de Cardeal, o chapéo distinctivo de que usam, e fig. QA dignidade cardinalícia. Chul. Capello se toma por repreensão. – O que se punha a quem tomava os Santos Óleos da Chrisma. – "As loboas antigas tinham capello e carapuça tudo de doo". (AM) Capelos de ferro, elmo segmentado ou Spangenhelm. (PB)

CAPINDÓ – Capa pequena de homem, até ao meio da perna, sem mangas, que só aperta à frente, pouco abaixo do pescoço (Fornos, Freixo de Espada à Cinta. (VB).

CAPITEL - Zona superior de coluna ou de pilastra que sobrepuja o fuste e suporta o entablamento.

parte superior da coluna, sobre o fuste; parte superior, geralmente ornamentada, de pilar, pilastra ou similar; ornato na parte superior de peça de madeira; cobertura de alambique; capacete; peça da agulha de marear, pequeno disco de latão no centro da rosa-dos-ventos. (DH).

CAPITOSO – adj. Cabeçudo: no fig. Teimoso, obstinado com presunção de si. Arraes.9.10. "Renegai de homens capitosos que com porfiria e soberbas pretendem defender suas opiniões. (AM)
CAPÍTULO – Reunião ou assembleia de cónegos (capítulo e cabido são termos divergentes do latim (capitulu).
CAPNOMÀNCIA – s.f. Arte de adivinhar pela inspecção do fumo que se levanta do altar, sobre que se queimão as vítimas. (AM)
CAPÔLO – Uma espécie de cogumelo que ataca as madeiras de construção.
CAPPA DE ENGRÉS – Capa feita de pano que se fabricava e vinha de Inglaterra.
CAPPA-PELLE – Parece que é uma capa forrada a peles, como hoje se costuma forrar de arminhos.
CAPPA-SAYA – Capa fechada e redonda e que imitava as abatinas de que usam os eclesiásticos e quaisquer serventuários da igreja ou comunidades religiosas.
CAPTELA – Refolho, demasiada cautela, dobleza de animo, segunda intenção, dolo, fraude, malícia.
CAPTIVO (CAHIR EM) – Cativeiro.
CAQUEAR – Titubear, amodorrar.
ÇAQUITEIRO/SAQUITEIRO – O que tem a seu cargo o pão cozido para a mesa do rei. Daqui saquetaria o lugar ou despensa em que se guardava o pão.
CARA – Feição, aspecto. Também; A "Cara"; Os poucos exemplares que existem nas colecções particulares portuguesas, possuem ambos sinais de terem sido caras com articulações laterais. Fernão Lopes, ao referir a morte de Rui Pereira, diz-nos que ele alçou a cara do bacinete devido ao calor e que por esse motivo apanhou uma virotada na face. Ora, se ele alçou a cara, era porque esta se articulava superiormente ou estava fixa lateralmente, mas não se abria para os lados.
Temos assim, em Portugal, o uso de dois tipos distintos de caras (planas e salientes) e das suas articulações laterais ou frontal. Dentro destes modelos de caras, houve muitas variedades. No entanto, estas foram as básicas e as que marcaram a evolução das restantes. Quanto aos bacinetes em uso durante a segunda metade do séc. XIV, no nosso país, teremos de os classificar em bacinetes simples e de camalha de baveira, e barbuda. O bacinete simples era, como o próprio nome diz, um modelo de capacete prolongado à retaguarda para protecção da nuca e que era usado simplesmente sobre a cabeça ou sobre uma coifa.
Já o mesmo não acontecia com o bacinete de camal, o qual possuía nas extremidades uma porção de cota de malha destinada a cobrir e proteger o queixo, os ombros, as costas e o peito.
Finalmente, temos o bacinete de baveira também já descrito anteriormente, caracterizado por ter uma peça metálica destinada a proteger o queixo e a boca. Estes três modelos foram os que mais contribuíram para escreverem as páginas gloriosas da nossa história. A acrescentar a estes modelos, temos a barbuda, em tudo idêntica ao bacinete de camalha, mas com a protecção para a nuca mais comprida e cobrindo a totalidade da barba. (MGM)
CARACTER – Em que os nossos mais antigos documentos se acham divisões de território ou termos, feita por marcos, ou nativos, ou levantados, nos quais se abriam algumas letras, sinais ou cruzes a que chamavam caracteres.
CARAÇUDO – Carregado, ameaçando trovoada (falando do tempo).

CARALHO – expressão usada para demonstrar admiração, entusiasmo; expressão que indica indignação; pénis. (DH). "Caralho**"** é a palavra com que se denominava a pequena cesta que se encontrava no alto dos mastros das caravelas (navios antigos, usados nos descobrimentos). Cesto da Gávea.
CARAMANCHÃO (Cramanchão) – 1) Construção ligeira de ripas, ou canas ou estacas, revestida de plantas trepadeiras nos jardins. 2) Almenara. 3) Obra avançada das fortificações. Espécie de torreão. Também; Almenara; berço; caramanchel; cutelo; pérgula; camaranchão; construção ligeira de ripas, ferro ou pedra, revestida de plantas trepadeiras formando cobertura; (Eluc) *obra avançada de fortificação antiga, que também diziam cubelo, "hum (daqueles tiros) derrubou tres ameas de hum camaranchão… e ós Mouros pareceo que já tinhão seu feito concertado pois assi acertarom aquelle cubelo. Crónica do Conde D. Duarte de Meneses, cap.56*" (TMC). Também; pequena casa proeminente em uma fortificação, muralha ou edifício, usada como posto de vigia ou mirante; estrutura leve construída em parques ou jardins, geralmente de madeira, que se pode cobrir de vegetação e usar para descanso ou recreação; caramanchel. (DH).
ÇARAMAGO – Sarmaco (PA); Rabão silvestre.
CARAMELO – Cora-moballa (PA); Doce bem conhecido. É composto do nome "Cora" Esfera e de "Maballa" Coisa doce.
CARAMUJA/CARAMUJÃO/ENCARAMUJAR – Molusco bivalve no Litoral do Minho, em Lisboa chamam Burrié. Caramujão Burrié grande.
CARANTULAS – Imagens, linhas, cifras ou caracteres mágicos que, na baixa latinidade se disseram; Çaragma, caranisa, carauda e caraula. E o mágico que destes caracteres ou imagens usava, foi dito çaragus ou carajus.
CARAPUÇÃO – Espécie de turbante, ou carapuça grande, usada entre os mouros.
CARATIAVA – Fazia caretas.
CARÁTULES – Caracteres, letras tipos de metal, de que se usa nas impressões, que nos seus princípios, se chamavam estampas, crátúles.
CARAVANA – Carauan (PA); Voz Pérsica, Uma comitiva de gente, de mercadores, viandantes ou Peregrinos, que para maior segurança vão juntos.
CARBONÁRIA – sociedade secreta de ideias liberais, derivada da franco-maçonaria, e que surgiu na Itália em princípios do séc. XIX e à qual pertenciam os carbonários; Etimologia; carbon- + *-ária*, prov. adp. do it. *carboneria* (1820) 'id.'. (DH)
CARBONÁRIO – membro, adepto ou simpatizante da carbonária ('sociedade'); carbonarista; membro de qualquer sociedade secreta com fins revolucionários. Etimologia; it. *carbonaro* (1816) 'carvoeiro, carbonário'; há quem explique o t. pela linguagem: os membros da sociedade secreta teriam sido assim designados em função de usarem em seu linguajar palavras técnicas próprias dos carvoeiros; JM e AGC afirmam que o vocábulo provém do fato de os membros da sociedade secreta *carbonária* se reunirem (fins do séc. XVIII) em cabanas de carvoeiros, em Nápoles; ver *carbon-* (DH).
CARCABEAR – Fazer, abrir fossos, valas ou covas, não só para defender os arraiais, praças ou castelos, mas também para divertir as águas, que não destruam as searas ou alaguem os campos.
CARCAJADA – Cabacaba (PA); Risada imoderada, descomposta.
CARCANHÃO/CARCANHOES – Ostra.

CARÇÃO – A pedra ou tal matriz dura a que o ouro nas minas se acha pegado 0. B. Florest.2.223 “à força de marsões de ferro esbrugarão do carção que encerrava o ouro”. (AM).
CARCAREJAR – Carcara (PA); Carcarejar galinha ou outra ave.
CARCAVA/CARCOVA – Fosso, vale ou cova, porta falsa, azinhaga ou caminho encoberto.
CARCAVEIRA – Piso inferior da casa do moinho, no término do cubo ou da canala, onde se encontra o rodízio. (VB)
CARCERÁTICA – Carceragem, multa que pagam os que entram na cadeia.
CARCOVA – Porta falsa ou caminho encoberto.
CARDADOR – Produto de cardas, instrumento que facilita a fiação. (VR)
CARDEO – De cor roxa
CAREAR – Distinguir, exceptuar, particularizar, tratar alguém com particular carinho ou predileção.
CAREAR-SE – Subtrair-se, negar-se, vender-se caro.
CARETA/PENEIRO – Careta ou tapa rosto, no concelho de Moncorvo chamam os abelheiros a um pano de serapilheira em que envolvem a cabeça quando crestam as colmeias. Em Vale de Coina, cosem a este pano no lugar do rosto uma rede fina de arame de forma concava a que chamam peneiro.
CAREZA – Despesa, gasto, dispêndio
CARGA – Havia carga maior e carga menor e carga do carro. A primeira é de besta muar ou cavalar e tem dez arrobas; a segunda é de carga de asno ou jumento e consta de 5 arrobas, ficando duas arrobas e meia em cada costado (que era o peso de quatro alqueires de pão); A terceira, enfim, que é de carreta ou carro, deve ter vinte arrobas.
CARGA DE CARRO OU CARRETA – Carga correspondente a duas cargas maiores equivalente a um peso de vinte arrobas. (BV)
CARGA MAIOR – Carga correspondente à transportada por gado asinino, equivalente a dez arrobas. (BV)
CARGA MENOR - Carga correspondente à transportada por gado cavalar ou muar, equivalente a cinco arrobas. (BV)
CARIA – Nome de terra; Para com os baixos latinos caria significa não só pão, como também a malatolta ou mau costume, injusta e violenta imposição de algum foro ou tributo.
CARIDADE – Favor, esmola.
CARISTIOSO – De grande falta, penúria, carestia.
CARITEL/CARITELO/KARRITELO – Assim chamavam antigamente, ao que nós hoje dizemos querela (ou como vulgarmente dizem crela).
CARITELO/CARITEL/KARRITELO – O dar contra alguém voz de caritel era chamar contra o agressor.
CARITENHO – Manual portátil, compendioso, resumido e que mui facilmente se leva em uma jornada e para fora de casa ou da igreja.
CARLOS MAGNO – Em 778 Toma Pamplona e cerca Saragoça. No regresso sofre grande revés no desfiladeiro de Roncesvales, onde pareceram Rolando e outros companheiros, celebrados na Chanson de Roland. Mas em 801 depois de coroado em Roma como imperador romano do ocidente Carlos Magno ocupa duradoiramente a cidade de Barcelona.
CARMEZIM – Carmezi (PA); A cor encarnada, muito viva e dá lustro às mais cores.

CARMO – Enumerada entre as cidades da Turdetânia, corresponderá, hoje, a Carmona perto de Sevilha. (ET). Também; CARMO – Carmo: carmear, desfazer os nós (lã churda) antes de passá-la pela carduça; carpear; cardar a lã; assedar o linho. (TMC)
CARNACHIDE – Carnexate (PA; Lugar na província de estremadura, patriarcado de Lisboa, Significa, Ponta, ou corno da ovelha. Compõem-se de "carn" – a ponta e de "Xáte" a ovelha.
CARNAGEM – Matança de animaes e a carne deles reservada para provisão. (AM).
CARNIDE – Carniet (A); Lugar na província da estremadura, patriarcado de Lisboa. Conjunta à outra, vizinha da outra povoação. Deriva-se do verbo "cárana" unir, ajuntar uma cousa à outra
CARNEIROS BRANCOS – As encapeladas ondas do mar alterado, que marram umas contra as outras à semelhança de carneiros.
CAROAVEL – Amigo, amante e amado. Caroavel de cheiros; amigo de cheiros.
CARÔCHO – Nome dado ao carro funerário da Misericórdia de Coimbra.
CAROEEIRA – De caroável; (eluc) séc. XVI, caroavel de cheiros; amigo de cheiros; não me he caroavel, não é amado de mim; xale. (TMC).
CAROLÍNGIO – relativo à dinastia de Carlos Magno (742-814), rei dos francos e imperador do Ocidente; relativo ao período histórico da Europa ocidental cristã que compreende os séculos IX e X; diz-se do estilo artístico desenvolvido nesse período, resultante das tradições merovíngias, da forte influência bizantina, e da tentativa de Carlos Magno de fazer renascer a antiga cultura romana; indivíduo pertencente à família ou à dinastia de Carlos Magno. (DH)
CARPENTANOS – Povo que habitaria a região interior situada entre os rios guadiana e Tejo, segundo Estrabão, delimitava a Turdetânia, a este, juntamente com outros povos, e a Lusitânia, também do lado oriental. (ET)
CARPENTÁRIA – Assim chamavam a fogueira ou casal, que devia servir o senhorio com certas carradas de mato, lenhas ou madeiras.
CARPIDELAS – Gritos de lamentação.7a
CARQUE – Matéria combustível e que mui facilmente se acende; acendalhas. Assim chamavam ao que hoje dizemos carqueja.
CARRACHEIRO – Diz-se do lugar que recebe mais calor das chamas provenientes da lareira. (VB)
CARRADA/CARRAÇA/CARRAPATO - Caráda (PA). Insecto que se mete nos cães e animais. Os Árabes não fazem distinção entre as carraças e carrapatos, ainda que sejam diferentes espécies. Deriva-se do verbo árabe "carada" criar, ou produzir carrapatos.
ÇARRADAMENTE – Tudo em torno de um lugar. Foi dada a dita terra de foro, çarradamente ao dito concelho.
CARRAMANCHONA – Rapariga que se comporta como um rapaz. (VB).
CARRAMELO – Amontoado de coisas, sem jeito; muro de pedras tosco (Fornos – Freixo de Espada à Cinta) (VB)
CARRANCA – 1) Peça de ferro que fixa o caixilho pelo lado externo da parede, para que não bata, quando aberto, pela ação do vento. 2) Cabeça disforme (humana, animal, híbrida) esculpida em pedra, metal, etc. usada como ornamento em fontanários, chafarizes, lavabos (e por onde corre água), ou colunas, pilastras, plintos, etc.
CARRANCHAS/CARRANHOLAS/CARRAQUICHAS – às cavalitas. (VB)
CARRAPATAS – Topónimo referente á freguesia do concelho de Macedo de Cavaleiros; também referenciado na base de dados do Ipa, como de interesse arqueológico.

– Caracará; carraça; carrapeto; compilação; dificuldade; doença; embaraço; embriaguez; embrulhada; estorvo; ferida; óbile; sarilho. Da base de dados referida, extraiu-se a seguinte informação: Designação: Carrapatas. Tipo de sítio: Achado Isolado. Período: Idade do Bronze. CNS: 17205 Localização: Carrapatas.
Descrição: Em lugar indeterminado do termo da freguesia de Carrapatas foram encontradas, em finais do século XIX, duas alabardas em cobre arsenical. A sua tipologia específica levou precisamente à definição das "alabardas tipo Carrapatas", de que se conhecem pouco mais exemplares em território Português, todas em Trás-os-Montes. O contexto do achado é desconhecido, mas o mais provável é fazerem parte de um depósito ou esconderijo, sendo possível, embora não provado, que provenham do sítio da fraga dos Mouros. (TMC)
ÇARRAR – Fechar, do espanhol; cerrar.
ÇARRAR AS EMENTAS – Não por algumas pessoas mais na lista ou rol. Hoje dizemos cerrar.
CARRASCAL – Carrascal, pertencente à freguesia de Ala, sítio indicado de interesse arqueológico na base de dados do IPA. – Carrascal: mata de carrascos ou carrasqueiras; abrunheiro; – bravo; algoz; carrasca; carrascal; carrascão; carrasqueiro; charneca; cruel; ferino; perseguidor; tirano; verdugo. Da base de dados referenciada extraiu-se a seguinte informação: Designação: Carrascal. Tipo de sítio: Povoado fortificado. Período: Idade do Ferro/Romano. CNS: 2056. Localização: Ala. Descrição:
Cabeço em esporão, encaixado no fundo vale da Ribeira de Corujas. Encontra-se desprovido de controlo estratégico sobre a região, mas apresenta soberbas condições defensivas, fortemente potenciadas pelo sistema defensivo do povoado. O cabeço localiza-se sobre um meandro da ribeira, encontrando-se rodeado pela ribeira e tendo vertentes muito inclinadas por todos os lados menos por Nordeste, onde se encontra o colo de acesso. Este é bastante estreito, inclinado e rochoso, sendo uma passagem com algum grau de dificuldade. O povoado de pequenas dimensões, apresenta uma única linha de muralha, que o rodeia por todos os lados. Há vestígios que indiciam a existência de um torreão sobranceiro ao colo de acesso, existindo logo a seguir um profundo fosso no final deste acesso. O interior do povoado apresenta diversos buracos, presumivelmente abertos por caçadores de tesouros, e que deixam ver a existência de uma estratigrafia profunda. Por toda a parte existem derrubes de estruturas. Os materiais de superfície são abundantes, havendo cerâmicas manuais da Idade do ferro, e muitos materiais de época romana, nomeadamente tégulas, deixando adivinhar uma forte romanização do lugar. (TMC)
CARRÉGA – Certa palha, ervanço ou colmo palustre.
CARREGADAMENTE – De má vontade
CÁRREGO – Encargo, Cargo (arcaísmo).
CARREIRA – Peregrinação ou romaria; Também, Ida, jornada, caminho, viagem, que a enfiteuta ou vassalo pagava como de pensão ao senhorio; também o mesmo que carril.
CARRELA – Padiola.
CARRETEIRO – Condutor de cargas e descargas de navios. (VR)
CARRIAGEM – Grande número de carros para conduzirem matalotagem, cousas ou pessoas, bagagem, trem. Também; Porte do carreto; - A carruagem do trem do exército e sua bagagem; - (AM)

CARRIL – Antigamente se tomava pelo caminho, capaz de por ele andar um carro donde talvez tomou o nome. Também; O rego ou rodeira feita pelas rodas dos carros na estrada. (AM)
CARRILHEIRA – Maxilar inferior do porco, sem tecidos, com uma substância gordurosa que se aplica em fricções. (VB)
CARRUÇO – Caneco pequeno, de pau, para água.
CARRULO – Nuca.
CARTA DE ALFORRIA – Vide carta de ingenuidade. Ainda que a lei do reino proíba forrar servo mouro, a não vir em resgate de fora do reino.
CARTA DE ABRENUNCIAÇÃO – O mesmo que carta de Relinquimento ou de Relinquição. Também; do latim eclesiástico *abrenuntiatiōne-*, «renúncia»
CARTA DE BENEFACTIS – Instrumento pelo qual se davam e concediam alguns bens de raiz em benefício utilidade ou prestimónio de alguém.
CARTA DE CAMARA – Por um assento de 31 de dezembro de 1502 se determina que senhores devem ser citados por carta de camara
CARTA DE CAMERA – Alvará ou licença real.
CARTA DE FILHAMENTO – Carta pela qual se tomava posse de algum couto, honra ou behetria com autoridade real e na forma der estilo.
CARTA DE GADEA – O mesmo que carta de testamento, fiança, promessa, penhor, que os longobardos disseram alatinadamente wadium e wadia.
CARTA DE INCOMUNIZÃO – Pela qual se dava a metade de alguma fazenda.
CARTA DE INGENUIDADE E DE LIBERDADE – Instrumento ou carta de alforria que o senhor dá ao seu escravo.
CARTA DE MALDIZER – Qualquer escritura que contém o crime, injuria ou infâmia de alguém (ou se ache em público ou na mão de particular, com nome do autor ou sem ele).
CARTA DE MARCAR – Carta geográfica e que el-rei d. João II em 1487 lhes dera uma carta de marcar tirada do mapa mundo e que foram fazer desta carta o licenciado calçadilha que é bispo de Viseu e o doutor Manuel Rodrigo e o Doutor Manuel Moisés a este tempo judeu.
CARTA DE MAREAR – Carta geográfica, roteiro.
CARTA DE RELINQUIÇÃO/RELINQUIMENTO – O mesmo que instrumento de desistência ou renúncia; também se diz carta de abrenunciação. 1448.
CARTA DE TOMAMENTO – O mesmo que carta de filhamento.
CARTA DIREITA – Aquela, pela qual se manda fazer direito e justiça.
CARTAIRO – Arquivo, cartório.
CARTARIOS/CHARTARIOS – Assim se chamavam aos livros, tombos, ou volumes e quaisquer outros instrumentos públicos a que chamavam cartas. Também; Cartórios, arquivos.
CARTASANA – Obra de pergaminho coberto de fio de outo ou prata com que se guarnecem as casas dos botões dos vestidos. (AM).
CARTAZ – Cartaz (PA); salvo conduto
CARTOLA – Pessoa de importância ou valimento. Na linguagem popular chamam-lhes cartolas, Casacas, fidalgos.
CARTULÁRIO – (Do baixo latim, chartularium) Livro ou rolo manuscrito onde se registavam títulos de propriedade, privilégios, doações, de um mosteiro, igreja, corporação. Também; registo que, conservado em antigos mosteiros, igrejas etc.,

contém os títulos e os privilégios de uma pessoa, ou de uma comunidade, convento, igreja, corporação etc.; aquele que se encarrega desse registo. (DH).
CARULA – Vaca loura, carocha ou escaravelho, a que os latinos chamavam carabus Inseto vil e bem conhecido.
CARVALHA – Aldeia extinta, perto da freguesia do Lombo no hoje concelho de Macedo de Cavaleiros. (Caderno Terras Quentes nº 7)
CARVALHAL – Variedade de Figo.
CAS – Casa, residência, mosteiro. No dia de 1298, manda mestre Afonso que seu corpo seja soterrado.
CASA – No concelho de Moncorvo chamam casa aos alvéolos dos favos das abelhas (LV)
CASA MOVIDA – Mudança de casa para outra – (BV)
CASADO – Vizinho de algum povo, que nele tinha casa, onde vivia. E também o que morava em casa do senhorio, de quem ele era enfiteuta ou colono.
CASAL ENCABEÇADO – Assim chamavam ao casal ou prazo fatiosim que, dividido por muitos ou alguns colonos.
CASAMATA – 1) Termo de fortificação. Subterrâneo abobadado, à prova de bombas, para guardar munições de guerra e matérias explosivas. 2) Prisão subterrânea nas fortalezas antigas.
CASAMENTO – Esta era uma das insuportáveis pensões, que os ricos-homens, ricas-donas infanções, cavaleiros, escudeiros, naturais ou herdeiros, anualmente extorquiam dos mosteiros, de que tinham o padroado ou qualquer parte dele, por fundação, compra ou herança.
CASANDO (GADDO) – O que anda arrebanhando como cabras, ovelhas, porcos.
CASAR/CASARES – Casal e casais. No ano de 1258, fez o seu testamento D. Châmoa Gomez em que deixa grandes bens às donas da Ordem de S. Francisco.
CASAR/CASAMENTO – Quando eu vim cazar para aqui já o meu cunhado tinha morrido. Casar o mesmo que morar. Casamento com a mão esquerda chama o povo airosamente à mancebia ou concubinagem. (LV).
CASAS QUEIMADAS – Aldeia já extinta, perto da Freguesia de Vale da Porca, no hoje concelho de Macedo de Cavaleiros. (Caderno Terras Quentes nº 7)
CASARIAS – Direito real a quem chamavam direito de cabeça, censo fiscal, julgada, fossadeira, herdade; era propriamente o jus habitandi. Vide Capdal.
CASINHA – Topónimo referido na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.570) com potencial arqueológico, situado na freguesia de Morais, mas que não consta nos registos de cadastro rústico da freguesia. (TMC); Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (570-IX), como de interesse arqueológico, diz; m.q. casarelhos, castro. - Ganharia; latrina; privada; retrete; secreta; sentina; diminutivo de casa; casa pequena; quarto de banho; casa onde dormem os ganhões. (TMC)
CASINHAS– Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (570-IX), como de interesse arqueológico, diz; m.q. casarelhos, castro. – Ganharia; latrina; privada; retrete; secreta; sentina; diminutivo de casa; casa pequena; quarto de banho; casa onde dormem os ganhões. (TMC)
CASORIO – Casarão, casa grande.
CASPA – Hasseba (PA); Caspa da cabeça.
CASPILRA – Mulher magra, ordinária e rabugenta. (VB)

CASTANHAS PIZADAS – Castanhas piladas, secas e limpa de casca, as quais ordinariamente se purificam com o atrito dos pés: acção a que na Beira chamavam riscar e, aos fragmentos da casca, assim interior como exterior se chama risca.
CASTELÃOS – Topónimo referente á freguesia do concelho de Macedo de Cavaleiros; castelão; alcaide; casteleiro; castelhano; trincadeira; castelejo; castelete; castelinho; fortim; castelo; acumulação; alcácar; alcaçaria; alcácer; alcácova; alcoulé; castilho; cidadela; cúmulo; fortaleza; forte; forim; monte; prostíbulo; segurelha; solar.
Património histórico edificado existente na freguesia. (TMC)
CASTELARES – Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, pp. 152 e 570) com interesse arqueológico, mas que não consta nas folhas de registo do cadastro rústico da freguesia de Ferreira, possivelmente tratar-se-á de Castelaves que foi encontrado; acastelar. (TMC)
CASTELAVES – Tratar-se-á possivelmente do topónimo castelares, referido como existente na freguesia de Ferreira na obra do Abade Baçal; (vol. IX.p.570) acastelar; por em castelo. (TMC)
CASTELHANIAS – Cousas próprias de Castelhanos. (HS)
CASTELHANO – Moeda d'ouro que fez lavrar D. Fernando, o Católico de Espanha, com peso e valor de 25 reales.
CASTELA E LEÃO; Brasão de Armas Aljubarrota, 1385

Museu Martim Gonçalves de Macedo
(Espólio Associação Terras Quentes)

CASTELAÃ – castelhanas.
CASTELLAÃO/CASTELLANO/CASTELHANO/CASTELLAÃOS/CASTELÃOS/CASTELLANOS – Castelhano (NAP)
CASTELEEJO – A parte mais elevada do castelo.
CASTELLAS – Moeda de ouro que corria no tempo de el-rei D. João I empunhou o ceptro.
CASTELLATICO – Este era um dos direitos reais, que se não entendia concedido se expressamente se não declarava. Chamava-se castellaico porque era uma certa contribuição que os vassalos anualmente pagavam para a fábrica ou reparação dos castelos.
CASTELO – Castelo é um diminutivo de castro e, por isso, a palavra aparece muitas vezes sob forma de Crastelo/Cristelo. Primitivamente significaria uma fortificação isolado, tendo sido, provavelmente, utilizados para a sua construção os castros lusitano-romanos já que situados em pontos facilmente defensáveis. Na época da reconquista neles residia uma população escassa, representando a autoridade administrativa e os elementos principais de defesa. O resto da população vivia no campo, mas em caso de ataque inimigo, recolhia ao recinto fortificado levando consigo os bens que pudessem ser transportados. O castelo era, pois, a sede de uma circunscrição administrativa que poderia gozar de privilégios especiais. Também; CASTELO - Topónimos referidos na obra do Abade Baçal, (vol. IX, pp. 152,156, e 570 – e vol. X, p. 571), tendo interesse arqueológico; situados nas freguesias de; Castelãos e Podence, mas que não foram encontrados nas folhas de registo do cadastro rústicos destas freguesias. – Acumulação;

alcácer; alcaçaria; alcácer; alcáçova; alcance; castilho; castro; cidadela; cúmulo; fortaleza; forte; fortim; monte; prostíbulo; segurelha; solar. (TMC)

CASTELO DE BALSEMÃO – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Chacim. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Castelo de Balsemão. Tipo do sítio: Povoado fortificado. Período: Idade do Ferro/ Romano/Idade Média. CNS: 17241 Localização: Chacim. Descrição: Num grande cabeço sobranceiro ao rio Azibo, onde hoje se situa o convento de Balsemão, desenvolveu-se um grande povoado fortificado, do qual actualmente restam poucos indícios ou vestígios estruturais. A construção dos edifícios relacionados com o convento, cuja origem remonta ao século XIX, foi a principal causa de destruição de um castelo medieval, cuja história permanece em grande medida desconhecida. Segundo as informações bibliográficas recolhidas, admite-se que aqui tenha existido uma vila medieval que evoluiu de um assentamento romano, mas que no século XVII se encontrava já completamente abandonada. Na altura em que estava a ser edificada a igreja conventual foram recolhidas do subsolo algumas moedas romanas, vestígios osteológicos, e mais tarde, quando se realizavam outras obras no local, acabou por ser detectada uma necrópole com sepulturas escavadas na rocha. O monte, com excelentes condições de defesa natural, foi completamente alterado pelo conjunto arquitectónico que constitui o actual convento. No entanto, em alguns locais são ainda visíveis vestígios da antiga muralha, alguns derrubes, um talude e o arranque de uma pequena torre quadrangular que incorporava o antigo sistema de amuralhamento. Todo o terreno se encontra fortemente humanizado por ruas calcetadas, pequenos jardins, variadas capelas, edifícios de apoio agrícola, habitacionais, etc., o que em parte impossibilita detecção de quaisquer outros vestígios, nomeadamente fragmentos de cerâmica, que não chegaram a ser observados no local. Na encosta Sul, no entanto, em terrenos lavrados fora do complexo conventual, detectaram-se alguns poucos fragmentos de cerâmica manual da idade do ferro, permitindo supor que a primeira ocupação deste cabeço terá sido um povoado fortificado da Idade do Ferro. (TMC)

CASTELO DE GRALHÓS – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da base de dados retirou-se a seguinte informação:
Designação: Castelo de Gralhós. Tipo do sítio: Indeterminado. Período: Indeterminado. CNS: 17284 Localização: Talhinhas. Descrição: O morro onde se implanta o santuário de Nossa Senhora de La-Salete poderá ter sido um antigo povoado cuja cronologia é difícil de determinar. Actualmente, o local ainda é conhecido com o topónimo de Castelo, e à superfície, sobretudo junto ao marco geodésico, encontram-se pequenos fragmentos de cerâmica, muito rolados e difíceis de classificar. Mais nenhuma evidência material foi identificada neste sítio, que possui um excelente controlo geoestratégico sobre uma extensa área envolvente, no rebordo Norte do planalto do Morais, implantando-se sobranceiramente à ribeira de Vale de Moinhos, que lhe corre no sopé da vertente Este, único sector que possui condições de defesa natural. (TMC)

CASTELO DE S. MARCOS – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Castelãos. Da base de dados referida extraiu-se a seguinte informação: Designação: Castelo de São Marcos. Tipo de sítio: indeterminado. Período: Idade do Ferro. CNS: 17206 Localização: Castelãos. Descrição: Na vertente Norte da serra de Bornes, numa posição sobranceira à actual aldeia de

Castelãos, desenvolve-se um morro de pequenas dimensões com excelentes condições estratégicas. Neste local, que possui um excelente domínio visual sobre todo o vale de Macedo de Cavaleiros, existiu um antigo sítio da Idade do Ferro, talvez um povoado fortificado. Actualmente apenas se observa uma pequena capela, cujo orago é dedicado a São Marcos. Poderão ter sido obras relacionadas com a construção deste pequeno santuário responsáveis pela destruição do sítio. Por esse motivo não se conseguem detectar quaisquer vestígios estruturais relacionados com o antigo povoado. NO entanto, uma observação mais atenta permite detectar alguns fragmentos cerâmicos cuja cronologia poderá ser fixada na Idade do Ferro. (TMC)

CASTELO DOS MOUROS – Topónimo referido na base de dados do IPA como pertencente á freguesia de Vilarinho do Monte, mas que não foi encontrado nas folhas de registo do cadastro rústico da freguesia. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Castelo dos Mouros. Tipo de Sítio: Povoado Fortificado. Período: Idade do Ferro. CNS: 2034. Localização: Vilarinho do Monte.

Descrição: O Castelo dos Mouros situa-se num esporão xistoso com boas condições de defesa natural e um controlo geoestratégico sobre a região envolvente. O sopé do monte onde se desenvolveu o povoado é rodeado pelas ribeiras do Seixigal, a Sul e Este e pela ribeira do Vale da Mulher, a Oeste. Ambas as ribeiras confluem a Sudoeste dando origem a terrenos agrícolas que foram lameiros fortemente irrigados. Actualmente o povoado encontra-se bastante alterado devido á abertura de um estradão que lhe alterou a topografia e lhe causou uma forte acção de destruição. No entanto ainda é percetível a existência de duas linhas de muralhas que no sector Nordeste se desenvolvem paralelamente dando origem a um corredor que poderá atingir uns 1º metros de largura. No local observam-se grandes quantidades de derrubes provenientes do sistema defensivo e de possíveis estruturas habitacionais. A abertura do estradão deu origem a um corte vertical onde se observam pequenos troços de um aparelho de xisto de fraca qualidade pertencentes a uma estrutura de funcionalidade indeterminada. Uma prospecção de superfície efectuada no local permitiu detectar um conjunto significativo de fragmentos cerâmicos de tipologia comum e com uma cronologia atribuível à Idade do Ferro e possivelmente à Alta Idade Média. No sítio não foram detectados vestígios de romanização. (TMC)

CASTELHÃO -Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.152), de interesse arqueológico, mas que não consta nas folhas de registo do cadastro rústico da freguesia de Vinhas. (TMC)

CASTELUCHO DE BALSEMÃO – Topónimo referenciado na base de dados do IPA como pertencente á freguesia de Chacim, mas que não se encontrou na busca efectuada às folhas de registo de cadastro da freguesia; Castelucho; relativo a castelo;

Da base de dados referida, extraiu-se a seguinte informação: Designação: Castelucho de Balsemão. Tipo de sítio: Povoado Fortificado. Período: Idade do Ferro. CNS: 1926 Descrição: Povoado fortificado de médias dimensões, num relevo em esporão sobre um meandro do rio Azibo e sobre a foz da ribeira de Chacim. Este esporão é um prolongamento natural para Leste, a baixa altitude, do monte onde se implanta o Castelo e Convento de Balsemão. Ao estar encravado no fundo do vale do Azibo, tem um fraco controlo estratégico sobre a área envolvente, mas tem boas condições defensivas naturais. Do lado Norte, a encosta cai em escarpa para a ribeira de Chacim, e do lado Sul o mesmo para o Azibo, ainda que com menor inclinação. Os acessos naturais fazem-se pelos lados Leste e Oeste. A poente encara a encosta para o Castelo

de Balsemão, sendo por aí que hoje se acede ao povoado. A Nascente, existe igualmente um torreão sobranceiro à muralha e ao acesso. A Nascente, existe igualmente um torreão, e a muralha é precedida de um fosso: nesta parte, as estruturas estão melhore conservadas. O interior do povoado está coberto por um denso matagal, mas são visíveis diversos derrubes de estruturas. Não se encontraram materiais de superfície. (TMC)

CASTELLUM – Fortificação romana do início do Império, erigida para o domínio de certas zonas, e anteriores às muralhas com torreões construídas mais tarde para defesa das invasões bárbaras.

CASTEVEL – Alcaide, governador do castelo.

CASTINHEIRO DA MADRE – O que dava castanhas da cor de madrepérola. Havia na Beira.

CASTINHEIROS No ano de 1550, havia a diferença de castinheiros longaes verdeaes, botelhaes, martaoinhos e de madre.

CASTRELO – E Crestello. Estes nomes trazem a sua origem de castro ou crasto, que se tem equivocado com castello que, igualmente é diminutivo de castrum. 2) Castrello (ant.) Pequeno Castelo. Lugar fortificado. (AA)

CASTRILHÃO – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, também é referenciado na obra do abade Baçal, como Castrilhão ou crastilhão (Vol. IX, p. 152). Da base de dados referida, extraiu-se a seguinte informação. Designação: Castrilhão. Tipo de sítio: Povoado Fortificado. Período: Idade do Ferro/ Romano. CNS: 17237 Localização: Vilarinho de Agrochão. Descrição: Povoado fortificado de pequenas dimensões, localizado num cabeço em esporão sobre um meandro apertado do Rio de Macedo, apresentando excelentes condições defensivas, sendo acessível apenas pelo lado Este, pelo colo de acesso. Neste colo de acesso foi escavado um profundíssimo fosso, que confere a este povoado uma posição quase inexpugnável. Sobre o fosso, desenrola-se uma linha de muralha e um torreão, não se sabendo a extensão desta linha de muralha, pois o denso matagal que cobre o interior do povoado impede uma prospecção mais efectiva. Encontram-se diversos fragmentos de cerâmica manual, da Idade do Ferro. No povoado não se encontram vestígios de romanização, mas no caminho de terra batida no sopé do povoado, do lado Sul, são abundantes os fragmentos de tégula. Quanto ao fosso este é de tal modo profundo, tendo cortado a rocha na vertical, que se pode questionar, se não terá servido como corte para extracção de minério. A bibliografia e a população local referem a existência de um grande abrigo ou buraco, cuja entrada fica no fundo do fosso, havendo referências ao aparecimento de material arqueológico neste abrigo. Actualmente, existe um muro, de cronologia indeterminado, que atravessa o fosso de lado a lado, e cujo derrube terá tapado por completo esta entrada. Por último, é de salientar que na plataforma lavrada do lado Este do povoado, que forma o colo de acesso em frente ao fosso, se encontram quantidades significativas de cerâmica manual da Idade do Ferro. Dado que o fosso se encontra de permeio entre a zona fortificada e esta plataforma, impedindo escorrimentos, estes materiais mostram que a ocupação do povoado se estendeu para fora da zona muralhada. (TMC)

CASTRO – Vestígios de ruínas de antigas povoações. Estes também são conhecidos por Castelos, cercas, cividades etc… Regra geral eram constituídos em locais de difícil acesso para melhor defesa das suas populações (Afonso). Também; CASTRO – Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.571) como tendo interesse arqueológico, mas que não consta das folhas de registo do cadastro rústico da freguesia de Lamalonga. (TMC)

CASTRO DE AVELÃS – No território de Bragança só em 1143, nasce o mosteiro de donas de Castro de Avelãs. A diocese de Braga será reconhecida em 1100. Lamego e Viseu só terão Bispo em 1147. Os mosteiros eram os principais depositários de cultura, mas no condado portucalense os livros eram raros e na quase totalidade destinados ao ritual e à doutrina.
CASTRO RUPAL – Topónimo referente á localidade pertencente á freguesia de vinhas. Topónimo de origem germânica, como muitos na região, Rauparii sc "villa" ou semelhante, de Rauparius (roupeiro)… deve ser indício das suas origens pré ou proto-históricas, in, grande enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. XXX p. 591-d. (TMC)
CATAIO – Antiga designação da China.
CATANO – Género de espada, encabada num ferro que servia para amassar a argila quando se fabricavam as telhas de canudo; Interjeição, Usa-se para exprimir desagrado, admiração, surpresa. Ó c'um catano, ó que chatice! Não me digas! (VB)
CATAPULTA – Máquina militar antiga, com que se atiravam pedras, virotões e setas. (AM)

Catapulta; Espólio da Associação
Terras Quentes

CATAR – Inquirir, procurar, examinar com diligência, exação e desvelo alguma cousa. Também, respeitar, venerar, atender, tratar com urbanidade, decência e gravidade.
CATARSE – na religião, medicina e filosofia da Antiguidade grega, libertação, expulsão ou purgação daquilo que é estranho à essência ou à natureza de um ser e que, por esta razão, o corrompe; no *orfismo* e no *pitagorismo*, período de purificação por que a alma desencarnada deve passar até que, apagadas as marcas dos crimes cometidos em sua última existência material, possa ter acesso a uma realidade superior ou reencarnar em um novo corpo; conjunto de cerimónias de purificação a que eram submetidos os candidatos à iniciação religiosa, especialmente. nos mistérios de Elêusis; no *platonismo*, libertação da alma em relação ao corpo por meio da renúncia aos prazeres, desejos e paixões, iniciada ainda em vida mas só completada com a morte; no *aristotelismo*, descarga de desordens emocionais ou afetos desmedidos a partir da experiência estética oferecida pelo teatro, música e poesia; purificação do espírito do espectador através da purgação de suas paixões, especialmente dos sentimentos de terror ou de piedade vivenciados na contemplação do espetáculo trágico; operação de trazer à consciência estados afetivos e lembranças recalcadas no inconsciente, liberando o paciente de sintomas e neuroses associadas a este bloqueio; liberação de emoções ou tensões reprimidas, comparável a uma *ab-reação;* efeito libertador produzido pela encenação de certas ações especialmente as que fazem apelo ao medo e à raiva, utilizado pelas terapias que se baseiam no *método catártico.* Etimologia: gr. *kátharsis,eós* 'purificação, purgação; mênstruo; alívio da alma pela satisfação de uma necessidade moral. (DH)
CATATÃO – Espada má. Fazer-lhe catatão; i. é. Fazer a caridade. (AM)
CATEDRA – Cadeira elevada e mais especialmente, assento de honra servindo à palavra e ao ensino.

CATHEDRADEGO – Catedrático, que é certo direito, censo ou pensão anual, que as igrejas seculares devem pagar ao seu Bispo em reconhecimento da sua superioridade.
CATHEDRATICO – Assim chamaram as propinas, que os bispos davam quando eram encartados ou entronizados. Também; Vide Cathedradégo – o Cathedratico que cada igreja devia pagar eram 800 réis. 1537.
CATHENÁTICIO – O mesmo que carcerática. No código visigótico liv. VII título 4, leg IV se determina que, se for preso o inocente os oficiais de justiça cathenaticii nomine nihil requirant. Porém se for culpado poderão levar um tremisse der mão posta e de cada um dos presos.
CATÓLICOS (REIS) – Expressão que designa Isabel, rainha de Castela e Fernando, rei de Aragão. Pelo seu casamento, em 1469, realizaram a unidade de Espanha.
CATRAIO/CATRAEIRO/CATRAIAR – No litoral do Douro, pelo menos, catraio, catraia é o "rapaz ou rapariga" Em Viana do Castelo catraia á a mulher desprezível, o mesmo que marafona. Catraeiro, nos Pinhais do Vale de Coina é um machado pequeno, de cabo curto, para descascar ou esgalhar troncos. (LV).
CATRE – Cama ainda mais simples e tosca que a tarimba. (VB)
CATREZES – Jogo tradicional, mistura de fito e cachomé (Fornos – Freixo de Espada à Cinta). (VB)
CATRINA – Roldana de ferro para içar qualquer coisa.
CATRINO – Pénis (VB).
CAUCASÓIDE – relativo a ou indivíduo pertencente à divisão étnica da espécie humana que inclui grupos de povos nativos da Europa, Sudoeste da Ásia, Norte da África, ou seus descendentes; caucasiano [A pele desses indivíduos varia entre as cores clara e morena, e os cabelos são finos, variando de lisos a crespos.]. (DH)
CAUDEL – Caudilho, chefe.
CAUDELOSO – Rico (NAP)
CAUDILHAMENTO – Ofício, dignidade ou distinção de um chefe militar que é a primeira personagem da tropa ou esquadra.
CAUDILHO – Cabo, chefe de tropa. (AM)
CAUNHA – Caúnha; m.q. Caúnho: (Ver, Caúnho)
CAÚNHO – Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (185-IX), como de interesse arqueológico, mas que não consta nas folhas de registo do cadastro rústico da freguesia de Corujas; Caúnho; conho; coanha; penhasco. Elucidário de Viterbo; cunho; couho, penedo muito grande e redondo, que se acha no meio de um rio. (TMC)
CAUNHO/CUNHO/CONHO – Penedo muito grande solitário e redondo que se achava no meio de um rio. Na vila de S. João da Pesqueira e margens do rio Távora, se acham ainda estes nomes que são dos princípios da nossa monarquia, segundo se vê nos documentos de S. Pedro das Águias.
CAURELEIRO – Vide Coireleiro.
CAUTELLA – Sem nenhuma cautela; com toda a liberdade, sem o mais leve embaraço, condição ou resguardo.
CAVA – Fosso aberto junto as muralhas. (HS)
CAVADELA – Ver Taiga/Teeigas. (BV)
CAVADURA – Cava de uma vinha. Cova (LV).
CAVAEDIUM – A parte intyerna de uma casa. (AA)
CAVALARIA – Vide cavalaria; Também; Assim chamada antigamente a companhia dos nobres homens que foram ordenados para defender as terras, por isso, lhe puseram

nome milícia, que quer dizer companhia de homens duros, fortes e escolhidos para sofrer grandes medos, trabalhos e lazeiras pelo bem comum; e se disse milícia de mil, porque de mil homens escolhiam um para cavaleiro.
CAVALGADA – Irrupção ou entrada que se fazia viva força e com mão armada em terra de inimigo, tomando tudo o que podia servir de utilidade e proveito para os que a faziam.
CAVALEIRO MUÇULMANO – Estatueta em ferro de cavaleiro Muçulmano, proveniente do Castelo da Cardiga, com cronologia século XII/XIII.

CAVALEIRO MUÇULMANO – Estatueta em pedra de cavaleiro Muçulmano, proveniente do Castelo da Cardiga, com cronologia século XII/XIII.

CAVALEIRO DE ESPORA DOURADA – Assim se diziam os que, suposto não tivessem nobreza herdada e mesmo fossem d'antes peoens, chagaram a ter a contia e cavalo de servir e o mostravam ao tempo da Eyra ou Dorna.; gozava esta cavalaria de vários privilégios, um dos quais era não pagar jugada. Também; os que suposto fossem peões e sem nobreza, eram ricos e tinham cavalo de servir que mostravam nas mostras gerais.

Legenda: Honraria com que a Associação Terras Quentes distingue a figura Macedense (ou não) que mais contribuiu para o desenvolvimento da História, Arqueologia ou em

outras áreas culturais, colaborando com a Instituição. Prémio 2021, entregue ao Sr. Prof. João Carlos Senna-Martinez.

CAVALEIRO-VILÃO; Representante da aristocracia não nobre que tanto pode ser burguês como trabalhador rural, mas sempre homem livre e pequeno proprietário. A posse de bens é condição sine qua non da cavalaria vilã. Estes deviam permitir a posse de cavalo e armas para prestação de serviço militar. Nos séculos XII e XIII esse montante traduzia-se pela propriedade de um casal habitado, uma junta de bois, quarenta ovelhas um jumento e duas camas, ou pelo valor correspondente em numerário – entre 100 e 300 morabitinos – Era detentor de vários privilégios como a isenção do pagamento de jugada entre outros. (AFONSO)

CAVALLEIRO – Homem que servia na guerra a cavallo e era obrigado a mantê-lo, por ser acontiado ou se julgar que tinha posse e fazenda para o manter. (AM)

CAVALLO ACONTIADO E ARNESADO – Soldado ou, para melhor dizer vassalo que servia el-rei com armas e cavalo e arnês ou escudo, vencendo quantia ou soldo certo e anual 2$000 ou 4$000 reis. (CM)

CAVALLO DE MAIO – Certo tributo de umas tantas libras ou soldos que, em Viseu e seus termos se pagava todos os anos no 1º de Maio por todos aqueles cabeças de família que, neste dia, não apresentassem cavalo de marca, seu próprio e capaz de servir na guerra. (CM)

CAVALO – mamífero perissodátilo da família dos equídeos (*Equus caballus*), nativo das estepes da Europa e da Ásia, mas encontrado em todo o mundo como animal doméstico; distinto das demais espécies da família, geralmente pelo grande porte, cauda e crina longas, cabeça relativamente pequena e orelhas curtas [Uma única população selvagem (*E. c. przewalskii*) ainda vive na Mongólia e na China.]; designação comum a diversos equídeos extintos, relacionados ao cavalo; indivíduo violento; indivíduo grosseiro, rude; animal, cavalgadura, estúpido. Reg. espécie de cavalete em que se alisam as vergônteas de castanheiro para a confecção de canastra ('cesto'). (DH).

CAVALO RAUDÃO/ROUDÃO/RAUDAM – Assim chamavam ao cavalo que tinha uma cor tirante e vermelho, a que os latinos chamavam rubidus, donde facilmente se deduziu cavalo ruão que tem, a cor vermelha com alguma mescla branca.

CAVAM – O que não tem bois, nem vacas e só com o trabalho da enxada semeia o seu pão.

CAVIDADO – Evitrado, acautelado, resguardado.

CAVIDAR – Prevenir, acautelar; vem do latim caveo.

CAVON – O mesmo que cavam.

CAYDA – Queda.

CAYMENTO – Queda, falta, defeito, culpa. Século XIV. Decadência

CAYRA/QUARYA – Medida de sólidos que faz três quartas de pão da medida ou alqueire, de que agora usamos. 1514.

CAZAQUE – indivíduo dos cazaques; língua turcomana (do subgrupo norte-ocidental, também chamado *kiptchak*) falada pelos cazaques do Cazaquistão, Turcomânia, Uzbequistão, Quirguizistão e regiões próximas na Mongólia e Oeste da China; relativo à República do Cazaquistão (centro-oeste da Ásia), aos cazaques ou à língua cazaque; povo turcomano originário das estepes da Ásia central, de características físicas semelhantes às dos mongóis, constituinte da principal parcela da população da atual República do Cazaquistão (ex-república soviética). (DH)

CEA - Jantar, banquete, bródio, refeição liberal e copiosa. Antigamente se tomava alguma cousa de manhã, a que chamavam almorço, isto é, aliques morsus ou alis morsus; um ou outro bocado e, a principal comida era de uma só vez por dia, e quase à noite. Testamento 1314, documentos de Lamego. Ainda hoje nas vizinhanças de Lamego se chamam ceias o pão cozido que se dá aos trabalhadores, em lugar de ceia, o qual eles costumavam levar para suas casas.
CEAR – Zelar, convidar, atrair.
CEBRADAS – Quebradas.
CÉÉIRO – O que guarda a apascenta os porcos
CEEIROS DE MESTERES – Oficiais mecânicos e casados; de mesteres. Vide Anadaria.
CEGUIDAM/CEGUIDADE – Também se disse Ceguidade, trevas, escuridade, que roubam dos olhos objectos.
CEIFADIM – Ceifaddin (PA); Nome próprio e composto de "Ceif" a espada e de "Din" a Religião; Espada da religião.
CEITA – Assim chamavam a um tributo que as nossas províncias do Norte pagavam para serem isentas de servirem, pessoalmente, na praça de Ceuta que então diziam Ceita.
CEITIL – Moeda de cobre, que fez lavrar el-rei D. João I em memória da cidade de Ceita, Septa ou Ceuta que conquistou aos mouros. Também; Moeda de cobre, mandada cunhar por D. João I em memória da conquista de Ceuta, de onde recebe o nome. Numa das faces tinha as armas de Portugal e na outra uma cidade à beira de água. O seu valor correspondia à sexta parte do real. (BV)
CEITIL EM COBRE – Reinado D. Afonso V (1438-1481) Espólio da Associação Terras Quentes.

Reverso Anverso

Anverso + REGIS: I'O Il) CAIII: I I: ALG *(Rei* de *PoII"fjol e Algarve)* entre cercaduras li·.I, A() contro, a cruz da Ordem de Avis carregado do escudo de quinas de castelos.

Reverso. --+ ALFONSUS 1 1: GRÁCIE: R Afonso pela graça de Deus rei, entre cercaduras lisas. Ao centro um castelo com [] torres muralhadas banhado pelo mar.
CEIXOENS DE ALJOFAR – Ornato de vestido. Veja-se pragmática de el-rei D. Afonso IV, sobre o modo de vestir, mesa e comitiva dos grandes do ano de 1340.
CELA – O mesmo que oratória ou pequeno convento e domicílio de gente religiosa.
CELLARINO – No capitel romano toscano ou dórico, a ligação entre astrálago e o equino. No capitel dórico grego o necking ou collarino. (AA)
CELESTINA – Mulher fina de maus costumes, alcoviteira, dada a más artes. (AM)
CELLA – Na religião de S. Bento se dava este nome ao que hoje dizíamos priorato. Esta cela não era para viver ali a prazer e sem as mortificações da casa principal de que a cela dependia, mas antes se destinava para recoleta de varões perfeitíssimos que se

avantajavam mais no recolhimento mortificações e penitências do que os religiosos ordinários que viviam nos grandes mosteiros; a estes chamaríamos hoje, Claustrais e àqueles Observantes, Reformados ou Capuchos.
CELLAREIRO – Assentista militar, provedor das munições de boca e forragens para a tropa.
CELLSTRIAL – Celestial. Cf. Pop. Çelestrino por Celestino.
CELTA – ramo de línguas indo-europeias faladas pelos diversos grupos humanos de origem celta, muitas delas já extintas, e que se divide em dois grupos: *celta continental* e *celta insular*; céltico, gaélico; povos da Antiguidade, que se distribuíram pela Europa ocidental no segundo e primeiro milênios a.C., habitando um território que vai desde a Turquia central até as ilhas Britânicas. (DH)
CELTA, ARTE – Arte dos povos celtas que se inicia com a idade do ferro e se prolonga até ao século VII d.C, com a arte dos monges irlandeses. Caracteriza-se pelo uso de motivos geométricos, por vezes combinados com vegetais estilizados e zoomórficos. Desenvolveu a joalharia numa primeira fase e no período final, a iluminura.
No território português, encontram-se também aglomerados urbanos de origem celta: Os castros, citânias ou cividades. (AA).
CELTAS – Etnónimo com que Estrabão designava os habitantes da Gália, localizada a este dos Pirenéus. (ET)
CELTIBÉRIA – Designação dada a habitantes das Ibéria de origem celta, devido a necessidade eudita y geográfica de distinguir entre etnias conocidas como "celtas" assentadas em distintos territórios peninsulares. Estrabão refere-se aos Celtiberos nos seguintes termos; "Estando os Celtiberos divididos em quatro partes, os mais poderosos estão situados principalmente a oriente e a Sul, os Arvaques que confinam com os Carpetanos e com as nascentes do Tejo. A sua cidade de maior nomeada é Numância. Mostraram o seu valor na guerra celtibérica contra os romanos que durou 20 anos. (ET).
CELTIBERO –relativo à Celtibéria, região da Hispânia tarraconense (parte das modernas Aragão, Navarra, Castela-a-Velha e Castela-a-Nova), ou aos celtiberos; celtibérico; indivíduo natural ou habitante da Celtibéria; celtibérico; língua indo-europeia extinta, falada na Antiguidade na Celtibéria, talvez um dialeto céltico arcaico prov. misturado com línguas já existentes no local; povo da antiga Hispânia que viveu na Celtibéria do séc. III a.C. em diante, resultante da fusão das migrações célticas com os povos autóctones e/ou ali chegados anteriormente, os iberos. (DH)
CÉLTICA – Designação que Estrabão se refere à Gália.
CÉLTICOS – Segundo Estrabão; Habitantes de origem céltica que se terão estabelecido no sudoeste da Península entre os rios Tejo e Guadiana e também no norte da Ibéria. (ET)
CELURGIÃO/SOLIRGIOM – Cirurgião. Na história de Vespasiano fala-se também de físicos e celorgiãos. (LV)
CEMITÉRIO – (Do grego Koimenterios = lugar de dormir. Local geralmente delimitado por um muro onde os mortos estão enterrados. Os cemitérios medievais são sempre estabelecidos à volta das igrejas e nos adros iluminados por uma lanterna dos mortos para afastar os maus espíritos.
CENDAL – Vestido; veja-se a pragmática de el-rei D. Afonso IV. 1340.
CENDEIO – É a floração das Oliveiras.
CENÓBIOS – Monges que viviam no mosteiro que por se chamar em grego canobium os seus moradores se chamavam cenobitas e algumas vezes cenóbios.

CENOTÁBIO – Monumento funerário de carácter comemorativo, erigido em memória de alguém, mas que não contém restos mortais, ou porque não se encontrou o corpo ou porque este repousa noutro local.
CENSO/CENSURA/CENSURIA – Com estes termos se explicam os direitos, rendas e pensões que as catedrais deviam receber, anualmente, das igrejas e mosteiros do bispado; A isso chamaram também Jantares, colheitas, visitações, procurações ou paradas; dos censores ou censitores romanos nos veio esta palavra; o particular ofício destes magistrados era estimar, avaliar e pôr preço às terras incultas ou cultivadas que a república tinha ou conquistava.
CENSO FISCAL – Vide Capdal e Censo
CENSURA – Vide Censo.
CENSURIA – Vide Censo.
CENTÃO – s.m. Manta de panno muito grosso para cobrir máquinas de guerra. (AM)
CENTIEIRAS – m.q. centeeiras, pl. de centeeira; próprio para centeio; destinado á cultura de centeio. (TMC)
CENTIEIRO – Variedade de cogumelo comestível. (LV).
CENTURIÃO – Cabo, capitão de cem homens. (AM)
CENTURIO – s.m. Chamam-se os que vão vestidos segundo o uso da milícia romana e em grão de cabos; acompanhando a procissão do enterro do senhor, ou guardando o sepulcro. “Os centúrios que andam armados guardando o sepulcro… ficarão em calças e gibão. (AM)
ÇEOSO - Cioso
CEPCERIAL – Lugar cheio ou plantado de sinceiros, árvores bem conhecidas nas margens do Mondego.
CEPELHO – Armadilha de caçar; hoje dizemos cepo.
CEPO – O mesmo que tronco ou chefe de uma família. Também; caixa de esmolas. Também; CEPO/CAPUDO/SAPUDO – Cepudo no Minho, quer dizer atarracado. Uma mão cepuda é uma mão gorda e pequena. (LV)
CERA - (ESTADO DE) – Banqueta ou certa ordem de velas de cera que arde em algumas funções eclesiásticas. Também; Fachas de palha utilizadas como archotes no enterro do Entrudo (Freixo de Espada à Cinta). Noite de Cera, tradição da Aldeia de Urros, Concelho da Torre de Moncorvo na noite de 31 de outubro, em que um grupo de rapazes se diverte colocando as carroças e os carros de bois em frente das lojas, dificultando a entrada dos proprietários e a saída destes. (VB)
CERABOLA – Pessoa tagarela e mentirosa. (VB)
CEREMES – Vestido. Veja-se a pragmática de el-rei D. Afonso IV.
CERCEADA – Cortada cerce; ceifada.
CEREO – Círio, vela, candeia para arder na presença dos altares; século XII.
CERESTIAL – Celestial, cousa do céu.
CERIMONIATICAMENTE – Com muita cerimónia.
CERNADELA – Cernadela; localidade pertencente à freguesia dos Cortiços; cernada; acto ou efeito de cernar; descobrir o cerne; extrair o cerne; sangrar; rijeza; parte central do lenho do caule das árvores, a mais rija e mais escura, também designada durame ou durâmen. (TM
CERNAR – Cortar ou furar alguma árvore ou fazer nela alguma incisão que lhe chegue ao cerne a fim de lhe tirar a goma ou resina que no cerne reside.
CEROFERÁRIOS – Castiçais que suportam velas de cera nas igrejas.

CEROME/CERROME/ÇURAME – Capote ou capa grande e de mulher senhora.; sobretudo que cobre todos os mais vestidos.
CEROULAS – Seruál (P); Espécie de calças por outro nome menores. Deriva-se do verbo de quatro letras "sárauala" vestir ceroulas. Os Persas dizem "xerual". É voz Arábica e não Castelhana "Çaraguelas, nem Grega Sarabala, como diz Bluteau no II Tom0o do seu dicionário pág 252.
CERQUINHA – Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro rústico, da freguesia de Ala. Topónimo também referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da mesma base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Cerquinha. Tipo de sítio: Povoado Fortificado.
Período: Indeterminado/ Não foi possível obter elementos cronológicos concretos, mas deverá ser um povoado da Idade do Ferro. CNS: 17197 Localização: Ala. Descrição: Esporão alongado sobre os vales encaixados das ribeiras de Ala, Corujas e Vale da Choca. Não tem controle estratégico sobre a região envolvente, mas apresenta boas condições de defesa natural por todos os lados excepto a Sudoeste, onde se localiza o colo de acesso. Existe uma única linha de muralha, perceptível por um talude e pelos derrubes, que rodeia o cabeço por todos os lados, definindo um recinto elipsoidal, de pequenas/médias dimensões. Na zona de acesso esta muralha foi recentemente destruída, para extracção de pedra. Os cortes deixam perceber uma boa potência estratigráfica, sendo possível que haja uma boa conservação dos vestígios arqueológicos na área não afectada por esta destruição. Não se encontram materiais superficiais, pelo que não há elementos cronológicos muito concretos, mas deverá ser um povoado da idade do ferro. (TMC)
CERRALHO – V. Serralho. Putaria, lupanar, alcoviteira. "as casas e cerralhos de má conversação"; prostíbulos, mancebia. (AM)
CERTAS – certamente, na verdade.
CERUCADO – Cercado, rodeado.
CERVEJA – Bebida feita de grãos farináceos que se deixam grelar e se cozem depois e põem a fermentar; de ordinário faz-se de cevada, e se lhe mistura a flor de uma herva, o lúpulo, para lhe dar um amargor brando, que retarda a fermentação ácida; usam dela os Portugueses antigamente; Arraes; "cozer as cervejas" prepará-la, fazê-la, manipular, fazer, fabrica. (AM)
CERVIÇARIA – Abegoaria, lavoura.
CERVILHAS – Sapatos ou soletas para calçarem os sacerdotes; Chinelas. Também; Sapatinhos de coiro fino para dançar. (AM)
CERVILHEIRA – Capacete antigo.
CESMEIRO – O que mede, reparte ou demarca terras incultas e desaproveitadas.
CESTEIRO/SESTEIRO/SEXTÁRIO – Medida de sólidos e líquidos, mas tão diferentes no peso ou quantidade, segundo os diversos países, concelhos ou comodidades que é impossível reduzi-la com acerto.
CESTO – Medida de alqueire e meio.
CÉSTO – Não só era uma espécie de manopla, entretecida de couro cru e guarnecida com pelotas de chumbo, arma própria dos antigos atletas, que com ela maltratavam o seu contendor; mas também significava o cinto ou cingidouro que os poetas fingiriam em Vénus e Juno para conciliarem os amores, esta de Júpiter e aquela de Marte.

CETRA – Arma particular dos antigos Lusitanos. Assim chamavam a um certo género de broquel de ferro ou de metal que se tocando reciprocamente, deles resultava um som marcial que não desagradava a quem o ouvia.
CEVA – Alimento.
CEVADEIRA – Alforge ou farnel em que levavam provisões de boca em uma jornada.
CEVADEIRO – Assim chamavam ao fidalgo por cuja conta corria toda a cevada, que se gastava na cavalhariça real. Este era o cevadeiro-mor. Hoje no Alentejo chamavam os almocreves, cevadeiro ao jumento, que vai diante da récua e leva provisão de cevada para as mais bestas.
CEVADO – Porco engordado para ser abatido para consumo. (CM)
CEVEIRA – A toda a espécie de grão, frumentáceo se deu, na baixa latinidade, o nome de cibaria ou civaria que os nossos maiores disseram ceveira, nome que ainda hoje se usa na Beira Alta.
CHA – Adv. O mesmo que cá, porque.
CHÃ/CHÃA – Planície "chãa que está sobre hum monte" (AM)
CHAADA – Planície, campo raso, esplanada.
CHAAMENTE – Adv. Sem dúvida, certamente, com facilidade grande e sem embaraço algum.
CHÃAO – Estar chãao, ao serviço de alguém, servi-lo com lisura, simplicidade, lhaneza, verdade, singeleza, não indo, nem maquinando contra os seus interesses ou pessoa.
CHAÇAS – Esta palavra é própria do jogo da bola; porém no sentido moral, dizemos; estar ou andar às chaças com alguém, por andarem aos boléus, aos remoques às trombadas, revezes, ditérios, insultos.
CHAÇÃO – Condição natureza; Ex. o queijo… é malíssimo seco, de má chação. – Canalha de má chação. (LV)
CHACIM – Porco, assim doméstico como montês. Também; s.m. ant. Porco Severim. (AM). Também; CHACIM – Topónimo da freguesia do concelho de Macedo de Cavaleiros. Cochino; cochom; porco. (Armando Pires, in Chacim, p.13, esclarece que o zootopónimo Chacim significa porco bravo; javardo ou javali; acrescentando que as armas dos "Chacins" ilustre e poderosa família que entroncava nos braganções e, tendo tomado o nome do povoado, exerceu larga influência por toda a região durante a primeira dinastia, tinha de apor timbre "um javali de sua cor bandeado de arminhos em três faixas, o que confirma a hipótese zootoponímica). (TMC)
CHACINADO – "cozido e assado e chacinado" – Carne salgada em picado.
CHAFARIZ – Xacarige (PA); Fonte de água com bica ou sem ela.
CHAGAR – Ferir, fazer chagas; chagar o corpo. Barros f.58 "O vistes chagar" "as setas de Filotétes…assi como chagarão, assim eram mezinhas das próprias chagas"; ficar chagado, ferir-se com chagas. (AM)
CHAGOM – Ocasião, motivo, 1287; É o mesmo que Cajom.
CHAIRUSO – Individuo ignorante, simplório, desgraçado (recolha feita em Carviçais – Torre de Moncorvo). (VB)
CHALÃ – Simplório, apatetado. (VB)
CHAMA – Vide Châmoa.
CHAMADO – Convocação dos três estados do reino a que chamamos cortes.
CHAMADOURO – Peça que provoca a vibração da quelha do moinho e a queda do grão. (VB)
CHAMAMENTO – Citação da parte; aviso ou noticia para dizer de sua justiça.

CHAMÁRO – Terceira pessoa de pretérito do plural do verbo chamar.
CHAMA DA TALANQUEIRA – Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p. 570) como de interesse arqueológico, contudo não consta dos livros de registo dos prédios rústicos da freguesia dos Olmos. (TMC)
CHAMBA – Homem lorpa e desajeitado. (VB)
CHAMEIRA – Mulher que levava o pão ao forno e o tornava a trazer cozido para casa. A esta pertencia varrer o forno e acendê-lo.
CHAMENTE – Lisa, clara e, simplesmente sem dolo, trapaça, engano, refolho, ódio.
CHAMOA – Nome de mulher que em latim se dizia flammula. Foi muito usado desde o século IX até ao XIV. (Viterbo)
CHAMORRO – Tosquiado. O nome de chamorros deram os castelhanos, por desprezo aos portugueses, ressentidos da batalha de Aljubarrota, donde os poucos que puderam fugir, levaram eternos motivos de chorar. O mesmo rei D. João de Castela dizia que não tivera tanto sentimento, se o vencera outra qualquer nação do mundo, mas que não podia sofrer que assim o derrotassem uns poucos de chamorros. Mas a verdade é que ele não advertia que cada um dos Portugueses que o venceram sendo um sansão no valor não traziam, contudo, esforço nos cabelos, mas sim nos braços. Os espanhóis, ainda naquele tempo, usavam o cabelo comprido e os Portugueses que também lho fizeram, usavam já dele curto. Também; epiteto injurioso que os Hespanhóes nos davam e tanto vale como tosquiados (Crónica D. João I c.61) (do Vasconso Chamarroa) – Crónica do Condestável c.51 pág. 43 col. 2; se diz que naquele tempo davam esta alcunha aos mãos portugueses que seguiam as partes d'el-rei de Castella e vinhão fazer guerra a seus compatriotas. Em Hespanha era nobreza a longa cabeleira e em França e aos reis depostos era costume tosquiarem-nos e recolhê-los aos conventos; por onde chamar tosquiado chamorro, ou vil era indício de desprezo. (AM)
CHAMORRIM – (ver chamorro) – Referente a chamorro; estúpido; grosseirão; Português; tosquiado; apelido que os Espanhóis davam aos Portugueses por usarem a cara rapada e o cabelo curto). (TMC).
CHAMORROS/AS – Moças Portuguesas, chamorro era o nome depreciativo dado pelos castelhanos aos portugueses pelo facto de estes usarem o cabelo cortado curto- Boas servidoras também sentido ofensivo.
CHAMOS – Dia de chamos – Dia de segada. (VB)
CHANATO – Remendo, pequeno concerto.
CHANCELER – Magistrado régio responsável pelo selo real. (BV)
CHANCELLER – s.m. Magistrado mayor que tem o selo real para o pôr nos papeis que o devem levar e passar pela chancelaria: há chanceleres das relações e Chanceller mór do reino. Chanceller das Correições, é oficial que tem o selo real de que usa o corregedor etc. Ord. Af. I p 19. – Há Chanceller da Universidade que põe os selos dela nas cartas der bacharel, formatura e de Doutor.
CHANFENITEIRO – Trapaceiro, intrujão. (VB)
CHANSONETAS – Cançonetas.
CHANOUCA – Xanouca (PA); Aldeia da província de além Tejo, bispado de Évora. A forca. Deriva-se do verbo "xanaca" pendurar pelo pescoço, enforcar
CHANTA – Estaca ou vergôntea, que se metia na terra para criar raízes e dar frutos.
CHANTADORIAS – Todo o género de árvores que se plantam de estaca, v.g. bacelos, olivais ou sebes fixadas na terra em que lançam raízes.
CHANTADOS – Vide chantados.

CHANTAR – Plantar de estaca. 1291.
CHARAMELA – instrumento medieval de sopro, de timbre estridente, com o corpo de madeira cilíndrico dotado de orifícios e com embocadura de palheta, considerado o antecessor do oboé e do clarinete modernos; registo grave do clarinete; registo de órgão que reproduz o timbre dos instrumentos pastoris; tubo da gaita de foles; conjunto musical formado, em geral, por instrumentos de sopro de sonoridade áspera, penetrante. (DH).
CHARAVISCAL – Mato cerrado de espinheiros mesmo que chavascal.
CHAREPE – Pequeno lavrador.
CASQUETA – Rapariga leviana. (VB)
CHASSIDISMO – corrente do judaísmo medieval, na Alemanha (séculos XII-XIII); corrente mística moderna, nascida em meados do século XVIII na Polónia e na Ucrânia, inspirada na Cabala, que forma hoje grupos de militantes na comunidade judaica. (DH)
CHATINAR – Mercadejar.
CHAUS – Espécie de juiz nas cidades da Turquia.
CHANTO – Alaridos, prantos entrecortados com soluços, gemidos e vivas lágrimas, demonstrações, tudo da maior tristeza.
CHANTOAL DE OLIVAL – Oliveiras postas de estaca.
CHANTOU – Colocou, plantou.
CHAÕ – Medida agrária, constante de 60 palmos de comprido e 30 de largo.
CHAPADO – O vestido ou ornato com chapas de ouro ou prata.
CHAPÉU DE FERRO E CAPELINA - Síntese histórica**;** trata-se de um grupo de protecções para a cabeça caracterizada por ter abas. O seu nome provém do Francês Chapel e Chapeline. Este tipo de protecção era já comum no tempo dos Gregos e dos Romanos, e parece ter permanecido em uso de forma mais ou menos ininterrupta. Durante o séc. XII utilizou-se muito um tipo de chapéu de ferro de copa muito baixa e abas muito largas. As primeiras vagas de assalto às fortificações, os mineiros e sapadores usavam estes chapéus chamados hanepier para se protegerem dos projécteis lançados de cima. Esses chapéus eram verdadeiros paveses circulares que faziam desviar os projécteis.
A verdadeira capelina não deve ter sido introduzida senão nos finais do séc. XII com a adopção do elmo fechado. Quando o calor apertava, muitos cavaleiros optaram por substituir os seus pesados elmos pela capelina, mais ligeira e arejada. Pierre de Dreux morreu de uma espadeirada na cara durante a batalha de Monsourah Porque trocou o seu elmo fechado por uma capelina. E Sieur de Joinville faz-nos referências várias à utilização de capelinas nessa batalha. Ainda hoje existem alguns exemplares recuperados em escavações nos países Nórdicos. Todos eles são do modelo spangen, isto é, feito em gomes reforçados por tiras de ferro. A capelina foi durante muito tempo a defesa da cabeça da peonagem por ser barata e fácil de se fazer em quantidade. Mas a nobreza também a usava. Pierre de Dreux morreu por ter usado uma capelina, e na Vida de S. Luís, Joinville descreveu o episódio durante o qual. Em Jerusalém conseguiu persuadir o Rei Luís, que, devido ao calor queria *avoir le vent* a não substituir o elmo pela capelina. Em Portugal, a capelina foi bastante usada. Nos inventários e contas da casa de D. Dinis (1278-1282) há referência a "huua capelina que fõe de dõ Jhõa Rodrigit" Também nas ordenações para a mudança de armamento (Fernão Lopes' Crónica de D. Fernando, Cap. [LXXXVII) se refere que da capelina se deveria fazer barvuda com camalhão, o que indicava que a capelina esteve muito generalizada no nosso país e foi usada até muito tarde. Durante a crise de 1383-85 (Fernão Lopes, crónica de D. João I

Vol. I cap. CXXIV) “as capelinas continuaram a ser uma protecção para a cabeça muito popular” …” *Elles no Porto, por ledice da sua vinda, hordenarom huu torneo em véspera da Sam Jhoam que era dia em que os moradores daquela çidade costumavam de fazer gram festa; e o torneo foi de capellinas com espadas bramcas muito cortadoras, segundo husança daquele tempo*”. (MGM)

CHAPÍM – Calçado de 4 ou 5 solas de sovereiro para realçar a estatura de mulheres “sem chapins que fazem de rostos mínimos corpos gigantes (AM)

CHAPINS DA RAINHA OU DA PRINCESA – Este nome deu à vila de Alanquer, porque dela se pagava certo tributo, aplicado para o calçado destas reais pessoas.

CHARACTER – Vide Caracter e Karacteres.

CHARDES – Pano tosado, ainda que grosso.

CHAREL – Peça dos arreios do cavalo que lhe cobre as ancas; sobreancas dizem cá. (AM)

CHARIA – A Lei, a lei absoluta do Islão.

CHARIDADE/CARIDADE – Este era o amoroso tratamento que os antigos e santos prelados davam às suas ovelhas, e os cristãos da primitiva, entre si, usavam: Também assim chamaram aos ágapes, ou caridosos dos cristãos a que ainda os mais pobres e humildes eram admitidos e com igualdade santa, liberalmente tratados: Também Este nome deram àquela massa que resultava das ofertas e doações gratuitas que os fiéis entregaram aos mosteiros e catedrais que viviam em comum (como foram todas de Portugal até ao século XII se restauraram).

CHARIDADE (CARTA DE) – Assim chamaram à primeira instituição ou plano da reforma de Cister, composto por santo estevão, abade deste mosteiro e outros vinte abades de S. Bento e confirmada pela Sé apostólica.

CHARIDADE (CASA DA) – Aquela em que se guardavam com asseio, limpeza e cuidado as cousas que pertenciam ao culto divino, serviço de altares e de toda a Igreja. Daqui veio o nome de procurador da casa de charidade aquele a quem este cuidado estava cometido.

CHARIDADE DAS ALMAS – Aniversário que por elas se faziam.

CHARIDADE (MONJES DA) – Professavam o reformado instituto do priorado da santa Maria da charidade (donde tomaram o distintivo), fundado no ano de 1040 sobre o rio Loire, em França e no bispado de Auxerre. No ano de 1050 foi unido ao mosteiro de Auxerre.

CHARNECA – Terra areyenta, estéril, que apenas dá herva bravia; Madeiras delgada, bem fraca, e charneca em que se mostra a esterilidade da terra; (AM)

CHATAR – O mesmo que acatar, atender, respeitar. 1307.

CHAVADEGO – É voz frequentíssima, nos prazos de Paço de Sousa desde o século XIV até ao XVI. Era o mesmo que luvas, agradecimento, ou molhaduras do conchavo e ajuste que, entre o mosteiro e os novos enfiteutas se fazia; constava de um carneiro e uma fogaça ou pão grande de trigo. 1417.

CHAVÃO – Molde, marca, sinete.

CHAVASCAL – Termo da Beira; Fazenda de má terra para pães e lançada a pasto. (AM). Também ver Charaviscal. (Mato cerrado de espinheiros) (ND-RT)

CHAVASCO – Rude, grosseiro. (AM)

CHAVASQUEIRO – O mesmo que chavasco. V. Achavascado. (AM)

CHAVE – Ainda hoje não é desconhecida, na medição das terras, esta palavra que antigamente e sempre, se tomou por um cotovelo, ponta ou recanto que o terreno faz com algum dos lados.

CHAVE – Em arquitectura, aduela colocada no topo do cimbre de um arco ou de uma abóbada que se coloca em último lugar para o fechar.
CHAVEIRO – Feitor, procurador, despenseiro de uma casa regular ou secular e nem sempre se toma pelo que tem as chaves da porta.
CHAVEIROSO – Delgado, pequeno, magro e como vulgarmente se diz, que cabe pelo buraco da chave.
CHEDDA -Chedda (PA); Adversidade, angustia, aflição. Nome de duas aldeias na província de Trás-os-Montes.
CHEGADIÇO – Os cidadãos com que Rómulo fundou Roma eram chegadiços" i. e´; vindos de fora. (AM)
CHEGADOR – Nas inquirições de el-rei D. Dinis de 1290 se encontra a cada passo esta palavra, no sentido de mordomo ou feitor que cobra, arrenda e faz tudo o que pertence a uma boa administração dos bens e rendas do seu amo. Também; s.m. antiq. O cobrador de direitos e rendas por vontade do credor ou por constrangimento judicial; estes citavam também os devedores (AM)
CHEGAMENTO – Citação, com dia de aparecer, perante as justiças. (BV)
CHEGANÇA – O mesmo que chegamento.
CHEGAR À IGREJA – Fazer bem d'alma, missas, ofícios, esmolas e tudo o mais que pode sufragar às almas dos fiéis defuntos.
CHEGAR À JUSTIÇA – Fazer que alguém seja castigado, obrigar à pena da lei.
CHEGAR AS TESTEMUNHAS – Aduzir as testemunhas em juízo, apresentá-las ao juiz para serem legitimamente perguntadas.
CHENTADOS/CHANTADOS – O mesmo que plantações, vide cantadorias e chusura: Também Plantações de árvores que pegam de estaca.
CHERUBIM – Anjo do segundo coro da primeira jerarquia. (AM)
CHIBARRO – Flor do vinagre.
CHÍCHARO/CÍNCHARO – Feijão-frade. (VB)
CHICHORROBIO – Chapeo chichorrobio; com a aba armada em bico. (AM).
CHICÓRIA – Folha ornamental cujo emprego abundante caracteriza o estilo gótico flamejante e o rococó. (AA).
CHICOTE DE ARMAS - O chicote de armas, na sua forma primitiva, deriva de um instrumento agrícola. A partir do século XIII, com recrudescimento das peças de armadura, o chicote começou a ser uma das armas preferidas do cavaleiro. Uma pancada de um forte chicote era suficiente para fazer voar a mais sólida das peças de reforço e liquidar o inimigo. Normalmente o chicote tinha uma bola de madeira eriçada de bicos. Também podia ter em vez da bola, um pedaço de madeira rectangular e neste caso chamava-se chicote de língua. Estas armas foram muito utilizadas na Europa Central e em França. Curiosamente, é raro vermos referências escritas ou iconográficas a estes chicotes. Só muito excepcionalmente figuram em manuscritos do século XII, XIII ou XIV.
Os ingleses tinham uma especial preferência por chicotes com uma ou várias bolas. Em certos casos tiravam a corrente e colocavam a bola, na extremidade da haste. A esta arma davam o nome de *Soupillon*. Os Alemães usavam uma arma parecida, mas equipada com várias correntes terminando em bolas de ferro a quem davam o nome de Escorpião. Estas armas, no entanto, não foram adaptadas na europa ocidental. O que aqui prevaleceu foi o chicote de armas simples, com uma corrente terminando numa

bola de madeira eriçada de bicos. Os chicotes da peonagem tinham hastes mais compridas, destinadas a golpear à distância o cavaleiro. (MGM)
CHIFRA – Chafra (PA); Raspador. É o nome de um ferro com que os livreiros e os correeiros desbastam os couros.
CHIFAROTE – Chofrat (PA); Cutelo ou folha de espada.
CHIGÃO – Diz-se de cordeiro que mama em outra ovelha por lhe ter falecido a mãe. Chutão.
CHIMAÇO – O mesmo que chumaço, cabeçal, ou travesseiro de pluma de que antigamente se usava.
CHIMILYNHAS – Duas chimylinhas lavradas de ponto real.
CINCALHÃO – Jogo de cartas de duas, quatro, seis ou oito pessoas, cabendo a cada uma delas três cartas. (VB)
CHINCAR – Obter, alcançar a satisfação de um desejo.
CHINFRINICE – Coisa reles, caricata, sovinice.
CHIOLA – Chinela velha, bota grande e mal feita.
CHINCHO/CHINCHAS – Percevejos.
CHINFRAM – Moeda Portuguesa que desde 1489 ficou valendo catorze réis, segundo a determinação de el-rei D. João II do mesmo ano.
CHINFRÃO DE PRATA -El-rei D. João II mandou no ano de 1489 que valesse 14 réis.
CHIQUEIRO – Aldeia já extinta, perto da freguesia de Vinhas, no hoje concelho de Macedo de Cavaleiros. (Caderno Terras Quentes nº 7)
CHISPO – Sapato de mulher mui alto e agudo, usado antigamente fig.: Olhai-me a toucinheira; com quatro reales, que o pai lhe tacanheou e lhe dotou calça chispos de soberba que cuida que a agigantão sobre as suas parelhas e merece um conde. (AM).
CHOÇA – Cossa (PA); cabana dos pastores e dos guardadores dos meloais e das vinhas.
Também; CHOÇA – Abrigo; barraca; bezerreiro; cabana; cadeia; cafua; casebre; choupana; covil; furda; malha; malhada; mocambo; palhal; rancho; rocha; torga; tugúrio. (TMC).
CHOCALHEIRO – Homem que anda vestido de diabo a pedir esmola para os santos. (VB)
CHOCHA – Vagina. (VB)
CHOCHICE – Banalidade, coisa reles, sem valor.
CHORÇA – Corrup. de choça; cama; vou à chorça, vou á cama, vou deitar-me (Lagoaça e Freixo de Espada á Cinta, Gír. (ver, choça) (TMC)
CHOURIÇO DOCE/MEL – Pedaço de tripa de porco, ceia de pão mel e amêndoas. (VB)
CHOUSA – Bostelo; tapada; cerrada; chouseiras; coutada; mata; parque; rameira.; tapume. Do Eluc. Uma fazendinha ou pequeno espaço de terra tapado sobre si. (do latim clando) “duas herdades, hum quintal huma chousa, doc. de Moncorvo, 1407. (TMC)
CHUCITO – Simplório, tontito, pateta. (VB)
CHUIVA – Chuva.
CHUPÃO – Chaminé de ferro ou zinco (VB)
CHUPISTA – Pessoa dada ao vicio de beber “é um bom chupista” (AM)
CHUPISTAR – Chulo, beberricar, beber até embebedar-se, ou toldar-se.
CHUIVEIRO – Chuveiro.
CHORECER – O que em boa hora há-de vir ou chegar. 1247
CHOS – O mesmo que chus. 1297.

CHOURENSE – Aldeia já extinta, perto da freguesia de Carrapatinhas no hoje concelho de Macedo de Cavaleiros (Caderno Terras Quentes nº 7).
CHOUSA – Uma fazendinha ou pequeno espaço de terra, tapado sobre si. Vem do Latim claudo, fechar, tapar, encerrar.
CHOUSAL – O mesmo que chousa. Não negaremos, contudo, que nos documentos do século XIV, XV e XVI, se torna ordinariamente, por uma herdade que mais serve para pastagem de gados que para terra de pão e outros frutos. Chamam hoje na Beira a estas fazendas chavascaes e no Minho bouças.
CHOUSURA – Parede, valo, tapume, que fecha separa e divide uma fazenda da outra.
CHOUVIR – Fechar, encerrar, tapar.
CHRISTODOLINDA – Nome de mulher, correspondente a Cristóvão ou Cristoval, nome de homem.
CHUMAÇO – O mesmo que chimaço.
CHUS – Adv. Mais. Doc. 1290; Porém os latinos chamaram chus ou chous à medida de nove quartilhos ou peso de oito arratéis e também ao caldeirão ou vaso de tirar água.
CHUSURA – Clausura, tapume, resguardo de uma fazenda, prescindindo de ser muro valado, sebe ou estacada.
CIBO – Bocadinho, pedaço (VB), também, **cibo** (que até vem do latim, cibus, cibi, comida) no sentido de um naco de pão ou de qualquer coisa comestível manuseável (um cibo de pão, um cibo de chouriça, um cibo de presunto, etc... (MC)
CIBÓRIO – 1) Vaso para guardar as hóstias. 2) Baldequino que cobre o tabernáculo do altar-mor.

Cibório ou Píxide – Igreja de
Vale da Porca; foto espólio ATQ

CIBRAÃO/CIBRÃO/CIBRIÃO – Cipriano, nome de homem, e como que ainda hoje nomeiam S. Cipriano. No ano de 1317 mandou el-rei D. Dinis fazer uma povoação, junto ao castelo de vila nova da Cerveira, e soube que aí avia peça d'homens que o queriam fazer que pediam pera acoirelamento dessa pobra vinte e oito casais que hy à juntados com esse lugar de Cerveira.
CICLATON/CICLATOM/CIGLATON/CICLATUM/CHIGATON/SIGLATON/SINGLATON – Pano de seda forte, fino e precioso umas vezes entretecido e outras bordado com ramos de ouro a que chamamos tissu ou tessúm. Deste pano se faziam roçagantes vestidos, assim de homem como mulher, com figuras de túnicas, estreitos em cima, largos e redondos nas fímbrias, que se podiam sobraçar a que chamavam cjclas ou cycladas.
CID – Sid (PA); Senhor. Título de honra. Deriva-se do verbo "sada" dominar, senhorear, governar.
CIDADE – Povoação de graduação superior às Villas, ou Concelhos, e povoações grandes. Elucidário Art. Cidade; A cidade por excelência se entende daquela onde estão os que

fallão (AM). Também; hoje chamamos cidade a uma multidão de casas distribuídas em ruas e praças habitadas por gente, que vive em sociedade e subordinação às leis gerais do reino ou província.
CIFAR – Preparar a nau, ou qualquer outra embarcação, para se lançar às águas, dar-lhe crena, calafetá-la, abastecê-la, armá-la.
CIFRAS NUMERAES OU ARITHEMETICAS – Já dele se tratou, vide, algarismo. Acrescentamos agora que, sendo indispensável para os usos da vida a ciência dos números, todas as nações cultas usaram das letras dos respectivos abecedários no exercício da aritmética, na qual as romanas tiveram, enfim, o lugar primeiro em toda a europa.
CIFRAS NUMERAES – Diz o autor da Paleografia Hespanhola, impressa em Madrid no ano de 1758, ser persuasão de alguns que as cifras numerais arábicas se usavam já em tempo de Boécio, que morreu no ano de 524; e que as havendo inventado os Índios e trazidos os árabes a Espanha, daqui as levara a França, Gilberto monge Floriacense que, pelos anos de 999, foi o pontífice Silvestre II.
CIGANOS – s.m. chulo. Raça de gente vagabunda que diz vem do Egipto e pretende conhecer de futuros pelas rayas ou linhas da mão, deste embuste vive e de trocas e baldrocas; ou de dançar e cantar; vivem em bairros juntos tem alguns costumes particulares e uma espécie de Germania com que se entendem: pola, mayor parte, são vagamundos polos campos e sertões (do Itali. Cingari, ou do Allemão Ziegeuner) – Cigano – Um dos carneiros de aguia entre Pastores e ciganos. Adj. Que engana com arte, subtileza e boons modos. (AM).
CIMA – Fim, termo, remate.
CIMEIRA – Penacho ou outro adorno do capacete. – Nos escudos timbre ou peça que se põe sobre o elmo. Severim: - Capacete ou elmo ou coisa que o pareça e cobre e defende com os capellos de moinhos. Coruchéus etc.
CIMBÓRIO – Zimbório.
CIMQUOESMA – Este vocábulo designava a festa do Pentecostes ou do Espírito Santo; representa em latim quinquagésima ou melhor cinquagesima. De facto, aquela festividade cai cinquenta dias depois da Páscoa. (LV)
CINFA – Cordão, cinta, correia, etc. com que alguém se cinge e aperta. Assim chamavam antigamente ao cordão com que os ministros do altar apertavam as alvas.
CINISGA – Rapariga magra e esperta. (VB).
CINGEL/SINGEL – Uma junta de bois. É do século XVI.
CINQUINHOS – Eram cinco réis de prata. Esta moedinha fez lavrar el-rei D. João II e seu sucessor D. Manuel.
ÇINQUO – Cinco.
CINTA – "… e pôs a mão em uma espada, que tinha cinta cingida.
CINTAS – Cingidas.
CINTEMENTE – Cientemente, com advertência e reflexão.
CINTOS GUARNECIDOS – Entre as peças mais caras do vestuário estavam os cinturões incrustados de prata e por vezes de pedras e esmaltes. (HS)
CINUNA/CINUNHA/SENOGA/ESNOGA – Sinagoga ou assembleia dos judeus. No ano de 1386 el-rei D. João I mandou à câmara do Porto que assinasse, dentro dos muros daquela cidade, certo lugar apartado para que os judeus que nela residiam fizessem nela a sua judiaria.
CIPO/CIPÓ – Pau pequeno ou cacete (VB)

CIPOTE – Pau ou cacete maior que o cipo. (VB).
CISPO – Sapato de mulher mui polido e alto que, antigamente, se praticava entre as mais vaidosas e menos sisudas. Hoje é presunto, ou pé do boi, vaca ou porco.
CIRA – Mata, brenha, lugar cheio de silvados e matagais. À direita do Tejo e a cinco léguas de Lisboa, havia uma dilatada cira ou mata que el-rei D. Sancho I doou a D. Raulino e outros flamengos no ano de 1200, para ali se estabelecerem e com as maiores franquias.
CIRADELHA – Topónimo referido na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.570), como de interesse arqueológico, todavia não se encontrou nas folhas de registo da freguesia de Morais. (TMC)
CIRANDA – Saranda (PA); Instrumento de pedreiros de que se servem para cirandar a caliça miúda. Há ciranda de junco com arco à feição de peneira com que cirandadão a cal branca para guarnecerem as paredes. Deriva-se de o verbo "sarada" encadear, enlaçar, tecer uma coisa com outra.
CIRCUMCELLIAES – Hereges que formavam um ramo dos Donatistas. Século XIII (AM)
CIRCUMCISADO – Circuncidado.
CIRCUNDAMENTO – Circuito, cerca, barreira, divisa, termo ou limite de algum casal, campo, terra, propriedade ou fazenda.
CIRCUNDUCTAR – Haver por nula de nenhum efeito: circunductar a citação quando as partes desertam do foro. (AM)
CIRIAL – Tocheiro para cirios.
CIRITA – O solitário, ermita, separado do mundo, para de todo se entregar aos louvores e culto de Deus.
CIRIEIRO – Produtor de velas. (VR)
CIRNE – Cisne, ave.
CIRVILHEIRA – Barrete, gualteria e propriamente, carapuça de rebuço, que cobria o pescoço e parte dos ombros.
CISCA – Neve que o vento arremessou a distância. (VB)
CISCAR – Espargir. Nevar. (VB).
CISDADA -Cisco, lixo, imundices que das trovoadas ou enchentes ficam nas bordas ou margens dos rios.
CISEIRO – Homem que recebe a cisa (sisa)
CITAR POR PALHA – Vide palha.
CITÁRRA – o mesmo que acitara.
CIVEIRO (SABOR AO) – Vinho caracterizado pelo seu mau paladar devido à podridão da vasilha (gosto a coveiro). (LV)
CÍVEL – Lugares livres – Muito bons lugares de gente civilizada, caridosa, cortesã
CIVES (LUGARES) – Os das gentes civilizadas., caridosas, cortesãs.
CLAMAR-SE – Chamar-se, dizer-se.
CLAROM – Clarim, trombeta de som agudo e claro.
CLASSICISMO – qualidade ou caráter do que é clássico; doutrina ou tendência (estética, literária, artística, teatral, filosófica etc.) que se funda no respeito da tradição clássica e que tem como características os ideais da Antiguidade greco-latina e, ainda, a noção das proporções, o gosto das composições equilibradas, a busca da harmonia das formas e a idealização da realidade; época em que os clássicos produziam obras de arte; a época clássica; época em que os clássicos produziam obras de arte; a época clássica; sistema

dos partidários exclusivos dos escritores da Antiguidade, ou dos escritores clássicos dos séc. XVI-XVII
CLASTA/CRASTA – Claustro, saguão, pátio, interior de algum templo ou ermida ou casa de oração e religiosa. 1483.
CLAUSTRA – Páteo fechado dos conventos.
CLAUSTRAES ou CONVENTUAIS – Assim foram chamados os frades de S. Francisco, depois que deixaram de observar alguns preceitos da sua regra; ao princípio por abuso ou relaxação e, depois do ano de 1517, por bulas e dispensações pontifícias.
CLAUSTRAL – Assim foram chamados, já desde o século XIII, os frades de S. Francisco, que não observavam certos preceitos da sua regra, e que viviam em grandes conventos à diferença dos que, perfeitamente, a guardavam nos conventinhos ou ermitórios, cujas igrejas não podiam chamar conventuais.
CLAUSTRALIDADE – A relaxação dos claustrais, oposta à observância dos reformados.
CLAUSTRO – Assim disseram uma tapada defendida e separada com paredes ou outros quaisquer tapumes.
CLAVA – Arma de Hercules; era um pau grosso para baixo, nodoso. (AM)
CLAVARIA/CLAVERIA/CRAVARIA – Oficina, onde se guardavam os provimentos, preciosidades, dinheiros e depósitos das comunidades grandes e religiosas. Também a casa onde se fazem e ajustam as ditas contas. E finalmente o ofício dignidade pu ministério do Craveiro.
CLAVARIO/CLAVEIRO/CRAVEIRO – Era propriamente um mordomo, despenseiro ou porteiro-mor a quem estavam cometidas as chaves das principais oficinas da comunidade.
CLEAR/CLIAR – Criar ou produzir alguma cousa física ou moralmente.
CLEMENTE VII – Eleito Papa em 1378. Clemente VII (castelhanos e Franceses) foi residir para Avinhão. No mesmo ano 4 meses antes tinha sido eleito Papa, Urbano VI que residia em Roma (Portugueses e Ingleses). A cristandade teve até 1417 dois Papas. É o grande cisma do Ocidente.

Brasão do Papa Clemente VII (1378/1394 (Avinhão)
Museu Martim Gonçalves de Macedo, espólio da Associação Terras Quentes

CLÉPSIDRA – Relógio de água, medindo o tempo por escoamento de certa quantidade de água que cai de um reservatório para um recipiente graduado.
CLERESTÓRIO – A parte superior das paredes de uma igreja, sobre as naves laterais, iluminada por janelas.
CLERIGA – A religiosa ou monja que tem a obrigação de rezar no coro o ofício divino e a que hoje chamam corista.
CLERIGO – Todo e qualquer ministro da Igreja, iniciado, admitido ou assumpto, prescindido de estar em grau superior ou inferior, contanto que o seu ministério se ordene próxima ou remotamente à celebração do sacrifício incruento do altar.

CLERIGO-MONGE FORA DE SEU MOSTEIRO – A grande capacidade dos monges era a causa, de que os bispos algumas vezes, escolhessem d'entre eles os mais hábeis para os ministérios da Igreja, e os afixarem à sua catedral, ou a qualquer outro lugar sagrado ou religioso emprego.
CLÉRIGOS CASADOS – Os que não tendo ordens sacras, se casaram e foram admitidos ao serviço de alguma igreja ou santuário.
CLERIGOS SEGRES – Os clérigos ou eclesiásticos seculares, que não vivem em comunidade e com vida religiosa ou monástica em alguma corporação de mãos mortas.
CLÉRIGOS SOLTEIROS – Os de ordem menores.
CLÉRIGOS SOLTEIROS E CASADOS – Dos clérigos casados falam mui largamente os sagrados cânones e os seus comentadores e intérpretes. No ano de 1352 fez passar el-rei D. Afonso IV uma gravíssima carta circular, dirigida a todos os bispos do reino sobre os crimes e excessos dos eclesiásticos e outros pontos, que respeitavam a tranquilidade e reforma da igreja e república.
CLÍPEO (CLIPEUS) – Ornamento arquitetónica que consiste num medalhão com um retrato de alguém já falecido.
CLIPEUS – Escudo pequeno. (PB)
CLOQUIARES – Colheres. Ano 1000.
COANHOS/CO(A)NHADEIRA/COANHAR – Os restos de palha que ficam na eira depois de malhado o trigo. (LV)
COBERTAL – Cobertor.
COBERTO – Tampo horizontal do degrau de uma escada. Piso do degrau, coberta. Numa escada em caracol o cobertor é triangular, numa escada direita o cobertor é rectangular. (AA)
COBIÇANTE – O que muito deseja, cobiça e apetece alguma coisa.
COBRADA DE PEIXOTAS – Duas ou um par de pescadas. No ano de 1326, emprazou o mosteiro de Tarouca o souto da Sapata com o foro de quatro, e hum cobrada de peixotas. Hoje dizem uma quebrada de pescadas.
COBRADAS – Eluci., de cobro "Os reguengueiros do aro de Lamego pagavam anualmente ao mordomo d'el-rei certo foro de carne de porco a que se chamava cobro e cobros. (TMC)
COBRAR – Tomar (NAP)
COBRAR ESFORÇO – Ganhar coragem
COBRAZIL – Vide corazil.
COBRO – Os reguengueiros do aro de Lamego0 pagavam anualmente ao mordomo de el-rei certo foro de carne de porco a que chamavam cobro e cobros. A quantia ou peso desses cobros não está muito fácil de se averiguar.
COBRAR – conquistar.
COBRO – Paga; Recompensa; Ganho.
COBTOS – Coptos ou coptas, cristãos do Egipto e da Abissínia.
COCÂO – Espécie de cunha de pau que conservava o eixo do carro dentro das cantadouras e que, uma vez apertada faz chiar o carro. (LV). Também; São duas peças de pau embebidas nas chedas do carro; entre elas anda o eixo, que eles sogigão ao leito do carro. (AM)
COCARIA – Local onde se faz a comida dos trabalhadores do campo. (LV)
COCEDERA/COZODRA – Colchão. V. Almucella cem do latim culcitra, que não significa colcha, mas tão-somente Colchão.

COCEIRA – O mesmo que sarna.
COCHARRA – Colher. (VB)
COCHEIRO - Pessoa responsável por conduzir os cavalos em uma carroça ou carruagens. Eles eram uma espécie de motorista para a nobreza. (CM)
COCHINO – Homem sujo, imundo, porcalhão. (VB)
CÕDIÇÕ – Modo; circunstância. Foral de Outeiro. (MJ)
COÉFORO – na Grécia antiga, aquele que levava libações e oferendas para os mortos. (DH)
COELHEIRA – O caçador de coelhos.
COENATIO – Um quarto nas antigas casas romanas para jantar ou banquetes no primeiro andar ou por vezes no exterior.
COFO – Espécie de escudo, capacete ou adarga.
COFOS – Coffon (PA); Voz Pérsica. Espécie de escudos de couro dobrado de que usam os soldados na Persia. Trazem uns escudos a que chamam cofos. Itinerários de António Tenreiro. Trazem uns escudos feitos de seda e algodão a que chamam cofos, muito fortes que os não passam nenhuma frecha. O mesmo António Tenreiro cap. I pág 359.
COGNOÇUDO – Conhecido ou conhecida.
COGNOSCER – Conhecer, saber, vir à notícia de alguém. Daqui a fórmula trivial do século XIII.
COGOMBRO – Pepino.
COGULHA Romeira ou robe de capucho usada pelo povo ou por monges
COGULLO - Medida quadrada que levava um alqueire acogulado e da qual ainda hoje se usa na Província do Minho.
COIFA – Parte da armadura que resguardava a cabeça; Também Barrete de tecido que se colocava o bacinete.
COILON, KOILON – O mesmo que teatron, ou seja, as bancadas ou cavea do teatro grego.
COIMA – Satisfação, multa ou pena, que se leva pela injustiça, injuria ou afronta cometida. No aro de Lamego havia o costume péssimo que el-rei D. Afonso IV extinguiu nas suas primeiras cortes. Quando se achava algum homem ou mulher mortos sem se saber o agressor, a terra ou lugar mais vizinho era obrigado a pagar ao mordomo trinta maravedis ou provar quem o matou ou por que causa e de que sorte morreu. (AFONSO); Coima/Calúnia; Penas pecuniárias impostas aos culpados de certos delitos e que revertiam, parte para o concelho, parte para o queixoso. A quantia a pagar por cada delito era estabelecida, geralmente, pelo foral ou assentava na tradição.
COIMEIRO – Umas vezes se toma pelo que tem a seu cargo cobrar as coimas. 1391. Também se disse da pessoa terreno, sítio ou casal cujo uso é defeso e sujeito a coimas.
COIRAMA – Toda a espécie de couros.
COIRELEIROS/QUAIRELEIRO/CAURELEIRO – Assim se foram chamados os homens bons de concelho, chãos e abandonados que, antigamente estavam destinados para repartir em casaes ou coirelas as terras conquistadas, desertas ou bravias aos povoadores que, de novo, as iam romper e habitar.
COIRELLAQUAIRELLA/QUAIRELARIA/QUADRELA – Casal que constava de algumas peças de terra umas vezes juntas e outras separadas, mas sempre bastantes para sustentação e mantença de um lavrador e sua mulher, além dos filhos ou serventuários indispensáveis para a lavoura.
COITA/CUYTA – Necessidade, pobreza, lazeira, dor, pena e aflição. Daqui coitado de que usa Camões e cuytado de que se usava no século XIV.

COITELHO – Conchoso, cerrado, um pequeno recinto fechado sobre si, que serve de horta, jardim, pomar ou logradouro das casas.
COITO – Cozido. Pão coito, pão cozido. Século XIV. Também; O mesmo que couto. Certa porção de terra demarcada por autoridade do príncipe. Também; Cozido; pão coito d'aqui recoito e biscoito, recozido, Pão dos descobrimentos. (AM)
COIRMÃO/COIRMÃ – Primos coirmãos; filhos de dois irmãos ou irmãs;
CÓITO – Cópula carnal.
COIXOTE – Armadura defensiva das coixas. Orden Afons. 5 fol 156. (AM)
COLACA – Latrina cavada num espaço exterior à casa de habitação. (VB)
COLAÇÃO – Comida leve.
COLARÊTE – O mesmo que punho; colar ou gola de um vestido. (LV)
COLCHEIROS – Oficial que tecia colchas. Também; Pessoa que tecia colchas. (Colcheiro de S. Cosmado, doc. De Tarouca, 1286). (CM)
COLEIÇA – Colheita, acção de colher ou recolher os frutos que produz a terra.
COLARÊTE – O mesmo que punho; colar ou gola de um vestido. (LV)
COLDRE – Rameira. (VB)
COLGA – Mulher preguiçosa. (VB)
COLHEROTO – Colher grande de madeira usada na matança do porco. (VB)
COLHEYRA – A bolsa dos Testículos.
COLHARES – O mesmo que colheres.
COLHEICEIRO – Rendeiro, homem que cobra, recebe e recolhe as colheitas de el-rei. Século XIV; (doc. de Lamego do século XIV). (CM)
COLHEITA – Certo foro e pensão que os vassalos pagavam ao príncipe ou senhorio quando este vinha à terra uma vez cada ano e, não vindo, lha não pagavam. Porém com o rodar dos anos só foi introduzindo o pagarem-lhe, posto que, com efeito pessoalmente, não viesse – Colheita, comedura; procuração; visitação; jantar e parada são sinónimos ou, em muito pouco diferem.
COLHERES/COLHARES – São direitos que diversamente se pagavam, segundo os usos e forais das terras. Em Chaves pertencem à coroa os açougues e colhares e pessoal e a voz e coima e maninhos e montados, como diz o foral de D. Manuel 1514. Estas colheres em Chaves nada mais é que o direito do sal, paga-se de cada alqueire uma colher que é um çalamim visto que dezasseis colheres fazem um alqueire.
COLHERES OU FANGAS – No foral do porto de 1517, impresso na mesma cidade, no de 1788 (com gravíssimos erros na doação da rainha D. Teresa de 1120) se chamam colheres ou fangas umas pequenas medidas ou maquias (quarenta das quais faziam um alqueire) de todo o pão, farinha, nozes, castanhas e legumes que à dita cidade vieram pela terra ou pelo rio para se venderem, as quais colheres são para o bispo ou para o castelo.
COLHER-SE – Recolher-se, amparar-se, refugiar-se, valer-se.
COLHETANO – Livro, em que estão dispostas, por sua ordem as orações a que chamam collectas. 1455.
COLHIMENTO – Acolhimento.
COLHEYRA – A bolsa dos Testículos.
COLLAÇÃO – Nas inquirições reais da torre do tombo se chamam collações as freguesias. E isto pela razão de viverem os fregueses debaixo da particular inspecção e cuidado do seu respectivo pároco ou pastor que nas mesmas inquirições se chama ordinariamente

prelado. Também; O mesmo que collecta. Família, comunidade ou gente religiosa, que vive e habita na casa do senhor debaixo da obediência de um prelado.
COLLACIA – Familiaridade, união respeito e amizade, entre os quais são ou foram colaços, isto é, companheiros de leite, alimentados e nutridos aos peitos da mesma mulher, que é mãe de um e ama de outro.
ÇOLLACIA – O mesmo que celeiro, armazém, tulha, adega ou outro qualquer edifício, em que os frutos e outros quaisquer depósitos ou provimentos se põem a bom recato.
COLLECTA – O mesmo que Colheita, el-rei D. Afonso I instado pelos moradores de Melgaço lhe deu o mesmo foral, que já tinham os moradores do Burgo de Riba d'ave.
COLLER – Arrecadar, colher.
COLLO – Ombro, cabeça, costas. Também; poderão tirar o pescado em terra e mandado à ribeira diretamente em collos de homens ou bestas.
COLLONHA – Toda e qualquer carga ou feixe que homem ou mulher leva ao ombro, às costas ou à cabeça.
COLLONHO – O mesmo.
COLOBIUM – Longa túnica sem mangas de que é revestido Cristo na cruz na iconografia bizantina.
COLOBRETAS - Uma última palavra deve ser dita para lembrar o aparecimento dos «espingardeiros» (em Tânger, 1437) e das primitivas armas de fogo portáteis: as «colobretas», já presentes no inventário do armazém real de Lisboa, entre 1438 e 1448, a par de muita pólvora, de diversos acessórios pirobalísticos e, curiosamente, das velhas armas brancas e de malha metálica que tinham feito furor na época precedente. Ver João Gouveia Monteiro.
COLOR – Cor.
COLLUMELLO/COLMELO/CUMELLOO/CULMELLO – Instrumento público escrito por colunas ou fosse no corpo ou nas assinaturas dos confirmantes e testemunhas.
COLMEEIRO – O que trata das colmeias. Vide meleiro.
COLMEIRO – Paveia, braçado, molho, não só de colmo ou palha centeia, mas também de palha triga, painça ou milha.
COLMENEIROS – A irmandade dos colmeneiros de toledo teve princípio em 1220, aprovando-a D. Fernando, o santo. Era seu destino perseguir os bandoleiros e salteadores do termo e montes de toledo, que eram muito e atrevidos com o abrigo da vizinhança dos mouros. Estes bandoleiros chamavam-se Golfins e elegeram um para seu rei a que chamavam Carchena.
COLODRA – Cabaça grande para ter ou medir vinho. Ainda hoje, em algumas terras de Portugal, se chama colondra e a esta espécie de cabaços disseram colombros. Parece que a colodra levaria um cântaro ou seis canadas.
COLONHA/COLONHO – Feixe ou carga que homem ou mulher leva às costas ou à cabeça, à diferença das que se conduzem em barcos, bestas ou carros. 1355. Também; Disseram de marco de colonha o que foi inventado ou trazido a portugal da cidade de colónia, bem assim como hoje dizemos balança romana, palmo ou pé parisiense.
COLONHA (MARCO DE) – Na Câmara do Porto se acha uma provisão real de 1488 pela qual se manda que se não pese mais o ouro e a prata e todas as outras cousas senão pelo marco de colonha; e mais se não usem nem se tenham os pesos antigos.
COLUMBARIUM – Câmara sepulcral com paredes de nichos semelhantes aos ninhos de um pombal em que se colocavam as urnas cinerárias. (AA)

COLUMELLO/CUMELLO/CULMELLO – Escritura ou instrumento público, escrito por colunas, ou seja, no corpo ou nas assinaturas dos confirmantes e testemunhas.
COLUNAS (DE HÉRACLES/HÉRCULES – Designação dada outrora ao estreito de Gibraltar. (ET).
COLYMBETHRA – Um baptistério, ou a sua fonte, numa igreja grega. (AA)
COLIMBION – Uma bacia para água benta na igreja Grega., (AA)
COMARCAR – Fazer limite, confrontar. Também; Exercer autoridade (NAP)
COMBADOS – Terceletes encurvados lateralmente que envolvem os fechos das abóbadas manuelinas.
COMBONAS – Camboas, artificio de pescar o peixe, que sobe na maré; pesqueira que se forma na costa do mar e, bem conhecida, na província do Minho.
COMBORÇA – Mulher amancebada, isto é, que vive com um homem com quem não é casada.
COMCIBIMENTO – Concepção – A gestação a época do parto (a dona estava prenhada) (LV)
COME – Adv. Como.; Também; Como. Forma dissimilada.
COMEDÍAS – Os reis as davam aos militares beneméritos, como benefício vitalícios.
COMEDIMENTO – Modéstia, decência, respeito, cautela, gravidade, moderação.
COMEDORIA – O mesmo que colheita ou jantar. Era certa pensão ou foro que as enfiteutas ou colonos ou diocesanos ou vassalos pagavam a el-rei quando vinha pelas terras a fazer justiça; aos bispos quando visitavam a sua diocese e a qualquer senhorio que tinha o domínio directo de algumas terras ou casais.
COMEDOURO – Capaz de se comer.
COMEDURA – O mesmo que comedoria.
COMEGOO – Comigo.
COMENDADOR – Ao provedor, director ou curador dos hospitais que alguns mosteiros e corporações eclesiásticas antigamente conservavam junto a si com particulares bens e rendas separadas se deu o nome de commedador porque se lhes encomendavam não para os destruir, mas sim para que tirada a sua côngrua e honesta sustentação tudo o mais se dependesse em as necessidades dos enfermos, pobres e necessitados. Também; feitor ou procurador de um mosteiro de religiosas ou qualquer outra corporação, cujos bens e rendas lhes estão cometidas para o melhoramento e cobrança.
COMERCIANTE - Mercator. CIL 6110. (CM)
COMERCIANTES DE FERRO - Negotians ferrarius – CIL 1199. (CM)
COMESINHO – Cousa de comer. 1466 manda el-rei que os mercadores estrangeiros não comprem pelas comarcas deste reino aver de pezo, nem comezinho, excepto pescado, sal e vinhos; nem os naturais possam ter com eles companhia ou interesse.
COMETIMENTO – Empenho, acção, empresa, determinação resulta de fazer alguma cousa grande.
COMER – Depois de comer = cerca do meio-dia. O comer era o jantar ao fim da manhã. Também; fazer comichão.
COMEYOS – Neste meio tempo, entretanto. 1280.
COMHA – Como
ÇOMICHA – Ver Somichas.
ÇOMICHAS/SEMICHAS/SOMICHAS – Verteduras do vinho mole à boca do Lagar que era uma canada em almude.
COMICO – Vide breviário.

COMITATO – Comitato na significação da Curia do Príncipe. Onde se agitavam e decidiam as causas ou se conseguiam as mercês do soberano.
COMMENDA – Benefício que se dá a cavalleiros das Ordens por serviços ou por outro título; Commendas velhas na Ordem de Christo, são as que se erigirão dos bens dos templários que foram neste reyno; as novas foram acrescentadas pelo Sr. Rei D. Manuel. Ver Preceptoria, Vencer Commenda; o que serve para lha darem. Goes Chrónica M. 4 p. c.76 e cit; sercir comenda; o que milita pola que já deram. Às vezes se tomam no mesmo sentido, mas V. Servir a merce, o benefício. – Terra que em tempos antigos se dava a commendeiros, ou comendadores para a guardar, defender, proteger dos inimigos e malfeitores e manter a paz e justiça do districto della a seus moradores. (AM).
COMMENDADOR – O cavaleiro que tem comenda: os Commendadores podem trazer a insígnia bordada em placa ou Chrachat e pola parte superior o Coração de Jesus. Lei de 1790: - antigo O provedor ou administrador do Hospital. Elucidar: art. Commendador; defensor, protector da Igreja, Mosteiros e suas possessões, terras, castelos, colónias. (AM).
COMMENTISTA – Pessoa que faz commentos, i.e., adições e reflexões maliciosas às acções ou palavras de outrem.
COMMEOS – Vide comeyos; seja escrivão e escreva de commeos por ambalas partes.
COMMISSORIO – Proibição, couto, defesa, mandado rigoroso, preceito firme ou lei penal que impõem aos agressores certa multa ou confiscação dos bens da fortuna ou pena dos corpos.
COMMUUNS – Este nome se deu às mourarias, em que viviam os Mouros, segundo as suas próprias leis, governados pelos respectivos alcaides e apartados inteiramente (assim como os judeus nas suas judiarias) da vivenda e familiaridade dos cristãos, nas terras grandes e notáveis. A cada uma dessas mourarias chamavam comum ou comuna.
COMO – "uus com varas nas mãos pera reger os jogos como el-rei chegasse" – Logo que.
COMO ASSI SEJA QUE – Visto como, pois, que.
COMO DE CABO – Vide Cabô.
COMO QUER – Posto que; ainda que; sem embargo; não obstante.
COMO QUER QUE – Posto que, ainda que, sem embargo, não obstante.
COMPADRADÊGO/COMPADRADIGO – Compadrio; ser compadre de alguém.
COMPADRIGO – É o que hoje dizemos compadrio; ser compadre de alguém.
COMPANHA – Companhia; Gente de armas. Ajuntamento, multidão; pessoal que compõe a tripulação de um barco de pesca e também como sinónimo de companhia.
COMPANHÃO – Testículo, Galvão, Descobrimentos f.46: - Companheiro. (AM)
COMPANHEIRO – Amigo de companhia; Daqui; Vida ou natureza companheira.
COMPANHIA DOS CONEGOS SECULARES – Muito antes da companhia denominada de Jesus fosse vista em Portugal, onde entrou com honra e acabou com ignomínia, já a congregação dos cónegos seculares de S. João Evangelista, a que chamavam Loyos havia sido intitulada e já desde os seus princípios.
COMPANHOM/COMPANOM – Sócio, companheiro, camarada. 1316.
COMPARAR – Comprar, doc. 1278.
COMPAXOM, CAOMPAIXON, COMPAISON, COMPASSIOM – Compaixão.
COMPERENDINAÇÃO – Suspensão da pronúncia da sentença, por não estar ainda bem averiguada e discutida a causa.

COMPETRAS – Completas (uma das horas em que se divide o ofício divino) em Viterbo, edição de 1865, vem compedras na acepção de completa como extraído dos Inéditos de Alcobaça.
COMPLANAR – Inteirar, repor, satisfazer, encher inteiramente.
COMPLENTE – Água complente, maré cheia. Os nossos navios começarom de sahir com a água foi complente com suas contenenças muy contrárias do que os mouros ficavam, pois estes ficavam lamentando o abrasamento de Larache, e os portugueses iam bailando de alegria, por terem saqueado e reduzido a cinza uma vila tão formosa e rica. Crónica de D. Pedro Liv. 1 cap. 58.
COMPLENTE (ÁGUA) – Maré cheia, praia-mar.
COMPLÚVIO – *complivium*, Abertura rectangular no átrio da antiga casa romana com telhado inclinado para dentro, de modo que a água da chuva escorresse para um tanque por baixo o *Implucium*. (AA)
COMPOENDOR – O que faz as pazes entre os discordes.
COMPOER/COMPOOER – Compor. 1359.
COMPONER – Compor, satisfazer, 1359.
COMPOONDOR – O que faz as pazes entre os discordes.
COMPOSIÇÃO – Assim chamavam às terras ou herdades, que tinham sido dadas ou cedidas por amigável composição.
COMPRA DO CORPO – Assim chamavam às arras ou dote que o marido dava à sua esposa e futura mulher.
COMPRADÉA/COMPRADÍA – Mandamos se alguém veer, que diga que nos tragemos algums herdamentos, também da nossa avoenga, como de compradia, que prove, que he seu. E logo o mesmo que compra, ou bens que se compraram, à diferença dos que por herança, se conseguiram.
COMPRIA "Defendiam-nos aas beestas, se compria" – Se tanto era necessário.
COMPRIDA – Comprimento, número, conta certa e determinada.
COMPRIDAM - Comprimento
COMPRIDAMENTE – A língua moderna retomou a expressão latina "completamente" que sob a influência do verbo cumprir dera origem ao antigo adverbio. Também; Perfeitamente.
COMPRIDO – Perfeito completo e sem lhes faltar cousa alguma.
COMPRIDOIRO – Conveniente, azado, apto, jeitoso, a propósito.
COMPRISSE – Barbacã, muro exterior da fortaleza.
COMRRUMPIMENTO – Corrupção – Influência analógica dos nomes que guardam o prefixo "com".
COMSENTIR – Aquiescer, concordar.
COMTO – No sentido de número, usa-se hoje de preferência "conta".
COMUA – Cómodo destinado a latrina.
COMUDAÇÃO – Comutação; acção de substituir uma cousa por outra.
COMUNA – Assembleia, sociedade, congregação, ajuntamento, companhia.
COMUNAL – Comum, ordinário. Séc. XIV/XV.
COMVINDAR – Convidar; a forma convidar comum ao português, galego e castelhano, faz-nos supor que o invitare latino se tornou na Península em "cumvitare"
CONA/CONAS – Assim escreviam no século XIII e XIV o que nós escrevemos deste modo: com-a; com-as.
CONAS – Que ou aquele que tem comportamento de maricas, picuinhas. (VB)

CONCEIÇÃO – Moeda de ouro que fez lavrar el-rei D. João IV com o valor de 12$000 réis; Tinha de uma parte, a senhora da Conceição com os símbolos deste mistério nos lados e, no reverso as armas reais em cima da cruz da Ordem de Cristo. Também as lavrou em prata.
CONCELHEIRAMENTE – Com plena advertência, liberdade total, a sangue-frio, com sossegado, maduro e deliberado conselho.
CONCELHO – s.m. Chamam Concelho algumas terras e aldeias juntas, governadas pelos mesmos estilos e justiças debaixo do mesmo senhorio: - Camara de Villa; v.g. "Terras do Concelho" i. é. Do termo da villa; deliberação do Concelho, vereação. Ord. Af. 2, 59.9 e syão nas Rollações e Conselhos que se fazido nos lugares. V. Conselho: - As pessoas do Concelho; que o compõem; mandarão apregoar (convocar por pregões) o Concelho." Ord. Af. 1.23. 46; - São todos os cidadãos e vizinhos da terra alem dos que costumam andar no veramento e governança (que chamam propriamente a Camara) "chamar o Concelho": - Concelho Foral; ajuntamento do Concelho para deliberarem sobre o seu foral. – Que as nossas Justiças fazido concelhos e audiências nas Igrejas e nos adros dellas mayormente em feitos criminaes" nos casos que os juizes devem julgar com a Camara v.g. dos que vendem carne fora dos açouges de appellações e agravos dos almotacés, etc.: - Paços do Concelho; Casa da Camara: - Concelho antigo; Concilio, Synodo "Ditado para o Sagrado Concelho Geral" (AM). Também; antigamente se tomou esta palavra, no significado de sínodo, assembleia eclesiástica e concílio.
CONCELHO FORAL – Junta da Câmara e homens bons do concelho para fazerem ou deliberarem o que se determina no seu respectivo foral, à diferença das juntas e chamamentos que se faziam para outros negócios ordinários.
CONCHA DE ESPELHO – E das hastes das lanças, de dardos, d'azagaias e gurgures e de conchas de espelhos… e de fusos colzouros e penteas. Também; as que eram ou faziam artificiosamente, luzidias.
CONCHUSO? – "Excecional é o caso de João do Castelo, registado em 1293 como arneseiro do rei, a quem D. Dinis doa um "CONCHUSO" situado naquela localidade Beirã. – Cf. IAN/TT Chancelaria de D. Dinis, livro 2 fls. 60 de 26 de abril de 1293 – Livro João Gouveia Monteiro – As cicatrizes da guerra no espaço fronteiriço 1250-1450, pág 67; aparentemente parece ser um terreno maninho?
CONCILIO – Nem sempre o concilio ou sínodo se tomou se tomou por ajuntamento ou assembleia de bispos, celebrando concilio e tratando de cousas da fé, e dos costumes ou de outras de grande interesse para as Igrejas, como são os limites e divisões delas para deste modo se evitarem discórdias e demandas. Mas também, algumas vezes, se disse por distrito, jurisdição, bispado ou território. (AFONSO); Concílium/Junta/placitum/Judicium; Assembleia constituída pelos homens livres de um território ou distrito que se reunia com frequência para diversos fins de interesse comum e, sobretudo, para proceder a julgamentos. Ao conselho presidia o Juiz (judex terrae) como o mais alto magistrado distrital e escolhia aqueles que compunham o Conselho.
CONCUBINA – Não foi antigamente tão infame este nome, como hoje se considera. A Lei Papia Popeia, favorecendo a corrupção dos costumes, permitiu os concubinatos, sendo entre uma mulher e um homem solteiro, porque isso era um matrimónio natural, e não solene, e só segundo a vontade e condição das pessoas. Justiniano, atalhando às muitas fraudes, mandou que o matrimónio se fizesse pro escrituras dotais ou perante a igreja. Também; Manceba de um só, que não é prostituta e vulgar. (AM). Também;

mulher que vive maritalmente com homem, sem estar com ele casada; mulher que exerce a prostituição. (DH)
CONDADO – Certo tributo ou reconhecença que o, enfiteuta, ou vassalo, pagava aos senhorio, jure dominii. Consistia ordinariamente, ou em peixe do rio, ou em caça do monte, qual ao direito do senhor mais agradava. Também; Julgado, Distrito, concelho ou jurisdição, em que um conde, rico-homem infanção ou ministro que o rei ponha e tirava a seu arbítrio, governava o civil e militar. Vide comitato. Também (aditamentos) Antigamente se chamavam condados às grandes terras ou Ltifundios dados pelos reis aos fidalgos. 1124.; Também; *Pagava-se este direito pollas sacadas da terra onde o dito pescado tirão os pescadores s*egundo se poderem concertar com os senhorios das terras sacadas.
CONDÃO – Prerrogativa, excelência, privilégio.
CONDAPNAMENTO – Condenação, censura, desaprovação de alguma cousa; detrimento que se faz a um negócio pelas sinistras informações que dele se dão.
CONDARIA – O mesmo que condado. Vide Apeiro.
CONDE – No código visigótico se faz larga menção de condes e duques; porém aqueles bárbaros setentrionais não entendiam ou tomavam cada um destes títulos por um chefe militar, separado inteiramente do foro civil, mas sim por um governador das armas e, ao mesmo tempo, regedor das justiças. A distinção que o duque presidia a toda uma província, o conde, porém, a uma só cidade, não militar jamais entre os godos que, algumas vezes tiveram condes nas províncias e nas cidades duques. Os condes dos germanos que acompanhavam os grandes e poderosos nas campanhas e os condes dos romanos que no fim do império eram os regedores civis de uma província, foram desconhecidos desta nação que reputou sempre os condes e os duques por juizes e generais natos dos seus distritos.
CONDE DOS SACRÁRIOS – Em latim “Comes Sacrariorum” Assim chamava o tesoureiro-mor da capela real. Entre os Godos vogava esta ofício palatino; porque foram sempre muito zelosos e magníficos na sua capela.
CONDE PALATINO – Acham-se alguns documentos dos séculos XIV e XV pelos quais se evidencia haver entre nós condes palatinos. Em um instrumento da torre do tombo se tirou no ano de 1491 com a fundação do mosteiro de S. Salvador da Torre, Junto a Viana do Minho, consta que, no dito ano tinha este título o doutor Vasques Fernandez, guarda-mor da torre do tombo.
CONDE-STABLE – El-rei D. Fernando no ano de 1382 criou esta dignidade em Portugal e o primeiro que a teve foi D. Álvaro Pires de Castro, conde de arraiolos, senhor de cadaval e outras terras, irmão de D. Inês de Castro, mulher el-rei D. Pedro. Continuou-se depois em D. Nuno Álvares Pereira. E seus descendentes. O título está na casa de Cadaval.
CONDECILHO – Vide Condesar e Condessilho; Não significa guarda, nem depósito, mas unicamente segurança ou caução.
CONDESAR – Guardar. Daqui condessa ou condessilho, aquilo em que alguma cousa se guarda.
CONDESSILHO – O mesmo que depósito, segundo Duarte Nunes de Lião.
CONDIÇOAR – Meter ou pôr condições em algum contrato.
CONDIDO – Constituído, provido em boa feição. Também; Aportuguesamento de condito com o sentido de constituído, conformado de nascença.

CONDITARIA/CONDICTARIA/CONDUITARIA – Fazendo-se neles menção de obediência da conduitaria que era a oficina ou despensa, onde se repartia aos indivíduos de uma comunidade a porção diária de carne ou peixe.
CONDIVAU – Aldeia já extinta, perto da freguesia de Vale da Porca no hoje concelho de Macedo de Cavaleiros. (Caderno Terras Quentes nº 7)
CONDOITO – O mesmo que conduto, isto é, carne ou peixe ou qualquer outro manjar que se come com pão. Século XIV.
CONDUCTAR – Dar de comer, largamente, não só pão, mas também carnes e outras cousas que com ele se comem.
CONDUCTEIRO – Criado, serviçal, que está alugado a alguém, e serve por preço sabido, e soldada certa; Também No foral que os templários deram a Castelo Branco em 1213, lemos o seguinte: Qui Conductereiro alieno matar…
CONDUCTO – O mesmo que condoto; Também, Chamavam no Porto, um peixe fresco que o patrão da barca, navio ou caravela tirava para si e outros tantos quantos eram os pescadores que na embarcação vinham sem que disto pagassem direito algum nem ainda dizima.
CONDUCTURIA – Todos os manjares, mantimentos e iguarias, que se comem com pão. Ainda hoje tem uso esta palavra, que se acha no século XIII.
CONECER/CONHOCER/CONOCER/CUNUCER – Conhecer, saber, estar certo, não duvidar.
CONFESSA – A Monja ou religiosa que desenganada do mundo se determina a passar o resto da sua vida na confissão ou penitência, como antigamente chamavam ao mosteiro.
CONFESSADOR – Confessor, o que reconcilia com Deus os penitentes, mediante a confissão sacramental.
CONFESSAR – Também entre nós grassou o costume de confessarem os seus pecados a pessoas leigas, os que se achavam em perigo de morte e não tinham sacerdote que sacramentalmente os absolvesse.
CONFESSOR – Assim chamamos hoje ao sacerdote que tem faculdade para ouvir confissão de penitente e dar-lhe a absolvição sacramental dos seus pecados.; Também; O mártire que até ao fim da vida e, apesar dos tormentos, confessou constante a Fé a Jesus Cristo.; Também; O cantor que na igreja de Deus se ocupava da entoação dos seus louvores. Este era um grau, ou melhor, ofício que, na Igreja, era admitido depois dos ostiários.
CONFISSÂO – A manifestação Humilde e pesarosa dos seus pecados, que o penitente faz perante o confessor ou ministro da reconciliação. Difere a confissão da exomologese em que nesta se manifestam os pecados, já sabidos por aquele que os ouve, ou seja, Deus, ou seja homem, mas naquela, regularmente falando, os ignora o confessor, que tem poder de os ouvir e absolver.; Também Mausoléu, cenotáfio9, tumulo ou sepultura de algum mártire; o altar a basílica ou oratório, consagrados ao culto do verdadeiro Deus.
CONFISSOENS – Eram frases da nossa legislação, fazer confissão e cumprir confissoens; a primeira quando se confessava, dizia ou afirmava, na presença do Juiz, que se tinha recebido algum dinheiro; a segunda quando satisfazia o herdeiro ou testamenteiro, o que o defunto ou ausente, por escrito ou de palavra havia confessado dever.
CONFISSOENS EPISCOPAIS – Aquelas que se faziam aos bispos ou fossem dos pecados que, pela sua gravidade, se impunham penitências públicas ou daqueles que, por direito comum ou particular, a eles eram reservados.

CONFISSÕES – Todos e quaisquer emolumentos, ofertas ou dons gratuitos, que os sacerdotes recebiam por ouvirem as confissões secretas dos penitentes ou pelos reconciliares com a Igreja, quando a penitência pública ou exomologese tinha precedido na forma dos sagrados cânones.
CONGEITO – Faculdade, licença, consentimento; Também; Mostras, sinais, palavra, interjeições ou movimentos do corpo que mostraram ou dão a entender exterior as inclinações ou afectos da alma.
CONHA – Vassoura comprida de codesso. (VB)
CONHECEDOR – O que conhece bem a qualidade de um rebanho ou vacada.
CONHECENTE – O que trata outro com particular amizade, como seu conhecido.
CONHO – Vide Caunho e Cunho.
CONISTÉRIUM – Um quarto nos antigos ginásios onde os atletas, depois de untados com óleo, eram empoados para conseguir melhores resultados. (AA)
CONISTRA – Recinto na palestra grega onde se conservava a areia com que os atletas se polvilhavam depois de se terem untado com azeite. Arena em que se exercitavam. Conistério.
CONISTORGIS – Cidade Celta, de acordo com Estrabão para a qual são propostas diferentes hipóteses de localização, como Beja, Mértola, Serpa, a região de Ourique. (ET)
CONJECÇÂO – Condição, cláusula, pretexto.
CONJUNTA – Unida, pegada.
CONNOMRADO, A – Acima dito.
CONO/CONOS – Ortografia do século XIII e XIV, que hoje se tornou malsoante. Era como dissessem com-o e com-os
CONOCENÇA – Reconhecimento ou confissão.
CONPRIDO – Cumprimento, número, conta certa e determinada.
CONQUEIRO – O que faz tigelas (a que chamam concas ou cuncas) e outros vasos de pau, à diferença do oleiro, que os forma em barro.
CONQUERER – Conquistar.
CONREARIO/CONREARIA/CONREEIRO – Cónego que entre os regantes tinha a seu cargo tudo o que pertencia aos cónegos e sua mesa em comum. O seu ofício e oficina se chamava conrearia ou ovença da conrearía.
CONSAGRAMENTO – Juramento feito pela hóstia consagrada, que se tinha recebido.
CONSAGRAR – Jurar pela hóstia ou corpo do senhor que se tem comungado.
CONSCIENCIA ESTENDUDA – Larga, libertina e mui pouco escrupulosa.
CONSELA – Píxide, boceta, causela, pequeno cofre ou bauzinho, em que se guardava o santíssimo Sacramento do altar.
CONSELHAR – Aconselhar (NAP)
CONSELHO – Tomada de decisão; opinião. (NAP)
CONSIGUIDOIRO – O que consegue, ou pode conseguir e alcançar alguma cousa.
CONSISTORIO CANCELLADO – NO reinado do senhor el-rei D. Afonso III, se praticou o consistório cancelado, que constava do mesmo rei, presidente e de um grande kanceller, referendário dos selos da puridade e de um conde palatino.
CONSOADA – A refeição parva, que nos dias de jejum se toma à noite: - Merenda ou púcaro de água: Resende; Presente de doces ou coisa semelhante que se dá pelo Natal para consoada.
CONSOLAÇÃO – Colação, consoada, pequena refeição, que o uso introduziu à noite em que os dias de jejum.

CONSOLAR – Aconselhar, influir com o seu conselho. Gil Martins de Coreixas, cavaleiro, deixa o seu testamento de 1288 quinhentos maravedis, por almas daqueles(diz) que eu matei e mandei matar e fiz matar e consolei a matar e ajudei a matar, pera cantar missas de sobre Altar.
CONSOLDA – Herva medicinal a que se atribui a virtude de soldar as feridas (consolida). (AM)
CONSSÉRO/CONREARIO – Cónego do mosteiro de S. Jorge do par de Coimbra.
CONSTA/CONSTÂA/COSTÃA – Ladeira, costa, subida.
CONSUETUDINÁRIO – que se pratica repetidamente, como um costume; usual, costumeiro, habitual; que diz respeito aos costumes de um povo; que se baseia nos costumes, na prática, nos hábitos de uma sociedade; fundado nos costumes, na prática, e não nas leis escritas (diz-se do direito, de lei etc.); costumeiro. (DH)
CONSUL – Magistrado Romano que sucedeu em Lugar dos Reis expulsos a certos respeitos: - Magistrado civil que conhece de materiais comerciais entre os seus nacionais nos portos estrangeiros, que os protege. (AM)
CONSÚUM – Cousa contígua, próxima, chegada. Juntamente, de parceria. Deconsuum é mais usado.
CONTADOR – Responsável pela vigilância da contabilidade pública, na dependência dos Vedores da Fazenda. Tinha sob sua jurisdição os outros oficiais dos contos, para além dos almoxarifes, tesoureiros, rendeiros e escrivães. (BV); Também; O que narra: - O que calcula: - Armário de gavetas; contador: oficial da Fazenda Real, segundo o methodo da arrecadação antiga. Também; responsável pela vigilância da contabilidade pública, na dependência dos Vedores da Fazenda. Tinha sob a sua jurisdição os outros oficiais dos contos, para além dos almoxarifes, tesoureiros, rendeiros e escrivães.
CONTADORIA – Casa dos Contos; ou Contadores; - Officio e districto do Contador da Fazenda das províncias; - Contadorias do Algarve e Comarcas deste reino; - Repartição do que compete aos Contadores no Erario. (AM).
CONTEENÇAS – Trates, móveis, utensílios de pouco preço, mas indispensáveis para os usos domésticos e, sem os quais muito mal se poderia servir e governar uma família.
CONTHEUDO – Contido (NAP)
CONTEMPTOR – Vide contentor.
CONTEMTAMENTO – Indiferença, desprezo, vilipêndio – satisfação da injuria ou malfeitoria, de que a parte se dá por contente.
CONTENENÇA – Cortesia, moderação e continência de palavras e acções.
CONTENENTE – Instante, que não admite alguma medição de tempo.
CONTENTAMENTO – Indiferença, desprezo, vilipêndio. Do latino contemno.
CONTENTO – Contente.
CONTENTOR – O mesmo que contendor e réu. Se trata do autor que não compareceu ao tempo pera que citou seu contentor.
CONTIA – Certa porção de dinheiros, com que a generosidade dos reis antigos honrava os seus nobres e fiéis vassalos que, no palácio ou na campanha o serviam. A esta quantia primeiro chamavam maravedis e era de tamanha estimação que apenas nascia um filho a algum fidalgo lhe mandava el-rei com a carta de contia pedir alvissaras que ele satisfazia com a pendurar no peito da criança como primeira insígnia da sua nobreza.
CONTIIAS - Quantias
CONTINENCIA – Alimentos, sustento, subministração de todo o preciso e necessário, ou daquilo que, entre as partes, se ajusta. Vem do latino contineo. Século XIII e XIV.

CONTRA - em direcção a; para. Também; no ano de 1280 se fez vistoria no couto de Canas de Senhorim, cabido de Viseu, e se mandou que os moradores das terras confrontantes: De costero nom intrent contracautum de canis. Daqui se mostra que contra, diz respeito ao lugar que ficava em direitura de algum ponto do couto e não era preciso que de um lugar se avistasse o outro.
CONTRA ALGUÉM – Para com alguma pessoa.
CONTRA-APROCHES – Obras de fortificação para baldar os aproches do inimigo. (AM).
CONTRA CYMA/CIMA – Para cima.
CONTRADIZIMENTO – Contradição- Século XIII.
CONTRA FUNDO – Para baixo, ao sopé. 1445.
CONTRAIRO – Contradição ou cousa alguma, que se oponha ao que se estipulou no ajuste.
CONTRAMUDAÇÃO – Escambo, troca.
CONTRAUTO – Contrato. 1337.
CONTRAUTO COM OS JUDEUS – De uma carta de el-rei D. Afonso III, que se guarda original em português datada de 1278, entre os documentos de Bragança, se manifesta que os judeus desta cidade cometiam grandes usuras e enganos nos contrautos (contratos) que faziam com os moradores dela e seu termo.
CONTRAYRO – Contrário. 1318. Também, inimigo (NAP).
CONTUBERNÁCULO – ponto de reunião de pessoas íntimas, de camaradas; Etimologia; prov. rad. de *contubérnio* sob a f. *contubern-* + a term. *-áculo*, us. p.ana. com *tabernáculo* (< lat. *tabernacùlum,i* 'barraca, tenda').
CONVALLES – Valles cercados de collinas. (AM)
CONVENÇA/CONVENÇÃO – Acção que se põe ou se pode pôr em juízo. Vem do latino convenire, trazer alguém perante o juiz.
CONVENÇA/CONVENÇÂO – Concórdia, contrato, convenção amigável composição, pacto, ajuste feito entre partes, para fazerem cessar ou removerem qualquer dissensão que, entre eles, haja ou possa haver.
CONVENENTE – Contraente, estipulante, o que faz contrato ou convenção com alguém.
CONVENIENCIA – Convenção, contrato, ajuste. 1133.
CONVENTO DE FRADES – Ajuntamento, assembleia, ou mesa de uma confraria ou irmandade secular. 1148.
CONVENTUAES – Vide Claustraes.
CONVERTIMENTO – Mudança de vida para melhor ou de seita errada para a religião católica.
CONVERSADEIRAS – Nas janelas de assento: 1) cada uma das saliências situadas logo abaixo do peitoril, nos flancos dos rasgos da parede. São de madeira ou da própria alvenaria da parede. Podem ser revestidos de azulejos. 2) Cadeira dupla de assentos opostos.
CONVERSAR – Conviver, ter convivência, residir.
CONVIDAR – Dar de gratificação.
CONVILHAVEL – Conveniente. (NAP)
CONVILHAVELMENTE – Ordinariamente, pelo comum.
CONYCITO/CONIEYTO – Autoridade, permissão tácita, licença. Parece vir do latim conniveo, fazer a vista grossa, dar a entender que não vemos, nem sabemos de alguma cousa.
COOMHA – Vide Calumpnia.

CÓÓNA DE MANTEIGA – Bica ou pão de manteiga, que ainda hoje é muito usado na província do Minho. Da sua figura cónica e pontiaguda tomou este nome.
COONEGO – Cónego – A forma anterior a esta e verdadeiramente popular deve ter sido "cooigo".
COPA – Cobba (PA); Pequeno aposento, ou casa.
COPANO – Pequeno bote que levava só uma pessoa. (HS)
COPÉ – Rede de tralhas ou malhas muito miúdas, que extinguem o peixe que vai criando e, como nocivas ao bem público foram proibidas.
ÇOPEGA – Manqueja.
COPEGAR – Cair, tropeçar, cegar-se do amor, deixar-se colher, ou pescar na rede do afecto ou paixão. Ainda hoje dizemos copejar a baleia, o atum e outros grandes peixes, quando se pescam ou seguram com a fisga ou arpéu.
COPRÃO – Em Barros de 1777; onde faz menção de uma, sobreanca de malha de ferro, em que vai a onça de caçar como usam na índia para não esfarrapar com as unhas as ancas do cavalo.
COPTA (ARTE) – Arte dos cristãos do Egipto (Séc. IV-VII) de raiz clássica, mas de proporções excessivas, sob influência da Síria e do Próximo Oriente. (AA).
COR – Vontade, graça, bom termo, humanidade. Também; chamam-se cores do prisma as sete cores simples: Violeta, índigo, azul, amarelo, Laranja, vermelho, verde, produtos de decomposição de um raio de luz com a ajuda do prisma. (AA).
CORAÇÃO (COM ARDIDO) – Com muita coragem.
CORAÇOM – Coragem, ânimo. "Gastava-se-lhe o coraçom" – isto é; Tinha o ânimo abalado.
CORAGIOSO – Respeitável, largo, magnifico, espaçoso, obra, enfim, de um animo liberal e grande coração.
CORÃO – Livro sagrado dos Muçulmanos. Neste sistema ideológico-prático, o Corão constitui a fonte primeira da explicação do mundo e das normas da vida.
CORAZIL/GORAZYL/GOARAZEL/GUAZEL/COBRAZIL/CORRAZIL – Com toda esta variedade se escrevia esta parte de pensão nos antigos prazos e forais. Segundo as escrituras de Salzedas de 1466 a 1481.
ÇORAME – Vide Cerome e Saya.
CORBO – O mesmo que Cobro.
CORCHA – Caxra (PA); Cortiça. É a casca exterior que se tira das sovereiras (sobreiros).
CORDAMENTE – Cordatamente. (NAP)
CORDEAL – Bebida que dá forças.
CORDO – Cordato, discreto, moderado, sisudo, prudente.
CORDOAJAMENTO – Cordame e todo o fio que se emprega em cordas e enxárcias de um navio, ou qualquer outra embarcação.
CORDURA – Siso, discernimento, juízo.
CORCAR – Entortar, empenar, torcer.
CORDOVAM – Cortobani (PA); O couro do bode ou da cabra cortido. Os Arabes derivam este nome da cidade de Cordova a que chamam "Cortoba" por se fabricarem primeiro naquela cidade à imitação dos Marroquins, por se fabricarem em Marrocos e vem a ser Cordovense e pela corrupção do vocábulo se chamam cordovão, isto é, só trocada a letra "t" por "d" e o "b" por "u".
CORÉ (KORÉ) – Tipo feminino de estatuária grega arcaica. Rapariga representada de pé sempre vestida. O tipo masculino corresponde, chamado Couros, é nu. (AA)

CORES PRIMÁRIAS – As cores das quais as outras derivam: Azul, amarelo e magenta. (AA)
CORES SECUNDÁRIAS – As cores conseguidas a partir da mistura em iguais proporções de duas cores primárias: azul + amarelo= Verde; Azul + magenta = violeta; amarelo + magenta = Laranja. (AA).
CORNADO – Moeda de baixa lei que mandou bater Afonso XI de Castela para suprir em seu tempo a falta de dinheiro. "O maravadi que agora se usa vale seis cornados, que parecem iguais aos ceitis. (AM).
CORNAL – Correia com que se prendem os cornos do boi ao jugo. (VB)
CORNAMUZA – Gaita de foles instrumento músico pastoril.
CORNARIA – No foral de Coimbra de 1111 se diz; Homines de bolon dent nobis quartam partem et nom cornaria; antigamente só o gado vacum se empregava no serviço de lavrar as terras, de cada junta ou jugo se pagava um tanto de ceveira ao príncipe ou direito senhorial do terreno.
CORNO DE VINHO – Vasilha desta matéria que leva mais ou menos quantidade de vinho. Nas terras do prestes João as garrafas de vinho são cornos de bois e destes há corno que leva cinco ou seis canadas.
CORNU – Carta ou escritura. Vide alvende.; também; deu-se este nome como por antonomásia, ao tinteiro, por ser o corno a matéria de que ordinariamente se faziam antigamente as escrevaninhas. Quando se dizia v. g. que se tomou posse de alguma cousa "cum cornu aet alvende," era o mesmo que dizer, se tomou com alvará, carta, ou decreto escrito e firmado do próprio punho, sinete ou chancela do imperante ou governador da terra ou, como vulgarmente dizemos, por tinta e papel.
COROA – Moeda de ouro que se fez lavrar el-rei D. Duarte; também, el-rei D. Afonso V fez lavrar uma moeda de cobre da mesma grossura de um vintém e outra de meio vintém. Ambas tem um "A" gótico e uma coroa por cima. Também; Auréola, cabeça, capela, celebridade, cimo, cume, cume, esplendor, facho, glória, laurel, monarca, realeza, soberano, velho, vitória. (TMC)
COROA DO CREDO – Coroa: (ver, Coroa) – Credo: Profissão de fé dos cristãos católicos, chamada também símbolo dos apóstolos, e que começa, em latim, pela palavra credo (que significa creio); opinião arreigada; sistema de normas de uma pessoa ou grupo; (TMC)
COROÇA/CROÇA – Assim chamam hoje em algumas terras de Portugal a um albornoz, capa ou casacão de junco ou palha.; mas antigamente se chamava coroça ao báculo episcopal que a baixa latinidade disseram crocia. Também; Casacão de palha contra a chuva: - Benefícios em coróça; introduzidos abusivamente, sem título jurídico ou de báculo somente como os de annel. – Abadia encoraçada, cujo abade usa báculo, com jurisdição quasi episcopal
COROCHÉU – Zimbório; a parte mais alta de uma torre.
CORONHO – O mesmo que colonho. "E ajudar à vinha d'Oniga e aos coronhos da feira da Caresma. 1481.
CORSELETE – parte mais leve da armadura, usado sobre o peito; parte superior da indumentária feminina, ajustada ao peito; corpete. (DH)
COROSIL – Espécie de ervanço, caniço, colmo, ou palha, como castanhol, moliço tábua etc., que se criam na lagoa de Parámos que é na terra da Feira.
COROSSA – Vide Coroça.

CORPORAL – Em alguns documentos se toma corporal por cemitério, aludindo talvez à sepultura dos corpos.
CORPORAL DA IGREJA – O corpo ou nave de templo.
CORPORAVIL – Corporal. É do século XIV.
CORRAZIL -Vide corazil.
CORRECTÓRIO – Livro penitencial (AM)
CORREDORES DA TERRA – Soldados ou paisanos inimigos que em tempo de guerra se lançam a fazer presas nos bens móveis ou semoventes dos seus contrários, e mesmo a destruir as suas searas e lavouras e fazerem outros danos. 1439
CORREDOURO – A Ordenação do reino faz menção desta palavra, liv. 1 tít. 68 paragrafo. 41.
CORREEIRO – O que produz ou vende obras de couro. (VR)
CORREGER – Corrigir (NAP)
CÓRREGO – Regueiro d'água que saí do tanque; - que deriva do rio para as acenhas, levada. (AM)
CORREGIDO – "…cada um era corregido" – Preparado, armado
CORREGIMENTO – Embelezamento.
CORREGEDOIRO – Digno e merecedor de ser correcto e emendado.
CORREGER POR PÁUS/CORREGER POR VARAS – Pagar e satisfazer o crime cometido à força de pauladas, ou golpes de pau, em que é multado o criminoso.
CORREGER – Corrigir; Compor; Concertar. Enfeitar, arranjar. Corrigir (NAP)
CORREGIDO – Governado ou reparado no espiritual e temporal. Também; "…cada um era corregido" - Preparado, armado
CORREGIMENTO – Restauração, Concerto, reparo. Embelezamento.
CORREIÇÃO – Antigamente se disse corregimento o que hoje dizemos correição, isto é, emenda.
CORREIRO - A construção de arreios, selas, coelheiras, albardas, etc., era da competência do correeiro. (CM)
CORRER – Percorrer a terra saqueando e destruindo. (HS)
CORRER COM ALGUÉM – Perseguir, vexar, seguir para o espancar, ofender, ferir ou maltratar.
CORRER POR SUAS ALEGRIAS ATÉ AO CABO – Não sentir jamais os reveses da fortuna.
CORRETAGEM – Ajuste e obrigação de um contrato que faz o corretor.
CORRETOR – Medianeiro, comissário, procurador.
CORRIGIMENTO - Preparação
CORRUME – Estilo, curso, costume, estilo, ordinário das cousas.
CORRUMPUDO – Viciado, corrompido. 1292.
CORRÚME – Carreira, curso, costume, estilo ordinário das cousas.
CORTAÇÃO – Dó; infinita pena. (MC)
CORTE – Hoje chamamos corte, não só ao lugar onde ordinariamente, assiste o rei com os oficiais e ministros de sua casa, mas também damos o nome de corte à mesma real família.
CORTIÇOS – Topónimo referente á freguesia do concelho de Macedo de Cavaleiros, referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. – Alveário; cabeça-de-porco; coliji; cochicho; colmeia; cubículo; estância; quadro; zungu. Da base de dados referida, extraiu-se a seguinte informação: Designação: Cortiços. Tipo de sítio: achado isolado. Período: Idade do Bronze. CNS: 6163 Localização: Cortiços.

Descrição: Machado de talão de dupla aselha em bronze, achado ocasionalmente na Aldeia dos Cortiços, sem contexto arqueológico conhecido, e que fazia parte do espólio arqueológico do extinto Museu Municipal de Vila Nova de Gaia. (TMC)

CORTINHA – belga de terra ou parte do campo, repartido em courelas ou leiras mais compridas do que largas, mas divididas, sobre si, com paredes, sebes ou tapumes. Também; Cortina. O altar tinha hum retábulo com as suas cortinhas. Século XIV.

CORTINHAL – Terra lavradia, aproveitada, rota e frutífera, mas pouco extensa e cercada de paredes altas a modo de horta, jardim ou pomar a que também antigamente chamavam hum cortinhal e uma cousa.

CORUCHÉU – Remate cónico ou piramidal das torres ou campanários. (AA)

CORUJEIRA – Ninho de corujas; povoação pedregosa e sem valor. (HS)

CORVINACHO – Corvina pequena.

CORSA – Termo latino dado por Vitrúvio a qualquer faixa lisa ou quadrada, com uma altura maior que a sua projecção.

COSEITO – Cosido.

COSMADE/COSMADO/COSMATE/COSMODE – O mesmo que Cosme, nome de homem.

COSSAIROS – Corsários.

COSTÃ – Vide Consta

COSTAL – O que o homem leva às costas. Também; Carga correspondente à quarta parte da carga maior, equivalente a duas arrobas e meia. Também; Carga correspondente à quarta parte da carga maior, equivalente a duas arrobas e meia. (BV)

COSTEIRA – Costa do mar.

COSTEIRA (FAZER) – Fazer costeira, dizem os pescadores quando não saem em terra e andam pescando em outra costa, onde devem pagar os direitos, na frequência do costume.

COSTEIRO (FICAR) – O mesmo que ficar profundamente inclinado por temor e respeito.

COSTUME COSTUMAGEM – Direito consuetudinário. (BV)

CÓTA – Cota d'armas, vestidura que levam os reis d'armas nas funções públicas nas quaes está bordado o escudo real.: - Fidalgo de cota d'armas o de inferior graduação que não gosa de foro de fidalgos de linhagem e solar conhecido, e tirão brazão dos Reis de armas justificando bem ou mal que são de tal ou tal geração. Ord. Af.1.64; Gibão unido à saya, com cauda e mangas compridas, roupas hoje usadas; - Cota; armadura de coiros retorcidos e atados ou de malhas de ferro, cobria o corpo.

COTA - 1) Número indicando uma medida sobre um desenho. 2) Túnica longa usada na Idade Média sobre a couraça. Às vezes era brasonada, sendo curta e sem mangas. 3) Do Inglês *Coat*: A cota de malhas era vestuário de guerra que consistia numa espécie de camisa feita de pequenos pedações de ferro encadeados uns nos outros, Não se deve confundir com a loriga de malhas mais finas que cobria também os braços e pernas e que era reservada aos cavaleiros. (AA)

COTE (DE) – Quotidianamente, ordinariamente, cada dia. (NAP)

ÇOTEA – Çatab (PA); Eirado, varanda.

COTEIRA – Parece ser pipa carreira.

COTIOM – Pano.

COTRIM – Moeda de ouro e prata que fez lavrar D. Afonso V e da qual se fez menção nas cortes de Évora de 1481. Ignoramos o seu cunho e valor.: Também; Valia cinco ceitis. 1482.

COTA – Vestimenta que se usava sobre a armadura.

COTE (DE) – Quotidianamente; Ordinariamente.
CÒTO – Espécie de espada curta ou faca de mato “as espadas degenerarão em cótos”. (AM)
COTURNO – Calçado elevado sobre uma sola espessa de que se serviam os actores trágicos entre os Gregos para parecerem mais altos na cena. (AA)
COUCE – Polilha, cárie, caruncho, traça.
COUCELLOS – Sombreiro de telhados. Herva. (AM).
COUÇOS – Cauçon (PA); Freguesia do termo de Tomar. Significa Arco. Deriva-se do verbo árabe “Caça” estender o arco.
COUDEL DAS PIOADAS – Este nome se deu principalmente ao almocadém por ser o capitão, guia e condutor da gente de pé nas expedições que lhe eram cometidas.
COUGEITO – Vide Congeito.
COURA – Gibão de coiro com abas para resguardar o corpo na guerra. (AM)
COURAÇA - Peça de protecção do tronco (peito e costas) dos combatentes, cuja afirmação se produz na Península Ibérica a partir de meados do séc. XIII, em virtude da incapacidade das tradicionais defesas de malha contrariarem entre si só a evolução registada a nível do armamento defensivo. (CM); Passagem protegida por muralhas que ligava a vila ao rio e cujos muros não estavam suficientemente altos para que pudesse ser utilizada. (HS)
COURELAS – Courelas pl de courela; parcela de terra cultivada, comprida e estreita; montado de sobreiros; belga; casal; girão; jeira; lata; leira; linhares; olga; quadrela; quebrada; torrão. (TMC)
COURELHEIRO – Homem destinado por autoridade pública para dar terras de sesmaria e repartir as coirelas, que também se disse sesmeiro ou coireleiro.
COUPSA – Cousa. 1359.
COURAÇA – Passagem protegida por muralhas que ligava a vila ao rio e cujos muros não estavam suficientemente altos para que pudesse ser utilizada. (HS)
COURAMA EM CABELLO – A pele que não está curtida. Couros ainda não curtidos.
COURIR – Cobrir, cobrir, reparar de qualquer perda ou dano.
COUSIMENTO – Vontade, gosto, prazer, despotismo ou liberdade.
COUTADAS (POR) – O mesmo que fazer coutadas. Isto se dizia na Beira Alta quando algum proprietário fazia qualquer lavoura ou sementeira, ou plantava alguma vinha ou árvore na sua propriedade (antigamente não tinham paredes nem tapumes) a qual devia ser defendida dos gados para que não a danificassem.
COUTAMENTO/S – Proibições, defesas, isenções, feitas e postas para utilidade de alguém.
COUTEIRO DES FOGOS E MAÇADAS – Criou D. Manuel I este lugar em 1491 nomeando Pero Brandão, cidadão de Coimbra, para Couteiro dos Fogos e Maçadas do rio Mondego e executor das penas postas pela ordenação.
COUTO – O mesmo que côvado. Século XIV. Também; O mesmo que marco. Também; hoje se toma pelo distrito de uma jurisdição particular de que o príncipe fez mercê a certo senhorio. Estas jurisdições ficaram abolidas pela lei de 1790.
COUTO DA CANDÊA – Era no século XV o que hoje dizemos côto de véla e vulgarmente se dizia tôco que é a extremidade ou resto da vela, tocha ou brandão, que fica sem ser queimada.
COUYRELHEIRO – O mesmo que sesmeiro ou coireleiro.

COVA – Celeiro subterrâneo a que antigamente chamavam silo. Os Mouros ainda, actualmente usam destas covas a que chamam atamorras, matamorras e matmorras.
COVA DO VICENTE – Freguesia de Murçós, Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p. 642) como de interesse arqueológico. (TMC
COVA SEM MEDIDA – Ocasião amplíssima imensa, imponderável, v.g. de quedas de pecados.
COVÁDO (S) – S. Cucufate.
CÔVADO – Medida de comprimento 66cm. (HS). Também; Medida de pannos de lã, sedas, chitas, etc. tem 3 palmos da vara de craveira. (AM).
COVELOS – Freguesia de Lamas; m.q. cubelo; m.q. cubo; é uma obra militar, espécie de torre, deu-se este nome pela semelhança dos cubos de pedra que ainda se usam nos moinhos de pão; doc. de Moncorvo de 1376 (elucidário) – (TMC)
COVILHEYRA – mulher de idade e qualidade, que tratava da limpeza e asseio, galas e perfumes dos leitos e vestidos das pessoas reais (NAP)
COVINHETE – Espécie de púcaro de barro ou de folha com duas asas servindo para as sopas das crianças. Em Freixo de Espada à Cinta (LV)
COYTELLO – Cutelo, faca ou qualquer outro instrumento cortante.
COZINHA – Não comer cozinha; não comer cousa que seja feita ao fogo, cozida, assada, etc. Também; Em Coimbra chamam cozinha ao caldo verde. Cozinhar é fazer caldo verde. (LV)
COZODRA – Vide Cocedra.
COXIM – Équino, parte inferior do capitel dórico sob o ábaco. (AA)
COXOTE – Parte da armadura que protegia as coxas. Também; COXOTES - (arma defensiva) - Um grupo de lâminas de metal, ou coiro reforçado com metal, que defendiam as coxas e se uniam às joalheiras, formadas por uma peça globular com extensão lateral externa, a asa. Era articulada ao coxote por uma pequena lâmina e outra na parte inferior, constituindo um bloco para facilitar o movimento. (CM)
CRABUNHO/CARABUNHO – Caroço da fruta.
CRAMANCHÃO – CORTIÇOS – O povoado do Cramanchão localiza-se na freguesia dos Cortiços. A sua total implantação encontra-se afetada por uma pedreira e pela construção do caminho-de-ferro, a Oeste e a Sul, respectivamente. Apesar de parcialmente destruídos, é evidente o carácter abrupto dos declives a Oeste (delimitada pela ribeira de Vale Mourão), e a Sul (delimitada pela Ribeira do Carvalhal). Tanto a Norte como a Este, os limites da elevação são suaves. Este povoado enquadrava-se, provavelmente, no antigo território dos Zoelas, podendo ser um dos povoados mais a Sul da área da referida etnia, seguido da Terronha do Pinhovelo, ligeiramente mais a Norte.
Antes da intervenção de 2003, o povoado tinha já sofrido uma escavação clandestina. Tendo-se detectado pesos de tear em cerâmica e pedra, mós e escória, tégula, vidros, *Terra sigillata Hispânica Tardia* (TSHT), *dolia*, entre outros.
Após as intervenções arqueológicas delimitaram-se três fases de ocupação no local, uma da Idade Ferro e duas inseridas no período romano, entre séculos II e IV d. C.
No espólio arqueológico recolhido destaca-se um recipiente inteiro (sector C) (peça 17 em exposição) encontrado encostado ao muro e selado por um fragmento de tégula. Terá uma cronologia atribuível ao século II d.C. Foram também recolhidos, em grande número, pesos de tear podendo estar relacionados com actividades da indústria do

linho. A integração plena deste povoado nas rotas comerciais desse período aparece atestada pela presença de objectos cerâmicos exógenos, como a cerâmica fina.
No que respeita a artefactos metálicos exumaram-se tachas, pregos, fíbulas, várias moedas etc.
A presença de uma moeda romana; Sestércio "caetra" datada de 27-23ª.C. período cronológico em que o Imperador Augusto estava numa fase de conquista do noroeste peninsular. Era uma moeda utilizada no pagamento dos soldos aos soldados romanos.
A reforçar a ideia a presença no povoado do Cramanchão de um fragmento em bronze que fez parte da decoração da zona frontal de um capacete do modelo "Galeus" usado pelos legionários romanos.
Foram recolhidos ainda materiais de cronologia mais antiga, nomeadamente cerâmica com decorações plásticas e ungulações, atestando uma ocupação da Idade do Ferro.

Legenda - Vista geral da habitação sector A de fundação após escavado

Vaso de ritual

CRAMOL/CRAMOR – Procissão de preces ou ladainhas.
CRAMULHANO – Mafarrico, demónio; nos Açores (LV)
CRANHO – Crânio.
CRARAMENTE – Claramente (NAP)
CRASTA/CLASTA – Degraus, escalões, frisos, cornijas, a modo de varandas.
CRASTA – Claustro.
CRASTO – Topónimo referido na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.570) como de interesse arqueológico, mas que não se encontrou nas fichas de registo predial rústico da freguesia de Salselas. (TMC)
CRAVADURA – Todo o género de ferragem e pregagem para a fábrica de naus ou quaisquer outras embarcações.
CRAVAS – Aldeia extinta, perto da freguesia de Sezulfe no hoje Concelho de Macedo de Cavaleiros (Caderno Terras Quentes nº 7)
CRAVEIRO – Claviculário, o que trazia as chaves; era um dignatário das ordens militares com funções administrativas.
CRAVO – Uma espécie de piano antigo.
CREAMENTO – Criação; na língua antiga era muito frequente o emprego do sufixo – mento – junto a temas verbais: a moderna substituiu por "ção" neste e noutros vocábulos. (LV)
CREBRANTANDO – Privado da sua liberdade, cativo, sujeito ao domínio de alguém.
CRECER – Crescer (NAP)
CREDENÇA – Crença, fé, religião.

CRELEGIASTICO – Eclesiástico, pessoa adida e pertencente à igreja.
CRELIGA/O – Assim chamaram às religiosas, por serem a porção ilustre do rebanho do Senhor e particularmente, chamadas para a sua herança.
CRELEZIA – Clerezia.
CREMENCIA – Clemência, humanidade, compaixão.
CREMENTINAS – Assim chamavam ao livro septimo das Decretaes, que contém as epístolas de alguns pontífices, compiladas com outras suas pelo Papa Clemente V de quem tomaram o nome.
CREMONA – Sistema de fechadura usada em Cremona e em Espanha. Haste de ferro vertical que desliza sobre o batente de uma armação de janela.
CRÉPIDE – Calçado Romano que não cobria todo o pé. (AA)
CRERIAS – A clerezia assim secular como regular prescindindo de terem ordens sacras ou só estarem iniciados ou com menores.
CRERIGAS/CRELIGA – Religiosa, freira, monja.
CRERIZIA – O clero ou grande número de clérigos.; Também; Clerezia (NAP)
CRESCENTE – Símbolo Árabe. Também Arco, maior que o semicircular na arquitectura árabe (de ferradura) (antigo). (AA).
CRESPO – Bater a roupa ao crespo, no Minho, é batê-la na pedra do lavadouro, apenas humedecida.
CRESTELO – Aldeia já extinta, perto da actual freguesia de Podence, no hoje concelho de Macedo de Cavaleiros. (Caderno Terras Quentes, nº 7)
CRESTA – (FAZER CRESTA) – Reprodução (reproduzir-se). (MC)
CREUDO – Crido, firme, estável no conceito de quem ouve.
CRIAÇÃO – Nos antigos documentos se chamavam criação não só aos rebanhos ou frutos de quaisquer animais, propriedades e fazendas, mas ainda os mesmos escravos que se reputavam como animais e fazenda dos seus senhores.
CRIADO/A – Esta palavra (que hoje se toma por um servo ou doméstico assalariado para servir a quem lhe paga) até aos finais do século XV, se tomava por aquele que fora criado na casa ou companhia de alguém sem mais salário nem obrigação de servir senão conforme aos da sua qualidade. E assim; meu criado era o que eu criei ou mantive desde pequeno em minha casa e debaixo da minha inspecção ou doutrina.
CRIAMENTOS – Afagos, doçuras, meiguices.
CRIANÇA – Criação, ensino, doutrina, educação. Também; Princípio, instituição, origem, nascimento, ereção.
CRIAR – Regalar, afagar, ameigar.
CRIMENÇO – Clemente, nome próprio de homem.
CRICIFICIO – Crucifixo, imagem do redentor na cruz.
CRICIFIGAR – Crucificar. Daqui crici9figado com os seus derivados.
CRIOESFINGE – Esfinge de cabeça de carneiro; estes animais quiméricos marginam por vezes as avenidas dos templos egípcios. (AA):
CRIÓFORO – Representação de Hermes e, por extensão, toda a figura masculina que transporta um carneiro aos ombros. Protótipo do Bom Pastor. (AA).
CRIPTA – Zona subterrânea que contém túmulos ou relíquias. Piso subterrâneo destinado ao culto numa igreja. Catacumbas. Também; dependência, em geral subterrânea e disposta sob as cabeceiras de uma igreja, característica do período medieval especialmente. das catedrais românicas, onde eram enterrados os sacerdotes e com frequência aristocratas e membros do alto clero; capela ou igreja antiga que jaz

sob uma edificação superior e mais recente, mas à qual se tem acesso; galeria ou sala subterrânea usada para sepultamentos ou como ossuário; catacumba; lugar subterrâneo e escuro, de difícil acesso; gruta, caverna; o que concerne à natureza mais íntima do indivíduo, geralmente não percebido nem revelado. (DH)
CRISMA – Monograma de Cristo figurado por um X e um P gregos entrelaçados, 1ªs letras da palavra xpistos, frequentemente ladeado de um alfa e ómega. Estes sinais são frequentes na fachada das igrejas porque eram considerados uma marca dedicatória. (AA).
CRISMATÓRIO – Nicho junto à pia batismal, onde era colocado o óleo para a unção depois do baptismo. (AA).
CRISMÓN – Monograma de Cristo constituídos por um X e um P entrelaçados, que correspondiam às duas primeiras letras da palavra em grego (chi e ró). O mesmo que crisma. (AA).
CRISTÃO-NOVO – o que é filho ou neto de judeus convertidos ao cristianismo; o que se converteu recentemente a essa religião. (DH)
CRISTÃO VELHO – cristão que não foi judeu nem tem antepassados judeus. (DH)
CRISTEL – Ajuda, mezinha, que se toma pelo ano. (AM)
CRISTALEIRA – Mulher que por ofício deita cristéis a doentes; cristaleira. (AM).
CROCEIRO/A - Faz ou fazia croças/coroças (espécie de capa de juncos). (CM)
CROYO – Cláudio, nome próprio de homem.
CRUC – Cruz.
CRUEZA – Atrocidade, crueldade, desumanidade. Já se usava no século XIII.
CRUZ – Suplicio de malfeitores ou reputados como tais, em quase todas as mais célebres nações do mundo. A sua figura nem sempre foi uniforme. As primeiras cruzes foram uns madeiros direitos e às vezes troncos das árvores a que ligavam de pés e mãos o padecente como se praticou como o mártir S. Sebastião. As mais usadas constavam de dois paus. (mais, ver elucidário).
CRUZ (PORTA DA) – Desde o actual Largo do Corpo Santo até à última porta da muralha, próximo do local onde hoje se encontra o museu militar. – "A frota (castelhana) das naus jazia ao longo da cidade, dês Cata-Que-Farás atá a porta da Cruz." (HS)
CRUZ TEMPLÁRIA – Cruz pendente de pescoço encontrada no logradouro da ermida de Santa Catarina em Reguengos de Monsaraz, em ferro, provavelmente século XIII.

CRUZADAS – Ao longo dos séculos XI, XII e XIII, massas de europeus, envoltos no sinal da cruz, caminharam para Ocidente e Oriente. Incentivavam-nos à Cruzada, a miséria a fome da riqueza alheia e o fanatismo. Os primeiros movimentos de cruzada ocorreram na Península Ibérica. A conquista de Coimbra em 1064 e principalmente a entrada dos cristãos na antiga capital do reino visigodo, ocorrida em 1085, tiveram um tremendo impacto social, político e ideológico e simbólico. E a derrota dos cristãos nesse último ano em Zalaca, não fez baixar a febre. No Ocidente a norte do Douro quase não havia cidades. O bispo de S. Geraldo ficou atónito quando entrou em Braga e se deparou "com

aquele lugar despovoado e sepultado em ruínas" Em 1136, os limites do concelho de Seia dilatavam-se até Zamora, Salamanca e terra de mouros. Nos territórios de Trás-os-Montes e das Beiras a reorganização tem de pactuar com a liberdade dos servos da gleba e com a abertura da própria cavalaria. É neste caldo quem 1128 Afonso Henriques assumiu a chefia do Condado Portucalense, que desde logo tomou o nome e o símbolo de Portugal. O que representava? Essencialmente uma ideia de autonomia, o estabelecimento de um corpo político autónomo que favorecesse a expansão e riqueza da nobreza regional.

CRUZADO -Moeda cunhada no reinado de D. João I, 1397. Moeda pertencente ao espólio da Associação Terras Quentes.

Anverso Reverso

Legenda: - Anverso; +IOA: POR: ETI: AL: R: O: G: (João I Rei de Portugal e Algarves Senhor da Guiné, orlada por cercadura perolada. Ao centro, o escudo real coroado em campa lisa. Reverso: - IN; HOC; SIG / NO: VINCES (com este sinal vencerás, orlado por cercadura perolada. Ao centro, a cruz do calvário, perlongando-se até a orla inferior e interrompendo a legenda.

CRUZAMENTO DA CARA – Gilvaz, golpe grande na face, dado em forma de cruz, ou de algum modo atravessado.

CRUZES DE CASTRO – Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p. 570), como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Bagueixe. (TMC)

CRUZILADA – Encruzilhada de dois, três ou quatro caminhos, que reciprocamente se cruzam.

CUADA – Fundilhos; Também, Pancada com o assento no chão; Movimento no andar, como de quem vai a dar uma coada e se ergue "esse andar de cuadas", dando solavancos.

CUBA – Não só se aplicavam antigamente as cubas, para recolher o vinho, também nelas se colhia o pão e, nos cubos se se encubava o vinho. Também CYBA – Coba (PA); Vila do bispado de Beja. Significa Torrinha

CUBELLO – O mesmo que cubo, obra de fortificação antiga. É uma obra militar, espécie de torre, perfeitamente redonda, que antigamente se usava nas fortalezas e praças defensáveis principalmente a meia cana que faceava ao longo do muro. Alfândega da Fé 1382, em 1382 D. Fernando dispensa os moradores de pagarem a licença de porte de arma de modo a terem verba suficiente para conseguirem concretizar a feitura de três cubelos (torreões redondos ou semicirculares) = muito necessários à defesa da Vila, que estava a despovoar-se porque os habitantes eram pobres e tinham sido roubados por causa da guerra. Cf. IAN/TT Chancelaria de D. Fernando, livro 3 fls 35v de 2 de Dezembro de 1382.

CUBELO – Torreão.
CUBIÇANTE – O que tem desejo, leva em gosto e vontade.
CUBILHEIRA/CUVILHEIRA – Mulher de idade e qualidade, que tratava da limpeza e asseio, galas e perfumes dos leitos e vestidos das pessoas reais. Até ao tempo de D. João I tinham os infantes as suas cubilheiras que lhes guardavam as roupas e lhes prestavam outros obséquios que mulheres honradas podiam fazer a gente nova.
CUBO – O mesmo que Cubelo. Também. CUBO – Cubo (PA); Pipote para acarretar ou tirar água. Também; CUBO – Alcatruz; sólido limitado por seis faces quadradas e iguais entre si; produto de um número pelo seu quadrado; calha que leva a água ao rodízio do moinho; unidade de medida para sólidos equivalente a um alqueire e meio; medida de madeira com um metro cúbico de capacidade. (TMC)
CUCHÁRIO – Variedade de figo temporão.
CUCUFATE – Homenzinho. (AM)
CUCULLA/CUCULLO/COGULA – Vestidura monacal com capelo e mangas, que se veste sobre as mais. Porém as dos leigos não tinham mangas. Também Cuculla ou cucullo se chamou casula por ser como uma pequena casa ou cela que cobria todo o corpo ao monge desde a ponta do pé até ao mais alto da cabeça. Também; Casula, vestimenta sacerdotal que, no sacrifício da missa cobre todas as mais vestiduras de sacerdote. Antigamente não havia diferença entre casulas e dalmáticas ou planetas de que os sacerdotes e diáconos usavam nas funções do altar.
CUEZA – Medida de grãos, menor que o ataúde.
CÚFICO – Variante geometrizada da caligrafia árabe, usada na decoração de edifícios, cerâmica e metais.
CUIA – Ânus (VB)
CUIDAÇÃO – Desvelo, cuidado.
CUIDAR/CUYDAR – Pensar (NAP)
CUIGO – Cujo, 1410.
CULO – Jogo de rapazes com uma bola de ténis ou similar e pedras que se atiram para uma das cinco poças. (Meirinhos -Mogadouro) (VB)
CUNCA – O jogo da malha ou fito; pedra com que se joga a malha (Fornos-Freixo de Espada à Cinta). Caçoila. O mesmo que jarretos (Poiares – Freixo de Espada à Cinta) (VB); Também Tijela.
CUNHO – Ferro que se introduz na argola da canga. Pedaço de madeira que se coloca por cima do timão, para o firmar, atravessando a rabela. (VB)
CUIRMÃO – Primo, filho do irmão de seu pai.
CULATRÃO – Mulher gorda e desajeitada.
ÇUMAGRE – Çommaq (PA); Arbusto muito usado nas tintas e cortumes
ÇUMICHA/S – Ver Somichas.
CUMUNAS – O mesmo que synagogas. Vide Cinuna e Comuna.
CUMPRIDO – Completo; Cheio; Acabado.
CUNCA – Tigela.
CUNCHA – Concha ou marisco de concha.
CUNECER/CONOCER/CUNUCER - Conhecer, saber, estar certo, não duvidar.
CUNEUS/CÚNEO – Corresponderia à região contígua ao cabo de São Vicente no Algarve. Alarcão também admite referir-se à Ponta de Sagres. Cuneus e Sacrum serem denominações diferentes para a mesma extremidade "Promontório Sagrado". (ET)

CUNHO - Ferro que se introduz na argola da canga. Pedaço de madeira que se coloca por cima do timão, para o firmar, atravessando a rabela. (VB), Também; Vide Caunho e Conho.
CUNTAS – Contas de rezar ou para ornato.
CUNUCER – Vide Conocer.
CUNUÇUDO/CONOZUDO – Conhecido, público, sabido, notório.
CUQUILADA – Vozearia. (VB)
CURA – Vigilância, cuidado, atenção.
CURANDEIRO - Medicae manus. In carmine CIL 4314
CURAME – Vide cerome. Capote ou capa grande e de mulher senhora.
ÇURAME – Vide Cerome.
CURANDEIRO - Medicae manus. In carmine 4314
CURIOSIDADE – Obra de muitos lavores, esmero d'arte, rendilhado, lavor fino.
CURIOSO – Cheio de lavores ou rendilhados.
CURRAL – Casa ou residência honrada com todas as peças e quartos precisos e necessários. Também; 1) De curro, casa pátio, lugar onde se junta e recolhe gado. 2) (Antigo) Lugar onde se representavam comédias. 3) Casa decente, com todas as comodidades necessárias. (AA).
CURRALHAS – Fundo do caldo, composto por uma massamais ou menos consistente de migalhas de pão. (VB)
ÇURRÃO – Serraton (PA); Bolsa de couro de que usam os pastores e em que trazem o dinheiro e o ouro em pó. O mesmo que cevadeira.
CURRO - Cavalo reprodutor.
CURSAVEL – Que vaga, corre e chega a muitas partes. Por ser moeda nobre e rica e muito cursável. D. João II mandou lavrar em 1489.
CURSOR – Em Roma, o homem que leva avisos do Papa aos Cardeaes: - Cursor de cavallos; corredor, agitador; o que os rege nos corsos, ou carreiras de páreos; auriga. (AM).
CURRIÇA – Construção normalmente com uma só porta e um só piso onde se guardam as ovelhas ou as cabras. (MC)
CURTE – Côrte. Casal, quinta, abegoaria, prédio rústico com todo o necessário para a lavoura – O alpendre, pórtico, galilé, pátio coberto e defendido das chuvas. - Edifícios rústicos, quintais, hortas, pomares.
CURTELLO – Parece ser cutelo ou poda das vinhas que se faz com ele.
CURTEZA – Pressa, falta de tempo.
CURTO – Inflamação da mama. (CM)
CURUGEIRAS – Pardieiro, povoação vil, sítio penhascoso e só próprio para criar corujas.
CURVETA – Passo concertado do cavalo, erguendo e abaixando alternadamente os pés. (AM)
CUS – Cuz (PA); Jarro, taça. Constelação (voz astronómica)
CUSA/S – Cousa.
CUSCUS – Coscus (PA); Certa comida de todo o povo de África feita de farinha. Em Portugal é conhecida.
CUSINA – Sobrinha. Acha-se em português do século XV esta palavra verdadeiramente francesa.
CUSTAGEM – Custo, gasto, dispêndio. 1447.

CUSTÓDIO – Assim disseram o provisor de uma diocese. “Pela qual razom fiz jurar aos santos Evangelhos em mãos do arcebispo de Braga, o Custódio e o Dayom”.
CUSTUMAGEM/COSTUMAGEM – Direitos, foros e pensões que não tinham outra origem mais que o costume de se pagarem e mui frequentemente contra toda a razão e justiça.
CUSTUME AFORTELEZADO – Tal é o que se funda no direito, razão e consentimento geral do povo ou nação.
CUSTUME LOUVADO – O mesmo que costume afortelezado. O que se funda em direito, razão e consentimento geral do povo.
CUTELADA – Cutilada, golpe de cutelo ou de qualquer outro instrumento cortante ou agudo.
CUTELEIRO – Aquele que faz ou vende instrumentos cortantes. (VR).
CUTELO – Na jurisprudência antiga eram mui frequentes estes termos, baraço e cutelo correspondentes a soga e cuchilo, como os espanhóis se explicavam. Chamavam, pois, senhor de baraço e cutelo ao que tinha em algum território, todo o mero e misto império ou todo o alto e baixo império. O mero ou alto império era o poder ou jurisdição alta e suprema para obrar tudo o que fosse a benefício da república e sem particular interesse do imperante e particularmente no criminal em que decidia sobre a vida. Ou membros dos vassalos, desterro ou confiscação de todos os seus bens; e por isso se chamava senhor de cutelo.
CUTURUTO – Cume, Cocuruto.
CUVILHEIRA – Vide Cubilheira.
CUYTA – Coita.
CUYDOSO – Preocupado (NAP)
CUYTELLO – Canivete, navalha de algibeira.
CUYTELO – Cutelo (NAP).
CUYTOSO – Coitado, mesquinho, miserável.
CYOADO – Porco doméstico, cevado que se engordava para ser posto de salmoura.

D

D – Na música era sinal para se abaixar e deprimir a voz. Também; no elucidário várias interpretações.

D'ACORRO – Auxílio, ajuda.

D'EMPEECER – Hostilizar, fazer mal.

DACTILIOTECA – (Do Grego, daktilos = dedo) Museu onde são guardados anéis, jóias, pedras gravadas.

DÁDIVAS – O mesmo que jantares, colheitas ou paradas.

DADO – Munição de chumbo quadrada e não redonda a que chamamos quartos. Deu-se-lhe este nome, por alusão aos dados de jogar que igualmente são quadrados.

DADOS – Munição de chumbo feita em quartos e não redonda.

DAGA/DAGAS/DAGUAS – Adaga (NAP)

DAGANHAS/DEGANAS/DEGANHAS – Assim se chamavam às terras que se haviam emprazado ao concelho ou tomado dos montes maninhos e reduzido a cultura, estando antes desaproveitadas, incultas e bravias.

DAGA – Adaga; Arma branca larga e curta.

DAMASCO – Damesque (PA); voz pérsica, Espécie de seda que se tece na Índia, Itália, Castela e outros Países.

DEGEB – Jadeb (PA); Arrebatador. A sua corrupção está em antepor-se a 2ª silaba à 1ª. Nome de um rio no termo de Évora.

DEGOLADOR - Não podiam os judeus matar alguma rês ou ave daquelas que a lei de Moisés lhe permitia comer, mas isto só podia fazer o degolador que devia haver em cada lugar onde Judeus houvesse. A sua obrigação era fazer logo saber ao colhedor e escrivão do rei as carnes que degolara, para receber quatro dinheiros de cada arrátel. (Viterbo).

DALMATICA – Veste eclesiástica em que vão revestidos os Diáconos nas Procissões, difere pouco da Casúla em ter mangas curtas e a cauda ou fralda quadrada. (AM).

DEMASQUINADO – Técnica de ourivesaria usada pelos muçulmanos e que perdura em certas zonas da Península Ibérica. Incrustações por martelagem à moda de Damasco. Desenho gravado em metal duro e preenchido a frio por um metal mais doce (fio de ouro, prata e cobre), formando desenhos geométricos e vegetais estilizados.

DAMI – O mesmo que exami; era pano de seda, já verde, já branco, já vermelho ou de outra cor. Por vezes tecido com ouro. Escreveu-se com toda esta variedade.

DAMNO/DAMPNO/DAMPNO – Dano (NAP)

DANAR/DAPNAREM – Causar danos (NAP)

DAMOLHY - Damos-lhe. 1330.

DAMPNO – Dano.

DAMTE – Diante e deante.

DANADO – Maltratado, perdido, arruinado, reduzido à miséria e pobreza.

DANAR – Causar dano, fazer detrimento. Séculos XIII e XIV.

DANTE – Dada ou datada.

D'ANTRE – Tirado do meio deles, de entre os mais. 1280.

DAPIFER/DAPIFERO – Vide mordomo-mor.

DAPNADO – O mesmo que danado; Vide Desfaleçudo.

DAPNADOR – Malfeitor, o que por si ou com os seus animais faz qualquer dano nos bens ou cousas de seu próximo.

DAR EM - Ir para em.

DAR DE AVESSO COM ALGUÉM – Arruiná-lo, perdê-lo, destruí-lo. *"Guarte delle, que te espreita – Por dar d'avesso comtigo*" Sá de Miranda.
DAR DE CORPO – Defecar; obrar; evacuar. (VB).
DAR FÉ – Aperceber, lembrar-se. (VB)
DÁRDICO – diz-se de ou grupo de línguas e dialetos indo-europeus, do ramo indo-iraniano, sub-ramo indo-árico, falados em Caxemira, Paquistão e Afeganistão. (DH).
DARGUEIRO – Produz adargas, ou seja, escudos de couro em forma ovalada. (VR)
DAR LUGAR AOS BENS – Fazer cessão, deles na mão do juiz, para serem repartidos ou rateados pelos acredores, ficando, contudo, tantos ao devedor, com que razoadamente se possa manter, segundo o seu estado e condição, de modo que não morra de fome.
DARDELOS – Já desde o século XIII até fins do XV se encontra a cada passo todolos e todolas, dardelos, pagardelos, etc.
DAR-SE-LHE POUCO – Não se importar.
DATA – período de tempo; época; indicação ou registo - manuscrito, impresso, pintado, gravado etc. - do dia ou da época da ocorrência de algum fato ou evento; indicação precisa do momento de ocorrência de um fenômeno astronômico; grande porção de (alguma coisa). (DH).
DATAÇÃO – ato, processo ou efeito de datar ('indicar', 'atribuir'); técnica que utiliza a lei de decaimento radiativo de um determinado nuclídeo a fim de estimar a idade de objetos, tais como minerais, meteoritos e também formações geológicas [Processo particularmente útil na arqueologia.]; indicação da data (milênio, século, meio século, quartel do século, década, lustro, e até, em casos especiais, dia/mês/ano) em que uma palavra (afixo, raiz, locução, acepção etc.) aparece pela primeira vez documentada por escrito [A datação pode, não raro, ser aproximativa (baseada em elementos cognatos ou induzida por datação em língua afim), caso em que é provisória, para ser posteriormente antecipada, confirmada ou postergada por provas documentais.]. (DH).
DARWINISMO – teoria evolucionista fundamentada nas ideias do naturalista inglês Charles Robert Darwin (1809-1882), na qual são propostos mecanismos baseados na *seleção natural*, para explicar a origem, a transformação e a perpetuação das espécies ao longo do tempo. (DH).
DAVANDITO – Antedito, sobredito, de que acoma já se tem dito ou falado.
DAVANTE – Por diante, pela proa. Diante: cf. Francês devant.
DAYAM – Deão (NAP)
DEÃO – Dignidade Eclesiástica que depois do Bispo ou Arcebispo governa os Cabidos. (AM)
DECALITRO – Chapéu-alto na linguagem popular.
DEÇER – Descer (NAP)
DECIDA – Descida (NAP)
DECRARAR – Declarar (NAP)
DE CONSUM – (Loc adv); de companhia.
DE COTE – Todos os dias (do latim quotidie)
DE JOGO – De brincadeira.
DE PRAÇA – Publicamente. Também; publicamente, à vista de todos.
DE SUM – conjuntamente.
DE SUUM – adv. Antigo; Juntamente, em commum
DECANEAS – Vide Daganhas

DECEDURAS – Parece que assim foram ditos os partos que descem do ventre materno. Documento de Bostelo de 1344. Ainda hoje se acham maridos tão amantes de suas consortes que lhes dão várias prendas e vestidos por cada parto, com que aumentam e alegram a sua família.
DECENTE – Que desce para baixo, que vai descendo até ao mais profundo.
DÉCIMA SALADINA – Ricardo Coração de Leão, antes das cruzadas à Palestina, ordenou que cada um os seus estados que não cruzassem fossem obrigados a pagarem o dízimo de todos os seus bens; a este tributo chamaram os nossos maiores, Décima Saladina.
DÉCIMAS – Assim chamaram antigamente aos dízimos, que da sinagoga passaram para a igreja. O constarem da décima parte dos frutos lhes rendeu o nome de décima, que hoje diferem dos dízimos, em serem estes aplicados para a sustentação côngrua dos ministros do senhor, reparo e construção dos templos e socorro dos pobres. Mais, Elucidário.
DECIMENTO – Descendimento. Século XV; também descrédito, falta, menoscabo.
DECONSUUM/DE CONSUUM – Juntamente e de companhia. É o contrário de Desuum.
DECONTAR – Contar, narrar, referir
DECORUDO – Demorado, demorada, decursa e não seguida.
DECRETAL (A) – Decreto Papal. A decretal "Clerici arma Portantes" Proibia todos os elementos do clero de usar armas mesmo em defesa da sua terra.
DECRETOS – Decretos, isto é, direito das decretais (direito canónico).
DECRUA – Dar primeira lavra a terreno que esteve em pousio. (VB)
DECUMANO – (Do latim Decumanus, derivado de Decimus = décimo) Uma das ruas principais do acampamento militar da cidade romana, que se cruzava com a cardo, e corria de nascente a poente.
DECURIA – Colmeia ou cortiço de abelhas.; Também, A figura de um X no código visigótico, se manda que todo o que achar abelhas nas suas árvores faça nestas três decúrias.
DECURIÃO – entre os romanos, chefe de uma decúria, como instituição administrativa e social; chefe do pessoal do palácio romano; entre os romanos, conselheiro que atuava nos senados municipais e coloniais; na milícia romana, oficial que comandava um grupo de dez cavaleiros. (DH).
DECURIONATO – cargo ou dignidade de decurião; decuriato. (DH)
DEDALEIRA – design. comum a diversas ervas do genero *Digitalis*, da família das escrofulariáceas, lenhosas ou semilenhosas, de folhas geralmente rosuladas, flores tubulosas (semelhantes a dedais ou dedaleiras), pêndulas, purpúreas, amareladas ou brancas, em espigas, geralmente unilaterais, e frutos capsulares; abeloira, abeloura, caçapeiro, dedalário, dedaleiro-verdadeiro, digital, enchopre, erva-albiloira, erva-albiloura, erva-dedal, erva-dedaleira, estoura-fole, luvas-de-pastora, maia, nena, tróculos, troques; erva lenhosa ou semilenhosa (*Digitalis purpurea*), venenosa, nativa da Europa, cultivada como medicinal, por encerrar digitalina, e como ornamental, com inúmeras variedades hortícolas de flores róseas ou brancas;(DH), normalmente usada pelos arqueiros e besteiros para envenenar as pontas dos projecteis que lançavam. (DH)
DEDES – Deis, tenhais obrigação de dar. Vide Ajades-vos. Todos os verbos que nos diferentes tempos acabam hoje em -eis- terminavam no século XIII e XIV em -edes-.
DEDODADOS – Votos denodados, os quais antigamente faziam os cavaleiros por galantaria ou fanfarrice militar, que eram mais atrevidos que deliberados e prudentes.

Tal foi o de Vasco Martins de Melo, que fez voto de prender o rei de Castela na Batalha de Aljubarrota.
DEFECAR – Tirar as borras, pé, sedimento, fezes de algum licor, limpar, tirar qualquer mistura de coisa estranha e má. Vieira; "V Não há bem deste mundo por defecado que seja": "O Príncipe há de ser puro no engenho, defecado na vontade": "As feses do calis da Paixão, e esta defecou o amor puro, etc." (AM). Também; diminuir, emagrecer. (VB)
DEFENDIMENTO – Proibição, defesa, encouto, embargo. 1311.
DEFENSON – Defesa (NAP)
DEFENSOR – O que ampara, protege, patrocina, defende. Defensor é o nome de ofício e dignidade, usado antigamente no império e na igreja. No império havia defensores do Estado do público e da cidade.; Também; Entre os godos, era um dos três ministros a quem pertencia a cobrança e arrecadação da fazenda real, os quais eram numerários, defensor e vílicio; Também; Este nome se deu aos militares, valorosos que defendiam a nação e a Pátria.
DEFESA – Proibição (NAP)
DEFESO – "O reino ser defeso" – Defendido. Também; Proibido (NAP)
DEFFERENTE – Discordante (NAP)
DEFINIÇÃO – Axioma, Princípio certo e indubitável.
DEFUMADURAS – Cheiros, perfumes, pastilhas.
DEGANHO (Antigo) – Igreja rural. Priorado.
DEGRAOS NOM CONTADOS – "Fugiram pelas janelas, e deles pelos telhados, outros per degraos nom contados" – Admirável modo se exprimir a pressa e a confusão daquela gente que não contava os degraus para fugir – Fernão Lopes.
DEGRADOS – Direitos canónicos. (NAP)
DEGOLA – Peça da roda do carro de bois. (VB)
DEGOLADOR – Não podiam os judeus matar alguma rês ou ave daquelas que a lei de Moisés lhes permitia comer, mas isto só podiam fazer o degolador que devia haver em cada lugar onde os judeus houvessem posto por eles ou mandado pôr pelo soberano. A sua obrigação era fazer logo saber ao colhedor ou escrivão de el-rei as carnes que degolara, pare este receber quatro dinheiros de cada arrátel. (CM); Não podiam os judeus matar alguma rês ou ave daquelas que a lei de Moisés lhe permitia comer, mas isto só podia fazer o degolador que devia haver em cada lugar onde Judeus houvesse. A sua obrigação era fazer logo saber ao colhedor e escrivão do rei as carnes que degolara, para receber quatro dinheiros de cada arrátel. (Viterbo).
DEGRADAMENTO – Degredo, desterro, extermínio.
DEGRATAL – "…Não se guardava ali a degratal" Disposição da igreja.
DEGREDO – O mesmo que decreto. Antigamente apropriaram os jurisconsultos a palavra degredo ou decreto a tudo o que ficava julgado ou sentenciado pelo príncipe que havia tomado conhecimento da causa. Também; Alvará ordenação, decreto ou mandato real, carta régia, pela qual se determina que se faça ou deixe de fazer alguma cousa. 1311.
DEGRETAES – Assim chamam os canonistas o corpo das epístolas dos romanos pontífices, que Honório III fez ajuntar e que Gregório XI fez resumir em um volume depois de muitas coleções que delas se tinham feito.
DEHONESTAR – Descompor alguém com palavras, injuriá-lo, afrontá-lo. 1218.
DEITADA DO LEITO – Acção de o dispor e ornar, segundo o modo, lugar, tempo, roupas e atavios, que convenham à pessoa, que nele deve dormir ou descansar. Pertence ao camareiro-mor tudo o que é da câmara real.

DEITAR – Enterrar, sepultar. 1258.
DEITAR POR MAL – Entregar-se a desonestidades, seguir uma vida torpe, licenciosa e imodesta.
DELEITOM – Deleitam. É muito frequente em Fernão Lopes a terminação “om” em vez de “am”, na 3ª pessoa do plural do presente e do imperfeito do indicativo. É um caso de analogia com a terminação do perfeito, em -om: amarom, perderom, partirom.
DELEIXAR/DELEXAR – Dar, conceder, outorgar.
DELENDA CARTHAGO – Frase empregada para acentuar que medidas graves, drásticas, devem ser executadas o quanto antes [A sentença era proferida no Senado romano ao final de todos os discursos de Catão, o Antigo (234-149 a.C.), que desta maneira chamava atenção para a urgência da aniquilação completa de Cartago, tradicional inimiga de Roma.]. (DH)
DELGADA – Diz-se da terra pobre e sáfara (Freixo de Espada à Cinta) (VB)
DELIVRAÇAM - Deliberação
DELIZ – O mesmo que Diniz, nome de homem.
DELLES – Alguns (NAP)
DÊLO - Disso
DELONGA – Dilação, detença, demora. É do século XV.
DELONGAMENTO – Delonga, demora, dilação perniciosa e culpável, com detrimento grave e ofensa da justiça, que manda dar com prontidão o seu a seu dono.
DELUVIO – Diluvio.
DEMANDADOR – Questor, homem, que pede esmola para algum santuário ou para qualquer outro fim honesto e piedoso.
DEMANDAR – Pedir esmola ou fazer peditório, com licença e autoridade pública.
DEMANDAS – Peditório coletas ou esmolas, que se fazem para algum santuário ou lugar pio e com intuito de piedade.
DEMENTRE – Adv. Enquanto não.
DEMIURGO – segundo o filósofo grego Platão (428-348 a.C.), o artesão divino ou o princípio organizador do universo que, sem criar de fato a realidade, modela e organiza a matéria caótica preexistente através da imitação de modelos eternos e perfeitos; em seitas cristãs de inspiração platônica e no gnosticismo, o ser intermediário de Deus na criação do mundo, responsável pelo mal que não poderia ser atribuído ao Criador supremo. (DH).
DEMORANÇA – Demora (NAP)
DEMERITO – Desmerecimento.
DEMONSTRAR – Mostrar, fazer certo, claro e patente; Também; Baldear, mudar a carga para outra parte, descarregar.
DEMOVER – Dizer e alegar tais conveniências ou desconveniências, provas e razões, que obriguem e quase violentem a mudar de parecer, e seguir a resolução contrária.
DENÁRIO – Antiga moeda romana.

Espólio de arqueologia da
Associação Terras Quentes

DENDE – Deles. 1393.
DENIDADE – Dignidade. (NAP)
DENIFICAMENTO – Dano, perda, acção de destruir e fazer mal.
DENIFICAR – Fazer dano, destruição, perda.
DENODADO – Homem denodado, o mesmo que atrevido, confiado, resoluto.
DENODO – Ousadia, resolução, constância, atrevimento.
DENOSTOS – O mesmo que deostos.
DENÓSTOS – O mesmo que Deóstos.
DEO-VOLTA/DEODICATA/DEO-DEDITA/DEO-SACRATA – Deo-Vota e Deo-Voda. Nem sempre se deu este nome a uma religiosa professa; o mais comum foi dar-se a uma mulher temente a Deus, entregue à piedade, e que vivia com particular cuidado da sua salvação, fosse solteira, casada ou viúva.
DEOSTAR – O mesmo que dehonestar.
DEOSOTOS/DEÓSTOS – Palavra de contumélia, injúria e afronta.
DEPARTIÇÃO – Conversação ou prática familiar e também ausência ou retirada.
DEPARTIDAMENTE – Com muita clareza, sem confusão, por partes, com boa digestão, método e ordem.
DEPARTIDAR – Perturbador, (o que provoca desunião).
DEPARTIMENTO – Divisão, estrema, baliza. Também; É extremamente. No sentido moral: separação, escolha, divisão, parcialidade, rancho.
DEPARTIR – Repartir, distribuir, dividir, daqui departido: dividido repartido: Também; praticar ou conversar familiarmente. Também; conversar, discutir.
DEPARTIR-SE – Ausentar-se, retirar-se, apartar-se.
DEPENDURA – Pobreza extrema; dificuldades económicas. Está na dependura, está na miséria. (VB)
DEPOS – Após (NAP)
DEPOST – Depois.
DE PRAÇA – Publicamente, à vista de todos.
DEPUS – Depois. Século XIII.
DEPUTAR – Destinar
DEQUEGULO – Prato exageradamente cheio, formando um alto. (Lagoaça, Freixo de Espada à Cinta) (VB)
DEREITURA – Rectidão. Do adjectivo arcaico dereito (LV)
DERRABAR – Apanhar por detrás, pela rabada.
DERRADEIRAS – Fim, Termo, remate.
DERRAMA – Lançamento de algum tributo ou contribuição repartida ou derramada por todos. 1356.

DERRAMAR – Dispersar (NAP)
DERRIBAMENTO – Acção de lançar por terra, derribar.
DES – Desde.
DESCERCAR – levantar o cerco ou o sítio a; dessitiar; livrar (algo) ou livrar-se da cerca ou daquilo que o circunda. (DH).
DESCOMPOSTO – descomedido nas palavras, nos gestos, nos costumes etc.; indecente, indecoroso; que se desfez; alterado, modificado; alterado emocionalmente; transfigurado, transtornado; alterado fisicamente; transfigurado. (DH).
DESJEJUAR – fazer a primeira refeição do dia. Etimologia: des- + *jejuar*; ver *jeju(n)-*; f.hist. séc. XIV *desaiunhar*, séc. XIV *desjaunhar*,1562 *desjejuar*,1813 *desjejuár-se. (DH)*
DERRUÍDO – Arruinado (VB)
DESABAFADA – Desbloqueada. (HS). Também; Desafogado (NAP)
DESABELHO – Os enxames de abelhas, no concelho do Redondo, são batidos ou expulsos para outros cortiços (na ocasião da cresta), às vezes dous ou três para um só que recebem então o nome de desabelhos. (LV)
DESACELERADA – Diz-se de mulher adoidada, desorientada, de cabeça leva. (VB)
DESACOOMHADAMENTE – Livre e desembaraçadamente, sem coima, nem defesa alguma.
DESACORAR – Estar como fora de si, por causa do susto, pavor e medo.
DESACOROÇOADOS – Desanimado (NAP)
DESAFIAÇOM – O mesmo que desafio.
DESAFIAR – Despir, desnudar, tirar a alguém o seu fato ou roupa.
DESAFORADO – Contrauto desaforado, aquele em que se renuncia o foro do domicílio ou privilégio; também aquele, em que um dos contraentes promete dar ou fazer alguma coisa em certo lugar e tempo sob certa pena.
DESAFORAMENTO – Assim disseram o que se opunha às leis, foros e regalias de algum concelho, cidade, estado ou monarquia. Hoje se toma em outro sentido.
DESAGUISADO – adjectivo. Mal-intencionado.; Também; Substantivo: Sem-razão, injuria, afronta, mau tratamento, agravo, violência, força. Também; Injustiça, contrarrazão, Cousa fora do razoável. (HS)
DESALAPAR – Desencovar, fazer sair da toca o coelho.
DESALEALDAR – Em uns apontamentos, que os de Freixo-de-espada-à-Cinta mandaram pelo seu procurador às cortes que então se faziam, era o 6º "Que não sejam obrigados a desalealdar com mercadoria, que pague dízima" – Parece que seria o mesmo que dar ao manifesto, para pagar o tributo costumado na Alfândega.
DESALHAR – Alienar alguns bens, propriedades ou fazendas.
DESÁMÃO – Cousa desviada, desacomodada, e que não faz de conta. "V.g. Aquele campo fica-me muito désamão."
DESANDADOR – Chave de parafusos (Fornos – Freixo de Espada á Cinta) (VB)
DESAPOSSADO – Abatido, falto, desfalecido e sem vigor.
DESAPRESSAR – Aliviar, tirar o peso e opressão, que alguém padece, deixar em liberdade, remitir e perdoar alguma obrigação custosa e aflitiva.
DESAQUINHOADO – Desaquinhoar – Desaquinhoados da herança do Pai universal. Ficar sem quinhão.
DESARRESOAR – Mostrar que alguma coisa é contrária à razão ou falta e desassistida della.; pôr-se em termos fora da razão.

DESASÍR – Soltar, largar o que se tinha asido e seguro, o que estava unido; - se desasirdo dos inimigos que ião já de mistura com eles"
DESASIR-SE – Desenvencilhar-se, libertar-se.
DESASNAR – Tirar a primeira ignorância e rudeza; abrir os olhos a quem faz desacertos grosseiros; a quem está em crassa ignorância.
DESARAR – d'Alveitar. Desarar os cascos das bestas é despegar-se, metendo-se nelle matérias.
DESARRO – Pobreza, aperto, penúria, falta do preciso e necessário para sustentar a vida.
DESATAUDAR – Tirar do ataúde (AM)
DESAUTHORÁR – Privar das insígnias de honra e dignidade. (AM)
DESAVENTUIRADA – Desventurada.
DESBARATAR – Distribuir, fazer em sortes, repartir com grande economia, igualdade e acerto.
DESCAADAMENTE – Ocultamente e sem alguém o saber.
DESCAMINHAR – Incorrer na pena de perdimento de alguma cousa, por não pagar os competentes e estabelecidos direitos da lei ou regimento.
DESCANGAR – Ainda hoje e principalmente na província do Minho se conservam alguns vestígios do antigo costume de serem as casas ainda honradas e distintas, cobertas de colmo ou giesta, e não de telha, pois no tombo de aro de lamego de 1346 se acha que em alguns lugares de Mageja eram obrigados a uns tantos feixes de giestas negrais para se cobrirem as casas que el-rei tinha no castelo daquela cidade. Sobre o colmo ou giesta punham uma certa jangada de paus atravessados para que os ventos as não deixassem expostas à inclemência dos temporais. Era, pois, cangar a casa.
DESCANGAR A CASA – Tirar-lhe a canga ou artifício de paus atravessados. Que segurava o colmo com que ele se cobria.
DESCASADAMENTE – Sossegada ou descansadamente, sem obrigação alguma.
DESCENDER – Descer.
DESCHAMBO – Escambo, troca, comutação.
DESCOMPENSAR – Descontar, abater, levar em conta. Também; dispensar
DESCOMUNALEZA – Acção que exorbita do comum e regular, desordem, confusão.
DESCOMUNALMENTE – Contra todo o direito, e o que comummente se pratica.
DESCONTO – Diminuição da conta, compensação, satisfação, penitência. E também labéu ou nota.
DESCONTOS – Desavenças, discórdias, dissensões.
DESCORRER – Correr, passar avante, descair.
DESCORRER-SE – Livrar-se do pejo e vergonha.
DESCRER – Não crer, desacreditar, não cativar o entendimento em obséquio da fé, arrenegar, romper em blasfémias contra Deus e seus santos.
DESCRIÇOM – Discernimento (NAP)
DESCUMUNALLEZA – Acção que exorbitando do comum e regular, se torna em confusão e desordem.
DESEELLADO – Sem sela (NAP)
DESEMALHEAR – Recobrar ou reivindicar o que andava alienado.
DESEMBARGAR – Despachar. Desembargar dinheiro. Dar cédula ou despacho para ele se cobrar.
DESEMBARGO – Alvará ou cédula, por que se mandava pagar alguma soma.

DESEMBARGO (DEL-REI) – Chancelaria, serviços centrais directamente dependentes do rei.
DESEMBARGUE - … dize-lhe que desembargue os meus paços" – Deixe, se retire dele.
DESEMBESTADO – Desenfreado, devasso, perdido, de maus costumes.
DESENCAVALGADOS – Sem cavalo (NAP)
DESENCERRAR AS ANTIGUIDADES – Descobrir, elucidar, manifestar, pôr em boa luz, aclarar o que já por muito antigo e menos usado tinha fugido ao nosso conhecimento.
DESENCOLATRAR – Desencaixar, sair fora do seu lugar, desengonçar.
DESENDE – Adv. Daí, dali, daquele lugar.
DESENFADADIÇO – Que causa prazer, gosto e desenfado.
DESENFADADO – Alegre, brincalhão, espirituoso, traquinas.
DESENHADOR - Aquilegus (desenhador de água) CIL 2694 e 5726. (CM)
DESENPEÇO – Descarga, alívio, desembaraço.
DESENSINADO – Néscio, ignorante, sem instrução alguma.
DESENVERGONHADO – Desavergonhado.
DESFACELHA – Desfazê-la.
DESFACER – O mesmo que desfazer. Século XIII.
DESFALCAMENTO – Diminuição.
DESFALCAR – Cercear, cortar, ratear, diminuir, abater, reduzir a menos.
DESFALDADO - Defraudado, diminuto, roto, quebrado.
DESFALECER – Acabar-se, extinguir-se, desaparecer.
DESFALECIMENTO – Falta, engano, inconveniente, falha. 1390.
DESFALEÇUDO – Terra desfaleçuda, minguada, pobre, falha do preciso e necessário.
DESFEITA – Antigamente se tomava por dissimulação; tomou-se depois por arte, destreza, desculpa e razão verdadeira ou aparente. Hoje quer dizer descortesia, incivilidade ou desprezo, com que alguém é tratado.
DESFFRALADO – Uma taça lavrada de bestiaaens e dourada com hum esmalte desffralado. 1359.
DESFROLADO – Vide desffralado.
DESGRACIADO – Desgraçado.
DESGRENHAR – Descamisar o milho.
DESI/DESHI – Além disso; Depois, Desde então, além destas cousas.
DESIGUALLANÇA – Desigualdade, diferença.
DESINVIOLAR – Livrar da violação, tirar do estado profano, fazer que uma cousa antes poluta e contaminada, e por isso inábil para os usos sagrados e honestos seja benta e apta para eles. É de João de Barros.
DESISTIÇÃO – Desistência, deixação, renúncia.
DESLEGAMENTO – Desunião, separação, morte corporal.
DESLENDEAR – Alimpar de lêndeas, de moscas, piolhos, percevejos, etc. (Viterbo)
DESMEMORIADO – Parvo, louco, desassisado.
DESMESMADO – Excessivo, exorbitante, desmarcado.
DESNARIGAR – Cortar os narizes. Desnerigado. (Viterbo)
DESNEFICADO – Danificado, com detrimento, quebrado, roto, destruído.
DESNEIXA – Desleixada, indolente, Trás-os-Montes. (LV)
DESNEIXO – Roto, maltrapilho, desprezível. (VB)
DESNEMBRAR – Desmembrar, separar, dividir.
DESOLTAMENTE – Desbragadamente, com demasia liberdade e soltura.

DESOY – Desde hoje. “Desoy pera todo o sempre.”
DESPEAR – Mancar, tolher-se dos pés.
DESPEITAMENTO – E despeito; Desprezo, afronta, injúria; e também se tomou por ira, paixão, má vontade, renitência, pesar.
DESPEITAR – Obrar alguma cousa apesar e contra a vontade de alguém; Também; Injuriar, afrontar, tratar alguém com desprezo, desonra e vilipêndio. Também; parece se toma por: Gravar, vexar, oprimir.
DESPEJADO – Liberto (NAP)
DESPERÇADOIRO – Vil, baixo, desprezível.
DESPERÇAR – Desprezar, ter em pouco, reputar como vil e nenhum preço.
DESPERECER – Vide Desperescer.
DESPERESCER – Faltar, morrer, perder, acabar.
DESPERECESSEM – Morressem.
DESPERGAR – O mesmo que desperçar.
DESPERICIMENTO – Destruição, ruína, perda.
DESPESO – Despendido.
DESPEZO – Despendido, empregado.
DESPOJAR – Despir.
DESPONTAR – Nascer, brotar, subir de ponto.
DESPOR – Depor, demitir (dum cargo)
DESPORTO – Retiro, solidão, pouca frequência de gentes.
DESPOSAJAS – Desposórios
DESPOSAYAS – Desposórios.
DESPOSIÇOOM -Exposição, interpretação e clareza de algum texto, ou passagem dificultosa, ou passagem dificultosa e escura ou menos clara.
DESPREÇAMENTO – Vilipêndio, desprezo, afronta.
DESPREZADOIRO – Abominável, digno de desprezo.
DESPREZER-SE – Descontentar-se, desagradar-se.
DESPUTAÇÃO – Disputa
DESSARRAR – Tirar o sarro das vasilhas.
DESSEGAR – Cortar, dividir, separar.
DESSERVIÇO – Prejuízo (NAP)
DESSESSORIO – Juízo dessassório. O mesmo que decisório ou decisivo que dirime e acaba toda e qualquer demanda ou contenda.
DESSFFIAR/DESSFIAR – Desafiar, provocar a duelo.
DESSUU/DESSUÚ – Parece que quer dizer; todos juntamente e a cada um “pro rata”. 1321.
DESQUE – Desde que, logo que.
DESTELHAR-SE A JUSTIÇA – Faltar com ela a quem a tem não se lhes dar o que é seu.
DESTALHO – No inventário que se fez por morte de D. Frei Salvado, bispo de Lamego em 1350. Se acha esta verba; hum destalho velho de lan: Poderia ser pano com que se cobrissem os assentos, ou bancos ou cadeiras.
DESTEMPERADAS – Excessivas.
DESTINGUYR – Extinguir, falecer, acabar.
DESTINTOS – O discernimento ou percepção que, os animais têm, das cousas; conhecimento ou sagacidade natural com que conhecem e buscam o que lhes convém. Hoje dizemos instinto.

DESTO – Disto.
DESTRANÇADOR – Serra manual, constituída por uma folha dentada comprida com cabos de madeira nas duas extremiudades, para dois serradores simultâneos. (Recolhida em Vinhais) (VB)
DESTRANGER – Repartir, dividir, distribuir.
DESTRENGER/DESTRINGIR – Ser vontade de alguém querer, ordenar ou permitir.
DESTROVAR -Impedir, destruir.
DESTYNGUYR – Extinguir, falecer, acabar.
DESUM - Vide desuum; É o contrário de Emsembra. 1292.
DESUSODITO – Sobredito, já acima dito e declarado. 1281.
DESUUM – Um depois de outro, não simultânea, mas sucessivamente.
DESVAIRADO – Desordenado, confuso, perturbado, discordante, vário, extravagante, alheio aos costumes, estilos ou palavras. Também; diversos.
DESVAIRANÇA – Diferença, diversidade, loucura, desvario.
DESVAIRAR – Não concordar, julgar por diferente modo ou contra a justiça.
DESVAIRADOS "lhe serem cada dia renovados desvairados" -Diversos, diferentes.
DESVAIRO – Discórdia ou discrepância nos pareceres e votos, opinião contrária, desunião. Também desavença.
DESVAYRO – Discordância (NAP)
DESVIADO – Contraditório.
DESVIRGADA – Que perdeu a virgindade. (VB)
DESY – Vide deshi.
DETARDANÇA – Demora, vagar.
DETARDO – Vagar, demora
DÉTÉÉDOR/DETÉÉDOR – O que mal e indevidamente detém, ocupa ou possui alguma cousa.
DETERMINAÇÃO – Divisão, partilha ou demarcação de termos, terras ou limites. Ano 888 testamentos de Lorvão.
DETERMINANÇA – Determinação, sentença, decisão.
DETERMINAR – Demarcar, dividir, levantar marcos e balizas para separar as fazendas, termos ou limites
DETERMJNAÇÕ – Resolução; decisão. Carta de escambo entre Outeiro das Muas, Gostei e Castanheira. (MJ)
DEUTERO CANONICO – Diz-se de qualquer dos livros da segrada escritura que foram postos no canon mais tarde que os outros, i.e., pelo concilio tridentino: tais são os livros de Esdra, de Tobias, de Judith, a Sabedoria, O Eccclesiastico, Baruch, os dois livros dos Macebeus, a Epistola de S. Paulo aos Hebreus a de Sant-lago, a de S. Judas, a segunda de S. Pedro, a segunda e a terceira de S. João com o seu apocalypse. (AM)
DEVAÇÃO - Devoção.
DEVANÁGARI – diz-se de ou alfabeto derivado do brami, us. na escrita do hindi e de muitas outras línguas da Índia (prácrito, marata, sânscrito etc.). (DH).
DEVANEO/DEVANÊO – Desvanecimento, arrogância, fofice, aparência.
DEVASSAR – Assim chamaram antigamente àquela acção que diametralmente se opunha ao coutar, defender ou eximir algumas herdades, vilas, povos, casas ou pessoas, de sorte que tudo o coutado por autoridade real só podia ceder em benefício de alguma particular corporação, família ou individuo. Pelo contrário, o que se devassava ficava sendo público e sem privilégio algum de indemnidade e isenção.

DEVASSO – Deitar em devasso, o mesmo que devassar.
DEVEDAR, ADO – Proibir, vedar por coima ou interdito.
DEVEDRO – De tempos antigos, antigamente. 1285.
DEVERSO – Diverso
DEVERSIDADE – Diverssidade.
DEVESA – Lugar cercado por arvoredo; lugar onde há muitos carvalhos. (VB)
DÉVIDA – Dívida, obrigação de pagar ou satisfazer alguma coisa. 1301.
DEVIDO – Vide Divedo.
DEVIGINAR – Reduzir a cultura as terras virgens e infrutíferas, fazendo-as frutíferas e rendosas. É metáfora tomada da mulher virgem, que enquanto tal não dá fruto do seu ventre.
DEVIZARA – "que el-rei devisara" – Vira experimentar, ou imaginara no cerco de Chaves.
DEVUDO – Vide divedo.
DEVÚDO – e divedo, o mesmo que Divido.
DEXTIO – O mesmo que dextros.
DEXTRARIO – Vide adextrado.
DEXTROS – Vide Passais.
DEZ – Com ameaça de castigo corporal é vulgar no Minho a expressão dizer, quantos fazem dez: Se botas a ateimar olha qu'eu digo-te quantos fazem dez! (LV) Na Ulissipo emprega, porém, Jorge Ferreira duas expressões semelhantes em sentido: Já sabeis que sou ladino & sei quantos fazem cinco & a hum falso dous tredores – Esse he hum bom escudo para receber todos os golpes sem medo; bem sei quantos fazem três. Aqui o sentido é de esperteza, vivacidade, argucia (LV)
DEZ e SEYS – Dezasseis. (NAP)
DEZÃO – Vide Dozão.
DEZEMBARGAR – Despachar.
DESEMBARGOS – Destes trata a ordem.
DEZENVESTIR – Desapossar, dimitir, tirar ou largar a posse.
DEZEOUTANOS – Dezoito anos. 1280.
DHUC – Duque.
DIABRA – Sertã, no fundo da qual se deita sal e aguardente e em que os rapazes deitam fogo para atemorizar as raparigas pelo reflexo que, dá ao rosto e pelos estalidos do sal. (VB)
DIA DE FORAL – Dia da audiência em que se julgava e decidia segundo o respectivo foral.
DIA DE PÃO POR DEOS – Dia de todos os fiéis defuntos em que se repartia muito pão cozido pelos pobres. Século XV.
DIA DO GALLO – Parece que seria o da Sexta-Feira Santa.
DIA DO SERMOM – Assim chamaram a segunda-feira ou primeira oitava da Páscoa, porque antigamente se lia nesse dia o Evangelho de S. Mateus, que trata do sermão do monte.
DIA-NOUTE – Acha-se esse termo em muitas inquirições, que se tiraram depois de 1220, aludindo a um pasmoso eclipse, que tinha precedido, e que serviu de época por muito tempo, dizendo que as testemunhas que tinham quantos anos quando o dia foi noute, pois tais foram as trevas que o dia claro se transformou em noite escura.
DIABOO – Diabo: cf. Latim Diabolus
DIAFA – Diafa (PA); Banquete, convite. É a comida ou aquilo que se dá aos trabalhadores de mais do seu jornal no fim de qualquer trabalho. Também; No Alentejo, porém, essa

palavra – diafa – envolve o bailarico o jantar e todos os mais divertimentos a que o acabamento de qualquer trabalho serve de pretexto.
DIAQUILÃO – Emplastro de várias mucilagens, com azeite e fezes de oiro, pra madurar leicenços e outros tumores.
DIAS ANDADOS OU POR ANDAR (TRÊS) – v.g. três dias andados de janeiro o mesmo que aos três de janeiro. Três dias por andar de janeiro, o mesmo que aos 29 de janeiro.
DIÁTIRO – Corredor da casa grega que ligava o exterior com o pátio interno.
DIAZOMA – Patamar em segmento circular nos teatros gregos e romanos que divide a cávea em duas coroas concêntricas.
DÌBRA – (das palavras Célticas a que significa sem, e bro que significa pátria) Dibras: povos errantes, sem assento fixo, ou pátria selvagem de corso, vagamundos. (AM).
DICÉLIA – doçura. (DH)
DICIPOLLO – Discípulo.
DICTO – Palavra ou expressão proferida. Foral de Outeiro (MJ)
DIDIA – Lei que regulava o lixo dos Romanos. (AM)
DIEIRO – Dinheiro.
DIETA DA TERRA – A que se pode lavrar em um dia, com um jugo de bois que propriamente, é uma Geira. Também se deu o mesmo nome ao caminho ou jornada que alguém fazia por alguma terra ou país.
DIFFARREAÇÃO – Sacrifício para dissolver o matrimónio, no qual se oferecia um bolo de trigo mais puro. Era o contrário da confarreação. (AM)
DIFFIR – Definir, determinar, decidir, julgar ou acordar por sentença.
DIFINDOR/DIFYNDOR – O que decide, resolve, determina alguma contenda ou negócio duvidoso ou intricado,
DIGÍCIA – Dizia-se de uma vara de oiro, ou prata, com uma das suas extremidades à feição de dedos que serviam de apontar os livros sagrados, para maior decoro nos ministérios eclesiásticos. (AM)
DIGITAL – Dos dedos, relativo aos dedos. (AM)
DIGITÁL – Planta medicinal, muito acre e diurética; tem a singularidade de afrouxar os movimentos do pulso. (AM).
DIGLADIADOR – que ou quem digladia; gladiador; que ou quem discute, argumenta, alterca ou debate com calor; contendor, argumentador, discutidor. (DH).
DIGLADIAR – bater-se à espada (gládio), corpo a corpo; esgrimir; combater, lutar; argumentar ou discutir calorosamente. (DH).
DIMIDIAÇÃO – Partilha por metades, a cada um; entre dois.
DIMITE – Limite, termo, demarcação, 1561.
DIMITIÇOM – Demissão, desistência, deixação, renúncia.
DIM'UNA REM – Diz-me uma cousa., frase do século XIV.
DIMUNAREM – Diz-me uma cousa.
DINAR – moeda de ouro cunhada pelos árabes desde fins do séc. VII e corrente na península Ibérica no séc. XII; morabitino de ouro; antiga unidade árabe de peso [Equivalente a uma dracma e meia.]; meio através do qual são efetuadas transações monetárias na Argélia, Barein, Bósnia/Herzegóvina, Croácia, Iraque, Iugoslávia, Jordânia, Kuwait, Líbia, Macedônia e Tunísia; a cédula e a moeda us. nessas transações (divisíveis em cem unidades menores, denominadas *cêntimos* na Argélia, *paras* na Bósnia-Herzegóvina e Iugoslávia, *dirrãs* no Iraque, *millièmes* na Tunísia; ou em mil unidades

menores, denominadas *fils* em Barein, Jordânia e Kuwait, e *dirrãs*, na Líbia); fração da unidade monetária do Irã, equivalente a 1/100 do *rial.* (DH).

DINHEIRADA – Qualquer cousam que valia ou se comprava regularmente, ou que estava estabelecido mesmo por lei ou assento se vendesse pelo sabido preço de um dinheiro.

DINHEIRO – Hoje damos este nome a toda e qualquer moeda corrente, ou que algum dia serviu na comutação das cousas e que é lavrada de ouro, prata, cobre ou outro qualquer metal. Também; Bolhão /Afonso III. "O Bolonhês" (1248-1279)

DINHEIROS SECOS E MOLHADOS – Os primeiros eram os que se jogavam em moeda corrente; os segundos os que se jogavam em cousas comestíveis a descontar a dinheiro.

DINIS D. (1261-1325 – 64 anos) – Rei de Portugal de 1279 a 1325, nasceu em 8 de outubro de 1261, filho de D. Afonso III e de D. Beatriz, uma filha ilegítima de Afonso X de Castela. Em 1282 preparou o seu casamento com D. Isabel, filha de Pedro III de Aragão, que foi canonizada em 1625. Educado numa corte sujeita à dupla influência cultural francesa e castelhana, D. Dinis foi um poeta categorizado. Encorajou a utilização do vernáculo tornando o português a língua dos assuntos judiciais e preparou a tradução das Siete Partidas, o famoso código do seu avô D. Afonso X. Fundou a primeira universidade portuguesa em Lisboa em 1290. Como hábil negociador, D. Dinis foi capaz de estabelecer com Castela uma fronteira definitiva para Portugal. No País tornou-se a autoridade do rei suprema, intervindo no governo local, reduzindo o poder da nobreza e combatendo a supremacia do clero, particularmente no concernente à sua riqueza em terras (leis de desamortização em 1286,1291, e 1309). Concordatas com o papado em 1289 e 1290 puseram fim à luta com a igreja. D. Dinis teve um interesse especial pela terra, encorajando a plantação de florestas e um completo desenvolvimento dos recursos agrícolas. Também mostrou grande preocupação com a construção naval e com o alargamento e protecção do comércio. No reinado de D. Dinis, Portugal desenvolveu estreitas relações económicas com a França, Itália, Flandres e Inglaterra. Os últimos anos do seu reinado foram perturbados pela rebelião do seu filho o futuro D. Afonso IV, que sucedeu no trono aquando da morte de seu pai em 7 de janeiro de 1325. *In; https://pt.wikipedia.org/wiki/Dinis_I_de_Portugal.*

DIOSO – Antigo, velho, de muitos dias.

DIPTAGO – O mesmo que ditago.

DIPTAGOS – Tabela de três colunas em que se escreviam os nomes de certas pessoas beneméritas da santa Igreja, como bispos e benfeitores ou fossem vivos ou defuntos.

DIQUE – Daique (PA); Lugar estreito, apertado, comprido.

DIREITAMENTE - Justamente

DIREITEZA – Direito, justiça, rectidão.

DIREITO DA VÉLA – No antigo registo de Leça se faz menção de uma manda no tit. De Moura Morta, pela qual Vicente Gonçalves deixou à ordem do Spital o direito que havia no soto da rainha com seu térreo e o direito de véla da Igreja. Que direito este fosse não é cousa averiguada. Não se pode entender aqui véla por vigia, guarda ou sentinela, parece aludir ao cereum, círio ou vela que antigamente se oferecia no sacrifício da missa por aqueles que não eram escravos. (Eluc)

DIREITO DE VÉLA DA IGREJA – Parece ser o direito de receber como padroeiro a vela que, na oblação da missa, se oferecia.

DIREITO DE POVOAR E HERMAR – Vide Hermar.

DIREITURAS – Pensões miúdas, a que hoje chamamos foragens ou miunças, e que o, enfiteuta costumava pagar além do foro principal e sabido.

DIREITUREIRO – Inteiro, recto, imparcial e muito amigo de fazer justiça e dar o seu a seu dono. Século XV.
DIRRÃ – moeda de prata dos árabes almorávides, corrente em Portugal nos primeiros tempos da monarquia; almorabitino, morabitino; meio pelo qual são efetuadas transações monetárias nos Emirados Árabes Unidos e Marrocos; a cédula e a moeda usada nessas transações (divisíveis em cem unidades menores, denominadas *fils* nos Emirados Árabes Unidos, e cêntimos no Marrocos); moeda equivalente a um centésimo do *rial* ('moeda') do Catar; moeda equivalente a 1/100 do dinar iraquiano; moeda divisionária da Líbia, equivalente a 1/1.000 do dinar líbio. (DH).
DIRRIBADO – Derrubado (NAP)
DISCO – Peça redonda e furada de pedra ou ferro, com uma corda que os atletas atiravam e ganhava o que o lançava mais alto ou mais longe. (AM)
DISCÓBOLO – atleta que arremessava o disco, nos jogos esportivos da Grécia antiga; estátua grega de bronze, realizada por Míron, no séc. V a.C., de um atleta pronto para lançar o disco [Uma das mais célebres obras clássicas, sobrevive apenas em poucas réplicas romanas e foi exaustivamente copiada no Neoclassicismo.]. (DH)
DISNEMBRANÇA – Separação, divisão
DISTINTO – Extinto, acabado, findo.
DITADO – "FL – E o ditado que tomou que se escrevia em todalas as cartas, dizia deste modo. Dom João, pela graça de Deus… - Título.
DITAGOS – Róis ou livros enrolados em que se escreviam os nomes de certas pessoas, tabela de três colunas, das quais as duas dos lados fechavam sobre a do meio.
DIVÃ – 1) Conselho turco presidido pelo sultão ou o grão-vizir. 2) Plataforma de alvenaria, encostada a uma parede da sala central de receção na casa civil egípcia antiga e na qual tomam lugar o chefe de família e seus membros para acolher os hospedes. 3) Sala luxuosa entre os Turcos. 4) Grande sofá à turca; canapé baixo sem madeira aparente onde o espaldar é substituído por almofadas fixas ou móveis. (Eluc)
DIVIDA – O mesmo que dúvida.
DIVEDO/DEVIDO/DEVUDO – O mesmo que devido, isto é, razão de parentesco, mais ou menos chegado. – "Sendo seu divedo muito chegado" – Crónica D. Duarte cap. 13.
DIVERTIR-SE – Afastar-se, Desviar-se.
DIVIDO/DÍVIDO DE SANGUE – Parentesco. Parentela, razão de parentesco – Séc. XIV e XV.
DÍVIDOS – Parentes.
DIVISA – É propriamente o que "divide", o que distingue de outrem. Fórmula pessoal, legenda que acompanha um emblema ou armas.
DIVISAÇOM – Separação, divisa, termo, limite, partilha.
DIVISEIRO – O que dividia, compunha, departia e julgava afinal todas as causas, pleitos e demandas entre os moradores das beetrias. 1352.
DIZER AOS DITOS E ÀS PESSOAS – Contraditar, pôr contraditas às testemunhas.
DIZER-SE – Ser, chamar-se, intitular-se.
DIZIMA – Havia dizima eclesiástica e dizima secular; a primeira se pagava à Igreja, a segunda ao senhorio. E eis aqui a origem dos oitavos ou terras nas quais os colonos, pagas as duas respectivas dizimas de dez ficavam com oito; a isto propriamente chamamos jugada. 1262. Também; Tributo correspondente à décima parte dos rendimentos que se pagava às autoridades eclesiásticas. (BV). Também; Foro que se

pagava (à Igreja e ao Senhorio) correspondendo à décima parte dos frutos colhidos ou rendimentos obtidos. Foral do Outeiro. (MJ)
DIZIMADA – Libras dizimadas se chamavam aquelas das quais dez faziam uma das antigas. 1399 D. João I.
DIZIMAR-SE Pagar as dízimas.
DIZIMOS CAPITAES – Vide Cabedal.
DIZIMOS CAPITAIS – O grosso do pão e do vinho que se chamava cabedal em 1474.
DIRHAM - Duas moedas dirham, muçulmanas, encontradas no campo de batalha de Ourique.

DÓ – Pranto, lamentação fúnebre.
DOAIRO – Semblante carregado, desdém, enfado.
DOÁS – Peças, joias e outras cousas de ornato, limpeza e asseio que fazem o enxoval de uma senhora.
DOBADOURA – Dauara (PA); Coisa que anda à roda.
DOBAR – Dauar (PA); andar ao redor, em giro.
DOBRA – Moeda de ouro que, antigamente, correu em Portugal. Havia dobras portuguesas, castelhanas, Mouriscas e Sevilhanas. As primeiras também se chamavam cruzadas com valia de 270 réis lavrou-as D. Dinis. Também; Moeda corrente no reinado de D. Fernando; A desvalorização teria atingido o índice de 1173%; isto é a moeda valeria menos 1173 vezes menos. A desvalorização monetária verificou-se nesta época em toda a Europa Ocidental como consequência das quantidades de numerário exigidas pelo desenvolvimento do comercio e da dificuldade de conseguir metais preciosos. (HS)
DOBRA (VALOR DA) – Quando o Mestre de Avis foi aclamado Defensor do Reino, constava cada dobra de 100 livras. – Eram quatro livras segundo se declara na crónica do Rei D. Fernando.
DOBRADO DE CERA – Rolo ou pavio de cera que também se disse candêa.
DOBRAL DE COIRO/COYRO – Rolo de pergaminho, bolsa ou carteira de coiro.
DOCTRA – De outra.
DOENS/DON/DONS/DONARIOS/DOMINICAES – Assim se chamavam às luctuosas ou donativos que os cavaleiros e nobres deixavam às igrejas por sua morte, e que de uma piedosa devoção chegaram a passar de uma obrigação rigorosa. 1194.
DÕES - Dons
DOESTAR – Dirigir, doestos, injurias, Insultar; Ofender.
DOESTO/DEOSTO – Palavra injuriosa, picante, afrontosa.

D'OGANO – Deste ano, corresponde ao latim hoc anno
DOIROMÃO – Assim chamaram à foz do rio Douro.
DÓLMÃ/DÓLMAN – sobreveste de origem turca, abotoada de cima a baixo, cintada e com abas soltas que chegavam aos joelhos [Foi peça característica de muitos uniformes dos hussardos.]; mais recentemente, casaco de gola levantada, ajustado à cintura, abotoado de cima a baixo, com ou sem alamares, usado especialmente por militares; qualquer modelo de roupa masculina ou feminina inspirado no dólmã militar. (DH).
DÓLMEN – monumento neolítico, formado por dois (dólmen bilítico) ou mais megálitos (dólmen trilítico, dólmen tetralítico etc.); anta, oca [Embora haja divergências, é geralmente considerado como túmulo, típico da Europa, embora também encontrado em certas regiões da África e da Ásia.]. (DH).
DOM – Dádiva, concessão.
DOMA – Semana; É a abreviatura de Hebdómada – "E estes filhavam a dita parte do castelo per esta guisa, que servissem em el dous dias da doma. Doc de Moncorvo 1366. Também; Semana (do latim Hebdomas)
DOMAAIRO/DOMAIRO – Hebdomadário, o que serve por semana, nos divinos ofícios.
DOMICÍLIO – Tudo o que pertencia à casa e vivenda de um lavrador, v.g. família, trastes, instrumentos de lavoura, animais de tiro, rebanhos, criações, etc.
DOMINICAES – Vide Doens.
DOMOÇA – O mesmo que hebdómada ou semana.
DOMUS – Casa construída para o Imperador e os Patrícios na civilização Romana. De planta rectangular e geralmente de um só piso e contendo ´átrio (sala de reuniões) os cubículos (salas de dormir). Do Tablino e do triclínio passava-se a um grande pátio circundando de uma fila de colunas, ligado a um segundo pátio maior, o jardim.
DON – Vide Doens.
DONA – Senhora casada (ou que foi casada). (NAP)
DONADIO – Donativo, dádiva.
DONARIOS – Vide Doens.
DONAS – O mesmo que doas; Também; Este nome e distintivo propriamente se dava às religiosas de Santa Clara desde a vida da santa até aos fins do século XIV. Também; Senhoras, no geral casadas.4
DONAS (AS DA CIDADE) – F.L. As donas de casa, as mulheres dos cidadãos.4
DONATIVOS – Vide doens.
DONZÉL – Moço, que ainda não era armado cavaleiro – Alcaide dos Donzeis "dos moços nobres que havendo sido pages dos reis formavão um grupo distincto na guerra e tinham seu capitão ou alcaide" (AM)
DONDE – Aonde (usavam indiferentemente as formas; onde, donde, adonde)
DONOSO – O mesmo que donairoso; galante, divertido, engraçado.
DONS – Vide doens.
DOO – Estava com doo.; de luto pela morte do rei D. Fernando, que ocorrera em 22 de outubro 1383, tinha havido pouco a cerimónia das exéquias, a que concorreram fidalgos de todo o reino.
DOOR – Vide dor.
DOOROSAS – Dolorosas.
DÓOS – Dous.
DOR/DÔR/DOOR – Doença, enfermidade, achaque.
DORADO – Doente; Enfermo.

DÓRICO – relativo aos dórios ou o indivíduo deste grupo grego que invadiu o Peloponeso; dório; concernente a ou a mais antiga das três ordens arquitetónicas gregas, notável por sua austeridade, com colunas desprovidas de base, capitel despojado, arquitrave lisa, friso com métopas e tríglifos, e mútulos sob o frontão; referente a ou o grupo de dialetos do grego antigo, falados em todo o Sul e Leste do Peloponeso, na Acarnânia, em Creta e na Dórida, e também no Sudeste da atual Turquia, no Dodecaneso e em Rodes; relativo a ou dialeto usado pelos primeiros poetas bucólicos gregos; que ou o que é rústico, grosseiro. (DH)
DORÍFORO – Estátua célebre de atleta de Policleto que serviu durante muito tempo de "cânone", isto é, de módulo ideal das proporções do corpo humano.
DORMIDEIRA – Herva vulgar; hortense ou campestre; dá-se esta entre os pães, concilia sono; ha dellas várias espécies; Papoulas. (AM).
DORMIDOIRO – Dormitório de gente religiosa.
DORMIR – Também se tomou dormir por passar a noite em vigília, porque o suposto que velava não dormia, era, contudo, a noite o tempo que, mais naturalmente se tomava para dormir.
DORMYDOYRO – Dormitório, lugar destinado para sono e descanso das pessoas religiosas que vivem nos mosteiros.
DORNA – Grande vasilha de aduelas, sem tampa, destinada a pisar uvas ou a transportá-las. Metade de um Pipo. (VB)
DORNEIRA – A moenga do moinho, em que se deita o grão, que vai caindo para ser moído. O ser antigamente quase do feitio de uma dorna, lhe rendeu aquele nome.
DOTAMENTO – Dote de casamento.
DOURADOIRO/DOURADOYRO – Firme, estável, permanente.
DOZÃO – Medida de líquidos e muito usada nos séculos XIV e XV. Tomou o nome da sua quantidade, porque era a duodécima parte do almude, constante de quarenta e oito quartilhos e, por conseguinte, vinha a ser justamente uma canada, sendo certo que doze canadas fazem um almude. E de doze se dizia dozão.
DOZÂO – Também; Medida de sólidos ou grãos, assim chamada por ser a duodécima parte de um moio grande, ou de sessenta alqueires e conseguintemente constava de cinco alqueires. 1355.
DOZÃO/DEZÃO – A duodécima parte de um alqueire. Assim consta do Censual dos votos da mitra do porto.
DROGMAN – Torgeman (PA); Interprete. Os que ignoram a língua Arábica assim lhe chamam e também Trucheman, dragmano, turcimão, turgimão.
DU – Príncipe, chefe, capitão. Do latino "Dux."
DUA – Vide Adua.
DUARTE D. – (1391-1438) – 66 anos – Rei de Portugal de 1433 a 1438, era filho de D. João I de Portugal. A sua mãe era D. Filipa de Lencastre, filha de João de Gaunt, duque de Lencastre. D. Duarte, escritor e filósofo, promulgou algumas reformas notáveis incluindo a chamada lei mental, 8 de abril de 1434, a qual visava facilitar a recuperação das muitas doações feitas pela coroa no reinado de D. João I, determinando que as doações de propriedade real eram inalienáveis e indivisíveis e deveriam reverter para a coroa na falta de um herdeiro legítimo masculino. A expedição tentada contra Tânger em 1437 foi um desastre militar e o irmão do rei príncipe D. Fernando, ficou prisioneiro e acabaria por morrer no cativeiro em 1443. D. Duarte morre em Tomar, em 9 de setembro de 1438 e sucedeu-lhe no trono o seu filho D. Afonso V. *in; Wikipédia.*

DUBLO – Dobro, outro tanto como o capital.
DUBRAR – Dar em dobro. 1308.
DUCATÃO – Moeda de ouro, que fez lavrar o rei D. Sebastião quando foi a Guadalupe.
DUÉO – Duelo, combate de duas pessoas, pactuado pela autoridade própria e designado o tempo e lugar.
DUCLA – Dúvida.
DULCE – O mesmo que Aldonça, nome de mulher mui usado em os princípio da nossa monarquia.
DULTERIO – Adultério, infração de fé conjugal.
DUM – O mesmo que dom.
DUNHA – Chama-se ao dia completo em que o proprietário do moinho pode moer o seu grão. (VB)
DURADOIRO – Firme, estável, permanente, durável.
DUREIRO – Anda dureiro, anda com prisão de ventre, defeca com dificuldade (recolha efectuada em Lagoaça. Freixo de Espada à Cinta). (VB)
DUSSIA - Vide Ousia.
DUUM – De um. 1291.
DUVHIDA – Dúvida. 1295.
DUVIDANDO – Receando.
DUUNVIRADO/DUUNVIRATO – cargo e dignidade de duúnviro**;** governo de duas pessoas ou duúnviros; período de duração desse governo. (DH). Também; Magistratura servida por dois Oficiais entre os romanos.
DUÚNVIRO – em Roma, cada uma das duas pessoas, permanente ou temporariamente, encarregadas de funções civis (judiciárias e administrativas) ou investidas de cargos sacerdotais; indivíduo que, junto com outro, exerce governo autoritário, próximo da ditadura. (DH).
DUZÃO – Vide duzão.
DY – Daí. (NAP)

E

E – Como nota musical, designava igualdade nas vozes ou canto.

E DES I – Em seguida.

ÊADENDO – Acrescentado.

EBENABECI – Benela bbaci (PA); do filho de Abaci. É o nome do Castelo que está defronte do Mosteiro de Alcobaça de que D. Sancho o I fez doação perpetua ao dito mosteiro, como se vê na escritura II do Tomo IV Monarchia Lusitana, onde se acha escripto Abenabeci.

ECHACORVOS – Enganadores, embusteiros, impostores.

ECHO/ECO-CORRIDO – Jogo de rapazes que saltam uns por cima dos outros, também conhecido por jogo do eixo. (VB)

EDIFICAMENTO – Edifícios, casas, moradas, vivenda de uma quinta, granja ou casal.

EDIL – Magistrado Romano que tinha a cargo algumas coisas da Polícia, como limpeza das ruas e templos, obras da cidade etc. (AM). Também; na antiga Roma, funcionário ou magistrado cuja função era observar e garantir o bom estado e funcionamento de edifícios e outras obras e serviços públicos ou de interesse comum, como ruas e o tráfego, abastecimento de gêneros e de água, condições de culto e prática religiosa etc.; nas municipalidades do Império Romano, funcionário administrativo regular, de segundo escalão; mesmo que Vereador; o mesmo que Perfeito. (DH).

EDITO – Ordem, mandado de Príncipe, ou Magistrado, que se afixa nos lugares públicos, para que chegue a notícia a todos. (AM)

EDUARTE – Forma antiga do actual; Duarte.

EDUCANDA – Mulher que se cria num convento de religiosas, sem profissão e aprende as artes, prendas e exercícios convenientes ao seu sexo.

EDÚLIO – Vide edulo.

EDULO/EDULO – Do latim haedus, ou, mais bem, cabritinho tenro e agradável ao gosto ou paladar.

EFERVENTAMENTO – Efervescência, fervor.

EFFICACIA – Instância, Insistência.

EFUSAL – O mesmo que afusal; certa medida ou peso de linho. Consta de dois arráteis, pois é a quarta parte da pedra do linho, que são oito arráteis.

EFUSAL DE LINHO – Afusal, que tem de peso dois arráteis e constava de doze estrigas e era a quarta parte de uma pedra que são oito arráteis.

EGIRA – Ou melhor, hegira. Assim se chama a época, ou era dos Árabes ou Maometanos a qual principiou no dia mês e ano em que Mafona fugiu da cidade de Medina, sua pátria para a cidade de Meca.

EGOA APOLDRADA – A que tem o seu poldro ou poldra que actualmente está criando. No ano de 410 segundo o reino dois árabes ou no de 1019 segundo os dos romanos, vendeu o mouro Oborrós a quinta do Botão, não longe de Coimbra aos monges do Lorvão.

EGOA DE CAVALLAGEM – Égua infantil, égua de rei, égua de marca e destinada à criação de cavalos que são hábeis e próprios para a tropa.

EGOA FERROLHADA – A que anda pastando com peias ou ferros nos pés.

EGOA INFANTIL – Égua infantil que acavale de bom cavalo. O mesmo que cavalagem, que devia ter de seis a sete palmos de alto e ser lançada a cavalo de boa raça.

EGREJAIRO/IGREJAIRO – Tudo o que pertence a um certo número de igrejas, ou seja, o direito de apresentar os párocos, ou o privilégio de receber os dízimos, ou alguma porção de frutos.
EI – Eu, "Mas se ei for para Mondego" carta de Egas Moniz do século XII.
EIBITRAR/EIBITRATORIO/EIBITRIO – Arbitrar, arbitratório, arbítrio, com os outros seus derivados.
EICHÃO/EICHAM/EYCHÂO/ICHÂO/UCHÂO – Com toda esta diferença se acha escrito o nome deste ofício da casa real, que consistia em aprontar, a tempo e horas, tudo o que pertencia à ucharia real, como peixes, carnes, pão, frutas, doces, etc. E o que tinha este ofício era com toda a propriedade um despenseiro.
EIDAYA – Idanha. Vide Garda.
EIGO – Unicamente, exceto, tão-somente – Carta de D. João I para Freixo de espada à cinta do ano de 1408.
EIGREGA – Igreja.
EIRA GORDA – Eira que pode ser utilizada por todos os membros da aldeia comunitária. (VB)
EIRADO – Porção de cereal estendido na eira para ser malhado. (VB)
EIRA DO LOMBO – Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.495), como de interesse arqueológico, mas que não se encontrou nas fichas de registo de cadastro rústico da freguesia de Grijó de Vale Benfeito. (TMC)
EIRADÉGA/EIRADIGA/HEIRADÊGA – Certa direitura ou forragem que, além dos oitavos, sextos, jugadas ou principais pensões os, enfiteutas ou colonos costumam pagar em algumas partes do direito de senhorio.
EIRADEGA/O – Vide Areatica.
EIRAGIGA – Parece diferir de eiradega, sendo esta dos líquidos e aquela dos sólidos, não obstante que em alguns documentos do século XIII se confundam.
EIRADIGA – Vide Aeratica e Eiradêga.
EIREL – Herdeiro.
EIVEGER – Escoutar, agricultar, pôr toda a boa diligência e cuidado no fabrico e roteia de um casal.
EIXÃO – Ou ichão das bestas; cevadeiro.
EIXECO /ENXECO/EIXEQUO – Dissensão, reixa, guerra, contenda – Também pena ou multa que alguém pagava por ser citado perante o juiz.
EIXECUTOR – O que pôr por obra, faz e executa alguma cousa, executor.
EIXEIÇÃO – Excepção.
EIXERQUEIRA /ENXERQUEIRA – Mulher que anda pelos povos a vender carne, que sobejou do açougue ou a salmoura, que já não é fresca. Também; os almotaceis quando nom tiverem carniceiros e pateiras e regaleiras e eixerqueiras que ajam de servir o concelho requeirão os vereadores que lhos dem.; Enxerqueira não era officio de vender carne à enxerga, ou a olho o que a lei prohibia e não havia mandar requerer officiaes de contravenção a Lei. (AM)
EIXERRUTAMENTE – Ex Abrupto, despoticamente, sem causa, sem razão ou motivo.
EIXETE – Adv. Excepto, tirando, exceptuando, ressalvando.
EIXIDAS – Saídas.
EIXIDO/EXIDO/ENXIDO/IXUDO/IXUDEO – Com esta variedade, achamos escrita esta palavra, com que os nossos maiores quiseram significar uma fazendinha, cerrado, quintalzinho, hortejo ou conchouso que está contiguo ou não longe da vivenda, e para

a qual há mui fácil entrada ou passagem, por ficarem estes prédios ordinariamente estes pequenos prédios à saída das casas.
EIXUQUETAR – Executar.
EJA – O mesmo que Aregia.
EL – Ele (NAP)
ELAMENTO - Elemento
ELAU – Dano, perda, detrimento, multa ou coima.
ELCHE – Elgi (PA); Novo convertido, renegado, proselyta. Deriva-se do verbo "âleja", passar de uma religião para outra. Também é o nome de uma ribeira no termo de Tomar.
ELEISO – Ele mesmo. Ap. Berganza.
ELEOTÉSIO – Lugar nas termas romanas onde o banhista se untava depois do banho. (AA).
ELESTÉSIO – Recinto num estabelecimento de banhos onde se guardavam os perfumes e os óleos destinados aos banhistas. Esta peça era geralmente próxima do *frigidarium* e nos banhos pobres reduzida a um armário.
ELEXIR – Alacsir (PA); A quinta essência.
ELEVAMENTO – Elevação.
ELISAR – Aleijar, lesar, ferir, espancar.
ELIXAÇÃO – O acto de cozer em água alguma comida, ou em outro líquido.
ELO – Nisso.
ELLO – Isso (NAP)
ELLO DE LINHO – Era meia mão ou seis estrigas de linho.
ELMETE – Pequeno Elmo (AM)
ELMO – Capacete que cobre a cabeça provido à frente de uma viseira que se podia levantar sobre a fronte. Tem muitas variantes, bacinete, capacete, et. As formas variam muito do século IX ao século XV. (AA). Também; Protecção de ferro destinada à protecção da cabeça dos guerreiros. Domina em Castela o elmo em forma de tonel, diferente da Capelina, capacete de ferro de tipo semiesférico bastante simples que se moldava à forma da cabeça e que podia ter ou não uma protecção nasal. (CM) Não tinha esta palavra, no ano de 1087, a única significação que hoje se lhe dá no brasão ou arméria. Então significava também um véu ou cobertura que se defendiam os altares do pó ou de outra qualquer coisa que pudesse inficionar a sua limpeza.

Elmo Sugar Loaf, século XIV; em exposição
no Museu Martim Gonçalves de Macedo.
Espólio da Associação Terras Quentes

ELMO FECHADO - O primeiro passo para esta evolução foi a adição ao capelo de uma protecção para a nuca. Cerca de I220, essa placa contornava a cabeça e juntou-se à

búcula, dando origem ao elmo cilíndrico totalmente fechado que no nosso país ficou conhecido por Baul. Este elmo permaneceu com o topo chato até cerca de 1260/80. Por vezes a búcula era reforçada por duas tiras em forma de cruz, sobre as quais eram abertos os orifícios oculares, embora nem sempre isso acontecesse.
O elmo era usado sobre o chamado *arming cap* ou virol, isto é, uma tira de tecido enrolado que os cavaleiros colocavam sob cabeça para suportar o peso do elmo. Um destes elmos podia pesar cerca de 6 kg aos quais se devia acrescentar a cimeira completa.
Os primeiros elmos eram geralmente feitos de 5 chapas rebitadas juntas às outras, a calote, a testeira, a face, a banda superior occipital e a cobre-nuca. Cada uma dessas chapas tinha uma espessura própria. Assim, por exemplo. a calote, a face e a banda superior occipital eram mais grossas - tinham geralmente cerca de 4mm de espessura - para poderem aguentar os mais violentos golpes, enquanto as restantes não tinham mais de 2mm- O seu peso era imenso.
O emprego de pesadas maças de armas, em meados do séc.- XIII tornou os topos planos extremamente vulneráveis. Assim, depois de 1250 começámos a ver esses topos a projetarem-se para cima, para permitirem que os golpes resvalassem, até que, nos finais desse seculo a parte superior do elmo tornou-se completamente cónica.
Com a cabeça toda coberta, o nobre torna-se irreconhecível para os seus homens de guerra. Começou então a desenvolver-se a moda de colocar-se sobre o elmo ornamentos bem visíveis que o identificassem. Nos primeiros elmos de cara dos finais do séc. XII, inícios do séc. XIII os timbres não eram muito visíveis. Mas nos finais do séc.- XIII começam a tomar forma, adquirindo uma enorme importância. Esses timbres ou cimeiras eram geralmente feitos de *Cuir builli, papier maché* ou outros materiais leves. Eram fixos por meio de um ou dois parafusos com porcas, para que facilmente pudessem ser movíveis.
Essas cimeiras, que na maior parte das vezes tinham formas bizarras e enormes eram um incómodo, pouco práticas, pelo que acabaram por ser quase exclusivamente utilizadas em torneios. Em caso de guerra, a cimeira era quase sempre substituída por plumas (os prumões, citados por Fernão Lopes nas crónicas de D. João I) ou por uma crista de cores variadas feira de crinas de cavalo em forma de leque. Para além disso, os elmos podiam ser pintados de uma ou mais cores vivas.
A partir dos finais do séc. XIII, o elmo foi descendo em profundidade até se apoiar completamente sobre os ombros. Desenvolveram-se também elmos de topo arredondado nos séculos- XIII e XIV, mas eram menos comuns que o elmo cónico. Temos dois bons exemplares de elmos cónicos retratados na escultura tumular de Cristo morto e no cavaleiro de Oliveira do Hospital ambos no museu Machado de Castro em Coimbra. Para além destas representações, Não se conhece nenhum exemplar em Portugal. O elmo ostentado pelo cavaleiro de oliveira do Hospital. Juan Dorningos no Museu Machado de Castro (Coimbra) tem um interesse muito particular por ter uma viseira móvel. Tivemos ocasião de apreciar um documento datado de 1298 com as contas de Odo de Roussillir, onde vem mencionado um heaume a vissere. Havia, realmente neste período (1300-1340) grandes elmos com viseira. Ilustrações desses elmos não são invulgares. Como eram muito pesados, o elmo era transportado numa sela ou nos carros do nobre. Na altura do combate era preso a uma corrente que estava fixa, inicialmente, ao cinto, e mais tarde, com o advento das coiraças, ao peito do cavaleiro, na extremidade da qual havia uma cruzeta- Essa cruzeta enganchava numa cruz rasgada na

parte inferior da face do elmo, permitindo que este fosse transportado e suspenso às costas do cavaleiro. O peso de um bom elmo era tal que na Alemanha e na Grã-Bretanha começaram a fabricar-se como alternativa, elmos de cuir builli, isto é, de coiro moldado em óleo e cera quente, bem mais leves, embora com uma enorme dimensão destinados a serem colocados sobre o bacinete. Estes grandes elmos, apesar de terem sido também usados na guerra eram, contudo pouco práticos pelo que o seu uso acabou por se restringir quase só às justas e torneios. Em combate os elmos não eram tão grandes e tinham uma forma mais baixa. O golpe de ma facha ou de um chicote de armas era violentíssimo, e por isso os armeiros começaram a forjar elmos de uma só peça, quase sem rebites. O facto de serem feitos com placas rebitadas de várias espessuras podia dar origem a que se deslocassem com uma pancada violenta, mas, feitos de uma só peça isso não acontecia" Os mais afamados fabricantes de elmos foram os armeiros do Norte de Itália e Alemanha, que se notabilizaram pela sua excelência no seu fabrico, embora também fossem feitas magnificas peças em França, Inglaterra, Espanha e países Nórdicos. Cerca de I370, embora o bacinete como iremos ver, estivesse já generalizado entre a nobreza o grande elmo ou baul, também conhecido por elmo de pote, continuou em uso por ser mais resistente. Nessa altura começou a aparecer um outro modelo que se disseminou já nos finais desse século: o elmo cabeça de sapo. Este modelo de elmo que acabou por se generalizar nos finais do século XIV era feito de três ou de duas peças. A sua forja era complicada e por isso era um elmo caro. No entanto foi muito adotado pela sua extrema eficácia, principalmente nos campos de justas e torneios. (MGM)

ELO – Isso (arcaísmo). Também; nisso.

ELVOS – Povos antigos da província de Narbonense, fundadores da cidade de Elvas. (AM)

ELYMEOS – Povos antigos da Itália que procediam dos Troianos ou de Alymo, companheiro de Acesto. (AM).

EMA – Neâma (PA); E não Hema como screve Duarte Nunes de Leão. É uma ave de extraordinária grandeza. Em Marrocos, Fez e Maquinés há grande quantidade de Emas, porém não fazem criação, mas os Mouros depois de terem juntos alguns ovos os enterram em uma esterqueira que com o calor passado o tempo necessário tiram e então criam como os pintos dos perús.

EMÂNICO – relativo aos emânicos, antigo povo da Hispânia bética (península Ibérica), ou indivíduo desse povo. (DH).

ENCALÇAR - Alcançar ou prosseguir no encalço. Também;

EM-ARCÁDO – Com volta de arco; espadas; em-arcadas. (AM)

EM-AVESÁR – (Talvez avessar) – Fazer avesso, mal, dano; Emavesar estes infiéis; i. é; induzir em avesso, mal, damno. (AM)

EMADER/EMADENDO – Acrescentar, ajuntar alguma cousa mais do que estava dito ou feito. Século XV.

EMAVESAR/EMAVESSAR – Dar com alguém do avesso, desorientá-lo, transtornar os seus projectos, perdê-lo, distraí-lo com engano, destruí-lo, derrotá-lo.

EMBARGANDO (NOM) – Sem embargo de, apesar de, não obstante.

EMBAUCADOR – O que anda engalhando, ou enganando homens para entrarem a serviço de outrem, ou militar, ou de colono e agricultor, com astúcia de exagerar as vantagens que vai ter, Etc., enganador.

EMBESTADO – Com o dardo na besta, isto é, pronto para atirar. (HS).

EM QUE PESE – Por muito que custe.

EMBAIR – Enganar, iludir, encher o entendimento de alguém de falsas ideias, fazendo-lhe crer o que assim não é.
EMBALLO – Agitação, movimento, embate, ondulação das águas. 1535.
EMBARALHAÇÃO – Baralhada, confusão.
EMBARBASCAR – Endoudar, entontecer, tirar alguém do seu siso. É metáfora do que o barbasco ou coca faz nos peixes.
EMBARGAMENTO – Embargo, impedimento, dúvida, oposição, embaraço. 1277.
EMBARGANDO – "Nom embargando" – Não obstante.
EMBOLÉU – O mesmo que boléu, encontrão.
EMBOLHAS/TREBOLHAS/TREBOLAS/TREBOLHAS – Botas de vinho, muito maiores que odres, feitas de couro, cada uma das quais carregava uma besta cavalar ou muar e outras havia que levavam três quartos de uma pipa, e só em carro podiam ser conduzidas.
EMBROLAMENTO – Qualquer bordado de ouro, prata ou seda.
EMBORILHAR/EMBURILHEY/EMBORILHAOM/EMBORILHADO – Envolver, confundir (NAP)
EMBOTAR – Tornar boto ou rombo; tirar o gume.
EMBUDE – Funil grande usado para gasnar ou zurnar, Também; Tubérculo venenoso. (VB)
EMBUIZAR – Atochar, embutir.
EMCAMPAÇOM – Renúncia do prazo feita pelo, enfiteuta nas mãos do senhorio.
EMCAPELADO – O que usa ou traz capelo ou capuz.
EMCHUJAR/EMXUJAR – Manchar, sujar.
EMCOMISSADO – O que tinha caído em comisso.
EMCOMMISSAR – Cair em comisso, faltando às condições do prazo que o, enfiteuta era obrigado a cumprir, sob pena de o perder. Hoje se antiquou este termo da nossa jurisprudência antiga não se podendo consolidar jamais a domínio direto com o útil nos prazos que se fizeram depois de 1611.
EMCRINAR – Inclinar.
EMDUZIR – Aconselhar, admoestar
EMENDA – O mesmo que multa ou pena pecuniária em satisfação de algum delito.
EMENTA – Vide ementa.
EMENTA (LIVRO DA) – Aquele em que se escreviam os sumários das cartas régias, doações, graças, mercês para andarem sempre em lembrança.
EMENTAIRIO/EMENTARIO – Inventário, rol, índice ou elenco de todas as peças que pertencem a uma herança. Ainda hoje se diz ementa e ementar, o costume de encomendarem os párocos as almas dos seus fregueses defuntos por um rol que têm na mão para que lhes não caíam da memória os seus nomes. Também; Livro de ementa de lembrança, inventário, rol, (AM).
EMHERVADO – Hervado "setas emhervadas" – "Zaravatanas emhervadas" (AM)
EM FAGA PORFIA – Não faça dúvidas.
EMFENGIDO/INFINGIDO – Fingido, falso
EMFIRMIDADE – Enfermidade.
EMFORMAR – Instruir, ensinar.
EMFRAMADO – Inflamado.
EMIGOS/EMIJGOS – inimigos.
EMIR – Chefe, governador. O emirato é o território governado por um emir; o termo designa também o tempo do seu governo.

EMIR DOS CRENTES YUSUF – No final do século XII ocorreram combates decisivos entre os exércitos cristãos e muçulmanos. Em 1184 o Emir dos Crentes Yusuf, protector de Ibn Tufail, de Averróis e de Avenzoar, construtor da mesquita de Sevilha e de Giralda, foi morto quando abandomnava o cerco de Santarém, já na estrada de Évora.
EMINA/HEMINA – Medida de líquidos que constava de uma libra. Duas eminas faziam um sextário; dois sextários uma bilibra; cinco sextários fazem um quintal ou gomor; Também; Medida de sólidos que teve a mesma variedade que a dos líquidos.
EMLIÇOOM/INLLIÇOM – Eleição, escolha, separação de alguma cousa ou pessoa.
EMMAGRENTAR – Emagrecer.
EMMENICER – Tornar-se ao estado ou acção de menino.
EMMENTAR – Dizer em suma, recapitular, trazer à memória as acções todas boas ou más de algum sujeito.
EMMENTRES/EMMENTES – Enquanto, entretanto.
EMMIGO - Inimigo
EMNA – Vide Emno.
EMNEIXAR/EMNEIXAMENTO – Anexação, ou melhor, obrigação perpétua.
EMNO – Emna. O mesmo que em-o, em-a ou no na. 1330.
EMOLEIRAR – Enfarinhar, empolvilhar.
EMPACHAR – Embaraçar, escrupoulizar, fazer alta e não prosseguir no seu destino.
EMPACHO – Impedimento; Embaraço, Embargo, demora.
EMPALADA – Arrochada, pancada, bastonada.
EMPARAMENTO – Acção de amparar, amparo, socorro, protecção.
EMPARDEADA – Vide emparedada.
EMPAREDADA/EMPAREDEADA/EMPAREDENADA/ EMPARDEADA – Desde o século XII até ao XV se acham em Portugal muitas emparedadas. Eram mulheres varonis que desenganadas inteiramente do mundo se sepultavam em vida numa estreita cela, cuja porta no mesmo ponto da sua entrada se fechava com pedra e cal e só por morte de inclusa se abria para ser levada finalmente à sepultura. No lugar da porta e ao tempo de a tapar ficava uma pequenina fresta por onde se lhe ministrava o indispensavelmente necessário para a vida, que poucas vezes passava de pão e água, recebiam o Corpo de Cristo e falavam ao seu confessor unicamente no que respeitava à sua consciência.
EMPARO – Amparo (NAP)
EMPAVEZADO/EMPAVESADOS – Protegido por pavezes, escudos ou pranchas que protegiam completamente o corpo. (HS)
EMPECADADO – O mesmo que fora da graça de Deus, para designar o individuo desastrado, falto de sorte, de juízo ou de paciência.
EMPECER – Impedir (NAP)
EMPECIMENTO – Dano, perda, detrimento.
EMPECIVO/EMPECÍVEL – Que faz mal, que causa dano e detrimento.
EMPEÇO – Embaraço, contradição ou dúvida; Também; Começo, princípio de alguma cousa. Do verbo empeçar que ainda se ouve na província do Minho.
EMPEECER (COM MORTAIS CUIDAÇÕES DE LHE) – "… ca nom vim aqui por empecer" para lhe fazer mal. Também; com rancorosos desejos de lhe fazer mal.
EMPENORAMENTO – Acção de penhorar ou dar em penhor. 1294.
EMPENHORAMENTO/ENPENHORAR – Dar em penhor. Século XIII.
EMPENOSO – Alto, soberbo, grande, levantado.
EMPERO – Ainda que, embora.

EMPESSOAMENTO – Acção de empossar, meter de posse, fazer pessoeiro.
EMPICOTAR – Expor à vergonha, preso nas argolas da picota (hoje pelourinho) algum criminoso ou malfeitor que não fosse réu de maior pena ou açoutes ou vergonha.

Legenda: Pelourinho de Chacim –
Foto espólio AssociaçãoTerras Quentes

EMPLAZAR – Emprazar ou fazer prazo de alguma prioridade ou bens de raiz. Também; citar alguém para que em certo dia e lugar compareça perante o juiz ou justiça de maior alçada. Como antigamente se faziam os actos judiciais em público e raso nas praças que estavam junto às portas das vilas ou cidades.
EMPLUMADO – Coberto de pena. Nascer emplumado é nascer já com discernimento juízo e descrição.
EMPOLOS – Após os, depôs os, depois dos.
EMPÓS – após, atrás de. (NAP)
EMPRAZAMENTO – Todo e qualquer contrato.
EMPRAZAR – Não só se toma na significação de fazer prazo de uma fazenda ou propriedade; e na de citar alguém, para que a dia e lugar certo compareça perante algum magistrado a dar razão das queixas. Também; notificar alguém para comparecer perante o juiz. Foral do Outeiro. (MJ). Dar prazo para; alugar por um determinado prazo, geralmente calculado em vidas, gerações. (BV)
EMPRAZAR CACHORROS – A ordenação do reino tratando de prémio que se há-de dar pelas Câmaras aos que extinguirem os lobos diz; E o que emprazar cachorros e os mostrar haja 4.000 réis, quer dizer que aquele que der ou procurar e com efeito achar alguma ninhada de lobos que ainda não saíram do ninho e os mostrar a fim de serem mortos, terá o dito prémio.
EMPRAZADOR DE CACHORROS - A ordenação do reino (livro 1º, título 65paragrafo 21) tratando do prémio que se há-de dar pelas Câmaras aos que extinguirem lobos, diz: E o que emprazar cachorros e os mostrar haja 4.000 réis. (CM)
EMPREZAR-SE – Entregar-se vil e fracamente à disposição livre dos seus inimigos.
EMPRESTADAR – É verbo de formação espontânea e caracter burlesco. Resulta de emprestar e dar significado a “fazer uma dádiva sob o título de empréstimo”.
EMPRESTOR – O que empresta alguma coisa.
EMPRIMIR - Imprimir
EMPRIR – Encher.
EMPROVISO – Imprevistamente. (NAP)
EMPUXAR – “abastará pera empuxar”; aguentar fortemente, segurar em força.
EMQUIRIMENTO – Inquirição, depoimento das testemunhas.

EMSEJAS – Vem do latim insidiae. Matar por emsejas, o mesmo que à traição e com aleivosia, à falsa fé, com perfídia, não de cara a cara, mas antes quanto mais descuidado se achava o que foi morto.
EMSEMBRA /ENSEMBRA – Juntamente, de comum acordo, consentimento e vontade.
EMTANTO – Entretanto (NAP)
EMTEIRO – Inteiro
EMTENÇAM – Intenção.
EMTONCES – Então.
EMTROMBAR-SE – Amuar, zangar-se, mostrar má cara.
EMTRUVISCADA/ENTROVISCADA/INTROVISCADA/TROVISCADA – Um dos direitos dominicais mui frequente nos princípios da nossa monarquia. Por ele era obrigado o, enfiteuta ou vassalo não só a concorrer para se apontar o trovisco que se havia de lançar ao rio, que era o modo mais comum de pescaria daquele tempo, mas também devia concorrer para a merenda do senhorio e sua comitiva quando fosse de seu gosto ocupar-se uma vez no ano neste proveitoso divertimento. Hoje mesmo é reprovado aquele pernicioso modo de pescar até pelas leis do reino.
EMVAILHAS/EMVASILHAS/EMVAILHAS – Vasilhas e toda a qualidade de louça para recolher os vinhos, como talhas, cubas, tonéis, pipas, quartos, etc.
EMVIAR – Despedir, mandar embora.
EMVIDIA – Inveja.
ENXAMAGEM/ENXAMELHA/ENXABELHO – Enxamahem é a tendência natural do enxame de uma parte da colónia de uma colmeia.
EMXÁRA – Matagal, mata, charneca despovoada e inculta
EN – Corresponde à preposição latina “In”.
ENCABAR – Introduzir o cabo na enxada; introduzir o pénis na vagina. (VB)
ENCALÇAR – Alcançar.
ENCAVALAR/ENCAVALGADOS/ENCAVALGADOS – Prover de cavalos (NAP)
ENCORNELHADO – Desonrado. (NAP)
ENCOUTO – Coima exigida pelo rei a todos os que não cumprissem o estipulado nas suas cartas de foral. (BV)
ENADER – Acrescentar. Vide emader.
ENALHEAR/ENALLENAR – Alhear; Alienar. Fazer passar uma fazenda ou qualquer outra cousa de um senhorio a outro por troca, doação, venda, transacção, etc.
ENBOLAS – Âmbulas dos santos óleos.
ENCABEÇADO – Casal encabeçado. Vide casal.
ENCABELADURA – Os cabelos.
ENCADARROADO – Severo e de cenho caído.
ENCALÇAR – Alcançar ou prosseguir no encalço.
ENCALIR/ENCALIDELA – No Minho quer dizer “ferver ligeiramente qualquer alimento, deixando-o encruado, quer para o conservar temporariamente, quer para ser comido assim”. (LV)
ENCALLÇO – Alcance, seguimento, desejo de alcançar a quem foge.
ENCAMINHAMENTO – Dote, estado, comportamento honrado e honesto.; Também; Indústria, persuasão, conselho.
ENCAMINHAR – Ordenar, estabelecer, consignar; também; querer ou permitir.
ENCANECIDO – Envelhecido; de cabelos brancos.
ENCANTEIRADO – Assento, arrimado e posto ao canto do armazém ou adega.

ENCARAMONADA/O – Mal-encarada/o. (VB)
ENCARAR – Pôr à vista.
ENCARENTAR – Encarentar os mantimentos: fazê-los caros.
ENCARNIÇADOS (OLHOS) – Injetados de sangue, assanhados, raivosos.
ENÇARRAR – Fazer um processo concluso, nada mais escrever nele, dizer ou apensar.
ENCARRETADA – Diz-se da azeitona que fica engelhada com o frio ou a geada. (VB)
ENCARTAR – Proscrever, banir, desnaturalizar.
ENCASTELLAR AS IGREJAS – Cercá-las com mão armada e não permitir que alguém entre ou saia delas.
ENCATRAFIAR – Introduzir, meter, enfiar, atar. (VB)
ENCAVALGADURA – Cavalgadura.
ENCAVALGAR – Pôr-se sobranceiro, ou ir sobre alguma cousa. Montar, ficar superior e a cavaleiro.
ENCENÇORIA – Vide Encenssoria.
ENCENGUENTAR – Cegar, ofuscar, confundir, entropecer.
ENCENSO – O mesmo que renda de censo. Ainda hoje dizem na Beira Alta.
ENCENSSORIA/ENCENÇORIA -Vide, Censo, Censura e Censuría. Isto é, por censorias que se obrigaram a pagar, a fim de serem honrados e isentos do que deviam pagar à coroa.
ENCENSURIAR – Vide Incensuriar.
ENCENSURIAR-SE – Obrigar-se a pagar certa pensão ou censo.
ENCERRADO – Acabado, perfeito, completo.
ENCERRAMENTO – Lugar apartado, cela, mosteiro.
ENCHOUVIR – Vide Enxovar.
ENCIENTES – Adv. Pouco antes.
ENCOMENDAMENTO – Encomendação, recomendação. Também; Incumbência, ofício, ministério, ocupação.
ENCOMENDAS – Recomendações, visitas, recados.
ENCOMUNHAS/INCOMUNIADOS – Assim chamavam aos foros e rendas, que dos casais, quintas e outras quaisquer fazendas de raiz ou somoventes se recebiam. Estas eram comuas entre os colonos e o direito senhorio, mediante a enfiteuse, de sorte que o, enfiteuta ou colono as não podia venderou por qualquer modo alienar, ou malparar, mas antes as devia melhorar cada vez mais e mais.
ENCONCHOUSADO – Tapado, cerrado, fechado, por todas as partes; diz-se de um quintal, horta, jardim, pomar, etc. Vide Conchouso, Chousa, Chousal.
ENCORNELHAR – Desprezar, desonrar, abater, infamar.
ENCOROÇADO – Exposto à vergonha em lugar público, com carochas na cabeça, em justa pena dos seus delitos.
ENCOSTO – Espírito ou alma penada de um morto que se manifestaria fisicamente numa pessoa viva ou num animal vivo. (MC)
ENCOUTEIRO – Rendeiro, sacador, que cobrava e arrecadava os encoutos dos 500 soldos que pagavam à coroa os que temerariamente quebrantavam ou de qualquer modo ofendiam os coutos, que ela havia posto, dado ou concedido. (Doc. De 1300 nas Bentas Porto). (CM)
ENCOUTO – Coima exigida pelo rei a todos os que não cumprissem o estipulado nas suas cartas de foral. (BV). Também; Multa ou coima por transgressão de leis. Foral do Outeiro. (MJ).

ENCREO/ENCRÉO – Incrédulo, Judeu, herege ou pagão que não quer assentir e dar crédito às lei de Jesus Cristo. XIV.
ENCUBERTO – Subst. Cilada oculta, dolo, fraude. Também; encerrado, guardado.
ENÇUJENTAR – Infecionar, manchar, encher de nódoas, ascos e imundices.
ENCULCA – Espião (NAP)
ENDE – Daí.
ENDEMONINHADO – Aquele que tem o demónio no corpo, possesso, furioso, travesso, endiabrado. (VB)
ENDEREÇAR – Encaminhar, dirigir, levar ao seu devido termo e fim. Também; Dirigir-se (NAP)
ENDO – Correspondia à proposição "in" tanto na composição, como designando lugar ou movimento.
ENDOVÉLICO – Depois que Resende no livro IV "De Antiquitatibus Lusitaniae", aduziu as inscrições, dedicadas ao Deus Endovélico que se acham no frontispício do convento dos agostinhos em vila viçosa, e outra que se vê no castelo do alandroal, extraídas todas as ruínas do famoso templo que a esta divindade falsa se erigiu num outeiro não longe da vila de terena; depois que Brito tratou largamente do mesmo tema na monarquia Lusitana, nada mais resta que assentirmos aos que dizem fora este templo fundado por Maharbal, capitão cartaginês e dedicado a cupido, pois a figura do ídolo com os olhos fechados, o coração na boca e asas nos pés, bem claramente mostram a natureza do amor profano que em nada repara, tudo descobre, e num instante se remonta, foge e desaparece, deixando frustrados e desiludidos os seus devotos.(Viterbo).
ENDURENTAR – Calejar, endurecer, costumar ao sofrimento à dor à pena e ao trabalho.
ENDUZER – Apropriar, dar, investir.
ENEGIA – O mesmo que Aregia. Vide aregenses.
ENEXAR – Anexar (NAP)
ENFENGIMENTUS – Ficções, aparências, figuras de teatro, sem fundo algum de realidade e consistência.
ENFERMEIRA - Nutrix. CIL 545 e 3190. (CM)
ENFESTO – Acima ou para cima. Foi muito usado.
ENFIAR – Obrigar, constranger. Também; V.g. em cinco moios. Remeter alguém à presença de juiz fintado ou condenado em o valor de cinco alqueires de pão, segundo o preço que então corria. Também; Fiar.
ENFIAR EM TANTOS OU QUANTOS MOIOS – Remeter alguém à presença do juiz, condenado no valor dos ditos moios.
ENFIAR PARA O JUIZ – Remeter alguém preso à presença do Juiz.
ENFINTA - Simular. (HS)
ENFITEUTA – Arrendatário; aquele que usufrui de um imóvel mediante pagamento de um valor, foro, previamente acertado com o proprietário.
ENFONDIÇADAS (ROUPAS) – roupas imundas. (HS)
ENFÔRROS – Forros.
ENFYADO – Pálido (NEP)
ENGADELHAR – Brigar, lutar.
ENGAÇO – Uma das constelações cujo aparecimento marca a hora a que os lagareiros deixam o trabalho deixam o trabalho. Forquilha de madeira, ou em ferro com cabo de madeira, com três dentes usada no manuseamento do feno e da palha (Vinhais) (VB)
ENGALHAR – Encruar, enrijar por defeito na cozedura de legumes especialmente.

ENGAFECER – Tornar-se gafo, gafar-se, encher-se de ronha ou gafém.
ENGALHAR/ENGROLAR/ENTALIR/ENCARTOLAR-SE – Vestir-se com elegância e primor, em trajo que requer chapéu-alto.
ENGAMIADO – Entrevado.
ENGANDO – Teimando viciosamente, aporfiando no erro. O termo engar ainda subsiste no povo das províncias, como o sentido de "acostumar-se abusivamente" Exemplo "Sempre este maçador… engou, e agora não há quem o ature!"
ENGANIR – Tolher-se com frio.
ENGARALHADO – Que treme de frio; enregelado. (VB)
ENGARANHAR – Tremer de frio. (VB)
ENGARANHO – Doença que volve as crianças magras. (VB)
ENGASCADO – Endividado. (VB)
ENGEIRA – Serviço que o colono prestava ao direito senhorio, cavando, segando, malhando, etc.
ENGEIRAS – Vide Angueiras.
ENGEITAMENTO – Aborrecimento, abjeção, desprezo. XIV.
ENGENHO – Ingénuo, livre de toda a escravidão, posto ou conservado na sua liberdade. Também; Catapulta (NÃO)
ENGENHOSO – Moeda de ouro que fez lavrar el-rei D. Sebastião com o valor de 500 réis. Tinha no reverso a cruz com a palavra "In hoc signo vinces, e no anverso, o escudo do reino com a legenda Sebastianus I Rex Portug". Chamou-se engenhoso porque o lavrou com raro primor, no ano de 1562 João Gonçalves de Guimarães. Foi a primeira moeda portuguesa a ser cunhada com data.

Reversos Anverso
Moeda que faz parte do espólio da Associação Terras Quentes

ENGROLAR – O mesmo que entalir ou entalar.
ENGROSENTAR-SE – Fazer-se deleitoso, pingue, fértil.
ENGUEIRA/ENGUEYRA/EMGEIRA – Serviço que o, enfiteuta ou colono prestavam ao direito senhorio.
ENGULHO - Nojo
ENHADENDO – Acrescentando.
ENIUXTÉ/ENJUXTE – Adv. Injustamente, contra a razão e justiça.
ENJEITAR – Conceber, engravidar-se.
ENLE/ENLHES – Neles ou em eles.
ENLEGER – Eleger (NAP)
ENLEGIDO – Eleito.
ENLIÇOM – Escolha, eleição.

ENNADAR – Determinar.
ENMORFRINHADO – Diz-se do atrofiamento do corpo por inacção ou preguiça. (VB)
ENOCOMENOS – Entretanto.
ENPAREDENADA – Vide Emparedade.
ENPENHORAR – Vide Empenhorar.
ENOZELHAR – Dar nó, tomar a aparência de nó.
ENPRIMÓ – Adv. Primeiramente, antes de mais nada, primeiro que tudo.
ENQUEREDOR – A testemunha que depunha na inquirição.
ENQUYRIÇOM (INQUIRIÇÃO) – Inquéritos e investigações efectuadas por mandado do monarca para averiguar a autenticidade de certos direitos efectuados por uma comissão nomeada para o efeito. (BV)
ENQUISA – Vide exquisa.
ENREGA – Substantivo verbal de enregar; começar. (LV)
ENRIQUENTAR – Encher de riquezas, física ou moralmente.
ENROLADAMENTE – À surdina, pela calada, sem rumor, às escondidas. XVI.
EENROSCAR – Namorar (com sentido meio depreciativo) (VB)
ENSAES – Sentina ou porão da nau.
ENSANHAR – Enojar-se, encher-se de sanha e cólera.
ENSEGAS/ENSEJAS – Alcovitices, aliciamento e todas as más obras e palavras que conduziam à torpeza.
ENSENHORIAR – Dominar, possuir.
ENSEJO – Ocasião, motivo, força, impulso. É palavra originariamente portuguesa. Ainda hoje dizem na Beira, ensejar, por dispor, ocasionar, preparar alguma cousa.
ENSEMBRA – Vide Emsembra.
ENTALIR – O mesmo que entalir ou engrolar.
ENTANCAR – Empoçar; diz-se que entancam as águas que correndo para os terrenos baixos, represam, formando, charcos.
ENTEJAR/ENTEJO – Aversão, ódio, desafeição de alguma cousa ou pessoa.
ENTENÇA – Demanda, causa, questão, que se deve terminar por sentença do magistrado, controvérsia, discórdia, acção, acusação. De intendere, contender ou litigar.
ENTENÇAR – Mover pleitos, contestar, demandas. Vide entenças.
ENTENDIDO – Sabedor (NAP)
ENTENDIMENTO – Inteligência passiva, o verdadeiro espírito de uma lei.
ENTENDUDO – Entendido, sábio, discreto, experimentado.
ENTENSSOM – O mesmo que entença; vide exquisa.
ENTENTO – Concentrado (NAP)
ENTERRAMENTO – Não só se tomou pelo acompanhamento fúnebre à sepultura, e acção de dar à terra um defunto, mas também pelo jazigo, carneiro ou sepulcro particular de alguma pessoa ou família.
ENTERRAR – Confundir, suplantar na discussão.
ENTOJOS – Apetites, desordens.
ENTORPAR – Entorpecer, equivocar, enganar, encobrir.
ENTROVISCADA – Vide emtruviscada.
ENTRADANHAS – Entranhas, o mais interior do nosso coração.
ENTRADAS – Assim se chamam nas inquirições reais de 1220, as limitadas pensões que se pagavam de alguns casais, em cujas rendas entrava o senhorio.
ENTRAMEN – Entretanto. 1292.

ENTRAMENTO – Entrada, porta por onde se entra.
ENTRAR – Obrigar-se, comprometer-se.
ENTRAR A ALGUEM – Focar por seu fiador.
ENTRAR EM CAMPO – Combater. (HS)
ENTREGA/ENTREGUEMENTE/ENTREGADAMENTE – Fielmente sem falhas, nem diminuição alguma.
ENTREGAMENTE/ENTREGUEMENTE – Inteiramente.
ENTREGUE -Adj. Inteiro ou inteira, sem quebras, diminuição ou falhas.
ENTREMENTE – Enquanto, entretanto, pelo tempo que.; Também; O mesmo que entreame.
ENTRETALA – Contraforte de muralha. (AA)
ENTROYDO – Entrudo, tempo de Carnaval que por ser entrada para a santa quarentena se chamou entroydo, "quasi ab introitu".
ENTOURADAS – Diz-se da porta ou da fechadura difíceis de abrir, perras. (VB)
ENTUNAS – O mesmo que bandounas.
ENUNO -O mesmo que emsembra.
EN UNO – Juntamente, de mão comua o mesmo que emsembra, corresponde ao latim una ou insimul
ENVEREAMENTO – O mesmo que vereação ou ofício de vereador.
ENVEREAR – Exercitar ofício ou cargo de vereador.
ENVESTIDOIRO/ENVESTIDOYRO – A camisa; parece que assim chamaram à camisa, por servir de forro aos demais vestidos.
ENVESTIR – Vestir, revestir, forrar.
ENVEZAMENTO – Transtorno, desordem, avesso, contradição.
ENVIAMENTOS – Tentações e pensamentos maus que o demónio envia às almas dos fiéis.
ENVOLTÓRIOS – Armaduras.
ENVORILHAR – Confundir (NAP)
ENVORILHAR-SE – Embrulhar-se.
ENXADRES – Xadrez
ENXAGUADO – Reles, ordinário. (VB)
ENXALÇADO – Exalçado, engrandecido e exaltado.
ENXALMADORES – Os que curavam com palavras. Também; O que curava com palavras e que estava autorizado a receber contribuições. (D. Afonso V, corte). (CM)
ENXANO – Cada um ano.
ENXARAS – Eram matagais, matas e desertos despovoados e sem cultura a que hoje dizemos charnecas.
ENXARCAR/EXERCAR – Vender carne de salmoura ou chacina.
ENXERQUA – Carne que se vende fora do açougue e a olho. (BV). Também; vender carne à enxerca. A que se vende fora do açougue, e a olho, sem peso e sem medida. (foral de Penedono D. Manuel 1512). (CM)
ENXARAVÍA – Também se chamou polaina. Era a insígnia oprobriosa das alcoviteiras. Consistia numa beatilha de seda vermelha que traziam na cabeça enquanto não partiam para o desterro.
ENXARROCOS – Cibas, polvos, enxarrocos, lulas, chocos, etc.
ENXAVEGOS/ENXAVÉGOS – Espécie de redes com que antigamente, se pescavam solhas e outros peixes miúdos e outros mariscos de baixo preço.

ENXAVEGUA/ENXAVÉGUA – Pesca de solhas e outros peixes miúdos que nos rios e praias se fazia com redes, a que chamavam enxávegos.
ENXECO /EYXECO/EYXEQUO – Dano, perda, desgraça, reixa, dissensão, queixa, guerra, contenda.
ENXEMPRADO – Dado ou reduzido a escritura pública, copiado em pública-forma.
ENXEMPRO – Provérbio, exemplo (NAP)
ENXEQUIAS – Exéquias (NAP)
ENXERCA (CARNE DE) – A que se vende a olho fora do açougue de chacina ou salmoura.
ENXERGA/ENXERGUA/ENXERCA/ENXERQUA – Vender carne á enxerga: a olho sem peso, sem medida. Também; vender carne à enxerca. A que se vende fora do açougue, e a olho, sem peso e sem medida. (foral de Penedono D. Manuel 1512).
ENXERQUEIRA – Vide eixerqueira.
ENXIDO – Vide eixido.
ENXERQUA – Carne que se vende fora do açougue e a olho. (BV).
ENXIRAVIA – Jauareha (PA); Socos, escarpins. Em todos os casos em que alguma mulher for condenada por alcoviteira e não haja de morrer ou ir degradada para o Brasil, traga sempre polainas ou enxiravias.
ENXOVAR - Encerrar, fechar, levar ao curral do concelho.
ENXOVIA – Prisão situada no rés-do-chão ou no subsolo. Cárcere insalubre.
ENXUDIA DE PORCO – É o que dizemos ainda hoje; unto de proco.
ENXUGENTAR – Sujar, manchar
ENXURDADO – Enlameado (NAP)
ENXURDREIRO – Estrumeira, lugar de imundices, lodaçal.
ENXUTO – Diz-se de pessoa magra, sem gorduras, desabrido, sem vergonha. (VB)
ENZOL – Anzol.
EPIDERME – Superfície, camada superficial das pedras ou dos mármores que o tempo gasta, pouco a pouco
EPISTOLEIRO – Vide Pestuleiro.
EPICÉDIO – hino fúnebre, frequentemente improvisado, que se cantava nas cerimônias dos funerais; lamentação na forma de poema lírico ou sinfônico, ou discurso, dedicado à memória de alguém. (DH).
EPIFANENSE – indivíduo natural ou habitante de Epifania, antiga cidade da Síria; epifaniense. (DH).
EPIFANIA – festa cristã que comemora o batismo de Cristo e, secundariamente, as bodas de Caná, embora, desde o séc. V, a Igreja ocidental comemore, nesta data, o aparecimento dos Magos como ocasião da primeira manifestação de Cristo aos gentios (12º Dia); aparecimento ou manifestação reveladora de Deus ou de uma divindade; encarnação de Deus ou de uma deidade sob uma forma terrena; manifestação ou percepção da natureza ou do significado essencial de uma coisa; apreensão intuitiva da realidade por meio de algo geralmente simples e inesperado (como um lugar-comum ou uma pessoa vulgar); (DH).
EPIGRAFIA – estudo da composição de epígrafes, de inscrições; ciência que estuda as inscrições lapidares dos monumentos antigos. (DH)
EPÍMETRO – na Grécia antiga, parte de carga marítima dada ao piloto como salário; entre os antigos romanos, valor que os recebedores acresciam aos impostos para remuneração de seu trabalho. (DH).

EPINÍCIO – na Grécia antiga, canto entoado para celebrar a vitória nos jogos olímpicos; hino triunfal; poema ou cântico feito para comemorar uma vitória ou qualquer obra em que se manifesta o regozijo por um acontecimento. (DH).
EPIÓDIA – na Grécia antiga, canto de funerais, marcha fúnebre. (DH).
EPITÁFIO – Inscrição funerária em mármore, pedra ou metal.
EPITALÂMICO/EPITALÂMIO – hino nupcial; canto ou poema composto para celebrar um casamento. (DH).
EPÍTASE – no teatro antigo, a parte seguinte à prótase ('exposição inicial'), na qual se desenrolam as ações principais; na medicina hipocrática, o princípio ou causa que leva a um estado febril; ponto culminante de uma composição. (DH).
EPITOGIO – Capote ou capa comprida, de que usavam não só os eclesiásticos, mas também as mulheres. Também; Manto que os romanos traziam por cima da toga.
EPOPTISMO – terceiro e último grau de iniciação nos mistérios da deusa Deméter (a Ceres dos romanos), celebrados na Grécia antiga, em Elêusis (cidade próxima a Atenas, na península da Ática), onde se localizava o célebre santuário da deusa, um dos quatro santuários pan-helênicos; epopsia. (DH)
ER – Ainda; Também; Logo. Também; é pronome pessoal e indeclinável que correspondia a ego no singular e também ille, e no plural a nos e vos e illi. Nos séculos XIII e XIV foi muito usado.
ERA – Os primeiros latinos escreveram aera, era e ira para significarem distinção de escritura como v.g. Capítulo, número, parágrafo ou item. Ou princípio do número cálculo ou suputação. Mais ver elucidário. Também; Muitas vezes (ou regularmente) se conta o ano de pontificado dos papas, não do dia da sua eleição, mas sim do dia da sua coroação. Também; nada mais significa hoje que qualquer conta ou número dos tempos, significando antigamente, o princípio ou capítulo de um livro.
ERA MAIS FORÇOSO – Tinha mais força.
ERAZEGE – Herança.
ERDADOR/HERDADOR – Herdeiro, o que sucede na herança por testamento ou ab intestato.
EREDORO – Homem nobre e distinto que vinha na classe dos herdeiros ou naturais das igrejas, à diferença de outros que se diziam herdadores vilãos.
EREGIAS – Heresias.
EREO/ERÉO – Herdeiro.
ERES – Eles.
ERGO – Pois. Portanto (conclusiva latina, usada na linguagem jurídica). Também; Mas. Manda certo testador algumas alfaias para serviço de uma capela e proíbe estreitamente que ninguém se aposse delas. “Ergo que sempre sirvam essa capella”.
ERGUER FORÇA – Aliviar, desoprimir, pôr em paz e sossego.
ERIUDO – Levantado, erguido, posto a prumo.
ERMAR – Vide Hermar.
ERMEYRMHOS – Acordes, de um mesmo animo, vontade e parecer.1292.
ERMIGIDADE – Irmandade ou parentesco mui chegado.
ERMITÃO - Pessoa que vivia numa ermida, prestando assistência a quem as visitava. (CM)
ERRADA – Substantivo, Errata; Também erro, assim físico como moral; errada das mulheres, o seu mau procedimento, desonestidade, luxuria.
ERRO – Campo, herdade ou qualquer propriedade, que por marcos se divide.

ERROR – Erro, engano.
ERRORES – Erros.
ERYTA – Encosta (NAP)
ERVA – Como por excelência entre as ervas venenosas se deu este nome à cicuta, porque com elas se ervavam as setas e quaisquer armas ofensivas e defensivas para que o seu tiro ou golpe fosse mortal. No século XIV usava-se a planta Beladona. **Também;** *atropa belladonna L., conhecida pelo nome comum de beladona, é uma planta subarbustiva perene pertencente à família Solanaceae, com distribuição natural na Europa, Norte de África e Ásia Ocidental e naturalizada em partes da América do Norte. A espécie é pouco tolerante à exposição directa à radiação solar, preferindo habitats sombrios com solos ricos em limo e húmidos, principalmente à beira de rios, lagos e represas.* (in; Wikipédia)
ERVANÇO – Grão-de-bico. (CM)
ESBALHO – Esbulho, espólio, despojo.
ESBANZALHADO – Frouxo, lasso. (VB)
ESBARRIGAR – Parir.
ESBATEGADO – Com o peito descoberto, esbagachado, nu. (VB)
ESBEIÇAMENTO – Num largo mocho de cerdeira com assento de junco rôto, espipado, com uns esbeiçamentos de palhiça
ESBULADO – Esbulhado, despojado ou privado da posse de alguma cousa, desapossado. 1292.
ESBULAR – Esbulhar, privar da posse, desapossar, Ibidem E também procurar com curiosidade alguma o que vulgarmente se diz: espiolhar.
ESCADAM/ESCADÁM – Turma, esquadrão de gente, posta em duas alas ou fileiras, a modo de procissão.
ESCADAS DE ASSALTO (ASSÉDIO) – "A Virgem havia de dar entrada às gentes d'el-rei os quais haviam de subir per escadas postas nos muros quais cumpria e que os ferros pera elas foram feitos em Alenquer" cronica D. João I - As escadas de assédio tinham numa das extremidades ganchos de ferro para prenderem às muralhas.
ESCADELECER – Dormitar, começar a dormir levemente. Antigo, mas ainda com algum uso na Beira entre os paisanos e camponeses.
ESCAECER – Esquecer, não fazer lembrança nem apreço.
ESCACHA – Jogo que consiste em colocar um pião num círculo, atirando contra ele outros piões, procurando parti-lo; racha. Actividade em que consiste em partir a amêndoa. (VB)
ESCACHAR – Fender (NAP)
ESCAIDO/ESCAÍDO – Esquecido.
ESCALA – Escada, aparelho para escalar muros duma fortaleza.
ESCALADO – Aberto, Fendido para se poder salgar (falando do peixe).
ESCALDEIRAR – O mesmo que encaldeirar; abrir covas ou caldeiras em volta dos pés das árvores ou bacelos.
ESCALEIRA – (De escalar) 1) Escada 2) Minho: degrau de escada. 3) Trás-os-Montes: escada de pedra por onde se sobe para casa.

Casa típica com escaleira em Vila Nova da Rainha, Macedo de Cavaleiros;
Foto do espólio da Associação Terras Quentes

ESCALÊTE -Esqueleto, pessoa extremamente magra.
ESCAMAR – A locução "a escamar" quer dizer em Paredes de Coura "A toda a pressa".
ESCAMBADOR – O que fez algum escambo, permutação ou troca. 1487.
ESCANBO – O mesmo que escambo.
ESCALAMBOADO – Muito frio. (VB)
ESCANÇADO – Bem-afortunado, feliz, ditoso. E também em sentido metafórico; bem reputado, visto com bons olhos e sem desagrado.
ESCANÇÃO – O que deitava o vinho na copa e a oferecia ao príncipe. Nos concílios VIII e XIII de Toledo, se fez menção do "comes scanciarum", como um varão ilustre e ofício palatino. Não só no tempo dos reis godos, também em casa dos nossos monarcas se praticou este honroso ministério. Deixadas as etimologias de Frei Leão de S. Tomás, tomo II, da Benedict Lusitania, dizemos que do verbo "scenken" que para com os alemães significa "vinum fundere", se formou na baixa latinidade "scancio, scancius e scacionarius", o que lança o vinho no copo e "scancionaria ou scançaria" a casa em que se distribuía o vinho no palácio de um príncipe. No ano de 1316, ainda em Portugal havia estes nomes e ofícios, se diz; escanciar ou escanziar, por lançaar vinho, e escanção o que lança.
ESCANCARA – De escancara; o mesmo que escancaras.
ESCANÇARIA – Vide escanção. Também; Casa ou lugar em que se distribuía o vinho na casa de um príncipe.
ESCANETA – Escano pequeno (Salselas, Macedo de Cavaleiros) (VB)
ESCANHO – Escano, banco, assento. 1312.
ESCANTUDO – A forma do rosto oblonga, testa escantuda, barba tirante a redonda.
ESCANO – Tumba, esquife para conduzir os defuntos à sepultura. 1567, 1607. *Também; banco comprido e largo, de assento móvel, que constitui uma caixa a que o assento serve de tampa; escabelo - banco com espaldar alto, junto à lareira. (Infopédia).*
Também: Banco comprido e largo, junto à lareira, ao centro do qual existe uma tábua que pode baixar-se, servindo de mesa a duas pessoas. (VB)
ESCAPAR – Escampar, rescindir o contrato ou arrendamento de alguma cousa, e demiti-la na mão do primeiro que a possuía.
ESCAPÚLA – Astuciosa desculpa com que alguém salva a sua palavra; e também o modo e artifício com que alguém põe a salvo a sua pessoa. Dar escápula a alguém fazer vista grossa, permitir que se escape.
ESCAPULÁRIO – Peça de tecido que os religiosos trazem sobre os ombros. (AA). Também; faixa de tecido que frades e freiras de algumas ordens religiosas usam pendentes sobre o peito; sinal de devoção representado por dois pedaços de pano bento, ligados por duas fitas, sobre os quais está escrito o nome da Virgem; espécie de atadura larga que serve para comprimir emplastros. (DH)

ESCARLATE – Scarlate (PA); voz pérsica, Pano encarnado que da mesma cor tomou nome.
ESCARNHO – Escárnio, afronta, zombaria, força, violência. Também; "Som escarnho – Tom sarcástico; Escárnio, ironia trocista.
ESCARNIDO/S – Injuriado, afronta, escarnecido, lograd, exposto à irrisão e contumélia, troçado, ridicularizado.
ESCAROÇAR – O mesmo que escamisar (o milho) em Chaves; talvez escaroçar de coroça.
ESCATIMA/ESCATÍMA – Apartamento, partilha, separação.
ESCATIMADO – Partido, limpo, dividido, separado. 1300.
ESCATIMAR – Apartar, separar, dividir.
ESCATIMAS – Regateios, escassezes, minudências impertinentes, partilhas, divisões.
ESCATOLOGIA – doutrina das coisas que devem acontecer no fim dos tempos, no fim do mundo; doutrina que trata do destino final do homem e do mundo; pode apresentar-se em discurso profético ou em contexto apocalíptico. (DH)
ESCLAVAGEM – Adorno ou adereço mulheril, a modo de cadeia que as mulheres traziam ao pescoço, com duas ou mais voltas de pérolas ou diamantes, e também de outras missangas de menos preço, como granadas, avelórios etc. Deste modo confessavam ser escravas da vaidade e talvez da torpeza e da cobiça.
ESCLAVINA – Capa do romeiro.
ESCOL – A flor, o mais precioso, nobre e escolhido de alguma cousa.
ESCOLDRINHAR – Esquadrinhar, investigar, procurar com diligência e exacção. É do século XVI.
ESCOLHEITA – Substantivo, Escolha, que se faz de alguma cousa.
ESCOLHEITO, OS – Adj. Escolhido, escolhidos.
ESCOLHIMENTO – Eleição, arbítrio, escolha.
ESCOMUNHOM – Assim o arrabi-mor, com os seus ouvidores não podiam, por nenhuns feitos, pôr pena de excomunhão aos Judeus, salvo naquelles casos em que os seus direitos a mandam poer.
ESCONDEDALHAS – Subterfúgios, escapatórios, invenções e modos de esconder.
ESCONDIMENTO – Lugar escuso, esconderijo.
ESCONDUDAMENTE – Às escondidas. Ocultamente, a furto, escondidamente. 1323.
ESCONSA – Falar á esconsa é falar por sinais, gesticulações, ademanes, acenos, interjeições. Desta gíria ou linguagem de mãos, dedos e olhos, particularmente usaram os Beneditinos fora de Portugal e os habitantes de Cartuxa. Códice 340, Alcobaça.
ESCOPEIRO – Utensilio de calafate, consistindo em um pau cuja extremidade se forra com um pedaço de pele de carneiro, servindo para brear o costado das embarcações.
ESCORÇAR – Tirar a pele, esfolar. O sentido próprio é tirar a corcha, isto é, a cortiça, descortiçar; descascar (a árvore).
ESCORCHAR – Esbulhar, despejar, esgotar, inteiramente roubar.
ESCORDAR-SE – Recordar-se.
ESCORJAR – Talvez no mesmo sentido de esgorjar ou escorchar. Diz-se os que aspiram e anhelam a dignidade e postos não perdoando a gastos, diligências, empenhos e vilezas.
ESCORREGAMENTO – Queda, culpa, desgraça, acção de escorregar.
ESCORTINHAR – Cortar, recortar em pedacinhos.
ESCOUSAR – Escusar.
ESCOVALHO – Vassoura feita de giestas. (VB)
ESCRAVAR – Escavar, cavar.

ESCREPUER – Escrever.
ESCREPVANINHA – Ofício de escrivão.
ESCREPVANINHA DOS CAVALLEIROS – Era na cidade de Viseu a escrevaninha a quem pertencia tudo o que respeitava aos que deviam pagar ou não pagar o cavalo de Maio e suas dependências.
ESCREPVER – Escrever. É trivial até ao século XVI.
ESCRIPTURARIO – Sabedor ou lido na escritura sagrada.
ESCRITA – Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.641) como de interesse arqueológico, mas que não se encontrou nas fichas de registo de cadastro rústico da freguesia de Murçós. (TMC)
ESCRITÓRIO – Aos "baixos" ou rés-do-chão de um prédio chamam em Viana do Castelo Escritório.
ESCRIVÃO – Funcionário encarregue da escrituração dos direitos reais. Funcionário auxiliar do tabelião. (BV)
ESCRIPVER – Escrever
ESCUDO – Escudo em madeira, século XII/XIV, proveniente da Igreja Matriz de Alcácer do Sal. Os escudos são uma das formas mais antigas de defesa inventadas. Na Idade Média, cavaleiros e outros guerreiros carregavam escudos feitos de madeira, forrados com couro em seus braços para se defenderem de clavas, machados, lanças e flechas. Os padrões coloridos eram usados como identificação. Alguns modelos de escudos de meados e segunda metade do século XIII, mostram-nos o posicionamento dos Guides/Fivelas e dos enarmes com que o cavaleiro segurava o escudo (Investigação de Hemut Nickel (Der Mittrlalter Reiterschild des Abenlandas phd Thesis Universidade de Berlis, 1958) baseado em exemplares existentes em Marburg.

ESCUDO – Moeda de ouro que fez lavrar o rei D. Duarte; valia 90 réis. Mandou-a desfazer D. Manuel porque pela muita liga que tinham eram mal recebidas, principalmente pelos estrangeiros. Doc. 1457. Também; Arma defensiva formando abrigo portátil, feita de um painel de madeira ou metal que os combatentes trazem no braço esquerdo para aparar os golpes. Os escudos apresentam-se consoante as épocas e os países as formas mais diversas. (AA). Também; ESCUDO – O escudo como arma defensiva é conhecida desde longínquos tempos. Fernão Lopes diz-nos que os Castelões, em Aljubarrota, traziam na vanguarda de besteiros «apavezados» e que o Condestável andava com um escudo no braço, por recriar os virotões. Os escudos tinham geralmente na parte superior, argolas

ou braçadeiras, por onde passavam os braços para se manobrarem. Os escudos portugueses do fim da Idade Média, considerando como fonte iconográfica a tapeçaria de Pastrana, onde é possível identificar alguns soldados ao serviço de D. Afonso V, eram grandes, coloridos e com armas heráldicas. Com a introdução das armas de fogo e com o alcance de maiores distâncias dos projecteis, o escudo foi-se abandonando sucessivamente. Porém a sua eficácia como equipamento de defesa contra setas, arremessões, dardos e golpes de espada ou lanças, dependeu sempre do seu material, uma vez que em função da necessidade de resistir aos projéteis, tiveram necessidade de serem reforçados, e o seu peso, o que acabou por ter consequências no palco de guerra, sobretudo na movimentação dos "guerreiros". (CM)

ESCUDO DE OURO – Reinado de D. Afonso V (1438-1481) - Espólio da Associação Terras Quentes.

Anverso Reverso

Anverso. - + DOMINUS. ALFUNSQ. REX. PORTUGALIE *(Dom Afonso quinto* rei *de PortugalJ* entre cercaduras lisas. Ao centro, limitado por cercadura lisa, a sigla real ALFQ *(Afonso Quinto)* coroada, tendo por baixo a marca monetária L, dentro de epiciclóide duplo octolobado, cantonado de aneletes.

Reverso. - + ADIUTOR. ET. PROTEITOR. DEO. MEUS. * *(Deus* é o meu protector e *favorecedor)* entre cercaduras lisas. Ao centro, limitado por cercadura lisa, o escudo real coroado com seis castelos na bordadura, em campo liso.

ESCUDO DE SÃO TOMÉ – Moeda em ouro cunhada no reinado de D. João III (1521-1557). Moeda pertencente ao espólio da Associação Terras Quentes.

Reverso Anverso

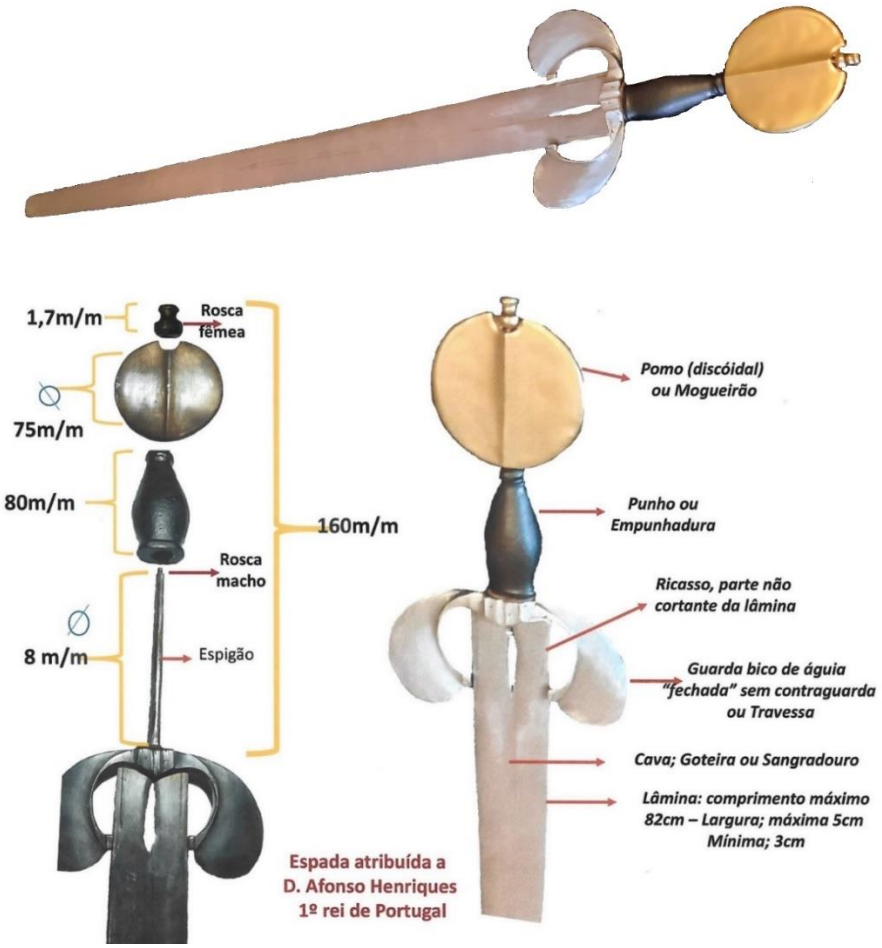
Legenda: **- Anverso:** IOA: III: POR: ET: AL: R: (João III Rei de Portugal e Algarves entre cercaduras granuladas e lisa fino. Ao centro, o escudo real coroado prolongando-se até à cercadura exterior.

Reverso: - INDIA # TI/BI # CES # T IA (India, foi-te consagrada) entre cercaduras granuladas e lisa fina. Ao centro, a figura de S. Tomé, nimbada, de pé e corpo inteiro à

esquerda, interrompendo a legenda na bordadura inferior, portanto o esquadro como atributo e em atitude de pregação, ladeado pelas letras S e TIS, Tomé).
ESCULHO – Imperativo de escolher.
ESCULCAS – Escutas, guardas para de noite. Atalaias.
ESCURENTAR – Ofuscar, escurecer, denegrir.
ESCURO DE VULTO – Tristonho, carregado, negro do rosto.
ESCURRICHAR – Beber até à última gota. (VB)
ESCURRILIDADES – Chocarrices, palavras soltas, imodestas.
ESCUSAÇA – Escusa. 1324.
ESCUSADOS – O mesmo que atalaias.
ESCUSADAMENTE – (disse mui escusadamente) – Em segredo.
ESCUSAMENTE – Às escondidas, em segredo., à parte.
ESCUSAR – Evitar (NAP)
ESCUSOS – Lugares em que se postavam os atalaias.
ESCUTAS – Guardas avançadas.
ESFANDEGAR – Por mais que se esfandegue Caramuel, isto é, por mais voltas e reviravoltas que dê ao discurso, à pena, por mais que atormente o juízo, que borre o papel, que se empenhe em trazer os factos e autores a favor da sua opinião.
ESFERA – Moeda de Ouro de el-rei D. Manuel com uma esfera de uma parte e da outra uma palavra que dizia "mea"; parece que queria dizer que a esfera que D. João II lhe dera por empresa a fizera ele sua com a extensão das suas conquistas; Também; Afonso de Albuquerque mandou da Índia outras moedas com o nome de esferas.
ESFERA ARMILAR – Globo celeste perfurado, formado de círculos de ferro (armilas) figurando o equador e os paralelos que servem para representar o movimento aparente dos astros. Emblema de D. Manuel I que figura em todos os monumentos Manuelinos. (AA)
ESFEMENÇA – Atenção, desvelo.
ESFOÇAR – Varas de porcos, esfoçavam nas esterqueiras.
ESFOMEADO – Cheio de fome, faminto, esfaimado. XV.
ESFRAGÍSTICA – Ciência de decifração dos selos. Sigilografia. (AA)
ESGUARDAE – "Ora esguardae" Olhai. Fernão Lopes convida-nos a olhar para o quadro, uma vez acabado. É um visualista poderoso, um pintor magnifico do movimento e da cor.
ESGUARDAR – Ver.
ESGRAVIZAR – Poder contar, Faria.
ESGRAVURA – Acto de tirar a casca ao cereal ou à amêndoa. (VB)
ESGUARDAMENTO – Consideração atenta, reflexão séria e que nada omite.
ESGUARDAR – Considerar; Nefrotar, considerar com reflexão atenta e circunspecta.
ESGUARDAVAM – Comtemplavam, presenciavam.
ESFOIRA – diarreia, mesmo que zoira.
ESFOIRAR-SE – borrar-se, estoirar, rebentar, deitandfo fora o conteúdo. (VB)
ESFREGANTE – A locução num esfregante; num momento, enquanto o diabo esfrega um olho.
ESLEER – Eleger.
ESLIIDO – Escolhido, eleito.
ESMAECER – Desmaiar, esmorecer, entregar-se à preguiça e desmazelo.
ESMALHAVAM FORTES LORIGAS – Despedaçavam as malhas das armaduras.

ESMAR (A NOSSO) – Estimar, avaliar por estimativa (HS)
ESMARCAR – Marcar, calcular.
ESMARRIR – Trabalhar muito, extenuar-se com o trabalho.
ESMATRUÇAR – Espezinhar, amarfanhar.
ESMERUNHAR – Esquadrinhar, pesquisar (Freixo de Espada à Cinta). (VB)
ESMOLAS PUBRICAS COMEÇARAM A ESMORECER – A cidade esgotou-se (de alimentos) tão completamente que as esmolas públicas (as que se davam sem ser escondidamente) começaram a faltar. (HS)
ESMOLA ORDENADA – O mesmo que ordinária, estabelecida e assentada para sempre nos livros do rei, ou de outros insignes benfeitores, que oneravam com ela a seus descendentes e sucessores nas suas casas ou morgados.
ESNOGA – (antigo) Sinagoga.
ESPAÇAR – Dar tempo, dilatar, conceder moratória. 1390. Também; dar, conceder espaço de tempo, férias, folga ou vacatura; fazer cessar do aturado exercício de algum ministério para, ao depois, se continuar com mais actividade e fervor. Também; espairecer, folgar.
ESPADA – arma branca de lâmina comprida, geralmente pontiaguda, dotada de um ou dois gumes, e um pequeno cabo pelo qual é empunhada; (DH). Também; A Espada
Síntese histórica: Até, praticamente, ao último quartel do séc. XII, as espadas pouco evoluíram desde os séculos anteriores. Eram armas curtas medindo entre 80cm e 110cm e muito leves, raramente excedendo 1,2kg. A lâmina era larga e concebida para talhar, isto é, não tinha bico. As guardas eram rectas, podendo eventualmente encurvar-se nas pontas por influência oriental, e o pomo podia ser de diferentes tipos, também reflexo de regiões geográficas diferentes.
As espadas deste período, conhecido por "período da cota de malha", foram concebidas para fazer frente às armas defensivas então existente. Como a malha ou a loriga feita de matérias leves, embora resistentes, eram relativamente vulneráveis, a espada podia actuar de gume com a máxima eficácia. Por isso, quase todas as lâminas dessa época eram desprovidas de ponta.
Durante esse espaço de tempo – que vai desde 1110 até cerca de 1185 e que coincide com o início do reinado de D. Sancho I e com o aparecimento das primeiras peças de armadura em Portugal – centram-se sobre o nosso país três grandes influências: uma proveniente do Norte e da Europa Central: foi a chamada influência Atlântica e Continental, deriva fundamentalmente do movimento das cruzadas. A segunda, dirigida através do Sul da Europa, principalmente via Espanha e Itália, denominada influência mediterrânea e, finalmente, uma terceira conhecida por influência oriental, que teve os principais progenitores nos Árabes estacionados na Península.
Essas três influências convergiram para o nosso país e, em maior ou menor escala, cada uma delas se refletiu no nosso armamento.
Infelizmente não existe um único exemplar de espada do século XII encontrada em Portugal. Há algumas espadas desse período, em colecções particulares, mas adquiridas no estrangeiro. O mais antigo e único exemplar completo que se conhece encontrado no nosso país é uma espada de meados do século XIII levantada de um túmulo de Igreja de S. Nicolau, em Santarém, e presentemente no Museu militar de Lisboa. Apesar de não existirem exemplares do Século XII existe, no entanto, uma vasta iconografia que nos permite reconstituir as espadas desse período.

A observação atenta de alguma dessa iconografia, principalmente as iluminuras existentes no "livro das Aves" e no "Apocalipse" do Mosteiro do Lorvão e uma comparação atenta com outras existentes em Espanha do mesmo período permite-nos rapidamente concluir pela sobreposição daquelas três influências.
A partir do século XIII, começaram a aparecer por toda a europa placas de reforço à loriga. Portugal e Espanha foram, talvez, os países que mais cedo adoptaram ou criaram essas primeiras peças de armadura. O documento mais antigo de que tivemos conhecimento em que se menciona essas peças data de 1189 e está inserido no Codicilo de S. Sancho I ao partir para a conquista do Algarve, onde se refere, entre outras peças de armamento, "*loriga & lorigone, genoleiras*… (joelheiras)". In Elucidário …. Frei Joaquim de Santa Rosa Viterbo.
O aparecimento e uso de placas de armadura forçou os espadeiros a desenvolverem uma nova forma de lâmina, dando assim origem a um novo tipo de espada.
Temos então, desde a primeira metade do século XIII, uma espada mais comprida equipada com guardas que começaram e encurvar-se levemente e com uma lâmina terminando em bico.
A partir sensivelmente de 1250, o comércio e o desenvolvimento da Liga Hanseática no norte da Europa vão trazer para Portugal uma nítida influência da Europa Central e do Norte, em detrimento da influência oriental, que acaba por se esvair gradualmente. A Liga Hanseática foi a mais importante associação comercial do século XIII. Fundada em 1241 por duas das mais importantes cidades mercantis alemãs, Hamburgo e Lubeck, que assinaram entre si num tratado de aliança e protecção mútua com objectivos comerciais, a Hansa cresceu desmesuravelmente e poucos anos depois abrangia 19 cidades desde Reval e Riga, na actual Rússia até Colónia, junto ao Reno.
A Europa Medieval era, na altura, predominantemente católica, e os frequentes dias de jejum e abstinência de carne davam azo a um imenso mercado de peixe que os mercadores se apressaram a explorar. Salgado e fumado, o arenque era exportado com o trigo e o centeio da Polónia e da Rússia por via fluvial até aos portos da Hansa, como Danzing ou Riga. Para o regresso, os mercadores carregavam vinhos, têxteis e outros produtos.
Para conservar o arenque, necessitavam de sal, que iam carregar às minas de Salzburgo. Como na travessia fluvial tinham que passar por diversos reinos, principados ou condados, onde tinham que pagar elevadas taxas, o sal chegava aos portos de origem por um preço exorbitante, tornando o arenque quase inacessível.
Então, as cogas hanseáticas começaram a derivar para sul em direcção a Portugal, onde carregavam sal, no Sado, a preços incrivelmente mais baratos. A partir dai, começaram a considerar o nosso país como parceiro privilegiado, e os navios que aportavam a Portugal estabeleceram connosco um contacto comercial importante, em que as armas desempenhavam uma posição de relevo. A grande revolução no campo das espadas inicia-se no reinado de D. Dinis (1279-1325), com a divulgação das peças de armadura que ao longo do século XIV se começaram a articular até formarem, já no final desse século, a armadura completa. Durante esse período, divulgaram-se três tipos de espadas: 1) A espada cinta. 2) A espada de armas. 3) A espada de armas de duas mãos. (MGM
ESPADA (ATRIBUÍDA A D. AFONSO HENRIQUES)

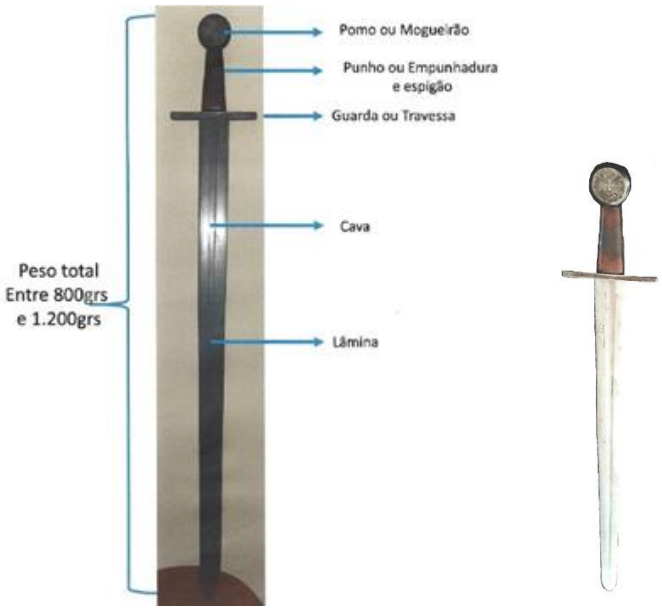


Espólio da Associação Terras Quentes

ESPADA DE ARMAS - Reprodução feita a partir de fragmentos existentes no Museu Militar de Lisboa, cronologia século XIII - síntese histórica**:** A espada d'armas aparece no século XIII como consequência dos combates em campo aberto. Durante o século XII, predominou o assalto a fortalezas em que a espada curta e leve constituía uma ferramenta mais ou menos generalizada pela necessidade de actuar no topo das muralhas usando as duas mãos e colocando a espada na boca. Por isso a espada tinha de ser muito leve e curta.

No século XIII tudo isto se alterou. No alto das suas montadas e em campo aberto, o cavaleiro necessitava de uma espada maior que permitisse um golpe mais violento, ao mesmo tempo que chegasse mais abaixo, ao nível da peonagem.

Estas espadas, também conhecidas por espadas de mão e meia, iam quase sempre penduradas no arção da sela do lado esquerdo e faziam parte da terrível panóplia de armas que o cavaleiro levava dependurada na sela.



ESPADA MUÇULMANA – Original, ferro, século XII/XII

E*spada muçulmana pertencente ao espólio da Associação Terras Quentes*

ESPADA (TABOAS DE) – As que serviam nas bainhas. “Se pagarão dizimas de todalas gamellas, azinhos, távoas de espadas… carvam bilhoto e pontees de paao”.

ESPADALEIRO – O mesmo que spadaleiro.

ESPADANEDO – Topónimo referente á freguesia do concelho de macedo de Cavaleiros: – Campo de espadanas, nome vulgar de uma planta herbácea da família das Iridáceas (espontânea em quase todo o país) – na obra do abade Baçal (vol. IX, p. 191), o autor refere-se, que a origem do topónimo Espadanedo está ligada á lenda do mouro; como “espada nele” (espada nele, mata-o; passa-o á espada) (TMC)

ESPADEIRO – aquele que maneja a espada com mestria; aquele que fabrica ou vende espadas. (DH).

ESPADELA – Instrumento de madeira para separar os tomentos do linho. (VB)

ESPADIM – Moeda de ouro, de prata e de cobre. El-rei D. Afonso V foi o primeiro que os fez lavrar. Eram de prata, do tamanho de um meio tostão com o valor de 24 réis. Tinham de uma parte o escudo do reino com a palavra Adjutorium Nostrum in nomine Domini e da outra uma mão com uma espada e a ponta para baixo e o nome do rei na orla. Deu ocasião a esta moeda a Ordem da Espada, que ele instituíra para a conquista de Fez. Também; espada de pequeno tamanho; antiga moeda portuguesa, de ouro, no tempo de D. João II, e de prata, no tempo de D. João III. (DH).

ESPADIM DE OURO – Moeda cunhada no reinado de D. João II (1481-1495). Espólio da Associação Terras Quentes.

Reverso Anverso

Legenda: **Anverso**: +IOHANES. I: I: R:P: ALG: DN: JS: GVINE (João II rei de Portugal e Algarves Senhor da Guiné, entre cercaduras peroladas e lisa. Ao centro, as armas reais coroadas, ladeados de aneletes.
Reverso: + IOHANES: I: I: REX P.ALG: DN: GVI. (João II rei de Portugal e Algarves Senhor da Guiné.

ESPADINS – Vide Espadim e Justo. Não parece de todo certo que el-rei D. Afonso V lavrasse espadins de ouro e prata, pois na crónica do Conde D. Pedro, unicamente se diz que ele mudara os reais brancos em outra moeda mais baixa, a que chamaram espadins, que só podia ser de cobre, a valer menos que um real branco de cinco ou seus ceitis.
ESPALDUDO – Quer dizer largo dos ombros e costas.
ESPANDIDURA – Espaço, extensão de alguma cousa ou lugar. Vem do latim expando.
ESPANDUDO – Estendido.
ESPANHA (HISPANIA) – Designava toda a Península.
ESPANHÓIS – Na linguagem familiar de Freixo de Espada à Cinta são as fagulhas expelidas do brazidos de um ferro de engomar.
ESPARAVEL – Palavra da Índia, de que se veja Bluteau. Este autor usa dela em várias aceções; "Eu vi em corte hua senhora que fora filha do Thio deste Preste e posto que ainda andava em esperavel, era muito desacompanhada" … "Porque dantes usavam esperavel branco" … (Ver elucidário.)
ESPARGELADO/ESPARGELAR – Derramado, espalhado, esparzido.
ESPARVAR – Separar o grão das praganas. (VB)
ESPARVOADO – O mesmo que esparvonado, maluco, doidivanas.
ESPASSAR – Vide espaçar. "E vós espassades moito, ante de vir aá corte", século XIII.
ESPEITAMENTO/ESPREITAR – Arrastar, vexar, oprimir, que a alguém se faz por ocasião de ter expiado, espreitado ou maliciosamente inquirido as suas particulares acções. Vem de espreitar. Também; espreitando para este fim os passos e acções alheias. 1361.
ESPERA – O mesmo que esfera.
ESPERSAMENTE – Frequentemente.
ESPERSO – Espesso.
ESPESSO – Badalhoco, Porcalhão. (VB)
ESPERTAMENTO – Ocasião, causa, motivo que despertam para se fazer alguma cousa.
ESPICHA, ESPICHAR - Uma espécie de furador de ferro. Também esticar, retezar (LV)
ESPICHE – Jogo com paus afiados numa das pontas, também conhecido por roça que se espetam no solo, uns contra os outros com o objectivo de os derrubar. (VB)
ESPICHO – Galheta ou pequeno pichel e qualquer vaso que tenha bico.
ESPICIAL - Especial

ESPIGA DO MONTE – O mais alto e empinado dele, aludindo à espiga do pau que antigamente entre nós se conhecia, o qual ocupa o mais alto fim ou remate da cana. Hoje dizemos espigão. 1141.
ESPINAFRE – Fsfanech (PA); Hortaliça conhecida.
ESPINAS – Espinhos.
ESPINHA, APARELHO EM – É o opus spicatum dos Romanos. Chama-se também, por causa da sua forma, aparelho em "folhas de feto" ou em "espinhas de peixe".
ESPIRAR – Forma popular de inspirar, Cf. Espiraçom
ESPIRIEMCIA – Experiência.
ESPLANDECIMENTO – Resplendor, participação de luzes.
ESPONDRA – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Espondra. Tipo de sítio: Povoado Fortificado. Período: Calcolítico/Idade do Bronze/ Idade do Ferro. CNS. 17259 Localização: Morais. Descrição: O monte de Espondra constitui-se por uma elevação bastante alongada que se desenvolve no planalto de Morais. As suas características geomorfológicas não reúnem grandes condições de defesa natural, embora a sua implantação permita o controlo geoestratégico sobre uma vasta área envolvente. O monte é de fácil acesso praticamente por todos os sectores, com excepção dos sectores Sul e particularmente do sector Este que constitui a vertente que descai no sentido da ribeira de Vale de Moinhos. O local foi sujeito a uma intensa destruição devido a um projecto florestal aqui concretizado. Talvez por tal motivo não se consiga observar vestígios articulados com a existência de estruturas defensivas, nem qualquer talude, derrube ou amontoado de pedra que permita deduzir a sua existência. Tal facto constitui um elemento a ter em conta, já que por um lado o sítio não possui qualquer indício estrutural de um sistema defensivo, e por outro, a sua implantação confere-lhe grande vulnerabilidade em termos de defesa natural. Os vestígios materiais reduzem-se a fragmentos cerâmicos cujas pastas se inserem em períodos cronológicos articulados com o calcolítico, Idade do Bronze e Idade do Ferro. Estes materiais, únicos vestígios arqueológicos observados no local, encontram-se dispersos em grande quantidade por uma área superior a 1 hectare. (TMC)
ESPOSOIRO – Casamento ou ajuda de custo para ele.
ESPREGUNTAR – Vide spreguntar.
ESPREITAS – Ardis, ciladas, embustes.
ESPRIVY – imperativo de escrever.
ESPURIO – Somítico, avaro. (VB)
ESQUADRILHADO – Miserável, pobre, coitado, mesquinho, falto de forças, posses e dinheiros.
ESQUENÇA – Dita, sorte, andança, fortuna; também se acha escança no mesmo sentido; também se usou esquençar e esquençado por ser afortunado, feliz, ditoso.
ESQUIFADO – Pobre e indigente, como quem vai num esquife.
ESQUILHEIRO – Passagem estreita entre dois esteios de uma propriedade para outra.
ESQUIRO – Calças, canivete, luvas e pantoneiras. 1359.
ESQUISA – Vide exquisa.
ESQUITAR – Abater, descontar, levar em conta para a paga de capital que se deve.
ESQUIVAR – Afastar, pôr longe de si, não dar entrada, impedir a familiaridade que uma pessoa poderia ter com outra. Século XIV.

ESCRIVÃO – Funcionário encarregue da escrituração dos direitos reais. Funcionário auxiliar do tabelião. (BV).
ESTAÃO – Estalagem, hospedaria. (BV)
ESTABANADO – Individuo malfeito, desproporcionado. (VB)
ESSA – Catafalco. Estrado erguido numa igreja para nele se colocar o caixão com o corpo, quando se procede a cerimónias fúneres. Cenotáfio; espécie de túmulo vazio erguido numa igreja quando se sufraga a alma de um defunto. (AA)
ESSO MEDÉS – Vide, esso mesmo.
ESSOMEDES – Isso mesmo, da mesma sorte, também.
ESSO (MEESMO) – Adv. Isso mesmo, também, da mesma sorte, segunda vez, assim mesmo. Igualmente, também.
ESTÁAO – Estãos. Estalagem, estalagens. Também; Hospício, residência, hospedaria.
ESTABELEÇUDO – Estabelecido.
ESTABELEZA – Estabelecimento, fundação de qualquer corporação, sociedade ou obra pública.
ESTADA – Cavalhariça, estrebaria, lugar destinado para estância dos cavalos. Também;
ESTRADA – Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, pp. 15-16) e na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico; caminho; carreira; costuma; direcção; linha; maneira; meio; modo; norma; rasto; rota; rotina; rumo; vereda; via. Da base de dados do IPA extraiu-se a seguinte informação: Designação: Estrada. Tipo de sítio: Achado isolado. Período: Idade do Ferro. CNS: 6239 Localização: Vinhas. Descrição: O local que tem o topónimo Estrada é uma zona aplanada no vale do pequeno ribeiro de Penedos (localmente conhecido como ribeiros dos Ciocos, na margem esquerda. Aqui apareceu uma fíbula de ouro em 1930, quando se arrancava um castanheiro. Não são conhecidas com rigor as circunstâncias exactas do achado, nomeadamente se havia outros elementos a acompanhar este aparecimento. A visita ao local revelou-se inconclusiva, não sendo possível saber se foi um mero achado fortuito ou se tinha contexto arqueológico. Este tipo de fíbula tem uma cronologia atribuída à idade do Ferro ou aos princípios da romanização, sendo muito raras as de ouro. (TMC)
ESTADELA/ESTADELLA – Cadeira nobre, alta e de braços.
ESTADO – Informação, conta, queixa, acusação.; Também; Ofício ou ofícios de defuntos. Também; Memória, lembrança, apontamento, o mesmo que stado.
ESTADO OMÍADA DO ANDALUZ – Fundado por Abdarramão I em 756, teve com sucessores os seguintes emires: Hixem (788-796); Al-Hakam I (796-821) e Abdarramão II (821-852) e Mohãmede (852-886); Al-Mundhir (886-998) e Abd Allah (888-912).
ESTADO OU STADO DA TERRA – Postura da Câmara sobre o preço das cousas.
ESTADO DE CERA – D. João Annes primeiro arcipreste de Lisboa, faleceu em 1402, no testamento que tinha feito "deixava ao cabido o seu colégio e ordenava huma vigia (ou festa) diante do altar de São Vicente da Sé, com missa oferecida no mesmo altar e ofertada 3 lições e 3 estados de cera que lhe tinha prometido.
ESTADULHO – Estaca enfiada num buraco do chedeiro do carro de bestas ou da carroça, serve para amparar a carga. (VB)
ESTALACTITE – Petrificações em forma de agulhas irregulares produzidas em certas grutas pela ressudação, gota a gota de uma água carregada de sais calcários. As estalactites são as agulhas que ficam suspensas. (Estalagmites são as que parte do solo. (AA)

ESTANÇA – Dizia-se boa ou má estança, pela boa ou má reputação que alguma obra acção ou discurso rendia ao seu autor.
ESTANHO – O subpedâneo do altar, dito assim à Stando; "Mando soterrar meo corpo em S. Simhom so a pedra que está chus chegada ao estanho. (Doc. de S. Simão da Junqueira).
ESTÃOS – Vide Estaáo
ESTAOS (DAR) – Acusar alguém de algum crime.
ESTAR – Estado, vida, profissão.
ESTARIM – Prisão preventiva ou calabouço nas dependências da polícia. (AA)
ESTÁTUA PEDESTRE – Se o modelo está de pé. (AA).
ESTÁTUA EQUESTRE – Personagem montada a cavalo. (AA)
ESTÁTUA ESTANTE – Escultura humana adossada verticalmente a um muro, coluna, etc. (AA).
ESTÁTUA – JACENTE – Escultura humana horizontal no pavimento, túmulo, arcossólio. Só por abuso de linguagem se emprega o termo estátua jacente que designa unicamente uma figura de pé. (AA)
ESTÁTUA COLUNA – Estátua que substitui total ou parcialmente uma coluna e que tem características anatómicas e de rigidez que a tornam semelhante a essa coluna. Um bom exemplo são as do portal ocidental da Catedral de Chartres. Segundo a natureza doa termos: Estátua coluna, criadas pela imaginação do escultor (mitológicas, religiosas, alegóricas); e Estátuas coluna, icónicas (reproduzindo os traços de uma pessoa real). Estas últimas não são aliás forçosamente todas esculpidas segundo o modelo vivo: há outras que são modeladas segundo documentos em segunda mão: retratos pintados, desenhos, gravuras, fotografias. (AA).
ESTATUADO – Colocado, posto, assente, que está, fica, jaz.
ESTATUÁRIA – Arte de fazer estátuas, de representar em vulto a figura humana.
ESTATUÁRIO -1) Artista que esculpe estátuas. 2) Mármore Estatuário; o mármore branco sem veios, como o da ilha de Paros (Grécia) ou de Carrara (Itália) que se presta à escultura de estátuas. (AA)
ESTAU (Antigo) – Antigamente: estalagem. Casa em que se apresentava a corte e os embaixadores. (AA).
ESTAUTA – Diz-se da mulher alta e feia, um pouco estouvada. (VB)
ESTELA – O mesmo que farpa; lasquinha de madeira que acidentalmente se introduz na pele.
ESTENDUDO – Vide Consciência estenduda.
ESTERCO EM BOCA – Ofensa consistindo em lançar excrementos à cara de alguém. Também; ofensa consistindo em lançar excrementos à cara de alguém. (BV)
ESTERE – Esterel, esterelle e Esterere, estéril, infrutífero, não rendoso. XIV.
ESTERLICADO – Esbelto, elegante, magro, presumido. (VB)
ESTRELICAR – Aperaltar. (VB)
ESTERLÓQUIO – Auto popular em terras de Miranda do Douro. (VB)
ESTERROAR – Divulgar por todos os meios qualquer acontecimento.
ESTEVA – O mesmo que estiva.
ESTILAMENTO – Pingo, gota.
ESTILLO – Pena de ferro com que antigamente se escrevia.
ESTIM – O mesmo que Astil.

ESTIMO – Estimação, juízo prudencial do que poderia render um campo se fora semeado; ou que renderá uma seara que ainda está em pé.
ESTINHAR/ESTINHADEIRA – Tirar a tinha dos cortiços e dos favos das colmeias.
ESTINS – Vide Astil.
ESTIPÊNDIO –paga feita a indivíduo incorporado ao exército; soldo; salário ou retribuição por serviços prestados; tributo atribuído a um indivíduo; imposto a que, na antiga Roma, estavam sujeitas as províncias do Senado ou do povo; tributo, contribuição. (DH).
ESTIRA ALGUÉM – Obrigá-lo a fazer alguma cousa que de outra sorte não faria. XV.
ESTIROTE – Coisa esguia, delgada e comprida. Pessoa alta e magra.
ESTIVA – Certa medida de linho, que variava segundo as terras; há estiva que é o mesmo que conta, orçamento ou suputação; e Há Estiva, que é o contrapeso da carga do navio, que se dá a cada lado dele, para o ter em equilíbrio.
ESTIVADAMENTE – Certa e determinadamente pela estiva ou medida comua e aprovada. 1359.
ESTO – Isto. Até séc. XVI. Também; "Não embargando esto" – Não obstante isto.
ESTO e AQUELO – formas arcaicas de isto e aquilo.
ESTOCHA – Nome de mulher. Em instrumento de 1575, se diz; Estocha Serras dama da camara da Emperatriz.
ESTOFA - Como é citada antes da cota, embora o cambais fosse usado sob a malha, é provável que seja uma túnica de tecido forte para o substituir. A malha não era fácil de usar sem protecção que defendesse o corpo do roçar dos anéis, os quais, tendo os extremos rebatidos, eram ásperos. (CM)
ESTOM – Estão. Forma devida à analogia com som (Sunt).
ESTOMAGAR – Na significação activa: Impedir, embaraçar. XIV.
ESTOMÂGO (PER ENCHIMENTO DO) – Indigestão.
ESTONAR /ESTONO – Cobrir o rego em que se deitou a semente com a terra no rego aberto ao lado e assim seguidamente. A estes regos ou valas chamam estonos. (LV)
ESTONCE – Então.
ESTONTEADO – Imprudente, louco, desassinado.
ESTOPA – Estohha (PA); O grosso do linho. Também; Parte grossa do linho que sobra, depois de assedado; impurezas do linho. (VB)
ESTOQUE – Espécie de espada, de secção triangular ou quadrada, que só fere de ponta; daí a forma per ele; atravessou-o com o ferro. Também; ESTOQUE – É a espada do cavaleiro, longa e estreita, que pendia do cinto «nobre» e a Adaga, presa à direita, muito pequena. Este cinto, ou antes cinturão. (CM)
ESTORCER – Conseguir, alcançar por força ou com importunos rogos, extorquir.
ESTORIA – Narrativa (NAP). Também; narrativa de cunho popular e tradicional; história. Etimologia: ing. *story* (séc. XIII-XV) 'narrativa em prosa ou verso, fictícia ou não, com o objetivo de divertir e/ou instruir o ouvinte ou o leitor', do anglo-francês *estorie*, do francês antigo *estoire* e, este, do lat. *historìa,ae*; f.divg. de *história* adotada pelo conde de Sabugosa com o sentido de narrativa de ficção, segundo informa J.A. Carvalho em seu livro *Discurso & Narração*, Vitória, 1995, p. 9-11; f.hist. séc. XIV *estorya*
ESTORNAR – Impedir, transtornar.
ESTORVA – Embaraço, estorvo.
ESTOUPERO – Escopro ou cinzel, instrumento com que os pedreiros furam as pedras; dous picos e hum estoupero, doc. XV.

ESTOUTRO (DIA) – Há poucos dias.
ESTRADA – "… as ruas per u el avia dír ataa os paaços u aavia de pousar erom estradas" – Atapetadas, cobertas. Ainda hoje no Minho e na Beira Baixa subsiste o verbo estrar, com sentido de espalhar palha na cavalariça.
ESTRADA MOURISCA – Nos documentos de Grijó se faz larga menção de propriedades e fazendas que ficavam da parte de cima e outras da parte de baixo da estrada mourisca. 1148.
ESTRADISTA – (Ladrões) de estrada
ESTRADO – Tribunal. Também; Suporte de madeira, com uma cavidade central, para colocar a braseira. (VB)
ESTRAFALHONAS – Peças de vestuário que identificavam as mulheres da vida, ver Manuel J. Geraldes, no jornal Terra Quente de 15-1-2001, p. 21 "Por vezes passavam por ali mulheres de fora, mais ou menos bonitas, mas vestidas de estrafalhonas o que logo as identificava. (VB)
ESTRAFEGO (É) – Vocábulo com que se pretende insinuar que os contactos entre os namorados são demasiado atrevidos. (VB)
ESTRAGADAMENTE – Com a maior dissolução e sem freio algum de vergonha temor ou respeito.
ESTRAIO – Estranho, que não pertence à mesma família.
ESTRALAR – Estalar.
ESTRAMENTO – Tudo o que pertence às roupas de um leito.
ESTRANHAMENTO – Acção de estranhar alguma cousa, admiração, pasmo, assombro.
ESTRANHEIRO – Estrangeiro, de outra terra ou nação. Do latim extraneus.
ESTRAYO – Estranho, que não pertence á mesma família ou parentela.
ESTRECER – Estreitar, diminuir, rebater, apoucar, reduzir a menos.
ESTRELA – Papagaio de papel em forma poligonal. (LV)
ESTREMAÇA – O mesmo que Estremança.
ESTREMADAMENTE – À parte, sem companhia de outro, solitariamente, por si só. 1292.
ESTREMANÇA – Divisão, demarcação, destrinça ou partilha.
ESTREMAR – Limitar, lindar. (BV)
ESTREMECIDA (ÁGUA) – Água quebrada de friúra. (LV)
ESTREME – Monte, parte, quinhão.
ESTREMO – Raia, baliza, confim, extremidade da terra, lugar ou monarquia. Também; Fronteira (NAP)
ESTRENGER – Conceder, querer, permitir.
ESTREPASSAR – Esquecer
ESTREPE OU ABROLHO – artefacto pontiagudo, de madeira, ferro ou outro material, que, durante guerras, conflitos, era posto em fosso, vala etc. para dificultar a passagem do inimigo. O **estrepe** é uma arma antipessoal feita de dois ou mais pregos ou espinhos, de ferro ou madeira, colocados de tal maneira que um deles aponta sempre para cima, assentando numa base estável - formando, por exemplo, um tetraedro. O estrepe pode ser considerado como a mina terrestre da antiguidade, utilizada para moldar o campo de batalha e canalizar o inimigo para determinados pontos e para fornecer uma defesa passiva como parte de um sistema de fortificações. Os estrepes serviam para demorar o avanço de cavalos, elefantes, camelos e tropas a pé. Hoje em dia, o estrepe é usado, sobretudo como arma antipessoal e anti veículo. De acordo com Quintus Curtius, teriam sido usados estrepes de ferro, já em 331 a.C., na Batalha de Gaugamela. Eram

conhecidos pelos Romanos como ***tribulus*** ou como ***murex ferreus*** ("ferro denticulado"). O estrepe continuou a ser usado na Idade Média. Por exemplo, foi usado com grande sucesso pelos Escoceses, na Batalha de Bannockburn, em 1314, para incapacitar os cavaleiros ingleses. Os Escoceses empregaram estrepes feitos com pregos soldados, parando a cavalaria inglesa e impedindo-a de chegar à infantaria escocesa. O uso do estrepe contribuiu para a retumbante vitória escocesa. O último uso do estrepe como arma anticavalaria deverá ter ocorrido durante a Primeira Guerra Mundial

Estrepe pertencente ao espólio da Associação Terras Quentes

ESTREVE – Jogo em que um rapaz lançava uma malha, procurando um outro acertar-lhe com a dele – se o conseguia tinha de ser transportado, num determinado percurso, às cavalitas, pelo primeiro. (Fornos – Freixo de Espada à Cinta). (VB)
ESTREVIMENTO – Atrevimento, ousadia, confiança.
ESTRIGA – Porção de linho que se coloca na roca. Também; Porção de linho que se coloca na roca. (BV)
ESTRIGILE – 1) Raspador em bronze com que os antigos se raspavam ou faziam raspar a pele por um escravo ao sair do banho, ou de que os atletas se serviam para tirar, após a luta, o óleo com que se untavam (foto em baixo). 2) Ornato canelado em forma de SS, que tinha a forma do estrigile dos banhistas. Os sarcófagos antigos, pagãos e cristãos, apresentam frequentemente nas suas faces uma decoração estrigilada. (AA)
ESTROÇADO – Forte, vigoroso, desempanado.
ESTROÇO – Destroço.
ESTROITOEIRAS/ESTROITOIRAS – Peças salientes nos coucilhões e que parecem abraçar o eixo do carro, de um e outro lado, segurando-o no tabuleiro. (VB)
ESTROSO – O mesmo que Astroso.
ESTROVINHADO – Desatento, estouvado.
ESTROVO – Estorvo, embaraço.
ESTRUGAR – Apressar-se.
ESTRUMADAL – Grande abundância. Tinha um estrumadal der laranjas, tinha uma grande quantidade de laranjas. (VB)
ESTRUMENTO /STURMENTO – Instrumento, escritura autêntica, feita ou dada em pública-forma. 1285.
ESTRUMENTO DE FÉ E CRÉDITO – Certidão autêntica, dada em pública-forma.
ESTRUPO – Barulho, rumor, estrondo, arruinado, tumulto, tropel.
ESTUCHE – Pistola-de-água feita com um pequeno pau de sabugueiro. (VB)
ESTUCIA – Conselho, astúcia para se livrar dos seus inimigos.
ESTUDARIA (antigo) – Residência de escolares. Casa de estudos. (AA)
ESTUGAR – Apressar-se.
ESTURÃO (CAVALEIRO) – Garcia Gonzales de Valdez era um cavaleiro esturão – Asturiano.

EURIPO – Fosso entre a arena e as trincheiras nos anfiteatros romanos. Constitui um obstáculo para, no caso de as feras saltarem a falsa trincheira no poderem chegar aos espectadores.
ESVERDADOS – Esverdeduras e Verdaduras; Frutos que se recolhem das hortas pomares ou quintais, que na baixa latinidade se disseram: verdearii, verdegarii ou viridiaria.
ESVERDADÚROS – Vide Esverdados.
ESVERDADUROS – O mesmo que Esverdados e verdaduras.
ESTYMO /EXTIMO – Estimação ou prudencial juízo do que poderia render uma terra inculta e deixada em pousio, se fora aproveitada, ou de que se poder colher de uma seara que ainda está em pé e exposta às contingências do tempo.
EVAR – Olhar, reflectir, ver com atenção.
EVAZOM – Desculpa, escapatória, cor ou pretexto, com que se cobre ou pretende disfarçar alguma cousa. 1458.
EX-AQUI – Eis aqui.
EXAMI - Vide Dami.
EXARCO – Exarcas, delegados do império grego no Ocidente.
EXAVEADURAS – Vide esverdados
EXCOGITA – Pessoa que está sempre à escuta, à espreita. (VB)
ESCOGITAR – Espreitar descobrir o que estava oculto. (VB)
EXECUDOR – Vide Eyxecutor.
EXCUMUNHAR – Excomungar; amaldiçoar. (VB)
EXEDRA – Banco semicircular. Esta forma de assento usada nas palestras e ginásios, foi adaptado nas basílicas cristãs, onde havia uma exedra no fundo da abside de cada lado da cátedra episcopal.
EXENDRE – Burro, cria ou filho de jumenta. Doc. XII; …e o preço foi: una azemila com sua albarda et cum suo exendre.
EXERCAR – Vide emxercar.
EXÉRCITO DE MAIO – Vide cavalo de maio.
EXERTADO – Lugar cheio de árvores enxertadas e frutíferas a que hoje chamamos pomar, por nelas se colherem as melhores frutas ou pomos.
EXIDOEXÍDO – Vide Eixido.
EXOBREGAS – Mais tarde se chamou enxobregas, hoje, Xabregas.
EXOUVIDO – Inteira e finalmente ouvido.
EXPERTO – Experimentado, sabedor (diferente de esperto; inteligente, fino).
EXPROVADO – Purificado, refinado, sem fezes, fiel, puro, legitimo.
EXQUISA/ENQUISA/ESQUISA – Inquirição, devassa, informação. E, algumas vezes se toma pelo mesmo enqueredor ou testemunha. 1180.
EXTIMAR – Prover, tomar ou dar providência.
EXTIMO – Vide Estymo.
EXTREMADO – Assinalado; Distinto; Demarcado.
EXURDRIO – O mesmo que Eixido.
EX-VOTO – quadro, pintura ou objeto a que se conferiu uma intenção votiva; quadro, placa com inscrições, figura esculpida em madeira ou cera (representando partes do corpo) etc., que se colocam numa igreja ou capela, para pagamento de promessa ou em agradecimento a uma graça alcançada; Etimologia: loc.lat. *ex voto*, prep. *ex* de abl. 'por causa de, em virtude de' e *voto* abl.sing. de *votum,i* 'voto', do rad. de *votum*, supn. de *vovère* 'fazer voto, obrigar-se, prometer em voto, oferecer, dedicar, consagrar'. (DH).

EVZONO – soldado da infantaria do exército grego; etimologia: gr. mod. *eúdzónos* 'id.', do gr.cl. *eúzónos* 'que tem bela cintura' (falando-se de mulher ou de veste feminina), 'que tem a túnica bem justa na cintura (falando-se de homem); ágil, alerta, disposto para o combate', do gr. *eû-* 'bom, bonito, bem' e *dzônḗ* 'cintura'
EY ou Y – Aí nesse lugar.
EYCHAM/EYCHÃO – Vide Eichão.
EYVIÇOM/IBIÇOM – Macho, jumento, besta de carga; Vem de iber ou imbrus, o macho ou de iberus, o cavalo de Espanha.
EYVIGAR/EYVIGUAR – Romper de novo e pela primeira vez os montes virgens e incultos e fazê-los rendosos e frutíferos.
EYXARVIAS – Joias, pedras preciosas, loucinhas.
EYXECO/EYXEQUO/ENXECO – Vide enxeco.
EYXECUTOR – Executor, o que executa e põe por obra alguma cousa. 1328.
EYXHENTIOS – Privilégios, isenções.

F

F – Como nota musical indicava a valentia e tesura da voz.

F – Em Lugar de "v" e, pelo contrário é frequente nos monumentos de Espanha depois de dominada pelos Árabes.

F – Escrito em lugar de "b" não é cousa rara nos antigos.; também em lugar de "h" acha-se em alguns antigos escritores.

FABIÃO – Fabião: Fabi, antepositivo do latim faba, ae "fava"; relativo às favas. (TMC)

FÁBRICA – Construção, edifício.

FABRIQUEIRO - Cobrador de rendas ou rendimentos da igreja, ou encarregado dos paramentos ou alfaias litúrgicas. (CM)

FACA – Égua.

FACANÉ – Cavalgadura maior que faca ou cavalo pequeno e menor que cavalo de marca. Hoje dizemos acanéa ou hacanéa; é próprio de senhoras e gente delicada que atendem menos à necessidade que o fausto, pompa e regalo.

FAÇANHA – Hoje se dá este nome a uma acção heroica, admirável, ilustre, gloriosa. Mas, em outro sentido, se toma em a ordenação do reino e noutros mais antigos documentos, disseram uns que então chamavam Façanha ao juízo e assento que se tomava por um juízo notável e duvidoso. Outros diziam que façanha nada mais era que uma opinião altercada e ainda não decidida e que este era o verdadeiro espírito da Ordenação do reino.

FACANITO – Entidade mística. (VB)

FACATAZ – O mesmo que fatacaz; paixoneta

FACE-BONA – Nome de mulher que hoje diríamos Boa Cara.

FACEGERNES/FACERGENES – Parece que assim chamavam aos genuflexórios como dizendo: "facere genua".

FACEIRA – Terra plana de lavoura, perto da população. Queixada. (VB)

FACEIRO/FACEIRÓ/FACEZEIRO/FACEIRÔA – Pequena almofada, travesseiro ou cabeçal em que a face se reclina. 1254.

FACER – O mesmo que fazer.

FACERGENES – Tapete ou genuflexório diante do altar ou talvez galhetas de água e vinho para o sacrifício da missa.

FACHA – Vide Tea. Também Espécie de machado grande (NAP)

FACHAL – Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, pp.353,354 e 570) com interesse arqueológico, mas que não se encontrou nas buscas efectuadas às folhas de registo de cadastro rústico das freguesias de Bagueixe de Vinhas; (ver facho) (TMC)

FACHINA – Toro de pinheiro, tronco de comprimento aproximado a uma braça.

FACHINHA – Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.355) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado nas fichas de registo de cadastro rústico da freguesia de Morais. (TMC)

FACHO – Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, pp.154 e 570) com interesse arqueológico, não encontrados nas folhas de registo de cadastro rústico das freguesias de, Corujas, (vol. IX, pp.354,355 e 570) e Lamas de Podence, (vol. XIV da grande enciclopédia Portuguesa e Brasileira, p, 598) mas não referenciados nas freguesias de Cortiços e Lagoa constando nas folhas de registo de cadastro destas freguesias; archote; lanterna; o que ilumina ou esclarece; cruzeiro; facha; fanal; farol;

guia; luzeiro; tocha; dinheiro; brandão; candeeiro; cara; escopo.(TMC). Também; Roubo, Sarilho. Mulher malcomportada. (VB)
FACHO DE LAMALONGA – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada às fichas de registo de cadastro rústico da freguesia de Lamalonga. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Facho de Lamalonga. Tipo de sítio: Atalaia. Período: Idade Média. CNS: 17267 Localização: Lamalonga. Descrição: Num relevo de alta altitude com um domínio visual sobre um amplo troço da paisagem transmontana, no monte designado com o topónimo de Facho, poderá ter existido um ponto de vigia medieval, conforme tem vindo a ser referido bibliograficamente. Uma prospecção de superfície efectuada no local não detectou vestígios arqueológicos de nenhuma natureza. (TMC).
FACHOQUEIRO – Punhado de palha usado na matança do porco para chamuscá-lo. (VB)
FACIENDA – Todo e qualquer serviço que se haja de fazer. 1136.
FAC-SIMILE – 1) Cópia executada com a máxima exactidão, incluindo o Medium. 2) Reprodução rigorosamente exacta, pela mão de um copista ou por processos mecânicos, de autógrafos, de assinaturas, marcas, monogramas ou de um desenho, estampa, manuscrito ou livro intencionalmente não se distingue do original. (AA); também; reprodução, por meios fotomecânicos, de um texto ou de uma imagem. (DH)
FACHA DE LÂMINAS ou MAÇA DE LÂMINAS – Modelo século XIV; Catálogo do museu Martim Gonçalves de Macedo.

Peça original séc. XIV - Espólio da Associação Terras Quentes
FAÇÓM – Cumprimento, feitio, execução.
FADA – Mulher fanática que supersticiosamente prognosticava futuros. Também se tomaram fadas más por trabalhos e as boas por felicidade. É termo de que usaram os autores dos livros de cavalarias. Daqui; fadar, fadado, fadário e fado.
FAENGA (antigo) – Fanga ou casa pública onde, em algumas cidades como Lisboa, Porto, Coimbra o pão era vendido por mulheres, sendo-lhe proibido vendê-lo noutro local. (AA)
FALAMENTO – "Nem uu falamento" – Palavras, diros. Fernão Lopes escreve como quem está falando para uma roda de ouvintes. O seu estilo é natural tem o calor da linguagem falada.
FALA (TOLHEO) – "que nunca a neuu tolheo fala) Nunca proibido os argumentos da sua defesa.
FALAR-SE – Aconselhar-se, tomar informação, conferir com alguém.
FALACA – Falaca (PA); Instrumento com que se seguram os pés quando os turcos no oriente querem castigar algum delinquente com bastonadas ou pancadas na sola dos pés. Diz Bluteau, que o Falaca é uma tabua com dois furos em que se metem os pés do delinquente e com um pau ou vergalho lhe dão até 100 pancadas: Porém o Falaca verdadeiramente é um pau roliço do tamanho e grossura de uma vara de medir no meio da qual há dois furos e entre um e outro a um palmo de distância e por eles se passa uma cordinha com dois nós nas pontas para não escapar de maneira que fica fazendo

um bolso ou laço, por onde fazem meter os pés do réu. O modo ou laço por onde fazem meter os pés do reu. O modo de dar este castigo é da maneira seguinte: Estando o criminoso sentado no chão e os pés metidos no laço, pegam dois oficiais de justiça nas pontas da vara e levantam-na para cima enrolando a corda para segurar os pés, com esta acção fica o miserável deitado de costas e os pés levantados; outro oficial com vara de marmeleiro da grossura de uma polegada lhe dá cinquenta, até cem ou mais pancadas na sola dos pés. Feita a execução o levam para a prisão e o curam com vinagre e sal, ficando na prisão até que se cure- Esta casta de castigo que os nossos europeus chamam bastonadas, só os Christãos e Judeos do paiz o dão, quando não sentenciados à morte. Já os Africanos usam de outro modo de dar bastonadas e vem a ser; o que se sentencia a ela é suspenso por quatro mouros pelas mãos e pés e com a barriga para baixo lhe dão com um pau da grossura de uma bengala nas costas, pernas e assento ou com um flagelo entrançado de correias de couro cru.

FALADRAR – É verbo popular de formação irónica. Resulta de falar e ladrar e aplica-se aos tagarelas, os que falam muito e a Tôa.

FALCÃO – Peça antiga de artilharia

FALDISTÓRIO – Cadeira episcopal sem espaldar, ao lado do altar-mor. (AA). Também; cadeira episcopal móvel, sem encosto, mas com apoio para os braços, que, em certas ocasiões, se coloca diante do altar; facistol. (DH). “Pera que é dizer mais de taes falecimentos”; Misérias.

FALDRA – Peça de armadura, ligada à protecção do abdómen, curta sai de lâmina que protege as ancas e coxas. Esta cintura de ferro que formava um canal à medida para receber o cinturão, usou-se nos séculos XV e XVI. (AA).

FALDRAS – Terras chãs, vilas ou povoações pequenas. Também; Fralda ou orala. Do germânico falda, que ainda hoje se conserva na expressão estereotipada: “falda do monte”

FALECER – livrar.

FALECIMENTO – Defeito, falta.

FALHAS – Vide Fallas.

FALHOPA – O mesmo que faúlha.

FALIFA – O mesmo que pelica. A Igreja de S. Bartolomeu de Coimbra pagava todos os anos à abadessa de Lorvão uma “falifa” ou 15 libras por ela. 1507.

FALIMENTO – Omissão, falta. XIV. Também; Morte, falecimento; Também; Pecado, culpa.

FALIR – Afalla (PA); falir, destituir-se de bens

FALLAMENTO/FALLANÇA – Conversa familiar, diálogo.

FALAR Á SALVA FÉ – Com toda a segurança e guardando cada uma das partes a fé que deve a seu príncipe.

FALECIMENTO – “Pera que é dizer mais de taes falecimentos”; Misérias.

FALLAR COM O CONFESSOR – Confessar-lhe as suas culpas, reconciliar-se com Deus por meio do sacramento da penitência.

FALLAR-SE – Aconselhar-se, informar-se, conferir com alguém.

FALLAS/FALHAS – Os dízimos miúdos que costumavam andar separados dos dízimos grossos e a que chamavam miunças.

FALO – imagem do órgão reprodutor masculino, especialmente a que era carregada nos antigos festivais em honra a Dioniso, também dito Baco, para simbolizar o poder gerador

da natureza; o pênis ou o clitóris, ou o órgão embrionário sexualmente não diferenciado que os origina. (DH).
FALÔA – Ora faiscando através de falôas, frases irónicas, cortantes, deprimentes (LV).
FALQUEAR/FALQUEJAR/FALQUEJAMENTO – Desbastar a madeira com machado, enxó.
FALQUITO – Tábua volante que se sobrepõe à falca. (LV).
FALSAR – Fender, abrir. Também; Falsificar. 1174; Também; Amolgar, torcer ou trespassar; Também; Mentir, faltar ao prometido. Também; Traição, falsidade, aleivosia, cilada, engano, trapaça.
FAME – Fome.
FAMELIAIOS – Serviçais, moços, criados, familiares. "Nenhum destes pobres ou fameliaios deste hospital possa ter berregãa, sub pena de ser lançado fora. Viseu 1356.
FAMILIA – Desde o século VIII até ao XII são frequentíssimas estas palavras nos documentos que em Portugal e Espanha se conservam. Por elas se entendiam os servos que com suas mulheres e filhos moravam nas herdades, ocupados sempre na lavoura.
FAMILIA DO FISCO – Segundo se declara nos concílios de Toledo, eram os servos das igrejas que se reputavam parte do seu património e estavam debaixo de protecção real.
FAMILIA RÉGIA – Assim se chamaram os servos fiscais que pertenciam ao rei o qual muitas vezes os dava ou doava às igrejas ou mosteiros a quem unicamente deviam servir. 1231.
FAMILIAIRIA – Mulher familiar e reputada como se fosse da mesma congregação ou família.
FAMILIAIRO – Familiar, comensal, habitador ou que se alberga na mesma casa e vivenda. É mui frequente esta palavra nos séculos XIV e XV.
FAMILIARES – Assim dizemos hoje os que pertencem à nossa família, e são comensais e apaniguados dela. Porém não era assim em os documentos monásticos que nos restam, desde o século X ou XII. Nestes se tomavam quase sempre por aqueles seculares, que doando todos os seus bens ou grande parte deles a algum mosteiro ou qualquer outra casa eclesiástica ou religiosa, umas vezes se entregavam eles mesmos ao serviço de tal corporação debaixo da obediência de seu prelado, outras vezes, ligados com matrimónio, ficavam em suas casas, como caseiros, colonos ou usufrutuários dos ditos lugares santos, que os faziam participantes de todas as boas obras, que nas ditas corporações se faziam ou pelo tempo se houvessem fazer; Estes se chamaram oblatos, offertos, donatos, condonatos, confrades ou familiares.
FAMOSIDADE – Abundância de fumo?
FAMPANDELHA – Planta leguminosa, mais conhecida por lentilha. (VB)
FAMULA DE DEOS – Ou famula de Cristo – Vide famulo de Deus.
FAMULO DE DEOS – ou famulo de Cristo. Em toda a Espanha e mesmo em Portugal se tem descoberto um grande número de inscrições sepulcrais que os cristãos lavraram desde o IV até aos finais do VII século, nas quais se lê o ditado de famula ou famulo de deos ou de cristo, sendo certo que alguns dos que ali jaziam eram casados, solteiros, viúvos, sacerdotes seculares, bispos e até meninos e meninas de quatro ou menos anos.
FANCHONAÇA – Mulher robusta de aspecto viril e de hábitos ou predileções próprias do sexo masculino. (LV)
FANDIGAR – Solicitar para fins desonestos; desonrar a mulher. (VB)
FANADURA – Circuncisão, corte, amputação.
FANAL/FANÃO – Farol, brandão, archote.
FANAM – Moeda de ouro tão baixa que só valia um vintém.

FANEGA – Quatro alqueires de grão de trigo, equivalente a 48 kg e a cerca de 60 litros. (VB)
FANFAR – Replicar com insolência, respingar.
FANGAS – Praça ou lugar público em que o pão se vendia por uma medida que ainda hoje se usa, chamada fanéga que consta de quatro alqueires da medida corrente, e que, naquele tempo se chamava fanga e constava de seis alqueires. Em Coimbra ainda há uma rua chamada das fangas porque nela ou junto dela se vendia todo o género de grão. 1372.
FANHOZO – Abhanno (PA); O que fala pelo nariz
FANICHO – Estreito, apertado.
FANIQUEIRO – Na quinta trabalham catorze homens e mulheres entre maltezes e faniqueiros. Designação porque são conhecidos os jornaleiros admitidos a trabalhar a dias (LV)
FANON – o guardanapo ou toalha pequena, cortinado. No plural: véus ou lenços brancos com que se envolviam as oblações que antigamente se faziam ao ofertório da missa.
FANTASIOSO – Presumido, soberbo, arrogante e, mais-bem, melancólico, extravagante.
FAQUIR – Faquir (PA); O pobre. Entre os Mahometanos significa penitente pobre. Deriva-se do verbo "facara" que na VIII conjugação significa cahir em pobreza, indigência e necessidade.
FARAÂNDOLA – dança de origem provençal em que os pares, segurando-se pelas mãos, formam extensa fila que se movimenta de maneira agitada; dança provençal em compasso ('fórmula') binário composto e andamento ('velocidade das pulsações') vivo. (DH)
FARAÓ – Fareaon (PA); presidio, refugiu, gente de socorro e reserva. Assim se chamava a cidade de faro. – Tomada a cidade de Faraó aos Mouros, El-rei D. Afonso III fez doação de todos os herdamentos que Abuzala, govermnador daquela cidade tinha em todo o Algarve assim ele como sua mulher Zaforona, a Esteves Annes seu Chanceler Mor. Crónica d'El rei D. Afonso III por Rui de Pina cap. 11 pág 22. Também se apresenta Faaraó.
FARAUTO – Vide faraute e Arauto em Bluteau. Interprete.
FARDO – Mulher desprezível, de maus costumes. (LV)
FARFALHUDO – O que fala com arrogância e sem tino.
FARFANES – Assim chamavam os mouros da África aos Cristãos, que moravam entre eles, desde as suas primeiras conquistas, assim como aos de Espanha chamavam Muzárabes.
FARINHA CERNIDA – Farinha peneirada e limpa de todo o farelo. Vem do latino secerno. 1222.
FARMACÊUTICO - Medica optimus. CIL 497. (CM)
FARNEIRO – Buraco no chão do piso superior do moinho, revestido a lajes, para onde cai a farinha. (VB)
FARÓM – Farão. É a forma analógica.
FARRONCA – Papão, fantasma. (Carrazeda de Ansiães), (VB)
FARRONQUEIRO – Parlapatão, impostor, blazonaddor
FARPÃO – Inflamação na pálpebra. Na Beira Baixa chamam farpão a um serrafo ou ripa curta. (LV)
FERRADAL – Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.495) com interesse arqueológico. (TMC)

FARROPO – Posto que ainda hoje em algumas terras se diga farroupo, o porco grande e castrado, parece que antigamente se chamou farropo o carneiro que tinha as mesmas condições. 1463.
FARSÁLIO – relativo à antiga cidade de Farsália, ou Farsalo (Grécia), ou o seu natural ou habitante. (DH)
FARSILHÃO – parte da fivela na qual se introduz a ponta do cinto, de uma fita etc. (DH)
FASÉLINO – relativo a Fasélide, cidade da antiga Judeia, ou o seu natural ou habitante. (DH)
FARTALEJOS/FARTENS – Empadas de massa, doce encapadas de côdea de farinha de trigo; mesmo que farturas.
FARTE (QUE) – Em abundância, com fartura e sem miséria.
FATÍMIDA – relativo a ou indivíduo que viveu sob a dinastia dos fatímidas; dinastia bérbere e xiita que governou o Norte da África e especialmente o Egito, entre a segunda metade do séc. X e a segunda metade do séc. XII, fundada por um descendente de Fátima, filha de Maomé. Etimologia: antr. *Fátima* (filha única de Maomé, morta em Meca em 633) + *–ida*; o especialmente *fatimída* ou *fatimita*, o francês *fatimite* ou *fatimide*, o português *fatimita* ou *fatímida*, o ing. *fatimite* ou *fatimid*, são todos der. eruditos da linguagem historiográfica, formados no começo do séc. XIX, quase todos com sufixos típicos de nomes dinásticos. (DH)
FARTUM – Parece ser o mesmo que Fortúm, forte, desagradável (falando do cheiro) (LV).
FASCES – Feixes, magote, turmas, pelotões. Vem do latim fascis; Também; Insígnia dos antigos magistrados romanos, instituída para imprimir respeito e terror ao povo, já desde o tempo de Rómulo. Consistia num pequeno feixe de varas, por entre as quais se via sair um machado, dando-se a entender que os infratores das leis depois de açoitados com as varas seriam decapitados com o machado. Diante dos ditadores marchavam vinte e quatro ditadores ou algozes todos com estas insígnias; diante dos cônsules doze; dos pretores das províncias e procônsules seis; e dos pretores das cidades dois. Era sinal de maior honra, despedir estes lictores ou mandar-lhes abater os fasces na presença de alguém.
FASQUIA – Faschia (PA); Sarrafo de madeira ou tabua serrada em tiras. Deriva-se do verbo “fasacha”, rachar, dividir pelo meio.
FASTA/FASTÁ – Adv. Até. Vem do espanhol Hastá.
FATIMA – Fatema (PA); Nome próprio de mulher. Lugar na Província da Estremadura. É o nome de uma Moura Senhora de Ourem que depois de batizada se chamou Ouriana e casou com Gonçalo Henriques, homem celebre daquele século em armas e poesia. E de outra Fátima Moura que foi captivada na invasão que os portuguezes fizeram na madrugada do dia de S. João na Vila de Alcácer do Sal. Vid. Crónica de Cister. Tomo I Livro VI Cap. I pág 713.
FATO – Correia de cabedal que liga os dois paus do malho, também conhecida por jogadeira ou lançadeira. Quadrilha de malfeitores. (VB)
FATWA – Termo árabe que designa a opinião jurídica (com toda a autoridade) de um mufti com fundamento na Charia.
FAVACEIRA – Vendedeira de azeite por miúdo. (VB)
FAVACEIRO/FAVEIRO – Palavra que ainda se usa em terras de Miranda e Bragança. Assim chamaram ao que se obriga a conduzir ali o peixe desde os portos do mar, e que, em outras partes dizem picadeiro.
FAVALEIRO – Vendedor ambulante de peixe. (VB)

FAVOREZA – Favor, benefício, mercê. Também Parcialidade, inclinação a favor de alguém
FAVORITAS – Eram antigamente uns canudos, que caíam sobre a testa para favorecer, ou a calva ou o pouco cabelo de quem as usava. Hoje se chamam favoritas as sultanas ou as particulares concubinas do Grão-Turco.
FAVORIZADOR – O que dá favor, favorecer, Conselho, ajuda.
FAVORIZAR – Dar favor, favorecer, socorrer, ajudar, assim para bem, como em mau sentido.
FAXINEIRO – Ladrão de mato. (VB)
FAYNGAS – O mesmo que fangas ou fanegas.
FAZEDOIRO – O que é justo e arrazoado que se faça.
FAZEDOR – O que faz, obra e executa qualquer cousa.; Também; Feitor.
FAZEDURA – Bica ou pão de manteiga.
FAZENDA – Peleja, duelo, procedimento e também aquilo que se faz, tem feito, ou está para se fazer em qualquer negócio ou empresa.; Também; Honra, crédito, procedimento, obra, acções ou, mais bem, o corpo de uma virgem ou mulher honesta.
FAZENDA (LETRA) – Assim chamavam a que os nossos escrivães usavam, no de 1500, segundo o autor de Eva e Ave.
FAZENDA REAL – Todo e qualquer tributo, direito, foro ou pensão que a el-rei se pagava.
FAZENDEIRA – Qualquer foro ou pensão que paga ao senhorio o fabricador de uma herdade ou fazenda.
FAZENRÓO – Vide Faceirô ou Faceirôa.
FAZER À GREGA – Usar o rito grego.
FAZER À LATINA – Usar o rito latino.
FAZER AMOR E PRESTANÇA – Emprestar ou, mais bem, fazer presente e mercê.
FAZER DE SI COMPRIMENTO DE DIREITO – Estar pronto para responder e satisfazer a qualquer libelo ou artigos que contra alguém, se ofereçam.
FAZER FORAL – Dar alguma fazenda de foro, aforar.
FAZER HONRA – Assistir ao funeral, acompanhar o defunto à sepultura.
FAZER MARIDANÇA – Fazer vida marital, portar-se como marido. XIII.
FAZER MOSTRA - Mostrar.
FAZER OUTEIRO – Fazer montaria. É dos forais de D. Manuel.
FAZER PRESTANÇA – O mesmo que fazer amor.
FAZER REFEITÓRIO – Dar de comer. 1209.
FAZER ROGO – Ceder a rogos, intercessões, ou empenhos de alguém, faltando ao cumprimento da justiça por causa de particulares respeitos.
FAZER TERMO – Expirar, morrer, acabar.
FAZER VERDADE – Provar em juízo a sua tenção ou o que no libelo ou petição se alegava. 1328.
FAZER-SE MOUTA – Fazer que não entende, disfarçar-se, encobrir-se, como se com folhas, ramos ou moutas se ocultasse.
FAZIMENTO – Amizade ou conversação torpe e desonesta; o mesmo que afazimento.
FAZONZAL – No ano de 1047 se vendeu uma herdade abaixo do castelo de Pedroso; o preço foi de um cavalo avaliado em 300 soldos: Et duas fazonzales, et una pele aninia.
FEBRE – Adj. Falha, diminuta, cerceada, e que não tem à risca todo o peso da lei; Moeda febre é o contrário de moeda forte, aquela falta, esta excede no peso ainda que é em

uma quantidade tal que é menos de um grão, segundo o estilo presente da casa da moeda.
FECHO – Parede forte à beira-rio, com as pedras dispostas em cunha, para que a água não as leve. (VB).
FEDAIM/FEDAYIN – militantes palestinos que resistem combatendo em guerrilhas. (DH).
FEDEGOSO – Cousa acorosa, de mau cheiro, imunda, que molesta o olfato e corrompe o ar.
FEDELHO – Em algumas terras da província do Minho, fronteiras com a Galiza chamavam ao tributo fedelho, e, com efeito, se houvermos de atender para a qualidade do incenso que hoje, ordinariamente se emprega nas funções do divino culto, diremos que o nome convém por todos os lados aos fumos dos nossos tributos.
FE (AA SALVA) Sob garantia de segurança (NEP)
FEE – Fé.
FEIÇAM – Homem de feição; homem nobre, distinto, honrado.
FEIRA/FERIA – Troca; Também; Congregação do povo que em algum lugar público, concorre a comprar, vender ou comutar o que bem lhes parece; Hoje chamamos mercado, feira ou praça. Como nas grandes solenidades dos santos vacava o povo das obras servis e concorria aos seus templos ou sepulcros, ocasionou-se daqui o nome de feira ou feria pelas cousas que ali se compravam ou vendiam. Também; O mesmo que campo ou praça em que se vendiam as cousas e a feira se fazia.
FEIRA FRANQUEADA – Feira franca, que goza de certas honras, privilégios, liberdades, isenções e fraquezas por mercê e autoridade do princípe.1393, El-rei d. João I pera o logar de Torre de Memcorvo ser mais nobrecido, lhe concede uma feira franqueada que principiará no 1º de Maio até 15 de dito mês com todas as honras privilégios e franquezas que tem a feira de Trancoso.
FEIRÃO – Mercado de pouca importância fora dos dias regulares.
FEIRAR – Trocar, comutar.
FEIRIR – Ferir, maltratar.
FEITA – Vez, ocasião.
FEITA (DESTA) – Desta vez, agora.
FEITIÇO – (adj) Fictício
FEITIO – Toda a benfeitoria, com que a enfiteuta ou colono aumentava uma herdade ou fazenda.
FEITO – “Entom, laçando o feito” – Caso incidente.
FEITO DE JOGO – Brincadeira. (HS)
FEITURA – Assim se dizia aquele que era promovido ou provido em algum lugar honroso, ministério, ofício ou emprego.
FEITURA DE ALGUÉM – O que era provido ou promovido em algum lugar honroso, por valia ou rogos de alguém.
FEMENÇA – Dizem que assim se chamava antigamente a inquirição diligente, exata e circunspecta; Também; O mesmo que esfemença. Também; “Pôs femença” – Fez reparo. Também; Boa vontade, desejo favorável. (HS).
FENÍCIO – relativo ou pertencente à Fenícia (antigo país no litoral da Síria), aos fenícios ou à língua fenícia; feníceo, fenicino; indivíduo dos fenícios, povo de origem semita canaanita que se estabeleceu no país de Canaã por volta do sXXVIII a.C.; fenice [Os fenícios foram os maiores navegadores e comerciantes da Antiguidade; atribui-se a eles a invenção do alfabeto fonético.]. (DH).

FENO – Agulhas de pinheiro a que hoje vulgarmente chamamos moliço ou caruma. 1525.
FE-PERJURO – O que quebranta a Fé que prometeu no julgamento. XV.
FEREU – relativo a ou habitante de Feras, antigas cidades da Tessália, da Beócia, da Acaia e da Lacônia, regiões da Grécia. (DH).
FEREZEU – relativo aos ferezeus, antigo povo nômade cananeu. (DH)
FERIA – Vide feira.
FERIDAS CHANS – É bem notável a nossa jurisprudência, nos forais antigos, pelo que respeita à qualidade e quantidade das feridas, obrigando a pagar a coima segundo o seu número, enormidade e grandeza e não menos segundo os instrumentos e advertência com que foram feitas. Documento de Tomar, é frequentíssimo nos forais daquele tempo se atendia ao lugar onde as feridas se faziam.1174. (LV)
FERIDAS CONCELHADAS – O mesmo que Conciliadas; Também; Feridas feitas acinte, com advertência, de reixa velha e caso pensado, e mesmo procurando favor, ajuda e conselho para as fazer.
FERIDAS CONSULADAS – Acha-se em alguns forais antigos. O mesmo que feridas conciliadas.
FERIDAS DIVISADAS – Feridas claras, patente e das quais separadamente correu sangue.
FERIDAS NEGRAS – Vide feridas chans.
FERIDAS SANGOENTAS – Aquelas de que saiu ou correu sangue. Vide feridas divisadas.
FERIR – Partir, demarcar, entestar, bater, maltratar.
FERMOSENTAR – Dar formusura, aformosear, ornar, compor, assear, formesear.
FERNANDO D. I – (1345-1383 – 28 anos) – Rei de Portugal desde 1267 até 1383, filho de D. Pedro I e de Portugal e de D. Constança, filha de D. Juan Manuel, nasceu em Lisboa em 31 de outubro de 1345. Sucedeu ao seu pai e tornou-se pretendente ao trono de Castela, depois do assassinato, 1369 de Pedro I de Castela. Este facto levou-o à primeira (1369/71) de três desastrosas guerras com Castela. Depois das negociações conduzidas por João Fernandes de Andeiro, D. Fernando aliou-se em 1372 com João de Gaunt, duque de Lencastre contra Castela e Aragão. Esta atitude provocou uma segunda guerra com Castela (1372-73) na qual tropas castelhanas invadiram Portugal cercando Lisboa, 1373 e obrigando D. Fernando a repudiar a aliança inglesa e a aceitar as condições de Henrique II de Castela. O período de paz que se seguiu foi ocupado com sucessivas e por vezes contraditórias negociações diplomáticas – com a Inglaterra, Castela, Aragão e França – mas o tratado anglo-português de 16 de junho de 1373 continuou a constituir a base entre os dois países. A confirmação dos tratados com a Inglaterra em 1380 deu origem a uma terceira guerra com Castela, 1381,82, a qual, como os conflitos anteriores, foi caracterizada pela falta de êxito das operações militares portuguesas, apesar das forças enviadas de Inglaterra sob o comando de Edmundo de Langley. Compelido mais uma veza assinar um tratado de paz, gosto de 1382, e a abandonar os seus aliados. D. Fernando obteve do rei de Castela os navios para repatriar as tropas inglesas. Não Obstante a sua preocupação com a guerra, D. Fernando promulgou leis que encorajaram o desenvolvimento da agricultura o comércio interno a marinha mercante e o exército. D. Fernando casou com D. Leonor Teles, uma senhora de moral um tanto duvidosa, o que provocou descontentamento; o casamento (30 de abril de 1383) da sua única filha legítima, D. Beatriz, com D. João I de Castela precipitou, aquando da morte de D. Fernando, 22 de outubro de 1383, uma das mais sérias crises dinásticas e nacionais na história de Portugal.

FERNANDO e ISABEL – Os reis católicos em cujo reinado se conquistou Granada. Casal composto pela Rainha Dona Isabel de Castela e o Rei Dom Fernando II de Aragão. Concretizaram a união dinástica entre os dois reinos ibéricos, criando a Monarquia Católica, que em 1512 passaria a ser conhecida por Monarquia de Espanha.
FERNÃO DE ÉVORA – Um dos mestres das obras da Batalha.
FERNÃO LOPES – Escreveu; "*Nós non somos nados a nós mesmos, porque ua parte de nós tem a terra e outra os parentes*" – "Segundo muito formosamente escreveu Platão: "Nom somos nados somente pera nós, mas em nossa vida a nossa terra quer que a sirvamos em alguma parte, e parte querem de nós os nossos amigos" – Cícero, livro dos Ofícios, tradução do infante D. Pedro, pág 18 ed. Piel 1948.
FERRA – Balde para tirar água dos poços. Instrumento de ferro com que se tira a massa da masseira. Pá de ferro para tirar a cinza da lareira (Lagoaça- Freixo de Espada à Cinta). (VB)
FERRADAL – Aldeia extinta, perto de Murçós, hoje, concelho Macedo de Cavaleiros; (Caderno Terras Quentes, nº 7); Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.495) com interesse arqueológico. (TMC)
FERRADOR, FERREIRO e ABEGÃO - O abegão era pau para toda a obra. Fazia a manutenção do equipamento agrícola metendo a mão na madeira e no ferro, e, nalguns casos, também fazia as vezes de ferrador. Isto porque os mestres Ferreiros, geralmente, tinham oficina aberta apenas nos povoados de maior dimensão, vilas e cidades. O ferreiro também exercia a função de ferrar as cavalgaduras, com a forja faziam os diferentes moldes para cascos de mulas, cavalos e burros. Uma oficina de ferreiro ocupava no mínimo, 4 pessoas: uma que acarretava o ferro, a lenha e o carvão para a forja; outra que se destinava apenas a alimentar a fornalha e que se chamava "foleiro"; mais um ou dois trabalhadores malhavam/batiam o ferro e por último havia um "mestre" do ofício que executava as peças.
FERRADURAS – É bem para admirar que por tantos anos jazem os portugueses no fatal cativeiro de pagarem principalmente a corporações eclesiásticas, foro, foragens e direituras, que não sei se procediam de despotismo se de vicioso, se de terem em pouco e desprezarem mesmo os seus semelhantes. Não havia extravagância com que o miserável povo não fosse onerado.
FERRAGEM – O mesmo que farragens ou melhor, ferrãa: pasto de bestas que ordinariamente se semeia das alimpaduras do trigo centeio ou cevada. E daqui se disse ferragem 1142.
FERRAGIAL/FERRAGINAL – Terra semear de ferrãa, a que hoje chamamos ferragial. 1202.
FERRAMENTA – Palavreado, tretas, tirolas; Em Ílhavo Meter ferramenta é procurar iludir com blandícias. (LV)
FERRAPEIA – O mesmo que ferropea; Ferro ou ferros com que se prendem os animais racionais ou irracionais. Pia de feia de ferro ou grilhões e qualquer prisão que se lança aos pés.
FERRAR – Marcar com ferros em brasa. Também; vestir armadura (HS)
FERRAZAS – O mesmo que ferraduras. 1339.
FÉRREA – Pequena pá de ferro com que se queima ou cresta o leite-creme, em Viana do Castelo (LV).
FERREGEAL – Campo de ferrã ou cevada.
FERRENCHEIRO – Negociante de ferro. (VB)

FERRO (DESTE) – Desta vez, desta ocasião.
FERRO MAÇUDO – Ferro em barra – é dos forais de D. Manuel.
FERRO MOÍDO – Ferro lavrado, ferramenta ou lavrado, ferramenta ou instrumento de ferro cortante.
FERRO MOLUDO – Ou ferro mudo, o mesmo que erro moído. Chamaram-lhe assim porque as ferramentas são trabalhadas na mó ou pedra de afiar muito bem, primeiro que hajam de servir. E por isso ainda hoje dizemos amolar, por aguçar ou afiar na mó ou outra pedra, que adelgasse os instrumentos de cotar, dividi ou penetrar.
FERRO MUDO – O mesmo que erro moído.
FERRO – Pensão que antigamente se pagava em algumas partes não sempre em própria espécie, mas talvez em dinheiro corrente e naquela quantidade que era precisa para comprar o número de ferros ou ferraduras que o enfiteuta ou colono deviam pagar. (ver elucidário).
FERVENÇA – grande agitação; alvoroço; grande cuidado; zelo, fervor. (DH). rio que travessa Bragança.
FESTA D'APARICIO – Dia de Reis ou da epifania, em que os magos acharam no presépio o menino de deus guiados pela estrela. Em que jesus cristo, no Jordão, foi declarado filho verdadeiro do pai eterno; em que finalmente a conversão milagrosa da água em vinho nas bodas de Caná o fez aparecer e declarar por homem-Deus.
FESTAS DO CALENDÁRIO CRISTÃO – Circuncisão/1 de janeiro; Aparição do Senhor/6 de janeiro; S. Vicente/22 de janeiro; S. Brás/3 de fevereiro; Quinta-feira Santa/móvel; Sexta-Feira Santa; Sábado de Aleluia/móvel; Anunciação/25 de março; Santa Catarina/1 de abril; Santo Antão/4 de abril; S. Jorge/23 de abril; Invenção da Santa Cruz/3 de maio; Quinta-feira da Ascensão/móvel; Corpo de Deus/móvel; Santo António/13 de junho; S. João/24 de junho; S. Pedro e S. Paulo/29 de junho; Santa Maria Madalena/22 de julho; Santiago/25 de julho; Santa Maria de Agosto/15 de agosto; S. Lourenço/5 de setembro; Todos os Santos/1 de novembro; Natal/25 de dezembro.
FETOR – O mesmo que feitor. Diz-se do homem e da mulher.
FETTO – Feito, negócio, contrato. 1273.
FEU – Tributo, pensão, feudo, foro. Tiveram os feudos o seu princípio na Alemanha. Derivou-se a palavra fudum das letras iniciais das seguintes palavras; Fidelis, Erro, Vobis, Domino, Vero, Meo. 1160. Imperando Frederico I é que se reduziram a escrito as leis feudais, que até ali pendiam só vontade de quem dava os tais feudos aos seus vassalos ou inferiores com as condições que entre si pactuavam.
FEUDO – na Idade Média, terra ou (mais raramente) direito, função, renda concedidos por um senhor a um vassalo em troca de obrigações de fidelidade mútua (proteção da parte do senhor, serviço da parte do vassalo); o conjunto dos servos de uma propriedade feudal; direito ou dignidade feudal; posse exclusiva; coisa de que se dispõe de maneira absoluta; Etimologia: latim medieval *feudum*, latinização tardia que se teria calcado sobre o francês antigo e occitano antigo *f(i)eu*, procedente prov. do francês **fehu* 'gado, posse, propriedade', séc. XV *ffeudo. (DH)*
FEYRIR – Ferir; vide feridas concelhadas.
FEYTO – Acto; acção. Foral do Outeiro. (MJ)
FEZ -Cobertura para a cabeça de lã vermelha, usada pelos Muçulmanos, outrora fabricada em Fez (Marrocos). (AA)
FFIA – Vide fiãa.
FFIAÃ – Almofia ou alguidar que em latim se dizia fiala e levava duas canadas. 1419.

FIA – Vide Fiãa.
FIÃA/FIAAM/FSIA/SFIÁÁ/FIADA – Vaso de barro chato e redondo a quem hoje chamam almofia. Servia antigamente, para se pagar certa medida de grãos e também de manteiga.
FIAM – Vide Fiãa.
FIADA – Vide Fiãa.
FIADA – Medida que levava meio salamim, segundo o consensual dos votos da mitra do porto; Vide Trolho.
FIADORIA – Vide Fiadura.
FIADURA – Fiança, obrigação, que alguém se impõe de responder ou satisfazer por outro, quando este o não faça, satisfação. Fazer fiadoria, ficar por fiador. 1162.
FIADURIA – O mesmo que fiadoria. No mesmo foral de Mós, se lê; Et si contentor abuerit mittat illum in manus, et exeat sltus de fiaduria.
FIANÇA – Confiança.
FIAR – Confiar (NAP)
FICADA – O contrário de partida.
FICAR – Segurar, fincar, pôr, v.g. as mãos os pés, os joelhos sobre alguma cousa.
FICY – Fique, do verbo ficar. 1301.
FIDALGO – Vide, Algo.
FIDALGUIA – Vide Algo Cavalaria; A honra da fidalguia foi dada aos fidalgos primeiramente entre outros homens por filharem carrego e servirem de defensom da terra d'hu som naturaes ou em que vivem e devem a Todo o Tempo estar prestes e apercebidos pera esto.
FIÉIS – O mesmo que louvados ou juizes árbitros. É do século XIV. A obrigação de se portarem com a maior fidelidade e independência e a confidência que deles se fazia lhes deu este nome.
FIÉIS DE DEUS – Assim chamavam aos montes de pedra miúda que junto dos caminhos lançavam à mão os passageiros. Em todo este reino vemos destes pedregulhos junto das estradas sem que nos fique a mais leve dúvida que ali foram advertidamente postos e não por acaso.
FIEL – Louvado. 1529.
FIELDADE – O mesmo que fidelidade. 1343.
FIELDADES – Partilhas, divisões e avaliações da fazenda feitas pelos fiéis ou louvados.
FIGUEIREDO – Lugar cheio de figueiras.
FIGUEIRÓ – Diminutivo de figueira, em latim do século XII Figairola.
FIHO – Filho, 1389.
FILHOSA – Relativo a filhar, capaz e digno de ser tomado e recebido, conquistado. É do século XIII, XIV e XV, também se escreveu ffilar em 1318. (TMC)
FILADO – Agarrado, preso, aferrado, Apanhado. Teimoso. (VB)
FILAR – O mesmo que filhar.
FILATERIAS – Exterioridades, espalhafatos, jactancias
FILHA/FILHADA/FILLADA – Tomadia de terras do concelho, maninhas ou incultas.
FILHADA – Vide Filha.
FILHADOIRO – Capaz e digno de ser tomado e recebido.
FILHAMENTO – Acção de Tomar, receber, conquistar. Hoje, entre nós se diz filhamento, a honra de ser filhado, posto, escrito tomado em livro de nobreza a que chamam livro

de filhamentos em que estão assentados, e como tomados a rol os que tem foro de fidalgo.
FILHAR – Tirar, roubar; Tomar; Receber. É dos séculos XIII/XIV/XV. Também se escrevia ffilar no de 1318.
FILHAR AS VERÇAS DAS COUSAS – Vide Descangar. Quaisquer hortaliças ou frutos em erva, tomando verças por verduras. Tomar quaisquer frutos ou hortaliças em verde e antes de estarem sanzonados.
FILHAR PANNOS DE SEGURANÇA – Dizia-se de uma donzela que se fazia religiosa, assegurando-se do mundo com o hábito e obras da religião que escolhera.
FILHAR OU TOMAR PANNOS DE SEGURANÇA – Era o mesmo que hoje fazem as senhoras seculares nos mosteiros, que vestem com grande modéstia sem tomar o hábito das religiosas professas e ali vivem à sombra da santa religião com mais segurança da sua honestidade.
FILHAVA-SE A SORRIR – Punha-se a sorrir.
FILLADA – Tomadia, apreensão, terra que se toma ao concelho. Vem de filhar, tomar, apossar-se, lançar mão, conquistar. 1300.
FILLO – Vide Filo
FILO – ou Fillo; Filho. 1306.
FILOLOGIA – estudo das sociedades e civilizações antigas através de documentos e textos legados por elas, privilegiando a língua escrita e literária como fonte de estudos; estudo rigoroso dos documentos escritos antigos e de sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar esses textos; o estudo científico do desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, em especial a pesquisa de sua história morfológica e fonológica baseada em documentos escritos e na crítica dos textos redigidos nessas línguas (por exemplo, filologia latina, filologia germânica etc.); gramática histórica; estudo científico de textos (não obrigatoriamente antigos) e estabelecimento de sua autenticidade através da comparação de manuscritos e edições, utilizando-se de técnicas auxiliares (paleografia, estatística para datação, história literária, económica etc.), especialmente para a edição de textos
FIM – "…, mas todos ledos sob a boa esperança, fundada em bem-aventurada fim" – Veja-se o género feminino de fim, corrente em português arcaico e ainda hoje popular.
FIMENTO – O mesmo que affimento.
FINAMENTO – Falecimento, morte.
FINCÃO – Pedra a pino que serve de marco. (VB)
FINCA-RABUNHA – Individuo provocador. (VB)
FINCA-RATUNHA – Por finca-ratunha, de má-fé, de propósito.
FINCO – Escrito de obrigação de dívida, escritura publica, documento autêntico e inegável.
FINGIDIÇAMENTO – Ficticiamente, com fingimento, dolo, fraude, aparência.
FINGIDIÇO – Adv. Fictício, falso, fingido.
FINTO – Maço ou rol de documentos, títulos ou inquirições que pertencem a um particular, povo, fazenda ou território. 1220.
FIQH – É a ciência do direito, à luz da religião Muçulmana.
FIRMA – Juramento de calúnia e afirmação solene, que presta o autor, de que não contende em juízo por ódio, interesse, paixão ou vingança, mas tão-somente pela verdade e justiça, bondade da causa e sem detrimento alda sua consciência. Daqui firmar, jurar da calúnia antes de lite contestada. 1189. Também; Arrendamento;

Também; o nome ou sinal de alguém escrito de sua própria letra ou por outro a seu rogo e mesmo por uma pessoa pública perante outras testemunhas, como se praticava ordinariamente até ao século XIII. Chamou-se firme porque fazia firme e valioso tudo o que acima ficava escrito. Também; Testemunha e toda aquela pessoa que dá valor e firmeza a um instrumento de escritura com o seu nome, subscrição ou selo.
FIRMAL – Relicário de pé largo com figura de custódia ou porta-paz em que se guardam relíquias que merecem o nosso culto segundo a sua qualidade. Também; nas profecias do Bandarra se diz; já o tempo desejado é chegado, segundo firmal assenta. Medalha para distinguir todos aqueles que pelo seu valor e empenho defendiam o Rei. Costume começado em Inglaterra por John de Gante, pai de D. Filipa de Lancastre que casou como Rei D. João I. - Também -Jóia central de uma coroa; Jóia para prender vestuário que retém na peito os dois panos de um tecido. Redonda, ogival ou circular, era frequentemente enriquecida de esmaltes e gemas. (AA).

Firmal, medalhão dos "S" de D. Beatriz séc. XIV,
peça pertencente ao espólio da Associação Terras Quentes.

FIRMAL PORTA-PAZ PEQUENO – Relicário que se trazia ao pescoço, ovado e sem pé.
FIRMAR – Prestar juramento de calúnia. Vide firma. Também; Probar.
FIRME – Seguro; estável; Carta de escambo entre Outeiro de Muas e Gostei. (MJ)
FIRMIDEU – Firmeza, valor de um contrato ou qualquer outros instrumento publico. XIII.
FIRMIDOEM – Firmeza, valor, permanência. Em nossos documentos antigos se acha cada passo.
FIRMIMENTE – Firmemente.
FISCO – Nos prazos de Grijó mui frequente a pensão do fisco. Em alguns se declara em que deve consistir este fisco como no casal da Costa foreiro à Igreja de Perosinho feito em 1485. No qual depois da pensão de 23 alqueires de trigo etc., se continua; E paguem o fisco à dita igreja como é uso e costume saber; todo o pão que se lavrar pela dita igreja segálo e malhá-lo e dar uma mosteia de palha triga de trez vencilhos; e ajudar a lavar as cubas e marquar, e ir pelos arcos ao Douro e os poer na cangueiro, cada vez, que requeridos forem, e fazer o vinho da lavra da igreja, e dar a cada ano um carro de esterquo no tempo da sementeira e pelo natal trazerem à dita igreja um boo carro de lenha e dar pelo ano quando requerido for X dias de geira. Também; na Roma imperial, parte dos recursos financeiros do Estado, destinados à manutenção do príncipe; conjunto de órgãos públicos responsável pela determinação e arrecadação de impostos, taxas etc.; fazenda. Etimologia; lat. *fiscus,i* 'cesta ou saco de finas vergônteas, juncos, espartos etc. usado para conter uvas ou azeitonas na prensa do lagar e curar queijos; bolsa ou saco de guardar dinheiro; as rendas do príncipe providas pelo erário público (embora o fisco do imperador não fosse, na prática, claramente distinto de sua fortuna pessoal); ver *fisc-*; f.hist. 1111 *fiscum*, 1534 *fisco*, 1534 *fisquo.* (DH)

FISCO (PORCO DO) – Junto à cidade de Lamego e no Dia de Santo Estevão é mui celebrado o grande porco do fisco que dos doze casais de Portelo na freguesia de cambres se paga anualmente de serviço ao mosteiro das Salzedas. Outros mais porcos cevados se pagam aquela religiosa casa e pelo mesmo título, mas nenhum tão famoso como este.
FÍSICO – Médico; Também; Assim chamavam ao médico, como por excelência, pois deve ser perfeito e consumado em o conhecimento da natureza, começando a sua arte onde a Física remata a sua.
FISQUEIRO – Vide, fisco ou Porco do fisco.
FITEIRA – Tábua assente em gume sobre outra e que serve para a ele se encostar, o linho que há-de ser espadelado. (VB).
FITO – Marco levantado.
FIUZA – Satisfação, confiança, certeza e conhecimento do afecto e bons serviços de alguém.
FLAGELANTE – Os que açoutavam até derramar o sangue em satisfação de suas culpas.
FLAGELLANTES – Os que se açoutavam. Dos flagelantes, se escreveram livros inteiros. Dizem que certo ermitão por nome Rainier no de 1260 em Prusa cidade de Itália instituíra esta sanguinosa penitência ujos sequazes se chamavam devotos e ao cabeça dele o geral da devoção.
FLAUTISTA – Cadáver para estudo no museu anatómico d Coimbra. (LV).
FLECHA/SETA - As flechas ou seta – conhecidas entre os muçulmanos por “céamé” ou “nível” era geralmente feita de cana, bambu ou madeira da região e podia ter duas utilizações distintas:

1) Flechas de Guerra
2) Flechas mistas (guerra e caça)

As flechas de guerra eram mais pesadas e com ponteiras que tanto serviam na guerra como na caça maior. As flechas mistas eram geralmente utilizadas para caça menor e, muitas vezes não tinham “cabeça”.

Com um comprimento de cerca de 80 cm, espaço que vai do braço que segura a arma até ao peito do archeiro sendo as retrizes feitas com penas de ganso ou de aves selvagens de envergadura.

Mas as flechas também eram perecíveis e à exceção das ponteiras, já nada existe que possa ser estudado.

Foi essa a razão por que os autores deste artigo, dois deles representantes dos corpos sociais e outro associado, logo após a fundação, da Associação “Terras Quentes”, doaram à instituição um vasto património, do qual se destaca uma colecção de envergadura de ponteiras de flechas, réplicas feitas por si e em exposição no Museu Martim Gonçalves de Macedo, entenderam encetar o seu estudo, criando a primeira tentativa de tipologia sobre pontas de setas, conhecidas, conducente à criação de uma metodologia classificativa com o objetivo de mais tarde se aprofundar o estudo para melhor conhecimento do arco medieval. Sendo a primeira que se conhece, obviamente, que tivemos de nos socorrer não só à nossa experiência pessoal em armamento medieval como todas as experiências feitas no seu fabrico e utilização e também aos apontamentos que fomos colecionando ao longo dos anos de estudo, trabalho que por certo, terá as suas debilidades, mas pensamos que num futuro próximo nos será possível retificar as suas fragilidades como aumentar a análise a um maior número de espécies.
Ponteiras das flechas dos arcos medieval: Tipologia e metodologia classificativa.

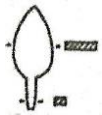
A Tipologia que os autores se propuseram estudar, assenta na colecção privada da Associação Terras Quentes à qual foi acrescida de mais exemplares em posse particular. Do conjunto destacou-se 28 exemplares que consideramos mais representativos e dividimo-los em quatro grandes grupos:

1) Com Espigão.
2) Destinados a fins vários (multiusos).
3) Fins Militares.
4) Caça.

Cada grupo inclui tipos diferenciados, mas todos com a mesma função. Cada exemplar foi estudado, individualmente, de acordo com a sua função e datado. A variação das ponteiras dentro de cada grupo pode parecer considerável. No entanto, as ponteiras dentro de cada grupo possuem todas as mesmas características básicas e o mesmo perfil o que nos permite distinguir funções, tipo e datação.

Grupo A – Ponteiras com espigão:

Eram geralmente manufaturadas a partir de uma barra de aço achatada. Recortadas e afiadas requeriam menos trabalho de manufaturação que as ponteiras do século XII-XV, equipadas com pedúnculos.

Grupo A	Configuração	Observações
1		Séc. IX-XI; funções: Guerra/Caça Dimensões: Comp: 102-155m/m; Largura: 10-13 m/m; 20-21m/m.
2		Séc. XI-XII; Funções; Incertas Dimensões: Comp: 40-45m/m Largura: 15-25 m/m.
3		Séc. XII-XIII – Funções Caça/Militar Comp: 40-55 m/m Largura: 15-28 m/m

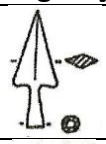
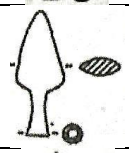
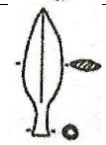
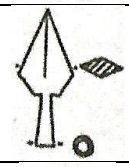
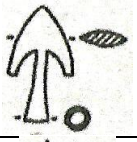
Grupo A:

1- Século IX-XI – Esta ponteira é composta por uma lâmina fina em forma de folha, triangular numa secção em cruz. A lâmina forma um ligeiro ombro que liga ao espigão com um formato redondo ou circular.
2- Século XI-XII – Trata-se de uma ponta em forma de folha com um espigão de secção retangular.
3- Séculos XII-XIII – A forma desta ponta é o desenvolvimento da ponteira nº 2. A lâmina é de formato triangular com um corte transversal oval e com espigão retangular afunilado.

Grupo B - Ponteiras multiusos destinadas a fins vários:

Destacamos 10 tipos de ponteiras que classificamos como multiuso. Neste grupo incluímos ponteiras destinadas quer para a guerra, quer para a caça, porque serviam indistintamente para ambos os fins. Todos os tipos classificados neste grupo possuíam

pedúnculos, o que lhes garantia uma muito maior vantagem sobre qualquer dos tipos do grupo A.

Grupo B	Configuração	Observações
1		Séc. XI-XV; Funções: Caça Dimensões: Comp: 40-120m/m; Largura; 20-45m/m
2		Séc. XI-XIV; Função Incerta. Dimensões: Comp: 45-60m/m; Largura 20m/m.
3		Séc. X-XVI. Função: Militar/Caça Dimensões: Comp: 50-70 m/m; Largura: 20/30m/m
4		Meados do séc. XIII. Função incerta; Dimensões: Comp: 60-75m/m; Largura: 10-20m/m
5		Finais do séc. XI; Funções: Caça/Militar; Dimensões: Comp: 40-60m/m; Largura 15 a 25m/m
6		Meados séc. XII; Funções: Caça/militar; Dimensões: Comp: 35-60m/m; Largura: 15-30m/m
7		Inícios séc. XIII; Funções: Caça/militar Dimensões: Comp: 40-60 m/m; Largura 18-30m/m
8		Meados do séc. XIII – Funções Caça; Comp. 35-50m/m; Largura: 15-25m/m
9		Séc. XII-XV; Funções: Treino Militar; Dimensão: Comp. 15-35m/m; Largura 7-13m/m.
10		Séc. XVI? Funções: Treino Militar; Dimensões: Comp: 15-35m/m; Largura 7-13m/m

Ponteiras multiusos destinadas a fins vários:

Tipo 1 – Século XI-XV – Esta ponteira tem uma lâmina triangular com corte em diamante e pedúnculo oco.

Tipo 2 – Séc. XI – XIV - Esta Ponteira é semelhante à nº 1. A lâmina possui uma forma triangular com corte em diamante, mas o pedúnculo oco é mais cumprido.

Tipo 3 – Séc. X-XVI - Era uma forma muito comum para a época. A lâmina tinha um formato triangular, mas os “ombros” arredondavam. A lâmina era de secção de diamante ou oval, possuía pedúnculo oco.

Tipo 4 – Meados do século XIII – Nesta ponteira a lamina tema a forma de uma folha com secção em diamante e pedúnculo oco curto.

Tipo 5 – Finais do séc. XI - Esta ponteira tem o pedúnculo oco e lâmina de feitio triangular terminando na base em corte de angulo obtuso.

Tipo 6 – Meados do século XII - Ponteira triangular com pontas na base salientes curvando para baixo. Tem pedúnculo oco e a lâmina de secção triangular ou oval.

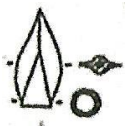
Tipo 7 – Inícios do séc. XIII - Ponteira barbelada de secção oval ou em diamante. Possui pedúnculo oco. Há uma enorme variedade de ponteiras barbeladas com os mais diversos formatos e comprimentos do pedúnculo.

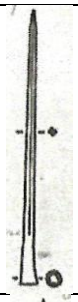
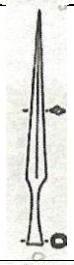
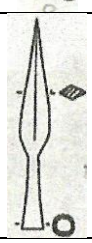
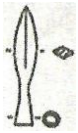
Tipo 8 – Séc. XII-XV - A forma desta ponteira é idêntica à nº 7. Tem, todavia, uma expunha central a todo o comprimento da lâmina de formato triangular, terminando em bicos para baixo que podiam variar de comprimento.

Tipo 9 – Séc. XII-XV - Esta ponteira possui a forma de um pequeno pedúnculo concoidal. Uma versão atarracada do nº 6.

Tipo 10 – Século XVI (?) – Esta ponteira é idêntica à nº 9. É um pedúnculo oco com a forma de um projétil.

Grupo – C – Ponteiras para fins militares:

Grupo C	Configuração	Observações
1		Finais séc. XIV; Funções: Ponta de guerra; Dimensões: Comp. 25-45; Largura; 10-20mm
2		Séc. XV; Funções: Ponta de guerra; Dimensões: Comp: 20-35m/m; Largura 10-20m/m
3		Finais da Idade Média; Funções: Ponta de Guerra; Comp: 22-40 m/m; Largura: 14-20m/m
4		Séc. XIV; Funções: Ponta de guerra; Dimensões: Comp. 25-40m/m; Largura 12-20m/m
5		Séc. XIII; Funções: Ponta de guerra contra armaduras; Dimensões: Comp: 35-50m/m; Largura 7-14m/m
6		Séc. XI-XIV; Funções: Ponta de guerra contra armaduras; Dimensões: 50-50m/m, Largura; 7-12 m/m

7		Séc. XI-XIV; Funções Ponteira de guerra. Perfurar armaduras – Dimensões; Comp: 140.200m/m; Largura; 8-12m/m.
8		Meados séc. XIII-XV; Funções Ponteira de guerra – Perfurar armadura; Dimensões: Comp: 80-170m/m; Largura: 8m/m-13m/m.
9		Meados do séc. XIII-XV: Funções: Ponteira de guerra –Perfurar amaduras; Dimensões; Comp. 100-140m/m
10		Funções: Ponteira de guerra. Perfurar armadura. Dimensões: Comp: 30m/m-80m/m; Largura 8-16m/m

Tipo 4 – Meados século XIV - Esta ponteira tem uma forma pequena e composta terminando em duas barbelas. A lâmina é em corte de diamante ou oval com pedúnculo.

Tipo 5 – Meados do século XIII – Esta ponteira tem um pedúnculo que termina no fim da lâmina em secção triangular.

Tipo 6 – Século XI-XIV – Esta forma de ponteira é longa e estreita com uma ponta cónica e pedúnculo.

Tipo 7 - Séc.: XI-XIV – Esta ponteira tem um pedúnculo curto e circular que estreita ao longo de uma lâmina comprida com secção e corte em diamante.

Tipo 8 – Meados do século XIII-XV - Esta ponteira possui uma lâmina de secção em diamante estrita e comprida que pode terminar no pedúnculo suavemente ou em "ombros" pronunciados.

Tipo 9 – Esta ponteira é semelhante à nº 8. Possui uma lâmina espessa de secção em diamante com um largo pedúnculo.

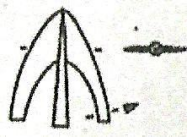
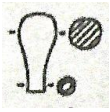
Tipo 10 – Ponteira curta com lâmina estreita de secção em diamante.

Grupo D – Ponteiras para caça.

Os tipos 1 e 2 eram conhecidos como "forquilhas" devido as suas pontas barbeladas em meia-lua e em "V". A sua exata função é ainda hoje desconhecida supondo-se, no entanto que eram utilizadas para a caça de aves de rapina. As ponteiras maiores (nºs 3 e 4) eram conhecidas por "ponteiras de cabeça larga". As suas enormes barbelas produziam feridas terríveis que originavam grandes perdas de sangue e que por isso tinha enormes vantagens na caça e perseguição de animais de grande porte.

Na iluminura do besteiro do "livro das aves" do mosteiro do Lorvão a besta está equipada com um virote de mesmo tipo de cabeça barbelada, já que essas ponteiras podiam ser utilizadas, tanto em arcos como em bestas. No que diz respeito ao tipo D-5,

ou seja, ponteira destinada a caça menor, não há nenhuma evidência arqueológica da sua existência. Por outras palavras: não se conhece nenhum exemplar, provavelmente porque eram feitas de materiais orgânicos, como madeira ou cabedal e, por isso, perecíveis. No entanto justifica-se a sua inclusão nos tipos do grupo D devido ao facto de estarem expressas em iluminuras de manuscritos medievais. Tanto quanto se sabe eram utilizadas para caçar pequenas aves sem danificar a sua plumagem.

Grupo D	Configuração	Observações
1		Séc. XIII; Função: Caça; Dimensões: Comp: 30m/m-60m/m; Largura 25-40m/m
2		Finais séc. XIV – Função: Caça; Dimensões: Comp: 30m/m-50m/m; Largura: 25-40m/m.
3		Meados séc. XIII; Funções: Ponteira de caça; Dimensões: Comp: 50-100m/m; largura 45-100m/m
4		Séc. XIV; Funções: ponteira de caça; Dimensões: Comp, 35-80m/mm; Largura: 50m/m/100m/m
5		Séc. XII-XIII; Função: Caça. Dimensões: Comp: 35-80m/m; Largura: 50-100m/m.

Grupo D:

Ponteiras para Caça:

Tipo 1 – Séc. XIII. Ponteira em meia-lua com pedúnculo curto. O interior de meia-lua é afiado.

Tipo 2 – Finais do século XIV – Esta ponteira é da mesma família da do tipo 1. A lâmina já não é meia-lua, mas em "V" com pedúnculo. O interior do "V" é afiado.

Tipo 3 – Meados do séc. XIII. Este tipo de ponteira possui um pedúnculo central a partir do qual se projectam duas largas rectas e afiadas barbelas. Lâmina de secção em diamante.

Tipo 4 – Século XIV – Esta ponteira pertence à mesma família do tipo 3, mas as laminas não são direitas, mas encurvadas com longas e afiadas barbelas.

Tipo 5 – Séc. XII – XIII – Ponteira embotada com pedúnculo.

FLOR-DE-LIS – Emblema da antiga realeza francesa, que aparece com frequência na heráldica portuguesa. (AA)

FLORDELISADFO – Em heráldica: semeado de flores-de-lis. (AA)

FLORIM – Vide frolenças. O florim de Aragam valia 20 soldos no de 1439.Também; Corria em Portugal por 340 réis.

FLOXEDADE – Froxidão, relaxação

FOAM – "Manda-vos aqui foam, escrivão..." Fulano.

FODIDINCUL – O sodomita paciente, somítico, que usa e pratica o pecado ingando ou nefando. 1388.

FOGAÇA/FOGACIA/FOGAZA – Mais antigo que a nossa monarquia é o nome e uso das fogaças, que eram bolas ou pães delgados cozidos debaixo de cinzas ou rescaldo e, por isso, já no Testamento Velho se chamavam subcinirios. Entre os antigos, era mui frequente esta qualidade de pão, que instantaneamente se fazia. E se dele tomariam o apelido de Fogaças deste reino, que ombreiam com as famílias mais nobres e antigas e trazem por armas, em campo franchado além das cinco faixas de ouro uma fogaça de azul, gretada de prata. Mas parece que de muitos séculos a esta parte conservando o nome de fogaças, pois vemos que são hoje bolos ou pães levados de muita massa e com vários feitios cozidos no forno como o pão ordinário.
FOGACIA – Vide fogaça.
FOGAR – Casa habitada em que se acende fogo.
FOGAZA – Vide Fogaça.
FOGO – Tributo assim chamado que pagam todos os vizinhos da vila de Chaves e seus termos, que tiveram fazenda ou móvel ou de raiz que valha vinte maravedis velhos de 27 soldos o maravedi (que fazem da moeda de hoje corrente 970 réis, à razão de 48 réis e meio o maravedi). A isto chamam fogo ou paga dos fogos, paga das pessoas, paga da vizinhança e também Martineguas ou Martiniegas, por ser obrigação de pagar por dia de S. Martinho. Assim consta no oral de Chaves 1514.
FOGO MORTO – Casal de fogo morto, é o que esta desabitado, reduzido a mato e sem cultura.
FOGUEIRA – Na cidade e arco de Lamego se chamavam fogueiras ou casais ou reguengos, que anualmente pagavam à comente pagavam à coroa certos foros e pensões que, em outras partes se chamavam fogos ou fumadêgos. 1346.
FOGUEIRAS DE S. MIGUEL – Direito real que no arco de Viseu se pagava à coroa que no arco de Viseu se pagava à coroa ou a quem ela tinha feito mercê.
FOICE – Original de foice agrícola cronologia desconhecida, encontrada no exterior do castelo de Porto de Mós em 1958. Síntese histórica; na construção da sociedade da época competia aos “laboratores” trabalharem, aos “oratores” rezarem e aos “Milites” ou “Bellatores” fazerem a guerra. Os “laboratores, ou seja, os que trabalhavam tinham de possuir as suas ferramentas próprias. Estas foices estiveram nas mãos calejadas de homens e mulheres que há 750 anos ajudaram a construir um Portugal independente.

Original de foice agrícola, original, espólio da Associação Terras Quentes

FOLAM – Um tal sujeito ou pessoa nomeando-a pelo próprio nome. Hoje dizemos um foão ou fulano, quando ignoramos ou não queremos dizer o nome que o distingue e faz conhecido.
FOLÁM – Uma tal pessoa nomeada por seu nome próprio.
FOLEGAR – Respirar, tomar folgo.

FOLES ZOMAQUES – No ano de 986 venderam segulfo fruildi, gutina e bezeméra a Truitesindo Osorediz e sua mulher Unisco, certas fazendas em Oredi abaixo do castelo de Aviarelivi, no território do Porto; o preço foram doze módios. (Viterbo)
FOLESTRIAS – Trejeitos, palhacices, rapaziadas.
FOLGANÇA – Folguedo, bem-aventurança, descanso, gosto, alegria.
FOLGAVAM – "Folgavam muito em suas vontades" = Sentiam muito prazer.
FOLLE – Moeda de baixo preço.
FONDIDO – Afundido, submergido.
FOPA – Fagulha expelida de um brazido ou fogueira.
FONSADOL – O mesmo que fossadeira. Bergança diz que era tributo para acção militar.
FONTE – Bica; causa, chafariz; fontanela; germe; mandeiro; matriz; mina; nascenete; origem; princípio; raiz; sedento; têmpora; teta. (TMC)
FONTE DE LEDRA - Ledra, povoação extinta, situada na parte NNO do concelho de Macedo de Cavaleiros, referida na divisão de Wamba como "Leta", segundo interpretação do Abade Baçal (Gr. Dicionário Port. e Brasileiro). (TMC)
FONTE DO PRADO - Tipo de sítio: Arte rupestre. Período: Indeterminado. CNS: 17293 Localização: Vale Benfeito. Descrição: No largo da aldeia de Vale Benfeito existe uma fonte de mergulho, provavelmente medieval. A guarnecer o tecto da fonte existem dois blocos graníticos nos quais existem diversas covinhas e sulcos. A gravação é bastante imperfeita, mas intencional. (TMC)
FONTE VELHA – Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.494), como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro da freguesia dos Cortiços. (TMC)
FOR – Uso, forma, estilo, foro, costume. 1335.
FORAGEM, ENS – Foros miúdos. O mesmo que direituras.
FORAL – Assim foram chamados os particulares códices ou cadernos de leis municipais de uma cidade, vila ou concelho ou julgado e ainda dos moradores ou caseiros de uma quinta ou herdade. Também; Lugar estabelecido para nele se fazerem as audiências e juntas de um concelho. (AFONSO); Diploma concedido pelo Rei ou por um Senhorio laico ou eclesiástico, a determinada terra, contendo normas que disciplinam as relações dos seus povoadores ou habitantes entre si e destes com a entidade outorgante. Também; – legislação elaborada por um rei com o intuito de regulamentar a administração de terras conquistadas e que dispunha ainda sobre a cobrança de tributos e quaisquer outros privilégios; antiga regalia de certas localidades; foro; Diacronismo: antigo: local onde antigamente se administrava justiça (geralmente junto às igrejas) Reg. rua estreita; viela, travessa, beco. (DH)
FORAMONTAOS/FORAMONTÃOS – Deu-se este nome aos enfiteutas, colonos ou caseiros que pagavam ao direito senhorio como parte da pensão o foro da montaria ou foro do monte a que também chamaram condado do monte que nem sempre constava de tantas ou quantas cabeças ou peças de caça, consistindo algumas vezes tão-somente na obrigação de correrem os montes com armas e cães na companhia do mesmo senhorio ou seu mordomo. (TMC)
FORARÍAS – O mesmo que foragens.
FORAÇADO (HE) – Sem dúvida alguma, certamente, assim há-de ser.
FORAM – "Se eles aqui foram" – Se eles tivessem aqui estado.
FORÇADOR – Não só o que força mulher, mas também o que, por força e sem autoridade de justiça, se introduz na posse de cousas ou fazenda alheia, que se dizia forçada o dono

orçado.
FORCADOS – Fendidos.
FORECA – Caderno ou livro de lembrança.
FOREIRO – Aquelo ou aquilo que está sujeito ao pagamento de foro. (BV)
FORGICAR, ADO, ADA – O mesmo que forjar, ado, ada, XV e ainda hoje tem uso.
FORJAMENTOS – Os autos de uma demanda.
FORLY – O mesmo que florim.
FORLYS – Vide Frolyees.
FÔRMA – Botões amarellos de armas reaes, que valiam cada um doze fôrmas.
FORMAL – Vivenda, casas, ou residência de uma quinta ou outra qualquer fazenda e casal, que anda emprezada.
FORMANTE – Vestido, peça ou cousa que pela primeira vez se mete em uso.
FORMIGAR – "Tirou este fraco ensejo que esta bizarria quanto formigava na cidade, convinha arrancalla dali."
FORMIGOS – O primeiro leite da vaca, fervido e misturado com mel. Chouriço de sangue e alhos. (VB)
FORMIGUEIROS –(Ladrões); que andam juntos como formigas ou roubam como formigas.
FORNAÇA – Assim chamavam à casa da moeda em razão da fornalha em que ali o metal se derretia.
FORNEZINHO – O espúrio ilegítimo gerado de torpe ajuntamento; Também; Nascido do concúbito ilegal e torpe, bastardo, ilegítimo e que não é favorecido pelas leis enquanto às honras e heranças em abominação do pecado dos seus pais.
FORNADOURO – Relativo a fornaça, assim chamavam á casa da moeda, em razão da fornalha, em que ali o metal derretia – cortes do Porto, 1372. (eluc.) (TMC)
FORNO DOS MOUROS – Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (Vol. X, pp.68 e 76) e na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, desta base de dados extraiu-se a seguinte informação: (TMC) Designação: Forno dos Mouros. Tipo de sítio: Abrigo. Período: Indeterminado. CNS: 17283 Localização: Talhinhas. Descrição: Na vertente nascente do cabeço da Ruferta, num terreno de forte inclinação que desce no sentido da ribeira das Olgas, a meia encosta entre o topo do cabeço e a referida ribeira, existe um abrigo natural em xisto, designado localmente por forno dos Mouros. Prospectado o seu interior, não foram detectados vestígios arqueológicos. O abrigo situa-se a cerca de 750 metros do rio sabor, onde desagua a ribeira das Olgas. Apesar de não ter sido detectados indícios materiais, é muito possível que o abrigo tenha sido ocupado. Actualmente a gruta de Talhinhas ou forno dos Mouros é difícil de detectar, devido à espessa floresta de giestas e estevas que cobrem toda a área. (TMC)
FORNÍCIO – Concubinato, fornicação.
FORNIDOS – Fornecidos.
FORNIZIO – Concubinato, adultério, mancebia, vida torpe e desonesta.
FORO – Direito; Também; O mesmo que prazo "Saibão quantos este estromento de foro. – É frequente no século XVI. Também; com vários sentidos ao longo dos séculos, é talvez a designação mais genérica para significar uma prestação certa ou variável, em género ou numerário, paga ao senhorio. (BV); Também; Palavra que sofreu evoluções ao longo da histórica, mas que, ao período a que nos referimos significa – a partir do séc. XI – um tributo a solver a uma autoridade, representando, assim, um imposto em geral. Nos

séculos seguintes pode surgir como sinónimo de foral. Assim o foro é representado por uma prestação certa ou variável em género ou em dinheiro.
FORNOS DA CAL DE VALE DA PORCA - Vale da Porca e Salselas possuem ainda hoje, em bom estado de conservação, cinco fornos de cozedura de calcário, quatro na freguesia de Vale da Porca e um na freguesia de Salselas, sendo que quatro fornos são de 1ª geração (de cozedura permanente, de uma só fornada de lenha) e um situado em Vale da Porca é de segunda geração (de cozedura continua, que pode ir sendo alimentado com lenha).

A história do fabrico da cal nestes locais;

Os Fornos Tradicionais da Cal

Para se fabricar a cal, primeiro teria que haver fornos construídos, para esse efeito, evidentemente. Contudo, havia casos em que o calcário era cozido "em medas", como recursos locais.

Quanto aos fornos tradicionais da cal, em Salselas, eram encravados nos barrancos dos terrenos que ficavam à beira dos caminhos públicos, a fim de se obterem diversas vantagens técnicas oferecidas, pela própria terra que envolvia a sua estrutura e as vantagens comerciais, no caso de Salselas. O encravamento destes fornos naqueles barrancos e o que resta ainda do único exemplar, leva-nos a imaginar que eles poderiam ter pertencido ao tipo dos fornos "permanentes ou contínuos", onde o combustível comunica directamente com a pedra calcária, e a terra incorporava bem as paredes e suportava melhor as altas temperaturas. Supomos também que a parte frontal dos fornos Salselenses era reforçada e protegida com uma dupla parede linear, na parte exterior (como se observa ainda hoje nalguns fornos vizinhos de Vale da Porca) dando abertura a um pequeno espaço reentrante e à "câmara de ventilação", situada a nível do solo.

Por cima desta câmara viria um pavimento de Laje com alguns buracos, dando-nos a ideia de uma grelha tosca servindo de base à "câmara de calcinação", donde partiria a própria forma troncocónica a que já fizemos referência. Ainda no início desta câmara haveria uma abertura para o exterior, geminada com a câmara de ventilação que tomava o nome de "boca de descarga". Lá dentro, aquela forma troncocónica continuava a subir no sentido vertical até à abertura superior, mais ou menos ao nível da terra do barranco, com a designação de "boca de carga" ou "goela". Era por aqui que entrava o combustível e o calcário, para cada fornada. Esta goela servia também para a respiração do fogo e dos gases provenientes da cozedura do calcário.

Assim, a altura máxima deste forno é aproximadamente de três metros; o diâmetro do bojo mede cerca de um metro e sessenta centímetros; o diâmetro da grelha tosca a ter existido, tem um diâmetro perto de um metro; e o da goela anda à volta do mesmo comprimento

Legenda: Forno de 1ª geração de cal de Vale da Porca

FORNO DA VELHA - O Forno da Velha foi descoberto em 2005, no âmbito dos trabalhos da carta arqueológica do Concelho de Macedo de Cavaleiros, pela equipa de Arqueólogos chefiada por Hélder Carvalho e José Ventura.

"É um pequeno abrigo situado na Ribeira do Rebolal, próximo do local em que esta desagua no Rio Azibo, Freguesia de Lagoa, no concelho de Macedo de Cavaleiros.

Está decorado com um excelente lote de pinturas esquemáticas em diversos tons de vermelho (tintas planas). Entre os motivos que apresenta, identificam-se alguns grupos de antropomorfos esquemáticos, série de figuras geométricas e de animais que se distribuem por quatro painéis verticais de um maciço rochoso. A análise de um grupo de motivos típicos da pintura esquemática peninsular, poderá indiciar o facto de estes se encontrarem entre os mais antigos do Nordeste Transmontano, correspondendo possivelmente ao Tardo-neolítico. A sua implantação na paisagem deve-se, provavelmente, à circunstância de aquele ser um local de passagem e de controlo, sobretudo (mas não só) de recursos aquíferos. A articulação das diferentes dinâmicas espaciais permite que qualifiquemos as manifestações pictóricas do Forno da Velha como parte de um sistema social e cultural de domínio ou apropriação de um espaço por parte de um grupo ou mais grupos humanos que estanciaram nesta região" (Sofia Figueiredo e António Martinho Baptista; em 2010 publicaram o artigo "As pinturas esquemático-simbólicas do Forno da Velha (Lagoa, Macedo de Cavaleiros): um diálogo entre a arqueologia e a geologia" na página 13 e seguintes dizem estes autores; A rocha pintada surge como um paredão rochoso de grandes dimensões, coloração avermelhada e superfície engelhada, que se destaca na paisagem. Visível apenas a partir da foz da Ribeira do Rebolal, a passagem natural de entrada é realizada pelo patamar que se formou frente a este rochedo. De facto, a margem direita ou Norte da Ribeira apresenta um declive muito mais suave que a oposta, tornando-a fácil de atravessar. Considerando que se está a entrar na Ribeira, os painéis sucedem-se em dois nichos: o primeiro com o painel A e B, o segundo com o painel C e D. Estes recantos, em termos morfológicos, apresentam-se como dois livros abertos na rocha (Fig. 2). Em relação ao primeiro grupo, painéis A e B, este está alteado relativamente ao nível do solo, pelo que o acesso às pinturas apresenta um elevado grau de dificuldade. Entre os dois painéis existe uma pequena reentrância que facilita o acesso ao paredão. Já no solo, em frente a estes dois painéis, há um patamar privilegiado tanto ao nível das suas dimensões, bem como do controle visual que estabelece com a entrada da Ribeira no Azibo. O segundo nicho, onde se encontram os painéis C e D, está afastado do primeiro cerca de 3 metros para a direita. Está mais perto do solo e o seu acesso é facilitado pela inclinação da rocha na base dos painéis. Encontra-se, no entanto, num sítio mais "apertado" do corredor natural de passagem, não permitindo que um grande número de pessoas o visualize em simultâneo. Os motivos presentes nos quatro painéis foram pintados em diversos tons de vermelho (tintas planas). Algumas figuras, como o caso da Fig. 8 do painel C, apresentam uma técnica de execução extremamente apurada, com as linhas que saem do corpo da figura realizadas, aparentemente, com a extremidade de um pincel muito fino. Infelizmente, todas as pinturas se encontram num estado avançado de deterioração, como é se pode ver no painel D, onde apenas restam as manchas dos motivos originalmente pintados".

Legenda: Arqueólogos da Terras Quentes aquando da descoberta das pintura rupestres do Forno de Velha na Freguesia de Lagoa

Legenda: Atos de vandalismos praticados nas pinturas rupestres do Forno da Velha, logo após serem descobertas – freguesia de Lagoa

FORNO DO PRADINHO – **Localização:** O forno de fabrico de telha do Pradinho situa-se no lugar do Pradinho, na freguesia de Salselas e pertence ao domínio público. A cerca de 500m na saída Norte de Salselas para Valdrez pelo caminho público de terra batida e sobranceiro à ribeira de Salselas. As suas coordenadas UTM são 4602620 N e 2965435 W, correspondendo a uma Longitude W (Greenwich) 6º51´59´´ e a uma Latitude N de 41º34´23´´ na folha 64 da Carta Militar de Portugal escala 1:25.000, estando a uma altitude de 590 m. O forno de cozedura de telha do Pradinho, em laboração plena ainda há cerca de 50 anos, servia de complemento económico sazonal às famílias mais débil da aldeia de Salselas. António Cravo, Sociólogo e poeta, fez parte da 3ª geração (e última) da sua família que durante anos laborou nesta actividade. Por sua sugestão, decidiu-se integrar a recuperação deste forno, nos trabalhos do projecto "Terras Quentes", e com a sua ajuda "fundamental" e com arregimentação de populares locais procedeu-se ao desentulhe limpeza, consolidação e salvaguarda deste forno, que dista cerca de 100 m de um outro forno de cozedura cerâmica, mas de período romano também intervencionado no projecto terras quentes. António Cravo contribui de forma decisiva neste artigo fazendo um relato com extremo rigor e meticulosidade sobre todas as etapas do fabrico da telha, salvando-se informação de verdadeiro valor etnográfico.
Não fazendo parte do planeamento geral a que está sujeito o Projecto Terras Quentes, por solicitação do Dr. António Cravo, mentor e responsável do Museu Rural de Salselas, decidiu o responsável pelo projecto Dr. Carlos Mendes, entre 18 e 22 de Agosto de 2003, proceder ao desentulhe e limpeza do forno de fabrico de telha, denominado "Forno do Pradinho". Contando com a arregimentação de pessoal local e a determinante colaboração do Dr. António Cravo. **História do fabrico da telha** (em Salselas)

Solicitámos ao Dr. António Cravo, que colaborasse na feitura de um registo escrito, de alguém que tivesse participado nas várias fases do fabrico da telha. Assim o fez. Trata-

se de um registo na primeira pessoa, com alto valor etnográfico e sociológico que passamos a reproduzir.

- "A telha em Salselas era fabricada pelos pobres, no lugar do Pradinho. Aqui haviam campos baldios, concelhios ou públicos como normalmente se designavam.

Os terrenos tinham o tipo dum prado a que lhe chamávamos "eiras" em comparação com as eiras onde se debulhava o trigo.

O Pradinho constituía a ponta final, próximo da aldeia de Salselas, do grande Baldio do fim do século XIX, designado depois pelos "Quinhões", por onde corre a ribeira de Salselas.

O Pradinho ainda era composto pelos "Poços", antes das eiras, no sentido de quem vem de Valdrez. Era ali que se arrancava o barro, a matéria-prima da telha "vermelho e azul".

Ainda nas eiras, haviam diversos lugares, chamados barreiros. Eram assim designados, por ser ali, naquelas concavidades, que se amassava o barro, depois de ser arrancado naqueles poços.

Eram precisos dois dias a um homem, para arrancar o barro necessário, para uma fornada de telha.

Depois de ser arrancado o suficiente, era levado para o barreiro, num carro de bois, numa distância aproximadamente de 200 metros, entre os poços e os barreiros.

O telheiro era pobre, por isso não tinha bois. Então contratava um lavrador para uma fornada ou mais de telha e neste contrato, que era verbal, o lavrador comprometia-se em apanhar o barro; amassá-lo com os bois ou vacas apenas jungidos, durante um dia e apanhar com o carro a lenha necessária para cozer cada fornada de telha. O telheiro em troca, dava-lhe, por exemplo em 1945, "quatrocentas" telhas em cada fornada, se lhe vendesse também a lenha. Esta custava isoladamente naquela data 200 telhas.

Ainda na fase do barro, o lavrador levava, quase sempre, à tarde do dia combinado, 8 a 9 carros do barro arrancado nos poços, para o barreiro. Este era de forma circular, com um diâmetro mais ou menos de quatro metros e uma profundidade de 20 a 40 cm, onde com enxadas se espalhava o barro lançado regularmente para aquela superfície.

Depois faziam-se poças em linha, por todo o barro espalhado, numa espessura perto de 30 cm. Essas poças eram cheias de água, entrando-se na fase de se "aguar" o barro. Essa água vinha da ribeira que passava a 50-100 metros de distância, transportada em cântaros, remeas, caldeiros ou caldeiras, por todos os membros de cada família, desde a criançada, passando pelos adultos activos até aos velhos, a declinarem-lhe as forças. O familiar mais forte saltava dentro do barreiro, em camisa e cuecas e com uma enxada larga ia revolvendo todo o barro no sentido de baixo para cima, segundo a inclinação da água ou do seu melhor aproveitamento.

A tarefa praticava-se sempre ao cair da tarde e durava até ao pôr-do-sol. Assim o barro bem aguado, passava toda a noite a humedecer melhor, até ao nascer-do-sol do dia seguinte, momento em que o lavrador fazia entrar a sua junta, para pisar o barro aguado, passando-se à fase da amassagem com a "cria".

O barro assim trabalhado, ao longo de um dia quente de Verão, até por volta das 18h00, tomava o "ponto" ou o seu estado natural de "liga", massa homogénea, mole, soltando-se bem das mãos, sem se pegar aos dedos. Tinha atingido o ponto ideal.

Neste momento a "cria" saia do barreiro e os "gafanhotos" humanos atacavam o barro, a fim de o juntar, criando a forma de um hemisfério ou de uma tigela de boca

voltada para baixo, no centro do barreiro, de um metro de altura e dois metros de diâmetro aproximadamente.

Era sempre o homem mais forte ou mais habilidoso que, com uma pá, ia cortando pedaços de barro, com um certo peso, capaz de ser atirado por um adulto para o centro, no sentido circular e contínuo. Atrás dele, mais dois ou três adultos, ou mesmo apenas um, iam lançando aqueles pedaços de barro manuseáveis, para um círculo que pouco a pouco se transformava no tal hemisfério. Lá dentro do círculo, as crianças de 6 ou 7 anos ou mesmo 10, descalças e de calças arregaçadas pisavam os "bolos" de barro que os adultos distribuíam com lances ritmados. A tarefa terminava ao lusco-fusco, cobrindo aquela meia-bola de barro com colmo de centeio e bem regado de água, para que não endurecesse.

Era uma preocupação constante do telheiro, em regar todos os dias aquele colmo. Assim, conservava o barro mole, como ficara naquela tarde.

No dia seguinte, se fosse útil, começava a verdadeira azáfama da telha. Eram os dias da "talha", isto é, da fabricação propriamente dita das telhas.

Os dias da talha necessários para cada "monte" daquele barro, dependiam da força, da idade e do desembaraço do talhador e do pessoal que o auxiliava. Assim, haviam talhadores que o talhavam em dois dias, outros em três dias e os mais cansados pela idade e pelo trabalho, levavam cinco ou seis dias.

Era um trabalho resultante do esforço de crianças, adultos e velhos, conjugado e distribuído, de acordo com as forças físicas de cada um.

Ao lado do barreiro, construía-se a "chavola". Era uma cova com cerca de 0,80m de profundidade, 1,30m de comprimento e 0,60m de largura.

Tinha que ter as dimensões necessárias, para que duas pessoas pudessem trabalhar lá dentro: o talhador e o boleiro ou boleira. Como fazia muito calor, pois este era a alma da telha até chegar à terracota, tomava as precauções necessárias e uma delas era proteger o barro, até se transformar em telha e expô-la ao sol na "eira", assim como as pessoas que estavam lá dentro a trabalhar. Por isso a chavola era coberta de grandes ramos de carvalhos cujas folhas se conservavam presas, mesmo depois de secas. Desta forma, semelhante à de uma barraca tosca, se protegia o barro, a incipiente telha e as pessoas dos raios solares do verão quente e continental de Salselas.

Um velhote ou o talhador com a pá cortava regularmente o barro do hemisfério e junto da chavola, lateralmente na retaguarda, depositava-o amontoando-o num pequeno montão. Lá dentro, normalmente uma adolescente, a boleira, entre os 15 e 20 anos, trabalhava, na rectaguarda da chavola, em frente ao pequeno montão de barro. Aquele seu trabalho consistia em calcular por estimativa o barro necessário para a telha. Enrolava-o entre os dedos num tapete de relva ali colocado para o efeito, dando-lhe uma forma oval e regular, depois de se ter certificado, com os dedos bem penetrados no barro de que este não possuía pequenas pedras no interior.

Após esta operação terminada, colocava aquele bolo do lado esquerdo do talhador, sempre num tapete de relva. A boleira podia estar sentada ou de pé, conforme lhe fosse mais conveniente na execução da sua tarefa.

Ao contrário o talhador, teria que realizar o seu trabalho sempre de pé dentro da chavola, na parte da frente, diante do tabuleiro. Esta era uma peça de madeira com as seguintes medidas; 80 a 85 cm de comprimento, por 30 a 40 cm de largura e 10cm de espessura, colocado em plano inclinado de forma que a parte superior não ultrapassasse o nível da cintura do talhador. Em frente daquele tabuleiro, na parte inferior, estava um

recipiente rectangular cheio de água, por vezes era uma caixa de madeira, aproveitada das que se utilizavam na venda das sardinhas.

Naquele caixote de água mergulhava ou boiava o "raseiro" também de madeira em forma oval, com mais ou menos 4 cm de espessura, na parte mais cheia, 10cm de largura e 40cm de comprimento.

O talhador era protegido por um avental (feito normalmente dum saco velho de linho) dos "espirros" de água e barro misturado, no acto de estender a telha.

Assim, preparado e com uma grade de ferro forjado de 1 cm de espessura, 25cm da maior largura e 19 cm da menor, e de 49 a 50 cm de comprimento em cima do tabuleiro, dava as dimensões à telha. Este começava então com o bolo preparado pela boleira, colocado como dissemos ao lado esquerdo do talhador e do lado direito, duma poça escavada na terra tirava o pó, para o tabuleiro. Este pó era especial. Era misturado com resíduos de palha e de folhas que se juntavam nas ruas da aldeia, que, de madrugada as mulheres dos telheiros, filhas ou irmãs apanhavam e crivavam, metendo em sacos de linho e que iam depois depositar naquela poça. Este pó servia para que o barro não se colasse ao tabuleiro.

Assim, com a grade no tabuleiro, deitava uma pequena quantidade daquele pó aldeão, espalhado com a mão direita, por toda a superfície que a grade desenhava, depois com a mão esquerda levava o bolo de barro e colocava-o na parte superior da grade, em plano inclinado do tabuleiro, em seguida, com as duas mãos ia estendendo o barro dentro da grade até metade do seu comprimento, cerca de 25cm, finalmente com o raseiro bem molhado na água do caixote, em frente, batia o barro com habilidade, três ou quatro vezes e com o cuidado de o manter sempre coeso, sobre o tabuleiro e dentro de todo o espaço da grade.

Para que a telha fosse bem molhada, deveria sobrar sempre barro que coubesse no interior da mão, nem mais, porque se tornava difícil de o estender, nem menos porque podiam ficar vazios na grade.

Com esta operação bem equilibrada e o raseiro num movimento contínuo, bem seguro pelas duas mãos e empurrado com força de maneira a não parar no seu percurso e deixar o barro liso, sem buracos e homogéneo, dentro daquela armação de ferro, chegava-se à parte inferior do tabuleiro, com a telha talhada que ainda não era mais que uma folha de barro mole. De seguida, o talhador limpava com os dedos algum barro que porventura tivesse ficado no raseiro, antes de o mergulhar no caixote da água. Limpava também outros pedaços de barro que se teriam escapado, por excesso, do espaço da grade para as margens exteriores no tabuleiro.

Seguro de que nada lhe impedia os movimentos que vão seguir-se, o talhador certifica-se com dois "jeitinhos" que dá para um lado e para o outro, com a telha na grade, mas que não ficasse presa ou pegada ao tabuleiro, graças àquele pó especial, coloca com a sua técnica experimentada a telha sobre o dorso dum galapo que uma criança chamada apanhador(a) havia colocado ao longo do tabuleiro, no momento em que o talhador metera o raseiro na água.

Assim, a telha bem distribuída por aquele pedaço de madeira chamado galapo, com cerca de 56cm de comprimento e um cabo na parte superior, fazendo já a forma de arco perfeito, é transportada à cabeça daquela criança até à eira.

O talhador retomou imediatamente a mesma operação para uma nova telha e outra criança lhe colocou o galapo no momento esperado. O talhador assim continuamente, servido de imediato pela boleira para lhe dar o barro e pelo apanhador para lhe tirar a

telha executava a mesma operação num dia sol-a-sol, oitocentas, mil e até duas mil vezes, consoante a coragem e a força do talhador.

Seguindo agora o apanhador que numa fabriqueta destas, contavam-se no mínimo de dois e um máximo de 5 rapazinhos ou meninas de 7 a 12 anos, vamos observar que ele recebe na eira um galapo vazio das mãos dum outro rapaz ou rapariga com a idade compreendida entre os 12 e os 20 anos chamado(a) assentador(a), depois entrega-lhe o galapo suportando a telha acomodada na forma que já descrevemos atrás.

O apanhador depois desta troca, regressa com outro galapo vazio para junto do tabuleiro, esperando a sua vez de "encher" de novo o galapo que o acompanhou. Assim se sucedem os apanhadores uns aos outros num vaivém constante, entre cruzamentos e esperas, durante um dia inteiro interrompido apenas por necessidades de alimentação ou fisiológicas, debaixo de um calor abrasador, entre uma saltitada periódica, um assobio ou uma cançoneta popular, até que as estrelas os acompanhem na sua chegada ao povoado.

A tarefa do assentador, melhor remunerada e de mais responsabilidade, consistia em colocar ou assentar as telhas que lhe iam chegando daquela maneira, na relva já queimada pelo sol, dos espaços reservados àquele fim, designados eiras como dissemos. A sua técnica era tanto mais aperfeiçoada quanto mais fosse capaz de estender as telhas na eira, em carreiras ou colunas de 50, 100 ou 200 bem alinhadinhas, separando-as um intervalo perto de 4cm e as carreiras com cerca de 10 cm, de maneira a caber o pé de uma pessoa entre as telhas das duas carreiras. Aquele aspecto revelava o sentido da esquadria do assentador. Era o belo que ressaltava do seu trabalho. Porém a parte mais importante da sua tarefa, consistia ainda, em assentar a telha no chão, passando-lhe as mãos três ou quatro vezes, em forma de arco, numa espécie de carícia, de maneira que a telha se fixasse por si, no seu estado ainda de barro mole, sem a necessidade do galapo a suportá-la.

Seria um bom assentador aquele que não deixasse "cair" mais do que cinco telhas por dia, isto é, que só este número não aguentasse a forma que tomou com o galapo, quando lho retirou debaixo. Com a força do calor, a telha ainda em meia-cana ia endurecendo. Consoante o dia estivesse muito ou pouco quente, ao fim de meia, uma ou hora e meia, a telha entrava numa fase que era preciso enformá-la, isto é, o enformador, quase sempre adulto, homem ou mulher, seguia o assentador distanciado por aquele tempo, com a "forma", um utensílio de madeira da família do galapo, mas em arco abatido.

O galapo, a forma e consequentemente a telha tinham duas cabeças de medidas diferentes resultantes das diferenças que já havia na grade. Era a "cabeça grande" voltada sempre para o trabalhador das suas diversas fases e a "cabeça pequena" que ficava no extremo oposto.

O trabalho do enformador era o que requeria melhor espírito artístico. Com a forma alongada a telha deixada pelo galapo tornava-se mais abatida e rente ao solo, numa proporcionalidade previamente concebida.

Este adulto era acompanhado por um caldeiro meado de água e um pedaço de barro ao lado, em cima do bordo do mesmo caldeiro.

Com uma rodela feita de trapos velhos presa a cada joelho, o enformador todo o dia de joelhos, ia enformando uma a uma as telhas espalhadas na eira, antes do assentador começar nova carreira. Depois de ter metido a forma por baixo da telha, certificava-se se alguma "orelha" ou cantos da telha, estavam bem assentes no chão. De seguida,

deitava uma mão cheia de água tirada do caldeiro e com a mesma mão direita, alisava melhor a telha contra a forma de maneira a torná-la direitinha e bem desempenada. Com a mão esquerda segurava a forma durante aquela operação. Regulava a cabeça menor com os dedos e melhor ainda a cabeça maior, ficando lisa, regular e em paralelo com a cabeça da forma.

Uma vez esta técnica terminada e confiante de que a telha não cairia, em virtude do grau de endurecimento do barro, o enformador retirava a forma da primeira telha e introduzia-a na segunda e assim sucessivamente, começava uma hora mais tarde, aproximadamente da que o talhador principiara e ia até ao nascer das estrelas, depois do crepúsculo, passando por todas as telhas da mesma maneira. Por vezes, regava-as com água de um regador, a fim de que se aguentassem durante a noite, em estado de serem enformadas logo ao romper do dia. No talhador imperava a força, no enformador reinava a arte. Um era o começo, o outro era o fim até que o sol fizesse o resto; a transformasse em terracota. Em cada telha o enformador deixava a marca do telheiro antes de tirar a forma.

Depois da telha enformada e pela força do calor, às vezes uma ou outra abria fendas. Então a "rachadeira" ou o "rachador" – o apanhador(a) mais velho(a) – devendo dizer-se mais propriamente o "tapador de rachas", de hora a hora aproximadamente, ia vigiar cada telha, à procura de descobrir alguma racha ou fenda. Transportava na mão uma tigela com água e um pedaço de barro, junto. Então se havia alguma racha, com um pauzinho em forma de espátula, abria-a ainda mais, em profundidade e em largura, deitava-lhe um pouco de água sobre a abertura, punha-lhe um pedacinho de barro até encher a cavidade, com uma certa pressão com os dedos, outra vez, com mais um pouco de água molhava o penso e alisava-o, levemente, com a mão estendida e nos dois sentidos, acompanhava o corpo da telha, cinco centímetros para cada lado da fenda tapada. O bom tapador de rachas devia disfarçar tão bem o penso, até que parecesse que não existia. Esta operação só podia ser feita, enquanto a telha não desse sinal de que começava a secar.

Ao fim de dia e meio, exposta ao sol forte de verão, a telha podia levantar-se. Havia esta preocupação por falta de espaço. Assim, as primeiras que foram "assentadas" na eira, eram as primeiras a serem transportadas para junto do forno, onde cada telheiro as encartava umas nas outras, numa ladeirinha, dando-lhe o nome de "pilha" àquele grupo de telhas. Eram empilhadas naquela inclinação por causa das chuvas que porventura caíssem, em virtude das trovoadas. Se isto acontecesse cobriam-se com palha e mantas ou telha cozida se por acaso, o forno já tivesse cozido uma fornada, naquele ano.

Quando a telha estava bem seca, podia-se levar em "carrelos" de 8 a 10 telhas que não havia o perigo de se partirem.

Entretanto, outras carreiras, eram "semeadas" pelas eiras até se chegar ao fim da talha duma fornada. Uma fornada era a quantidade de telha que levava o forno em cada cozedura. Podia comportar entre 3.300 e 3.600 telhas, consoante a má ou boa enformadela que deram a cada uma.

Naquela azáfama, chegaram a trabalhar cerca de 12 a 15 telheiros na década de 40 do século passado. Tinham que se revezar para a cozedura da telha. Observava-se quem acabava de talhar em primeiro lugar um barreiro de barro. Sem ninguém assentar a vez de cada um, sabia-se, contudo, "de cabeça", isto é, de memória aquele que se seguia ao outro, até ao fim da safra da telha.

O primeiro telheiro a preparar, daquele modo, o seu barro, talhada a sua telha e empilhada na pilha perto da boca do forno, deveria preparar-se para a cozedura.

Então, dois adultos ou um adulto e um adolescente iam cortar lenha ao "monte", durante um dia ou dia e meio, de maneira que a lenha cortada enchesse um carro de bois, durante três vezes, isto é "fazer-se três carros de lenha". Esta era composta de "toiças" estevas, giestas e "arsenhas" que se deixavam no terreno às "gabelas" a fim de secarem, de forma a poderem arder com facilidade. Aquela lenha, não podia ter uma altura superior a um homem, para melhor entrar no forno.

Ao mesmo tempo, outros membros da família, procediam ao enfornamento, ou os mesmos, depois de terem cortado a lenha. Para enfornar a telha, mobilizavam-se outra vez os grandes e os pequenos de cada grupo familiar

O forno era um poço rectangular de cerca de 2,5mx2mx1,80m cavado na terra, com uma abertura na base de um dos lados, em forma de corredor trincheirado e nivelado pela base do mesmo forno, onde possuía uma boca: a boca inferior do forno. Desta boca passava-se à fornalha que era a primeira cavidade do forno, em forma de abóbada românica composta por dois cimbres (azimbros) ou secções.

Entre a parede da boca do forno, os azimbros e a parede oposta à da boca, haviam pedras oblongas com cerca de 8 a 10cm de espessura e 20 cm de comprimento, chamadas "tições", colocadas em intervalos de 5 em 5 cm aproximadamente. Formavam uma espécie de grelha, com uma superfície plana, na parte superior dos tições e dos azimbros, onde era colocada a telha de pé e encartada uma na outra, cobrindo toda aquela superfície. Era o primeiro leito. O forno comportava 5 leitos, por consequência tinha uma profundidade até aos tições cerca de 2,5m.

Começava-se a enleitar a telha no forno, por um cordão transversal aos azimbros, com a cabeça menor da telha para baixo, entre a parede do lado da boca do forno e a posterior e encostado à do lado direito, no sentido do corredor. Chegado com o primeiro cordão da telha empilhada daquela maneira, começava-se outro cordão com a cabeça grande para baixo no sentido inverso do primeiro, até chegar à parede do outro extremo.

Assim se empilhava todo o leito, num sentido e no outro, com as telhas de cabeça pequena para baixo e de cabeça grande para cima e vice-versa, bem encostadinhas umas às outras e sempre num bom sentido vertical. O segundo leito tomava os cordões da telha com a mesma técnica, mas, todavia, em cruzamento com os cordões do leito inferior. Assim se cruzavam os leitos até se chegar ao cimo do forno. Lá dentro só entrava o enfornador que pegava em grupos de quatro ou cinco telhas das mãos dos auxiliares que as traziam da pilha do lado, até à boca superior do forno. Durante o enfornamento dos dois primeiros leitos, colocava-se um adolescente ou um adulto de intermédio em cima de uma escada pequena.

Esta operação levava perto de 5 horas, se nela trabalhassem cerca de 5 ou 6 pessoas. Às vezes havia menos pessoal e por isso levava mais tempo. Normalmente escolhia-se a manhã ou a tarde para se enfornar ou desenfornar.

Entretanto, o lavrador naquele dia ou no dia seguinte, acarretava a lenha para junto do forno, amontoando-a à frente do corredor e da boca da fornalha, a fim de facilitar a entrada da lenha para a sua queimada e a cozedura da telha.

Chegado o carro àquele lugar "desapunham-se" os bois ou as vacas jungidos, tocavam-se para longe e quatro ou cinco homens "pinchavam" o carro, descarregando daquele modo, rapidamente toda a lenha. A operação exigia habilidade e força. Assim

se despejavam os três carros de lenha ao longo do dia, ou menos ainda, consoante a distância do "monte".

A cozedura da telha só podia ser feita durante a noite. Ao pôr-do-sol, acendia-se o forno, com a fornalha cheia de lenha miúda e uma mão cheia de palha. Esta tarefa era realizada por três a cinco homens, às vezes só um adolescente e um adulto.

O adolescente "chegava a lenha", puxando-a do "monte" ou "montão" dos três carros despejados anteriormente, até ao princípio do corredor que nos conduzia à boca inferior do forno. Um homem pegava numa estaca, previamente preparada dum ramo de freixo e com ela ia metendo a lenha na fornalha até ser consumida.

No princípio do fogo saia uma grande fumarada pela boca superior do forno, vomitando como uma chaminé de fábrica. Depois o fumo tornava-se mais branco, até se reduzir a simples chamas e faúlhas encarnadas e de belas línguas de fogo.

Lá em baixo, uma boa dose de lenha queimada, transforma-se num borralho. Um segundo homem, começa então a "ranhar" o forno, um pouco como uma mulher ranha o forno de cozer pão.

Ele pegava num ramo comprido de freixo, bem aparadinho, isto é, limpo de todos os pequenos ramos e nós, de maneira a poder manuseá-lo facilmente sem o perigo de se aleijar. Aqueles ramos agora transformados em varas, tinham entre 3 e 4m de comprimento. Chamavam-se ranhadouros. Com a falta, cada vez mais, de bons ramos que se roubavam nos freixos dos lavradores ricos, por volta de 1946 um telheiro chamado João Cunha, ou pela sua alcunha o "João Murça" descobriu que se podiam usar ranhadouros mais curtos, com cerca de 2m de comprimento e com mais facilidade de os encontrar, sempre nos freixos dos ricos, pois os pobres como os telheiros, não os possuíam.

O engenho era muito simples. Todavia, ainda ninguém tinha reflectido em concebê-lo. Um dia de manhã, aparece o João Cunha com um desenho e mostrou-o aos outros telheiros jovens e velhos. Ele devia ter por volta de 40 anos. Dois jovens com cerca de 24 anos aderiram imediatamente à ideia: o Horácio Gonçalves e o Daniel Rodrigues, ainda talhadores do António Cravo e do Alípio Rodrigues, pais respectivos de cada um.
O Horácio tinha um pouco de carvão e os três foram à aldeia falar com o ferreiro. Este compreendeu o desenho do João Cunha e deitaram mãos à obra, da qual resultou um objecto com um encabadouro duplo igual ao de uma roçadoira. Assim, no primeiro encabava-se um pau com cerca de dois metros de comprimento; no segundo "encabadouro" oposto ao primeiro, no outro extremo e com a abertura do outro lado encabava-se um pequeno ranhadouro igual ao tamanho ao que se usava no forno do pão.

Este engenho representou a diminuição de grande esforço na cozedura da telha, não só porque o ranhadouro se manuseava com mais ligeireza, mas também porque o seu tamanho se encontrava por todo o lado.

Todos se cotizaram para as despesas do ferro e do trabalho do ferreiro, menos a do carvão que o Horácio ofereceu. O "ferro dos ranhadouros" passou deste modo a ser público, sendo por todos utilizados, durante a vez de cada um, nas cozeduras da telha.
Acabada a operação da ranhadela, um terceiro homem tomava conta da estaca e atacava de novo a fornalha, com outra tanta quantidade de lenha a queimar.

Depois de ter julgado por estimativa que havia queimado lenha suficiente e observando o borralho que havia produzido, um quarto homem recomeçava a acção de ranhar o forno, com um novo ranhadouro, previamente preparado para a sua tarefa.

Esta consistia levantar as brasas e tições ainda em chama, no sentido de baixo para cima, da frente para trás, ou ainda para os cantos, onde a lenha não tivesse ardido bem. Assim, com aquela técnica distribuía regularmente o efeito do calor, pela parte inferior dos leitos da fornada.

Aquelas rendições dos cozedores, com aqueles ritmos de cozedura, o grupo humano que se havia reunido naquela noite, uns elementos da família, outros numa entreajuda, prolongavam-se durante quatro a cinco horas, pela noite fora que iriam até à meia-noite ou uma na manhã.

Durante a cozedura da telha, os homens da estaca e do ranhadouro sofriam muito calor, sobretudo nos braços e no rosto. Por isso mesmo, eram escolhidos os mais jovens e os mais fortes. Lá em cima, junto da boca superior do forno, encontrava-se, quase sempre, o dono da fornada que estava a cozer-se ou o mais ancião dos cozedores ou o mais velho da família, a quem pertencia a mesma fornada. Era o posto do "comando". Era ali e não em baixo na boca da fornalha, que se encontrava o homem da responsabilidade da cozedura ou o da ciência.

A partir daquele posto, aquele "sábio" dava ordens para pôr mais lenha ou "menos fogo" como dizia: para ranhar mais tempo; ranhar com mais força; ou distribuir melhor o brazido. Era aquele homem que daria a última palavra, a fim de se parar "com o fogo", consultando também o parecer dos mais experientes. Todavia, era ele que em último lugar, assumia a responsabilidade da boa ou má cozedura, duma fornada de telha.

A sua preocupação máxima era que o fogo fosse bem distribuído por toda a base dos leitos e chegasse ao cimo dos mesmos, assim orientado.

Este resultado reconhecia-se no vermelho das telhas em brasa e nas labaredas regulares, entre o vermelho e o azul-escuro, com alturas de 30cm, mais ou menos, por toda a superfície superior do último leito, dos cinco que o forno comportava.

Para que a telha fosse bem cozida e houvesse um bom resultado da orientação daquele "sábio", ela teria que ficar por igual, num tom vermelho-escuro quase do vinho maduro, deveria ficar tão direita e desempenada como entrou no forno. O maior perigo consistia em ficar numa cor quase alaranjada que era o sinal malcozida. Desta forma, aguentava pouca água no telhado e deixava somá-la, caindo dentro de casa, em gota a gota. A telha não teria muita vida e quebrava-se com facilidade.

O lado oposto desta fraqueza da telha, resultava em ter adquirido fogo demasiado, entrando num estado de fusão nalguns casos, criando-se blocos de telhas, negras e inseparáveis uma das outras. Era um perigo que o "sábio" desejava também evitar. Ambos se traduziam em grave prejuízo.

Por isso comandava o fogo, de forma a atingir o ideal duma telha bem cozida, que devia ficar, no meio daqueles extremos. A cozedura da telha era quase uma festa para o telheiro. Era um pouco comparada com a malha do centeio na vida do lavrador. Naquela noite da cozedura, comia-se a melhor refeição – a ceia -, como diziam, e bebia-se vinho. Era a ceia dum leitãozinho assado no forno do pão, quando uma porca do telheiro havia dois meses que lhe dera uma ninhada de porquinhos.

Era o melhor momento de os telheiros estudarem as estrelas, a fim de por meio de certas constelações, calcularem também o tempo que o forno estava aceso.

Terminada assim a cozedura duma fornada, no dia seguinte, todos retomavam as tarefas do dia, uns continuavam a talhar as primeiras ou já as segundas fornadas, como se chamava também, ao conjunto do barro a talhar. Outros iriam arrancar mais barro para uma nova fornada; outros ainda iriam roçar o mato para a cozedura duma próxima

fornada, etc., etc., Em conclusão, no dia seguinte, todo o Pradinho retomava o aspecto dum formigueiro de gente pequena e grande, num vaivém constante, em todas as direcções que as diversas tarefas lhes impunham, sem preguiça nem desalento.

No único forno que existia no Pradinho, a telha ficava, entretanto, a arrefecer durante dois dias. Pelo terceiro dia, o dono da fornada cozida, desenfornava a telha numa operação inversa da enfornadela.

Começava-se a tirar as telhas pelo leito superior, logicamente. Ocupavam-se as mesmas pessoas que haviam trabalhado no acto de enfornar. As telhas saíam em "carrelos" de dez, postos uns encostados aos outros, em espaço apropriado e em duas carreiras ou colunas paralelas, para cada leito. Cada carreira possuía cerca de 33 a 36 carrelos, contando-se no total, perto de 360 carrelos duma fornada estendida, nos espaços irregulares da eira.

Terminava daquela forma, o círculo da tela, pronta a ser vendida e utilizada.

Este círculo repetia-se duas, três, quatro, cinco o máximo seis vezes em cada telheiro, consoante a vontade, os meios e as forças de cada um. Repetia-se, em cada verão, no conjunto dos telheiros. Cerca de 30 vezes o que significa 30 fornadas de telha, por ano no total. Num ano, chegou-se ao recorde de 35 fornadas de telha em Salselas.

Em 1947 uma telha valia entre 0$45 a 0$50, consoante a época do ano e a grande ou pequena produção estival.

Nesta mesma data, as jeiras dos apanhadores andavam entre 5$00 a 7$50, as dos assentadores e as dos boleiros cerca de 10$00, as dos talhadores e as dos enformadores, não eram pagas, porque eram sempre os próprios telheiros e os membros do grupo familiar, mais directamente implicados na fabricação da telha. Contudo, podia-se avaliar pelas jeiras correntes dos serviços do campo. Naquela altura à volta de 20$00 por dia.

Apesar de tudo, a telha de Salselas, tornava-se um complemento financeiro, para cerca duma dúzia de famílias mais desfavorecidas, na ordem dos 10 a 25% das suas necessidades.

A telha era também a alegria de viver, durante a produção, para um grupo de aldeões Salselenses que se assemelhava a uma pequena aldeia, no Pradinho, durante dois meses de verão".

Vista frontal do Forno de telha do Pradinho-Salselas

FORNO ROMANO DE SALSELAS: O Forno Romano de tradição Gálica, situa-se no lugar dos Barreiros, na freguesia de Salselas. A cerca de 500m, na saída Norte, de Salselas para Valdrez, pelo caminho público de terra batida e sobranceiro à ribeira de Salselas.

As suas coordenadas UTM são 4602703 N e 29655855 W, correspondendo a uma Longitude W (Greenwich) 6º51´25´´ e a uma Latitude N de 41º33´57´´ na folha 64 da Carta Militar de Portugal escala 1:25.000, estando a uma altitude de 597 m.

A intervenção arqueológica realizada entre 11 e 15 de Agosto de 2003 teve como objectivo escavar a totalidade do forno e zonas envolventes assim como proceder-se a uma Prospecção aturada (4.000 m2) a todo o olival em que se insere este arqueossítio.

Foi adoptado nesta intervenção arqueológica um método de registo de acordo com os preceitos definidos por Edward C. Harris [Harris,1991]. Como tal, escavou-se de forma a proporcionar esse mesmo registo, ou seja, por unidades estratigráficas (UE), a unidade básica de registo. São consideradas UEs as realidades que, aquando da escavação, ou posteriormente, forem consideradas como realidades diferenciáveis. Entre estas contam-se depósitos (camadas naturais, de sedimento), estruturas (negativas ou positivas), derrubes e interfaces.

Apesar de inicialmente se ter privilegiado o registo gráfico de cada realidade de modo diferenciado, durante a intervenção, por questões de rentabilização de tempo ou, por vezes, para facilitar a melhor perceção da realidade, efetuaram-se desenhos compostos.

Todas as realidades diferenciadas, as U. Es, foram alvo de um registo fotográfico que acompanhou as diversas fases da sua afectação pelas intervenções arqueológicas.

Tendo sido aberta em malha de um metro de lado uma quadrícula com 16 metros quadrado, orientada a Norte (atendendo ao pouco tempo disponível para intervencionar este arqueossítio), não foi possível abrir área de escavação que proporcionasse encontrar informação na zona frontal do forno que nos pudesse dar mais quantidade e qualidade de materiais ou outra, passíveis de sustentar alguma proposta segura para a sua cronologia. Trabalho que se pensa retomar, aquando do processo de preservação e valorização do sítio. Neste sentido foi construída de imediato pelos serviços da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros, com a supervisão do autor, uma cobertura sólida e temporária que permitisse resguardar o arqueossítio da intempérie.

Foi solicitado ao Museu Monográfico de Conímbriga a presença de um técnico de conservação e restauro (Dr. Pedro Sales), que procedeu, com a aplicação de "Tegovakon", à consolidação da estrutura.

Legenda: Forno Romano de Salselas/
Macedo de Cavaleiros intervencionado pela ATQ

FORO – Com vários sentidos ao longo dos séculos, é talvez a designação mais genérica para significar uma prestação certa ou variável, em género ou numerário, paga ao senhorio. (BV)

FORO CABANEIRO - Este pagavam os homens ou mulheres de trabalho que viviam de per si e sem família.
FORO MORTO – Casal de foro morto se chamava aquele, que estava amortizado, livre e isento de qualquer foro ou pensão, o qual verdadeiramente havia morrido e expirado para o direito senhorio ou por qualquer doação, ou compra ou por outro qualquer título. 1139.
FORRAR – Harrara (PA); Dar liberdade, carta de alforria.
FORREJAR – Furtar, roubar, andar à pilhagem. Hoje se diz forragear por buscar e conduzir o pasto para as bestas chamam forragem.
FORTALEZA – "Porque, se fortaleza" Heroísmo, força de animo.
FORTE – Moeda forte. Vide febre; Também; Moeda de prata de D. Dinis com o valor de 40 réis e meio forte com o de 20 réis.
FORTE COUSA – Muito duro e áspero.
FORTALEGAR – Dar valor e firmeza a uma escritura, confirmando-a e roborando-a em pública-forma. Vide firmidoem.
FORTALEZA – Força, vigor e firmeza de um contrato ou qualquer outro publico instrumento. 1291; Também; Castelo, muro, cerca ou praça.
FORTALEZAR – O mesmo que Afortalezar.
FORTILIZA – Fortaleza, vigor, firmeza. Vide Fetto.
FORTUNA – Também se toma por contratempo, perigo, desgosto, perda, aflição, assim no mar como na terra. Também; FORTUNA – Fortuna (PA); Este nome entre os Africanos significa temporal ou borrasca no mar.
FORUM – Praça pública da antiga Roma, situada entre o Capitólio e o Palatino onde se realizavam mercados e assembleias do povo. (AA)
FOSSADA – Vide fossado.
FOSSADEIRA – Terra obrigada a pagar um tributo a que chamavam fossadeira assim como se chamavam cavallarias as que eram pensionadas em o tributo do mesmo nome. Também; Tributo real que se pagava por aqueles que tendo obrigação de irem ao fossado uma vez no ano, com efeito não iam, aplicado para as despesas que no dito fossado se faziam. Também; – tributo exigido dos que deveriam acompanhar o rei num fossado ('invasão'); terra ou região obrigada a esse tributo para cobrir os gastos de guerra. (DH)
FOSSADO – Investida ou correria em território inimigo. Também; Vem do latim fossa; daqui disseram os portugueses fossado ou fossada que não só se toma pelos ossos, vales, cavas e outras obras com que uma praça, fortaleza, castelo ou arraial se fortifica e resguarda, mas particularmente se tomou por uma expedição militar ou cavalgada mui diferente da oste ou hoste, apelido, azaria, fronteira e anhaduva como se pode ver nestas respectivas palavras. Consistia, pois, o fossado em sair com mão poderosa e armada a talar ou colher as novidades e frutos que os inimigos tinham agricultado. Para esse fim, apoderados do campo se entrincheiravam ligeiramente em valos ou fossos, contendo-se unicamente na defensiva e guardando as costas aos que se ocupavam na extração dos frutos e na extração dos frutos e forragens. Também; Expedições de maior envergadura que as algaras, nas quais participavam para além dos cavaleiros um número significativo de peonagem. (PB). Também; invasão de terras inimigas, especialmente para saque ou pilhagem de produtos agrícolas, gado etc.; que se fossou; revolvido, remexido, fuçado. (DH).
FOSSADOR – que ou o que fossa

FOSSO – Campo, terreio, rossio, paul que ficava junto do mosteiro, que antigamente se chamava osso, assim como ainda hoje se chama em Pinhel ao rossio da cidade, talvez dito assim por ser continuadamente pisado e focado dos porcos que na baixa latinidade se disseram fossorii.
FOSTE – Vara de ministro real ou indicativa da sua autoridade e jurisdição. Vem do latim fustis.
FÓSTE – Vara de ministro ou oficial de justiça ou melhor, cano, canhão ou pedaço de palha que alguns magistrados entregavam aos porteiros do seu auditório para com ele fazerem algumas citações darem posse, etc., chamado por isso, sinal do juiz.
FOTA – Futáh (PA); Tecido de lã ou de algodão e seda com listas do tamanho e feitio de uma cinta. Os Orientais trazem enrolada na cabeça por turbante; outros a trazem no pescoço com as pontas cahidas para baixo por causa do frio.
FOTEADA – Enrolada na cabeça, à maneira de fota (Turbante).
FOTO – Estar ou pôr-se em foto; ficar boiante, livre de baixos ou cachopos, poder navegar com bastante altura de água e sem risco de encalhar, a nado, flutuante.
FOUTEZA – Coragem, afoiteza.
FOYO – Demarcando el-rei D. Afonso Henriques o couto de Muimenta de Zurára ao abade D. Soeiro Teodoniz em 1161. Era e é o foyo uma cova funda e redonda para tomar lobos e outras feras.
FRACA-CHICHA – Individuo ruim e magro (Carviçais-Torre de Moncorvo) (VB)
FRACIADO – Franco, livre.
FRADAÇO – Fradalhão, grande frade.
FRADE – Antigamente se intitulavam muitos seculares com este alcunho; ou porque haviam entrado em alguma religião em que não permaneceram, ou porque sendo meninos, andara, vestidos como frades por devoção de seus pais o que ainda hoje com mais prudência se pratica, ou finalmente se chamaram frades os mesmos seculares que viviam nos hospitais.
FRADE DOMINICANO – Da Ordem de S. Domingos, fundada em 1215.
FRADES MAIORES – Parece quer dizer frades de S. Domingos, que se chamou o Mayor Gusmão. S. Francisco de Assis se intitulou sempre ião. S. Francisco de Assis se intitulou sempre irmão menor.
FRADES MEORES – Os de S. Francisco.
FRAGA – Penhasco; brenha; terreno escabroso. (CM). Também; Alcantil; brenha; desbaria; flagrante; pedregulho; penha; penhasco; rocha; rochedo; rocha escarpada e calhau grande. (TMC)
FRAGA DA LADEIRA – Fraga: (ver, fraga) – Ladeira: baixada; costa; declive; descida; encosta; escarpa; inclinação; lomba; recosto; ribanceira; talude; vertente. (TMC)
FRAGA DA LEONOR – Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.495), como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado, na busca às folhas de registo dos prédios rústicos da freguesia de Grijó. (TMC).
FRAGA DA MOURA -Designação: Fraga da Moura, Tipo de sítio: Lagar Período: Indeterminado. CNS 3494 Localização: Lamalonga. Referências bibliográficas: Fraga da Moura; em Vila Nova da Torre de D- Chama/ O Arqueólogo Português/ 1905. (TMC)
FRAGA DA MOURA – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, mas que não foi encontrado nas fichas de registo de cadastro rústico das freguesias de Carrapatas e Lamalonga. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Fraga da Moura. Tipo de sítio: Abrigo. Período: Indeterminado/Pré-história Recente?

CNS: 6930 Localização; Carrapatas Descrição: A Fraga da Moura ou Fraga dos Mouros situa-se no topo de uma colina, alargada e de pendentes suaves, onde há um grande maciço conjunto de afloramentos em xisto – quartzítico. Nestes afloramentos existem diversos abrigos e palas, junto com algumas plataformas aplanadas, que reúnem boas condições para a ocupação humana, nomeadamente pré-histórica. Um dos abrigos destaca-se dos restantes, pela sua maior abertura e profundidade, sendo a este abrigo em particular que estão ligadas as tradições locais de aparecimento de possíveis materiais arqueológicos, havendo nomeadamente referência ao aparecimento de "potes e panelas". Também se menciona a existência de uma gravura em forma de ferradura, que não foi localizada. No local não foram encontrados vestígios arqueológicos, mas o denso matagal que cobre o sítio impediu uma boa prospecção. As características deste local, associadas às lendas locais sobre tesouros e outros achados aqui efectuados (o Abade de Baçal) menciona a lenda do aparecimento de uma "lança de ouro"), torna bastante possível que seja aqui o local do achado das duas alabardas de carrapatas. (TMC)

FRAGA DA PEGADA - A Fraga da Pegada é uma rocha insculpida que se localiza no concelho de Macedo de Cavaleiros, freguesia de Santa Combinha. Tal como nos é apontado por Carlos Alberto Santos Mendes, o concelho de Macedo de Cavaleiros situa-se na zona de Transição, entre o grupo da Terra Fria da Alta Montanha e o grupo da Terra Quente que conhece altitudes mais baixas comparativamente à primeira (Mendes 2005, p.17). Situa-se a uma altura de cerca de 615 metros, tendo como panorama a Nordeste a Serra da Nogueira, a Oeste a Nossa Senhora do Campo e a Sul, actualmente a albufeira do Azibo. A Este situa-se uma pequena elevação que ampara o local da Fraga da Pegada. Situa-se assim a meia encosta e perto de pequenos cursos de água, o que faz com que a rede hidrográfica local seja a sua característica topográfica mais importante. As respectivas coordenadas geográficas, segundo o meridiano de Lisboa da "Carta Militar de Portugal", na escala de 1/25 000, folha nº 64, de 1996, são as seguintes: 6º 53' 5'' Lat. N. 41º 35' 0,8"" Long. W.

É constituída por um grande bloco rochoso que mede cerca de 13,30m de comprimento, por 5, 30m de largura, apresentando uma morfologia complexa. A Fraga da Pegada enquadra-se na assim denominada Arte Esquemática Ibérica sendo um dos vários exemplos de gravados ao ar livre do Nordeste Português. Dentro dos doze painéis que apresenta gravados surgem motivos cruciformes, ferraduras, podomorfos, covinhas, entre outros.

Os motivos da Fraga da Pegada foram inscritos em xistos que se constituem como rochas metamórficas. O que os caracteriza é a sua tendência natural para a fractura, ou seja, a sua *xistosidade*. Esta sua particularidade determina, decisivamente, a abordagem das acções *in situ* no contexto da limpeza de rochas com gravuras rupestres.

O levantamento das gravuras da Fraga da Pegada foi efectuado através do decalque directo, tendo-se realizado à noite, com luz artificial, para se conseguir uma maior nitidez de contraste entre a figura e a superfície. O decalque das gravuras foi feito recorrendo a plástico transparente de tipo polivinilo transparente e a canetas Edding 300.

O decalque directo dos motivos expostos na Fraga da Pegada ofereceu diversas dificuldades ligadas à própria morfologia da rocha. Sendo que esta é uma rocha cheia de saliências, depressões que no Inverno se encontram cheias de água. A intersecção de

diferentes planos horizontais, verticais e/ou com pendentes confere-lhe propriedades geométricas que colocam problemas quanto ao método a adoptar para a realização dos decalques. Deste modo optou-se por fazer o decalque das gravuras inserindo-as no plano em que se encontravam. Para oferecer uma maior fiabilidade do registo, optou-se ainda por efectuar um modelo 3D da Fraga da Pegada utilizando para tal o software Autodesk 3D Studio Max.

As superfícies gravadas foram decalcadas integralmente, ou seja, incluindo as áreas não decoradas, os principais acidentes dos suportes, as suas fissuras e os seus estalamentos. Deste modo, possibilita-se uma melhor percepção das causas que terão conduzido à eleição de certas zonas para suporte das manifestações artísticas (Baptista 1997, p.218).

No gabinete, os decalques feitos no campo foram digitalizados para posteriormente serem tintados usando o software Adobe Ilustrater CS2. Deste modo foram criadas diferentes camadas (layers), a primeira com o decalque de campo digitalizado, a segunda com os contornos dos painéis, a terceira com as fissuras e estalamentos da rocha e uma quarta com as gravuras. Todas as gravuras foram representadas a negro com a forma exacta dos originais (Baptista 1997, p.218). As fissuras foram representadas através de linhas ponteadas e os limites dos painéis decorados por linha grossa a cheio (Baptista 1997, p.218).

Para além dos decalques, privilegiou-se também o registo de todos os motivos gravados através da fotografia. Os levantamentos fotográficos, tal como os decalques directos, foram realizados à noite. O registo fotográfico digital foi realizado com o recurso à iluminação por conjuntos de flash lights externos à câmara fotográfica, sincronizados por sistemas wireless.

Na Fraga da Pegada encontram-se inventariados 12 painéis distintos. Devido à morfologia particular que a Fraga apresenta, é extremamente difícil dar a posição relativa dos diferentes painéis, sendo que as superfícies da Fraga são descontínuas e extremamente irregulares.

Painel 1

Motivo 1- Covinha de forma circular. A técnica usada foi a picotagem e a abrasão. Tem 7 cm de diâmetro e cerca de 2 cm de profundidade.

Painel 2

Motivo 1- Constituído por um traço solto, mede cerca de 6 cm de comprimento, 1,5 cm de largura e 0,2 de profundidade. A técnica aplicada foi a picotagem e a abrasão.

Motivo 2- Gravura com forma em "T", mede 11 cm de comprimento. O traço ortogonal é cortado por uma fissura da rocha e mede cerca de 8cm. A profundidade é de cerca de 0,2. A técnica empregue foi a picotagem.

Motivo 3- Este motivo deverá ser considerado como um cruciforme simples, apesar de só um dos braços estar presente. O facto é de que a gravura aproveita o estalamento da rocha para se assemelhar a uma cruz. Mede de comprimento cerca de 13 cm. A profundidade do traço é de 0,1 cm.

Motivo 4- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 13,5 cm. De comprimento e 10 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e apresenta uma profundidade de cerca de 0,3 cm.

Motivo 5- Antropomorfo em *fi* grego, é o único que se encontra na Fraga da Pegada e poderá ser um dos gravados mais antigos. Tem 16 cm de comprimento, e 10 cm de

largura. A profundidade do traço é de 0,2 e técnica pelo qual foi realizado foi a picotagem.

Painel 3

Motivo 1- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 13 cm de comprimento e 15 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e apresenta uma profundidade de cerca de 2,5 cm.

Motivo 2- Constituído por um traço solto, mede cerca de 4 cm de comprimento, 1 cm de largura e 0,1 de profundidade. A técnica aplicada foi a picotagem e a abrasão.

Motivo 3- Constituído por um traço solto, mede cerca de 6 cm de comprimento, 2 cm de largura e 0,1 de profundidade. A técnica aplicada foi a picotagem e a abrasão.

Motivo 4- Forma circular com 10 cm de diâmetro, a espessura do traço, embora não uniforme é de cerca de 3 cm. A profundidade do traço é de 0,2 cm.

Motivo 5- Cruciforme constituído por um traço central, cruzado por outro traço. Mede 22 cm de comprimento e 13 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e apresenta uma profundidade de cerca de 1,5 cm.

Motivo 6- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 16 cm de comprimento e 13 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e apresenta uma profundidade de cerca de 1 cm.

Motivo 7- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 33 cm de comprimento e 27 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e apresenta uma profundidade de cerca de 4 cm.

Motivo 8- Motivo em L invertido ou em ângulo. Apresenta 6 cm de comprimento e 6,5 de largura, a profundidade do traço é de 0,2 cm.

Motivo 9- Figura compósita onde surge um cruciforme dentro de uma auréola. O traço central do cruciforme prolonga-se dando origem a um ramiforme cuja primeira linha ortogonal curva para baixo nas extremidades, para além desta apresenta mais três linhas ortogonais. O motivo mede cerca de 35 cm de comprimento, 17 cm de largura e 0,2 cm de profundidade no traço, não sendo este um valor uniforme.

Motivo 10- Círculo simples, com 10,5 cm de diâmetro e 2 cm de espessura no traço, não sendo, no entanto, uniforme. A profundidade do traço é de 0,1 cm.

Motivo 11- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 8 cm de comprimento e 9 cm de largura. Foi realizada através da técnica de picotagem, apresenta uma secção em U, com 0,5 cm de profundidade.

Motivo 12- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 7,5 cm de comprimento e 8,5 cm de largura. Foi realizada através da técnica de picotagem, apresenta uma secção em U, com 0,5 cm de profundidade.

Motivo 13- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 18 cm de comprimento e 13 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e apresenta uma profundidade de cerca de 1 cm.

Motivo 14- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 10 cm de comprimento e 9 cm de largura. Tem cerca de 0,1 cm de profundidade.

Motivo 15- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 9 cm de comprimento e 8,5 cm de largura. Tem cerca de 0,2 cm de profundidade.

Motivo 16- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 7 cm de comprimento e 9 cm de largura. Tem cerca de 0,2 cm de profundidade.

Motivo 17- Círculo simples, com 10cm de diâmetro e 3 cm de espessura no traço, não sendo, no entanto, uniforme. A profundidade do traço é de 0,5 cm.

Motivo 18- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 9 cm de comprimento e 8 cm de largura. Tem cerca de 0,2 cm de profundidade.
Motivo 19- Cruciforme simples que arranca de covinhas. Os dois eixos medem cerca de 12,5 cm cada um. A profundidade do traço é de cerca de 0,3 cm.
Motivo 20- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 13 cm de comprimento e 14 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e apresenta uma profundidade de cerca de 1 cm.
Motivo 21 - Ramiforme ou arboriforme, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outros 5 traços centrais sendo que um deles aproveita uma fissura natural do suporte. Apresenta ainda uma espécie de auréola que circunscreve a figura, sendo esta de difícil visualização. O comprimento da gravura é de cerca de 45 cm sendo a largura do primeiro traço ortogonal de 16 cm. A profundidade do traço é de 1 cm. O motivo foi realizado através da técnica de picotado.
Motivo 22- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 32 cm de comprimento e 26 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e apresenta uma profundidade de cerca de 5 cm.
Motivo 23- Cruciforme simples que arranca de covinhas. Os dois eixos medem cerca de 12,5 cm cada um. A profundidade do traço é de cerca de 0,3 cm. É o único cruciforme do painel que apresenta uma orientação em "X" do painel.
Motivo 24- Traço solto, mede cerca de 14 cm de comprimento e 1 de profundidade. A técnica aplicada foi a picotagem e a abrasão.
Motivo 25- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 6 cm de comprimento e 6 cm de largura. Tem cerca de 0,5 cm de profundidade.

Painel 4

Painel de grandes dimensões, que se localiza do lado Este da Fraga da Pegada. Neste painel apenas se encontram presentes perfurações recentes, realizadas por máquinas motorizadas. Apesar de apresentar uma boa superfície, não se encontram gravadas quaisquer motivos.

Painel 5

Motivo 1- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 9 cm de comprimento e 6 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e apresenta uma profundidade de cerca de 0,1 cm.

Painel 6

Motivo 1- Podomorfo ou gravura em forma de pegada humana que compõe o par do motivo 2 descrito em baixo. Mede 20cm de comprimento, 9 cm de largura na zona anterior e 5 cm na zona posterior
Motivo 2- Podomorfo humano mede 23 cm de comprimento, 10 cm de largura na zona anterior e 7 cm na zona posterior. Estes dois motivos compõem um par, pelo que os podemos considerar como um conjunto, ou seja um motivo, e não gravuras isoladas. São apenas aqui discriminados por uma questão de facilidade na sua descrição. Ambas têm uma profundidade de cerca de 2 cm.
Motivo 3- Podomorfo humano, isolado, mas associado ao motivo anterior, aparecendo, no entanto, numa direcção perpendicular ao motivo anterior. Mede cerca de 22 cm de comprimento, 8 cm de largura na zona anterior e 7 cm de largura na zona posterior. Apresenta uma profundidade de 0,5 cm.
Motivo 4- Cruciforme simples que arranca de covinhas, constituído por um traço central que termina em ângulo, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 11 cm de

comprimento e 8 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e apresenta uma profundidade de cerca de 0,3 cm.

Painel 7

Motivo 1- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 13 cm de comprimento e 9 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e a abrasão, apresenta uma profundidade de cerca de 0,2 cm.

Motivo 2- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 10 cm de comprimento e 8 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e a abrasão, apresenta uma profundidade de cerca de 0,2 cm.

Motivo 3- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 9 cm de comprimento e 9,5 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e a abrasão, apresenta uma profundidade de cerca de 0,2 cm.

Motivo 4- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 9 cm de comprimento e 8 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e a abrasão, apresenta uma profundidade de cerca de 0,2 cm.

Painel 8

Motivo 1- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 6,5 cm de comprimento e 5 cm de largura. Tem cerca de 0,5 cm de profundidade.

Motivo 2- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular com um pontinho central. A gravura tem 10,5 cm de comprimento e 10 cm de largura. Tem cerca de 3 cm de profundidade.

Motivo 3- Traços recentes realizados por máquinas motorizadas.

Painel 9

Motivo 1- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 8 cm de comprimento e 7,5 cm de largura. Tem cerca de 0,2 cm de profundidade.

Motivo 2- Gravura que apresenta uma morfologia de linha recta. Feita através da técnica de picotado mede 9,5 cm de comprimento e 2,5 cm de largura. Apresenta uma profundidade de cerca de 0,4 cm.

Motivo 3- Gravura que apresenta uma morfologia de linha recta. Feita através da técnica de picotado mede 9,3 cm de comprimento e 3 cm de largura. Apresenta uma profundidade de cerca de 0,2 cm. Este motivo, e o motivo dois, poderão ser uma tentativa de gravar uma outra ferradura, apenas faltando uma ligação em cima, onde quase se tocam. Ou então, poderão os dois motivos estar ligados ao motivo 4 e 5.

Motivo 4- Gravura que apresenta uma morfologia de linha recta. Feita através da técnica de picotado mede 5 cm de comprimento e 2 cm de largura. Apresenta uma profundidade de cerca de 0,1 cm.

Motivo 5- Gravura que apresenta uma morfologia de linha recta. Feita através da técnica de picotado mede 10 cm de comprimento e 1,5 cm de largura. Apresenta uma profundidade de cerca de 0,1 cm.

Painel 10

Painel de reduzidas dimensões do lado Oeste da Fraga da Pegada que apresenta uma disposição horizontal. Tem apenas um motivo gravado, mas este, ao contrário de todos

os outros podomorfos que a Fraga apresenta, está apresentado em linha de contorno e não em baixo-relevo, o que o torna único.
Motivo 1- Podomorfo humano isolado, sendo o único da estação representado em linha de contorno. Mede cerca de 23 cm de comprimento, 13 cm de largura na zona anterior e 9 cm de largura na zona posterior. Apresenta uma profundidade de 0,1 cm. Este poderá ser um dos motivos mais antigos da Fraga da Pegada.

Painel 11

Motivo 1- Covinha de forma semicircular. A técnica usada foi a picotagem e a abrasão. Tem 5 cm de diâmetro e cerca de 1,5 cm de profundidade.
Motivo 2- Covinha de forma semicircular. A técnica usada foi a picotagem e a abrasão. Tem 5 cm de diâmetro e cerca de 2 cm de profundidade.
Motivo 3- Covinha de forma semicircular. A técnica usada foi a picotagem e a abrasão. Tem 2,5 cm de diâmetro e cerca de 1 cm de profundidade.
Motivo 4- Cruciforme que arranca de covinhas, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por dois outros traços. O segundo traço parece querer unir-se aos sulcos e covinhas, apesar de não o fazer, é levemente encurvado para baixo. Mede 28 cm de comprimento e 15 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e a abrasão, apresenta uma profundidade de cerca de 0,2 cm.
Motivo 5- Covinha de forma semicircular. A técnica usada foi a picotagem e a abrasão. Tem 11 cm de diâmetro e cerca de 5 cm de profundidade.
Motivo 6- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 19 cm de comprimento e 14 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e a abrasão, apresenta uma profundidade de cerca de 0,2 cm.

Painel 12

Motivo 1- Cruciforme simples que arranca de covinhas, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 9 cm de comprimento e 8 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e a abrasão, apresenta uma profundidade de cerca de 0,1 cm.
Motivo 2- Antropomorfo esquemático cuja cabeça é uma covinha de forma semicircular com um diâmetro de 8 cm e uma profundidade de 3,5 cm. A técnica usada foi a picotagem e a abrasão. Tem cerca de 22 cm de comprimento e 18 cm de largura.
Motivo 3- Covinha de forma circular. A técnica usada foi a picotagem e a abrasão. Tem 9,5 cm de diâmetro e cerca de 4 cm de profundidade.
Motivo 4- Podomorfo humano que compõe o par do motivo 5 descrito em baixo. Mede 18 cm de comprimento e 4,5 cm de largura, que é mais ou menos constante nesta gravura. Tem uma profundidade de cerca de 0,2 cm.
Motivo 5- Podomorfo humano mede 18 cm de comprimento, 7 cm de largura na zona anterior e 5 cm na zona posterior. Apresenta uma profundidade de cerca de 0,4 cm.
Motivo 6- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 8 cm de comprimento e 8,5 cm de largura. Tem cerca de 0,1 cm de profundidade.
Motivo 7- Podomorfo humano isolado. Mede 22 cm de comprimento, 7,5 cm de largura na zona anterior e 5,5 cm na zona posterior. Tem uma profundidade de cerca de 1 cm.
Motivo 8- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 13 cm de comprimento e 11 cm de largura. Tem cerca de 0,2 cm de profundidade.
Motivo 9- Podomorfo humano isolado. Mede 33 cm de comprimento, 14 cm de largura na zona anterior e 10 cm na zona posterior. Tem uma profundidade de cerca de 1,5 cm.

Motivo 10- Podomorfo humano isolado. Mede 12,5 cm de comprimento e 4 cm de largura, que é mais ou menos constante nesta gravura. Tem uma profundidade de cerca de 0,4 cm.
Motivo 11- Covinha de forma semicircular. A técnica usada foi a picotagem. Tem 7 cm de diâmetro e cerca de 0.5 cm de profundidade.
Motivo 12- Podomorfo humano que compõe o par do motivo 13 descrito em baixo. Mede 18 cm de comprimento e 6 cm de largura, que é mais ou menos constante nesta gravura. Tem uma profundidade de cerca de 0,3 cm.
Motivo 13- Podomorfo humano mede 18 cm de comprimento e 8 cm de largura, que é mais ou menos constante nesta gravura. Apresenta uma profundidade de cerca de 0,5 cm.

Fraga da Pegada – Folheto explicativo do estudo da arte rupestre, realização da (ATQ)

FRAGA DAS FERRADURAS – Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal (571-IX), e na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Macedo de Cavaleiros. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Fraga das Ferraduras. Tipo de sítio: Arte Rupestre. Período: Indeterminado. CNS: 17268. Localização: Macedo de Cavaleiros. Descrição: Estas rochas com arte rupestre foram completamente destruídas, tendo apenas sido possível saber a sua localização original. Eram duas fragas em xisto, lado a lado, isoladas numa zona de vastos campos aplanados, tendo uma interessante localização numa pequena eminência de terreno, que domina visualmente o território em volta, sabendo-se a partir da descrição bibliográfica do abade de Baçal que tinham as faces gravadas viradas a nascente sensivelmente na direcção de uma pequena ribeira que lhe passa perto. O abade de Baçal publica um levantamento muito tosco e, Santos Júnior mostra fotografias, algo mais explícitas. Daqui se pode ver que o grosso das figuras eram ferraduras, com ou sem ponto central, havendo também diversos círculos, alguns cruciformes, e o que parece ser uma figura em "pente". Há também referência é existência de covinhas. Pouco mais é possível dizer sobre este sítio. (TMC)
FRAGA DO BERÇO – Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (615 e 616-IX) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Espadanedo. (TMC)
FRAGA DO CASTELO – Topónimo referenciado na base de dados do IPA e na obra do Abade Baçal, (vol. IX, pp.152 e 495) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro das freguesias de Salselas e de Lagoa. Da referida base de dados extraiu-se as seguintes informações: Designação: Fraga do Castelo: Tipo de sítio: Povoado Fortificado.

Período: Idade do Ferro/Idade Média. CNS: 1999. Localização: Salselas. Descrição: Povoado fortificado de média dimensão, num relevo em esporão com uma altitude significativamente menor em relação á área envolvente, encravando-se assim na margem esquerda da bacia do rio Azibo. O local possui uma muito débil ou quase nula posição estratégica, sem qualquer visibilidade da área envolvente. A sua implantação permite, contudo, um bom sistema de defesa natural, já que no seu sector Sul e Oeste, no sentido do rio Azibo, se desenvolvem arribas com uma altura superior a 20 metros, o que torna estes sectores completamente inacessíveis e não necessitados de qualquer estrutura defensiva. O sistema de amuralhamento, constituído por uma única linha de muralha, circunda apenas metade do povoado, desenvolvendo-se a Este e Norte, podendo ter-se também estendido um pouco pela vertente do sector Oeste. Esta estrutura de xisto, da qual ainda podem ser observados grandes quantidades de derrubes, foi edificado sobretudo junto ao colo de acesso do povoado e poderia ser reforçada por dois torreões, que se localizariam a Norte conforme indiciam alguns vestígios no local. Neste colo de acesso, no exterior e em frente à muralha, localiza-se um campo de pedras fincadas, mal conservadas. O interior do recinto amuralhado encontra-se parcialmente agricultado com oliveiras, e a restante parte ocupada com um maquis que torna impossível qualquer observação. Na parte ocupada pelo olival é possível detectar grandes quantidades de fragmentos de cerâmica manual de tipo comum, atribuível à Idade do Ferro. No local proliferam ainda grandes quantidades de telha de meia cana e alguma cerâmica com uma cronologia mais recente, cujo respectivo enquadramento cronológico poderá ser remontado até á Idade Média. Do local foram ainda recolhidos alguns cossoiros e um peso de tear que actualmente se encontram à guarda do proprietário do terreno. NO sítio não foram identificados quaisquer vestígios articulados com a romanização. (TMC)

FRAGA DO CASTELO Designação: Fraga do Castelo. Tipo de sítio: Povoado Fortificado. Período: Idade de Ferro. CNS: 2917. Localização: Lagoa. Descrição: Povoamento fortificado de pequenas dimensões, localizado a Sul da aldeia de Lagoa, na extremidade de um relevo em esporão, alongado e rochoso, sobre o rio Sabor. Tem um bom controlo estratégico sobre um grande troço de rio Sabor, e excelentes condições defensivas naturais, sendo acessível apenas pelo lado Norte, caindo em falésias para os restantes lados. O sistema defensivo concentra-se assim só do lado norte, e apresenta uma apreciável complexidade. NO exterior, tem ainda os restos de um campo de pedra fincada, bastante degradado, e que deverá ter sido mais extenso, tendo provavelmente sido afectado pela agricultura que aqui se desenvolve ainda. A seguir, tem duas linhas de muralha, razoavelmente bem conservadas, uma logo a seguir à outra, parecendo ter um fosso no meio, parcialmente entulhado por terra e pelos derrubes das muralhas. No interior, sobranceiro Á última muralha, existe pelo menos um torreão, talvez dois, bastante destruído, no que é a parte mais degradada do povoado. Entre os torreões e as falésias existe uma plataforma, de pequenas dimensões, densamente coberta de mato, que será a parte habitável do povoado. Não se encontrou cerâmica de superfície, mas tudo indica tratar-se de um povoado da Idade do Ferro. (TMC)

FRAGA DOS CORVOS - Esporão rochoso situado na vertente noroeste da serra de Bornes, esta elevação encontra-se sobranceiro à povoação de Vilar do Monte, detendo um excelente domínio visual sobre a quase totalidade da bacia de Macedo de Cavaleiros. O esporão é limitado a noroeste por uma rochosa e abrupta vertente onde se abrem dois abrigos.

A Fraga dos Corvos é um sítio de habitat do "Mundo Carrapatas" da 1ª Idade do Bronze. Foram identificadas, até ao momento, duas estratégias de ocupação: uma desenvolvendo-se no topo do cabeço, formando um habitat provavelmente permanente, constituído por 5 cabanas, apresentando elementos culturais das tradições Campaniformes e Cogeces. Na vertente noroeste, um conjunto de abrigos sob rocha evidenciam uma sequência de ocupações, também enquadráveis na 1ªIdade do Bronze.
Em 2004 delineou-se uma estrutura na extremidade sul da Cabana 4 que viria a revelar-se uma "caixa de areia". Associados a esta, encontravam-se um total de 71 pingos e outros materiais, caracterizando esta cabana como área de fundição. Se forem confirmados os resultados analíticos obtidos para o primeiro pingo de fundição, estaremos na presença da mais antiga área de trabalho de bronze conhecida no território português e, eventualmente, peninsular.
A conjugação de decoração de "Tradição Campaniforme" com elementos decorativos e formas cerâmicas típicas do "Mundo Cogeces" confirmam a cronologia deste sítio. Foram também encontrados outros artefactos – dentes de foice, pontas de seta, furadores e elementos de moagem – que sugerem actividades agrícolas, a que os restos de fauna da cabana 5 podem permitir juntar a pastorícia e caça. Destacam-se ainda peças em xisto anfibólico com forma grosseiramente antropomórfica. E em termos decorativos uma fíbula de dupla mola em bronze.

Legenda, Fraga dos Corvos, Sector A - Cabana

FRAGA DOS MOUROS – Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (494-IX), como de interesse arqueológico, nas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro da freguesia de Carrapatas. m.q. "fraga das mouras" (TMC)
FRAGA DOS SETE ZORROS – Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal (vol. IX, p570 e vol. X p. 826) como de interesse arqueológico, como existente na freguesia de Lamalonga, mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro dessa freguesia. (TMC)
FRAGICIA – Rutura ou quebradura sucedida ou pela ou quebradura sucedida ou pela relaxação ou pela rasgadura do peritónio fazendo inchação na virilha cheia de zirbo ou de tripas, ou fazendo cair na bolsa dos testículos alguma ou ambas as cousas. Parece que dela padecia certo leproso e quebrado que no de 1107 fez uma doação ao mosteiro de Paço de Sousa.
FRAGUEIRO – Que anda por fragas, por penhascos. Também; Oficial que se empregava na construção de naus ou fragatas.
FRAGUEYRO – Oficial que se empregava na construção das naus ou fragatas – O que aprontava madeiras para as construções navais – O que tem paixão de andar à caça pelas fraguras e montes.

FRAINEZA – Pobreza, penúria, míngua, falta.
FRAISSEO – Mosteiro d Freixo, terra assim chamada.
FRANJOOSCA – Mulher sem vergonha; concubina. (VB)
FREIXEL – Vide Froixel.
FRALDA LEVANTADA – Cauda de um vestido roçagante que para não arrastar, vai soberguida.
FRALDAS DA VESTIDURA – Alas do vestuário.
FRALDÂO – Parte inferior da armadura.
FRAMA/FREAMA – Presunto de porco ou mais bem de leitão ou leitoa. Esta era uma das forragens que se achava nos prazos de Lamego. A qualidade dos presuntos daquela terra os deveria fazer, como ainda hoje, estimados e apetecíveis. Daqui se disse fiambre, o presunto que se come frio, depois d cozido em vinho branco e mesmo quaisquer carnes assim comidas.
FRANÇA – Brasão Aljubarrota, reinado Carlos VI (reinado 1380/1422)

Museu Martim Gonçalves de Macedo
Espólio da Associação Terras Quentes

FRANÇAS – Ramagens.
FRANCELA – Casa onde se fabricam queijos; Na Serra da Estrela Francella é uma espécie de mesa com uma pequena inclinação tendo a forma rectangular com um sulco para a sahida do soro por um dos lados menores. (LV)
FRANCISCALHÃO – Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (494-IX), como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada, às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Chacim. (TMC)
FRANCISCO – Adj. Francês ou cousa de França; Também; Nome próprio de homem. Alguma vez se encontra, muito antes que viesse ao mundo S. Francisco de Assis que disseram fora o primei viesse ao mundo S. Francisco de Assis que disseram fora o primeiro que estreara este nome.
FRANCO – Moeda de ouro que corria em Portugal, antes do rei D. João I.
FRANCO DE OURO – Ou 120 réis por ele, de 6 ceitis o real. Foral de Setúbal.
FRANGI – Nome dos Portugueses na Índia Oriental.
FRANGÃO DE SOUTO – O que já não é pinto, nem precisa de se defender debaixo da asa da galinha, mas antes procura o seu sustento pelos soutos e campos, e longe da mãe; tais são os que ainda não são galos, mas já distinguem por cristas e esporões.
FRANGOS DO SOUTO – Eram os que se pagavam ao senhorio, pelo uso de algum souto, mata ou devesa.
FRANQUIDO – Herdamento ou terra aberta, rota, franquiada, reduzida a cultura e que pelo trabalho, indústria e arte de estéril que dantes era, se tornou rendosa e afruitada. Também; Herdamento ou terra que reduzida a cultura, de estéril se fez rendosa.
FRANQUENTAR – Enfraquecer.
FRANXAL – Vide, Froixel.
FRANZELEIRO – Franzino, flexível, frágil.

FRASCA -Trem, mobília, fato. Também; Utensílios e provisões de cozinha. (HS)
FRASCARIO - Homem dado a mulheres. Vem do italiano frasca que é o mesmo que rama, porque como ave que anda de ramo em ramo, anda o lascivo e libertino de meretriz em meretriz.
FRAVEGAS – Fráguas, nome próprio de terra.
FREAMA – Vide Frama, Empicotar e Inchar freama, onde parece que freama se toma por leitão ou leitoa.
FRECHEIRO – Rapaz que anda aos ninhos. (VB)
FRECHEIRO, OS DE MURO – Frestas ou seteiras, de que se usa nos muros e portas das praças defensáveis, pelos quais, antigamente se atiravam setas, lanças, quadrelos, etc., e hoje se disparam armas de fogo e quase nenhum dos que estão dentro.
FRÉCHEIRO – Femeeiro; que era fécheiro e se fartou de ter filhos bastardos
FREI – Abreviatura de frade ou frater em latim. Em os nossos arquivos se descobrem muitos seculares solteiros, casados e viúvos com o título de Freire, de Frade ou de Frater, de que alguém poderia suspeitar que eram membros professos de alguma religião aprovada.
FREIRAR-SE – Tomar o hábito em alguma religião aprovada. Dizia-se dos homens e das mulheres.
FRIESTA – Fresta, postigo, pequena janela.
FREIRIA – Congregação, confraternidade, confraria, sociedade, ordem, sodalício de várias corporações militares e condição ou qualidade de ser freire em alguma das ordens militares; e também se chamaram freirías os lugares, sítios, ruas ou bairros, em que estes freires, por algum tempo, residiram.
FREI ROI – Era o principal informador de Leonor Teles.
FREITAR – Fazer frutífero, afruitar, reduzir a cultura, rotear.
FREESTA/FRESTA – Janela.Cf. fr. Fenêtre (LV)
FREY /FRADE – Este nome (que nada mais significa que irmão espiritual) deu-se antigamente a todos os que compunham uma família religiosa, irmandade, confraria, hospital, quer fossem solteiros, quer casados ou viúvos, contanto que, no exterior, mostrassem algum sinal de piedade, vida penitente e reformada.
FRIAS – Frouxas. (HS)
FRIGIDÁRIO – Frigidarium – Parte das termas romanas onde se tomavam banhos frios. (AA)
FRITADA – Mistura de ovos com carne, cebola, etc. Frigida na sertã. (VB)
FRITAS – Pasteis de massa em calda de açúcar ou mel, nos concelhos de Miranda e Mogadouro. (LV)
FRIZANTE – Espécie de moeda, cujo valor e feitio se ignoram. Dizem ser o mesmo que pesante. Vide pesante.
FROLENÇAS – Vide Frolyees.
FROLYEES/FROLYS/FROLENÇAS – O mesmo que florins. Era o florim moeda de ouro puro que se começou a lavrar em Florença, oito das quais tinham o peso de uma onça d'ouro. Isto foi no de 1252. Tinha, de uma parte uma flor-de-lis, e de outra a imagem de S. João Batista. Da flor e de Florença se chamaram florins.
FROLYS – Vide frolyees.
FRONÇA – Lenha miúda a que hoje chamamos França ou rama, que fica dos paus grossos quando se desfalcam, aparam ou alimpam.
FRONTA – Requerimento. Vem do verbo frontar.

FRONTAR – Requerer, pedir com instância, protestar. Ainda não se esqueceu este verbo, e fronta, se derivado, em os tribunais deste reino.
FRONTARIA – Raia, fronteira, divisão entre dous reinos, povos ou cidades, etc. Também; Zona militar, fronteiriça (NAP)
FRONTEIRA – Expedição militar, guerra ou campanha que se fazia no limite de algum reino, ou província beligerante ou comarcã, sem amis destino que conter-se na defensiva e impedir que o inimigo se adiantasse fora das suas terras fazendo, nas alheias, alguma conquista roubo ou dano. 1309.
FRONTEIRO – Capitão de uma praça de guerra na fronteira.
FRORES – Nome de mulher que hoje diríamos Flôres. 1298.
FRUELA – Rei das Astúrias – 757-768; Proibiu o casamento dos padres e dos raros bispos. A Crónica de D. Afonso III escrita no final do século IX, refere a transladação dos cristãos da meseta para os vales cantábricos. Essa transladação implicava um comando de cima. E certamente além de berberes, de árabes e de mestiços, o grosso dos prisioneiros conduzidos ou não pelos seus senhores, era de cristãos meio paganizados e analfabetos.
FRUTAR – Desfrutar, recolher ou apanhar alguns frutos. Vide amoorar.
FRUYTA – Fruta (NAP)
FUERO – Vide Juzgo.
FUERO-JUZGO – O código que continha as leis dos godos, civis e criminais que em Portugal vogaram até ao século XII, depois do qual, paulatinamente se foram esquecendo ou reformando até ao princípio do século XIII e sobre cujas ruínas se foi levantando ao corpo da nossa ordenação presente.
FUGIDIÇO – Inconstante, ligeiro, fugitivo.
FULGÚRA – O mesmo que folgança.
FUMADEGO – Vide fumagem ou Ourolo.
FUMADÊGO – Tributo ou direito de cabeça, cabeção que se pagava de cada casa de família, segundo o respectivo foral ou aforamento – O direito de habitar – Fogo, fogaça.
FUMAGEM /FUMADEGO – Censo, tributo ou pensão, que o direito senhorio recebia de todas as casas dos seus vassalos ou colonos prescindindo de nelas acenderem fogo ou fazerem fumo, porque o comum e regular era o acendê-lo. Este era o censo a que estava aligado o jus habitandi. E por isso, em alguns documentos se chama fogaça ou fogo, trazendo o nome do fogo que naquela casa se acendia. Também se chamou direito de cabeça ou cabeção.
FUMAREDAS – Nuvens grossas de enovelado fumo. Cerra-se o céu à vista.
FUMIGAR – Fazer fogo, acender lume, viver de continuo. 1539.
FUNDA – Arma vulgarmente usada entre os Romanos, cujos exércitos não dispensavam um corpo de fundeiros, a funda era muito apreciada, pela eficácia de tiro do seu projétil. A sua utilização está documentada, nas Guerras Fernandinas com Castela. (CM), Também; arma de arremesso constituída por uma correia, ou corda dobrada, em cujo centro é colocado o objeto que se deseja lançar; atiradeira, catapulta, estilingue, fundíbulo; dispositivo usado para conter a expansão de certas hérnias. (DH).
Para falarmos de fundas (arma de arremesso) dos Fundeiros (os Fabricantes das fundas) e dos fundibulários (utilizadores destas armas) temos de viajar até ao fundo dos tempos, ao mundo das lendas e dos mitos, mas também olhar esta arma de arremesso dentro dum processo evolutivo do "homo" não só no aspecto da sua sobrevivência (subsistência) como também sob o aspecto bélico e até sob o aspecto lúdico.

Tudo se prende com a questão de atingir o adversário ou a presa (peça de caça) de forma eficaz e a uma distância que lhe permitisse uma maior segurança pessoal. Não seria fácil, no tempo dos caçadores recolectores, apanhar um coelho ou um javali à mão, já que estes, tem uma velocidade de ponta muito superior à velocidade que o ser humano pode atingir, a qual não chega aos 38 Km/hora. Tomando como medida o record mundial que Usain Bolt que estabeleceu na corrida de atletismo dos 100 metros planos em 9, 58 segundos. Isto é num espaço de 100 metros atingiu uma velocidade média de 37,57km/hora velocidade máxima nesta distância estabelecida por um ser humano.

Assim, o ser humano, teve de aguçar o engenho para resolver o problema da sobrevivência e da subsistência. Talvez tenha começado com o simples arremesso de uma pedra, sistema que perdurou até aos dias de hoje, recordemo-nos da "intifada". Ficou para a história a frase de Jesus Cristo?… "*quem não pecou que atire a primeira pedra*".

Depois ter-se-ia passado à utilização de um simples pau aguçado (lança) para arremessar à presa ou ao adversário, o que lhe permitia abreviar/encurtar o espaço e o tempo para a execução da sua tarefa. Foi um longo caminho até chegar às armas equipadas com ogivas nucleares de destruição maciça.

Mas a primeira grande referência operacional à existência da funda iremos encontrar no mundo do maravilhoso e do fantástico, o mundo das lendas e dos mitos, mundo que tanto os arqueólogos como os historiadores têm de ter certos cuidados de não os descartar de imediato pois, haverá quase sempre algum fundo de verdade a aproveitar. Ou melhor, retomemos a leitura do relato bíblico em que Golias um homem com uma estatura de 2,90metros a sua armadura pesava cerca de 55 kilos e a sua lança cerca de 7 kilos. Nessa contenda o adversário, David, um jovem pastor de quem não se sabe as suas medidas, mas por certo muito menores que as de Golias. David abasteceu o seu alforge com 5 pedras. Golias ao vê-lo, desdenhou: "*Sou eu algum cão para tu vires a mim com paus? Vem a mim, e darei a tua carne às aves do céu e às bestas do campo*".

E lá ocorreu a peleja; *David meteu a mão no alforje e tomou dali uma pedra e com a funda lha atirou, e feriu Golias na testa, a pedra cravou-se na testa, e este caiu sobre o seu rosto em terra*.

A cena passa-se entre os Filisteus (Golias) e (David) que viria a ser rei do povo de Israel, poderemos pensar situar esta altercação algures durante o século XIII a.C., não sabemos nem o ano, nem o dia ou se foi de manhã ou da parte da tarde.

Mas a literatura, por mão do nosso prémio nobel da dita ciência, também nos relata o acontecido; Diz-nos José Saramago no seu artigo *"Das pedras de Davi aos tanques de Golias"... Sim, na verdade não parecia uma arma, não tinha um barril, não tinha um gatilho, não tinha cartuchos, o que tinha eram duas cordas finas e resistentes amarradas pelas pontas a um pequeno pedaço de couro flexível na parte côncava em que a mão do especialista David colocaria a pedra que, à distância, foi lançada, rápida e poderosa como uma bala, contra a cabeça de Golias, e desabou-o, deixando-o à mercê da borda de sua própria espada, já empunhada…Esta* referência de Saramago poderá ter que ver com o que se passa hoje na faixa de Gaza. Ou seja, a disputa entre o povo Palestiniano e o povo Israelita.

Mas a existência da Funda leva-nos até à coluna de Trajano. Coluna com cerca de 40 metros de altura e 4 metros de diâmetro onde está representado um soldado

munido de uma funda, obra do Arquitecto Apollodoro de Damasco e que está localizada no Fórum de Trajano em Roma.

Funda

Coluna de Trajano

Fabrico e modelos de fundas e seus acessórios e o seu manejo:

Pelos registos deixados pela bibliografia de Vegécio sabemos que os Lusitanos fabricavam as suas próprias fundas, de acordo com a sua estatura e comprimento do braço. As melhores fundas eram geralmente feitas de junco negro, muito batido, até se tornar uma espécie de ráfia, que depois era entrançado, ou colocado lado a lado com tendões de pescoço de cavalo, ou de boi, ou com cerdas retiradas das caudas dos cavalos.

Cada fundibulário transportava três fundas, de acordo com a distância que pretendia atingir e com a envergadura do projéctil. A mais curta era enrolada à volta da testa, segurando os cabelos. As outras duas eram transportadas em redor da cintura.

Os projecteis de pequena ou média envergadura eram normalmente feitos de chumbo, barro endurecido ou em massa feita de pedra moída. Para os projecteis pesados qualquer pedra escolhida no local podia servir.

Os projecteis de chumbo tinham uma forma elíptica – semelhante a uma (miniatura) de uma bola de râguebi – com cerca de 5 cm de comprimento e muitos ostentavam dizeres, letras ou desenhos. Há uns anos, nas investigações que levamos a cabo no Museu Nacional de Arqueologia, deparámo-nos com uma quantidade de “glandes” (nome dado a esses projécteis), ostentando uma delas a seguinte inscrição “TATAC” (provavelmente fonema ou lexema da língua dos Lusitanos). Essas glandes de chumbo eram fundidas em grupos de seis ou oito sobre moldes de pedra-sabão/pedra-talco. Aparecem em grandes quantidades nos locais de batalha ou em zonas de cerco, o que prova o seu intenso uso pelos povos da Ibéria. A pedra-sabão é um tipo de rocha de textura macia. O seu outro nome de “pedra talco” lhe foi dado, pois esse é um dos principais minerais presentes na composição. Pedra muito comum na região de Macedo de Cavaleiros, mormente nas pedreiras de Vale da Porca.

antigo campo de batalha há quase 1900 anos em Burnswark, ao sul de Edimburgo. Algumas das glandes encontradas por estes arqueólogos tinham buracos no meio. A equipe criou réplicas e dispararam-nas para testar. Segundo Reid, o resultado foi apavorante: "um som esquisito, como o de uma banshee" (entidade da mitologia celta, lenda celta, mulheres espectrais que choravam anunciando a morte (Irlanda)). Encontramos algumas semelhanças entre a Banshee e a Moura encantada portuguesa e galega.

Glandes encontradas pelos arqueólogos escoceses John Reid e Andrew Nicholson num

Como eram usadas as fundas:

O destro enrolava a ponta de uma das tiras num dedo de sua mão direita, ou a prendia ao seu pulso direito, a tira passando por cima da palma da mão. A ponta da outra tira era dobrada para trás e segurada pela mesma mão. O fundibulário colocava uma pedra no centro da funda. Com sua mão esquerda estendida para a frente, segurava a pedra em sua posição correta. Daí, soltando a mão esquerda, girava sua direita para baixo, em direção contrária à dos ponteiros dum relógio. A medida que a funda chegava a certo nível atrás dele, ele a girava para a frente, horizontalmente, também na direção oposta à dos ponteiros do relógio, fazendo um círculo completo sobre a cabeça. Exatamente no momento certo, soltava a tira solta, assim lançando a pedra para a frente. Alguns fundibulários amiúde não giram a funda sobre a cabeça, mas fazem o arremesso simplesmente por um forte movimento do braço para baixo.

Dispondo do comprimento do braço do fundibulário e das tiras para lhe dar ímpeto, a pedra pode ser arrojada com tremenda força. Com efeito, a pedra atirada dessa forma pode penetrar na porta dum carro! Mas, é preciso muita prática e perfeita coordenação para se usar com exatidão a funda. A funda, como arma, é provavelmente a mais primitiva forma de instrumento conhecido da humanidade, através do qual se forneceu um aumento de força e de alcance ao braço dum fundibulário. “A funda, como arma, é provavelmente a mais primitiva forma de instrumento conhecido da humanidade, através do qual se forneceu um aumento de força e de alcance ao braço dum fundibulário.” (in; *Encyclopædia Britannica* (Décima Primeira Edição, Vol. 25, p. 242).
Pelo que toca à força e alcance destas armas, bastará referir que em 123.a.C., Quinto Cecílio Metelo tentou desembarcar as suas tropas nas ilhas Baleares, mas foi recebido com uma saraivada tal de projécteis de funda vinda de terra, que foi forçado a estender coiros de bois crus nos lados dos navios para proteger a tripulação e não deixar afundar as suas embarcações. As glandes podiam ser disparadas com eficácia até 120 metros, podendo chegar aos 200 metros.
Como atrás referimos, quando Fernão Lopes se refere no cerco a Amada à existência da funda manguella (manguela), também conhecida como funda fuste ao funda de fustíbulo era uma arma extensa que um braço humano, utilizando um haste de madeira e mantendo uma funda na ponta. Criada por volta de 500 a.C.
FUNDA DE BACINETE – Espécie de touca com que se almofadava a cabeça para servir de fundo ao bacinete, que era de ferro.

FUNDAS – Funda de manguela – “Havia cada um ter duas fundas fustes, a que chamavam de manguela e outras duas fundas de mão. É talvez a funda aplicada a um cabo de madeira.
FUNDIAR – Hoje se toma por dar fundo a uma embarcação, arribar, ancorar, e por mergulhar ou meter-se muito a fundo; Também; No sentido de pôr, meter, baldear e esconder.
FUNDO – “…deceo a fundo” – Abaixo, em baixo. (NAP)
FURCO – Distância que vai da extremidade do dedo indicador à extremidade do dedo polegar quando eticados. (VB)
FURDA – Cabana, choça (lusitanismo)
FURTELEZA – Vide fortaleza.
FURTIVELMENTE – Cometendo furto, fazendo roubo ocultamente e às escondidas. Vide almuinha.
FURUS – Foros ou forais dos concelhos, ordenações e regimentos das terras.
FUSO – Pequeno instrumento grosso no meio, que vai adelgaçando até às duas extremidades, sobre que se forma a maçaroca ao fiar. (VB). Também; pequeno instrumento de madeira, arredondado, mais grosso no centro e pontiagudo nas extremidades, usado para fiar, torcer e enrolar o fio de trabalhos feitos na roca. (DH).
FUSTA/FUSTÁM – Castigo que, por autoridade pública se dava, açoutando com varas aos criminosos, segundo o foral velho de Coimbra. Era a fustám ou fustigação menos rigorosa que a flagelação.: a esta muitas vezes se seguia a morte; naquela se intentava principalmente a dor e a vergonha.
FUSTÁM – Vide fusta.
FUSTE – Parte da coluna entre o capitel e a base; Também; Cano, canhão ou pedaço de palha que alguns magistrados entregavam aos porteiros do seu auditório para com ele fazerem algumas citações, execuções, darem posses, etc. chamado por isso sinal do juiz.
FUY – Foi, na terceira pessoa do pretérito do verbo ir. 1312.
FUTRIQUEIRO – Individuo avarento; fona. (VB)
FYMENTO – Vide affimento. 1298. “E dessi, como se vay polo fymento acima, arredor do choussal sobre la carreira saynte da quintaá ad suso.

G

G – Na música denotava que se devia trinar a voz, fazendo na solfa com passos de garganta, a que chamamos hoje garganteios ou trinados.

GAAÇAR – Ganhar, adquirir. Ant.

GÁAÇOM – Ganhão, o que ganha o seu jornal, trabalhador, jornaleiro.

GAAINHARIA – Vide Gança.

GAANÇA – Vide Gança.

GAANÇAR – Ganhar.

GABAMENTOS – Palavras ou discursos, que o amor-próprio sabe tecer e dirigir em seu abono. XIV.

GABANÇO – Grande elogio, jactância. (VB)

GABAR – Cabbar (PA); Exaltar, engrandecer.

GABÃO – Abaon (PA); Gabão, capote com mangas e capuz que protege contra a chuva. (AA)

GABELA – Quebala (PA); Tributo, imposto. Também; Feixe de palha com espiga que o segador podia abarcar com as mãos, no acto de ceifar paveia de ervas secas. (VB)

GABELEIRO – Diz-se de cereal que, depois de ceifado e inchavelhado, fica alinhadamente estendido no restolho, a partir do qual se fazem os molhos. (VB)

GÁBIA – Escavação rodeando a videira para estrumar ou fazer mergulhia. (VB)

GACHA – Mão. (VB).

GADE – ritual de origem oriental praticado nos casamentos dos ciganos, em que uma sacerdotisa rompe o hímen da noiva com o dedo e limpa o sangue numa camisa que o noivo mostra aos convidados. (DH).

GADEA – Assim foi chamado o testamento nuncupativo, que sendo feito de palavra na presença de testemunhas, era reduzido a escritura pública na presença dos magistrados. A um tal testamento se chamou na ínfima latinidade wadium ou gladium. 1157.

GADEIRA – Cabra que acompanha o gado lanar, para fornecer ao pastor o leite que as ovelhas não dão. (VB)

GADES – Atual cidade de Cádis.

GADITANOS – Habitantes de Gades (Cádis) Espanha. Também; relativo a Gades (Cádis, na Espanha), cidade da Hispânia bética, ou o seu natural ou habitante. (DH).

GAÉLICO – relativo a ou próprio dos celtas da Grã-Bretanha ou Irlanda; grupo de línguas célticas do sub-ramo insular, faladas nas ilhas britânicas desde antes das conquistas romanas; goidélico [As línguas modernas desse grupo são o irlandês e o escocês.]. (DH).

GADO CASANDO – O que é miúdo e anda arrebanhado.

GADO DE VENTO – Nos forais do rei D. Manuel se encontra com muita frequência, um título do gado ao vento, determinando-se quantos dias deviam passar para se reputar perdido e a quem pertença. A força mesmo da palavra está dizendo que não é o mesmo gado do vento que gado invento ou achado, pois muito gado se acha que não anda perdido. Chama-se, pois, gado do vento o que, sem dono ou pastor anda vagando de uma para outra parte como folha arrebatada do vento ou mudando-se como o mesmo vento se muda, seguindo unicamente o instinto que o autor da natureza lhe imprimiu. Também; Gado que se encontrasse perdido, a monte sem dono nem pastor. (BV)

GADO FOLGADO – O que nascendo para o trabalho das cargas ou lavoura, actualmente não é empregue por seu dono nestes. E não se ocupa em mais que comer, estar de argola ou passear. 1510.

GADO VACARIL – Gado Vacum.

GAFAR – Gafar (PA); Pequeno tributo que os Christãos e Judeus do Oriente pagam aos Turcos debaixo de cujo domínio vivem. Duas qualidades de tributo há naquele país um certo e anual outro é acidental. O primeiro é pago de seis em seis meses e é de três modos e quantidades: os mais ricos pagam uma moeda de ouro por cabeça de varão em cada ano e esta em dois pagamentos: os remediados pagão três quartinhos e os mais pobres dezasseis tostões. O segundo tributo é pago nas estradas, isto é, na passagem de qualquer ponte à imitação da Barca de Sacavém. Cada passageiro paga 25 ou trinta reis da nossa moeda e isto sucede todas as vezes que passarem por qualquer ponte. Deriva-se do verbo "gafara", perdoar, remir, expiar a culpa ou o crime.
GAFARIA – Hospital de leprosos, lazareto. É pasmoso o número das gafarias que antigamente havia neste reino. Chamavam-se também Conventos ou Ordens de S. Lázaro que delas era o tutelar ou patrono, pois igualmente tinha sido leproso.
GAFERA OU GAFEIRA – Cafá (PA); certa moléstia que acomete os pés do gado. Daqui nasce o nome Gafarias.
GAFOS – Não só se tomava esta palavra pelos que estavam actualmente infecionados de lepra (que é um mal contagioso, originando de uma depravada sanguificação que corrompe o estado natural do corpo, rebelde à cura, e que, em grau genérico, convém com o gálico) mas também disseram gafos os mesmos leprosórios, lazaretos e hospitais em que os leprosos se curavam ou residiam. 1310.
GAINHARIA/GAÍNHARIA – Vide Gança.
GAIOLA – Prisão estreita. 1410. Também; Talvez seja os rótulos ou grades de madeira das antigas janelas e portas. (LV)
GAITADA – Dar uma gaitada, beber vinho. (VB)
GAIVA – (antigo) Cava ou fosso no castelo. (AA)
GAJAS – Soldada.
GAJO/GAJÃO – Gajo nem sempre é o matulão, sucio, tipo, finório, velhaco. É às vezes qualquer individuo de que se não cita o nome (homossexual); o mesmo que "coiso"; Gajão é o grande espertalhão. (LV).
GALA – Hella (PA); Vestido Rico.
GALA-FULA – Apressadamente, com sofreguidão. (VB)
GALAICOS – Enumerados entre os povos que delimitavam o flanco oriental da Lusitânia, tendo como vizinhos a este os Ástures e os Celtiberos. A designação Galaico era concedida à maior parte dos Lusitanos.
GALALIM – O mesmo que galarim. XVI.
GALAN – Galam (PA); Namorado, libidinoso.
GALÁPIOS – Dedos. (VB)
GALAZ – Nome próprio de homem, que hoje dizemos Gelásio.
GALÉ – Navio estreito, de bordo baixo, movido por velas e remos e muito usado nas operações militares por ser o mais veloz dos vários tipos de navios e o menos dependente do vento. (HS)
GALEAÇA – Grande Galé.
GALELO – Gomo de laranja.
GALDRAPA – porca excessivamente magra, pelancuda no ventre; mulher muito magra e alta. (DH).
GALHOFA – Baile (á noite). (VB). Também; Arte marcial tradicional Transmontana.
GALHUSTRO - Felpudo

GALILÉ – O pórtico ou alpendre de algum templo. Neles se sepultavam os nobres e benfeitores, enquanto o pavimento dos templos se não abriu a todos os fiéis sem distinção de pessoas.
GALINHA – Antiga moeda de cinco réis. (VB)
GALINHA/GALINHAÇO – Na acepção de "infortúnio, azar" (LV)
GALINHEIRO – Havia mordomos, galinheiros, a quem privativamente, pertencia a cobrança do foro das galinhas em própria espécie as quais se pagavam à coroa. E este verdadeiro sentido da palavra gallinarius que se acha em os nossos mais antigos documentos.
GALIOTE – O que servia de marinheiro nas armadas reais. Ao anadel-mor é que pertencia recrutar os galiotes, os quais eram tirados e escolhidos das vintenas do mar, que eram companhas de vinte homens cujo capataz se chamava vintaneiro por ter inspeção sobre vinte. Vide subricio.
GALLEE – Galé.
GALLINHA DE CANTEIRO – No foro desta galinha foi comutada a obrigação que alguns caseiros tinham de encanteirar ou dar canteiro, que hoje dizemos malhaes para assentar as pipas, cubas ou tonéis dos seus respectivos senhorios. XV.
GALLINHA DE CANTEYRO – Nesta, foi comutada a obrigação que alguns casais tinham de dar canteyros ou malhaes para assentar as pipas, cubas ou tonéis dos respectivos senhorios.
GALINHA DO AÇOR OU AZOR – Era o foro de uma galinha que alguns casais pagavam ao rei, ou fosse para ralé dos seus açores ou por comutação do açor, que estes casais deviam pagar ao rei.
GALLIZA – Deixadas várias divisões de província que houve em Espanha antes de Octaviano César Augusto é de saber que este a dividiu em três províncias, que foram; Tarraconense, Bética e Lusitana nas quais havia quatorze jurisdições, chancelarias, conventos jurídicos ou magistrados supremos a que concorriam as cidades circunvizinhas a procurar justa decisão nas suas cousas. Ver elucidário.
GALO – Rabanadas que o proprietário a quem se malhou o trigo distribui pelos malhadores (Barroso). (VB).
GALOS – Contar-lhe os galos, puxar-lhe a pixa (Lagoaça – Freixo de Espada à Cinta) (VB)
GALLO – Assim se chamavam, em algumas terras da província do Minho, a vela mais alta do candeeiro triangular, que se põe no ofício das trevas da Semana Santa.
GALLO (DIA DO) – Parece ser a Sexta-Feira Santa em que, depois da meia-noite, em que este dia se começa, repreendeu o galo a S. Pedro, como o seu divino mestre lhe havia dito; se não foi sábado santo dedicado às lagrimas de S. Pedro que, amargamente, as teve derramado, desde que se lembrou do que jesus cristo lhe tinha dito.
GAMAR – Chamar. "Nom poderdes medir o pam sem primeiro gamar o nosso mordomo".
GAMAR-SE - Chamar-se.
GAMBAIS – era uma túnica de tecido ou de cabedal, acolchoada com costuras verticais enchidas de algodão. Usada pelos árabes, aparece na Europa depois das primeiras Cruzadas. Certamente conhecida na Península Ibérica, dado o contínuo contacto com os mouros. E era geralmente usada sob a loriga. Os homens a pé usavam –no por vezes como única defesa. Será mudada em jaque. (CM).
GÂMIA – Diz-se de mulher que se atira com volúpia sobre um homem ou sobre uma coisa. (Fornos – Freixo de Espada à Cinta). (VB)

GANAPÉ – Antigamente teve este nome o plumaço ou cabeçal da cama; hoje conservado o nome de ganapé ou canapé, se lhes trocou o uso e o feitio.
GANAR – Adquirir, ganhar. Daqui ganado, adquirido, ganhando. 1305.
GANÇA/GAAINHARIA/GAANLA/GAINHARIA/GANHADEA/GANHADIA/GUAANHADEA/GUANÇA – Com toda esta variedade se escreveu; Interesse, lucro, ganho, emolumento, prescindindo de ser lícito ou ilícito, torpe ou honesto. Achamos com frequência em os documentos antes do século XVI.
GAANÇADA – Ganha, conquistada. Do latim Ganantiare.
GANAPO – Criança, Garoto. (VB)
GANCHA – Ancinho. Guloseima, feita de açúcar em rebuçado, que os rapazes, os namorados ou os esposos de Vila Real oferecem às suas eleitas, no Dia de São Brás, 2 de Fevereiro, como retribuição pelo bolo (pito) recebido destas, no dia de Santa Luzia, 13 de Dezembro. (VB)
GANÇAR – Ganhar, obter, alcançar, conseguir. Daqui se disse gança.
GANÇO – Ganho, lucro, interesse. Vide gançar.
GANDAIO – Individuo vadio galdério. Homem muito alto. (VB)
GÁNETA/GANÉTA – Gamela mui grande, redonda chata e abatida, do feitio da bandeja.
GANHADEA/GANHADÊA – Vide Gança.
GANHADIA – Vide Gança.
GANHADINEIRO – Trabalhador, jornaleiro, serviçal, obreiro.
GANHADINHEIRO – O mesmo que Gaaçom.
GANHAM – Pastor subalterno, moço do principal pastor, azagal. Vide Alganame.
GANHÃO - Homem que trabalhava na lavoura e na cava das terras. (CM)
GANHOTO – Pequena pedras rolada pelas águas. (VB)
GANIRRA – Mulher muito reles, desprezível. (VB)
GARABITO – Aldraba, Ferrolho, (VB)
GARAVANO – Balde de lata encabado num pau, para tirar água do poço. (VB)
GARÇOM – Moço, mancebo; Se toma garçom por mancebo desonesto e lascivo, pois não devia o alcaide nem seus homens entrar nem de dia, nem de noite, em casas de homem nem mulher de bem.
GARDA – Assim chamavam nos princípios do século XIII a cidade e bispado da Guarda. Os princípios de uma e outra por andarem até hoje um pouco esquecidos, merecem ser aqui, alguma coisa, mais elucidados. Ver elucidário.; Também; É bem presumir que destruída a Idanha pelos Serracenos, não faltariam os seus bispos titulares, posto que ainda ignoramos o lugar e sua residência. 897.
GARDA – CÓS/GUARDA-CÓS – Véstia, roupinhas ou casaca que apertava o corpo e o guardava. 1288. Também; Assim chamavam nos princípios do século XIII a cidade e bispado da Guarda. Os princípios de uma e outra por andarem até hoje um pouco esquecidos, merecem ser aqui, alguma coisa, mais elucidados. Ver elucidário.; Também; É bem presumir que destruída a Idanha pelos Serracenos, não faltariam os seus bispos titulares, posto que ainda ignoramos o lugar e sua residência. 897.
GARDANTE – O que guarda, observa e cumpre. 1444.
GARDINGO – Entre os Godos se chamavam gardingos os filhos da primeira nobreza, os quais serviam em palácio, até que a idade ou vacatura lhes desse lugar para o ducado ou condado. Também; Guarda-mor.
GARDUNHA/GARDUNIA – Teixugo, animal bem conhecido. 1126.

GARGANTA – "…Nom tenho mais aventuirado que esta garganta". Entenda-se «Eu nisto não arrisco senão a vida» (Viterbo).
GARGANTEIRO – Pessoa que gosta de se gabar; pessoa que fala muito e faz pouco. (VB)
GARGANTON – Animal muito veloz e que com a carne engole juntamente os ossos. No século XIV se chamava garganton o que era excessivo no comer ou beber.
GARGANTUÍCE – Gula, extraordinário apetite de comer.
GÁRGULA – Cano estreito por baixo dos beirais ou na cimalha das cornijas para receber as águas dos telhados.
GARITEIRO – O que dá casa de jogo.
GARITO – Casa de jogo, daqui gariteiro, o que a dá.
GARNIMENTO – Guarnição. 1359.
GARRABULHO – Garabulha, motim, embrulhada, confusão.
GARRAFADA – Beberagem; administração de um medicamento pela boca com auxílio de uma garrafa. (MC)
GARRANCHO/GARRUNCHO – Gadanho ou ancinho de três dentes para o mato. (LV)
GARRANO – Cavalo pequeno. Também; Velhaco, ordinário. (VB)
GARRIDICE – Desgarro, imodéstia, desonestidade, chocalhice.
GARRIDO – Lascivo, desonesto.
GARROA – na costa ocidental, vento forte de noroeste. (DH)
GARROCHA/S – Era uma arma de arremesso composta por uma haste de madeira e por um ferro farpado. (HS)
GARRUCHA - Acessório com que se armavam as bestas. (CM). Também; mecanismo composto de garras e roldanas, com que se armavam as bestas para retesar a corda. (DH).
GASALHADO – Bom acolhimento, bom trato.
GASNAR – Sátira acusatória também conhecida por pulha, em que um grupo de homens, à noite se coloca em diversos pontos da povoação, distantes uns dos outros, e com grandes funis vão contando em voz alta e disfarçada, dialogando entre si, as coisas grotescas e censuráveis que se passaram com quaisquer pessoas da terra. (VB)
GASNETE – Pescoço.
GASTAR – "…despois veendo que esto era com fame, por gastar." A fim de afligir, apoquentar.
GATA – máquina de guerra semelhante à catapulta; mastro de ré de veleiro de três ou mais mastros aparelhados à galera; verga de gávea que sustenta a vela gata no mastro de ré (mezena); âncora de um só braço, tipo almirantado, de cepo pequeno, dispondo de manilha na cruz e usada em amarrações fixas. (DH). Máquina de guerra, que consistia num artificio de madeira, travejado com grossos madeiros e conduzido sobre pequenas, mas reforçadas rodas, com o qual se chegavam os gastadores aos muros e torres, e as podiam picar a seu salvo. 1290. Também; Parede levantada acima do telhado para resguardar viveiros e pombais de vento frio (Trás-os-Montes)
GATESMA – Pequena corda que se prende às cabritas da serra para auxiliar o serrador. (LV)
GASTO – "Foi tamanho o gasto" – Falta.
GASVILADO – Unido, junto, associado.
GATA – máquina de guerra semelhante à catapulta; mastro de ré de veleiro de três ou mais mastros aparelhados à galera; verga de gávea que sustenta a vela gata no mastro de ré (mezena); âncora de um só braço, tipo almirantado, de cepo pequeno, dispondo

de manilha na cruz e usada em amarrações fixas. (DH). Máquina de guerra, que consistia num artificio de madeira, travejado com grossos madeiros e conduzido sobre pequenas, mas reforçadas rodas, com o qual se chegavam os gastadores aos muros e torres, e as podiam picar a seu salvo. 1290. Também; Parede levantada acima do telhado para resguardar viveiros e pombais de vento frio (Trás-os-Montes).

O Meestre hordenou emtom de os combater; e mãdou fazer um artificio de madeira que chamam gata; que, como huua baixa cava que estomce o Castello tiinha fosse cheia, pudesse hir picar o muro e emtrar demtro. E diziam os de fora aos de castello, que o dessem. E diziam os de fora aos do castello que o dessem ao Meestre seu Senhor, senom que juravõ a Deos que poeriam em çima da gata Costança Affonso madre d'Affonso Eanes Nogueira, e irmãa da molher de Martim Affonso, Alcaide do Castello. "Crónica de D. João I, Fernão Lopes, Vol. I cap, XLI.

A "Gata" mais não era do que um abrigo destinado a proteger as operações exteriores de sapa. Basicamente era um reduto feito por grandes pranchões cobertos por vimes, coiros de boi cru e lama cuja função era evitar que os combatentes fossem atingidos pelos projécteis vindos do alto ou por engenhos incendiários.

Geralmente o arriete, um enorme tronco que terminava numa ponta de ferro destinado a bater insistentemente a base dos muros, operava quase sempre debaixo de uma gata. O presente modelo dá-nos uma imagem á escala de um ariete operando sob uma gata

.

Engenho de guerra de assalto,
propriedade da Associação Terras Quentes

GATENHO – Infrutuoso, estéril, de monte ou pousio. Acha-se nos prazos antigos.

GATO – Cátten (PA); Animal doméstico. É voz Arábica, não obstante o quererem alguns que seja latino bárbaro "Cattus"

GATOS MEIMOENS – Os de algália.

GATÚM – Manto, gatúm, talvez forrado de pele de gato. Vide exendre.

GAUDELA/GAUDELAE – Gouveia, nome de terra.

GAYOLA – No livro das posturas da Câmara de Coimbra se acha o regimento de como se há-de ordenar a procissão do Corpo de Deus. Usa da palavra gayola que parece ser charola, andor ou tabernáculo aberto em que ia o santíssimo sacramento.

GAVANÇA/GABANÇA/GAVANELA/GAVARRISTA – Gavança é a; "vaidade, orgulho, presunção" – mas o que elle vae é lindo. Podes ter essa gavança, mulher!" Em Bragança gavanela ou gavarrista é o "Jactancioso, gabarola, presunçoso". (LV)

GAZELLA – E de pele… de cervos, corças, gamos, gazelas, e das semelhantes em cabelo, isto é, por curtir., foral de lisboa 1500.

GAZÚ/GAZU – Carnagem, matança, segundo alguns. Neste sentido é o efeito da gazua, a qual é ajuntamento da tropa ou doi exército. Hoje, entre os árabes, corresponde a gazûa à nossa cruzada: é o acto de convocar a gente para a guerra, que se faz em defesa da religião.

GAZÚA – Ajuntamento da tropa para defender a religião. Também; Gazua (PA); O acto de convocar a gente para a guerra que se faz em defesa da Religião. Também significa em geral qualquer expedição e corresponde à nossa cruzada. *"Mandou os seus Alfaquis apregoar gazua contra os portugueses*". Crónica de Cister Tomo I pág 120.
GE – Se. E dahi ge vai, isto é, se vai.
GEGELADO – Vide, Agegelado.
GEIRA – Havia jeira de campo e jeira de vinha; esta, segundo o tombo de Vilarinho, devia constar de cinquenta homens de cava e a esta chamavam jeira inteira, à diferença de meia jeira que só levava 25 homens, Segundo o tombo de Paderne uma jeira de campo deveria levar quatro alqueires de centeio de semeadura. Vide Lavor. Também; Tem doze varas craveiras ou aguilhadas de largo e 60 de comprido. E cada vara tem doze palmos e meio; o mesmo é vara que aguilhada.
GEIROM/GEIRÓM – O lavrador ou enfiteuta que paga jeiras. 1434. Também; O que paga jeiras.
GEITAR – Lançar-se, aposentar-se, fazer assento ou residência. Também; Lançar, enterrar, sepultar.
GEITAR-SE – Lançar-se, aposentar-se, fazer assento ou residência.
GÉMEA DE TALHOS DE MARINHA – São sessenta e quatro talhos, o que chamam uma gêmea em um prazo antigo, documento do Convento da Serra do Porto.
GEMER – Ressumar, transudar, verter pelas juntas (uma vasilha) - …as vasilhas que tem vinho começam a verter (a gemer, como dizem). (LV).
GEMIAR – Partir ao meio, cortar em duas partes iguais. (LV).
GENEALOGIA – estudo que tem por objeto estabelecer a origem de um indivíduo ou de uma família; exposição cronológica, geralmente em forma de diagrama, da filiação de um indivíduo ou da origem e ramificações de uma família; série de dados que compõem a história do desenvolvimento de um ramo qualquer da atividade humana; procedência, origem: em Nietzsche (1844-1900) e Foucault (1926-1984), investigação da história com o objetivo de identificar as relações de poder que deram origem a ideias, valores ou crenças. (DH).
GENER – Abundar, crescer, trasbordar.
GENESIM – Assim chamavam os Judeus que em Portugal se permitiam a cedeira ou aula em que se liam e explicavam pelos seus rabinos os cinco livros de Moisés, dos quais o primeiro era o Génesis.
GENOES – genovês. (AA).
GENOMA – conjunto haplóide de cromossomos característico de cada espécie; conjunto de todos os genes de uma espécie de ser vivo; conjunto de todas as moléculas de ADN presentes em uma célula de determinada espécie de ser vivo. (DH)
GENÓMICA – estudo da organização e da função dos genomas. (DH).
GENONOMIA – estudo das características e relações genéticas entre famílias que compõem uma espécie. (DH)
GENTES DO CONCELHO – Não era gente nobre. (HS)
GENTIIS – "E se contavam em louvor dos Romãos sendo gentiis" – Pagãos.
GENTIL – Moeda de ouro e muito miúda que de quatro espécies fez lavrar D. Fernando. A primeira que se dizia hum ponto, valia quatro livras (libras) e meia, que são 162 réis; a segunda, que se dizia dois pontos, valia quatro livras que são 144 réis; a terceira valia três livras e meia que são 126 réis; a quarta três livras e cinco soldos que são 116 réis. As livras antigas valiam 36 réis, logo estas não eram antigas.

GEOECOLOGIA – estudo das paisagens, consideradas como o suporte dos ecossistemas naturais e culturais; ciência que trata das relações entre a biosfera e a antroposfera (que inclui a superfície terrestre). (DH)
GEOLHOS – "E ficados os geolhos em terra" – Postos os Joelhos em terra.
GEORAL – No seu testamento de 1278 diz. D. Sancha Pires: Mando… um vazo de prata a minha filha e hum georaal de prata. Georaal se chamou certo ornamento que as senhoras traziam ao pescoço, ordinariamente de prata, cravado de pedras finas. Se isto não era podemos suspeitar seria gomil ou jarro de prata.
GERAÇÃO (DE) – De qualidade, casta ou natureza.
GERAÇOENS – Invenções, descobrimentos novos de várias cousas, assim no físico como no moral.
GERAL – General, Capitão.
GERALDO SEM PAVOR – Em 2 de dezembro Geraldo Sem Pavor e os cavaleiros de Santarém tomaram Beja de surpresa. Nos anos seguintes o bando de Geraldo formado por moçárabes e dissidentes, prosseguiu o assalto a outra cidades: Trujillo e Évora em 1165, Cáceres, Montanches, Serpa e Juromenha, em 1166. Geraldo vendeu Évora a Afonso Henriques, e em 1168 entrou em Badajoz e chamou o rei de Portugal. Cercaram a alcáçova, mas Fernando de Leão veio em socorro dos seus aliados muçulmanos. Na fuga o Rei Afonso bateu com a perna do ferrolho da porta da cidade e foi capturado na aldeia do Caia por Fernando de Leão, seu genro. Pouco depois Geraldo; o "infiel" e "renegado" na designação das fontes árabes, mudou de campo e entrou em Sevilha ao serviço doa Almóadas. Pouco confiantes, embarcaram-no para Marrocos com os seus duzentos guerreiros. E quando lhe apanharam uma carta, dirigida a Afonso Henriques, incitando-o a desembarcar em Salé, os Almóadas cortaram-lhe a cabeça em Drá.
GERASENO – relativo à antiga cidade de Gérasa, na Palestina, ou o seu habitante. (DH)
GLOSA – anotação entre as linhas ou na margem de um texto para explicar o sentido de uma palavra ou esclarecer uma passagem obscura; observação crítica ao comportamento ou ao trabalho de alguém; parecer contrário, desaprovação, censura; (DH)
GERMAHO – Irmão, filho do mesmo pai e mãe.1288.
GERMAIA – Irmã, Vem do latim Germaho.
GERMAYVILMENTE – Irmãmente. Vide Germaho.
GERMEIDADE/GERMEYDADE – Irmandade, sociedade. Vem do latim germanitas. 1317; Daqui se vê que os filhos dos mesmos pais tinham obrigações de pagar cada um por si quinze libras anualmente.
GERMEYMENTE/GREYMEYMENTE/GREMEYMENTE – Irmãmente, em boa sociedade. 1299.
GERMIDADE – Parentela, irmandade. 1321.
GHURGO – Jorge, nome de homem; Vide. Quebrada.
GIANE – João. Sangiane Baptista. XIII.
Giba – Cada uma das duas faces secundárias da Lua, entre os quartos e o novilúnio. (VB)
GIBANETE /JIBANETE/JUBANETE – Pequeno gibão de aço ou ferro. 1485.
GIBÂO – Vestidura antiga que cobria os homens desde o pescoço à cintura. Também; "*Ele (o conde Andeiro) jazia vestido e atacado em um gibão de cetim vermelho e uma tabarda de fino pano preto com alhetas e mangas*" - Peça de vestuário que cobria o tronco e era moda usar muito cingido ao corpo (atacado); tabarda, espécie de pequena

capa que se vestia sobre o gibão e era aberta de um dos lados; alhetas; debruns ou guarnições de pele ou de tecidos de cores.
GIBITEIRO – Oficial, que fazia gibanetes, gibões e vestidos d'armas saias de malha, etc.
GIBRALTAR – Jabaltarik (PA); Praça-forte na boca do estreito sobre o mediterrâneo. Tomou o nome do general. Tarik Bem Zarca (Tariq filho de Azulada, apelido da sua família). É composto este nome de "jabál, o monte e de Tarik, nome do general que por corrupção lhe tiraram a última silaba Ik e ficou-se chamando Gibraltar e pelos Europeus Gibaltar.
GIGANTE – Plaina grande de carpinteiro. (LV)
GILLONARIO – No código visigótico, se nomeiam os gillonarios entre os servos fiscais. O Fuero Juzgo traduziu gillonarios; los que mandan los rapazes que é o mesmo que alcaide de los donzelos. Porém há quem afirme serem gillonariorum praefecti, os queos nossos maiores disseram scançoens e os italianos gran- bottiglieri.
GINDI – Gendi (PA); O soldado. Os Gindis na Índia são como os nossos soldados auxiliares, deriva-se do verbo "janada" que na segunda conjugação é ajuntar, coligir gente para o exército.
GINETE – Cavalo de raça pequena.
GINGUIZ-KAN – Gengiz-Kan (PA); Voz pérsica, Rei dos Reis. É nome de um soberano nascido em Delium no ano de 1154 da era Cristã o qual conquistou a Tartaria, Mogol, Persia e grande parte da Moscovia.
GIOLHO – Joelho. (FL)
GIRÃO DA TERRA – Parece ser um pequeno pedaço de terra. XV.
GIRIGOTA – Bonita, engraçada. (VB)
GIROM/JIROM – Aba ou roda do vestido.
GISADO – Ocasião, tempo, vagar. 1284.
GLÍPTICA – Arte de gravar as pedras finas (por incisão ou relevo – camafeu) e os cunhos destinados a moedas e medalhas. É uma arte de qualidade ma Grécia e Roma, retomada no século XVIO em Itália e hoje quase abandonada. Os Gregos chamam Diaglíptica a gravura incisa e Anaglíptica e gravura em baixo-relevo. A coralina, a ágata, o jaspe e a calcedónia são as pedras que melhor se prestam a este trabalho executado com auxílio de um torno. (AA)
GLIPTOTECA – Sector de museu onde se guardam as coleções de pedras gravadas, com esculturas em alto ou baixo-relevo É célebre a de Munique de Leo von Klenze, mandada construir por Luís I da Baviera. Por extensão: museu de escultura. (AA)
GOARAZEL – Vide Corazil.
GOARIDA – Vide Guarida.
GODALHA – Cabra nova e irrequieta; rapariga leviana. (VB)
GOIVO – Contentamento, prazer, alegria. XIV.
GOLIARDO – Assim foi chamado o clérigo que costumava almoçar, jantar, merendar ou beber na taberna; Também, lograram o mesmo nome os que não eram clérigos, mas tinham os ditos costumes. Vide Jogral e Refião.
GOMAÇÃO/GOMADA – Gomação são os primeiros rebentos de uma árvore… "Quando as árvores estão a deitar a gomação nova".
GOMIA – Selba (PA); Arma de arremesso ou espécie de faca de mato.
GOMIL – Jarro de boca estreita para água. Em Bragança é um jarro para qualquer líquido. (LV).
GORAZIL – Vide Corazil.

GORECER – Curar. Ocorre com guarecer.
GORDUFO – O mesmo que gorducho.
GORGILIM – Peça d'armas brancas com que se defende o pescoço. Na baixa latinidade se disse gorgeria. Hoje se diz gorjal ou Gorgueira. Vide bésta de garrucha.
GORIR - Curar
GORJA – (do fr. Gorge) Garganta.
GORJAL – Parte da armadura que cobre a garganta.
GOTA – Gut (PA); voz pérsica, Moléstia ou mal que acomete as mãos e pés. Os Árabes lhe chamam "najaâ el meluk" moléstia ou mal dos Reis.
GÓTICO – Estilo artístico que sucedeu ao românico, cerca de meados do século XII. Caracteriza-se nomeadamente, pelo emprego do arco em ogiva, que substitui o arco de volta inteira, e pelo cruzamento de ogivas. Também; Etimologicamente, significa o que é próprio dos Godos, isto é, Bárbaro. O termo aplica-se à arte europeia que sucede ao românico, a partir do fim do século XII e que dura até ao final do século XV. (AA)
GOUVECER – Gozar, aproveitar-se, usar. 1419.
GOUVER – Jazer, estar, residir; o mesmo que o verbo jouver. 1356.
GOUVIR – Gozar, desfrutar, utilizar-se de alguma cousa.
GOVENCO – Bezerro, novilho. 1150.
GOVERNADO – Apaniguado, criado, moço da família. Também; Apaniguado, criado, moço. *Todo o homem que com Senhor viver, quer por soldada,* quer a bem fazer. (CM)
GOVERNADOR DE HUMA IGREJA – Assim se chamavam os padroeiros e também os fregueses de uma igreja porque todos eram ouvidos em os negócios e cousas que lhe pertenciam. E também porque muitas igrejas tinham sido fundações dos mesmos fregueses ou seus antepassados. Ainda nos princípios do século XIV, há disto muitos documentos. Vide décimas, Defensores e Padrom.
GOVERNALHO – O leme com que a nau ou qualquer outra embarcação se governa. Também o governo. Vem do latim gubernaculum, gubernicum ou gubernum.
GOVERNANÇA – Também se tomou por mantimento, ração e tudo o que vem debaixo do nome de sustento ou munições de boca. Também se usa governado por alimentado, assistido e municiado com o necessário para a vida e mantenança. "A nenhuma pessoa se dê governança, senão não uma vez no dia – Crónica de D. Duarte.
GOVERNAR – Manter, sustentar. 1317.
GOVERNELLO/GOVERNÊLLO – Mantimento, sustento, mantença. Inquirição D. Dinis de 1307.
GOVERNO – As meretrizes dão o nome de Governo ao amante que representa para ellas uma conveniência de momento. (LV).
GRAADAMENTE – Generosamente (NAP)
GRAADEZ – Liberalidade, grandeza no dar (de graado). (HS)
GRACIR – Agradecer o benefício, favor, ajuda ou mercê que se tem recebido. Também o mesmo que Gratir.
GRADAÇÃO (MF)
Consiste numa sequência de palavras que se encadeiam numa progressão de sentido crescente ou decrescente.
GRADEZA/GRAADEZA – Generosidade.
GRADO – Amável, generoso; Vontade, Satisfação, prazer, consentimento. Também; O prémio ou galardão, que consistia nalguma rica peça que, nas justas, torneios ou

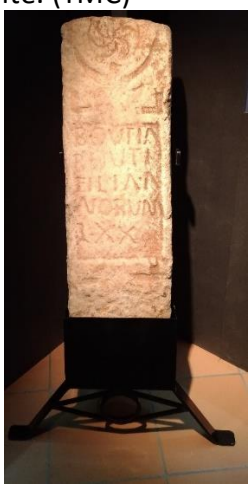
cavalhadas se propunha e ganhava quem nelas saía vencedor. Também; Adj. Agradecido, do latino gratus.
GRADURA – Designação genérica dos legumes em grão; feijão frade. (MC)
GRAÍNHA – O porco tinha em vida a cisticercose, vulgarmente chamada chaveira, lazaria ou grainha. (LV)
GRALHADA – Grande barulho.
GRALHEIRA – Falácia, vozaria, gralhada na Beira Alta. (LV)
GRAM – Grande; pessoa de elevada categoria social (NAP)
GRAMAIDADE – o mesmo que germaidade; Carta de filiação de Almoster a Claraval em 1287. E quer dizer que estes mosteiros com os mais de Cister poderiam usar de todos os bens, heranças, doações ou dotes que às religiosas sorores ou irmãs pertencessem.
GRAMATEGO – Versado na gramática de alguma língua ou dialecto, gramático. 1444.
GRAMINHO/GRAMINHAR – Graminho não é só instrumento de carpinteiro e marceneiro, mas também de serralheiro. (LV).
GRANADA – Granada incendiária, cronologia séculos XII/XIII; Síntese histórica: "Esses vasos normalmente possuíam pescoço curto, abertura estreita, base cônica, corpo esferoidal e podiam chegar a 20 cm de diâmetro. A posição da sua boca facilitava o acesso ao seu conteúdo. Análise de traços residuais do conteúdo de vasos cerâmicos, encontrados no Oriente Médio, sugere que eles continham explosivos e possivelmente eram usados como granadas medievais. As diversas técnicas de fabricação e contorno sugerem que esses vasilhames foram utilizados para uma ampla gama de funções e conteúdos. Eles apresentam vários estilos de decoração, desde padrões geométricos simples a imagens complexas, mas alguns são completamente lisos. Os cacos, datados entre os séculos XI e XII, derivam de quatro pequenos vasos Esfero-cônicos com paredes grossas, recuperados de uma área de demolição. Os resíduos foram analisados através de microscopia de luz, caracterização bioquímica, espectroscopia de massa por cromatografia gasosa, espectroscopia de emissão atómica de plasma acoplado indutivamente e espectrometria de fluorescência atómica de vapor frio. Os pesquisadores identificaram a presença de vários compostos, incluindo ácidos graxos, níveis notáveis de mercúrio, enxofre, alumínio, potássio, magnésio, nitratos e fósforo. Os conteúdos e as prováveis funções dos quatro vasos foram identificados como distintos, segundo os resíduos nos cacos, as diferentes decoração, os métodos de fabricação e as tipologias cerâmicas. Segundo o professor Matheson, que analisou os quatros fragmentos de Granadas medievais da época das Cruzadas descobertas em Jerusalém apesar de a análise de resíduos da maioria dos vasos estar consistente com as pesquisas anteriores, algo novo foi descoberto neste último vaso. Se for confirmado que este recipiente continha um material explosivo, esta será uma evidência para a controversa lenda das granadas medievais, supostamente desenvolvidas por povos locais e utilizadas contra os cruzados nessa época. Matheson explica que essas granadas primitivas são relatadas em várias passagens do tempo das Cruzadas como artefactos que, quando lançados contra as fortalezas dos cruzados, produziam estrondos e flashes de luz. Alguns relatos dessa época chegaram a atribuir esses efeitos audiovisuais a "poderes mágicos" invocados por guerreiros locais.
Algumas pesquisas defendem que esses "vasos bélicos" contivessem pólvora negra, um explosivo inventado na China antiga, mas introduzido no Oriente Médio e na Europa no século XIII**.** Esta hipótese defende que a pólvora negra pode ter chegado ao Oriente Médio mais cedo, provavelmente entre os séculos IX e XI"**.** In,

https://cienciamundo.com/granadas-medievais-da-epoca-das-cruzadas-descobertas-em-jerusalem .

Espólio da Associação Terras Quentes

GRANCHA – Vide granja.
GRANDE LICENÇA – Atrevimento, ousadia.
GRANDEMENTE – Faustosamente. (NAP)
GRANJA – Não era desconhecida em Portugal esta palavra quando os religiosos de Cister entraram neste reino. Porém foi muito trivial depois de eles começarem a ter casais e terras; umas que eles cultivavam eles próprios e outras por seus caseiros ou colonos.
GRANGERIA – Lavoura, granjeio, cultura.
GRANHEIRA – Palha comprida enterlaçada que serve para atar o molho de trigo; nagalheira; vencelheira. (VB)
GRANSOLLA – Gralhada, sussurro, falatório, murmurinho confuso de gente, que de noite vigia ou já vai despertando do sono.
GRATIR – Agradecer. Gratir-vo-lo-hei; Eu vo-lo agradecerei.
GRAVADOR - Caelator, anaglyptarius (CM)
GRAVATA – Pau pendurado no pescoço do cão que se-lhe metendo no meio das patas ao andar ou correr, o impede de se distanciar demasiado do caçador. (VB)
GRAVAYA – Vestido. Veja-se a pragmática de D. Afonso IV sobre o modo de vestir, mesa e comitiva dos grandes; do ano de 1340.
GRAVE – Moeda de prata, pouco menor que um meio tostão. Tem no anverso um F antigo (metido num escudos que representa R grande) a primeira letra de D. Fernando que a mandou lavrar, sobre o F tem uma coroa; de um e de outro lado do escudo está uma cruz de milícia de cristo e de baixo um M; ao escudo e F atravessa um arremessão com um pendão na ponta. A letra da orla diz; Si Dominus miki adjutor. No reverso tem um escudo de cinco quinas metido entre quatro castelos com a legenda Fernandus rex portug. Valiam 21 réis dos de agora de seis ceitis. Também; Custoso, penoso.
GREB -Jauareba (PA); Soco, espécie de calçado, Grebas ou grevas são botas ou polainas de ferro de que se usava antigamente na guerra.
GRECISCO – Bordadura preciosa que se fazia na Grécia donde se levava a toda a Europa e de que muito se usou em Espanha, segundo os nossos documentos até ao século XIII; Também se chamou grecisco o pano de cor-gris. Vide Grizisco.
GREYMEIMENTE – Vide Germeimente.
GREMEYMENTE – Vide Germeimente.
GREMIAL – Veste episcopal (para cobrir os joelhos)

GREYMEYMENTE – Vide Germeimente.
GRIDA – Gritaria, clamor. Do verbo gridar; gritar, dar vozes de alarido.
GRIDAR – Gritar, clamor, dar vozes de alarido.
GRIJÓ – Ou Igrejó. Assim se chamavam a uma pequena igreja ou de poucos fregueses ou de insignificantes edifícios e que em latim se dizia ecclesiola. Daqui veio o nome ao celebrado mosteiro de Grijó, que principiou em uma limitada igreja e quase insignificante ermida. 1155. Também; GRIJÓ – Topónimo referente á freguesia do concelho de Macedo de Cavaleiros, referenciado na base de dados do IPA, como de valor arqueológico, retirando-se dessa base a seguinte informação: Designação: Grijó de Vale Benfeito. Tipo de Sítio: Achado isolado. Período: Romano. CNS: 17277. Localização: Grijó de Vale Benfeito. Descrição: Estela funerária, embutida em vão, em posição horizontal, por debaixo de uma janela de uma das antigas casas da família Sá Miranda, na aldeia de Grijó de Vale Benfeito. A parte superior da estela encontra-se parcialmente tapada pela parede não sendo possível observar na totalidade a sua decoração, que apresenta uma roda de raios curvos. O campo epigráfico é totalmente visível, com a inscrição bem conservada, que se lê, de acordo com a bibliografia: BOVTIA/BOVTI/ FILIA A/NORVM/LXX. Já não existe memória sobre a origem desta inscrição, mas poderá provir do sítio romano da Mêda, nesta mesma freguesia que é actualmente o sítio romano conhecido mais próximo de Grijó. – Grijó; grejo; igrejinha; igrejó; (verso popular, local)" St António que estás só, deixa-me molhar o pão no teu grijó" neste caso grijó, refere-se a lamparina de azeite. (TMC)



Estela oferecida pelo Associado (fundador) Dr. Alexandre Carvalho Neto, infelizmente já falecido, à Associação "Terras Quentes"

GRINCHA – Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.494) como de interesse arqueológico, contudo não foi encontrado na busca às fichas do registo de cadastro da freguesia de Ferreira. (TMC)
GRISES – Item de carga de peles de coelhos, de martas, arminhos, raposas, grises, cordeiros, etc., de que se usavam para forros e também algumas vezes para vestidos a que chamavam pelliças ou pellicas. No original em vez de grise e grises está grisês, do foral de lisboa 1500.
GRIZISCO/GRECISCO – Vestidos, roupas, cortinados, véus e outras quais peças feitas de pano ou seda de cor leonada ou cinzenta, a que ainda hoje se chama cor gris.
GROMA – Festarola; pândega. (VB)
GRÓS – Vender a grós, por junto, por grosso e não a retalho.

GROSADOR - Murmurador
GROSSA – Maledicência, murmuração.
GROSSADO – Glossado ou entrelinhado, metendo algumas palavras de premeio, como se faz nas glosas. 1295.
GROSSAMENTO – Glossa, entrelinha ou qualquer adição, ou alteração na escrita, que possa causar alguma dúvida ou suspeita na legitimidade da escritura. 1468.
GROSSO – Moeda da prata fina e pura, que tinha o mesmo valor que o real de prata até o de 1489. Também; fértil, produtivo. Também; Gordo (NAP)
GROSSURA – Fertilidade.
GRUADOR – Adivinho, supersticioso, feiticeiro. Acha-se em documentos de Espanha.
GRUARIA – Casal, que se pagava o foro de gruim.
GRUDAR – Iludir; lograr. (VB)
GUALDRAPA – Mulher pequena e vivaça; mulher ordinária. (VB)
GRUIM – Tromba ou focinho do porco – Grão que verte ou derrama e que ordinariamente comem os porcos. Também; Se chamou gruin o pão que se verte ou espalha na eira na ocasião que se mede e faz conduzir à tulha ou celeiro, o qual chamaram os ínfimos latinos gruinum e groinum, porque ordinariamente o comem os porcos.
GRUMO/GRUMAR – Grumo é o rebentão das árvores. Diz-se que estão a grumar, quando aparecem os primeiros rebentos., no Minho. (LV)
GUAANHADEA/GUAANHADÊA – Vide Gança.
GUADAMECIM -1) Espécie de tapeçaria de couro pintado e dourado. 2) Calçado mole em couro ou tecido que cobria as bragas. (AA)
GUADIANA -Uadiana (PA); Rio de Espanha que depois de atravessar aquele reino se mete em portugal e vai desembocar no oceano. É composto de wad rio e de yána nome do mesmo rio e não de guadiana. A letra G que este e mais nomes tem no princípio é de mais porque os Árabes o escrevem e pronunciam “Uéd” e não gued.
GUALTEIRA – Carapuça.
GUANÇA – Vide Gança.
GUANTE – Luva de ferro que fazia parte da armadura.
GUARDA/CÓS – Vide Garda-cós.
GUARDA/REPOSTA – O que tinha a seu cargo os doces e pósteres para a mesa real. Parece corresponder ao latino reposita servans. No foral de santa cruz da Vilariça 1225.
GUARDAR – Evitar (NAP)
GUARDAS DO NORTE – As duas ursas polares.
GUARDIANIA – Cargo de guardião.
GUARECER/GUARESCER – Do princípio usam os nossos melhores autores da língua portuguesa no sentido de convalescer, cobrar saúde, sarar, avultar, refazer-se de algum dano; Escapar, refugiar-se, amparar-se, defender-se.
GUARIDA/GOARIDA – Fazer guarida: conviver, estar na companhia de alguém.
GUAIVA (antigo) – Fosso de Castelo. Cava.
GUAI/GUAY/GUAYS – (interjeição antiga): aí! Interjeição de dor e sentimento.
GUARNIDAS – Ornadas, guarnecidas.
GUARNIMENTO – Ornamento.
GUARNIR – Prover do necessário, munir, ornar.
GUAYAR – Cantar em estilo de lamentação (diz Morais) (LV)
GUAZEL – Vide Corazil.

GUÇA – Fervor, actividade, pressa, diligência. Vide aguça.
GUERRA GUERREADA – Diferia da batalha campal, em que esta decidia por uma vez; aquela, porém repetia as hostilidades por muitos choques e escaramuças, mortes roubos e cativeiros.
GURREJON – Guerra e guerras sem consequências, impertinentes de nenhuma importância, sem utilidade alguma e só próprias para consumir o dinheiro e afligir a nação.
GUETE – Instrumento público, pela qual o Judeu se desquitava de sua mulher, se esta por um ano permanecia no judaísmo, sem querer abraçar com o seu marido a lei de Jesus Cristo.
GUIÃO – Gaiom (PA); Bandeira.
GUISA – Maneira; Modo, forma. Ainda os bons autores se não esqueceram inteiramente desta palavra antiga que correspondia ao latim ita, ut taliter, tali modo. V.g. Per tal guisa; de tal guisa; em guisa etc. Também; Ordem ou qualidade de cavalleiros a que chamavam guisados ou aguisados, por estarem sempre aptos e prestes com armas e cavalos para a guerra e todo o serviço real; tomada metáfora das iguarias guisadas, que estão prontas e dispostas a serem comidas, sem demora. E daqui se disse guisamento, todo o preparo para a celebração do santo sacrifício do altar, como paramentos, hóstias, vinho, cera, etc.,
GUISAMENTOS – Alfaias da Igreja.
GUISAR – Permitir (NAP); Preparar; Arranjar; Proporcionar. Aprontar. XIV.
GUISAVA – "Como o Mestre se guisava per ir a Inglaterra" Preparava.
GUITARRA – Quitdra (PA); Instrumento músical de cordas.
GUIAMENTO – Servir a alguém de guiamento é servir-lhe de guia, condutor, mestre, director, guiando-o e conduzindo-o pelo caminho mais seguro ao fim de que se pretende.
GUIDIMTESTA – Era o nome antigo do território em que se fundou o castelo de Belver.
GUIDIMTÉSTA – Assim se chamava o dilatado terreno que Sancho I concedeu a Afonso Pais, prior da Ordem do hospital neste reino em 13 de Junho de 1194, para ali fazer um castelo, com o nome de Belveer.
GUINADA – Salto, investida. Neste sentido usou desta palavra João de Barros. Hoje se toma por fúria ou frenesi. O que vulgo se diz: inguinaçoens é corrupção de indignaçoens. Estar indignado, o mesmo que ira, raiva ou colérico, furioso, iracundo e desejoso de tomar vingança.
GUINDE – Taça, copo, vaso de aro, quase figura das nossas caldeirinhas de água benta, feita de couro, pau, metal, etc.,
GUISA – Maneira; Modo, forma. Ainda os bons autores se não esqueceram inteiramente desta palavra antiga que correspondia ao latim ita, ut taliter, tali modo. V.g. Per tal guisa; de tal guisa; em guisa etc. Também; Ordem ou qualidade de cavalleiros a que chamavam guisados ou aguisados, por estarem sempre aptos e prestes com armas e cavalos para a guerra e todo o serviço real; tomada metáfora das iguarias guisadas, que estão prontas e dispostas a serem comidas, sem demora. E daqui se disse guisamento, todo o preparo para a celebração do santo sacrifício do altar, como paramentos, hóstias, vinho, cera, etc.,
GUISADO – Posses, modo, maneira para fazer alguma cousa.
GUISAMENTO – O aviamento e preparo para qualquer cousa se fazer. Vide guisa e fronteira.

GUISAR – Preparar; Arranjar; Proporcionar. Aprontar. XIV.
GUINDAREZA - (no texto; guindaresa): cabo que servia para trabalhar os guindastes antigos, feitos com rodas de madeira. (CM)
GULAIMAR – Beber e comer muito. (VB)
GULHERITE – Sopa de pão com azeite, alho, vinagre, tomate, etc.; gaspacho. (VB)
GUOARDA – Guarda (NAP)
GUORAZEL – Vide corazil.
GUR – O mesmo que Jur. 1282.
GURGUZ – Em uma carta de D. Afonso V para a Câmara do Porto, 1474 se diz: Ancoras, bombardas, pólvora, mastros, vergas, lanças d'armas, guarguzes e quaisquer outras cousas que sejam necessárias pera fazimento das ditas náaos. Eram, pois, os gorguzes, dardos virotões, quadrelos ou armas de arremesso que se despediam ou atiravam com grandes béstas à diferença das setas. Que se atiravam com arco. Também; GURGUZ/GURGUZES -Dardos, virotões, quadrelos ou armas de arremesso, cujo lançamento se fazia por meio de grandes bestas, à diferença das setas, que se atiravam com arcos. (CM)

H

H - Na música assim como na escrita, nada mais era que uma nota de aspiração.

HÁ BEM HÁ – Há muito tempo. (VB)

HABENENCIA – Concerto, composição, ajuste. É mais espanhol que português.

HADES – Mansão dos mortos (ET)

HAGNICIO – Vide Annicio.

HANSA - na Idade Média, em certos países europeus, associação constituída por negociantes, ou liga de cidades animadas por intenso tráfico mercantil. (DH)

HANSEÁTICO – relativo a hansa. (DH)

HÃO POR ESCÁRNIO – Não levam a sério. (HS).

HAPLÓIDE – que possui um único conjunto completo de cromossomos, como é característico dos gametas; monoplóide. (DH)

HARMALE – Harmal (PA); A arruda silvestre. Erva com que o Árabes se esfregão para afugentar os espíritos malignos

HARPAR – Talvez arpoar (LV)

HAVER ALGUMA MOÇA DE VIRGINDADE – Corromper, violar alguma donzela, ou seja, por força ou por sua livre vontade.

HAZ – Batalha ordenada, exército posto em campo. Esta palavra é mais castelhana que portuguesa.

HAGIASTÉRIO – A secção das primitivas igrejas cristãs latinas, onde o clero oficiava. (AA).

HAGIOGRAFIA – Biografia religiosa: Actos dos Mártires, Vida dos Santos. Deve-se a um Jesuíta flamengo no século XVII.

HEBRAICO – relativo aos hebreus ou indivíduo dos hebreus; hebreu; diz-se de ou língua da família semítica falada pelos hebreus, na qual foi escrito quase todo o Velho Testamento (a Bíblia dos hebreus), e que, no séc. XIX, após transformações históricas, ressurgiu com o movimento sionista e tornou-se língua oficial do Estado de Israel; hebreu. (DH).

HEBRAÍSMO - movimento deflagrado no séc. XVIII em prol da prática intensiva e do uso literário da língua hebraica. (DH)

HÉGIRA/HEGIRÁHEGÍRA – Literalmente separação. Inicio da era muçulmana, a partir do exilio do profeta em Medina (Setembro de 622, da era cristã). Vide Egira; Também; a fuga de Maomé de Meca para Medina, em 622 da era cristã; era maometana cujo início é assinalado por essa data; êxodo geral; longa viagem ou travessia, esp. quando realizada para escapar de um perigo ou de uma situação indesejável. Etimologia: segundo árabe. *hidjra* 'fuga; emigração', de *hadjara* 'fugir, abandonar'; *al-hidjra* refere-se especificamente à emigração de Maomé; para alguns autores seria melhor usar o voc. *fuga* de Maomé, uma vez que ele estava sendo perseguido e foi obrigado a sair de Meca; f.hist. 1557 *alehegira*, 1557 *lehegira* (DH).

HEIRADEGA/HEIRADÊGA – Vide Eiradêga.

HEMEROTECA – Secção de biblioteca onde são guardados e lidos os jornais e revistas. (AA)

HEMINA – Vide Emina.

HENRIQUE, DOM (Conde) – Muitos autores, valorizando a genealogia e também o estabelecimento do Condado Portucalense, recuaram para 1096, o ano simbólico da fundação do Estado Português. Nesse ano o conde imigrante Henrique de Borgonha casou com Teresa, filha bastarda de Afonso VI “Esposa minha formosíssima” como a denomina no foral de Tentúgal de 1108, e recebeu em feudo Coimbra e a terra de

Portugal. “E fez-lhe de todo condado e a sua nomeação era condado Portucalense. Em Guimarães estabeleceu a sede do governo e a principal base militar. O conde D. Henrique viveu em guerra quase permanentemente. Por duas vezes voltou a França a recrutar combatentes, mas na luta contra os Serracenos as suas armas embotaram. 1112 Morre o Conde D. Henrique de Borgonha. No leito da morte teria dito ao filho Afonso Henriques “Toda a terra que eu deixo é desde Astorga até Leão e até Coimbra, não percas dela nenhuma cousa, cá eu a tomei com muito trabalho. E sê companheiro aos fidalgos e dá-lhe todos seus direitos. E aos Concelhos faz-lhe honra. E manda-me soterrar a Braga que eu povoei”. Na década de vinte, os irmãos galegos Fernando e Bernardo de Trava marcaram profundamente a corte e o coração da viúva e bela condesse portucalense. O arcebispo de Braga opôs-se ao casamento com Fernando Peres de Trava. Alguns poderosos portucalenses como os senhores de Sousa e os de Ribadouro, afastaram-se da corte de Teresa e incentivaram a rebelião do jovem Afonso Henriques.

HENRIQUES – Vide Anriques.

HENRIQUE, DOM (Navegador) (1394-1460 – 66 anos) – D. Henrique, o navegador, assim chamado por causa do seu interesse pelos assuntos marítimos e o seu impulso às viagens dos descobrimentos portugueses, nasceu no Porto, em 4 de Março de 1394, sendo o seu terceiros filho sobrevivente de D. João I de Portugal e de D. Filipa de Lencastre, filha de João de Gaunt, duque de Lencastre. Pouco se sabe da vida de D. Henrique antes de 1412, quando o seu meio-irmão bastardo D. Afonso, conde de Barcelos, foi encarregue de recrutar parte do exército para o projetado ataque contra Ceuta. Acompanhou o pai e irmãos na expedição e distinguiu-se no assalto contra Ceuta, 21 de agosto de 1415, quando o seu estandarte foi o primeiro a entrar na cidade. Quatro dias depois era armado cavaleiro. D. Henrique foi duque de Viseu e senhor da Covilhã quando regressou a Portugal. Cerca de 1420 foi investido com a função de governador e administrador da Ordem de Cristo.

HER – Vide Er.

HERÁLDICA – arte ou ciência cujo objeto é o estudo da origem, evolução e significado dos emblemas blasônicos, assim como a descrição e a criação de brasões ('peça ou composição'). (DH)

HERADIGA – Vide Areatica.

HERDADE – Esta palavra (que hoje se toma por uma grande e dilatada fazenda a que os latinos chamavam latifundium, tapada ou demarcada sobre si), na sua origem nada mais significava que alguns bens de raiz vindos por herança, avoenga e sucessão testamentária em que alguém era instituído por herdeiro. Porém desde o IX século até ao XV não significava mais que um casal, quinta, herdamento, prédio rústico, vila, granja, celeiro, propriedade, aldeia, alcaria, e toda aquela fazenda que rendia ou podia render algum fruto para quem a cultivasse ou fizesse cultivar. Ver elucidário.

HERDADE DE HERMAR E POVOAR – Aquela que andava por prazo de vidas e que extinta a última, ficava devoluta ao direito senhorio, com autoridade plena de a deixar pôr monte e tornar sem cultura e sem colono (e a isto que chamavam hermar ou ermar).

HERDADOR – Vide erdador

HERDAMENTO – Herança (NAP); Propriedade transmissível hereditariamente. (BV). Também; Propriedade rústica. Foral de Outeiro. (MJ)

HERDANÇA – Herança ou direito de suceder nos bens temporais sejam móveis ou de raiz. Também se chamou herdança a ração, comedoria ou alimentos que alguém recebia

ou pretendia receber dos mosteiros, igrejas ou lugares pios com o fundamento de que era descendente natural ou herdeiro dos respectivos fundadores. Vide herdeiros.
HERDAMENTO – Propriedade transmissível hereditariamente. (BV). Também; Propriedade rústica. Foral de Outeiro. (MJ)
HERDEIROS DE MAIS PREÇO – Mais nobre, distinto e principal. 1322.
HERDEIROS – Assim chamavam antigamente em Portugal os filhos e descendentes dos padroeiros e fundadores das igreja e mosteiros de que anualmente percebiam certas pensões. Vide casamento, defensor, Igreja, natural e décima.
HEREÉ – Herdeira. 1347
HEREÉS/HRÉÉS – Herdeiros.
HEREO/HERÉO/EREO/ERÉO – Herdeiro. 1318.
HERMAR – Nos século XII, XIII, XIV e XV é mui frequente o verbo hermar por despovoar, reduzir a mato, tornar em solidão, ou não cultivar um casal, fazenda, herdade ou lugar. Também; Despovoar (BV)
HERMENEGILDO GUTERRES – Em 878, Hermenegildo Guterres, conde de Tui e de Portugal, avançou para Coimbra. Mas durante o século que medeia 878 e 988 ano da conquista do Almansor, a cidade viverá a conjuntura, equilibrando-se entre a fidelidade ao rei das Astúrias e a aceitação do poder de Córdova.
HERMENHO /HERMINIO – Dizem que na antiga linguagem de Espanha significava; áspero, duro, intratável. E tais era os montes da serra da estrela e os da serra da aramenha, junto á cidade de Meidóbriga (não longe do sítio onde hoje está Marvão) e não menos o eram os seus habitadores, enquanto não se fizeram tratáveis e humanos com a comunicação das gentes civilizadas e polidas.
HERMITAGIO – Ermida, santuário, capela ou casa de oração, fundada em lugar ermo e solitário, donde lhe veio o nome e não por ser habitada por algum ermita ou ermitão. 1285.
HÉRVA – Nome genérico de todas as plantas cujo talo perece cada ano depois de ter dados a sua semente: Herva diz-se da que naturalmente se dá sem cultura, no que difere da planta: Por excelência, herva venenosa; v.g. frechas untadas de herva, ou hervadas – frechas iscadas de herva tão fina que como ventão sangue matão logo. “Camões ode 10 – da penetrante fonte e força da herva” – Os Mouros buscavam herva venenosa para hervarem as frechas. Ined: Um prato de ervas, guisadas para se comerem – Filho das enjeitado, ervas sem pai sabido ou conhecido: - Lançar o hábito às ervas, apostatar o frade: (AM)
HERVADO – Uma herva odorífera. Lobo, Corte D.m n5 “hervados e aroeiras” (B. Per anetum, i.); Também; P.Passa. de Hervar: “Trazia o peito hervado”, i.é, danado contra alguém, com inimizade; - Coberto de hervas: - Setas hervadas. Ulisipo: Fig. Dardo hervado de inveja e raiva, Lobo: - Informação hervada de maledicência e mentiras de um peito rancoroso e malévolo”: - Dar aos innocentes desquelhes vislumbra a razão o pão da doutrina hervado de erros e heresias” – “Meu Pai (dizia Christo) mandou-me como sette (seta) – de divindade e de gloria para comigo ferir os homens e os render a si”.
HERVOEIRA-HERVOEYRA – Mulher prostituída, marafona e cuja porta está patente a quantos a procuram, abusando de si em qualquer lugar, mato ou relva. Ainda hoje dizemos “filho das ervas”, aquele cujo pai se ignora, por sua mães se tratar desonestamente com muitos. Se nos lembrarmos que as meretrizes costumavam albergar, em suas casas os passageiros e quantos delas se queriam servir, poderíamos

dizer que hervoeira se disse do verbo herivergare. Também; Prostituta, marafona, mulher torpe e solteira.
HESTROMENTO – O mesmo que instrumento. XIV.
HEURÍSTICA – arte de inventar, de fazer descobertas; ciência que tem por objeto a descoberta dos fatos; ramo da História voltado à pesquisa de fontes e documentos; método de investigação baseado na aproximação progressiva de um dado problema; método educacional que consiste em fazer descobrir pelo aluno o que se lhe quer ensinar. (DH)
HEURÍSTICO – relativo a ou próprio da heurística; que serve para a descoberta ou para a investigação de factos; diz-se de hipótese de trabalho que, a despeito de ser verdadeira ou falsa, é adotada a título provisório como ideia diretriz na investigação dos fatos. (DH).
HI – Aí, nesse mesmo lugar.
HICHAM DAS BESTAS – Eixão ou Eixam das Bêstas. O cevadeiro das cavalariças reais.
HIERARCA – título conferido a bispo ou arcebispo na Igreja grega e em certas Igrejas de rito oriental; autoridade superior em assuntos eclesiásticos. (DH)
HIEROFANIA – aparecimento ou manifestação reveladora do sagrado. (DH)
HIEROFANTE – sacerdote que, nas religiões de mistérios da Grécia antiga, notadamente em Elêusis, instruía os futuros iniciados, mostrando-lhes solenemente os objetos sagrados; o grão-pontífice na antiga Roma; expositor de mistérios sagrados; cultor de ciências ocultas; adivinho. (DH)
HIEROGLÍFICO – relativo aos hieróglifos; jeroglífico; unidade ideográfica fundamental do sistema de escrita do antigo Egito, que aparece nas inscrições sobre os monumentos; figura ou símbolo enigmático. (DH)
HIGUALDAÇOM/IGUALDAÇÃO – Acção de dar e repartir os moços e moças de serviço pelas pessoas e corporações que deles precisavam a juízo dos deputados para esta higualdaçom. Nas Salzedas se guarda uma carta em que o rei D. João I manda ao juiz do couto daquele mosteiro lhe dê os mancebos e mancebas e serviçais. Nesta mesma carta régia se determina que o mosteiro desse bo0ms fiadores às soldadas.
HIGUALDAR – Dar e distribuir os criados segundo as necessidades de cada pessoa ou corporação. Vide Higualdaçom.
HIIR/HIR/HYR/HYA/HYAN/FOY/HYREES/VAAMOS/VAADES/HYREM/HYNDO – Ir. (NAP)
HIR OU SAHIR SOBRE ALGUÉM – Tal era a expressão usada no século XIII e XIV correspondente à do século XII. Ire, seu exire super me, para dizerem que deviam ir ou sair, com cruz e água benta sobre a sepultura de alguém cantando ou para cantar algum responsório, preces e orações. 1344.
HIRIVAR – Derribar, arrasar, demolir, deitar por terra. Doc. fundação de D. Miguel de Penaguião de 1191.
HISPANIA – Segundo Estrabão esta designação e Ibéria podem ser usadas indiferentemente e significam o mesmo. (ET).
HISTÓRIA – conjunto de conhecimentos relativos ao passado da humanidade, segundo o lugar, a época, o ponto de vista escolhido; ciência que estuda eventos passados com referência a um povo, país, período ou indivíduo específico; a evolução da humanidade ao longo de seu passado e presente; sequência de acontecimentos e factos a ela correlatos; o julgamento da posteridade; a memória dos homens. (DH)

HIPOCAUSTO – Calorífero subterrâneo. Sistema de aquecimento por ar quente, passando sob o lajeado das termas romanas e canalizado pelo interior das paredes através de canais feitos com tijolo furado. O ar aquecido num forno.
HISSOPE – Aspersório. Objeto de madeira ou metal, construído por um cabo e uma esfera oca e furada, com que se asperge a água-benta nas cerimónias religiosas. (AA)
HITITA – diz-se de ou indivíduo dos hititas, povo da Antiguidade que habitou a Ásia Menor em cerca de 1900 a.C.
HO – É o artigo "o" aspirado.
HÓ/HÓS – O mesmo que ó ou óa por merenda, convite, etc., No mosteiro de Grijó se davam várias pitanças nos dias dos hós como consta da despensa de 1444.
HOGE – Hoje. D'oge em diante. Doc. de Vairão de 1289.
HOMÃO – Homem muito alto. (VB)
HOMAXEM – Imagem, vulto, retrato.
HOMEES – Ao princípio tendia a escrever-se homees (til no primeiro é), embora a nasalação afetasse as duas vogais. No século XV os copistas põem geralmente o til sobre a segunda vogal.
HOMEM – Criado, moço, serventuário, que vive e está dependente, por algum tempo da vontade alheia. Homem da abadessa; homem do bispo; homem d'el-rei. Também; O mesmo que eu, alguém, e cada qual.
HOMEM DE FEIÇÃO – O que era nobre, distinto, honrado.
HOMENS DE MESNADA – Tropas assalariadas.
HOMEM DE RECIBO – Homem importante. (VB)
HOMEM DE RELAÇÂO/RELLAÇÃO – O mesmo que quadrilheiro, homem da vara, jurado ou juiz da vintena, segundo os diversos nomes que têm nos respectivos concelhos. 1504. Também; Quadrilheiro, juiz da vintena, ajuramentado, que servia de olheiro e relator das cousas, que pertenciam ao bom governo de todo o concelho.
HOMEM DE RUA – O que vive na cidade ou terra grande, onde as casas estão arruadas. Esta qualidade de gente, regularmente falando, mais rica em dinheiro do que em nobreza e claros avoengos, era reputada entre os milites ou fidalgos, e os lavradores, peões e gente do campo e ordinariamente eram temíveis à proporção da sua vida libertina, ociosa e folgazã.
HOMEM ESPECIAL – O que é distinto, nobre, fidalgo.
HOMEM GERAL – O que é plebeu ou paisano.
HOMEM LIGEIRO – Assim disseram antigamente, todo aquele que tinha ou possuía poucos bens, assim móveis, como de raiz, aludindo ao peso e embaraço que eles causam no corpo humano e do que vive desembaraçado e livre e pobre ou que pouco tem. Ainda dizemos hoje: vestido à ligeira o que apenas cobre a sua nudez.
HOMENS DE RELLAÇÃO – Olheiros, inspetores do que se passava em cada lugar do concelho, para o relatarem na Câmara. No ano de 1504, de determinou, no concelho do julgado de Moimenta da Beira que em cada povo do dito concelho houvesse dous homens de relação, ajuramentados para que em três anos servissem de olheiros e relatores das cousas pertencentes ao dito concelho.
HOMENS CAMINHEIROS – Estavam com armamento ligeiro, próprio de homens que vão em viagem espada das cingidas (cinta) (pendente do cinturão), protecção de ferro nos braços e o tronco vestido com a cota. Trajo de tecido apertado com um cinto.
HOMENS GERAIS, HOMENS ESPECIAES - Os primeiros são os plebeus; os segundos são os nobres, fidalgos e distintos.

HOMEZIAM – Vide Omiziero.
HOMEZIO – "…eram postos em grande homezio" - Hostilidade, perseguição, que se segue a um crime ou morte.
HOMICIDA – Vide Omiziero.
HOMICIDANA – Vide Omiziero.
HOMICIDIO – Tributo e pena mui frequente nos forais antigos a qual eram obrigados a pagar os povos quando não queriam entregar para a morte o homicida que entre os seus moradores se havia refugiado e acolhido. Também; Nas inquirições de D. Afonso III não só se dá este nome à morte que um particular cometia contra as leis divinas e humanas, mas ainda a qualquer delito que era sujeito a pagar coima.
HOMICIERO – Vide Omiziero.
HOMISEIRO – Vide Omiziero.
HOMIZIAL – Vide Homiciero.
HOMIZIO – ato ou efeito de homiziar(-se); crime cuja pena, pelas leis antigas, era a morte ou o desterro; mesmo que homicídio; lugar em que se esconde pessoa que foge à ação da justiça; esconderijo, valhacouto. (DH).
HONDE – Onde.
HONDRADO – Vide hundrado
HONESTIDADE – Modéstia, decência, gravidade.
HONESTO – Acomodado, conveniente. "*Procurai o lugar, que mais honesto e melhor pode ser, para se edificar o Mosteiro"*
HONRA – Toda a razão, porque nos prazos antigos se acautelava que neles se não criassem alguns fidalgos era para que não ficassem honrados, levantando-se aquele povo com o título de honra e negando, como tal, os costumados foros ao direito senhorio; Também; Com este nome chamaram aquelas rendas ou concessões que o rei fazia de cousas certas e determinadas pertencentes à coroa, por fazer honra a quem as recebia; v.g. as rendas de uma cidade vila ou castelo e isto sem postura alguma de serviço.
HONRAS (FAZER) – Consistia a honra ou honras funerais nos ofícios e missas preces e orações, que os vivos faziam e, ainda hoje fazem, pelos defuntos no dia da sua sepultura, ou quando se faz memória dela, como é no sétimo dia (a que chamavam sabbado) no trigésimo, e aniversários, e na trasladação mesmo dos seus ossos. Também se diziam fazer honra os que iam no acompanhamento do defunto para a sepultura ou lhe assistiam enquanto o não sepultavam.
HONRAS – Desde o tempo dos reis godos, se chamaram em Espanha e depois em Portugal, certas porções de terreno em que ricos homens e outros principais senhores tinham seus palácios ou quintas com jurisdição sobre os vizinhos, seus vassalos ou colonos, que como feudatários os reconheciam como senhores que tinham a obrigação de os amparar e defender de qualquer violência ou extorsão ficando deste modo, as ditas honras e os que nelas moravam, livres e isentos de imposições ou tributos reais. Ver elucidário.
HORA – Agora, pouco tempo há, há pouco novamente, não há muito, quase nestes dias. 1453. Depois se adoptou, agora por hora, que é corrupção do latim hac hora.
HORA DE TERÇA – A terceira hora depois do sol nascer (o período entre o nascer do Sol e o meio-dia solar, dividia-se em seis horas, que, portanto, tinham desigual duração nas diferentes épocas do ano.
HORAS CANÓNICAS – Eram; a prima, terça, sexta -ou meio-dia- nona e véspera.

HORDENANÇA – Determinação (NAP)
HORDIM – Vide ordim.
HORDINHAIRO – Ordinário.
HORDINHAYRO – Vide Ordiayro.
HÓS – Vide hó.
HOSPEDA – O mesmo que esposa. "Peço *que no dito mosteiro se encerre minha hospeda como cleriga da Ordem*". – Documento que se acha no Convento da Serra do Porto.
HOSPEDE, A – Estalajadeiro, eira.
HOSPITAL DOS INNOCENTES – De enjeitados. Fundou um, em Santarém D. Fr. João Martins, bispo da Guarda.
HOSPITAL DOS PALMEIROS – Era na freguesia da madalena uma albergaria ou hospital com o título de Nossa Senhora de Belém, fundada no ano de 1330.
HOSTAL (antigo) Casa que recebe hóspedes. Também; mesmo que estau; albergue, estalagem; hostau; casa destinada à aposentadoria de membros da Corte e embaixadores; (DH)
HOSTE/OSTE – Exército posto em campo contra o inimigo. Daqui hostilidade, acção violenta de um inimigo, posto em armas. Vem do verbo hostire que antigamente significava ferir. Também nos séculos XIII e XIV se tomava alistamento, recrutas de soldados, e qualquer expedição militar.
HOUSIA – Vide, Oussia.
HUCHA – Arca, cofre, armário. "*Por constar de escrituras, que estavão nas huchas do concelho*" Documento da Câmara do Porto de 1343. Em alguns documentos antigos se escreve ucha, porém ou se escreva com "h" ou com "u" esta palavra se deriva do inglês hutch, que significa toda a qualidade de arcas, ou do francês huche que, particularmente significa a arca do pão. Vide Eicham.
HUCHARIA – Dispensa da casa real. Depósito de géneros alimentícios. (Do Francês Huche; do latim medieval Hutica) (AA).
HUCHOTE (antigo) – Pequena Hucha
HUCHOTE – Arquinha, pequeno cofre ou armário. Lamego XIV.
HUGUCIO – Proposição irónica, contrária ao verdadeiro entendimento de quem a profere, levantando um pouco a voz. – Figura de interrogação de que usam os oradores.
HUGUICIO – Gomes Eanes, na crónica do conde D. Duarte, cap. 15 diz que é uma proposição irónica, contrária ao verdadeiro entendimento de quem a profere, levantando um pouco a voz.
HUM – Onde. É mui frequente nos escritores do século XV.
HUM SÓ GERADO DE DEOS – O filho de Deus, Jesus Cristo.
HUMAGEM – Vide Homaxem.
HUMANIDADE – Afabilidade, bom trato.
HUMILDOSAMENTE – Com muita humildade, veneração e respeito. Documento de Salzedas, 1310.
HUMIZIA – Era um inventário de S. Cristóvão de Coimbra de 1480 se lê; *Huma homizia e sessenta pregos.*
HUMIZÍA – Parece ser fouce roçadoura.
HUNDRADO/HONDRADO – Honrado.
HUSMA – À husma, à espreita, de olho vivo. (VB)
HUSSITA – que ou aquele que segue a doutrina de Jan Hus (1372/3-1415), prógono de reformas eclesiásticas e sociais, que popularizou na Boêmia o *wiclefismo;* diz-se de ou

seita do séc. XV, segundo a qual a prática das boas obras é indiferente para a salvação eterna

HUSSITISMO – doutrina de Jan Hus (1372/3-1415), de feições nacionalistas e sociais, que defendia a liberdade litúrgica e de oração e a supressão dos bens do clero. (DH).
HUU – Onde
HY – Aí (NAP)
HYCHARIA – Ucharia real. Vide Eichão e Ucha. "*Por uma sentença de 1479, se declara ao rendeiro da hycharia que os que acarretavam pão das suas rendas nas suas bestas eram isentos de pagar os 108 réis do foral, que só respeitava aos almocreves. Estes, pois, eram obrigados à dita pensão, destinada também para a ucharía ou despensa real."*

I

I – Como nota musical denotava que se devia abaixar e deprimir a voz, pois era abreviatura de "jusum", que significava para baixo.

IAUGAR – Sentir crescer água na boca à vista de uma guloseima. (Fornos – Freixo de Espada à Cinta) (VB)

IAZ – Estar posto ou situado; Carta de escambo entre Outeiro de Muas e Gostyei. (MJ)

IBICIOENS – Vide Eyviçom.

IBICIOM – Ibiçom. O mesmo que Eyviçom.

IBIÇOM – Vide Eyviçom.

IBN AL-SID (1052-1127) – Natural de Silves, foi amigo de Omar al-Mutatawakil, senhor de Évora e último rei de Badajoz. Matemático, filósofo e poeta escreveu livros de temas filosóficos de critica literária. Conheceu a Lógica e a Metafísica de Aristóteles e a obra de Al-Farabi. Polemizou com Ibn Mayya (Avempace). No Livro do "*Aviso Equânime acerca das causas que engendram as Discrepâncias de Opinião no Islão*", segue os céticos gregos acerca da impossibilidade da verdade absoluta. Segundo ele, - as opiniões refletem o modo de ser dos homens nas suas diferenças físicas, raciais, ética e ideológicas. Mas estas desigualdades aumentam devido a sete causas: 1- *O uso de termos equívocos; 2-A interpretação literal ou metafórica; 3- O múltiplo conteúdo semântico dos termos pelo facto do sentido geral tomar o do particular e vice-versa; - 4 – O excessivo uso do argumento de autoridade; 5- A utilização abusiva de termos analógicos; 6- O esquecimento de textos que invalidam outros anteriores; 7- As naturais diferenças em matérias opináveis*. No seu livro "*Livro das Questões*", considerava possível a concordância da razão e da fé, pois a filosofia e a religião coincidiriam no seu objectivo, que é a verdade, e no seu fim, que é a felicidade humana. (Viterbo)

IBN BAYYA (AVEMPACE) -1106-1138) – Nasceu em Saragoça e morreu em Fez, possivelmente envenenado A sua família era originária de Beja. Dominou a Medicina, a Matemática, a Astronomia, conheceu a Metafísica, a Ética, o De Anima de Aristóteles e introduziu na península a obra filosófica de Al-Farabi. "*O intelecto pode alcançar a verdade por si mesmo sem o concurso da revelação divina. Mas o conhecimento da verdade não é igual em todos os homens. Usando a alegoria platónica da caverna, considerou que o conhecimento dos homens comuns é semelhante à ideia que fazem da realidade exterior os humanos colocados no fundo da caverna; o saber dos homens da ciência seria os dos homens situados à entrada; e a sabedoria própria dos sábios fic*aria *para os que podem contemplar o sol cara a cara e ser transformados pela sua luz*". (Viterbo)

IBN MASARRA – Filósofo Cordovês segunda metade do século IX.

ÍCARO – pessoa cujas pretensões ou ambições demasiado elevadas lhe saíram desastrosas, funestas; Etimologia: antr. gr. *Íkaros*, lat. *Icàrus,i* mit.gr 'filho de Dédalo, que usou asas coladas com cera para fugir do labirinto de Creta e morreu, porque se aproximou do Sol, e a cera derreteu'. (DH)

ICHA-CORVOS – Impostor, enganador, ocioso, comilão. Este foi o nome que certo bispo deu aos questores e que dos púlpitos pediam esmolas.

ICHÃO – Vide Eichão.

ICOLIMO – Ecónomo ou substituto na obrigação que o beneficiado tem de assistir no coro, e aos mais ofícios divinos. 1434.

ICNOGRAFIA – 1) Marca que a planta do pé deixa no solo. 2) Por analogia: Projeção horizontal sobre o solo, planta de um edifício. Opõe-se a Ortografia (de Orthos=direito)

que designa o alçado (elevação) duma fachada (Vitrúvio). 3) Arte de desenhar com auxílio de compasso do compasso e da régua. (AA).
ÍCONE – (Do Grego, eikon=semelhança Imagem de um santo ou personagem sagrada. Na Igreja oriental chama-se ícone qualquer pintura religiosa executada sobre um painel de madeira por oposição ao fresco, pintado sobre o enduto fresco de uma parede. (AA). Também; nas igrejas orientais, representação de uma personagem ou cena sagrada em pintura sobre madeira, não raro recoberta de um metal precioso e pedrarias, ela própria considerada sagrada e objeto de culto [Há também ícones em mosaico e baixo-relevo.]; representação artística de divindade ou de assuntos de caráter religioso; pessoa ou coisa emblemática do seu tempo, do seu grupo, de um modo de agir ou pensar etc.; elemento gráfico que, em sistemas operacionais ou em programas com interfaces gráficas, representa determinado objeto, operação ou *link*, sendo geralmente acionável por um clique de *mouse*; signo que apresenta uma relação de semelhança ou analogia com o objeto que representa (como uma fotografia, uma estátua ou um desenho figurativo); por exemplo, o desenho de uma faca e um garfo cruzados que indicam a proximidade de um restaurante. Etimologia: 'imagem' e este do gr.biz. *eikóna* 'imagem sacra', der. do gr. *eikôn,ónos* 'imagem, retrato, imagem refletida em espelho, simulacro, fantasma, imagem de espírito, semelhança'; JM e Nascentes tiram diretamente do gr. *eikôn,ónos*, pelo lat. *ícon,ónis* 'imagem, representação mental, retrato'; na acp. semio, pelo ing. *icon* 'signo cuja forma sugere o significado', mesma origem; ver *icon(i/o) -*; f.hist. 1914 *ícone*, 1922 *ícono*. (DM)
ICONOCLASTA – Destruidor de imagens. Nome dado ao imperador de Bizâncio Leão III, o Isaurio, que proibiu no século VIII a iconolatria ou adoração das imagens e que, não tendo sido obedecido, faz destruir muitas obras de arte religiosa. Um decreto de concilio de Niceia restabeleceu em 787 o culto das imagens na igreja do Oriente. No Ocidente os protestantes fizeram no século XVI guerra Às imagens. Do modo geral, aquele que condena a presença de imagens nas igrejas. (AA)
IDIÓFONO – diz-se de ou qualquer instrumento cujo som é produzido pela vibração de seu próprio corpo (por exemplo., o xilofone, o triângulo, o prato etc.). (DH). Etimologia; idiofone, idiofônio, idiofono, autofone, autofônio, autofono, autófono; como adj.: idiofônico, autofónico. (DH)
IDOLATRAR – Sacrificar aos ídolos.
IDOS – Acha-se em Pandorada a doação original que o infante D. Afonso Henriques fez a João Viegas de Haereditate mea, a qual fora confiscada aos traidores e rebeldes Aires Mendes e Pedro Paes por alcunha o carofe, que haviam entrado na vila de Seia. “Cum meos inimicos sine mea culpa et sine malefeito qui Ego fecisset e os, declarando que esta herdade tinha várias peças em casas, vinhas, moinhos, terras rotas e por romper, assim dentro da cidade de Viseu e fora dela como em Satan, aguiar da beira e outras partes. Para inteligência destes idos se nota que, depois dos anos do senhor mil e tantos se introduziram os meses calendares e os meses iduados; os primeiros eram inteiros e seguidos desde o primeiro dia até ao último do mês; os segundos constavam de duas partes; a primeira desde as kalendas até aos idos, e a segunda desde os idos ou fosse a 13 ou a 15 até ao fim do respectivo mês.
IENTO – Herdade cultivada, frutífera. XIV.
IFFANTE – Infante (NAP)
IFRIQUIYA – Nome árabe da África romana.
IGAR – Igualar, ombrear, pôr-se em paralelo ou situação igual.

IGREJA – Em quatro sentidos tomaram os nossos maiores esta palavra igreja. Primeiro por um ajuntamento de povo, solenemente congregado, para tratar dos negócios públicos, ou fossem sagrados ou profanos e, nesse sentido, também houve igreja por entre os mesmos gentios. Segundo, por uma congregação espiritual de todos os cristãos, derramados por todo o mundo e que formam a igreja católica ou universal e visível com uma só Fé, um só batismo, um só evangelho, uma só cabeça que é o pontífice romano. Vigário de cristo na terra. Terceiro por uma diocese ou coleções de muitas províncias, sujeitas a um patriarca primaz ou exarco, ou por uma só província sujeita a um metropolitano, ou arcebispo., ou por uma parte da província sujeita a um só bispo, ou finalmente por uma pequena porção do mesmo bispado governada por um pároco. Quarto, enfim, se tomou igreja por um edifício, separado de tudo o que era indecente e profano e particularmente consagrado para tributar religiosos cultos ao verdadeiro Deus. Também; os pequenos oratórios, ermidas e capelas, em que não havia cura d'almas, assim nas povoações como no deserto e solidão e ainda fora dos mosteiros e conventos, foram chamadas igrejas. 1121.Mais elucidário.
IGREJA DE LIMÃOS – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base retirou-se a seguinte informação: Designação: Igreja de Limãos. Tipo do sítio: Necrópole. Período: Indeterminado. CNS: 6929 Localização: Salselas Descrição: Em 1980 quando se procedia à construção do coreto da aldeia de Limãos que se situa adjacente ao adro da igreja matriz desta localidade, foram descobertas e identificadas nove ossadas alinhadas, sem vestígios de estrutura sepulcral e que conforme a descrição de testemunhas na altura presentes no local, poderiam estar em conexão anatómica. Associados a estas ossadas não foram encontrados quaisquer outros vestígios de estruturas sepulcrais. A julgar pela arquitectura da Igreja, os vestígios osteológicos procedentes da necrópole existente no seu adro não deverão remontar além do século XVIII. (TMC)

Igreja de São Sebastião, em Limãos, Salselas, Macedo de Cavaleiros.
Foto pertencente ao espólio da associação "Terras Quentes"

IGREJA MATRIZ DE EDROSO – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Edroso. Da referida base de dados, retirou-se a seguinte informação: Designação: Igreja Matriz de Edroso. Tipo de sítio: Igreja. Período: Idade Média. CNS: 17256 Localização: Edroso. Descrição: Apesar de muito alterada, a igreja matriz de Edroso apresenta alguns elementos arquitectónico que parecem evidenciar grande antiguidade. Na sua fachada principal desenvolve-se um portal onde merece realce um arco de volta perfeita, completamente liso, sem qualquer arquivolta, e ladeado por dois capitéis fracamente decorados, que se sustentam em duas finas colunas. O monumento foi sujeito a grandes obras de reestruturação, que acabaram por lhe alterar completamente toda a sua planta inicial. Dessas obras e dessas alterações são ainda visíveis três pequenas pedras

decoradas, actualmente deslocadas do sítio onde originalmente pertenciam. Encontram-se na base da parede Sul do edifício e as decorações radicam numa plástica caracteristicamente românica. (TMC)

Igreja Matriz de Edroso. Foto pertencente ao espólio da Associação "Terras Quentes"

IGREJA DE MALTA – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro da freguesia dos Olmos. Da referida base de dados, extraiu-se a seguinte informação. Designação: Igreja de Malta. Tipo de sítio: Necrópole. Período: Idade Média CNS: 17270. Localização: Olmos. Descrição: A igreja de Malta, actualmente bastante alterada arquitetonicamente por sucessivas obras de remodelação, apresenta ainda alguns elementos que testemunham a sua antiguidade. No se adro foi encontrada uma ara votiva ao deus Aernus que na altura da descoberta foi transferida para o Museu de Bragança. Algumas referências bibliográficas assinalam a existência de sepulturas escavadas na rocha que se implantariam no adro em redor do edifício. No entanto não são visíveis quaisquer vestígios dessas sepulturas. De assinalar que o adro foi sujeito a várias obras, encontrando-se uma parte da sua superfície calcetada com paralelepípedos e Lages em granito. Na aldeia, entre os mais idosos, também não foi recolhida qualquer informação que atestasse a existência desta necrópole. O único elemento ainda preservado é um sarcófago com a respectiva tampa que se encontra encostado à fachada do edifício, no lado esquerdo da porta principal. No lado direito da mesma porta pode ser observado a cruz de malta esculpida em granito, e por debaixo desta uma pequena cabeça a quem chamam o Maltês. Mais informação, em património edificado da freguesia de Olmos. (TMC)

Igreja de S. Cristóvão de Malta, Olmos.
Foto pertencente à Associação Terras Quentes

IGREJAIRO – Vide egrejairo. Antigamente se dizia em latim ecclesiaria, para significar o igrejairo, ou todas as igrejas, de que se falava.

IGREJÓ – Vide Grijó
IGUALDAÇÃO – Vide Higualdação; Por um documento de Seiça de 1366, consta que os alvazis de Monte-mós, o Velho, se deviam ocupar no ofício da igualdação, que consistia no regulamento dos moços e moças de servir, dando-os com igualdade a quem deles precisasse; igualando mesmo as suas soldadas aos seus merecimentos e providenciando que fossem bem pagas.
IGUALDANÇA – Igualdade.
IGUALDAR – Vide Higualdar. Também Igualar, não excluir algum, medir a todos pela mesma rasa.
IGUALEZA – Igualdade. XIV
IGUARICO/IGUARIÇO – Vaqueiro, pastor de vacas. Também; Vaqueiro, pastor de vacas. (E que andavam com as egoas as vacas dos nossos iguariços, e os caens que as guardavam. (carta de D. Afonso V 1454). (CM)
I-VOS – Ide-vos.
ILLIÇADOR - Aquele que vende pão, vinho, azeite etc. recebendo o dinheiro. (CM); O que obriga a dous a mesma cousa, que não chega para ambos. E também aquele que vende d'antemão pão, vinho, azeite etc, recebendo o dinheiro que promete pagar logo com estes frutos que das suas herdades receberá, não tendo ele herdades e sendo imaginários e não existentes os frutos assim vendidos. E, finalmente se chama iliçador o que pede dinheiro emprestado de muitas partes prometendo pagar em breve tempo e depois diz que não tem por onde pagar.
ILANDRA – Holanda, pano de linho fino que vem da holanda. XV.
ILHENOS – Naturais das ilhas.
ILHOTES – Pequenas ilhas.
ILIZAMENTO - Burla, trapaça, engano, que é próprio de iliçador.
ILLIÇADOR – O que obriga a dous a mesma cousa, que não chega para ambos. E também aquele que vende d'antemão pão, vinho, azeite etc, recebendo o dinheiro que promete pagar logo com estes frutos que das suas herdades receberá, não tendo ele herdades e sendo imaginários e não existentes os frutos assim vendidos. E, finalmente se chama iliçador o que pede dinheiro emprestado de muitas partes prometendo pagar em breve tempo e depois diz que não tem por onde pagar.
ILLIÇAR/ILLICIAR -Hipotecar, vender ou pedir emprestado com fraude, engano ou dolo como fazem os borloens e illiciadores.; são termos que usa a Ordenação do reino.
ILLICIAR – Vide Illiçar.
ILUSIR – Iludir, enganar. (VB)
IMÃ – Homem de Deus; os inspiradores. – Mahdi (O imã oculto o imã esperado. Só quando este chegar se alcançará a plena revelação do exoterismo de todas as revelações divinas)
IMDIABRADO – Terrível, espantoso, invariável, áspero, mofino. 1540.
IMGIDO – Vide Enxido.
IMMEMORAVEL – De que não há memória.
IMMISSÃO – Vide Inmissão.
IMOREAR – Pôr em meda, amontoar. (VB)
IMPEIRADO – Obrigado por força, constrangido.
IMPERADOR – Deriva-se esta palavra do latino Imperare; mandar. Os romanos davam o título de Imperador a um general do exército que se havia distinguido na destruição dos inimigos daquele povo. Ver Elucidário.

IMPERATRIZ – No ano de 1120, D. Diogo Bispo de leão fez uma doação amplissíssima à sua catedral declarando que a faz pela sua alma e pelas de el-rei D. Afonso et pro anima D. Urracae Hispanae Reginae que estava viva e assina deste modo; D. Urraca Regis Alfonsi filia Hiberea Imperatriz.

IMPÉRIO MUÇULMANO - O Império Muçulmano foi formado no início do século XII, pelas mãos do profeta Maoma, que unificou as terras árabes sob uma bandeira: a religião muçulmana. No final dos anos 620, a maior parte da Península Arábica fazia parte do Império Muçulmano e foi no final desta década que ocorreram os primeiros conflitos entre árabes e bizantinos. As batalhas que foram travadas sob as ordens dos califas (o equivalente a reis do Império Muçulmano) deram origem à expansão total de sua religião em grande parte da Europa. O império veio conquistar todo o norte da África, estendendo-se de Portugal ao Paquistão. Além das forças armadas, o sucesso do império deveu-se em grande parte à sua organização política definida sob os califados, tendo como principal expoente o Império Otomano, um dos califados árabes mais fortes que existiam até o início do século XX. Os otomanos, no entanto, foram os principais responsáveis pela queda do tradicional império muçulmano.

História

Muhammad nasceu em Meca, em 570, e é oficialmente reconhecido como o fundador do Islã. Depois de começar a profetizar as aparições do arcanjo Gabriel em 610, Muhammad foi perseguido por crentes politeístas de sua cidade natal. Após sua fuga, o profeta reuniu um exército de 10.000 homens fiéis à sua palavra, com os quais retornaria a Meca. Antes de sua morte em 632, a Península Árabe fazia parte principalmente da religião islâmica. A morte de Muhammad resultou no Califa, seu sucessor, que se tornaria líder do império. Todos aqueles que ocupavam esse cargo contribuíram para a expansão do Império Muçulmano, que continuou até 750. O Império Muçulmano queria chegar a Constantinopla através da Península Ibérica, que desencadeou uma invasão de Gibraltar e as subsequentes batalhas que ocorreram na Espanha. Isso levou à formação do emirado de Córdoba e ao assentamento árabe na península. Embora o Império tenha parado de crescer territorialmente, permaneceu unido até o final do século XV, quando o Reino Muçulmano de Granada caiu e, por outro lado, o Império Otomano emergiu com a captura de Constantinopla. Os otomanos se tornaram grandes herdeiros da expansão muçulmana no mundo e seu império permaneceu de pé até sua dissolução em 1924, o fim do último grande califado.https://maestrovirtuale.com/imperio-muculmano-historia-invasao-para-a-europa

IMPIDOSO – Terra ou lugar apestado. Caminho emperrado, escabroso.

IMPLÚVIO, IMPLUVIUM – Tanque cavado no meio do pavimento de atrium das casas romanas para recolher as águas pluviais caídas do complúvio. (AA)

IMPOSTURICE – Vaidade, empatia, mentira. (LV)

IMPRIMEIRAMENTE – Vem do latim “imprimis”, antes de mais nada, primeiro que tudo. 1287.

IMUNDO – Estranho, desprendido do mundo, alheado. (VB)

IMVIDIA – Inveja.

INBRICIO- No ano de 1180, comprou o Mosteiro de Pendorada certos bens, em cujo preço entrou uma junta de bois, apreçada em três inbricios, et médium. Não nos constando que inbricio fosse moeda corrente de metal sabemos que na baixa latinidade

chamaram ao cavalo de Espanha imbrus ou imber de que seria fácil dar o nome de Umbrício.
INCANDEEIRADO – Bêbado, ébrio. (VB)
INCANTILLADOS – Alcantilados.
INCELO – Céu, Auga d'incelo; água do céu. (VB)
INCENSAR – Andar de um lado para o outro. (VB)
INCENSORIAR-SE – Obrigar-se a pagar certa pensão ou censo anual. Nas inquirições reais de 1258 se achou que em Quintela, freguesia de S. Miguel de Tayde, no julgado de Lanhoso, doze homens "Incensoriaverunt se com Hospitali…" Isto mesmo se achou em outras partes. E eis aqui a razão toda das inumeráveis terras em que os Templários e os do Hospital tiveram e alcançaram foros e rendas; a sua cruz afugentava quase todos os direitos reais e eximia de graves encargos os seus habitadores. E mesmo nas várias inquirições, se não duvida que a Ordem do Hospital tinha alguns casais furtados, como se vê no julgado de Vermuim na freguesia de S. Pedro de Bairro de Novais etc.
INCHAÇO – Arrogância, presunção, orgulho, no sentido metafórico.
INCHADO – Presunçoso (NAP)
INCHADURA – Inchaço, tumor inflamado.
INCHAR FRAMA – Havia antigamente o péssimo costume de encher de vento os animais e aves, que se expunham à venda, para deste modo impor aos símplices que se persuadiam ser gordura esta artificiosa inchação; costume que até hoje se acha nas galinheiras de Lisboa, vendendo por galinhas gordas as infladas. A Câmara de Viseu rigorosamente, proibio semelhantes enganos nos leitões e outras carnes no ano de 1304. "*E aquelle que inchar freama, ou outras carnes, ou pozer sevo no rril do cabrito, que peite cinque soldos; e se vender porca em vez de orco, ou ovelhe em vez de carneiro, que peyte sessenta soldos e açoutem-no pela vila.*"
INCHAVELHAR – Acto do ceifeiro, executado com perícia, que consiste em atar o cereal que leva numa das mãos (com uma ou duas espigas do mesmo), a fim de abarcar mais quantidade. (VB)
INCLUDIR – Incluir. É do código Alfonsino.
INCOMUNIADOS – Vide Encomunhas.
INCOMPORTAVEL – Que se não pode suportar.
INCORRIMENTO – Encontro, incurso, ataque.
INCRINADO – Disposto. (NAP)
INCULCADORA – Mulher que se encarrega de procurar ou indicar serviçais. (LV)
INCULCAS – Vigias, Tinha vigias. (HS)
INCUNÁBULO – Volume impresso anteriormente aos primeiros anos do século XVI. Os Incunábulos xilográficos são impressos por meio de pranchas de madeira gravadas com texto e ilustração, e os incunábulos. Tipográficos estão impressos por meio de caracteres móveis. (AA).
INDÊS – Ovo que se coloca em lugar certo para habituar as galinhas a porem os ovos sempre no mesmo local. (Fornos-Freixo de Espada à Cinta). (VB).
INDEVOTO – Que não tem devoção. (NAP)
INDICIAS /INDIZIAS – Assim se dizia certa pena que pagavam os que feriam, matavam, ou maltratavam alguma pessoa ou a injuriavam com palavras torpes, desonestas e afrontosas. No foral de Mogadouro 1512 D. Manuel. No foral de 1451, foram escusos de pagar indicias os escudeiros de Bragança que tivessem armas e cavalo e morassem

dentro da vila ou do seu arrabalde, salvo se fizessem as tais indizias scitosamente e naqueles casos nos quais a igreja lhes não valera. Foral D. Manuel Bragança 1514.
INDICIOS – Nas leis dos godos e ainda nos princípios da nossa monarquia não se tomavam os indícios por uma leve presunção contra o réu, mas sim por demonstrações e prova evidente do crime.
INDIO – Moeda de prata que lavrou D. Manuel com valia de 33 réis em memória do descobrimento da Índia. Tinha de uma parte o escudo real com a letra Primus Emanuel e da outra a cruz da Ordem de Cristo com a legenda, In Hoc Signo, vinces.
INDIZIAS – Vide indicias.
INDUCIAS – Tempo certo e determinado para deliberar sobre fazer ou deixar fazer alguma cousa, espaço que se concede ao devedor para pagar sem tanto detrimento. Das tréguas entre inimigos em campo, a que os latinos disseram induciae se chamaram também indúcias a suspensão do litígio, por algum tempo, a qual se não concede ao autor.
INÊS-DE-HORTA – Pessoa fingida, dissimulada. Observação; vocábulo recolhido em Amadeu Ferreira, Quem vê o seu povo, p. 288) (VB)
INÊS DE CASTRO D. (m.1355) – Foi amante de D. Pedro I de Portugal antes da ascensão ao trono deste monarca, e ficou famosa devido à sua trágica morte. Era filha legítima de Pedro Fernández de Castro, um nobre Galego. Veio para Portugal cerca de 1340 com a sua prima D. Constança, que pouco depois casou com D. Pedro, o filho mais velho herdeiro de D. Afonso IV. Mas D. Pedro depressa foi atraído pela bela Inês e surgiu uma violenta paixão entre os dois. Depois da morte de D. Constança, 1345, viveram juntos e tiveram vários filhos. Contudo a influência de D. Inês e dos seus dois irmãos sobre D. Pedro suscitou hostilidade na corte e quando em 1354 D. Pedro se declarou pretendente ao trono de Castela, D. Afonso IV decidiu mandar executar D. Inês. Em 7 de Janeiro de 1355, depois de um encontro dramático em Coimbra, o rei abandonou-a aos assassinos. Depois da subida ao trono D. Pedro I, 1357, o seu corpo foi transportado para um magnificente mausoléu em Alcobaça. É lenda que D. Pedro tenha feito coroar o cadáver e beijar aos cortesãos a mão da falecida. D. Inês. Muito se tem escrito sobre o amor de D. Inês e o seu trágico fim; a história foi contada por Camões em “Os Lusíadas”, por Luís Velez Guevara na peça Reinar Después de Morir e por Henri de Montherlant na sua peça La Reine Morte.
IN EXITU ISRAEL DE EGYTO – Quando Israel saiu do Egipto (Salmo 113).
INEXPUNHAVEL – Inexpugnável.
INFANÇÂO/INFANZOM – Antigo título de nobreza, inferior ao de rico-homem; Também; Os infançoens nada mais eram que os Netos dos Reis e filhos do Infantes, irmão do príncipe herdeiro e sucessor na coroa. Também; Diminutivo de Infante, por significar qualidade abaixo, mas próxima da de neto do Rei. Na estratificação social dos reinos peninsulares nos séculos XI e XIV, infanção vem depois de rico homem e antes de cavaleiro como grau segundo a nobreza. Embora nobres não recebiam do Rei nenhum benefício. Este termo dará, posteriormente origem a fidalgo. (AFONSO). Também; antigo título de nobreza, inferior a fidalgo ou a rico-homem. (DH)
INFANTADIGO – Terra ou cousa de infanções. 1121.
INFANTADÍGO – Terra ou cousa de infançoens.
INFANTE – Tempo houve em que na região de S. Bento se chamaram infantes os monges novos, ou de poucos anos de professos, que hoje comummente se dizem coristas;

Também; Havendo el-rei D. Afonso Henriques dado o nome e tratamento de reis e rainhas a todos os seus filhos e filhas legítimos.
INFANZOM/INFANÇOM – O filho de fidalgo cavaleiro não tido em conta de grande com algum limitado senhorio, que o rei lhe dava e muito inferior ao homem-rico.
INFIADO – Desmaiado, assustado, tímido; posto em fio, em cordão, um após outro.
INFIRMIDADE – Enfermidade
INFIÉIS – Não fiéis à religião cristã; Mouros (note-se que para os Mouros, infiéis eram os Cristãos.
INFURÇÃO – Tributo renda ou aluguer, que se pagava ao senhorio pelos que viviam nas suas casas.
INFUSA DE VINHO -No foral de Penacova de 1192, se diz: Era a infusa, como hoje, um vaso de barro com igual disposição para servir a água e o vinho e sem determinada grandeza.
INGAÇO – Ancinho. (VB)
INGLATERRA – Brasão de Armas.

Museu Martim Gonçalves de Macedo
Espólio da Associação Terras Quentes

INGRES – Inglês (NAP)
INHA – Minha.
INHATEZA – Vem de inaptus ou ineptus; incapacidade, desmazelo, frouxidão e cobardia.
INJUIRA – "El-rei veendo que o aviam por injuira" – Injuria, ofensa.
INJUSTADO – Injuriado. Foral de Sernancelhe de 1124.
INLLIÇOM – Vide emliçoom.
INLLUDIR – Incluir, meter dentro, encerrar.
INMISSÃO/IMMISSÃO – Dolo, fraudem, trapaça, enredo, acção injusta, extorsão, violência, maquinação, intriga. Doc. Mosteiro Paço de Sousa, 1077.
INNOCENCIO – A coleção de cartas, actas e respostas do papa Inocêncio III, arranjadas em dezanove livros. Ou melhor, o livro intitulado Paratitias que são explicações sumárias sobre os cinco livros decretais, compostos por Inocêncio Ciron, chanceler da Universidade de Tolosa.
INQUIRIÇÃO/ENQUYRIÇOM – Inqueitos e investigações efectuadas por mandado do monarca para averiguar a autentyicidade de certos direitos, efectuados por uma comissão nomeada para o efeito. (BV)
INRETAR – Irritar, anular, tornar sem força e vigor.
I.N.R.I. – sigla da locução latina *Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum* (*Jesus Nazareno Rei dos Judeus*, inscrição que se crê ter sido colocada no alto da cruz em que Jesus Cristo foi crucificado). (DH)
INSABIDADE – Ignorância, esquecimento, falta de saber.
INSCULPIDO – que se insculpiu; entalhado, gravado. (DH)
INSCULTURA – Gravação de desenhos ou caracteres numa superfície dura.
INSCULTOR – que se insculpiu; entalhado, gravado. (DH)

INSIDIOS – Insígnias, instrumentos e quaisquer cousas que se dava a posse e se investia alguém de algum benefício, prazo, casal, etc. XV.
INSIGNIOS – O mesmo que insidios.
INSPECTOR DE TRABALHO - Curator operis privat. CIL 1637. (CM)
INSULÀNO – adj. Ilhéo, isleno: usa-se substantivo, os insulanos (Vasconcell. Arte, f. 169)
INTERDITO – Pena canónica que consistia na proibição dos actos do culto, entre eles o enterramento religioso. A sepultura fora das igrejas era considerada indigna: desrespeitando a interdição (que vinha desde Afonso IV a população foi buscar os seus mortos e deu-lhes sepultura dentro da Sé. (HS)
INTIGOS – Antigos, antepassados. (VB)
INTITUIR – Ordenar, conferir, estabelecer. A cada passo se encontram benefícios cuja presentação pertence a pessoas leigas e a comunidades; mas a colação ou instituição só aos ordinários pertence, atendida primeiro a capacidade e suficiência do apresentado; e a isto se chama direito de colação ou instituir.
INTONACO – A última camada de estuque sobre a qual um fresco é pintado. (AA)
INSTRUMENTO – Todo o móvel precioso, alfaias, baixelas, jóias, peças, tesouros, vestidos, etc.
INTERDITO ou INTERDIÇÃO – Censura religiosa que proíbe a administração dos sacramentos, os ofícios divinos e a sepultura eclesiástica.
INTRINSICADO – Interior, intrincado, obscuro.
INTRODIR – Introduzir, meter por força e com violência. 1457.
INTROSVISCADA – Vide Emtruviscada.
INTRUDO/INTRUIDO - Entrudo, Carnaval. (VB)
INVEJIDADE – O mesmo que inveja.
INVENCIONADO – Disposto e preparado com arte, primor e galantaria, tomada a invenção em contrário sentido do que hoje se toma, pois, chamamos invencioneiro ao que é cheio de invenções fanáticas, singularidades esquisitas e extravagantes alvitres, que enjoam a sociedade e mostram pouco siso do seu autor.
INZOÁVEL – Pessoa afectada na forma de falar, pretensiosa. (VB).
INZONICE – Patetice, palermice, coisa sem valor. (VB)
IO – Importar, interessar, relevar, Ex. não nos vay tanto nisso.
IRMÃO PERVINCO – Primo em primeiro grau, como vulgarmente se diz filho do irmão do pai. 1296.
IRMEILMENTE – Irmãmente. 1315.
IRMIINDADE – Juramento de cavalaria.
IRREVERENCIAR – Pratica, irreverencias
ISENTO PER SI – Independente.
ISCADAL – Campo que na primavera produz erva. (VB)
ISLÃO – "Submissão", "Abandono" (a Deus). Segundo o Corão é a própria religião muçulmana.Também;**Islão** (portuguêseuropeu) ou **islã** (portuguêsbrasileiro) (em árabe : إسلام; romaniz.: *Islām*) ou **islamismo** é uma religião abraâmica monoteísta articulada pelo Alcorão, um texto considerado pelos seus seguidores como a palavra literal de Deus (Alá, em árabe: الله ; romaniz.: *Allāh*), e pelos ensinamentos e exemplos normativos (a chamada *suna*, parte do hádice) de Maomé, considerado pelos fiéis como o último profeta de Deus. Um adepto do islão é chamado muçulmano. https://pt.wikipedia.org/wiki/Islão
ISSECUTOR – Executor. XIV.

ISTORIAL – Historiador, cronista, escritor de sucessos eclesiásticos ou civis, militares ou políticos. Crónica do conde D. Pedro.
IXUDIO – Vide Eixidio.
IXUDEOS – Vide Eixudos.
IXUDIO – Vide Eixidio.
IXUDOS/IXUDEOS – Vide Eixidio.
IZENTEMENTE – Desafogada, livre e desembaraçadamente, sem a mais leve contradição ou dúvida. Em o novo foral de Valença do Douro de 1514.l
IZENTIDÃO – Isenção, retiro.

J

JABARDEIRA/JAVARDEIRA/JEBARDEIRA/VASCULHO – São os nomes de uma planta silvestre de que se fazem basculhos ou vassouras para as eiras e para jardins, respectivamente na Beira-Alta, Trás-os-Montes, Minho e Lisboa. (LV).

JACENTE, Jazente; estátua – Estátua representando o morto que ornamente a tampa de uma arca tumular. Designação incorreta já que a estátua por si, significa que está de pé. (AA). Também; que jaz; jazente; estendido em posição horizontal; sem movimento; imóvel; situado em determinado lugar; posicionado, localizado; diz-se da herança de que não se conhecem os herdeiros ou que não os tem ou que os tem ilegítimos e sem direito a ela; (DH).

JACIMO – Iaumo (PA); Dia., Os Mouros que navegão no mar roxo, repartem a sua largura em treze jacimos, em cuja largura haverá trinta e seis horas.

JACOBIANO – relativo a Karl Gustav Jacob Jacobi, matemático alemão (1804-1851); relativo à teoria matemática de Jacobi; diz-se de ou determinante constituído com *n* funções de *n* variáveis, tomando-se a derivada primeira da i-ésima função em relação à j-ésima variável como o elemento da linha *i* e coluna *j. (DH)*

JACOBINO – frade da ordem de são Domingos; dominicano; membro de uma sociedade política revolucionária, *Le club des Jacobins*, que começou a se reunir em Paris em 1789, defendendo um ideário democrático exacerbado; membro ou simpatizante do partido político que se originou dessa sociedade, que advogava uma democracia igualitária e empenhou-se em atividades terroristas durante a Revolução Francesa (1789-1799). (DH)

JAEZES – Jahheza (PA);

JAJA – Nome que na Beira-Baixa, falando-se de crianças se designa o fato dellas: … Que bonita Jaja tu trazes hoje!

JALEQUE – Casaco curto; jaleca. (VB)

JALES – Jales (PA); Assentado. Freguesia termo Vila Real.

JALNE – Amarelo, vem do francês jaune; Pendente de fios vermelhos e jalnes. Carta de D. Dinis para o Mosteiro de Castro de Avelãs.

JAM – João. XV.

JAMANTA – Homem desajeitado. (VB)

JAMAR – Chamar, nomear por seu nome.

JAMBA – Empenho (VB)

JAMBELO – Presunto pequeno. (VB)

JANETA – Fuinha ou gineta. Vide Foles Zomaques.

JANGUISTA – Diz-se de mulher bem ataviada, vestida com esmero. (VB)

JANTAR – Certa contribuição de mantimentos e forragens que as cidades, vilas, mosteiros, cabidos e ordens religiosas deviam aprontar para os gastos do soberano e toda a comitiva dos seus, quando como ministro supremo de justiça, hia administralla pelo reino. Com o tempo se alterou tão saudável costume, e as varas da justiça passaram talvez a mãos fracas e venais com detrimento irreparável da monarquia. E os jantares ou de todo se extinguiram ou passaram em mercês de alguns particulares.

JAPÔNA/JAPÓNIA – É como em Alcobaça designam a nêspera.

JAQUE - era uma veste reforçada com lâminas de ferro. Como as Ordenações se referem ao armamento importante, seria o que os ingleses chamam «coat of plates», geralmente de coiro, que servia de base a lâminas de metal; sem mangas, foi usado no século XIV como a única defesa do tronco. Em Portugal as reformas militares levadas a cabo por D. Fernando após a 2ºGuerra Fernandina pressupõe a introdução desta peça, quando

Fernão Lopes refere que "do cambal mandou que se fizesse jaque "Fernão Lopes, Crónica de D. Fernando Capítulo LXXXVII, pp.305. (CM)
JAQUETA – Pequena casaca que se vestia sobre a saia de malha. Era vestido militar de mais ou menos preço e, algumas vezes, de tela d'ouro. Antigamente lhe chamaram os portugueses perpunto e os Franceses pourpoint por ser acolchoado sobre algodão, ou sobre muitas dobras de seda, panos desfiados, pele de gamo ou qualquer outro recheio. Vide Perpunto. Na baixa latinidade se disse Jack ou jacque. Deu uma lançada sobre huma jaqueta que levava vestida. Crónica de D. João I.
JAQUI – O mesmo que jaqueta, armadura dos antigos cavaleiros.
JARDAR – Em Viana quer dizer; tirar a pele da língua do boi, para trabalhos culinários.
JARIA – Jazeria (isto é, não se deteria para cercar o castelo (HS)
JAROLDA – Pândega. (VB)
JAROLDEIRO – Dado à jarolda. (VB)
JARREAR – Beber com excesso e repetidas vezes.
JARRETOS – Crostas de lama na lã das ovelhas. (VB)
JARUNDO – Moca, cacete. (VB)
JAVALI – Jabali (PA); Porco bravo ou montês. Deriva-se de "Jabelon", o monte, é o mesmo que dizer coisa do monte ou montanhês.
JAZEDA/JAZÊDA – Estância ou ancoragem dos navios na enseada.
JAZEDORES – Assim se chamavam os que tinham devoção ou obrigação de serem sepultados no cemitério de S. João de Tarouca (o qual hoje está reduzido a um lameiro e inteiramente profanado, perto do mosteiro).
JAZER – Estar posto ou situado; estar sepultado. Jazer a herança é, na frase da Ordem quando os herdeiros, ainda não fizeram partilhas.
JAZENTE – 1) Viga que se assenta na construção de pontes, no sentido longitudinal destas, e sobre a qual se fixam as travessas do tabuleiro. 2) Efígie funerária deitada, por oposição à orante (efígie funerária de joelhos) Há que evitar o termo "estátua" designa etimologicamente uma figura de pé. Jacente. (AA)
JAZIDO – O mesmo que jazigo.
JEIRA – Salário diário de um assalariado rural. (VB)
JEITAR – Enterrar, sepultar. 1289.
JEIREIRO – Aquele que trabalha à jeira. (VB)
JELACORVOS – Este nome oprobrioso, deram antigamente, aos da vila de Guimarães onde fizeram assento alguns galegos vis, que andavam pedindo sempre para o santo antão e santa maria da estrela.
JERICÓ – Pequeno postigo. Horta pequena. (VB)
JERONZO – Parece ser o mesmo que giro, aro, vizinhança ou arredores. No ano de 952 doou Ildro ao Mosteiro de Lorvão muitas fazendas que tinha no território de Coimbra e também junto nas vizinhanças ou à roda do castelo de lamego. "In jeronzo ad castellum de Lamego".
JHOM – João; também se escrevia Jom.
JIBANETE – Vide Gibanete.
JIBITEIRO – Vide Gibiteiro e Jubeteiro.
JIHAD – "Esforço", em árabe. Aplica-se ao aperfeiçoamento moral do individuo e a tentativa colectiva de espalhar e consolidar, pelas armas, a religião muçulmana. Guerra Santa.
JINÓ – Burro. Obs.: Guilherme Augusto grafa Gino. (VB)

JIROM – Vide Girom.
JOA – Jóia, prenda, brinco, arrecada, laço e tudo o que servia de ornato mulheril.
JOACHINO – Nome de homem que hoje dizemos Joaquim, era mui frequente no século XII.
JOALHEIRO - Lapidarius. CIL 518. (CM)
JOANNE – No século XV se dava este nome a todos aqueles que desprezando o mundo faziam, em lugar solitário, vida penitente. Deu motivo a este nome a vida do servo de Deus Joanne o Pobre, que assim vivia não longe de S. Bento da Várzea, no distrito de Vilar de Frades.
JOÃO D. I, (1357-1433 – 76 anos) – Rei de Portugal de 1385 até 1433, era filho ilegítimo de D. Pedro I e Teresa Lourenço. Quando tinha sete anos de idade o seu pai nomeou-o Mestre da Ordem de Avis, mas pouco se sabe da sua juventude e só se envolveu em actividades políticas durante a crise dinástica depois da morte, 22 de outubro de 1383, do seu meio-irmão o rei D. Fernando. D. João pôs-se então à frente dos que se opunham à sucessão de D. Beatriz, filha de D. Fernando, mulher de D. João de Castela e iniciou uma revolução nacional apunhalando em 6 de Dezembro de 1383, João Fernandes Andeiro, o amante da rainha viúva e herdeira D. Leonor Teles. Seguro pelo apoio popular pelo que lhe era dado por uma facção da nobreza, chefiada por Nuno Álvares Pereira, D. João imediatamente tomou medidas defensivas contra Castela e enviou uma missão a Inglaterra em busca de ajuda militar. D. João de Castela invadiu Portugal em Janeiro de 1384, invocando o direito da sua esposa ao trono, e pôs cerco a Lisboa. Mas a vitória de Nuno Álvares Pereira nos Atoleiros, abril de 1384, pôs em causa a avançada castelhana e de seguida uma epidemia de peste entre o exército castelhano obrigou-o a regressar à sua terra. O Mestre de Avis foi proclamado Regedor e Defensor do reino em 2 de Outubro de 1384
E foi eleito e aclamado rei de Portugal nas cortes de Coimbra em 6 de abril de 1385. A aliança com a Inglaterra (tratado de Windsor, 6 Maio de 1386) e o casamento de D. João I, em 2 de Fevereiro de 1387, com D. Filipa, filha de João de Gaunt, duque de Lencastre, ajudou a garantir a segurança da nova dinastia. Além disso, os portugueses infringiram sucessivas derrotas aos castelhanos durante o ano de 1385 em Trancoso, Aljubarrota e Valverde. A Guerra com Castela foi terminada com o tratado de paz provisório de 1411 e D. João I pôde então virar-se para os planos de uma expedição, lançada com sucesso contra Ceuta em 1415. D. João morreu em Lisboa em 14 de Agosto de 1433 e sucedeu-lhe o seu filho D. Duarte. O seu terceiro filho era D. Henrique, o navegador.
JOÃO DA RUA – Vento. (VB)
JOB A JOB – De job a job, de popa á proa – “A galé era toda atripulada de job a job que não lhe ficava lema manço, ante trazia remeiros sobejos”. Crónica de D. Duarte.
JOGA – Calhau redondo e liso rolado pelas correntes do rio. (VB)
JOGADA – Fato ou lançadeira. (VB)
JOGO – “…nom é isto pera levar ao jogo”: Levar a jogo = levar para a brincadeira.
JOGRAL – Chamou-se jogral o que vivia a maior parte do ano tocando por preço vários instrumentos em festas que não eram principalmente eclesiásticas e do serviço de Deus. (Viterbo). (CM)
JOGUETAR – Brincar; Gracejar.
JOGUNDO/JUGUNO – Vide Teiga.
JÓIAS – “...e especiaes jóias” – Benefícios, proveitos.

JOIGADIGO – Julgado ou concelho que tem foral próprio e justiça com poder ordinário. 1258.
JOLDEIRO – Folião. Pândego. (VB)
JOLDRA – Conjunto de rapazes em correria. (VB)
JORNE – Peça de vestuário que se usava sobre a cota de malha.
JORRO – Pão de jorro, o que carregava um carro a que chamavam zorro ou jorrão e servia para arrastar cousas de grande peso. Ainda hoje dizemos zorreiro (de zorro) o sujeito, besta, carro, navio etc, que se move devagar e como arrastando. Também podemos dizer que pão de jorro é madeiro grosso e corpulento que já se não leva ao ombro ou em carga e só de zorros e tombando-o se pode conduzir.
JOTA – Bocado. Pedaço. (VB)
JOUVAR – Estar ou conservar-se em algum lugar.
JOUVER – O mesmo que Jouvar. Também, Jazer, dormir, descansar, estar sepultado. Também; Ter ajuntamento carnal ou trato desonesto com alguma mulher, o que, honestamente se explica com a frase; de dormir com ela.
JUBANETE – Vide Gibanete. Também; JUBANETE - Pequeno gibão de aço, ou de ferro. (CM)
JUBÃO ou JIBÃO – Jobbaton (PA); Colete. Que de sedas os homens poderão trazer somente jubões e carapuças.
JUBETEIRO – Alfaiate, que fazia gibanetes. E mais, propriamente o algibebe, que remenda ou compõem vestidos ou roupas velhas e rotas. Viterbo, 1393. (CM)
JUBOM – Gibão (NAP)
JUBOTE – O mesmo que gibanete, armadura dos antigos cavaleiros.
JUDÊNGA – Sisa, Judenga; a que pagavam os Judeus. 1489. Vide Segitorio, ou Juderéga.
JUDEU – Nome dados pelos habitantes do concelho de Freixo de Espada à Cinta ao Lagoaceiro (habitante de Lagoaça). (VB)
JUDEOS – Vide Contrauto com os judeus. No ano de 1431 se passou provisão real a santo samay judeu, ferreiro de Coimbra. Para poder fazer qualquer contrato com Cristãos.
JUDERÉGA – Tributo de trinta dinheiros que os Judeus pagavam por cabeça para lembrança e pena de haverem vendido a Cristo por outros tantos. Também se chamou Judenga este vergonhoso tributo.
JUGADA – É bem conhecido, entre nós este direito real, como se disse (Vide censo, censo fiscal e Igreja) Rei D. Afonso V declarando pela sua lei de 1480 a maneira e modo porque os privilegiados hão-de pagar as jugadas das terras que lavram e não forem suas. Também; É bem conhecido, entre nós este direito real, como se disse (Vide censo, censo fiscal e Igreja) Rei D. Afonso V declarando pela sua lei de 1480 a maneira e modo porque os privilegiados hão-de pagar as jugadas das terras que lavram e não forem suas.
JUGADA INTEIRA – Vide Jugada; No foral do Castelo de Piconha, que já fica dentro da Galiza, mas ainda paga certos foros ao senhor da vila de Chaves, se declara que todo o lavrador que nesta vila e seu termo, lavrar com huma junta de bois, pagará jugada inteira que são 48 réis pelo maravedi que o foral do rei D. Sancho I lhe mandava pagar.
JUGADA NOVA – No foral que a rainha D. Teresa deu à cidade de Viseu no ano de 1123, se faz menção de jugada nova, à distinção da Jugada velha. Estes haviam de pagar os "milites" ou cavaleiros que passassem um ano sem terem cavalo.
JUGADAR – Medir o pão da jugada. 1409.

JUGADAS – Imposto devido inicialmente pela produção de cereal e proporcional ao número de bois (Jugos) usados na lavoura durante o ano, mais tarde foi estendido á produção do vinho. (HS).
JUGADAS DE PÃO – O direito a receber o imposto assim designado (em regra um moio de trigo ou milho por cada porção de terra lavrada por um jugo de bois durante um ano. (HS)
JUGADEIRO/S/JUGÁRIO/JUGUEIRO/S – O que paga a jugada.
JUGUEIRO DO CASAL – Caseiro do casal que pagava a jugada
JUGUEIROS – Vide Jugarios
JUGUNDO – Vide Jogundo
JUIGADO – Julgado ou concelho, que se governa pelo seu particular foral.
JUIGAR – Julgar. Daqui Juygado, julgado. 1294
JUIZ DO LIVRO E DO FORO – Assim chamavam antigamente, àqueles juizes que decidiam as causas assim criminais, como civis já pelo que estava ordenado no livro "Fuero e Juzgo" que eram as leis gerais nos princípios desta monarquia.
JUIZO – Quando nos nosso forais antigos se diz; v.g. Omnes intentiones sini per inquisitionem bonorum hominum et nom per judicium – este juízo é o que o direito da idade média chamava juízo de Deus, v.g.; ferro quente, água fervendo, juramento. Este juízo era, pois, uma prova indirecta e só antão admissível quando o facto se não podia averiguar por inquirição de boas testemunhas a qual era prova direta e seguríssima.
JUGADA – Imposto tributado pelos reis tendo em conta os jugos ou singel de bois com que o lavrador cultivava a terra. A quantia era geralmente um moio de cereais por cada junta de bois com que se lavrasse. Este imposto recaía geralmente sobre as terras pertencentes aos peões, pois os cavaleiros-vilãos, tanto dentro como fora dos concelhos, estavam, regra geral, isentos do seu pagamento. (AFONSO)
JUGUEIRO/JUGADEIRO; Peão detentor de um prédio foreiro e, por isso, obrigado ao pagamento de jugada. Este era um colono que mantinha com o senhor, Rei, nobre, eclesiástico ao concilium, e tinham a função de receberem os foros estipulados. (AFONSO).
JULGADO – Nas inquirições reais, desde Afonso II até D. Dinis julgado (ou judicatum) era sinónimo de concelho ou terra ou termo que tinha juiz ou alvazil com jurisdição mais ou menos ampla.
JULGADO DO VENTO – Judicatura, ofício do juiz que tomava conta e decidia sobre os gados do vento, isto é, que se achavam perdidos e sem dono.
JULGAJUL – O que tinha ofício de julgar, ministro da justiça, corregedor da cidade.
JUNIPERO – Zimbro (Planta)
JUIZES – Os Judex eram autoridades judicial e administrativa máxima no concelho. Presidiam ao concílium, e tinham a função de receberem os foros estipulados.
JUNTADAMENTE – Juntamente e sem divisão.
JUNTURA/JINTURA – O mesmo que apeiragem, conjunto de peças necessárias para jungir os bois ao carro. (LV)
JUR – Vem do latim jus, o direito. 1306.
JUR E HERDADE – De pleno direito, para ele e seus sucessores. (HS)
JURADIA – Ofício de jurado. 1375.
JURGIO/JURGO – Jorge, nome de homem.
JUS – Direito.

JUSSÃA – É o contrário de Susãa. Caria de Jussaã. Caria de Baixo; Caria de Cima, Caría de Susaã. Antigamente se dizia juso, abaixo e suso acima. Ainda hoje se diz Juzante a maré que baixa; e montante a maré que sobe.
JUSTA -Dezoito escudelas d'estanho e duas justas e seis saleiros, e quatorze salvinhas todas de estanho. Documento de Pendorada de 1359.
JUSTAS ou BOFORDOS – Espécie de torneios medievais. A justa consistia na luta entre dois homens armados de lanças; o Bafordo era, mais propriamente um jogo entre cavaleiros, que consistia em arremessar entre si canas à maneira de lanças.
JUSTIÇA DE MONTE-MÓR – A que mandava que algum criminoso fosse precipitado de um rochedo ou despenhadeiro.
JUSTO – Moeda de ouro que fez lavra D. João II, com o peso toque e fineza de dois cruzados e valor de 800 réis. Tinha de uma parte, por cunho o escudo de armas reais portuguesas com a coroa em cima e na orla o nome do rei. Da outra parte tinha a imagem do mesmo rei armado com a espada na mão, assentado em um trono entre dois ramos de palma com a latra que lhe deu o nome Justus ut palma florebit.
JUSTO DE OURO – Vinte justos era a taxa que se resgatava um cativo. No tempo de D. João II (1481-1495) valia o marco de ouro de lei de 22 quilates, 38 peças de justo cada um do qual, no ano de 1495, valia 600 réis. Moeda pertencente ao espólio da Associação Terras Quentes.

Reverso Anverso

Legenda: **Anverso**- +IOHANES: I.I.R. PORTVGA/IE: ET: A:D: GVINE (João/II rei de Portugal e A/garves. Senhor da Guine, entre cercaduras granuladas. Ao centro as armas nacionais coroadas, em campo ornamentado. **Reverso** - +IVS TVS: VT: PALMA: FLORRREBIT: I O Justo florescerá como o palmal entre cercaduras granuladas e lisa. Ao centro, o reide frente sentado num cadeiral de espaldar gótico, com manto e revestido de armadura completa, empunhando uma espada na mão direita ao alto.
JUVANETES – E por este capitolo se levarão todallas armas brancas e juvamnetes, béestas d'aço ou arco d'aço pera ellas e assim as coronhas com suas chaves e calços postos que venham sem arco.
JUZGO – Justiça, perfeita observância das leis, igualdade, sossego paz e também a sentença de arresto que o juiz pronuncia.
JUZGO (FUERO) – Nos nossos documentos que precederam às cortes de Lamego de 1142 se acham com frequência estes ermos "sicut lex docet; lex gotorum; liber judicii; liber judicum e fórum judicum" que na língua vulgar dfaqueles tempos se dizia Juzgo Fuero e nós hoje diríamos livro de julgar e decidir causas, assim criminais como civis.

K

K – Como nota ou sinal, indicava, na música, clamor ou elevação da voz.

KABAK – Kabaq (PA); coz pérsica. A Perdiz.

KADISH – no judaísmo, oração ritualística diária das sinagogas e de cerimônias públicas pranteando a morte de parentes próximos. (DH)

KAFIR – indivíduo de uma população africana banta, não muçulmana; cafre. (DH).

KAHE – Vide Azena.

KALEB – Calb (PA); Coração.

KALENDÁRIO – Vide Mortulhas, onde se achará serem assim a cera como calendário, direitos arquiepiscopais; Também disseram os latinos calendas o primeiro dia de cada mês, em que o pontífice chamado o povo lhe fazia saber quantos dias mediavam entre as calendas e as noas para que nestes viessem ouvir o que ou sagrada, ou civilmente deviam fazer; Também; Em alguns documentos da Galiza se chamavam kalendas os direitos de portagem e outros que nas feiras ou mercados se pagavam ao rei ou a quem a coroa tinha deles feito mercê. De serem as feiras no primeiro dia de cada mês nasceu este nome e neste sentido.

KALSA – peça única de roupa masculina ou feminina que se ajusta à cintura (ou algo abaixo dela) e cobre as pernas, geralmente até a altura dos tornozelos; calça. (DH)

KAMARES – Cerâmica minoica, decorada com desenhos pretos e brancos e muito fina; é assim chamada da gruta onde foi encontrada pela primeira vez. (AA)

KANARÍN – natural ou habitante do Canará, estado da antiga União Indiana limítrofe de Goa; canarim. (DH)

KANISAT EL GORAB – Canisat el Gorab (PA); A Igreja do Corvo. É nome composto de "Kanisat" a Igreja e de "Gorab", o corvo. Assim chamavam os Mouros ao cabo de S. Vicente no Algarve. Ver passagem Tomo III Monarchia Lusitana, Escritura XXV.

KANTIANO – mesmo que kantista; relativo ao pensador Immanuel Kant (1724-1804, filósofo alemão) ou à sua filosofia; admirador ou conhecedor do pensamento kantiano. (DH)

KANTISMO – doutrina do filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804), que almeja estabelecer os limites e a legitimidade das potencialidades cognitivas da razão, e apontar as condições de possibilidade apriorísticas do conhecimento e da legislação moral, inerentes à constituição universal do espírito humano; criticismo. (DH)

KARACTER – Na carta do couto de Santo Tirso se diz; nom pro karacteribus em outros documentos se escreve character, sem K na mesma significação de feridas ou contusões, ou sejam chães ou negras ou sangrentas, de que se pode ver. (vide feridas). E como os vergões ou pisaduras lívidas, roxas ou cárdenas, resulta a figura de um sinal impresso, ou seja, com ferro ou pedra ou bordão, cajado ou trocho, por isso em português como no latim foram chamados caracteres. Nas cortes de Lamego se proibiu, com graves penas, o espancar alguém.

KARRITELLO – Vide Caritel.

KARTA DE BENEFACTIS – Vide carta de benefactis.

KARTA DE GADEA – Vide carta de Gadea.

KAYA/CAMBA – Moenga ou moinho de mão, em que se preparava o trigo ou cevada para fazer cerveja.

KEYNESIANISMO – conjunto das teorias e medidas propostas pelo economista britânico John Maynard Keynes (1883-1946) e seus seguidores, que defendiam, dentro dos parâmetros do mercado livre capitalista, a necessidade de uma forte intervenção

econômica do Estado com o objetivo principal de garantir o pleno emprego e manter o controle da inflação. (DH)
KAZIMO – Puro, limpo, de lei, sem fezes ou liga.
KAZIMOS (SOLDOS) Soldos kazimos; soldos de prata kazimos; ouro kazimos, são termos mui frequentes nas escrituras que entre nós se exararam no tempo dos serracenos e ainda depois de que do nosso país foram expulsos.
KEBLA – Quebla (PA); É parte oposta a qualquer pessoa para onde estiver virado. Os Mahometanos dão este nome ao Templo de Mecca pela obrigação ou preceito que tem de estarem voltados para aquela parte todas as vezes que querem rezar, segundo o que se lhe manda no cap. 2 e 146 do Alcorão: por cujo motivo em todas as suas mesquitas há um nicho na parede que corresponde à parte do Templo de Mecca a que chamam "Alquebla" para o qual nicho estão virados quando rezão. Nele não tem imagem nem figura alguma, tão somente serve de indício do lugar para onde devem estar virados. Deriva-se do verbo "Cabela" que na IV conjugação significa estar fronteiro de alguma coisa.
KEMISO – Camisa, saiote, vestido imediato ao corpo. 1026.
KEEP – Torre principal do castelo inglês, equivalente ao donjon francês. (AA)
KHANQAH – Local de residência para sufitas, semelhante à Madrasa, e constituído por um pátio rodeado por galerias dando acesso a celas em três lados e a uma sala para a assembleia comunitária do lado da qibla. (AA)
KIBUTZ – pequena comunidade israelense economicamente autônoma com base em trabalho agrícola ou agroindustrial, caracterizada por uma organização igualitária e democrática, obtida pela propriedade coletiva dos meios de produção e da administração conduzida por todos os seus integrantes em assembleias gerais regulares. (DH)
KIERKEGAARDIANISMO – pensamento do filósofo e escritor dinamarquês Sören Kierkegaard (1813-1855), caracterizado por uma radical contestação à filosofia sistemática e abstrata, especialmente a de Hegel (1770-1831), e uma valorização da experiência imediata da religiosidade e da subjetividade individual que, no séc. XX, logrou influências nas correntes existencialistas cristãs e ateias
KILT – saiote pregueado, liso na frente e trespassado dos lados, em tecido de lã com desenho de xadrez, com comprimento da cintura aos joelhos, que é parte do traje tradicional escocês do sexo masculino; na moda feminina, saia com as características do saiote escocês, de comprimento variável, não necessariamente de lã. (DH)
KIST – Quest (PA); No oriente entre vulgo, é balde delgado e comprido com arco todo em madeira onde os camponeses trazem o leite coalhado para vender. Leva cinco quartilhos ou canada e meia da nossa medida.
KLAFT – Pano de listas horizontais que cobre a cabeça dos faraós e cai em duas tiras sobre os ombros.
KREMLIM – Acrópole fortificada ou cidadela das cidades russas e mais particularmente de Moscovo. O Kremlin moscovita, residência dos antigos Ksars, foi construído nos séculos XV e XVI por arquitectos italianos segundo o tipo Castello Sforzesco de Milão. Mas com achegas de Bizâncio.
KUDURRU – Bornes nos quais Babilónios e Assírios gravavam inscrições relativas a transmissão de terrenos. (AA)

KYRIE – enfiada, série infindável. Durante a missa, logo a seguir ao Introito faz-se uma súplica seis vezes seguidas; Kyrie eleison (do Grego Kurie, Senhor e eléêson, tem piedade. A acepção com que a expressão é usada no texto provém daquela repetição.

L

L – Na música, denotava voz alta e alegre.
LABAÇA – Espécie de acelga. Manha, astúcia. (VB)
LABARDA – Alabarda (RB)

Duas alabardas pertencentes ao espólio
da Associação Terras Quentes

LABAREDA – Pessoa irrequieta, buliçosa. (VB)
LABE – Nódoa, labéu, mancha, landim. (RB)
LABEFACTADO – Viciado, arruinado, correção de abusos. (RB)
LABILIDADE – Fraqueza, inconstância da memória, esquecimento.
LABIRINTO – Muito barulho, algarviada. (VB)
LABOCEIRO – Vaidoso. (VB)
LABORAR/LAVORAR – Lavrar, romper a terra.
LABREGO – Homem rústico na vida e maneiras. Arado que entre duas aivecas tem um varredouro com que o lavrador abre as mantas de terra por onde quer por vinha nova. (RB)
LABRESTAR – Furtar, roubar. (VB)
LABROSCO – Labrego. (VB)
LABRUSCO – Agreste, bravio, não cultivado. (RB)
LACA – Lacca (PA); Espécie de tinta encarnada que se faz do suco de uma planta e serve para a tinta dos couros de cabra. Os pintores também se servem dela para certas cores. Há outra laca chamada lacre de formigas que vem de Bengala.
LACAIO – Molquion (PA); Criado de servir, cuja ocupação é bem conhecida. Significa enjeitado, lançado fora, exposto. Deriva-se do verbo arabe "Lacad" que expressa o mesmo. (VB)
LACÃO – Presunto de porco. (RB)
LACÉRA – Guarda.
LAÇO – Marca de certa dança morandesa. (VB)
LACOEIRO – Preguiçoso. (VB)
LACRE – Lacco (PA); Composição de cera e fezes da laca, feita em paus, que serve para fechar as cartas e selar papeis.
LACTAÇÃO, MILAGRE DA – Cena popular da lenda de S. Bernardo, representado de joelhos diante a Virgem que amamenta o Menino e que, apontando o seio, faz esguichar algumas gotas de leite nos lábios do seu cavaleiro. Este tema algo escabroso desapareceu após a Contrarreforma. (AA)
LADA – No rol dos direitos, que há-de ter o mordomo-mor da terra de Gaia, se lê o seguinte: It; há d'aver o costume de quantos navios entrarem pela foz do douro e per

amballas ladas. Livro preto de grijó. Na ínfima latinidade se disse lada ou leda por estrada ou caminho largo, porém aqui não se pode dizer que ladas são estradas da terra, mas sim caminhos de água por onde os navios ou quaisquer outras embarcações (que então indiferentemente se chamavam navios) podiam navegar.
LADAIRO – Procissão e clamor com ladainhas ou preces para conseguir o remédio em alguma calamidade e aflição.; Também; A semana das ladainhas que é a da Ascensão.
LEDAMENTE – Alegremente (NAP)
LADEIRA – Alhodura (PA); Costa do monte.
LADÉRA – No mês de julho de 1139 caminhando para o fossado da Ladera D. Afonso Henriques, intitulando-se ainda infante, uma doação que se pode ver (Vide Foro morto e vide, fossado). Nas inquirições reais se fez menção de uma terra chamada Ladeya ou Ladeia, não longe da foz do Zêzere. Ou digamos que Ladeya era o Rabaçal por onde a estrada se encaminhava para o Alentejo. Ver Elucidário.
LADILHA – Piolho ladro. (RB)
LADINHO – Legítimo, puro e sem mistura. Aos Judeus que não fossem das comunas, proibiu D. João I o fazerem instrumento algum ou carta entre eles e os cristãos se nom per lingoagem ladinha português.
LADO – Lombo de porco.
LADRÃO – Vide Bucellario. Também; Vergontea que nasce ao pé da arvore e furta o cevo (a ceiva) que havia de ir para ela. Vaso que se poem nas adegas para recolher o vinho, que as pipas recusam ou o azeite que se vai das talhas. (RB).
LADRÃO CADIMO – Cadimo (PA); Ladrão velho e muito exercitado. O primeiro nome é português o segundo é Arábico.
LADRAR – Atroar os ouvidos, vozear, fazer alardo e ostentação dos seus merecimentos ou verdadeiros ou falsos.
LADRAVAZ – Chulo, grande ladrão. (RB)
LADRIÇO – Prisão de corda com que se liga o pé do cavalo ao travão. (RB)
LADRONEIRA – Balcão de pedra, totalmente fechado e com tecto. Possui seteiras nas faces e mata-cães no pavimento, para defesa vertical. Aparece geralmente a meia altura, mas podem surgir no alto das torres ou muralhas. (AA)
LAFRAINS – Nome que em Rebordelo são a alguns indivíduos tidos como Judeus. (VB)
LAFRAU – Individuo mariola, patife, aldrabão, mentiroso. (VB)
LAGAREDIGA – Vide Eiradiga. No foral de Tomar de 1162, se diz EnLagaradiga de vino de cinque moios a fundo den huum almude; e se mais for dê humma quarta, sem ofreçom e sem jantar. XIV.
LAGAR PEDRINHO – Lagar feito de pedra, cousa mui rara no século XIV quando os lagares em que o vinho se espremia quase todos eram de pau.

Antigos "lagares de pedra" -Terronha de Pinhovelo –
Foto espólio da Associação Terras Quentes

LAGARTEIRO – Chulo, manhoso, doloso. (RB)
LAGARTISAS – Parece quis dizer lagartixas, insectos bem conhecidos e que em algumas taças antigas de prata se acham lavradas ao buril.
LAGUEQUAS – Entre as cousas que se não podem levar às ilhas sob certas penas são laguequas de toda a sorte, matamingos, panos da índia; Chamaram laguequas certas pedrinhas de um vermelho alaranjado que se acham na península do Indo, aquém do Ganges das quais se fazem contas as contas de estanca sangue, brincos, tentos gargantilhas.
LAIDA/LAIDAMENTO – Ferida laida a que é própria a causar lesão, deformidade ou tolhimento no que a recebeu. Vem do latim Laedo.
LAIDAR – Ferir, espancar, fazer chaga ou contusão.
LAIDIO – Desonrado.
LAIDIR – O mesmo que laidar e ambos doi latim laedo.
LAIDO – Rústico, torpe e afrontado.
LAIRA – Leira, belga, pedaço de terra.
LAISCAR – Deixar.
LALIM – Lalim (PA); Aldeia do termo de Lamego. Fundação de Zeidan Bem Huin, regulo daquela cidade. Significa Irrepreensível.
LAMBAZ – Chulo, comilão, lambe-pra. O que anda comendo e bebendo por tabernas e bodegas. (RB)
LAMY – turco nobre que nas cidades da Palestina desempenhava o lugar de juiz.
LAMEIRA VIRGEM – O mesmo que prado, cuja erva, ainda naquele ano não foi comida ou calcada pelos animais.
LAMEIRO – Em Tralos Montes, prado Cardoso: Lamaçal, Arraes. (RB). Também; Prado natural típico da região de Trás-os-Montes; terra alagadiça que produz muito prado. (MC); Terreno húmido onde cresce erva; pântano, lamaçal. (TMC)
LAMPADA – Alampada, vaso com óleo e torcida acesa dentro dele, como estão suspensas nas Igrejas. (RB)
LAMPADÁRIO – Espécie de castiçal de muitos braços e lumes que de ordinário se pendura nas igrejas. (RB).
LAMPADO – Relâmpago.
LAMPAS – Frutos novos colhidos na noite de S. João. (RB).
LAMPEÃO – V. Lampadário.
LAMPREEIROS – Redes de pescar lampreias.
LANÇA – Também se tomava por medida agrária e era de vinte e cinco palmos craveiros. De uma sentença de 1695, consta que duas lanças eram cinquenta palmos. Também;
LANÇA – A lança comprida normal era a arma principal dos chamados homens de armas, que constituíam em plena Idade Média a chamada cavalaria pesada. Fazia parte do equipamento de D. Nuno Álvares Pereira, quando reconheceu o campo de batalha, antes da sua eclosão; nessa acção levava “cento de cavalo com cotas e braçais e lanças compridas “. Contudo o Condestável como afirma o cronista, dela não se serviu uma vez que combateu a pé. A infantaria portuguesa, nas Guerras da Independência 1383-85, utilizou frequentemente a lança de menores dimensões, entre elas destacam-se os dardos que eram lanças mais curtas utilizadas pelos peões. O cronista refere: “eram em tanto servidos avondo de lanças e dardos e virotões”. Em Portugal as lanças utilizadas pela infantaria portuguesa nas Guerras Fernandinas, pouco evolução apresentam

relativamente aos séculos anteriores tal como no Ocidente. “Durante os séculos XII e XIV o manejo das lanças pela infantaria não sofrem variações importantes relativamente à Alta Idade Média “. Neste grupo de armas podemos ainda indicar: os piques (que tinham aproximadamente os seis metros, os chuços curtos e muitas vezes improvisados, as forquilhas e até tridentes. (CM). Também; Síntese histórica:

No séc. XII a lança era a arma mais importante do cavaleiro- A carga começava sempre com lança, quando esta se quebrasse o combate continuava com as fachas e só no fim vinham as espadas, Uma boa lança tinha, no séc. XII, cerca de três metros de comprimento e no séc. XIV cinco metros. Uma carga com lança era terrível. Raramente a peonagem resistia a uma carga em massa da cavalaria. Tudo em volta desaparecia.

Antes do cavaleiro carregar, a lança era mantida na vertical apoiada no estribo direito. Na altura da carga, no séc. XII, a lança era colocada não sob o braço direito, mas numa posição horizontal ao cavalo ao nível da anca. O ferro da lança podia ter diferentes feitios, mas a madeira entrava sempre dentro do ferro para se obter uma maior resistência. Muitas vezes, era posta na ponta uma pequena bandeira, que desapareceu totalmente das lides de guerra em meados do séc., XIII.

Uma lança com 5 metros era pesada, incómoda e difícil de se manter na horizontal, durante muito tempo. Por isso, no séc. XIII, começou a tornar-se necessário apoiar a lança durante a carga. Este apoio não podia estar fixo sobre a loriga que era mole. Então, prendiam uma correia de cabedal ao pescoço em que se enfiava a lança a fim de não terem de suportar. O peso durante a carga.

Somente no séc. XIV se adotou sobre os peitos e panceiras de ferro um gancho, a que os franceses chamaram fanore ou fantre e os portugueses riste. No séc. XIV ter uma lança em riste era sinónimo de carregar.

A lança era, de uma maneira geral, feita de madeira de freixo pelo que era conhecida pelo nome de freisnin e ao ferro da lança dava-se, no séc. XIII, o nome de arestol.

No séc. XIV, dá-se uma alteração profunda no formato dos ferros. Os reforços em aço da cota de malha obrigaram a uma modificação na ponta das lanças. Os ferros curtos deixaram de servir, pois resvalavam sobre as placas metálicas, sendo substituídas por outros mais compridos, bem fixos à madeira e capazes de penetrar entre as placas. Os Franceses davam a estes ferros o nome de glaiva. Existe um exemplar em muito mau estado, conservado no Museu Militar de Lisboa e encontrado nos campos de Aljubarrota (1385).

No fim do séc. XIII, aparece um disco de aço em forma convexa, chamado arundela que se enfiava na madeira da lança destinada a proteger a mão do cavaleiro.

O impacto produzido por um cavalo em carga era imenso e o choque imprima um movimento de recuo, tão pronunciado que a lança era projetada violentamente para a retaguarda. Para evitar que a lança escorregasse da mão começou a aparecer um sulco, em forma de concavidade, feito na empunhadura, na ponta do qual se fixada um colar em aço a que se dava o nome de grape.

Nos finais do séc. XIV, os cavaleiros para carregar punham-se de pé sobre os estribos, inclinavam-se para a frente e fixavam fortemente o braço direi- to, sobre a lança. (MGM). Também; Também se tomava por medida agrária e era de vinte e cinco palmos craveiros. De uma sentença de 1695, consta que duas lanças eram cinquenta palmos.

Ponta de lança, original, séc XIII, espólio Associação Terras Quentes

LANÇA – Ponta de Lança de Torneio, séc. XIV: **Síntese histórica:** Ponta de lança, dita de coronel, século XIV.

Este tipo de ponta trilobada destinava-se a justas ou torneio" à plaisanse". O seu formato foi concebido de forma a evitar perfurações graves. Todavia e apesar destes cuidados não raro era haver mortes causados por ferimentos profundos.

Na crónica de D. João I, relata-nos Fernão Lopes a justa entre Mosse Joham e um francês no caminho entre Salamanca e Ledesma.

…." Emtam cavalgou e foram outra vez; e emcontrou Mosse Joham tam baixo o outro, hã levamdo a lamça no reste que lhe ferio o cavallo no pescoço de guissa que morreo. (Fernão Lopes, crónica de D. João I, Vol II, cap. CXI".

Ponta de lança de torneio, espólio Associação Terras Quentes

LANÇADIÇO – Destro, manhoso, astuto, bem capaz de impor e enganar.

LANÇANTE – Lançando, espargindo, derramando.

LANÇAR O ESPÍRITO – Morrer. (HS)

LANÇAR VARAS – Entre as inumeráveis superstições que algum tempo se viram em Portugal, como lançar rodas; lançar sortes; lançar água por joeira; lançar caal às protas de casa e outras (de que ainda Lisboa não estava isenta a 14 de Agosto de 1485) segundo o assento do senado que traz Silva nas Memórias do Rei D. João I, tomo IV) foi, sem dúvida o de lançar varas para descobrir os preciosos metais. E com efeito se tivéramos averiguado que estas varas eram de aveleira, poderíamos avançar que delas procedeu a famosa vara adivinhatória que tanto ruído fez em toda a Europa e que por mais de duzentos anos se conheceu neste reino.

LANÇAROTE - O que tratava dos burros de cobrição e chegava as éguas ao burro para que fossem cobertas. (CM)

LANÇAS – Homens de armas a que antigamente chamavam cavaleiros. Destes escolhiam os reis, infantes e ricos-homens os que lhe pareciam de mais valor e confiança para os acompanharem nas campanhas em guarda particular das suas pessoas e pendões. 1385.

LANCEADA – Golpe de lança, lançada.

LANCETA – Janela gótica muito alta e estreita. (AA)

LANCIL – Toda a casta de pedra comprida e de pouca grossura, como verga e ombreiras de portas, derivado do francês Lancil. (RB)

LANÇOOES/LENÇOES – Falando-se em cousas ou alfaias de Igreja se tomam por toalhas e cortinas. As tolahas não são peças de ornato, mas de necessária preparação do altar; donde se vê serem cortinas que naquele tempo, ordinariamente eram de linho.

LANDAU – Tipo de viatura com suspensão e dupla capota, fabricada originalmente em Landau.

LANDE – Boleta ou bolota. A mão do bacorinho, boa lande (RB)

LÂNDOA – Trama, Bubão, apostema pela qual a peste se manifestava. (HS)

LAGAR – topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.570) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às fichas de registo de

cadastro rústico das freguesias Ferreira e Santa Combinha; lagariça; relego; espécie de tanque onde se espremem ou pisam certos frutos. (TMC)
LAGAR DOS MOUROS – topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (Vol. IX, p.570 e vol. X, p.826) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro da freguesia de Lamalonga. (TMC)
LAGARES – topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (571 e 684-IX), e na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da qual se retirou a seguinte informação: Designação: Lagares Tipo de sítio: Necrópole. Período: Indeterminado/ Pré-História Recente? Localização: Vale Benfeito. Descrição: Neste local actualmente ocupado por culturas agrícolas, nomeadamente um olival, apareceu em 1904, uma cista ou sepultura, que foi destruída. Segundo a descrição, era composta por três Lages, uma de cabeceira e duas laterais. Em visita posterior ao abade Baçal foi referenciada o aparecimento de uma segunda, havendo notícias ainda do aparecimento de mais, que terão sido destruídas. Na primeira cista, assinala-se o aparecimento de numerosos fragmentos de cerâmica, e de um anel de ouro, em espiral, de três voltas, que desapareceu, com o resto do espólio e das cistas.
No terreno, a par de grande quantidade de pequenas Lages de xisto, aparecem pequenas aglomerações de três ou quatro Lages maiores, também de xisto, registando-se ainda o aparecimento de uma em granito, pedra alheia à geologia local. Não apareceram outros materiais à superfície. Há algumas indicações, pouco precisas, de que poderá ter sido aqui o local de achado das quatro alabardas de Vale Benfeito. (TMC)
LAGARÕES – topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p. 570), como de interesse arqueológico. – aumentativo de lagares. (TMC)
LANGARA – Coxo, aleijado. (RB).
LAMEIRINHO – topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. – Lameirinho, diminutivo de lameiro; (ver, lameiros). Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Lameirinho. Tipo do sítio: Arte Rupestre. Período: Idade Média/ Moderno. CNS: 17294. Localização: Vale Benfeito.
Descrição: Marra que separa os termos de Vale Benfeito e Grijó de Vale Benfeito. É um bloco granítico, de forma rectangular. Na face virada a Vale Benfeito tem gravada uma cruz, e por baixo, um círculo, apresentando ainda outros traços de difícil caracterização. Do outro lado da estrada, segundo informações recolhidas, existia outra, na zona de Cheilinhos, muito semelhante a esta, que, entretanto, desapareceu, provavelmente por causa das obras de construção do troço da IP2. (TMC)
LAMEIRO – Terreno húmido onde cresce erva; pântano, lamaçal. (TMC)
LAMEIRO DO CASTRO – topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.570) como de interesse arqueológico, mas que não se encontrou na busca efectuada às folhas de registo do cadastro rústico da freguesia Morais. (TMC)
LANGUIDO/LANGUOR – Desfalecido, sem forças, sem alacridade, sem viveza. Da flor que vai murchando. (RB)
LANIO – Cobertor ou vestido, ou capa de lã. 1512.
LANTERNEIRO N- O que faz lanternas ou as leva na procissão.
LAPÃO – O mesmo que galeria. (LV); também; Também; Ratoeira para caçar texugos. (VB)
LAPAR – Comer com sofreguidão. (VB)
LAPARINHO – O macho da lebre, pequeno. (RB)
LAPAROTO – Gordo e tolo. Manhoso, astucioso. (VB)

LAPÊDO – Terreno penhascoso ou cheio de pedras. Do latim lápis se originou lapedo, laporeto, lapela. Vide laudomanes.
LAPICIDA – Talhador de pedra ou mármore. Os antigos distinguiam os trabalhadores do mármore em três categorias: Os Lapicidas que trabalhavam a pedra ou o mármore), os marmoristas (que aperfeiçoavam e poliam o mármore talhado); e os escultores (que davam ao mármore a forma artística definitiva). (AA)
LÁPIDE – Pedra sepulcral com desenhos ou inscrições, ou ambos, colocada nas cabeceiras das sepulturas.
LAQUECAS – Contas, brincos, tentos e outras quinquilharias que se faziam de umas pedrinhas alaranjadas que se acham na península do Indo.
LARAITA – Galdrapa. Porca grande, velha e magra. (VB)
LARANJA – Fruta de árvore de espinho com casca de cor amarela e gomos dentro. (RB). Também; LARANJA – Naranja (PA); fruto conhecido. Os Castelhanos o pronunciam sem corrupção, Naranja.
LARAPINAR – Furtar, roubar. (VB)
LAREGA – Porca pequena. Mulher baixa e gorda. (VB)
LAREIRO – Sujo, imundo, (recolha feita em Fornos – Freixo de Espada à Cinta). (VB)
LARÉU – Ar. Estava de corpo ao laréu, estava destapado, à mostra, nu. (VB)
LAROTA – Chouriça deita de pão e carne. (VB)
LAROTEIRO – Preguiçoso, mandrião. (VB)
LARVEÇAS – Contribuições, tributos ou encargos e serviços do concelho. 1292.
LASCARIM – Criança que gosta de andar descalço. (VB)
LASTRÃO – Rasto de pedra sobre o qual giram as galgas nos moinhos de azeite. (VB).
LASTRAR – Pagar, sentir algum mal o dano. RB
LATANEO – Posto ao lado, junto, a rego. Campo latanéo o que parte a rego com outro campo; quasi á latere.
LA TÈNE, Estilo – Designação dada à arte da 2ª Idade do Ferro (século V a.C- século I d.C) a partir da estação epónima na Suíça, Joalharia cerâmica, trabalhos de madeira e metal são das produções mais características desta arte, devida às populações Celtas. (AA)
LATÃES – Latães: Late; Reg. Engenho de tirar água dos poços; cegonha; peça de tirar água. Aldeia da freguesia da Amendoeira, concelho de Macedo de Cavaleiros (TMC)
LATES – Máquina de tirar água dos tanques; consta de uma forquilha perpendicular, entre cujas pernas anda uma vara com dois baldes nos extremo. (RB)
LÁTEGO - açoite, chicote azorrague de cordas ou correias – A corda da cilha da sobrecarga enquerideira. (CM).
LATIM – língua de origem indo-europeia (do ramo ocidental dessa família), falada pelos habitantes do Lácio e pelos antigos romanos, documentada desde o séc. VII a.C., que teve curso no Império Romano, até os séc. IV-V (e até o séc. XVIII, como língua especial, pelos homens de saber, e que é ainda hoje a língua oficial da Igreja católica romana); Reg; 1899; linguajar de criminoso. (DH)
LATOEIRO - Aquele que trabalha em lata ou latão; funileiro. (CM)
LATUCHO – Bolo feito de carne. (VB)
LAUDEL – Espécie de saia de malha, coberta com folhas ou laminas de fino aço ou coado ferro, que cobria o tronco de corpo. Vide bacinete. Também; Vestidura exterior, talvez enlaminada para defender o corpo. (RB).

Laudel de D. João I, feito a partir do original, peça em
exposição no museu Martim Gonçalves de Macedo, Macedo de Cavaleiros

LAUDÉMIO – A porção que os foreiros pagão ao Senhor direito da terra quando a alheiam, ou quando as feitorias que nela fizeram osa enfiteutas. (RB).
LAUDES – Horas canónicas que se seguem às matinas e precedem à prima. (RB)
LAUDO – O mesmo que laudimio ou laudémio, em alguns documentos, fora de Portugal. Mas, entre nós, não foi o mesmo laudo que laudémio. Este é o consentimento, aprovação e autoridade que o direito senhorio dá para a venda ou alienação de cousas que lhe são foreiras.
LAUDOMANES – Em os documentos do século X e XI há larga menção dos Normandos, Lormanos ou Laudomanes, que havendo saído da Dinamarca depois de várias fortunas se estabeleceram e deram nome à Normandia. No ano de 961 começaram eles a infestar as costas da Galiza e Portugal, cativando destruindo e saqueando tudo. Ver Elucidário.
LAVABO – 1) Oração que diz o padre ao lavar os dedos durante a missa e que começa palavra lavabo. 2) Pequena fonte situada ao lado direito do altar onde o padre lava as mãos após o ofertório: tem frequentemente esta inscrição latina que explica o seu nome: “Lavabo inter innocentes manus meas”. (AA)
LAVACEIRO – Bajulador, intrujão, mentiroso. (VB)
LAVA-DENTES – Descompostura, batibardo (raspanete). (VB)
LAVANCO – Ganço bravo. (RB).
LAVAPEIXE – Pessoa que tem por ofício nas ribeiras ou mercados lavar o peixe escamado. (RB).
LAVATIVA – Clister. (VB)
LAVATÓRIO – Chafariz ou bica onde se vai lavar o rosto e mãos. Banho ou acção de lavar o corpo. A água que se dá a beber depois da comunhão. (RB).
LAVOR – Esta palavra que vem de labor tinha em outro tempo, mui diferente significado do que hoje tem. Tomava-se por qualquer obra em que os homens trabalhavam, fosse campos ou searas, fossem edifícios de casas, pontes, muros ou Igrejas XIV-XV. Também; O mesmo que fruto, Seara, sementeira, em que o lavrador ou dono da fazenda tem metido o seu trabalho ou dispêndio.
LAVORAR – O mesmo que Laborar.
LAVRA – Estabelecimento monástico cujos habitantes viviam em celas individuais, circundadas por um só muro; estes monges eremitas só se reuniam para a vida litúrgica ao sábado e domingo. Exemplo. Lavra da Monte Athos, na Grécia. (AA)
LAVRADOR INTEIRO – Vide Jugada.
LAVRANTE – O que lavra em prata ou oiro apurando e polindo feições que as peças trazem das fundição. (RB).

LAVRAR O FORO – Vide fosso.
LAVRAS – Leiras ou terras lavradias, lavouras.
LAYEGO – Arado grande para limpar o campo das raízes. (RB)
LAZARAR – Pagar, satisfazer.
LAZARIM – Aláçarin (PA); Aldeia do termo de Lamego. Fundação de Zeidan, regulo daquela cidade. Significa as duas fortificações. Deriva-se do verbo árabe "haçara" fortificar, munir.
LAZEIRA – Pobreza, desgraça, miséria.
LAZER/LAZÊR – Conjuntura, oportunidade, ocasião.
LAZERAR – Causar detrimento, fazer dano ou perda, lesar, ofender. Também; lacerar, quebrar, despedaçar, romper. Vem do latim lacero.
LAZERENDO – Sofrendo privações.
LEZIRIAS – Jazirát (PA); coz corrupta. Ilha ou terra alagadiça e cercada de água. "A terra em si é baixa e alagadiça e retalhada com esteiros e rios.
LEAL – Moeda de prata, que lavrara D. João I, (1433-1438) Espólio da Associação Terras Quentes

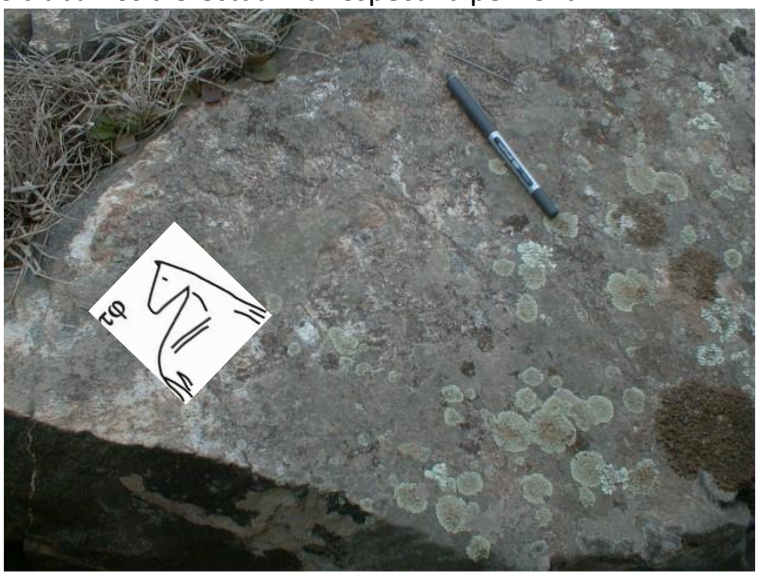
Reverso Anverso

Anverso. - * DOMINE,'. EDUARDUS.'. REX: PO: (D. Duarte rei de Portugal entre Cercaduras peroladas. Ao centro, o monograma. E coroado dentro de Epicicloide duplo octolobado, cantonado de aneletes, tendo à direita a Marca monetária" L" **Reverso.** - * CRISTES.'. SALANOS.'. CRUS {Cristo salva-nos da cruz) entre Cercaduras peroladas. Ao centro, o escudo real coroado, com quatro Castelos na bordadura.
LEALDADO – Açúcar lealdado, se diz o açúcar macho, limpo e bem purgado.
LEALDAMENTO – Vide Aldeamento.
LEBEDOIRO – Lenteiro, panasco, lugar em que ressuma a água e que nos montes é próprio a criar erva.
LEBRECHINA – Rapariga magra e leviana. (VB)
LECCO – Homem de pé, moço, servo, criado de servir, lacaio. A Etimologia mais adequada parece a que deriva de Laquai que na língua biscainha quer dizer lacaio, criado ou servo. 1213.
LECEMÇA - Licença
LEDÍCE/LEDICE – Alegria, contentamento, prazer.
LEDA – Mulher de Tíndaro rei de Esparta que se deixou seduzir por Zeus metamorfoseado em cisne. Pôs dois ovos donde nasceram dois pares de gémeos: Castor e Pólux, Helena e Climnestra. Foi tema favorito de pinturas, críticas e tratados: Leonardo da Vinci, Tiziano, Tintoretto, Veronese. (AA)
LEDO – Alegre. Vem do latim laetus.

LEENDA - Lenda
LEGADO – Deixado em testamento.
LEGAMEN – O legado que se deixou por testamento.
LEGAR – Ligar, atar, prender, empar. Também; Constranger, obrigar, falando-se da lei ou estatuto.
LEGIÃO – entre os antigos romanos, grande unidade do exército composta das tropas de infantaria e cavalaria; regimento de voluntários, especialmente de estrangeiros a serviço de determinado país. (DH)
LEGUAMENTO – Prisão, vínculo, Atractivo, ligadura.
LEGUMLHAS/LEGUMLHAS – Legumes.
LHAMA – Tecido muito brilhante de fio de prata ou de ouro. (AA)
LEIBNIZIANISMO – doutrina do filósofo e matemático alemão Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646-1716), que se apresenta como um idealismo espiritualista e dinâmico, contestador do cartesianismo e das ideias lockianas, e que identifica nas mónadas as substâncias simples indivisíveis de que são constituídos todos os seres. (DH)
LEIDEMO – Legítimo. 1278.
LEIGAL – Secular, laical e o contrário de eclesiástico.
LEILAMENTO – Leilão.1508.
LEIRÃO – Hilarião, nome de homem. Também; Rato grande, ratazana. (VB)
LEIRIOA – Maça, uma espécie delas bem conhecida e reputada pela melhor.
LEISAR/LEISSAR – Deixar. 1301.
LEITARIO – Vide Litario.
LEITE ESCURRUDO – É o que na Beira Alta, chamam coalhada da qual já tem escorrido o soro ou parte da áquia do leite. No Minho é o mesmo que nata ou parte mais crassa do leite. 1349.
LEITIGIA/LEITIGUA – Leitoa. Vide Alfereiro. 1484.
LEITO DE LITEIRA – Vide Liteira.
LEITUARIO – Código, tombo ou consual em que estão descritos os bens rendas que pertencem a uma corporação.
LEIXA – Demissão, deixa, legado, esmola abrimento de mão. 1584.
LEIXADE – Deixai
LEIXAR – Deixar. Também; Permitir, Nos princípios, antes da monarquia se dizia leixare do verbo leixo.
LEMENTAÇÃO – Alimentos, necessidades da vida, sustento. XV.
LENÇO DE FIVELAS – Cabresto. (VB)
LENÇOES – Vide Lançooes.
LENÇOÕES – Trapos de linho grosso para fazer pensos.
LENDEA – o ovinho que põem certos insectos e bichos do qual sai outro da sua espécie v.g. os piolhos.
LENTEJAR – Molhar algum tanto, deitar água mui pouca.
LENTES – Leitores.
LENTISCO – Aroeira (Planta)
LEONIZ – Nome de homem, o mesmo que Diniz. 1578.
LEONOR TELES – Era berrega, por viver com D. Fernando sem ser casada, e adultera por estar com el-rei, sendo casado com outro homem.
LÉPIDO – Galante, agradável, engraçado. (RB)
LEPROSARIAS – O mesmo que gafarias.

LERA – Espécie de capucho de pano, usado nos dias mais frios. (VB)
LÈRIAS – Renda de croché.
LERPAS – Nuvens que, no Verão, anunciam chuva ou trovoada. (VB)
LETARA – Letra.
LETES (RIO) – Lima (rio) (ET)
LETRA – Declaração (NAP)
LETRA CABIDOAL – Letra maiúscula de que se usa no princípio dos livros, tratados ou capítulos. Hoje lhe chamam letra cabídola.
LETRA CHRISTENGA – Aquela que usam os cristãos em Portugal. D. João I mandou que nenhum tabelião mouro fizesse escritura pública por letra arábica ou qualquer outra. (e o mesmo dos Judeus a respeito da letra hebraica).
LETRA FAZENDA – Vide fazenda.
LETRA FERRAL – A que era grossa e redonda.
LETRADURA – O mesmo que literatura.
LETRADO – Instruído, culto.
LETRAS – Carta.
LEVA – O mesmo que raça. v.g. Potro de boa leva.
LEVADA – O mesmo que leva de presos. Também não é propriamente açude dique ou marachão que faz retroceder ou altear as águas, mas sim a corrente ou veio das mesmas águas.
LEVADA VELHA – Freguesia de Morais - No âmbito do Projecto de Carta Arqueológica do Concelho de Macedo de Cavaleiros e na sequencia do alerta lançado com o anúncio da consulta pública sobre o projecto de aproveitamento hidroelétrico projetado para o vale do rio Sabor, consultado o respectivo Estudo de Impacte Ambiental, verificámos que o mesmo afetará marginalmente o Concelho de Macedo de Cavaleiros apenas na parte terminal da respectiva albufeira e com subidas de cota média das águas até à cota dos 230 metros, o que representa uma subida de cerca de 20 metros na foz do Azibo vindo a albufeira a terminar ligeiramente a jusante da foz da ribeira de Vale de Moinhos.
Projetámos assim, a solicitação da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros, um primeiro reconhecimento da margem direita daquele rio, entre a foz do rio Azibo e a foz do rio Maçãs.
O reconhecimento decorreu entre os dias 21 e 24 de Fevereiro de 2004 tendo sido levado a cabo pelos elementos da Equipa 6 do Projecto da Carta Arqueológica do Concelho de Macedo de Cavaleiros – constituída pelas alunas finalistas da Licenciatura de Arqueologia da FLUL: Andreia Filipa Ferreira Carvalho, Cíntia Maurício da Costa e Silva e Nídia Maria Catorze dos Santos – com apoio dos responsáveis Professor Doutor João Carlos de Senna Martinez, Dr. Carlos Mendes e Dr. Hélder Carvalho e Belmira Mendes.
Reconheceram-se os troços da margem direita do rio Sabor situados entre:
A foz do rio Azibo (coordenadas 3.114/4.937 GAUSS na folha 92 da CMP) e a foz da ribeira da Eirinha (coordenadas 3.146/4.952 GAUSS na folha 92 da CMP).
A foz da ribeira de Vale de Moinhos (coordenadas 3.174/4.975 GAUSS na folha 93 da CMP) e um ponto intermédio entre esta a ribeira da Eirinha (Coordenadas 3.163/4.963 GAUSS na folha 93 da CMP).
Entre o ponto com as coordenadas 3.220/5.001 GAUSS, na folha 93 da CMP, cerca de 600m a montante da foz do rio Maçãs e o ponto limite do reconhecimento do Núcleo de Arte Rupestre da Levada Velha com as coordenadas 3.212/4.984 GAUSS, na folha 93 da CMP.

Destes três troços, apenas no último, entre as ribeiras de Vale de Moinhos e Maçãs foi possível encontrar locais de interesse arqueológico. Estes correspondem, até à data, a um núcleo de rochas com gravuras pré-históricas situado a montante da Quinta da Barca, no limite da Freguesia de Talhas, que designámos Núcleo da Levada Velha.
Foram identificadas doze rochas com gravuras efectuadas utilizando as técnicas de picotado e abrasão.
Para além de conjuntos de linhas de difícil interpretação sem um levantamento mais cuidado, identificaram-se dois antropomorfos, um equídeo ou cervídeo e um bovino (ver fotos).
Este núcleo já não será afectado pela subida das águas, mas deverá ser tido em atenção face a possíveis trabalhos a efectuar na respectiva periferia.



Legenda, rocha com uma inscrição de provável equídeo.

LEVADIÇO – Cabeça no ar. (VB)
LEVADÍGAS – Tumores fungosos e malignos que nasciam nos sovacos e outras partes do corpo. 1348.
LEVADINHO – Traquinas, desinquieto, o mesmo que levado-da-breca. (LV)
LEVADOR – O que leva ou conduz os presos. Também; O que leva e conduz qualquer cousa para alguma parte. Do foral de Lisboa 1500.
LEVANTAMENTO – Soberba.
LEVANTE – Vento de Levante
LEVANTINOS – Os de Levante
LEVEMENTE - Facilmente
LEYDIMO/LIDIMO/LIIDIMO/LYDIMO – Legitimo, com toda esta variedade se escrevia no século XIII e XIV.
LEZER – Bonança, prosperidade, boa fortuna. 1306.
LHE-LO/LHI-LO/LHI-LA – O mesmo que lho ou lha.
LIA – Linha de geração. “E por vossa morte fique este herdamento a hum provinquo da vossa lia.”. Também; As fezes, borras, pé do vinho do azeite. (RB)
LIADO – Unido (NAP)
LIAGEM – Linhagem. 1301.
LIAMENTO – Ligamento, prisão
LIANÇA – Ligação; Aliança.

LIBIEGÍPCIO – relativo a ou indivíduo dos libiegípcios, povo que habitava a parte ocidental da Líbia inferior. (DH).
LIBRA – Vide Livra; também; segundo Duarte Nunes de Leão na crónica de D. Dinis, diz que valia 160 réis porque diz que 3.000 libras valiam 1.200 cruzados de ouro. Daqui se vê, entre nós e no princípio da monarquia houve libras de ouro.
LIBRADIGA – O mesmo que livra.
LIBRADÍGAS – O mesmo que umas tantas libras. Testamento de D. Bartolomeu bispo da guarda em 1345 diz que mil libradígas são mil libras.
LIÇA 1) Cintura exterior em paliçada que envolvia os Castelos. 2) Praça rodeada de cancelas ou barreiras onde se disputavam torneios, justas, etc. (daí a expressão: "entrar na liça". (AA)
LICHAVEM – Dólmen pequeno, formado por três pedras. Tríclito.
LIDADOR – Pelejador que brigou em muitas lides ou atura muito na peleja. (RB)
LÍDEMOS – "Filhos lídemos" Legítimos.
LIDES – Combates.
LIDICE – Alegria, ledice.
LIDIMAMENTE – Legitimamente.
LIDIMO – Palavras vãs e ociosas.
LIDROSO – Lá, a dos testículos do carneiro a que é suja. (RB)
LIGA – Percentagem do metal não nobre. (HS)
LIGEIRICES – Leviandade; Palavras vãs. XIV.
LIGIO – Homem ligio, vassalo ligio se dizia daquele que especialmente estava adido, unido e aligado ao seu príncipe com particular preito e homenagem e o devia servir em tudo fielmente, na guerra contra todos.
LIGITIMAMENTE – Legitimamente.
LIGOMA – Tudo o que vinha debaixo do nome de legumes ou de hortaliças de grãos, como favas feijões, ervilhas etc. 1285.
LILIO – Lírio.
LIMES – Sistema de fortificação romano, em certas fronteiras, composto por uma estrada estratégica apoiada em fortes e campos fortificados.
LIMITADO – Declarado, estabelecido, ordenado.
LIMNAR – Umbral da porta. Do latim Limen.
LIMOÁRIA – O mesmo que limonete, lúcia-lima. (LV)
LIMOGES – Vide cruz de limoges.
LIMPAMENTE – Bem, sem dificuldade.
LIMPEZA (EMPREGADO) - Tabernae fullonia. CIL 1170. (CM)
LIMPIDOOEM – Ornato, asseio, limpeza, conserto, atavio, compostura.
LINDA/LINDAS – Tenda ou loja de mercador.
LINDE – Marco, baliza ou sinal estabelecido para demarcar e dividir sem confusão as propriedades e terras.
LINDO – Puro, limpo e mui perfeito, sem mancha. "Cristam lindo sem ter nenhuma raça de judeu, nem mouro".
LINGOA – Intérprete (NAP)
LÍNGUA (A NOSSA EM TEMPO DAS PRIMEIRAS TAIFAS) – A língua portuguesa conserva marcas indeléveis da influência muçulmana na agricultura, na construção naval, na construção civil, etc., Alarife, alicerces, andaimes, alvanal, tabique, estuque, algiroz, aldraba, abóbada, almenas, almofada, alcatifa, tapete, alcofa, açafate, almotolia,

alguidar, alcaide, almocreve, azêmola, albarda, alforge, atafais, arroba, alqueire, arrátel, almude, armazém, alfândega, caxarias, morabitinos, maravedis. Etc.
LINGUARAZ – Falador importuno e sem discrição. XIV.
LINGUAINÇA – Linguiça, feita ou cheia de carne de línguas que parece lhe deram o nome.
LINHADA – O mesmo que ninhada.
LINHAGEM – Genealogia.
LINHEIRO/A - Homem ou mulher que preparava ou assedava o linho para fiar. Também trabalhava o linho até à urdidura. (CM)
LINHO EM CABELO – O que ainda não está maçado ou apedado. 1500.
LIPERA – Vide Livra.
LIS – O mesmo que lhes. 1300.
LISIADO – Lesado, ferido, ofendido, mutilado. Vem do latim laesus.
LISTRANA – Rapariga descarada. (VB)
LITARIO/LEITARIO – Vide Lanio. A meu ver e se de todo não me engano litario se toma aqui como diminutivo de leito com a sua ordinária e respectiva roupa.
LITEIRA – Assim chamavam às roupas e ornatos de um leito. Também; 1) Cama móvel usada na Idade média colocada sobre uma padiola dupla e transportada por dois cavalos. No século XVII e XVIII foi substituída pela cadeira. 2) Veículo que consiste numa caixa vidrada mais alta que larga, transportada por dois homens por meio de correias e de duas compridas barras. As liteiras eram ornadas, como os coches, de escultura em madeira dourada e pinturas em verniz que eram executadas pelos maiores artistas. Esta cadeira ambulante, muito em moda nos séculos XVII e XVIII, desaparece na revolução francesa. (AA)
LITEIRO – Todo o pano que se faziam colchas, mantas, cobertores e toda a roupa que pertence a um leito.
LITUUS – Pau recurvado dos àugures romanos, origem da crossa episcopal. (AA).
LIVERDOEM – Liberdade. 1324.
LIVOR – Rancor, odio.
LIVRA – Ou libra ou Lipera. Moeda de prata que começou com o reino e com o valor de 36 réis. Ver elucidário. Também; Peso de cera ou linho que constava de dous arráteis segundo os prazos de Grijó 1547.
LIVRA DE CERA OU LINHO – Constava de dois arráteis.
LIVRA DE GROSSOS – Estas moedas eram de Flandres e corriam em Portugal no século XVII.
LIVRADA – Certa soma de libras. 1297.
LIVRADIGA – Vide Libradiga e livrada.
LIVRAMENTO – Decisão, despacho, acórdão, resolução, resposta, sentença, desembargo.
LIVRAR – Acordar, decidir, despachar. 1390., Também; Expulsão da placenta e invólucros fetais após o parto. (MC)
LIVRAS DE BORDA – Em um prazo de Vilela de 1478 se diz: "*E nos dedes e paguedes três livras de borda a 700 por geira, pera nossa quinta do Sobrado".*
LIVRIDOOEM – Liberdade.
LIVRINHA – Moeda tão miúda que 20, 25 ou 36 faziam um real de seis ceitis.
LIVRO DA SABEDORIA – Um dos livros da Bíblia (antigo testamento).

LIVRO DE HORAS – Livro de orações a serem rezadas nas horas canónicas, destinado a devoção privada. São característicos do período gótico e normalmente ornamentados com iluminuras. (AA).
LIVRO DOS JUIZES – Vide Juiz do livro e do foro e Juzgo.

LIVROS HISTÓRICOS (MF)

Génesis

É o primeiro dos livros do Pentateuco. Aquele que relata as origens do Homem. A criatura concebida por Deus, mas corrompida pela ambição, é expulsa o Paraíso e instala o pecado no mundo. Adão e Eva, obra do Criador, ao rejeitarem o Paraíso, são condenados a sofrer e a trabalhar e resumem, em si, os defeitos e a fragilidade humanas. A outra parte dos Génesis ensina, como Deus estabeleceu com Abraão os alicerces da Aliança, com o povo eleito, do qual ele seria o Pai.

Livro dos Reis (MF)

Os dois livros que o compõem tratam da história do povo de Israel desde a morte de David até à destruição de Jerusalém, cativeiro e deportação para a Babilónia, por Nabucodonosor. O primeiro destes livros, tem por objecto, o reinado de Salomão, a sua sabedoria e a prosperidade do seu reino.

Livro de Tobias (MF)

Apesar de ser um dos livros históricos, está profundamente impregnado de sentimento religioso, ilustrado pelas vivências de uma família israelita durante o exílio na Babilónia. Constitui uma importante reflexão sobre o dever filial, aceitação das dificuldades, a misericórdia, a esmola, a santidade do casamento e o amor a Deus.

Livros Sapienciais (MF)

Constitui uma série de meditações sobre a instabilidade da vida humana, por esta ser no seu todo um dom de Deus. Perante a fragilidade da vida, sempre presente, o Homem mais tarde ou mais cedo, tem de prestar contas ao seu Criador.

Livro do Eclesiástico (MF)

E um livro de sabedoria e o seu nome deve-se ao facto, de ser muito utilizado na Igreja, para instrução dos fiéis. Baseia-se nos mandamentos de Deus contidos na lei moisaica, que devem influenciar todas as manifestações da vida do crente.

Livro dos Provérbios (MF)

São pequenas sentenças de caracter proverbial, segundo a tradição algumas são atribuídas a Salomão e na sua maioria, pretendem transmitir ensinamentos morais.

Livro da Sabedoria (MF)

É um livro de louvor à sabedoria divina. A primeira demonstra como o Homem deve orientar a sua vida, de modo a ser recompensado na vida eterna, enquanto a segunda discorre sobre a sabedoria e prática de vida do rei Salomão.

Salmos (MF)

Amplamente utilizados pela Igreja, constituem um importante livro de oração, por exprimirem os dramas da alma do cristão sempre preocupado com o seu destino eterno. São formulários de oração que o ensinam a dirigir-se a Deus. Estes têm na sua base uma linguagem oral, para melhor estabelecer a ligação entre o Criador e o Homem. Durante a Idade Média e a época moderna, por ser mensagem de gratidão e amor, o saltério era um dos conjuntos de orações mais utilizado.

Salmo 1- 0 primeiro dos salmos desenvolve as ideias fundamentais expostas ao longo do saltério. A eterna luta entre o justo e o pecador, o bem e o mal.
Salmo 7 - Estabelece a comparação entre a majestade divina e a insignificância do Homem, a quem Deus, apesar de tudo, reservou algum poder e glória.
Salmo 13 (14) - O salmista admite a corrupção, considera que os ímpios devem ser castigados, mas pede a Deus misericórdia para eles.
Salmo 14 (15) - Constitui um pequeno código de moral em que é prometida a felicidade a todos aqueles, cuja viva é pura, honesta e caridosa.
Salmo 16 (17) - Apelo a Deus em favor de todos os justos que são perseguidos.
Salmo 17 (18) - Trata-se de um salmo vitorioso, do qual faz parte uma prece de acção de graças pela liberdade de David, que ficou livre de Saúl. Esta liberdade é descrita no salmo de forma prodigiosa, sob a forma de teofania, terminando com um louvor a esse rei vitorioso.
Salmo 21 (22) – À semelhança de outros, tem carácter meditativo e profético. Anuncia a vinda de um Messias e a remissão universal dos pecados.
Salmo 24 (25) - Oração para obter de Deus o perdão de faltas antigas, onde o pecador jura fidelidade para com os seus mandamentos.
Salmo 31 (32) - E o segundo dos salmos penitenciais. Enaltece as virtudes da confissão, que é sempre benéfica, pois, com ela se alcança o perdão de Deus.
Salino 33 (34) - É um salmo de acção de graças, meditativo e de sabedoria. Exprime confiança em Deus e na sua infinita bondade.
Salmo 36 (37) - É um salmo de sabedoria, que determina a felicidade e a protecção de Deus para o justo, enquanto o cruel e o injusto serão castigados.
Salmo 37 (38) - É um dos salmos penitenciais. O salmista, consciente das suas faltas, aceita a punição, pedindo a Deus que lhe perdoe.
Salmo 38 (39) - O salmista medita sobre a brevidade da vida, mas espera o perdão de Deus para os seus pecados.
Salmo 39 (40) - É um cântico de acção de graças pelo Justo e Salvador, o Messias, que virá para salvar o mundo, pelo que, se apela a Deus para enquanto isso, não acontece, proteger a humanidade.
Salmo 43 (44) - Oração pela libertação de Israel, que se encontra oprimida pelos pagãos.
Salmo 44 (45) - Pertence ao conjunto de salmos reais ou messiânicos e refere a celebração que os profetas fazem da união de Deus com o povo eleito. O Messias é representado, neste salmo como Herói Absoluto e Rei Eterno, enquanto a Igreja representa a Verdade renovada para uma humanidade regenerada.
Salmo 46 (47) - É um salmo messiânico que celebra o reino universal de Deus, senhor de todos os povos.
Salmo 47 (48) - Exprime a gratidão e reconhecimento pela libertação de Jerusalém.
Salmo 49 (50) - Fala de uma religiosidade sincera que procura o respeito entre os homens e deve orientar a vida do justo.
Salmo 65 (66) - Reconhecimento a Deus pelo socorro prestado ao seu povo.539 Salmo 69 (70) - Hino ao justo e à justiça, personificada pelo Messias.
Salmo 72 (73) - O salmista tem a noção que só aos justos está reservada a glória, enquanto, aos impuros está reservado o castigo eterno.

Salmo 75 (76) - E uma narração sobre a força libertadora de Deus e da Sua protecção, depois de uma calamidade natural.
Salmo 93 (94) - Condena os maus juizes e só Deus faz triunfar a justiça.
Salmo 105 (106) - Salmo de carácter histórico, onde se narram as heresias de Israel, perante o seu Deus.
Salmo 110 (111) Descreve a acção maravilhosa de Deus, ao ajudar o seu povo a sair do Egipto, rumo à Terra Prometida.
Salmo 111 (112) - Louva a felicidade do justo sobre a infelicidade dos maus, por aquele obedecer a Deus.
Salmo 112 (113) - E um salmo de aleluia e de louvor ao Senhor.
Salmo 113 (114) - É um hino de carácter triunfal que relata a saída do Egipto em direcção à Terra Prometida.
Salmo 118 (119) - Faz alusão às precárias condições em que se encontrava Israel e o povo de Deus, ao sair do cativeiro.
Salmo 130 (131) - Resignação do Homem perante a omnipotência de Deus.
Salmo 137(138) - O salmista agradece a Deus um benefício concedido.
Salmo 138 (139) - Tem um carácter essencialmente filosófico onde se discorre sobre a essência de Deus. O salmista medita sobre o Seu poder infinito, os segredos da eco criação, a Sua omnipresença e o destino do Homem.
Salmo 139 (140) - Apelo a Deus para que proteja os bons dos ataques dos adversários e lhes conceda a vitória.
Salmo 144 (145) - É um dos salmos messiânicos de louvor a Deus e à providência divina.

Livros Proféticos

Ezequiel

Este livro relata a tomada de Jerusalém por Nabucodonosor e o exílio na Babilónia. O povo eleito em contacto com os pagãos foi-se deixando corromper. O profeta exalta o povo de Deus a restabelecer de novo o Templo e a ordem divina, para de novo reinar a justiça.

Isaías (MF)

E considerado um dos grandes profetas de Israel. Denuncia a idolatria, os abusos sociais, os ricos e os poderosos, a hipocrisia e a frivolidade. É também o profeta da consolação e da esperança, pelo que apresenta Deus como único Soberano e Senhor, Salvador do seu povo.

Novo Testamento (MF)

É a Boa Nova anunciada aos homens por Jesus Cristo, o Messias. É a denominação genérica de escritos narrativos, que apareceram nos primeiros tempos do Cristianismo e têm por objecto expor a doutrina, as obras, a paixão e a ressurreição de Jesus Cristo. São quatro os evangelhos atribuídos a cada um dos evangelistas, Mateus, Marcos, Lucas e João.

Evangelho de S. João

Escrito por este apóstolo, irmão de Tiago, foi um dos grandes discípulos de Jesus, onde procura revelar o carácter divino da sua natureza, ao mesmo tempo, que procura salientar a importância aos seus actos e discursos.

Evangelho de S. Lucas

É de origem grega e foi companheiro de Paulo nas suas missões. O seu Evangelho tem a preocupação de apresentar Jesus, sob um aspecto mais comovedor, realçando a Sua bondade e misericórdia.

Evangelho de S. Marcos

Discípulo de Pedro foi companheiro de Paulo nas suas viagens missionárias. Faz apelo à crença incondicional em Jesus Cristo, salientando o carácter extraordinário da sua acção e da sua personalidade.

Evangelho de S. Mateus

Era um cobrador de impostos antes de ser chamado por Jesus Cristo, para fazer parte do conjunto de Apóstolos por Ele escolhidos. Como escreve para leitores maioritariamente judeus, são abundantes as citações directas e indirectas ao Antigo Testamento.

Actos dos Apóstolos

Narra os acontecimentos que marcam o nascimento da Igreja primitiva e da pregação dos apóstolos de Cristo pelos lugares santos, Jerusalém e Palestina, sob a influência do Espírito Santo. Nestes escritos são fundamentais as páginas sobre a conversão de Paulo, a par das suas viagens de pregação peia Ásia Menor e Grécia.

Epístolas de S. Paulo

S. Paulo (c. 10 d. C.-c. 64), homem de verdadeira erudição e doutrina, através da sua epistolografia, contribuiu para lançar as bases e difusão do Cristianismo e da teologia baseada na vida de Cristo, crucificado e ressuscitado.

I) aos Coríntios - Dirigida a todos os fiéis cristãos, enaltece a doutrina de Cristo e a lição de humildade que recebemos.

II aos Coríntios - É um manifesto em defesa de si próprio, perante certos fiéis de Corinto que o condenavam.

Epistola aos Efésios - Pertence às epistolas do cativeiro, porque foram escritas quando esteve preso em Éfeso e Roma. Aqui S. Paulo discorre sobre o mistério de Cristo e fornece uma série de conselhos morais para se obter a salvação através da Sua graça.

Epistola aos Filipenses - Outra das epistolas do cativeiro, tece considerações de carácter pessoal sobre a fragilidade da vida humana.

Epistola aos Gálatas - S. Paulo manifesta-se contra as conversões forçadas, elogiando o Evangelho como valor fundamental, aquele que tem por base a mensagem de Jesus Cristo aos Apóstolos.

Epistola aos Romanos - Desenvolve um importante comentário doutrinal, sobre o estado de pecado em que o Homem nasce e a impossibilidade de se salvar sem a ajuda de Deus. O amor e fé para com o próximo são o único caminho para a salvação do cristão.

I a São João - Faz parle de um conjunto de três. A ideia centrai desta epístola é que Deus ao iluminar a vida do cristão ajuda-o a afastar-se do pecado, a respeitar os mandamentos e a praticar a caridade.

I a São Pedro - Dirigida a todos os cristãos que sofrem o martírio, em virtude da fé, este escrito lembra-lhes o exemplo supremo de Cristo.

Epístola aos Tessalonicenses - São duas e constituem o conjunto mais antigo do epistolário de S. Paulo. A primeira reflecte sobre a necessidade de todos os cristãos

viverem na esperança da ressurreição e a segunda reafirma a confiança em Deus, como meio de fortalecer o espírito e evitar cair na ociosidade.

I a Timóteo - Dirigida a este discípulo e companheiro de viagem, o Apóstolo expõe um programa de vida para homens e mulheres, laicos e religiosos. S. Paulo estabelece uma hierarquia para a Igreja e os procedimentos a ter com certos grupos de fiéis, mulheres, viúvas e velhos.

II a Timóteo - Escrita quando S. Paulo foi novamente feito prisioneiro. Este pressente o martírio a que vai ser submetido, pelo que, se despede dos seus discípulos.

Apocalipse (MF)

Palavra grega que significa revelação, o último livro do Novo Testamento foi escrito pelo Apóstolo João dirigido aos cristãos da Ásia Menor. A sua situação durante o primeiro século da nossa era, naquela região era muito crítica, dividida entre as perseguições e o pessimismo na crença e na vinda de Cristo Salvador. O livro constitui um manifesto contra o paganismo, impregnado de grande simbolismo e a sempre renovada luta entre o bem e o mel, anunciando a vitória de Cristo.

LIVRO SANTOS – Assim se chamavam por excelência, não só os quatro evangelhos, mas ainda todos os que compõem a sagrada bíblia, porque todos foram escritos com especial luz e assistência do Espírito Santo.

LIVRAXADA – Cópia ou multidão de livras que faziam um certo número de maravedis ou de outra moeda mais grossa. 1386.

LIVTY – Livre, solto, desembaraçado, posto na sua liberdade e muito senhor de si. 1402.

LIXO – Cousa vil, imunda, sem preço, valia ou estimação, prudente.

LIXO (MERDA) EM BOCA – Esta era uma das injurias mais atrozes que antigamente se achava e rigorosamente se punia por entre os Portugueses. Cinco delitos principais se costumavam acoimar nos forais do século XII e XIII, a saber; Homicídios, Furto, Rapto ou violência feita a mulher a que chamavam Rouso; Arrombamento de portas com a mão armada e finalmente immundicia ou esterco humano metido realmente na boca de alguém ou ameaçando-o que fariam esta injuria.

LIWAN – IWAN – LIVAN – Sala dos palácios sessânidas que servia como entrada, coberta de abóbada e foi depois adoptada pela arquitectura islâmica (palácios e mesquitas)

LIZIRAS – Lezírias, terras que marginam o rio.

LL – Dobrado, quando devia ser singelo usaram os Portugueses no século XV e XVI, com muita frequência achando-se este labdacismo ou lambdacismo não só no meio, mas ainda no princípio e no fim das dicções. Também; dobrado foi muito usado no século XII, Vello, vella, vellice. Nos fins do século XIII e princípios de XIV se escrevia em Portugal um "h" em lugar do segundo "L"; elhe; lheixou, daquilho, cavalharia todalhas delhas etc.

LLI – Lhe, 1280.

LLIOO/LLIOÓ – o linho do país prescindindo de ser galego, mourisco ou cânemo.

LO – Lho.

LOA – Discurso de louvor. Elogio.

LOANDA – Mal de loanda; escorbuto. (RB)

LOBEIRO – Cesto alto, de pequeno diâmetro.

LOBETE – Peça de ferro ligada ao veio do moinho. (VB)

LOBOS – Uma das pensões ou serviços pessoais que os caseiros deviam pagar ao Mosteiro de Santo Tirso.

LOBRIGA/LUBRIGA – Vide lubriga. O mesmo que Loriga.

LOCRÍCIA – Vide Lagreca.
LOCTODA – Vide Loitosa.
LOCUTÓRIO 1) Parlatório. Compartimento separado por grades através das quais as pessoas recolhidas em conventos falam com as pessoas de for. 2) Compartimento anexo ao claustro onde os monges da ordem de Cister podiam falar entre si. Ex. Mosteiro de Alcobaça. (AA).
LOETAS – Orelhas. (Mogadouro) (VB)
LOFADA – Lafaha (PA); Rajada de vento. Furacão, sopro forte de vento
LOGAR – Espaço, oportunidade.
LOGARETE – Pequeno lugar.
LOGEA - Loja
LOGO – Lugar.
LOGO DE MADRE – Lugar de mãe. (HS)
LOGO, OS – Lugar, lugares. É frequente esta palavra deste o século XII; Também; Morada ou residência; Também; Reputação, honra, estima; Também; Tenção, espírito, vontade. 1315. Também; para Heráclito de Éfeso (séc. V a.C.), conjunto harmônico de leis, regularidades e conexões que comandam o universo, formando uma inteligência cósmica onipresente que se plenifica no pensamento humano; no *estoicismo*, força criadora e mantenedora do universo, agindo como princípio ativo que anima, organiza e guia a matéria, além de determinar a lei moral, o destino e a faculdade racional dos homens; no misticismo filosófico de Fílon da Alexandria (séc. I d.C.), no *neoplatonismo* e no *gnosticismo*, inteligência ativa, transformadora e ordenadora de Deus em sua ação sobre a realidade, semelhante a um instrumento de ação ou um princípio intermediário entre a divindade e o universo material; na filosofia patrística dos primórdios da Igreja, sabedoria divina manifestada no mundo, revelada plenamente em Cristo, e refletida palidamente na inteligência humana. (DH)
LOGOMEIRA – Assim chamavam à vaca gulosa e faminta que não contente com o próprio pasto, anda comendo pelos lugares e prados alheios.
LOGRAR – Utilizar-se ou servir-se de alguma cousa. 1294.
LOGRECA/LOGREIA – O mesmo que Locrica. Nome de mulher Lucrécia.
LOITO – Luto, tristeza, dó. 1344.
LOITOSA/LUCTOSA/LUTOSA/LUCTUOSA/LUYTOSA - Com toda esta variedade se acha escrita esta palavra que significa certa peça ou pensão que se paga por morte de alguma pessoa que por direito ou costume a deve e só entre o luto e o funeral se paga.
LOJA – Compartimento ou dependência de uma casa onde vivem ou se guardam os animais ou utensílios agrícolas. (MC)
LOMBEIRO – A parte do couro que cobre o lombo do boi ou vaca. 1512.
LOMBELO – Cada um dos dois pedaços compridos de carne que se tiram dos lados do lombo do porco ou vitela. (VB)
LOMBOS – Prestação paga pelo abate de rezes. (HS)
LOMEAR – Nomear.
LOMINADO – Iluminado.
LONDOS - Vide sacarías. Talvez que de Landa que na ínfima latinidade se tomou pela terra maninha, inculta e desaproveitada se dissesse depois londa a fazenda ou quinta que ali se rompeu e fabricou.
LONGA (AA) – Devagar (NAP)
LONGADAMENTE – Por muito e longo tempo.

LONGARIÇA – Vide Linguainça.

LONG-BOW - O “Long Bow” - Síntese histórica**;** Enquanto o arco curto vingava na Península Ibérica, em Inglaterra começou a aparecer um arco bem maior, o long-bow, caracterizado por ter a altura do seu utilizador, e que já na segunda metade do século XIII, durante o reinado de Eduardo I, se iria tornar na arma oficial inglesa.

Curiosamente, o long-bow foi utilizado em Portugal na segunda metade do século XIV, aquando da vinda para o nosso país dos archeiros do Príncipe Negro, duque de Aquitânia e irmão de John the Gant. Porém, nunca aqui teve aceitação, por os Portugueses terem já, como iremos ver, grande prática e tradições no fabrico e uso das bestas.

O long-bow era um arco com cerca de 1,80m de altura, feito de uma simples vara de teixo aperfeiçoada, sem ornato nem especial acabamento, que aliava duas qualidades aparentemente contraditórias - elasticidade e rapidez. Esta madeira não era fácil de ser encontrada, em certas localidades do Pais de Gales e da Escócia e no norte de Portugal. Mas era insuficiente.

Por isso os Ingleses além de começarem a plantar árvores expressamente para o efeito, trataram de legislar no sentido de importar varas de teixo de Espanha, Itália, e do sul de França. Conhecem-se leis e ordenações que obrigavam os navios a trazer com as suas mercadorias um certo número de varas de teixo para fazer arcos. No tempo de Eduardo IV, cada tonelada de carga devia vir acompanhada por quatro varas; cada pipa de vinho, dez varas, com pesadas multas para cada vara que faltasse à conta. Como o teixo não era fácil de se arranjar, começaram a ser feitos long-bows com madeira de sorveira, freixo, ácer e olmo. No entanto, a melhor madeira continuou a ser o teixo. As cordas desses arcos eram feitas de tripa enrolada, cânhamo ou seda e fixas a duas peças de chifre encaixadas nas extremidades da vara. Como o long-bow era muito comprido, não podia usar-se a cavalo e, além disso, perdia muito a elasticidade com o uso prolongado.

A força de um long-bow era imensa, o que o tornava numa arma terrível nas mãos de um atirador de elite. Na batalha de Albergaveny, junto à fronteira com o Pais de Gales, foram encontradas flechas de long-bow que atravessaram de lado a lado portas de castanho com 8cm de espessura.

A força do long-bow tem sido fabulosamente exagerada. Sir Walter Scott, nos seus romances históricos, muito contribuiu para os divulgar; mas são simples devaneios ter Robin Hood atirado flechas até uma milha (quase dois quilómetros), ou mesmo um terço de milha, bem como outros dos seus heróis ter rachado a quatrocentos passos uma vara de aveleira, que a tal distância ele nem poderia ver. Com um arco construído expressamente, detentor de muito mais força do que a admissível para um homem e que era armado mecanicamente, o mais que alcançou foi de 330m.

A maior distância a que um homem muito robusto e destro podia atirar com um arco uma flecha de guerra seria, pois, uns 260m. O alcance vulgar não passava de 23ºm ou 240m, e com flechas leves em combate, poderia chegar a 290m ou, em casos excepcionalissímos, num país como a Inglaterra, onde toda a população masculina se exercitava ao arco, talvez se chegasse a 300m ou 310m.

Actualmente, os mais hábeis atiradores não alcançam, com flechas leves, além dos 270m. E não há motivo para imaginar que os antigos fossem tão excepcionalmente superiores aos modernos atiradores.

Shakespeare dá como alcance notável no seu tempo, o mesmo de hoje, 260m. Muitos castelos construídos no tempo dos combates com arco e flecha, ficando a uns 300m de altura, julgando-se assim fora do alcance.
Em todo o caso, o que é certo, é que a 150m o antigo arco inglês não era nada inferior à espingarda de pedreneira, tal como se usava ainda em 1840.
Se alinhássemos frente a frente, a 15m de distância, um cento dos frecheiros de Crécy ou de Azincourt e um cento dos melhores atiradores de Waterloo com as suas respectivas armas, os primeiros teriam decerto uma fácil vitória. Porque não só atirariam seis flechas por cada bala dos adversários, mas como seriam também mais certeiros e de maior efeito mortal.
Como exemplo da inferioridade das antigas espingardas, encontra-se um episódio transcrito num diário da guerra peninsular que vale a pena recordar. Em 10 de Maio de 1811, Wellington deu ordem a um soldado, que estava perto, para atirar a um soldado francês que se tinha aproximado das linhas inglesas fazendo esgares e gestos imprudentes. O inglês apoiou a arma sobre uma roda de carreta de artilharia, apontou com cuidado e conseguiu atingir o homem. Foi isto julgado um feito de atirador tão raro, que o noticiarista acrescenta ter presenciado o facto e ter medido a distância, que era de 80 jardas, ou seja, 73m.
Compreende-se que um arco com estas características nas mãos de um caçador experimentado se tornasse uma arma extremamente eficaz. Sabemos de casos de aves abatidas em pleno voo por archeiros de elite. As flechas tinham o comprimento do braço do atirador e eram feitas de varas de estevas, de bétulas de freixo ou de carvalho, enquanto as rectrizes podiam ser feitas de cartão, coiro, penas de ganso selvagem ou de águia, entre outras.
As flechas eram mergulhadas numa solução à base de nitrato de cobre conhecida por Virtus Greco, que lhe conferia uma cor esverdeada e se destinava a evitar que empenassem com a humidade. Em combate, as pontas metálicas eram engraxadas ou untadas com sebo para uma melhor penetração.
Um bom long-bow chegava a ter 100 libras de potência, o que exigia ao atirador um longo treino para o conseguir manejar. Quando na década de 70 do século XX se procedeu ao levantamento do navio inglês Mary Rose (século XVI), os exames médicos detectaram imediatamente os esqueletos dos archeiros pelo invulgar desenvolvimento das omoplatas e dos seus músculos das costas.
Curiosamente, desse navio foram retiradas várias caixas com long-bows, os quais, após devidamente tratados numa solução de polietileno glicol, puderam ser de novo experimentados, com sucesso, após quatro séculos de imersão.
O arco curto desapareceu das lides das guerras e da cena venatória em Portugal logo na segunda metade do século XII, dando lugar à besta. (MGM)
LONGO – Longíquo, afastado.
LONGÓRVIA – Mulher alta e magra. (VB)
LONGUEZA – O mesmo que Longura.
LOPES – Ânus. (VB)
LOPO. ALBINO PEREIRA, CORONEL – Patrono do Museu Municipal de Arqueologia de Macedo de Cavaleiros. O Coronel Albino dos Santos Pereira Lopo foi um militar, com enorme orgulho nas suas origens, na sua carreira e na afirmação pública dos Lopos, dos Estevais, a pequena e isolada aldeia de Mogadouro de onde ele e os seus provinham de famílias tradicionais, católicas, de proprietários rurais com importância local, e dos

quais, sem ninguém ignorar, sublinhava com especial relevo o seu tio Cónego, que o educou e muito apoiou, e o seu Irmão magistrado.
A vida de meu Bisavô foi dedicada às raízes e aos seus, mas sobretudo à carreira militar e ao seu sonho de descoberta e compreensão dos sinais de que o passado nos legara e que o amor pátrio, a curiosidade científica e a atitude romântica dos fins do séc. XIX acicatara em alguns dos nossos melhores.
O Coronel Albino Lopo foi isso mesmo, na sua dimensão humana com fragilidades e defeitos, um dos nossos melhores, numa época de redescoberta e ressurgimento dos valores pátrios. Um Homem com uma vida plena de realizações, mas com um fim de vida amargurado e só.
Albino Lopo, antes do mais, era um militar, com o rigor da atitude, exigência para consigo e para com os outros, culto da disciplina, capacidade de iniciativa e liderança e é esse culto de virtudes militares que o leva a uma carreira distinta desde a conclusão do curso de infantaria em 1884, começando, em Bragança, como Aspirante, depois Tenente em Caçadores 3, comandando, já como Tenente-coronel, o 6.º Grupo de Metralhadoras e, por fim, Coronel, o Regimento de Infantaria 30. Cria, organiza e dirige a carreira de tiro de Bragança.
É esse espírito militar integrante da sua idiossincrasia que marca também a sua obra de investigação em geral e o desempenho das funções de Inspetor dos Monumentos Militares do Norte e de vogal da Comissão Nacional dos Monumentos Nacionais, atividades que menos se conhecem. A noção militar de exato posicionamento e orientação espacial no terreno, do levantamento de posições e do seu valor estratégico, da indicação de pontos de referência, marcam a descrição dos seus achados e são preciosíssimo elemento de referência para quem hoje lhe segue as pisadas.
Para se tentar compreender o Homem, importa, em breves pinceladas, enquadrá-lo no tempo em que viveu, de 1860, quando nasce, a 1933, ano da morte, mas, especialmente, no período, desde 1884, finda a formação académica aos 24 anos, quando inicia a carreira militar e abraça a atividade arqueológica, até aos dez anos antes da sua morte.
Estamos na última metade e fins do séc. XIX, princípios do séc. XX e primeiros anos do Estado Novo. Albino Lopo cresce e vive em Monarquia, sente os efeitos da Conferência Colonial de Berlim, vive as emoções do ultimato inglês, o início dos comboios, vê a mudança de século, acompanha as notícias da Exposição Mundial de Paris e vive o fim da Monarquia, tem 50 anos de idade na implantação da República, passa pelas bancarrotas do fim da monarquia e da 1.ª república, assiste à primeira grande guerra, à revolução russa e ao advento do comunismo, como assiste ao fim da primeira república. Morre na véspera de Natal, escassos nove meses passados sobre a entrada em vigor da constituição de 33.
Basta este resumo para se perceber quão complexos foram aqueles tempos para quem vivia no nosso Portugal, mas não podemos esquecer, para além do contexto internacional onde tudo se inseria, com particular relevo para a noção de império e da questão ultramarina e as tensões dela decorrentes, a soma de realidades regionais e locais que formavam o complexo do todo português continental.
O fantástico mundo da globalização a que os portugueses deram início com a sua saga e que, hoje, nos coloca perante uma mudança total de tempos e paradigmas de vida e ação, não tinha no tempo de Albino Lopo tradução dentro da vida confinada pelas nossas fronteiras continentais metropolitanas. Nem os primeiros passos da comunicação à distância, que os pombos, as réguas e bandeiras maioritariamente

garantiam, nem a rede viária ou os meios de transporte permitiam o tipo de vida que hoje conhecemos – os primeiros automóveis em Bragança, que o meu Bisavô deve ter aplaudido, terão aí circulado nos primeiros anos do séc. XX, um deles quase lhe causando a morte em 1915.

O interior do país particularmente de Trás-os-Montes, pelo seu extremo isolamento, regia-se por lógicas de mercado e produção económica muito em circuito fechado onde se produzia quase tudo, ou muitas vezes só o mínimo necessário, para a subsistência dos habitantes locais, interior transmontano em que, para além do aglomerado rural das aldeias, o ambiente das vilas e cidades era eminentemente não só rural, mas pequeno-burguês.

A vida social, as elites, os grupos, eram paroquiais mesmo quando regendo-se por lógicas ou eventuais ditames nacionais. As notícias demoravam dias a chegar. O tempo de Lisboa e de Bragança era diferente.

Hierarquias religiosas e militares com o peso das respetivas instituições, designadamente, seminários e quarteis, instituições e representantes da Justiça, da banca e do ensino, os poucos médicos, constituíam a nata social pequeno burguesa, a quem, por último mas não com menos importância, por vezes pertencendo a mais de um dos grupos anteriores, se juntavam médios e grandes proprietários (grandeza a medir pelos parâmetros transmontanos), muitos deles representantes de uma pequena aristocracia rural, em geral, de extração liberal, senhores das casas grandes de que dependiam o emprego e economia de muitas aldeias, e alguns entre estes, pelos serviços prestados, titulares e fidalgos da Casa Real.

Dessa elite saiam os políticos locais de maior ou menor importância pública nacional, não só ao serviço da monarquia, mas também, depois, da república e, por fim, do Estado Novo.

É neste contexto e com essas elites que Bragança, como muitas urbes do interior, desenvolvia e mantinha uma vida social e cultural própria que dava ao interior a capacidade de influenciar e ter voz no contexto nacional, havendo muitas vezes tensão entre Bragança e o governo central, vida social e cultural que necessariamente também conformou a vida do pioneiro militar-arqueólogo, para o bem e para o mal.

A ação de grupos maçons e anticlericais marca também a sociedade brigantina do fim da monarquia, do início da república e dos tempos que se lhe seguem.

A instauração da república é, na realidade pequeno-burguesa de Bragança, um momento de ajustes de contas e de reposicionamentos sociais no contexto de uma luta mais ou menos aberta que marcou o fim da monarquia e a luta entre os principais partidos republicanos já em República e em que o ódio jacobino à religião e à influência da Igreja dos grupos ativistas teve papel preponderante.

Um pequeno episódio da história familiar passado com um cunhado de Albino Lopo e meu tio-bisavô, o Coronel António Sebastião do Valle, que era responsável pela junta de recrutamento militar, é ilustrativo das tensões e diferenças da época. Implantada a República todos os padres e bispos em idade de inspeção, que antes eram dispensados do serviço militar, foram mandados apresentar à junta de recrutamento para se submeterem à inspeção. O Bispo de Bragança de então, D. José Alves Mariz, que era um homem alto e de grande nível intelectual, teve de apresentar-se à junta presidida pelo Coronel Valle. Esta, por decisão do meu Tio-bisavô, dispensou-o do serviço militar com o argumento de "de se tratar de pessoa de elevada estatura". A formulação da decisão

custou ao Coronel Valle o ser passado à reserva no dia seguinte. O Bispo, como outros pelo país, foi depois desterrado.
Há muitas perguntas para que não tenho resposta sobre o meu Bisavô e falta-me minha Avó e minha Mãe que a algumas dariam, por certo, resposta. Sem referir as muitas que me vêm ao espírito relativamente às relações familiares, interessaria saber:
Como nasceu no jovem Albino Lopo a veia do arqueólogo pioneiro? Quem o poderá ter influenciado?
Quem o apoiou e quem o deixou cair, se assim se pode sintetizar a realidade?
Terá tido envolvimento na política partidária do tempo, antes e depois da república?
A última pergunta penso ter a resposta de que, como militar, o envolvimento direto com a política não existia, mas as duas primeiras dariam a perceber melhor o início e o fim da vida do Coronel.
Militar ao serviço do poder legitimado o Coronel Albino Lopo serviu a República como havia servido a Monarquia até deixar o exército e o comando de Infantaria 30, creio que no início do novo regime.
Pela sua educação católica – ainda hoje por sua vontade tem o retrato na que foi a sua Capela de Nossa Senhora da Alegria, do séc. XVIII, capela sita em terreno autónomo de uma quinta que lhe pertenceu nos Estevais, e que continua a ser preservada e venerada como património comum da família – e também pelas raízes familiares assentes na monarquia, dificilmente seria um republicano idealista, ou irmão de qualquer loja, mas, pela sua modernidade e dedicação ao espírito científico estava perto de muitos e correspondia-se com muitos, com quem partilhava a pertença às mesmas instituições científicas e que foram importantes defensores e representantes dos ideais republicanos. Mas também isso poderia ser acicate para as intrigas e acintes locais.
As realizações e momentos mais relevantes da atividade de meu Bisavô como investigador arqueológico aconteceram antes do virar do século, preparava-se já o fim da monarquia. Nos seus livros coloca o resultado das suas investigações e achados, mas também muito do seu pensamento e sentimentos sobre variados temas. É o seu legado espiritual materializado na escrita.
Como obra física e projeto de uma vida, resultado essencial e continuidade necessária de uma ação devotada e contínua em favor da descoberta e estudo de objetos e sítios arqueológicos, a realização maior do Coronel Lopo é a criação do Museu Municipal.
O Museu nasce em 1896 e é inaugurado no ano seguinte.
Mas é uma ideia que durante mais de dez anos antes, o Coronel Lopo havia, publicamente, acalentado e defendido.
Nomeado diretor em 97, Albino Lopo organizou uma subscrição pública para a aquisição e doação de peças museológicas com o apoio da elite da cidade o que, com o apoio financeiro inicial da Câmara e os achados do Coronel foi o suporte de arranque do Museu. Depois, este é dirigido e financiado, quase totalmente a expensas próprias, por Albino Lopo, até 1915, durante praticamente 20 anos.
Saído da antiga casa da câmara, onde nascera e fora ajudado a crescer pelo apoio da intelectualidade bragançana e do clero, dinamizado pelo entusiasmo cultural do seu Bispo Alves Mariz, autor de exemplares mensagens pastorais neste contexto, o Museu Municipal estava já instalado, em 1912, no antigo Paço Episcopal, confiscado pelo Estado à Igreja após a expulsão do bispo nesse mesmo ano.
Em Junho de 1915, meu Bisavô sofre uma grave queda do cavalo, que se espantou à passagem de um automóvel. Fica à morte e demora a recuperar. Como ele próprio

conta, o Senado, aproveitando a circunstância, substituiu-o na Direção do Museu, "por um indivíduo que só tinha que o recomendasse para tal cargo a necessidade de o socorrerem com 240 reis diários".
Depois disso parece ter havido uma retratação da Câmara e um pedido para voltar.
Cinco meses passados depois do que se relatou, por decreto-lei de 13 de Novembro de 1915, e dentro da política de criar em todos os distritos museus regionais, foi criado um reinventado museu em Bragança, sob a designação de *Museu Regional de Obras de Arte, Peças Arqueológicas e Numismática de Bragança*, museu que assumiria o conteúdo do Museu Municipal como acervo inicial. É nomeado diretor o jornalista Álvaro Carneiro. Não exerce funções nem o museu funciona, fruto das desavenças entre a Câmara e o governo e os partidos respetivos, não deixando a Câmara que as peças do Museu Municipal fossem usadas.
Só após doze anos de limbo abre ao público, já depois de integrar o espólio do espoliado Paço e o acervo do Museu Municipal e nestes se basear fundamentalmente. Museu Municipal que assim é erradicado da memória museológica e cultural de Bragança, relegando-se também para o esquecimento o seu fundador. A República tenta, como por vezes ainda hoje se faz, com uma mudança de nome, apropriar-se do que já existia e aproveitando o Museu criar outro, aparentemente, de âmbito mais lato, como se coisa da sua iniciativa e mérito fosse.
Passados dez anos, em 25, quem é nomeado para dirigir o novo museu, que abre em 27, é alguém que era tratado como amigo por Albino Lopo e com ele tinha relação próxima assente nos interesses comuns e que, durante anos de contatos e colaboração muito com ele aprendeu: o Abade de Baçal, Francisco Manuel Alves, que esteve à frente deste reinventado museu até 1935 e, ao reformar-se, lhe vê dar o seu nome, o que, com justiça, perdura até aos nossos dias.
Como curiosidade, refiro o teor de um esclarecimento assinado por Albino Lopo no *O Archeologo* Português, em 1898, que me parece revelador da relação com o Abade e do nível de rigor e exigência com que Albino Lopo tratava as coisas do Museu e da arqueologia, diz:
"No *vol. IV, pag. 155 d O Archeologo Português, vem transcripta do jornal local O Norte Transmontano a inscripção de uma lapide funerária que o meu amigo e protector do Museu, abbade de Baçal, P.e Francisco Manuel Alves, lhe offereceu e que tinha sido encontrada no Castro de Sacoias.*
Razão tem o meu amigo Leite de Vasconcellos para duvidar da exactidão da cópia da referida inscripção, que a imprensa local publicou sem lhe ligar toda a importância e atenção devidas.
Segue-se a reprodução correta da inscrição."
O Abade fez jus a meu Bisavô em escritos seus.
No entanto, no Museu Abade de Baçal durante dezenas de anos o nome do Coronel Albino Lopo constou discreta e unicamente na secção de epigrafia, sendo, mais recentemente, referido numa visível placa que tenta fazer jus a toda a história do Museu.
A história, assente nos factos documentáveis está, hoje, feita com objetividade e isenção, embora ainda sujeita a estudo e aperfeiçoamento.
No entanto, se se visitar o sítio oficial do Museu, da responsabilidade deste e da Secretaria de Estado da Cultura, é notório que a esponja foi de novo passada sobre o

fundador do Museu Municipal e sobre todo o espólio deste, que foi transferido para o Museu Abade de Baçal e lhe serviu de base.
Ali se diz que o museu foi fundado por decreto-lei 2119, de Dezembro de 1915, e só.
De facto, o museu regional nada criou de novo em relação ao municipal e foi neste que teve o suporte para o seu início. A designação de Municipal nada mais queria dizer do que criado pela Câmara e não se contrapunha a regional. O Museu Municipal aceitava e solicitava peças de toda a região transmontana.
Foi mais um episódio da tensão dialética entre o poder central e local. Ontem como hoje…
O defender que a génese do museu é um decreto, passando-se em claro o contexto do mesmo e a realidade histórica material é, a meu ver, uma lamentável falta de rigor quando se parece preferir, ao relato dos factos, o recuperar da intenção republicana de 1915.
Assim, quando se pretende celebrar cem anos do Museu de Bragança, que hoje se chama Abade de Baçal, o que se celebra são os cem anos de um decreto da 1.ª República e não do primeiro museu de Bragança, que existe desde 1886.
Isto, para além de se ignorarem os esforços, no sentido de contar toda a história, feitos, nos últimos anos, pela cidade de Bragança, que, nos fins dos anos 80, deu o nome do Coronel Albino Lopo a uma praceta perto do Museu, bem como assumiu e tem publicado texto objetivo sobre o Museu Abade de Baçal; o edifício onde está alojado; o ser o Museu Municipal a base do atual Museu e o papel do meu Bisavô na sua criação e desenvolvimento; reconciliando-se, assim, Bragança, com a memória de um dos seus filhos que a honram.
E nem podem as autoridades da cultura invocar ignorância que não têm. Trata-se de uma opção de contar a história, opção sem dúvida discutível e a necessitar de explicação que não seja só jurídico-formal.
Dos relatos e da constante atitude de minha Avó, retive a sua continuada e intransigente defesa da memória do Pai, que sentia ter sido por muito tempo intencionalmente ignorada por uma certa Bragança herdeira dos grupos e influências da transição para a república e do início desta que, na teia de poderes claros e ocultos da época, isolaram e por vezes combateram alguém que era essencialmente um militar, que se movia nesse meio e que, fora dele, vivia mergulhado na investigação e no descobrir dos sinais da edificação da nossa história primeira. O meu Bisavô era, talvez por isso e, provavelmente também, pelo feitio que tinha, que sempre ouvi dizer não era dos mais fáceis, um desenquadrado, sem pertença nem dependência relativamente aos grupos sociais e políticos que se tentavam impor na Bragança da época e, por isso, um homem de caminhada e obra solitária.
Proprietário, nos Estevais e em Bragança, sem a dimensão económica que lhe garantisse rendimentos de grande peso, os seus proventos vinham principalmente do salário como militar, que era em grande parte gasto com o museu e com as expedições arqueológicas, que fazia nas folgas do serviço militar e que custeava do seu bolso. Contava minha Avó que a Mãe tinha um estojo de colheres de prata que com alguma frequência eram penhoradas para sustentar os jantares que meu Bisavô dava a amigos e camaradas, sem perguntar se, para a confeção dos mesmos, havia os meios necessários…
Espartano em muitos dos seus hábitos, seguidor dos princípios da Higiene da época, praticante das lições de ginástica sueca, dormia invariavelmente, mesmo no inverno, de janela aberta, hábito que minha Avó, a filha mais velha, seguia. Levantavam-se ambos

muito cedo para as deslocações para os sítios em estudo, em que minha Avó secretariava o Pai, escrevia notas, fazia desenhos e auxiliava na fotografia, passava depois a limpo os escritos do pai que ilustrava com rigor quase fotográfico.
Sempre percebi a enorme cumplicidade de pai e filha em que esta era a assistente permanente que punha ao serviço do Pai a enorme qualidade cultural e sensibilidade estética que, desde cedo, revelou.
Por volta de 1920, tinha minha Avó 28 anos, o equilíbrio familiar até aí mantido, desfaz-se. Tenho fotos na quinta da Penha de Águia em Bragança, anos antes, em que se percebe ser aquele um período de bem-estar familiar. Como os relatos das estadas em Lamalonga, Macedo de Cavaleiros, em casa do sogro, General Miranda, que com ele colaborou em descobertas e registo das mesmas.
Mais tarde, no entanto, questões várias, doenças da minha Bisavó e sobretudo desentendimentos com o sogro, meu Trisavô, levaram a uma separação do casal, facto que a Filha carregou sempre com enorme mágoa.
A última colaboração do meu Bisavô no *Archeologo Português;* está no volume 24, datado de 1919/1920.
Grave acidente, afastamento do Museu, final da carreira militar, separação familiar, tudo acontece num período de poucos anos e assim uma vida intensa de atividade e realizações muda completamente e marca o final da vida de um Homem, que se apaga nos últimos dez anos de vida e que morre só, numa véspera de Natal, depois de ter vivido intensamente e tudo ter dado pela sua visão da Pátria Mãe onde nascera.
Ficou a obra e o testemunho do empenho e entusiasmo pioneiro, da abordagem empírica e do rigor científico, do espírito de iniciativa e criação, do empenho pela causa abraçada sem olhar a custos pessoais. Ficaram os escritos e ficou o Museu, chame-se municipal, regional ou Abade de Baçal.
Bem-haja a Sociedade de Geografia por hoje querer lembrar o sócio que era meu Bisavô e que é figura de relevo de Bragança, das terras transmontanas e da Arqueologia portuguesa.
Bibliografia do Coronel Albino Pereira Lopo;

- LOPO, Albino dos Santos Pereira, "Os meus amores da Quinta da Penha D'aguia, junto ao rio sabor em Bragança". Escrito em 1913 editado pela Tipografia Adriano Rodrigues, Bragança, 1919 com 44 Páginas. "*Em memória de seu tio Dr. José Maria Pereira Lopo, cónego da Sé de Bragança. Dedicado também à sua filha Clarisse, que escreveu o manuscrito e ao seu genro Bernardino"* (nota manuscrita pelo autor).
- LOPO, Albino dos Santos Pereira, Bragança e Benquerença, Edição fac-similada datada de 1900, extraída do Boletim da Sociedade de Geografia, nº 3 e 4 de 1898-1899. Editada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa 1983.
- LOPO, Albino dos Santos Pereira, A Quinta de Benquerença ou a cidade de Bragança – Benquerença e Bragança 1897 – A partir do Manuscrito original.
- LOPO, Albino dos Santos Pereira, Apontamentos Arqueológicos, Instituto Português do Património Cultural, composta e impressa na Silva Pereira, Braga, Julho de 1987.

No Arqueólogo Português

- Inscrição de uma casa em Bragança. Volume 2, 1896, pp 287-288.
-Uma lápide do Castelo de Oleiros da Bemposta. Volume 3, 1897, pp 72-73.
-Uma lápide romana. Volume 3, 1897, p. 192.

-Museu Municipal de Bragança. Volume 3, 1897, pp48-49.
-As ruínas da Devesa de Vila Nova. Volume 3, 1897, pp127-128.
-Miranda Arqueológica. Volume 3, 1897, pp212-213.
-Lápide Romana de Babe. Volume 3, 1897 pp 223-224.
-Noticias de Lamalonga – Vestígios e tradições das pedras. Volume 3, 1897, pp.287-288
-O "Castelo" de Rebordãos – Ruínas antigas-Lendas populares-Beleza natural do sítio. Volume 3, 1897, pp 117-155.
-A torre de Menagem de Bragança. Volume 3, 1897, pp125-126
-O Túmulo do Conde de Ansiães. Volume 3, 1897, pp182-187.
-Duas povoações mortas. Volume 3, 1897, pp 145-149.
-A Brigantia, Volume 3, 1897, pp.245-247.
-Castro de Sacóias (Bragança). Volume 4, 1898, pp.47-48.
-As fortificações de Rabal (Bragança). Volume 4, 1899, pp87-88.
-Vestígios arqueológicos de Babe. Volume 4, 1898, pp340-343.
-Cimo de Vila da Castanheira (Concelho de Chaves). Volume 4, 1898, pp312-314.
-O castro de Samil e as cavernas de S. Lourenço. Volume 5, 1899-1900, pp 105-107.
- Picote (Miranda do Douro). Volume 5, 1899-1900, pp143-145.
-Museu Municipal de Bragança. Volume 5, 1899-1900, p336 em co-autoria com Leite de Vasconcelos
- Elementos para a solução de um problema arqueológico. Volume 5, 1899-19009, pp184-187.
-Estevais do Mogadouro. Volume 5, 1899-1900, pp 249-253
-Arqueologia Transmontana, Volume 5, 1899-1900, pp. 290-295.
-Gimonde. Ruínas – Um marco Miliário. Volume 5, 1899-1900, pp 136-138.
-Aula de Arqueologia no Seminário Diocesano de Bragança, Volume 5, 1899-1900, pp 44-46.
-Museu Municipal de Bragança. Volume 6, 1901, pp95-98.
-Arqueologia Bragançana, Volume 6, 1901, pp 146-156.
-Notas e considerações sobre Bragança. Volume 7, 1902, pp14-17
-Picote (Miranda do Douro). Volume 5, 1899-1900, p57.
-S. Jusenda. Volume 5, 1899-1900, pp114-115.
-Torre de D. Chama, Ruínas de S. Brás. Volume 5, 1899-1900, pp279-280.
-O Alto do Carocedo ou Carrocedo, Volume 7, 1902, p.70-74
-O cerro de Penhas Juntas. Volume 7, 1902, pp101-102
-Arqueologia do Distrito de Bragança, Volume 8, 1903, pp 248-250.
-Archeologo Português. Volume 8, 1903, pág. 326.
-Fraga da Moura em Vila Nova da Torre de D. Chama. Volume 10, 1905 pp 239-241.
-Vestígios romanos em Bragança. Volume 11, 1906, pp83-84
-Dois Miliários inéditos. Volume 12, 1907, pp.162-164.
-Antigualhas Transmontanas, Volume 12, 1907, pp307-310.
-Archeologo Português. Volume 12, 1907, pág. 310.
-Antigualhas Transmontana, Volume 13, 1908, pp 248-252.
-Vila Nova de S. Jorge (Bragança). Volume 13, 1908, pp313-314.
-Archeologo Portugues. Volume 13, 1908, pág. 403.

-As Ruínas da Devesa de Vila Nova. Volume 14, 1909, pp51-55.
-Notas arqueológicas e lendárias das margens do sabor. Volume 15, 1910, pp317-321.
-Uma jornada arqueológica. Volume 15, 1910, pp328-333.
-Uma excursão arqueológica a Roios. Volume 16, 1911 pp 48-51.
-Uma estação arqueológica em Mirandela. Volume 16, 1911, pp96-100.
-Monumento funerário de Pinhovelo. Volume 24, 1919-1920, pp.240-241.

Outras publicações e citações;

Revista Portugália, **Porto:**

-Inscrições Brigantinas. Volume 2, 1908, p127
-Inscrição de Miranda do Douro. Volume 2, 1908, p289.
-Instituto de Archeologia do Porto, Portugália. Volume 26, pág.99
- Boletim Architectonica e d'archeologia. Volume 4 Pág 2
- Boletim Architectonica e d'archeologia. Volume 10 Pág 601.
-Revista de História. Volume 1, Empresa Literária Fluminense, 1921, pág. 52
-Estudos de Philologia Mirandense. Volume 2, 1901, pág. 7.
-The Geographical Journal. Volume 17 – Royal Geographical Society, 1901, pág. 207.
-O Instituto-Revista científica e literária, Volume 78, 1929, pág. 593.
-História Orgânica e política do exército português. Volume 2, Imprensa nacional, 1898, pág.358.
-Origens – Imprensa Nacional, 18998, pág. 358.
-Revista Guimarães. Volume 73, 1963, pág.142.
-Revista do Instituto de Archeologia da FLUP. 1910, pp328-333
-Boletim do Grupo "Amigos de Bragança nºs 3,5,7,8,13.

No artigo "Para a História da Arqueologia Portuguesa" de Francisco Sande Lemos, diz o autor na pág. 19;

- O coronel Albino Lopo foi o mais profícuo colaborador transmontano de "O Arqueólogo Português". Assinou 52 textos entre 1896 até 1911 com regular assiduidade, embora o último artigo date do número de 1919/1920.
- Ao todo, estes estudiosos publicaram na 1ª série do Arqueólogo Português entre 1895 e 1916 cerca de 80 artigos – quase dois terços foram assinados por Albino Pereira Lopo.

Não publicada:

-Monumentos Militares do Norte (Manuscrito propriedade da família)

Foto em exposição no museu de arqueologia;
Albino Pereira Lopo em macedo de Cavaleiros;

LOPO MARTINS – O nome é muito vulgar, mas tem interesse notar que o Pai de Fernão Lopes se poderia ter chamado Lopo Martins, visto que o filho do cronista se chamou Martinho. O facto de bastante novo, Fernão Lopes. O facto de bastante novo, Fernão Lopes ter obtido um bom lugar na administração (sem ter passado pela universidade) sugere que teria alguma protecção no serviço público. Lopo Martins foi um dos administradores escolhidos por D. Fernando para a "companhia das naus"
LORÍGA/LOURICA – Saia de malha, vestidura militar que se fabricando primeiramente de loros ou correias de couro cru (donde lhe veio o nome) de tal modo entretecidas que ficavam impenetráveis. Depois entre os portugueses se usaram lorigas cobertas de lâminas, anéis ou escamas de ferro ou aço que faziam uma boa parte das armas defensivas de um completo guerreiro. Também; LORIGA - Conhecida no Ocidente Medieval nos Séculos XII e XIII, tem provavelmente antecedentes ibéricos que se reconhecem no equipamento romano e na literatura visigótica Peça clássica característica do equipamento defensivo, destinada à protecção do tronco, embora pudesse também comportar elementos destinados à defesa da cabeça e dos braços. Pode definir-se como uma túnica de malha ou camisola de anéis, sem capuz, com mangas, e não passava abaixo dos joelhos, com um talho à frente e outro atrás para facilitar a permanência do cavaleiro na cela. Será mudado em «cota», veste de malha a anéis com manga, gola alta, e chegará até pouco abaixo das ancas. O jaque a cobrirá completamente. (CM)
LORIGOM – Saia de malha mais ampla, mais de prova e reforçada com o mesmo respeito à loriga.
LORIGÃO/LORIGA – Couraça, armadura, Veste militar.
LOSTRA – Lambada, bofetada, estalada. (VB)
LOUÇÃO – Vestido de gala, festa custoso, precioso. Galante. Bem-trajado, atilado no vestir. (RB).
LOUCO – Loccáo (PA); Homem louco que injuria os outros com palavras.
LOUDEIS – Vestidura exterior, acolchoada ou de várias folhas de pano duplicadas ou de couros e metais, para embaçar os golpes.
LOUDEL – O mesmo que laudel. "E se teverem loudel seja daquele panno e inchimento que prouver o seu dono". Daqui se vê que os Loudeis também eram acolchoados. Também; LOUDEL – Túnica larga, de mangas curtas ou mesmo sem mangas, possivelmente acolchoada, que os guerreiros envergavam – decorada com os seus símbolos heráldicos. (CM
LOUVAMINHA – Gabo ou louvor afectado e de pouca importância, lisonja.
LOUVAMINHAR – Estar lisonjeado de continuo com palavrinhas de afectação e sem peso.
LOUVAR – Escolher, deputar, nomear, pedir, tomar. Vide Laudo.
LOVISARIA – Ourivesaria, rua ou bairro dos ourives.
LUAIRO – Calenda ou martirológio, em que todos os dias se declara quantos são de lua.
LUARIO – Lunário, em que todos os dias se declara quantos são de Lua.
LUBAGANTES – Item lagostas, centolas, cangrejas, lobagantes etc. 1500.
LUBRÍGA/LOBRÍGA – Saia de malha, do latim lorica.
LUCELO – Pequeno sepulcro, raso e humilde. Vem do latim loculus ou locelus. 1298.
LUCERNA – Claraboia, abertura para entrar luz. Também; Abertura por onde entra luz num edifício. 2) Peça de cerâmica usada para iluminação pelos Romanos. (AA).
LUCRICA/LUGRICA – Vide Logréca.

LUCTOSA – Vide Loitosa.
LUCTUOSA – Vide Loitosa.
LUGAR CHAM – Lugar pequeno, concelho, julgado, couto ou povo de poucos vizinhos.
LUCRÍCA/LUGRICA – Vide Lucrica. O mesmo que Logréca.
LUÍS XV, Estilo – Pode ser considerado sinónimo de rococó. (AA)
LUIS XVI, estilo – Transição para o neoclassicismo, mantendo alguns elementos do rococó.
LUÍS FILIPE, estilo – Arte Francesa do período 1830-1848 que coincide em grande parte com o Romantismo e combina a nível da arquitectura e artes decorativas, elementos clássicos, gótico e mesmo rococó. (AA).
LUMIEIRA – Pequena fresta por onde entra a luz, seteira.
LUMIEIROS – Luminárias, luzes.
LUMINARIA – Luminar, actualmente a palavra luminária aplicada a pessoa, tem significado pejorativo e designa o contrário, isto é, individuo estupido. (LV)
LUNAR – Cada uma das peças externas do carro de bois mais ou menos em forma de crescente. (VB)
LUPA – Nome de mulher, cujo masculino é Lopo; Loba/Lobo. Também; Doença que vem às mãos dos cavalos. (RB)
LURA – Vide Rebora.
LURDA – Descompostura violenta, sova, tareia. (VB)
LURIA – No foral que o infante D. Afonso Henriques deu à cidade de Cêa em 1136 se diz; Se o muro chair e se houver levantar o senhor da terra aprontará Mozom e luria e marra e malios e duas lavancas et nos nostros corpos, et illo muro sedeat factum. Mozom será guindastre e luria o calabre. Também; Corda grossa. (VB).
LURÍCA – Vide Loriga.
LURICA /LORIGA -Saia de malha com escamas de aço ou ferro, de que usaram os nossos guerreiros.
LUSBEL – Lucifer, o chefe dos demónios. (RB)
LUSCAR – Brincar, jogar, divertir-se. 1436.
LUSITÂNIA – Território do ocidente peninsular com contornos imprecisos, como revela o próprio texto de Estrabão, onde são percetíveis cambiantes na definição dos seus limites e povos, em consequência da situação histórica da época e, particularmente, da intervenção romana. A esta região, o maior agregado populacional dos Iberos com diversos rios navegáveis, o geografo de Amásia descreve-a como sendo próspera em frutos, gado, e abundância de ouro, prata e metais semelhantes, riqueza mal aproveitada pelos Lusitanos em geral que se dedicavam à pirataria e a guerra. O seu carácter selvagem e incivilizado, particularmente visível nos habitantes das montanhas, torná-los-ia mais resistentes à intervenção romana. (ET).
LUSO-MOURISCO – Expressão criada pelo Prof. Élie Lambertt para designar as formas compósitas de mudéjar em Portugal do século XVI. (AA)
LUSÕES – Um dos povos em que dividiam os Celtiberos, situado por Estrabão junto à nascente do Tejo.
LUSTRO – Relâmpago. (VB)
LUTOSA/LUTUOSA/LUYTOSA – Vide Loitosa.
LUTUOSO – Triste, fúnebre, lamentável. (RB)

LUVAS - As manoplas, com a parte metálica em forma de clepsidra, ao interior da qual se aplicava uma luva de cabedal ou tecido forte, com os dedos cobertos por uma série de pequenas placas de metal. (CM)
LUZENÇA – Luz, claridade, resplendor.
LYDIMO – Vide Leydimo.
LYS – lis, flor aliás açucena. (RB).

M

M – Na música dos antigos, denotava a moderação da voz.

MÁ-ORA – Interjeição com o sentido de "com os diabos", caramba (sentido da frase é: se o almocadém se quer vir que venha, com os diabos) (HS)

MAÁHO/MÃÃHO – Mão ou mam.

MÁÁO-PARAMENTO – Malfeitoria, destruição, dano, perda. 1307.

MAÁO-PARAMENTO – Malfeitoria, dano, perda.

MAÇA - Estas armas identificadas pela iconografia peninsular, segundo Soler de Campo, tinham uma grande carga simbólica e parecem estar associadas ao poder e à justiça. Era uma arma secundária, ofensiva e era uma espécie de cacete curto, com um cabo cilíndrico e uma cabeça de ferro que poderia ter várias formas entre elas a esférica. (CM).

MAÇA DE ARMAS - Síntese histórica; Foi a mais terrível e devastadora arma da Idade Média e talvez, por isso, a preferida pelos cavaleiros. Apesar de tudo a cavalaria feudal não utilizou antes do século XIII, porque a considerava como uma arma própria de vilão. A partir do século XIII começaram a ser feitas maças de ferro, bronze e chumbo. Por melhor que fosse a malha da cota, ou por mais resistente que fosse o cambais eram impotentes para suster os efeitos dessa arma. Um golpe de maça era suficiente para esmagar um crânio ou cortar um braço.

A fim de se protegerem, os cavaleiros começaram a reforçar a cota de malha com placas de metal, chifre ou cuir-bouilli (coiro moldado e enrijecido com água e coberto com cera quente). Mas à medida que as armaduras se foram desenvolvendo, também as maças se foram aperfeiçoando.

Nos finais do século XIII e no século XIV, já as maças eram feitas com pontas de ferro semeadas de longos bicos. Este tipo de arma não foi utilizado por muito tempo. Bem fabricada a maça podia desferir golpes muito perigosos. Mas as maças de ferro dessa época tinham um problema. É que os ferreiros não conseguiam caldear devidamente os bicos do corpo central, nem forjá-los em conjunto, pelo que estes ficavam sempre levemente esquinados, acabando por se partir com relativa facilidade, com um golpe forte. Perante esta dificuldade os fabricantes optaram por criar maças de bronze fundido.

Todavia essas maças, além de serem caras, rapidamente se deterioravam contra as peças de ferro dos arneses. Por outro lado, começou-se a verificar que as maças de bico tinham um grande inconveniente: prendiam-se nos falsos da armadura e nas intricadas peças do vestuário do combatente. Começaram então a substituir os bicos por lâminas, inicialmente de forma rectangular, depois arredondadas e, finalmente triangulares. Os portugueses criaram um tipo de maça muito peculiar, feitas de chumbo, material barato e extremamente denso, pelo que uma pancada tinha efeitos demolidores.

A essas armas foi dado o nome de fachas. Fernão Lopes ao longo da crónica de D. João I refere-se bastas vezes às fachas e amiúde às fachas de chumbo. *"(…) E leixadas as lamças das mãaos que huuns e a outros pouco nojo fez e jazendo huum grande vallo dellas amtre huuma aaz e outra, veheram as fachas e espadas d'armas "*Fernão Lopes, Crónica de D. João I, Vol. I Cap. XLVIII. (MGM).

Maça de armas de bicos, espólio da Associação Terras Quentes

MAÇADEIRA – Pedra em cima da qual se maça o linho. (VB)

MAÇADURAS – No foral de Bragança de 1514 D. Manuel que mais se não devem levar as penas de maçaduras e sangue, que antes chamavam indicias e nos princípios do reino, vozes coimas ou livores. Ainda hoje se diz maçada, uma carga de pau, pisa, tosa.

MAÇAL – Macel (PA); O soro do leite que escorre do queijo quando o carregam.

MAÇAM – Nome de homem que dizemos Marçal. 1304.

MAÇÃO – Grande malho para bater e calcar estacas. (RB)

MAÇAROCA – Milho de maçaroca, milho grosso.

MACEDO DE CAVALEIROS – Topónimo referente á freguesia e sede de concelho do nordeste transmontano: Para Pinho Leal; o topónimo Macedo, é um apelido nobre em Portugal, vindo de Espanha… trouxe-o D. Álvaro Gil de Macedo, que se julga deu o seu apelido por nome a esta vila, de que foi senhor donatário e onde teve solar.

– Também foi em Macedo de Cavaleiros que teve solar e morgado os Teixeira de Macedo. – Para Armando Pires; 26 notas, refere que Macedo de Cavaleiros, fazia parte das terras de Lampaças, com o topónimo de Massaedo ou Maçaedo. Nas inquirições de D. Afonso III, aparece com o topónimo de Maçaedo. – O Guia de Portugal, avança com outras proposta sobre a origem do topónimo Macedo de Cavaleiros, mas também a partir das informações retiradas das leituras às inquirições de Afonso III, assim; a pp. 878 a 880, lê-se, comprova-se por alguns documentos a sua remota existência já no século XII esse obscuro lugar é apontado como fazendo parte da chamada “Terra de Lampaças”, que D. Sancho I, não se sabe porque motivo extinguiu, nesse tempo o topónimo era Massaedo ou Maçaedo. O possessivo “de Cavaleiros” provém segundo se presume, do facto da aldeola rodeada de agros férteis, haver pertencido, pelo que se diz nas inquirições de D. Afonso III a um cavaleiro de Chacim, um tal D. Nuno Martins, da estripe dos Bragançãos e a um outro ainda, de nome Mendes Gonçalves. Nas referidas Inquirições se acrescenta que tal posse constituía uma usurpação acentuando-se que esses fidalgos tinham “filhado” e não recebido por doação ou favor régio, os foros e as rendas de Vilar de Maçaedo. (TMC)

MACHA – Bebedeira. (VB)

MACHACA’Z – Chulo, grandalhão. (RB). Também; Individuo que não tem siso, doido, néscio. (VB)

MACHADINHA – Machado pequeno de trazer à cintura, usado na guerra, e para outros fins. (RB)

MACHADO (FRAGMENTO) – Fragmento de machado em ferro, original, século XI/XIV

Fragmento de machado, espólio da Associação Terras Quentes

MACHAR – O mesmo que abocanhar, ou não comer de todo, mas pouco menos.
MACHATIM – Emascarado, farsante.
MACHETE – Espada curta de gume e cota. (RB)
MACHIA – Chamam em Felgueiras (Moncorvo) à colmeia em que há excessiva quantidade de zangãos.
MACHIEIRO – Árvore nova de carvalho, sobreiro ou enzinho, à qual, emquanto não tem consistência e figura de árvore com pé e ramas, chamam os agricultores chaparreiro, e só depois que vai engrossando e subindo da terra, se diz propriamente MACHIEIRO. Talvez se deu também este nome aos novilheiros de outras quaisquer árvores. Vide Novelleiro. "Ms ARE Fol 28 vol. Ms 20-1-30 da B. M. Viseu".
MACHINA – Quantidade, multidão (de coisas).
MACHIRA – Pano de seda que os Cafres deitão pelos ombros a modo de capa. (RB).
MACHONARIA, MACHONHARIA, (antigo) – Obra de feição mourisca. (AA)
MAÇONARIA – Arte de Pedreiro: disposição nos muros dos elementos componentes da alvenaria (pedras ou tijolos).
MACHORRA – Ovelha que não procria. (VB)
MAÇORRAL – Grosseiro, rude, tosco. (RB)
MACHOMHARÍA/MACHOMHARÍA – Obra mourisca e daquele gosto que usam os sequazes de Mafoma. 1359.
MAÇUCO – Vide Ferro maçuco.
MÃDAR – Legar; Deixar em testamento a quem não é o principal herdeiro. Foral de Outeiro. (MJ)
MADEIRA – O mesmo que toda e qualquer lenha para fornos e fogões, séculos XII e XIII. Embora hoje se tome por madeira de construção.
MADEIRA DE BOIS E DE BODES – Cornos.
MADEIREIRO - Caudicarius CIL 260. (CM)
MADEIRO – Certa espécie de armadilha proibida nos olivais de Alenquer, assim como varas de alcapece e cepos com que se matavam os bácaros monteses que não são enhos.
MADIM – Moeda Turca de 12 reis.
MÀDINHO – Espécie de fueiro que, pela estrubenga, é seguro à frente da cabeçalha de carga. (LV)
MADIOSO – Mavioso, enternecido.
MADORRA – m.q. madorra; montão de pedras miúdas; túmulo romano; anta; topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, como de interesse arqueológico nesta freguesia. Também referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, retirando da base de dados a seguinte informação: Designação: Madorra/Estação de Grijó. Tipo de sítio: Indeterminado Período: Romano. CNS: 17276. Localização: Grijó de Vale Benfeito. Descrição: A bibliografia refere a existência de um sítio arqueológico de

época romana, assinalado por uma dispersão pouco extensa de tégulas e cerâmica comum, perto da estação de caminho de ferro de Grijó, na vertente Sul do cabeço da Madorra. Prospetámos a zona indicada, que se encontra ocupada por um olival, e não encontramos vestígios deste sítio. Na mesma zona encontra-se as obras de construção do novo troço do IP2, sendo possível que estas tenham destruído o sítio, mas tal não vem assinalado no acompanhamento arqueológico que foi feito a esta obra. Por outro lado, as coordenadas apontadas por Sande Lemos colocam o sítio fora do alcance das obras, se bem que imediatamente ao lado. V. Modorra. (TMC)

MADRAÇAL – Madraça (PA); Escola onde se ensina a ler e escrever. Deriva-se do verbo árabe "daraça" estudar a lição, decorar, repetir a leitura.

MADRASA, MADRASAH – Edifício típico da arquitectura destinado a escola para o estudo das ciências teológicas e jurídicas. Os primeiros exemplos surgem em Bagdad na segunda metade do século XI, mas não restam vestígios. Os primeiros exemplares que se conservam foram construídos no século XII pelos Turcos, em Damasco e Alepo. (AA).

MADRE – Falando-se de metais se diz madre os que ainda estão em bruto, assim como foram tirados do veeiro e não fundidos e separados da escória. Também; Antigamente ainda não se conhecia a palavra mãe. Mãe (1385 (NAP)

MADRE-DUZ – Vide Mater-Duz.

MADRID – Maajarit (PA); Capital de Hespaña. É nome composto de "maa" água e de "jarit" corrente. Águas correntes.

MAEFESTAR/MANIFESTAR – Confessar-se, sacramentalmente.

MAFAMUDE – Mahmude (PA); Nome próprio de mulher. Significa louvada. Deriva do verbo "hamada" louvar.

MAFRA – Mafara (PA); A cova. Freguesia da estremadura. Deriva-se do verbo "bafara" cavar, abrir cova

MAGACÍA – Arte mágica, feitiçaria, magia.

MAGDALENENSE – Último Período do Paleolítico Superior, assim chamado da estação epónima de La Madeleine. Foi uma época em que, para além da arte parietal, foi muito abundante a arte mobiliária em osso e chifre. Magdaleniana foi uma das culturas mais tardias do Paleolítico Superior na Europa Ocidental, entre c. 15000 a.C. e 9000 a.C.

MAGESTADE/MAIESTADE – A majestade que só é própria do Deus verdadeiro, e que os gentios reconheceram também as suas divindades falsas, com muita razão se dá hoje aos deoses forte da terra que reinam e governam em nome daquele que reside particularmente no céu. A devoção dos nossos maiores dava igualmente o nome de majestades às imagens dos santos, distinguindo especialmente, com este nome a venerada imagem do nosso Deus crucificado, que ornada com prata e ouro ou pedras preciosas traziam ao pescoço ou sobre o peito. 1272.

MAGINHAÇOM – Imaginação, o português arcaico usava frequentemente o verbo maginar

MAGINÃO – Louco (entre os Mouros)

MAGNHO – Vide Manho.

MAGNIFFESTO – Manifesto. 1464.

MAGNIFICAR – Elevar, exaltar, engrandecer.

MAGOAR – Macular, sujar encher de nódoas e ferretes, fazer contusão, causar dor, afligir, vilipendiar, tachar, repreender.

MAGOM – Manha, defeito, menoscabo, deslustre.

MAGREBE – O Ocidente do Islão - Marrocos é tradicionalmente considerado o Extremo oriente do Islão.
MAGREBINO – relativo a Magreb, região do Norte da África, ou o seu natural ou habitante
MAGRÉM – Magreira.
MAGUER – Posto que. (É do século XII); Também; Não obstante.
MAHA – Minha.
MAHOM – Mão. 1285.
MAHOMETO - Mahomet
MAIESTADE – Vide Magestade.
MAINEL – Cada um dos pilares que dividem uma fresta verticalmente.
MAIORAL – O prelado de qualquer corporação religiosa.
MAIORES – Antepassados.
MAIORINO – Juiz supremo do rei segundo os documentos de Espanha e Portugal. Também; os governadores potestades ou príncipes das províncias ou comarcas, postos pelo soberano.
MAIS – Mas, porém
MAISARA – Antigo aguadeiro de Cairuane, em 740 comandou uma rebelião dos berberes no Norte de África. Estes raparam a cabeça, para não se confundirem com os contrários, ataram o Corão na ponta das lanças e assenhorearam-se de Tânger. Para os castigar o califa enviou um exército de 27.000 sírios e 3.000 egípcios sob o comando de Balg. Os berberes venceram-no, próximo de Toledo. no ano seguinte 742, atravessaram o Tejo. 743 a revolta alastrou aos berberes de Espanha. Na batalha de Guazalete, terras de Toledo, os berberes perderam e lançaram-se em fuga, perseguidos e mortos pelos sírios de Balg.
MAKSURA – Recinto ou tribuna de mesquita em madeira rendilhada onde os princípios muçulmanos se isolam para assistir à oração pública. (AA)
MALÁDAMALADA/O – Escrava, serva, manceba, menina, criada ou moça de servir, que por condição ou salário tem obrigação de se empregar no obséquio e servir os seus senhores ou amos. 1279.
MALADÍA/MALADYA – Serviço não gratuito e pendente de vontade e primor do colono ou enfiteuta, mas sim rigorosamente devido como o de um escravo a seu senhor, ficando este reciprocamente obrigado a defender, amparar e manter em certos privilégios e isenções a estes seus servos ou malados.
MALAMENTE – Mal e indevidamente, com detrimento grave e sem razão. 1389.
MALASCARA – Vulgarmente se diz, fulano é um malascara, i. é., de cara triste, carregada. (RB)
MALASTANCIA – Defraudo, perda, dano, detrimento.
MALASTANTIA – Defraudo, detrimento, perda de bens ou direitos da coroa, os quais não deviam ser lesados.
MALATO – adj. Algum tanto doente, indisposto; Também; Borrego do ano. (VB). Também; – indisposto fisicamente; um tanto doente. (DH). Etimologia: segundo CF e JM, it. *malato* (c1250) 'que está mal de saúde', de orig.contrv., ger. ligado ao lat.tar. *màle habìtum* us. na acp. 'em mal estado', p.opos. a *habilitissìmum* 'em bom estado'; ver *mal(e)-* e *hav-.* (DH); indisposto fisicamente; um tanto doente. (DH). Etimologia: segundo CF e JM, it. malato (c1250) 'que está mal de saúde', de orig.contrv., ger. ligado

ao lat.tar. màle habìtum us. na acp. 'em mal estado', p.opos. a habilitissìmum 'em bom estado'; ver mal(e)- e hav-. (DH)
MALATOSTA – O mesmo que maltosta, Também; Direito que se paga na cidade do porto de todo o vinho que ali se carrega para fora que é de cada tonel 48 réis e das outras vasilhas por este respeito.
MALBARBADO – De barba rara, mal povoada. (RB)
MALDIÇOENS – É bem para admirar o quanto eram temidas até os fins do século XIV, as maldições, pois quase todos os instrumentos de doações ou testamentos que desde o século VII nos ficaram, estão cheios das mais execrandas e temíveis contra os que forem opostos ou quebrantarem o que nos tais instrumentos se escrevia, se, ao mesmo tempo se não temerem. São inumeráveis as que se fazem dignas de especial menção, como, por exemplo a doação que se no século XII ao mosteiro de Vairão, *contra a qual se alguém for seja excomungado e separado do corpo e ao inferno vá parar a pena com judas, o traidor: e dous talentos de ouro: e o dano em dobro dez centas vezes; e ao senhor da terra outro tanto. 1086.*
MALEFICIO – Cousa mal feira, crime, desordem.
MALENTRADA – Pena ou multa que o preso pagava por entrar na cadeia diferente de carceragem.
MALEVA – Vide Malleva.
MALEZA – Fraude, malícia, trapaça, conluio.
MALDIZER – Maledicência (NAP)
MALFARIO/MALFEIRO – Adultério, traição que a mulher fez ao seu marido, prostituindo-se a outro homem, pecado da carne, violador da fidelidade conjugal.
MALFETRIA – Delito, acção má, malfeitoria.
MALHADA/MALHADEIRO – Os colmeaes são, em geral dispostos em encosta voltados para a nascente; quando completos são cercados com altos muros de pedra e uma casa de hospedaria e deposito de alfaias melíferas. (LV).
MALHAL/ MALHAIS pl – Bancos ou calços de madeira sobre os quaes assentam as vasilhas nas adegas. (LV). Já diz Viterbo; alguns caseiros tinham de encanteirar, ou dar canteiros que hoje dizemos malhaes para assentar as pipas, cubas ou toneis dos seus respectivos senhorios.
MALHAR - Caír
MALHO – Matraca, instrumento para convocar a gente.
MALHOM – Baliza, termo, limite, vem de mallum ou mallus, que era o tribunal ou lugar de juízo o qual se determinava e jazia nos confins dos litigantes levantando-se para isto um pequeno monte de terra ou arca, que demarcava os respectivos limites, se no mesmo lugar não havia algum monte ou colina. 1514.
MALHOS – Matraca, ainda hoje vemos no mosteiro de alcobaça e nos conventos dos padres Arrábidos um grosso tabuão pendente e preso a ele um maço de pau com que em algumas ocasiões se convoca a comunidade para o capítulo. 1353.
MALIOLO – Bacelo, vinha nova e de poucos anos. Os Espanhóis dizem majuello.
MALIQUITAS – Partidários da doutrina (sunita) defendida por Malik b. Anas (Século VIII). Espalharam-se pelo norte de áfrica.
MALISSIMO – Muito mau.
MALLA-TOSTA/MALTOSTA – Direito, imposição ou tributo que pagam os que embarcam vinho na cidade do Porto que são 48 réis por cada tonel; metade para o Bispo e cabido e metade para o Rei. 1324. Também; Morari, V. Almoxarifargo, diz que maldha (?) em

alemão é o mesmo. Vectigal em latim; gabela em italiano peage em espanhol e que é dos direitos mais fundados na razão natural e direito das gentes.
MALLEVA/MALÉVA – Fiança. 1293.
MAP PECCADO – Interjeição de quem nega e juntamente deseja v.g. "Recebestes algum benefício de António?" Se responde mal peccado – nega que o tenha recebido, ao mesmo tempo que o desejava ter recebido. 1298.
MALSENTIDO – Enfermo, doente, molestado. XV e XVI.
MA'LSIM – Aquele que por ofício é espia e delator dos contrabandos e contravenções em prejuízo de algum contrato ou privilégio. (RB)
MALTEZ – Cavaleiro da Ordem de Malta. (RB).
MALTOSTA – Direito que pagavam os que embarcavam vinhos na cidade do Porto.
MALTREITOS – Maltratados, feridos.
MALVESADA – Aquela ou aquele que desonestamente vivia. Foral de Sernancelhe de 1124.
MALUCO – Mameluco (PA); voz currupta do nome antecedente. É nome próprio ainda que apelativo. Muley Maluco era o rei de Marrocos que deu batalha a D. Sebastião. Sendo o dito rei pequeno se ausentou para Constantinopola e quando voltou seu pai mandou por uma braga de prata muito delgada no pé direito, chamando-lhe Mameluco, que quer dizer escravo.
MAM DE LINHO ATADO COM TREZ FEVRAS – Molho de linho, atado com um vencilho feito de três fevras ou pés do mesmo linho, ficando as mãos ou molhos grandes, se o linho for grande, e pequeno se o linho for curto, pois por as três fevras atadas se há-de regular o vencilho.1227.
MAMELUCO – Mamelucos eram Turcos, criados na arte da guerra. Também; MAMELUCO – Mameluco (PA); Escravo possuído. Deriva-se do verbo "Maleca" reinar, possuir. Os Mamelucos no Oriente são os rapazes Christãos que se apanhavam na guerra, ou por tributo se davam à Porta Othomana. Destes os mais bem parecidos eram mandados criar no palácio para o serviço e assistência do Grão-Turco, acompanhá-lo quando ia à Mesquita, servi-lo à mesa e pegar-lhe na cauda do Cofrán. No Egypto foram famosos desde que o Sultão Saladino e seus descendentes os mandaram criar naquela corte os quaes pelos anos de 1250 de Christo se introduziram no governo e se fizeram tão poderosos que não só ocuparam os primeiros lugares e dignidades, mas se fizeram formidáveis às mais nações, até que Selim Imperador dos Turcos em duas batalhas que lhes deu os desbaratou. Também; membro de antiga milícia turco-egípcia, originalmente formada por escravos caucasianos convertidos ao islamismo, que conquistou grande poder político no Egito [Essa milícia ocupou o sultanato do séc. XIII ao XVI e, derrotada por Napoleão em 1798, foi exterminada e dispersada em 1811 por Mehemet-Ali.]; (DH)
MAM SIESTRA – Mão esquerda.
MAMÓA-MAMOA – Assim chamaram, metaforicamente um pequeno monte, colina ou proeminência da terra, de figura redonda e com semelhanças de peito mulheril, que os latinos disseram mamma. *"Que fossem na mamóa da par da carreira de sobre Anzega que chamam mamóa negra".* Documento de Pendorada de 1315. Em um documento de Santo Tirso de 1289 se diz; Mamúa. Desde o século IX até ao XII, se escreveram em Portugal e Espanha muitos documentos em que as mamóas se dizem mamolas segundo o latim daqueles tempos; declarando-se em alguns que o mesmo era mamóas que arcas, pois segundo Mr. Bulet no dicionário de língua celta ar ou hare significa terra, altura,

colina, fastígio, ponta mais elevada, montanha, rocha. Também; Monte de terra artificial com que, algumas vezes se dividiram os territórios; eram de forma redonda e acuminadas e também se chamaram arcas.
MAMOA DE SANTO AMBRÓSIO - A Mamoa de Santo Ambrósio localiza-se no vale aberto de uma pequena linha de água, afluente da Ribeira de Salselas, a uma altitude de cerca de 567 metros e a cerca de 140 metros a NNE do Santuário de Santo Ambrósio, freguesia de Vale da Porca.
Esta Mamoa é o único monumento megalítico referenciado para o Concelho de Macedo de Cavaleiros, como tal o seu estudo/escavação constituiu desde o início, uma das prioridades do projecto "Terras Quentes".
O monumento apresenta a uma grande fossa de violação na sua área central prolongando-se na direcção Norte até ao seu limite. Os materiais arqueológicos aqui descobertos correspondem a uma reutilização tardia, provavelmente da Idade do Bronze, concentrando-se essencialmente no quadrante SE. Aqui foi possível detectar uma grande concentração de cerâmica, com evidente associação de vários recipientes. Também foram detectados, entre outros: lamela de quartzo; denticulado; lasca retocada em quartzo; lascas de debitagem; grande quantidade de percutores em quartzo sendo de destacar um percutor/bigorna; fragmento de dormente de mó.
Relativamente às estruturas, os resultados obtidos no quadrante sudeste parecem indicar a presença nesta área de um "átrio de entrada" ou de acesso a uma eventual câmara funerária, no entanto ainda não foi possível chegar a resultados conclusivos.
Não foi possível chegar a resultados conclusivos no final da última campanha, sobre a existência de uma eventual câmara funerária na área central da mamoa.
Prevê-se a continuação dos trabalhos neste monumento, nomeadamente a continuação da intervenção na área central, por forma a um total esclarecimento da estrutura da Mamoa de Santo Ambrósio.

Legenda; Intervenção arqueológica da "Terras Quentes"
na mamoa de S. Ambrósio

MAMOTRETO – Item. Hum Momotreto que mandaram que andasse no Coro. Chamaram mamatreto a um livro que tratava das primeiras letras e próprias de um menino. E também o livro que ensinava os primeiros princípios da religião ou doutrina santa aos que aspiravam à perfeição. 1551.
MAMPARAR – Defender, amparar, meter a coberto, segurar.
MAMPASTOR – Vide Mempastor.
MAMUA/MAMÚA – Vide Mamóa.
MANAMANO – Logo e no mesmo ponto.

MANCAL – Não só se deu este nome ao coucinho da porta (como ainda hoje lhe chamam Beira) mas igualmente se deu pau ferrado, que se espetava na terra e ao qual se atirava com a bola, a que hoje corresponde fito.
MANCEBA – Esta palavra que já hoje se confundiu com as borregas e concubinas, de que tão largamente falam as ordenações antigas e modernas, depois dos sagrados cânones, não excitava, antigamente alguma ideia de vida torpe e desonesta. As muitas cartas régias, que aos eclesiásticos as proibiram, e também por algum tempo lhas concederam insistiam unicamente na razão de criadas servas ou moças de soldada, as quais sendo menores de cinquenta anos podiam fundamentar alguma má suspeita de incontinência nos que deviam ser o sal da terra e a luz do mundo; Também; Mulher nova, moça na idade florente.
MANCEBA MUNDANARIA, OU DO MUNDO – Mulher prostituída e pública, meretriz, rameira.
MANCEBA SOLTEIRA – O mesmo que manceba mundanária.
MANCEBIA – Não só se tomava pela multidão, cópia, ou ajuntamento de mancebos, ou moços solteiros, mas também pela desonestidade de mulheres públicas e impudicas. XV.
MANCEBO – O que está na idade juvenil e não chega a quarenta anos.
MANCEBO – Mansubon (PA); O amante ou namorado. Deriva-se do verbo "naçaba" trazer à memória o passado. Louvar a amiga com versos amatórios. O que está na idade juvenil e não chega a quarenta anos.
MANCEBO DA SOLDADA - Criado que serve por salário. (Viterbo, Documento da Câmara de Coimbra de 1374). (CM)
MANCEBO DE POUSADA – Nos costumes e posturas de Évora de 1264 se chamaram mancebos de pousada os guardas e pastores dos porcos que eram inferiores ao alfeireiro. Também; Criado que serve por salário.
MANCHIL – Menjal (PA); Foice ou cutelo.
MANCÍPIUM – Significa, para Herculano, o servo ínfimo, o escravo o individuo reduzido à última degradação; significava antes uma situação de aviltamento do que uma condição originária. Por seu lado, Gama Barros defende que esta palavra se aplica a quaisquer servos. No século XI continua a ser aplicado a servo, mas é já usual no sentido de homem livre. No século XIII corresponde ao de mancebo quer na acepção do individuo que servia por solda quer na de idade. (AFONSO)
MANDA – Nos séculos XIII e XIV era sinónimo de testamento. Depois se tomou por tudo o que o testador manda e determina, além do seu testamento ou codicilo. Propriamente manda é legado.
MANDADEIRO – Mensageiro, sacador, enviado, moço, procurador.
MANDADO – O mesmo que deixa, legado, esmola. Vide Aberregaar.
MANDAMENTO – Território separado, jurisdição, distrito, julgado, concelho, honra, couto, com o seu particular magistrado e foral.
MANDAR – Deixar algum legado em testamento. 1280. Também; O mesmo que regatear oferecer para compra um preço menor que o indicado pelo vendedor, em Bragança. (LV).
MANDIL – Pano grosseiro de anediar as bestas depois de escovadas; ou de aventaes de cozinheiros. (RB)
MANDOBRE – Cutilada grande, como dada com as duas mãos.
MANEAVEL – (Porta) que trabalha bem, que gira bem, que não emperra.

MANEFESTO – Confissão sacramental.
MANEIRA – *Em que qual maneira quer*. Em qualquer maneira. É frase do século XIII e XIV.
MANEIRAS – Procedimentos, métodos de governo. (HS)
MANEIRISMO – Tendência artística do Século XVI de raiz italiana e difundida depois na europa transalpina, que inicialmente se desenvolveu a par do gótico tardio e das convenções renascentistas, diluindo-se gradualmente no âmbito da arte barroca. O termo deriva do italiano maneira que na época equivale a "estilo" (vasari, etc.), mas no período seiscentista a actividade artística posterior à morte de Rafael (1520) passou a ser encarada como degenerescência do Renascimento. (AA)
MANEIRO/MANERÍA – Vide Maninhagêdo.
MANEJEIRO – Aquele que ia à frente dos segadores, comandando o ritmo de trabalho. (VB)
MANELO – Um manelo de lã ou de estopa; pequena porção, arada, cópo. (RB)
MANENCOREA – Tristeza, enfado, melancolia, indignação.
MANÉRIO – Administração, serventia ou maneio de algum ofício; obediência ou ovença, que também se disse pitança. XII.
MANERIO – Oficina monástica a que chamaram obediência ou ovença e hoje celleraría. Provavelmente, digo eu; serralheria.
MANGRA – Assim chamaram àquele humor e danoso orvalho da névoa que tolhe e não deixa medrar as searas. Em algumas províncias, fora deste reino, se livram deste dano meneando suavemente o trigo como faz o vento. Para isso dois homens tomam pelas pontas uma corda e caminhando com ela estendida na altura da espiga vão estas sacudindo de si a preciosa mangra. Em Portugal onde esta diligência seria bem necessária que não só útil, se acha inteiramente desprezada, não obstante a providente lei que geralmente a prescrevia. Foi ela passada a 12 de fevereiro de 1564.
MANGRAMELLA – O mesmo que mangra. Vide alfora.
MANGUAL – Jogo de mangual: jogo da bola. "Da porta de uma á porta da outra será o jogo de mangual. Da história do Prestes João XVI.
MANHAS – Qualidades, aptidões. Também; Dizia-se boas ou más manhas por bons ou maus costumes.
MANHO/MAGNHO – O mesmo que maninho. Parte com monte manho. 1527.
MANHUÇO – Conjunto e coisas que podem abarcar-se com a mão, sem as esconder, punhado; mão-cheia; pequeno feixe. (VB)
MANICACA – Chulo, Homem fraco. (RB)
MANIFESTAR – Assim chamavam à confissão sacramental, pois nela manifesta o penitente ao sacerdote toda a imunda lepra da sua consciência. Também se escrevia maefestar, meefestar e menefestar no sentido de confessar; e manifesto, meefesto e menefesto a mesma confissão.
MANINHADÉGO/MANINHADO/MANERÍA/MANINHADÊGO – Não era foro, tributo ou pensão alguma que se pagasse das terras maninhas e desaproveitadas, bravias e incultas. Era sim um tributo péssimo e mui frequente no reino de Leão, e terras de Bragança e Miranda e mesmo na província de Trás-os-Montes. O mosteiro de Castro de Avelãs não se esqueceu dele e talvez o ampliou nas muitas cartas de povoação que deu a vários lugares. Foral Bragança 1187. Também; Foros, pensões, laudémios e quaisquer outras rendas ou serviços que dos prazos, feitos das terras maninhas pagavam os respectivos caseiros. Cf. Cortes de Santarém de 1331, Capítulos Especiais de Bragança,

art.º 5 publ. In CDA, p 55. Também; Manilhádego/manihnádego/manarial/maneira; Prerrogativa senhorial que existiu na primeira época da sociedade portuguesa sobretudo em Trás-os-Montes e na Beira Oriental. Era uma modalidade de dependência do senhor sob o aspecto patrimonial. Este encargo significava que o senhor herdava os bens do seu malado que falecesse sem deixar filhos. Assim nenhum dos bens do colono9 pertenceria à família. (AFONSO).
MANINHO – Campo ou terreno estéril, deserto, inculto, baldio, sem dono e que nada mais produz que lenhas, estrumes ervas e matagais.1514. Ver elucidário. Também; Estéril; que morre sem deixar descendência.
MANINHOS - Assim foram chamados os bens que ficavam por morte do homem ou mulher casados que morriam sem filhos e sem fazerem testamento, não tendo parentes até ao décimo grau; estes, costumava o almoxarife do rei, tomar para a coroa. Também; Bens que ficavam por morte de homem ou mulher casados e sem filhos. (BV).
MANIOTA – Parte do cabo da gadanha, e meio deste, em que assenta a mão direita. (VMECA – Jogo feminino que consistia em atirar ao ar uma pedrinha, fazendo determinadas habilidades com outra das quatro que ficavam no chão, apanhando-a antes de atingir o solo; nédicas; nécaras. (VB)
MANIPOLO DE LINHO – Foral de Figueiredo de Seia de 1204; manipolo de linho era, meio feixe ou molho de linho, e segundo outros era meia mam de linho.
MANIQUETE – Vide Regaço.
MANQUAL (JOGO DE) – O da bola ou fito.
MANOPLAS – Luvas de ferro. Parte da armadura que cobre a mão e o antebraço. No século XIII, as manoplas eram em malha de ferro só com o polegar separado. No século XIV, separaram-se os dedos que foram protegidos por escamas de aço. (AA). Também; luva de ferro, que protegia os gladiadores e que, posteriormente, passou a integrar as armaduras de guerra. (DH)
MAQUIAVELISMO – sistema político de Maquiavel (1469-1527), estadista e escritor florentino, geralmente considerado como a negação de toda lei moral.
MANSESOR/MANSESSOR – Testamenteiro, o que cumpre a última vontade do defunto. Vide Masores. mansidade – Mansidão.
MANSILHA – Flagelo, açoute, azorrague, desgraça. Também; Em algumas partes ainda chamam hoje ao azorrague mansilha por causa da nódoa ou vergão, que fazem na carne em que se empregam.
MANTEAR – Pôr alguém sobre uma manta de lã e pegando vários nela para a terem tesa e plana, lançá-lo ao ar repetidas vezes, por jogo. (RB)
MANTÉÉS/MANTÉES/MANTENS – Lençóis, toalhas.
MANTEL – Roupa branca (NAP)
MANTENHA DEOS – Exclamação benévola, interjeição afetiva, veemente agradecido e cordial desejo que o Céu prospere, aumente e conserve os bens, vida e fortunas de algum dos nossos aliados ou benfeitores. 1439.
MANTENS – Guardanapos, hoje, antigamente, amictos. "*Vinte e doas manténs antre novos e velhos*" Nada mais eram que toalhas dos altares.
MANTER OSPITALIDADE – Agasalhar, receber e depender com os hóspedes. 1350.
MANTER PROFISSÃO – Entrar e professar em alguma religião aprovada. É vulgar no XIV e XV.
MANTHÉO/MANTHEUDO – Pano. Veja-se a pragmática de D. Afonso IV sobre o modo de vestir dos grandes do ano de 1340.

MANTHER – Encher, cumprir, satisfazer.
MANTIEYRO – Vide Repositario.
MANTINENTE – O mesmo que Manoamano.
MANTO – O mesmo que vestimenta
ou casula; Também, vestido; Também; Vestimenta é tudo o que se precisa para revestir um sacerdote para dizer missa e assim se dizia vestimenta comprida todos os paramentos como alva, estola, manípulo, cinta (cordão), amicto etc. Também; Vestido exterior que cobre a parte posterior das mulheres da cabeça até quási os calcanhares atado na cintura. Vestido que cobre como capa dos ombros para baixo usavam dele os Reis e hoje os cavaleiros. (RB)
MANTO LOBENO/LOBÉNO – Parece ser capa, que cobria todo o corpo como hoje as lobas dos eclesiásticos. Na baixa latinidade chamaram lobia, laubia e lobium ao alpendre, pórtico ou galaria fechada contra todas as injurias do tempo.
MANTOM – Capotão (NAP)
MANUAL - Livro pequeno de trazer na mão, facilmente se pode trazer na mão; Feito à mão. (RB).
MANUELINO, estilo – Última fase do Gótico em Portugal, correspondendo sensivelmente ao reinado de D. Manuel I (1495-1521) Concilia uma arquitectura característica do Gótico final (as igrejas salão de abóbadas polinervadas), com motivos decorativos inspirados na flora, no mundo marinho e na simbólica do rei e da ordem de Cristo (esferas armilares, cruzes de Cristo), a que lentamente se acrescentam formas renascentistas. Apesar de ter sido conotado com nacionalismo, muitos dos seus criadores vem de fora, como talvez Boytac, que alguns consideram francês, João de Castilho e a sua equipa, de Castela ou Nicolau de Chanterène, francês. (AA).
MANUSCRITO – Livro escrito à mão pelo autor ou copiado por um escriba. Os manuscritos medievais são frequentemente iluminados de miniaturas.
MANYNHADIGO – Direito do senhorio herdar a terça parte dos bens dos que, sendo casados, morriam sem filhos vivos. (BV)
MÃO/MÃOZADA – No Vale de Coina mão equivale a “palmo” nas medições de toros ou fachinas. – Mão-travessa é, creio, em todo o país uma medida equivalente a “meio-palmo” tomada pela largura da mão com os dedos unidos.
MÃO (IR À) – Repreender.
MÃOCOMMUNADO – Part. Pass. De mão-communar-se. Arte de furtar. (RB)
MÁO LADRADO – Palavras acintosas e de injuria, discursos insensatos e sem peso de gente ignorante, louca e vadia. Documento de Tomar do XV.
MÃOS (VIR ÀS) – Brigar, lutar.
MÃO SIESTRA – Mão esquerda. Vem do latim sinistra.
MAOMÉ – Fundador do Islamismo.
MAPOTECA – Recinto (em biblioteca, etyc.) onde são guardadas colecções de mapas.
MAQUIA – Mequial (PA); Termo moleiro, porção de trigo que o moleiro tira para si da farinha que faz. Deriva-se do verbo árabe “cála” medir.
MAQUIEIRA - Maquia que era meio salamim.
MAQUIEIRAS – Maquias, 1376.
MAQUINETA – 1) Trono portátil com dossel. Baldaquino. 2) Sacrário ou pequeno trono em que se expõe o Sacramento sobre o altar. 3) Pequeno oratório. Armário envidraçado contendo imagem. (AA)

MARABITINO – Vide Maravidil. Também Marabitinos/maravedis; antiga moeda muçulmana utilizada nas transacções em Portugal. Também receberam este nome às moedas de ouro mandadas cunhar pelos reis portugueses. (AFONSO).
MARABUTO – Morabeto (PA); voz corrupta, Monge, ermita mohametano. Deriva-se do verbo "Rabata" Estar firme e entregar-se à devoção.
MARAFONA – Mara-haina (PA); Mulher enganadora, infiel a alguém.
MARAVALHA – Folhas secas de pinheiro, em sentido colectivo ou concreto.
MARAVEDI – Marabetin (PA); Os Morabetinos eram povo da Arábia da seita de Aly, genro de Mafoma, cuja seita era oposta à de Omar. Estes passaram para África em companhia de "Abujauar", fundador daquela seita e depois passaram para Hespanha Vid. L'Afrique de Marmol Tomo I pág 283. É particípio passivo do verbo "RABATA" que na III conjugação significa pactear, consolidar, coligar, taes eram estes Morabetinos, firmes e sólidos na sua seita e opostos à de Omar. O P. Mari9anna no seu livro de ponderibus & mensuris cap. 33 diz; que os Maravedis eram moeda dos Reis Godos que reinaram em Espanha, porém esta Etimologia se desvanece por muitos exemplos que mostram o contrário. Veja-se Chorographia Portugueza pág. 311 e outros autores. Também diz o mesmo Marianna sem fundamento que segundo a opinião de outros, quer dizer, despojo dos Mouros; porque Mora os Mouros e butinos o despojo da voz francesa butin e que significa despojo dos Mouros, o nome Maravedis é o mesmo que Morabetin e segundo a regra geral da mudança das letras só se vê o "b" trocado poe "u" e o "t" por "d". Eles eram Mahometanos de Africa que professavam as Sciencias e Virtudes (Moraes). Sua Vida era quasi semelhante à dos filósofos da Gentilidade. Deles ainda hoje se conservam alguns no reino de Argel, Tunes e Tripoly e lhe chamam Marabutos. Vide a História de Argel. Em Nota: Morabitin significa o mesmo que Almorabides: Veja-se o Cartaz. Como estes reinaram também nas Hespanhas, talvez esta moeda fosse cunhada no seu tempo e deles tomasse o nome.
MARAVIDEADA – Vide Maravediadas.
MARAVIDEADAS – Maravediadas; Maravídiada; Maravidiadígas; Morabitinadas e Moravideadas; assim se chamavam a um maravidil ou morabitino, quando para chagar ao seu justo valor se ajuntavam tantos dinheiros, em quantos o mesmo maravidil se repartia. Ver elucidário.
MARAVEDINADA – Medida de grãos de que em Portugal se usou menos do que em Castela e reino de Leão: 15 maravidinadas faziam 200 fanegas.
MARAVIDIL/MARAVIDIM/MARABITINO/MORABITINO – Estes são os nomes mais ordinários desta moeda que, em os nossos documentos se encontra. Também; O de ouro valia 500 réis o de prata 27 réis o de cobre um real. Assim, começou e continuou desde o princípio do reino até D. Fernando. Também; Moeda antiga, geralmente em ouro. (MJ)
MARAVILHO – "Eu me maravilho"; eu me surpreendo.
MARAVILHOU-SE – "FL; O Mestre quando esto ouviu maravilhou-se" – Surpreendeu-se
MARCA – Vide marcha.
MARÇARIA – Loja de marcaria era no XV o que hoje dizemos loja de mercearia, em que se vendem cousas miúdas, como fitas, navalhas, quinquilharias, etc. Mercééria é casa, igreja ou hospital, onde há merceeiras ou merceeiros.
MARCAS – Nome de mulher, que corresponde a Marcos nome de Homem.
MARCEIRAS – Tributos ou pensões que se pagam em março. 1514.
MARCELO – Moeda de Veneza.

MARCHA /MARCA – São muitos os documentos do princípio da nossa monarquia que nos informam de marchas ou marcas de ouro e de prata. A D. Aldonça, filha da rainha D. Teresa, deixa seu avô o rei Sancho I no seu testamento. "*X morab. Et CL. Marchas, argenti, quod est in alcobatia*".
MARCIAL – relativo a guerra; bélico, márcio; relativo a militares ou a guerreiros; inclinado à guerra; belicoso, destemido, resoluto; que tem ar guerreiro; diz-se de banda em que se tocam somente clarins e tambores. Etimologia: lat. *martiális,e* 'marcial, de Marte', de *Mars,Martis*, 'filho de Juno e deus da guerra'; ver *marc-*. (DH)
MARCO/MARQUO – Capacidade, graça, peso, talento. XV.
MARCO DE COLONHA – Ver Colonha.
MARCO VELHO – De dous prazos de Almacave, um de 1310 e outro de 1352 consta que o marco velho valia 27 soldos. Assim seria fácil julgar que por marco velho se entende o maravidil antido de prata.
MARE – Mãe. Mha mare, minha mãe.
MAREJADA – Fúria ou ímpeto do mar.
MARFIM – Nabfil (PA); coz currupta Dente de elefante. É composto de "nab" o dente ou preza e de "fil" o Elefante. Os Castelhanos dizem Marfil.
MARGARITA – Maruarid (PA); voz pérsica. Perola ou qualquer pedra preciosa.
MARIA-DA-FONTE – Uma maria-da-fonte designa no Minho; uma desordem, confusão, desarranjo, balburdia, banzé, etc. "Aquele quarto é uma maria-da-fonte. P'ra mor duma palheira lebanta aí, uma maria-da-fonte, que Deus te libre" (LV)
MARICAS/MARICÃO – Chulko. Homem mulherengo. Maricão it. A mulher ou homem que leva a pella. (RB).
MARIDAR-SE – Portarem-se os cônjuges como casados.
MARIDO – "... e como se lhe este ficara em logo de marido" – Em lugar de marido
MARIDO CONUÇUDO – Marido público e notório e que todos reconhecem como tal, mas não recebido na face da igreja e cujo contrato nupcial não foi santificado.
MARINDANÇA – Fazer maridança; portar-se como casado ou casada cumprir exatamente as obrigações todas que ao matrimónio são anexas. XV.
MARIOLA – Carrejão, homem de fretes
MARISCAL – Marechal (NAP)
MARNEL – Campo alagadiço, apaulado e que só em pequenos barcos ou bateiras, se pode vadear. Tal é o que hoje tem este nome junto do rio Vouga, e na estrada do Porto para Coimbra; vadeava-se em bateiras, antes que se fizesse a ponte que agora dá passagem. Daqui.
MARNOCEIRO/MARNOCEYRO – Sítio apaulado e cuja pouca profundidade não permite barcas de maior bojo.
MARQUA – Vide Marco.
MARRA – Margem ou valado, junto do caminho. Fez pôr as partes ambas na marra do caminho. 1551 Castro de Avelãs.
MARRA – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da base de dados extraiu-se as seguintes informações: Designação: Marra 1 de Malta. Tipo de sítio: Outros. Período: Idade Média. CNS 17272.
Localização: Olmos. Descrição: Marra com a "cruz de Malta ou Cruz Templária" esculpida em alto-relevo de um lado, e em baixo-relevo do outro. Este marco poderá remontar à época medieval, altura em que foi delimitado pela primeira vez o termo da antiga aldeia de malta. Designação: Marra 2 de malta. Tipo de sítio: Outros. Período: Idade Média.

CNS: 17273. Localização: Olmos. Descrição: Marra com a "cruz de malta ou cruz Templária" Este marco poderá remontar à época medieval, altura em que foi delimitada pela primeira vez o termo da antiga aldeia de Malta. (TMC).

Marra de Malta? Foto espólio da Associação Terras Quentes

MARRA DE VALE PRADOS – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados, extraiu-se a seguinte informação: Designação: Marra de Vale de Prados. Tipo de sítio: Outros. Período: Moderno.
CNS: 17263. Localização: Vale de Prados. Descrição: Pequena marra granítica, que faz a separação dos termos de Vale de Prados e Macedo de Cavaleiros. Encontra-se ligeiramente deslocada da sua localização original. Uma das faces encontra-se gravada com diversos sinais. Marras [17;36] – pl. de marra; sacho para mondar; valeta ao lado do caminho; clareira em vinhedos ou olivais; grande maço de ferro para quebrar pedra. (TMC)
MARRÃA – Em muitos prazos se acha o foro de marrãa. Em um de Almacave de 1579, se declara que a marrãa era um porco de quarenta arratéis.
MARRANA/MARRANCHA – Marreca, corcunda; em Bragança. (LV)
MARRANO – Assim chamavam, em Portugal, ao judeu, que professava o judaísmo e negava ter vindo o Messias. Bluteau trata largamente da origem deste nome o que parece mais chegado à verdade é que de maranata que na língua siríaca quer dizer veio o senhor, se formou marrano, palavra mais ou menos injuriosa para os professores do judaísmo.
MARRÃO – Barrán (LA), O porco pequeno
MARRUFO – Frade leigo. (RB)
MARTER/MÁRTERE – Mártir
MARTEREZAR - Martirizar
MARTINEGUAS/MARTINIEGAS – Foro, tributo ou pensão que se paga por dia de S. Martinho, donde tomou o nome. Vide Fogo.
MARTRILOJO – Martirológio.
MARTYRIUM – Cripta ou capela que encerra o túmulo de um mártir. Normalmente tinha planta centralizada. (AA)
MARVÃO – Maruen (PA); Nome próprio de Mouro, senhor daquela terra.
MARVIDEADA/MARABITINADA – Um maravidim.

MASA DE FERRO – O mesmo que barra de ferro. No ano de 1292 fez o mosteiro de Salzedas um prazo do casal de Gontães (que é na Campeã) com foro anual de des masas de ferro boas e direitas.
MASALDEMINOS – Adv. Mais ou menos.
MASCARA e MASCARRA – Maschara (PA); Mofa, escarnio, zombaria. Entre nós é caraça de papelão pintado de que nas ocasiões de brinco ou jogos se usa. Deriva-se do verbo "sachara" que na V conjugação significa, escarnecer, fazer zombaria
MASIA – O mesmo que manso, casa, casaria, alcaria, casa de campo para a gente da lavoura.
MASORES – Testamenteiros, executores das mandas e testamentos.
MASSIA – A tearia ou casa rústica para a gente da lavoura.
MASSUA OU MASSUCA DE LINHO – Em os documentos de S. Pedro das Águias de 1358 é uma maçadura de linho das que hoje mesmo se praticam.
MASSUCA DE FERRO – Pequena barra de ferro, ainda não purificado, mas bruto e informe. Dez massucas de ferro., Inventário de Moncorvo de 1407.
MASSUCA DE LINHO – Vide Massua de linho.
MASUD BEM SADUN AL-SURUMBAKI – Vivia na fortaleza de Nyani, a oriente de Santarém. Said bem Malik, o que se apoderara de Beja, chama-o para o ajudar contra o Senhor de Ossónoba, agora se inimigo. Masud instalou-se a ocidente daquela cuidade, na fortaleza chamada Pastoril e apertou de tal modo Yakia bem Bark de Ossónoba que o forçou à reconciliação com o Senhor de Beja.
MASUD BEM ADANIS – Senhor de Alcácer do Sal, recebe no seu Castelo MASUD BEM SADUN AL-SURUMBAKI, depois dos senhores de Beja e Ossónoba o terem expulsado da fortaleza de Pastoril.
MASTO – Mastro
MATA-CÃES – Série de aberturas praticadas entre as consolas que suportam os caminhos de ronda, no topo das cortinas e das torres dos castelos, de parte fortificada, etc., pelas quais os defensores podiam vigiar a base dos muros a atirar pedras ou pez a ferver sobre os assaltantes. Os Ma<ta-cães substituíram a partir do século XII os hurcídios em madeira que tinha o inconveniente de não resistir nem ao tempo nem aos incêndios; perderam a razão de ser e desapareceram no século XVI, quando o progresso da artilharia tornou ilusória esta defesa. Galeria saliente nos castelos e sobre as antigas portas das povoações, com abertura, pelas quais se arremessavam projecteis para impedir a aproximação do inimigo. (AA)
MATAÇÃO – Pensão de cousa certa e sabida e mesmo perpétua.
MATAMAFORGIOS – Metamorfoses (de Ovídio)
MATAMINGO – O mesmo que missanga ou avelório: continhas de vidro de muito miúdas de que os negros muito gostam e pelas quais davam muito ouro e talvez chegavam a perder a liberdade atraídos com o resplendor falso de semelhantes bugiarias e bagatelas de tão insignificante preço.
MATAMORRA – Masmorra. (RB). Também; (antigo) 1) Celeiro subterrâneo dos árabes. 2) Masmorra. (AA)
MATASANOS – Médico imperito que mata o que está são. (RB)
MATER-DULCE – Vide Mater-Duz.
MATER-DUZ/MATERDULCE/MADRE -DUZ – Nome próprio de mulher que se acha desde o século X até ao XIII, bem assim como Patrebonus, nome próprio de homem e o seu patronímico; Paterboniz.

MATRACA – Matraca (PA); Instrumento de tábua com duas argolas de ferro que maneado faz estrondo. Nos conventos serve para chamar os Padres para o coro na Semana Santa e quando morre algum religioso, se faz sinal com a matraca nos dormitórios. Deriva-se do verbo "taraco" bater na porta com pedra ou argola. O uso das matracas no Oriente é antiquíssimo porque sendo proibido aos cristãos daqueles países o uso do sino (excepto no Monte Libano) usam das matracas para chamar a gente aos ofícios divinos.
MATOLOTAGEM – Provisão de mantimentos para os que embarcam.
MAIIM – Manhã; cf. Francês matin e o italiano matino. Em espanhol arcaico há também matines e matino. (LV).
MAURO – Em um tempo em que a escravatura dos mouros vogava tanto em Portugal, não seria dificultoso fazer deles moeda corrente. Porém eu me persuado que, estando no original morabitinos com esta ou semelhante abreviatura Mr's na cópia se escreveu, por erro, Mauros. Ou digamos que estes mouros são os maravedis mouriscos para se diferençarem dos que então corriam já neste país.
MAUROS – Maravidis mouriscos.
MAYS (AS) – A maior parte (NAP)
MAZANARIAS – Pomares, onde particularmente se colhem maças e, nos quais há grande cópia de macieiras. Vide Quinal.
MAZAR – No testamento de D. Pelágio bispo de Lamego de 1246. Dufresne in Glossar., v. Mazer, ajuntou com rara erudição as opiniões diversas sobre a matéria de que eram feitos os celebrados copos de mazar ou mazarinos, não se atrevendo a decidir, mas sempre nos oferece fundamentos para julgarmos que este copo de D. Plágio era de madre-pérola, peça de grande estima para aquele tempo.
MAZCABO Falha, detrimento, pena, injuria. 1298.
MAZELADOS – Atormentados.
MAZELLA – Paixão d'alma, sentimento grande, veemente, duro, implacável.
MAZELLAR-SE – Afligir-se, doer-se, contristar-se, deixar-se possuir da maior dor e sentimento.
MEA – Medida de seis quartilhos, usada ainda hoje no território de Coimbra. 1514.
MEA COMESSEA – Meia prebenda. 1395.
MEAÇA – Cominação, ameaça, pôr medo. 1288.
MEADADE/MEATADE – Metade, também se escreveu meyadade. 1301.
MEADELA – Relativo a meadade; metade, doc. de 1301, também se escreve meydade, ou de meado, ainda hoje se diz em algumas partes; pam meado; pam traçado, doc. de S. Pedro das águias do século XV. (Eluc.) (TMC)
MEADO – Ainda hoje se diz, em algumas partes pam meado; pam traçado; pam quarteado. O primeiro é metade de trigo, metade de centeio; o segundo consta de uma parte de trigo, uma parte de centeio e uma parte de cevada; O terceiro tem partes iguais de trigo, centeio, cevada e milho. XV.
MEALHA – Não era moeda cunhada de per si; era metade de um dinheiro partido com faca, tesoura ou outro instrumento. Também a mealha se chamou pogeua e medalha. No tempo de D. Manuel se extinguiu as mealhas. Também; Migalha.
MEALHARIA – Imposto pago pelas vendedoras pelas vendedoras do mercado por cada teiga que assentavam no chão.

MEANA/MIANA/MIONA – O mesmo que mana, madama e madona. Dava-se este honroso tratamento no século XII e XIII às senhoras de mais idade ou viúvas da primeira qualidade ou nobreza. Vide Meono.
MEÇAMIDAS – Mossamedin (PA); Os naturais da tribo Mossameda na Mauritania. "A bo tempo que bos mouros há que em Arábico chamam Meçamidas. Chr D'elrei D. Afonso Henriques cap. 23 pág 30 por Duarte Galvão.
MECEDURA – Medidagem, acção ou trabalho de medir. 1316.
MECO – Adultero, dissoluto, devasso (RB) Também; Paulito, no jogo da malha. (VB)
MÊDA – Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.277), e na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados, extraiu-se a seguinte informação. Designação: Mêda Tipo de sítio: Habitat Período: Romano. CNS: 17278. Localização: Vale Benfeito. Descrição: Este sítio situa-se numa encosta de vertentes suaves, sobre o regato de Roubães, perto da confluência deste com a ribeira de Mêda, numa zona de excelentes e profundos solos agrícolas. Uma recente surriba para plantação de vinha colocou a descoberto grandes quantidades de materiais arqueológicos, dos quais alguns mais importantes se encontram guardados na casa do proprietário do terreno, em Grijó de Vale Benfeito. Para além de grandes quantidades de tégula e cerâmica comum, aparece escória de ferro, uma grande quantidade de mós circulares, pelo menos três machados de pedra polida, alguns seixos com uma face desgastada e polida, provavelmente amoladores ou afiadores, um pequeno vaso inteiro de cerâmica comum romana, e destacando-se uma colecção de cerca de quarenta pesos de tear., de diferentes tipologias, todos aparecidos na mesma zona do terreno, segundo informação do proprietário. É difícil aferir o estado de conservação deste sítio, pois se a recente surriba certamente teve o efeito negativo, não se observam à superfície muitas pedras que indicassem a destruição avultada de estruturas.
É de salientar, no entanto que o proprietário guarda em sua casa uma grande soleira de porta, em granito, que foi arrancada pelo arado. A dispersão e a quantidade dos materiais deixam adivinhar um sítio com alguma importância, provavelmente uma vila, sendo de destacar a variedade dos materiais, indicativos da existência de várias actividades artesanais e oficinais. (TMC)
MEDALHA – O mesmo que mealha.1186. Também; MEDALHA – Metçala, figura, descrição.
MEDES – Mesmo.
MEDESES – Mesmos. 1332.
MÉDICO - D(octor) campi ofic(ialis) CIL 2394. (CM)
MÉDICO OFTALMOLOGISTA - Medicus ocularis. CIL 1737 e 5055. (CM)
MEDIDA JUGUNDA/JAGUNDA/JOGUNDA – Constava de doze alqueires o seu moio quatro dos quais faziam um da terra de Lamego. A teiga por esta medida, eram dois alqueires.
MEDIDA VELHA – Entre os grandes objectos que deveriam entrar numa fundamental reforma de civilidade portuguesa, deveria ter um lugar distinto e a escrupulosa igualdade de medidas que servem de nos mostrar a multidão da quantidade discreta, assim dos frutos sólidos como dos líquidos. É pasmosa a variedade que tem havido e há, nesta matéria, desde que tem havido e há, nesta matéria, desde os princípios da monarquia. Como se pode ver; Moio, Oitava, Quarta, Quarteiro e teiga. Nos forais de D. Manuel procurou-se uniformizar estas medidas.
MEDINA – Ou madina (do árabe madina, "cidade"). É a zona nuclear de uma povoação.

MEDIDEIRA – Mulher que mede trigo ou cevada no terreiro.
Medrar – Crescer bem. (MC)
MEDROLHEIRO – Metrunin (PA); Árvore bem conhecida.
MEEFESTAR – Vide Meemfestar.
MEEFESTO – Vide Manifestar. 1425.
MEEIRO – O que tem vontade de alguma cousa. 1521. Também; Aquele que trabalha a terra de outrem, recebendo metade do produto final. (VB)
MEEMFESTAR – Confessar-se sacramentalmente.
MEEMZINHADOIRO/MESTEIRAL – Oficial mecânico.
MEESMO – E ainda, e também. Também; igualmente
MEEO (EM ESTE) – Centro, meio (NAP)
MEEZINHADOYRO – Vide Mázinhadoiro.
MEHEU – Meu. XIII.
MEIALHA – Moeda antiga que valia meio ceitil. (RB)
MEIALHARIA – Tributo que pagão as vendedeiras em Lisboa por cada teiga que assentam no chão.
MEIADEIRO – O que tem metade de alguma cousa.
MEIAGOO/MEIAGOÓ – Meio de alguma cousa.
MEIAÍDO – Raia, fronteira, termo, limite, marco, divisão do termo.
MEIAS VAGAS – Assim chamaram aos frutos que se venciam na metade do tempo, que as igrejas estavam sem pastor, vagas, vacâncias.
MEIATADE – Metade. 1359.
MEIDADO – Dividido, de meias, partido ao meio.
MEIHOS – Metade.
MEIJOADA/S – Sítio ou lugar em que se dorme e passa a noite.
MEIMOA – Mamona (PA); Nome próprio de mulher. Freguesia da Província do Minho. Deriva do verbo antecedente e significa o mesmo.
MEIMOOENS – Não se pagará direito algum de portagem de porco montês, nem veado nem de nenhuma veaçam. Foral de Lisboa 1500.
MEIO – Metade.
MEIO MANUEL – Moeda em Ouro, mandada cunha (bater) pelo rei D. Manuel I (Índia). Moeda pertencente ao espólio da Associação Terras Quentes.

Anverso Reverso

Legenda: - **Anverso**: - Ao centro, dentro da cercadura perolada, a palavra MEA sob a coroa real, com um ponto no meio. **Reverso**: - Ao centro, dentro da cercadura perolada, a esfera armilar.
MEIO TOSTÃO (prata) – Moeda cunhada no reinado de D. Manuel I (1495/1521). Moeda pertencente ao espólio da Associação Terras Quentes.

Anverso Reverso

Legenda**: Anverso**: I: EMANVEL: R: P: ET: a: D: GUINE (Manuel rei de Portugal e Algarves Senhores da Guiné entre cercaduras peroladas e lisas. Ao centro quinas soltas em cruz. **Reverso** - + I: EMANVEL: R: ET: A: D: GVINE: (Manuel rei de Portugal e Algarves Senhor da Guiné entre cercaduras perolada e lisa. Ao centro, uma cruz grega cantonada de aneletes e encimada por um ponto.

MEIOR – O mesmo que menor.

MEIRINHADO – Território a que se estendia a jurisdição dos meirinhos do rei.

MEIRINHO – Juiz real, executor das sentenças; E havia meirinho-mor do Reino. A este pertenciam as cousas notáveis e de grande peso, como prender algum fidalgo e homens de grande estado, levantar forcas, etc.

MEISOM – Casa, habitação, morada, esta palavra ainda se usa hoje em Portugal, donde os templários a trouxeram a este reino. "Meison do tempre" se dizia no século XII e XIII, a casa, convento ou residência dos Templários, como se pode ver por inúmeras escrituras de Tomar.

MEITEGA – O mesmo que Almeitiga. 1453.

MELADO – Doce com mel, adocicado.

MELAR – Melar Produzir mel.

MELEIA – Acessório em cabedal sobre a cabeça e fronte dos bois para servir de almofada ao jugo e, com as franjas, impedir as moscas de importunar os olhos e o focinho. (MC)

MELGA – Diz-se da ovelha que pariu duas crias. (VB)

MELGO – Diz-se do borrego que, após a morte do seu irmão ficou sozinho a mamar. Gémeo. (VB)

MELHOHORAR – O mesmo que melhorar. 1389.

MELHUR – Melhor. 1338.

MELOR – Melhor. 1301, Melhor 1338

MEMBRO – Vide maravidil. 1256, testamento rainha santa Mafalda.

MEMENTO MEI… - "Lembra-te de mim Senhor, pela tua infinita misericórdia" (do salmo misere de David).

MEMORIA – Algumas vezes se toma por entendimento. 1314.

MEMORIA COMPRIDA – Juízo perfeito.

MEMPASTOR/MAMPASTOR – Juiz ou qualquer outro oficial de justiça, que civilmente tomava conhecimento e decidia as causas. No ano de 1324 o rei D. Afonso IV proibiu o mosteiro de Castro de Avelãs se intrometesse a pôr juiz ou mempastor nas aldeias e lugares em que a jurisdição civil pertencia ao rei.

MENAGEM – "…fazemos preito e menagem" – Juramento de fidelidade.

MENDACISSIMO – Muito mentiroso, Muito falso. (RB)

MENEFESTAR ALGUÉM – Ouvir a sua confissão sacramental. 1425.

MENENCONICO – Melancólico (NAP)
MENENCOREA – Tristeza, enfado, melancolia, indignação.
MENESTERIAL – Obreiro, criado, servente.
MENESTREL – f.m. antip. Músico.
MENFESTO – O mesmo que Meefesto.
MENGOA – O mesmo que mingua, falta, lazeira.
MENGOADO/MENGOÁDO – Falho, falto, desprovido.1370.
MENGOAR – Diminuir, minguar, faltar, abater. 1315.
MENI – Beata ou pano assim chamado e de que as mulheres do campo faziam as suas mantilhas. 1480.
MENINHO – Menino.
MENIR – (Do Bretão, men+hir =pedra comprida): Monumento megalítico construído por uma grande pedra de forma alongada fixada verticalmente no solo. Por vezes eram dispostas com certos intervalos em linha ou circular (cromelech). Surgem também por vezes juntos de Dólmens e de Cromelech.
MENORETAS – Assim chamaram as religiosas de sana clara, em atenção a que o seu patriarca e pela sua rara humildade se intitulou sempre o Menor; e mesmo porque distinguindo-se com o título de Menores os religiosos de S. Francisco, as suas religiosas faziam timbre do mesmo distintivo. XII.
MENOSCABAR – Depreciar.
MENOS PREÇAR /MENOSPREÇO – Menos prezar, Menosprezo (NAP)
MENSORIO – Tudo o que é roupa e aparelho, ou ornato de uma mesa, como toalhas, guardanapos, talheres e copos etc. É já do século X.
MENSTRUA – Provisão ou despesa para o mantimento de um mês.
MENSURA – Medida. XIV.
MENTÁRIO – Inventário, divisão, partilhas. 1108.
MENTE – Lembrança, memória.
MENTIR – Em terminologia de carpintaria diz-se "mente" a peça de madeira que não assenta perfeitamente no lugar a que foi destinada, por erro de medida. (LV)
MENTES – Cuidado, pensamento. Também; Adv. Enquanto.
MENTES (TER) – Prestar atenção (NAP)
MENTIRAS – Erros, faltas: "O *entregou aqui cheio de muitas mentiras (o salteiro) com muitos versos minguados."*
MENTIROSO – O mesmo que errado.
MENTIROSO (LIVRO) – O que tem muitos erros, que diziam mentiras.
MENTRES – Enquanto, pelo tempo que. "*Mentres a quizer comer no Moesteiro" documento de Almoster de 1287."*
MEO BRANCO – Meio real branco ou três ceitis. 1423.
MEOGO – O meio de alguma cousa.
MEONO – O mesmo que senhor. Nas inquirições reais de 1258, se acharam três casais, que a ordem do hospital, tinha na freguesia de S. Martinho de Mouros no lugar de Portugéés (hoje Portuges) pertencente à comenda de Barrô.
MEOR – O mesmo que meior. XIV e XV. Também; "…e amorosa aos de meor stado" – Menor (do latim minore) A forma" n" é erudita calcada sobre o latim.
MEOS – O mesmo que meios ou metade.
MERCADO – Lugar destinado para comprar e vender em certo dia.

MERCADOR – Acha-se nos prazos antigos de Santa Cruz de Coimbra, esta frase: Pagão de pensão às safras de dous em dous anos oito alqueires de azeite belo, e recebendo de mercador a mercador, isto é, capaz de com ele comerciar e vender por bom preço, com utilidade de quem compra e quem vende.
MERCADERIAS – Mercadorias.
MERCAR – Não só se tomava pela comutação de preço pela cousa comprada, mas também significava contratar, trocar e de qualquer modo fazer veniaga e contrato lícito. 1306.
MERCAR MUI MAL – Obrar sem prudência e sem juízo, sair-se mal da empresa. XIV.
MERCEARIA (antigo) – 1) Asilo com certas obrigações espirituais. Albergaria. 2) Hoje: estabelecimento onde se vende a retalho géneros alimentícios secos, enlatados e líquidos. (AA)
MERCEEIRO – Pessoa que recebe certa pensão por encomendar a Deus a alma de algum defunto. (RB)
MERCHANDIAS – Todo o género de mercadorias, que numa feira se possam vender. Vide Aginha.
MERECIMENTO (SEM) – Causa, razão, motivo.
MERENCÓRIO – Triste.
MERENCORIA – Indignação.
MERENDA – Também a merenda era uma foragem que, algumas vezes, pagavam os caseiros aos senhorios quando entravam para os prazos, e não era o mesmo que chavádego. 1418.
MERENDAL – Certo pano baixo. 1277; Também; Merenda, almoço e qualquer refeição corporal que o caseiro pagava ao senhorio ou seu mordomo. XIII. Também; Metade de um bragal que eram três vars e meia. Documento de Pendorada de 1432.
MERENDEIRA – Bolo de abóbora, farinha e mel usado pelo Natal, no concelho de Penela. (LV)
MERITAMENTO – Merecidamente.
MERLÃO – Cada um dos blocos maciços de forma cúbica ou outra, por vezes de remate piramidal, situado no topo de um parapeito de obra fortificada compreendida entre duas ameias.
MERO, E VISTO IMPERIO – Vide Cutello.
MEROVÍNGIO - relativo à dinastia de reis francos fundada por Meroveu (sV) e consolidada por Clóvis I (465-511) e seus descendentes, que governaram a Gália e a Germânia de 500 a 751; relativo ao estilo artístico desenvolvido nesse período, resultante das tradições germânicas e célticas, a que se somam influências paleocristãs e bizantinas. (DH).
MEROUÇOS – Montinhos de estrume espalhados pela terra cultivável. (VB).
MESA – Vara de vide. 1204.
MESADA – Dinheiro que se dá cada mês para alimentos (RB).
MESCÃO – O lascivo, desonesto o que se ajunta carnalmente.
MESCAR – Misturar. Ainda hoje dizemos mescla e mesclar por mistura ou misturar.
MESEGEIRO/MISEGEIRO – Mensageiro.
MESEJANA – Masjana (PA); Vila bispado de Beja. Significa prisão ou carcere. Deriva-se do verbo “Sájana” encarcerar, meter em prisão. Na história Sebastica cap. 18 fol 279 acha-se este nome sem corrupção alguma como se vê na seguinte passagem “De Beja foi El Rei (D. Sebastião) a Messagena e viram a maior parte do campo de Ourique.

MESENTÉRIO – Anatomia; Túnica onde estão recolhidos os intestinos. (RB).
MESKINO – Deu-se este nome á família dos servos, que viviam e trabalhavam nas herdades dos respectivos senhorios. A sua pobreza e rusticidade e pouco luzimento aos olhos do mundo os fazia pouco afortunados.
MESMAMENTE – Da mesma sorte – em própria pessoa, ou causa, e não outra.
MESNADA – Tropa. Companhia. Também; os cavalleiros e companha que serviam comandados dos Reis ou grandes cavaleiros, que tinham estado para isso ou dos ricos-homens na guerra e a quem eles pagavam honra de cavalaria, ou soldo. Escrituras antigas "os ricos-homens com sas masnadas" i. é, "feze-o superior de todas as sas masnadas, porque servia bem" Nobiliário p. 75 (Ed. De Roma) De mesnée levada conduta a soldo para a guerra; ainda se diz gente conduzida e condutas que se achegão a mesnadas. (AM). Também; Os cavaleiros que serviam os ricos-homens na guerra e aquém eles pagavam honra de cavalaria ou soldo. (RB)
MESNADEIRO – Homem da Mesnada del-Rei, do Rico-homem, que recebia delle comedía e soldo com obrigação de serviço em guerra – Talvez por moradores da Casa Real, quando eram moradores na Corte e recebiam mo0radia e mantimento. – Descendente de chefe de mesnada. (AM)
MESORES – Salmões.
MESQUITA – Templo Árabe. Templo consagrado ao culto muçulmano. Os crentes viram-se para Meca para orar (Mirhab); do lado do "mirhab" está o "minbar" (cadeira de pregar). Perto da Mesquita um minarete do alto do qual o muezzin lança um apelo à oração. Na vizinhança há frequentemente túmulos a uma "madrasa". (AA)
MESQUINIDADE – Infelicidade, desgraça, infortúnio.
MESTEIRAL – Vide Meesteiral.
MESTEIRAES – Operários.
MESTEIROSO – Miserável, pobre, necessitado.
MESTER – Vide mesteiral, e também ofício ou ocupação. Também; Ser preciso. Foral Outeiro. (MJ). Também ver Profissões Medievais.
MESTERES – O mesmo que confessor, director ou padre espiritual. 1122. Há outros documentos dos século XII e XIII em que se tratam os confessores com o título de mestres, sinónimo de abades. Também ver Profissões Medievais.
MESTRE-ESCOLA - Pedagogus. CIL 1981. (CM)
MESTRE DE GRAMÁTICA - Magíster artis grammaticae. CIL 3872. (CM)
MESTRES DE FORMA – Impressores, fabricantes de letras, caracteres, estampas e tudo o que pertence à arte de tipografia. "E mandai-me Mestres de fôrma para fazer livros de nossa letra". Carta do Prestes para o Rei D. Manuel. E, na qual ele escreveu ao Senhor D. João III, dizia; quero de vós que me mandais homens, officiaes de fazer imagens e livros de molde, etc. Da história de Prestes João.
MESUA – Vide Mesuada.
MESÚA/MESUADA – Escolta, comitiva, acompanhamento.
MESURA – Favor; Educação; Cortesia, Também; Urbanidade, cortesia, honra, modéstia, gravidade; Também; Medida, termo, conta, razão. 1404.; Também; Medir, regular. XV.
MESURAR-SE DE ALGUÉM – Vir ao que é de razão, medir-se pela justiça e equidade
MESSAGEM – Recado, mandado ou, melhor, o que se faz por intervenção de algum mensageiro.
MESSAR – Puxar a alguém pelas barbas, o que era uma das injurias mais atrozes que os portugueses sentiam, como se vê pelo foral de Santa Cruz. Vide Firma e Tagante.

MESSE – O mesmo que centeio. 1289.
MESSEJARÍA – O mesmo que messagem.
MESSEJARIA – Manado, aviso, recado, que se dá ou manda por um mensageiro.
MESSUADA – O mesmo que mesúa.
METAPOHORA – Tropo pelo qual se usa da palavra para declarar algum objecto semelhante ao que ele significa no seu sentido primitivo. É uma comparação curta "Alexandre esse raio de guerra" porque nela fazia tanto e tão arrebatado estrago como o raio faz.
METAL EM MADRE – O que ainda não está purificado da escória com que saiu do veeiro.
METERMENTES – Advertir, pensar, recordar, ter lembrança.
METHCAES/METKAES – O mesmo que medalhas, moedas ou dinheiros de ouro ou prata, por serem os metais mais preciosos.
METHEAES/METKAES – Moedas grossas de ouro, usadas na ásia que hoje valem cada uma 640 e se diz metical; antigamente valiam 440 ou 240 com alguma diferença.
METICAL – Do árabe mithqal ou Metcál. Antiga moeda de Marrocos. Foi também peso de ouro em Ormuz, sob o domínio português. Hoje, é o nome da unidade monetária de Moçambique. Também (PA) Certo peso de que usam os ourives e contém uma dragma e dois terços. Os Africanos chamam Metcal a um dinheiro que tem dez tostões da nossa moeda ou por outro nome. Ducado.
METUDO – Metido, metida. 1418.
MEYA – Vide mea.
MEYADADE – Metade.
MEYAR - Levar ao meio. 1330.
MEYAS – Metade. XIII.
MEYE – Médico.
MEYO – Parece ser um cântaro ou meio almude. 1364.
MEYOS – Menos – metade.
MEXÂO – Pau ou espátula com que se mexe o líquido de uma vasilha; em Ílhavo (LV)
MEXIAS – Messias.
MEXUAR – Mexuar (PA); Em áfrica o Mexuar é a praça onde El-rei dá audiência aos seus vassalos e manda fazer execução de qualquer castigo. Deriva-se do verbo "xavara" dar conselho, determinar, definir qualquer coisa.
MÉZINHADOIRO/MEEZINHADOYRO/MEEMZINHADOIRO/MYZYNADOYRO – É termo particular do Mosteiro de Bostelo. E parece ser foragem ou direitura, que se pagava para a enfermaria. 1368; Também Foragem que se pagava para a enfermaria ou para se dar à botica.
MEZQUINDADE – Vide Mesquindade.
MEZQUINHEZ – Miserável, servil. Do Árabe Meçkinu.
MHA – Minha. XIII/XIV.
MHEU – Meu. 1280.
MKUA – Mula. 1294.
MIA – Minha.
MIANA – Vide Meana.
MICE – Senhor; (Micer do italiano antigo, senhor) (HS).
MICÉNICA, arte – A arte dos Aqueus, que se estabeleceram no território grego e sofreram influência da arte cretense ou Minóica. Corresponde à Idade do Bronze. Deriva de Micenas, um dos principais núcleos dessa arte. (AA)

MICO – Espécie de macaco pequeno.
MIDAM – Midan (PA); Palestra. Lugar dos exercícios do corpo para a mocidade.
MIJACEIRO – Chuvisco, chuva miudinha. (VB)
MIJOTE – Chulo, medroso, tímido. (RB)
MIGALLA – Vide, Ni migala.
MIGENCIAS – O mesmo que emergências. XV.
MILAGRE – Dizem em Viana do Castelo que está fazendo milagres "a pessoa que transpira por efeito de um esforço ou do calor ambiente". (LV)
MILHÃO – Assim diziam um conto de réis, que são dez centos mil réis; mas quando diziam conto d'ouro, eram dez centos mil cruzados. XV.
MILHEIRO – Equivale a vinte talhas (ver talha) de mato. Um milheiro de Mato. (LV)
MILHEIROS – Direito que se paga de todo o vinho que se vendia na cidade do Porto, que era de mil, dez e de 100, um; e o mesmo de outros quaisquer géneros ou mercadorias exceptuando os vizinhos da cidade.
MILHEU – Parece ser pano que vinha de França. 1319.
MILHO NEGRO – Era o que chamamos milho miúdo, mas de cor inteiramente preta; ainda se acha em algumas searas, de mistura com o branco ou louro, mas nunca separado como, algumas vezes fizeram os nossos maiores. 1280.
MILHOM – Em um testamento de S. Simão da Junqueira de 1289, se diz; "A Stevão Joannes de Perafita ou a seos her´es, kum quarteiro de milhom…
MILHORIA – Adv. E mais, ainda mais, alguma cousa.
MILIÁRIO, MARCO – Monólito colocado ao longo das vias romanas (de milha a milha) com a indicação da origem e ponto de chegada da via e respectivas distância. Existiam também marcos anepígrafados (sem inscrições). (A)

Marco miliário pertencente à via romana XVII – Braga a Astorga, em exposição do museu de arqueologia Coronel Albino Pereira Lopo em Macedo de Cavaleiros – Associação Terras Quentes.

MILICIANO – Gente bisonha de ordenança, indisciplinada, como os paisanos de recruta.
MILIREU/MILRREU – Vide Milreu.
MILITES – Vide cavaleiro.

MIMICOS - Mimographus. CIL 4092. (CM)
MINA/MODIO – Certa medida de terra de que os antigos usavam. Tinha cento e vinte pés de comprido e outro tanto de largo; levava um alqueire de pão de semeadura.
MINARETE – Torre do alto da qual o muezzin chama os muçulmanos à oração. Três minaretes almóadas célebres: A Kutubyya em marraquexe (1125); L A Giralda em Sevilha (1172) e a Torre de Hassam em Rabat (1196).
MINCIO – Vide Núncio.
MINEIRO - Metalla Vispascence. CIL 6110. (CM)
MING – Última das grandes épocas da arte chinesa. A dinastia Ming reinou de 1364 a 1644. (AA)
MÍNGOA – "Gram míngoa" – Falta.
MINGOADO – Pobre, miserável.
MINGOLA – (Frade) Mendicante
MINGUAVA - …nom minguava" – Não parava, não cessava.
MÍNGUAS – Defeitos.
MINISTREIS – Debaixo deste nome, se incluíam os músicos, os trovistas, bufoens, saltimbancos, charlataens, homens de corte, virtuosos, histrioens, comediantes e todos os que formavam os teatros, grandes festas e saraus daquele tempo, que correu desde o século XII até aos nossos dias, em que outros nomes sucederam aos antigos.
MINISREL – O mesmo que jogral; também o que tocava charamelas ou flautas.
MIONA – Vide Meana, Miona D. Elvira. Inquirições 1220.
MIOTO (Ó) – Diz-se da criança que deseja tudo quanto vê. (VB)
MIRANDELO – Nome que os brigantinos dão ao natural de Mirandela. (VB)
MIRADOURO – Topónimo existente nas freguesias de Bornes e Morais e referenciado na obra do Abade Baçal, (vol. IX, p.355) como de interesse arqueológico. – Belvedere; mirador; mirante; lugar elevado donde se avista um horizonte. (TMC)
MIRLEU/MIRLAU/MIRLEO/MILRREU/MILIREU – Com toda esta variedade escreveram antigamente os portugueses esta palavra que parece nada mais significa que francês ou estrangeiro, cousa de França ou estrangeira. É sem controvérsia que, estando para nascer a nossa monarquia, vieram a Portugal muitos estrangeiros e principalmente do reino de França, os quais feita a sua veniaga, destino ou emprego, retomavam ao seu País; mas enquanto aqui residiam precisavam de hospitais ou albergarias em que se recolhessem e também se curassem. Tiveram-nos, com efeito, em muitas partes, em que até hoje permanece o nome de milheu, mileu, mirleu. Em Coimbra e onde hoje vemos o colégio de S. Paulo havia uma destas fundações que principiou logo depois da conquista daquela cidade por D. Fernando o magno. Mais elucidário.
MISCRADO – desavindo.
MÍSCARO – Variedade de cogumelo comestível; em Bragança. (LV).
MISCRADAS – Misturadas (do latim mescolare) (HS)
MISGALHAR – Metátese de smigalhar ou por esmisgalhar. (LV)
MISGOLHO – Zarôlho, cégueta. (LV)
MISQUINDADE/MISQUINHIDADE – O mesmo que mesquindade.
MISQUINDADES (PADECER DE NOVAS) – Misérias (HS)
MISQUINHO/MEZQUINHO/MIZQUINHO - Mesquinho
MISSA – Deu-se este nome antigamente, não só ao incruento sacrifício do altar, mas também; primeiro: ao ofício noturno e vespertino; Segundo: Àquela parte do sacrifício a que podiam assistir os cate cúmenos, que era desde o princípio até ao ofertório

exclusive: Terceiro: à missa dos fiéis, que era do ofertório inclusive até ao fim: Quarto: A toda e qualquer oração ou coleta. Quinto: Às lições que, nas matinas se costumava ler. Sexto: à festividade de algum santo que, com grande concurso do povo se celebrava. Sétimo: à feira ou mercado que, por ocasião do dito concurso se faria na solenidade de alguns santos. Oitavo: a que também chamaram liturgia; aqui falaremos só dos diferentes nomes da missa que, em nossos monumentos, se encontram.

MISSA ALTA – Á que se celebrava com delicado e vagaroso canto.

MISSA CALADA – O mesmo que missa baixa, e na qual suposto que assistisse algum acólito, o celebrante dizia em voz submissa e sem nota alguma musical, ainda a mais simples e plana. Era esta música o contrário de missa alta ou pública, que se celebrava com delicado e vagaroso canto e frequência de ministros, assistindo grande multidão de povo de ambos os sexos que nela ofereciam os seus donativos, cantava juntamente e comungava.

MISSA CANTADA – O mesmo que missa particular ou rezada, mas com a diferença que então se usava de levantar o sacerdote algum tempo a voz.

MISSA CHÃA/CHÃO – O mesmo que rezada.

MISSA DE PATER NOSTER – Certo número de orações de Padre Nosso que deviam rezar os leigos e as mulheres que não soubessem oficiar de sobre altar. Vide missa oficiada.

MISSA DE PSALTERIO – Certo número de psalmos, preces e orações que devia rezar o capelão todos os dias no tempo do interdito, satisfazendo assim pela missa de sacrifício que no mais tempo devia celebrar.

MISSA DE SACRIFICIO – O mesmo que missa de sobre Altar. 1312.

MISSA DE SOBRE ALTAR - Era mui frequente entre nós, esta expressão no século XIII e XIV. No testamento de D. Pedro, conde de Barcelos de 1350, se lê: *"Cantem no dito Mosteiro de cada dia para sempre duas missas sobre o Altar*". E declarava-se que fossem das que se dizem sobre o altar, para que se entendessem serem daquelas em que se celebrava o tremendo sacrifício, e não das que só constavam de tantas ou quantas orações, que se diziam fora do altar e no tempo mesmo do sacrifício. Ou daquelas em que se oferecia alguma cousa pelos assistentes e nas quais as mesmas mulheres se diziam celebrantes.

MISSA DOS POBRES – Esmola que nos adros das igrejas, entre eles se repartia, a fim de que encomendassem algum defunto ou defuntos a Deus.

MISSA DOS SABBADOS – Vide sábado; na ordenação se diz: Nem se ajunte a comer e beber por razão das missas que mandão dizer que chamam missas dos sabbados.

MISSA OFFICIADA – e missa oficial; assim chamavam à missa de requiem a qual precedia o ofício de defuntos e a que se solenizava com ministros, incenso e canto. 1364.MISSA OFFIZEADA – O mesmo. Vide Missa calada.

MISSAL CANTANDO – O que tinha a solfa nos lugares competentes. 1494.

MISSAL MISTICO/MYSTICO – Assim chamavam ao livro que trazia as missas de per annum e tudo o que pertencia à liturgia do altar. – á diferença de outros que só traziam orações, ofícios e coletas.

MISSAL VOTIVO – Vide missal místico. No célebre inventário que o venerável frei João da Póvoa fez do que havia no convento de S. Francisco de Oregens no ano de 1494, constam várias palavras que hoje mal se entendem e, entre elas, se acham as seguintes: Item: "*Hum missal grande mistico; Hum outro Missal em pergaminho votivo e a primeira Missa de lhe de Natal*"

MISSAM/MISSÁM – Homem ou mulher que servia de correio ou de levar recados. Vem do latim missus.
MISSAR ALGUÉM – Dizer missas pela alma de algum defunto. 1156.
MISSAS DOS DIACONOS, SUBDIACONOS E ACOLITOS – Diferiam das missas dos leigos, em constarem não de Padre Nosso, mas sim de alguns salmos, preces e orações. 1173
MISSAS DOS ESPITAAES – Esmola dadas aos hospitais e aplicadas pela alma de algum ou de alguns defuntos.
MISSAS DOS HOSPITAES – Esmolas dadas aos hospitais pela alma de algum ou alguns defuntos.
MISSAS DOS SABBADOS – As que se diziam, no dia sétimo, quando se fazia exéquias por algum defunto.
MISSAS PÚBLICAS – Estas eram as que os bispos podiam celebrar nos mosteiros com toda a solenidade, pregando, crismando etc.; também se disseram missas públicas as que eram solenemente cantadas por muitos e na presença de todo o povo, à diferença das que celebrava um sacerdote, acompanhado só de um acólito. 1347.
MISTEIROSO – Oficial mecânico, trabalhador rústico, obreiro.
MISTER – Necessidade; Precisão.
MISTERES – Servos ou escravos da gleba.
MISTÉRES – De ministreriaes se formou misteres, que eram os servos da gleba, escravos ou colonos de certas fazendas os quais eram diferentes dos servos casatos, donde entre nós deriva as palavras casal e caseiro.
MISTERIOSO – Preciso, necessário: Adjectivo do mister, necessidade ou precisão.
MISTÉRIOS – Composições dramáticas, cujo assunto era tirado da Sagrada escritura.
MITOLOGIA – 1) História fabulosa dos deuses da Antiguidade. 2) Conhecimento e interpretação dos mistérios do paganismo. (AA)
MITRO – Manípulo, "*Duas vestimentas: Hum manto, e alva e mitro e stola e cinto*". 1415.
MIXTO – Pequena refeição de pão e vinho que o hebdomadário, ledor e serventes da mesa tomavam antes que entrassem a cumprir com as suas respectivas obrigações, na religião de S. Bento e Cister na forma de santa regra. XV.
MIZCRAR – Intrigar (NAP)
MIZQUIINDADES – Desgraças, sofrimentos.
MOABITAS – E ismaelitas: Em os nossos antigos documentos, chamam-se Moabitas os mouros africanos e Ismaelitas os que já eram oriundos ou naturalizados em Espanha. Documento de Tarouca século XIV.
MOEDA D. SANCHO I – Dinheiro em Bolhão, original

Dinheiro - Bolhão D. Sancho II 1223 -1248. Dizeres; SANCIV REX / PO RT VG AL] – Cruz Lisa

Anverso: + SΛNCIVS EX RVTGΛIS, figura estilizada de Sancho, segurando a espada ao alto com a mão direita, no seu cavalo de guerra;
Reverso: + IH HR PTRIS IILII SPS SCIΛ, cruz de escudos no centro; estrelas de 7 pontas nos ângulos. Espólio Associação Terras Quentes

MOENDA – Azenha; em Trás-os-Montes, vi no Tua as moendas laborando no próprio leito do rio, aproveitando a minguada corrente no verão pois que no inverno a impetuosidade das águas obriga os moleiros a desmontar as suas construções já apropriadas a este estabelecimento periódico.
MOHÃMEDE I, OMAR IBN HAFSUN – Considerado o maior dissidente de Al Andalus, muçulmano, neto de cristãos arvorou o estandarte da revolta nas montanhas de Bobastro, serra de Rona, Distrito de Málaga. A rebelião continuada pelos filhos de Omar prolongou-se por mais de 50 anos. Dominaram, Málaga, Carmona o distrito de Granada, Montemor no distrito de Niebla e Algeciras. Em meado do século IX, os cristãos eram maioritários no Andaluz, mas o Islão e a língua árabe ganhavam crescentes adeptos, em particular na juventude. Os cristãos eram a maioria no exército de Omar ibn Hafsun. Em899 Ibn Hafsun professou abertamente o cristianismo sendo então abandonado por muitos dos seus partidários. Morreu em 917 em Bobastro, mas os seus filhos sustentaram a rebelião até janeiro de 928.
MOÇA CHAMORRA – A que anda tosquiada e não traz o cabelo comprido ou atado. Tais eram as de Lisboa pelos fins do século XIII e as que actualmente, em os nossos dias, seguem as revoluções das modas em a mesma corte.
MOÇAFO – Alcorão, livro da religião Mahometana. (RB)
MOÇAR -/MOUÇAR – A que anda tosquiada, e não traz o cabelo comprido ou atado. Tais eram as de Lisboa pelos fins do século XIII e as que, actualmente, em os nossos dias, seguem as revoluções das modas em a mesma corte.
MOÇARABE – Cristão que permaneceu sob denominação muçulmana conservando a sua fé, mas adoptando a cultura envolvente (língua árabe, costumes etc.) Literalmente arabizado. O adjectivo aplica-se aos factos culturais relativos a esses cristãos: rito moçárabe. Também; diz-se de ou cristão hispânico que vivia nas terras conquistadas pelos muçulmanos no Sul da península Ibérica e que sofreu a influência da cultura destes; que ou o que descende de cristão hispânico que vivia nas terras ocupadas pelos muçulmanos. (DH); arquitectura – Arte dos cristãos da Península Ibérica, dominada pelos árabes, por extensão do substantivo que designa cristão submetido ao muçulmano (ex. S. Pedro de Lourosa)
MOCHO – Ave de rapina nocturna da família dos Estrigídeos, também denominada, toupeirão; galhofa; chio; bufo; mocho-real, ujo. – Neste topónimo situa-se um arqueosítio também conhecido pela fraga dos corvos (ver), tendo sido intervencionado no âmbito do projecto de investigação “Terras Quentes” em Setembro de 2003 (primeira campanha), com os seguintes resultados: Foi possível identificar dois fundos de cabana com pisos de argila e “buracos de poste” que sustentariam as ramagens e barro utilizados na sua construção, foi possível ainda proceder à limpeza e levantamento de alçados e plantas de dois abrigos existentes no local. Os materiais recolhidos “in situ” bem como os recuperados na posse de populares permitem identificar os níveis e estruturas preservados e identificados como pertencentes a uma ocupação de Primeira Idade do Bronze (c. 2300-1250 cal a.C.) (TMC)

MOÇO – O mesmo que menino.
MOÇOCO – Menino que serve na igreja ou sacristia, e que ajuda às missas com vestes ou opa eclesiástica ou sotana; sacristão. Estes meninos como adidos ao serviço da igreja e participantes dos seus emolumentos e benesses foram chamados mónacilhos; mousínhos; fradinhos; monginhos; monacilhos; monachinos e moçocos. 1253.
MOÇOS AMOSTRADIÇOS – Assim chamavam os aprendizes dos pescadores no ano de 1331.
MOÇOS NOVIÇOS E ENSINADIÇOS – O mesmo que moços amostradiços, Moços Noviços e ensinadiços que não tenham ainda pescado em outros logares. 1331.
MODIO – Medida agrária. Vida Mina. Também; meio almude, alqueire. 1246. Também; persuadiram-se alguns houve, entre nós, moeda corrente, chamada modio. Em vista de inumeráveis escrituras do século XI e XII, que de fazem menção; confessando ao mesmo tempo que lhe ignoravam o cunho e valor.
MODORRA – Sono; sonolência. O quarto da madorra era a segunda da noite, aquela em que o sono é mais pesado; Também; Monte de pedra miúda ou cascalho. 1501. Também; Sonolência em que caem certos doentes, letargo (RB). Também; MODORRA – Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, como de interesse arqueológico; situado na extrema no termo de Grijó e Vale Benfeito é conhecido pelos habitantes desta localidade por Mêda. (TMC)
MODOS D'AREIA – Medãos ou montes d'areia
MOEDA – Assim chamaram o direito de bater moeda; ou os emolumentos e pensões que ao senhor da moeda se pagavam; e também de certa soma de dinheiro que ou todos ou de tantos em tantos anos se pagava ao príncipe ou donatário da coroa, pelos seus respectivos vassalos; Também; Com a soberania e independência da monarquia lusitana, se estabeleceram as fábricas da sua particular moeda. DE todos os nossos monarcas a temos visto, e daqueles preciosos metais que havendo atraído a Espanha e tantas nações antes dos romanos, ainda depois dos Serracenos se não esgotaram nesta região ocidental. Deles abundam os nossos montes e vales e as douradas areias, que bordam as nossas ribeiras, são abonados fiadores desta verdade. (ver elucidário).
MOEDA DE COURO OU SOLA – Nunca entre nós se fabricou. O prejuízo de que a houve, nasceu da fábula, que Comines levantou a João, Rei de França, dizendo que fizera lavrar moeda de couro, com um cravo de prata no meio; era assim tão baixa e ligada que levantou grandes clamores em todo o reino.
MOELHA – Moeda. 1280.
MOESTAR – Admostar.
MOESTEIRO – Mosteiro.
MOFACEM (hoje MORFACEM) – Mohacen (PA) Pequena povoação na província da estremadura, junto à Caparica. Significa lugar do Barbeiro. Derivado do verbo "haçana" fazer a barba Vide. Chorographia Portuguesa.
MOFINO – Vil, de pouca ou nenhuma utilidade ou proveito, etc.1280.
MOGADOURO – Macaduron (PA); Nome próprio de homem. Significa coisa fatal, inevitável e destinado. Vila Arcebispado de Braga que do sujeito nela viveu ou possuiu tomou nome. A mesma prova temos no nome da praça de Mogador em África a que os Mouros presentemente cham "Assoeira" coisa pequena e unida ou junta. Antigamente chamavam Cidi Macdur. Nome de um Mouro que entre eles era de boa vida e esta enterrado em uma ermida nos arrabaldes daquela povoação de cujo nome deduziram os marítimos e os nosso europeus e do Mogador em lugar de Cidi Macdor.

MOGARABIL – Negociante, mercador.
MÓGO, OS – Marco e marcos que dividiam e separaram um território ou terreno dos outros.
MOGOL, arquitectura – A da dinastia mogol que se estabeleceu no NW da Índia no século XVI tem características totalmente diferentes da arquitectura hindu. Também, por vezes, se designa assim a arquitectura das dinast6ias maometanas da Índia.
MOGRÃO – Mogro (PA); Lugar na província de entre douro e Minho, arcebispado de Braga. Significa cova, lapas ou cavernas. Deriva-se do verbo "gara" submergir-se, descer para lugar baixo e fundo. Também; MOGRÃO – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Desta base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Mogrão/Caúnha. Tipo de sítio: Povoado fortificado. Período: Idade do Ferro. CNS2004. Localização: Ferreira. Descrição: Povoado fortificado situado no topo do monte isolado da Caúnha, apresentando razoáveis condições defensivas e uma excelente implantação estratégica, tendo um amplo controlo visual a toda a volta. O povoado encontra-se quase totalmente destruído pela extracção de pedra, que lhe retirou quase toda a estratigrafia arqueológica até à rocha base em praticamente todo o seu interior. A bibliografia refere a existência de uma única linha de muralha, da qual resta um pequeno troço, ainda parcialmente intacto, do lado Norte. Do que resta deste troço, é possível inferir que se trataria, provavelmente, de um povoado de médias/grandes dimensões. Não se encontraram materiais de superfície, mas tudo indica que se trataria de um povoado da Idade do Ferro, havendo a referência bibliográfica de que não se registariam vestígios de romanização. (TMC)
MOHARRAM – Moharram (PA); Nome do primeiro mês dos Mahometanos em que lhes é proibido o pegar em armas, nem fazerem guerra ofensiva. Significa coisa proibida, ilícita, não permitida. Do verbo "burrama" proibir. *Assentou em lhes dar batalha no dia seguinte que era o terceiro do mês de Noharam aos 92 de hegira*. Monarquia Lusitana tomo II pág 271.
MOIMENTO – Sepultura. Ainda no ano de 1354 se não enterravam indiferentemente, dentro dos templos, os corpos dos defuntos, mas só nos adros, pois neste ano, se deu uma sentença *á porta da Sé de Coimbra sobre os Moimentos*. Documento de Coimbra; desde os adros, se foram introduzindo por detrás das portas até se meterem dentro das igrejas.
MOINHEIRA /MOLINHEIRA – Moinho de moer pão. 1501.
MOIO – O das julgadas era de 56 alqueires pela medida velha que são pela medida que, no tempo do rei D. Manuel se costumava ser 36 alqueires. Também; "Um moio de sacas" são 10 sacas – vazias - destinadas a cereal, cal em pó, etc. (LV)
MOIO DAS JULGADAS – Era de 56 alqueires pela medida velha, que faziam no tempo do rei D. Manuel 36 alqueires quando se não mostrasse o contrário.
MOIO DE PÃO OU DE VINHO – Se em todas as medidas do sólidos e líquidos experimentamos hoje mesmo uma irreconciliável verdade, diferindo quase tantos como são diferentes os territórios e concelhos; que seria, naqueles antigos dias, quando as mesmas quintas ou herdades que não só as povoações de algum nome tinham leis próprias e particulares medidas. Com especialidade se verifica isto no moio português, que, constando hoje de sessenta alqueires da medida corrente, nada mais desigual e variante em os princípios e progressos da nossa monarquia….
MOIO DE TERRA – Vide Sacco de terra.
MOIOM – O mesmo que Linde.

MOIRA - Morra
MOISEM – Mandado judicial, citação com dia de aparecer. XV.
MOLACHINO – Os documentos de S. João de Almedina da cidade de Coimbra, se faz menção da confraria dos Molachinos é do ano de 1286.
MOLETE – Papo-seco, Carcaça. (VB)
MOLHAMENTO – Acção de molhar. Assim se colige de uma sentença de 1369.
MÓLHO DE LINHO – Vide fogueira.
MOLIFICAR - Abrandar
MOLIMHEIRA – Vide Moinheira e Molleira.
MOLLEIRA – Moinho de moer pão, azenha, atafona, em um documento da Câmara de Moncorvo de 1298.
MÓLLO – Vide Mólo.
MOLO - Frete
MÓLO – Molho, pequeno feixe. XV.
MOLURA – Orvalho copioso e repetido que amolece e refrigera a terra.
MOMOS, ADEMANES e TRAJEITOS – Representações mimicas (os gestos os esgares, as caretas, etc.).
MONACHINO – Vide moçoco. 1322.
MONCADA – Moncada (PA); Libertadora. Apelido de uma família distinta em Portugal.
MONCOSO – Ranhoso. (VB)
MONDA – Micha, pão pequeno e de toda a peneira.
MONDAS – Michas, pão pequeno e de centeio ou milho e de toda a peneira que ainda hoje se costuma dar aos pobres nas portarias das ordens monacais. Vide Cerome.
MONESTEIROL – Mosteirinho, mosteiro pequeno e que ainda hoje se diz Mosteiró. 1206.
MONGE NAS CATHEDRAES – Sendo em grande número os documentos em que se acham assinados ou mencionados monges desde a restauração mesmo das nossas catedrais, como foram Porto, Braga, Coimbra, Viseu etc., poderia causar dúvida se estes monges eram membros da respectiva catedral e sujeitos imediatamente aos bispos, se, com efeito eles viviam recolhidos em algum mosteiro, obedecendo particularmente ao seu abade. Mas a razão de duvidar se desvaneceria por si mesma se não medíssemos o que hoje se pratica, pelo que antigamente, se usava… ver elucidário.
MONGY – Espécie sobretudo e com alguma semelhança de cogula monacal de que as mulheres usavam "*De hum mongy singelo 20 réis Livro vermelho do rei D. Afonso V*".
MONJA – Mónica, nome de mulher. XV/XVI.
MONLEIRO – Moleiro, o que se ocupava em moer o pão e tratar dos moinhos. Vide conducteiro.
MONOGRAMA/MONOGRAMMA – Uma só letra, ou simples ou artificial, com que se escrevia um ou mais nomes – Ligadura de duas ou mais letras em uma só figura para abreviar a escrituração.
MONQUIM – Monquem (PA); Vingador. Apelido do senhor daquela terra, freguesia na província de Trás-os-Montes.
MONTA – Quinhão, sorte, porção que cabe a cada um dos herdeiros. 1359. Também; Lanço, que se dá na praça sobre alguma cousa, que anda a leilão. 1338/1362.
MONTADÉGO/MONTADÊGO – Vide Montalico.
MONTADIGO/MONTATICO/MONTADO – O mesmo que montadêgo.
MONTADÍGO – Vide Montatico.

MONTADO – Vide Montatico. No ano de 1261 dirigio o rei D. Afonso III uma carta Magistro Militae Templi vel Commendatori tenenti locum Magistri, e aos mais comendadores da mesma ordem de Portugal em que lhes dá parte como tiveram conselho com os da sua corte sobre o mentado, que recebiam nos termos das vilas e terras da Ordem sem moderação alguma e com dano e perda de seus vassalos… Também; É a importância paga ao proprietário ou arrendatário do terreno pelo mato que nele se corta. (LV).
MONTADOS E MANINHOS – Direito do senhorio herdar a terça parte dos bens dos que, sendo casados, morriam sem filhos vivos. (BV)
MONTANTE – Espada muito grande que se mandava ou jogava com ambas as mãos e por alto. Espada de fogo feita por fogueteiros à imitação dos montantes. (RB)
MONTAR – Dar lanço na praça. 1338, também; servir-se dos nomes comuns para pastos, madeiras, lenha, caça. 1292.
MONTARIA – Casal de montaria se disse aquele cujos colonos pagavam foro de caça do monte; e também os que eram obrigados a irem à montaria quando da parte do rei fossem chamados.
MONTATICO/MONTADÊGO/MONTADO – Certa pensão ou tributo que se paga por pastar os gados no monte de algum concelho ou senhorio. Desde os princípios do reino até aos nossos dias, se tomou sempre neste significado esta palavra. Documentos de Salzedas, Bragança, Pinhel.
MONTEADOR – O mesmo que monteiro.
MONTEIRO – Caçador; que caça nos montes.
MONTJOIE – Construção de pedra em forma de altar, sobrepujada de uma cruz, usada na Idade média como termo (por exp. Para indicar a linha dos confins das terras pertencentes a um mosteiro) ou como lugar de paragem ao longo das vias. Por exemplo no percurso seguido pelos cortejos fúnebres percorridos pelos despojos do rei de França de Notre Dame de Paris até à abadia de S. Denis, sucediam-se sete Montjoie erguidos, segundo a tradição nos locais onde Filipe III havia parado para repousar durante o transporte aos ombros dos despojos do pai D. Luís. (AA)
MONTUOSO – Montanhoso.
MOOLO – Vide Molo.
MOOR – Maior. 1318.
MOORDOMAR – Exercer as funções de mordomo, governar, dispor a economia de casa, feitorizar. 1336 e 1347.
MÓOS DE BRAÇO/MOÓS DE BRAÇO – As que em Lisboa e pelo reino se usavam para moer pão onde não havia moinhos de água, não sendo ainda usados no ano de 1500 os moinhos de vento. Também mós para amolar as ferramentas.
MOOZINHO – Vide Molachino.
MOQUE – Vide Alfitra.
MORABITINADA – Ver Maravidiadas.
MORABITINADAS – Vide Maravediadas.
MORABITINO – Vide Maravidil. Também; Maravidim, Marabitino e Maravidil. Antiga moeda geralmente de prata, cujo valor foi variando ao longo dos séculos e que, em tempo de D. Manuel I, foi equiparado a vinte e sete soldos ou reais. Diferente valor apresentava o maravedi leonês, que também circulava em Portugal, especialmente em áreas de fronteira, como a transmontana, cujo valor correspondia a trinta e dois soldos. (BV); Também; moeda de ouro usada na península Ibérica durante o período em que os

almorávidas lá se estabeleceram (até o séc. XII); qualquer uma das moedas de ouro que foram cunhadas em Portugal entre os reinados de D. Afonso I (1139-1185) e de D. Afonso III (1248-1279); moeda de prata corrente na península Ibérica entre os séc. XII e XV. (DH).
MORCÃO – Lagarta de varejeira, usada como isco na pesca desportiva; Morganho, Individuo sem valor. (VB)
MÔRCO/MÒRCA – Mórac ou morcão é o individuo indolente, aparvalhado. Em Viana do Castelo também lá chamam Morca à borôa. (LV)
MORADÉA – Moradia, residência, casaria. 1312.
MORADO – Da cor da amora.
MORAVIDEADAS – Vide Maravediadas.
MORDOMO – Funcionários encarregues de arrecadar as prestações dos foreiros. (BV). Também; Vilicus. CIL 1552. (CM)
MORDOMO DA CURIA – Mordomo-mor da casa real. Deste grande título da real casa portuguesa, já muitos escreveram, deixando-nos apenas cousa alguma de dizer se possa, além do que está dito. Parece que esta designação nasceu com as monarquias e impérios. Desde Dagoberto I a Luís XV. Também documento do mosteiro de S. Romão de Neiva "*Joannes Mendes Maiordomus hujus Curiae"* 1171.
MORDOMO-MOR – D. Vasco ainda servia este ofício no ano de 1165, sendo-o de serventia D. Pedro Salvador, segundo consta da larga doação que, naquele ano fez o Rei D. Afonso Henriques a D. Paio, eleito d'Évora. Também; D. Vasco ainda servia este ofício no ano de 1165 (Viterbo). (CM)
MOREAMORÊA – O mesmo que Móstea.
MORGADIO – Morgadia; morgado; qualidade de morgado; classe dos morgados, vínculo indivisível e inalienável que se transmitia numa família de primogénito em primogénito, mas em linha recta varonil. (TMC).
MORGADO - vínculo dado a certos bens que deveriam ser transmitidos ao primogênito sem que este os pudesse vender; morgadio; filho mais velho, beneficiado por morgado ou morgadio; o filho mais velho, o primogênito de qualquer família; qualquer fonte produtiva de rendimento; qualquer coisa (emprego, renda etc.) que proporciona bons lucros a alguém. (DH).
MOREIREDO – Lugar cheio e abundantes de moreiras. XV.
MORMULHA – Memória. Acha-se em Faria.
MÓRON – Cidade situada numa elevação perto do rio Tejo. Corresponderá actualmente ao sítio arqueológico de Chões de Alpompé, ligeiramente a norte de Santarém (ET)
MORREÃO/MORRIÃO – Capacete antigo. Também; Armadura da parte superior da cabeça em forma de casco dela, tem no alto algum adorno ou plumagem (RB). Também Capacete leve de origem espanhola muito divulgado na 2ª metade do século XVI. A sua forma é de calote esférica com bordos arqueados, levantados em ponta atrás e à frente, coroada por alta crista cortante em crescente invertido. Os Morreões dos arcabuzeiros eram em couro. (AA)
MORTALHAS – Bens móveis que se herdavam por morte de alguém. Destes, se não pagava, em Lisboa, direito algum.; Vide Mortulhas.
MORTALHA – Ofício do corpo presente. Enterro, cadáver, Sepultura.
MORTALIA – O mesmo que lutuosa que á mortalha se seguia. 1158.
MORTE (FALECEU PER) – De morte natural.

MORTEIRO/MORTEYRO – Deu-se este nome a toda a especiaria, que se pisa e mói no almofariz que em latim, se diz mortarium. 1267.
MORTEYDADE – Mortandade. Assim chamaram como por antonomásia à grande peste de 1348, que extinguiu povoações inteiras.
MORTICIDADE – Esta era o nome que, antigamente, se dava a uma peste grande ou grande peste como por antonomásia em que morria gente sem conta. Tal foi a de 1348. V. Levadigas, que dizem alguns originara dos vapores corruptos e pestíferos que saíram de um boqueirão que na Círtia se abriu por ocasião de um grande terremoto e pela qual, este reino quase inteiro se despovoou. Tal foi, da mesma sorte a de 1557 que só em Lisboa e suas vizinhanças tirou do mundo 50.000 pessoas e, por isso, foi chamada a grande peste, e a este ano o do catarro ou da morticidade.
MORTINDADE – O mesmo que mortandade, matança, carnagem.
MORRINHA – Espécie de sarna que dá no gado.
MORTORIO – Vide Fogo Morto.
MORTUARIAS – Vide Mortulhas
MORTULHAS/MORTALHAS/MURTUARIOS/MORTUORIOS/MORTURAS – Assim se chamaram a direito. Chamou-se a este direito porção canónica ou quarta funeral que ordinariamente consistia na quarta, terça ou metade dos bens. Ver elucidário.
MORZELO – Da cor da amora; negro.
MOSAICO – Embutido feito com pedrinhas de várias cores.
MOSEGADO – Hoje, na Beira dizem pão mossegado, aquele que à mão se tirou pequena parte e mosseco a dita porção, assim tirada.
MOSEQNINS/MOSEQUINS – Borzeguins. Vide camalho.
MOSÓ – O mesmo que moiçó, moela. (LV).
MOSSEM – Prenome que se dava aos que não eram cavaleiros. (RB)
MOSTEA – Carrada ou feixe de palha.
MOSTEIRO – Todos hoje sabemos o que é mosteiro. Mas refletindo sobre os nossos mais antigos documentos se nos oferece logo à vista tão desmarcado número de mosteiros que nos violentam a crer que eles não eram da qualidade dos que hoje se praticam. Cassinao Collat, bem nos informa que a cella de qualquer monge particular era um mosteiro: Monasteria dicebantur Cellae in quibus unicus degit Monachus. E esta era a diferença entre o mosteiro e o cenóbio. Verdade é que pelo tempo também os cenóbios se disseram mosteiros, como se vê no Concilio Romano de 826.Também; assim chamaram antigamente às igrejas catedrais ou porque efectivamente foram servidas pelos monges. Tambe; Igreja paroquial e matriz multiplicado o povo de Deus, deixaram os bispos de serem consultados para os matrimónios do fiéis, passou esta inspecção aos respectivos párocos.
MOSTEIRO DE HERDEIROS – Assim eram quase todos os que no século XI se fundaram. Junto a uma pequena igreja ou oratório se fabricavam casas e aposentos em que viviam os fundadores com a suas famílias.
MOSTEIRÓ – Vide Monesteirol.
MOSTEIRÔ – Mosteirnho.
MOSTEIROS – Assim chamavam os arcos abóbadas ou pequenas capelas pela parte exterior das igreja em que antigamente sepultavam os corpos dos defuntos.
MOSTEIROS CANONICAES – Aqueles em que viviam os cónegos regrantes ou regulares com a mesma obediência, clausura e perfeição que os monges.

MOSTEIROSA CAPITAES – Eram os que tinham outros debaixo da sua obediência. Tais eram entre nós; Pombeiro, Tibães, Vacariça.
MOSTEIROS DE CONIGAS E DAMISCLAS OU SENHORAS – Havia muitos e ainda há alguns nos países baixos, em França e Alemanha. Antigamente seguiam a vida regular na Ordem de S. Bento ou S. Agostinho; hoje propriamente são uns colégios seculares e de educação de muitos nobres que não fazem os três votos…
MOSTEIROS DE ESCOTOS – Houve antigamente muitos no bispado de Herbipoli e por toda a francónia, nos quais só eram admitidos os nacionais da Escócia ou Irlanda. Tinham estes um particular estatuto que os obrigava a curar pobres nos hospitais e ter cuidado dos enfermos das cidades. 1140.
MOSTEIRO DUPLICES – ouve muitos em Portugal, ainda depois que no concílio de Niceno II, foram proibidos.
Mas ninguém se persuada que, não havendo tanta malicia naquele tempo, o coro igreja e oficina eram comuas aos monjas e monjas.
MOSTEIROS EPISCOPAES – Aqueles que eram fundados pelos reis e príncipes com particular magnificência e cujos abades eram, ao mesmo tempo, bispos consagrados. Exemplo real mosteiro de Dume, perto de Braga.
MOSTEIROS ISENTOS – Já na palavra abade Magnate se tratou destas isençoens. Acrescentaremos agora que as letras ou bulas pontifícias que tomam debaixo da proteção da Igreja Romana algum mosteiro, milícia ou família religiosa por si mesmas não envolvem isenção de jurisdição do bispo diocesano…
MOSTEIROS REAES – Os que só pendiam do príncipe ou monarca.
MOSTIL – Parece ser oficial mecânico, que depois se disse mester e mister. No foral de Seia 1136, depois de se determinar que se não embarguem as bestas aos *oleiros "pro in nulla facienda,* continua: *Numquam in sena prendant mostíl*. Livro doa forais velhos.
MOSTRANÇAS – Exterioridades, costumes, conduta do respectivo sujeito.
MOSTRAR – Ensinar, instruir, amestrar. Também; explicar alguma cousa que estava escura ou menos clara.1310.
MOTA (antigo) – 1) Muro. Fosso que defendia uma casa de campo. 2) Castelo de planta circular, construído a partir do século VIII sobre um montículo artificial feito com terra tirada de um fosso e construído por uma paliçada e uma torre com entrada alta e andar superior saliente de madeira. (AA)
MOTA - MOTTE AND BAILEY– Toma-se hoje por açude ou levada de águia, que se forma dos terrões, faxinas ou pedras. Antigamente se tomava pelos muros, torres, fossos ou cavas que defendiam e mesmo formoseavam uma casa de campo. E que por erma e solitária necessidade de ser guarnecida a modo de castelo ou fortaleza. 1280. Também; Eminência de pouca altura erguida sobre região plana. (HS).
MOTORISTA - Auriga CIL 3181 e CIL 4314. (CM)
MOUÇAR – Vide Moçar.
MOUIMENTO – Vide Moimento.
MOURÃO – Esteio grosso geralmente de pedra, fincado no solo (a intervalos); serve para fixar fios de arame para delimitar uma propriedade (regionalismo Algarve). (AA)
MOURARIA – Bairro onde habitavam os mouros numa cidade cristã da Península Ibérica. (AA); nome que recebiam os bairros onde os cristãos obrigavam os mouros a viver. (DH)
MOURISCA - dança de origem árabe com grande difusão na Europa a partir do séc. XVI. (DH)

MOUREL – Topónimo referenciado na obra do Abade Baçal, (vol., X, p.276) e na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, existente na freguesia de Vale Benfeito. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Mourel Tipo de sítio: Indeterminado. Período: Indeterminado. CNS: 17266.
Descrição: Este sítio localiza-se numa zona aplanada, de campos agrícolas férteis, com várias linhas de água. Aqui refere-se a existência de uma pequena povoação moderna, extinta no século XVII. O abade de Baçal indica ainda o aparecimento de uma telha de rebordo, surgida numa linha de água que atravessa o local. A nossa visita foi inconclusiva, mas a prospecção foi dificultada pelo muito mato que cobre parte da zona do topónimo Mourel. A referência bibliográfica será fidedigna. (TMC) Também; Mourel, aldeia extinta, perto da freguesia de Vale Benfeito, hoje, concelho de Macedo de Cavaleiros, (Caderno Terras Quentes nº7)
MOURISCO ARRATEL – Tinha trinta e duas onças. Vide Arrelde.
MOURISCO – Muçulmano que ficou na península após a conquista de granada (1492) e que se converteu ao cristianismo no início do século XVI. Também; Mariana, traduzida a carta do papa João VIII para o rei D. Afonso o Magno; eram logo os mouriscos ou alfarazes soldados de cavalo bem fornecidos de armas e muito exercitados na guerra contra os Mouros. Também; relativo a ou próprio do [1]mouro ('povo árabe-berbere'); mouresco. (DH
MOURISQUEIRA – Relativo aos mouros; árabe; infiel; islamita; mauritano; mauro; muçulmano; pagão; sarraceno. (TMC)
MOUROÇO – Monte v.g. mouroço de pedras soltas (RB).
MOUSINHO – f. m. antigo; Clerigo da caperla Real a que se dava um moio de trigo ano. Será o mesmo que mosinho. (RB).
MOUTA – Mata pequena e espessa. (RB).
MOUTA (FAZER-SE) Disfarçar-se encobrir-se, fazer que não entende, enganar a vista dos outros, tomada a metáfora do que os livros santos e profanos nos referem dos que se cobriam com ramas ou folhas da árvores que, em lugar dos homens pareciam moutas ou arbustos.
MOVEO – (E êl moveo passamente contra) Em direcção.
MOVIL – Movis, móvel, móveis. 1336.
MOYAÇOM – Medida, medidas, acção de medir.
MOYADOR – O que mede, acção de medir.
MOYER – Mulher.
MOYO – Vide moio.
MOZMODÍZ – Moeda que corria nos princípios deste reino e parece que eram meios maravedis ou maravedis menores.
MOZOM – Moitão, guindaste, madeiro alto e grosso que servia para guindar pedras.
MU/MUU – Mulo, macho ou mulato, animal quadrúpede e bem conhecido.
MUA – Mula (do latim mula; o l intervocálico voltou a surgir talvez por influência espanhola.
MUAZ – Mauâz (PA); Freguesia na província de Trás-os-Montes. Significa lugar da advertência. Do verbo “uadza”, advertir, aconselhar. Exortar.
MUCAROS – Almocreves
MUCHÊTE – Termo de Trás-os-Montes significando Mosquitos. Em Penedono inclui mochão no sentido de moscardo

MUÇULMANO – O submisso a Deus. “Não há Deus e senão Deus e Maomé o seu profecta”. Também; Etimologia: A palavra **muçulmano** deriva do árabe, verbo "*aslama*", designando "submetido a Deus". O vocábulo pode ter penetrado no português a partir do castelhano, sendo provável que essa língua o tenha tomado do italiano ou do francês, línguas nas quais o vocábulo surge em 1619 e 1657, respectivamente. Também; **Muçulmano** é todo o indivíduo que pratica o Islã, uma religião monoteísta centrada na vida e nos ensinamentos de profeta Maomé, que teria recebido revelações do Arcanjo Gabriel.[1] Além disso, os muçulmanos também dão ênfase aos dogmas da oração, jejum no mês de Ramadã, peregrinação em Meca e o estudo do Alcorão. **Islamismo**, **Islão** (português europeu) ou **islã** (português brasileiro) (em árabe: إسلام; transl.: *Islām*), é uma religião abraâmica monoteísta articulada pelo Alcorão, um texto considerado pelos seus seguidores como a palavra literal de Deus (Alá, em árabe: الله ; transl.: *Allāh*), e pelos ensinamentos e exemplos normativos (a chamada *suna*, parte do hádice) de Maomé, considerado pelos fiéis como o último profeta de Deus. Um adepto do islamismo é chamado de muçulmano.
Os muçulmanos acreditam que Deus é único e incomparável e o propósito da existência é adorá-Lo. Eles também acreditam que o islã é a versão completa e universal de uma fé primordial que foi revelada em muitas épocas e lugares anteriores, incluindo por meio de Abraão, Moisés e Jesus, que eles consideram profetas. Os seguidores do islã afirmam que as mensagens e revelações anteriores foram parcialmente alteradas ou corrompidas ao longo do tempo, mas consideram o Alcorão (ou Corão) como uma versão inalterada da revelação final de Deus. Os conceitos e as práticas religiosas incluem os cinco pilares do islã, que são conceitos e atos básicos e obrigatórios de culto, e a prática da lei islâmica, que atinge praticamente todos os aspectos da vida e da sociedade, fornecendo orientação sobre temas variados, como sistema bancário e bem-estar, à guerra e ao meio ambiente.
MUDAMENTO – Alteração, troca, mudança. Vide Cabo.
MUDBAGE – Tela ou droga preciosa de que se usava nas vestimentas e capas da Igreja... vide acitara.
MUDADA – Admirada; atónita; transtornada.
MUDÉJAR – Literalmente “tributário” “dominado” “aquele a quem foi permitido ficar”. Muçulmano que ficou sob a dominação cristã, nas terras reconquistadas, conservando a sua fé. Por extensão: arte praticada pela população muçulmana, ou segundo as suas técnicas, nos territórios reconquistados pelos cristãos. Também; denominação arábica atribuída a indivíduo do povo árabe que se manteve na península Ibérica depois da reconquista pelos cristãos; o árabe que se subjugou aos cristãos na Espanha; moirisco, mourisco; diz-se da arte desse povo, em que se harmonizam elementos cristãos (românicos, góticos etc.) e mouriscos. (DH).
MUDURA – Topónimo referenciado na obra do abade Baçal (vol. IX, p.570), como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Morais, diz o autor, ser um topónimo equivalente a Anta. (TMC)
MUENE-PUTU - o senhor branco, o rei de Portugal, o governo da Metrópole, o próprio país Portugal, ou as autoridades locais, civis ou militares [Em muitas partes de Angola, chama-se Portugal de *Putu*, forma sincopada e aferética daquela palavra.]. (DH).

MUEZZIN – Termo turco (em árabe - mu'adhdhin). Designa aquele que tem a função de apelar pela oração. Do alto de um minarete, convida os crentes muçulmanos a fazerem as cinco orações diárias.
MUFTI – Jurisconsulto da lei corânica, célebres pela sua seriedade, os muftis dão resposta (fatwas) de ordem jurídica, que aplicam aos casos particulares a lei muçulmana.
MULÁ - no Islã xiita, título dado às personalidades religiosas, especialmente aos doutores da lei corânica. (DH).
MULA DO CORPO DE ALGUEM – Vide Mhua.
MULADI – Literalmente "adoptado". Nome genérico que se aplica aos muçulmanos de ascendência hispânica que se integraram na sociedade muçulmana a partir do século VIII.
MULADIS – O senhorio de Badajoz manteve-se na dinastia dos Maruanes durante quatro gerações. Mas nos primeiros anos do governo de Abdarramão III, Said bem Malik, senhor de Beja atacou inopinadamente o neto do primeiro Maruane, de seu nome Abdalá ibn Mohamad ibn Abd Arrahman ibn Maruan al-Jilliqi. Saide expulsou a população árabe de Beja e pretendeu assumir a direcção da causa Muladi. Aliou-se a Yahya ibn Bark, senhor de Ossónoba, com quem contratou parentesco, e a Ibn Ufayr, senhor de Niebla. Concordaram em fazer guerra a Abd Alá ibn Maruan e apoderaram-se do seu território. Associaram ao projecto Bark ben Salama, senhor de Arronche, unidos por antigos laços de clientela a Ibn Malik, desde o tempo em que todos estavam juntos sob a primazia do primeiro Ibn Maruane.
MULAS – Sempre será louvável a moderação e severidade dos costumes dos nosso maiores que longe do fausto, ostentação e luxo, com poucos se contentavam, poupando os seus patrimónios e deixando largos tesouros a seus filhos. Cavalgaduras aparatosas e ajaezadas de mulas.
MULATO – Macho asneiro, filho de cavalo e burra. Por lei de 1538 se determinava que nenhuma pessoa d'Entre Douro e Minho pudesse criar mais que hum mulato, para seu serviço sob pena de um ano de degredo para um dos coutos fora da dita comarca e de perdimentos dos mulatos que criasse, metade para quem o acusasse e a outra para a Câmara de sua majestade. Tudo ficou revogado nas cortes de Tomar. Também; burro pequeno, ainda novo; cabra ('indivíduo') valente, desabusado, esperto; indivíduo cheio de manhas; inzoneiro, sonso; café com leite; que ou aquele que é filho de pai branco e de mãe preta (ou vice-versa); que ou aquele que descende de brancos e negros. (DH).
MULATO - Filho ou filha de branco e preta. O filho do cavalo e burra (Sá de Miranda) (RB).
MULHECA – Juntura da mão com o braço, o çollo da mão (RB).
MULHARIGO – Fraco, delicado, tímido, covarde, inconstante, sem valor e sem coragem.
MULHERIGO – O mesmo que mulherio ou todas as mulheres de que se trata. O Mulherigo mais lindo da cidade.
MULTIDÕE - Multidão
MULTIPRICAÇOM – Multiplicação, multidão, cópia.
MUNDAVEL – Mundano, seguidor e amante dos torpes deleites e carnais. Como em alguns forais antigos se mandasse que os clérigos e frades pagassem portagem, passagem e costumagem, assim como pagavam os judeus e mancebas solteiras mundavees, o rei D. Duarte por honra da santa Igreja e porque devem ser honrados e libertados, mandou que pagassem como os outros cristãos e D. Afonso V o confirmou.
MUNDAIRAS – "fora as mancebas mundairas" – Mundanas, meretrizes.

MUNDAIRAS (RUA DAS) – Prostitutas. (HS)
MUNGA – Monja, religiosa, freira. 1280.
MUNICIPE – O que goza o direito de município, o mesmo era ser munícipe, que gozar dos direitos de fidalguia. (RB)
MUNICIPIO – Cidade que tinha o direito de servir as Magistraturas Romanas, votar nas assembleias, mas governar-se por suas leis particulares. (RB).
MUPHTI – Supremo Juiz ou magistrado entre os Muçulmanos. (RB)
MURADOURO – Tapigo, muro, parede, valo, cômoro.
MURAL – Adj. Coroa a que se dava por honra ao soldado que primeiro subia a muralha entre romanos. (RB)
MURCEIRO – Oficial que faz murças de cónegos. Lamego XV.
MURES – Ratos. XIV.
MURIDINES – No Ocidente os principais impulsionadores das revoltas contra os Almorávidas foram os muridines e o seu controverso Mahdi Ibn Kasi, muçulmano de origem moçárabe, natural do termo de Silves. Na juventude gozou os prazeres do mundo. Mais tarde, num acesso de fervor místico, vendeu os bens e correu o Andaluz a pregar o desprezo pelos bens terrenos. No regresso à sua terra Natal, criou na ponta da Atalaia, em Aljezur, uma azóia, onde ele e os seus discípulos se dedicavam ao estudo do místico oriental Algazali e se preparavam como guerreiros para a guerra santa. Escreveu o livro "Dois sapatos descalçados" e espalhou a doutrina entre os habitantes de Silves, de Niebla e de Mértola. Por fim intitulou-se "Mahdi" o imã encoberto. Em 1144 após a morte do califa Taxefin ibn Ali em Orão, ordenou aos seus partidários que tomassem o castelo de Mértola, um dos mais fortes do Ocidente. Ibn Kasi no Alcácer e Évora e Mértola apressaram-se a reconhecê-lo como Mahdi.
MURRA/MURRÃO/MURRAÇA – Erva para alimentar gado. (LV).
MURSA – Vestidura de cónego é de seda preta; vem do pescoço até abaixo dos peitos e anda sobre o sobrepeliz. (RB).
MUSA IBN NUSAIR – Em 709 comandou o exército tribal que atingiu o litoral atlântico de Marrocos. O estrondo das vitórias e as notícias sobre o pendor igualitário dos invasores abanaram por certo muitas orelhas deste lado do estreito, tanto mais quanto o reino visigótico se afundava numa crise social, política e religiosa. Muito profunda. Em 711 depois das vitórias de Tarik, veio em Pessoa à Península com um exército de 18.000 combatentes, quase todos árabes, incluindo alguns chefes Cáicidas (tribos do norte da Arábia) e em maior número Cácidas (Tribos Iemenitas). Seguir-se Sevilha "a mais importante das cidades de Hespanha e onde residia a principal nobreza romana, os jurisconsultos, os sábios e letras sagradas e profanas" A cidade capitulou. Por fim os exércitos de Musa e Tarik encontram-se em Talavera e avançam sobre a Galiza, conquistando os castelos de Viseu e Lugo. Os cristãos negociaram a paz comprometendo-se ao pagamento de tributos.
MUSAS – Espécie de bananas.
MUSARABES – Nusdrah (PA); Meios árabes, isto é, enquanto à língua e costumes e não à religião. Deu-se este nome aos Cristãos que viviam entre os Árabes em Hespanha e lhes eram sujeitos. Bluteau deriva este nome de Muça e diz que significa cristão. O nome Cristão na língua arábica é "Naçarani" e não Muça. Diz também ou de Muça, capitão dos árabes que alcançou a última vitória de Dom Rodrigo Rei dos Godos ou do Latim corrupto, mixti Árabes cujas derivações são pouco verosímeis. Ele é nome composto de "Nuce" meio e de "Árabe" arábio, meios arabês.

MUSARIA – Tudo o que pertencesse a bens de alma e aniversários D. Afonso II proibiu que as religiosas comprassem bens de raiz sem licença da coroa. "*salvo que as possam comprar per musaria e outras maneiras sem pecado*".
MUSEU – f. m. Templo das Musas, e fig. estudo da poesia e boas artes. Ferreira Carta 8 L. – Tu fostes guia que ao museu escondido me guiastes. Casa onde estão guardados os preciosos produtos da natureza e de arte, livros, medalhas etc, (RB).
MUSEU DE ARTE SACRA DE MACEDO DE CAVALEIROS – Associação Terras Quentes
A Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros orgulha-se de dotar o concelho e o distrito de um novo espaço cultural: o Museu de Arte Sacra de Macedo de Cavaleiros. Para a criação deste Museu de Arte Sacra foram essenciais os trabalhos de inventariação do património cultural de Macedo de Cavaleiros, que desde 2004 têm sido desenvolvidos em parceria entre a Câmara Municipal e a Associação Terras Quentes, a Diocese de Bragança-Miranda, a Escola de Artes da Universidade Católica — Núcleo do Porto, o Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e o Instituto Superior de Ciências Criminais da Policia Judiciária, bem como a boa vontade das paróquias e outros proprietários de peças de arte religiosa. A existência de um vasto e valioso espólio religioso no concelho, conjugado com o investimento da Autarquia na preservação do património cultural e no turismo, foram determinantes na decisão de trazer à fruição do público uma variada selecção de peças de arte sacra das nossas igrejas e capelas. Com a inauguração desta exposição, o Museu de Arte Sacra de Macedo de Cavaleiros passa a ser uma realidade. Entendemos, todavia, que a diversidade e riqueza do património religioso do concelho não se coadunam com uma única exposição e que o objectivo de criar um espaço museológico dinâmico somente se conseguiria se o seu conteúdo — as exposições — fosse rico, variado e rotativo, não se esgotando numa única visita. O Museu de Arte Sacra de Macedo de Cavaleiros corresponde a um espaço museológico moderno e actual que, mais do que um depósito e montra de peças de arte, é essencialmente um instrumento de Conhecimento. Trata-se, pois, de um museu em que será permanente a renovação do seu recheio e em que o público poderá fruir de um acervo constantemente variado de peças. Mas o património religioso do concelho não se esgota neste Museu, podendo também ser apreciado nas suas igrejas e capelas ou ainda no núcleo museológico do Convento de Balsamão. Vamos continuar a apostar na preservação e valorização das raízes históricas e patrimoniais do concelho, desdobrando esse importantíssimo trabalho em sucessivas mostras, em «pedaços» da identidade macedense que pretendemos levar ao conhecimento da população, dos turistas que nos visitam e dos jovens das nossas escolas. Recentemente, o Senhor Presidente da República, Professor Doutor Aníbal Cavaco Silva, disse que «a História deve ser uma fonte de inspiração para o futuro, sob pena de se reduzir a uma boa história». O mesmo nos atrevemos nós a dizer deste nosso Museu: deve ser uma fonte de inspiração, sob pena de se reduzir no seu papel. Esperamos, pois, que seja uma boa fonte de conhecimento, uma boa fonte de inspiração e que marque uma etapa importante no sector artístico, cultural e histórico do nosso município. A todos aqueles que depositaram todo o empenho e contribuíram para dar corpo ao Museu de Arte Sacra de Macedo de Cavaleiros, dirijo o meu forte reconhecimento e agradecimento.
Beraldino Pinto Presidente da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros.
«Do Espírito à Imagem»
Para algumas correntes filosóficas o espírito é um princípio dinâmico, infinito, impessoal e imaterial que conduz a história da humanidade, concretizando-se plenamente no ser

humano em razão e liberdade. Nos textos bíblicos, o espírito é o princípio vital, superior à matéria, o sopro criador de Deus. A imagem é entendida como representação da forma ou do aspecto de ser. Reprodução estática ou dinâmica de seres, objectos, cenas etc., obtida por meios técnicos ou, ainda, a reprodução mental de uma percepção ou sensação anteriormente experimentada. Na religião cristã é a representação de seres Superiores que são objecto de culto, de veneração. É esta sublime viagem que se pretende transmitir ao visitante desta exposição, confrontando-o com as obras de arte sacra interpoladas em diferentes temáticas, mas por certo, de forma sentida, sublimada e subliminar proveniente do ambiente de vivência quotidiana de todos os habitantes das localidades do Concelho de Macedo, aqui representadas com algumas das suas imagens veneradas. É esta viagem e esta ligação (espírito/imagem) sentida no dia-a-dia e já a caminho do sexto ano, que todos aqueles que colaboram com o projecto da Associação Terras Quentes, sentem e tentam agora transmitir. A exposição agora inaugurada só foi possível a partir do trabalho de inventariação, começado no ano de 2004, numa parceria entre a Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros e a Associação Terras Quentes. No final do ano de 2006, foi exequível alargar o âmbito geográfico para todos os Concelhos englobados na geografia da Diocese de Bragança-Miranda. Sem dúvida, figura central em todo este processo a quem esta exposição também se deve, é Sua Excelência Reverendíssima D. António Montes Moreira, Bispo de Bragança-Miranda. O esforço de inventariar os bens patrimoniais da Diocese de Bragança-Miranda, tem sido imenso. Trata-se da primeira experiência no País a ser levada a cabo por uma entidade privada em parceria com poderes públicos (as autarquias do Distrito), com duas Universidades e o Instituto de Ciências Criminais da Polícia Judiciária. A viagem não tem sido fácil, temos encontrado alguns espinhos pelo caminho ultrapassados com a abnegação, teimosia e sobretudo com a ajuda de muitos, onde se salienta o trabalho e o apoio da Comissão de Arte Sacra, todo o priorado da Diocese e de grande parte dos elementos das comissões fabriqueiras locais. Esta exposição traz com ela elementos inéditos que poderão ser replicados por outras Dioceses do País. Uma das bondades da inventariação é permitir-nos identificar, listar e diagnosticar todas as peças merecedoras de intervenção de conservação ou de restauro. Foi possível estabelecer-se uma parceria entre a Associação Terras Quentes, a Edilidade e as Paróquias no sentido de tornar económica e financeiramente possível a recuperação das peças mais significativas e valiosas existentes nos locais de culto do concelho. Acordou-se numa listagem de quase 300 peças das quais, nesta primeira fase, se recuperaram cerca de 80, agora expostas. Prevê-se a recuperação e um roulement de peças para que anualmente, no máximo, se possa proceder à devolução ao culto das peças agora expostas e a entrada de novas peças, já devidamente reabilitadas. Assim, as paróquias e o Município (a Diocese e por último o País) verão, a curto prazo, todo o seu património religioso devidamente preservado.

Carlos Mendes Presidente da Associação Terras Quentes

Do Espírito à Imagem —

um olhar de conjunto sobre o património artístico nas Terras Quentes de Trás-os-Montes.

A presente Exposição de Arte Sacra reúne quase oito dezenas de espécimes de escultura, pintura, pratas e missais procedentes de várias igrejas e capelas Macedenses. Trata-se de uma amostragem restrita, mas culturalmente muito significativa, já que se conhecia mal o Património artístico escondido em igrejas, santuários, capelas, ermidas,

oratórios e outros lugares de culto cristão que remanescem em terras transmontanas e, muito em particular, na raia brigantina. Por isso, quando se iniciou o levantamento de campo desse vasto território — a partir das trinta e oito freguesias do Concelho de Macedo de Cavaleiros —, não faltaram aos historiadores de arte e demais investigadores envolvidos nesse processo muitas e gratas surpresas: apareceram boas peças de escultura entre o Gótico e o Rococó, alguma valiosa obra de talha dourada do período barroco nos altares dos templos, espécimes de pintura retabular e avulsa, em tábua e em tela, atestando o labor das oficinas regionais (ou a encomenda mais longínqua a mestres de Braga, e até de Coimbra e de Lisboa), um surpreendente acervo de pinturas a fresco medievais, renascentistas e maneiristas, bons têxteis, numerosas peças de prata, missais ilustrados, e ainda a presença iniludível de linguagens arquitetónicas entre o vernáculo e as especificidades de gostos regionalistas 'sui generis'. Tratava-se de um mundo de surpresas, este mundo de artes esquecidas que era passível de ser entrevisto já em Dezembro de 2003, face à qualidade das primeiras peças que foram sonegadas ao esquecimento. Quando se começou em Macedo de Cavaleiros — a par do levantamento arqueológico do mesmo espaço, coordenado pelo arqueólogo Prof. Doutor João Carlos Senna-Martínez, da Faculdade de Letras de Lisboa, e pelo doutorando Mestre Carlos Mendes — este ensaio de recenseamento inventarial no domínio histórico-artístico, as expectativas eram muitas, mas não se podia conhecer a extensão das perdas, das destruições e dos extravios. Ora os primeiros dados resultantes do registo de campo que se deveu ao Dr. Lécio Leal e à Dra. Lília Silva, foram bastante gratificantes: aos materiais de recenseamento que se acumularam em bancos de dados (pontualmente revelados nas páginas da revista Terras Quentes, entretanto dada à estampa e já com cinco números publicados, ou em artigos na imprensa distrital, quando a raridade da descoberta justificava a nota de divulgação pública), juntou -se entretanto a informação dos fundos arquivísticos pacientemente investigados (alguns deles ainda conservados nos templos), revelando nomes de artistas e artífices desde o século XVI, contratos de obras, relações entre clientes e oficinas, directrizes dos visitadores da Igreja, e outro material inédito que veio dar uma luz renovada ao nosso conhecimento sobre o Património artístico nesta mancha da periferia nacional. A breve trecho a necessidade de preservar peças em perigo levou a Associação 'Terras Quentes» a criar estruturas de apoio conservativo, incluindo um laboratório de Restauro e Conservação Preventiva, e a incrementar as medidas de consciencialização tomadas junto das populações a fim de melhor preservarem o património sacro dos seus templos, diminuindo a níveis mínimos as ameaças de roubo, prevenindo as ameaças de factores degenerativos e degradadores, e salvaguardando a identidade dos seus templos perante «restauros» sem critério, uma das ameaças latentes com que este Inventário se vem deparando e que, em alguns casos, conseguiu debelar. Um caso deveras interessante entre a recuperação de patrimónios sonegados, ocorreu com a recuperação de uma imagem setecentista da Capela dos Passos na matriz de Macedo, localizada num antiquário de Lisboa e devolvida ao templo depois de uma intervenção da Associação «Terras Quentes» da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros e da Dra. Leonor Sá e da inspectora Teresa Esteves, do Instituto Superior da Polícia Judiciária e Ciências Criminais. A entrega desse Cristo atado à coluna, imagem em madeira das primícias do século XVIII, à sua paróquia de origem, acto que ocorreu a 6 de Dezembro de 2006 com a presença das autoridades envolvidas no protocolo que legitimou o Inventário, constituiu momento marcante da vitalidade deste trabalho e do rigor da sua metodologia alargada

e pluridisciplinar. Como se disse atrás, o Inventário do Património Histórico-Artístico do Concelho de Macedo de Cavaleiros iniciou-se em moldes sistematizados em 2004, a partir de um protocolo firmado pela Associação de Defesa do Património Arqueológico 'Terras Quentes', a Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros e o Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, o qual permitiu organizar o levantamento de campo, a fichagem analítico-descritiva de milhares de espécimes e a concomitante pesquisa de arquivo, a fim de assegurar o maior conhecimento sobre o percurso das artes de encomenda religiosa que foram produzidas nessa região entre a Idade Média e o final do Antigo Regime. Uma série de alunos finalistas da Licenciatura de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, como os referidos historiadores de arte Lécio Leal e Lília Silva, e os Drs. Isabel Lopes, Carlos Morgado, Sérgio Abelha, Ricardo Naito, Graça Rodrigues, entre outros, foi dando corpo a esse esforço inventarial, difícil de concretização pelas agruras do terreno, circunstâncias climáticas e dificuldades de deslocação, mas sempre exaltante pelos resultados obtidos e pelo fruto gerado na comunhão que se foi cimentando com as populações, tão interessadas na salvaguarda dos seus bens de culto e passando a entendê-los, também, numa dimensão histórica e artística. Por isso, a partir de 2007, o modelo ensaiado em Macedo se transplantou para os Concelhos limítrofes. Em Dezembro de 2006 as mesmas entidades que haviam subscrito o protocolo de lançamento do Inventário em 2004, e ainda a Diocese de Bragança-Miranda, representada ao mais alto nível por Sua Eminência o Senhor Bispo Doutor António Montes Moreira, bem como a Universidade Católica do Porto, através da sua Escola de Artes, e o Instituto Superior de Polícia Judiciária e Ciências Criminais, firmaram novo e mais amplo protocolo de colaboração com o objectivo de cooperarem para a inventariação exaustiva e estudo global dos bens patrimoniais existentes no Distrito de Bragança. Esse estudo prosseguiu, até agora, com o levantamento integral da arte sacra subsistente nos Concelhos de Macedo de Cavaleiros, Alfândega da Fé, Vila Flor e Freixo de Espada à Cinta e vai-se estender nos próximos meses a outros concelhos. Sabendo-se que o Inventário dos bens culturais móveis constitui uma inadiável prioridade nacional, as partes envolvidas no processo iniciado há cinco anos em Macedo de Cavaleiros esforçaram-se por assegurar, dentro dos meios disponíveis e segundo as adequadas metodologias científicas, a prossecução desse trabalho de base que dera tantos e tão bons frutos numa primeira fase experimental. Como se sabe, inventariar os bens patrimoniais constitui a primeira e mais importante das medidas preventivas de estudo, gestão, recuperação e protecção do Património nacional, e tal objectivo é tanto ou mais premente quando se trata de zonas do território português absolutamente esquecidas no que toca a tais equipamentos de registo, como era o caso dos concelhos em referência. Queremos crer que trabalhos deste tipo — com a visibilidade que lhes conferem iniciativas como este Museu de Arte Sacra de Macedo de Cavaleiros — ajudam a travar o abandono, rapina e inclemência que paira sobre os bens patrimoniais. Sendo o conceito de Património Cultural alargado ao conjunto de bens móveis e imóveis com interesse artístico, arquitectónico, paisagístico, histórico, arqueológico, etnológico, etnográfico, científico, bibliográfico e arquivístico, é de destacar o modo como essa visão pluri-disciplinar reforça a protecção de tais zonas, e ajuda a estruturar o planeamento do território a partir do conhecimento científico. Já em 1997, a Conferência Episcopal Portuguesa, reconhecendo a importância do Património artístico da Igreja, decidiu criar a Comissão Episcopal do Património Cultural, reformular a Comissão Nacional de Arte Sacra e do Património Cultural da Igreja, através da

revitalização das Comissões Diocesanas de Arte Sacra, intensificando-se a realização do inventário das Dioceses; casos exemplares, e muito conhecidos pelos dados já fornecidos, são os trabalhos realizados na Arquidiocese de Évora e da Diocese de Beja, dando continuidade ao trabalho de Túlio Espanca para o Inventário Artístico de Portugal, promovido pela Academia Nacional de Belas Artes (1947- 1966) e, querermos acreditar que o esforço destes cinco anos no Nordeste transmontano, devido ao trabalho da Associação «Terras Quentes», nas equipas coordenadas pelos Drs. Lília Silva e Lécio Leal, dará igualmente os seus frutos. A selecção de peças presentes a esta Exposição de Arte Sacra é um testemunho desse esforço coordenado de levantamento. Os problemas decorrentes da utilização de métodos diferentes e com pouco poder de intercomunicabilidade são, a par de uma visão arrogante e desfocalizada dos acervos em apreço, os maiores inconvenientes de um trabalho deste teor. Por isso se exige organização e actualização sistemática das bases de dados de recenseamento, o que pressupõe a consciência da existência de um 'thesaurus' permanentemente avaliado e posto à prova. Assim, o Inventário deve ser entendido como conjunto de valores histórico-artísticos e como instrumento de um processo integrado na transformação do território, pelo que impõe o esforço na educação dos jovens, a nível escolar, e uma mudança de mentalidade em termos de prioridades como são a eficácia das instituições e a definição estratégica de políticas sectoriais. As competências do Estado democrático nesta matéria deverão ser, sobretudo, as de definição de uma política de prioridades que assente em quatro princípios: a interligação do trabalho de todas as instituições estatais e autárquicas com experiência e competências nessa área; o desenvolvimento da abrangência do programa de Inventário a áreas sensíveis como a Conservação e Restauro; a prerrogativa da História da Arte como disciplina central de identificação e enquadramento; e a abertura destes trabalhos à Universidade e aos seus técnicos especializados. Esta exposição constitui uma oportunidade feliz de dar a conhecer uma parte reveladora da multiplicidade de patrimónios de arte sacra deste país profundo que é a faixa da raia transmontana e, ao mesmo tempo, possibilitar um primeiro redimensionamento da produção artística da Diocese de Bragança-Miranda ao longo de séculos, entre a Idade Média e os nossos tempos. Na realidade, muito pouco se conhecia de muitos desses acervos agora revelados, cujo estudo preliminar envolve, em alguns casos, contornos de verdadeira surpresa: além da actividade de escolas regionais cujos contornos e méritos começam a ser apercebidos, caso da «oficina» de entalhe de Vale de Prados, concelho de Macedo de Cavaleiros. Em boa hora a Diocese de Bragança-Miranda avançou com este ambicioso programa de levantamento integral dos seus bens móveis de arte sacra, dando continuidade a um primeiro ensaio monográfico pelo célebre Abade de Baçal, continuado por historiadores como Belarmino Afonso e Luís Alexandre Rodrigues, entre outros, e seguindo os passos, a metodologia e o bom exemplo de outras Dioceses nacionais a respeito do recenseamento exaustivo da sua arte sacra, casos do Arquiepiscopado de Évora, da Diocese de Beja e, mais recentemente, da de Lamego. O estudo destas realidades artísticas maioritariamente desconhecidas, com relevo para o período entre os séculos XV a XVIII, permitiu reconstituir o ambiente da produção provincial, da encomenda de fora, dos circuitos de influência (abertos à zona de Zamora, e a Salamanca), e as tendências iconográficas e doutrinárias. Esse conhecimento veio, de certa maneira, estruturar o trabalho analítico-descritivo das obras e confinar, numa perspectiva de História da Arte, variações estilísticas, constantes programáticas e iconográficas, linhas de influência e de

penetração de gostos, tendências conservadoras e retardatárias ou, também, exemplos de refrescante novidade em busca de novas linguagens, que constituem, em alguns casos, um esforço assinalável de alinhamento com correntes eruditas dos «centros» de maior influência do tempo.
Vitor Serrão Prof. Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa Director do Instituto de História da Arte

ALGUMAS PEÇAS QUE INTEGRARAM O MUSEU MUNICIPAL DE ARTE SACRA

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Santa Ana com o Menino
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes Plástica
Subcategoria: Escultura vulto
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Valdrez – Igreja de S. Miguel
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Estilo: Barroco
Século: XVIII
Técnicas: Talhe em vulto pleno: Policromia
Talhamento: Século XVIII
Policromia: século XX
Materiais: Madeira
Carnações: Mãos e rosto.
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Razoável
Especificações: Depósitos superficiais.
MEDIDAS GERAIS
Alt: 26cm
Larg:12cm
Prof: 9,6cm

Peso: 477grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 2302

Número de exposição:178

FUNCIONALIDADE:

À Data: Cultual

DESCRIÇÃO: Imagem assente em base hexagonal com decoração marmoreada. Santa Ana apresenta-se com vestido em cor salmão e manto azul. A mão direita segura a ponta do pano que envolve o Menino que repousa na sua mão esquerda. As suas feições são rudes e apresenta longos cabelos em cachos de caracóis pelas costas.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Nossa Senhora da Apresentação

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plástica

Subcategoria: Escultura de vulto

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Lagoa – Igreja de S. Martinho

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: Século XVIII – 2ª metade

Estilo: Barroco.

Técnicas: Talhe em vulto pleno: Policromia

Túnica: Entalhada e pintada, a têmpera cor-de-rosa

Sobretúnica: Entalhada e pintada de cor branca

Manto: Entalhado e pintado, a têmpera na frente em azul e no verso cor-de-rosa.

Materiais: Madeira

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Mau

MEDIDAS GERAIS

Alt:72,8cm
Larg: 42,3cm
Prof: 28cm
Peso: 9.540grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 3981

Número de exposição: 179

FUNCIONALIDADE:

Função Inicial: Cultual. Devocional

À Data: Negligenciada

DESCRIÇÃO: Nossa Senhora representada de pé, de idade adulta, vestida com uma túnica de mangas compridas e um vestido. Com manto preso à cintura e sobre o braço direito. (manto esvoaçante) cabelos longos e encaracolados para trás das costas, os braços flectidos com as palmas das mãos viradas para cima e perna direita ligeiramente afastada. Na base três querubins sobressaem do globo em alto-relevo.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: S. Sebastião

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plásticas

Subcategoria: Escultura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Vale da Porca

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Cronologia: S. Bartolomeu século XVII; Demónio Século XVIII; Olhos de vidro, Século XVIII; correntes século XX.

Fundamentação: O tratamento não uniforme da peça evidencia a presença de diferentes campanhas de acrescento, dando origem a um conjunto a partir do que parece ter sido uma peça única inicial. Disparidades visíveis no possível acrescento de embasamento inferior para sustentação do elemento acrescentado (demónio) posteriormente

Técnicas: Talhe em vulto pleno

Materiais: Madeira, vidro, metal

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Deficiente

Especificações: Destacamentos pontuais da policromia, Infestação, degradações superficiais de poeiras, oxidações dos pregos que fazem ligação dos dois embasamentos. Imagem totalmente repintada: Tinta a óleo policromada.

MEDIDAS GERAIS

Alt:52cm
Largura: 25,5cm
Profundidade: 27,5cm
Base:20x25,5cm
Peso: 4466grs
Inscrições: Na base; S. Bartolomeu

REFERÊNCIA

Número de inventário: 6185

Número de exposição:180

FUNCIONALIDADE:

À Data: ao culto

DESCRIÇÃO: Escultura de cariz popular. Na mão direita segura numa corrente que prende um demónio que rasteja a seus pés. Na mão esquerda segura o livro sagrado. A figura enverga uma túnica azul com um manto vermelho. Rosto anatomicamente conseguido, olhos incrustados, apresenta mãos desproporcionadas.

ICONOGRAFIA: S. Bartolomeu vestido com túnica azul e manto vermelho com fímbrias douradas com cabelos longos e barba, sustenta na mão esquerda um livro e segurando na mão direita uma corrente que prende uma figura demoníaca jacente aos pés do santo que se encontra descalço.

Hagiografia: Apostolo condenado por difundir a fé cristã. Foi esfolado vivo. Os seus atributos são geralmente a sua pele e uma faca e muito raramente um demónio encadeado

FUNÇÃO: Devocional

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: S. Martinho de Tours

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plásticas

Subcategoria: Escultura de vulto

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Travanca

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: XVII, segunda metade.

Técnicas: Talhe em vulto pleno, policromada

Materiais: Madeira

Técnicas de superfície; policromia, douramento, pontilhado e esgrafitado

Cores predominantes; vermelho, dourado, branco e preto.

CONSERVAÇÃO GERAL

Estado de conservação; Mau:

Insuficiências: destacamento da policromia; microfissuras; falta de dedos na mão esquerda.

MEDIDAS GERAIS

Alt: 94cm

Larg: 38cm

Prof: 29,5cm

Peso: 15.450grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:6661

Número de exposição: 181

FUNCIONALIDADE:

À Data: Cultual

DESCRIÇÃO: Imagem de vulto pleno, representando S. Martinho, de pé sobre base octogonal, secção rectangular. S. Martinho está vestido de bispo, com mitra, capa, sobretúnica, túnica e calçado. Olha em frente, com a cabeça recta, faz sinal da bênção com a mão direita e com a mão esquerda seguraria o ceptro. Estética e formalmente enquadra-se a imagem no estilo barroco.

ICONOGRAFIA:

Ícone: São Martinho

Atributos: Indumentária de bispo, ceptro (em falta)

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: S. Sebastião

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plásticas

Subcategoria: Escultura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Peredo – Igreja de Santa Catarina

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Centro de produção: Porto

Século: XX - 1907 (data de aquisição)

Marcas: Reprodução; VITAL. ESCULP. PORTO 1907

Técnicas: Talhe em vulto pleno.

Cores predominantes; verde, castanho, preto, prateado, carnações, branco sujo, branco e vermelho.

Materiais: Madeira

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Deficiente

Faltas; dedos das mãos, destacamento da policromia, estalamentos, depósitos superficiais

MEDIDAS GERAIS
Alt: 94,5cm
Larg: 32cm
Prof: 22cm
Peso: 8000grs
REFERÊNCIA
Número de inventário: 8672
Número de exposição: 182
FUNCIONALIDADE:
À Data: Devocional
DESCRIÇÃO: Embasamento quadrangular elevado, com assentamento em peanha, em postura de pé, com a cabeça inclinada sob o braço direito, este encontra-se levantado e amarrado a um tronco de árvore, o braço esquerdo encontra-se ligeiramente flectido e para baixo e também amarrado. A perna direita está na vertical enquanto a esquerda se encontra ligeiramente flectida. A indumentária cinge-se a um pano branco a envolver a cintura: tem como motivos decorativo, uma cruz grega no escudo. Busto de perfil de um soldado com elmo e cinturão.
Iconografia:
Ícone: S. Sebastião
Atributos: Escudo; elmo, lança, espada, tronco de árvore e cinturão.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: S. Vicente
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes Plásticas
Subcategoria: Escultura
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Vinhas – Igreja de S. Vicente

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: XVIII – 1ª metade.

Estilo: Barroco.

Técnicas: Talhe em vulto pleno: Policromia

Materiais: Madeira

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Mau

Historial: A imagem estaria no nicho da fachada principal. Com o tempo a madeira foi ficando seca e queimada pelo sol. Foi retirada pelo seu mau estado de conservação.

Observações: apresenta muitos destacamentos

Ao nível do hábito. Peça repintada a tinta plástica.

MEDIDAS GERAIS

Alt: 45,4cm

Larg: 21,1cm

Prof: 15,5cm

Peso: 2340grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 9771

Número de exposição: 183

FUNCIONALIDADE:

À Data: Devocional

DESCRIÇÃO: Embasamento em planta sextavada (muito danificada) de um único nível. S. Vicente apresenta-se de pé com um leve movimento do corpo em S corporal. Rosto com barba. Enverga uma dalmática de diácono. Apresenta cabelos encaracolados, olhos saídos e esbugalhados. Veste dalmática vermelha, os dourados das vestes são ondulados.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Divina Providência

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plástica
Subcategoria: Pintura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Chacim, Museu Mariano do Convento de Balsemão

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XVIII
Técnicas: Óleo sobre tela
Materiais: Tela

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Aceitável
Observações: Destacamentos parciais da camada cromática, remendos na tela, repintes.

MEDIDAS GERAIS

Alt:90cm
Larg: 57,2cm
Espessura: 4cm
Com moldura
Alt: 148,5cm
Larg: 80cm

REFERÊNCIA

Número de inventário: 8559
Número de exposição:184

FUNCIONALIDADE:

À Data: Museu Mariano do Convento de Balsemão

DESCRIÇÃO: Maria com o menino. Maria ostenta na mão um cedro que na extremidade apresenta emblema de Deus Pai (triangulo com um olho ao centro) sobre o qual está a inscrição: VIDET ET PROVIDET" Sobre a cabeça Maria ostenta uma cerca de doze estrelas.

O menino, ao colo da virgem segura um cálice com uma hóstia, repousando sobre um globo. Em torno das duas figuras um grupo de anjos dissimula-se entre as nuvens.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Ecce Homo

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plástica

Subcategoria: Pintura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Chacim, Museu Mariano do Convento de Balsemão

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século: XVIII

Técnicas: Óleo sobre tela

Materiais: Tela

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Aceitável

Especificações: Necessita de limpeza e consolidação

MEDIDAS GERAIS

Alt:80,5cm

Larg: 65cm

Espessura: 3,5cm

Sem moldura:

Altura: 73,5cm

Largura: 57,5cm

REFERÊNCIA

Número de inventário: 8580

Número de exposição:185

FUNCIONALIDADE:

À Data: Museu Mariano do Convento de Balsemão

DESCRIÇÃO: Cristo manietado, com a vara na mão, flagelado, coroado de espinhos e com manto púrpura, sobre um fundo negro.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Dalmática
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Têxteis
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Paramentos Religiosos
Subcategoria: Veste Litúrgicas exteriores
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: S. Pedro Macedo de Cavaleiros
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Século: XX?
Técnicas: Damasco
Materiais: Seda, linho, fio laminado e prateado
Outros materiais: Linho, fio laminado, dourado e prateado
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Razoável
MEDIDAS GERAIS
Alt:114cm
Larg:152cm
Peso:1778grs
REFERÊNCIA
Número de inventário:47
Número de exposição:186
DESCRIÇÃO: Peça em seda cores vermelha e amarela, com padrão vegetalista. Sebasto, em fio lamelado e prateado sob fundo a seda amarelo/dourado, formando um padrão

de enrolamento vegetalista. Damasco bordeaux com padrão trabalhado em fitomórfico. Nas mangas aplicações a seda e fio de ouro. Forro em linho tingido a cor amarela

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Capa de ombros

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Têxteis

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Paramentos Religiosos

Subcategoria: Veste Litúrgicas exteriores

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: S. Pedro Macedo de Cavaleiros

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Proveniência: Desconhecida

Século: Século XVIII- 2ª metade

Técnicas: Costura à mão,

Materiais: Seda e linho

MATERIAIS: Seda e fio de ouro

TÉCNICAS: Damasco com bordado a fio de ouro

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Deficiente

Especificações: Fios soltos, dobrados e partidos. Humidade

MEDIDAS GERAIS

Fechada:

Alt: 101cm

Larg: 147cm

Peso: 1342grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 76

Número de exposição:187

DESCRIÇÃO: Capa de ombros em seda com fio de ouro. No peito existem duas cordas que prendiam a capa.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Capa de Asperges

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Têxteis

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Paramentos Religiosos

Subcategoria: Veste Litúrgicas exteriores

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: São Nicolau de Bari de Amendoeira

Localidade: Gradíssimo

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: XIX?

Técnicas: Costura à mão, Entrançamento; Franja

Materiais: Damasco

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: regular

MEDIDAS GERAIS

Alt: 142cm

Larg: 214cm

Peso: 2200grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:6251

Número de exposição:188

DESCRIÇÃO: Paramento de formato semi-circular, com base de seda adamascada roxa com padrão vegetalista estampado. O forro é em linho de trama grossa, o fecho é fixo. Nas costas sobressi o galão com passamanaria a fios dourados.
FUNÇÃO: Peça também designada por "capa pluvial", "pluvial" "capa de bênção" ou "casula processionária". Esta diversidade de nomes está relacionada com os momentos em que é usada. Assim, diz-se "capa de asperges" porque o seu uso coincide com a acção de aspergir água benta, "capa de bênção" porque é vestida durante a celebração das Bênçãos com o Santíssimo Sacramento e "Casula processionária" porque só é vista durante as procissões. Para além destas ocasiões é usada ainda na celebração da Liturgia das Horas e em todos os sacramentos fora da missa. A capa de asperges desenvolveu-se a partir da "capa romana" ou "paenula", esta usada como resguardo do frio e da chuva. Porém, hoje a sua função é sobretudo simbólica, pois até o capuz primitivo foi sendo reduzido até se tornar num escudete, mas no caso de ter figurações religiosas transcende o simbolismo e torna-se igualmente num objecto de devoção e de pedagogia. Para maior solenidade, os diáconos levantam as pontas do pluvial durante a procissão, criando um efeito de notável beleza. É usado sobre alva, ou sobrepeliz, ou roquete, ou sobre vestes corais e, em qualquer um dos casos, sempre com estola e durante a bênção com o Santíssimo Sacramento é o único momento em que é coberto por "véu-de-ombros" ou "véu umeral". O uso da capa de asperges, para além de estar reservado a apenas algumas celebrações, é também condicionado pelas cores litúrgicas do momento (branco, preto, roxo, verde, vermelho e festivo), com uma excepção, a cor branca. Neste caso, a cor roxa, logo só pode ser usado nas celebrações supracitadas caso tenham ocorrido durante o Tempo do Advento e da Quaresma.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Capa de Asperges
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Têxteis
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Paramentos Religiosos
Subcategoria: Veste Litúrgicas exteriores
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Igreja de S. Miguel - Talhas

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: XVIII

Estilo: Barroco erudito?

Técnicas: Damasco bordado a fio dourado

Materiais: Seda, linho.

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável

Observações: Fundo - Nódoas de vinho? Rasgado junto ao fecho.

Forro: Nódoas diversas, faltas por acção de roedores ou insectos.

MEDIDAS GERAIS

Alt:210,5cm

Larg: 135,5cm

Peso: 1975grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 9276

Número de exposição:189

DESCRIÇÃO: Capa de Asperge em damasco verde de fundo, tanto na orla como nos campos, como nos sebastos. Os sebastos, os campos e a orla são definidos por aplicação em seda com franja verde. O fecho é fixo, também em damasco, com aplicações de várias listas frontais em seda franjeada. O padrão do damasco é sobretudo vegetalista, contudo há registo pontuais de decoração geométrica fazendo a ligação entre vários elementos vegetalistas. O capuz liga-se através de passamanaria em seda com botão que abotoa em casa larga.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Casula

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Têxteis

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Paramentos Religiosos
Subcategoria: Veste Litúrgicas exteriores

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja de São Miguel – Castro Roupal

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Século: XVIII?
Técnicas: Seda bordada; seda franjeada, Linho, passamanaria, forro
Materiais: Seda e Linho

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Regular
Observações: Escurecimento, alguns fios soltos

MEDIDAS GERAIS

Alt: 107cm
Larg: 79,5cm
Peso: 1156grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 10063
Número de exposição:190

DESCRIÇÃO: Casula com suporte de damasco, de cor verde, com bordados florais e outros registos pontuais de decoração geométrica.

FUNÇÃO: Paramento próprio do sacerdote presidente, usando-o sobre a alva e sob a estola. Tal como em muitos outros casos, são os tempos litúrgicos que definem as aparições entre objectos semelhantes, sendo que os paramentos, de cor verde, que geralmente se usa nos Ofícios e Missas do Tempo Comum, simbolizando a cor das plantas e árvores, prenunciando a esperança da vida eterna.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Estante

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Mobiliário
Categoria: Mobiliário religioso
Subcategoria: Estante de leitura

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos religiosos
Subcategoria: relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja de S. Vicente-Bagueixe
PROVENIÊNCIA: Desconhecida
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Século: XIX
Materiais: Madeira
Técnica: Incisa
Ensamblagem: Encaixa; malhete.
Técnica de superfície: envernizamento.
INSCRIÇÕES: Parcialmente legível; reprodução; Abc
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Deficiente
Insuficiências: Depósito de matéria principalmente nos pés. Xilófagos e destacamento da policromia.
MEDIDAS GERAIS
Alt:46,5cm
Larg:31,2cm
Prof:25cm
Peso:1825grs
REFERÊNCIA
Número de inventário:10124
Número de exposição: 191
DESCRIÇÃO: Estante de leitura flexível com caixa em forma dentada. O espaldar é liso. Os pés são de tipologia rococó com motivos vegetalistas flamejantes.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Custódia-Cálice
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Ourivesaria religiosa

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos religiosos

Subcategoria: relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Igreja de S. Nicolau-Amendoeira

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: XVII (primeira metade)

Materiais: Prata e vidro

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Regular

Insuficiências: Sujidade, amolgadela

MEDIDAS GERAIS

Alt: 49,3cm – cálice: 23,1cm

Larg:20,7cm – cálice 13,3cm

Prof:13,5cm

Peso: 929grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 345

Número de exposição:192

DESCRIÇÃO: Peça em prata cinzelada, fundida e repuxada de secção circular na base, haste, vaso e rectangular no ostensório. Base de perfil composto com aresta a separar os corpos decorados. Primeiro nível decorado com aletas ligadas entre si mas intervaladas, sobre fundo com elementos vegetalistas. O segundo nível, antecedendo o arranque da haste, folhas intercaladas por veio, corpo inciso. Haste suporte inferior é composto por pequenos tambores, anel e urna decorados por querubins incisos e glóbulos espaçados entre si. O topo da urna, donde segue a haste até ao saco é ornado por incisões. O vaso tem superfície lisa e **bravão** saliente no eixo do vaso. A tampa do vaso é na sua superfície composta por ornatos globalizantes com elementos vegetalistas pontuais sobre fundo pontilhado. A tampa é decorada na superfície convexa por ornato grotesco/brutesco e na parte côncava por glóbulos inversos alternando entre superfície lisa e pontilhada. A ligação entre cálice e ostensório é feito por tambor largo de perfil côncavo decorado por óvulos com núcleo pontilhado. O ostensório tem pâmpanos inversos sobre fundo pontilhado. Cruz remata a composição.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Cruz processional

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Ourivesaria religiosa

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos religiosos

Subcategoria: relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Igreja de S. Miguel – Castro Roupal.

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Século: XIX

Materiais: Prata

Técnicas: Repuxado, inciso

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Regular

Observações: Escurecimento, formação de patines

MEDIDAS GERAIS

Alt: 94cm

Larg:44,1cm

Prof:16cm

Peso:4050grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 356

Número de exposição:193

DESCRIÇÃO:

FUNÇÃO: Peça composta por cruz e haste. A planta da cruz é rectangular e de haste circular. A cruz, com auréola raiada, tem eixo longitudinal e as extremidades em coruchéu, revestidos por camadas de folhas, semicilindros e flores. O contorno da cruz

é emoldurada em relevo enquanto a restante superfície é lisa. A figura de Cristo é representada crucificada com três cravos. A haste é formada por dois elementos, o encaixe cilíndrico que se apresenta liso e o castelo que é decorado com motivos distribuídos simetricamente, vigorando folhagem em camadas (flores e folhas indistintas).

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Cruz processional
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Metais
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos religiosos
Subcategoria: relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja de S. Jerónimo – Vale de Prados
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Século: XX
Técnicas: Fundição, martelagem
Materiais: Prata com banho de ouro
Observações:
MARCA DE OURIVES: "idq"
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Bom
MEDIDAS GERAIS,
Alt: 94,5cm

Larg: 44cm
Prof: 15,5cm
Peso:3950grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:390
Número de exposição:194

FUNCIONALIDADE:

À Data: Sem função

DESCRIÇÃO: Cruz processional em prata de planta circular, com haste e castelo de planta em losango e cruz de planta rectangular. Haste de encaixe cilíndrica seguida por castelo de perfil contracurvado com dois querubins laterais sobre o bojo. A decoração do castelo começa e termina por friso de folhas de louro intercalado em médio relevo. Os campos frontais são delimitados por moldura geometrizante terminadas no primeiro segmento do castelo por enrolamentos, entrecortados por festão com óvulo central liso. Existe ligação entre a decoração do segundo segmento, acima destes as laterais do castelo tem fundo pontilhado e como já se referiu tem aplicadas no bojo dois querubins dourados. A cruz é longitudinal, com fundo liso decorada nas terminações dos braços (elementos arquitectónico) por molduras tripartidas elaboradas com querubins no campo central. O fecho da cruz (acanto) no anverso e no verso é dourado, tal como o resplandor de raios com comprimentos desiguais. Jesus crucificado morto é também dourado como o corpo formalmente próximo à estética de finais do quatrocentos, mas com cendal de meados do século XVIII.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Cálice

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja de Santa Catarina de Alexandria; Brinço

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Porto?
Século: XX (início do século?)
Materiais: Prata

INSCRIÇÕES:

Marca de ourives; impercetível.
Marca de contraste: P (Porto?)

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom

MEDIDAS GERAIS

Alt: 27,1cm
Larg: 12,9cm
Prof: 12,9cm
Peso: 475grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1195
Número de exposição:195

FUNCIONALIDADE:

À Data: Sem uso

DESCRIÇÃO: Cálice em prata com base, haste e vaso circulares. A base tem sentido cónico, porém é de perfil composto, com oito campos decorados com dois elementos vegetalistas intercalados dispostos na vertical. A haste é constituída por dois estranguladores de base com anel interposto. O vaso com fundo dourado tem a partir da sua base decoração aplicada em médio relevo até, sensivelmente, meia altura. Esta decoração consiste em elementos vegetalistas entre cartelas. O vão é longo e os bordos são extrovertidos.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Cálice

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Ourivesaria religiosa
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja de S. Nicolau; Amendoeira
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XVI; segunda metade
Materiais: Prata
Outros materiais; Chumbo e ferro.
MOTIVOS DECORATIVOS:
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Regular
Insuficiências; Haste partida e consolidada com chumbo. Base amolgada; Sujidade.
MEDIDAS GERAIS
Alt: 23cm
Larg:13,5cm
Prof: 13,3cm
Peso: 422grs
REFERÊNCIA
Número de inventário:1353
Número de exposição:196
FUNCIONALIDADE:
À Data: Sem uso
DESCRIÇÃO: Cálice de base, haste e vaso de planta circular. Base de perfil concavo, decorada na superfície por glóbulos ou gotas, campos verticais em forma de gota ou glóbulos de fundo pontilhado e co três elementos fitomórficos intercalados (por duas vezes). Entre os glóbulos, também sob fundo pontilhado formas fitomórficas. A haste parte da base através de um tambor e o nó da base tem perfil cónico invertido com ressalto e calota, seguidos por tambores de perfil côncavo.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Turibulo

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Igreja de Santo André, Morais

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século: XVII

Estilo; Barroco, não erudito

Materiais: Prata, ferro e latão

Técnicas: Prata repuxada, parta fundida e soldada

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Mau

Observações: Fogaréu, ferro em corrosão, oxidação. Superfície; depósito de matéria. Interior do opérculo e fogaréu, com fuligem e cinzas

MEDIDAS GERAIS

Alt:17,2cm

Larg:14,7cm

Prof:14,7cm

Peso:1009grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1400

Número de exposição:197

DESCRIÇÃO: Cálice com base de planta circular com pé pouco alto de perfil diagonal sem qualquer elemento decorativo. O fogaréu é de planta circular de perfil semicircular. Campo horizontal contínuo, decorado por folhagem estilizada de folhas de acanto. Sobressaem ao bordo botaréus espaçados entre si cuja função e fixar as correias de suspensão, neste caso, por meio de rebitagem. O opérculo é de planta circular e de perfil semicircular com sobreposição do opérculo semiesférico sobre o fogaréu também semicircular, constitui-se uma esfera quase perfeita não fosse o polo inferior estar embebido na base e o polo superior ser raso e o raio ser reduzido, há continuidade dos elementos de decoração. O poço do elevador dá continuidade ao botaréu e a decoração utilizada na superfície do opérculo é a mesma que foi utilizada no fogaréu, agora com espaços vagados. Remate em argola onde se fixa a correia de elevação central. Os elos da correia são duplos. O guarda mão é de perfil convexo e recorre na decoração a folha estilizada de acanto. No canto da urna foi soldada argola que fixa o anel de suspensão do incensório.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Naveta e colher
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Ourivesaria religiosa
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja de Santo André, Morais
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Origem: Porto
Entidade executora: Correa JJ?
Século: XIX

Técnicas: Prata repuxada, prata fundida., prata incisa, prata soldada.
Materiais:Prata
Marca de Ourives: Colher “Correa J.J.” (verso da pega)
Outras Marcas: “P”; “JMG” (Naveta)

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom
Observações: Depósito de matérias; bordo amolgado; perfil deformado.

MEDIDAS GERAIS

Alt: 19,2cm
Larg: 17,5cm
Prof: 7,8cm
Peso: 395grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1401
Número de exposição:198

DESCRIÇÃO: Turíbulo de planta circular e de perfil diagonal. Com pé raso e liso de perfil vertical. Aresta de plano horizontal a partir do qual está traçado o segundo registo da base. Este segundo registo é de planta circular de perfil em gola, com perfil de gola é demarcado por dois campos horizontais o primeiro dos quais é ornado por folhas de loureiro sobrepostas e intercaladas. O segundo registo é decorado por godrões estriados (em negativo) separados por linha vertical de losangos e, no bojo por pétalas. Haste de planta circular e de perfil de balaústre, dois estrangulados antecedem o nó em globo achatado, coberto por folhas de acanto, seguindo-se novo estrangulamento.
Vaso de planta oblonga e de perfil convexo. A parte inferior da nave e coberta por globados intercalados por lâminas de espada dispostos em sentido vertical sobre um fundo livre.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Turíbulo

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Ourivesaria religiosa

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja de S. Miguel; Talhas

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Porto
Entidade executora: "IFG"?
Século: Finais século XIX
Técnicas: Cunhagem, Prata fundida, Latão fundido.
Materiais: Prata
Marcas de ourives: Porto "IFG"

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom
Especificações: Correia de suspensão, partida no local de ligação com o guarda-mão.
Fogaréu interno; Mau, oxidação.

MEDIDAS GERAIS

Alt: 11cm
Larg: 14,5cm
Peso: 1145grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1404
Número de exposição:199

DESCRIÇÃO: Base de planta triangular com perfil diagonal é constituída por um registo em que se integram dois campos; o superior de textura lisa contracurvada e com uma linha incisa que lhe decora a parte inferior. A parte inferior apresenta-se decorado com motivos vegetalistas (rosas e folhas de acanto estilizadas) e um pequeno friso liso que acompanha toda a parte fundeira. O fogaréu é de planta circular e de perfil diagonal o registo inferior é decorado com friso de folhas de acanto. O segundo registo do fogaréu é de planta circular e de perfil vertical e côncavo. A sua parte superior é composta por dois campos; o inferior de perfil vertical constituiu-se por um friso com seis campos decorados com motivos florais/vegetalistas e são mediados por seis entrecampos com três estrias verticais cada. O Opérculo é de planta circular e de perfil vertical e côncavo. É um registo idêntico ao descrito anteriormente (fogaréu) mas diametralmente oposto na sua disposição; cercado de igual forma com motivos vegetalistas/vegetais num dos campos é liso. O segundo registo do opérculo é de planta circular e de perfil contracurvado e constitui-se por três campos decorados com elementos vegetalistas em fundo vazado. Ao centro apresenta decorações vegetalistas em pequenos escudetes que sustentam uma faixa de fundo estriado e com circunferências encadeadas. Os três

campos intermedeiam-se por três campos constituindo-se pequenas grinaldas de folhas que pendem. O terceiro registo do fogaréu é de planta circular e de perfil contracurvado, constitui-se por dois registos ambos decorados co folhas de louro, embora o superior com folhas de maior dimensão. Em ambos os casos se apresentam incisos os veios. O quarto registo é de planta circular e de perfil contracurvado, regista-se um estrangulamento que sustenta um pequeno rebento vegetalista como remate da peça de onde parte, por encadeamento o elevador.

Fogaréu interno á de planta circular e de perfil vertical e curvado na base. É em ferto com asa também em ferro.

FUNÇÃO: Liturgia

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Custódia/Ostensório

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Igreja de São Paulo, Meles

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século: Transição XVIII/XIX

Materiais: Prata, vidro e outros metais.

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável

Observações: Algumas fracturas ao nível da base e alguns raios do resplendor encontram-se soltos.

MEDIDAS GERAIS

Alt:57,7cm
Larg:23,5cm
Profundidade: 14,5cm
Peso:1915 grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:1526
Número de exposição:200

DESCRIÇÃO: Custódia em prata composta por três segmentos. Base, haste e hostiário. A Base tem planta em losango, quatro pés, sendo que os das ilhargas terminam em enrolamentos assentes numa base de perfil recto. Os pés frontais terminam em folhas de acanto- O perfil da base é contracurvado. Querubins estão presentes nos campos, entre cartelas rocailles e no perfil da base. Ainda na base acima da cimalha que serve de entablamento à composição estende-se e elevou-se a base. Os campos são decorados por motivos florais. A haste tem perfil complexo contracurvado por si só, e os campos são decorados por motivos vegetalistas e florais.

O hostiário tem resplendor com raios de diferentes tamanhos. A moldura da luneta é decorada por motivos diversos onde se distingue querubins, flores e uvas. A luneta é de prata com banho de ouro. O hostiário encaixa na haste por espigão. Alma é preenchida a madeira.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Custódia/Ostensório

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Ourivesaria religiosa.

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja de Nossa Senhora da Assunção; Castelãos

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora:
Século: XX primeira metade?
Materiais: cobre, prata e vidro

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Regular

MEDIDAS GERAIS

Alt: 45,4cm
Larg: 22,6cm
Prof: 13,7cm
Peso: 1608grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1613
Número de exposição:201

DESCRIÇÃO: Custódia em cobre e prata, constituída por base, haste e luneta. A base tem planta circular com perfil composto e lisa. A haste apresenta nó periforme, arranca sobre tambor até ao nó da haste onde o cobre dá lugar à prata, assim se mantendo até ao fim da peça. A haste termina com remate com dois querubins, começando o hostiário de recorte circular, envolvido por raios desiguais. A moldura que envolve a luneta tem baixos-relevos com nuvens e querubins. O remate da custódia é feito por cruz trilobada sobre querubins e alto-relevo.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Píxide

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Ourivesaria religiosa

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Igreja de São Paulo; Meles

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século:XVII/XIX?

Estilo: Neoclássico

Marcas: “SP”

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom

MEDIDAS GERAIS

Alt:20cm

Larg: 9,5cm

Prof: 9,5cm

Peso: 250grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1650

Número de exposição:202

DESCRIÇÃO: Píxide com base circular decorada. Pé em balaústre. O corpo da píxide é largo com o interior dourado. Tampa larga que vai afunilando. Termina com uma cruz latina.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Píxide

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Igreja de Nossa Senhora dos Reis; Lamalonga

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século: XIX?

Materiais; prata

Marcas de ourives; "D.C"

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom

MEDIDAS GERAIS

Alt: 17cm

Larg 5cm

Peso: 276grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1739

Número de exposição:203

FUNÇÃO: Não tem função litúrgica

DESCRIÇÃO: Píxide com base em cálice invertido com pé em balaústre e corpo abaulado com tampo ondulado com dois níveis.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Naveta e colher de incenso

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Ourivesaria religiosa

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Capela de Santo Estevão; Nogueirinha

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XIX/XX
Materiais: Liga de cobre (naveta)

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Regular
Insuficiências: amolgadelas e sujidade na tampa

MEDIDAS GERAIS

Alt:10,6cm
Larg: 11,6cm
Prof: 8,4cm
Peso:173grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1882/1883
Número de exposição:204

DESCRIÇÃO: Naveta com base e haste de secção circular e raso de secção oval. O perfil da base é composto, convexo. O pé é enrodilhado. A haste demarca-se da base por aresta suave, a haste liga ao veio por parafuso e rosca interna. O vaso não tem qualquer decoração, é lisa. O perfil do topo na popa e na proa é idêntico. O convés é em calota com remate circular de perfil composto. A colher é em prata com cabo de ouro. A tampa de topo abre por sistema de charneira.

DENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Turíbulo

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Ourivesaria religiosa

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Capela de Santo Estevão, Nogueirinha

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: XIX/XX

Materiais: Cobre

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Deficiente

Insuficiências: Base, fogaréu, opérculo; amolgados, sujidade/fuligem.

MEDIDAS GERAIS

Alt: 23cm

Larg: 12cm

Profundidade: 12cm

Peso: 545grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1884

Número de exposição:205

DESCRIÇÃO: Turíbulo com base, haste, fogaréu e opérculo de secção circular: o perfil da base é composto, convexo, com pé enrodilhado para o exterior. A haste é de perfil côncavo a 2/4 tem continuidade com a base, definidos por aresta. O fogaréu é semioval e termina com bordo saliente e côncavo. A correia de suspensão prende em ressaltos recortados. O opérculo é também semioval é vasado por pequenos círculos não formando qualquer padrão, termina com argola, onde prende a correia de elevação. O guarda mão é elaborado em patamares definidos por arestas e é rebitado nas argolas.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Naveta

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: escultura

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja de S. Lourenço, Salselas

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XVIII
Técnicas: Fundição; cinzelado.
Materiais: Latão.
Marcas: Incisões envolventes com técnica cinzelada

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom
Observações: Oxidado/patinado

MEDIDAS GERAIS

Alt:14,1cm
Larg: 16,5cm
Peso: 715grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 2040
Número de exposição:206

DESCRIÇÃO: Naveta com base de planta circular de perfil recto, com cinco níveis de apreciação todos de planta circular. Haste de planta circular de perfil contracurvado com três anéis. O vaso de perfil convexo tem a forma de barco. A tampa abre até meio apenas de um lado e é contracurvado.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Turíbulo

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Ourivesaria religiosa

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Igreja de S. Lourenço, Salselas

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século: XVIII?

Materiais: Liga de cobre

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Deficiente

Especificações: A base encontra-se desnivelada do corpo. Apresenta riscos e amolgadelas em todo o turíbulo principalmente no fogaréu. As correias possuem anéis substituídos.

MEDIDAS GERAIS

Alt:21,7cm

Larg:11cm

Prof:11cm

Peso:570grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:2046

Número de exposição:207

DESCRIÇÃO: Turíbulo com base de planta circular e de perfil contracurvado, a sua descrição possui quatro níveis de apreciação. Os primeiros três níveis estão separados por patamares sem decoração. Do terceiro nível para o quarto e divisão é feita por duas linhas incisas paralelas que rodeiam a planta, o último nível afunila para suportar o fogaréu. O fogaréu é de planta circular e de perfil hemisfério e recto. Possui dois níveis de apreciação. O arranque é hemisférico e o segundo nível é já recto e ultrapassa em diâmetro o nível inferior. Não possui decoração. No bordo do fogaréu estão salientes os três aros onde se fixam as cadeias de sustentação do turíbulo. O opérculo é de planta circular e de perfil contracurvado. Possui quatro níveis de apreciação na sua descrição. O primeiro nível, convexo, alternam vazamentos rectângulos, verticais e círculos. O segundo nível, também convexo é de menor diâmetro, possui vazamentos verticais e

paralelos em rectângulos cujas pontas terminam em círculos que ultrapassam a largura dos vazamentos rectângulares. O terceiro nível possui vazamentos circulares. O último nível possui uma campânula com remate em argola onde está fixada a cadeia central elevatória do opérculo. O arranque da campânula possui pequenos vazamentos circulares em dois níveis diferentes, o bordo possui três aros que são justapostos aos do fogaréu. O fecho das correias e correias são de planta circular, de perfil recto (leve elevação ao centro). O fecho suspende três correias tendo uma quarta que passa pelo vazamento circular ao centro da planta e que serve como elevatória do opérculo. O lado do fecho é decorado com uma incisão inferior e uma ligeira convexidade ao centro. Na face superior a decoração consiste num ligeiro abaixamento da face em relação ao bordo. Num segundo nível circular ao centro com duas incisões paralelas e circulares interrompidas por um vazamento circular. Ao redor do vazamento central existe outra incisão circular mais larga e que marca outro aumento de nível. As correias são compostas por diversos anéis duplos e a correia de elevação termina numa maior grossura e diâmetro.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Salva de comunhão

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Santa Colomba de Sens de Chacim; Convento da Congregação dos Marianos da Imaculada Conceição

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século: XX?
Materiais: Liga de cobre e madeira
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Bom
MEDIDAS GERAIS
Diâmetro: 17,5cm
Cumprimento (diâmetro + cabo): 39cm
Peso: 275 grs
REFERÊNCIA
Número de inventário: 8835
Número de exposição:208
DESCRIÇÃO: Salva de comunhão com 17,5cm de diâmetro em liga de cobre, dourada, encabada em cabo de madeira.
FUNÇÃO: Salva utilizada durante a distribuição da comunhão aos fiéis para recolher eventuais partículas. Feita em prata ou noutro metal, pelo menos o anverso deve ser dourado. De forma oval, rectangular ou em crescente lunar, pode apresentar um cabo ou uma pega.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual**:** Baldaquino portátil
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: ourivesaria religiosa.
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja de Santa Catarina de Alexandria, Peredo
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Norte?
Século: XIX
Marca de Ourives:

Materiais: Madeira, veludo/damasco

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom

MEDIDAS GERAIS

Altura:37cm

Larg: 25cm

Peso: 1525grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 8660

Número de exposição:209

DESCRIÇÃO: Baldaquino portátil, fechado tem o aspecto de um livro, forrado a veludo vermelho e com "folhos" dourados. Quando se abre transforma-se em expositor do Santíssimo com baldaquino. É forrado interiormente a damasco com passamanaria dourada.

FUNÇÃO: Quando se dava a comunhão aos enfermos em casa lavava-se o expositor do Santíssimo portátil

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Nossa Senhora das Dores

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plástica

Subcategoria: Escultura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Paróquia de Brinço

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: XVIII

Técnicas: Talhe em vulto pleno: Dourado e Policromia

Materiais: Madeira

Cores predominantes: Dourado, beije marmoreado e azul

Carnações: Mãos e rosto.

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável

MEDIDAS GERAIS

Alt: 88,5cm
Larg: 36cm
Prof: 25cm
Peso:11.700grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1192

Número de exposição: 124

FUNCIONALIDADE:

À Data: Cultual

DESCRIÇÃO

Imagem de vulto pleno, com assentamento em peanha, com postura em pé, cabeça erguida virada para o lado esquerdo, com o tronco em torção para o lado direito. A postura dos membros superiores, o braço direito está separado do tronco, um pouco abaixo do nível da cinta, com a palma de mão semi virada para cima, O braço esquerdo apresenta-se com a mão junto ao peito. Os membros inferiores apresentam-se em andamento, com a perna direita ligeiramente fletida. Como atributos apresenta 7 espadas cravadas no coração. Veste túnica, manto e véu.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Nossa Senhora do Rosário com o menino

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plástica

Subcategoria: Escultura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: São Nicolau de Bari – Amendoeira/Gradissímo

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Século: Século XVII - Finais
Técnicas: Talhe em vulto pleno: Policromia e dourado
Materiais: Madeira

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: razoável

MEDIDAS GERAIS

Alt:88,5cm
Larg:42,3cm
Prof:28,5cm
Peso:15,550grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 6.000
Número de exposição:131

FUNCIONALIDADE:

À Data: ao culto

DESCRIÇÃO

Senhora com o Menino desnudo. Na mão esquerda segura um globo e na mão direita um cacho de cabelo da Senhora. Cabelo e os caracóis aloirados sem expressividade. Rosto sereno, cabelos caídos, orelhas visíveis e expressão serena. Vestido de pregueados longitudinais, manto ligeiramente encorpado nas tradicionais cores vermelho e azul de orlas douradas; figura sustentada por nuvens com 3 querubins (o do lado direito com cabelos mais escuros) rostos sem expressividade. Base com decoração florística.
Costas: longos cabelos em cachos de caracóis, pelas costas, manto pelo meio das costas, forro interior à vista

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Bispo não identificado – S. Brás?

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plásticas

Subcategoria: Escultura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Arcas

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: XVIII

Técnicas: Talhe em vulto pleno: Estofado, policromado e dourado.

Materiais: Madeira

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Mau

MEDIDAS GERAIS

Alt: 48cm

Larg: 15cm

Prof: 16cm

Peso:3.600grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:9012

Número de exposição: 132

FUNCIONALIDADE:

À Data: ao culto

DESCRIÇÃO:

O Santo enverga hábito eclesiástico com mitra de Bispo, rosto de traços finos, com olhos de vidros encastrados. Colocado em peanha.

ICONOGRAFIA: Santo de origem arménia. Foi bispo de Sebaste (arménia). Iconograficamente apresenta-se com vestes episcopais, usando mitra, embora fosse bispo da Igreja Oriental e tem como atributo as cardas de ferro com que foi martirizado, dois círios entrecruzados. Em Espanha apresenta a mão sobre a garganta.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Santo Estevão
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes Plásticas
Subcategoria: Escultura
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Podence
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Século: XVII/XVIII?
Técnicas: Talhe em vulto pleno: Policromia
Materiais: Madeira
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Razoável
MEDIDAS GERAIS
Alt: 67,5cm
Larg: 21,5cm
Prof: 22,5cm
Peso:6.500grs
REFERÊNCIA
Número de inventário:823
Número de exposição:145
FUNCIONALIDADE:
À Data:
DESCRIÇÃO: Imagem em postura geral de pé, com cabeça e tronco retos. Os membros superiores, apresentam os braços paralelos ao corpo e os antebraços num angulo de 90º. Veste uma dalmática bordeaux, sendo outras cores predominantes, o branco, preto e o verde. Na sua mão esquerda pousa uma pedra.
ICONOGRAFIA: Santo Estevão é ordenado diácono pelos doze apóstolos. É padroeiro dos cavalos, dos cocheiros e dos palafreneiros. Tem como atributo as pedras do seu

suplício, apresentando por vezes outros atributos a palma do martírio e o Livro dos Evangelhos.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: São Miguel (arcanjo)?
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes Plásticas
Subcategoria: Escultura
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Podence
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Século: XVIII?
Técnicas: Talhe em vulto pleno: Estofado e com Policromia
Materiais: Madeira
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Mau
MEDIDAS GERAIS
Alt: 45cm
Larg: 31,5cm
Prof : 14cm
Peso:2.670grs
REFERÊNCIA
Número de inventário:847
Número de exposição:146
FUNCIONALIDADE:
À Data: Ao culto

DESCRIÇÃO: Escultura de vulto de pequenas dimensões. Revela algum cuidado no tratamento das vestes, cabelo e rosto, contudo mãos, pernas e pés denotam um artista com dificuldades na representação anatómica. São Miguel Arcanjo apresenta-se com uma túnica curta. Asas partidas e não mão direita segura uma palma de martírio, contudo julga-se que inicialmente trazia a lança levantada na mão esquerda?

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Santo António de Lisboa
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes Plásticas
Subcategoria: Escultura
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Vale de Prados
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Século: XVIII
Técnicas: Talhe em vulto pleno: Policromia
Materiais: Madeira
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Mau
Observações: apresenta muitos destacamentos
Ao nível do hábito. Peça repintada a tinta plástica.
MEDIDAS GERAIS
Alt: 64,5cm
Larg: 29cm
Prof: 24cm
Peso:7.450grs
REFERÊNCIA
Número de inventário:8739
Número de exposição:148
FUNCIONALIDADE:

À Data: Devocional/Processional

DESCRIÇÃO: Santo António de Lisboa apresenta como atributos, vestes franciscanas, livro, menino e cruz. Postura em pé, cabeça levantada, tronco levemente inclinado para o lado esquerdo, braço direito com a mão virada para o interior, que segura a cruz. O braço esquerdo tem a mão em concha virada para cima onde segura o livro do mundo, onde se senta o menino. Cores predominantes; a base apresenta em roxo e verde, Túnica em azul e habito em castanho com a sua orla e cordões em dourado

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Santo António

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plásticas

Subcategoria: Escultura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Cortiços, lugar de Cernadela

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: XVIII (primeira metade)

Técnicas: Talhe em vulto pleno: Policromia

Materiais: Madeira

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Mau

Observações: Destaques acentuados, quebra de dedos na mão direita

MEDIDAS GERAIS

Alt:90,5cm

Larg:52,5

Prof:32,5

Peso:18.400grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:1632

Número de exposição:151

FUNCIONALIDADE:

À Data: cultual

DESCRIÇÃO: Escultura de vulto pleno, em madeira, dourada, policromada e estofada. O estofado tem motivos florais e cobre a superfície do hábito à excepção da fimbria ocupada com motivos geométricos. Tem resplendor (século XIX), resplendor de estanho com flores e baixo-relevo, embutidos de pedra (de vidro) no centro. As vestes acompanham em conexão o movimento do corpo. O livro aberto na mão esquerda indica que o santo prega segundo a orientação de Jesus (menino).

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: São Paio ou Pelágio?

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plásticas

Subcategoria: Escultura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Castelãos

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: XVII (1ª parte)

Técnicas: Talhe em vulto pleno: dourados, vestigiais e Policromia

Materiais: Madeira

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Mau

MEDIDAS GERAIS

Alt: 49cm

Larg: 25cm

Prof: 21cm

Peso:5.000gs

REFERÊNCIA

Número de inventário:1850

Número de exposição:152

FUNCIONALIDADE:

À Data: Sem funcionalidade

DESCRIÇÃO: Numa postura de pé com a cabeça ligeiramente inclinada para o lado esquerdo e virada para o lado direito, o tronco também se apresenta ligeiramente inclinado para o lado esquerdo. O braço direito em angulo com a palma da mão virada para cima onde assenta o livro, o braço esquerdo também em posição angulosa, a mão também virada para cima com o polegar a segurar o livro. Apresenta veste de diácono. Tem embasamento hexagonal.

HISTÓRIA: Paio ou Plágio. Mártir, natural de Tui, viveu no século X.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: São Caetano?

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plásticas

Subcategoria: Escultura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Salselas. Localidade; Limãos

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: XVII

Técnicas: Talhe em vulto pleno: Policromia

Materiais: Madeira

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Estado deficiente.

Observações: policromia quase inexistente.

MEDIDAS GERAIS

Alt: 50cm

Larg: 20cm

Prof: 15,5cm

Peso:4.250grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:2336
Número de exposição:154
FUNCIONALIDADE:
À Data: Cultual/Devocional
DESCRIÇÃO: São Caetano apresenta-se como diácono, de pé, de idade adulta, com barba, com e cabelo a meia altura. Sustem uma almofada à frente à altura do tronco, com a representação do menino deitado. Apresenta as suas mãos por baixo da almofada, com dedos grossos, unidos, exceptuando os polegares e carrega o menino sobre a almofada. PO menino está deitado com a mão direita sobre a barriga. O cabelo do menino é estriado com raiamentos de ondulação e o seu corpo robusto, contrastando com traço singelo e cuidado do rosto do santo. Os drapeados da indumentária são dados em volumes ondulados e rígidos, mais soltos nas extremidades do manto, onde o ondulado deixa antever os sapatos do santo.
HISTÓRIA: Caetano nasceu a 8 de Agosto em 1480, ordenou-se sacerdote em 1516. É um dos fundadores da Congregação dos Clérigos regulares, em Roma. Morre em Nápoles em 1457. Representa-se vestindo de teatino, sotaina negra e meias brancas. Os atributos são a flor-de-lis, ou um coração alado. A Virgem ou S. José entregam-lhe o Menino Jesus que ele recebe nos braços.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: São Caetano
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes Plásticas
Subcategoria: Escultura
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Vale da Porca, localidade, extinta Banreses
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Século: XVII/ XVIII?
Técnicas: Talhe em vulto pleno: Policromia

Materiais: Madeira

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável.

Observações: Intervenção ao nível da fixação dos destacamentos

MEDIDAS GERAIS

Alt: 41,5cm
Larg: 19,6cm
Prof: 17,4cm
Peso:3.200grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:5518

Número de exposição:170

FUNCIONALIDADE:

À Data: Não está ao culto

DESCRIÇÃO: Escultura de cariz popular, com semelhanças a outra imaginária existente em Vale da Porca; S. Bartolomeu, S. Bernardino, S. Sebastião. Enverga hábito preto com sobrepeliz branco com uma estola vermelha. Na mão direita segura o livro do mundo. Tem tonsura.

HISTÓRIA: HISTÓRIA: Caetano nasceu a 8 de Agosto em 1480, ordenou-se sacerdote em 1516. É um dos fundadores da Congregação dos Clérigos regulares, em Roma. Morre em Nápoles em 1457. Representa-se vestindo de teatino, sotaina negra e meias brancas. Os atributos são a flor-de-lis, ou um coração alado. A Virgem ou S. José entregam-lhe o Menino Jesus que ele recebe nos braços.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: São Martinho de Tours?

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plásticas
Subcategoria: Escultura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Lagoa

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Regional?
Entidade executora: desconhecida
Século: XVI
Técnicas: Pintura
Materiais: Madeira

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Mau
Observações: Entalhada, são visíveis vestígios de tinta e preparação

MEDIDAS GERAIS

Alt: 53cm
Larg: 28,6cm
Prof: 14,6cm
Peso:6.395grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:3948
Número de exposição:174

FUNCIONALIDADE:

À Data: Sem função

DESCRIÇÃO: Imagem vestida com túnica comprida ao modo romano e capa aos ombros, presa com aba ao centro e galões aos ombros. A figura está representada de pé com a perna direita ligeiramente flectida.

HISTÓRIA: Martinho de Tours provavelmente nascido a 11 de Novembro, talvez em 317 em Panónia (Hungria), terá morrido no ano de 397. Apóstolo das Gálias. A princípio soldado. Começa a careira eclesiástica ao lado do bispo de Poitiers, Stº Hilário. Funda o Convento de Ligugé, mais tarde é eleito bispo de Tours. Iconograficamente, tanto nos surge como um legionário romano, ou como um bispo com mitra e báculo, também como atributo aparece por vezes com gansos

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: São Miguel (arcanjo)

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plástica

Subcategoria: Pintura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Chacim, Museu Mariano do Convento de Balsemão

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século: XVII

Técnicas: Pintura de cavalete

Materiais: Óleo sobre Tela

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Aceitável

Observações: Sem vestígios de humidade

MEDIDAS GERAIS

Alt: 99cm, com moldura; 89 sem moldura

Larg:69 cm com moldura; 57 sem moldura

Espessura: 4 cm

REFERÊNCIA

Número de inventário: 8585

Número de exposição: 85

FUNCIONALIDADE:

À Data: Museu Mariano do Convento de Balsemão

DESCRIÇÃO: Arcanjo Miguel domina o demónio com os pés e com a corrente, ao mesmo tempo que empunha a espada que irá desferir o golpe sobre o demónio. Nesta representação apresenta vestes de guerreiro rico com manto vermelho. O diabo apresenta-se vestido de amarelo.

HISTÓRIA: Príncipe das milícias celestes, que terá vencido os Anjos rebeldes no princípio dos tempos. Apresenta-se armado, com lança ou espada. Tem nas mãos uma balança, onde pesa as almas, avaliando, deste modo, se são dignas de entrara no reino dos céus. Apresenta-se normalmente de pé, raramente sobre um cavalo branco.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: São Gabriel (arcanjo)

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plástica

Subcategoria: Pintura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Chacim, Museu Mariano do Convento de Balsemão

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século: XVIII

Técnicas: Pintura de cavalete

Materiais: Óleo sobre Tela

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Aceitável

MEDIDAS GERAIS

Alt: 99cm, com moldura; 89 sem moldura

Larg:69 cm com moldura; 57 sem moldura
Espessura: 4 cm

REFERÊNCIA

Número de inventário: 8594

Número de exposição:133

FUNCIONALIDADE:

À Data: Museu Mariano do Convento de Balsemão

DESCRIÇÃO: O Arcanjo Gabriel, apresenta-se com túnica verde com uma espécie de mantelete roxa e cinto verde, cobertos com manto amarelo sobre os ombros. Apresenta um filactério com os dizeres "AVÉ MARIA", enquanto a mão esquerda segura a túnica a direita, em posição de dádiva, segura uma ramo de malmequeres. As pernas estão ligeiramente genoflexadas sobressaindo a ponta do pé direito. (in TAVARES, Jorge, Dicionário dos Santos)

HISTÓRIA: Gabriel é o Arcanjo da Anunciação a Maria, normalmente apresenta veste túnica branca ou, ricas vestes litúrgicas e usa um bastão com um pomo arredondado (característico dos mensageiros). Os seus atributos são uma lanterna acesa e um espelho de jaspe verde onde escreve as ordens de Deus. Tem por vezes um filactério dizendo "Avé Maria, Gratia Plena". E ainda usa por vezes, em vez do bastão, um ceptro, uma flor-de-lis ou um ramo de Oliveira. Terá anunciado ao sacerdote Zebedeu o nascimento do seu filho S. João Batista.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: São Rafael (arcanjo)

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plástica

Subcategoria: Pintura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Chacim, Museu Mariano do Convento de Balsemão

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XVIII
Técnicas: Pintura de cavalete
Materiais: Óleo sobre Tela

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Aceitável

MEDIDAS GERAIS

Alt:75cm com moldura, 68,5 sem moldura
Larg:59,3cm com moldura, 51 sem moldura
Espessura: 5cm

REFERÊNCIA

Número de inventário: 8564
Número de exposição:134

FUNCIONALIDADE:

À Data: Peça pertencente ao museu do convento dos marianos de Balsemão

DESCRIÇÃO: Arcanjo Rafael em primeiro plano, enquanto em segundo plano um jovem apanha o arminho para o Frei Casimiro Wyszynski para Balsamão. Na indumentária o arcanjo apresenta túnica branca com uma vermelha por cima. Com sandálias atada na perna. Empunha na mão esquerda um cajado. Motivos Decorativos; 4 pedras triangulares que prenunciam as vestes do arcanjo.

HISTÓRIA: Arcanjo mentor e companheiro do jovem Tobias. Usa indumentária de peregrino e bordão, cabaça e bolsa. Como atributo, tem o peixe que fez pescar ao jovem Tobias e o vaso do unguento usado para curar a cegueira do velho Tobias.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Capa de Asperges

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Têxteis

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Paramentos Religiosos
Subcategoria: Veste Litúrgicas exteriores

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Ala

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Século: XIX?
Técnicas: Costura à mão, Franja
Materiais: Seda Damasco, Veludo

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável

MEDIDAS GERAIS

Alt:203cm
Larg:130cm
Peso:2.000grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:8639
Número de exposição:122

DESCRIÇÃO: O paramento de forma semicircular. O corpo da peça é trabalhado em seda de damasco. Os sebastos são igualmente trabalhados a seda de damasco. O firmal é composto pelo mesmo padrão e pelo mesmo material de base. Capuz em seda de damasco e rematado com franjas.

FUNÇÃO: Peça também designada por "capa pluvial", "pluvial" "capa de bênção" ou "casula processionária". Esta diversidade de nomes está relacionada com os momentos em que é usada. Assim, diz-se "capa de asperges" porque o seu uso coincide com a acção de aspergir água benta, "capa de bênção" porque é vestida durante a celebração das Bênçãos com o Santíssimo Sacramento e "Casula processionária" porque só é vista durante as procissões. Para além destas ocasiões é usada ainda na celebração da Liturgia das Horas e em todos os sacramentos fora da missa. A capa de asperges desenvolveu-se a partir da "capa romana" ou "paenula", esta usada como resguardo do frio e da chuva. Porém, hoje a sua função é sobretudo simbólica, pois até o capuz primitivo foi sendo reduzido até se tornar num escudete, mas no caso de ter figurações religiosas transcende o simbolismo e torna-se igualmente num objecto de devoção e de pedagogia. Para maior solenidade, os diáconos levantam as pontas do pluvial durante a procissão, criando um efeito de notável beleza. É usado sobre alva, ou sobrepeliz, ou roquete, ou sobre vestes corais e, em qualquer um dos casos, sempre com estola e

durante a bênção com o Santíssimo Sacramento é o único momento em que é coberto por “véu-de-ombros” ou “véu umeral”. O uso da capa de asperges, para além de estar reservado a apenas algumas celebrações, é também condicionado pelas cores litúrgicas do momento (branco, preto, roxo, verde, vermelho e festivo), com uma excepção, a cor branca. Neste caso, a cor roxa, logo só pode ser usado nas celebrações supracitadas caso tenham ocorrido durante o Tempo do Advento e da Quaresma.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Casula e estola
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Têxteis
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Paramentos Religiosos
Subcategoria: Veste Litúrgicas exteriores
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Santa Combinha
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Século: XVII
Técnicas: Costura à mão,
Materiais: Seda e linho
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Mau
MEDIDAS GERAIS
Alt:108cm
Larg:81cm
Peso:958grs
REFERÊNCIA
Número de inventário:2630

Número de exposição:147

DESCRIÇÃO: Casula com suporte em negro com sebastos a branco, sendo o suporte a seda damasco e sebastos e forro linho.

FUNÇÃO: Paramento próprio do sacerdote presidente, usando-o sobre a alva e sob a estola. Tal como em muitos outros casos, são os tempos litúrgicos que definem as aparições entre objectos semelhantes, sendo que os paramentos, de cor vermelha, adequam-se ao Tempo da Paixão, festa dos Apóstolos, Evangelistas. No caso presente, a peça apresenta-se em cor preta, indicativo da sua funções relacionar-se com cerimónias fúnebres.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Capa de Asperges

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Têxteis

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Paramentos Religiosos

Subcategoria: Veste Litúrgicas exteriores

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia/Freguesia: Vale da Porca

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: XIX?

Técnicas: damasco bordado a fio dourado

Materiais: Seda adamascada; fio dourado

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: deficiente

Observações: alguns rasgos, desgaste e marca de cabide

MEDIDAS GERAIS

Alt:134cm

Larg:197cm
Peso:2.400grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:6004
Número de exposição:167

DESCRIÇÃO: Capa de asperge fimbriada totalmente a dourados e decorada com motivos florais também a fio dourado. O firmal da capa é feito com argolas douradas que encaixam em alfinetes. Nas costas sobressi o galão com passamanaria a fios dourados.

FUNÇÃO: Peça também designada por "capa pluvial", "pluvial" "capa de bênção" ou "casula processionária". Esta diversidade de nomes está relacionada com os momentos em que é usada. Assim, diz-se "capa de asperges" porque o seu uso coincide com a acção de aspergir água benta, "capa de bênção" porque é vestida durante a celebração das Bênçãos com o Santíssimo Sacramento e "Casula processionária" porque só é vista durante as procissões. Para além destas ocasiões é usada ainda na celebração da Liturgia das Horas e em todos os sacramentos fora da missa. A capa de asperges desenvolveu-se a partir da "capa romana" ou "paenula", esta usada como resguardo do frio e da chuva. Porém, hoje a sua função é sobretudo simbólica, pois até o capuz primitivo foi sendo reduzido até se tornar num escudete, mas no caso de ter figurações religiosas transcende o simbolismo e torna-se igualmente num objecto de devoção e de pedagogia. Para maior solenidade, os diáconos levantam as pontas do pluvial durante a procissão, criando um efeito de notável beleza. É usado sobre alva, ou sobrepeliz, ou roquete, ou sobre vestes corais e, em qualquer um dos casos, sempre com estola e durante a bênção com o Santíssimo Sacramento é o único momento em que é coberto por "véu-de-ombros" ou "véu umeral". O uso da capa de asperges, para além de estar reservado a apenas algumas celebrações, é também condicionado pelas cores litúrgicas do momento (branco, preto, roxo, verde, vermelho e festivo), com uma excepção, a cor branca. Neste caso, a cor roxa, logo só pode ser usado nas celebrações supracitadas caso tenham ocorrido durante o Tempo do Advento e da Quaresma.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Dalmática

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Têxteis

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Paramentos Religiosos

Subcategoria: Veste Litúrgicas exteriores

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Vale da Porca

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: XIX

Técnicas: Damasco bordado a fio dourado

Materiais: Seda, fio dourado (laminado)

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Regular

Observações: fios soltos, humidade, rasgos.

MEDIDAS GERAIS

Alt: 106,4cm

Larg: 121,5cm

Peso: 1.559grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:6010

Número de exposição:168

DESCRIÇÃO: Dalmática em Damasco com forro em material indeterminado, podendo ser de cânhamo ou linho. A base é bordada com motivos florais vários. As fimbrias e sebastos são debroados por passamanaria de fio metálico dourado. Tendo em conta a cor branca e a ornamentação, esta peça, era utilizada nas celebrações de Nossa Senhora. As representações simbólicas florais estão intimamente ligadas ao ciclo Mariano e às suas festividades, salientando desta forma a pureza angelical de Nossa Senhora

FUNÇÃO: Veste exterior usada pelos diáconos nas celebrações litúrgicas. A cor adequa-se ao Tempo Pascal e Natal, bem como à liturgia das Horas e celebrações de Nossa Senhora, dos Anjos e Santos (não mártires) entre outras.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Capa de Asperges

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Têxteis

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Paramentos Religiosos

Subcategoria: Veste Litúrgicas exteriores

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Vinhas

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: XVIII/XIX (1790/1810)

Técnicas: Damasco bordado a fio dourado

Materiais: Base Seda, forro em linho

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Mau

Observações: Bordado deficiente. Aplicação de remendos

MEDIDAS GERAIS

Alt: 120cm

Larg: 172cm

Prof: 2.616grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:9989

Número de exposição:171

DESCRIÇÃO:

Peça em seda cores rosa e amarelo, com padrão vegetalista estampado em negativo, tanto a presilha como o sebasto. Campo, sebastos e orla são delimitados por aplicação em seda carmim. O forro é em linho de trama grossa. O capuz tem por orla passamanaria carmim e branca, o firmal é suspenso por passamanaria carmim e amarela.

FUNÇÃO: Peça também designada por “capa pluvial”, “pluvial” “capa de bênção” ou “casula processionária”. Esta diversidade de nomes está relacionada com os momentos em que é usada. Assim, diz-se “capa de asperges” porque o seu uso coincide com a acção de aspergir água benta, “capa de bênção” porque é vestida durante a celebração das Bênçãos com o Santíssimo Sacramento e “Casula processionária” porque só é vista durante as procissões. Para além destas ocasiões é usada ainda na celebração da Liturgia das Horas e em todos os sacramentos fora da missa. A capa de asperges desenvolveu-se a partir da “capa romana” ou “paenula”, esta usada como resguardo do frio e da chuva. Porém, hoje a sua função é sobretudo simbólica, pois até o capuz primitivo foi sendo reduzido até se tornar num escudete, mas no caso de ter figurações religiosas transcende o simbolismo e torna-se igualmente num objecto de devoção e de

pedagogia. Para maior solenidade, os diáconos levantam as pontas do pluvial durante a procissão, criando um efeito de notável beleza. É usado sobre alva, ou sobrepeliz, ou roquete, ou sobre vestes corais e, em qualquer um dos casos, sempre com estola e durante a bênção com o Santíssimo Sacramento é o único momento em que é coberto por "véu-de-ombros" ou "véu umeral". O uso da capa de asperges, para além de estar reservado a apenas algumas celebrações, é também condicionado pelas cores litúrgicas do momento (branco, preto, roxo, verde, vermelho e festivo), com uma excepção, a cor branca. Neste caso, a cor roxa, logo só pode ser usado nas celebrações supracitadas caso tenham ocorrido durante o Tempo do Advento e da Quaresma.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Cálice
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Metais
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos religiosos
Subcategoria: relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Ala
MARCAS/INSCRIÇÕES
Marca/inscrição: Marca de ourives [IAG]
Marca de contraste: [G]
Localização: Base, pé
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Século: XIX/XX (transição)
Materiais: Prata
CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom

MEDIDAS GERAIS

Alt: 29,4cm
Larg: 14cm
Prof: 14cm
Peso:550grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 2761
Número de exposição: 121

DESCRIÇÃO: Cálice de planta circular, composto por base, haste e vaso. A Base é contracurvada com decoração de folhas estilizadas. Haste contracurvada com anéis côncavos e pera invertida, seguindo-se o vaso com decoração a ¾ da altura e em médio relevo, contrastando com o fundo a prata dourada, com bordo exterior.

HISTÓRIA: Beber do cálice teve, desde a antiguidade, além da acepção comum, um sentido simbólico: o cálice da dor ou da amargura. A primeira geração de cristãos, logo a partir da última ceia, sempre expressou um grande apreço pelo cálice utilizado para comungar com o sangue de Cristo. Não é de estranhar, portanto, que o cálice eucarístico seja o vaso sagrado por excelência."In Aldazábal, José, Dicionário de Liturgia"

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Ostensório - Cálice

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos religiosos
Subcategoria: relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Brinço

MARCAS/INSCRIÇÕES

Marca/inscrição: Marca de ourives [H]
Marca de contraste: [D]
Localização: Base, pé

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Século: XVII (segunda metade)
Materiais: Prata e vidro

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom
Observações: Vestígios de policromia (dourado no cristo triunfante)

MEDIDAS GERAIS - hostiário

Alt: 40,5cm
Larg: 25cm
Prof: 11,6cm
Peso:2.639grs

MEDIDAS GERAIS - Cálice

Alt:35cm
Larg:23cm (de base)
Peso:1.525grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:1213
Número de exposição: 123

DESCRIÇÃO: Custódia em prata, dividida em dois segmentos distintos; cálice e hostiário, constituída por base circular escavada com três registos, de perfil arredondado profusamente decorado. A inferior decorada por oito acartelados ovais contíguos e circundantes com temática vegetalista (folha de acanto). A central, com quatro querubins, entre arrolamento vegetalista (folha de acanto). O terceiro nível da base é todo ele decorado por folha de acanto e outras folhagens (4 grupos), barrada por anel que serve de base para os 24 gomos que rematam este último degrau da base. Daí até ao vaso do ostensório, a haste que é formada por vários anéis, de maior e menor dimensões e formas, tambores e estrangulamentos. O vaso é profusamente decorado por 4 grupos de querubins com colares de esferas (pérolas) sobre enrolamentos vegetalistas. Sob o rosto dos anjos destacam-se argolas donde suspendem instrumentos de forma obcónica (4). O tabernáculo apresenta ilharga, sanefas com dupla decoração, metade, com folha de acanto na parte inferior e a superior, outro tipo de folhagem. A colunata também com decoração esta com enrolamento e caneluras assente sobre banco com a mesma decoração que no entablamento, o querubim no eixo central apresenta enrolamentos vegetalistas nos panos frontais e laterais. O viril parte de base decorada é envolvido pelo resplendor. Sobre o entablamento, parte cúpula com decoração semelhante ao vaso, entre pináculos, no enfiamento das colunas, remata a

composição. A figurinha de cristo triunfante de vulto pleno apresenta-se com capa, cendal com resplendor.

3450 **3451**

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Par de Galhetas
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Metais
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos religiosos
Subcategoria: relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Meles
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Século: XIX?
Técnicas: Fundição, martelagem
Materiais: Liga metálica
Observações: a peça 3450 (é banhada a prata) 3451 (não tem vestígios de ter sido banhada com qualquer outro metal)
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Aceitável
MEDIDAS GERAIS, peça 3450
Alt: 6,5cm
Larg: 8cm
Prof: 5, 4 cm diâmetro
Peso: 125grs
MEDIDAS GERAIS, peça 3451
Alt: 6,5cm

Larg: 8cm
Prof: 5, 2 cm diâmetro
Peso: 125grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 3450/3451
Número de exposição: 125/126

FUNCIONALIDADE:

À Data: Sem função

DESCRIÇÃO: Galheta de base oval, corpo alongado com um pequeno sulco no bordo, para facilitar a escorrência do líquido.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Cruz Processional

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com as procissões

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Meles

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Século: Segunda metade séc. XVI?
Materiais: Cobre

ICONOGRAFIA

Anverso; cristo crucificado

Verso: Nossa Senhora com o menino

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Regular

Observações: Riscos

MEDIDAS GERAIS

Alt: 57cm

Larg: 35cm

Prof: 13,4cm

Peso: 2.375grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:347

Número de exposição:127

FUNCIONALIDADE:

À Data: Desconhecida

DESCRIÇÃO: Cruz processional em cobre? Ou bronze? Com dois registos. O primeiro e inferior, é constituída pela haste onde encaixa a vara de porte. Esta tem formato cónico com torçal inciso, seguida de nó de formato terminando bifurcada também com torçal. A partir da segunda metade da haste parte um nó em globo com os polos achatados e aba saliente continua, circunscreve o corpo. Do topo da haste e para ambos os lados é lançada a cruz de quatro pontas trilobadas de eixo vertical alongado. No intervalo dos lóbulos bem como na interceção quadrangular dos braços saem aquilo que parece ser pinhas (com excepção do topo da haste vertical, a inferior foi absorvida e a superior foi danificada). A campânula é polilobada e com semicircunferência. O anverso e o verso da cruz distinguem-se pelos diferentes ícones que são figurados. O anverso representa cristo crucificado, morto e nimbado, tanto a orla do nimbo como a coroa de espinhos são em torçal sob cristo crucificado. São visíveis as iniciais INRI I (ESUS) N (AZARENUS) R (EX) I (UDIUS). O verso representa a virgem com o menino ao colo no lado esquerdo, igualmente nimbadas em alto e médio relevo.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Ostensório

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Metais
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Ala/Vilarinho do Monte
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XX?
Materiais: Prata e vidro (óculo)
MOTIVOS DECORATIVOS: Motivos vegetalistas; querubins, videiras, trigo e outros
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Bom
MEDIDAS GERAIS
Alt:31,5cm (ostensório) – 34,3 (base)
Larg: 25,6 cm
Prof:12,2 cm
Peso: 1.100grs (base) – 779grs (ostensório)
REFERÊNCIA
Número de inventário: 1601
Número de exposição:128
FUNCIONALIDADE:
À Data:
DESCRIÇÃO: Duas peças de ourives; Base (quatro pés) em losango, fuste decorado com duas pegas ornamentais. A segunda, o Ostensório com planta da base em losango. Tem o agnus Dei se apresenta em dourado. Também o pelicano se apresenta em dourado. O querubim remata o fuste. O Ostensório é radiante que envolve o óculo, com decoração constituída por querubins, videiras com cachos de uva e trigo (dourado).

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Turibulo

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Amendoeira

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século: XIX?

Materiais: Metal

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável

Observações: A peça apresenta oxidações.

MEDIDAS GERAIS

Alt:24cm

Larg:13,1

Prof:13cm

Peso:1.338grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 3445

Número de exposição:129

DESCRIÇÃO: Turíbulo de planta circular e chanfra com desenho recto e fino e contracurvado no corpo. O fogaréu é decorado com punções estilizados e com laços ou quadrados inacabados, com motivos florais. O desenho do opérculo tem configuração

de lanternim e também é abado donde ressaltam 3 argolas salientes e equidistantes que se sobrepõem aos do fogaréu por onde passam e correm as cadeias de suspensão, o topo detém argola onde se fixa a cadeia elevatória. As cadeias são formadas por elos de configuração circular.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Naveta
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Metais
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Amendoeira
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XIX?
Técnicas: Fundição, buril, cinzelagem
Materiais: Metal
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Aceitável
Observações: Oxidação
MEDIDAS GERAIS
Alt: 17,4cm
Larg: 14,5cm
Prof: 8,5cm
Peso:855grs
REFERÊNCIA

Número de inventário:3445
Número de exposição:142
DESCRIÇÃO: Naveta de base de planta circular; pé chanfro e destacado em relação ao corpo, o desenho da base são circunferências tangentes de um só registo. A haste de planta circular, tem contorno periforme invertido com modulações côncavas ou estranguladas sob e sobre si. O vaso mantém a forma de nave, embora estilizada não se verificando quaisquer diferenças entre a proa e a popa. Estas partes são distinguidas pelo remate da cobertura semicilíndrica do convés.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Naveta
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Metais
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Amendoeira
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XVIII/XIX?
Técnicas: Gravação baixo-relevo
Materiais: Liga metálica (bronze, estanho e prata?)
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Razoável
MEDIDAS GERAIS
Alt: 15,6grs
Larg: 17,4cm
Prof: 8cm
Peso: 688grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1377

Número de exposição:130

DESCRIÇÃO: Base de planta circular; com pé e base de tipologia de "cálice invertido" pé chanfro e destacado em relação ao corpo. Decorado com duas orlas de pérolas finíssimas, com fitomórficas estilizadas. A ligação base/corpo da naveta é de tipologia balaustrada. O corpo da naveta em forma de crescente decorado com uma fita fitomórfica sinuoso estilizadas. A tampa é composta por três secções, decorada com linhas geométricas fitogénicas.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Ostensório

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Olmos

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século: Sem proposta

Materiais: Prata

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável

Observações: Alguma oxidação

MEDIDAS GERAIS

Alt:58cm

Larg:27cm
Peso:2.700grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1522
Número de exposição:135

DESCRIÇÃO: Pé em 4 secções decorados com querubins. A haste que parte do pé que sustenta a custódia é encimada por querubins O Ostensório é radiante que envolve o óculo, com decoração constituída por querubins. O viril tem recorte circular e é duplamente emoldurado. A lúnula tem forma de querubim em quarto crescente, em volta do círculo máximo da moldura exterior do viril, encimado também por um querubim, acresce resplendor com raios lanciformes

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Galheta de Água

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Vale Benfeito

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora:
Século: XVIII/XIX?
Técnicas: Repuxagem; Batido; Soldagem
Acabamento: Incisão (ao torno) puncionamento

Marcas: “V” e “A”
Materiais: Estanho
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Bom
MEDIDAS GERAIS
Alt: 12cm
Larg: 7cm
Prof: 5cm
Peso:244,8 grs
REFERÊNCIA
Número de inventário: 10853
Número de exposição:136
DESCRIÇÃO: Galheta com base de planta circular, com corpo com bojo carenado, tanto a meia altura como no início do colo, o bocal termina em bico de flamingo. A asa e semicircular terminando em enrolamento junto ao bocal. A tampa retrátil é adaptável ao bocal.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Galheta de Vinho
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Metais
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Vale Benfeito
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XVIII/XIX?
Técnicas: Repuxagem; Batido; Soldagem
Acabamento: Incisão (ao torno) puncionamento
Materiais: Estanho

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom

MEDIDAS GERAIS

Alt:12cm
Larg:7cm
Prof:5cm
Peso:244,8 grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:10854
Número de exposição:137

DESCRIÇÃO: Galheta com base de planta circular, com corpo com bojo carenado, tanto a meia altura como no início do colo, o bocal termina em bico de flamingo. A asa e semicircular terminando em enrolamento junto ao bocal. A tampa retrátil é adaptável ao bocal

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Galheta

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Vilar do Monte

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XVIII/XIX?
Técnicas: Repuxagem; Batido; Soldagem
Acabamento: Incisão (ao torno) puncionamento
Materiais: Estanho

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom

MEDIDAS GERAIS

Alt:10cm
Larg5,5cm
Prof:7cm
Peso:215 grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:1876
Número de exposição:138

FUNÇÃO: Não tem função litúrgica

DESCRIÇÃO: Galheta com base de planta circular, com corpo com bojo carenado, tanto a meia altura como no início do colo, o bocal termina em bico de flamingo. A asa e semicircular terminando em enrolamento junto ao bocal. A tampa retrátil é adaptável ao bocal

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Galheta

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Vilar do Monte

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século: XVIII/XIX?

Técnicas: Repuxagem; Batido; Soldagem

Acabamento: Incisão (ao torno) puncionamento

Materiais: Estanho

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom

MEDIDAS GERAIS

Alt: 9,5cm

Larg: 5,5cm

Prof: 7cm

Peso:212 grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:1877

Número de exposição:139

FUNÇÃO: Não tem função litúrgica

DESCRIÇÃO: Galheta com base de planta circular, com corpo com bojo carenado, tanto a meia altura como no início do colo, o bocal termina em bico de flamingo. A asa e semicircular terminando em enrolamento junto ao bocal. A tampa retrátil é adaptável ao bocal

3370 LAGOA n º 5 do Catálogo

Denominação: São Pedro

Datação: XVII (2ª metade)
Materiais: Madeira (indeterminado)
Técnicas: Talhe; Vulto Pleno; Policromia; Carnação; Dourada; Estofada
Estado de Conservação: Regular
Medidas Gerais: 51,4 cm (alt.); 22,9 cm (larg.); 14,2 cm (profundidade)
Localização Administrativa: Macedo de Cavaleiros, Lagoa
Aniversário e Festividades: 29 de Junho
Descrição: Imagens de vulto pleno, em madeira talhada, policromada, dourada, estofada e carnada. As duas imagens, pertencentes à igreja de São Martinho de Lagoa, fazem conjunto, o que se compreende tendo em conta a história, vivência e convivência das duas personagens representadas. As opiniões dos estudiosos do Cristianismo dividem-se no que concerne à importância e lugar que estes dois Apóstolos detêm no âmago do cristianismo. Uns afirmam que São Pedro é a figura mais importante e central do cristianismo, outros asseguram que São Paulo foi a figura que fez com que o cristianismo deixasse de ser uma seita ligada ao judaísmo para passar a ser uma religião sólida, independente e única. Na representação de Lagoa as duas opiniões parecem fundir-se já que as duas imagens fazem-se apresentar com um livro, atestando desta forma o papel interventivo que ambos tiveram na consolidação e disseminação do Cristianismo no mundo. Os restantes atributos já e perderam, mas deveriam, no caso de São Paulo representar a espada com a qual lutou contra seitas fanáticas, e no caso de São Pedro as chaves da porta celeste. As duas imagens apresentam-se com uma túnica, cingida acima da cinta por um cordão, e manto sobre um dos ombros e caído no outro, o lançamento das vestes é simples e discreto, fazendo pequenos movimentos sinuosos de ondulamentos contidos. O tratamento do rosto revela um gosto pelo alongamento das formas, tão característico do século XVII, e mais visível no caso de São Paulo por ser acompanhado e enfatizado pelo prolongamento da barba e cabelos.

3275 GRIJÓ

Denominação: São Pedro

Datação: XVII (meados)
Materiais: Madeira, indeterminado.
Técnicas: Talhe, vulto pleno; Policromia; Carnação.
Estado de Conservação: Regular
Medidas Gerais: 54,7 cm (alt.); 28,1 cm (larg.); 18 cm (profundidade);
Localização Administrativa: Macedo de Cavaleiros, Grijó
Aniversário e Festividades: 29 de Junho; Não participa.
Comentário: Escultura de vulto pleno em madeira talhada, policromada e encarnada. São Pedro é representado entronizado e com vestes de dignidade papal. Esta figuração encerra em si o lugar que o Apóstolo de Cristo ocupou, e ocupa, na cultura cristã. Jesus Cristo distinguiu-o entre todos os Apóstolos ao dizer-lhe que era a pedra angular da sua Palavra e que sobre si se iria construir a sua Igreja. Efectivamente São Pedro, após ter renunciado três vezes o seu Guia, prestou-Lhe grandes provas de fidelidade de seguidismo ao ir para Roma e lá fundar a primeira comunidade cristã do Ocidente. Foi o primeiro Bispo de Roma e é considerando, anacronicamente, o primeiro Papa de Roma, e é nesta condição que é representado na pequena imagem de Grijó, com uma mitra papal de três níveis, entronizado, com uma postura sóbria de chefe da Igreja. Infelizmente, os seus atributos iconográficos já se perderam, contudo, e tendo em conta a sua posição, postura e hagiografia é provável que numa das mãos segurasse o báculo papal e na outra a chave do reino dos céus que Jesus Cristo lhe confiou.

Macedo: São Pedro - Altura 1,10 m – Largura 1,35 m – peso 1,160kg
Dalmática com base de tafetá, de cor branca, e forro de material indeterminado, podendo ser de cânhamo ou linho.
A base é bordada com vasos de onde brotam grandes florões e pequenas flores pendentes. As fímbrias e sebasto são debruados por galão de fio metálico dourado com motivos decorativos florais e geométricos.
Tendo em conta a cor branca e a ornamentação floral esta peça, provavelmente, era utilizada nas celebrações de Nossa Senhora. As representações simbólicas florais estão intimamente ligadas ao ciclo Mariano e às suas festividades, salientando desta forma a pureza angelical de Nossa Senhora.

ESTOLA FICHA – Macedo - S. Pedro – altura 1,05m
Estola com suporte de tafetá, de cor branca, e o forro de material indeterminado, podendo ser de cânhamo ou linho. O suporte é bordado com florões, pequenas flores e adornado com três cruzes gregas desenhadas por galão de fio metálico dourado. As extremidades, alargadas, são rematadas com um galão de onde pendem franjas entrelaçadas de fio metálico.

Tendo em conta a cor branca e a ornamentação floral esta peça, provavelmente, era utilizada nas celebrações de Nossa Senhora. As representações simbólicas florais estão intimamente ligadas ao ciclo Mariano e às suas festividades, salientando desta forma a pureza angelical de Nossa Senhora.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Nossa Senhora do Rosário
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes Plásticas
Subcategoria: Escultura de vulto
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Vale Benfeito
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Século: XVII/XVIII
Estilo: Barroco
Técnicas: Talhe em vulto pleno: Policromia

Materiais: Madeira

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Deficiente

Observações: Depósitos superficiais e apresenta muitos destacamentos

MEDIDAS GERAIS

Alt: 35,5cm
Larg: 16cm
Prof: 11cm
Peso: 1.420grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 6241

Número de exposição:213

FUNCIONALIDADE:

À Data: Devocional/Processional

DESCRIÇÃO: Imaginária com embasamento geométrico, com postura geral de pé, a cabeça apresenta-se direita assim como o tronco, os membros superiores seguram o Menino. Quanto aos membros inferiores apresenta a perna esquerda ligeiramente avançada. Usa como ornamento uma coroa. As cores predominantes são: Verde no embasamento, o manto na parte exterior é em azul e no interior apresenta tons rosados, sapatos e cabelos em castanho. Na manga e outros elementos decorativos das vestes são em dourado. A túnica é em bege.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Par de Galhetas

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas/Ourivesaria

Subcategoria: Ourivesaria religiosa

Sub-Subcategoria; Consubstanciação

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Corujas
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XIX?
Técnicas: Incisa
Materiais: Estanho
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Mau
MEDIDAS GERAIS
Alt: 11cm
Larg:7cm
Profundidade; 8cm
Peso:220grs
REFERÊNCIA
Número de inventário: 10996
Número de exposição: 214
FUNÇÃO: à data, sem função
DESCRIÇÃO: Galhetas em estanho com base de planta circular, esta apresenta uma linha de decoração em espinha sobreposta. Com corpo em bojo carenado a 1/3 da altura que apresenta uma decoração em espinha sobreposta, o bocal termina em bico de flamingo. A asa é semicircular que termina em enrolamento junto ao bocal. A tampa retrátil é adaptável ao bocal.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Naveta
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas/Ourivesaria
Subcategoria: Ourivesaria religiosa
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Santa Combinha

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XVIII/XIX
Técnicas: Fundição, soldagem
Materiais: Latão, Ferro, Chumbo/estanho

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Mau
Observações: O Pé apresenta-se com deficiências

MEDIDAS GERAIS

Alt: 14,3cm
Larg: 18,2cm
Profundidade; 7,1cm
Peso: 146grs – 745grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 3463
Número de exposição: 215

FUNÇÃO: à data, sem função

DESCRIÇÃO: Naveta de planta circular de perfil convexa em plano horizontal com frisos gravados, com pé e haste de tipologia de "cálice invertido". O corpo da naveta é em forma de crescente não decorado. A tampa é composta em duas secções decoradas.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Turibulo

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas/Ourivesaria
Subcategoria: Ourivesaria religiosa
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Talhas
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: Finais XIX
Técnicas: Burilado
Materiais: Prata; latão
Marcas: Porto IFG; Ourives WWWW
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Mau
Observações: Apresenta oxidações. A correia de suspensão está partida na zona onde se liga ao guarda-mão. O elevador também danificado está reunido com fio metálico.
MEDIDAS GERAIS
Alt: 11cm – 110cm
Larg: 14,5cm
Peso: 1.145grs
REFERÊNCIA
Número de inventário: 1404
Número de exposição: 216
FUNÇÃO: à data, sem função
DESCRIÇÃO: Base de planta triangular, constituída por um registo em que se integram dois campos; o superior de textura lisa, contracurvada e com uma linha incisa que lhe decora a parte inferior. O registo inferior apresenta-se decorado com motivos vegetalistas (rosas e folhas de acanto estilizadas) e um pequeno friso liso que acompanha toda a parte fundeira. O Fogaréu é de planta circular de perfil diagonal, o registo inferior é decorado com friso de folhas de louro. Um segundo registo também de planta circular de perfil vertical e côncavo, tendo no registo superior é composto por dois campos; o inferior de perfil vertical constitui-se por um friso com seis campos decorados com motivos florais/vegetalistas em médio relevo com três estrias verticais cada. O opérculo é de planta circular de perfil vertical e concavo com registo idêntico ao descrito anteriormente (fogaréu), mas diametralmente oposto na sua disposição, decorado de igual forma com motivos vegetalistas/florais num dos campos é liso. Um

segundo registo também de planta circular de perfil contracurvado, constituído por três campos decorados co elementos vegetalistas em fundo vazado, apresentando ao centro também motivos vegetalistas em pequenos escudetes que sustentam uma faixa de fundo estriado e com circunferências encadeadas. Os três campos intermedeiam-se por três entrecampos constituídos por pequenas grinaldas de folhas que pendem. Um quarto registo também de planta circular e perfil contracurvado é constituído por estrangulamentos que sustentam um pequeno rebento vegetalista com remate da peça de onde parte por encadeamento o elevador. O Fogaréu interno é de planta circular e perfil vertical e curvado na base. O fogaréu interno é em ferro com a asa também em ferro.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Píxide
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas/Ourivesaria
Subcategoria: Ourivesaria religiosa
Sub-Subcategoria; Consubstanciação
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Morais
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XVIII (4º quartel)
Técnicas: cinzelado
Materiais: Prata

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Mau

Observações: Haste do topo em falta.

MEDIDAS GERAIS

Alt: 27,1cm
Larg: 12,9cm
Profundidade; 12,9
Peso: 737grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1666

Número de exposição: 217

FUNÇÃO: à data, sem função

DESCRIÇÃO: Base de planta circular de perfil contracurvado simples, pé contínuo de perfil recto e sem decoração. O perfil da base é contracurvado estando decorado apenas na superfície. A base é truncada pelo arranque da haste. Esta é de planta circular e de perfil composto, estas dispõem um nó periforme (invertido) entre estrangulados apresentando a sua superfície lissa ou sem decoração. Acima dos estrangulados tem dois elementos circulares sobrepostos e de perfil simples (contracurvados) estabelecem a ligação entre a haste e o vaso. O vaso é de planta circular e de perfil diagonal é liso sem qualquer elemento decorativo o fundo ao contrário do normal é convexo. A tampa é de planta circular de perfil composto. A superfície é decorada no primeiro campo. O segundo campo é decorado por folhas de acanto no topo em calota da tampa.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Cruz processional

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas/Ourivesaria

Subcategoria: Ourivesaria religiosa

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com as procissões

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Vilarinho do Monte

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século: XIX/XX (transição)

Materiais: Prata e cobre (Cristo, resplendor e querubins)

Marcas: [MFE]

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom

MEDIDAS GERAIS

Alt: 77,5cm

Larg:33,4cm

Profundidade; 12cm

Peso: 2340grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 393

Número de exposição: 218

FUNÇÃO: à data, sem função

DESCRIÇÃO: Cruz processional decorada por querubins. No centro Cristo crucificado por três cravos, sob o resplendor (ambos decorados). A base onde a cruz se encaixa é constituída por três níveis. O primeiro inferior serve de encaixe à vara. O segundo o da vara é ladeado por dois querubins. O último onde assenta a cruz é decorado por motivos florais. Apresenta as seguintes inscrições: Autor (iniciais) MFE, Material; Local; (G) Guimarães?

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Cruz processional

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas/Ourivesaria

Subcategoria: Ourivesaria religiosa

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com as procissões

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Vilar do Monte
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XVIII (finais)
Materiais: Prata lavrada
Marcas: Sem marcas
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Bom
MEDIDAS GERAIS
Alt: 167cm
Larg: 45cm
Profundidade; 40cm
REFERÊNCIA
Número de inventário: 391
Número de exposição:219
FUNÇÃO: à data, sem função
DESCRIÇÃO: Cruz de base de balaústre ou urna de remate arquitectónico com ornato de decoração fitomórficas. De secção circular ornadas nas margens de junção e ao centro com motivos geométricos de inspiração fitomórficas (devoluta). Estrutura, esqueleto em suporte de madeira. O crucifixo é de secção triangular, no esplendor**,** e no cruzeiro dos braços. Apliques decorativos nas extremidades superiores dos braços existem motivos fitomórficos estilizados, rematados por querubins. O Cristo tem uma auréola losangular, com uma coroa de espinhos, enquadrado por estrela de triunfo, tudo gravado com motivos fitomórficos estilizados. O corpo da cruz que é maciço. O corpo de cristo é côncavo. A sua modelação escultórica é de qualidade mediana.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Ostensório

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas/Ourivesaria
Subcategoria: Ourivesaria religiosa
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Chacim (Congregação Mariana da Imaculada Conceição)
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XX?
Materiais: Prata banhada a ouro, com pedras em vidro.
Marcas: (E 1145)
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Bom
Observações: destacamento parcial do banho a ouro.
MEDIDAS GERAIS
Alt: 58cm
Larg: 27cm
Profundidade; 15,5cm
Peso: 2200grs
REFERÊNCIA
Número de inventário: 1611
Número de exposição: 220
FUNÇÃO: à data, sem função
DESCRIÇÃO: Pedras translucidas em torno do óculo (à frente), rodeadas por folhas de videiras e uvas, raiada, encimada por dois querubins e uma cruz. Contém na base as inscrições E 1145.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Píxide/Cibório

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas/Ourivesaria

Subcategoria: Ourivesaria religiosa

Sub-Subcategoria: Comunhão

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Chacim

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século: XX

Marcas: “G” Guimarães?

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom

MEDIDAS GERAIS

Alt:35,8cm

Larg: 15,2cm

Profundidade;15,2cm

Peso: 1280grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1658

Número de exposição: 221

FUNÇÃO: à data, sem função

DESCRIÇÃO: Cibório em prata dourada, constituído por base, haste, vaso e tampa. A decoração ondulada vertical com veios côncavos e convexos e ponteado nas terminações o que se repete sucessivamente na base, a haste é periforme invertida, o vaso é mais largo que alto e a tampa configura uma cúpula com cruz trilobada no remate com resplendor quadrangular. Tem uma marca"G". Apresenta como motivos, veios ondulados.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Cálice
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas/Ourivesaria
Subcategoria: Ourivesaria religiosa
Sub-Subcategoria: Eucaristia
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Grijó
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XX
Material: Prata
Técnicas: Martelagem, fundição, buril, punção
Marcas: 24 MG (24 o nº da série)
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Bom
MEDIDAS GERAIS

Alt: 28 cm
Larg:8,5cm (boca do cálice)
Profundidade; 12,8cm
Peso: 532grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 2126

Número de exposição: 222

FUNÇÃO: à data, afecto ao culto

ICONOGRAFIA: Iconografia da paixão na taça. Tem como atributos; coroa de espinhos, coroa, cravo e lanço.

DESCRIÇÃO: Taça com médio relevo, com motivos vegetalistas (volutos e folhagem) a envolver, símbolos da paixão de Cristo. O nó também é decorado com motivos vegetalistas, a base é gravada em baixo-relevo com a representação de volutas e folhagem.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Manípulo

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Têxteis

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Paramentos Religiosos

Subcategoria: Acessório das vestes e paramentos litúrgicos

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Castro Roupal.

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: XVIII/XIX?

Técnicas: Costura a mão, Espolim

Materiais: Brocado

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável

MEDIDAS GERAIS

Alt: 72cm
Larg: 18cm
Peso: 870grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 10064
Número de exposição: 223

DESCRIÇÃO: Manípulo com suporte de damasco (tecido de seda ornado em alto-relevo) De cor verde sobre fundo castanho, com desenhos florais, folhagens. A extremidade é alargada em leque e é ornamentado com barra de fio de seda dourado, ladeado por galão estreito.

FUNÇÃO: É usado por toda a hierarquia eclesiástica, incluindo o diaconato, na celebração da missa, administração dos sacramentos, exposição do Santíssimo e noutras cerimónias

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Dalmática

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Têxteis

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Paramentos Religiosos
Subcategoria: Veste Litúrgicas exteriores

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Santa Combinha

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Século: XVIII (finais)

Técnicas: Damasco
Materiais: Damasco, Seda, linho, fio laminado.

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável

MEDIDAS GERAIS

Alt: 118cm
Larg: 158cm
Peso: 1381grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 2558
Número de exposição: 224

DESCRIÇÃO: Paramento usado por diácono, peça em damasco no corpo laterias e manga veludo nas fimbrias e corpo e passamanaria franjada em fios de seda, o forro é em linho.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Capa asperges

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Têxteis

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Paramentos Religiosos
Subcategoria: Veste Litúrgicas exteriores

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Murçós

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Século: XIX (segunda metade)
Técnicas: Damasco bordado a filamentos de metal
Materiais: Seda, filamentos de metal

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável

MEDIDAS GERAIS

Alt: 122cm
Larg: 245cm

REFERÊNCIA

Número de inventário:4616
Número de exposição:225

FUNÇÃO/ DESCRIÇÃO: Peça também designada por “capa pluvial”, “pluvial” “capa de bênção” ou “casula processionária”. Esta diversidade de nomes está relacionado com os momentos em que é usada. Assim diz-se “capa de asperges” porque o seu uso coincide com a acção de aspergir água benta “capa de bênção” porque é vestida durante a celebração das bênçãos com o Santíssimo Sacramento e “Casula processionária” porque só é vista durante as procissões. Para além destas ocasiões é usada ainda na celebração da Liturgia das Horas e em todos os sacramentos fora da missa. A capa de asperges desenvolveu-se a partir da “capa romana” ou “paenula”, esta usada como resguardo do frio e da chuva.

Veste longa sem mangas à semelhança de manto circular aberto sem capuz em damasco bordado a filamentos de metal debruada a vermelho e interior em seda beije. O firmal é suspenso por passamanaria

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: São Domingos

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plástica
Subcategoria: Escultura de vulto

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Vale Benfeito

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Século: Século XVIII
Estilo: Barroco.
Técnicas: Talhe em vulto pleno: Policromia
Materiais: Madeira

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Peça intervencionada em 2014

MEDIDAS GERAIS

Alt:75cm
Larg: 38cm
Prof: 20cm
Peso: 9.800grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 3679 (MAL)

Número de exposição:

FUNCIONALIDADE:

Função Inicial: Cultual. Devocional

DESCRIÇÃO: A imagem apresenta-se com túnica branca, capa e escapulário em preto. Na mão esquerda segura o livro sagrado, e na mão direita uma cruz de haste alta.

PEQUENA HISTÓRIA.

Fundador da Ordem S. Domingos ou dos Frades Pregadores. Terá nascido em 1170 e falecido no ano de 1221. Antes de morrer, ainda fundou a Ordem Terceira. Veste hábito preto e branco da sua ordem. Apresenta-se ora imberbe ora com fina barba. O seu atributo mais importante é uma estrela brilhante vermelha sob a fronte e um cão preto e branco com uma tocha na boca. Outros atributos são um livro e uma flor-de-lis. Mais tarde ter-lhe-á sido acrescido o atributo dum rosário. E ainda uma fogueira onde se queimam livros heréticos. ("in dicionário dos Santos, Tavares, Jorge Campos"). E presente imagem apresenta para além do livro sagrado, uma cruz de haste alta fora da temática iconográfica habitual.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: São Brás

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plástica

Subcategoria: Escultura de vulto

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Valongo

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Século: Século XVII
Estilo: Barroco.
Técnicas: Talhe em vulto pleno: Policromia
Materiais: Madeira

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Peça intervencionada em 2014

MEDIDAS GERAIS

Alt:65cm
Larg: 36cm
Prof: 22cm
Peso: 8.800grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:
Número de exposição:

FUNCIONALIDADE:

Função Inicial: Cultual. Devocional

DESCRIÇÃO: A imagem apresenta-se com vestes episcopais, nas costas da capa apresenta figurações fitomórficas, usando mitra, embora fosse bispo da Igreja Oriental. Não se lhe notam as cardas com que foi martirizado, mas conforme é usual nas imagens espanholas apresenta a mão esquerda sobre a garganta. Empunha um báculo na mão direita, símbolo de autoridade atributo reservado ao Bispo no dia da sua ordenação.

PEQUENA HISTÓRIA.

São Brás de Sebaste (Origem Arménia) Foi Bispo em Sebaste e terá morrido em 316 durante as perseguições feitas aos cristãos pelo Imperador Romano Diocleciano. Santo protector das doenças de garganta. Iconograficamente apresenta-se habitualmente com vestes episcopais, usando mitra, embora fosse bispo e tem como atributos as cardas de ferro com que foi martirizado, dois círios entrecruzados (alusão à cura milagrosa duma criança engasgada com uma espinha de peixe, feita com a aplicação de duas velas cruzadas sobre a garganta) (in Dicionário dos Santos Tavares, Jorge)

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Menino Jesus

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plástica

Subcategoria: Escultura de vulto

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Propriedade: Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros.

Doação de:

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: Século XX?

Técnicas: Talhe em vulto pleno:

Materiais: Marfim

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável, apresenta 3 dedos partidos na mão direita e alguns estalamentos estruturais.

MEDIDAS GERAIS

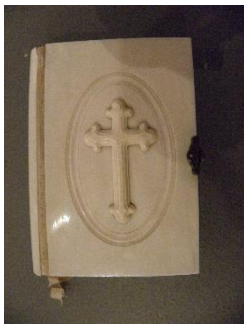
Total – Alt: 23cm
Larg: 7,5cm
Prof: 7,5cm

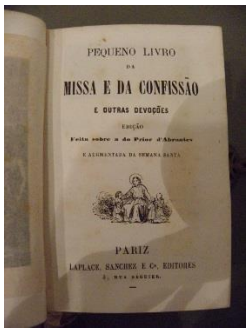
Coroa – Alt: 4cm
Larg: 3,3cm
Prof: 3,3cm

Peanha – Alt: 4,5cm
Larg: 7,5cm
Prof: 7,5cm

Menino – Alt: 14,5cm
Larg: 6,3cm
Prof: 4cm

REFERÊNCIA
Número de inventário:11.294
Número de exposição:
FUNCIONALIDADE:
Função Inicial: Cultual. Devocional
DESCRIÇÃO: Imagem do Menino Jesus em marfim, apresenta-se completamente nu, com farta cabeleira encaracolada e coroa a encimar a cabeça. Coroa encimada com uma pequena cruz em filigrana. Assenta numa base em meia-pera em madeira exótica.
PEQUENA HISTÓRIA. Os Evangelhos falam muitas vezes de Jesus como Menino (Lc 2,17.27.33.40.48; Mt2,11.13.14...). O termo menino é frequentemente símbolo da simplicidade e de todas as virtudes positivas, em ordem a entrar no reino de Deus. Logo, menino não significa necessariamente uma pessoa de tenra idade, podendo significar alguém que não é ainda "adulto", crescido, na condição social ou em qualquer outro aspecto da vida. A nova maneira de ser e de viver que Jesus veio ensinar consiste em ser simples e aberto a Deus e aos novos valores do Reino anunciados por Ele, valores que só podem ser aceites por quem tiver um coração aberto e simples como o de um menino.





IDENTIFICAÇÃO: Livro da Missa e Confissões
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA:
Categoria; Artes Gráficas
Subcategoria: Livros
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL:
Categoria: Livros
Subcategoria: Livros Religiosos
LOCALIZAÇÃO:
Administração Eclesiástica
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Propriedade: Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros
Doação de:
PRODUÇÃO:
Tipo de Produção: Criação.
Cronologia: Século XX?

Técnica: Impressão a quatro cores; Encadernação Inteira, Nervura.
Materiais: Papel; Capa em Marfim

MEDIDAS

Altura – 11cm
Largura – 8 cm
Espessura – 2,1cm

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável

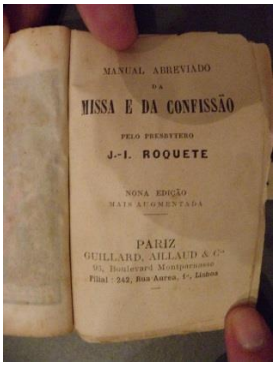
INVENTÁRIO.

Número de Inventário: 11.295

DESCRIÇÃO: Pequeno livro da Missa e Confissão, Edição feita sobre a do Prior d'Abrantes – Pariz – Laplace, Sanches & Cª Editores, com 374 páginas de corpo.

PEQUENA HISTÓRIA:

Breviário do latim "breviarium" (pequeno resumo). Até ao século X o ofício divino esteve disperso por vários livros "saltério" "homiliário" "hinário" " antifonário" "oracional" . A partir de então verificou-se um processo de concentração, à custa da redução de vários elementos especialmente das leituras e dos cânticos, tomando o nome de breviário.



IDENTIFICAÇÃO: Manuel abreviado da Missa e da Confissão

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA:

Categoria; Artes Gráficas
Subcategoria: Livros

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL:

Categoria: Livros
Subcategoria: Livros Religiosos

LOCALIZAÇÃO:

Administração Eclesiástica
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Propriedade: Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros
Doação de:

PRODUÇÃO:

Tipo de Produção: Criação.

Cronologia: Século XX?
Técnica: Impressão a duas cores; Encadernação Inteira, Nervura.
Materiais: Papel; Capa em Marfim

MEDIDAS

Alt: 9cm
Larg. 6,5cm
Espessura: 2,8cm

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável

INVENTÁRIO.

Número de Inventário:11.293

DESCRIÇÃO: Manuel abreviado da Missa e da Confissão pelo Presbítero J. I. Roquete, nona edição, mais aumentada – Pariz - Guillard, Aillaud & Cª, 96 Boulevard Montparnasse – Filial; 242 Rua Áurea, 1 Lisboa, com 319 páginas de corpo, Capa em Marfim, com embutido floral com pétalas e campânulas à esquerda da capa apresentando na direita uma cruz latina também embutida no marfim. A capa e contracapa são fechadas com um fecho de metal com encaixe em marfim. A Contracapa é lisa

PEQUENA HISTÓRIA:

Breviário do latim "breviarium" (pequeno resumo). Até ao século X o ofício divino esteve disperso por vários livros "saltério" "homiliário" "hinário" "antifonário" "oracional". A partir de então verificou-se um processo de concentração, à custa da redução de vários elementos especialmente das leituras e dos cânticos, tomando o nome de breviário.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Santa Ana/Imaculada

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plástica
Subcategoria: Escultura vulto

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Brinço- Capela de São Roque

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Técnicas: Talhe em vulto pleno: Policromia
Talhamento: Século XVII?
Policromia: século XX (parte)
Materiais: Madeira
Carnações: Mãos e rosto.

ICONOGRAFIA

Ícone: Santa Ana
Fundo temático: Religioso
Temática: Novo Testamento
Princípios de Representação: Figurativo

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Deficiente
Especificações: Depósitos superficiais.

MEDIDAS GERAIS

Alt: 24,5cm
Larg:13,5cm
Prof: 7,5cm
Peso: 900grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1242
Número de exposição:227

FUNCIONALIDADE:

À Data: Cultual

DESCRIÇÃO: De configuração figurativa, imagem processional com embasamento geométrico e assentamento em peanha, a postura da cabeça é recta assim como a postura do tronco, os membros superiores estão em posição de oração, mãos postas junto ao peito. Os membros inferiores apresentam a perna direita à frente da perna esquerda. Apresenta como indumentária túnica e manto. Cores predominantes a base em verde, a túnica vermelha, o manto em azul e cabelos castanhos. No processo de acabamento é em dourado e policromado, sendo que o dourado foi tapado por uma camada cromática mais recente.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: São Domingos?

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plástica

Subcategoria: Escultura de vulto

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Arcas- Igreja de Santa Catarina

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: Século XVIII – finais

Estilo: Barroco.

Técnicas: Talhe em vulto pleno: Policromia

Materiais: Madeira

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Mau

MEDIDAS GERAIS

Alt:73cm

Larg: 35cm

Prof: 21cm

Peso: 10.200grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 9103

Número de exposição: 228

FUNCIONALIDADE:

Função Inicial: Cultual. Devocional

DESCRIÇÃO: A imagem apresenta-se com túnica branca, capa e escapulário em preto. Na mão esquerda segura o livro sagrado, tem olhos de vidro

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: São Roque

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plásticas

Subcategoria: Escultura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Bagueixe – Igreja de S. Vicente

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Cronologia: Final século XVIII

Técnicas: Talhe em vulto pleno

Materiais: Madeira e vidro.

ICONOGRAFIA:

São Roque apresenta-se com a cabaça, vieira, cajado, cão e ferida na perna

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Regular

Intervenções: Policromia; douramento

MEDIDAS GERAIS

Alt:68cm

Largura: 47,5cm

Profundidade: 29cm

Peso: 15.205grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 10081

Número de exposição: 229

FUNCIONALIDADE:

À Data: ao culto

DESCRIÇÃO: A imagem de São Roque está em embasamento rectangular de perfil recto. É representada com vestes de peregrino, usa botas de cano alto, túnica curta que

levante para mostrar a ferida na perna direita, sobrepeliz preto com duas vieiras. A cabaça está presa no lado direito, chapéu preto, na mão direita segura o bastão dourado e com a mão esquerda segura a túnica para mostrar a ferida da perna direita. Usa barba comprida, atrás de si, no lado esquerdo encontra-se o cão, seu fiel amigo que o ajudou com a sua saliva a cicatrizar a ferida.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Nossa Senhora com o menino
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes Plásticas
Subcategoria: Escultura de vulto
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Bornes- Igreja de Santa Marta
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Século: XVII?
Estilo: Renascimento.
Categoria: Erudito
Técnicas: Talhe em vulto pleno, policromada
Materiais: Madeira
CONSERVAÇÃO GERAL
Estado de conservação; Mau:
Insuficiências: destacamento da policromia deixando a preparação e nalguns casos a própria madeira à vista.
MEDIDAS GERAIS
Alt: 41,5cm
Larg: 16cm
Prof: 13,4cm
Peso: 2.600grs
REFERÊNCIA

Número de inventário:4711
Número de exposição:230
FUNCIONALIDADE:
À Data: Cultual
DESCRIÇÃO: Imagem com embasamento oval em postura geral de pé, com o menino sentado cabeça e tronco recto, os membros superiores recolhidos dando apoio ao menino jesus como indumentária apresenta-se com manto e véu em azul de cabelos castanhos e véu em bege.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: S. Caetano
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes Plásticas
Subcategoria: Escultura
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Carrapatas – Igreja de S. Geraldo
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Centro de produção: Portugal
Século: XVII finais
Técnicas: Talhe em vulto pleno.
Dados técnicos: Estofada, policromada e dourada
Materiais: Madeira
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Mau
Estado: Policromia a destacar-se, base partida
MEDIDAS GERAIS
Alt: 43,5cm
Larg: 27,5cm
Peso: 2.700grs

REFERÊNCIA
Número de inventário: 9224
Número de exposição:231
FUNCIONALIDADE:
À Data: Devocional
DESCRIÇÃO: Imagem apoiada em base rectangular. S. Caetano apresenta-se de barba, envergando dalmática e estola. Imagem estofada e policromada, decorada com brocados. Na mão direita a palma do martírio e na mão esquerda segura o livro.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Santa Marinha
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes Plásticas
Subcategoria: Escultura
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Santa Marinha de Edroso
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Século: XVIII?
Estilo: Barroco.
Técnicas: Talhe em vulto pleno: Policromia
Materiais: Madeira
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Deficiente
REFERÊNCIA
Número de inventário: 11022
Número de exposição: 232
FUNCIONALIDADE:
À Data: Devocional

DESCRIÇÃO: Embasamento em planta sextavada de um único nível. Santa Marinha apresenta-se de pé com uma leve inclinação corporal (tronco) para a esquerda. Apresenta cabelos caídos sobre os ombros, olhos saídos e esbugalhados. Veste manto azul, os dourados das vestes são ondulados.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: S. Geraldo?

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plásticas

Subcategoria: Escultura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Ferreira – Igreja de Nossa Senhora da Assunção

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Região: Produção regional

Século: XVIII/XIX

Estilo: Barroco.

Técnicas: Talhe em vulto pleno: Policromia

Materiais: Madeira

MEDIDAS GERAIS

Alt: 34,5cm

Larg: 13,5cm

Profundidade: 9 cm

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Mau

Especificações: Suporte desgastado.

REFERÊNCIA

Número de inventário: 7817

Número de exposição: 233

FUNCIONALIDADE:

À Data: Devocional

DESCRIÇÃO: A imagem apresenta vestes episcopais nas cores, preto, vermelho e branco, mitra episcopal e segura na mão esquerda o livro sagrado.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Nossa Senhora com o Menino
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes Plásticas
Subcategoria: Escultura
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Ferreira – Igreja de Nossa Senhora da Assunção
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Região: Norte de Portugal
Século: XVIII
Estilo: Barroco.
Técnicas: Talhe em vulto pleno: Policromia
Materiais: Madeira.
MEDIDAS GERAIS
Alt: 80cm
Larg: 30cm
Profundidade: 21cm
Peso: 11.500grs
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Mau
Especificações: Policromia a destacar, manto partido, deficiências nas carnações.
REFERÊNCIA
Número de inventário: 7821
Número de exposição: 234
FUNCIONALIDADE:
À Data: Devocional

DESCRIÇÃO: Nossa Senhora sob uma esfera decorada com cinco querubins envergando uma túnica dourada e policromada e com um manto igualmente dourado e policromado. Usa o cabelo loiro caído, com a mão direita segura o manto e o menino repousa na sua mão esquerda

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Santa Genoveva

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plásticas

Subcategoria: Escultura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Lamas – Santuário de Nossa Senhora do Campo

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: XVII

Estilo: Barroco.

Técnicas: Talhe em vulto pleno: Policromia

Materiais: Madeira.

MEDIDAS GERAIS

Alt: 68cm

Larg: 30cm

Profundidade: 29cm

Peso: 10.550grs

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Deficiente

Especificações: Completamente repintada.

REFERÊNCIA

Número de inventário: 474

Número de exposição:235

FUNCIONALIDADE:

À Data: Devocional

DESCRIÇÃO: Imagem popular. Os pregueados são em V. O rosto tal como as mãos são toscos. Imagem véu dourado, manto azul e túnica salmão. Cabelos ruivos. A santa agarra nas mãos a roca e o fuso de fiar.

PEQUENA NOTA HISTÓRICA:

Santa Genoveva nasce em Nanterre, em 423 – faleceu em Paris, em 502? É a padroeira de Paris. Festa litúrgica, a 3 de Janeiro. Na arte litúrgica da Igreja é representada como uma pastora, ligada ao culto de Nossa Senhora dos Campos. Este título mariano está ligado ao início da evangelização de França**.**

Da sua biografia, com as reservas necessárias, retira-se alguma informação de um documento "La vita Genovefae" escrita cerca de 20 anos após a sua morte. Seus pais faleceram quando tinha sete anos de idade, por essa altura encontra-se com São Germano de Auxerre, que viria a ser uma referência religiosa. Com 15 anos ingressa num convento em Paris, dedica-se a obras de caridade e de penitência. Suas visões e profecias vão-se confirmando passando a ser respeitada e referenciada por todos. Em meados do século V, Paris encontra-se debaixo da ameaça de invasão dos Hunos de Átila. A influência de Santa Genoveva, acreditando na protecção dos céus, convence grande parte da população a resistir. Rechaçados os Hunos de Átila, os parisienses confrontam-se com momentos de grande carestia, Santa Genoveva sobe rio sena e consegue cereais que distribui generosamente pelo povo. Lidera a construção da Igreja de São Dionísio (Saint Denis) e convence o Rei Clóvis a construir a igreja de São Paulo e São Pedro, Morre no ano de 502 (?), Sobre o seu sepulcro é construído um pequeno oratório em madeira que Luís XV transformará em Basílica de "Santa Genoveva". Durante a revolução francesa grande parte das suas relíquias desaparecem, tendo a Basílica tomado o nome de Panteão Nacional Francês. Todavia o culto a Santa Genoveva continuou na igreja de Saint-Étine-du-Mont".

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: São Cristóvão com o menino às costas.

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plásticas

Subcategoria: Escultura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Malta – Igreja de S. Cristóvão

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Região: Regional

Século: XVIII

Estilo: Barroco.

Técnicas: Talhe em vulto pleno: Policromia

Materiais: Madeira.

MEDIDAS GERAIS

Alt: 28,5cm

Larg: 9cm

Profundidade: 6,7cm

Peso: 300grs

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Mau

REFERÊNCIA

Número de inventário: 8732

Número de exposição: 236

FUNCIONALIDADE:

À Data: Devocional

DESCRIÇÃO: Imagem com embasamento rectangular, com postural geral de pé, cabeça virada para o lado direito inclinada, com o tronco dobrado, virado para a frente. O braço direito abaixo da cinta, segura na vara o braço esquerdo erguido acima da cabeça. O pé direito frontal e o esquerdo encontram-se ligeiramente virado para o lado esquerdo. Apresenta como indumentária túnica curta e manto. Apresenta-se predominantemente com cores bege, castanho, carnações, azul e vermelho.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Nossa Senhora a Magnifica.

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plásticas

Subcategoria: Escultura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Limãos- Igreja de São Sebastião

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Século: Imagem do século XVIII – Coroa em filigrana e brincos em ouro são do século XX
Estilo: Barroco.
Técnicas: Talhe em vulto pleno: Policromia
Materiais: Madeira, placa metálica, Ouro e vidro.

MEDIDAS GERAIS

Alt: 45,5cm
Larg: 16cm
Profundidade: 12,7cm
Peso: 1.457grs

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Regular

REFERÊNCIA

Número de inventário: 2354
Número de exposição:237

FUNCIONALIDADE:

À Data: Devocional

DESCRIÇÃO: Embasamento de planta quadrangular encimada por base oitavada irregular de dois níveis de perfil recto. Nossa Senhora é representada toda de pé em postura recta e rígida. A perna esquerda encontra-se à frente da perna direita com a ponta do sapato a aparecer. O menino encontra-se apoiado no braço esquerdo, enquanto que, Nossa Senhora, com a mão direita segura no seu pé esquerdo. Nossa Senhora apresenta os cabelos compridos (tapados pelo manto). Com brincos de ouro tanto Nossa Senhora como o Menino são representados de forma bastante tosca.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: S. Pedro Apóstolo

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plástica

Subcategoria: Pintura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Chacim, Museu Mariano do Convento de Balsemão

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século: XVIII

Técnicas: Óleo sobre tela

Materiais: Tela

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Regular

Observações: Destacamentos parciais da camada cromática, remendos na tela, repintes.

MEDIDAS GERAIS

Alt:74,4cm

Larg: 58,5cm

Espessura: 4,4cm

Com moldura

Alt: 67,5cm

Larg: 51,7cm

REFERÊNCIA

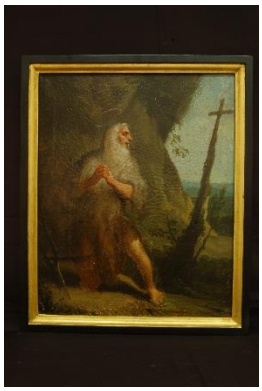
Número de inventário: 8586

Número de exposição: 238

FUNCIONALIDADE:

À Data: Museu Mariano do Convento de Balsemão

DESCRIÇÃO: São Pedro com os olhos elevados e com as chaves na mão, representado a três quartos, envolto num manto castanho com drapeados que encerram contrastes profundos de claro/escuro. A barba e o cabelo enquadram a face envelhecida de um idoso já calvo. Representação sobre fundo acinzentado de cujo corte superior direito surge uma face luminosa para onde o santo eleva o olhar.



IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Santo Onofre

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plástica

Subcategoria: Pintura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Chacim, Museu Mariano do Convento de Balsemão

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século: XVIII

Técnicas: Óleo sobre tela

Materiais: Tela

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Regular

Especificações: Necessita de limpeza e consolidação

MEDIDAS GERAIS

Alt:68cm

Larg: 55,7cm

Espessura: 4cm

Sem moldura:

Altura: 63cm

Largura: 50,5cm

REFERÊNCIA

Número de inventário: 8595

Número de exposição: 239

FUNCIONALIDADE:

À Data: Museu Mariano do Convento de Balsemão

DESCRIÇÃO: São Paulo vestido com pelagem animal de joelhos e com as mãos postas. Junto a um ermo em local deserto. Porventura inquirindo-se acerca da sua posição de retiro da vida comum. Á sua frente uma cruz sustentada num branco esgotado que reverdece como sinal de derramamento de sangue mártir da crucificação pela qual a morte da lugar à vida eterna.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Frei Casimiro Wyszynski
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes Plástica
Subcategoria: Pintura
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Chacim, Museu Mariano do Convento de Balsemão
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XVIII/XIX?
Técnicas: Óleo sobre tela
Materiais: Tela
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Aceitável
Observações: A tela apresenta marcas de cera sobre a camada cromática e revela vários repintes
MEDIDAS GERAIS
Alt:91,5cm
Larg: 78,9cm
Espessura: 4cm
Com moldura

Alt: 82,1cm
Larg: 68,6cm

REFERÊNCIA

Número de inventário: 8597

Número de exposição:240

FUNCIONALIDADE:

À Data: Museu Mariano do Convento de Balsemão

DESCRIÇÃO: O padre Casimiro aparece representado em primeiro plano segurando com a mão direita uma planta com as raízes visíveis onde sugere ir colocar num vaso de porcelana pintado que tem ao centro o escudo real português plantando na terra desse reino o ordem dos Marianos da Imaculada Conceição. Na parte esquerda da composição a imagem de Nossa Senhora de Balsamão, segurando com a mão direita o escapulário e com a mão esquerda o cálice com o Balsamo. Ao fundo está presente o convento de Balsamão. Ma parte direita da composição observa-se uma parte de uma construção com elementos clássicos, uma coluna sobre uma base.

INSCRIÇÃO: Inscrição no papel preso no vaso brasonado:

"O venerável servo de De/os P. Cazimiro Wyszynski/Polonez Ex-Propofito Geral/dos clérigos Marianos da/Immda Conceição da Se-/nhora, e o primeiro que plã/tou en Portugal a mesma/religião. Faleceu nesta Ca/za de N. Snra de Balsamão/ da Vila de Chacim Bragança aos 21 de Out/de 1755 de idade de 50 annos.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: São Manuel

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes Plástica

Subcategoria: Pintura

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Chacim, Museu Mariano do Convento de Balsemão

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século: XVIII

Técnicas: Óleo sobre tela

Materiais: Tela

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Regular

Especificações: Repintes, braço esquerdo – Limpeza e consolidação

MEDIDAS GERAIS

Alt:68,5cm

Larg: 55,5cm

Espessura: 3,5cm

Sem moldura:

Altura: 63,5cm

Largura: 51,5cm

REFERÊNCIA

Número de inventário: 8624

Número de exposição: 241

FUNCIONALIDADE:

À Data: Museu Mariano do Convento de Balsemão

DESCRIÇÃO: A imagem do santo apresenta-se em pé com as mãos em posição de orante no meio da natureza, com arvoredo à volta e no fundo. No chão, aos pés do Santo no lado direito estão representados duas tochas e uma inscrição com o nome do Santo. No lado esquerdo está representado um pano vermelho.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Pálio

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Têxteis

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Subcategoria: Paramentaria religiosa

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Bagueixe – Igreja de São Vicente

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: XIX?

Técnicas: Damasco, franjada

Materiais: Seda, Veludo e algodão (forro)

Outros materiais: Linho, fio laminado, dourado e prateado

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Regular

MEDIDAS GERAIS

Alt:234cm

Larg:261cm

Peso:3015grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:10120

Número de exposição:242

DESCRIÇÃO: Pálio é uma espécie de sobrecéu ou dossel portátil, feito de um quadrilongo de pano de seda, com abas pendentes e franjadas, e sustentado por varas, para ser levado à mão e que serve para cobrir, como sinal de distinção e honra, nos cortejos e procissões solenes, a pessoa ou objeto que mais se pretende honrar. As varas do pálio são sustentadas pelos paliários (palliales). É usado, principalmente, nas procissões religiosas para cobrir o Santíssimo Sacramento ou a imagem do Senhor Morto. No uso litúrgico, o pálio, assim como a umbela, pode ser de qualquer uma das cores litúrgicas (branco, vermelho, verde, roxo, rosa, preto, dourado e prateado), de acordo com as funções litúrgicas.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Pálio

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Têxteis

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Subcategoria: Paramentaria religiosa

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Chacim – Igreja de Santa Comba

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Proveniência: Desconhecida

Século: Século XVIII- 2ª metade?

Técnicas: Costura à mão,

Materiais: Seda e linho

MATERIAIS: Seda e fio de ouro

TÉCNICAS: Damasco com bordado a fio de ouro

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Deficiente

Especificações: Fios soltos, escurecimento, humidades

MEDIDAS GERAIS

Fechada:

Alt: 255cm

Larg: 225cm

Peso: 4.300grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 9103

Número de exposição:243

DESCRIÇÃO: Pálio decorado a fio de ouro, com grandes florões. Na banda superior e inferior três pendentes e nas laterias quatro pendentes.

Pálio é uma espécie de sobrecéu ou dossel portátil, feito de um quadrilongo de pano de seda, com abas pendentes e franjadas, e sustentado por varas, para ser levado à mão e que serve para cobrir, como sinal de distinção e honra, nos cortejos e procissões solenes, a pessoa ou objeto que mais se pretende honrar. As varas do pálio são sustentadas pelos paliários (palliales). É usado, principalmente, nas procissões religiosas para cobrir o Santíssimo Sacramento ou a imagem do Senhor Morto. No uso litúrgico, o pálio, assim como a umbela, pode ser de qualquer uma das cores litúrgicas (branco, vermelho, verde, roxo, rosa, preto, dourado e prateado), de acordo com as funções litúrgicas.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Casula e estola

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Têxteis

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Paramentos Religiosos

Subcategoria: Veste Litúrgicas exteriores

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Santa Combinha – Igreja de Santa Colomba

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: XVII

Estilo: Barroco

Aplicações: Seda; Campos e sebastos; Linho, forro.

Materiais: Seda e Linho

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Regular

MEDIDAS GERAIS

Alt: 113cm

Larg: 80cm

Peso: 746grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:2632

Número de exposição:244

DESCRIÇÃO: Paramento de formato semi-circular, com base de seda adamascada verde. O forro é em linho de trama grossa, o fecho é fixo.

FUNÇÃO: Paramento próprio do sacerdote presidente, usando-o sobre a alva e sob a estola. Tal como em muitos outros casos, são os tempos litúrgicos que definem as aparições entre objectos semelhantes, sendo que os paramentos, de cor vermelha, adequam-se ao Tempo da Paixão, festa dos Apóstolos, Evangelistas. Branca: festas da

Páscoa e do Natal e respectivos tempos litúrgicos, celebração do Baptismo, das ordenações, do casamento, de santos e santas não mártires e ainda para a celebração de bênçãos.

No caso presente, a peça apresenta-se em cor verde, indicativo da sua função relacionar-se com missas em tempo comum.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Capa de Asperges

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Têxteis

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Paramentos Religiosos

Subcategoria: Veste Litúrgicas exteriores

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Edroso – Igreja de Santa Marinha

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: XIX?

Estilo: Barroco erudito?

Técnicas: Damasco bordado a fio dourado

Materiais: Seda, linho.

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável

MEDIDAS GERAIS

Alt:287cm

Larg: 130cm

Peso: 2125grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1088

Número de exposição:245

DESCRIÇÃO: Capa de Asperge em damasco bege de fundo, tanto na orla como nos campos, como nos sebastos. Os sebastos, os campos e a orla são definidos por aplicação em seda não franjeada. O padrão do damasco é sobretudo vegetalista, contudo há

registo pontuais de decoração geométrica fazendo a ligação entre vários elementos vegetalistas

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Casula
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Têxteis
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Paramentos Religiosos
Subcategoria: Veste Litúrgicas exteriores
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja de São Miguel – Talhas
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Século: XVIII?
Técnicas: Seda bordada; seda franjeada, Linho, forro
Materiais: Tecido: fio de seda amarela, fio laminado dourado; fio laminado dourado e prateado. Bordado em fio laminado dourado.
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Mau
MEDIDAS GERAIS
Alt: 106,4cm
Larg: 86,5cm
Peso: 9776grs
REFERÊNCIA
Número de inventário: 9277
Número de exposição:246
DESCRIÇÂO: Campos e sebastos em linho tingido de cor carmim com estampado vegetalista, de cor mais intensa, onde se distinguem folhas de acanto. Os campos e os

sebastos são definidos por aplicações (listas) em seda com decoração geométrica em losangos, as mesmas que se aplicam nas orlas. O forro é em pano grosseiro de linho macerado? Com coloração alaranjada.

FUNÇÃO: Paramento próprio do sacerdote presidente, usando-o sobre a alva e sob a estola. Tal como em muitos outros casos, são os tempos litúrgicos que definem as aparições entre objectos semelhantes, sendo que os paramentos de cor branca: festas da Páscoa e do Natal e respectivos tempos litúrgicos, celebração do Baptismo, das ordenações, do casamento, de santos e santas não mártires e ainda para a celebração de bênçãos.

A casula de cor vermelha, como o presente exemplo, adequam-se ao Tempo da Paixão, festa dos Apóstolos, Evangelistas.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Dalmática

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Têxteis

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Paramentos Religiosos

Subcategoria: Paramentaria

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Vale Benfeito – Igreja de Nossa Senhora da Assunção.

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Século: XIX

Técnicas: Seda bordada; seda franjeada, Linho, passamanaria, forro

Materiais: Seda bordada a fio de linho e fio metálico

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Insuficiente

Especificações; A peça apresenta manchas de humidade

MEDIDAS GERAIS

Alt: 108cm

Larg: 146cm
Peso: 1400grs
REFERÊNCIA
Número de inventário: 6536
Número de exposição:247
DESCRIÇÃO: Dalmática decorada com motivos florais, com dois pendentes de passamanaria

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Cruz processional
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Ourivesaria religiosa
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos religiosos
Subcategoria: relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja de Nossa Senhora da Assunção - Talhinhas
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Século: XVII, 2ª metade
Materiais: Madeira, Prata, Ferro.
Técnicas: Repuxado, Fundição, Soldagem
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Regular
Observações: Suporte; Estalado, Lacunas, oxidação
MEDIDAS GERAIS
Alt: 69cm
Larg:52,3cm
Prof:9cm
Peso:1012grs
REFERÊNCIA

Número de inventário: 379
Número de exposição:249
DESCRIÇÃO: Cruz latina de planta circular, com as extremidades dos braços e da haste em lanternim, com excepção da parte inferior da haste, suprimida por encaixe. O lanternim é precedido de dois frisos ovalados. A cruz apresenta-se sem decoração. Na interseção da haste e dos braços a figura de Jesus Cristo crucificado figura encimada por 3 querubins. O encaixe para a cruz e vara tem planta circular. A vara é em madeira e cilíndrica.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Cruz processional
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Ourivesaria religiosa
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos religiosos
Subcategoria: relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja de Santa Colomba – Santa Combinha
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Século: XVI?
Materiais: Latão e ferro
Técnicas: Repuxado, Fundição, Rebitagem.

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Mau

Observações: Escurecimento, formação de patines

MEDIDAS GERAIS

Alt: 53,5cm

Larg:30,8cm

Prof:9cm

Peso:1675grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 3260

Número de exposição: 250

DESCRIÇÃO: Cruz latina de planta rectangular com as extremidades flordelisada e com leitura de um só lado. A interseção dos braços com a haste é quadrangular, saliente, larga e acrescem-lhe nos ângulos superiores da haste elementos em bola. Os travessões ovalados das hastes onde repousam as mãos cravejadas de cristo, (Cristo na cruz) contém ambos duas figuras celestiais. O prolongamento inferior da haste tem planta circular, com nó em pinha de desenho globular achatado com superfície estriada. O encaixe para a vara tem desenho cónico e é decorado no bordo inferior por anel cordiforme.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Turibulo

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Podence – Igreja Matriz

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XVIII?
Materiais: Bronze e estanho?
Técnicas: Lavrada, baixo-relevo.

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável
Patologias: A peça apresenta alguma pátina e oxidações, falta-lhe a base (pé)

MEDIDAS GERAIS

Alt:22,5cm
Larg:13,5cm

REFERÊNCIA

Número de inventário: 770
Número de exposição:251

DESCRIÇÃO: Peça em forma de dois cálices, o debaixo, direito e o de cima invertido. O cálice inferior tem uma decoração muito simples e fitomórfica que descreve triângulos. O cálice superior tem o mesmo tipo de decoração, contudo faz dois arcos e em cada existem seis aberturas verticais.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Turibulo

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja de Santa Catarina - Peredo

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Porto?
Entidade executora: Contraste de Ourives e contraste de Oficina
Século: XIX
Materiais: Prata.
Técnicas: Prata repuxada, prata fundida e soldada

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom

MEDIDAS GERAIS

Alt:30,5cm
Larg:15,5cm
Prof:15,5cm
Peso:790grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 2071
Número de exposição:252

DESCRIÇÃO: Turíbulo de planta circular, constituído por base, campo (recetáculo) e tampa. De base decorada por friso com elementos rocaille (cordas), flores entre os enrolamentos vegetalistas. O recetáculo dispõe de dois níveis decorativos, o inferior decorado com folha de loureiro e o superior decorado por flores com enrolamentos vegetalistas. A tampa é recortada entre os elementos vegetalistas e o corpo central e rematado por cúpula em folhas de acanto.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Turibulo

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Capela de Nossa Senhora da Oliveira, Morais

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século: XIX, 2ª metade

Estilo; Barroco, não erudito

Materiais: Latão (cobre + zinco)

Técnicas: Fundição; repuxado; soldagem; rebitagem.

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Opérculo; Mau – Base; Razoável

Observações: Opérculo, estalado – Base com verdete

MEDIDAS GERAIS

Alt:21,5cm

Larg:11,7cm

Prof:11,7cm

Peso:755grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 2075

Número de exposição:253

DESCRIÇÃO: Turibulo com base circular de perfil composto, de pé raso a decoração da base é feita com filetes circundantes, paralelos e semelhantes sobre friso paralelos e dissemelhantes na ondulação. O fogaréu é de planta circular de perfil semi-circular ligado à base por rebitagem. O segundo registo é de planta circular de perfil em diagonal crescente (aberto) de superfície lisa até à zona central do campo onde o friso é circular côncavo, emoldurado. O bordo é extravasado e tem 3 ressaltos semicirculares espaçados entre si. O opérculo é de planta circular e de perfil contracurvado com simetria com o bordo de topo.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Turibulo
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Metais
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja Nossa Senhora dos Reis - Lamalonga
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XIX-XX
Materiais: Prata, ferro e latão
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Bom
MEDIDAS GERAIS
Alt:10,5cm
Larg:12,5cm
Peso:1008grs
REFERÊNCIA
Número de inventário: 10428
Número de exposição:254
DESCRIÇÃO: Turíbulo com base com rebordo com línguas e fissuras. O corpo da peça tem retângulos recortados com um rebordo com rectângulos grandes e pequenos. No

rebordo três argolas onde se prendem as correntes. Na parte superior tem rebordo com pontilhado seguido por outro rebordo com rectângulos estriados. O último nível apresenta barras com motivos geométricos.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Turibulo

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Igreja de S. Martinho - Lagoa

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século: XVIII (1ª metade)

Estilo/Erudição: Barroco, não erudito

Materiais: Latão

Técnicas: Fundição. Repuxado; fundido, rebitagem

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável

Observações: Correntes em falta; amolgado; sujidade; depósitos.

MEDIDAS GERAIS

Alt:21,3cm

Larg:12,5cm

Prof:12,5cm

Peso:566grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1395

Número de exposição:255

DESCRIÇÃO: Pé com planta circular de perfil simples e convexo, a base de planta circular de perfil negativo de campaniforme achatado (contracurvado) a superfície é lisa com perfil contracurvado une-se ao fogaréu por rebitagem interior. O fogaréu é de planta circular e de perfil convexo e contracurvado, os dois perfis fundem-se num só não existindo separação efectiva destes. O opérculo é de planta circular e de perfil recto e contracurvado. A superfície do incensório é perfurada (vazada).

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Naveta e colher

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Ourivesaria religiosa

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Igreja Nossa Senhora da Purificação - Podence

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Século: XVIII?

Materiais: Bronze, estanho e prata

Técnicas: Gravação em baixo-relevo

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável

Observações: Sem danos a nível estrutural, com alguma patine nas zonas de manuseamento.

MEDIDAS GERAIS
Alt: 19,80cm
Larg: 12cm
REFERÊNCIA
Número de inventário: 769
Número de exposição:256
DESCRIÇÃO: Peça de pé liso de perfil discoidal, decorado, com orla puxada e fotosférica. O corpo da naveta é do tipo balaústre (crescente), de boca única, com eixo central que separa em dois o modelo. Com motivos decorativos diferentes fitomórficos com os cantos enquadrados por uma moldura geométrica.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Naveta e colher
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Ourivesaria religiosa
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja de Santo Estevão - Travanca
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Local: Portugal?
Contrastes: Ensaiador X
Século: XVII (1ª metade)
Materiais: Cobre
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Bom
Observações: Sujidade.
MEDIDAS GERAIS
Alt: 12,8cm

Larg: 17,1cm
Prof: 8cm
Peso: 755grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1881
Número de exposição:257

DESCRIÇÃO: Naveta em cobre de base e haste circular e vaso naviforme. Base de perfil composto (1/4 côncavo), decorada com ornamentos geometrizantes no friso inferior e incisões no superior. A haste é de perfil côncavo. A nave é decorada nos flancos com aplicações fingidas em couro liso, cozido e com rebites nas orlas e nas intersecções. O tampo da nave tem perfil contracurvado, sendo que a zona do convés é elevada, A tampa situa-se na popa com sistema de abertura em charneira. A decoração no topo é semelhante à dos flancos.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Naveta e colher

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Ourivesaria religiosa

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja Nossa Senhora dos Reis - Lamalonga

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Porto
Século: XIX
Materiais:Metal
Técnicas: Punção e alto-relevo

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom

MEDIDAS GERAIS

Alt: 12,5cm

Larg: 17,5cm

Peso: 457grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 3478

Número de exposição:258

DESCRIÇÃO: Naveta com base em forma de olho amendoado com frisos onde se desenham línguas. Pé com pontilhado simples, corpo da naveta em forma de nau com um querubim na proa e popa. Decoração geométrica a pontilhado. Nas pontas desenha-se a punção motivos florais

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Naveta e colher

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Ourivesaria religiosa

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Igreja de São Martinho - Lagoa

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Século: XIX

Materiais: Prata.

Técnicas: Prata repuxada martelada, pontilhado, gravado

Materiais:Prata
Marca de Ourives: Cerbelle

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável
Observações: Naveta com base bastante amolgada

MEDIDAS GERAIS

Alt: 17cm
Larg: 15,4cm
Prof: 6,8cm
Peso: 250grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1956
Número de exposição:259

DESCRIÇÃO: Base com e registos todos de planta circular e perfil convexo. De faces lisas, sem decorações, friso com decoração, campo de faces lisas, sem decoração. A haste apresenta quatro registos de planta circular e perfil convexo, campo liso sem decoração, termina com um simples friso saliente. O nó é bastante saliente, limitado por dois frisos também salientes. Sem decoração. A nave é de planta oval, com casco decorado com motivos vegetalistas (estilizados) folhas de recorte simples, alternadas com folhas recortadas, com uma cercadura de duplo friso inciso. Entre as folhas e o friso há pontilhado. Da popa até à proa há uma cercadura geometrizada que se encontra limitada por dois frisos salientes (gravados). Esta cercadura é cortada por um florão junto ao convés, este florão é também muito estilizado.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Cálice

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Igreja Nossa Senhora da Assunção - Pinhovelo

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Século: XVIII/XIX

Materiais: Prata

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom

MEDIDAS GERAIS

Alt: 27,1cm

Larg: 13,5cm

Prof: 13,5cm

Peso: 478grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 2698

Número de exposição: 260

FUNCIONALIDADE:

À Data: Sem uso

DESCRIÇÃO: Cálice em prata com base, haste e vaso circulares. Base de perfil composto com sentido descendente, com dois registos. Haste constituída por desenhos estrangulados entre o nó (invertido). Vaso longo com bordos extravertidos.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Cálice

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Ourivesaria religiosa

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja de Nossa Senhora da Conceição - Burga

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Século: XX
Materiais: Prata
Outros materiais: Banho a ouro no interior do cálice.

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom

MEDIDAS GERAIS

Alt: 24,5cm
Larg:13,7cm
Prof: 13,7cm
Peso: 389grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:2099
Número de exposição:261

FUNCIONALIDADE:

À Data: Sem uso

DESCRIÇÃO: Cálice de base, haste e vaso de planta circular. Base de perfil côncavo, P cálice é longo com bordos exteriorizados, com banho a ouro no interior do cálice

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Cálice

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Metais
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja de Nossa Senhora da Assunção - Castelãos
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Origem: Portugal/Norte
Século: XX
Materiais: Prata
INSCRIÇÕES:
Marca de ourives; IAQ
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Bom
MEDIDAS GERAIS
Alt: 29cm
Larg: 13,3cm
Prof: 13,3cm
Peso: 500grs
REFERÊNCIA
Número de inventário: 2925
Número de exposição: 262
FUNCIONALIDADE:
À Data: Sem uso
DESCRIÇÃO: Cálice em prata com planta circular, com base de perfil recortado, ornamentado com baixos e médios relevos depostos em campos horizontais (parte inferior) e verticais (parte superior), com elementos vegetalistas recorrendo a folhas e flores de acanto, louro e flores. Na haste o nó é periforme emprega ornamentação, incisa em relevo. O vaso longo tem bordo exteriorizado.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Cálice

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Ourivesaria religiosa

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Igreja de Santa Comba - Chacim

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Porto

Entidade executora: JRI

Contraste: (pé) (P)

Século: XIX (meados)

Materiais: Prata

Outros materiais; No interior o vaso é dourado

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom

MEDIDAS GERAIS

Alt: 28,5cm

Larg:12,6cm

Prof: 12,6cm

Peso: 500grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:2700

Número de exposição: 263

FUNCIONALIDADE:

À Data: Sem uso

DESCRIÇÃO: Cálice com vaso em prata constituído por base, haste e vaso, profusamente decorado, sobretudo ao nível da base e vaso. O perfil da base é composto e os seus quatro campos são dispostos na vertical com entrepanos decorados com motivos vegetalistas. Figuram nos campos fénix a alimentar as crias, arca da aliança, fénix a renascer das cinzas e Agnus Dei. A haste tem nó cinzelado com louro estilizado. O vaso é longo e decorado com baixos e médios relevos das armas Christi e entre panos vegetalistas temos no primeiro esponja e lança, no segundo cravos, no terceiro cruz e no quarto escada. O bordo é exteriorizado.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Cálice

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Ourivesaria religiosa

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Igreja de São Miguel - Bouzende

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Porto

Entidade executora: Desconhecida

Século: XX

Materiais: Prata

Outros: Banho a ouro.

Marcas de Ourives: IFG

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Regular

MEDIDAS GERAIS

Alt: 26,2cm
Larg:12,5cm
Prof: 12,5cm

REFERÊNCIA

Número de inventário:2982
Número de exposição:264

FUNCIONALIDADE:

À Data: Sem uso

DESCRIÇÃO: Cálice com pé octogonal, com haste é dividida em cinco registos separados entre si por ovados oblongos. A copa lisa, ligeiramente mais alta que larga com lábios exteriorizados é revestida por falsa-copa relevada em cerca de 1/3 de altura. e com o resto do cálice em prata dourada. A excepção da copa toda a peça e profusamente decorada.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Cálice e patena

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Ourivesaria religiosa

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Capela de São Sebastião - Lamas

PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XIX?
Materiais: Prata
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Bom
MEDIDAS GERAIS
Alt: 25,6cm
Base:12,7cm
Prof: 12,7cm
Peso: 599grs
REFERÊNCIA
Número de inventário:729
Número de exposição:265
FUNCIONALIDADE:
À Data: Sem uso
DESCRIÇÃO: Cálice de base oval e pé em balaústre. Vaso todo liso em dourado. Patena circular simples, com marca de ourives.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Píxide
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Ourivesaria religiosa
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja de Santa Eugénia - Ala

PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Origem: Portugal
Entidade executora: Desconhecida
Século: XIX
Marcas: /___/ - Contraste: G
Materiais: Prata
MOTIVOS DECORATIVOS: Fitomórficos
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Bom
MEDIDAS GERAIS
Alt:15cm
Larg: 8cm
Prof: 8cm
Peso: 200grs
REFERÊNCIA
Número de inventário: 1660
Número de exposição:266
DESCRIÇÃO: Píxide em prata lavrada constituída por base, haste, vaso e tampa. Base circular com perfil contracurvado aprumado à medida que se aproxima da haste, junto à qual tem decoração de folhagem. A haste é constituída por quatro segmentos circulares. O vaso é achatado mais largo que alto com decoração. O interior do vaso é dourado. A tampa tem as mesmas linhas que a base, todavia um pouco mais altas.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Píxide
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Ourivesaria religiosa
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Gradíssimo

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XVIII/XIX?

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom

MEDIDAS GERAIS

Alt:20cm
Larg: 9,5cm
Prof: 9,5cm
Peso: 250grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1672
Número de exposição: 267

DESCRIÇÃO: Píxide com base circular decorada. Pé em balaústre. O corpo da píxide é largo com o interior dourado. Tampa larga que vai afunilando. Termina com uma cruz latina.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Píxide

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Ourivesaria religiosa

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Igreja de Santa Marinha - Edroso

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século:XX

Material: Prata

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom

MEDIDAS GERAIS

Alt:13cm

Larg: 5,5cm

Prof: 5cm

Peso: 75grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1116

Número de exposição: 268

DESCRIÇÃO: Base de planta circular com pé chanfro e alto de face recta e demarcado do corpo, com três registos côncavos, com quatro argolas donde sai a cordoalha de apreensão. A haste é composta por 3 registos lisos com extremos estrangulados. O vaso da píxide é mais largo na base que vai afunilando em direcção à tampa. Esta com três registos de perfil convexo. Termina com a cruz latina.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Travessa e Galhetas

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja de Santa Comba - Chacim

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Porto [P]
Entidade executora: JGTA
Século: XX
Materiais; prata
Outros materiais: Chumbo no fundo da base das galhetas
Marcas de ourives; JGTA

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom

MEDIDAS GERAIS

Alt: 12cm
Larg 10,3cm
Profundidade: 6,8
Peso: 250grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1742/3/4
Número de exposição:269

FUNÇÃO: Não tem função litúrgica

DESCRIÇÃO: Travessa e par de galhetas em prata decorada de forma distinta. Travessa de planta em losango, mas recortada. É decorada por frisos com motivos vegetalistas no bordo interior. As galhetas também em prata, são decoradas na base por folhas estilizadas e nos campos verticais do recetáculo bojudo são igualmente decorados por enrolamentos vegetalistas entrelaçados (folhas de acanto). A haste em aleta é decorada na parte superior por folhas de louro. O bocal das galhetas termina em bico de flamingo e no topo da tampa retráctil e decorado por planta florida.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Píxide

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Igreja de São Paulo - Meles

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século: XIX?

Materiais; Liga metálica

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Aceitável

MEDIDAS GERAIS

Alt: 6,5cm

Larg 8cm

Diâmetro: 5,4cm

Peso: 125grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 3450/1

Número de exposição:270

FUNÇÃO: Não tem função litúrgica

DESCRIÇÃO: Galhetas de base oval com corpo alongado com um pequeno sulco no bordo para fazer correr o líquido. Uma das galhetas é banhada a prata a outra não tem qualquer vestígio de prata.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Custódia-Cálice

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Ourivesaria religiosa

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos religiosos

Subcategoria: relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Igreja de Santa Eugénia - Ala

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Local: Portugal

Século: XVIII

Materiais: Prata e vidro

Motivos decorativos: Folhas de acanto estilizadas, acartelados, enrolamentos vegetalistas vários.

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Regular

Insuficiências: Falta cruz do coroamento – vidro da porta estalado

MEDIDAS GERAIS

Alt: 52cm

Larg:16,6cm

Prof:16,6cm

Peso: 2.345grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 8542

Número de exposição:271

DESCRIÇÃO: Custódia de prata de corpo único, indivisível, constituída por base, haste e hostiário. A base é circular e contracurvada com decoração cinzelada, intercalada pelos quatro níveis que a constituem, decorada com folhas de acanto estilizadas e terminando num soco de formato cilíndrico. A haste apresenta vários nós e estrangulamentos, não tem decoração superficial e incisa. O hostiário forma-se a partir de um vaso (fingido) decorado com folha de acanto e em baixo relevo. Sobre este elemento assenta o tabernáculo com base sobrelevada. O viril tem formato circular com lúnula em querubim. O embasamento do tabernáculo tem decoração de enrolamentos vegetalistas. No eixo de cada das colunas do tabernáculo rematam pináculos. Na cúpula figura uma cruz.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Custódia/Ostensório

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Igreja de Santa Marta - Bornes

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Porto

Entidade executora: MD

Século: XIX

Materiais: Prata, vidro e outros metais.

Motivos decorativos: Querubim, festões, elementos florais e vegetalistas, elementos de rocaille.

Estilo: Neoclássico e Rocaille

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Bom

MEDIDAS GERAIS

Alt:69cm

Larg:29,5cm

Profundidade: 17cm

Peso:3000 grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:1596

Número de exposição:272

DESCRIÇÃO: Ostensório composto por dois elementos, inferior e superior. O inferior é formado por uma única peça, no entanto é composto por base em quatro pés distribuindo uniformemente formando um losango e fuste irregular com duas pequenas aplicações posteriores. O elemento superior (ou ostensório) assenta em novo encaixe. É decorado em volta por resplendor, querubins, festões e outros elementos florais vegetalistas. Circunda a câmara ou ostensório um friso de pedras coloridas de vidro (imitação de pedras preciosas). No interior da câmara vítrea existe lúnula em forma de querubim.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Ostensório/Cálice

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Ourivesaria religiosa.

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Igreja de Nossa Senhora da Conceição - Burga

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Século: XX?

Materiais: prata e vidro

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Regular

MEDIDAS GERAIS

Alt: 57,5cm

Larg: 30,5cm

Prof: 25,5cm

Peso: 1250grs

FUNÇÃO À DATA: Cultual
REFERÊNCIA
Número de inventário: 1487
Número de exposição:273
DESCRIÇÃO: Custódia dividida em duas partes. Um cálice e um ostensório de base O cálice elevada com pé em balaústre. Ostensório de forma arquitectónica renascentista, com dupla colunata acabando em cúpula na ponta do ostensório.

IDENTIFICAÇÃO
Identificação Individual: Custódia
CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA
Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Ourivesaria religiosa
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Categoria: Objectos religiosos
Subcategoria: relacionados com a eucaristia
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO
Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja de São Nicolau - Cortiços
PRODUÇÃO
Tipo de produção: Criação
Século: XVIII/ Inicio do século XIX
Materiais: Prata e vidro
Motivos decorativos: Geométricos, vegetalistas, arquitectónicos (colunas jónicas)
CONSERVAÇÃO GERAL
Nível: Regular
Insuficiências: Vidro quebrado.
MEDIDAS GERAIS
Alt: 58cm
Larg:18,5cm

Peso: 2.300grs

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1486

Número de exposição:274

DESCRIÇÃO: Cálice com base de planta circular com pé raso. A haste desenvolve-se em três registos. O vaso é coberto por tampa com plataforma onde assenta o tabernáculo que enquadra o viril. Do tecto da plataforma de planta semicircular pende quatro tintinábulos um em cada extremo. O viril é circular e emoldurado equipado com porta retráctil com fecho. As colunas assentam sobres socos e suportam a cúpula com lanternim. É encimada por uma cruz latina de planta circular, com as extremidades dos braços e topo da haste em lanternim.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Custódia/Ostensório

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Igreja de Santa Marinha - Edroso

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação

Origem: Desconhecida

Entidade executora: Desconhecida

Século: Século XX (Inicio)

Materiais: Prata

Marca: [M]

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável

MEDIDAS GERAIS

Alt:73,5cm

Larg:29cm

Profundidade: 15cm

Peso:3600 grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:1028

Número de exposição:275

DESCRIÇÃO: Ostensório em prata, dividida em três sectores; base, haste e ostensório. A base é quadrangular com três registos e com desenho piramidal. A haste que parte do pé que sustenta o ostensório. O Ostensório é radiante com raios lanciformes e envolve o óculo. O viril tem recorte circular e é duplamente emoldurado. A lúnula apresenta-se em forma de quarto crescente, em volta do círculo máximo da moldura A encimar o ostensório, uma cruz.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Custódia/Ostensório

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas

Subcategoria: Ourivesaria religiosa.

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos

Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda

Arciprestado: Macedo de Cavaleiros

Paróquia: Igreja de São Martinho - Vilar do Monte

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Século: XIX (meados)
Materiais: cobre, (prata?) e vidro
Técnicas: Repuxado, Recortado, Soldagem, Dobragem.

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável
Patologias: Fissuras, Manchado, Verdete.

MEDIDAS GERAIS

Alt: 45cm
Larg: 24cm
Prof: 13cm
Peso: 1331grs

FUNÇÃO: Utilizada nas processões e celebrações do Corpo de Deus e Páscoa.

REFERÊNCIA

Número de inventário: 1615
Número de exposição:276

DESCRIÇÃO: Base de planta circular, com pé raso e alto de perfil recto demarcado do corpo por retração deste, a base tem um primeiro registo contracurvado. A haste tem quatro registos sobrepostos sendo que o segundo corresponde ao nó que tem desenho periforme. A haste termina em falsa copa onde assenta o viril que tem recorte circular e é duplamente emoldurado. A lúnula tem forma de querubim em quarto crescente, em volta do circula máximo da moldura exterior do viril acresce o resplendor. Remata com cruz latina no topo.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Concha Eucarística

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Metais

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:
Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Chacim – Convento da Congregação dos Marianos da Imaculada Conceição

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Entidade executora: Desconhecida
Século: XIX?
Materiais: Liga metálica

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável

MEDIDAS GERAIS

Alt:7cm
Largura da base:1,7cm
Peso:8 grs

REFERÊNCIA

Número de inventário:8936
Número de exposição:277

DESCRIÇÃO: Concha baptismal com haste sem decoração e com pega decorada, rematando com resplendor. Na Igreja Católica, o batismo é o sacramento através do qual o Sacrifício Pascal de Jesus Cristo se aplica às almas, tornando-as, em primeiro lugar, filhos de Deus Pai, mas também membros da Santa Igreja de Cristo e abrindo o caminho para a salvação eterna.

IDENTIFICAÇÃO

Identificação Individual: Tesoura de Hóstias

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA

Categoria: Artes decorativas
Subcategoria: Ourivesaria religiosa.

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

Categoria: Objectos Religiosos
Subcategoria: Objectos relacionados com a eucaristia

LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

Administração Eclesiástica:

Diocese: Bragança-Miranda
Arciprestado: Macedo de Cavaleiros
Paróquia: Igreja de S. Martinho - Lagoa

PRODUÇÃO

Tipo de produção: Criação
Origem: Desconhecida
Século: XX primeira metade?
Materiais: Ferro
Técnicas: Fundição

CONSERVAÇÃO GERAL

Nível: Razoável
Especificações: Oxidação. Apresenta vestígios de ferrugem junto às juntas.

MEDIDAS GERAIS

Alt: 27,9cm
Larg: 5cm
Prof: 0,6cm
Peso: 123grs

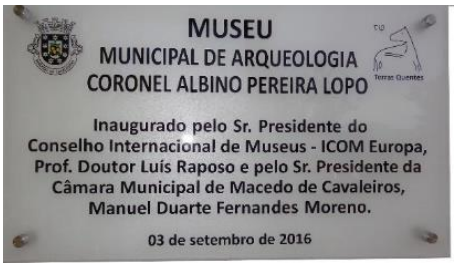
REFERÊNCIA

Número de inventário: 1483
Número de exposição:278

DESCRIÇÃO: Pegas de planta oval de perfil recto. As pegas, tem formato oval estando os lados maiores junto aos braços. Os braços são de planta curvilínea/rectangular (irregular) e de perfil recto. Braços compridos com estrangulamento junto às pegas seguidos de duas linhas anelares limitadas por uma linha anelar maior. Os braços, tem cinco arestas irregulares. A junta dos braços tem um formato rectangular quando fechada e trapezoidal quando entreaberta, ligando a parte inferior de cada braço à aresta superior dos braços. As lâminas são de planta piramidal, de perfil semicircular (cónico – exterior) (recto- interior). As lâminas, tem a mesma altura das pegas e dos braços até à junta de ligação.

MUSEU MUNICIPAL DE ARQUEOLOGIA, CORONEL ALBINO PEREIRA LOPO, MACEDO DE CAVALEIROS: 50 SÉCULOS DE HISTÓRIA DO CONCELHO DE MACEDO DE CAVALEIROS.

Sala de entrada do museu:



Lápide descerrada no dia da inauguração

A sala de entrada do museu, para além do objectivo primeiro, servir de recepção aos visitantes é, em grande parte, dedicada ao patrono do museu; Coronel Albino Pereira Lopo, personalidade a quem já nos referimos bastamente no início deste catálogo.

Para além de todo o espólio bibliográfico, a sua família, na pessoa do seu bisneto, Dr. Luís Pereira Miranda, associado da Associação Terras Quentes, disponibilizou ao Museu as suas condecoração e dragonas do seu fardamento militar.

O visitante encontra também em exposição toda a produção bibliográfica produzida pelos colaboradores da Instituição; Livros e títulos dos Cadernos Terras Quentes publicados.

Para além de um grande painel onde se visualizam os principais arqueossítios intervencionados, o visitante poderá apreciar uma maquete com funções pedagógicas dedicada ao lixo encontrado, apresentado de forma cronológica, desde o neolítico ao período contemporâneo.
SALA DA PRÉ-HISTÓRIA:

Os primeiros camponeses. O Neolítico - c. 5500-2750 a.C.

A ocupação humana mais antiga que conhecemos para a área actual do concelho de Macedo de Cavaleiros remonta ao Neolítico, período em que surge e se desenvolve

a agricultura e a criação de gado na Península Ibérica, bem como duas tecnologias novas, que se tornam essenciais nos meios de subsistência humana, a cerâmica e a pedra polida. Em Trás-os-Montes Oriental, o Neolítico é um período ainda mal caracterizado, o que se deve, fundamentalmente, à escassez de sítios arqueológicos escavados e à falta de projectos de investigação direccionados para estas questões, com algumas excepções em algumas áreas sub-regionais específicas.

Os sítios de habitação conhecidos são muito escassos, o que se deverá, entre outras razões, às próprias características desses mesmos sítios, deixando escassos vestígios materiais. São sítios de pequena dimensão, provavelmente de curta a média duração, construídos com recurso sobretudo a materiais perecíveis, como madeira, peles e argila seca/cozida. No território do actual concelho de Macedo de Cavaleiros não se conhece nenhum sítio de habitação claramente atribuível a este período.

Já durante o IVº milénio a.C., aparecerão em Trás-os-Montes Oriental os primeiros monumentos megalíticos. Estes monumentos funerários, além de acolherem os mortos destas comunidades, funcionarão também como marcadores artificiais de um espaço crescentemente humanizado quais âncoras na paisagem para populações que, por outro lado, mantêm uma grande mobilidade sazonal.

Os recipientes cerâmicos são por vezes decorados, e os instrumentos líticos fabricados a partir de lascas, lamelas e lâminas, as primeiras enxós, machados, goivas e mós manuais em pedra polida constituem o resto do seu equipamento reconstituível.

Serão estes os primeiros camponeses a desenvolver as representações esquemáticas pintadas que povoam alguns abrigos sob rocha, como, por exemplo o Forno da Velha (Freguesia de Lagoa – Figueiredo, 2008).

Sítios representados:

Forno da Velha

Localização – Freguesia de Lagoa
Coordenadas - 6° 48’ 25,51” W; 41° 25’ 39,25” N
CNS – 23820
Tipo de sítio – Arte Rupestre
Descrição – O sítio arqueológico do Forno da Velha consiste num pequeno abrigo sob rocha, no qual existem quatro painéis verticais com pinturas esquemáticas feitas com recurso a pigmentos vermelhos. Dentro das pinturas, foi identificado um “*conjunto notável de figuras, tanto ao nível da variedade como da estética. Entre antropomorfos,*

zoomorfos quadrúpedes e outros de classificação mais problemática, geométricos e ramiformes, o ordenamento figurativo dos painéis apresenta um equilíbrio surpreendente na conjugação de temas" (Figueiredo e Baptista, 2009, p. 14), fazendo parte do "*grupo de motivos típicos da pintura esquemática peninsular*" do Tardo-Neolítico (*Idem*, p. 11).

Ficha técnica:
Arqueólogos responsáveis: José Ventura, Hélder Carvalho.
Trabalhos realizados: Prospecção, 2005

Fraga da Pegada

Localização – Freguesia de Santa Combinha
Coordenadas - 6º 53' 5'' Lat. N. 41º 35' 0,8"" Long. W
CNS – 2023
Tipo de sítio – Arte Rupestre
Descrição – A Fraga da Pegada é uma rocha de origem vulcânica com cerca de 13,30m de comprimento e 5,30m de largura, que, pela sua forma em "crista", detém um imponente lugar na paisagem envolvente. Nesta rocha identificaram-se doze painéis com gravuras com diferentes motivos e realizados em momentos distintos. Os motivos mais frequentes são os "*cruciformes (17), seguindo-se as ferraduras (12), as pegadas (11), os traços soltos (8) e as covinhas (7)*" (Figueiredo, 2007, p. 59), realizados através das técnicas de picotagem e abrasão. Estes são motivos típicos da Arte Esquemática Ibérica, conhecendo uma "*grande dispersão peninsular, sendo que em Portugal se distribuem por todo o Norte, estendendo-se para as Beiras*" (Figueiredo, 2008, p. 56). A sua atribuição cronológica é algo problemática, mas deverá enquadrar-se na Pré-História recente, eventualmente já de finais do IIIº milénio a.C. (*Idem*).

Ficha técnica:
Arqueólogos responsáveis: Carlos Mendes, Sofia Figueiredo e Fátima Bento.
Trabalhos realizados: Levantamento, 2006.

Mamoa de Santo Ambrósio

Localização – Freguesia de Vale da Porca
Coordenadas - 41º 32’ 09” N e longitude de 6º 52’ 81” W
CNS – 17285
Tipo de sítio – Necrópole
Descrição - A Mamoa de Santo Ambrósio é um monumento funerário megalítico construído/utilizado provavelmente durante o IV e/ou IIIº milénios a.C., tendo posteriormente sido revisitado já durante o IIº milénio a.C. Aquando dos trabalhos arqueológicos, o monumento encontrava-se em mau estado de conservação, apresentando uma “*grande fossa de violação da área central, que se prolonga na direcção Norte até ao limite da mamoa*” (Carvalho, 2005, p. 51). Por este motivo, a estrutura do monumento não se encontra plenamente definida, mas parece existir um átrio de entrada a uma câmara funerária que se localizaria na área central do monumento. Os materiais arqueológicos recuperados incluem vários utensílios em pedra talhada, como lamelas, flancos de núcleo e lascas de debitagem (*Idem*, p. 54). O conjunto cerâmico recolhido pertence já a uma fase de reutilização na Idade do Bronze, e é constituído essencialmente por fragmentos de bordo, bojo e bases planas, estando ausente qualquer motivo decorativo que possibilite um melhor enquadramento cronológico para estes materiais.

Ficha técnica:
Arqueólogo responsável; Hélder Carvalho
Intervencionado nos anos de 2003, 2004 e 2005

<u>Materiais em exposição</u>

1
Designação: Lage de xisto com antropomorfo (reconstituição)
Medidas: 22,5x14,5x4,4 cm

2
Designação: Lage de xisto com cervídeo (reconstituição)
Medidas: 21,5x15x3,4 cm

3
Designação: Pigmentos (reconstituição)

4
Designação: Pincel (reconstituição)
Medidas: 30x1,2 cm

5

Designação: Lage de xisto com motivos da Fraga da Pegada (reconstituição)
Medidas: 35x18x13 cm

6

Designação: Bigorna
Proveniência: Mamoa de Santo Ambrósio
Matéria-prima: Granito
Cronologia: Neolítico (?)

Medidas: 8,3x6,5x4,3 cm

7

Designação: Percutores sobre seixo
Proveniência: Mamoa de Santo Ambrósio
Matéria-prima: Quartzo leitoso
Cronologia: Neolítico (?)
Medidas:7,9x5,4x6,7 cm

8

Designação: Percutores sobre seixo
Proveniência: Mamoa de Santo Ambrósio
Matéria-prima: Quartzo leitoso
Cronologia: Neolítico (?)
Medidas: 7,8x6,4 cm

9

Designação: Fragmento de base plana
Proveniência: Mamoa de Santo Ambrósio
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Idade do Bronze (?)
Medidas: 5,7x5,2x1 cm

10

Designação: Fragmento de bordo bi-espessado
Proveniência: Mamoa de Santo Ambrósio
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Idade do Bronze (?)
Medidas: 9,1x3,8x2,2 cm

11

Designação: Fragmento de bordo
Proveniência: Mamoa de Santo Ambrósio
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Idade do Bronze (?)
Medidas: 8,5x3,7x0,9 cm

12

Designação: Fragmento de bordo com orifício
Proveniência: Mamoa de Santo Ambrósio
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Idade do Bronze (?)
Medidas: 3,9x3,9x0,8 cm

13

Designação: Fragmento de base plana
Proveniência: Mamoa de Santo Ambrósio
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Idade do Bronze (?)
Medidas: 7,5x3,8x2,1 cm

14

Designação: Fragmento de bordo
Proveniência: Mamoa de Santo Ambrósio
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Idade do Bronze (?)
Medidas: 5,9x4,5x1

15

Designação: Fragmento de bordo
Proveniência: Mamoa de Santo Ambrósio
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Idade do Bronze (?)
Medidas: 6,3x3,3x1 cm

16

Designação: Fragmento de bordo com mamilo
Proveniência: Mamoa de Santo Ambrósio
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Idade do Bronze (?)
Medidas: 3,6x2,7x1,1 cm

17

Designação: Raspador sobre lasca
Proveniência: Mamoa de Santo Ambrósio
Matéria-prima: Quartzo Leitoso
Cronologia: Neolítico (?)
Medidas: 3,8x3,3x1,1 cm

18

Designação: Flanco de núcleo
Proveniência: Mamoa de Santo Ambrósio
Matéria-prima: Quartzo Leitoso
Cronologia: Neolítico (?)
Medidas: 3,3x2,2x1,8 cm

19
Designação: Denticulado
Proveniência: Mamoa de Santo Ambrósio
Matéria-prima: Quartzo Leitoso
Cronologia: Neolítico (?)
Medidas: 2,8x2x0,6 cm

20

Designação: Furador
Proveniência: Mamoa de Santo Ambrósio
Matéria-prima: Quartzo Leitoso
Cronologia: Neolítico (?)
Medidas: 2,5x 1x0,7 cm

21

Designação: Lasca
Proveniência: Mamoa de Santo Ambrósio
Matéria-prima: Quartzo Leitoso
Cronologia: Neolítico (?)
Medidas: 2,5x1,6x0,5 cm

Um primeiro povoamento estável: O Calcolítico – c. 2750-2250 a.C.

Parte do terceiro milénio a.C. corresponde a um período de continuidade de povoamento em Trás-os-Montes Oriental, área onde se localiza o concelho de Macedo de Cavaleiros, ocupando-se territórios variados e explorando as várias potencialidades dos recursos naturais, mas com um provável aumento populacional relativamente ao Neolítico, atendendo ao aumento de sítios arqueológicos hoje conhecido.

Os sítios de habitação concentram-se em terrenos altos, com bom domínio da paisagem, por vezes ocupando espaços livres entre penedos, outras em plataformas aplanadas, aproveitando a topografia natural. As estruturas de habitação têm pouco investimento arquitetónico, sendo normalmente de tipo 'cabana', construídas com recurso a materiais perecíveis e utilizando alguma pedra para lareiras, embasamentos e pequenos alinhamentos, não sendo possível identificar áreas funcionais específicas dentro de cada sítio, o que se poderá justificar com a provável mobilidade territorial das populações dentro desta área, procurando terrenos férteis (Luís, 2016).

O ritual de enterramento dos mortos segue o estilo neolítico, com recurso a monumentos megalíticos, normalmente 'mamoas', ou seja, espaços funerários megalíticos (normalmente uma câmara quadrangular, com ou sem corredor de acesso), cobertos com terra e com uma carapaça pétrea acima, criando um monte artificial na paisagem. Dentro destes monumentos depositar-se-ia algum espólio funerário a acompanhar o (s) morto (s), normalmente utensílios em pedra lascada ou polida, alguns recipientes cerâmicos e contas de colar em xisto, quase sempre semelhantes aos exemplares recuperados em ambientes domésticos. Infelizmente, são escassos os monumentos deste tipo que se encontram em bom estado de conservação nesta área regional, dificultando uma melhor caracterização destas estruturas e do ritual funerário a elas associado.

A produção cerâmica apresenta alguma continuidade com o mundo neolítico, ou seja, recipientes cerâmicos com formas esféricas e globulares, sendo muito raros os pratos, enunciando uma alimentação à base de sopas e guisados. Estas formas cerâmicas têm, praticamente todas, bases convexas, e os elementos de preensão estão praticamente ausentes. Vários destes recipientes são decorados recorrendo a alguns motivos decorativos estruturantes como triângulos preenchidos por sequências de pontos ou bandas de impressões variadas abaixo do bordo, mas sempre do lado exterior do recipiente. A decoração dos recipientes parece obedecer a uma certa padronização dos motivos utilizados, enunciando mecanismos de reprodução cultural algo conservadores, e, consequentemente, uma certa manutenção das estruturas sociais e culturais destas comunidades. A partir de meados do IIIº milénio a.C. começa a ganhar importância uma nova técnica decorativa, a incisão penteada, cujo arrastamento de um pente na pasta fresca cria um efeito estético muito próprio (Idem).

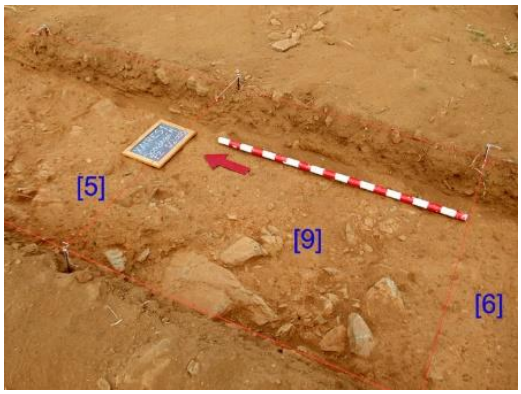
Os utensílios em pedra, lascada e polida, são elaborados com recurso a matérias-primas amplamente disponíveis na região, como o quartzo, o xisto e o anfibolito, mas encontrando-se também a presença vestigial de outros materiais como o sílex e a ágata. Estamos perante, na maioria dos casos, de uma "indústria expedita", ou seja, "*baseada num baixo investimento na conformação de núcleos ou na transformação dos produtos*

debitados, com uma produção vocacionada maioritariamente para a produção de lascas – logo uma certa falta de normalização –ao contrário das indústrias baseadas na debitagem quase exclusiva de produtos alongados" (Ventura *et al*., 2013). A pedra polida também se encontra amplamente representada através de machados, goivas, enxós e objectos de adorno.

É igualmente neste período que surgem os primeiros artefactos de cobre, pequenos utensílios, como punções, dos quais ainda não existe evidência de produção local. A sua existência enuncia a integração destas comunidades nas redes de comunicação e trocas existentes neste período.

Na área do actual concelho de Macedo de Cavaleiros apenas estão identificados sete sítios arqueológicos desta cronologia (Luís,2016) mas que oferecem grandes dificuldades quanto à sua caracterização cronológica, funcional e arquitetónica, já que cerca de metade destes apenas foi reconhecido através de prospeções, sem que houvesse qualquer campanha de escavação arqueológica. São três os possíveis sítios de habitação identificados, dois deles já escavados e mencionados neste volume (Xaires e Alto da Madorra) e ainda um terceiro, alvo de prospeções, Espondra, localizado na freguesia de Morais. Conhecem-se, igualmente, quatro sítios funerários, neste caso, mamoas, duas na freguesia de Peredo (Fonte de Caravelas 1 e Labor), uma na freguesia de Bornes (Bornes) e uma na freguesia de Vale da Porca (Santo Ambrósio), sendo que só esta última foi escavada (ver este volume).

Povoado de Xaires



Localização – Freguesia de Talhas
Coordenadas - 6º 46´ 46´´ W e 41º 25´ 34´´ N
CNS – 31230
Tipo de sítio – Povoado
Descrição - O sítio arqueológico de Xaires é um espaço habitacional pré-histórico, provavelmente dos inícios do IIIº milénio a.C., e está implantado numa elevação de suave declive, com o topo aplanado e aberto, não apresentando condições naturais de defesa, apesar de possuir um bom domínio visual da paisagem. Neste sítio foram identificadas algumas estruturas de natureza habitacional, como 'fundos de cabana' e buracos de poste, bem como um possível 'empedrado' de base que serviria para preparar o terreno para as estruturas habitacionais, mas, *"infelizmente não foi possível determinar se estamos perante um único momento de ocupação, ou se existiram vários níveis de ocupação*" (Ventura et al., 2013, p. 102).

Os materiais cerâmicos são relativamente abundantes, mas com fraco estado de conservação, registando-se um mínimo de 64 recipientes, incluindo taças, globulares e esféricos apresentando gramáticas decorativas típicas dos mundos neocalcolíticos regionais, tais como triângulos incisos preenchidos com sequências de impressões ou simples sequências de vários tipos de impressões ao longo do recipiente e abaixo do bordo.

O conjunto lítico é bastante diversificado, incluindo flancos de núcleo, percutores, elementos de moagem, restos de debitagem, lascas, lamelas, lâminas, furadores, pontas de seta e raspadores, com alguma variabilidade de matérias-primas, ainda que predominem as regionais como o quartzo e o quartzito. Além destes, recuperaram-se, ainda, duas contas de colar em xisto, um provável peso de tear em xisto e um afiador, também na mesma rocha. A pedra polida está representada através de um fragmento de machado e uma goiva. Esta 'indústria lítica' é *"suficientemente polivalente para permitir uma exploração de largo espectro na região em que o povoado de Xaires se insere, desde a caça (…), ao trabalho da madeira (…), recolha e processamento de vegetais*" (Idem, p. 115)

Ficha técnica:
Arqueólogos responsáveis: José Ventura, Hélder Carvalho e Patrícia Pinheiro.
Trabalhos Arqueológicos: Escavação, 2008, 2009 e 2010.

Alto da Madorra

Localização – Freguesia de Carrapatas
Coordenadas - 41° 30' 49" Lat. N. e 02° 08' 49" Este de Lisboa
CNS – 2055
Tipo de sítio – Povoado
Descrição – O Alto da Madorra é um sítio de habitação localizado no topo de um pequeno monte com um domínio visual da paisagem razoável, tendo sido escavado de emergência devido à construção do actual IP2-EN216. Das duas áreas de sondagem escavadas, resulta a identificação de dois espaços de utilização, cada um deles com uma única fase de ocupação. As estruturas que ainda se encontravam preservadas consistem em sulcos escavados no solo (possíveis estruturas de contenção de ventos) e numa estrutura de combustão ("lareira") associada a uma provável estrutura de madeira que terá ardido e ruído, remanescendo em duas grandes concentrações de carvões (Carvalho et al., 1997, p. 99-102). Os materiais arqueológicos deste sítio encontram-se actualmente à guarda da Associação Terras Quentes.
Os materiais arqueológicos recuperados consistem em cerca de mil fragmentos cerâmicos, os quais constituirão um mínimo de 51 recipientes, e ainda 21 artefactos em pedra polida. A pedra talhada está completamente ausente.
Os recipientes cerâmicos são, sobretudo, compostos por taças, mas também se encontram alguns recipientes fechados, como esféricos e globulares, com diâmetros de bordo compreendidos entre os 14 e os 22 cm. A decoração encontra-se representada em 89 fragmentos, sempre do lado exterior do recipiente, recorrendo às técnicas decorativas da incisão, impressão, incisão penteada e boquique, com motivos como bandas de linhas à volta do recipiente, com variações de estilo, e ainda sequências de triângulos preenchidos com pontos, linhas, círculos, etc. (Luís, 2013a).

Os artefactos em pedra polida, encontra-se, genericamente, bem preservados e, em alguns casos, completos. Identificaram-se, em termos de categorias morfológicas: um machado, duas enxós e um martelo, normalmente associados a trabalhos agrícolas e de madeiras; cinco dormentes e cinco moventes, componentes de mós manuais para transformação de alimentos; oito seixos rolados, quatro dos quais com as superfícies lisas que poderão ter servido como polidores/alisadores. A matéria-prima mais frequente é o anfibolito, mas também se assinalou a presença de granito e xisto. (*Idem*)

Ficha Técnica:

Arqueólogos Responsáveis - Luís Gomes (*Arqueohoje*)

Trabalhos Arqueológicos – Escavação de emergência pela empresa *Arqueohoje*, 1997

Materiais em exposição

1

Designação: Fragmento de colher
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 3x2,8x1,6 cm

2

Designação: Fragmento de bordo de vaso de colo estrangulado
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 5,1x4,3x1 cm

3

Designação: Fragmento de bordo de vaso de colo estrangulado

Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 4x3,8x0,8 cm

4

Designação: Fragmento de bordo de vaso de colo estrangulado
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 5,5x2,6x0,8 cm

5

Designação: Fragmento de bojo decorado com impressões e incisões
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas:6,6x4,4x0,9 cm

6

Designação: Fragmentos de bojo decorado com impressões
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 3,2x3,2x0,7 cm

7

Designação: Fragmento de bojo decorado com incisões
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 4,9x4,6x0,9 cm

8

Designação: Fragmento de bojo decorado com incisões e impressões
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 6,4x4,8x1,5 cm

9

Designação: Fragmento de bojo decorado com incisões e impressões
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 3,9x4,2x1,1

10

Designação: Fragmento de bojo decorado com impressões
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 5,8x4,2x0,8 cm

11

Designação: Fragmento de bojo decorado com incisões e impressões
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 4,4x4,1x1 cm

12

Designação: Fragmento de bojo decorado com incisões e impressões
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 4,1x3x0,9

13

Designação: Fragmento de bojo decorado com incisões e impressões
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 4x3,8x0,9 cm

14

Designação: Fragmento de bojo decorado com impressões
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 3,6x3,6x0,9 cm

15

Designação: Fragmento de bojo decorado com impressões
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 4.7*4.1*0.9 cm

16

Designação: Afiador
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Xisto Mole
Cronologia: Calcolítico
Medidas:5.3*3.1*1.5 cm

17

Designação: Enxó
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Anfibolito
Cronologia: Calcolítico
Medidas:9.2*5.9*4.2 cm

18

Designação: Peso
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Seixo de xisto
Cronologia: Calcolítico
Medidas:10.7*11.9*3.5 cm

19

Designação: Pedra polida perfurada
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Xisto mole
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 5.6*5.4*1.7 cm

20

Designação: Machado
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Anfibolito
Cronologia: Calcolítico
Medidas:7.3*5.1*1.3 cm

21

Designação: Enxó
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Anfibolito
Cronologia: Calcolítico
Medidas:8.2*4*1.3 cm

22

Designação: Enxó
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Anfibolito
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 8.2*3.2*2.3 cm

23

Designação: Goiva
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Anfibolito
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 8.8*1.7*1.5 cm

24

Designação: Conta
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Xisto
Cronologia: Calcolítico
Medidas:1.8*0.5 cm

25

Designação: Lamela cortical
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Quartzo leitoso
Cronologia: Calcolítico
Medidas:2.6*2.8*0.8 cm

26

Designação: Lamela cortical
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Quartzo leitoso
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 2.2*0.9*0.3 cm

27

Designação: Ponta de seta
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Grauvaque
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 2.5*1.2*0.3 cm

28

Designação: Lasca
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Quartzo leitoso
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 1.7*1.1*0.5 cm

29

Designação: Pendente (?)
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Xisto mole
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 3.2*1.9*0.8 cm

30

Designação: Lamela cortical
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Quartzito
Cronologia: Calcolítico
Medidas:2.4*1.7*0.4 cm

31

Designação: Lasca lamelar
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Quartzo leitoso
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 1.2*0.8*0,3cm

32

Designação: Raspador terminal sobre lasca
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Quartzo leitoso
Cronologia: Calcolítico
Medidas:1*1*0.3 cm

33

Designação: Denticulado sobre lasca de seixo
Proveniência: Xaires
Matéria-prima: Xisto
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 4.9*2.5*0.7 cm

34

Designação: Fragmento de bojo decorado com incisões e impressões
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas:7.5*4.6*0.9 cm

35

Designação: Fragmento de bojo decorado com incisões
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas:5.1*3.8*0.9 cm

36

Designação: Fragmento de colo decorado com impressões
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas:7.2*4.1*0.9 cm

37

Designação: Fragmento de bordo decorado com impressões
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas:3.4*4*0.6 cm

38

Designação: Fragmento de bojo decorado com incisões e impressões
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas:5.1*2.7*0.9 cm

39

Designação: Fragmentos de bordo decorado com impressões
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas:6.3*4.2*0.8

40

Designação: Fragmentos de bordo decorado com impressões
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 4.3*3*0.8

41

Designação: Fragmento de bordo decorado com incisões e impressões
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas:3.9*3.3*0.7 cm

43

Designação: Taça decorada com incisão penteada (Restauro)
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas:9.3*0.5 cm

44

Designação: Taça decorada com incisão penteada (Restauro)
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 11.7*0.3 cm

45

Designação: Esférico decorado com incisão penteada (Meio restauro)
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas:18*10.3*1.2 cm

46

Designação: Fragmento de bordo decorado com incisão penteada
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas:13.1*7.7*0.7 cm

47

Designação: Fragmento de bordo decorado com incisão penteada
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 7.3*6.3*0.9 cm

48

Designação: Fragmento de bordo decorado com impressões
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Calcolítico
Medidas:7.9*7.9*0.9 cm

49

Designação: Fragmento de dormente
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Anfibolito
Cronologia: Calcolítico
Medidas:19*7.8*3.2 cm

50

Designação: Polidor
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Anfibolito
Cronologia: Calcolítico
Medidas:7.1*2.6*0.7 cm

51

Designação: Fragmento de movente
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Anfibolito
Cronologia: Calcolítico
Medidas:8.5*3.7*2.1cm

52

Designação: Fragmento de movente
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Anfibolito
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 11.6*5.3*3.9 cm

53

Designação: Fragmento de movente
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Anfibolito
Cronologia: Calcolítico
Medidas: 10*7.1*4.1 cm

54

Designação: Machado
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Anfibolito
Cronologia: Calcolítico
Medidas:9.9*7.1*2.2 cm

55

Designação: Enxó
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Anfibolito
Cronologia: Calcolítico
Medidas:8.2*4.1*2.4 cm

56

Designação: Martelo
Proveniência: Alto da Madorra
Matéria-prima: Anfibolito
Cronologia: Calcolítico
Medidas:12.4*7*5 cm

O nascimento de uma "simbólica do poder": o Bronze Inicial – c. 2250-1750 a. C.

Nos finais do terceiro e inícios do segundo, milénios a.C. assiste-se a um conjunto de transformações no registo arqueológico que enunciam uma mudança das estruturas habitacionais, funerárias e simbólicas das comunidades humanas por toda a Península Ibérica, iniciando-se a Idade do Bronze.

Em Trás-os-Montes Oriental este período é ainda muito mal conhecido, estando representado pelo aparecimento de alguns artefactos metálicos em depósitos entre fragas ou descontextualizados e por escassos sítios de enterramento. No concelho de Macedo de Cavaleiros apenas se conhecem dois locais de depósito de artefactos metálicos e uma necrópole de cistas (hoje, actualmente destruída), que têm clara atribuição a este momento cronológico.

Destacam-se, neste período, as bem conhecidas armas metálicas em cobre arsenical, as alabardas, caracterizadas por uma lâmina triangular larga com um veio longitudinal com uma zona de encabamento triangular e três orifícios para rebites. No território de Macedo de Cavaleiros conhecem-se dois conjuntos importantes destas alabardas, as de Carrapatas (dois exemplares) e as de Vale Benfeito (quatro exemplares) que deverão ter constituído depósitos intencionais.

As alabardas integram-se no nascimento de uma nova simbólica, na qual a representação e materialização de armas e adornos metálicos indiciarão a ascensão de novos estatutos sociais e talvez até hierárquicos dentro das comunidades (Senna-Martinez, 2006, 2009). Tudo isto é acompanhado de uma importante reestruturação do povoamento, onde os antigos locais de habitação calcolíticos ou são abandonados ou reestruturados, e, sobretudo, de uma alteração da forma de enterramento dos mortos, privilegiando a deposição individual, associada a um espólio funerário com artefactos metálicos e cerâmicas de excepção, numa variedade de estruturas (cistas, fossas, grutas ou abrigos naturais e reutilização de monumentos megalíticos).

As alabardas – Armas e simbólica de poder

A nova "simbólica de poder" que constitui um dos traços estruturantes da Idade do Bronze anuncia-se, logo no Bronze Inicial, pela colocação, em "lugares chave" do

território (portelas terrestres e fluviais, etc.), de armas em cobre arsenical que aparecem associadas a uma iconografia de poder (Senna-Martinez, 2009, 2013), de que é excelente exemplo a estela de Longroiva, com uma figura masculina equipada com uma alabarda, arco e um punhal.

As alabardas ditas "Atlânticas" (porque comuns à Fachada Atlântica da Europa), nomeadamente as de tipo Carrapatas, são particularmente representativas da região de Macedo de Cavaleiros (com dois exemplares em Carrapatas, quatro em Vale Benfeito, dois em Abreiro e um em Vimioso, representando 82% dos exemplares peninsulares conhecidos).

As lâminas das Alabardas Atlânticas apresentam forma triangular e incluem, quatro sub-tipo distintos:

1. O sub-tipo Carrapatas, de folha triangular, larga na base, nervura longitudinal bem marcada e encabamento em lingueta larga em triângulo.

2. O sub-tipo de lingueta estreitada, semicircular ou trapezoidal, também com folha triangular e nervura longitudinal bem marcada (Ex. o exemplar das Baútas, Estremadura).

3. O Sub-tipo do Alto Guadalquivir, próximo do original de Carrapatas, mas com a lingueta muito baixa num triângulo pouco definido.

4. O Sub-tipo Cano enquadrável nas "alabardas com aresta média" sub-triangulares e estreitas, de secção transversal losânguica ou lenticular e marcadamente espessada na parte central, com lingueta indiferenciada do corpo da lâmina e encabamento por dois ou três rebites. Distribui-se do Sudoeste ao Levante Peninsular.

Peças expostas:

1

Designação: Alabarda de tipo Carrapatas (réplica)
Medidas: 27.5*11.5*1.1 cm

3
Designação: Alabarda de tipo Carrapatas (réplica)
Medidas:26*9*0.7 cm

Diorama - A Área de Fundição da Fraga dos Corvos (Bronze Médio – c. 1750-1250 a.C.)

O diorama (cabana e estruturas) em torno ao qual se organiza esta sala reconstrói, numa aproximação fundamentada nas realidades encontradas neste sítio arqueológico, a "área de fundição", datada do Bronze Médio e única para a época no território nacional, escavada no Sector A da Fraga dos Corvos, entre 2004 e 2005.
Os dados recolhidos no Sector A deste sítio arqueológico, ao longo de 12 campanhas, são de molde a possibilitar não só algumas sínteses interpretativas do ponto de vista científico, que têm vindo a ser publicadas, como também aproximações e reconstituições da vida das populações que aí viveram, de que é excelente exemplo o único romance histórico publicado para um sítio arqueológico do Nordeste Transmontano – *"O Primeiro Alquimista"* (Martinez, 2012) – baseado precisamente nos dados obtidos na Fraga dos Corvos.
A cena, imaginada com base nas realidades escavadas, mostra um "mestre fundidor" (o personagem mais idoso) e o seu "aprendiz" (o jovem de frente para o mestre) atarefados ao redor de uma braseira onde, num cadinho (pequeno recipiente de fundo plano), fundem os nódulos de bronze (pequenas bolinhas de metal) que servirão para fabricar um pequeno machado (como a réplica exibida no diorama).
No interior da cabana (construída com paredes de ramos entrançados forrados a barro e telhado de esteva) outro jovem vela pela "caixa de areia" (repare-se no original escavado e preservado no expositor baixo em frente ao diorama) onde serão colocados os moldes a encher com o metal fundido.
Além da referida "caixa de areia", na vitrina seguinte, dedicada ao Bronze Médio (c. 1750-1250 a.C.), expõem-se alguns os nódulos de bronze, cadinho, moldes, fragmentos de "vasilha-forno" e outros materiais que fundamentam o diorama.

Um primeiro povoamento permanente? O Bronze Médio – c. 1750-1250 a. C.

No Bronze Médio assistimos à progressiva dispersão da tecnologia do bronze pelo território hoje português a par de algumas transformações nas comunidades humanas, nomeadamente a uma maior diversidade regional da cultura material. Em Trás-os-Montes Oriental este ainda é um período mal conhecido, o que se deve à escassez de sítios arqueológicos escavados. O único sítio de povoamento conhecido na região de Macedo de Cavaleiros, a Fraga dos Corvos (Vilar do Monte), apresenta uma ocupação

de altura num cabeço destacado da Serra de Bornes, com controlo visual da paisagem, e estruturas domésticas construídas com técnicas tradicionais: cabanas elaboradas com postes de madeira interligados por ramagens e forrados por argila.
Aqui está documentada uma das produções mais antigas de ligas de bronze do território português, desenvolvida em meio doméstico recorrendo a algumas fontes locais de estanho e cobre, para fabricar machados e cinzéis (Senna-Martinez *et al*., 2011).
As cerâmicas, de produção local (Araújo, 2011) apresentam novidades relativamente aos períodos anteriores, nomeadamente com a preferência por recipientes fechados de colo e gargalo, com bases planas e elementos de preensão, com decorações pouco variadas. O estilo decorativo assemelha-se ao conhecido na Meseta Norte Espanhola (designado por estilo *Protocogotas*), no qual a presença de espigas e de retículas incisas junto ao bordo são as características dominantes (Luís, 2010; 2016).
A indústria de pedra talhada (Matos, 2011) é dominada por recurso a matérias-primas regionais, facilmente acessíveis, como o quartzo e o xisto, mas que, pela sua natureza, apresentam fraca aptidão para o talhe. Os utensílios identificados são pouco diversificados, incluindo lascas, furadores e elementos de foice.
Neste período estreitam-se as relações culturais com a Meseta Norte (especialmente com as regiões de Zamora e Salamanca) nas quais a cultura material, nomeadamente a produção cerâmica, é utilizada como meio de integração e comunicação nas redes sociais da época, por onde, decerto, circulariam outros tipos de bens e produtos, hoje desaparecidos do registo arqueológico.

Fraga dos Corvos (Sector A)

Vista aérea da fraga dos Corvos

Fase de escavação do sector “B” da Fraga dos Corvos

Localização – Vilar do Monte

Coordenadas - 99 122,194 Longitude e 203 403,721 Latitude Gauss
CNS – 6650
Tipo de sítio – Povoado
Descrição – A Fraga dos Corvos é um sítio arqueológico ocupado durante a Idade do Bronze com, pelo menos, duas grandes fases de ocupação, uma do Bronze Médio e outra que se situará na transição entre o Bronze Final e os inícios da Idade do Ferro. Situa-se num cabeço destacado da Serra de Bornes com ampla visibilidade para a bacia de Macedo de Cavaleiros.

A ocupação do Bronze Médio foi identificada na área norte do cabeço, consistindo numa sequência de níveis habitacionais (remanescendo 6 níveis), dos quais o mais antigo é o que apresenta não só melhor estado de conservação, mas também a maior quantidade e diversidade de estruturas habitacionais, incluindo a preparação do terreno para as estruturas, a construção de dois 'muretes' pétreos para minimizar os efeitos do declive e delimitar o espaço ocupado, duas sólidas lareiras e uma fossa de detritos associada a uma dessas lareiras e ainda alguns buracos de poste estruturados com pedra. Nas fases subsequentes, as estruturas perdem robustez, restringindo-se a uma sucessão de construção de 'cabanas' exclusivamente realizadas com materiais perecíveis (postes de madeira ligados por ramagens e revestidos com barro seco). Numa dessas estruturas ('cabana') foi possível identificar uma área de actividade metalúrgica (Senna-Martinez *et al.*, 2010) atendendo às estruturas nela identificadas (uma lareira e uma 'caixa de areia') e aos vários vestígios materiais associados (fragmentos de molde, elementos vitrificados não metálicos). Vários outros vestígios relacionados com esta actividade foram recuperados neste sector, como restos de artefactos, pingos de fundição, fragmentos de molde, etc.

Na Fraga dos Corvos produziram-se artefactos em bronze de boa qualidade, numa produção em pequena escala, recorrendo a minérios que se encontravam disponíveis a poucos quilómetros do sítio arqueológico (pelo menos, parte deles), fabricando utensílios como cinzéis e, sobretudo, machados de tipo "Bujões", que, apesar da sua importância social e cultural nas relações sociais da época, pouca valência prática teriam, mantendo-se a utilização de utensílios em pedra (Senna-Martinez *et al.*, 2011). No que respeita à alimentação, embora a presença de dentes de foice em pedra talhada e mós manuais de rebolo em granito sugira consumo de vegetais, apenas os escassos restos de ossos recolhidos nos provam a utilização de uma pecuária baseada em bovinos, ovinos e caprinos, complementada com caça do javali e veado.

Os recipientes cerâmicos foram feitos com recurso a pastas e acabamentos de boa qualidade, revelando diversidade de formas e de soluções de acabamento, como diferentes tipos de bordo, base e elementos de preensão que além de alguns terem funcionalidades específicas, acrescentam intencionalidades estéticas, bem diferentes dos recipientes calcolíticos. O conjunto de recipientes apresentam uma maioria de formas fechadas, como globulares e esféricos, deixando para segundo plano as clássicas taças; além de se acrescentarem formas novas da Idade do Bronze e inspiradas na Meseta Espanhola. De facto, a influência desta área regional na componente cerâmica da Fraga dos Corvos é notória, especialmente ao nível das decorações, onde se verifica uma preferência quase exclusiva por motivos ali criados, ou seja, o estilo "*protocogotas*", que marca o Bronze Médio nas áreas do actual centro espanhol. Assim encontramos organizações decorativas que se estruturam a partir de espigas e retículas incisas, localizadas fora e dentro do recipiente e, por vezes, associadas a taças

carenadas. Também se encontram espigas impressas com pontilhado, mais ao gosto da área de Salamanca (Luís, 2010; 2013b; 2016).

A indústria de pedra talhada é pouco expressiva, de carácter expedito, recorrendo exclusivamente a matérias-primas locais, como o quartzo e o xisto. Foram identificados furadores, buris, elementos de foice, raspadores, denticulados, U.A.D.s e entalhes (Matos, 2011). Também significativa é a presença de vários artefactos de pedra polida, em talcoxisto ou outros xistos moles, genericamente de forma paralelepipédica ou subtriangular com uma ou mais perfurações, sem aparente estandardização formal. Estes artefactos, apesar de alguns deles terem a forma tradicional de pesos de tear, não têm ainda funcionalidades específicas atribuídas, já que por um lado, não apresentam marcas de suspensão e, por outro, a sua diversidade morfológica dificulta a sua utilização enquanto pesos de tear (Luís, Represas & Senna-Martinez,2012). Alguns destes artefactos, os de menor tamanho, poderão ter sido usados como pendentes de colar. A fiação também se encontra documentada nesta fase de ocupação através da presença de alguns cossoiros em cerâmica e em xisto (Luís, 2014).

Ficha Técnica:

Arqueólogos Responsáveis: João Carlos Senna-Martinez; Elsa Luís
Trabalhos Arqueológicos: Escavação, 2003-2019

Materiais Arqueológicos

Fraga dos Corvos - Metalurgia

1

Designação: Machado de tipo “Bujões” (Réplica)
Medidas: 11.9*7.5*0.7 cm

2

Designação: Fragmento de molde de machados
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Xisto mole
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:8.3*8.6*3.5 cm

3

Designação: Fragmento de molde de machados
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Xisto mole
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:6.8*3.5*4 cm

4

Designação: Tampa de molde
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Xisto
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:15*8.9*4 cm

5

Designação: Fragmento de cadinho
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:6.9*6*1.3 cm

6

Designação: Fragmento de bojo de vasilha-forno
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:4.1*3.4*2.4 cm

7

Designação: Fragmento de bordo de vasilha-forno
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas: 2.8*1.2*1.6 cm

8

Designação: Fragmento de lâmina
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:2.6*0.9*0.3 cm

9

Designação: “Ancoriforme”?
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Médio/Final
Medidas:3*1.9*0.2 cm

10

Designação: Rebite
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:0.7*0.1 cm

11

Designação: Resto de fundição
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Bronze

Cronologia: Bronze Médio
Medidas:1.3*1.3*0.7 cm

12
Designação: Nódulo de redução (*Prill*)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Médio
Medidas: 0.5*0.4 cm
Obs.: Assim se apresenta o bronze obtido após co-redução dos minérios de cobre e estanho numa vasilha-forno.

13
Designação: Nódulo de redução (Prill)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Médio
Medidas: 0.5*0.4cm
Obs.: Assim se apresenta o bronze obtido após co-redução dos minérios de cobre e estanho numa vasilha-forno.

14

Designação: Nódulo de redução (*Prill*)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Médio
Medidas: 0.6*0.4 cm
Obs.: Assim se apresenta o bronze obtido após co-redução dos minérios de cobre e estanho numa vasilha-forno.

15

Designação: Fragmento de bordo decorado com incisões
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:3.5*2.8*2.7 cm

16
Designação: Fragmento de bordo decorado com incisões
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas: 2.7*1.9*0.5 cm

17
Designação: Fragmento de carena decorada com incisões preenchidas a pasta branca
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:3.7*1.8*0.7 cm

18

Designação: Fragmento de bordo decorado com incisões preenchidas a pasta branca
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas: 4.4*3.1*0.8 cm

19

Designação: Fragmento de bordo decorado com incisões e impressões com preenchimento a pasta branca
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:7*9.6*0.9 cm

20

Designação: Fragmento de bordo decorado com impressões e com asa
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:6.2*4.7*1.2 cm

21

Designação: Fragmento de bojo decorado com incisões
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:2.5*2.1*0.4 cm

22

Designação: Fragmento de bordo decorado com incisões
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:2.5*2.5*0.7 cm

23

Designação: Fragmento de bordo decorado com impressões preenchidas a pasta branca
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:5.1*5.6*0.7 cm

24

Designação: Fragmento de bordo com asa e mamilos (Restauro parcial)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:26.5*6.4*1.8 cm

25

Designação: Fragmento de bordo (Restauro parcial)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:15*4.8*0.3 cm

26

Designação: Fragmento de bordo (Restauro parcial)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:15.8*8.5*1.1 cm

27

Designação: Fragmento de base plana
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:13.9*10.5*1.2 cm

28

Designação: Fragmento base com pé
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:5.6*2.6*0.4 cm

29

Designação: Asa
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:4.2*2.3*0.8

30

Designação: Asa
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas: 4.1*3.9*1.9

31

Designação: Mini vaso
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:3.7*1.8*0.7 cm

32

Designação: Cossoiro
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:3.1*2.3*0.7 cm

33

Designação: Cossoiro
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica

Cronologia: Bronze Médio
Medidas:2*2.4*0.6 cm

34

Designação: Cossoiro
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:3.2*1.8*1.1 cm

35

Designação: Cossoiro
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:3*2.2*1.8 cm

36

Designação: Cossoiro
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas: 1.9*2.3*0.8 cm

37

Designação: Fragmento de cossoiro
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Xisto mole
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:2.3*1.2*0.8 cm

38

Designação: Cossoiro (encabamento reconstituído)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Médio
Medidas: 3.4*2.3*1.3 cm

39

Designação: Pendente com cabeça de cavalo gravada
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Xisto mole
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:2.8*2.1*0.9 cm
Obs.: No Bronze Inicial e Médio surge uma iconografia em que equipamentos metálicos de excepção, armas e adornos – de per se ou (mais raramente) integrando as primeiras "figuras de poder" (como a estela de Longroiva) – são indicadores de mudanças de mentalidade que anunciam novas complexidades sociais.
A presença – em contexto habitacional, no sítio da Fraga dos Corvos – de um "pendente" gravado com uma cabeça de cavalo, contendo linhas que lembram uma cabeçada, evoca todo um universo mental andriarcal em que, também a montada, coloca, aquele que a monta, no topo da incipiente pirâmide social.
Se o pendente gravado com a cabeça de cavalo pode reflectir, como montada, a nova simbólica andriarcal, parece-nos possível pensar que a sua presença iconográfica num objecto que pode ter tido um uso feminino não destoaria, pelo contrário, por exemplo

na "companheira" do possuidor de tal montada. Qual símbolo de poder viril, "fecundador"?
Deste modo, o imaginário ligado ao "herói" guerreiro, que dominará toda a Idade do Ferro, pode ser pensado como forma desenvolvida a partir de protótipos antigos de que a evidência recolhida na Fraga dos Corvos constitui um precedente bastante sugerente (Senna-Martinez e Cardoso, 2010).

41

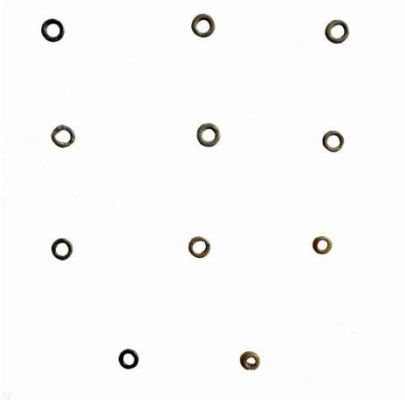
Designação: Pendente inacabado (acidente de fabrico?)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Xisto mole
Cronologia: Bronze Médio
Medidas: 5.6*2.6*1 cm

42

Designação: Pendente
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Xisto mole
Cronologia: Bronze Médio
Medidas: 3.5*2*1.1 cm

43

Designação: Pendente fragmentado e inacabado (acidente de fabrico?)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Xisto mole
Cronologia: Bronze Médio
Medidas: 2.8*2.8*1.4 cm



Designação: Contas pequenas discoides
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Xisto
Cronologia: Bronze Médio
Medidas: entre 0.7*0.2 cm e 0.6*0.2 cm

55

Designação: Dormente de mó
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Granito

Cronologia: Bronze Médio
Medidas: 36*16.5*10 cm

56

Designação: Raspador côncavo
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Quartzo leitoso
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:3.2*2.5*0.7 cm

57

Designação: Raspador unguiforme
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Quartzo leitoso
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:2.9*2*0.9 cm

58

Designação: Dente de foice
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Xisto
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:3.4*2.7.0.6 cm

59

Designação: Furador
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Xisto
Cronologia: Bronze Médio
Medidas: 3.8*1.5*0.7 cm

60

Designação: Furador
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Xisto
Cronologia: Bronze Médio
Medidas: 5.9*2*1.2 cm

61

Designação: Furador
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Xisto
Cronologia: Bronze Médio
Medidas: 3.5*1.6*0.4 cm

62

Designação: Furador
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Quartzo
Cronologia: Bronze Médio
Medidas: 2.2*1.3*0.7cm

63

Designação: Movente reutilizado como bigorna de técnica bipolar
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Granito
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:12*6.7*6.2 cm

1

Designação: Placa polida perfurada, com possível decoração raiada à volta da perfuração
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Talcoxisto
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:9.5*8.1*2.6 cm

2

Designação: Placa polida perfurada
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Xisto mole
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:8.7*6.5*1.9 cm

3

Designação: Placa polida perfurada
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Xisto mole
Cronologia: Bronze Médio
Medidas: 6.3*4.9*1.3 cm

4

Designação: Fragmento de placa circular multi-perfurada
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Talcoxisto
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:7.5*3.6*2.5 cm

5

Designação: Fragmento de placa com duas perfurações
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Talcoxisto
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:8.6*5.3*2.5 cm

6

Designação: Placas com uma perfuração
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Xistos moles
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:5.1*3.8*1.2 cm

7

Designação: Placas com uma perfuração
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Xistos moles
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:5.8*4.8*0.9cm

8

Designação: Placa em meio-círculo com uma perfuração
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Xisto mole
Cronologia: Bronze Médio
Medidas:4.5*4*2 cm

"Mudança e continuidade: O Bronze Final – c. 1250-500 a.C."

O Bronze Final (c. 1250-500 a.C.) e a transição para a Idade do Ferro (séculos VI e V a.C.) são, ainda hoje, períodos pouco conhecidos em Trás-os-Montes Oriental e que as escavações efectuadas na Fraga dos Corvos (Vilar do Monte) têm ajudado a compreender (Reprezas, 2013).

Em todo o Noroeste Peninsular, o início do Bronze Final é marcado por uma profunda restruturação dos sistemas de povoamento. No caso da nossa região e da Fraga dos Corvos, o sítio, já de si dotado de uma implantação que denota uma manifesta preocupação com o controlo da paisagem envolvente, cresce no espaço até ocupar a totalidade do topo do cabeço onde se situa.

Já num momento avançado do Bronze Final – talvez durante o século VIII a.C. – o povoado será circundado dos lados Norte, Sul e Poente, os mais expostos, por um talude artificial, revestido a pedra não-aparelhada e empilhada, dando-lhe um aspecto de alguma monumentalidade.

Esta "muralha em talude", que define um recinto com uma área superior a um hectare, constitui uma forma simples de monumentalização de um sítio e consiste no aproveitamento de um declive natural do terreno que é rectificado e depois revestido de forma a enfatizar a plataforma assim obtida. No Noroeste Português este tipo de construção parece generalizar-se justamente nesta época (Bettencourt, 2000).

No interior, tanto quanto os dados já disponíveis permitem avançar, diversas áreas de actividade preenchem o espaço.

Produzindo diversas categorias artesanais – olaria, metalurgia do cobre e bronze, tecelagem, etc. – era na agricultura, pastorícia (ovelhas, cabras e bovídeos) e alguma caça (Javali e coelho) que os ocupantes destes locais procuravam os elementos da subsistência diária (Carvalho *et al*, no prelo).

A cerâmica, que parece evoluir na continuidade da ocupação anterior, inclui agora fragmentos decorados por incisão com um pente que remetem para outra continuidade, a das relações com a Meseta Norte, onde aparecem em momento contemporâneo (inícios do século VII a.C. – Reprezas, 2013).

Particularmente notáveis entre os vestígios materiais já recuperados na Fraga dos Corvos está um importante e impressivo conjunto de bronzes (Fíbulas, agulhas de coser, espátulas para cosméticos, pendentes, uma pinça) e de primeiros objectos em ferro (3 faquinhas, tendo uma rebites em bronze) que remetem para ligações com os "entrepostos fenícios" do Sul Peninsular e que, nesta quantidade, constituem caso único no Centro e Norte do Ocidente Peninsular (Senna-Martinez *et al*., 2012).

Fraga dos Corvos (Sector M e Abrigo 2)

Localização – Vilar do Monte
Coordenadas - 99 122,194 Longitude e 203 403,721 Latitude Gauss
CNS – 6650
Tipo de sítio – Povoado (?) / Abrigo
Descrição - Conforme já referido, a Fraga dos Corvos é um sítio arqueológico ocupado durante a Idade do Bronze com, pelo menos, duas grandes fases de ocupação, uma do Bronze Médio e outra que se situará na transição entre o Bronze Final e os inícios da Idade do Ferro (c. 1250-500 a.C.). Situa-se num cabeço destacado da Serra de Bornes com ampla visibilidade para a bacia de Macedo de Cavaleiros.

O sítio de habitat (povoado) da Fraga dos Corvos parece, durante o Bronze Final, ter ocupado a totalidade do cabeço (numa área superior a um hectare), sendo, talvez a partir do século VIII a.C., delimitado pela atrás referida "muralha em talude" que lhe terá dado um caracter monumental e bem destacado na paisagem (Senna-Martinez, et al. 2012).

Este terá sido também o momento da utilização do Abrigo 2, sito na base da vertente abrupta que limita a noroeste o cabeço, quer como área complementar do povoado, quer como eventual local de enterramento, daí provindo um conjunto notável de bronzes com influências mediterrânicas (Figueiredo et al. 2009).

Das áreas intervencionadas até à data destaca-se também a escavação do Sector M, um espaço com 80m2 demarcado a partir do limite sul da muralha em talude para o interior da plataforma que esta aí define. Neste momento conhecemos já de forma razoável a ocupação deste espaço subsequente à construção da muralha em talude: para o interior daquela apresenta-se uma sequência de várias áreas de actividade

sobrepostas e que podem corresponder a um período temporal indo desde o século VIII ao VI a.C.

Os abundantes vestígios recolhidos na referida ocupação do Sector M documentam: uma pastorícia de ovinos, caprinos e bovinos, complementada com caça do coelho e javali (Carvalho et *al*. no prelo); produção de cerâmica que parece evoluir na continuidade da produzida no Bronze Médio, com transformações formais e denotando influências culturais da Meseta Norte, agora de tipo Cogotas e Soto (Reprezas, 2013); e, particularmente importante, um conjunto de elementos de origem física ou de "modelo" orientalizante (Senna-Martinez, *et al.* 2012)

Destes materiais relacionáveis com a presença fenício-orientalizante no litoral sul e oeste de Portugal (até à foz do Mondego – Arruda, 2002) e recolhidos neste arqueossítio destacaremos: contas de vidro azul (13 exemplares) e primeiros elementos em ferro (incluindo 5 lâminas de faquinhas, uma lâmina de machado e um punção) seguramente provenientes da área mediterrânica; um conjunto impressionante de objectos em bronze, nomeadamente 15 fíbulas (2 de dupla mola, 2 de tipo Bencarrón, 6 de tipo Acebuchal, 1 anular hispânica e 4 indeterminadas), 11 agulhar de coser, 3 espátulas para cosméticos e uma pinça. As análises já efectuadas a alguns destes bronzes sugerem fabricos locais a partir de modelos importados (Senna-Martinez, et al. 2012; Gomes et al. 2013).

Os contactos sugeridos pelos bronzes e outros materiais de cariz orientalizante recolhidos apontam para uma possível origem (dos próprios ou de modelos que foram copiados) a partir da chamada "rota das estelas", que ligaria o Sudoeste Português, a partir do Nordeste Alentejano, até à Galiza e que seguiria um traçado próximo ao do actual IP2. O principal interesse, nessa altura, desta via de trânsito milenar poderá ter sido o acesso às áreas produtoras de estanho e ouro de aluvião das Beiras até à Galiza (Senna-Martinez, 2011 e 2013).

Ficha Técnica:

Abrigo 2:
Arqueólogos Responsáveis: José Ventura, Hélder Carvalho
Trabalhos Arqueológicos: Escavação, 2003-2007
Sector M:
Arqueólogos Responsáveis: João Carlos Senna-Martinez, Jéssica Reprezas, Elsa Luís
Trabalhos Arqueológicos: Escavação, 2011-2013; 2015-2016

9

Designação: Pedra polida com uma perfuração
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Xisto mole
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas:13*7*3 cm

10

Designação: Pedra polida com uma perfuração decorada em ambas as faces
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Xisto mole
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro

Medidas:10.1*6.7*1.7 cm

11

Designação: Pedra polida com uma perfuração
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Xisto mole
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas:6.8*5.3*1.8 cm

12

Designação: Fragmento de bordo (Restauro parcial)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Final/ I Idade do Ferro
Medidas: 13*7*1 cm

13

Designação: Fragmento de bordo (Restauro parcial)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas:11.7*12*0.6 cm

14

Designação: Fragmentos de bordo (Restauro parcial)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 10.7*8.5*0.9 cm

15

Designação: Fragmentos de bordo (Restauro parcial)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 10.3*6.5*1.4 cm

16

Designação: Fragmentos de base plana (Restauro parcial)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas:13.7*3.9*0.6 cm

17

Designação: Fragmentos de base em *omphalos*
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas:6.5*3.2*1 cm

18

Designação: Fragmento de bordo de *phythos*
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas:3.2*2.5*1.4 cm

19

Designação: Fragmento de bordo de "vaso *pythoide*"
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 2.1*2.8*1.4 cm

20

Designação: Fragmento de taça com asa (Restauro parcial)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 5.2*5.9*0.5s: cm

21

Designação: Pequeno pote (Restauro)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 7.1*5.7*0.7 cm

22

Designação: Fragmento de bordo com decoração penteada
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 3.9*2.9*0.8 cm

23

Designação: Fragmento de bojo com decoração penteada
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 3*2.9*0.7 cm

24

Designação: Fragmento de bojo com decoração penteada
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 4.9*4.8*0.6 cm

25

Designação: Fragmento de bojo com decoração penteada
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 13.5*3.3*0.6 cm

26

Designação: Fragmento de bojo com decoração penteada sobre engobe almagrado
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Cerâmica

Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 6.2*8.1*0.7cm

27

Designação: Fragmento de carena com decoração penteada
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 4.9*4.1*1 cm

28

Designação: Fragmento de bojo com impressões circulares
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 4.9*4*0.6 cm

29

Designação: Fragmento de bojo com mamilo perfurado horizontalmente
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)

Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 5.1*4.3*0.6 cm

30

Designação: Dormente
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Granito
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 30.2*18.3*5.7 cm

31

Designação: Omoplata esquerda de Sus sp. (porco ou javali)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Fauna
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 10.7*4.3*1.4 cm

32

Designação: Pélvis de Sus *sp*. (porco ou javali)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)

Matéria-prima: Fauna
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 2.2*2*1.9 cm

33

Designação: Pélvis de Sus *sp*. (porco ou javali)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Fauna
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 1.9*1.2*0.9 cm

34

Designação: Pélvis de Sus *sp*. (porco ou javali)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Fauna
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 3.6*3.6*1.8 cm

35

Designação: Pélvis de Sus *sp*. (porco ou javali)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Fauna
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro

Medidas: 4.8*3.5*2 cm

36 e 37

Designação: Falanges II e III de *Bos taurus* (boi)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Fauna
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 4*3.1*3; 5.9*5.3*2.6 cm (respectivamente)

38

Designação: Terceiro molar inferior esquerdo de *Bos taurus* (boi)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Fauna
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 4.9*3*1.9 cm

39

Designação: Hemi-mandíbula esquerda de *Ovis/Capra* (Meio maxilar de ovelha ou cabra)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)

Matéria-prima: Fauna
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 14.5*9*1.6 cm

40

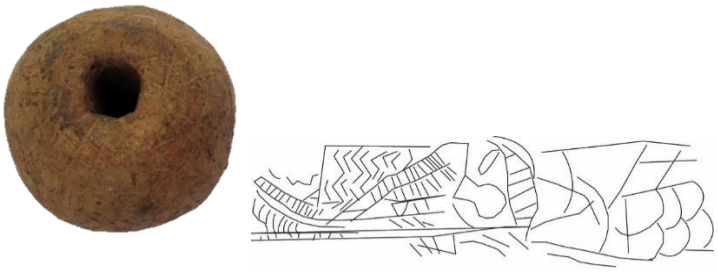
Designação: Cossoiro bitroncocónico com encabamento reconstituído
Proveniência: Fraga dos Corvos (Achado de superfície)
Matéria-prima: Talcoxisto
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 3.3*3.4*1.2 cm

41

Designação: Cossoiro
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 2.2*1.5*0.9 cm

42

Designação: Cossoiro
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Final/ I Idade do Ferro
Medidas: 2.6*1.2*1 cm

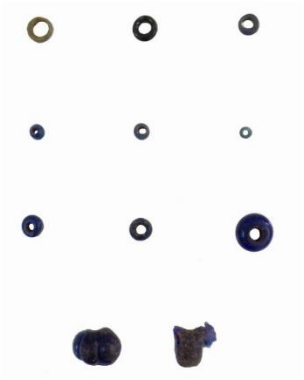


43

Designação: Cossoiro decorado
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 1.9*2.3*0.8 cm

44

Designação: Fragmento de cossoiro
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Cerâmica
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 3.4*2.3*1.9 cm



45 a 55

Designação: Contas
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Vidro azul
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas:
45 - 0.8*0.2cm
46 - 0.7*0.2cm
47 - 0.6*0.1cm
48 - 0.4*0.2cm
49 - 0.4*0.1cm
50 - 0.3*0.1cm
51 - 0.6*0.2cm
52 - 0.6*0.2cm
53 - 1*0.3cm
54 - 1.5*1cm
55 - 1.3*1.1cm

56

Designação: Agulha
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 5*0.2 cm

57

Designação: Agulha
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 7,1*0.2 cm

58

Designação: Agulha
Proveniência: Fraga dos Corvos (Abrigo 2)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/ I Idade do Ferro
Medidas: 6.4*0.3 cm

59

Designação: Agulha
Proveniência: Fraga dos Corvos (Abrigo 2)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 4.1*0.2 cm

60

Designação: Agulha
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 7.4*0.2 cm

61

Designação: Agulha
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 9.1*0.2 cm

62

Designação: Agulha
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 11.3*0.4 cm

63

Designação: Agulha
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 13.9*0.4 cm

64

Designação: Fíbula de dupla mola
Proveniência: Fraga dos Corvos (Abrigo 2)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 0.4*3.2 cm

65

Designação: Fíbula de tipo “Acebuchal”
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 5.3*0.4 cm

66

Designação: Fíbula de tipo “Acebuchal”
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 3.8*0.5 cm

67

Designação: Fíbula de tipo “Acebuchal”
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 3.5*0.2 cm

68

Designação: Fíbula de tipo “Acebuchal”
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 3.5*0.3cm

69

Designação: Mola de Fíbula
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 3.5*0.7 cm

70

Designação: Mola de Fíbula
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 5.5*0.9 cm

71

Designação: Fíbula de tipo “Bencarrón”
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 4.4*0.5 cm

72

Designação: Fíbula de tipo “Bencarrón”
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 4.4*0.7 cm

73

Designação: Mola de Fíbula
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 1.3*0.6 cm

74

Designação: Fuzilhão de Fíbula
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 6.8*0.3 cm

75

Designação: Pendente decorado nas duas faces
Proveniência: Fraga dos Corvos (Abrigo 2)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final
Medidas: 5.5*2.4*0.1 cm

76

Designação: Terminais de pendentes atrombetados
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final
Medidas: 1.4*1.4*0.3 cm

77

Designação: Anel/Argola
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final
Medidas: 1.9*0.7*0.4 cm

78

Designação: Anel
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final
Medidas: 1.8*0.2 cm

79

Designação: Argola
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final
Medidas: 1.8*0.2 cm

80

Designação: Pulseira em fita
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 7.2*0.3*0.1 cm

81

Designação: Fragmento de parte fêmea de fecho de cinturão
Proveniência: Fraga dos Corvos (Abrigo 2)
Matéria-prima: Cobre
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 2.2*1.4*0.3 cm

82

Designação: Pinça
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final
Medidas: 4.5*0.5*0.1 cm

83

Designação: Espátula para cosméticos
Proveniência: Fraga dos Corvos (Abrigo 2)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 5.3*0.4*0.2 cm

84

Designação: Espátula para cosméticos
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 2.7*0.6*0.2 cm

85

Designação: Espátula para cosméticos
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 3.3*0.7*0.1 cm

86

Designação: Nódulo de redução
Proveniência: Fraga dos Corvos (Abrigo 2)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/ I Idade do Ferro

Medidas: 0.9*0.4 cm

87

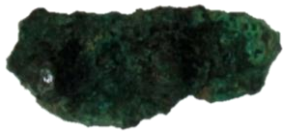
Designação: Fragmento de barrinha
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 2.8*0.3*0.1 cm

88

Designação: Fragmento de barrinha
Proveniência: Fraga dos Corvos (Abrigo 2)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 3.3*0.2*0.1 cm

89

Designação: Fragmento de molde
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Xisto
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 4.3*2.6*1.1 cm



90

Designação: Fragmento de chapa com rebites
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 3.1*1.3*0.7 cm

91

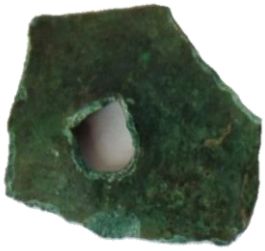
Designação: Fragmento de chapa com rebites
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 2.2*1.5*0.7 cm

92

Designação: Fragmento de chapa com rebites
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 4.9*1.8*0.8 cm

93

Designação: Fragmento de chapa perfurada
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 4.3*2.9*0.1 cm



94

Designação: Fragmento de chapa perfurada
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 2.2*2*0.4 cm

95

Designação: Cravo/rebite
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 1*1.1*0.3 cm

96

Designação: Cravo/rebite
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 1.4*1.4*0.2 cm

97

Designação: Lâmina de machado
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Ferro
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 6*3.9*0.6 cm

98

Designação: Faquinha com rebites
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Lâmina de Ferro/Rebites em Bronze
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 7*1.2*0.8 cm

99

Designação: Lâmina de faquinha
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Ferro
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 6*1.2*0.2 cm

100

Designação: Fragmento de lâmina de faquinha com orifícios para rebites
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Ferro
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 4*2.1*0.2 cm

101

Designação: Ponta de punhal (?)
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector A)
Matéria-prima: Ferro
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 10.9*1.4*0.4 cm

102

Designação: Punção
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Ferro
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 12.6*0.6*0.5 cm

103

Designação: Objecto indeterminado
Proveniência: Fraga dos Corvos (Sector M)
Matéria-prima: Ferro
Cronologia: Bronze Final/I Idade do Ferro
Medidas: 5.1*0.5*0.3 cm

104

Designação: Machado de talão bifacial com duas argolas (réplica)
Proveniência: Cortiços (Achado avulso)
Matéria-prima: Bronze
Cronologia: Bronze Final
Medidas: 20.2*5.8*2.5 cm

SALA ROMANO/MEDIEVAL: Cerâmica de ligação à SALA DO NEOLITICO À IDADE DO BRONZE/FERRO.

Peça 1 – Fragmento cerâmica com furação (Idade do Ferro) – Terronha de Pinhovelo

Peça 2 – Fragmento cerâmica com decoração incisa (Idade do Ferro) – Cramanchão

Peça 3 – Fragmento cerâmica com decoração (Idade do Ferro) – Bovinho

Peça 4 – Fragmento de bordo de cerâmica com brunimento da mesma pasta e decorada (Idade do Ferro) – Cramanchão

Peça 155 – Cerâmica com brunimento da mesma pasta e com decoração (Idade do Ferro) – Terronha de Pinhovelo

CERÂMICA COMUM – Período Romano

As produções de "cerâmica comum" exumadas nas escavações arqueológicas levadas a cabo pela Associação Terras Quentes no concelho de Macedo de Cavaleiros, em período romano, mormente nos arqueossítios da Terronha de Pinhovelo, Povoado do Cramanchão e Povoado do Bovinho apresenta-nos uma grande e diversificada gama de fabrico para utilização ligadas à produção agrícola, mas sobretudo associados à vida doméstica, baixelas de mesa, e de armazenagem de produtos (líquidos e sólidos). Na baixela doméstica é relevante referirmos a não existência na baixela de mesa de pratos, contrariamente ao que acontece na maior parte dos arqueossítios escavados a sul do país, o que terá provavelmente a ver, com os hábitos gastronómicos desta área regional. Toda esta baixela de mesa e armazenamento eram de uso do quotidiano, para conter os produtos de primeira necessidade, fundamentais para acudir às necessidades da dieta do agregado familiar.

Peças de cerâmica comum em exposição:

Peça 5 – Fragmento de jarro com colo alto e bordo esvasado com asa que arranca do bordo – Cramanchão.

Peça 6 – Fragmento de pote decorado com incisões - Pinhovelo

Peça 7 – Fragmento de vaso cerâmico (pote) de colo alto e bordo esvasado - Pinhovelo

Peça 8 – Fragmento de vaso cerâmico (pote) com bordo esvasado e bojo globular - Pinhovelo

Peça 9 – Pote restaurado com decoração incisa Terronha de Pinhovelo

Peça 10 – Pequeno pote de bordo aplanado e esvasado, bojo globular e com decoração incisa – Terronha Pinhovelo

Peça 11 – Jarro cerâmico com base plana, bojo ovoide com asa lateral - restaurado - Cramanchão

Peça 12 – Pequeno pote restaurado de boca aplanada e bordo esvasado, com bojo ovoide e base plana – Terronha Pinhovelo

Peça 13 – Fragmento de pote de armazenamento de bordo plano e esvasado e bojo globular – Terronha Pinhovelo

Peça 14 – Fragmento de bordo com marca “DO” – Terronha Pinhovelo

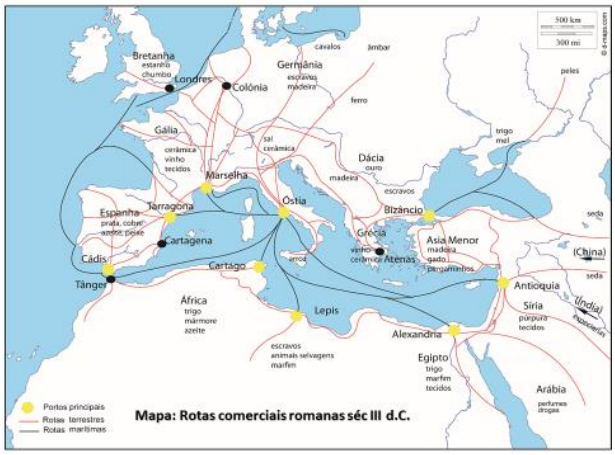
Peça 15 – Fragmento de fundo plano de pote de armazenamento – Terronha Pinhovelo

Peça 16 – Pequeno pote com arranques de asas, visíveis, e base plana, com brunimento – Terronha Pinhovelo

Peça 17 – Pequeno pote (recuperado inteiro) de boca aplanada e bordo extrovertido com bojo globular e base direita. Provavelmente utilizado em ritual de fundação de habitação – Cramanchão

Peça 18 – Grande jarro com asa boca aplanada pança globular e base plana – Terronha Pinhovelo

CERÂMICA DE IMPORTAÇÃO:
Rotas comerciais romanas século III d.C.



Pensamos que a maior parte da baixela de cerâmica, a que chamamos de" importação" terá percorrido as rotas comerciais romanas, mormente a de Sigillata itálica, a mais característica do império romano e mais cara, são peças assim como a cerâmica Terra Sigillata Hispânica (TSH) muito representada no nosso espólio. Tratava-se de uma baixela que podemos considerar "não acessível a todas as bolsas", portanto direccionada a uma elite romana que teria passado pelas terras Macedenses ou versus elites locais.

Todavia ainda está por descortinar a funcionalidade do forno de época romano, de tradição gálica, encontrado e escavado pela Associação Terras Quentes na freguesia de Salselas que se destinaria por certo, devido ao seu método construtivo e as suas dimensões, à produção de cerâmica fina, provavelmente da paleta Sigillata hispânica, ou mesmo do tipo sudgálicas.

As importações de longa distância já são comuns desde a idade do bronze, como se atesta no povoado da Fraga dos Corvos, mas aí centrado mais em peças de adorno e de prestígio. Confirmamos esta tendência com a presença no espólio de matérias-primas preciosas e semipreciosas, como o azeviche ou a variscite.

Peça 19 – Fragmento bordo/bojo de taça TSHT – Dragendorff 15/17 – Terronha

Peça 20 – Fragmento fundo/bojo TSHT – Dragendorff 37 – Terronha Pinhovelo

Peça 21 – Fragmento bordo/fundo TSTH – Palol 4 – Terronha Pinhovelo

Peça 22 – Fragmento Bordo/Parede TSHT – Dragendorff 37 – Terronha Pinhovelo

Peça 23 – Fragmento bordo/bojo de taça TSHT – Ritt 8 – Terronha

Peça 24 – Fragmento bordo/bojo TSHT – Ritt 8 – Terronha Pinhovelo

Peça 25 – Fragmento bordo TSTH – Hispânica 83 – Terronha Pinhovelo.

Peça 26 – Fragmento Bordo/Bojo TSHT – Palol 4 – Terronha Pinhovelo

Peça 27 – Fragmento cerâmica Sigillata Hispânica tardia decorada - Cramanchão

Peça 28 – Fragmento cerâmica Sigillata Hispânica tardia decorada - Cramanchão

Peças 29 – Fragmentos cerâmica Sigillata Hispânica tardia decorada - Cramanchão

Peça 30 – Fragmento de cerâmica de paredes finas – Cramanchão

Peça 31 – Fragmento de cerâmica de paredes finas – Cramanchão

Peça 32 – Fragmento cerâmica Sigillata Hispânica tardia, decorada - Cramanchão

Peça 34 – Fragmento de cerâmica de paredes finas – Cramanchão

Peça 34 – Fragmento de cerâmica de paredes finas – Cramanchão

Peça 36 – Fragmento cerâmica Sigillata Hispânica tardia decorada - Cramanchão

Peça 37 – Bordo decorado de Sigillata TSH – Terronha Pinhovelo

Peça 38 – Bordo decorado de Sigillata TSH – Terronha Pinhovelo

Peça 39 – Bordo de Sigillata Itálica – Terronha Pinhovelo

Peça 40 – Bordo de Sigillata Itálica – Terronha Pinhovelo

Peça 41 – Bordo de sigillata Itálica – Terronha Pinhovelo

Peça 42 – Fundo de sigillata Itálica – Terronha Pinhovelo

Peça 43 – Bojo decorado de sigillata TSH – Cramanchão

Peça 44 – Bordo de taça c/carena de sigillata Itálica – Terronha Pinhovelo

Peça 45 – Bordo de sigillata Itálica – Terronha Pinhovelo

Peça 46 – Bojo decorado de sigillata Itálica – Cramanchão.

Peça 47 – Bordo decorado sigillata Itálica – Terronha Pinhovelo

Peça 48 – Bordo decorado sigillata Itálica – Terronha Pinhovelo

Peça 49 – Fragmento de bojo decorada com cabeça de imperador de Cerâmica sigillata Itálica – Bovinho

Objectos de iluminação:

As lucernas, objectos de iluminação, de origem romana, estão fracamente representadas no espólio dos arqueossítios escavados, regista-se somente a existência de dois fragmentos não passíveis de identificação, da sua cronologia ou características; tardo republicanas, lucernas de volutas, lucernas de disco, lucernas de canal, lucernas mineiras, lucernas de bico e lucernas vidradas. Pensamos tratar-se de material importado, portanto direcionado às elites fossem romanas ou do indigenato.

Peça 33 – Fragmento de lucerna – Terronha de Pinhovelo

Cerâmicas Industriais

A telha

Em todos os sítios arqueológicos escavados pela Associação Terras Quentes, Povoado da Terronha de Pinhovelo, Povoado do Cramanchão e Povoado do Bovinho registámos o aparecimento de inúmeros fragmentos (poucas peças inteiras) de telha romana, tégula e imbríce. Atravessando períodos diacrónicos, mas cronologicamente semelhantes, foi possível compara os modelos construtivos de habitação o que possibilitou chegar à conclusão de que as técnicas e materiais utilizados nas coberturas das habitações foram distintas. Procurámos no diagrama da habitação "Zela" apresentar as 3 hipóteses de cobertura; Com esteva; Colmo e Telha romana. A telha romana é uma enorme inovação tecnológica, que se generalizou por todo o império, na cobertura das habitações, esta solução permitiu dar solidez e cobrir maiores espaços das áreas edificadas do que as soluções de cobertura vegetal utilizadas até então. Assim o telhado é revestido pelo conjunto de duas peças que se combinam mutuamente, o que permite proporcionar outro conforto ao interior da habitação e isolar a água da pluviosidade.
A tégula era um género de tijoleira plana rectangular com dois rebordos dos lados maiores, (peça 50) cada uma destas peças era adossada sucessivamente à outra pelos rebordos. Estas eram juntas por uma peça curva, designada por imbríce (peça 51), impedindo a entrada da água pelas juntas

Peças 50 – Fragmentos de telha romana (Tégula) – Cramanchão (falta foto)
Peça 51 – Fragmento de telha romana – união das tégulas - (imbríce) (falta foto)

Recipientes de armazenamento "Dólios"

Estes grandes vasos de armazenamento "Dólios (doliae)" para utilizados para guardar produtos alimentares – bens duráveis – como cereais – todavia não é de descartar a hipótese de alguns terem servido como recipientes de líquidos o que serviria para explicar a grande ausência de ânforas nos arqueossítios de Macedo de Cavaleiros.

Peça 52 – Fragmento de fundo de Dólio (grande recipiente de armazenamento) – Cramanchão

Peça 53 – Fragmento de bordo de Dólio decorado (grande recipiente de armazenamento) – Cramanchão

Peça 54 – Fragmento de bordo de Dólio decorado (grande recipiente de armazenamento) – Cramanchão.

Peça 55 – Fragmento de bordo de Dólio decorado (grande recipiente de armazenamento) – Cramanchão.

Utensílios de moagem de cereais:

São várias as tecnologias de moagem, sobretudo de cereais; Bolota, trigo, cevada, centeio etc., que foi possível às equipas de investigadores da Associação Terras Quentes descortinar em ambiente de escavações nos sítios intervencionados, desde a Idade do Bronze ao período medieval. Podemos apreciar essa evolução comparando as técnicas de trituração desses alimentos, tendo sempre por base a utilização de uma base fixa onde eram depositados os grãos e na qual em movimentos de vai e vem ou por fricção se trituravam os grãos. Mesmo no período romano deu-se uma evolução entre o almofariz e o pilão e a moagem por pedras circulares “movente e mordente” que encontramos em exposição um original no diorama da casa “Zela”

Peça 56 – Almofariz – Cramanchão

Peça 57 – Pilão – Cramanchão

Conjunto das peças 56 e 57

Peças 160 e 161 – Mós manuais (Movente e mordente) - Cramanchão

Peça 58 – Sementes carbonizadas de cereal - Bovinho

METAIS – Objectos de adorno

É hábito falar-se hoje, até em termos comparativos, na globalização, prodígio acontecido também em todo o império Romano e as benfeitorias que esse fenómeno nos trouxe sob vários domínios da vida social de então. Como hoje esse fenómeno não nos traz uma homogeneização de culturas e de hábitos quotidianos, todavia os intercâmbios entre as diversas "províncias do império romano" aportou-nos hábitos e modas. Pensamos, todavia, e pela experiência aduzida das escavações arqueológicas em tempos mais remotos (idade do Bronze) que a existências desses contactos já tinham produzidos algumas alterações aos hábitos, mormente femininos nos materiais de adorno, é o caso dos inúmeros artefactos exumados na Fraga dos Corvos, de tradição fenícia.

As Fíbulas:

A sobrevivência transversal de alguns modelos evoluídos celtibéricos (PONTE 23/32 e 33), sobretudo em contextos culturais romanizados, poderá estar relacionada com o

novo quadro de ordenamento urbano dos núcleos de povoamento do nosso território, durante os períodos pré-romano e romano.

Os vários de modelos de fíbulas circularam pelos circuitos comerciais e porventura através da integração de tropas auxiliares indígenas que integravam o exército romano.

Exumou-se na Terronha de Pinhovelo um fragmento de fíbula zoomórfica (peça 77) a representação zoomórfica na paleta fibulária perpassam "*um período cronológico bastante dilatado, desde a II Idade do Ferro aos alvores do domínio romano na Península Ibérica. Apresentam características tecno morfológicas e socioideológicas das culturas celtibéricas proto urbanas, preludiando o avanço tecnológico e consequente domínio romano. A representação animalística torna-se num dos valores rituais e sociopolíticos das elites peninsulares, sobretudo nas áreas célticas e celtibéricas da Península Ibérica. Parece-nos importante o significado iconográfico e simbólico das fíbulas de ginete e cavalito peninsulares, evidenciando o papel relevante da ourivesaria ao serviço das elites equestres indígenas, para além do seu uso como objectos de prestígio sociopolíticos (Ponte:33)".*

Peça 71 – Fragmento de fíbula em bronze tipo Ponte 47 1.b, nome usual; Krägenfibeln, finais século III d.C - Terronha Pinhovelo

Peça 72 – Fragmento de fíbula em bronze, tipo Ponte 44 1.a, nome usual; Iturissa – 2ª metade do século I a.C - Terronha Pinhovelo.

Peça 74 – Fragmento de fíbula em bronze - tipo Ponte 44 1.a, nome usual; Iturissa – 2ª metade do século I a.C - Terronha Pinhovelo.

Peça 73 – Fragmento de fíbula em bronze tipo Ponte 33 b, nome usual Meseta – Finais do século VI a.C meados do século III a.C. - Terronha Pinhovelo.

Peça 75 – Fragmento de fíbula em bronze, provavelmente tipo Anular Romana - Terronha Pinhovelo

Peça 76 – Fragmento de fíbula em bronze, provavelmente tipo Ponte 42.a ou 42.b, nome usual, Aucissa – 2ª metade do século I a.C – Inicio do século II d.C - Terronha Pinhovelo

Peça 77 - Fragmento de fíbula; a parte decorativa com motivo Zoomórfico (Cavalinho) - Finais século IV a.C – 1ª metade do século I d.C? – Terronha de Pinhovelo.

Peça 83 - Fragmento de terminal de fíbula em bronze, provável Ponte 42.b/c/d, nome usual Aucissa – Meados século I a.C – 1ª metade do século II d.C - Cramanchão

Pulseiras:

Peça 86 – Fragmento de pulseira em bronze.

Peça 87 – Fragmento de pulseira em bronze.

Peça 88 – Fragmento de pulseira em bronze.

Alfinetes de cabelo (Acus crinalis)

Os alfinetes de cabelo eram usados pelas mulheres indígenas e romanas da mesma forma que ainda hoje são utilizados, para prenderem o cabelo, servindo, quando eram fabricados com matérias-primas raras ou preciosas para assinalar o seu estatuto ou o da sua família.
Trata-se de peça que na sua maioria são fabricados em bronze, marfim, ouro e provavelmente em ferro. As suas secções são invariavelmente circulares, se bem que existam peças de secção rectangular. Os seus terminais (cabeças são na sua maioria em balaústre.

Peça 89 – Alfinete de cabelo (acus crinalis) de secção esférica, tipo circular, em ferro? – Terronha de Pinhovelo.

Peça 96 – Cabeça de alfinete de cabelo? em pasta vítrea – Terronha Pinhovelo

Peça 90 – Alfinete em bronze com cabeça esférica – Terronha de Pinhovelo.

Peça 91 – Alfinete em bronze com cabeça circular.

Camafeu:

O camafeu surgiu por volta do ano 300 a.C., em Alexandria, sendo utilizado em joias e adornos para roupas. Os camafeus continham imagens de deuses, deusas, cenas mitológicas e figuras femininas. Originalmente eram obras a partir de faces e rostos femininos. Pela observação directa das gemas antigas sabemos quais foram as principais pedras duras usadas: Cornalina, Sarda, Plasma, Calcedónia, Cristal de Rocha, Ametista, Girassol, Citrino, Ágata, Ónix, Sardónica, Nicola, Jaspe, Lápis-lazúli, Esmeralda, Hematita, Malaquita. De todas estas, a pedra mais usada foi, segundo se julga, a cornalina (Casal Garcia 1981, 16). Este camafeu recuperado no povoado da Terronha de Pinhovelo apresenta gravado a figura da mitologia romana, Minerva. Deusa das artes e dos ofícios da guerra, da sabedoria e da razão e auxiliadora dos heróis. Ostenta os atributos de uma guerreira, usa elmo e carrega elmo e lança.

Peça 92 – Pedra de anel glíptica, com a Deusa Minerva gravada; Deusa das artes, dos ofícios da guerra da sabedoria e da razão.

Peça 93 – Botão – Terronha Pinhovelo

Peça 94 – Anel em bronze – Terronha Pinhovelo

Peça 95 – Botão – Terronha Pinhovelo

Peça 97 – Fragmento de anel, em azeviche, com painel frontal (mesa) – Terronha Pinhovelo.

Peça 171 – Anel exumado da sepultura 4 da Necrópole do Sobreirinho

Peça 98 – Placa de azeviche decorada - Terronha

Contas para colares, pendentes e pulseiras

Constas para colares e pulseiras? Existem em grande quantidade e bastante diversificadas na matéria-prima utilizada, vidro variscite, azeviche etc., no espólio recolhido nas intervenções arqueológicas levadas a cabo pela Associação Terras Quentes, nos povoados romanizados, todas elas encontradas em ambiente habitacional (áreas privadas).

Peça 99 – Conta em pasta vítrea, de cor azul-escuro – Terronha de Pinhovelo

Peça 100 – Conta em azeviche - Terronha Pinhovelo

Peça 101 – Conta em pasta vítrea em cor azul-escuro- Terronha Pinhovelo

Peça 102 – Conta em pasta vítrea- Terronha Pinhovelo

Peça 103 – Conta em pasta vítrea - Terronha Pinhovelo

Peça 104 – Conta em pasta vítrea - Terronha Pinhovelo

Peça 105 – Conta em pasta vítrea - Terronha Pinhovelo

Instrumentos musicais

São poucas as referências literárias ou arqueológicas que se referem à música em período romano no espaço hoje Portugal. Todavia, deveria estar presente em vários contextos de sociabilidade, mormente banquetes, peças de teatro, actos religiosos e é bem possível a sua introdução em actos do quotidiano. É provável que tenham sido os romanos a introduzir nos povos conquistados os gostos musicais, tal como aconteceu com a civilização Grega, Etrusca e outros povos do oriente.

Címbalo:

Prato ou címbalo é o nome genérico atribuído a vários instrumentos musicais de percussão. Construídos a partir de uma liga de metal, geralmente à base de bronze, cobre ou prata. Este tipo de instrumento era usado especialmente no teatro, na realização de pantomima e, possivelmente em procissões e rituais.

Peças 78 e 151 – Instrumento musical - Prato de címbalo, “cymbalum” objecto de forma discoide com orifício central e extremidades encurvadas – Terronha Pinhovelo

Peça 81 – Sino “Tintinabulum “– Idiofone, instrumento musical e/ou também se conhece a sua utilização no pescoço dos cavalos. Costume encontrado nas tropas Lusitanas para encontrarem a sua montada após emboscada.

Caixas de selo de correio imperial:

O serviço de correio romano «cursus publicus» – foi instituído pelo Imperador Augusto e estava afecto unicamente aos organismos do Estado. O sistema garantia que só o destinatário tivesse acesso ao conteúdo das mensagens ou encomendas. Era um sistema eficaz para a transmissão de notícias e para o transporte de bens em nome do Estado. O conteúdo da mensagem ou encomenda era envolvido em pergaminho ou tábua, depois era atada com fios que passavam por dentro da caixa do selo, onde era vertida cera quente imobilizando os fios e ligando a caixa de selo ao invólucro. A presença destes artefactos no povoado da Terronha de Pinhovelo atesta sem dúvida a extrema importância que este povoado, com cerca de 4 hectares, teria como centralidade em período romano.

As caixas de selos tinham em período romano o mesmo objetivo do correio registado de hoje. Afiançando que o correio seria entregue em segurança e que não seria violado.

Peça 106 – Tampa decorada, em forma de gota, de caixa de selo de correio – Terronha Pinhovelo e
Peça 154 – Base de caixa de selo de correio – Terronha de Pinhovelo

Outros artefactos não identificados:

Peça 84 - Barrinha tubular, com classificação desconhecida – Cramanchão

Peça 85 – Barrinha tubular, com classificação desconhecida. – Terronha Pinhovelo

METAIS Industriais:
Armela de asa de sítula:

Esta armela proveniente de contexto habitacional. As armelas eram fundidas e soldadas ou fundidas e rebitadas ao recipiente (panela) e nelas ia encaixar a pega. A sua cronologia encaixa num largo período temporal que vai desde o século II/I a.C prolongando-se até ao século IV-V d.C

Peça 70 – Armela de asa de sítula (pega de panela) – Cramanchão.

Pregos:

Peça 115 – Prego de cabeça de cariz circular, haste de secção quadrangular – Cramanchão

Peça 116 – Prego de cabeça achatada, haste de secção quadrangular – Cramanchão.

Peça 117 – Prego de cabeça achatada, haste de secção quadrangular – Cramanchão

Peça 118 – Prego de cabeça achatada, haste de secção quadrangular – Cramanchão

Peças 121 e 122 e 123 – Tachas de cabeça ovalizada -Cramanchão

Peso de Balança;

Peça 119 – Peso de balança de vara (statera) – Cramanchão.

Peça 120 – Gancho de suspensão? – Cramanchão

Peso para sólidos:

Peso para sólidos. Idêntico a um fio-de-prumo, todavia mostra-nos 3 covinhas que terá servido para afinar o seu peso padrão. 1 Deunx = 11/12 da libra = 300,08 gramas. Peso da peça: 303,50 gramas.

Peça 124 – Peso para sólidos em chumbo com pega em ferro – Terronha de Pinhovel

Armamento:

Peça 125 – Pilum. Uma das armas padrão da legião romana. Era uma lança curta composta de uma parte em ferro, mais fina e pontiaguda, e outra de madeira, maior e mais pesada. Poderá ser também um Soliferrum, espécie de lança curta.

Foto MDDS

Peça 82 – Fragmento, em bronze, decorativo da zona frontal (viseira) de um “Galeus” (capacete romano, de tradição Gaulesa) – Cramanchão.

LAZER:
Jogo do soldado:
Pedras de jogo de tabuleiro, Romano. Estas pequenas peças foram afeiçoadas de modo a adquirirem uma forma aproximadamente circular. As fichas em cerâmica são as mais comuns tendo sido executadas a partir de outros objetos que anteriormente teriam outro fim. No povoado da Terronha de Pinhovelo foram recuperados exemplares de dimensões variadas, alguns elaborados de fragmentos de telha, xisto e até de cerâmica sigillata.

Latrunculi foi um dos jogos mais populares no Império Romano. O nome vem da palavra latina latrones que originalmente significava "mercenários" e que se refere a "soldados".

Peça 107 Peça 108 Peça 109 Peça 110 Peça 111

Peça 112 Peça 113 Peça 114

Peças 107 a 113 – Pedras de jogo - Peça 114 – Pedra de Jogo “Dux”

JOGO DO SOLDADO (*Ludus Latrunculorum-Latrunculi*)

Nº de participantes: ***2 jogadores***
Nº de peças: ***34 fichas de jogo – 16 e um Dux por cada jogador.***
Objectivo do jogo: ***Eliminar o maior número de fichas do adversário.***
Regras:

1ª Fase

Cada jogador coloca duas fichas de cada vez no tabuleiro em qualquer dos quadrados vazios. Depois de colocadas as 32 fichas (16 de cada) posiciona o Dux (o general).

2ª Fase

-Na sua vez, cada jogador movimenta uma ficha em qualquer direcção, uma casa de cada vez, Excepto na diagonal, de forma a tentar capturar as fichas e o Dux do adversário. Para isso tem de bloquear uma peça, numa linha vertical ou horizontal, entre duas das suas próprias fichas. No entanto, uma peça pode jogar para o espaço entre duas adversárias sem ser capturada.

-As fichas capturadas são eliminadas do jogo;

-Quem capturou 1 ficha volta a jogar e é a peça que acabou de se mover que joga outra vez;

-O Dux, ou general, movimenta-se como as outras fichas, mas pode saltar por cima da peça do adversário, para uma casa vazia, para bloquear e capturar uma ficha. Atenção: o Dux pode assim capturar, mas não tem de o fazer.

-O Dux também se pode "matar", tal como, as outras peças;

-Ganha quem eliminar o maior número de fichas do adversário;

-A partida termina quando não é possível proceder a qualquer jogada e neste caso, ganha quem tiver o maior número de peças em jogo. Se não houver capturas durante 30 lances, o jogo acaba. Ganha quem tiver mais peças.

Regras: Http://mdds.culturanorte.pt/pt-PT/servicoeducativo/sejogos

VIDROS

Motivado pela descoberta do "vidro soprado" durante o século I a.C., o recipiente em vidro tornou-se comum em todo o império romano. Era tanto mais raro o seu uso quanto mais pobres fossem os povos e geograficamente estivessem afastados de Roma ou dos grandes centros populacionais, como era o caso da etnia "Zela" acantonada no nordeste, do hoje território Português. Antes desta descoberta, os recipientes em vidro eram fabricados por técnicas de trabalho intensivo, tais como a criação de formas de fundição por queda ou em moldes e, o acabamento de superfícies de rectificação e polimento, ou pela formação de formas em torno de um núcleo de argila removível ligeiramente cozido. Os processos de fundição e polimento eram relativamente lentos, reduzindo a escala de produção.

O vidro teve várias vantagens práticas sobre outros materiais. O recipiente em vidro não conferia aos conteúdos, sabor ou cheiro, e por essas razões eles eram frequentemente usados para alimentos, perfumes, medicamentos etc.

Peça 126 – Peça em vidro não identificado
Peça 127 a 136 – Bordo de recipiente em vidro.
Peça 137 - Peça 126 – Peça em vidro.
Peça 138 a 140 - Bordo de recipiente em vidro.

Peça 126- Peça em vidro não identificado

Peça 127 - Bordo de recipiente em vidro.

Peça 128-Bordo de recipiente em vidro.

Peça 129-Bordo de recipiente em vidro

Peça 130-Bordo de recipiente em vidro.

Peça 131-Bordo de recipiente em vidro

Peça 132-Bordo de recipiente em vidro.

Peça 133-Bordo de recipiente em vidro

Peça 134-Bordo de recipiente em vidro.

Peça 135-Bordo de recipiente em vi

Peça 136-Bordo de recipiente em vidro.

Peça 137- Peça em vidro n.i.

Peça 138-Bordo de recipiente em vidro.

Peça 139-Bordo de recipiente em vidro

Peça 140-Bordo de recipiente em vidro

NUMISMAS

Peça 141

Imperador Honorius 395-423d.C.

Denominação: Solidus.
Distribuição: Circulação Padrão.
Composição: Ouro.
Diâmetro: 20,6mm.

Peça 142

Constantino II, AD 337-340, - "GLORIA EXERCITVS"

Anverso: FL IVL CONSTANTIVS: Busto, couraçado e laureado.
Reverso. IA - - Glória ITVS. Dois soldados frente a frente, cada um segurando um bordão, ao centro um estandarte.
Diâmetro: 14mm.

Peça 143

Cláudio II, Antoninianos - 268-270 d.C.

Anverso: AVR CLAVDIVM PF AVG, Busto de Cláudio II, drapeado e expandido.
Reverso: AVG, Figura de Marte olhando à esquerda com ramo. Escudo sufocado e bastão na mão esquerda.
Diâmetro: 17,3mm.

Peça 144

Theodora 337-340 d.C.
Anverso: FL MAX THEO-DORAE AVG, busto direito vestindo manto simples e colar, cabelo elaboradamente vestido com uma trança circundando a cabeça.
Reverso: Pietas-ROMANA, Pietas em pé de frente, carregando uma criança no seu peito.

Diâmetro= 15,4mm.

Peça 145

Constantinos II AE-4 317-337 d.C.

Anverso: OBV: CONSTANTINUS IVN NOB C; Cabeça Laureada à direita e couraça.
Reverso: GLORIA EXERCITUS, dois soldados 1 de cada lado com lança estandarte no meio.
Diâmetro= 14,9mm.

Peça 146

Augusto - 27-23 a.C.

Designação: Sestércio – Caetra.

Anverso: Cabeça a descoberto do Imperador, olhando para a esquerda, com uma palma e um caduceu alado atrás.
Reverso: Escudo redondo (Caetra) com umbo central, rodeado por motivos geométricos.
Este símbolo corresponde a um escudo redondo atribuído aos povos indignas do norte da Hispânia.
Diâmetro: 24,85mm.
Nota: Moeda de grande simbolismo pois nesse momento Roma estava em fase da conquista do noroeste hispânico: Moeda usada para pagamento das tropas romanas.

Peça 147
Imperador Constantino I, 330-335 d.C.
Moeda de Rómulo e Remo.
Anverso: **VRBS ROMA**, busto de Roma drapejada e com elmo.
Reverso: Loba amamentando os gémeos Rómulo e Remo, os míticos fundadores da cidade de Roma. Em cima, duas estrelas (constelação de Gémeos), que representam os dois Dioscuros, o Castor e o Pólux, os defensores de Roma.
Diâmetro: 18mm.

História do numisma- Rómulo e Remo

A Lenda da Fundação de Roma

Na Eneida de Virgílio e na Ab Urbe condita libri de Tito Lívio, Eneias, filho da deusa Vênus, foge de Troia com seu pai Anquises, seu filho Ascânio e os sobreviventes da cidade. Com este realiza diversas peregrinações que o levam, por fim, ao Lácio, na península Itálica. Lá ele é recebido pelo rei local Latino que oferece a mão de sua filha, Lavínia. Isto provoca a fúria do rei dos rútulos, Turno, um poderoso monarca itálico que se havia interessado por ela. Uma terrível guerra entre as populações da península eclode e, como resultado, Turno é morto. Eneias, agora casado, funda a cidade de Lavínio em homenagem à sua esposa. Seu filho Ascânio governa na cidade por trinta anos até que resolve se mudar e fundar sua própria cidade, Alba Longa.

Cerca de 400 anos depois, o filho e legítimo herdeiro do décimo-segundo rei de Alba Longa, Numitor, é deposto por um estratagema de seu irmão Amúlio. Para garantir o trono, Amúlio assassina os descendentes varões de Numitor e obriga sua sobrinha Reia Sílvia a tornar-se vestal (sacerdotisa virgem, consagrada à deusa Vesta), no entanto esta engravida do deus Marte e desta união foram gerados os irmãos Rômulo e Remo

(nascidos em março de 771 a.C.). Como punição, Amúlio prende Reia em um calabouço e manda jogar seus filhos no rio Tibre. Como por um milagre, o cesto onde estavam as crianças acaba atolando-se em uma das margens do rio no sopé do monte Palatino, onde são encontrados por uma loba que os amamenta; perto das crianças estava um pica-pau, ave sagrada para os latinos e para o deus Marte, que os protege. Tempos depois, um pastor de ovelhas chamado Fáustulo encontra os meninos próximo à Figueira Ruminal (Ficus Ruminalis), na entrada de uma caverna chamada Lupercal. Ele os recolhe e leva para sua casa, onde são criados por sua mulher Aca Laurência.

Rômulo e Remo crescem junto dos pastores da região praticando caça, corrida e exercícios físicos; saqueavam as caravanas que passavam pela região à procura de espólio. Em um dos assaltos, Remo é capturado e levado para Alba Longa. Fáustulo, então, revela a Rômulo a história de sua origem. Este parte para a cidade de seus antepassados, liberta seu irmão, mata Amúlio, devolve Numitor ao trono e dá à sua mãe todas as honrarias que lhe eram devidas. Ao perceber que não teriam futuro na cidade, os gêmeos decidem partir, junto com todos os indesejáveis, para então fundar uma nova cidade no local onde foram abandonados. Rômulo queria chamá-la Roma e edificá-la no Palatino, enquanto Remo desejava nomeá-la Remora e fundá-la sobre o Aventino. Como forma de decidir foi estabelecido que se deveria indicar, através dos auspícios, quem seria escolhido para dar o nome à nova cidade e reinar depois da fundação. Isto gerou divergência entre os espectadores e uma acirrada discussão entre os irmãos, que terminou com a morte de Remo. Uma versão alternativa afirma que, para surpreender o irmão, Remo teria escalado o recém-construído pomério quadrangular da cidade e, tomado em fúria, Rômulo o teria assassinado.

Peça 148
Imperador Trajano – 98-117d.C - Denário

Anverso: AVG GER DAC. P.M.TR.P. Busto laureado e adornado à direita.
Reverso: COS. VI. P.P.S.P.Q.R. OPTIMO PRINC, Marte marchando à esquerda com um troféu na mão direita.
Material: Prata.
Diâmetro= 19mm.

Peça 149

FLAVIVS IVLIVS CONSTANS (Flávio Júlio Constante) 337-350.

Co-imperador (Constantino II e Constâncio II).
Anverso: DN CONSTA-NS PF AVG, Busto drapeado com diadema em perolas.
Reverso: FEL TEMP-REPARATIO, Imperador em pé vestido de militar, segurando no globo com bandeiras. Vitória sentado à popa a governar o navio.
Diâmetro = 20,5mm.

Peça 150
Dinheiro – Bolhão – Afonso III. "O Bolonhês" (1248-1279)
Anverso: ALFONSVS REX : Reverso: PO RT VG AL
Peso: 0,55 g. : Diâmetro: 17 mm. +/-
Moeda recuperada na Sepultura 7 da Necrópole do Sobreirinho.

Peça -170
Uma meia moeda em ouro visigoda do reinado de Egica/Vitiza ano 700/702.
Moeda recuperada na sepultura 6 da Necrópole do Sobreirinho

Peça 157 - Estela funerário de Grijó
(Peça doada à Associação Terras Quentes pelo Dr. Alexandre Carvalho Neto, sócio da Instituição)

Grijó de Vale Benfeito, Grijó de Vale Benfeito, Macedo de Cavaleiros.
(Est. IX, 36) Redentor.
Suporte: Estela.
Material: Granito.
Descrição: Estela, em reaproveitamento, da qual não é possível caracterizar a forma da cabeceira por se encontrar parcialmente encastrada. A superfície da face anterior apresenta desgaste bastante profundo, dado que serve de arrimo a uma escada.
Elementos decorativos: Roda de raios curvos; crescente; esquadros.
Decoração: Na cabeceira, roda de raios curvos dextrorsos gravada no interior de círculo cujo sulco alarga inferiormente, configurando um crescente; entre este motivo e o campo epigráfico, par de esquadros de extremidades bífidas, em rebaixe. Abaixo do campo epigráfico, repete-se o par de esquadros.
Dimensões: [84] /26,5/9,5.
Campo epigráfico: Rectangular e rebaixado.
Dimensões: 34/21.
Conservação: Desgaste intenso.
Local de achado: Grijó de Vale Benfeito.
Circunstâncias: Encontra-se encastrada no vão de janela que serve de arrimo à escada interior da casa dos herdeiros de José Manuel de Sá Miranda, não se conhecendo o contexto arqueológico a que possa pertencer.
Paradeiro: Casa dos herdeiros de José Manuel de Sá Miranda, Grijó de Vale Benfeito.
BIBLIOGRAFIA: Alves, 1928, p. 758, 1934, p. 445; Lemos, 1993, IIa, p. 189; García, 1996a, p. 1462, n.0 93.
BOVTIA / BOVTI / FILIA. A/N <N> ORVM / 5 LXX (septuaginta) Búcia, filha de Búcio, de 70 anos.
Alt. Das letras: l. 1: 3,7/5,1; l. 2: 3,7/5,3; l. 3: 3,9/4,4; l. 4: 4,3/4,5; l. 5: 4,9/5,3.
Espaços: 1: 0,9/1,3; 2: 0,7/1,4; 3: 0,4/2; 4: 0,9/2,2; 5: 1,7/2,3; 6: 3,5/4,5.
Variantes: L. 1: FILIA? (Lemos). O ponto da não havia ainda sido assinalado.
Comentário: *Ordinatio* relativamente cuidada, com alinhamento à esquerda coincidente com o próprio limite do campo epigráfico. Caracteres tendencialmente quadrados e de desenho irregular; BB com pequenos apêndices nas extremidades da haste; AA sem travessão central, com vértice arredondado; VV de vértice igualmente curvo; F de barras desiguais; R de pança curta e aberta que, superiormente, ultrapassa a haste; M e N

pouco conseguidos, de hastes curvas e vértices arredondados; de barra descendente e com a extremidade superior da haste prolongada para a esquerda por pequeno traço.
O nome da defunta é decalcado do patronímico, remetendo claramente para um ambiente indígena. *Boutia*/*-us* são nomes frequentes na Península e com particular expressão na Lusitânia; de acordo com Abascal (1994, p. 31, 305), ocupam o 20.0 lugar na frequência dos *cognomina* na Hispânia e o quarto entre os indígenas. Talvez não seja de estranhar o seu sucesso, já que o seu radical se baseia na raiz indo-europeia **bhoudhi-*, com significado de "vitória" (Albertos, 1966, p. 61). No Nordeste transmontano, a forma masculina está também documentada em Sacoias (n.0 35), Grijó de Parada (n.0 44), Quinta do Britelo/Vila Nova (n.0 34) e Picote (*EE* IX 292b), mas a forma feminina apenas a encontramos em Meixedo (n.0 24b), sendo estes, ao que tudo indica, exemplos únicos no Noroeste da Península (Abascal, 1994, p. 303).

Peça 156 – Miliário do Carvalhal – Lamalonga – Via XVII Braga-Astorga

Tipo de sítio: Marco Miliário
Concelho: Macedo de Cavaleiros
Freguesia: Lamalonga
Cronologia: Romano
Coordenadas geográficas onde se encontrava:
X: 41º41.012N
Y: 007º04.025º
Z: 573m
Descrição: Marco miliário de forma semicilíndrica em granito, com cerca de 1.90m de altura e 1,40m de diâmetro na sua parte mais grossa. Não apresenta nenhum tipo de epígrafe. Em relação ao seu estado de conservação, este elemento apresenta-se já ligeiramente partido na parte superior.
Questionado o proprietário da propriedade onde se encontrava este marco miliário, (que, entretanto, foi adquirido pela Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros), sobre a origem deste monólito informou-nos que este foi deslocado de uma habitação da qual é proprietário, situada defronte à Igreja de Lamalonga, não sabendo a sua posição original.
MUSGO – Músculo, parte fibrosa e carnuda do corpo humano e de que pendem os seus movimentos vitais. Também se diz dos viventes irracionais.
MUSITAÇOM – Voz baixa, confusa e por entre dentes. XIV.

MUQARNAS – Palavra árabe para o sistema de pequenos nichos ou células côncavas em abóbadas, próprias da arquitectura islâmica. (AA)
MUTENA – Medida de quantidade para lenha equivalendo a “uma dúzia – quarenta e oito rachas.
MUU/MUA – vide Um; Macho
MUÚ – Vide Mú.
MUYMENTINHA – Aldeia extinta, perto de Bousende, no Concelho, hoje, Macedo de Cavaleiros. (Caderno Terras Quentes nº 7)
MUYMENTO – Sepultura. (NAP)
MUZLEMO – Rústico, bárbaro, incivil.
MYZAGRA – v. Vizagra.
MYZYNADOYRO – Vide Mézinhadoiro.
MYZYNAGOIRO/MEZINHADOIRO – Foragem que se pagava para a enfermaria ou para dar á botica.

N

N – Na música dos antigos, denotava que onde estivesse o sinal desta letra se devia atender muito e reparar no canto.
NABABO – f.m. em Surrate é o chefe ou Governador de uma Comarca
NABAM/NABO – Era de cada embarcação de pescadores um peixe. D. Manuel manda que mais se não pague, visto não haver foral, que o mande, nem costume de o pagar.
NABÁM – Este direito que pagavam os pescadores nos outros portos e que é de cada navio, lancha ou outra qualquer embarcação, um peixe. Não pagam os pescadores da cidade do Porto, depois do foral de D. Manuel como dele se manifesta. Porém antigamente o pagavam com o nome de nabulo.
NABO – O mesmo que Vabám
NABULO – O mesmo que nabám. Ou mais bem o frete que se paga nas barcas de passagem.
NAÇÃO – Qualidade, casta, diversidade de árvores, frutos, aves, animais, etc., "Nesta ribeira havia muitas árvores e de diversas naçoens – arvoredo de diversas naçoens – Aves de todalas naçoens que no mundo se possam dizer – Animais de diversas naçoens. Da história de Prestes João pelo Padre Francisco Álvares, impressa em Lisboa em 1540, 2ª edição.
NACER – Vide nascer.
NACENÇAS – Nascidos, alporcas, leicenços, tumores, etc., que nasciam pelo corpo humano.
NACIDA – Tumor, furúnculo.
NACHAR – Quebrar, partir, rachar. (VB)
NACHARIA – Laranjal, pomar de Laranjeiras que, em algumas partes, dizem laranjué. 1262.
NAÇOENS DE LEGUMES – Toda a casta de legumes v.g. favas, feijões, ervilhas, etc. XIV.
NADIVA – Nascida, natural. Pedra nadiva. A que ali mesmo, onde se acha, foi criada ou produzida à diferença da que já foi cortada ou conduzida de outro lugar. 1346.
NADIVO – Nativo, natural, ali mesmo criado.
NADO – Nascido (do lat. Natu-) repare-se na expressão "nado e criado", vulgarmente usada.
NAGALHO – Pequeno baraço para atar sacos. Pénis curto. Lenço do pescoço. (VB)
NALGATÓRIO – Nádegas. (VB)
NÃO LINDO – Não lídimo, não legítimo português. (HS).
NÃO, MAS SIM – Locução, Usa-se como afirmativa: Não foste a Freixo? Não, mas sim; fui. (VB)
NAMBAN – 1) Arte japonesa que descreve cenas passadas com visitantes portugueses, espanhóis e holandeses, nos séculos XVI e XVII. 2) Objectos japoneses concebidos para um mercado europeu, por exemplo, como símbolos cristãos.

Uma visão ecuménica do Oriente na pintura portuguesa do século XVI "O Pentecostes" de António Leitão em Freixo de Espada à Cinta. Caderno Terras Quentes nº 8 – Vítor Serrão (Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa)

NAMORADO – Afável, engraçado, cheio de humanidade, roubador de corações e que pelo seu bom termo provoca os outras a ter-lhe afeição.

NAMORADOS – Ala dos namorados, companhia ou sociedade de fidalgos portugueses. Aventureiros e andantes que na batalha de Aljubarrota se levantou tomando por distintivo uma bandeira verde que simbolizava com os seus pensamentos cheios de esperança que consistia em defenderem sempre honradamente o posto que na campanha se lhes confiasse. Ao mesmo tempo se levantou a companhia ou batalhão dos da Ala da **Madre Silva** ou **Madressilva**, cujo título designava o seu entendimento e discrição em feitos militares. Ambas estas sociedades (a que alguns sem razão chamaram Ordens militares, acabaram com os seus mesmos instituidores. Um cavaleiro da primeira está sepultado no Convento de Corpus Christis em Vila Nova do Porto; outro da segunda em o **convento de S. Francisco de Alenquer**. As inscrições que se gravaram nas respetivas campas nos informam do quanto eles se prezavam dos nomes que honradamente os distinguiam.

NAMORAR – Galantear uma dama, servi-la declarar-lhe amor que se lhe tem com acenos, requebros etc. (RB)

NÁRTEX – Átrio com pórtico erguido imediatamente antes das naves das basílicas paleocristãs, românicas. Havia por vezes dois nártex: um exterior (exonártex) (que em certos casos coincide com o lado do quadripórtico – átrio adossado à fachada da igreja) e outro interior (esonáartex). Estava reservado aos catecúmenos e penitentes.

NECISIDADE – Necessidade.

NASARANI – Nasrani (PA); Christão. Isto é, Nazareno. Deriva-se de "naçarion" Nazareno. Tais foram chamados os primeiros christãos no Oriente.

NASCER/NACER – Vir nascer, aparecer, sair, apresentar-se quase de repente sobre alguma colina ou eminência, tomada a metáfora do Sol, que vem aparecendo e subindo sobre o horizonte.

NASCER HIDA – Sobrevir necessidade ou ocasião de ir a alguma parte. 1317.

NASRIDA – Dinastia árabe do reino de granada (1232-1492).

NATURA/NATURANÇA/NATUREZA – Assim chamavam o direito que algum tinha de ser natural ou herdeiro em alguma igreja mosteiro ou lugar pio e também a ração de alimentos ou dinheiro que, por este mesmo direito, lhe pertencia. 1311.
NATURAL – O filho ou descendente dos padroeiros das igrejas ou mosteiros que como tais se aproveitavam dos bens que os seus pais e antepassados haviam deixado aos ditos lugares. E, por isso, tinham ali comedoria certa ou determinada ração. 1313.
NAVALHÃO – Porção húmida de terreno entre as searas, que não se cultiva, para dar erva. (VB).
NEANDERTALENSE – relativo a Neandertal (Alemanha) ou o que é o seu natural ou habitante. (DH).
NEBRINHA – Neblina. (VB)
NECISIDADE – Necessidade.
NECRÓPOLE DO SOBREIRINHO – A necrópole do Sobreirinho é um arqueossítio intervencionado pelo técnicos da Associação Terras Quentes. Localiza-se no lugar com o mesmo nome a SW de Edroso, e a SE da aldeia de Comunhas, freguesia de Ferreira. A uma altitude de 663 metros. A propriedade pertencente a Manuel Joaquim Rodrigues e a Alice Pedro, as suas coordenadas correspondem a uma latitude de 41º 37´ 22´´ N e 6º 57´14´´ W da folha 64 da Carta Militar de Portugal escala 1:25.000.
Reunindo a informação dos resultados das intervenções que decorreram nos anos 2003, 2004 e 2006, sob a direcção científica dos signatários, as acções desenvolveram-se nos mesmos moldes institucionais, durante as três campanhas tendo, nelas, participado, alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, da Universidade Católica Portuguesa, do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, da Universidade de Valladolid, da Escola Secundária de Macedo de Cavaleiros, voluntários da Associação Terras Quentes e, também, trabalhadores não especializados de arregimentação local.
O arqueosítio foi relocalizado por Mário Rui Oliveira dos Reis Soares, funcionário da Extensão do IPA de Macedo de Cavaleiros em 2001, não avançando com propostas identificativas do sítio por dificuldades de localização, devido há grande cobertura vegetal encontrada no local. A única referência bibliográfica encontrada para este arqueosítio encontramo-la na tese de Doutoramento de Francisco Sande Lemos, [Lemos, 1993, pp 188] “Povoamento Romano de Trás-os-Montes, onde assinala a existência no “Bovo de Comunhas” de duas sepulturas com fundo, paredes e cobertura, formados por lajes de xisto, atribuindo a sua cronologia ao período Medieval.

Levantamento dos restos osteológicos sepultura 6

Vista geral da Necrópole do Sobreirinho

NEFAGA – Anáfega, espécie de maças.

NEGAMENTO – Negação.
NEGOCIADO – Atarefado.
NEHUUM - Nenhum
NEICIO – Ignorante do que tem obrigação de saber.
NEIXENÇA – Produções, frutos e renovos, assim das terras como dos animais. NO ano de 1153, contratou um filho com sua mãe viúva de partirem tudo o que chegassem a ganhar e adquirir "sic de pane, quomodo vino; sic de neixencia, que ibi nascer, etc. Documento das Bentas do Porto.
NELLO – Nisso, no tal negócio – "E *o que nello obrares haverei por bem"*.
NEMBRAR – Recordar, lembrar, trazer à memória e que se nembre de quanto lhi eu fizi. Daqui; membro, nembra, nembrança; Lembro, lembra, lembrança. Que são mui frequentes nos séculos XIII e XIV.
NEMBRO – Membro.
NEMIGALHA/NIMIGALA/NEMIGALLA – Absolutamente nada, nem a mais leve cousa, ou como ainda hoje se diz; nem migalha. Salzedas 1299.
NEM PELA VENTURA – É frase do século XIV e vale o mesmo que "para que não suceda"
NEMÚ – Nenhum. 1311.
NENA – Bebedeira. (VB)
NÊNGARA/O – Menina/a recém-nascido (VB)
NEOCLASSICISMO – Movimento originado em Roma em meados do século XVIII, que surgiu em parte com a reacção aos "excessos" do barroco e do rococó em parte do desejo de recriar a arte da Grécia e de Roma, em consequência das descobertas de Winchelmann. É uma imitação consciente da Antiguidade romana e grega em estilo e em assunto sobretudo na escultura e arquitectura.
NEO-HEBRAICO - a língua hebraica falada hoje em Israel, uma forma revivida do antigo hebraico. (DH).
NÔMINA -bolsinha em que se guarda oração impressa, relíquia ou talismã para afastar certos males; essa oração, relíquia ou talismã; 1614, prego dourado nos arreios dos animais de carga; 1697, ato de nomear; nomeação, Ex.: nomeação cardinalícia. (DH).
NEOTANO - relativo a Noeto, heresiarca do séc. II d.C. que negava a distinção de pessoa entre o Pai e o Filho na Santíssima Trindade e pregava que Cristo era o próprio Pai, que veio à Terra e morreu na cruz; noeciano, noetiano [Sua doutrina foi mais tarde denominada *monarquianismo*.]. (DH).
NERDI ou ALNARDI – Nardi (PA); Os ossos da sola dos pés.
NEVES – Nome de mulher.
NHONHO – Pão fresco, mole; Lagoaça – Freixo de Espada à Cinta. (VB)
NIEIRO – Lugar onde as galinhas costumam pôr os ovos. (VB)
NIGRIGEMCIA – Negligencia.
NIILISMO - redução ao nada; aniquilamento; não-existência; total e absoluto espírito destrutivo, em relação ao mundo circundante e ao próprio eu; para o filósofo escocês William Hamilton (1788-1856), doutrina que nega a existência de qualquer substância, ou realidade permanente, na constituição do universo [Hamilton aponta o *fenomenismo* de Górgias (450 a.C.-380 a.C.) ou de Hume (1711-1776) como exemplos de tal perspectiva filosófica.]; ideologia de um grupo revolucionário russo da segunda metade do séc. XIX, militante em prol da destruição das instituições políticas e sociais, para abrir caminho a uma nova sociedade, e favorável ao emprego de medidas extremas, inclusive terrorismo e assassínios. (DH).

NIMIGALA – Vide nemigalha.
NIÚ – Nenhum. 1311.
NOANE – João.
NOCTUM – Vide Nodum
NODOVA – Vide Nuduva.
NODUM/NOTUM/NOVTUM/NOTO – Em os documentos que nos restam até ao meio do século XIII se acham com frequência estas fórmulas: v.g. Noctum die. Ver elucidário.
NOJO – Dano, perda, malfeitoria, detrimento, embaraço. Foral de Monção, 1512. Também; tristeza, aborrecimento. Também; "todo nojo" – Sem a menor tristeza. Também Desgosto (NAP)
NOMEADA – Moeda de prata que fizeram lavrar D. João I e o seu filho D. Duarte. Era do tamanho do nosso meio tostão tinha, no anverso a cruz de S. Jorge com a legenda "Dominus adjutor fortis. Ignora-se o seu justo valor.
NOM – Não.
NOM ASSI – Não deve ser assim.
NOM TIVERAM MENTES – Não repararam.
NONAS – Calendário dos romanos; eram 5 dias dos meses; menos as de Março, Maio e Julho, que caiam ao 7 dia.
NONCA – Nunca. 1315.
NOOLOGIA - no pensamento seiscentista e setecentista, esfera do conhecimento filosófico responsável pela investigação da cognição humana; em Kant (1724-1804), orientação filosófica que, em oposição ao empirismo, admite a existência de conhecimentos puros, derivados unicamente da razão; no séc. XIX, conjunto das ciências cujo objeto é o espírito humano (história, literatura etc.). (DH).
NORA – Nûra. Máquina Hydraulica que serve para tirar água dos poços.
NORÇA – Pequena estaca de oliveira em plantio. Um estudo do Sr. Menezes Pimentel, sobre a oliveira no nº 643 da gazeta das Aldeias encontro definição mais ampla e que julgo referida a Trás-os-Montes. Nas oliveirinhas novas ou norças e em nota; Norça é a oliveirinha proveniente de estaca que criou raízes.
NOSCO – O mesmo que connosco. Do latim "nobiscum".
NÓS EL-REI FAZEMOS SABER – Esta fórmula de que se usou antigamente, teve fim no ano de 1524 em que o Rei D. João III com os do seu conselho assentou que nos alvarás, leis, etc., ou sejam assinados por sua majestade ou pelos seus oficiais se não escrevam as ditas palavras, mas sim estas: "Eu El-rei Faço saber".
NOSSA SENHORA BRANCA - Imaginária de Nossa Senhora Branca Proveniente do Castelo Templário di Pavone oferecida ao Castelo Templário da Cardiga / Golegã e emprestada à Associação Terras Quentes pelo Exmº Sr. Rui Sommer de Andrade proprietário da Castelo da Cardiga. Finais século XII século XIII - Os Templários eram Marianos!?

NOSSA SENHORA COM O MENINO – Igreja de Vilar do Monte - (Inventário Histórico-Artístico Diocese de Bragança – Associação Terras Quentes)
Denominação: Nossa Senhora com o Menino
Datação: XV
Materiais: Madeira (indeterminado)
Técnicas: Escultura de vulto pleno. Madeira talhada e policromada
Medidas Gerais: Altura – 36,5 cm; Largura – 13 cm
Localização Administrativa: Macedo de Cavaleiros, Vilar do Monte
Descrição:

A Nossa Senhora com o Menino da igreja de São Martinho de Vilar do Monte é a única peça no concelho de Macedo de Cavaleiros proveniente da região de Malines.

A Nossa Senhora com o Menino da igreja de São Martinho de Vilar do Monte tem todas as características inerentes a uma peça fabricada na zona de Maline, olhos amendoados, rosto redondo salientando-se o pequeno queixo em V, nariz pontiagudo disfarçado pelo arqueamento do rosto. Pese as inúmeras intervenções a que foi submetida, é uma imagem de notável beleza, o observador terá que fazer um esforço de ver por detrás das várias camadas de policromia a subtileza feminina na forma e na inclinação corporal. Nos drapeados do manto e túnica pautam as linhas quebradas vincadas em lançamentos contidos. Iconograficamente salienta-se a pequena romã, na mão direita da Virgem, símbolo de fertilidade/fecundidade como que a sublinhar o carácter de mãe de todas as mães, aquela que gerou no seu ventre o Salvador.

NOSSA SENHORA COM O MENINO – Face de Nossa Senhora com lagrima, proveniente da Igreja do Olival – Tomar, provavelmente com cronologia séculos XII/XIII
NOSSA SENHORA COM O MENINO –
(Inventário Histórico-Artístico Diocese de Bragança – Associação Terras Quentes)
Denominação: Nossa Senhora com o Menino
Outras Denominações: Pietá
Datação: XVII (2ª metade)
Materiais: Madeira (indeterminado)
Técnicas: Escultura de vulto pleno. Madeira talhada e policromada
Medidas Gerais: Altura – 28,5cm; Largura – 26,5cm
Localização Administrativa: Macedo de Cavaleiros, Lagoa
Descrição:

A Nossa Senhora com o Menino, ou Pietá, é uma imagem valorizada pelo seu carácter amistoso e terno. Apesar da incongruência iconográfica ao representar uma Nossa Senhora em posição de Pietá com um Jesus Cristo ainda criança, esta é uma imagem onde figura o sentido maternal no seu lado mais doce e terno. É como se houvesse a intenção de anteceder os acontecimentos para os quais Jesus Cristo nasceu. A expressão de Maria complacente e serena denuncia a aceitação resignada com que irá viver o Calvário do fruto do seu ventre.

A imagem de pequenas proporções é uma condensação do barroquismo. As linhas sinuosas a par da envolvência teatral na apresentação de uma Nossa Senhora sentada, envergando uma túnica de cintura subida, com umas botas totalmente esculpidas, envolta de um manto que funciona quase como um enquadramento faz deste tema não só uma figuração de uma Mãe Dolorosa, como também a reveste de personagem quotidiana apresentada segundo as modas e gostos estéticos da época em que foi executada.

NOSSA SENHORA DA CARDIGA:

Face de virgem a chorar, proveniente do castelo da Cardiga, Séc. XII

NOTICIA – O mesmo que conhecença ou reconhecença dos prazos. Documentos de Tomar.
NOTICIAS – Assim se chamaram aquelas cartas ou instrumentos que principiavam pela narrativa dos factos que haviam precedido como se disse (vide amnnicio) do século IX, X, XI e XII, se conservam entre nós, grande número destas peças que principiando antes do século VI desde o IX se equivocaram com as doações. As notícias que, nestes documentos se exaravam ou eram públicas, ou particulares…
NOTO – Vide Nodum
NOTUM – Vide nodum
NOÛS - para o filósofo grego Anaxágoras (499 a.C.-428 a.C.), princípio cósmico inteligente, eterno e ilimitado, capaz de ordenar os elementos materiais (as *homeomerias*) que compõem o universo; no *platonismo* e *aristotelismo*, faculdade humana capaz de captar verdades fundamentais por uma via intuitiva, em oposição aos limites apresentados pelo pensamento meramente calcado na ciência e na discursividade; intelecto; na *escolástica*, o intelecto, faculdade intuitiva de conhecimento capaz de alcançar a realidade divina de forma mais efetiva do que estaria ao alcance da mera discursividade racional. (DH).
NÓVEA/NOVÊNA – A nona parte ou de nove partes uma. Acha-se com frequência e ainda, nas cortes de Lisboa de 1455. Daqui pam anneveado. Quando de nove alqueires se paga um. Documento de Lamego XIV.
NOVELLEIRO – Ramo verde, vergôntea, renovo, que nasce do pé ou tronco de árvore. 1346.
NOVENA – Vide Nóvea.
NOVÊNA – Vide Nóvea
NOVENAS – As nonas partes de qualquer cousa. Carta real 1340.
NOVO – Recém fabricado, na colheita. Foral de Outeiro. (MJ).
NOVOS – O mesmo que renovos, frutos novidades. 1404.
NOZELOS – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, nome de localidade da freguesia de Arcas. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Nozelos. Tipo de sítio: Achado isolado.
Período: Romano. CNS: 17203 Localização: Arcas. Descrição: Na base das escadas exteriores de uma casa na aldeia de Nozelos existe uma pedra aparelhada, em granito,

que apresenta os restos de uma inscrição. Esta tem uma leitura truncada e difícil, mas o tipo de letra aponta para uma inscrição romana. A pedra tem uma configuração elipsoidal, sendo difícil de dizer qual a sua função original. Poderá ter servido de coluna, ou poderá ser um cipo com inscrição, sendo duvidoso que se trate de um fragmento de marco miliário. Não é conhecida a sua origem, mas é provável que provenha da própria aldeia de Nozelos, ou das suas directas imediações, pois Nozelos é uma povoação bastante antiga, conservando ainda os restos de um pelourinho, com excelentes solos agrícolas nas imediações. (TMC)

NUCA – Nucra (PA); A parte superior do cachaço. É palavra Arábica, não obstante o parecer contrário de alguns autores. Diz Bluteau que segundo as mais sãs opiniões se deriva do Latim "Nucula" porque tem semelhança da nóz e que não se devem derivar as vozes de tão longe, nem das semelhanças das palavras e que há regra certa para a analogia e derivação das vozes.

NUÇÃO - O mesmo que assenso, vontade, arbítrio, querer, beneplácito, consentimento. Vem do latim Ad mutum. XIV.

NUCIO – Vide Núncio.

NUCION – Renuncia de todos e quaisquer direitos. 1180.

NUDOVA – Vide Nuduva.

NUDUVA /NUDOVA/NODOVA – Consta das inquirições de D. Dinis 1290. Vide Adûa.

NUGAÇÃO – Sofisma, ridículo, razões fúteis e vãs. (RB)

NUIDADE – Nudez, falta de vestido.

NUMAN – Vila bem conhecida e notável do bispado de Lamego e sobre a margem esquerda do rio Douro. Não se pode duvidar que já no tempo dos romanos foi praça defensável e um dos grandes presídios. (Freixo de Numão). Ver elucidário Viterbo.

NUMATAS – Vide dinheiradas, pois são sinónimos e se tomam ou pelo mesmo dinheiro que em latim se diz "numus" ou pelo seu valor, ou pela mesma cousa em própria espécie que com ele se comprava. 1234.

NUNCAS – Adv. Nunca

NUNCÁS – Adv. Nunca.

NUNCIO – O mesmo que lutuoso. Foral de Bragança de 1187. Também; Núncio/núcio; (grande enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Lisboa ed. Encicl. Lda, sd) Espécie de lutuosa que, por morte de um colono, os cavaleiros-Vilãos, herdeiros, pagavam ao senhor do solo. (AFONSO)

NUNO ÁLVARES PEREIRA (1360-1431 – 71 anos) – Chamado O Santo Condestável, foi um eminente chefe militar do seu tempo, vitorioso através de uma longa carreira de acções de guerra. Nasceu em Bonjardim, perto da Sertã, em 24 de Junho de 1360, filho ilegítimo de D. Álvaro Gonçalves Pereira, prior da ordem do hospital de S. João de Jerusalém (Hospitalários). Aquando da morte do rei D. Fernando, 22 de outubro de 1383, tornou-se rapidamente um dos principais apoiantes do Mestre de Avis, o futuro D. João I, na defesa da independência de Portugal, contra as pretensões de D. Beatriz, a herdeira de D. Fernando que se tinha casado com D. Juan de Castela. Rapidamente o seu talento se tornou manifesto e foi o seu exército que derrotou os castelhanos na batalha de Atoleiros, em 6 de abril de 1384. Posteriores acções levaram-no a ser nomeado para o posto de Condestável do reino em 1385. As vitórias em Aljubarrota, 14 de agosto de 1385 e em Valverde em 15 ou 16 de outubro de 1385, que demonstraram a superioridade militar portuguesa sobre os Castelhanos e asseguraram a independência da nação foram largamente devidas à sua resoluta conduta de comando e na acção; e

tomou parte nas posteriores lutas contra os castelhanos até à paz em 30 de Outubro de 1411. Finalmente deu todo o seu apoio à expedição que conquistou Ceuta aos mouros em 15415. O seu soberano cobriu-o de honras dando-lhe os condados de Ourém, Barcelos e Arraiolos, com extensas terras e bens. Da sua esposa, Leonor de Alvim, o condestável teve uma filha. D. Beatriz que casou com D. Afonso filho legitimado de D. João I, e assim se tornou um antepassado da casa de Bragança. Nuno Álvares Pereira que fundou uma casa dos Carmelitas em Lisboa no cumprimento de um voto, aí ingressou como Frei Nuno de Santa Maria em 1423. Morreu em 1 de abril de 1431. O papa Bendito XV beatificou-o em 23 de Janeiro de 1918. Em 26 de abril de 2009, o papa Benedito XVI alcandorou-o ao santificado.

Base do monumento erguido às tropas de D. João I e Nuno Alvares Pereira no Campo do Pereiro em Castelãos Macedo de Cavaleiros em abril/maio de 1386 – Foto espólio da Associação Terras Quentes

NUTAR – Não estar firme ou quedo, vacilar, abalar-se para os lados. No mais alto nuta uma penha. (RB).

NUTRIZ – Ama de leite. (RB)

NUUS – "Em esta presente vida leixe nuus" – Despidos, desprovidos.

O

O – Na música dos antigos era sinal de se abrir inteiramente a boca, cuja figura se representava no "o".
OANE/S – Assim escreviam antigamente o nome de João. Vide Sayoane.
OANNES – Dizem ser um monstro, meio homem, meio peixe que antigamente foi visto no Egipto…
OB – O mesmo que ou. XIV.
OBA – Sobrepeliz, opa, sotaina, vestidura solta e comprida que os ministros do altar e serventes da igreja ou mosteiro, trazem sobre outros vestidos que vêm justo ao corpo. 1010.
OBCÓNICO – Em forma de cone invertido cuja ponta é voltada para baixo.
OBEDEENÇA/OBEDENÇA – Obediência. 1418.
OBEDIENCIA – O mesmo que ovença.
OBEDIENCIAL – O que tinha a seu cargo alguma ovença ou oficina que também se chamou obediência, como v.g. procuração, sacristia, enfermaria etc. Também; Entre os cónegos regrantes era o que estava fora do mosteiro com licença do prelado. Também; O que antigamente repartia aso cónegos que assistiam no coro às matinas, o dinheiro que então lhes dava. Ao que Inocêncio III chama obediencal chamam outros distribuidor do coro. Também; Assim chamavam na religião de S. Bento os mosteirinhos, granjas ou pequenos priorados.
OBIDENTE/OBYDIIENTE – Obediente. 1385
OBINTE/OBYDENTE – Obediente.
OBJECÇOENS – Tudo o que são pertenças ou dependências de uma herdade ou lhes dizem respeito. Nos documentos antigos se declaravam umas vezes por adjuncçoens outras por objecçoens. Vide Exurdio.
OBLADAGENS – Ofertas que os fiéis levavam à igreja, em certos dias do ano e que cediam em utilidade e proveito dos seus ministros. "*Obladagens de pam e vinho e outras oferendas de dia Omnium Sanctorum et Omnium Defunctorum*". 1455.
OBLATO – Nos mosteiros beneditinos era o menino oferecido aos abades para a religião. (RB)
OBLATOS – Vide familiares.
OBLIDAR – Obrigar. 1311.
OBLIGAÇOM – Obrigação. 1285. Daqui sobligaçom, debaixo de obrigação. 1327.
OBLIGAMENTO – Obrigação. 1322.
OBLIGAR – Obrigar que até ou pouco mais ou menos, quando se fala de um número indeterminado, e que se não sabe ao certo. V.g. obra de doze legoas- até doze léguas, ou doze léguas pouco mais ou menos.
OBRAÇOM – Missa, sacrifício do altar, oblação. Vide mortulhas. Também; Oferecimento, oferta de alguma cousa profana.
OBRADAÇÃO/OBRADAÇOENS. Eram termos mui usados nos séculos XIV e XV e ainda hoje não esquecidos, pois se chamam obradas e oblatas as ofertas que se fazem pelas almas dos defuntos.
OBRADAR/OBRADAS – O mesmo que oferecer. Obrador hum difunto, oferecer alguma cousa ao altar e ministros do Senhor para que rogem a Deus pela sua alma.

OBRADEIRA/S – Assim se chamavam antigamente os ferros de fazer hóstias pois neles se preparava a oblata da missa.1480.
OBRADO – Construído (NAP)
OBRANTE – O que é ocasião, causa ou motivo de alguma cousa fazer.
OBRAR – Fazer, obrar milagres, façanhas; Portar-se, haver-se. Ter evacuação por baixo. (RB)
OBRIDAÇÃO/OBRIGAMENTO/OBRIDSÇOM – Obrigação.
OBRIDAR – Obrigar. 1310.
OBSIA/OSEA/OSSIA/OUSSIDA/OUSSIIA. Não só se lhe deu algum destes nomes e outros semelhantes à capela-mor de um templo, mas ainda a qualquer capela ou altar segundo vários documentos do século XV. Vide Ousia.
OBSIDIANA – Pedra vulcânica verde-escura assim chamada de um certo Obsidius que segundo Plínio, o Velho, a teria descoberto na Etiópia. Provem da fusão de cartas rochas silicosas sob acção de fornalhas vulcânicas. Há jazidas no Auvergne, na baía de Nápoles, Ilha de Melos. Matéria vítrea própria para fazer utensílios cortantes ou agudos como facas, lanças, pontas de flechas (usou-se para taal no Neolítico, quando a obsidiana substitui frequentemente o sílex. (AA)
OBTRO – Outro.
OBTURGAR – Outorgar, conceder, convir.
OBYDIINTE – Vide obidente.
OBYDINTE /OBINTE/OBYNTE – Obediente.
OÇAS – Vide osas.
OCCA – Occa (PA); Voz turca, Certo peso de que se usa no Oriente e na Grécia. Contém 40 onças que fazem dois arráteis e meio dos nossos.
OCCITANO - relativo à Occitânia (região que compreendia o Languedoc e o litoral mediterrâneo da França, na Idade Média), ou o seu natural ou habitante; diz-se de ou conjunto dos dialetos românicos do Sul da França, antigos e modernos, compreendendo principalmente a língua d'oc, o limusino, o provençal, o auvérnio, o provençal alpino, o franco-provençal e o gascão [É também chamado pelos nomes de alguns de seus dialetos, especialmente a língua d'oc, o provençal e o limusino; a denominação comum occitano foi criada por linguistas, que o derivaram de Occitânia, nome da região.]; diz-se de ou o antigo provençal (língua dos trovadores). (DH).
OCHA – O mesmo que ochava.
OCHAS – Andar às ochas, litigar, contender, ralhar. (RB)
OCHAVA – A oitava parte de qualquer cousa, peso ou medida, em alguns forais se chama oitava…O contrário se achou em terras de bragança em que o moyo sendo de trinta e dous alqueires que repartidos por oito ficava sendo a ochava de quatro alqueires da medida corrente. Assim consta da sentença do Desembargo a favor do cabido de Mirnada e contra os de Val-de-Prado. Que não queriam pagar os quatro alqueires “a que se redúzio a Oitava do moyo antigo, que eles tinhão obrigação de pagar pelo seu Foral ao Mosteiro de Castro de Avelãs. Ver elucidário.
OCHAVILLA – O mesmo que ochava.
OCIENTE – Desde o século XII até ao XVI, são inumeráveis os documentos que nomeam as quatro partes do mundo com os nomes seguintes: Levante ou soão, o nascente; abrego, vendaval ou alcouço, o Sul; Aguiom ou aquilom, o Norte; Travesia e ociente o Ponte.
OCLES – Vide Ocres.

OCRES/OCREZ/OCLES/UCLÉS – Convento célebre da Ordem Militar de Santiago de Espada, cujos cavaleiros se disseram "spatarios". Foi instituída esta milícia pelo Rei D. Fernando no 1º de Agosto de 1170. E lhe deu por assento o Convento de Cáceres, fronteiro dos Serracenos que o mesmo rei havia fundado em 1169. No ano de 1171 se transformou em convento da mesma ordem, o grande hospital de S. Marcos de Leão fundado e dotado, junto á ponte do rio Vernesga.
OCREZ – Vide Ocres.
OCTAETÉRIDE - no calendário da Grécia antiga, ciclo de oito anos no transcurso do qual se intercalavam três meses de 30 dias, para estabelecer uma concordância periódica entre o ano lunar, de 12 meses, e o ano solar. (DH).
OCTURIDADE - Autoridade. 1292.
OCUPADOS – São os indivíduos que conduzem o féretro nos enterros. (LV)
OECUS – Divisória da casa romana que servia para reuniões familiares. Segundo Vitrúvio, havia o coríntio, de uma só nave, e o egípcio de três naves. (AA).
ODALISCA - escrava que, outrora na Turquia, ficava a serviço das mulheres de um sultão; concubina num harém. (DH).
ODÓR – Suavidade, cheiro. Do latim Odor.
ODRARIA - loja ou fábrica de odreiro. (DH).
ODRE - espécie de saco feito de pele, usado para transporte de líquidos; pele; indivíduo extremamente gordo; indivíduo que se embriaga costumeiramente; ébrio, (DH).
ODREIRO - indivíduo que fabrica ou vende odres. (DH). Fabrica que vende odres, recipiente para transportar líquidos. (VR)
OFFERÇOM – Vide ofreçom.
OFFICIAES – Vide Ofreçom.
OFFICIAES DA IGREJA – Os que cobram e arrecadam os seus direitos.
OFFRENDAR – O mesmo que Obrador. Vem de offero. Também; Dar oferta pela alma de algum defunto. 1316.
OFREÇOM/OFFERÇOM – Peitas, luvas, serviços, presentes, regalos, jantares, comedorias e outras cousas que, para remir algum vexame, se ofereciam ao alcaide ou senhor da terra ou a seus oficiais e ministros. É por isso que alguns forais lhe chamam alcaidaria. Foral de Tomar, 1162. Traduzido nos princípios do século XIV, se diz: *O juiz e o alcaide seiam a vos postos sem ofreçom… En nhas asenhas nom dedes mais ca de XIIII, parte huma sem ofreçom… En Lagaridiga de vino de cinque moyos a fundo, den huum almude: e se mais for, dê huuma quarta sem ofereçom e sem jantar*. E já tinha dito no princípio: *E d'Azaria e de toda aquella cavalgada en que ElRei non for, a nós a quinta parte e a vós as quatro partes sem nenhuma Alcadaria*. Documento de Tomar. *Esta alcaidaria se chama ofreçom* no foral da Covilhã de 1188: *De Azarias, et de guardiis V. partem nobis date, sine ulla offrecione*. Livro dos Forais Velhos. No foral de Tomar de 1174, se lê: *Dos moinhos nom filhen se non de XIIII, alqueires huum, sem ofreçom*. Documento de Tomar.
OGANO – Vem do latim hoc anno. Documento de Moncorvo de 1370. Na província do Minho ainda dizem hoje oroanno para significarem o ano passado, mas parece que este não é o sentido de ogano.
OGÁNO – Este ano.
OIRAR – Dotar ou brindar com prendas de oiro, a noiva, nas vésperas do casamento. Oirar a noiva. Minho. (LV)
OITAVA – Vide Ochava. Também; Na terra de Bragança a oitava correspondia a quatro alqueires relativos a 1/8 do moyo que valia trinta e dois alqueires. Também;

Correspondente à oitava parte. Foral de Outeiro. (MJ). Também; Na terra de Bragança a oitava correspondia a quatro alqueires relativos a 1/8 do moyo que valia trinta e dois alqueires. (BV)
OITAVA DE CEVADA – Dous alqueires dela era a oitava parte de um quarteiro do moio.
OITAVARIO – Espaço de 8 dias de solenidades de algum santo. (RB)
OITAVEIROS – Os que são obrigados a pagar de oito um.
OITUBRO – Era mui frequente até ao século XIII porem aos meninos o nome dos meses. Daqui D. Janeiro; D. Fevereiro etc., isto é, Oitubro, filho de Beito ou Bento.
OLALHA/OLHALHA – Eulália nome de mulher.
OLEIRO – Cria ou vende objectos de cerâmica. (VR)
OLIOGRAFIA – Litografia a cor, que imita a pintura a óleo. (AA)
OLFORTUM – Faro mais olfortum: mui desagradável e forte que ofende o olfato e provoca a náusea.
OLGA – Leira, belga, coirela, capaz de produzir linho canimo. XV; Também; Porção de terra lavradia, rota e capaz de dar fruto, cercada de sebes ou valados e que no espaço de um dia, se podia cavar, lavrar, gradar e semear. Na baixa latinidade se disse; Holca, olca, olqua, ochia, olcha, olchia, oschia, oscha, oscha, osca, oska, Hocia e ouchia. Também; Aldeia extinta, perto da freguesia de Chacim. (Caderno Terras Quentes, nº 7). Também; área de cultivo delimitada; leira, belga; depressão em terreno fértil; Reg: planície entre colinas. (DH).
OLHALHA – Vide Olalha.
OLHAVO-OS – Olhava-os. É um fenómeno de assimilação ainda hoje corrente na pronúncia: olhávòs.
OLÍMPIO - relativo a Olímpia, cidade da Élida (dos jogos) e a Olimpo, nome de vários montes da Grécia, em especial o monte entre a Tessália e a Macedônia. (DH).
OLIVAL DO CABO – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, mas que não foi encontrado nas folhas de registo de cadastro rústico da freguesia dos Cortiços. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Olival do Cabo.
Tipo de sítio: Habitat. Período: Romano. CNS: 17254. Localização: Cortiços. Descrição: No sopé Oeste do monte do facho, numa vasta área aberta onde se desenvolve um troço de terreno pouco acidentado, actualmente cultivado com vinha e oliveiras, no sítio designado localmente como Olival do Cabo, encontra-se disseminado por vasta área grandes quantidades de materiais de construção romanos, nomeadamente tijolos e tégulas, que pertenceram provavelmente a uma villa romana. São também facilmente detetáveis fragmentos de cerâmica comum, pertencente a grandes recipientes de armazenamento, como os dolia e ânforas, alem de fragmentos de cerâmica mais fina. Observou-se ainda um grande fragmento de opus signinum, no qual ainda puderam ser detectadas algumas téssalas brancas de um mosaico existente no local. À superfície não se observam grande quantidade de pedra, nem qualquer ordenamento estrutural que evidencie a presença de antigas construções. Vêm-se apenas alguns muros divisórios de propriedade que apesar de Prospectado não revelaram qualquer elemento digno de realce. A implantação deste sítio parece ter obedecido a uma nítida estratégia de exploração agrícola, já que as condições morfológicas do terreno e a riqueza agrícola dos solos são de excelente qualidade. (TMC)
OLIVAS – Azeitonas de oliveira. Hoje dizemos azeitona, quando este fruto é bastante e destinado para ele fazer azeite.; quando porem se curtem para a mesa, conservam o n ome de azeitonas.

OLIVELAR – Aplanar, pôr a nível.
OLMAFI – Marfim "Huma cruz de prata, com hum cruxifixo de Olmafi.
OLVIDAMENTO – Esquecimento.
OMAXEM – O mesmo que imagem.
OMBREIRA – A parte mais larga da relha do arado. (VB)
OLMEDAL – Bosque de Olmos. (RB)
OMEZÍO/OMEZIO – Homicídio, morte de homem ou mulher, feita por autoridade própria, injusta e violenta e severamente proibida e castigada por todas as leis. 1313; Também; rancor. Também; Omezio, Homicidio. (BV)
OMÍADAS – Primeira dinastia de califas, que reinou de 660 a 750, em Damasco, sob o conjunto do Islão. Um descendente dos Omíadas, fundaram em Córdova uma nova dinastia cujos membros governaram primeiro como emires (755-912) e depois como califas (913-1032).
OMICIDIO/OMIZIO – Vide homicídio.
OMICIO – Vide Omezio.
OMILDOSAMENTE – Humildemente.
OMIZIAM – Adversário, inimigo.
OMIZIERO/HOMICIEIRO/HOMEZIÁM/HOMIZIAL/HOMICIDÁNA/HOMICIDA – De todos estes nomes e outros seus derivados já escritos com aspiração, já sem ela, fazem larga menção os nossos forais do século XII e XIII, entendendo por eles um matador que, despoticamente sem justiça ou à traição, matara algum homem ou mulher. E como estes homicidas, além de outras penas pecuniárias e algumas vezes de talião, eram lançados fora das terras em que cometeram o delito, como aleivosos e traidores e capitais inimigos dos parentes do morto. 1209.
OMIZIO – Maleficio ou crime, que merece morte ou desterro, açoutes, multa grave, perdimento de bens ou outras semelhantes penas corporais ou pecuniárias. Vide Omicidio.
OMNIA – Todas as cousas, toda uma herdade ou fazenda, em que se criam e produzem todos os frutos. 1168.
ONCO – Lugar escuro, escuso e retirado, angra defendida com altos montes e roubada ou quase encoberta aos olhos dos inimigos.
ONESTIDADE/HONESTIDADE – Gravidade, decência, moderação, modéstia.
ÔNFALO - grande pedra sagrada do templo de Apolo, em Delfos, considerada como o centro do mundo, e que simbolizava a fecundidade da terra; saliência no centro do escudo. (DH).
ONIÃO – Vide União.
ONJUDO – Convém este nome a todo o cristão, pois verdadeiramente são ungidos com a graça do Senhor, que no batismo receberam.
ÓNOBA – Hoje Huelva.
ONRADO (CASAL) - Vide honras e onra.
ÓRGANON - o conjunto dos escritos filosóficos de Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) que abordam o tema da lógica, considerada por seu autor um conhecimento cujo fim não está em si mesmo, sendo mais corretamente um meio, órgão ou instrumento para o pensamento correto e para a verdadeira ciência [A designação, entretanto, foi dada pelos comentadores gregos do *corpus* aristotélico.]; o mais antigo exercício de polifonia medieval que requer a adição de uma ou mais vozes livremente compostas para uma passagem de cantochão [Frequente nas músicas de igreja dos séc. IX a XIII.]. (DH).

ORGIA - na Antiguidade, ritual festivo geralmente realizado à noite em honra do deus chamado Dioniso (entre os gregos) ou Baco (entre os romanos); bacanal; festividade na qual se sobressaem atos de euforia, excesso de bebidas, desregramento e libertinagem; bacanal; qualquer reunião que se caracterize pela lubricidade, pela orgia sexual entre mais de duas pessoas; bacanal, esbórnia, pândega, suruba. (DH).
ONRRA – Vide Honra. Direitos e foragens que se pagavam de um casal que tinha os privilégios e regalias de honra. 1300.
ONZENAR – Comerciar, contratar com demasiados lucros, que realmente são onzenas. XV.
ONZENEIRO – Alcoviteiro, mexeriqueiro, bisbilhoteiro. (VB)
ÓO – Vide Os.
OOYTE – Ontem. 1473.
OPIFICE – Artifice. (RB)
OPOBALSAMO – Balsamo puro e líquido sem mistura e muito aromático. (RB)
OPPIDUM – Termo latino que designa uma cidade alta fortificada, uma acrópole, uma praça-forte dos romanos. Citânia. (AA)
OPPOSITO (EM) – Em oposição.
OPUS – Aparelho; Opus signinum Do nome da cidade de Signia. Pavimento feito de tijolo moído.
OPUS ET OLEUM PERDIDI (frase latina) – "Perdi o trabalho e o Azeite" isto é, "Gastei tempo e dinheiro, sem proveito".
ORAÇOEIRO – Livro que só trata ou contém orações. 1455.
ORACULO – Oratório, capela, pequena igreja ou lugar de oração. 1203.
ORA – Agora (NAP)
ORAL – Fumo ou volante, que as noivas lançavam pelo rosto na celebridade das suas bodas e que era próprio das mulheres sisudas e honradas.
ORAS - (FAZEM-SE) – Aproxima-se a hora.
ORDEM – Por magistrado ou senado da terra e também a junta ou sociedade de qualquer ofício, emprego ou profissão.
ORDENADO – Ornado, composto, asseado. Também; Determinado (NAP)
ORDENAMENTO – Mandado, ordem, preceito, ordenação, estatuto, lei. XIV.
ORDENANÇA – Decreto, ordem, lei, estatuto ou preceito do legítimo superior, assim temporal, como espiritual. Também; Ordem (NAP)
ORDENAR – Pôr em ordem, ordenar, reformar, viver com decência e sem desordens o preciso e necessário para os usos da vida. Segundo o respectivo estado. No ano de 1560 o cardeal-rei extinguiu o Mosteiro de religiosas de S. Bernardo, cujo título era S. João de Vale de Medeiros e aplicou as suas rendas e encargos ao mosteiro de Maceiradão.
ORDYARIO/HORDINHAYRO – Ordinário. 1288.
ORDIM – Religião. Ordem regular. 1292.
ORDINAR – Determinar, dispor, ordenar alguma cousa que se deve fazer ou mandar que se faça.1292.
ORDINHADO – Ordenado, clérigo de ordens sacras ou menores. 1352.
ORDINHAR – Determinar, dispor, ordenar.
ORDO – Cevada. Vem do latim Ordeum. 1278.
ORELHÃO – f.m. de Fortificação. É uma pequena redondeza revestida de muralhas avançada sobre a espalda dos baluartes onde fixam as torres concavas para cobrir o canhão que fica no flanco retirado. Acto de puxar pelas orelhas. (RB)

ORELHAS – Não foi ignorado e sem uso entre os portugueses a pena de "orelhas cortadas", mas antes, em alguns forais e cartas régias se faz dela menção. Os ladrões que segundo as diferentes leis do território já eram privadas de vida, já marcados na testa, já lanhados com açoutes e desterrados, não tiveram algumas vezes por um dos menores castigos o ficarem sem orelhas. A pena de orelhas cortadas ou fendidas foi muito usada nas leis dos antigos e principalmente contra os roubadores dos templos e cousas sagradas e estes algumas vezes também eram castrados. XVI ainda se praticava. Também; ORELHAS – Vértice posterior do sacho triangular. (bico) (VB)
ORELHEIRAS – Peças do arado, de madeira, que encaixam na relha e servem de aivecas para alargar o rego e voltar a leiva. (VB)
ORDONHO – Filho do rei de Leão em 913, tomava e saqueava Évora. Os cristãos entraram na cidade aproveitando o monte de lixo que se acumulava junto às muralhas. Além dos mortos, Évora chorou os prisioneiros e os haveres levados pelo exército de Ordonho para a Galiza. Naquele tempo de divisão., Abdalá ibn Maruan temeu que os berberes das imediações se introduzissem na cidade deserta, pelo que mandou destruir os torreões e deitar abaixo o resto das muralhas.
ORFANSTRÓFIO – Asilo em que na Grécia se mantinham e educavam os órfãos por conta do Estado. (AA)
ORGASMO – Agitação dos humores que tendem a evacuar-se. (RB)
ORGE – Cevada. Vide Ordo e Orgo. XIV e XV.
ORICES – Vide orises.
ORIGENARIO/ORIGINARIO – Escravo ou servo e de condição não livre.
ORIO – O mesmo que ordo.
ORISES/ORICES – Prateiros e ourivezes.
ORIVAL – O mesmo que olival.
ORNATO – Elemento decorativo usado para valorizar esteticamente uma obra de arquitectura. Ornamento. Tipos de ornato; Arabesco, aspas, besante, bico, bilheta, botão, cabeça-de-prego, cabo, dente-de-cão, óvulos e dardos, palmeta, pâmpano, rosário, xarez; Ornato geométricos, vegetalistas, zoomórficos, antropomórficos, fitomórficos, animalistas.
OROÇA/COROÇA – Então se dizia benefício em oroça ou em coroça, ou benefício encoroçado, quando se apresentava uma pessoa para pároco de uma igreja e se confirmava nela ficando o apresentante ou padroeiro comendo inteiramente a renda.
ORRA – O mesmo que hora. 1420.
ORRETA – Vale profundo entre montes e com mui estreita margem que apenas admite poucas fiadas de oliveiras ou outras árvores. Esta palavra antiga ainda tem hoje uso em Trás-os-Montes. Também; Atalho através dos campos. (VB)
ORTAR – Cultivar com diligência, método e ordem, como se pratica nas hortas.
ORVALHUDO – Este particípio arcaico do verbo orvalhar é ainda usado "manhãs orvalhudas". (LV)
ÓS – Ó o mesmo que aos e ao, XIII e XIV.
OSAR – Usar. Daqui; ose, osem e osassem por use, usem, usassem.
OSAS/OZAS/OÇAS/OSSAS. Na baixa latinidade se disse; ossa, osa, hosa, hossa, houcia, heuse, hosella etc., na significação de tibiale, crurale e cáliga, isto é; calçado e cobertura dos pés ou das pernas como são sapatos, chinelas, meias, botas, polainas, borzeguins, botins, etc., Franceses, Italianos, Alemães, Espanhóis, usaram desta palavra e todos no mesmo sentido. 1218.

OSCA – Hoje Huesca (Aragão; Foi centro de operações de Sertório) e foi aí que este comandante instituiu a sua administração que incluía um senado e pretendia funcionar à imagem das instituições Romanas (ET).
OSEA – Vide Obsia.
OSIA – (antigo) – Capela-mor.
OSMAR – Somar, calcular, orçar e também julgar, ter para si, suspeitar com algum fundamento, persuadir-se. 1408. Também; Conjecturar. (BV). Também, Avaliar (NAP).
OSMANLI - membro da dinastia imperial turca fundada por Osmã (1259-1325); indivíduo dos otomanos ou turcomanos; língua oficial falada pelos turcos, pertencente à superfamília uralo-altaica; grupo de grande diversidade étnico-cultural que habita os montes Altai (Ásia central, onde se encontram as fronteiras da ex-U.R.S.S., China e Mongólia ocidental). (DH).
OSPEDA – O mesmo que hospeda, mulher viúva e também casada.
OSPITAÇOM – Obrigação de dar pousada ou aposentadoria ao fidalgos, ministros ou pessoas públicas que andam no real serviço.
OSSAS – Vide Osas.
OSSIA – Vide Obsia.
OSSIIA – Vide Obsia.
OSSÓNOBA - Identifica-se hoje como Faro. (ET)
OSTE – Vide hoste.
OTA – Uata (PA); Lugar na província da estremadura. Os baixos ou coisa baixa. Deriva-se do verbo “uátta” abaixar.
OTOMANA – 1) Leito de repouso à turca. Espécie de canapé baixo ou divã de espaldar arredondado e completamente estofado, surgiu no século XVIII. 2) Arte Otomana – Arte da Turquia muçulmana a partir de 1326, data da fundação do Império Otomano.
OTSU-E – Designação japonesa dada aos desenhos a pincel sobre papel, que foram muito abundantes no século XVII, antes do desenvolvimento da gravura policroma. (AA)
OU – O mesmo que ao; Também Onde, 1305.
OUCA – Peça do carro e do arado é de pau e anda atravessada na ponta do timão, serve de ter mão nos timoeiros.
OUCIDENTE/OUCIENTE – Ocidente.
OUFANA/OUFANO – Ufania, vanglória. Ufano (NAP
OURELA DO RIO – A sua margem.
OUREVYZEIRO – Ourives. XV.
OURIQUE – Priqqque (PA); É nome de lugar vila assim chamada no bispado de Beja.
OURIVES - Argentarius. Vasclarius 3749. (CM). Artifice que trabalha ouro e prata. (VR)
OUROLO/HOUROLO – Aro ou circuito de uma demarcação, dentro da qual se acham enfiteutas, lavradores, colonos e outros quaisquer moradores obrigados a certos tributos ou serviço ou isentos dele. Em Bragança ainda hoje se usa dizer-se Ourolo ou Hourolo da cidade, e é mui frequente nos documentos do mosteiro de Castro de Avelãs.do século XV.
OUS – O mesmo que aos. 1287.
OUSÁM – Atrevimento, insolência, desaforo, Vem do latim audeo.
OUSAMENTO – Ousadia, confiança, atrevimento,
OUSANÇA – Atrevimento; Ousadia. O mesmo que ousamento.
OUSECRAR – Obsecrar, pedir, rogar. Do latim Obsecro.

OUSIA/OUSYA – Capela-mor de uma igreja ou catedral que por antonomásia se chama santa. 1331.
OUSÍA – O mesmo que Obsia.
OUSSIDA – Vide Obsia.
OUSYA – Vide Ousia.
OUTA (=OVA) – Bolsa ou ovário dos peixes.
OUTÃA – A parte que fica a prumo sobre a perna do animal "Huma perna de porco com a sua outãa", isto é; Perna e presunto. 1398.
OUTAÀS – Oitavas.
OUTEIRO – Vide Fazer outeiro.
OUTORGADAMENTE – Com pronto e feliz despacho de concessão, consentimento e outorga. 1287.
OUTORGAMENTO – Consentimento, aprovação, segundo o que hoje se entende por esta palavra. Mas, antigamente, teve significações diferentes; umas vezes valia tanto, como autorizar alguém para suceder na herança, outras significava; deixar em testamento alguma cousa. E esta mesma cousa se chama outorgamento.
OUTORGUEDES – Forma arcaica de Outorgueis, concedeis.
OUTREGA – Paixão ou ímpeto de presente novo e repentino, sem advertência plena do que se faz e executa. Tomar 1285.
OUTROSSY – Da mesma maneira, também, igualmente. Carta de escambo entre Outeiro das Muas, Gostei e Castanheira. (MJ).
OVIDIANO - relativo ao poeta romano Ovídio (43 a.C.-17 d.C), a suas obras, seu estilo, sua vida. (DH).
OUVIELAS – No além-tejo, o mesmo que alvercas. (RB)
OUVO, OS – Ovo, ovos, XV e XVI.
OVE – Pretérito do verbo haver. Eu ove, eu tive, eu overa, eu tivera. 1336.
OVELHÚM – Rebanho de ovelhas.
OVEENÇA – O mesmo que Ovença.
OVENÇA/OVEENÇA. Oficina destinada para os particulares usos de uma casa. No ano de 1372 se queixaram os prelados ao Rei D. Fernando de que os Fidalgos não querendo pousar nos paços e hospedarias, como costumavam quando iam comer aos mosteiros às suas comeduras, vam pousar nas Clastas e Cameras dos Prelados e nas Oveenças dos conventos com seus cavalos e com as molheres do segre (meretrizes) e com outras companhas. 1414.
OVENÇAL – O que tem a seu cargo os mantimentos, despensas e cozinhas de uma grande casa ou corporação; despenseiro, provisor, inspector ou vedor de tudo o que pertencia à ucharia.
OUVIDOR EM LOGO DA CORTE – Magistrado judicial de tribunal régio de última instância. (BV)
OUVISSEM (COMO) – Como ouvissem = logo que ouvissem.
OYTE – Ontem.
OZAS – Vide Osas.
OZUEU - relativo a ou indivíduo dos ozueus, antigo povo da Dalmácia, região do Sul da Europa, na costa do mar Adriático (atual Iugoslávia, Bósnia-Herzegóvina e Croácia). (DH).

P

P – Denotava, antigamente, no canto, pressão ou precisão da voz.
PÁÁCEIRO MÓR – Intendente, veador ou vedor curador, inspetor das obras ou fábricas, que se faziam ou precisavam fazer-se nos paços ou casas reais e mesmo em qualquer parte do reino, sendo por conta da real coroa. Creio que este ofício tenha sido criado no reinado de D. Dinis.
PAAÇO – Paço.
PAADINHAMENTE – Vide Paladinamente. XIV.
PAATEIRA – Padeira, a mulher que coze ou vende pão cozido. 1300.
PÁÁTEIRO – Bodegueiro, taberneiro que na praça ou à porta de casa tem algumas cousas venais e comestíveis. (doc. da Câmara de Coimbra de 1361). (CM)
PACATO – Satisfeito, pagado ou aplacado, sem ira, brando, pacifico. Vide pagado.
PÁCEIRO MÓR – O intendente das obras reais, que depois foi chamado vedor mór das obras e hoje, provedor das obras.
PACÍDO – Campo pacído, o mesmo que campo cuja ervagem já foi comidos pelos animais, pastado, comido, pelado, e que já não tem para os gados pasto algum. XIV.
PACÍGO – Campo, releixo, monte, prado em que os gados têm o seu pasto e mantenança, lugar destinado à pastagem dos animais. 1480.
PACIGÓO – O mesmo que pácígo. 1284.
PACIGÓÓ/PACÍGO – Lugar em que pastam os animais.
PACO - Que paco meão e arrazoado entre o maior e o menor seria este; Seria talvez uma mesa frugal, jantar ou aposentadoria sem ostentação e grandeza qual convinha a gente eclesiástica.
PAÇO – Assim chamavam no século XIII ao cartório de um tabelião público, porque então escreviam nos paços do concelho. E isto mesmo se praticava em Lisboa, onde havia os paços dos escrivães; Também Qualquer casa mais que ordinária.
PAÇO DOS TABELLIAENS – Na freguesia da madalena e na rua da padaria, houve antigamente uma grande casa, onde escreviam os notários públicos e todos os escrivães que faziam escrituras ou quaisquer instrumentos de compra, vendas, contratos etc.,
PADECIMENTO – Aflição, dor, angustia, injuria, afronta.
PADELÍÇAS/PADELIÇAS – Pastos ou lugares destinados à pastagem dos animais. Também Pesqueiras.
PÁDINHAMENTE – Clara e manifestamente.
PADRE – Antes de chegar o vocábulo Padre, Pai.
PADROADO – Direito sobre as igrejas, nomeadamente sobre a designação dos seus párocos e abades. Direito sobre as igrejas, nomeadamente sobre a designação dos seus párocos e abades. (BV)
PADROEIRO – Assim se chamava em direito ao que forrava e fazia liberto algum seu servo ou escravo; hoje se diz patrono.
PADROM – Padroeiro. Não só se diz hoje do santo tutelar e patrono de um lugar de piedade ou santuário, mas também se disse do que tinha direito de apresentar o páraco ou beneficiados.
PADRONADÍGA – Dote ou herança, que vinha da parte do pai, a qual os filhos com dificuldade grande vendiam por serem bens de avoenga.
PADROOM, ENS – Marco ou marcos de pedras altas e corpulentas quais ainda hoje vemos nos antigos coutos.
PAFO – O mesmo que paragrafo.

PAFUTARIA – Tratantada, patifaria – Açores. (LV)
PAGA DAS PESSOAS – Vide fogo.
PAGA DA VISINHANÇA – Vide fogo.
PAGA DOS FÓGOS – Vide Fogo.
PAGADO – Pacifico, sossegado, em paz, sem dúvida ou contradição alguma.1098.
PAGADOIRO – Que se há-de pagar. 1333.
PAGADOR DE SOLDOS DO EXÉRCITO - Clavarius; in Vipasc. 5181. (CM)
PAGAR-SE DE – Gostar de
PAGAR-SE DE ALGUMA COUSA – Agradar-se dela., Quando se pagavam, isto é; quando muito queriam e lhes agradava. 1352.
PAGAROTE – Contribuição, divida. (VB)
PAGASTINAS – Pequenas e diversas dívidas que se têm de pagar aqui e acolá. (VB
PAGO – Paga, preço, remuneração, valor ou estimação de alguma cousa. 1521.
PAGUA – Pagamento (NAP)
PAIXÃO – Aldeia já extinta, perto da freguesia de Morais, no hoje concelho de Macedo de Cavaleiros (Caderno Terras Quentes nº 7)
PALACIO/PALLACIO/PALADINO – Quase não há foral antigo, em que se não encontre, muitas vezes esta voz palácio. Assim chamavam o que nós hoje dizemos Casa da Camara, onde os juízes com os seus oficiais fazem publicamente, justiça às partes. Todas estas casas participavam do palácio do rei, já pela observância da lei, que emanara do trono, já porque ali se pagavam as coimas e penas que pertenciam à coroa. E finalmente porque as insígnias reais que nelas se divisavam as faziam verdadeiramente palácios.; Também; Convento, casa, mosteiro, vivenda religiosa. 1272.; Também Antigamente se deu este nome não só à casa ou residência do rei, mas também à casa de qualquer vassalo, contanto que fosse nobre e honrado. Mais ver elucidário.
PALACIO DOS NAVIOS – Almazém, onde se guardava os armamentos navais, casa telheiro coberto em que se vendiam na borda d'água os escaleres ou quaisquer embarcações da coroa.
PALADINAMENTE – Claramente, em público.
PALADINO – Familiar, usado, claro, comum. Daqui roman paladino, língua vulgar do país. É mais espanhol que português.
PALAFRÉM – Cavalo manso e bem ajaezado, destinado principalmente a senhoras. Estes cavalos eram conduzidos pelo freio por um escudeiro.
PALAIO – Paio em que entram cartilagens e ossos tenros de porco, que se come no dia de Entrudo; bucho. (VB)
PALAME – Oficina ou fábrica de surrar, preparar e curtir couros.
PALANGANA/PELANGANA – Uma tijela grande ou bacia de barro branco vidrado, de loiça coimbresa. Freixo de Espada à Cinta. (LV).
PALANQUE – Estacada ou paliçada com que se cingia o campo da batalha – Aproxe, reduto, donde se batia uma praça. Também; Trincheiras, barricadas. Num ponto alto.
PALAVRÃO – Insultando a assemblea com estultos motejos e palavroens. (AA)
PALELÍTICA, ARTE – Primeira manifestações artísticas do homem ao longo do paleolítico superior, que compreendem pinturas e gravuras rupestres, mas também arte mobiliária (estatuetas e utensílios em osso decorados). (AA)
PALHA – Vide sigilar e fuste. Não só se usou da cana, troço, fragmento ou pedaço de palha nas citações e autos de posse de algum bem de raiz…
PALHA (TIRAR) – Troçar, escarnecer.

PALHADIÇA – Palha. 1418.
PALHATORIO – O mesmo que Pallatorio. 1312.
PALINHEIRA – Pedra da boca do forno de cozer o pão. (VB)
PALLACIO – Ver palácio.
PALLANQUE – Termo de fortificação antiga. Estacada ou palissada com que se cingia o campo de batalha. Na crónica do Rei Afonso V, por rui pina cap. 54. Se toma palanque por aproxes, obras avançadas ou redutos, em que se põem e assestam as máquinas para bater uma praça.
PALLATÓRIO – Casa destinada para nela se tratarem negócios públicos, locutório ou parlatório, onde publicamente se fala. 1347.
PALMA – Jogo em que um dos rapazes se encontra de olhos fechados, com a palma da mão aberta atrás das costas, batendo-lhe nela outros rapazes, sendo substituído quando adivinhar quem o fez. Palmatoada. (VB)
PALMEIRIM – Vide palmeiro.
PALMEIRO/PALMEIRIM – Peregrino ou estrangeiro que, na ínfima latinidade se disse, palmarius, palmatos ou palmaris. E daqui nesceu chamar-se palmar, o que era peregrino, estrangeiro e de fora do país. De trazerem os peregrinos da terra santa um ramo de palma, quando se recolhiam à sua pátria em sinal de terem acabado a sua peregrinação ou romaria, se lhes granjeou o nome de palmeiros. No Porto e em Lisboa havia hospitais dos palmeiros, onde se recolhiam os peregrinos.
PALMELA – Sede da ordem de Santiago em Portugal. (HS)
PALONÇO – Indivíduo parvo, tolo, simplório. (VB)
PALONZANO -Bruto, parvo, bronco. (VB)
PALRATORIO – Barulho de palavras
PALUDAMENTUM – Grande manto muito amplo de lã púrpura que os generais romanos traziam sobre o ombros direito. (AA)
PAM – Nos prazos e forais antigos é frequente a expressão de; Pam meado; pam terçado; pam quarteado. Vide meado. Mas note-se que nos forais de D. Manuel ordinariamente se chama traçado o que consta de trigo, centeio e milho, sendo em terras, que havia mais milho branco ou miúdo (pois então o maíz não era conhecido em Portugal) e menos cevadas como eram Viseu, Coimbra etc...
PAM CADÍMO – O que se vendia, publicamente, na feira ou praça. Boco o que era de broa ou rala.
PAM DE RUA – Pão alvo e de trigo e de que usa a gente mais rica e delicada. 1214.
PAM MEADO – Era segundo se estipulava "*Pageum em cada huum ano por raçom e eyradêga huum moyo de pam meado, por esta medida nova que ora corre: a meatade trigo, e a cevada segunda(centeio), milho ou cevada, qual Deus der no dicto casal*. 1370.
PANACHA – Mulher desonesta, prostituta. (VB)
PANACHO – Marido a quem a mulher é infiel. Cornudo. (VB)
PANARÍAS – Celeiros, tulhas, casas destinadas para se recolher o pão tercenas ou taracenas, como ainda hoje se diz em Lisboa. 1355.
PANASCAES – Campos cheios de ervas e que se não lavram. 1202.
PANATENAICAS – Grandes ânforas, geralmente ornadas de uma figura de Atena em pé e com capacete, dada como prémio aos vencedores dos jogos das festas de Atena, chamadas Panateneias. (AA)

PANCADA – Ter pancada, ter pancada na mola ou no realejo, são três expressões populares que exprimem o mesmo conceito; ser idiota, tanso, maníaco ou extravagante nas ideias ou nas acções.
PANCÃO – Reg. Trás-os-Montes, o que tem pancada, mania; pancadista. (DH).
PANCRÁCIO - espécie de combate ou prova atlética dos gregos e romanos antigos, envolvendo elementos de luta livre e pugilato. (DH).
PANELA – O mesmo que panelinha, isto é, conluio para fins geralmente pouco sérios; o mesmo que súcia
PANGAIO -Pessoa inábil, sem préstimo.
PANHO – Pano. 1312.
PANIEGO – Muito amigo de pão. (VB)
PANNOS ORDINHADOS – Hábito e vestido próprio do estado eclesiástico, clerical ou regular. 1352.
PANO – Era, propriamente, saial de que usavam os da observança, usando os da capucha, ou da mais estreita observância de burtel grosseiro e os claustros de panos finos que, ordinariamente vinham de fora do reino e lhe davam os nomes das terras ou cidades donde vinham.
PANÓIA – Espécie de aveia. (VB)
PANO DE BLIA – Pano. 1340.
PANTALEÃO – Pénis. (VB).
PANTEÍSMO - doutrina filosófica caracterizada por uma extrema aproximação ou identificação total entre Deus e o universo, concebidos como realidades diretamente conexas ou como uma única realidade integrada, em antagonismo ao tradicional postulado teológico segundo o qual a divindade transcende absolutamente a realidade material e a condição humana. (DH).
PANTOCRATOR – 1) Dono de tudo, Deus Omnipotente. Nome dado pelos Gregos a Zeus, depois pelos cristãos a Cristo. 2) Representação de Cristo como senhor do universo (todo-Poderoso), características das absides das igrejas bizantinas ou de influência bizantina como em Itália ou Catalunha. (AA)
PÃO CADIMO – O que se vende cozido na feira ou na praça, ou em qualquer outro lugar público.
PÃO DE SABUJA – Pão que não tem mistura. (VB)
PAPAS – (Cronologia Ordem Templária)
Papa Honório II - Papa Honório II 1124-1130 Foi exatamente o Papa Honório II que reconheceu a Ordem dos Cavaleiros do Templo de Salomão, ou simplesmente Templários, durante o Concílio de Troyes realizado no ano 1129. Um dos mais importantes clérigos da época, Bernardo de Claraval, usou de toda a sua influência para auxiliar no reconhecimento da ordem monástica que receberia o consentimento do papa e a consolidação da ordem do Templo

Papa Inocêncio II - Síntese histórica: Inocêncio II 1130-1143 de nome; Gregório de Papareschi, em 29 de março de 1139, pela bula "Omne datum optimum", estabeleceu privilégios para a Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, conhecida mais popularmente como Ordem dos Cavaleiros Templários. O principal desses privilégios foi a isenção da jurisdição episcopal, assim a Ordem tinha os seus próprios padres, os seus capelães, garantindo a assistência religiosa e o culto litúrgico, e que não dependiam dos bispos da região em que estivessem.

Papa Clemente V - Clemente V, o Papa que extinguiu a Ordem dos Cavaleiros Templários. Clemente V — ou Raymond Bertrand de Got, como era o seu nome de batismo — nasceu em Villandraut, na França, em 1264, e sua trajetória está intimamente ligada à do Rei Filipe IV da França, também conhecido como “Filipe, o Belo”.

Assim, graças às falcatruas do rei, Clemente V intimou os líderes das duas ordens para responder a uma lista de acusações, que incluíam ofensas como blasfêmia, a prática do paganismo, cuspir na cruz, negar Cristo etc. Jacques de Molay, o grão-mestre Templário foi o primeiro a se apresentar e a ser morto.

O seu pontificado ficou marcado por duas coisas: pela mudança da Santa Sé de Roma para Avinhão, em 1309, justificada pelos tumultos que ocorriam na Itália, e pela destruição trágica da Ordem dos Cavaleiros Templários.

Papa Alexandre III - **Síntese histórica:** Alexandre III Foto Oficial da Santa Sé. A 23 de maio de 1179, o papa Alexandre III emitiu uma bula “Manifestis Probatum Est” dedicada ao rei português D. Afonso Henriques e aos seus herdeiros, na qual reafirmava a proteção da Santa Sé e continha a seguinte declaração: “concedemos e confirmamos por autoridade apostólica ao teu excelso domínio o reino de Portugal com inteiras honras de reino e a dignidade que aos reis pertence, bem como todos os lugares que com o auxílio da graça celeste conquistaste das mãos dos Sarracenos e nos quais não podem reivindicar direitos os vizinhos príncipes cristãos. Assim, e pela primeira vez, o papa declarava de forma inequívoca o reconhecimento de Portugal como reino e de D. Afonso Henriques como rei, e salvaguardava os territórios adquiridos na guerra como fazendo parte integrante de Portugal. Foi um passo decisivo para a independência de Portugal e

para D. Afonso Henriques, então já muito perto dos 70 anos de idade, que via finalmente ser-lhe reconhecida a dignidade e o título de rei.

PAPAZES – Clérigos gregos.
PAPEL – Ainda que hoje todos sabem o que é papel, nem todos sabem a origem e variedade, que teve este depositário fiel de palavras antigas de que tratamos. Em graça, pois, dos menos instruídos, diremos alguma cousa deste sucessor honrado dos pergaminhos… Ver elucidário.
PAPILLO – Papel de linho ou farrapos. Scripta em polgaminho de papillo. 1288.
PAPIRO - erva aquática (*Cyperus papyrus*) da família das ciperáceas, rizomatosa e entouceirada, de caules triangulares, altos e flexíveis, com catafilos na base e tufo de folhas aciculares, vistosas, no ápice, entre as quais brotam pequenas espigas em tom creme, depois marrom; luando, mabu, mábu, papiro-do-egito, periperiaçu [Nativa da África central e do Vale do Nilo (rara no Alto Nilo) e naturalizada no Leste da Sicília, é cultivada em vários países como ornamental, pelos rizomas comestíveis e, especialmente na Antiguidade, pelas hastes usada na confecção de choupanas, barcos, sandálias, esteiras e outras obras trançadas, e especialmente de folhas para escrever, também chamadas papiro e de onde procede o termo *papel*.]; folha para escrever e/ou pintar, feita de tiras cortadas dessas hastes, umedecidas, justapostas e/ou entrecruzadas, batidas para se obter sua unificação e geralmente polida após a secagem [Criada pelos egípcios, foi o principal suporte da escrita na Antiguidade, especialmente no Mediterrâneo, onde a maior parte dos livros e registros diversos eram constituídos por rolos de papiro.]. (DH).
PAR (A) – Junto (NAP)
PÁRA (PARA)-BEM-MENTES – Atende bem e repara.
PARADA – Fora de Portugal havia o direito de parada, pelo qual era permitido ao senhor da terra perseguir o seu vassalo, fora do seu próprio território, prendê-lo e reconduzi-lo; o que mais era da condição de escravo que de vassalo. Neste reino pelo contrário, era permitido por quase todos os forais antigos, sair o povoador ou colono do seu país e passar ao serviço do senhor que melhor lhe parecia, sem por isso incorrer em alguma pena. 1162.
PARADEIRO – Lugar, sítio, que vulgarmente dizemos paragem. Vide Coragioso. Hoje se toma pelo fim, termo ou remate, em que alguma cousa vem a parar.
PARÁDEMENTES – Vide Pára-mentes.
PARDIEIRO – Casa arruinada.
PARALELISMO (MF)
Repetição da construção frásica de modo que a estrutura gramatical e ordenação dos elementos se mantenham, ainda que as palavras usadas sejam diferentes. "*Se algum freire cometer furto ou fornicação ou descobrir hos segredos do capitulo ou for desobediente em alguma cousa que lhe mandarem em virtude dobediencia e a nom*

quiser fazer ou ferir seu freire com armas ou sua molher com pao ou com qualquer género darmas com que se possa quebrar osso"

PÁRA-MENTES/PARÀDEMENTES – O mesmo que para-bem-mentes: Ambos estes termos correspondem aos latinos ecce atende, vide. Eis aqui alguns exemplos Paráde-mentes, que eu enviarei a vós os Profetas.

PARAMENTO – Obra, acção, comportamento, prescindindo de ser bom ou mau. XIV.

PARAMO – Vide Paranho. Também; No concilio Chalced? se fez menção do paromonário que por dinheiro conseguiu ser mensionário, ecónomo, administrador, vílicio ou feitor dos prédios, vendas ou possessões da igreja ou mosteiro.; Também; O mesmo que campo raso, segundo alguns. (TMC)

PARANÇA – Protecção, amparo, defensão, ajuda. 1277.; Também; Situação, termo, estado. Há boa ou má parança, segundo que o negócio está bem ou malparado, isto é, segundo o que, prudencialmente, se julga do seu bom ou mau fim, com relação aos bons ou maus caminhos por onde ele vai conduzindo. 1290.

PARANGARIAS – Angarias ou Angueiras. Aquilé ou aluguel de bestas ou outros quaisquer animais de carga e tiro.

PARANHO – Honra, couto, amparo ou isento. Alguns lugares conservam entre nós o nome de paranhos que, sem dúvida, lhes proveio deste costume.

PARANTESCO – Parentesco. É frequente ainda no povo a troca do en por em silaba atona: cf. “Os meus dialectos algarvios” (LV)

PÁRAR – Pagar. 1290.

PARAR-MENTES – Reflectir, lançar a sua confiança, esperançar-se.

PARAVISO – Cantava-se antigamente o “In Paradisum” etc, em certo lugar, junto ao cemitério em que os fiéis se sepultavam e não à entrada da porta principal da igreja. Dentro da qual hoje se enterram; e a isto diziam: fazer o paraviso, aludindo ao dito responsório. 1303.

PARAVOA – Palavra. 1298.

PARCEIRO – Em a nossa legislação se deu este nome, assim ao que se dá, como ao que recebe alguma herdade de meias, terço, quarto etc. Morrendo alguns destes, não tem o que fica vivo, ou os herdeiros do defunto, obrigação de manterem o contrato de parçaria excepto se a dita herdade estivesse já lavrada a vinha podada, etc.

PARCIONEIRO – Cúmplice, parcial que tem parte em alguma cousa ou acção.

PARDO – No foral do rei D. Afonso I deu a Baldigem em 1182, se diz: Et Dominus nom faciat contra voluntatem suam pardum; Que pardo este fosse que o senhor da terra de Baldigem não deveria fazer contra a vontade dos seus povoadores, eu o não sei…

PARCIALIDADE – Partido; Facção.

PARDAU S. TOMÉ – Moeda em Ouro mandada cunhar (bater) por D. João III. Moeda pertencente ao espólio da Associação Terras Quentes.

Reverso Anverso

Legenda: - **Anverso**. – Ao centro, dentro da cercadura dupla perolada e liso, o escudo real ladeado por "I" João I e três pontos em coluna.

Reverso: - Ao centro, dentro da cercadura duplo perolado e lisa, a figura de S. Tomé, nimbado, sentado e de corpo inteiro à direita, portanto o esquadro ladeado pelas letras "S" (invertido) e "T".

PAREA/PAREIA – Duas formas de acepção; de régua com que se mede a altura das pipas e toneis. Observando: "Vejo registadas as duas formas; inclino-me, porém, a que só uma é authhêntyca e que será Pareia, de parear, de par. A derivação não justifica, porém, o sentido dado que julgo provir de um erro de observação. Morais definira Pareia, espécie de padrão pelo qual se deve regular a capacidade das pipas que é de 30 almudes. Ora esta capacidade, sendo determinada previamente pela altura, mas, principalmente e devidamente, pela circunferência do bojo e marcava o diâmetro a dar à vasilha. A Pareia é uma régua em que está marcada a linha rectificada da circunferência das vasilhas de determinada capacidade. A quantidade de aduelas que, colocadas a par, preencha ou forme a extensão dessa linha, é a necessária para armar a vasilha cuja capacidade essa medida determina. É claro que pode haver uma pareia para cada volume de vasilhas ou uma sói pareia com vários fulcros ou pontos correspondendo a várias capacidades. A régua com que se mede a altura das aduelas para pipas, toneis ou barris chamam os tanoeiros TALHA. O novo dicionário regista esta palavra, em 3ª acepção como [termo antigo] "Dizia-se de uma longura, que constituía uma das medidas usadas pelos tanoeiros. A TALHA tem vários furos correspondendo a alturas diversas, em que entra o riscador e que marcam estre si e a extremidade daquela os comprimentos das aduelas.

PAREAS – É de façanhas ilustres, mostrar-se hum varão tão superior, que lhe pague páreas a inveja.

PARECENTE – Parecido (NAP)

PAREDE FRANCEZ – Taipa entretecida de pedra e tijolos que, antigamente, se usava. Parece que dos franceses nos veio este modo de fabricar que, em Coimbra, principalmente, conseguiu o nome de parede francez. XIV. (Eluc)

PAREDEIRO – Pardieiro, casa derribada e posta já em ruínas, deserta, inabitada. 1296.

PARECER - Aparecer

PARELHAMENTE – Com igualdade e sem diferença.

PARÉO – Vide pário.

PARIÇÃO – Parir (falando-se dos irracionais). (LV)

PARDILHO – Talvez uma espécie de pano pardo (LV)

PARIETAL – Diz-se normalmente da arte- pré-histórica, pintada ou gravada nas paredes e abóbadas das cavernas. Pode designar genericamente pintura ou escultura em paredes. (AA)

PARIMENTOS – Criações, partos, crias. 1304.

PÁRIO – Pena estipulada de parte a parte, multa convencional. Daqui se disseram párias certas contribuições que no ajuste de pazes, ficam pagando os vencidos em reconhecimento do senhorio ou por tributo de vassalagem. Também; ou páreo, parelha, jogar ou correr o pário ou paréo.

PARIO – Pena ou multa estipulada da parte a parte. – Parelha.

PAROUVEIA/PAROUVELA – Lugar alto, exposto ao vento. (VB)

PARRACHA – Pachacha, vagina. (VB)

PARRECO – Pato. (VB)

PARREIRA DE CARNE – Enfiada de chouriços pendentes do tecto. (VB)
PARTE (SABER) – Ter notícia.
PARTEM – Ceder da causa e qualquer acção dela. Carta de escambo entre Outeiro das Muas e Gostei e Castanheira. Separar, apartar. (MJ).
PÁRTENON – 1) Aposento das virgens reservado no túmulo grego às jovens encarregadas de tecer o peplos oferecido à deusa Atena. 2) Templo de Atena Parthenos da Acrópole de Atenas. (AA)
PARTICIMENTO – Participante, quinhoeiro, sócio, companheiro. 1302.
PARTICULARIAR – Particularizar, pormenorizar.
PARTIÇOM – Partilha. 1295.
PARTIJA – Partida, número, multidão. 1321.
PARTIR – Separar remover, apartar.
PARTIR-SE – Separar-se, quebrar a sociedade, remover o afecto. Também; Deixar-se, levantar a mão, alçar-se, ceder da causa e qualquer acção dela. 1315.
PARÔLO – Néscio, palerma, ingénuo.
PARTE (FAZER A) – Fingir, dissimular, parodiar.
PÁRVOO – "…e aos muito pequenos tam doce como párvoo" – Simples, humilde, ou talvez criança (do latim parvulu).
PARVOO/S – Menino/s (do latim parvulus) (HS);
PASCENTAR – Apascentar.
PASMÂO – O mesmo que palerma, boca-aberta, tanso.
PASSADA – Permissão tácita, passe, conivência, disfarce. 1331; Também; Passo ou passal, que constava de quatro palmos largos. XVI. Também; Licença e permissão para passar por alguma parte.
PASSADO – Falecido (NAP)
PASSAES – Recinto conchouso ou terra hortada, junto das igrejas paroquiais que serviam para hortas, pomares e logradouro aos párocos e ministros do templo. 1101.
PASSAGEM – Certa pensão mui frequente nos prazos da província do Minho e terras da feira desde o século XIII até ao XVI, a qual os enfiteutas pagavam quando el-rei passava o Douro uma só vez por ano; porque se mais vezes passasse, já de segunda pensão não eram responsáveis. Também; Direito, que pagavam os que passavam por alguma terra a quem este tal direito se concedia.
PASSAGEM (SANTA) – Assim chamaram nos princípios do século XIII, à mais piedosa que prudente expedição que se meditava para restaurar os lugares santos que uns demasiadamente devotos aprovavam e outros um pouco políticos contradiziam. 1313.
PASSAL – Nas medições antigas, se usa com frequência de passal no sentido de passo; mas a quantidade certa destes passaes nós não sabemos. 1092.
PASSAMENTE – Mansamente, em voz baixa com brandura, devagar, a passo.
PASSAMENTO – Falecimento, morte, passagem desta vida mortal para outra feliz ou desgraçada, que não tem que acabar eternamente.
PASSAR – Morrer, sair desta vida, fazer o contrário, contravir, desobedecer à lei, quebrantá-la.
PÁSSARA/PASSARA – Perdiz. 1444.
PASSAREIRO – Caçador de perdizes.
PASSARINHA – Baço (órgão) Vagina. (VB)
PASSO Adv. Baixo; em voz submissa, brandamente. Também; Passagem, devagar, Entretanto (NAP)

PASQUIM – Torso de uma estátua mutilada de Hércules ou de Alexandre no qual o povo de Roma colava epigramas: dai a expressão de "pasquinado" para designar um placard satírico e de Pasquim para um jornal de maledicência. (AA)
PASTORINHA – Pirilampo; Lagoaça – Freixo de Espada à Cinta. (VB)
PASTURA – Pasto, pastagem.
PÁTEIRA – Padeira.
PÁTEIRO – O bodegueiro, taberneiro que vende cousas comestíveis.
PATEO – Pathaton (PA); voz corrupta e africana. Terreno descoberto, cercado de muros que faz parte de um edifício.
PATINA – Patena.
PATRONATO – o direito do rei.
PAU FERRO – Alavanca de ferro, com duas pontas, utilizado no jogo do pau-ferro, também conhecido por jogo do ferro. Jogo do pau-ferro, consiste em ver quem consegue lançar mais longe uma alavanca de ferro. (VB)
PAUS – Jogo dos paus, jogo entre dois indivíduos que de certa distância atiram cada um uma bola a nove paus colocados numa casa em três linhas paralelas, ganhando o que primeiro fizer quarenta tentos, e sendo contados por dez tentos todas as boladas que fizerem sair os paus das raias que limitam o campo de jogo. (VB)
PAUSA – O mesmo que pousa.
PAVES – Escudo canelado e de grandes dimensões, que servia para proteger completamente um guerreiro, em particular um besteiro – que – regularmente tinha que se recolher para poder e recarregar a sua besta. (CM)
PAXOEIRO – Livro, em que se acham escritas ou estampadas as paixões que escreveram os quatro evangelistas.1455.
PAX Augusta – Cidade também conhecida por Pax Iulia, Hoje Beja. (ET)
PAXOM - Paixão
PAY DOS MENINOS – Deu-se este nome por uma provisão real de 1535 a um oficial mecânico da cidade do Porto que teria cuidado de olhar pelos enjeitados que aparecessem naquele distrito e os devia levar ao juiz dos órfãos.
PAY DOS VELHACOS – Era um magistrado da cidade de lisboa que tinha inspecção sobre os moços vadios que iam ter aquela cidade, aos quais devia prover de amos ou ofícios. 1535.
PAYSANO – Compatriota da mesma Pátria.
PAYTAR – Pagar. Foral Outeiro (MJ)
PAVEIA – Monte de trigo ou centeio.
PAVESADOS – Guarnecidos de pavês; Escudados, Escudos de madeira.
PÉA/PEA – Pena. 1318.
PEA DOS CORPOS – Em um documento originário de Aveloso de 1335 (e em outros daquele tempo) se diz: "*O façam asi comprir e gardar sob pea dos corpos*". Em que esta pena consistia, ainda não está averiguado.
PEADO – Condenado à pena.
PEADOIRO – Digno, merecedor de pena da lei.
PEAR – Castigar, obrigar à pena de Lei.
PEÇA Muito de alguma cousa v.g. Peça há – muito tempo há. XIII e XIV. Também; O mesmo que tempo.
PECCAR – Pagar, satisfazer.
PECENO, A – Pequeno, pequena. 1289.

PECHOSO – É mais espanhola que Portuguesa esta palavra. Ou venha de pecho que não só significa o peito, mas também o tributo, ou venha de pecha que é a falta ou defeito que deslustra a conduta ou nascimento de algum.
PECTAR – Pagar. Nada mais frequente no século XII a XIV.
PEDAGIO – Tributo que se paga de passar em barco ou ponte.
PEDIÇÃO – Acção de pedir, petição. É do século XIV e XV.
PEDIDA – O mesmo que pedido, finta, que se lança sobre a cabeça. É uma espécie de tributo, imposição ou contribuição, que os senhores da terra arrecadavam dos seus vassalos, debaixo do especioso título de cousa perdida. O lançar pedidas ou pedidos, peitos ou empréstimos pertence somente ao rei e supremo senhor na forma de Ordem. Tambe; Assim chamaram à licença que o senhorio ou seu mordomo dava para os colonos ou enfiteutas fazerem algum serviço.
PEDIDA DO MORDOMO – Diferia do pedido, em que este era do senhorio e aquela ficava reservada só ao porteiro, mordomo ou cobrador dos foros. 1251.
PEDRA – Substância dura e compacta que forma as rochas; calhau, lápide de sepultura, designação de Pedra preciosa, ardósia, canto, concreção, fragmento, laje, sebo, seixo.
PEDRA DA ANTA – Pedra: (Ver, Pedra) – Anta: construção sepulcral, pré-histórica, tipicamente feita de pedras grandes; dólmen; pilastra saliente nas paredes das fachadas dos templos gregos; ELUCIDÁRIO, Actualmente existem em todas as províncias de Portugal e deveriam ter sido numerosíssimas nos tempos pré-históricos, Antas ou Dólmenes são monumentos funerários pré-históricos, formados de uma câmara de contorno poligonal ou mais ou menos circular, constituída por várias pedras (esteios ou espeques), enterradas verticalmente no solo, e cobertas por uma grande laje (mesa ou chapéu). Nalguns dólmenes neolíticos, os esteios ou espeques são interiormente decorados por pinturas monocromáticas ou policromas, mais ou menos geométricas, esquemáticas ou estilizadas, construídas algumas vezes por figuras humanas e de animais, arabescos variados de cor vermelha como se verifica em alguns de Trás-os-Montes, Douro e Beira Alta. À câmara vai dar uma espécie de corredor ou galeria, mais baixa, igualmente coberta de lajes, que se encontra revestida por um montículo de terra de dimensão variável, denominado em arqueologia por tumulus e a que o povo chama geralmente mamoa. Aparecem ainda as denominações populares de madorra, mámoa, mâmoa, mamoella, mamoinha, mamunha, arcas e montilhão. Em algumas regiões do País especialmente na Beira Alta e Beira Baixa o povo chama-lhe orcas, casa, casa da orca, casa da moira, forno do moiro, lapa ou pedra. As rochas adoptadas foram o granito, calcário, xisto e grés. Não se deve estranhar que para os mortos se construíssem monumentos tão sólidos e tão duradouros enquanto os vivos se contentavam com frágeis cabanas. Acreditavam os povos antigos que os mortos teriam, no outro mundo, uma existência análoga à que tiveram neste, com as mesmas ou semelhantes necessidades e costumes. Se aos mortos não se prestassem honras fúnebres e não se lhes desse sepultura conveniente, não poderiam achar, na vida futura o indispensável repouso. Acreditavam ainda, por outro lado, que os fantasmas maléficos perseguiriam os vivos sem quartel, enquanto estes não lhes prestassem honras fúnebres condignas e não lhes destinassem uma sepultura grandiosa e duradoura. No onomástico Espanhol aparece, na Galiza, Anta, Antas e Antelas, mas em Zamora, Anta de Rioconejos e Anta de Tera, em Almeria, Anta, em Valladolid Antela e Antella. (TMC)

PEDRA DA VELA – Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.356) como de interesse arqueológico, não tendo sido encontrado na busca as folhas de registos de cadastro da freguesia de Sezulfe. (TMC)
PEDRA DE BIRULLO – Pedra preciosa chamada Berilo. 1438.
PEDRA FURADA – Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.494) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Ferreira (TMC)
PEDRINHA MALHA MALHA – Jogo das escondidas, também conhecido ou esconde-esconde (recolha efectuada em Meirinhos – Mogadouro). (VB)
PEDREIRO – Operário que trabalha em construções de pedra. Na Idade Média mestre pedreiro era sinónimo de Arquitecto. (AA). Pedreiro quew trabalha em obras de pedra. (VR)
PEDRINHO, A – Feito ou feita de pedra.
PEDRO. D - Rei desde 1357, nasceu em Coimbra em 8 de Abril de 1320, filho de D. Afonso IV de Portugal e de sua esposa D. Beatriz de Castela. Casou em 1336 com D. Constança, filha de D. Juan Manuel; mas ela morreu em 1345 e D. Pedro é especialmente recordado pelo seu trágico amor por D. Inês de Castro., cuja morte vingou selvaticamente depois de ter subido ao trono. Mesmo assim, alguns dos seus actos, designadamente para acabar com abusos e para acentuar o poder real, foram de grande importância: reformou a administração da justiça, 1361, e fez para tornar nacional a igreja portuguesa, insistindo no beneplácito régio, isto é, real aprovação de todos as bulas ou cartas papais antes de poderem ser publicadas no reino. Ainda antes de se ter tornado rei de Portugal pretendeu o trono de Castela, 1354 e mais tarde ajudou Castela contra Aragão, 1358 e 1360. Desde 1363, contudo, desenvolveu uma política de neutralidade. Morreu em 18 de Janeiro de 1367, deixando o trono ao seu filho D. Fernando. PEDRO, D. I (1320-1367 – 47 anos.) -
PEE – Pé.
PEENDEÇAL – Vide Pendençal, Peendençal. 1337
PEENDENÇA – Condenação, multa, penitência ou satisfação que se fazia por dinheiro. XV.
PÊGA – Razão, fundamento, motivo*. "Agora vejo que he trama a queixa do povo e que não tem pêga a sua presunção"*.
PEGAR SENTENÇA – Pôr sentença ou pronunciá-la contra alguém.
PEGADOURO – O pejadouro do moinho d'água, lugar e artificio com que ela se lhe tira.
PEGORAR – Piorar, pôr-se em pior estado. 1389.
PEGUIAL – Vide Pegulhal.
PEGULHAL – Hoje damos este nome a um rebanho, récua ou multidão grande de alguma cousa. Não era assim antigamente quando propriamente significava o pastor ou pegureiro que guardava ovelhas.
PEIA - o mesmo que Pea.
PEIJA – Correia que prende as patas dos animais para não fugiram. (VB)
PEIOUGA – Pé de porco.
PEITA – Tudo o que se dá para corromper a justiça, a virtude, a verdade e boa-fé de alguém. Também; Peita, serviço, eram contribuições monetárias ou pessoais de tempo de guerra. [Antigo] Tributo a que estavam sujeitos os que não eram fidalgos. Também; Tributo, serviço, obrigação de pagar serviço pessoal por vezes remida com pagamento em dinheiro ou géneros. (HS)

PEITAR/PECTAR/PREITAR/PETTAR – Satisfazer, pagar. XIII e XIV.
PEITORIL – Obra de fortificação militar, plataforma, parapeito, meia-lua, qualquer corpo avançado fora dos muros e sobre o campo, donde podem ser incomodados os inimigos e defender-se os sitiados. 1465.
PEITU – Foro, pensão, paga, dívida que se deve satisfazer, o que se chamava peitar. 1121.
PEITUGA - largura do peito de cavalgadura. (DH).
PEIXE – Símbolo habitual de Cristo na arte cristã primitiva. Do Grego IKHTHUS (peixe) é o acróstico de IÊSOUS KHRISTOS THEON UIOS SÔTER (Jesus Cristo filho de Deus Salvador). Daí a popularidade deste emblema que os cristãos faziam sobre um selo ou pintavam nas câmaras funerárias das catacumbas. (AA)
PEIXE ESCOLAR – Talvez se lhe desse este nome, por ser o que os estudantes das escolas menores, ordinariamente compravam e consumiam. E assim parece ser o mesmo que peixe miúdo e de pouco preço a que também chamaram de caçoaria. "*O Meirinho da corte não devia levar alguma de linguado e sermonetes e peixe escolar e lamprêas*".
PEIXHOTAS – Vide Pascotas.
PEIXOTAS – Pescadas. Vide Cobrada. Também; Um bacalhau salgado inteiro. (VB).
PEJADOURO – Local onde as bestas vão espojar-se; Aparelho para fazer parar o moinho de açude, cortando as águas. (VB)
PEJAS – Aparelho para impedir que o cavalo corra. (VB)
PELAGO – Qualquer ribeiro, rio, riacho, lagoa, açude, lago, poço, tanque e qualquer ajuntamento ou rego de água. 1162.
PELAIO ou PELÁGIO – Chefe visigodo que deu início à reconquista cristã.
PELAR – Tirar a pele, esfolar, levar couro e cabelo.
PELAR-SE/PELADIÇO – Queimar-se, especialmente nas mãos por contacto com o fogo ou qualquer objecto muito quente. Paladiço; muito sensível à acção do calor.
PÉLAS – "as mulheres isso mesmo em seu bando fizeram pélas" – Danças antigas.
PELEGRINO - Peregrino
PELEJADOR – Desinquieto, revoltoso, espancador.
PELIGRO – Perigo (vocábulo espanhol)
PELHOS – O mesmo que pelos ou por-os.
PELICEIRO/PELITEIRO/PELITERIO – O que curtia, preparava, compunha ou vendia peles, a que hoje chamamos curtidor, tosador, surrador etc. (CM)
PELITARIA – Toda a qualidade de peles.
PELITEIRO – Ver Peliceiro.
PELITERIO – Vide Peliceiro.
PELLACILL – Vide Alcir. XIV.
PELLE – Vide Alfanehe e Aninia.
PELLE DE VINHO – Eram três almudes.
PELLIÔA/PELLIÕA – Mulher rixosa e que facilmente desinquieta as outras, arranhando-lhe a cara e arrancando-lhe os cabelos.
PÊLO (VIR A) – Vir a propósito.
PELOTA – Jogo tradicional de Freixo no qual o jogador lança a bola (pelota) contra um frontão, com as mãos nuas. Bola de farrapo. (VB)
PELOTE – Capa forrada de peles à diferença da que não era forrada. Destas capas usavam homens e mulheres. 1314. Também; Vestido, pragmática de Afonso IV. 1340.

PELOURINHO DE CHACIM – Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (522-IX) como de interesse arqueológico, descrevendo o monumento; é todo de granito aparelhado e consta de um escadório e pedestal ornados por florões em série. (TMC)
PELOURO – Bala de pedra ou metal.

Pelouro em ferro, original, séc. XVIII, espólio
da Associação Terras Quentes

PELTRE – Arame, latão. "*D. João I que ninguém rejeitasse moeda alguma cunhada de seu cunho, salvo se é feita de ferro ou peltre ou d'outro desvairado metal de que se non acustuma fazer moeda nestes Reinos*". (FL)
PENA – Penha, rochedo.
PENA D'ARMA – Pena aplicada pelo uso de armas. (BV)
PENA DE SANGUE – Esta pena se acha em quase todos os forais antigos e nos de D. Manuel. Era a condenação multa ou coima, que se impunha àqueles que espancavam, feriam ou matavam alguma pessoa, ainda que sangue não corresse da ferida ou contusão. E também se estendia aos que diziam palavras desonestas e injuriosas a seu próximo com as quais lhe faziam vir o sangue às faces, ou como vulgarmente se diz, lhe faziam a cara vermelha…Também; Aquela que se paga por morte de homem de propósito. Antigamente eram 33 maravidis para o Bispo; agora se mandam pagar 900 réis. E se a morte for feita por algum animal, ou este se perderá para o Bispo ou o dono pagará os ditos 900 réis.
PENA MOURISCA – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. – Pena; (ver, pena d'águia) – Mourisca; (ver, mourisqueira)
Da referida base de dados, extraiu-se a seguinte informação: Designação: Pena Mourisca. Tipo de sítio: Povoado fortificado. Período: Idade do ferro. CNS: 2018.
Localização: Espadanedo. Descrição: Povoado fortificado de grande altitude, certamente um dos mais elevados de Portugal. Fica localizado precisamente no ponto mais alto da serra de Bouzende, onde fica o marco geodésico da Pena Mourisca. É um povoado de médias dimensões, no topo de um cabeço isolado muito pedregoso, com boas condições defensivas, e um excelente controlo estratégico da região em volta. Só é detetável uma única linha de muralha, bastante derrubada, ainda que na encosta norte exista um talude a seguir à linha de muralha, que parece ser natural. A muralha rodeia o povoado todo, excepto numa parte da encosta Sul, onde é substituída por rochas. A zona de mais fácil acesso fica também a Sul, onde se parece detectar o que poderá ser uma entrada na muralha. Detectam-se numerosos fragmentos cerâmicos, sobretudo na encosta sul, de aparência bastante arcaica provavelmente do Bronze final ou ferro inicial. O povoado está bastante degradado, sobretudo por acção da erosão natural. Já fora da área muralhada, para leste, existe um grande fraguedo, chamado fraga do Berço ou Embanadouro, porque tem ou tinha uma rocha que abanava. O acesso

a esta rocha faz-se por uma abertura no meio das fragas, e segundo a bibliografia, existem gravuras logo á entrada desta abertura, nas duas rochas à esquerda e á direita da entrada. Estarão a cerca de três metros de altura, e não nos foi possível verificar a sua existência, quer pela sua altura, quer porque estão cobertas de musgos. (TMC)
PENADO – Ser penado, ser multado, castigado ou sujeito a pena. XV.
PENADOIRO – O mesmo que peadoiro. Vide penar.
PENAR – O mesmo que pear.
PENAVEL – Digno de pena ou castigo.
PENAVELL – Pena que impõe algum castigo, multa ou pena. 1434.
PENCHA – Vagina. (VB)
PENDÃO – Bandeira de guerra. Também; PENDÃO – Bendón (PA); Pendon. O estandarte. Gollio lhe dá as seguintes significações Vexillum Magnum, unde Latino bárbaro Bandum. Hispanha, Bandera. Em Portugal o Pendão é um grande estandarte farpado que as irmandades e confrarias levam nas procissões. Também; Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. X, p.276) mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Vale Benfeito. – Pendão; auriflama; balsão; bandeira; bezedor; divisa; estandarte; flâmula; guião; indício; insígnia; orelhudo; panícula; signos. (TMC)
PENDENÇA – Penitência, trabalho, castigo.
PENDENÇAL – Penitenciário, confessor, destinado para absolver das culpas mais graves, que como tais são reservadas aos prelados. 1447.
PENDENÇAS – Multas eclesiásticas em que comutavam as penitências que se deviam pelas culpas.
PENDESSA – Penitência, satisfação que cada um dá ao Senhor Deus pelas suas culpas. 1285.
PENDOENÇAS – Penitências, acções, mostras e sinais de verdadeiro arrependimento sobre as culpas e pecados que se tem cometido.
PENEFICAR – Pôr penas, castigar. XVI.
PENÊGO – Travesseiro, cheio de frouxel ou pluma branca das aves.
PENEIRA D'ANTEMAOM – Era a que hoje se diz peneira fina ou de sêda, pela qual só passa a flor da farinha, à diferença da peneira de cabellos ou rala, por onde passam talvez os mesmos farelos.
PENEIRA D'ANTE MÃO – A que era fina ou de seda.
PENELLA – Esta palavra é diminutiva de penna ou penha que, na baixa latinidade significava o cabeço do outeiro, monte ou rochedo em que antigamente se fundaram os castelos, praças ou defensões muitas das quais chegaram e permanecem em nossos dias…. Penafiel = "Pena fidelis".
PENICHEIRO – Natural de Lagoaça, provavelmente de origem não judaica ou judeu pobre, que se dedicava ao trabalho agrícola. (VB)
PENIFICAR – Pôr pena, castigar.
PENOSO – Diz-se do individuo que não cumpre as suas promessas. (VB)
PÉPIA – Mulher que se dedica à prostituição, concubina. (VB)
PENSAMENTOS – Arrecadas com filigrana de ouro. Foram antigamente mui usadas em Portugal.
PENSAR DOS POBRES – Ter cuidado deles, vesti-los, sustentá-los, favorecê-los. 1344.
PENSÃO – Foro que se pagava nos contratos enfitêuticos. (BV)
PENSO – Pensamento. XV.

PENSOSO – Taciturno, carregado, pensativo e que mesmo no exterior, mostra que algum objecto grande ocupa e entretém o seus pensamentos.
PENTE – A parte da aduela que resái dos tampos do tonel ou que fi para fora do javre. Também; peça do tear que tema função de juntar o fio da trama ao fio de urdir, formando o tecido. (VB)
PENTÉES LÁARES – Vide Pentés Láares.
PENTÉS LÁARES/PÉNTES LÁRES – Pelo seu testamento de 1335 D. Urraca Fernandez, senhora mui ilustre, deixa a sua sobrinha Senhorinha, entre outras cousas, Huuns Pentêes laãres e quatro libras para o seu casamento.; Mas que traste móvel ou peça seriam estes pentées Láares... Seriam pentes de subido preço para ornamento da cabeça? Seriam pendentes reais para enfeite das orelhas. 1367.
PENTENZA – Pertença, tudo o que pertence a um casal, fazenda ou herdade. 1273.
PENTEADELA – sova, reprimenda. (LV).
PEÕES – Elementos da classe popular situados imediatamente abaixo dos cavaleiros-vilãos. Neles se englobavam proprietários rurais de pequenos recursos, pequenos comerciantes ou simples artífices. Eram com efeito, estes que constituíam a classe verdadeiramente tributária, já que sobre eles recaía um sem número de deveres e encargos, penas pecuniárias; portagens; açougagens, serviços pessoais e militares (aqui enquadrava-se na infantaria); requisições forçadas; obrigações de alojar a manter a comitiva régia etc… Estas obrigações variavam consoante o foral.
PEQUENINEZA – Pequenez, abatimento, cobardia.
PEQUENO – (Substantivo) Pedaço, bocado.
PER – Por; per uu, por onde. 1291.
PERAFITA – Pedra de grandes dimensões colocada a prumo, que é um monumento megalítico. (AA)
PERA – Para.
PERABOLA – O mesmo que paravoa. 1280.
PERANGARIAS – Vide Angueiras.
PERAVA – Palavra.
PERAVAA – Palavra. 1311.
PERCALÇAR/PRECALÇA – Obter; Alcançar; Conseguir. Também; Alcançar alguém em contas, conseguir algum emolumento, ganho, luvas. 1389. Também; adquirir. Também; Alcançar, conseguir.
PERCALÇAR DIREITO – Conseguir que se lhe faça justiça com igualdade e rectidão. 1430.
PERCALÇO – Emolumento ou gages que se tiram de algum ofício ou emprego.
PERCEBER – Prevenir; Preparado.
PERCEBIDO – "Segundo, já era percebido "– Instruído, preparado.
PERCIBIMENTO (DO REINO) – Preparação, defesa. Supunha-se que o rei de Castela invadiria Portugal. Note-se as grafias percibimento, espicialmente, etc; devidas a uma assimilação do "e" ao "i" seguinte.
PERCIÇOEIRO – Livro que contém o que se diz, canta ou reza nas procissões. 1455.
PERCOMTURBAR - Perturbar
PERCUDIR – Ferir, censurar, taxar, rebater.
PERCUDISSE – Batesse. (HS)
PERDER SENHA DE ALGUÉM – Perdoar-lhe, reconciliar-se com ele.
PERDIDOSO – O que fica com perda, lesado, falho, defraudado. 1372.
PERDOANÇA – Perdão. 1444.

PERDUDO – Perdido, gasto, dissipado, consumido. 1372.
PERE-ELE – Deu-se uma assimilação, donde resultou a forma "pere", pouco vulgar. A locução pere-êle formava com que um todo, uma espécie de palavra composta.
PARECEU – "pareceu a gente del rei da parte aalem de Gaia" – Apareceu.
PERECIMENTO – Falta, extinção, ausência. 1434.
PEREGRIN – Peregrino. "*Porque os peregrins que hi albergarem não recebão algum desaguisado. Testamento da rainha D. Mafalda*".
PERENCIA – Este Foi o nome que deram a Valença do Douro em um aforamento do mosteiro de S. Pedro das Águias que a fez povoar de novo. 1269.
PERFEIÇOAR – Aperfeiçoar.
PERFECTAR – Aproveitar, ser útil e prestativo. 1261.
PERFEITAÇÃO – Melhoria, utilidade, proveito. 1298.
PERFIA – Assim se chamava tudo o que podia ser de préstimo, utilidade ou proveito para alguém. Vide Aménas. 1133
PERFÍA – Também se tomou por porfia, teima, contenda, guerra, pertinácia.
PERGAMILHEIRO – Oficial que prepara, compõe ou vende pergaminhos. XV.
PERGAMINHO – material antecessor do papel (feito de pele de carneiro). Também; – Pele de animal, geralmente de ovelha ou de cabra, preparada para a escrita e também suporte de iluminuras. Era seca e polida com pedra-pomes, sendo na Ásia Menor. Mais resistente que as fibras vegetais do papiro, prestava-se muito melhor às raspagens que permitiam renová-lo várias vezes. O pergaminho só se usa hoje em pintura a guache, tiragens de grande luxo, encadernações. (AA)
PERIGUADO – Posto a perigo, exposto a padecer algum detrimento ou dano. XIII.
PERIZOMA – Pano de pureza, usado por Cristo na Cruz. (AA)
PERLUDO, A – Acabado de ler, inteiramente lido ou lida. 1330.
PERLEÚDO – Acabado de ler.
PERLONGA – O mesmo que delonga, isto é, maliciosa e fraudulenta demora. Vide Parança.
PERLONGANÇA – O mesmo que Perlonga. Vide Pontaria.
PERLONGAR – Dilatar, diferir, demorar.
PERMEDIDA /PERMIDIVA/PERNIVIVA – Assim chamavam ao primeiro sável ou lampreia que saía do rio Tâmega e também do Douro, a qual se pagava em todas as petisqueiras, que eram do Mosteiro de Pendorada.
PERMIDIVA – Vide Permedida.
PERMUDAÇÃO – Escambo, troca.
PERMUDAÇOM – Permutação, escambo, troca. 1399.
PERNA – Pé ou tronco de árvore. 1433.
PERNADA – Golpe que se dá com o pé para trás, couce, armas de que principalmente usam as bestas. "*O cavallo começou a lançar pernadas e bulir comsigo*". Azurara.
PERNIVIVA – Vide permedida.
PERÑOSO – Pérfido.
PERO – Todavia; Ainda que; Porém; Por isso. Contudo.
PERÓ – Posto que, ainda que. 1372.
PERÓM/PEROÓM - O mesmo que amprom.
PERPUNTO – Capa militar. Na baixa latinidade se disse jack, jacque, jaquetus ou Propoem quod lpricaes superinduebatur. 1225.
PERRO – Homem vil, canalha, cão, Apertado, emperrado. (VB)

PERSEMELHANTE – Igualmente, do mesmo modo, forma ou maneira.
PERSEVES – "Porem de ostras (lagostas) ou perseves soomente vieram per semelhante per fóos pagarão a dizima velha em a dita terra. 1500.
PERSIANOS – Persas.
PERSIGAL – Pocilga, cortelho, encerrador de porcos e também a vara ou manada deles.
PERSOLVER – Pagar inteiramente e à risca. 1276.
PERSONALMENTE - Pessoalmente
PERSONARÍA – Procuração bastante.
PERSOTERRAR – Vide Arcer. Meter debaixo de terra, acabar de sepultar conduzir mesmo os ofícios da sepultura.
PERTÉCIMENTOS/PERTEECIMENTOS - Pertenças. 1308.
PERTEENCENTE – "…pera os defender era pertencente" = Competente, suficiente.
PERTIGUEIRO – Vide Defensor. Alferes Justiça.
PER UU – Por onde.
PERRARIAS (Derivado de perro) – Cão, pirraças, desfeitas
PERRO – Cão (designação dada pelos cristãos aos mouros. Também; Homem vil, canalha, cão, Apertado, emperrado. (VB)
PÊRRO/PERRICE – Pêrro é o mesmo que mau, teimoso; zangado, arreliado. (LV)
PERUCA – Penteados postiços usado já entre os Egípcios. Com Luís XIV as perucas in-fólio atingem dimensões extravagantes. De menores proporções as perucas empoadas do século XVIII são geralmente de várias filas de caracóis com uma cauda direita ou dobrada. A revolução Francesa suprimiu o uso da peruca. (AA)
PERVENCER – Quebrar, desordenar, destruir, anular, subverter.
PERVERTER – Transtornar, mudar.
PERVINCO/PROVINCO – O parente mais que chegado. 1293.
PÉS – Peixe. Os Espanhóis escreveram pez no mesmo sentido.
PESA – Peso.1368.,
PESADA (COUSA) – Cousa de importância.
PESANTE – Pesante ou peso. Moeda que se faz menção nas escrituras mais antigas deste reino; Dizem que era de prata do tamanho dos tostões velhos, e que nos ficara do tempo dos Mouros., mas a verdade é que não sabemos do seu metal, feitio, peso e valor.; Também; Adj. Pesaroso, triste, aflito, pouco satisfeito. (Eluc.)
PESAR – "F.L.; Ver de si mau pesar" Arrepender-se, sentir pesar de si mesmo.
PESCADO REAL – Assim chamaram ao solho, não tanto pela excelência e bondade deste corpulento peixe, mas porque em todas as pesqueiras que pertenciam à coroa no Douro e no Tejo, sempre ele era reservado para a mesa real. 1329. (Eluc.)
PESCADOR OU VAREJISTA - Piscatores et propolae. CIL 5929. (CM)
PESCOÇADA – Palmada no pescoço.
PESCOTAS/PESSOTAS/PEIXOTAS/PISOTAS/PISCESCANES ou PISCESKANES – Pescadas, segundo vários documentos do século XII e XIII.
PESSOA – Dignidade ou prebendado de uma catedral, que tem alguma preeminência no coro ou capítulo, como deão, mestre-escola, tesoureiro, chantre etc., Ver elucidário.
PESSOA REFECE – De ínfima condição social. (HS)
PESSOADEGO/PESSOADÊGO – Direito, que algum tem de ser pessoeiro ou cabecel de um prazo. 1350.
PESSOADÍGO – O mesmo. 1335.
PESSOEIRA – A pessoa que está em uma vida das de um prazo. 1341.

PESSOEIRO – Cabeça de um prazo ou casal, cabecel, que recebe as rendas e porções dos seus consortes para as entregar, por junto e inteiramente, ao senhorio. 1300.
PESSOTAS – Vide Pescotas.
PESTELENÇA/PESTENENÇAS/PESTENCIAS – Peste, epidemia, mortandade. 1350.
PESTENCIA – Vide Pestelença.
PESTENENÇA/PESTELENÇA – O mesmo que pestelença.
PESTRUMEIRO/PRESTUMEIRO/PROSTUMEIRO/PUSTUMEIRO – O último, o derradeiro, o que ficar para o fim. É frequentíssimo esta palavra desde o século XIII até ao XVI.
PESTELEIRO – Livro, que contém as epístolas do missal e que o subdiácono deve cantar "per annum". 1455.
PESUME – Peso, carga, XIV.
PETEGAR – Cortar de rijo com um machado. XIV.
PÉ-TERRA – Moeda d'ouro do rei D. Fernando com o valor de 6 libras, que sendo de 36 réis vinha a valer 216 réis.
PETINTAL – Carpinteiro da Ribeira, calafate, fabricador de todo o género de embarcações. Vide Arrais e Alcaide do Navio. XIII.
PETO – Pequena machadinha nas costas do podão. Parte posterior da picareta ou do sacho. Mealheiro. (VB)
PETITORIO – Peditório.
PETTAR – Vide Peitar.
PEVIDE DA CANDÊA – Assim chamavam ao que hoje dizemos murrão. Daqui espevitar o candeeiro, isto é, tirar-lhe a pevide.
PEYOUGA – Pé de porco, a que ainda hoje chamam chispo. 1304.
PI, PI – Em alguns prazos se acha a pensão de galinhas, que não digam pi, pi nem fação quo, quo, isto é que nem sejam frangas nem andem chocas.
PIADEIRO – Aparelho para pisar ou descascar milho. (VB)
PIA DOS MOUROS – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, mas não encontrado na busca às folhas de registo de cadastro da freguesia de Ala. Da referida base de dados, extraiu-se a seguinte informação: Designação: Pia dos Mouros. Tipo do sítio: Habitat. Período: Romano/Idade Média. CNS: 1996. Localização: Ala. Descrição: Este sítio localiza-se numa chã planáltica, entre as ribeiras de Corujas e de Vale de Moinhos, numa zona com bons solos agrícolas dentro da área abrangida pelo topónimo Perafita. Especificamente, o nome Pia dos Mouros refere-se a uma sepultura escavada na rocha, situada num afloramento rochoso no ponto mais elevado da zona. É uma sepultura simples, sem forma antropomórfica, com a orientação canónica Leste/Oeste. Apresenta a particularidade interessante de estar associada a duas gravuras em forma de ferradura, uma situada na cabeceira, e outra um pouco atrás da cabeceira. Esta sepultura, de provável cronologia alto medieval, encontra-se associada a importantes vestígios de habitat. A toda a volta são muito abundantes os vestígios de cerâmica, dispersos por uma grande área de terreno, predominando as tégulas e cerâmicas comuns romanas, talvez vestígios de uma villa. (TMC).
PIA MILHOS – Homem que trabalha com o piadeiro. (VB)
PICA PORTAS – Espelho de fechadura, encimada por uma cruz, que, nas crenças populares, protegia a casa dos espíritos. (VB)
PICHEL – Pequeno vaso para beber vinho.
PICHELEIRO – Produtor de vasos de estanho para beber vinho (VR)
PICONDRO – O mesmo que pêco, isto é, meticuloso, perguntador, rabugento.

PICOTA – Pelourinho com suas cadeias e argolas, onde os criminosos eram expostos à vergonha. No ano de 1496 julgou el-rei D. João II e teve por bem que a vila de Vale de Prados tivesse forca, picota e tronco sem por isso viliar, e deshonrar a vila de Bragança, pois os moradores daquela eram isentos e vila sobres i. Vide Empicotar.
PIEIRO – Pia de pedra para descascar milho. (VB)
PIÉTA – Representação de Cristo Morto no colo da Virgem que surge a partir do século XIV. No entanto aos mais célebres devem-se a Miguel Ângelo como a do Vaticano a da Catedral de Florença ou a de Rondanini.
PILARTE/PILHASTRE/PILLASTRE – Moeda que antigamente, correu em Portugal. Também se disse pilastre, pilhastre e pillastre. Também; Moeda de prata do rei D. Fernando que valia 13 réis e 2 ceitis. Tinham no anverso um arremessão ou, melhor uma bandeira por baixo da letra "F" que nos mostra o nome do Rei, sobre o qual se vê a real coroa. Lavrou-se em memória dos pajens que traziam as celadas ou barbudas dos soldos estrangeiros que o vieram auxiliar na guerra, aos quais, em França chamavam pilarte. O mesmo rei abaixou depois o valor do pilarte a 7 dinheiros ou ceitis.
PIMPÃO – Valentão, corajoso, altivo, envaidecido, Elegante. (VB). T
PIMPONA – Bonita, bela. (VB)
PINAÇA – Embarcação de pequeno fuste, de vela e remo, não muito segura, mas ligeira. 1326.
PINDRA/PINDRAR – Penhor. É frequentíssimo esta palavra nos forais do século XII e XII, assim como pindar no sentido de penhorar.
PINGADEIRA – Menstruação. (VB)
PINGATO – Vinho bom. (LV)
PINGOS – Vide Piûgos.
PINGUEIRO – Embriagado. (LV)
PINTA – Medida de líquidos a que os Franceses ainda hoje chamam pinte. Em Portugal foi também medida de sólidos. 1513.
PINTACEIRO - O que recebe as rendas do convento, segundo os costumes da ordem, a todos os indivíduos dela. (Viterbo 1500).
PINZEL – Pincel
PIÒJOTA – Bebedeira. Equivalentes a bebedeira; Aujinho; carapuça; caroça; cartola; gana; japona; nabo; opa; sarampêlo; vinagreira. (LV).
PIOM/PYAM/PIOÕES – Peão (NAP)
PIOSCA – Jogo de rapazes que consistia em atirar uma moeda (ou uma carica) contra a parede, procurando que esta ficasse à distância de um palmo da moeda do adversário o que dava o direito de se apossar dela. (VB)
PIPA DE MOIAÇÂO/MOIAÇOM – Levava 27 almudes. 1418. Também; Medida equivalente a 550 litros de vinho. (VB)
PIPIAM – Moeda tão miúda que segundo Covarruvias, de Veter; valia duas mealhas, assim como o burgalez valia dous pipioens.
PIROBALÍSTICA - técnica ou arte de calcular o alcance de armas de fogo. (DH)
PIRRÓNICO – Que duvida de tudo; Teimoso.
PISÃO – Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.494) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro da freguesia dos Cortiços. (TMC)
PISCESCANES/PISCESKANES/PISOTAS – Vide Pescotas.
PISORGA – Vinho mau, bebedeira. (VB)

PISSOTAS – Pescada. Inquirições reais de 1258.
PISTOLA – Epistola. (Ao livro que contém epistolas chamava-se também Pistoleiro, inventário do século XIV – Pedro de Azevedo).
PITANÇA – Vide Charidade. Nos antigos livros dos óbitos se acham os dias de pitança, notados à margem com algum destes breves. Também se disse pitança a mesma oficina ou ofício de pitanceiro.
PITANCEIRO - O que recebe as rendas do convento para as distribuir, segundo os costumes da ordem a todos os indivíduos dela. (CM)
PITO - Apito
PIUGAS – Sapatos. XIV.
PIUGOS – Paredes feitas de pedra miúda e em sosso. Campo tapado por valos e pingos antigos.
PIZORGA – Vinho ruim ou aguado. (VB)
PIVETE – Criança pequena. (VB)
PLACENÇA – Beneplácito, vontade, agrado. 1338.
PLACIMENTO – Prazimento, aprovação, beneplácito, consentimento e apresentação. 1216.
PLACITO – Prazo ou qualquer outro género de contrato ou instrumento público; também; termo de jurisprudência, era o mesmo que o Tribunal da Justiça, Também significava as cousas que se tratavam em juízo. Também; Quando no Concilio de Mérida de 666 se manda que, na sua sagração o bispo faça o placito, quer dizer, protesto de viver bem e castamente.
PLACITOS – Se disseram dos aforismos dos médicos.
PLAINO – Planura, planície
PLANTEAR – Pratear, lamentar.
PLANTO – Pranto. Também; choro.
PLAZO – Escritura de doação ou contrato, com certas condições à satisfação, prazer e agrado d'ambas as partes.; Também; Escrito ou obrigação de dívida. 1314.
PLEITO – No Fuero Juzgo se toma pelito por concórdia; hoje, porém nada mais oposto a ela que o pleito.
PLEUMÓSIO - relativo aos pleumósios, antigo povo da Gália bélgica, província do Império Romano, ou indivíduo desse povo. (DH).
PLOEIRO – Vide Proeiro.
PLOMO – Chumbo. Do latim plumbum…
PLOUVER – O mesmo que aprouver ou proguer. Agradar-se de alguma cousa. Satisfazer-se dela. 1328.
PLUMAZO – Travesseiro cheio de pluma. "*Uno feltro uno plumazo e una cocedra*" 1156.
PLUMO – Prumo
PLÚTEO -1) Máquina de guerra com parede externa revestida de couro, dentro da qual se resguardavam os soldados. 2) Paredes que fecha o espaço entre duas colunas. (AA)
POBLA /POBLANÇA/POVOANÇA – Povoação, casas e vivendas, em que alguns moram e residem, com semelhança de povo, ou maior ou mais pequeno. 1284
POBLADORES – Vide Pobradores.
POBORADA – Povoada.
POBLANÇA – O mesmo que póvoa ou pobla.
POBOAÇOM – Direito real e dominical.

POBRA – O mesmo que pobla ou póvoa. 1288.Também; se disse pobra por própria. 1268. Também; Aldeia, povoação. (BV). Por vezes aparece como "proba" [Rosa Marreiros, pág 43 CXIIII]
POBRADAR – Povoar.
POBRADOR – Vide Pobrar.
PROBADOR D'EL-REI – Magistrado, ministro ou procurador d'el-rei que tinha inspecção sobre o reparo dos lugares fortes e sobre a população e, particularmente na província de Trás-os-Montes.
POBRADORES /POBLADORES – Não só se chamaram assim os caseiros ou colonos que moravam em algum reguengo foreiro à coroa.
POBRAMENTO – Tempo ou época em que terra, lugar, cidade ou vila se começou a povoar.
POBRAR/POBRADO/DESPOBRADO/DESPOBRAR – Povoar, povoado, despovoar, despovoado. 1370.
POÇAL – Vide Puçal.
POÇIMA – Finalmente, por fim. 1261.
PODEIDOIRO – Apto, bom e capaz de podar as videiras. XIV.
PODENGA – Cadela para caçar coelhos.
PODER- Possível, domínio (NAP)
PODERÍO – Poder, jurisdição, faculdade, autoridade, licença. E também a posse de alguma cousa. 1424.
PODEROSO (SER) – Poder fazer isto ou aquilo. 1313.
PODESTADES – "*Milites de Castelbranco sint in Juditio. Nom seermos poderosos de levar*" … Foral de Castelo Branco de 1213 segundo cópia de Tomar. Isto mesmo e pelas formais palavras se determina no foral da Covilhã do rei D. Sancho de 1186. Segundo estes documentos vemos que um podestade ou potestade precedia ao infanção, mas não é fácil decidir com segurança que potestades eram estas de Portugal…
PODRECER – Apodrecer.
POEI – Nomeai (imperativo de poer) (HS)
POEMOS EM PRAÇA – Publicamos, divulgamos.
POENDO – Pondo.
POER/PÔR/POOER/POOR/POSEROM/POSESSE/POERDES/POEREM/POENDO/POHENDO – Pôr. 1312.
POER A PRAÇA – Dar combate. (HS)
POER CONTRA ALGUÉM – Dar libelo, requerer, alegar, alegar contra ele.
POER EM ESTADO – Escrever, apontar ou formar acusação, queixa ou sumário contra alguém.
POETA – Bem-falante, maníaco. (LV)
POGEYA – Vide Mealha.
POIA – Pão que se dá ao forneiro como retribuição da cozedura. Mulher molenga, pouco amiga do trabalho. (VB)
POIMENTO DE PÉZ – Acção de pôr os pés, andar, passear uma fazenda.
POÍNHA – Punha-se
POINHAM – Punham.
POINTILLISME – PONTILHISMO – Divisionismo. Neoimpressionismo: Pintura praticada nomeadamente por Seurat e Signbac que usava apenas cores primárias em pequenos pontos colocados sistematicamente na tela, de modo que as cores complementares

fossem obtidas pela fusão ao nível da retina. O termo foi criado por Félix Fénéon, em 1886 relativamente `pintura de Seurat La Grande Jatte. Técnica de Restauro. (AA)
POIX – Depois, para o futuro. 1273.
POLA – Aumento, sublimidade, grandeza. Ainda hoje dizemos: empolado, os, tomada a metáfora dos rebentões que nascem ao pé das árvores que dizem polas.
POLAINA – Nota ou sinal afrontoso que deviam trazer sempre na cabeça, quando estivessem fora de sua casa, aquelas foram condenadas por alcoviteiras, mas não em morte natural ou degrado. Consistia em uma espécie de toucado ou beatilha de seda vermelha (que também se disse enxaravia) …
POLGAMIO DE PAPILLO – O papel de que hoje usamos que também se disse pergaminho.
POLHA – Galinha. Vide Maestro.
POLIBOLE – Máquina de guerra que lançava projecteis de jacto contínuo. (AA)
POLISSÍNDETO **(MF)**
Emprego repetido de conjunções coordenativas no princípio da frase ou dos termos de uma enumeração. "*E polios freires vivos e polia saúde de suas almas digam três vezes ho Pater Noster. E por seus defuntos diraam seys vezes ho Pater Noster. E polios familiares e servidores defuntos dos freires huu Pater Noster. Epor todos fieis defuntos digam huu Pater Noster. E polia paz e tranquilidade da sane ta madre igreja huu Pater Noster. Epollo seu rey digam huu Pater Noster"*
POLÍTICO – (Adj) – Educado, Polido, Civilizado.
Pollo/polla – Pelo(a) (NAP
POMBEIRA – Os barqueiros, arrazes e mestres de barcas e navios, antes que partam e que alevantem a pombeira, serão obrigados a fazer saber as mercadorias que levam e não o fazendo assim as perderão, depois que a pombeira for levantada.
POMBELA – Travessa entre a abertura das varas do carro, no cabeçalho, onde são colocados os estadulhos. (VB)
PONCHE – Vasilha de aduelas, baixa e de muito diâmetro de capacidade variável, entre os 800 e 1000 litros.
PONENTE – Poente.
PONENTINOS – Os homens do Poente.
PONER – Pôr, Vem do latim pono. Eu pono; eu ponho. 1306.
PONGIDO – Pungido, no sentido moral é arrependido.
PONTARIA – Ódio, trapaça, enredo, que leva a mira, e aponta a derribar e perder o seu contrário. Ainda hoje se diz: trazer alguém de ponta por vê-lo com maus olhos, vexá-lo, persegui-lo em toda a ocasião.1281.
PONTE – Construção que permite a passagem de uma via de comunicação sobre um curso de água, alcântara, pató. (TMC), Também; PONTE – Construção que permite a passagem de uma via de comunicação sobre um curso de água, alcântara, pató. (TMC). Também; Fazer ponta em alguém, passar-lhe à porta sem lhe falar. (VB)
PONTE DE BANRESES – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. – Ponte (ver, ponte) – Banreses; localidade já extinta que pertenceu á freguesia de Vale da Porca. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: ponte de Banrezes. Tipo de sítio: Ponte. Período: Idade Média. CNS: 17288. Localização: Vale da Porca. Descrição: Ponte sobre o rio Azibo, situada logo a jusante do povoado abandonado com o mesmo nome. É uma estrutura constituída por um aparelho em xisto, apresentando uma arquitectura bastante simplificada que se baseia num tabuleiro plano assente num único arco de volta perfeita. (TMC)

Ponte de Banreses, Foto; espólio Associação Terras Quentes

PONTE DA CERNADELA – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados, extraiu-se a seguinte informação: Designação: Ponte de Cernadela. Tipo de sítio: Ponte. Período: Idade Média. CNS: 17253. Localização: Cortiços. Descrição: Ponte em granito sobre a ribeira de Carvalhais, com um arco central de volta perfeita e um outro lateral de tamanho mais reduzido que fecha em lintel. O tabuleiro é plano. (TMC)

PONTE DA PARADINHA DE BESTEEIROS – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Ponte de Paradinha. Tipo de sítio: Ponte. Período: Idade Média. CNS: 17242. Localização: Chacim. Descrição: Ponte sobre o Rio Azibo, em xisto, de tabuleiro plano assente sobre dois arcos de volta perfeita, em central maior, e um lateral mais pequeno. (TMC)

PONTE DO BAIRRINHO – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Ponte do Bairrinho. Tipo de sítio: Ponte Período: Idade Média/ Moderno CNS: 17244. Localização: Chacim. Descrição: Pequena ponte em xisto, situada na aldeia de Chacim, ao lado do Real Filatório. Tem um só arco de volta perfeita, com o tabuleiro plano. Não há elementos seguros sobre a sua cronologia, mas é possível que tenha uma origem medieval, pela sua colocação na zona antiga de Chacim, comprovadamente uma povoação de origem medieval, que conserva ainda o pelourinho, havendo notícias da existência de uma torre medieval, entretanto destruída e de localização perdida. Pode também ter sido construída na época moderna, até como apoio à fábrica de seda do Real Filatório de Chacim. (TMC)

PONTE DE VALE DA PORCA – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Ponte de Vale da Porca. Tipo de sítio: Ponte. Período: Idade Média/Moderna. CNS: 17289. Localização: Vale da Porca. Descrição: A ponte de Vale da Porca é uma estrutura em xisto que na zona Sudoeste desta aldeia permite a travessia do rio Azibo. A sua arquitectura define-se por um tabuleiro em forma de cavalete que assenta em 3 arcos de volta perfeita. Destes três arcos destaca-se um central de maiores dimensões, que por sua vez é ladeado por mais dois arcos, também de volta perfeita, mas de menores dimensões. (TMC)

Ponte de Vale da Porca; Foto, espólio
da Associação Terras Quentes

PONTE DO DOURO – Acham-se não poucos instrumentos do século XII e XIII que falam nesta ponte, hoje de muitos ignorada, e que até se atrevem a quererem persuadir aos símplices a impossibilidade da sua existência. Existiu, pois, esta ponte por baixo e na direitura de Barrô, onde hoje se chama o Beraldo.

PONTE LAVADIÇA – Ponte de uma fortaleza que se levantava para cortar a ligação com o exterior.

PONTE PEDRINHA – Há entre nós um grande número de sítios que conservam este nome originado de haver algum dia neles alguma ponte de pedra que ainda talvez se conserve.

PONTILHADO – Ver Pontillisme – 1) Motivo decorativo formado por um conjunto ou série de pontos, indicando nos planos, direcções ou eixos. 2) Maneira de desenhar e de gravar com pequenos pontos e não com o auxílio de sombreados ou de tintas lisas. 3) Na ornamentação de peças de prataria, usa-se o Pontilhado como jogo de fundo. (AA)

PONTO – Ocasião (NAP)

PONTOS – (Pôr-se em pontos com alguém) – Questionar, brigar, teimar com alguém.

PÓO – Areia fina que se lança na escrita para enxugar a tinta.

POBOO – Povo.

PÓOS – Especiarias, adubos, temperos. 1436.

POR – Consentir, outorgar, declarar, dizer. XV.

PÔR – Consentir, ajustar, declarar, dizer, alegar, requerer.

POR COUTADAS – Era quando um proprietário fazia qualquer lavoura, ou plantava alguma vinha, árvore na sua herdade, a qual devia ser guardada e defendida dos gados para qua a não danificassem.

PÔR EM PÉS – Mostrar ser verdade, e ter fundamento o que se conta, diz ou alega. 1279.

POR EN – Por isso.

PORMETER – Prometer.

PORQUINHA – Jogo de rapazes em que se emprega um nó de raiz de giesta. (VB)

PORTAGEM – Imposto de circulação de mercadorias sempre que transitavam pelo reino; Também; Direito bem conhecido. Vide Portadígo. 1213. Também; Imposto de circulação de mercadorias sempre que transitavam pelo reino. (BV). Também; Imposto que recaía sobre a compra e venda das mercadorias. Pagava-se por todas as mercadorias que entrassem no reino ou nos concelhos para aí serem vendidas. O local de cobrança deste imposto era à entrada ou porta das povoações ou locais de passagem obrigatória. (AFONSO).

POR TAL – Para que. XVI.

PORTEIRO – Oficial de Justiça, régio ou municipal. Também; Vide príncipe. Também; Oficial de justiça, régio municipal. (BV). Também; Representante régio que cobrava os direitos e rendas da Coroa. Foral do Outeiro. (MJ)
POR TESTAÇÕENS – Fazer sequestro. XV.
POR TODOS – Ao todo (HS)
PORA – O mesmo que; para. 1276.
PORCALHO – Leitão, porco pequeno. Vide Lanio.
PORCANTO – Adv. Porquanto.
PORCARIÇO – O guarda ou pastor de porcos.; Vide Alfeire.
PORCIMA/PÔR CIMA – Acabar, findar, concluir, pôr fim, termo e remate.
PORCO DE DEZ COVADOS – Era o que valia dez côvados de bragal ou seis alqueires de trigo.
PORCO DE HUM LENÇO – O que valia um bragal, que constava de sete varas.
PORCO DE TREZ CESTEIROS – O mesmo que dez côvados. E daqui se vê que o sesteiro, segundo este censual era de dous alqueires, pois três vezes dous faziam os seis alqueires de trigo que valia o de dez côvados.
PORÉM – Por isto, por este motivo, por esta causa ou razão. XIII ao XV.
PORENDE/POR ENDE – Pelo que., Também; o mesmo que, porém; Também Portanto, porquanto, à vista do que, por esta razão, por isso, por esta causa. 1337.
PORIDADE/PURIDADE – Segredo, assuntos pessoais confidenciais. (NAP)
PORLLAS – O mesmo que pelas ou por -as. 1420.
PORUAL/POR QUAL GUISA SE QUER QUE – Por qualquer maneira que seja. XIV.
PORQUE – Razão, causa, motivo.
PÔRRA – Este nome a que a malícia dos tempos aligou uma ideia pouco decente, e que desterrado da gente cortesã, polida e grave, se ouve tão-somente por entre a escória da população, ocupava algum dia, honradíssimo lugar em o dialecto dos nossos maiores. Não só se tomou por um pau nodoso, forte, grosso e mais pesado na ponta, a que hoje dizemos cacheira ou cacheiro. XIII.
PORRADA – Assim chamaram qualquer guisado, em que entravam alhos porros. Vide porretas. Hoje nas províncias se diz vulgarmente: porrada d'água, de vinho, de leite etc., quando algum líquido ou licor se bebe ou toma em mais que ordinária quantidade. Porrada de leite e de pam com pórros. 1367.
PORRADAS – Pancadas.
PORREGER – Oferecer, apresentar. Vem do latim porrigo. XVI.
PORRETAS – Alhos porros, cujo guisado, caldo ou salada que se chamou na baixa latinidade, porratas ou porrecta. Poirata ou poreta é guisado dos celtas a que os Lusitanos chamaram Beta, mas esta não se come curtida com vinagre. Ver emtruviscada.
PORRINA/PORRÍNA – Porrinha, cachaporra pequena, clava ou maça de hástia curta defesa e proibida.
PORTA ÇARRADA – É o mesmo que camara carrada ou sarrada. Prometer porta ou camara carrada nada mais era que deixar dar ou doar tudo o que se achasse das portas adentro, sem exceptuar cousa alguma por mais rica ou preciosa que fosse, e sem dar partilha a outra pessoa.
PORTA DA TRAIÇÃO – Porta falsa, escusa, que nas praças defensáveis se pratica e cujo particular uso é em tempo de guerra, saindo, recolhendo-se ou fugindo por ela os sitiados vencidos.
PORTA-VOZ - Orator. CIL 354. (CM)

PORTADÍGO/PORTATICO – Portagem, direito real, que se pagava das fazendas e víveres que entravam nas cidades, vilas, julgados ou coutos, que tinham jurisdição sobre si e que ali se vendiam. Não é justo confundirmos a portagem com a passagem. Também; O mesmo que laudémio. 1176.
PORTAGEM – Direito bem conhecido. Vide Portadígo. 1213. Também; Imposto de circulação de mercadorias sempre que transitavam pelo reino. (BV). Também; Imposto que recaía sobre a compra e venda das mercadorias. Pagava-se por todas as mercadorias que entrassem no reino ou nos concelhos para aí serem vendidas. O local de cobrança deste imposto era à entrada ou porta das povoações ou locais de passagem obrigatória. (AFONSO).
PORTALECER – Subir ao cume da montanha no mais alto da portela ou garganta de um monte, donde se descobrem as fraldas da serra; achar-se quase de repente, em alguma parte sem ser esperado.
PORTAR – Levar, conduzir por água a um certo e determinado porto. 1419.
PORTATICO – O mesmo que portádigo. Por ser bem notável o alvará do rei de Leão D. Fernando que se guarda original em Tarouca, do ano de 1179. Depois do monograma que se deu. Ver elucidário.
PORTAZGO – Tributo que se paga à entrada das portagens.
PORTEIRO – Vide príncipe. Também; Oficial de justiça, régio municipal. (BV). Também; Representante régio que cobrava os direitos e rendas da Coroa. Foral do Outeiro. (MJ)
PORTELA – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, e referente á freguesia de Salselas, (também conhecido por monte calvário) – Portela; cotovelo de estrada ou caminho; depressão entre cumes de montanhas; passagem estreita entre montanhas. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Monte Calvário/Portela Tipo de sítio: Necrópole Período: Indeterminado/ Idade Média. CNS: 6118 Localização: Salselas. Descrição: Num pequeno outeiro designado Monte Calvário pode observar-se a sequência de dois acentuados taludes, de funcionalidade indeterminado. Estes taludes circundam na parte superior e a meia encosta um pequeno monte, de pendentes suaves e cujas dimensões são demasiado exíguas para se tratar de um povoado fortificado. Nos anos oitenta foram aqui encontradas algumas ossadas humanas quando se procedia ao revolvimento do solo, e que poderiam integrar a necrópole de uma possível capela ou igreja existente no cume da pequena elevação. À superfície são visíveis grandes quantidades de materiais, apenas se detetaram alguns fragmentos de telha de meia cana, Contíguo ao Monte Calvário, do lado Norte, está a zona do topónimo Portela, actualmente ocupada por um olival, e identificado pela tradição local como o local de implantação de um antigo povoado, mas também aqui não foram detectados materiais que permitissem definir com alguma segurança uma cronologia aproximada para o sítio em questão. Parece, no entanto, provável que o Monte Calvário e o sítio da Portela se tratem de um único sítio, podendo corresponder o Monte Calvário talvez ao local onde se implantou o templo do antigo assentamento, sendo provavelmente um sítio de época medieval. O espaço, no seu conjunto, foi alterado topograficamente devido à separação provocada pela abertura de um estradão público. (TMC)
PORTELLA – Vide Porto.
PORTELO – Portela, porto, entrada por terra, estrada real, caminho público. De sorte que portelo é entrada por terra e lada e entrada por água. Vide Lada e Porto.

PORTO/PORTELLA – Sendo inumeráveis os sítios entre nós se encontram com nomes apelativos de Porto e Portella. V.g. Porto de móz; Porto Cavalleiros; Porto de Carne, Porto do Cepo; Porto do Ourago; Portella das Cabras; Portella de Vico, et., isto já desde o século X, fica lugar a indagarmos que entenderam os nossos maiores por Porto e Portella; com efeito, por esta voz; Porto nada mais significaram que Porta, entrada, garganta do monte ou passagem já do mar ou rio para a terra. Já de uma terra para a outra, atravessando alguma iminência ou cerro que serve como muro ou divisão. Também chamaram Porto não só ao vau de um rio caudaloso, onde se passa em barca, mas também o de qualquer ribeiro onde se passa, ou a pé ou em ponte, sendo da razão do Porto o dar passagem ou entrada. Daqui os Portos secos e os Portos molhados, por onde entram por terra ou por mar. Também; Passagem, Vau (NAP).

PORTO DE GAYA – A cidade do Porto. Em documento de 1153 se nemeia D. Pedro Bispo Porus Gaya. E em outros daquele tempo se acha o mesmo. E isto só bastaria para desvanecer as aéreas conjunturas dos que não aprovam que o nome de Portugal nascesse de Portus-Cale, sonhando não sei, que Porto de Gallos ou Grayos e não reparando que já no concilio Iliberitano se reconheceu este trato de terra com o nome de Portucale de que mudado o "c" em "g" nasceu Portugal. (Ilíberis, Iliberri, Elíberis ou, inicialmente, Ilturir, foi uma cidade ou núcleo populacional de origem ibérica que teve o seu apogeu na época romana e desapareceu antes da criação do Alandalus. A sua localização exata é objeto de debate entre duas hipóteses: Granada ou Medina Elvira, situada cerca de 10 km a sudeste daquela cidade. Concílio de Elvira – Da Wikipédia:

Foi um concílio regional celebrado no início do século IV em Elíberis ou Ilíberis (Elvira), uma antiga cidade da Hispânia romana. As ruínas de Elvira localizam-se próximo à atual Granada. Foi o primeiro concílio celebrado na Hispânia, e foi atendido por 19 bispos de toda a Península Ibérica. A data de realização não é conhecida com certeza, com as estimativas abrangendo desde o ano de 303 até 324. O prelado mais notável a assistir o concílio foi Ósio de Córdova (c. 257-359), uma das mais importantes figuras do Cristianismo da época. Pouco se sabe dos outros bispos presentes no concílio.

Através do documento final do concílio sabe-se o nome de alguns bispos de cidades que actualmente encontram-se em Portugal, como Quinciano de Évora e Vicente de Ossónoba (Faro).

O Concílio produziu um conjunto de 81 cânones (regras) que regulam variados aspectos da vida cristã, como o celibato clerical, o casamento, a idolatria, o batismo, a excomunhão, relacionamento com os judeus, as heresias, etc. Alguns historiadores, porém, creem que alguns dos cânones não são os originais do Concílio, mas que foram adicionados mais tarde.

PORTUGUEZ – Moeda de ouro que começou no reinado de D. João II e D. Manuel mandou lavrar em ouro finíssimo e com o valor de 4$000. Tinham estes portuguezes, de **Reverso**, a cruz da Ordem de Cristo com as letras "In hoc signo vinces; e no **Anverso** o escudo real coroado com as letras: Primus Emanuel R.P.A.C.V.A.D.G. que são os títulos que aquele rei tomou a saber; Rex Portugaliae et Algarbii, citra et ultra Africam Dominus Guinaes; e Senhor do Comercio, conquista e navegação da Ethiopia, Asia, Persia, Índia. Também, Vide Preto. Moeda cunhada no reinado de D. Manuel 1495/1521, moeda do espólio da Associação Terras Quentes.

Anverso Reverso

PORTUGUÊS DE OURO – Moeda cunhada no reinado de D. João III (1521-1557). Moeda pertencente ao espólio da Associação Terras Quentes.

Anverso Reverso

Legenda: Anverso - + IOANES: 3: R: PORTVGA/LE: AL: D: G: C: N: C: ETI: ARBI: // PERSIE INDI (João III Rei de Portugal e Algarves Senhor da Guiné, Conquista Navegação, Comércio, Etiópia, Arábia, Pérsia, Índia) entre cercaduras lisas. Ao centro, o escudo real, com uma coroa muito ornamentada, ladeado pelas marcas monetárias R e I encimadas por três pontos em triângulo e por cartela semicircular com a continuação da legenda titular, interrompida em baixo pelo escudo. **Reverso** – IN HOC SIGNO VINCES I, com este sinal vencerás inscrita em cortelo circular, intercalada par ornatos pontuados, entre cercaduras granuladas, a Cruz da Ordem de Cristo circundada por um fio ornamental.

PORVE SERVIÇO – Pobre serviço.

POSIÇÃO – Postura ou acção de pôr

POSIÇOENS – Nos autos judiciais é o mesmo que artigos, proporiçõens ou provarás, que a parte se oferece a provar, a bem da sua justiça. Vem do latim Positio. XIV e XV.

POSSANÇÃ/PUSANÇA – Possibilidade, forças e orgulho, mas também a posse ou acto de possuir alguma cousa, ou seja, temporal ou do espírito. 1497.

POSSAR – Entrar à posse, apossar-se.

POSSESSÃO – Vide possissão.

POSSISSÃO – Propriedade, Fazenda e também posse da mesma fazenda ou propriedades ou de outra qualquer cousa, civil, física ou moral.

POSTA – Vide pousada.

PÓSTA – Aposentadoria, fabricar, reparar. Vide apostamente.

POSTAR – Compor, fabricar, reparar.

POSTO – Ponto, mira.

POSTREIRO – Último, derradeiro.

POSTURA – Assento, contrato, lei, ordenação; Vide Limpidooem.

POSY – Pretérito do verbo pôr, eu pus. 1273.

POULA – Campo para pasto que se encontra de pousio da cultura habitual. (MC)

POURA – Pura, sincera, simples.

POUSA – Estância, residência, aposentadoria, em que o cobrador dos foros reais devia pousar, estar ou residir e receber todo ou parte do seu mantimento. 1285.
POUSADA – O mesmo que aposentadoria. Vide Albergaria.
POUSADEA – O mesmo que pousadia. Vide treusassom.
POUSADÊA – e Pousada, aposentadoria, residência.
POUSADEIRO – Assentista, o que prepara a pousada ou faz aposentadoria. 1350, Também; Era um dos zagais do rebanho que parece tinha a seu cargo prever o lugar mais cómodo para as ameijoadas; abaixo dele havia outros pastores mais pequenos e d menos soldada. Vide Alfeireiro. Também; Era um dos zagais do rebanho que tinha a seu cargo prever o lugar para o dito. Abaixo dele havia outros pastores mais pequenos e de menos soldada. (CM)
POUSADÍAS – Vide aposentadoria. Das pousadías e comedorías dos fidalgos.
POUSADORIA – Aposentadoria.
POUSADOURO – Lugar que ficava no fim e termo de alguma subida onde naturalmente descansa e depõe o seu peso ou carga o caminhante ou jornaleiro. É usadíssima esta palavra já antes da nossa monarquia. Daqui pousa-foles, pousa-teigas etc. No latim daquele tempo dizia-se pausatorium.
POUSENTADOR – Aposentador, assentista. 1388.
POUSENTAR – Pôr, repor, depor, colocar.
POVOANÇA – Vide. Pobla.
POVORAÇOM – Povoação (NAP)
POVORAR/POVOAR/DESPOVORAR/DESPOVOADO – Povoar, povoado, despovoar, despovoado. 1457. O fim oficial da Idade média dá-se em 1453, com a queda de Constantinopla. Por essa altura a média de vida dos homens era de 28 anos e das mulheres 35. A mortalidade infantil na europa seria entre 20% a 25% das crianças passavam do primeiro ano de vida e 20& a 25% não passavam dos 7 anos. Somente 50% da população passaria dos 50 anos de idade. Somente com o concílio de Trento é que se tornou obrigatório os registos paroquiais. Todavia num balanço possível; em 1500, existiam na europa somente 4 cidades na Europa com mais de 100.000 habitantes; Paris, Nápoles, Veneza e Milão. No ano de 1600 havia 3 cidades com mais de 200.000 habitantes; Nápoles, Paris e Londres. Com mais de 100.00 habitantes neste ano juntaram-se mais nove cidades; Anvers, Sevilha, Roma, Lisboa, Palermo, Messina, Milão, Veneza, Amsterdão as quais 100 anos mais tarde se juntaram, Viena, Madrid e Moscovo. AS CIDADES DE Nápoles, Paris e Londres teriam chegado aos 500.000 habitantes.
POVORADO – Vide Povorar.
POVRAMENTO – Acção de povoar. XV.
POVRAR – Povoar, rotear, cultivar. XIV.
POYAL – Casa com assentos à volta. Também; cercadura de pedra e cal â roda do pé de uma árvore (LV)
POYAR – Subir, trepar, fazer apoio ou escalão de alguma cousa para tomar um posto ou lugar mais eminente.
POYMENTO – Posição, postura, acção de pôr alguma cousa. 1380.
POYO – Na baixa latinidade se disse podium, o monte, outeiro ou colina mais alta e acuminada.
PRAÇA – Dar praça, aceitar o combate, sair a campo.
PRAÇA (IR DE) – Publicamente, às claras.

PRACÉBO/PRACÊBO – Assim chamavam antigamente o officio de defuntos, cuja primeira antífona de véspera principia; *Placebo Domino*. 1298.
PRACEIRAMENTE – Publicamente, à vista de todos., e como na praça.
PRAGA – Chaga perigosa.
PRAGAENS – Chagas incuráveis, semelhante a uzazere ou usagre e que vão roendo as carnes.
PRAGAMYO – Pergaminho. 1297.
PRASMADOS – Censurados.
PRASMAR – Vituperar, arguir, estranhar, criticar, repreender, abominar. Também se escrevia prasmar, no mesmo sentido. Também; Censurarr; Culpar.
PRAS-ME – Subst. Consentimento, beneplácito, despacho, portaria.
PRASMAR – Censurar; Criticar; Culpar.
PRASMO – Nota, mancha, culpa, defeito, censura, vitupério. Também; condenação moral (HS)
PRATICA – Conversação, colóquio.
PRAZENTEIRO – Festivo, engraçado, alegre e que causa prazer e alegria. XV.
PRAZENTIM – Mercadores, prazentins, o mesmo que estrangeiros.
PRAZÍDA – Dobras de Prazída parece serem as que vinham a este reino pelo trafico dos mercadores prazentins; Dobra moeda mourisca de 80 ou 90 réis. Esta moeda d'ouro que mais corria nestes reinos.
PRAZIMENTO – Prazer (NAP)
PRAZIVÉIS – De prazer, de alegria.
PRAZMO – Consentimento, licença, aprovação; o mesmo que prasmo
PRAZO – Vide Emprazamento. Também: Obrigação, qualquer escritura, concerto, ajuste. Vide Plazo; Também; Terra ou casal de novenas ou noveas de novena, ou novea, que paga de nove um. 1561; Também; Qualquer escritura, entre partes, principalmente de avença, composição e vizinhança que também se disse postura.
PRÉ-ROMÂNICO – Designação genérica da arte europeia entre o século IX e o século XI que conjuga elementos da Antiguidade tardia com elementos bárbaros aproximando-se muito do Românico que se lhe segue. (AA)
PREADO – Agarrado, caçado.
PRECARIA – Doação ou antes carta de venda de certos bens de raiz a um lugar pio, com condição "in scriptis" de que o doante ou seus descendentes os ficariam desfrutando por certo tempo pagando uma limitada pensão anual o qual findo, consolidava o direito senhorio de ambos os domínios expirava a precária – Serviços, rogos, jeiras. Também; assim foram chamadas certas cartas de doação de que se conserva um pasmoso número em que os nossos arquivos. Os juristas deram o nome de precário ao que se alcança com rogos e se não possui senão como por empréstimo.
PRECEITO – Instrumento de privilégio.
PRECEPTOR – Antigamente se dava este nome aos mestres das ordens militares, assim aos primários, a que chamam gram-mestres, como aos secundários ou subalternos se diziam mestres… 1229.
PRECISON/PRECISSOM - Procissão
PRECTO – Pleito, litígio, demanda, contenda. 1280.
PRECUDIR – Açoutar, bater, castigar, ferir, desbaratar.
PRÉÉGAR – O mesmo que prégar. 1287.
PREGALLAS – Pregações feitas ao povo.

PRÉGAR – Rogar, pedir, suplicar com grande empenho e eficácia. 1191.
PREGARETAS/PRÉGARETAS – Assim chamaram às religiosas de S. Domingos, que institui a Ordem dos pregadores.
PREGARIAS – Suplicas, preces.
PREGUIÇADEIRA OU PREGUICEIRA – Mesa que se desce do tabuado de um escano. (MC)
PREGUICEIR – A mesa do escano. (VB)
PREGUNTA – Pergunta (NAP)
PREHENDER – Prender (NAP)
PREIA – Presa.
PREITAR – Pagar, pôr, satisfazer com direito e justiça. 1298.
PREITEGAR – Fazer ajuste, pacto ou concerto. É uma das nossas palavras mais antigas.
PREITEJAMENTO – Capitulação, ajuste, concerto. "Que fizesse com os castellãos algum preitejamento que razoado fosse" Crónica D. João I, parte I cap. 158. Também, Acordo (NAP)
PREITEJAR – O mesmo que preitegar.
PREITESIA/PREITEZÍA – Ajuste; Acordo; Pacto. Vide Preitezía.
PREITEZÍA – Que esta nova e grande guerra não se avia de partir por avença e preitezía mas por fero espargimento de sangue. Crónica D. João I.
PREITO – O mesmo que pleito, demanda, contenda. 1288; Também; Ajuste, convenção, contrato, composição de paz e amigável. 1359.
PREITO E HOMENAGEM – Os antigos disseram em latim litigium servitium. Os que faziam este serviço ou este preito e homenagem se chamava ligios e tinham obrigação de servir o seu senhor, não só na guerra, mas também na paz.
PRÊMA – Vexame, angustia, dor, trabalho, pena. XV.
PREMITIMENTO – Permissão, faculdade, licença. 1385.
PREMIZIA – Vide Promissa.
PREPOSITO – Primeiro prelado e como geral em um só mosteiro e todas as suas granjas. Igrejas e residências.
PREPOSTO – Apresentado, proposto.
PREREGALHAS – Súplicas, petições, requerimentos, instâncias. 1287.
PRÉSAR – Vide Presores.
PRESENTAR – Presentear. Ex: lhe presentou hum relógio.
PRESÉPIO – 1) Local onde se recolhe o gado; curral; estrebaria; estábulo. 2) Conjunto de figuras humanas e animais, elementos variáveis esculpidos em barro cozido e policromado, que representa a Natividade. São exemplos os presépio de Machado de Castro. 3) Armação de madeira. Tenda (regionalismo; Minho). (AA)
PRESORES – Deu-se este nome aos que antigamente reconquistavam terras de que os Mouros se haviam apoderado. A este conquistador com mão armada chamavam presar ou fazer presa nos objectos da conquista.
PRESTES COM ELE – O acompanhariam, lhe dariam apoio.
PRES-PROS-PUSTUMEIRO – ou Pestrumeiro, o último.
PRESTAMEIRO – Antigamente se disse prestameiro o que tinha alguns bens da real coroa, consignados para a sua côngrua sustentação ou parte dela. Foral de Bragança 1187. Também; Mordomo ou rendeiro que cobrava os foros e pensões dos aprestamos.
PRESTADOR – Prestável; Útil.
PRESTAMENTO – Vide aprestamo.

PRESTAMO – Vide aprestamo. Também; Préstamo/Pretimónio/apréstamo/atondo; Em préstamo concediam os Reis terras e respectivos rendimentos provenientes das rendas entregas pelos moradores em posse dominal geralmente, a fidalgos. Era uma doação temporária, mas também vitalícia que só terminava com a morte do beneficiário. Normalmente esta doação implicava um agravamento das condições de vida dos moradores, por isso havia um esforço dos concelhos em atingirem a garantia do Rei de que não seriam entregues em préstamo. (AFONSO)
PRESTANÇA – Fazer prestança, amor. Vide fazer amor. 1295.
PRESTARIO – Vide aprestamo.
PRESTE – Sacerdote. É contracção de presbiter.
PRESTEMO – O mesmo que Prestamo.
PRESTES – O mesmo que Preste.
PRESTIMO – O mesmo que Prestimonio.
PRESTIMONIO – Esta palavra se faz hoje inteiramente esclesiástica; é uma porção dos réditos de um benefício que se confere a um eclesiástico ou leigo…
PRESTUMEIRO – Vide pestrumeiro.
PRESURIA/APRESURIA – Conquista ou reivindicação feita com mão armada da qual usaram os nossos maiores quando começaram a tomar por força as terras e possessões de que os Sarracenos haviam despojado a seus avós. 1101. Também; presa d'agua, açude, mota, levada. Vide exudrio. Também; Tomada, conquista – Presa de água, açude, levada. (AM).
PRETO – Perto. Também; Vide dinheiro e real, onde se faz menção de reaes pretos e brancos que parece assim foram chamados já desde o princípio da nossa monarquia. 1290. Também; Real preto cunhado durante o reinado de D. Duarte, em liga de cobre. Distinguia-se do real branco, assim designado pela elevada proporção de estanho na sua liga. Um real branco equivalia a dez reais pretos. (BV)
PRETOR – Alcaide-mor e senhor absoluto das terras que lhe eram cometidas. Tinha inspecção não só no militar, mas também no criminal e civil, se expressamente lhe não era proibido. 1183.
PREVENDA – Prebenda (NAP)
PREYTO – Pacto, acordo. Foral do Outeiro. (MJ)
PRÉZ – Preço ou estimação de alguma cousa; Também; Agilidade, presteza, desembaraço, resolução, capacidade, préstimo.
PREZES – A forma prezes (do latim preces) é mais antiga e popular que preces, que tem carácter literário.
PRHENDA – Saque (NAP)
PRHENDER – Prender (NAP)
PRIGOM DE DEOS – Prisão de Deus. Desta expressão católica usaram os antigos portugueses para dizerem que jaziam prostrados no leito da sua dor e presos com a enfermidade que o sr. Deus fora servido mandar-lhe e de que só pela morte esperavam livrar-se. 1316.
PRIIGO – Perigo (NAP)
PRIMAZ DE ESPANHA – Título conferido ao arcebispo de Toledo, teve em consideração a sua importância histórica. Este título concedia a preeminência sobre os outros bispos.
PRIMARÍÇAS – As primeiras lampreias que se pescavam. Nas inquirições reais se achou que na aldeia de Sever de Pessegueiro do Vouga, tinha a ordem do Spital um casal que

pagava a terça do que matasse no rio, e as primariças que á adar a el Rei e russo e omezio, e merda em boca.
PRIMEIRA FERIA – Domingo.
PRIMEIRO – Antes.
PRIMICERÍO – Segundo a lege VII, tit 6da 1ª partida, tanto quer dizer em latim, como primeiro no choro ou em começar os cantos. E mandar e ordenar aos outros como cantam e andem honestamente nas procissoens. Desde VIII até XII.
PRIMICERIO – O Chantre, o primeiro no coro.
PRINCIPE – De Primum caput, se disse prínceps e príncipe. Aos Imperadores de Roma se começou a dar este honroso título, que depois se estendeu a todos os reis e potentados que não reconhecessem superiores na terra. O primeiro que entre os Portugueses e á imitação dos reis das Astúrias e Leão foi D. Afonso Henriques. 1130.
PRINCIPE DA CURIA – Mordomo-mor. Vide mordomo da curia.
PRINCIPE DE ALGUM TERRITÓRIO, COMARCA OU LUGAR – O mesmo que rico-homem, potestade, maiorino ou tenente. Vide Podestade. 1164.
PRIUL/PRIOLL – Prior. 1278.
PRIOLLADO – Priorado (NAP)
PRISOUEIRO/PRISOEYRO/PRISOEYROS/PRISOEIROS/PRISOUEIROS/PRISOUEYROS – Prisioneiro (NAP)
PRIVIDAS – Particulares, Depois que el-rei mandou nas cortes de Elvas em 1361, que os seus almoxarifes não fazem reguengos das herdades, que a coroa que a coroa chegava a possuir pela satisfação e paga das suas dívidas.
PRIVIDO – Particular que pertence a uma particular pessoa.
PROCURAÇÃO – Vide Colheita. Segundo uma bula de Inocêncio IV de 1254, não deviam os arcebispos de Braga quando visitassem a sua diocese não levar mais que um marco de prata de procuração e colheita.
PROCURADOR – Dizia-se, igualmente do homem e da mulher. XIII. Também; Representante do Rei. Carta de escambo entre Outeiro de Muas, Gostei e Castanheira. (MJ)
PROE – Utilidade, conveniência, proveito.
PROEIRO/PLOEIRO – Arrais, homem prático em governar as embarcações, dirigindo a proa com segurança e destreza ao lugar destinado.
PROCURATORIO – Livro dos procuradores. XV.
PROFEITAMENTO – Interesse, utilidade, proveito. 1295.
PROFEITANÇA – Proveito. 1295.
PROFEITO – Proveito. 1285.
PROFESSOR DO ENSINO - Ludi magistri. In lege vipase 5181. (CM)
PROFISSÕES MEDIEVAIS – Do Regimento das Procissões de Évora, 1480, (citado em Marques, pp 137/138) retirámos os mesteres existentes em Portugal entre os séculos XII e XV; Apresentação das profissões de forma hierarquizada e escalonada: 1) Ourives; Picheleiros. 2)Tosadores, Cirieiros; 3) Carpinteiros, Serradores, Pedreiros, Taipadores, Calçadores, Caeiros, Cabouqueiros. 4) Oleiros, Telheiros e Tijoleiros. 5) Ataqueiros e Safoeiros. 6) Correeiros, D'argueiros e Sirgueiros. 7) Tecelões, penteadores de lã, e Cardadores. 8) Homens de Armas – Barbeiros, Ferreiros, (nesta profissão Ferreiros havia os ajudantes exp: Os sergentes que malhavam o ferro; O foleiro que tangia o fole, o ganha-dinheiros o moço que acarretava o ferro a lenha e o carvão para a loja, a água para arrefecer o metal) Ferradores, Armeiros, Cuteleiros, Seleiros, Bainheiros, Esteeiros

e latoeiros. 9) Besteiros e Espingardeiros. 10)Alfaiates. 11) Sapateiros, Surradores, Curtidores e Odreiros. 12) Carreteiros, Estalajadeiros. 13) Almocreves. 14) Fruteiras, regateiras e vendedeiras. 15) Padeiras. 16) Pescadeiras. 17) Hortelãos e pomareiros. 18) Carniceiros e enxerqueiros. Estavam fora desta listagem algumas profissões importantes a saber: Tanoeiros, Cordoeiros, Calafates, Caldeireiros, Peleteiros, Sapateiros (dentro desta profissão existiam uma série de subdivisões; Sapateiros especializados no fabrico de Borzeguins, sapatos propriamente ditos, Chapins, socos, botas etc. Lavadeiras de roupa, assoldadados que faziam serviço de estivadores, limpadores das ruas, descarregadores de imundices etc., mulheres ajudantes de vários ofícios, trapeiros, jornaleiros do meio rural, mercadores de linho, mercadores de seda, marceiros, fanqueiros, boticários, notários (tabeliães das notas), físicos, escrivães, Lentes, juizes, desembargadores, corregedores, juizes dos feitos cíveis e crimes, ouvidores, procuradores, escrivães régios, meirinhos, pregoeiros, contadores, porteiros, mordomos, almoxarifes, carcereiros, Funcionalismo dos concelhos – Juizes, vereadores, almotacés, procuradores alcaides-pequenos; - Administração e exército, Alcaides-mores, adais, coudéis, monteiros, camareiros, vedores da fazenda, moços da câmara, moços da capela, moços da estribeira e monte, reposteiros, besteiros das Câmara, homens de armaria, moços da fazenda e contos, homens da copa, mantearia, vearia, reposte, cozinha. (BD)

PROHE – O mesmo que Proe.

PROL-FAÇA – Termo, com que antigamente, se davam os parabéns de alguma felicidade ou ventura.

PROL/PROLL – Utilidade; Proveito; Conveniência.

PROLLEGO – Prólogo (NAP)

PROLUXIDADE – Prolixidade, redundância.

PROMESSA – Certa pensão arbitrária, que o colono ou enfiteuta prometia dar ao mordomo se este a favorecesse.

PROMETEMENTO/PROMETIMENTO – Promessa de fazer alguma cousa. 1402.

PROMICIA/PROMISA – Vide Promissa.

PROMITIMENTO – Promessa.

PROMISSA – Assim escreviam o que nós hoje dizemos primícia, que com o dízimo se paga à Igreja. Segundo o costume e respectivas constituições de cada bispado. 1306.

PROMOVEDOR – Promotor que aplica, zela e procura o cumprimento da justiça nos auditórios eclesiásticos. 1352.

PROPIO - Próprio

PROPOEDOR – O que propõe ou expõe; Também, Aquele que propõe ou expõe; procurador.

PROPOSTO – Exposto, anunciado.

PROPRIOS – Assim chamavam certas rendas dos direitos reais no Algarve.

PROSTIMEIRA – Fim, remate, última sorte desta vida mortal.

PROSTUMEIRO – Vide Prestumeiro.

PROUGE – (e o Meestre vendo-os assi todos armados, nom lhe prouge em seu coraçom – Isto é; Nhão lhe agradou intimamente.

PROUGUE – “Aqueles a eu progue de o fazer” – Prouve; agradou. Aprouve, Aprouvesse

PROUGUER – Agradar; Ter por bem., ser contente, agradar-se de alguma coisa.

PROL – Favor.

PROPOEDOR – Aquele que propõe ou expõe; procurador.

PRÓXIMO, PROXIMIDADE – No antigo sentido de “caridoso, piedoso, bemfazejo”
PROVA – Purgação canónica ou vulgar. Vide ferros. Esta devia fazer o que estava indicado de algum crime.
PROVAR – procurar.
PROVE – Pobre (metátese).
PROVEER – Consultar.
PROVENÇA – Província, região, clima, diocese. XIV. Também O mesmo que providência.
PROVEMCIA – Província.
PROVENDA – Em um documento de Grijó que contém os direitos do mordomo-mor da terra de Gaia. Chamariam provenda ao lugar ao lugar, tempo ou acção em que o navio está á carga ou provendo-se de mantimentos ou reparando-se e compondo-se do que lhe é preciso e necessário.
PROVEZA – Pobreza, falta, míngua, indigência, lazeira. Todos os moradores da Piconha são obrigados a pagar ao fim de cada mês ao alcaide, que estiver no seu castelo, um pão centeio, dos que cada um igualmente fez para sua casa. 1515.
PROVICAR – Publicar.
PROVICO/PRÓVICO – Público, claro, manifesto à vista de todos.
PROVINCIA – Antigamente se tomou por um território, distrito de uma cidade ou vila notável, julgado, concelho, correição; Também; No século XV se deu o nome de província a qualquer ermida, oratório, capela ou recolhimento e hospício religioso, em que vivia algum ou alguns homens, ou mulheres, o que faziam votos de profissão. Também; Ermida. (LV)
PROVINCO – Vide Pervinco; Também; Parentela, linhagem, geração. 1285.
PROVISO – Palavra de impropério. O mesmo que mofino, perverso, maldito, destinado para o inferno.
PRUVICO – Público, notório, sabido. Vide Prol-Faça.
PSALTEIRO GALEGO – Livro pequeno ou manual que continha os psalmos (salmos) de David. (BD)
PUBREGO – Público. XIII a XVI.
PUÇAL – É antiquíssima em Espanha esta voz puçal ou poçal por certa medida de vinho. Desde o século X se acha, em os nossos documentos bem assim como o quinal que constava sempre de cinco puçaes. O quinal de 25 almudes (que é a pipa regular) e o puçal de cinco almudes, como se vê no foral de Sernancelhe.
PÚCARO – Alcatruz de folha, em certos engenhos de tirar água.
PUCILGÃO – Grande pocilga, curral de porcos e outros animais, feito de sebes estacadas ou paredes. 1687.
PUDADEYRA – Podão, cutelo de podar as videiras.
PUDADUYRA – Podadura, dia da poda, jeira que estava no serviço de podar as vinhas. XIII.
PUERIS e GRAMATICAIS – Estudos menores ou preparativos.
PUGNAR – Castigar. Do latim punio.
PULGAMINHO – Pergaminho. 1324.
PULGECO, A/PÚLGECO/PULVEGO – Público, pública. 1340.; Também; patente, manifesto.
PULO – Larva de abelha. No concelho de Moncorvo dizem que “o pulo é verde quando as larvas estão apenas nascidas e maduro quando as larvas estão a transformar-se em chrysalidas”. (LV)

PULPO – Polvo (peixe)
PULVIGO – O mesmo que Pulvego. 1310.
PUNAR /PUNHAR – Fazer todo o esforço e toda a boa diligência para concluir alguma cousa.
PUNGIMENTO – Compunção, pesar, dor e sentimento das ofensas e culpas que contra o bom Deus cometeram. XIV.
PUNGIR – Penetrar, afligir, picar, mover, incitar.
PUNHAL DE ANTENAS – Fragmento de punhal de antenas, século XII/XIV, origem desconhecida.

Punhal de antenas, espólio da Associação Terras Quentes

PUNHAR – Vide Punar.
PUNHETE – Actual vila de Constância. (HS)
PUPLICHO – Publico.
PURGAMINHO - Pergaminho
PURGAMILHEIRO – Homem, cujo ofício e ocupação é compor ou vender pergaminhos. XV.
PURIDADE – Segredo íntimo de alguma pessoa, principalmente real. Escrivão da puridade era antigamente o ofício de apurar papeis da casa real e correspondia ao que em tempos romanos chamavam conde dos notários.
PURITANO - diz-se de ou membro de uma seita de presbiterianos rigoristas que desejavam praticar um cristianismo mais puro, muitos dos quais, após as perseguições do séc. XVII, emigraram para a América do Norte; que ou quem demonstra uma escrupulosa pureza moral, um austero e rígido respeito pelos princípios e zela pelos costumes; rigorista; que ou aquele que é rígido nos costumes, especialmente quanto ao comportamento sexual, não admitindo qualquer liberalidade nessa área, inclusive na maneira de vestir-se, de comportar-se, proibindo bailes, espetáculos eróticos ou mesmo o cinema e a televisão normais; austero, rígido, moralista; que ou aquele que tem a preocupação da pureza linguística; purista. (DH).
PURVICA FORMA – Pública-forma.
PUSANÇA – Vide Pestrumeiro.
PUTTO – Cupido, pequeno génio ou anjinho, por vezes sem asas, representado na pintura estuque e outras artes decorativas do século XVI ao século XVIII. (AA)
PUZAL – O mesmo que Puçal. XII e XIII.
PYAM/PIOM – Peão (NAP)

Q

Q – Não se usava dele como sinal em a música dos antigos, por não se poder separar do "u".
QAER – Vide Quaer
QAMPA/QAMPAA/QAMPAM/QUAMPA/QUAMPAA/QUAMPÃA/QUAMPAM – Com toda esta variedade, se acha escrita esta palavra que significa um pequeno sino e, propriamente uma campainha
QAMPA DE ALÇAR – A campainha que se tingia à elevação da hóstia.
QAMPA DE COMMUNGAR – A campainha que se tocava, quando ia o Santíssimo aos enfermos.
QAMPA DE SOTELHA – A campainha que estava dentro da igreja ou sacristia.
QUABRAÇA – Cabeço, colina, cabeça, monte levantado, supereminente e a cavaleiro da campina.1278.
QUADRA – Sala de forma quadrangular. Aposento.
QUADRAÇAL – O granito quando na pedreira. (VB)
QUADRANTE – Mostrador do relógio (de sol).
QUADRAR – Pertencer.
QUADRATOS – Vide regaço.
QUADRELA – Seta/virote de quatro faces que se atirava com a besta.

Virote pertencente ao espólio da Associação Terras Quentes

QUADRELAS – Lanço de muralha.
QUADRELLA – Quadrilha, vintena. Sendo alguns vizinhos da Torre de Moncorvo obrigados para ajudarem a fazer os muros da dita vila, e alimpar a carcova dela.1366. Também; Por casal.
QUADRELLA DO MURO – Repartição ou certo espaço de muro, cuja vigia e defensa estava cometida a determinada gente na ocasião da guerra. 1379.
QUADRAÇO – Reg. Trás-os-Montes; granito. (DH).
QUADRIGA - carro de duas rodas puxado por quatro cavalos emparelhados [Usado especialmente em competições esportivas, na Antiguidade.]; conjunto de quatro cavalos. (DH).
QUADRIGATO - moeda romana que tinha cunhada uma quadriga. (DH).
QUADRILHA – Pano de muralha compreendida entre duas torres numa fortaleza. (AA)
QUADRILHAS – "E *Ordenhou o Meestre, com as gentes da cidade que fosse repartida a guarda dos muros pelos fidalgos e cidadãos honrados; aos quaies derom certas quadrilhas*"; Quadrelas, lanços de muralha onde se postavam os vigias.
QUADRILHEIRO – Oficial municipal de justiça, encarregado do policiamento da vila. Era nomeado pelo concelho, geralmente por um período de três anos. (BV)
QUAEES/QUEJANDAS – Seendo sobrello certificado ao senhor rei quaees e quejandas som, Ell tornará a ello. 1434; Quer dizer; Quaes e de que natureza e em um número são. Vide Quejandas.
QUAER/QAER – Cair, incorrer, ficar sujeito ou responsável. 1289.
QUAES/QUEJANDAS – Quais e tais.
QUARELARIA /QUAIRELLA – Vide Coirella.
QUAIRA – Vide Cayra.

QUAIRELARÍA – Vide Coirella.
QUAIRELEIRO – Vide Coireleiro.
QUAIRELLA – Vide Coirella.
QUAL - Como
QUAMANHO – Qual, quanto, quão grande; Quamanho quinhom; qual quinhão. 1277.
QUAMPA/QUAMPAA/QUAMPÃA/QUAMPAM – Vide Qampa.
QUANTO DE – Um pouco de. (HS). Também; Um tanto (ANP)
QUARAMOLLOS – O mesmo que hoje dizemos, Carámos, mosteiro bem notável, que foi da congregação da Santa Cruz de Cónegos Regantes, entre a vila de Amarante e Pombeiro. 1493.
QUAREIRA – O mesmo que carreira ou caminho, que não admite mais que um carro. Vide Cuabeça.
QUARIZIL – O mesmo que Corazil.
QUARIZILL – Vide Corazil; onde se notou que esta pensão variava quanto à sua grandeza e peso e não era uniforme em todos os lugares da monarquia. 1163. "*Per a festa de Sam Migell cada hum deles dem a mim huum pam de dous alqueires e hum capom e por o Natal huum quarizill de porco, ou galinha que o valha, ou três dinheiros*.".
QUARTA – A quarta parte de um alqueire (mais ou menos 3,75 litros). (VB)
QUARTÃA – Febre – a que repete de 4 em 4 dias. (RB)
QUARTA DE PAM – Assim chamam hoje a quarta parte de um alqueire, mas não é esta a quarta que, nos antigos forais se encontra. Neles a quarta era com respeito ao moio e ao quarteiro do moio; sendo o moio de sessenta e quatro alqueires a sua quarta era o que dizem quarteiro, ou a sua quarta parte.
QUARTA DE VINHO – Esta medida com que hoje se mede a quarta parte de um almude, constante de doze canadas, seguiu antigamente mesma ordem que a quarta do pam a respeito do moio. 1269.
QUARTANO/QUARTEIRA/QUARTEIRÃO – É a quarta parte do quarteiro, o qual é a quarta parte do moio. E assim uma vez concluído de quantos alqueires é o moio, sabemos nós de quantos consta o quarteiro. E sabendo nós de quantos consta o quarteiro igualmente sabemos quantos é o quartano, pois é a quarta parte do quarteiro. V.g., sendo o moio sessenta e quatro alqueires é o quarteiro de dezasseis e o quartano de quatro.
QUARTAO/QUARTÃO – O mesmo que quartau, cavalo cheio e corpulento, mas pouco comprido. Também; Medida de líquidos que leva 3 canadas ou a quarta parte de um almude. (RB)
QUARTEIRO – O colono ou enfiteuta, arrendatário ou caseiro, que vive e trabalha em terras de que não tem o direito senhorio e das quais paga quartas ou quarteiros de pão e vinho ou de algum destes géneros. Vide Conducteeiro e Conductereiro... Também; Cousa paga aos quartéis ou em diferentes tempos, assim como eram diversas em espécie as pensões, que se pagavam. 1269.Também; Uma vez concluído e averiguado de quantas teigas ou alqueires é o moio, fica manifesto de quantos consta o quarteiro, que é a quarta parte do moio, assim como o sesteiro era a sexta parte. Também; Quarta parte do Moyo. (BV)
QUARTEIROENS – Nas inquirições régias de 1288 se achou na freguesia de Santa Maria de Freande, julgado de Baião que o hospital tinha ali oito casaes, pagando ende os quarteiroens que som dezoito dinheiros. 1311.

QUARTEL - 1) Edifício para alojamento de soldados, cujo nome deriva de antigamente ser construído com quatro faces e um pátio central (a parada). 2) Habitação (Extremadura). (AA)
QUARTILHAR – Dar quatro ou mais cortes nas azeitonas, talhar, cortelhar. (VB)
QUARTO DE AZEITE – São vinte e seis cântaros em uns almoxarifados, em outros vinte e cinco. Há variedades de quartos de um almude até meia pipa (que é propriamente a quarta parte dela).
QUARTO DE CRUZADO – Moeda d'ouro do tamanho de um vintém em prata e com o valor de 100 réis. Lavrou-a D. Manuel, e a trazia na bolsa em grandes quantidades para dar esmola aos pobres.
QUARTO DE VINHO – É uma canada, segundo o foral da Vila do Castinheiro de 1514.
QUARTOLA – Meia Pipa.
QUARTORIO – Parece ser o mesmo que quartário. No foral que o Mosteiro de Maceiradão deu aos povoadores da sua granja de Figueiredo de Seia em 1204.
QUASA – Casa. 1421.
QUASAL – Casal. 1421.
QUATRO VINTENS – Moeda de prata que lavrou D. João III e também Filipe I de Portugal. Tem de uma parte a coroa e, debaixo dela o nome do rei e mais abaixo o número LXXX. O Sr D. António, intitulando-se Rei de Portugal fez lavrar moeda de prata de 80 réis, porém de menos peso que a antiga. Tinha de uma parte o escudo do reino com coroa cerrada e estas letras na orla A.I.D.G.R. Portug. Et Algarb; no reverso tinha espada de Santiago em figura de cruz com as letras In hoc signo vinces. Lavrou também moeda de cobre com valor de quatro réis e com os mesmos cunhos.
QUAYRA – Vide Cayra.
QUEBRA-COSTAS – (antigo) Escada muito ingreme. Por extensão, calçada, rua íngreme (exemplo Beco do Quebra-costas, por detrás da Sé de Lisboa). (ASA)
QUEBRADA – Enseada, qualquer recôncavo ou corte que o mar faz pela terra dentro e onde podem jazer alguns navios de mais ou menos toneladas. 1389; Também; Propriedade ou terra pequena, insignificante casal. Também; Soldada de pão, que constava de dous pães por dia. Também; O nome de quebrada só convinha às terras ladeirosas e penduradas sobre os profundos vales sobre os rios ou sobre o mar, cujas águas ora as engoliam ora as areavam e enchiam de lodo. Nas margens do Douro chamam a estas pequenas terras e pouco firmas, caboucos. Na província do Minho chama quebradas.1418.
QUBRANTADO – Desanimado (ANP)
QUEBRAR – Cobrar, reivindicar, adquirir, alcançar, abater, diminuir.
QUEBRAR A MOEDA – Vide moeda, Também se dizia apagar a moeda, quando de novo se fundia ou fabricava.
QUE'CA – Uma peça de vestidura antiga de mulher. (BD)
QUEENDAS – O primeiro dia de cada mês. 1266.
QUÉNDAS/QUEENDAS – Calendas o primeiro dia de cada mês. Comemoração que se fazia por algum defunto ou defuntos no primeiro de cada mês. Vide Caendas.
QUEGENDAS – "Por estonce entendeo quegendas" – Quais, de que natureza.
QUELHA – Calha ou cano de uma tábua no fundo e duas levantadas perpendicularmente nas bordas e paralelas para levar água à roda do moinho para levar o grão à mó. (RB)
QUEJENDAS – Tal qual.
QUEIMAMENTO – Queimadura e abrasamento. XIV.

QUEIMAR O SANGUE A ALGUÉM – Irritá-lo, exasperá-lo.
QUEIXO – Queijo. 1312.
QUEIXUME – Indignação, queixa, demostração rigorosa da sua pouca satisfação pela desobediência ou fraco serviço de alguém. 1279. Também; Querela judicial, queixa que se faz perante o juiz que deve ser assinada pela parte que a der e pelo mesmo juiz que a não deve tomar sem conhecer muito bem o quereloso ou as testemunhas que ele oferece para provar o delito de que faz queixa. Hoje dizem créla e crelar. No foral de Tomar de 1174 se diz; Se alguém se queixar em concelho d'álgua cousa; peró que o mordomo nom filhe aquel queixume fezer disser ao mordomo: Dou a ty este queixume por voz. Documento de Tomat traduzido do latim nos princípios do século XIV.
QUEJANDAS – Vide Quaees.
QUEJANDO – Qual, assim como, da mesma sorte, modo e maneira que.
QUEJENDAS/QUEIJANDO – Foi muito usada esta frase: Tal, e queijando para dizerem "tal e qual." 1335.
QUENTURA/QUEENTURA/QUÊTURA - Febre
QUEQUER – Tudo o que. 1288.
QUER – O mesmo que ou. XIV. Vide tremedal. – como quer que; ainda que; embora.
QUERA – Queira. 1305.
QUERRÂO – Forma Arcaica de quererão; idem para Terreis, em relação a Tereis. (HS)
QUERELAVOM – Se queixavam.
QUERENÇOSO – Amoroso, afável, benévolo, apaixonado por alguma cousa.
QUERENTE – Que quer, tem vontade e desejo, e mesmo faz diligência para conseguir o que deseja, o que livremente e sem contradição alguma quer e está pronto para fazer ou cumprir alguma cousa. 1343.
QUERENTE PAZ – O que se porta como pacato e pacífico o que faz por quebrantar o contrato ou ajuste e que não litiga nem inquieta a outra parte. 1312.
QUERIMA – Vide querimónia.
QUERÍMA – Queixa, querela ou apelação do Juiz inferior para o superior ou para o soberano.
QUERIMONIA – Queixa ou querela ou crela que do juiz inferior se interpõe para o superior ou para o soberano. Em muitos forais se faz referência destas querelas. 1254.
QUESTA – Acção de pedir esmola, peditório, peditório e exercício de questor que pede e ajunta as esmolas com que os fiéis favorecem alguma cousa pia.
QUETO – Jogo similar à apanhada. (VB)
QUIAIRA – O mesmo que Quaira
QUIAÍRA – O mesmo que Cayra.
QUIBLA – Direcção para a qual todos os muçulmanos se voltam à imitação do profecta para orar a Alá. Originalmente era Jerusalém, mas em 624 Maomé mudou-se para a Pedra Negra na Kaaba, em Meca. Por extensão, parede da Quibla indicada nas mesquitas, usualmente com um ou mais Mihrabs. (AA)
QUIÇAES – O mesmo que quiçá.
QUIJANDAS – Vide Quejendas.
QUIJANDO – Vide Quejendas.
QUILATE – Quirat (PA); A semente da alfarroba do peso de quatro grãos. É o nome do peso que exprime os grãos da perfeição e pureza do ouro, dos diamantes etc.
QUINAL – Sabendo hoje que é o número de cinco puçaes que são vinte e cinco almudes. Vide Puçal.

QUINAL DE VINHO – Já desde ao princípios desta monarquia constava de vinte e cinco almudes. Também se acha quinal, sinónimo de Puçal.
QUINDENIO – Certa quantia de dinheiro que de quinze em quinze anos se pagava a Roma das igrejas anexas aos conventos dos religiosos. Também; Porção que cada 15 anos se paga ao Papa de Igrejas anexas. A Universidade paga quindénio das rendas eclesiásticas a ele anexa. (RB).
QUINHENTOS RÉIS – Moeda deste nome e valor que correu neste reino. 1558.
QUINHOEIRO – O que tem parte ou quinhão em alguma cousa. 1436. Também; Participante em.
QUINTAA/QUINTAÃES/QUINTÃAS – Quinta.
QUINTA – Medida assim chamada que levava outro tanto mais que a medida pequena. 1295.
QUINTA-ESSÊNCIA - em Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), o elemento etéreo que compõe as esferas celestes, distinto em sua quase imaterialidade das quatro propriedades naturais (terra, água, fogo e ar) que constituem os corpos densos no mundo sublunar; éter; na alquimia renascentista, especialmente em Paracelso (1493-1541), elemento de caráter puro, dominante e essencial, extraível das substâncias que compõem os seres vivos ou minerais, e buscado em função de seus poderes curativos e miraculosos. (DH).
QUINTÂA/QUINTANA – Vide quintãa
QUINTAL – Quentar (PA); Peso de cento e vinte arráteis. No Oriente e Africa há duas qualidades de quintaes; um de 120 arráteis a que chamam grande e outro pequeno de cem arráteis. Deriva-se do verbo de 4 letras “cantara” ajuntar muito dinheiro, acumular ou amontoar riqueza. Os Africanos de Marrocos dão a este nome a significação de centenário, seja em cousas de peso ou em número, assim quando querem dizer cem ducados, dizem um quintal de dinheiro.
QUINTANA – Vide quintãa.
QUINTO – Vide terço e quinto.
QUIRA – O mesmo que Quaira.
QUIRATE/QUIRÁTE – Quilate; *“Huuma cruz d’ouro de XXIV quirates”.*
QUIRICA – Frigideira; (J. Leite de Vasconcelos, opúsculos, vol. VI p.143) (VB)
QUISERA – “…e o Meestre quisera” – Quereria.
QUISESSE – Quereria.
QUITAMENTO – Quitação, escrito ou bilhete por onde consta a satisfação de dívida ou qualquer outra obrigação. 1298.
QUITANÇA – Quitação, recibo, paga, descarga. E também quita ou perdão.
QUITAR – Abater, perdoar, demitir. 1436. Também; Dar por cumprido, levantar a responsabilidade (HS)
QUITE -Livre, desembaraçado
QUITEMENTE – Livremente, sem embaraço, dúvida ou contenda. 1351.
QUITY – Livre, desembaraçado, solto. 1402.
QUOMA – o mesmo que quomo.
QUOMO – Como, tanto, da mesma sorte. 1291.
QUOQUO/ QUÓ-QUÓ – Vide pí-pi.
QUORENTA – Quarenta – (NAP)

R

R – Na música dos antigos, denotava rectidão e firmeza da voz.
RABALHA/RABHALVA/RRABALVA/RABEHABRA – No século XIV, corria, na cidade do Porto a medida de líquidos e sólidos, ou quarta Rabalva, que tomou o nome da freguesia de Ramalde, donde era própria. Era alguma cousa mais pequena que a quarta nova que na cidade se usava antes que ela fosse ali admitida, não obstante que, algumas vezes, se mandaram igualar estas medidas.
RÁBÃO/RABOM – Rábano, Hortaliça vulgar que é uma espécie de raízes brancas sucosas; Cavalo que tem o rabo cortado. Também; RABÃO – Nome que os freixanistas dão a todos aqueles que não são naturais da vila. (VB); Também; Raba, variedade de Rábano. (VB)
RABÁS – Arrebatador, ladrão, o que leva por força e arrebata. Do latim Loupo rapax.
RABECA – Rababa (PA); voz corrupta, Instrumento musical de cordas e arco. Vide. Arrabil. Também; instrumento medieval precursor do violino, de três ou quatro cordas, o corpo em forma de pera, usada pelos menestréis para acompanhar o canto e a dança; rebeque; a partir do fim do séc. XVI (até o início do séc. XX, em Portugal), designação do *violino* moderno; tipo de violino rudimentar, de timbre mais baixo que este, com quatro cordas de tripa afinadas, por quintas, em sol-ré-lá-mi, utilizado em diversas manifestações folclóricas, de São Paulo até o Sul (danças de roda adultas, ternos-de-reis, folias-do-divino, moçambiques, congadas e danças-de-são-Gonçalo); rebeca. (DH).
RABEHABRA – Vide Rabalha.
RABEL/REBEL/RABIL/ARRABIL – Vide Arrabil.
RABETA – Rapariga esperta; o mesmo que sirigaita. (VB)
RABHALVA – Vide Rabalha.
RABBI – Rabbi (PA); (voz Hebraica, Rabbi Senhor). É um dos títulos que os judeus davam aos doutores da Lei Moisaica.
RABI – Mestre da lei entre os judeus
RABIADO MOR – Vide Arabiado e Arabi.
REBIASCO – Reg. Trás-os-Montes, Mesmo que Bordado. (DH)
REBIASSACOS – Reg. Trás-os-Montes, Trejeitos faciais; momices. (DH).
RABIAVEL – Em uns instrumentos de partilhas de 1359, lemos esta verba; "*Humas Dagrataees em linguaigem e huum rabiavel, quinto e huum seisto todo em pergaminho e huum quinto e huum seitimo en papel.*" E seria este rabiavel alguma pratica criminal ou alfarrábio, por onde os rábulas e advogados, daquele tempo, se governavam no seu ofício, que era mais de razões vãs que de sólidas razões.
RABIÇA – O rabo do arado onde o lavrador pega para lavrar.
RABICÃO – Cavalo que tem cerdas brancas no cabo.
RÁBIDA – Ermida, mosteiro.
RABIFORCADO – Que tem o rabo farpado ou dividido da feição de uma tesoura aberta. (RB)
RABIL – Vide Rabel.
RABIQUE – Rauique (PA); O "b" trocado por "u". O enfeite do rosto, assim chamam na Beira aos enfeites que as mulheres põem no rosto. Deriva-se do verbo "rauaca" enfeitar o rosto, ornar, para parecer bonito, branco.
RABITA – Colher de deitar sopa nos pratos, concha. Obs: Guilherme Augusto Simões grafa rábida e rábita. (VB)
RABOLARIA/RABOLARÍA – Palanfrório, palavrada, trovoada de vozes, sem substância alguma de razão e fundamento.

RABONA – Enxada de cabo curto. (VB)
RABUDOS – Já conta alguns séculos o prejuízo louco com que o vulgo português chama aos Castelhanos "Rabudos" como nascessem com um grande e vergonhoso rabo. Mas não há de admirar nisto, pois todas as nações confinantes entre quem houve guerras, ódios, invejas, etc., se costumavam reciprocamente injuriar com anexins e apodos. E se os portugueses chamavam rabudos aos espanhóis, estes os tratavam de Judios. Século XIV Os Portugueses eram apelidados de Chamorros pelos Espanhóis.
RABUGEM – Sarna que dá nos cães. Mau humor. (RB).
RAÇA – Raiça (PA); Princípio, origem
RAÇAM – Hoje se toma por porção que cada um dá para o seu sustento e usos da vida em uma comunidade, colégio, família, navio, exército etc., Também; Porção ou côngrua que se dava aos beneficiados e ministros da Igreja. Também; Assim chamavam nos séculos X, Xi e XII à parte, sorte ou quinhão da herança, que a cada um dos naturaes ou herdeiros cabia nas igrejas, mosteiros, ermidas, oratórios ou outros lugares pios, como hospitais, albergarias etc.,
RADAR – Ou rodar a vinha, o mesmo que redar ou redrar, isto é, dar-lhe segunda cava. E com esta cava se dirige a chegar a terra ao pé das videiras para as defender do sol, por isso lhe chamaram redrar e redra
RAFECE – O mesmo que refece.
REGIATE - relativo aos regiates, povo da Gália cispadana, território que pertenceu ao Império Romano, na Itália setentrional, ou indivíduo desse povo. (DH).
RAGURA/RAGÚRA – Vide rancoura.
RAIZ – O mesmo que bens de raiz. 1330.
RAIZ (DE) – Desde os fundamentos
RAIZES – O mesmo que raiz*; Leixo todos os meus bens, movis e raízes*.
RALLAN – O mesmo que real, moeda. XIV.
RAMADA/RAMATA – Pescaria, que se fazia com ramos, lançando grandes cópias deles nos mais profundos poços para que o peixe subindo das lapas e raízes se acolhesse a eles.
RAMADAN – Ramadan (PA); Nome do nono mês arábico em que os Mohammetanos jejuam. É uma espécie de Quaresma. Eles não comem nem bebem em todo este mês desde o romper da aurora até ao sol-posto, mas como comem e bebem toda a noite, só se lhes faz sensível a falta de água. Quando o dito mês cai no verão, como acontece muitas vezes, porque sendo os meses lunares tem os seus anos menos onze dias do que os nosso e por isso, o tal mês vai correndo por todas as estações do ano.
RAMIRO – No idioma gótico, quer dizer: Príncipe que aconselha, ou bem aconselhado.
RANCHA – Comer à rancha, comer em grupo do mesmo prato. (VB)
RANCOROSO – Vide rancoroso.
RANCURA – Querela ou queixa judicialmente e contra alguém, dado perante o Juiz. Vide queixume. No foral de Tomar de 1174.Também; o mesmo que rancoura.
RANCURAR-SE – Queixar-se perante o juiz de alguma violência, injuria ou afronta que se lhe ou a cousa e pessoa da sua obrigação. 1292.
RANCUROSO – O homem ou mulher que querela de alguém e que na presença do juiz, manifesta e quer provar o crime alheio e procura a satisfação e vingança da sua própria injuria ou que, como tal, se considera. O lesado, queixoso, ofendido, agravado. Nada mais frequente nos forais antigos.
RANCURUSU – Vide rancoroso.

RANHADOIRO – Pau para espalhar uniformemente as brasas do forno; vassoira do forno. (VB)
RANHOADA – Fressura. 1316.
RAPÃO – O mesmo que caruma, folhas secas de pinheiro. (LV)
RAPAZIA – Dano, vicio, brecha, detrimento, que o peso da terra, v.g. podia fazer em um edifício aludindo às travessuras dos rapazes.
RASA ANTIGA – No livro primeiro de Vários Prazos do Convento da Serra se acha um de Tarouquela de 1576 com pensão de 26 alqueires de trigo, medido pela medida rasa. E sendo caso que não haja medida de rasa antiga e não se poder medir por ela.
RASCADURA – Cicatriz, arranhadura.
RASCAM – Escudeiro, pajem, moço grave de acompanhar na casa dos grandes.
RASCAR – Dar vozes, clamar sobre alguém, gritar aqui d'el-rei contra ele. Vide cabelo e caritel.
RASCOA/RASCÔA – Criada grave, aia de senhoras.
RASO – Humilde, pobre, abatido, despojado dos bens de fortuna, sem distinção e nobreza. Também; Medida ou alqueire que, segundo o censual dos votos do Porto, leva três quartas do alqueire corrente, menos de meio celamim.
REUCHILINIANO - diz-se do sistema de pronunciar o grego clássico que Johannes Reuchlin (1455-1522) introduziu, e que se assemelha à pronúncia do grego moderno
Obs.: p.opos a *erasmiano* ('relativo à pronúncia do grego antigo'). (DH).
RAUDÃO/ROUDÂO/RODÁNO – Cor-de-rosa. Vide Cavallo de roudão.
RAUSADOR/ROUSADOR/ROUÇOM – Como este oprobrioso título se notava e já desde o VIII século o que roubava filhas alheias da sua honestidade, para abusar com violência e oprimia contra a sua livre vontade. Vide Rauso em o sínodo Compostelano de 1114.
RAUSAR /RAUXAR/ROUSAR/ROIXAR – Forçar mulher, corrompê-la por força, fazer-lhe violência, gozar dela contra a sua vontade, furtá-la de casa de seus pais ou parentes com o dano fim de abusar da sua honestidade. Vide Homiseiro e Rancuroso e Omizeiro. Do latim rapere se disse rausar.
RAUSO/RAUXO/ROSSE/ROXO/ROUSO/ROUSSO/ROUXO – Assim chamaram não só ao rouba de alguma filha da casa dos seus pais, curadores ou parentes e que violentamente é conduzida de um lugar a outro à vontade e disposição do roubador lascivo, mas também à violência que se fazia a qualquer mulher, ou fosse solteira ou casada ou viúva, que sem ser furtada era violentamente e contra a sua vontade ofendida. 997.. Concilio de Coiança do meio do século XI; Também se tomou (RAUSSO) pela multa condenação ou pena que as leis impunham ao forçador da mulher.
RAUTO – Em êxtase. XVI
RAUXAR – Vide Rausar.
RAUXO – Vide Rauso.
RAVALDE – Arrabalde (ANP)
RAVINHOSO – Rabugento, mau de contentar.
RAY'A/RAYA – Rainha
RAYAAEES – O mesmo que reaes de mais ou menos ceitis. 1339.
RAYAES – Reais de mais ou menos ceitis.
RAYAL DE OURO – Valia três livras (libras) das antigas. 1335.
RAYVA – Infâmia, aleive, nota, labéu.
RAZ – Cabeça, cabeceira.

RAZA E SERRÃO – Propriedade de raza e serrão se dizem aquelas terras, das quais se paga foro um ano sim um ano não.
RAZÃO MAGOADA – Podem-me com razão magoada repetir os que executarão tão estranho cometimento.
RAZOADO – Exposto. Expor as razões (NAP)
RAZOAR – Referir, contar, reproduzir, relatar alguma cousa. Razoadas todas por miúdo, contadas todas singularmente, sobre si, com distinção e por miúdo. Também; Argumentação. (NAP)
RAZÕES (O SEU BOM GASALHAMENTO E DOCES) – Bom acolhimento e conversação amável.
REAL – Moeda de ouro, prata e cobre. O real d'Ouro é dos princípios deste reino assim como a mealha de ouro. E dizem que este nome por nele se achar o real escudo das armas portuguesas. O real de prata foi lavrado por D. João I, mas cada vez com menor peso. Também; O mesmo que exército ou arraial em que está o rei ou o general ou a bandeira e o estandarte real.
REAL (500) QUINHENTOS – Moeda em Ouro mandada cunhar por D. Henrique (1578/1580). Moeda pertencente ao espólio da Associação Terras Quentes.

Anverso Reverso

Legenda: -Anverso + HENRIQVS: I: D: G: REX: PORTV I – Henrique I Rei de Portugal orlado por cercadura granulado. Ao centro, o escudo real coroado, tendo coroa fechada com um arco. Reverso: - + IN: HOC: SIGNO: VINCES (Com este sinal vencerás) orlado por cercadura granulado. Ao centro, a cruz da Ordem de Cristo solta em campo liso.
REAL BRANCO – Ou real de prata. Vale um vintém. Também; Real branco de 10 reis. É o real que hoje temos o qual consta de seis ceitis. E como dez reais pretos ou pequenos faziam os ditos 6 ceitis de que conta o real branco, era frequente o dizer-se tantos ou quantos reais brancos de 10 réis cada real. 1427.Também; o houve que valia 10 reis e mesmo real branco 35 libras. 1427.
REAL BRANCO, BOLHÃO – Moeda cunhada no reinado de D. João I (1385/1433), Espólio da Associação Terras Quentes.

Anverso Reverso

Legenda: Anverso - + ADIVTORVM * NOSTRUM * QVI // FECIT * CELVM * ETER (**O nosso auxílio vem do Senhor que fez o céu e a terra**) em duas coroas de círculo concêntricos, entre cercaduras pontuadas. Ao centro, o monograma real Y coroado, tendo à esquerda a marca monetária L.
Reverso. - + IHNS x DEI x GRA x REX x POR x ET x AL (**João pela graça de Deus Rei de Portugal e Algarve**) entre cercaduras pontuadas. Ao centro, as quinas em cruz dentro de epicicloide duplo tetralobado de recorte gótico, cantonado de trifólios
REAL (COBRE) – Moeda cunhada no reinado de D. Manuel I (1495-1521). Moeda pertencente ao espólio da Associação Terras Quentes.

Anverso Reverso

Legenda: **Anverso** - +EMANVEL: P: R: P. ET. A: DNS: GVIINEE: (Manuel primeiro rei de Portugal e Algarves Senhor da Guiné) entre cercaduras lisas. Ao centro, limitado por cercadura liso o monograma R coroado, ladeado pela marca monetária P e de uma estrala, tendo por baixo um anelete ladeado de pontos. **Reverso** – EMANVEL: P: R: P: ET: DNS: GVINEE: (Manuel Primeiro rei de Portugal e Algarves Senhor da Guiné) entre cercaduras lisas. Ao centro limitado por cercadura liso, as quinas soltas em cruz.
REAL DE TOSTÕENS – Vide abbarrada. Cada real destes (que eram de prata) valia 40 réis e assim 20 reis de tostões erão 800 réis porque cada um destes reais se chamavam tostão.
REAL PORTUGUÊS DOBRADO; Moeda em prata cunhada no reinado de D. João III (1521-1557). Moeda pertencente ao espólio da Associação Terras Quentes.

Reverso

Legenda: Anverso – REX PORTVGA/LE ALG, Rei de Portugal e Algarve; entre cercaduras peroladas. Ao centro, a sigla real coroada e intercalado por trifólia cantonada de pontos tendo por baixo a marquilha LXXX- Reverso: - IN; HOC; SIGNO; VINC. (Com este sinal venceres! Entre cercaduras peroladas de pontos grossos e encimada por três pontos.
REAL E MEIO – Moeda do rei D. Sebastião; valia nove ceitis.
REAL FILATÓRIO DE CHACIM – O Real Filatório de Chacim, localiza-se na freguesia de Chacim, Concelho de Macedo de Cavaleiros. O Real Filatório esteve em pleno funcionamento pelo menos até ao ano de 1801, data em que estaria a funcionar apenas

com cerca de metade das fornalhas, encontrando-se em estado de decadência tornando-se inativo em 1808 (Mascarenhas e Maia, 2003).
Existem ainda referências relativas ao ano de 1813, que apontam para a perduração da produção do casulo e da seda em rama ou torcida nas instalações do Real Filatório (*idem*).
No ano de 1866, o Real Filatório é vendido, por decreto publicado no "Diário de Lisboa", ao que parece já em estado de derrocada, como refere Fradesco da Silveira ao escrever sobre o edifício no ano de 1869, já sem telhado, restando apenas as quatro paredes (*idem*).
O Real Filatório de Chacim foi alvo de uma intervenção arqueológica, no ano de 1997, da responsabilidade da Dra. Teresa Maia e da Dra. Ana Mascarenhas. Esta intervenção incidiu principalmente sobre a área central do edifício, tendo deixado a descoberto inúmeros vestígios estruturais, arquitetónicos e arqueológicos. Registaram-se ainda duas paredes interiores, visíveis ao nível do rés-do-chão, uma a Este (no texto é, de forma errónea, mencionada como estando a Norte) e outra a Oeste (no texto referida como Sul). Esta segunda foi interpretada como posterior à utilização da estrutura como fábrica da seda, isto é, mais recente que os restantes vestígios estruturais do edifício, talvez relacionados com a adaptação deste a outras funções, já anteriormente referidas (Maia, Mascarenhas, 2003).
Também no ano de 2006 houve uma Intervenção no Real Filatório de Chacim efectuada pelos técnicos da Associação Terras Quentes, Lúcia Miguel, João Tereso e Helena Barranhão, no mês de Setembro do ano de 2006, teve como objectivo o salvamento pelo registo dos níveis arqueológicos cuja afetação estava prevista pelo plano das obras de restauro e preparação para aproveitamento turístico deste monumento. Este implicava o nivelamento do solo para a colocação de passadiços que facilitassem a visita ao local.
Detetaram-se, de igual modo, diversos "canais de escoamento de águas" (*idem*), bem como uma estrutura de pedra na qual assentaria o moinho piemontês. A partir destas evidências as autoras colocam uma possibilidade de localização de uma roda hidráulica que faria funcionar o mecanismo. Esta deveria estar colocada imediatamente abaixo do moinho (*idem*).
Durante as escavações realizadas no mesmo âmbito, foi ainda identificado um poço junto à parede Sul, talvez relacionado com trabalhos de tinturaria (*idem*).

Aspecto da intervenção realizada pelos técnico da Associação Terras Quentes no ano de 2006 no Real Filatório

REÁME – Reino, governo do reino.
REBEL – Vide rabel.
REBENTINA – Ira, furor, raiva, cólera, desesperação. 1191.

REBENTINHA – O mesmo que rebentina
REBOLARIA – Enfeites, ornatos, viciosos.
REBOLARÍA – Pompa viciosa, ornato escandaloso. XV.
REBOLICIO – Rebuliço.
REBOLLO/REPOLLO – Feixe, molho ou braçada de lenha.
REBORA/REBORAÇÃO – Donativo de pouco valor, mas que dava toda a firmeza e validade às doações, compras e geralmente a todas as escritura que eram em utilidade da parte que o fazia – Idade de rebora; anos de puberdade, quando outra cousa se não declarava.
RABORA/RÓBORA/RÉVORA/RRÉVORA/REVORAÇÃO – Com toda esta variedade se acha escrita esta palavra. Por ela se entendia o presente, luvas, saguate, donativo, ofrecção, ou mimo que além do preço se dava nas compras e vendas, trocas, escambos e também nas doações a costumava dar o donatário ao doante.; Também; Idade capaz da razão, tempo de um pupilo sair da tutoria e de se governar por si mesmo, adquiridas já aquelas forças e luzes que são indispensáveis para dirigir com sagacidade e prudência as suas acções.; Também; Confirmação, outorga. 1240.; Também Rébora ou Révora comprida. Quando outra cousa se não declara, é o tempo da puberdade que, nas fêmeas é aos 12 anos e nos varões aos 14 anos.
REBORAÇÃO – Ver Rébora.
REBORAR/RREVORAR/ROBORAR – Firmar de novo, confirmar comum instrumento público o que já se tinha dito, feito ou pactuado por escritura particular ou só de palavra.
REBUSNAR – Zurar. (RB)
RECA-AMADOR – Vide roca-amador.
RECABDAR/RECABEDAR – Ainda que o geral significado de recabdar seja receber alguma cousa, como vindo de recaptaré ou recaudare que, na ínfima latinidade se tomaram por cobrar e ter a bom recatdo os dinheiros ou rendas que se havia recebido. XII.
RECABDO – Recebimento solene em face da igreja e com todas as solenidades que os direitos prescrevem e determinam. Nos forais antigos também se chama mulher das bênçãos, para da que as não tinha e que privadamente e só em oculto se havia recebido. No foral de Tomar de 1174 se diz; *Mando que cada huum filhe sa molher, que aia recabedada ou filha sua que ainda non foy casada, hu quer que a achar sem coomha.* Vide Malado.
RECABEDAR – Vide Recbdar.
RECABEDO/RECABÊDO – O mesmo que recabdo, é frequente no século XII; Também; Recibo, escrita, bilhete ou quitação, pela qual se declara ter-se recebido alguma soma de que o devedor fica desobrigado.
RECABITO/RECABÍTO – O mesmo que recabdo. XII.
RECADEIRA – Reprimenda, ralho. Trás-os-Montes. (LV)
RECADO – Recato, guarda, tino, Juízo.
REÇAGA – Assim diziam antigamente ao que nós hoje dizemos retaguarda de um exército, batalhão ou armada.
RECAMADOR – Vide Roca-amador.
RECAPITO/RECAPÍTO – Recado, que se manda por algum mensageiro. Ainda hoje é usado dos italianos no mesmo significado. XI. Também recado que se manda por alguém.
RECCORREIÇÃO/RECURRIÇÂO/RECORRICIO/RECURRENTIA – O mesmo que parochia ou freguesia a que também chamava. Colallação. 1165.

RECEANÇA – Susto, medo, receio, temor. 1352.
RECEBEDO – Recibo, ressalva ou quitação. 1246.
RECEBEDOR DA ALFÂNDEGA - Funcionário alfandegário que tinha por missão cobrar e receber todos os impostos. (Viterbo – 1444). (CM)
RECEBIDO – Casado. A cerimónia de casamento consistia em cada um dos nubentes pronunciar perante o outro as palavras de presente em que declarava recebê-lo como marido ou como mulher.
RECEBIMENTO – Quarto, sala, aposento. 1540.
RECEBONDO – Digno de ser recebido.
RECENDER – Descender.
RECENTAL – Cordeiro de 3 ou 4 meses. Annojo. (RB)
RECEOSO – Que causa temor e receio, digno de temer-se.
RECHANO – Uma pequena planície no meio de uma portela ou viso. 1501.
RECLUSOS – Ou inclusos. Monges e eremitas que havendo-se separado do mundo, se encerravam em uma pequena cela, fazendo tapar a porta de pedra e cal ou barro ficando só uma pequena fresta por onde recebiam algum pouco e grosseiro alimento, e ali choravam, até o fim da sua vida, os seus pecados e os de todo o mundo. Alguns se encerravam por certo e limitado tempo. Estas celas dos reclusos não somente viram até o século VII no Oriente assim de homens como de mulheres, mas também se praticou no Ocidente, pois no VII Concílio de Toledo de 616 se determina que não haja tantos monges reclusos e tantas eremitãs, mas que se atenda muito às partes e qualidades dos que houveram de tomar essa vida.
REÇOAR – Livrar do cativeiro, resgatar. 1278.
REÇOAR-SE – Pagar a ração dos frutos que cada qual deve pagar das terras que pagam ração deles. 1515.
REÇOENS – Resgates, livramentos de cativeiro. É contração de Redempçoens ou redemptiones. Também; Razão, razoamentos, discursos. 1324.
RECOLHO – Hospício, assento ou morada, onde alguém vive ou se recolhe.
RECOMPENSAÇÃO – Recompensa.
RECONECER -Reconhecer. 1301.
RECONHECENÇA – O mesmo que reconhecimento, memória, agradecimento, lembrança de algum favor ou benefício, recebido.
RECONQUISTA – Período que vai do ano 722 (lendária batalha de Covadonga) a 1492 (tomada de Granada) durante o qual os cristãos “retomam” o território da Península aos Muçulmanos.
RECONTAMENTO – Relação, narração, exposição circunstanciada de qualquer cousa. 1464.
RECORRICIO – Vide Recorreição.
RECOVA – Rocoba (PA); Comitiva de homens a cavalo e o mesmo que Califa.
RECOVEIRO – Recobe (PA); Tiradas as letras formativas, eiro, fica recobe, o “b” mudado em “u”. Significa Almocreve, arrieiro que guia as bestas de carga. Deriva-se do verbo “raceaba” dar cavalgadura ou besta para montar.
RECRECER – Sobreviver, acontecer inesperadamente, suceder.
RECRIAÇÃO – Recreio.
RECROBAR – Plantar, cultivar, refazer, aproveitar.
RECTIDÃO/RECTIDOENS – Assim chamaram a tudo o que por direito eram pertenças de uma herdade ou casal. 1146.

RECTIDOENS – Vide Rectidão.
RECTOR – Reitor. 1418.
RECUDAR – Recusar, negar-se à petição de alguém. XVI.
RECUDIR/RECUDYR – Sair, vir a ser para o futuro. 1380. Também; Tornar a acudir, voltar para alguma parte.
RECUPERAR-SE – Refazer-se.
RECURÇÃO – Limite, termo, freguesia, território. Vide reccorreição.
RECURENCIA/RECURRENTIA/RECURRIÇÃO – Reccorrerição ou recurrição; Freguesia, paróquia.
REDAR – Vide Radar.
REDDITO – Renda, Os redditos da Província; lucro do dinheiro; usura. (RB)
REDEIRO – Espécie de rede ou armadilha.
REDEMPÇÂO – As esmolas que se davam para redimir os cativos.
REDENHO – Entende Pinto (Dr. João Pinto Ribeiro) esta palavra à túnica ou rede do coração; nós dizemos o que cobre os intestinos. (Viterbo)
REDERAR – Vide radar.1378; Dez homens para redar no mês de Maio.
REDIMIMENTO – Redenção, resgate, satisfação. 1287.
REDIZIMA – Pertence à Igreja do Porto a redízima da dízima que pertence à coroa em todas as cousas que entram pela foz e vão à alfandega.
REDONDAL/REDONDEL – Vestido. Ver pragmática de D. Afonso IV.
REDONDELO – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, situado na freguesia de Vale da Porca. – m. de redondela; rodazinha; rodela; roda pequena; redondel. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Redondel. Tipo de sítio: Monumento megalítico. Período; Neocalcolítico. CNS: 17285. Localização: Vale da Porca.
Descrição: Monumento megalítico de pequenas dimensões, situado nas proximidades do santuário de santo Ambrósio, para Norte, junto a uma pequena linha de água subsidiária da ribeira de Salselas. O local onde se implanta a mamoa é cultivado com cereais, o que constitui um importante factor para acelerar a sua degradação.
Objecto de acções de vandalismo, o monumento apresenta uma grande cratera de violação que parece ter provocado a destruição da sua estrutura. No entanto, e apesar de não ser visível qualquer vestígio pétreo, nota-se a estruturação do seu corredor.
– No âmbito do projecto de investigação arqueológica “Terras Quentes” este arqueosítio foi intervencionado entre 25 de Agosto e 12 de Setembro de 2003, tendo-se obtido os seguintes resultados: Confirmou-se a existência do monumento megalítico, sendo digno de nota como resultado preliminar o aparecimento na periferia da mamoa, no lado Este de uma grande concentração de olaria, com evidente associação de fragmentos de vários recipientes cerâmicos. A sua análise configura uma situação de reutilização tardia provavelmente da Idade do Bronze. (TMC)
REDOUÇA – Corda suspensa das duas pontas, fazendo um seio no meio, onde se senta alguém para se embalançar. (RB).
REDOUÇAR-SE – Balançar-se na redouça. (RB)
REFACIMENTO/REFAZIMENTO - Fabrica, conserto, reparos. Também; Se tomou por compensação e satisfação que se dava ao que nas partilhas ou qualquer contrato, ficava lesado, diminuto ou mal servido.
REFALSADO – Não sincero, de coração falso, atraiçoado. (RB)

REFECE – Vide Arfece; Também se chamou refece a uma moeda baixa de metal e valor. Também; Baixa, indigna. Do Árabe Rahiç. "F.L. Mesquinha e refece" Miserável.
REFEM – Rahan (PA); Penhor.
REFENAS – Reféns.
REFEREDIÇO/REFEREDOR/REFERTEIRO – O que se arrepende de ter dado alguma cousa ou que referta, lançando em rosto o bem, que tinha feito.
REFEREDOR – Vide referediço.
REFERTA – Porfia de palavras, repugnância, contenda. 1450.
REFERTADAMENTE – Com repugnância, renitência de má vontade.
REFERTAR – Disputar, arguir, repugnar, porfiar, contender com palavras. Também; Impugnar, não querer, pôr demanda, defender, contrariar, impedir.
REFERTEIRA – Assim chamam ainda hoje em algumas partes, à que é desdenhosa e esquiva.
REFERTEIRAMENTE – O mesmo que refertadamente.
REFERTEIRO – Chamavam antigamente ao que se não convencia da razão, teimoso, pertinaz.
REFERTO – Embaraço, contenda, repugnância ou contradição de obras ou palavras. 1350.
REFÊRTO – Embaraço, contenda de obras ou palavras.
REFERTORIO – Refeitório, casa onde os religiosos se ajuntam para tomar as refeições corporais. E também se chama refertorio a mesma refeição que ali se tomava. XIV.
REFIÃO – O que publicamente tem manceba na mancebia pera a emparar e defender por o guainho elícito que della leva…
REFOSSETE – De fortificação, pequeno fosso de quatro toezes de largo, que de ordinários se faz no meio do fosso seco até que se tape com água: estorva mais a passagem do inimigo. (RB).
REFRESCAMENTO – Refresco, refrescada, refrigério, acepipe, mimo, sobremesa.
REFRETAR/RREFRETAR – O mesmo que refertar, contender, promover e procurar a decisão última das causas, segundo o verdadeiro espírito das leis. 1352.
REFUSAIS – recusais.
REGA – Instituto, regra.
REGAÇO – Assim chamavam àqueles pedaços ou tiras de seda ou de outra droga, que se cosiam por diante e por detrás das alvas, de que se usa no sacrifício do altar. E porque estes pedaços eram quadrados lhe chamaram quadratos.
REGAENDO – Vide Regaengo. 1133.
REGAENGO – Com este nome se distinguiu desde os reis das Astúrias até ao presente, toda aquela terra que fazia parte do património real. Passando à coroa ou por direito de guerra, confiscação, herança, escambo, etc., ficava tendo o nome de reguengo como cousa afecta ao real trono. E os que nela povoavam e residiam ficavam responsáveis das jugadas e outros foros, em que pelo seu foral, carta de povoação ou prazo se haviam comprometido.1200.
REGALENGO – Vide regaengo; Também Reguengo. Não só tomaram estas vozes para designar as terras ou lugares, que eram do património real, como por inumeráveis documentos se poderia mostrar, mas também se empregaram para explicar os foros direitos ou regalias que em qualquer território, cidade ou couto, pertenciam à coroa.
REGALINDO – O mesmo que reguengo.
REGARDAR – Voltar os olhos, olhar para trás.

REGATÃO – O que compra por grosso para vender por miúdo. (RB)
REGEDENTE – O que reside, assiste, mora ou está de assento em alguma parte. 1356.
REGEDOR – Governador. Chefiar, dirigir (NAP)
REGEITO – Troço de pau arrojadiço; Trocho.
REGER – Manter, sustentar, prestar alimentos, assim na saúde, como na enfermidade. Uma senhora chamada queixa-perra, doou a Lorvão muitos bens em Abrantes no ano de 1176. Também; dirigir "uus com varas nas mãos pera reger os jogos.
REGIÃO -Os antigos dividiam as províncias em regiões, estas em lugar, estes em territórios e estes em campos.
REGIMENTO – "Quando o Meestre outorgou desta guisa de teer cuidado e regimento" Governo, direcção. (NAP)
REGINAL – Original, exemplar de escritura, feito pelo mesmo notário ou escrivão e dado a uma das partes que nela figuram como contratantes e interessadas, firmando com selos ou sinais, segundo os lugares, tempos e costumes.
REGISTIR - Resistir
REGNO – Reino.
REGRA – No século IX e X se deu o nome de regra a um mosteiro, porque nele se vivia regularmente, guardando a regra e instituto de um santo patriarca ou a regra dos santos Padres de S. Feliz. Também; Linha escrita que vai de uma a outra margem de uma lauda ou coluna. (BV)
REGUADEIRO – Arrecadador, recebedor, oficial da arrecadação de alguns direitos reais. 1385.
REGUANTE – Regrante, falando-se dos cónegos regrantes, e que vivem nos mosteiros e em comum.
REGUARDA – Retaguarda. Também; Era o que hoje dizemos retaguarda que é o ´último esquadrão na batalha. Nela costumavam pôr os soldados de quem se fazia menos confidência.
REGUEIFEIRAS – Amassadeiras, mulheres que, antigamente se ocupavam em amassar e cozer o pão para a casa e família real. Estas e as pessoas de outros semelhantes ofícios, não tinham esposoiros, isto é, casamento ou ajuda de custo para casar.
REGUENGO – Vide regaengo, Nenhuma mão morta pode ter bens em reguengo, ainda que pague o devido foro, por ser contra o direito comum e particular deste reino segundo o que se acordou entre o rei D. João I e a clerezia nas cortes de santarém em 1427. Também; se deu o nome de reguengo às propriedades, que os monarcas portugueses deram aos concelhos, quando lhes deram forais, com obrigação de certa pensão à coroa.; Também; Propriedades que sendo algum dia da coroa, hoje sáo dos concelhos a quem os reis as deram com certas pensão, segundo os respectivos forais. 1278. Também; Território pertencente à coroa. (BV)
REIGADO – O mesmo que arreigado
REIMBRAR – Lembrar. Daqui reimbrança, recordação, lembrança.
REINO – O estado de um Rei ou Soberano. O estado que teve Rei particular e se anexou ao estado de um soberano. (RB)
REITOR – Juiz, arbitro.
REIVAS – Chamam alguns reivas o modo de Salmear das Freiras. (RB)
RELAÇOM – (Casa de) Casa da Câmara, dar audiência, fazer justiça às partes.
RELANPADO – Aliviado, abolido, relaxado, relevado, extinto.

RELEGADO – Aliviado, preso, unido, aferrado. 1434.Também; Vinho relegado o que se vende no relêgo. Vide relego.
RELEGAGEM – Certa pensão ou foro, que se pagava do vinho, que se vendia por algum particular no tempo que durava o relego; era de dez até quinze soldos por tonel. 1361.
RELEGO – Parece ser contração ou abreviatura de regalengo, Também; Relevo, obra que se levanta na matéria, em que fica lavrada. Também; Tributo pago ao rei pela venda do vinho. (HS)
RELÊGO – Direito com que o soberano ou seu donatário vende os vinhos dos seus reguengos em certos meses ou dias, nos quais, se não pode vender, impunemente, outro qualquer. Lagar; adega ou celeiro em que se faz ou recolhe o vinho e outros frutos do reguengo – relevo, figura que sobressai do plano.
RELEGUEIRO – O que cobra as rendas de relêgo.
RELEMBRAR – Trazer à memória.
RELEU – Acréscimo, resto, sobejo. Vem do latim reliquum.
RELHA – A relha do arado, o ferro que abre a terra. (RB)
RELHAS – Relhas dos carros, tabuas que atravessam por dentro da madeira o meão e as cáibas das rodas.
RELHINQUIMENTO – Demissão renúncia, deixação.
RELHÍNQUIR – Deixar, demitir, abrir mão de alguma cousa. 1339.
RELHINQUIMENTO – Demissão, renúncia, deixação.
RELHO – O fecho ou fivelão com que antigamente, se apertavam os preciosos cintos das senhoras portuguesas. O serem de figura triangular e quase de feição das relhas, que ainda hoje na província do Minho estão em uso, deu o nome a este ornamento de cinto ou faixa peitoral.
RÊLHO – Cinto matronal e precioso ou melhor, o fivelão com que ele se apertava e que regularmente era de ouro com pedraria. 1287.
RELÍGAS – O mesmo que relíquias dos santos.1287.
RELINQUIR – Deixar, abrir mão, demitir. 1291.
RELIQUIAS – Ainda que os gentios chamaram relíquias a todo o corpo defunto, os cristãos deram este nome não só a um corpo inteiro de algum santo, mas ainda a todo e quaisquer despojos da humanidade daqueles que não duvida a Igreja Santa reinaram com cristo como eram cinzas, ossos, vestidos, ou qualquer partícula deles e mesmo todas as cousas inanimadas que imediatamente, tocaram os seus corpos ou foram instrumentos do seu martírio e aspergidas com o seu precioso sangue. Este culto relativo e que verdadeiramente se dirige a Deus que é maravilhoso nos seus santos, principiou com a igreja e no concilio de Niceia em 787.
RELIQUIMENTO – Vide relhiquimento.
RELLEMBRANÇA – Lembrança, recordação, memória. 1482.
RELÓGIO – Os mais antigos relógios são a clepsidra ou o relógio de água, a ampulheta ou o relógio de areia, o quadrante solar. Os relógios mecânicos de rodas dentadas e de pessoa só aparecem na Idade média. Em 1657 o físico holandês adaptou aos relógios o pêndulo que funciona como regulador. (AA)
REM – Absolutamente nada, cousa nenhuma. Esta era a significação deste vocábulo nos documentos do século XII, XIII e XIV. À imitação do rien que ainda hoje usam os Franceses.
REMANESCER – Ficar, restar. 1312.
REMASSAR – O mesmo que remaescer.

REMELENTO – Remeloso.
REMIMENTO/RIMIMENTO: Remissão, resgate, perdão. 1286.
REMIR – Libertar (HS). Também; Comprar o que estava em cativeiro, ou em poder do inimigo. Resgatar o que estava empenhado ou vendido com pacto de retro. (RB)
REMOELA/REMOÉLA – Acinte, pirraça, desfeita.
REMOUCHA – Assim se chama sardinha salgada em Formariz. (LV)
REMOVIMENTO – Traspasso, trasfega, passagem. 1359.
RENASCIMENTO – Designação dada ao renascer da arte e cultura clássicas na Itália dos séculos XV e XVI particularmente em Florença e Roma. (AA)
RENDA TALHADA – O mesmo que renda certa e determinada. 1301.
RENDAR – Pagar rendas e pensões. XII, XIII e XIV.
RENDEIRO -O que traz herdade alheia e a lavra ou usa dela pagando ao dono certa cousa ou renda. Rendeiro do Verde o que traz a renda das coimas em que incorrem senhores dos gados daninhos. (RB).
RENDEIRO DA ALFÂNDEGA - Funcionário alfandegário a quem competia fiscalizar as mercadorias que os mercadores portugueses levavam do reino. (Viterbo – 1459). (CM)
RENDEIRO DO VERDE – Em latim, se diz; conductor multarum agrestium; É propriamente o que arrenda as coimas que se impõe aos que danificam as searas, hortas, palmares, soutos, olivais etc., que são ou podem ser cobertos de verdura. O homem que costuma acompanhá-lo no seu ofício, se chama jurado.
RENDER – Pagar. 1323.
RENDIÇAM - O mesmo que redenção ou resgate.
RENEMBRANÇA – Vide Rellembrança. Também Repetida, lembrança.
RENEMBRAR – Trazer à memória, lembrar, recordar.
RENGA – Fiada, corrente, fileira, carreira.
RENGUE – Em rengue; em fileira.
RENHUÇAR – O mesmo que renunçar. 1299
RENOVOS – Não só chamaram renovos ou novos aos frutos em própria espécie; também se deu este nome à pensão anual de um prazo, ainda que fosse estipulada a dinheiro. 1344.
RENÓVOS – Frutos em própria espécie ou em dinheiro.
RENUNÇAR – Renunciar, largar, demitir de si. 1337.
REPAIRAMENTO – "Os muros todos da cidade nom aviam mingua de boõ repairamento" - Fortificação, obras de defesa.
REPAS – Cabelos raros da cabeça, ou barba pouco povoada. (RB)
REPEÇAR – Remendar com pano da mesma ou diferente peça.
REPEENDIMENTO – Satisfação, paga, recompensa. 1348.
REPENDIMENTO – Satisfação, paga, recompensa.
REPINTES – Partes de um quadro sobre as quais se aplicaram novas cores para o restaurar, ou porque foram pintadas em época posterior à conclusão da obra. (aa)
REPOLLO – Vide Rebollo.
REPOSITARIO MÓR – Vide reposteiro.
REPOSTE – O mesmo que reposito e também as peças e alfaias que nele se guardavam.
REPOSTEIRO/REPOSITARIO-MÓR – Este é um dos grandes ofícios da real casa portuguesa que hoje anda na dos marqueses de castelo melhor. As suas obrigações são notórias. Os seus privilégios constam da ordenação do reino. Também; Entre os monges era o mesmo que vestiário. 1409. Também; O mesmo que tesoureiro.

REPREHENDIMENTO – Repreensão.
REPRENDOIRO – Repreensível, digno de repreensão. *"Não podemos dizer cousa que eles julguem reprendoira"* Crónica D. João I.
REPTE – Vide reto.
REPTO – Vide Reto.
REPUNHAR – Repugnar
REQUEIXADA – Acanhada, estreita, oprimida e também despovoada.
REQUEIXARÍA – O que pertence a queijos e lacticínios.
REQUEIXEIRO – Confeiteiro, pasteleiro, oficial de empadas, doces, queijadas ou gulodices.
REQUESTA – Peleja, bulha, refrega, desafio, contenda. Vem de requestar no mesmo sentido. Também; Pretensão.
REQUESTAVA – Desafiava.
REQUISIR – Rogar, pedir, solicitar com instância. 1353. Vem do Latim requiro.
RESÀBIAR(-SE) /RESÁBIADO – Segundo Morais; Besta ressabiada é o animal que tem manha, espantadiço. Cavalo que dá mostra de indomável.
RESAIU – Rossio. 1203.
RESAUDAR – Corresponder a uma saudação.
RESCAMBHO/RESCAMBO – Permutação. Escambo, troca. 1479.
RESENTE/REZENTE - Recente
RESGATE DOS ALTARES – Era certa e determinada pensão, que os mosteiros pagavam aos bispos todas as vezes que aos monges se davam ou doavam algumas igrejas paroquiais (que então se chamavam altares) e principalmente quando eram doadas por pessoas seculares.
RESMA – Rasma (PA); Resma de papel. Deriva-se do verbo "razama", arrumar, apertando, coligir, ajuntar muitas folhas em um só corpo, arrumar, ordenar sucessivamente.
RESPANÇADO – Pergaminho – o que se prepara para nele se escrever e fazer iluminações. (RB).
RESPIGADEIRA – Mulher que recolhe as espigas que remanescem da cega. (RB)
RESPINGO – Coice da besta que respinga, recalcitrar. (RB)
RESPLANDIMENTO – Esplendor, lustre.
RESPONDENCIA – Correspondência, satisfação dos benefícios recebidos.
RESPONDEO – "Que logo nom respondeo" – Respondesse.
RESPONSOM – Contribuição, subsídio, cota, talha, finta, rédito, censo, foro, conhecença, pensão certa, tributo e toda a qualidade de desembolso, que por obrigação se faz. E com que o vassalo, enfiteuta ou colono responde ao soberano. Ou direito senhorio. Também; Resposta.
RESSADA – O mesmo que ressa = Reste-a de sol; calor excessivo. (LV)
RESSTIDO /RRESSTIDO – Resistido, contrariado, rebatido. 1442.
RESTE – Riste, Peça da armadura onde o cavaleiro justador encostava o couto da lança para encontrar o adversário. Um reste de cebola de alhos. (RB)
RESTELLAR – Restellar linho, tirar-lhe a estopa por meio de restello
RESTELLO – Pente de ferro de restelar o linho. (RB)
RESTRINGIDO – Apagado; extinto.
RESUCINTAMENTE – Ressuscitamento
RESUCITAR – Ressuscitar.

RETAMBANA – Reprimenda, ralho
RETEAR – Encurralar, retirar, obrigar a recolher.
RETIRAMENTO – Retiro, lugar ermo e alongado dos povos, solidão, agreste, deserto despovoado.
RETO/REPTE/REPTO – Nasceu este vocábulo de retare, rettare, resptare ou arretare, que para os antigos Espanhóis se tomava por acusar algum cavaleiro ou peddoa nobre por traição ou aleivosia. E como os que assim eram acusados ordinariamente provocavam os seus acusados ao desafio. Para se purgarem de semelhantes crimes e os mais afrontosos passou o nome de acusação à prova que se oferecia para mostrar falsidade da culpa. Também; Do latim referre se disse rêto., pois se recontava a cousa.
RETOUÇAR – Pular, brincar.
RETRAÇAR-SE – Agasalhar-se, dispor, ajeitar-se para fazer alguma cousa.
RETRAER – Arremendar, representar.
RETRAHIMENTO – Acção de tornar a tirar o que já se tinha prometido, concedido ou dado.
RETRAIR-SE – Recolher-se, retirar-se, agachar-se.
RETRANCA -Correia que rodeia a alcatra das bestas, prendendo-se os seus dois extremos na parte posterior da cela. (RB)
RETRAUTAR – Retratar, desfazer o ajuste, rescindir o contrato. 1337.
RETROITAR – Contrariar, contradizer, impugnar, tornar ao princípio e averiguar a causa com maior exacção e pelos seus princípios.
REUDIGNO - relativo a ou indivíduo dos reudignos, antigo povo da Germânia setentrional (atual Alemanha).

REVÉES – "Nom avia i neuus revées"; Soldados que faltavam à chamada, desobedientes, rebeldes.
REVEL – Rebelde, contumaz, desprezador do legítimo mandato.
REVELAR MULHER – Conhecê-la carnalmente.
REVERENÇA – Reverência. 1418. Também F.L. – A reverença é o cumprimento ao superior que talvez incluísse o beija-mão, de joelhos; a mesura é o cumprimento cortesão de igual para igual.
REVERSAR – Vomitar.
REVERSO, A – Se disse daquele ou daquela que postergando os sentimentos da honestidade e da virtude se abandonou aos vícios da carne corrompida e a tudo o que se opõe à rectidão e dons costumes.
REVESES – Adv. Alternativamente, ora um oura outro. 1438.
REVEZ – Rabaz (PA); Infortunio, fortuna adversa.
REVINDO – Arco ou abóbada de meio círculo perfeito que diziam de meia-volta em berço.
REVORA/RÉVORA – Dar por revora, declarar judicialmente que alguma pessoa é púbere e de idade competente para exercer os actos legítimos. 1288.
RÉVORA COMPRIDA – Vide rébora.
REVORAÇÃO – Vide Rébora.
REVORAR – Vide reborar.
REVORSO – Indignado, raivoso, cheio de ira e furor.
REX – O mesmo que rei.
REYGNO – Reino. 1288.

REZAR SENTENÇA – Proferir, dar, pronunciar, escrever sentença. 1455.
RIBA/RRIBAS/RIBADA – Assim chamaram os nossos bons autores a um Outeirinho, ou colina, ou terra levantada, que está iminente ou sobranceira a um rio, caminho, povoação etc., Mas este não foi sentido em que desde o VIII século até ao XIV os nossos maiores tomaram riba ou ripa significava ribanceira, margem, vizinhança ou bordas de algum rio.
RIBADA – Vide Riba.
RIBAR – Derribar, lançar por terra, demolir. 1436.
RIBAS E ARRIBAS – O mesmo que arriba ou acima.
RIBAT – Edifício fortificado em que se congregam voluntários votados à defesa do Islão. Também; Posto fortificado religioso na fronteira do mundo islâmico. Por vezes equivale a caravenserail. (AA)
RIBEIRADAS -Ainda hoje tem uso, correntes espadanas, golfadas de sangue, que correm de alguma ferida, golpe, veia rota ou chagas.
RICA-DONA – Mulher legítima de rico-homem.
RICO-HOMEM (RIC'OMEM) – Depois de tantas e tão largas exposições do que eram antigamente os ricos-homens, só resta dizer, em breve, o que mais verdadeiro nos parece. Também; Fidalgo que servia o Rei na guerra¸ usava como insígnias, além de pendão, uma caldeira para indicar que tinha homens a seu sustento. Também; Termo utilizado para designar a mais elevada categoria da nobreza, acima dos infanções e cavaleiros. (BV). Também; Homem nobre, geralmente proprietário de muitas terras. Foral do Outeiro. (MJ).
RIFA – Tezo; Ladeira, costa arriba. (RB)
RIGAÇO – Do latim rigo, as, regar, parece se disse na província do Minho, pão rigaço, aquele que se colhia nas terras de regadio. 1281.
RIGO – Rijo, forte, seguro.
RIGUEIFA – Pão de trigo feito em rosca, ou de forma orbicular a que ainda em algumas terras do Minho chamam fogaça. 1313.
RIJÃO – Os torresmos a que chamam rijões (rojões) são pedações de unto derretidos na panela e que já deixam menos apurados ou derretidos para melhor se poderem comer.
RIMAR – Ficar melhor, ser decente e honesto. 1459.
RIMIMENTO – Vide remimento.
RINCÃO – Canto oculto, escondido, usado. (RB)
RINCHAVELHADA – Risada destemperada, desentoada. (RB)
RIO DO SINO – Topónimo referenciado na obra do abade Baçal (vol. IX, p.494), mas que não foi encontrado na busca efectuado às folhas de registo de cadastro da freguesia de Chacim. (TMC)
RIO SABOR - Sabor: do latim "sapõre"; caracter; graça; espírito; originalidade; capricho; vontade; aprazimento; forma; teor; natureza. (TMC)
RIPA/RIPE/RIPO/RIPAR/RIPADA/RIPEIRA/RIPEIRO – Ripar a azeitona é apanhá-la puxando-a com a mão ou com ripo – Trás-os-Montes – Uso pentes com um pequeno cabo que servem para ripar ramos, são estes pentes que se chamam ripos. O ripo deve ser de madeira leve e resistente. (LV). O ripo também é um pente de dentes altos que serve para ripar o Linho.
RIPRICAR – Replicar. 1292.

RIQUIOVA – Nas inquirições de 1259 se achou que os homens da freguesia de S. João de Ervões (que é da comenda da Corvaceira) costumavam "*ir ad troviscadam et ad riquiovam et pousabant ibi Riquihomines qui tenebanmt terram*".
ROAZ – Peixe que se faz menção no foral de Setúbal 1249. Livro dos Copos, os fólios 284v.º285v. (RB)
ROBORA/RÓBORA – Vide Rébora.
ROCA – Roca (PA); Instrumento em que as mulheres fiam o linho, lã e algodão. Duarte Nunes e Faria derivam este nome de Arábico Lusitano; porém ele não tem esta origem.
ROCA-AMADOR/RECA-AMADOR e ROCAMADOR e RECAMADOR – A religião, instituto ou congregação hospitalária de roca-amador, que foi mui celebre antigamente em Portugal. 1166.
ROCAMADOR – Vide Roca-Amador, No latim daqueles tempos se chama o convento principal deste hospitalários. Santa Maria Roca-Amador, de ruca amatoris, por causa do fragoso rochedo em que estava fundado.
ROÇAS /ROÇAS-VALLES – Acham-se nas inquirições gerais que por ordem dos soberanos e em diversos tempos se tiraram um grande número de casais que eram de Santa Maria de Roças assim como eram das outras ordens militares do Templo e do Hospital. 1327.
ROCIM – Cavalo pequeno.
ROCINAL – Carga rocinal, carga rocim ou cavalo pequeno e desmedrado. Nos forais antigos se distinguem expressamente as cargas dos machos e cavalos das dos rocins e asnos. 1280.
ROCINS (ESCUDEIRO DE CINCO) – Um escudeiro servido por cinco homens mal montados, isto é, um escudeiro sem importância nenhuma (o valor militar e hierarquia social do guerreiro, exteriorizava-se pelo número de homens montados que o seguiam) (HS)
RÔÇO/ROÇAR – Rôço é o mato, o mato bravio dos montes – Roçar é cortar mato.
ROCOCÓ - período histórico e estilo originados na França, após a morte de Luís XIV, em 1715, que findam com a Revolução Francesa, em 1789, e que geralmente são subdivididos em três fases: Regência, Luís XV ou Mme. Pompadour e Luís XVI ou Maria Antonieta [Em Portugal, o estilo só se desenvolve após a morte de D. João V, em 1750, e no Brasil, especialmente no eixo Rio-Minas, as obras de seus artistas mais célebres, como o mestre Valentim e o Aleijadinho, datam dos últimos anos do séc. XVIII e primeiros do séc. XIX]. (DH).
RODADO – Assim chamavam ao alqueire raso ou arrasado.
RODÁNO – Vide Raudão.
RODAR A VINHA – Vide radar.
RODEIRA – Caminho por onde vão os carros. 1501.
ROGADOR – Advogada, medianeira, intercessora. No século XIV e XV se tomavam por ambos os géneros, masculino e feminino, muitos nomes que vinham dos verbos, v.g. *"servidor, procurador, rdemptor, requeredor, governador, etc.," Entregamos nossas almas a Deos e a santa maria rogador dos pecadores*." 1356.
ROGINAL – Original, escritura, autógrafa e primeira mão e que não teve exemplar algum quem seguisse. Também se diz da pintura etc.
ROGIR – Murmurar em segredo, dizer pela boca pequena, de sorte que nem todos o saibam, a quem seguisse, mas que brevemente, chegará à sua notícia.
ROGO – Assim se chamam, no foral de Salzedas, a geira ou geiras, que os moradores do couto são obrigados a dar ao mosteiro. 1504.

ROIXAR – Vide Rausar.
ROLETE – Era antigamente, as tranças de cabelo, que as mulheres acumulavam no alto da cabeça e que Tertuliano chama turritum verticem por terem semelhança com torre.
ROLDA ou RONDA – Grupo de soldados e oficiais encarregados de percorrer os postos de atalaias.
ROLDAR – Fazer ronda; velar; vigiar durante a noite (HS)
ROLDAVAM – "Cada uus de noite, velavom suas torres e os da quadrilha roldavam"; Faziam ronda, sentinela.
ROLHO – Rodela do Joelho. Também; Gordo, redondo.
ROCIM – Cavalo pequeno.
ROMAÃ – Romman (PA); Fruto conhecido por outro nome granada. Em Damasco, Cidade Siria foi adorado antigamente o Deus Rimon, que trazia na mão direita uma romaã para mostrar que ele era o protector daquele povo, isto é, os Caphturins, os quais traziam esta fruta na sua cota de armas. Vide. Dicionário de Baylei na palavra Rimon.
ROMÂNICO - período da história da arte na Europa ocidental que abrange basicamente os séc. XI-XII, caracterizado pelo auge do feudalismo, pela variedade regional de estilos, predominância da arquitetura religiosa, rica decoração de fachadas e capitéis de colunas, uso de arcos plenos, abóbadas de berço e de arestas, espigões e contrafortes, e pela criação de abundante imaginária. (DH).
ROMÃOS – Romanos.
ROMEIRAL – Logar de romãs.
ROMPEDEIRA – Cunha cravada num cabo com que os ferreiros abrem o ferro em brasa. (RB)
ROMPENDO A ALVA – Madrugando.
ROMPER ALGUEM – Feri-lo ou golpeá-lo com algum instrumento cortante ou perfurante.
RONCADOR – Valentão, fanfarrão ameaçador, sem valor de executar as ameaças. (RB).
RONCOLHO – Que tem um só testículo. (VB)
RONQUEIRA – Ira. Raiva, furor.
RÓOS – Róis. 1364.
ROQUEIRA – Atirando foguetes, que nos Açores se denominam roqueiras. (LV).
ROSA – Acha-se nos nossos documentos, Dominga da Rosa e Dominga da Rosa Aurea. A primeira é a Dominga Inf. Oct da Ascensão, porque nessa dia celebra o sumo pontífice, em Santa Maria. Também; Diz-se da enxada de gume direito, por oposição à enxada de ganchos. (VB)
ROSCA – A rosca ou caruncho é uma espécie de insecto parasita que corroe principalmente as velhas madeiras.
ROSSE – Rompimento, força, rotura, violência. 1169.
ROSTRO – Rosto, face.
RRAZOM – Razão.
RRUA – Rua.
ROTEAR – Rotear uma charneca, arrancar ervas e plantas infrutíferas e aproveitá-la. (RB)
ROTÉLA – Rompimento, força, rotura, violência.
ROTOLO – Rolo; Peso de 4 arráteis
ROTORÍA – Rompimento de terra, agricultando-a, desbravando-a, fazendo-a levar frutos e renovos o que antigamente e ainda hoje, em algumas partes chamavam rotêa ou arrotêa do verbo romper ou arromper.

ROTURA – O mesmo que Rotoría.
ROUBA – Roubo, furto, defraudação dos bens alheios. 1304.
ROUBADÍAS/ROUBADIAS – O mesmo que rouba.
ROUCA – Em Elvas andam pelas ruas com uma pelle de carneiro atada ao gargalo de uma bilha (pelo Natal) a que lá chamam rouca, e batendo na pelle com um pau vão tirando sons que fazem o dito verdadeiro. (LV).
ROUÇAL – Relativo a rouçom, m.q. rausador ou rousador, desde o século VIII, o que roubava filhas alheias e honestas, para abusar com violência da sua honestidade "sínodo compostelano de 1114 e foral da Lourinhã de 1218" se determina; O rousador seja prezo, e justiçado; se fogir, pague CCC soldos ao pretor, e avenha-se com os pais ou parentes da mulher" in, livro dos forais velhos. (eluc) (TMC)
ROUÇOM – Vide Rausador.
ROUDÃO – Vide Raudão.
ROUPA – Andar a toda a roupa; o mesmo que roubar a todo o pano e sem distinção de cousas ou pessoas.
ROUPINHAS - Vestidura de mulher que se aperta por diante, chega até à cintura e tem manga até meio do braço, ou que o cobre todo. (RB)
ROUROU - Interjeição vulgar de impor silencia. (RB)
ROUSADA/ROUXADA/ROUZADA – Assim chamavam à mulher forçadas cuja honestidade contra o seu querer e apesar da sua renitência foi violada e ofendida e também à que era furtada para o mesmo fim.
ROUSADOR – Vide Rausador.
ROUSAR – Vide Rausar.
ROUSO – Vide Rauso. Também; Rausso, Rauxo, Rapto ou violência sexual exercida sobre mulheres. - Também; Rouso/rauso; Designação de crime de estupro ou violação de mulheres. Era punido com extremo rigor e quem o praticasse era justiçado, depois de lhe serem confiscados todos os bens e derrogados todos os direitos que tivesse por doação da coroa. (AFONSO). Também; Rausso, Rauxo. Rapto ou violência sexual exercido sobre as mulheres. (BV)
ROUSSO – Vide Rauso.
ROUXADA – Vide rouxada
ROUXO – Vide Rauso.
ROUZADA – Vide Rousada.
ROUXO – Vide Rauso., Também Rouxo, ainda que nos forais antigos, alguma vez se tomem estas vozes por forçamento ou roubo de mulher, não se pode negar que ordinariamente se tomam por mutilação, ferimento, pisaduras, carga de arrochadas ou qualquer acção de magoar ou espancar, pois, se achar o roxo imediato ao homicídio e acoimado com menor pena do que este, é bem de presumir que se fala de ferimentos e não de injurias que ao sexo mais fraco se hajam feito.
ROZEIMO – Odio, rancor (RB)
RRABALVA – Vide Rabalho.
RRETAR - Desafiar
RREGUARDA/RESGUARDA – Retaguarda (NAP)
RESGUARDO – Recato (NAP)
RESSIIO/RIISYO – Rossio (NAP)
RREFRETAR – Vide Refretar.
RRESSTIDO – Vide Resstido.

RÉVORA – Vide Rébora.
RREVORAR – Vide reborar.
RREZON – Conversa (NAP)
RRIBAS – Vide riba.
RRIIGAMENTE – Energicamente
RRIIGIMENTO – Formação militar.
RRIIGO – Rapidamente (NAP)
RUA NOVA – Artéria mandada abrir por D. Dinis e que era o centro comercial da cidade.
RUÃO – Vide homem de Rua e Pão de Rua. Também; Pano de linho estufado e talvez tinto que serve para forros de vestidos. Ruço ruão, cor de cavalo branco com nódoas negras redondas.
RUDA – Arruda. (RB)
RUDEZA – Latinismo não usual em Fernão Lopes, que exprime ingenuidade, inexperiência.
RUNHAMENTO – Acção de roer. Vide Mures.
RUNNEMTO – Roedura, acção de roer, devorar e consumir roendo. 1342.
RUXÓXÓ – Voz, como que ainda se exotam as aves. "*No hião eles de cá enxotados de geyto que esperassem outro rexóxó*" Carta do arcebispo D. Lourenço, depois da Batalha de Aljubarrota, falando da derrota dos Castelhanos.

S

S – Na música dos antigos, era o mesmo que" sursum" e denotava que devia subir o canto.
SA (forma pronominal proclítica) – sua.
SAÃ/SÁA – O mesmo que som, voz, estrondo.
SAAR – Sarar.
SADO – Sâdo (PA); Nome de rio de Alcácer do Sal. Significa coisa feliz, rica e abundante.
SABÃO – Massa ou pasta que resulta da mistura de azeite ou outra gordura cozida em decoada de cinzas ou cal. Dela usamos para lavar a roupa.
SABADO/SABBADO – Assim chamaram ao dia sétimo, em que se fazem honras e exéquias aos defuntos, aludindo, sem dúvida, ao descanso e refrigério, que esperavam conseguir pelas orações e sacrifícios que então se mandavam celebrar. 1344.
SABANDIJO – O gatilho da espingarda. (VB)
SABANILHA – Espécie de toalha sobre a qual se peneira a farinha para o fabrico do pão. (VB)
SABASTO – Peça de pano, de cor diferente, inserida num vestido.
SABATADOS /INSABBATTADOS – Assim foram chamados em Espanha, certos hereges, sequazes dos Valdenses ou pobres de Ligduno, não por alusão ao sábado, mas sim ao sabbáto, que era calçado dos pés, ou fossem socos ou sapatos. E com o seu distintivo era certo sinal a modo de coroar que imprimiam a ferro no couro do dito calçado, daqui lhes originou o nome. 1197.
SABBADO – Vide Sabado.
SABEDORMENTE – Sábia e polidamente. Também; com sabedoria.
SABENÇA – Sabedoria. 1287.
SABENTE – Sabedor, certo, ciente.
SABER DASNO/SABER D'ASNO – Nome próprio de homem. Documento de Trancoso 1173 no qual, depois dos juízes assina Preço Saber Dasno.
SABERETES – Presumidos de sábios e letrados.
SABOR – "perante ele contava e neste sabor"; - Brincadeira, galhofa.
SABOR (…DISSE A EL-REI; COMO EM) – Como que gracejando.
SABOR (FALLAR A) – Gracejar. Viver a sabor; seguir em tudo os seus apetites.
SABUDO – Sabido (na língua arcaica o participo passado dos verbos da 2ª do conjuntivo terminada em "udo"; é esta terminação que se conserva ainda nos substantivos conteúdo e temudo originariamente particípios.
SACA – Dar saca; dar licença para tirar alguma cousa para fora da terra ou lugar.
SACADA – Certo direito que pagavam os que tiravam para fora do Reino quaisquer géneros ou mercadorias. Também; Assim se dizia quando se tirava outras tantas cargas ou fazenda como se metiam.
SACADA (DAR) – É meter uma carga de fazenda em terra e tirar outra. E os que assim faziam não pagavam mais direito algum ao senhorio da terra.
SACADAS – Na cidade e terras de Bragança se chamavam sacadas os 2.000 maravidis antigos que constam dos forais dados às aldeias de seu termo. El-rei D. João I julgou por sentença de 1433 os que morassem dentro dos muros de Bragança não eram obrigados a pagar sacada, pois só eram impostas aos que morassem nas aldeias.
SACADOR – O porteiro ou cobrador dos tais foros ou rendas.
SACADORES – Vide Sanhoaneiros.
SAÇAMELO – Aquele que pronuncia defeituosamente o "ç". (VB)

SACARÍA – Estratagema de um bom general que faz pôr em armas e sair a campo a sua gente, fingindo que o inimigo os vem atacar nos arraiais. E de tirar ou puxar as tropas para fora dos seus quartéis, se disse sacaría.
SACARÍAS – Imposição, que do povo se arrecadavam para a coroa. El-rei D. João I protestou que o seu desejo era fazer a cidade de Lisboa, franca e livre de sacarías…
SACCO DE TERRA – Terra que leva seis alqueires de semeadura que fazem na Estremadura e Beira Alta um sacco de pão.
SACCOMARDO – Saqueador, ladrão.
SAÇOM/SAZOM/SAZÃO/ÇAZOM – Umas vezes se tomava por ocasião tempo próprio e oportuno e outras pelo tempo de um ano inteiro. 1392.
SACOM DE CASAS – Morada ou vivenda, constante de várias casas grandes e pequenas altas e baixas ou melhor, assento de pardieiros e ruínas em que de novo se podiam fazer.
SACRAMENTAES – Conjuradores, sacramentaes, eram doze homens que os juizes feudais antigamente juravam com o litigante, que criam e tinham para si ser verdade o que o litigante afirmava com juramento.
SCRAMOR – Nome de homem
SACRA VIRGO – Vide Deo-Vota.
SACRILEGIO – Assim se chamava, no século XIV e XV as multas e penas pecuniárias dos excomungados. Daqui levar sacrilégios e pagar sacrilégios. Expressões mui triviais daquele tempo.
SADUN AL-SURUMBAKI – Associado de Ibn Maruane, adbarramão II, outro rebelde "mestiço ou renegado", dominou a região entre Santarém e Coimbra. Os Normandos capturaram-no na costa ocidental em 866. Comprado por um judeu, pagou os juros do resgate durante algum tempo. Depois fugiu para as montanhas que ficam entre Coimbra e Santarém. (Viterbo).
SAFARO – Estéril.
SAFONA/SAGONA – Agasalho para as pernas feito de pele de ovelha. (VB)
SAFORA – Sahara (PA); Deserto, campo inculto. Os alarves chamão safora à terra que é toda coberta de pedregulho miúdo em modo de área grossa. Também; (Safara (AP); Freguesia do arcebispado de Évora. Significa campina
SAGA – Retaguarda.
SAGES – Adjectivo antigo; Sábio, Sabedor. (RB)
SAGESMENTE – Habilmente.
SAGEZA – Sabedoria; Prudência.
SAGRES – Sacron (PA); Espécie ou qualidade de peça de artilharia assim chamada. Baylei julgou que era nome espanhol, sendo original Arábico.
SAIA – Hábito.
SAIÃO – Funcionário medieval encarregado de executar as sentenças. (AFONSO).
SAÍM – Na acepção de "graxa, gordura das sardinhas, usada geralmente nas candeias" (LV).
SAIMEL – A primeira pedra sobre o capitel ou cimalha que começa a formar a volta do arco. (RB)
SAJARIAS – Habilidades, estratagemas. Do adjectivo arcaico sages = Conhecedor, hábil sagaz.
SALAGARTA/SALARGATA – Lagartixa.
SALAIO – Imposto relacionado com o sal ou carnes salgadas. (HS)

SALAMORDA/SALAMURDO – Mixórdia, salganhada. Individuo de poucas palavras, mas que morde pela calada. (VB)
SALCONDUYTO – Salco-conduto (NAP)
SALEANDO – "Andavam saleando pelo rios" – Saleando=navegando de um lado para o outro. O verbo salear, com o sentido de "ir e vir", ainda hoje se emprega no Minho.
SALLA – Banquete (NÃP)
SALMEJAR – No termo de Lisboa significa acarretar o pão para a eira. (RB)
SALIQUES – Arma de arremesso. (RB)
SALMODIAVA – Cantava em forma de salmo; recitava.
SALSELAS – (FORNO ROMANO) - Topónimo referente á freguesia do concelho de Macedo de Cavaleiros. – de salseiro; aguieiro; balbúrdia; briga; salsada; salsa; salsaparrilha; salseirada; tempo-quente; tumulto; vasilha em que se servem as salsas (molhos) bátega de água. Topónimo referenciado na base de dados do IPA como de interesse arqueológico extraindo-se dela a seguinte informação: Designação: Salselas Tipo de sítio: Forno. Período: Indeterminado. CNS: 13218. Localização: Salselas. Descrição: Forno cerâmico composto por uma câmara de aquecimento que se abre para o exterior em forma de V. invertido. Para o seu interior convergem pequenos canais feitos com paredes também de tijolo. A câmara é coberta por uma superfície perfurada por pequenos orifícios circulares, distribuídos simetricamente, que constituíam a grelha onde eram colocados os utensílios a serem cozidos. Devido ao facto de esta estrutura ter sido acidentalmente descoberta e só ter sido parcialmente observada, não foi possível elaborar uma descrição mais completa. A descoberta ocorreu quando se procedia a trabalhos agrícolas no local. Por esse motivo, e tendo como principal objectivo a sua preservação, optou-se por proteger a área tendo sido a estrutura devidamente acondicionada e novamente tapada com terra. Este trabalho foi realizado pela Extensão do IPA de Macedo de Cavaleiros, em colaboração com a Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros. (ver barreiros) (TMC).

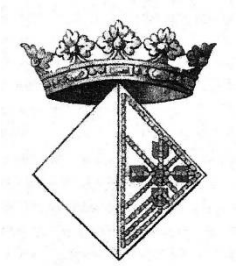
Fase de escavação do forno Romano

Vista frontal do Forno romano

SALTA-ATRÁS - no Séc. XVIII, nome que se dava aos filhos de mameluco com negra. (DH).
SALTAR, SALTO – Copular, cópula. (MC)
SALTANGA – Fogueira que se acende em lugares públicos, nos festejos dos Santos Populares, para a juventude saltar e folgar. (VB)
SALTO – Cerro, terra levantada, outeiro, colina, bosque, floresta, lugar eminente, cheio de arvoredo e pastagens, mato fechado, brenha.
SALUDAR – Curar com orações e benções, ou benzer para curar, como fazem os embusteiros a que vulgo chama benzedores ou benzedeiras. (RB)

SALVA – Vide Salvar. Também; O mesmo que purgação canónica. Vide Ferros.
SALVAS - “Eu farei taes salvas” – Entenda-se “Darei, pondo as mãos no fogo, prova da minha inocência, como nunca fez mulher infamada”
SALVADO – O que dava a prova de salva.
SALVAGINA – Carne de viação e montanhesa que é dos porcos, veados etc.,
SALVAL – Sável. 1298
SALVANTE – Salvo, excepto, tão-somente. 1436.
SALVANTES – As testemunhas que depuseram a favor.
SALVAR – Em os nossos forais do século XI, XII e XIII, é frequente a voz salvar, por alguém fazer prova legitima e legal, mas perentória e sumária de sua inocência em algum crime ou delito de que era acusado.
SALVO – Mas sim, Salvo dos Povos que as darão. Também senão.
SAM OANE/SAN ONE – ou Sam One ou Sanhoane; S. João. Acha-se em muitos documentos do século XIII, XIV e XV.
SAMARRA – Homem corcunda. (VB)
SAMARRÃO – Batina grande de Padre.
SAMBADE – Localidade (freguesia) hoje pertencente ao Concelho de Alfândega da Fé – Integrada no reinado de D. Dinis a pedido dos moradores de Alfândega da Fé - - Para ajudarem em regime de anúduva “ajuda de fazer o meu castelo dessa vila (…) e pera mantimento dessa mha vila e desse castello – Cf. IAN/TT Chancelaria de D. Dinis, livro 3, fls 63vº de 15 de Julho de 1308
SAMBARCO/ÇAMBARCO – Sapato ou chinelo velho. XVI.
SAMBENITADO – Vestido de São benedito.
SAMICAS - Vulgo, homem pobre de espírito. (RB)
SAMIIACOS – Governador de cidades turcas o mesmo que que sangeaco.
SAMOANE – S. João.
SAMOUCO – O eixo lenhoso que sustenta os grãos de trigo. (VB)
SAMPAIO – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, situado na freguesia de Bagueixe. – de sampar; arremessar; assentar; ativar; cascar; champar; lançar. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Sampaio. Tipo de sítio: Capela. Período: Indeterminado.
CNS: 17204. Localização: Bagueixe. Descrição: No termo de Bagueixe, a Sudoeste da aldeia, existe uma pequena capela cujo orago é designado por Sampaio. O pequeno templo de planta quadrangular apresenta uma cobertura em forma prismática, que provoca uma clara desproporcionalidade em relação ao conjunto do edifício. Além deste particularismo arquitectónico pouco comum, a capela de Sampaio não oferece outros elementos dignos de realce. A sua época de construção é indeterminada, mas no seu interior existe uma pequena imagem de santo oitocentista. No cunhal voltado a Oeste, e na padieira do lado direito de quem entra no interior da capela, existem duas inscrições de difícil interpretação. (TMC).
SANCHA – Cogumelo comestível que se encontra nos pinhais também conhecido por pinheira ou cogumelo-de-leite. (VB).
SANCHA – infanta D. Sancha Sanches – Filha do rei D. Sancho I (Beata D. Sancha) – Doou à ordem dos templários o Castelo de Balsemão e toda a região de Macedo de Cavaleiros (Laedra e terras de Lampaças) Está sepultada no mosteiro de Lorvão:
TOMO I -PÁG 731 – Nº 300 ANO 1229 LORVÃO. D. SANCHA
N.° 300 Est. XCIII, n.° 3 1229, [março, 13]

Local: Igreja do Mosteiro de Lorvão (Freg.: Lorvão; Conce: Penacova; Dist.: Coimbra). Parad.: Claustro do Mosteiro de Lorvão. Cópia moderna de insc. medieval desaparecida (?), **gravada em secção lateral de tampa e sarcófago. Calcário. Leitura: SANCIA INFANS REGIS SANCIIPRIMI LUSITAN[or]UM FILIA QUAE TOTIUS VITAE CURSU SAnCTIS / OPERIBUS INTENTA SUAM DOMINO PUDICITI[a]M CUSTODIVIT MONASTICAM REGULAM / APUD MONASTERIUM DE CELLAS QUOD [p]ROPE MUROS CONIMBRICENSES AEDIFICA[ve] / RAT S[e]CUTA IBIQUE MAXIMIS VIRTUTUM ORNAMENTIS CIRCUMSULTA ET / NON VULGARIS SANCTITATIS FAMA DECEDENS ANNO DOMINI 1229 / AD HOC TEMPIUM [Sic] LORVANIENSE A SORORE THARASIA TRANSFERTOR / ET IN HOC TUMULO REPONITUR**



SANCHO D. I (1154-1211 – (57 anos) – Rei de 1185 a 1211, era filho de D. Afonso I. O seu reinado foi marcado por uma reocupação das áreas despovoadas do país, pelo estabelecimento de novas povoações. O rei encorajou povoadores estrangeiros, envolveu bispos, ordens religiosas e nobres nestes projectos de colonização, garantindo vastos territórios para as Ordens militares (os hospitalários e os Templários e as Ordens de Calatrava e de Santiago). Depois de uma invasão pelo príncipe Almôada Abu Yusuf Yacub al-Manssur. Aproveitou a ajuda de uma ramada de cruzados, de passagem, para conquistar Silves aos Mouros em 1189, mas perdeu-a em 1191, bem como outras terras a sul do Tejo, quando al-Mansur de novo atacou. D. Sancho I esteve envolvido em várias disputas com os seus Bispos e teve questões com Roma acerca do pagamento do tributo. Morreu em 26 de Março de 1211. (Wikipédia)

SANCHO D. II – (c.1209-1248 – 39 anos) – Rei desde 1223 até 1245, era filho de D. Afonso II e de D. Urraca, filha de Afonso VIII de Castela. As fações foram tão fomentadas durante a sua menoridade que o seu governo posterior nunca foi outra coisa senão uma série de vãs tentativas para alcançar uma estabilidade política no reino. Renovando desta maneira a soberania portuguesa sobre uma grande parte do Algarve. Mas a partir de 1240 acentuaram-se as progressivas desordens internas e o papa Inocêncio IV, reconhecendo a incapacidade política do rei para governar, provocou a deposição de D. Sancho II, 1245, e a entrega da administração ao seu irmão Afonso (depois D. Afonso III). Os apoiantes de D. Sancho foram derrotados e este retirou-se para Toledo, 1247, onde morreu em 4 de Janeiro de 1248. (Wikipédia)

SANCHRESCÃO/SANCRESCHÃO – O mesmo que sacristão.

SANCTÃO – Nome que dão aos cacizes.

SANCTOMERI /SANTAOME – Pano, que se fabricava em Santomer, cidade dos Paises Baixos., na província de Artois.

SANDALO – Sandalon (PA); Pau aromático. Os Mahometanos usam dele queimado para os perfumes. Outros o misturam com o tabaco de fumo para lhe dar bom gosto e cheiro.

SANDALIAS – Assim chamaram antigamente, ao calçado das mulheres, senhoras, aludindo sem dúvida, às sandálias de Judite que arrebataram os olhos de Holofernes.

SANDEO – Sem memória, de pouco entendimento, mentecapo. Vide Sandia.

SANDETO – Entre os mais bispos que confirmaram no ano de 959 a celebre doação da Senhora D. Mumadona ao seu mosteiro do Salvador de Guimarães, foi o bispo Diogo, que assinou deste modo. "Sub *aminiculo Creatoris Didacus Episcopus, virque sandetus"*.
SANDIA - Desassisado, louca e sem tino.
SANDÍAMENTE – Loucamente e Desassisadamente.
SANDICE – Insensatez; Loucura, parvoíce, tolice. (RB)
SANFONA – Instrumento musical de cordas, vulgar, que se toca fazendo mover umas como teclas, trazem-no os cegos e também é usado pelos pastores. (RB)
SANGALHA – Medida sangalha era de sólidos e de líquidos.
SANGALHO – Medida de pão, que consta de cinco selamins segundo os documentos da Serra e de Grijó.
SANGRAR AS BOLSAS – Extorquir dinheiro.
SANGUILEISSIA – Vide Sanguitexia.
SANGUILEIXADO – O que está sangrando. 1285.
SANGUILEXADOR – Sangrador. 1174.
SANGUILEXIA – No ano de 1155, um abade de Pedroso fez doação aos seus monges de todas as herdades que o mosteiro tinha em Viseu, Alafões, Vale de Cambra e Vouga, pera vestiaria, conduturia, infirmaria, Sanguilexia e Pitança. Por sanguilexia se entende a sangria e também a oficina em que os monges sangravam.
SANGUIMIXTOS – Fornicários, esturpadores, lascivos, desonestos.
SANHA – "…a passiom da senha" – A paixão da ira. Também; Ira furor (como a do animal que mostra os dentes ameaçando) do italiano Zanne. (RB).
SANHOANE – Vide Sam One.
SANHOIANEIRAS – Rendas, foros, pensões que se pagavam pelo S. João.
SANHOANEIRO – Oficial que cobrava as ditas rendas.
SANHOANEIROS – Eram os porteiros ou sacadores, que algumas corporações ou grandes senhores conseguiram de el-rei para lhes arrecadar os seus frutos, foros e rendas, mas deviam-se obrigar primeiro os que os pediam a pagar e satisfazer às partes todo o dano que os ditos porteiros sem racionável causa, lhes fazem.
SANHUDO – Irado; Zangado.
SANIFICAR – Significar.
SANJA – Abertura larga, entre valado e valado para escorrer água. Rego de vinha. (RB)
SANOCO – Pedaço, bocado. (VB)
SANOMEDE – S. Mamede. 1425.
SANTA ANA – Capela Particular DOS Sã de Miranda na freguesia dos Cortiços: **Inventário** Histórico-Artístico Diocese de Bragança – Associação Terras Quentes)
Denominação: Santa Ana ensinando a Virgem a ler
Datação: XVIII
Materiais: Madeira
Técnicas: Escultura de vulto pleno, madeira talhada, dourada, estofada e policromada
Medidas Gerais: Altura – 63,5 cm; Largura – 39 cm; Profundidade – 40 cm
Localização Administrativa: Macedo de Cavaleiros, Cortiços
Aniversário e Festividades: 26 de Julho
Descrição:
Santa Ana aparece-nos entronizada e acompanhada de Nossa Senhora Menina, nesta representação as duas debruçam-se sobre o Livro aberto no colo de Santa Ana. A mensagem de guia e mestra que introduz o seu rebento na fé espiritual das Sagradas Escrituras é idêntica à da primeira imagem deste ciclo Do Sentido Maternal, apenas a

composição formal sofre algumas alterações. A Virgem apresenta-se não como uma criança, mas já como uma Menina daí a sua deslocação do colo para o lado de Santa Ana. A mãe de Nossa Senhora aparece menos divinizada, despojada da coroa, e afigura-se como uma mãe normal envergando vestes condizentes com a sua condição social. A Virgem parece ter um papel mais interactivo no processo de aprendizagem, não se limitando a ouvir faz um gesto de entendimento. A interacção da Virgem poderá ser justificável pelo espaçamento temporal que separa as duas imagens, o tempo cronológico desta última imagem caracteriza-se pelo movimento, expansão e expressão corporal, desta forma podemos afirmar que as mudanças obedecem a actualizações dos gostos estéticos.

SANTA ANA – Ensinando a virgem a ler Capela particular de Limãos:

(Inventário Histórico-Artístico Diocese de Bragança – Associação Terras Quentes)

Denominação: Santa Ana ensinando a Virgem a escrever

Datação: XIV

Materiais: Calcário

Técnicas: Escultura de vulto a ¾ com costas escavadas. Calcário esculpido e policromado.

Medidas Gerais: Altura – 58,5 cm; Largura – 28,6 cm; Profundidade – 22,5 cm

Localização Administrativa: Macedo de Cavaleiros, Salselas, Limãos

Aniversário e Festividades: 26 de Julho

Descrição:

Segundo a tradição católica Nossa Senhora foi entregue ao Templo com três anos de idade e lá permaneceu até aos doze, altura em que saiu para se entregar ao matrimónio. Ou seja, é amplamente aceite que Nossa Senhora aprendeu os rudimentos das Sagradas Escritura no Templo e não com sua mãe. Contudo, a hagiografia e iconografia de Santa Ana coloca-a frequentemente como mestra e guia de Nossa Senhora, imagem que não deverá corresponder a uma verdade absoluta, mas que ao longo dos tempos se fixou na memória e que foi amplamente difundida em imagens e pinturas. Mais que uma verdade, este tipo de representações pretende passar uma mensagem de afectividade e ligação espiritual, de passagem de gerações em gerações de iniciação à Palavra Divina.

Nesta representação Santa Ana apresenta-se entronizada e coroada, é uma Santa Ana em majestade que apesar de ter sofrido as dores da infertilidade, durante anos, ostenta na mão direita uma romã, símbolo de fertilidade. Ao seu colo a Virgem Maria segura um manuscrito e um estilete, a Menina olha para a sua mãe num acto de aprendizagem atenta.

SANTA CATARINA (PORTA DAS MURALHAS DE LISBOA) – Próximo do actual largo do Chiado. (HS)

SANTA MADALENA – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Santa Madalena. Tipo de sítio: Povoado Fortificado. Período: Indeterminado /Pré-História Recente. Será provavelmente da Idade do Bronze. CNS: 17201. Localização: Amendoeira. Descrição: Num morro sobranceiro à actual aldeia de Amendoeira situa-se uma capela dedicada a Santa Madalena. Neste local, actualmente constituído por uma pequena plataforma no centro da qual se ergue um templo, detectaram-se à superfície alguns fragmentos cerâmicos cuja cronologia se poderá situar na Pré-História recente, talvez idade do Bronze. As obras relacionadas com a construção do santuário poderão ter sido responsáveis pela sua parcial destruição. A implantação do local reúne boas condições naturais de defesa e um controlo estratégico sobre uma extensa área geográfica envolvente. Além dos parcos fragmentos cerâmicos recolhidos durante a relocalização deste sítio, observou-se também na encosta Leste um troço de talude com derrube de pedra, que deverá fazer parte da muralha. (TMC)

SANTA MARIA ALTA – Com este nome designavam o dia 15 de Agosto. O pintar-se a soberana mãe de Deus, subindo aos céus e como ausentando-se de nós neste insigne dia da sua Assunção, ocasionou este nome.

SANTA MARIA D'ANTE NATAL – A Senhora do "Ó" ou Expectação.

SANTA MARTA – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. – Marta; nome de pessoa. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Bornes/Santa Marta. Tipo de sítio: Necrópole.

Período: Idade Média. CNS: 5495. Localização: Bornes. Descrição: Na aldeia de Bornes, no bairro do condado, existem vestígios do que terá provavelmente sido um núcleo original da actual aldeia. No local assinalado ainda com o topónimo de Santa Marta, actual padroeira da Bornes existiram as ruínas de uma igreja, à qual se encontrava associada uma necrópole, sendo provável que haja vestígios de habitações nas

imediações. No local foi construída uma oficina, que se implantou por cima dos alicerces da Igreja. É possível que estes ainda existam debaixo da construção moderna. Junto da Igreja foram desenterrados pelo menos três sarcófagos de granito, havendo notícias de fragmentos de um quarto. Estes sarcófagos encontram-se hoje conservados no adro da igreja matriz de Bornes. Mais afastado das ruínas da igreja aparecem diversas sepulturas escavadas na rocha de xisto, sendo possível que algumas se conservem ainda, dado que o local foi parcialmente aterrado depois das obras. As sepulturas estavam estruturadas com lajes, em sistema misto, tendencialmente agrupadas. Na maior parte encontram-se violadas, com vestígios osteológicos desagregados e sem conexão anatómica definida, havendo também notícia de vestígios osteológicos relacionados com os sarcófagos. (TMC)

SANTA PASSAGEM – Vide passagem.

SANTAOME/SANCTOMERI – Pano que se fabricava em Santomer, cidade dos Países baixos, na província de Artois.

SANTARIÇO – Santo Erício. 1312.

SANTELLO – Espécie de rede de pescar peixes.

SANT'IAGO – Patrono dos Cristãos. Grito de guerra contra os Mouros.

SANTIFICAR – Benzer.

SANTOANE – Parece ser pano ou droga "Deixo a N. sete côvados de Santoane pera hum vestido" – Deve ser esta droga muito leve, fresca e pouco incorporada, é de mui leve, fresca e pouco encorpada é de presumir lhe viria o nome de S. João, pois só era própria do tempo quente e calmoso, qual costuma ser o mês de Junho.

SANTOANNE – S. João.

SANTO ANTÓNIO, COM OS PÃES – (Inventário Histórico-Artístico Diocese de Bragança – Associação Terras Quentes)

Denominação: Santo António

Outras Denominações: Santo António dos Pães

Datação: XVIII (meados)

Materiais: Madeira (indeterminado)

Técnicas: Escultura de vulto pleno, madeira talhada, dourada, estofada e policromada

Medidas Gerais: Altura – 79 cm; Largura – 30 cm; Profundidade – 25 cm

Localização Administrativa: Macedo de Cavaleiros, Travanca

Aniversário e Festividades: 13 de Junho

Descrição:

Santo António é um dos santos mais populares em Portugal, são-lhe conhecidas e reconhecidas variadíssimas formas iconográficas, sendo a mais popular a representação do santo com o Menino e o Livro das Sagradas Escrituras. A estes atributos, nesta imagem da igreja de Santo Estêvão de Travanca, junta-se o saco de pão.

Na hagiografia de Santo António relata-se que, determinado dia, o santo ao ver inúmeros pobres a mendigar em volta do seu convento, resolveu dar todas as reservas de pão disponíveis para saciar a fome dos mais necessitados. Quando chegou a hora de almoço o baú dos pães estava vazio, não havia sustento para os frades do convento. Santo António pediu para que fossem verificar novamente o baú e desta vez a arca transbordava de pão. O milagre da multiplicação e distribuição dos pães de Santo António sublinha a mensagem cristã de que o bem é compensado com um bem maior.

O Santo António dos Pães da igreja de Santo Estêvão de Travanca é uma imagem que prima pela elegância e traços alongados. A sua posição amaneirada e inclinação subtil

da cabeça, aliada ao toque afável do Menino caracterizam esta imagem na expressão dócil em plena conjugação dialéctica com a mensagem dos Pães de Santo António.

SANTOR – de Brasão, o mesmo que aspa. (RB)
SANTORIA – Mulher de mau porte. (VB)
SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DO CAMPO - A Capela com orago a Nossa Senhora do Campo, localiza-se num lugar com o topónimo Cabeço do Facho, no cume dum monte com a altitude de 819 m, a Oeste da freguesia de Lamas, Concelho de Macedo de Cavaleiros. As suas coordenadas UTM são 4606901 N e 29670360 W, correspondendo a uma latitude 41º 35´44´´ N e a uma Longitude 6º 57´21´´ W da folha 64 da Carta Militar de Portugal escala 1:25.000. O interesse em se investir neste arqueosítio, foi motivado pelo que verteu da bibliografia consultada, mas, também, pela interpretação feita à toponímia do lugar, levantando a suspeita da existência no lugar de uma possível Atalaia. Trata-se de uma capela situada a uma altitude de 819 m construída no século XIV/XV [Pires, 1963] que, segundo a tradição se encontra construída sobre uma antiga ermida.

Interpretação preliminar:

O interesse em investir neste sítio arqueológico foi motivado pelo que verteu da bibliografia consultada, mas sobretudo pela interpretação feita à toponímia do lugar (Cabeço do Facho). Da memória, existe a ideia de ter existido ali uma pequena ermida, sobre a qual se teria construído a actual capela, não sendo despiciente, a provável existência de alguma atalaia, tendo em conta a altitude do lugar (819 m), com um domínio completo da paisagem.

Da bibliografia.

Foram consultadas as Inquirições de Afonso III, (meados século XIII) não existindo nenhuma informação relacionada com a existência da Capela de Nossa Senhora do Campo já que o interrogado "Durandus Petri" deu como informação que a paroquia e vila de Santa Maria de Lamas pertenciam ao Mosteiro de Castro de Avelãs "... *quod villa et ecclesia sunt de Monasterio de Crasto de Auellarum*" [Inquiritiones: quarta alçada,

1888-1987p. 1312]. Do dicionário Corográfico, extrai-se a seguinte informação sobre Lamas de Podence: Antiga freguesia de Nossa Senhora da Assumpção de Lamas de Podence, era reitor da apresentação o Bispo de Bragança, no termo da dita cidade. Em 1839 aparece na comarca de Bragança; em 1852 aparece na Comarca de Chacim; em 1862 na Comarca de Macedo de Cavaleiros. "*Ao Oeste da povoação há um outeiro pyramidal, sendo a encosta, que olha para a aldeia guarnecida com as cruzes da via-sacra. No alto está uma ermida antiquíssima dedicada a Santa Barbara. A Oeste d'este outeiro há um monte ainda muito mais alto, chamado Valle do Monte ou do Facho, tendo no cume uma grande planície. Dizem ali ter existido um facho, tão antigo, que alguns pretendem que fôra já no tempo dos godos.*

"Do lado Norte d'este monte, e quasi no alto há uma fonte chamada da Senhora que veio ao fundo formar um ribeiro que rega um bonito prado assombrado por frondosos carvalhos e freixos, que o tornam muito ameno, indo n'elles descançar os romeiros no verão. N'este valle criam-se algumas ervas medicinaes.

O Cume do monte é uma grande planície, e está orlado de grande arvoredo silvestre, formando um sombrio bosque com as suas antigas e gigantescas arvores; d'alli se descobre um vasto horizonte, comprehendendo muitas povoações, serras e vales. No centro existia desde tempos remotos uma pequena ermida da invocação de N. Srª do Campo. Segundo a tradição veio aqui pelos fins do século XIV ou princípios do XV um santo barão biscainho ou navarro, que trazia consigo a planta do moderno santuário que existe ali, o qual mmandou edificar à sua custa, por lhe agradar a amenidade do sitio. Este santuário foi construído no mesmo sítio onde estava a antiga ermida. Tem na frente um alpendre, sobre columnas, tudo de cantaria. A capella-mór é de abobada e de bonita architectura.

A egreja por causa das grandes ventanias a que está exposta, tem as suas paredes exteriores reforçadas por oito gigantes ou botareos de cantaria. É'o templo de tres naves, divididos por arcos de tijolo sustentados por boas columnas de granito. Dizem que nesta egreja há retabulos de oleo de muito merecimento. Tem boa sachristia, e casas de residencia d'um ermitão, junto á egreja; duas imagens de Nossa Senhora, sendo a antiga que está na sachristia, e a moderna está no altar-mór.

Existem duas irmandades, uma composta de clerigos e outra de seculares ambas autorisadas por bullas pontificias [COSTA,1939:269,270]

Da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira do seu Volume XIV, extraem-se as seguintes informações sobre este arqueosítio; "A *Oeste da povoação (Lamas de Podence) num outeiro há uma antiga ermida dedicada a Santa Bárbara. A Oeste deste Outeiro Há um outro mais alto chamado Facho onde existiu um antiquíssimo Facho",* referencia também encontrada na obra de Joaquim Maria Neto "A Leste do Território Bracarense" [NETO;1975:237]

Armando Pires, na sua monografia sobre o Concelho de Macedo de Cavaleiros, fornece-nos a seguinte informação relativa à capela de Nossa Senhora do Campo, por informação parcialmente retirada de [Santuário Mariano, v,578-583]. "Construída *no século XIV, segundo a tradição, no local onde se encontrava desde tempos imemoriais, uma pequena capela, consagrada a Nossa Senhora do Campo. O fundador «Santo Varão», teria vindo da Biscaia ou de Navarra, já portador da planta do Templo, que se ergueu à sua custa e sob a sua direcção, num ambiente de milagre.*

A ermida, cercada de carvalhos centenários, perfila-se no alto do Cabeço do Facho, Junto a Lamas de Podence, de onde se descortina um panorama vastíssimo, de

extraordinária grandeza «sítio muyto imminente, delle se descobrem muytos orizontes, muytas villas & Lugares.

A fachada principal, virada a poente, com pórtico nitidamente românico, é coberto por um alpendre e culmina no campanário, onde se alberga o sino famoso, a cujas «vozes de desfazem as tempestades». As paredes reforçam-se exteriormente, com cinco botaréus. Interiormente, é uma igreja de três naves dividida por oito colunas, estas e os arcos, bem como o pavimento, construídos em tijolo. A capela-mor, com abóbada artesoada, também em tijolo, de grande beleza, tem um altar de boa talha doirada, com colunas salomónicas e retábulo com quatro quadros a óleo inspirados em motivos religiosos. Dois altares laterais

A festividade de Nossa Senhora do Campo, que se celebra na Encarnação, em 25 de Março, é uma das mais tradicionais e populares da região. Ali se concentram, naquele dia, milhares de romeiros «que vão pedir à Nossa Senhora do Campo» o remédio das suas necessidades... [PIRES,1963:48/49]

Do guia de Portugal [AAVV; 1972:885], o que podemos reter sobre a ermida da Senhora do Campo, (não passa de um plágio feito à obra de Armando Pires) ..." *a ermida cercada de carvalhos centenários, está no alto do Cabeço do Facho (819m) sobranceiro à velha aldeia de Lamas de Podence, dai se descortina um panorama vastíssimo.*

O templo, de face voltada a Poente, apresenta-se ainda com um portal nitidamente românico. As paredes laterais são reforçados exteriormente, por cinco botaréus. O corpo da igreja reparte-se em três naves, divididas por oito colunas, relacionadas por arcos redondos. Tanto os fustes como os arcos são de tijolo, bem aparelhado e argamassado. A capela-mor, artesoada, também em tijolo, de patente beleza, tem um altar de boa talha dourada, com colunas salomónicas e retábulo com quatro quadros a óleo".

Numa pequena brochura, que me foi entregue pelo actual pároco de Lamas, referente a um levantamento histórico/etnográfico sobre a aldeia pode-se ler; com o título LAMAS de ontem." *Surgiu outro nobre cavaleiro que em acção de graças resolveu mandar construir num Outeiro a Oeste da aldeia, uma ermida em honra de Santa Bárbara, advogada contra o mau tempo e trovoadas.*

Esta ermida, no tempo dos Marianos, foi transferida mais para o alto do monte sendo financiada a sua construção, em cumprimento de uma promessa, por quatro marinheiros naufragados. A esta capela deram o nome de Nossa Senhora do Campo, protetora dos campos e lavradores. Continua, no entanto, nesta capela a imagem de Santa Bárbara com a qual o antigo ermitão pedia esmola pelas aldeias" ...

Sondagem A – visível a estrutura das fundações da anterior ermida, intervenção e informação arqueológica (BD)da Associação Terras Quentes.

SÃO BENTO – Igreja de Vilarinho de Agrochão. (Inventário Histórico-Artístico Diocese de Bragança – Associação Terras Quentes)
Denominação: São Bento
Datação: XVIII (1º quartel)
Materiais: Terra cota
Técnicas: Escultura de vulto pleno recortada em três blocos, terra cota moldada, cozida e policromada
Estado de Conservação: Regular
Medidas Gerais: Altura – 109 cm; Largura – 50 cm
Localização Administrativa: Macedo de Cavaleiros, Vilarinho de Agrochão
Aniversário e Festividades: 11 de Julho
Descrição:

No plano técnico, o problema de cozedura das peças com avantajado volume obrigava, como o exemplar em exposição mostra, à sua segmentação em tasselos.

Na obra em apreço, representa-se um varão de rosto relativamente imberbe a que a tonsura ou o risco dos olhos empresta alguma gravidade. Uma pigmentação esverdeada aplicar-se-ia ao *parterre* e à lombada do tomo que o monge segura com a mão esquerda em atitude estereotipada. Já a cogula receberia um revestimento cinzento-escuro ou preto (que o tempo debotou) exigido pela austeridade da vida monástica. Na ausência de outros atributos, as largas mangas, servindo de enquadramento ao contido dinamismo desencadeado pelas linhas verticais que o pregueado desenha, não deixam dúvidas sobre a associação da escultura ao autor da *Regula Monachorum.* Obra que, podendo ter sido adquirida no eixo Braga-Porto, parece, sob o ponto de vista formal, aproximar-se da Santa Escolástica que se expõe na frontaria da igreja de S. Bento da Vitória na cidade do Porto.

SÃO GREGÓRIO – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: São Gregório. Tipo de sítio: Arte Rupestre. Período: Indeterminado. CNS: 1961. Localização: Vinhas. Descrição: O Santuário de São Gregório situa-se no topo de um cabeço, imediatamente vizinho e a Sul da aldeia de Vinhas. O actual santuário é uma

construção dos anos 40, que substituiu uma pequena capela, que talvez tivesse relação com os elementos arqueológicos aqui encontrados. Cerca de 30 metros a nascente da capela fica uma pequena rocha de xisto, onde foi gravado um par de pegadas, ainda hoje bem visíveis. Do lado oposto, uns 50 metros a poente do santuário, existe uma sepultura, hoje já não visível, por estar coberta de terra. Segundo as informações que podemos recolher localmente, esta sepultura não tinha qualquer elemento estruturante, sendo simplesmente escavada na terra. Não são conhecidas mais, mas poderão existir. O sítio da sepultura está assinalado por estar rodeado por um muro simples, de forma circular. Esta protecção deve-se à devoção local de que esta seria a "sepultura de Nosso Senhor", lenda a que está igualmente ligada a rocha com as duas pegadas. No topo do cabeço não se encontraram mais elementos que pudessem dar contexto a estes dois elementos, sendo assim provável que aqui existisse um pequeno santuário medieval, a que estariam ligados a sepultura e a rocha com as pegadas, talvez sem contexto de habitat. (TMC)

SÃO MAMEDE – Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.495) com interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro da freguesia Grijó. (TMC)

SÃO MIGUEL ARCANJO- Denominação: São Miguel Arcanjo

Datação: Século XIV (Início)

Materiais: Calcário

Técnicas: Talhe em Vulto-pleno; Policromia (vestígios)

Medidas Gerais: Altura: 71,7cm; Largura: 26cm; Profundidade: 20cm; Peso: c. 21.455

Localização Administrativa: Macedo de Cavaleiros; Paróquia: São Martinho de Vilar do Monte

Descrição:

A figura hierática do Arcanjo calca o Demónio com os pés e subjuga-o ao poder do Bem, por intermédio do estandarte cruciforme que segura na mão direita, cravando-o na boca da figura demoníaca. Ostenta o escudo com a Cruz de Calatrava, a mão esquerda, em médio relevo. Por baixo do escudo pende a balança com dois pratos, cada um acolhendo curiosas almas em posição de orantes. As asas de São Miguel, de considerável tamanho, são trabalhadas por formas ovaladas recortadas em fingimento de penas. Esta obra é uma das mais tardias do concelho de Macedo de Cavaleiros e encerra em si os cânones rígidos medievais, contudo deixando transparecer no rosto a calma e passividade sugerida por linhas arredondadas. Acima de tudo, esta representação de São Miguel, é uma imagem símbolo da luta permanente do Bem contra o Mal e da qual sai vencedor.

SAPA – Pá de pau ou ferro, com cabo de levantar a terra cavada como a dos ribeirinhos. O trabalho do sapador a obra que ele faz. (RB)

SAPADOR – O soldado que trabalha com sapa. (RB)

SAPATEIRA – Diz-se da azeitona velha e mole com paladar a couro. (VB)

SAPATEIRO - Calciamenta. CIL 1245. (CM). O que faz ou conserta calçados. (VR)
SAPATOS DE FERRO – peça de arnês de pernas destinada, como o nome indica, à protecção dos pés dos guerreiros. (CM)
SAQUETARIA – O lugar em que antigamente se guardava o pão cozido para uso da casa real.
SAQUETÁRIO – O mesmo que saquietario e saquiterio. O mesmo que vilão, oficial régio, que tinha inspecção na saquetaria ou vilaria.
SAQUIM – Sequim, moeda de ouro italiana.
SAQUITEIRO – Padeiro; Vide Çaquiteiro.
SARAÇAS – Mezinhas que as mulheres dão aos homem para que estes as amem. (VB)
SARAGOÇA – Pano de lã preta fabricado no reino e bem conhecido. (RB).
SARDANAPALESCO - diz-se de indivíduo efeminado, devasso e glutão, como Sardanapalo, personagem lendária (séc. IX a.C.) descrita por muitos escritores gregos como sendo o último rei da Assíria. (DH).
SARAMAGO – o Rábão silvestre. (RB)
SARAMATULOS – Os cornos novos dos veados que se renovam todos os anos. (RB)
SARAPATEL – Confusão, balbúrdia. (VB)
SARCÓFAGO DA SOBREDA – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuado às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Morais. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Sarcófago da Sobreda. Tipo de sítio: Sarcófago. Período: Medieval Cristão. CNS: 17262 Localização: Freguesia de Morais. Descrição: Na pequena aldeia da Sobreda, no extremo de um dos seus bairros, encontra-se um sarcófago em granito de forma antropomórfica cujo arco da cabeceira se desenha em volta perfeita. O sarcófago não está associado a qualquer necrópole ou igreja, encontrando-se fora do local original da sua proveniência, que não se sabe exactamente qual é. (TMC)
SARDO – Natural da Sardenha, (RB)
SARGENTA (E) - Criada(o), moça(o) de servir, assalariado e pronta(o) para todo o serviço. (Jhoana Martins, sargenta que foi d'Affonso Domingues – Documento do salvador de Coimbra – 1396). (CM)
SARGENTAS/SARGETAS – Valos, canais, sangradoutos, rigueiras ou fossos que se fazem para enxugar as terras e dar vazão às águas encharcadas. Esta palavra, mui antiga, hoje não é inteiramente desusada.
SARGETAS – Vide Sargentas.
SARGENTO -Sarjank (voz Pérsica). O oficial menor da tropa. É nome composto de "sar" cabeça e de "jank" a guerra e vem a ser cabo de Guerra que preside aos outros soldados; donde os Holandezes deduzem a palavra Sergeant de que também os Ingleses Serjant e Sergeant e nós Sargento.
SARRA – Sara, nome próprio de mulher.
SARRADA – Fechada. (BV)
SARRADO – Cerrado, inteiro, completo e sem diminuição alguma. Vide Çarradamente. "Se pela ventura del rei non vier ó Doiro que non leve as Coleytas non darem se non XIII maravedis, menos quarta; e se el-rei levar as Coleytas serem XII maravedis sarrados. 1326.
SARRÃO – Vide Raza e Serrão. Também; Saco de merenda feito de pele de ovelha. (VB)

SARROEIRA – Canelha muito estreita, entre duas casas (António L Fontes, Etnografia Transmontana, vol. II p. 87). (VB)
SARTA/SARTAL – Cordão ou fio de pérolas. Também; Conta do rosário. (VB)
SAS – Vide Sa
SASSENTA – Sessenta (NAPO)
SATISDAÇÃO – O mesmo que fiança ou caução.
SATISDAR – Dar fiança ou caução.
SATISFAZIMENTO – Cumprimento, satisfação.
SATOR – Carrasco (do latim sector, aquele que corta)
SAUCEPAM – Original de Casco encontrado em Ponte da Barca, em ferro e provavelmente com cronologia do 1º quartel do século XIII.

SAVARES – Redes de pescar sáveis. Nenhum as pode lançar no rio Douro sem licença do mordomo do bispo ou seu rendeiro; e, por esta licença, dão o primeiro sável ou lampreia, à igreja.
SAVASCHÃO – Sebastião.
SAXÍDAS – Saídas. XV.
SAYA – Este nome que hoje se apropria à vestidura de mulher honesta da cintura para baixo, significava antigamente a capa, saio ou roupão do secular e a túnica ou hábito do religioso ou monge. 1316.
SAYBO DE CUBEIRO – Cheiro desagradável e piro gosto, que contrai o vinho lançado a uma cuba, que ainda não bem limpa. 1513.
SAYDA - Fim
SAYLAR – Selar, confirmar, roborar com selo. 1280.
SAYLKO – Selo.
SAYNTE – Saindo, na ocasião de sair. 1298
SAYOADO – Cousa de sayão, oficial ínfimo e executor da justiça. 1436.
SAYOANE – S. João.
SAYOARÍA – Vide Sayonaria.
SAYOM - Em os nossos mais antigos documentos e nos de toda a Espanha, e mesmo já do tempo dos godos, se usou com frequência a palavra sayão, até ao século XV, por algoz, verdugo, executor da justiça, cortando, decepando, açoutando, enforcando, queimando, afligindo e matando de mil modos os criminosos, perturbador da república e desprezadores das suas leis.
SAYONARÍA/SAYONIA/SAYONIZIO/SAYONICIO/SAYOARIA/SAGIONÍA – Ofício de Sayão. E também insolência, despotismo, desaforo, despotismo, desaforo. Vide Carceratica.
SAYORÍA – Violência, extorsão, injustiça, despotismo, insolência, desaforo- E também o ofício de sayão. 1368.
SAZAM/SAZOM – O tempo que tem passado. Desde muito tempo.

SAZÂO/SAZOM/SEZOM – Época; Ocasião; momento. Vide Saçom.
SCAAN – Na baixa latinidade se disse scandalium e escandaleum, por uma certa vasilha, que constava de quinze medidas, cada uma das quais pesava duas libras e doze onças.
SCALA – Entre os documentos de Guimarães, se acha o testamento de D. Mumadona de 959, em que se lê; In refertrio: Vasculos, archas, cuncas, scalas duas interrotomas (i.e., interrasiles, coelatas, vel incisas) et palmares. Foram muitas e várias as acepções de scala – 1º significou a forca (sinal de jurisdição suprema) em cuja escada eram expostos à vergonha pública os que tinham crimes graves, mas não que merecessem a pena capital. 2º A tumba ou esquife, que tinha alguma semelhança com a escada. Etc.,
SCALADORES/SCALLADORES DE CASAS – Os quer de mão armada entram à força na casa alheia. E contra a vontade do dono.
SCALIDO – Sítio ou lugar, em que desagua o canal do moinho.
SCANCIONARÍA – O mesmo que scançaria.
SCOLA – No foral que o infante D. Afonso Henriques deu à cidade de Cês em 1136 se lê: Mulier aut mancipa que non faciat nullo viro super illas, nom pedones no cavalleiros non de scola; … Depois de nomeados os peões e os cavaleiros fica-nos lugar para inquirir que gente era a que se chamava da Escola, pois não eram meninos, que já se houvessem entregado às desordens da luxúria e capazes de violentar a qualquer mulher; nem tão pouco em Seia, terra braviae de montanha, se haviam estabelecido escolas em que os mancebos já crescidos se aplicassem a maiores estudos.
SCÓLFITO – Vaso scolfito, que tem algum lavor ou escultura.
SCOLHEITA/SCOLHENÇA – Escolha.
SCOMUNGADOIRO – Merecedor e digno de ser excumungado.1445.
SCONDONDU – Escondido, sonegado.
SCORZO – O mesmo que corticeira ou cortiça, vasilha, em que hoje mesmo se guarda ou leva o vinho que ordinariamente é um cântaro de seis canadas.
SCULA – Vide Arricaveiro e Atalaya.
SCHOLA – Quando em os nossos antigos forais se acha; schola ou schola comitis ou schola regis principis etc., se deve entender pela guarda do conde, príncipe ou pelos soldados em particular que a compõem, e muito particularmente pelos oficiais da mesma guarda chamados; Scholares; scholis palatinis militabant. Daqui se veio a dar este nome de sacholario a um mosteiro que havia fundado S. Sabas não longe de Jerusalém.
SCILICET – Expressão latina, utilizada tabelionicamente antes de explicitar pormenorizadamente um conteúdo: convém saber. (BV)
SCITOSAMENTE – Advertidamente, a sangue-frio, com conhecimento claro. 1451.
SCORBUTO – Mal de Loanda, doença contagiosa que corrompe a massa do sangue e se manifesta de ordinário pela inchação das gengivas. (RB).
SCRIPTORIUM – Lugar onde eram escritos e iluminados os manuscritos, num mosteiro ou catedral. (AA).
SEARA -Não só se tomou por uma terra de pão ou de vinha, mas também por toda e qualquer propriedade, fazenda ou pertença de herdade. 1285.
SEAREIRO – O que faz a sua lavoura com bois alheios. Este só pagava a quarta parte da jugada inteira. Em algumas terras nada pagava.
SÉCIA – Cria; animal bebé. (MC)
SE COITOU – Se apressou.
SECONDUGENITO – Filha ou filho segundo. (RB)

SECRETO – Segredo.
SECUNDA – ou segunda. Assim chamaram ao milho e painço, por serem a segunda espécie do pão, sendo a primeira o trigo a cevada e centeio. 1346.
SÉDA – Tribunal, em que o juiz se assenta nas funções que são próprias do seu ministério. Vem do latim sedes.
SEDA DOS COIROS – "Os assentos e seda dos ditos coiros se apropriarão para a venda do Sprital principal da dita cidade".
SEDENHO – Cilício de sedas ásperas duras e mortificantes.
SEDERENTO/A – Sequiosos, sequiosa.
SEDONHO – Doença que vem aos porcos, de sedas nascidas na garganta que lhe impedem engolir e comer. (RB).
SEDORENTO – O que está sequioso, ardendo em desejos.
SEE (verbo seer) – está, é.
SÉE/SEÉ – Está; Terceira pessoa do indicativo do verbo seere. Que igualmente faz no imperativo segaa, seja eu.
SEEDA – Assento, banco, lugar, posto e também estada ou jazida.
SEELO DAS TAVOAS – Havendo el-rei D. Dinis terminado as contendas entre D. Urraca Afonso (sua meia-irmã) e seu genro, sobre os bens que haviam sido de Pedre-Anes seu marido, já defunto, todos os documentos e razões que sobre este negócio se haviam processado, mandou seelar do seu selo das távoas e guardar. 1301.Também; Além dos sellos, rodados, feitos à pena, ou pelos cancelários ou pelos seus substitutos, notários, oficiais ou amanuenses, de que temos repetidos exemplos no primeiro reinado, desde 1150 até ao fim dele…
SEENDA – Pode duvidar-se se esta palavra vem da latina sedes, habitação, casa ou assento, se de semita, atalho, vereda ou caminho estreito, quasi semi-iter…
SEENTE – Sendo, estando, o que está em alguma parte, o que está presente. 1304.
SEER – Ser ou estar sentado, Seendo ou estando, isto é, sentado ou em pé.
SEEXTRA – QA mão esquerda.
SEFARDI - diz-se de ou judeu cuja ascendência remonta às comunidades judaicas ibéricas (Espanha e Portugal) estabelecidas na Idade Média e dispersas por várias regiões (Europa ocidental, Norte da África, Turquia, Balcãs, Américas) após a expulsão da Espanha em 1492, ou que é membro de comunidade que apresenta influência cultural-religiosa do judaísmo ibérico medieval. (DH).
SEFARDINS – Ou Sefarditas; Nome dado aos judeus da Península Ibérica, expulsos pelos reis católicos em 1492 e por D. Manuel I em 1496.
SEGAA – Vide sêé.
SEGÃO – Ferro que se junta ao arado junto ao teiró para ajudar a abrir a terra.
SEGARREGA – Cigarra. Instrumento feito de um arrozinho coberto de pergaminho do meio do qual sai uma seda de cavalo que anda girando num pau roliço e liso e faz som como a cigarra. (RB)
SEGEIRO - O Segeiro era o artífice ligado essencialmente à construção e reparação de carroças, não deixando, no entanto, de fazer e reparar alguns objectos agrícolas, uma expressão pouco usada, mais conhecido como Ferreiro. (CM)
SEGITORIO – No requerimento da procissão do corpo de Deus que se acha no livro da Câmara de Coimbra se acham estes dous termos judenga e segitório, cuja inteligência pende das suas formais palavras que são estas; Os ferreiros e serralheiros da cidade e termo ham dar o segitório bem concertado e huma bandeira e ham hir a pola Judenga

e eles ficam a traz do segitório em procissão. Documento de 1517 parece se toma segitório por uma figura armada de setas (quando não fosse o andar de S. Sebastião a quem pelas setas dariam aquele nome) e a judenga era, sem dúvida, dança de Judeus ou a figura de Santa Judite, mui própria do mistério.
SEGLAAES – Segraaes e Ssegraaes, O mesmo que seculares.1307.
SEGLAR, AES – Seculares
SEGRAAES – Vide Seglaaes
SEGRAES – Seculares.
SEGRE - Século
SEGUNDA – Vide secunda.
SEGUNDEIRO – Moinho, que moía centeio e milho. Vide secunda.
SEGURA/SEGURE – É uma espécie de enxó de cabo comprido e lâmina larga com que os tanoeiros desbastam as aduelas.
SEGURAR O ROSTO – Levantar a cabeça, fitar os olhos e pôr-se em acção de quem escuta e atende em silencia, com gravidade e respeito.
SEGURAR O ROSTO PARA OUVIR – Levantar a cabeça, fitar os olhos, ficar em silencia, com gravidade e respeito.
SEGURELHA – Erva aromática com que se guisa na panela. Na atafona é um ferro que tem as extremidades mais largas que o meio onde está a abertura em que entra o ferro que faz andar a pedra de cima: nos moinhos anda em cima do rodízio e por baixo da mó. (RB).
SEGURIDADE – Segurança.
SEIDAS/SSEIDAS – Saídas. 1338.
SEINXA/SEIXA – Variedade de cogumelo, pequeno amarelo e redondo. (LV).
SEITOURA – Foice. (VB)
SEIXINHO – Topónimo referenciado na obra do abade Baçal (vol. IX, p.494), como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Ferreira. – Seixinho; diminutivo de seixo; (ver, seixo). (TMC)
SEIXO – Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.494) existente na freguesia de Ferreira; – Seixo; pedra geralmente lisa e dura e de tamanho reduzido, calhau; rocha sedimentar detrítica não lapidificada; burgau; cascalho; pedrinha; rabo; sílex. (TMC)
SEIVE/SEIVO – Substantivo indecl.; Raso, aberto, devasso, sem valor nem tapume.
SEIVO -Vide seive.
SEJANA – Prisão, cadeia. Entre os Mouros: cadeia de cristãos. (AA)
SELAMIM – A décima sexta parte do alqueire, medida de grãos, farinhas etc. (RB)
SELEIRO - Que ou aquele que fabrica selas: artesão seleiro.(VR)
SELHOS, AS – O mesmo que senhos e senhas.
SELLADA – Portela, lugar mais baixo e abatido de uma serra ou eminência, por onde corre a estrada e se passa de uma a outra parte. De terem estes sítios alguma semelhança com as selas ordinárias, que entre os arções são abatidas, se disseram seladas.
SELLEIRO – O que faz selas. (RB)
SELLO DO JUIZ – Mandado, ordem ou bilhete citatório do juiz, firmado do seu próprio punho ou sinal. 1187.

SELOS – F.L. “E foram logo feitos dois selos, um pendente e outro chão das armas de Portugal direitas” – Selos, formas de metal com as quais se moldavam os materiais (cera, lacre, chumbo) com os quais se selavam os documentos: o selo chão era um sinete.
SELEUCENSE - relativo a Selêucia, cidade da Babilônia, perto do Tigre; cidade da Pisídia (antigo país da Ásia Menor); cidade da Osdroena (antigo país da Mesopotâmia), às margens do Eufrates; cidade da Palestina, perto de Apaméia; cidade marítima da Selêucida, perto de Antioquia; cidades da Lídia (antigo país da Ásia Menor) e cidade da Galácia (província da Ásia Menor), ou o natural ou habitante dessas cidades; seleuciense. (DH).
SELÊUCIDA - membro de uma dinastia helenística que predominou na Ásia de c305 a 64 a.C. [Foi fundada por Seleuco (c350-280 a.C.), general de Alexandre Magno.]. (DH).
SEM – O mesmo que não.
SÉM – Sobrenome, título, alcunha de família que se acha com frequência desde o século XIV até ao XVI., ficando-nos a dúvida do que se entendia por Sem ou Osém.
SEMEAVEL – Semelhante. XIII.
SEMEDEIRO – Carreiro, atalho, caminho estreito e compendioso, mas só para gente de pé. 1240.
SEMEL – Geração; Descendência. Também; posteridade, filhos, netos etc., vem do latim sémen. 1191. Também; Antiquado geração, descendência – casou e não houve semel i. é, não teve descendência. (RB).
SEMÉL – Descendência, posteridade, filhos, netos, etc.
SEMELHAR – Parecer, representar. 1322. Daqui semelhável, parecido, representado, semelhante.
SEMELHAVE – Semelhante, parecido. 1315.
SEMENÇAR – Ponderar com engenho e subtileza.
SEMENTAR – Semear e afrutar uma terra ou casal. 1443.
SEMIANIME – Meio morto. “Eneida” (RB).
SEMICHAS/SSOMICHAS – Uma canada mais em almude. 1528.
SEMIDEIRO – Vide semedeiro.
SEMIDEIROS – Atalhos
SEMINÁRIO – Viveiro de plantas novas que dali se tirão para se disporem; Casa onde se educam mancebos nas letras humanas e divinas de ordinário são fundados pelos Bispos. (RB)
SEMITA – Atalho, vereda. (RB).
SEMIOLOGIA/SEMIÓTICA – Ciência geral dos signos. O termo foi proposto por Saussure para baptizar a ciência que deveria estudar "a vida dos símbolos no seio da vida social”. (AA)
SEMPCETA – O mesmo que senieur. X.
SEMPLE – Sempre. 1287.
SEMPREMENTE – Simplesmente.
SENDEIRO – Um mau quartão, fraco, velho. (RB)
SENESCAL -Noutros reinos equivale a Mordomo-mor da casa real. (RB)
SENGO – Sábio, astuto, experimentado.
SENHAS – Suas. Foral do Outeiro. (MJ)
SENHOS – Cada um o seu, um a cada um (do latim singulos) (HS). Também; Do latim singuli, seus ou suas, a cada um o seu. (BV)

SENHOR – É mui frequente no feminino até ao século XVI. *"Presente mim Vaasco Lourenço, tabaliom da dita Senhor Rainha na dita Villa."*
SENHORA DO CAMPO -Topónimo não encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Lamas, mas referenciado na obra do Abade de Baçal (vol. IX, pp154 e 570) como de interesse arqueológico, conhecido pelo lugar do facho (ver, facho ou cabeço do facho). (TMC).
SENHORA DO MONTE DE MORAIS – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na fusca efectuada às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Morais. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Senhora do Monte de Morais.
Tipo de sítio: Igreja. Período: Moderno/ Medieval Cristão. CNS: 17261 Localização: Morais. Descrição: No local designado por Senhora do Monte de Morais pode observar-se actualmente uma pequena igreja já em ruínas e cujo traçado arquitectónico se constitui por um único corpo onde se abrem uma porta frontal virada a Oeste, simples, sem qualquer decoração; e uma pequena porta lateral com arco de volta perfeita que se rasga na parede sul do edifício. Os elementos arquitectónico que ainda são possíveis observar não revelam qualquer elemento suficientemente elucidativo sobre o período da sua construção. As ruínas deste pequeno templo poderão estar associadas a um antigo povoado, conforme é corrente afirmar-se entre a população de Morais. Junto ao pequeno templo não são observáveis elementos materiais muito conclusivos, de forma a permitirem a formulação de uma qualquer hipótese interpretativa. Na área envolvente do templo apenas se observam fragmento de telha de meia cana, e não foi detectado qualquer fragmento cerâmico ou outro vestígio estrutural que permita deduzir a existência de um antigo povoado. (TMC)

Ruínas da Igreja da Senhora do Monte, na Freguesia de Morais –
Foto do espólio da Associação Terras Quentes

SENHORES/SENIORES – Depois de se haver tratado com tanta erudição do título de Dom, pelo autor das Memórias para a história d'el-rei D. João I. Nos documentos de Grijó se acham não poucos que dão o tratamento de Senhores ou seniores aos cónegos e monges que ali viviam. Sendo certo que Senhores corresponde ao latino Domini… 1081.
SENHORIO – Domínio directo que o senhor, eclesiástico ou laico, tinha sobre as suas propriedades. (BV).
SENHORIZAR – Fazer senhor, dar o governo e poder a alguém. Senhorizar seos parentes e collacía, isto é, dar poder aos seus parentes e aos que forem seus colaços e criados, com ele desde meninos. XV.

SENHOS/AS – Seus e suas, ou cada um seu ou sua.
SENIORES – Vide Senhores.
SENOGA – Vide Cinuma.
SENOS/AS – O mesmo que senhos e senhas.
SENRA – Chamaram os nossos antigos seára, não só aos pães que estavam semeados ou a ponto de serem colhidos, mas ainda ao terrno hábil para nele serem semeados.
SENTIA – "algua honra, o que em tal combato nom sentia" É extremamente significativa esta atitude de independência ou até de desobediência do jovem condestável perante o rei, aliás perfeitamente justificada, pois se fundava tanto em razões de humanidade como de estratégia militar. Todo o trecho respira a altivez de súbditos que não hesitam em falar de igual a igual ao seu monarca.
SENTIDO – Sentimento, dor, aflição. E também o mesmo que malsentido. XV.
SENTIDO (MAL) – Malsentido; enfermo, doente, molestado.
SEPOSIÇÃO – Empenho ou súplica.
SEPOSIÇÃO – Empenho ou súplica para conseguir alguma cousa justa ou injusta.
SEPULCRO – Assim chamaram à ordem militar e canónica do Santo Sepulcro, que antigamente foi vista e recebida em Portugal. E como em alguns dos nossos documentos e principalmente nas inquirições reais se acham muitas terras e igrejas que se dizem eram do "Sepulcro". Esta ordem se distinguia da dos Templários, Hospitalários, Teutónicos e de S. Lázaro. Que principiasse já, naquele tempo que os serracenos ganharam a cidade santa dos imperadores da Grécia…
SEPULTURA DOS MOUROS – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação. Designação: Sepultura dos Mouros. Tipo de Sítio: Sepultura. Período: Indeterminado. CNS: 17295. Localização: Vale de Prados. Descrição: Segundo informação local, neste sítio existia uma sepultura, entretanto totalmente destruída pela construção de uma padaria. Localizava-se numa encosta de relevo suave, virada a sul. Pela descrição, era uma sepultura feita com lajes, com uma só laje no chão, quatro a fazer as paredes, e uma tampa. Não há elementos sobre a sua cronologia, poderá tanto ser romana como medieval. Não há conhecimento do aparecimento de mais, embora seja possível que ainda existam. (TMC)
SÉQUANO - indivíduo dos séquanos, povo céltico que habitou a Gália, entre o Arar (Saône) a oeste, o Rhône ao sul, o Reno e o monte Jura a leste, o Vosges a norte, ou seja, a Alsácia meridional, o antigo Franco-Condado e a Borgonha. (DH).
SEQUER - Adv. Ainda.
SERENO – O ar da noite (LV)
SER (PARA MUITO) – Ser valente. (HS)
SER-PODEROSO – Vide Poderoso.
SERGENTA – Criada, moça de servir. 1396.
SERGENTE – O moço ou moça de servir, criado ou criada, ministro, servente, assalariado e pronto para todo o serviço do seu amo. Vide scola. No ano de 1385 D. João I, mandou que os Lavradores, sergentes e moradores dos coutos e herdades do mosteiro de Santa Cruz, Clara, Lorvão e outras do termo de Coimbra, enquanto durar a guerra vellem, rondem e paguem para fintas, talhas e pedidos, pera repairamento e afortelezemento da Cidade, não obstante os seus privilégios, que não devem ter lugar neste tempo de mesteres. Vide aberregar.

SERGENTES – Primeiramente criados depois ligos nas ordem militares do Templo, de Calatrava de Avis e finalmente da de Cristo. No princípio eram uns moços e criados fiéis, que serviam os cavaleiros dentro e fora dos conventos, preparavam-lhes as armas, vestiam-lhas, cuidavam dos cavalos etc. e, estando em casa cuidavam do serviço de limpeza e asseio dela. *Nas constituições de Tomar de 1326 se diz; Ordenamos e estabelecemos e outorgamos que pera todo o sempre haja na dita ordem 86 freires ao menos como dito he Des quaes sejam 71 freires cavalleiros guisados de cavalo e armas, e outros (que eram quinze) serem clérigos e Sergentes*.
SERÍGA – Vide sessega.
SERMÕES, PERLONGADOS – Longas discussões.
SERNA – Herdade, que se semeia e tributo, que se paga para ela ser cultivada.
SERPE – "Faz-lhe trager ua serpe e veerás como a matará" – Serpente.
SERPENTINO – de serpente
SERQUEJAR – Ir andando; correndo ou cercandio à roda.
SERRA – O mesmo que Serna. VIII, IX e X. Também; o mesmo que mede ou pilha, conforme se refira a palha ou sal. (LV).
SERRA DE PENHA MOURISCA – Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, com interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca as folhas de registo de cadastro da freguesia de Espadanedo. (TMC)
SERRADOR – Aquele que trabalha com serra. (VR)
SERRIM – Serradura de madeira.
SERRINHA – Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Carrapatas. (TMC)
SERVA – Sirva. Forma arcaica. Do Latim Serviat.
SERVIÇAL – Lavrador, mordomo, caseiro, homem do campo e que trata da abegoaria. E, geralmente falando, todo o homem, que servia, como criado ou moço. 1299.
SERVIÇO – Esta palavras, antigamente, se tomava em muitas e mui várias significações. Umas vezes era uma pensão sabida de dinheiro ou frutos, outras certas jeiras ou dias de pessoa; também se tomava por jantar, ceia ou refeição honesta, que o vassalo, colono ou enfiteuta devia ministrarem certas ocasiões ao direito senhorio; Também; Não se declarando nos prazos antigos, a qualidade e quantidade do serviço; Também Entre os muitos e determinados serviços se fazem notáveis: 1º O serviço de pasquoello que se pagava pela páscoa.; 2º O serviço de Penticoste que se pagava pelo espirito santo. 1529. Também; Prestação paga quando o senhor pousava na terra, geralmente constituída por géneros para sustento das pessoas e animais; Obrigação de prestar serviço militar sempre que o rei se deslocasse à região. (BV)
SERVIÇO SANHOANEIRO – Vide Sanhoaneiras. 1333.
SERVIR – Alusão à ética das relações feudais que proibia o vassalo de receber benefícios de outrem que não fosse o respectivo senhor. (HS)
SESEGA/SESÉGA – Vide Sessega. Em muitos documentos do século XIV se tomava assento ou terrado, não só de qualquer edifício, mas também das árvores. 1275.
SESERIGO/SESERÍGO – Assento, planície e o que Sessega. V. Tempreiros em D. Gualdim Pais.
SESMAR – repartir as terras ou herdades que deviam ser dadas sesmarias.
SESMARIA – Assim chamaram as datas das terras, casais ou pardieiros, que estão em ruínas e desaproveitados e que os seus direitos de senhorio, depois de avisados não

fazem aproveitar e valer. Aos almoxarifes pertence hoje semelhante inspeção. Ver elucidário.
SESMARIA (DAR DE) – Conceder as terras desaproveitadas e baldias a quem as fabrique e aproveite como foro de sexto. E também as dos particulares se, sendo avisados, dentro de um ano as não aproveitassem.
SESMEIRO – O que era destinado pelo rei ou concelho, para repartir as ditas terras.
SESMO – Sexto, foro de seis um." Huma vinha que chamãm de sesmo, isto é, que paga ração de sexto. Também; Termo, sítio ou limite, em que há sesmarias. 1430.
SESMO DE SEGUNDA/TERÇA/QUARTA/QUINTA/SEXTA/SÁBADO- Nos documentos de Pinhel, Guarda, Trancoso, Salzedas e Tarouca, se acham com frequência todos estes sesmos de que agora, só para exemplo nomearemos alguns. Mas que razão haveria para nomear estes sesmos com os dias da semana? Seria porque em cada um deles respetivamente se deram antigamente estas propriedades e terras de sesmaría.
SESSEGA/SESSÉGA – Assento, lugar ou solo em que alguma cousa se edifica v.g. casa, moinho, lagar, tanaria etc.
SESTA – Há sesta batida: começando a dormir a sesta à hora do meio-dia.
SESTEAR – Dormir ou passar a sesta.
SESTEIRO – Vide Cesteiro. Há todo o fundamento para dizermos que o sesteiro eram dous alqueires ou duas teigas da medida antiga.
SÉSTO – Para com os Italianos significa compasso ou outra qualquer medida. Daqui assestar, pôr por medida, bornear, fazer pontaria. Daqui vai a sésto, isto é, vai a compasso, à corda vara ou medida.
SESUA/SESÚA – Vide Sessega.
SESÚS – Jesus.
SETEIRA – 1) Fenda longitudinal praticada nos furos de uma fortificação para lançar projecteis sobre os assaltantes. 2) Qualquer fresta, nas paredes de um edifício para dar luz ao interior. (AA)
SETEMBRO – Nome de homem, Setembro Paes. 1284.
SETIAL – escabelo – Banco comprido e lardo de assento móvel. Constitui uma caixa cujo assento serve de tampa. (AA)
SETO/SÉTO – Sebe, estacada.
SEXA/SEIXA – Cobertura da cabeça entre os turcos.
SEXENTA MIL LIBRAS – Sexcentas mil livras. 1285.
SEXTAQRIO – Vide Cesteeiro.
SEXTEIRO – Era a sexta parte do moio.
SÉ-VAGANTE – No Mosteiro de Grijó se dizia sé-vagante quando não havia prior.
SAYAAMENTO – Exéquias, funeral.
SEZÃO – Vide Saçom.
SFIAÁ/SFIÁA/SFIÁÁ- Vide Fiãa.
SFIÃO – O mesmo que Fiãa.
SHOIA – ou soia, pretérito imperfeito do verbo soer.
SI – Sim. Também; "Uus choravam entre si" – De si para si.
SI ASSI - Estar presente.; Também podemos dizer que si assi vale o mesmo que deste ou daquele modo, assim ou assim, correspondendo ao latim, sic, vel sic, vel illo modo.
SIBANA – Barraca, choupana, tenda de campo, palhoça, cabana. 1598.
SICARIATO – Morte feita com faca ou adaga. (RB).

SIEDA – Assento, cadeira, sede ou tribunal do juiz. Vulgarmente se diz hoje; O juiz na sèda, quando está no seu tribunal.
SIGALHO – Bocadinho, um sigalho de pão. (RB)
SIGILLATA, Terra – Ver Terra Sigillata.
SIGILLAR – SIGILLAR – Selar, pôr o selo em alguma cousa. Antigamente se chamava sigilar o penhor ou tomar alguma cousa por penhor de alguma dívida ou crime, porque deste acto se passava instrumento em que se punha a firma, sinal ou selo do juiz.
SIGILATON – Vide Ciclatom.
SIGILOGRAFIA - Selos apostos nos documentos para os autenticar
Diz-nos o Marques de Abrantes na introdução à sua Obra" O estudo da Sigilografia Medieval Portuguesa. "Como ciência histórica, a Sigilografia tem uma enorme importância, verificável em campos tão distintos como a Epigrafia, a Diplomática, a Genealogia, a Heráldica, a Ourivesaria, a Indumentária, a Imaginária, a Religião, O direito, a Sociologia, a História socioeconómica, a Arquitectura, a Armaria etc.
Com efeito, e por exemplo, as fontes de que se podem servir os que se interessam pelo estudo da Heráldica medieval Portuguesa são reduzidíssimas, dado limitarem-se praticamente às esculturas armoriadas que ornamentam uma certa percentagem das sepulturas medievais e à esfragística da mesma época. Na realidade, a iluminura heráldica particular anterior ao século XVI é raríssima no nosso país, sendo o seu mais remoto exemplar conhecido o das armas do Conde D. Pedro de Menezes". Todavia existem documentos assinados com selos rodados mesmo em data anterior ao nascimento da nossa Nacionalidade.

Sinais rodados de D. Afonso Henriques, um datado de 1134

Assinaturas: Da esquerda para a direita
1ª - Alfonso VI de Leão
2ª – (a do meio) D. Raimundo (nas exterminadas das varas) 1ª R/A – 2ª M/U – 3ª N/O
3ª – D. Urraca

Assinatura, sinete ou sinal rodado de D, Sancho I – Pai de 27 filhos, entre os quais (7 legítimos) D. Sancha; D. Teresa, que entregaram o castelo de Balsemão e restantes propriedades do concelho de Macedo à Ordem dos Templários.

Sinal Rodado cruz templária envolvida por pétalas - Sinal rodado D. Tereja (Teresa) – Teresa de Leão filha legitima de Afonso VI de Leão – Condessa do condado Portucalense 1096-12 maio 1112 e Rainha de Portugal entre 1112 e 1128 - D. Urraca meia-irmã de D. Teresa.

Sinete original de meados século XII da Ordem dos Templários
(encontrados em Silves) Significando a parábola cristã do Pelicano
a dar de comer aos filhotes das suas próprias vísceras

SIGNAL – Presságio. (NAP)
SIGNAR-SE – Persignar-se, benzer-se.
SIGNAS – Bandeiras, pendões; Insígnias.
SIGNIFICÂNCIAS – Sinal.
SIGNO-SAIMÃO – Também designado signo-Salomão é o signo judaico formado por dois triângulos equiláteros em forma de estrela, usado como adorno ou talismã. (AA)
SIGO – O mesmo que comsigo.
SIIA – Estava (do latim sedere) (HS)
SIIAM - “Falavom mui manso aa orelha com os que siiam” Estavam sentados. Também; siiam (do latim. Sedere) estavam.

SIINTIDO – Ressentimento, adoentado. (NAP)
SILENO – Personagem da mitologia pagã. Companheiro de Baco, é representado sob os traços de um bêbado pançudo montado num burro. (AA)
SILHA – Cinta de pano forte ou coiro com que se ata a sela nas bestas, aperta-se por debaixo da barriga. (RB).
SILHADO – Leito do carro rural. (VB)
SILHÃO – Espécie de sela grande para nela cavalgarem as mulheres tem um estribo por um lado e um arção semicircular contra o qual se encostam. (RB).
SILHO – Cântaro de barro vidrado onde se guardam os tomates, pimentos, etc., cântaro de azeite. (VB)
SINCELRO – Usado na frase "pelros com sincelros", isto é, alhos com bugalhos. (VB)
SILVANO – Da mitologia Grega um Deus dos Bosques, florestas e campos; Homem agreste, rustico. (RB)
SIM – Assim.
SIMPATIZAR – Por maneira que à vista d'ambos simpatizou.
SIMPLES (Alteração errónea de cimbres); armação de madeira que serve de molde para abóbada ou arco.
SINA – Estandarte, bandeira; vem do latim, insígnia militar a que os soldados deviam seguir.
SINADO – Assinado com o nome ou firma de alguém.
SINAL – Peça, traste móvel ou semovente. 1215.
SINAL DO JUIZ – Vide sello do juiz.
SINALPENDE – Medida agrária de 120 pés em quadro. Vide Astl e Mina.
SINCELOS – Beira; Os caramelos de chuva gelada que ficam pendendo dos telhados e árvores. (RB).
SINETE - Vide selo.
SINGEL – Vide Cingel.
SINGLATON – Vide Cinclatom.
SINGRANTE -Parece ser simplesmente ou sobre si.
SINO DA TRINDADE – O mesmo que sino d'Oraçom. Também; O que toca as ave-marias ao anoitecer.
SINO DE COLHER – Vide sino de Correr. Depois do sino de colher, até a manhã clara deviam estar fechadas as tavernas.
SINO DE CORRER – É o derradeiro sino que tange depois do sino da oração.
SINO DOS MOUROS – Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.124) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrada na busca às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Espadanedo. (TMC)
SINO D'ORAÇOM – Assim chamavam o sinal que ao anoitecer se dava para rezar as três aves-marias da saudação angélica.
SINOBLE – No brasão a cor negra. (RB)
SINOS DE PEDRA E DE FERRO – Destes usam nos mosteiros e igrejas da Etiópia. 1540.
SINQUINHO – Moeda de prata que fizeram lavrar; D. João II e D. Manuel; valia 5 réis. O De D. Manuel tina de uma parte, os cinco escudos do reino em cruz com a letras Emanuel P.R. de outra uma malta com a mesma letra.
SIPRES – O mesmo que simplez.
SIRGUEIRO – O que faz obra de fio e cordões de seda ou lã. (RB). O que produz fiosa, tecidos ou obras de seda. (VR)

SISA – Era um imposto sobre as transações: começou por ser receita dos concelhos; D. Fernando usou mais de uma vez o expediente de pedir aos concelhos que lhe cedessem o direito de arrecadação das sisas, mas, de facto, foi D. João I, quem com carácter definitivo transformou a sisa em receita da Coroa. (HS)
SISA JUDENGA – A que os Judeus pagavam no ano de 1489 D. João II fez mercê a Afonso Leite da renda de portagem e sisa Judenga, serviço novo e velho dos Judeos e foros da casas e casaes e de qualquer outro direito que tivessem dos lugares e Beatrías de Meijão Frio, Vila Marim etc.1295. perfeita
SISO/SISOO – Juízo, entendimento, razão perfeita.
SISBORDO – Abertura larga no costado do navio para a entrada ou saída de objectos muito volumosos.
SMOLIATORIO – Hospital, albergaria, convalescença, leprosário, casa pia em que se faziam esmolas, os enfermos se curavam e se recolhiam os pobres passageiros e peregrinos. 1173.
SÓ – O mesmo que sob isto é, debaixo. Só pena, sob pena, isto é, debaixo ou com obrigação de ficar sujeito à pena.1336.
SOÃO – O nascente do sol, a parte que fica para nascente.
SOAR – O mesmo que solar, não enquanto é lugar ou edifício ou torre ou castelo em que teve o seu princípio alguma família nobre e bem conhecida, mas sim enquanto nos mostra algum território couto ou concelho onde alguém exercita a jurisdição ou poder. Que o soberano lhe concede. 1292.
SOBEGEDOM – Excesso, demasia. XIV.
SOBEGIDOM – Transgressão, excesso, exorbitância, culpa, fracção. 1330.
SOBERBOSAMENTE – Com tom e ar de soberba, com arrogância e presunção.
SOBREIRINHA/O – Topónimo que se reconhece existente na freguesia de Edroso como "Sobreirinho", referenciado na base de dados do IPA, como "Sobreirinha" e de interesse arqueológico. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:
Designação: Sobreirinha. Tipo de sítio: Necrópole. Período: Indeterminado/ Não há elementos suficientes para determinar se será uma necrópole romana ou medieval.
CNS: 2022. Descrição: A necrópole da Sobreirinha será constituída por umas cinco ou seis sepulturas, pelo menos, estruturadas e cobertas por lajes de xisto. Sande Lemos assinala a existência somente de duas, mas a população local garantiu-nos a existência de mais algumas. No entanto, nem uma se consegue ver hoje em dia, tendo sido todas cobertas por terra e mato, sendo a sua localização muito difícil. A sua cronologia é indeterminada, poderão ser romanas ou medievais. – Este arqueosítio foi intervencionado por Carlos Mendes e Nathalie Ferreira, no âmbito do projecto de investigação arqueológica "Terras Quentes" entre 28 de Julho e 14 de Agosto de 2003, tendo sido possível detectar e escavar três sepulturas, encontrando-se uma delas, a sepultura nº 2" ainda parcialmente não violada. Assim foi possível encontrar nessa sepultura restos osteológicos tendo sido exumadas duas diáfises de fémures fragmentadas e um pequeno fragmento de diáfise de cúbito ou da clavícula esquerda, encontrando-se o corpo deposto em decúbito dorsal com orientação SW-NW. Recolheram-se ainda fragmentos de um objecto de cobre e, abaixo dos pés uma moeda, de bronze, provavelmente medieval. O método utilizado na construção destas sepulturas é peculiar, pois trata-se de sepulturas primeiramente escavadas na rocha (xisto) sendo depois totalmente revestidas e cobertas por lajes de xisto grauvaque não existente no local. (TMC)

SOBREJUÍZES – Juízes que, a partir do reinado de D. Sancho II, julgavam os casos de apelo após sentença em tribunais inferiores. (BV).
SOBEJO – Adject. Caprichoso, pertinaz e amigo de seguir em tudo os seus gostos e desordenados apetites. XIV. Também; Adv. Cousa por de mais e bem escusada.
SOBREMENDA – Salvo o vosso ditame, à vossa satisfação, sem prejuízo sem prejuízo de quem melhor sentir.
SOBREPELLIZ – Vestidura eclesiástica de lenço branco que se enfia pelo pescoço e cobre em roda o corpo até ao meio.
SOBRESCADA – Espécie de coberto.
SOBRESUBSTANCIAL – Mais que substancial, muito alimentício.
SOBIMENTO – Subida.
SOBLIGAÇÃO – Debaixo de obrigação.
SOBRANSARIA/SOBRANSARÍA – Soberba, arrogância, palavras e acção de desprezo e insulto. 1439.
SOBRE-ALTAR – Vide Super-altare.
SOBREBÔJO – Em tanoaria é o arco que fica mais próximo do bojo, nas vasilhas. (LV)
SOBRÊLO – "…que bem avia mester sobr'êlo conselho". Sobre isso.
SOBRE-JUIZES – Assim chamavam aos magistrados que decidiam as causas na maior alçada e última instância.; isto em todas as comarcas e terras a que pelos reis eram mandados.
SOBRE-TAL – Finalmente, em conclusão.
SOBREJUIZ – Segundo a ordenação Manuelina, eram seis sobrejuizes (isto é, superiores aos juizes do reino) que na Casa do cível despachavam aquelas apelações que lhes vinham dos juizes. Também; O mesmo nome está dizendo que era superior aos juizes do reino. Nas emanuelinas.
SOIBRELAHS – Sobre as. Corresponde ao latim super illas. 1318.
SOBREIRA – Aldeia extinta, perto da Freguesia de Chacim, actual concelho de Macedo de Cavaleiros. (Caderno Terras Quentes nº 7)
SOBREPUJAMENTO – Escesso, transporte, êxtase, demasia.
SOBRESEER – Sobreestar, esperar, deter-se, parar.
SOBRESEVER – O mesmo que sobresser
SOBRESSIMENTO – Espera, demora, espaço.
SOCEDIMENTOS. Ordem ou série de sucessos.
SOCHANTRE – Oficial eclesiástico que entoa no coro aas faltas do Chrantre. (RB)
SOCOLHEDOR – O substituto do coleitor.
SÓCOS DA RAINHA – Tributo que os de Sintra deviam pagar às rainhas de Portugal, segundo o seu foral antigo.
SOCRESTAÇOM – Sequestro. 1402.
SODES – sois.
SODOMIA – Pecado nefando sensual. (RB)
SOER – Ser costume; Costumar.
SOEIRAS – É termo frequentíssimo nos antigos prazos da província do Minho. São, pois, soeiras o mesmo que costumes ou costumeiras e vem do latim soleo-os.
SOESTABELEÇUDO – Substabelecido. 1337.
SOFÁ – Estrado levantado do chão coberto com tapete em que as Turcas se sentam. (RB).

SOFÍSTICA - na Grécia dos séc. V a.C. e IV a.C., fenômeno cultural de implicações filosóficas, e especialmente retóricas, caracterizado pelos ensinamentos e doutrinas dos diversos mestres da eloquência denominados sofistas (Protágoras de Abdera, Górgias de Leontinos etc.), que, além de ministrarem aulas de oratória e cultura geral para os cidadãos gregos, interferiram em acirrados debates filosóficos, religiosos e políticos da época. (DH)
SOFFRAGAYA (IGREJA) Sufragânea. Dependente anexa.
SOFORAR – Voltar, retroceder: isto é; voltando com o freio a mula para trás.
SOFREADA – Acção de sofrear o cavalo puxando-lhe pelo freio.
SOFRENÇA – Sofrimento, aflição, dor, angústia.
SOFRER-SE – Ter paciência, não levar a mal, não executar o que cada um tinha determinado, suspender a execução, cessar do que já tinha principiado.
SOIEIRA/SOJEIRA – Ofício, lavor e ocupação de caçador de coelhos, a que nós hoje chamamos espéra. Vide apieiro.
SOL – Adv. Somente, ainda só, tão-somente, ao menos, vem do latim solum.
SOLADA – Auxílio que um carro presta a outro por meio de corda. (LV)
SOLAIRO – Salário. 1284.
SOLAMSOLÁM – Prazer, alívio, consolação, refrigério. Vem do latim solatium.
SOLAMENTE – Somente.
SOLAR – Não se toma aqui solar enquanto denota origem ou berço de alguma ilustre família. Toma-se no sentido em que os antigos forais o tomavam, a saber, por quintas, fazendas, casais, herdades e outras quaisquer. Ver elucidário.
SOLAR DOS SARMENTOS – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação:
Designação: Solar dos Sarmentos. Tipo de sítio: Necrópole. Período: Romano. CNS: 17202. Localização: Amendoeira. Descrição: Apesar de alguma confusão quanto à origem exacta de algumas das inscrições, é provável que provenham todas do mesmo local, o solar da família Sarmento, que se situa no extremo Sul da aldeia de Pinhovelo. No recinto contíguo a este solar, num campo actualmente plantado com árvores de fruto, nomeadamente pereiras e algumas oliveiras, foram descobertas algumas estelas funerárias romanas na altura em que se procedia ao plantio dessas árvores. Uma encontra-se no Museu Abade de Baçal, uma outra no Museu Nacional de Arqueologia, uma terceira na casa da família Correia Araújo, em Pinhovelo, e uma quarta está desaparecida. A estela actualmente à guarda do Museu Abade de Baçal apresenta a inscrição: LABOENA / CILVRNI / VXORI S / TAVI / CANCI. A estela que se encontra no Museu de Etnologia encontra-se partida, e de granito, e tem a inscrição…NARIA / CLOVTI F / ANN / LX. (TMC)
SOLAREGO/SOLARENGO/SOLARIENGO – O que vivia no solar, quinta ou fazenda de alguém como seu serviçal, caseiro, lavrador, colono etc.
SOLAROSO – Que consola, que dá prazer, alívio, refrigério. Vide Solaz.
SOLAZ – O que favorece e ajuda o seu próximo, o que se empenha em lhe dar consolação e alívio. XIV.
SOLDADA – O foro de um ou mais soldos ou o que se compra com uma certa quantia de soldos. 1295.
SOLDO – Antes já da nossa monarquia, achamos em documentos de Portugal frequentemente menção de uma moeda a qual chamavam solidus que depois disseram soldos. Também; Onze ceitis; Também; em documento de 1335 se declara que 500

soldos eram 25 libras, se, pois, o soldo era um real, vinham as 25 libras a ser 500 réis, ficando a libra a 20 réis e sendo as 25 libras 25 vinténs. Também; Antiga moeda cujo valor foi variando ao longo dos tempos. Com base na Carta de Declaração de Moedas, Fernão de Pina declara que; "*por hum dinheiro, hum ceitil, e por um soldo, onze ceitis e por uma livra trinta e seis ceitis*". Habitualmente é equiparado ao real. (BV)
SOLDO À LIVRA – Frase proverbial. É o mesmo que retamente, à risca, com a mais escrupulosa igualdade até ao último real.
SOLDOS – Nome de moeda antiga. Foral de Outeiro. (MJ)
SOLERET – Grevas. Calçado de homem de armas composto de lâminas de aço articuladas. Os Soleret de polaina, muito incómodos para a marcha por soleret com extremidades arredondadas.
SOLHAS – Armadura defensiva dos antigos, espécie de cota, guarnecida com laminas de aço ou ferro, quase de feição das solhas que no mar se pescam. E daqui lhe veio o nome. Também; Armadura que cobria o tronco, feita de tecido revestido de placas de ferro ou de aço; neste caso o tecido de base era seda (sirgo) verde. (HS)
SOLHO – De todo o solho que ali morrer, digo, se matar, deram metade ao bispo e a outra metade lha venderá o pescador a seu prazer.
SOLIA – Certo pano de que, pelos anos de 1300, se vestiam em Portugal senhoras nobres e distintas.
SOLIAS - Solas, sapatos, qualquer calçado dos pés. Vide solica. Também; Por estes nomes de panos se entenderam tôdolos panos de lã e de seda e de ouro e prata e algodão e linho e palma.
SOLICA – O que seriam solicas? Seriam soldos; seriam panos assim chamados que, ao depois, se disseram solicas? Seriam 3 pares de sapatos? Que também se chamaram sóleas e, ao depois, solas.?...
SOLICAS – Sapatos e qualquer outro calçado dos pés.
SOLILÓQUIO – Monólogo. Também; Razões que alguém diz falando consigo somente. (RB)
SOLLAMENTE – Somente, só, unicamente, tão-somente. 1287.
SOLINIDADE – Solenidade.
SOLORGIAM – Cirurgião. 1436.
SOLTAR – Dar licença, permitir.
SOLTEIRAMENTE – Livre, ligeira e desembaraçadamente, sem algum empecilho, carga ou peso. 1165.
SOLTURA – Diarreia. (MC)
SOM – Sou.
SOMA – Súmula (NAP)
SOMANA - Semana
SOMBREIROS – Chapéus.
SOMENTES – Somente.
SOMERGULHAR/SOMERGER – Submergir.
SOMERJUDO - Submergido
SOMICHAS – Vide semichas. Assim chamavam às verteduras do vinho mole, medido à bica do lagar, que era uma canada mais em almude.
SOMITIMENTO – Inspiração malvada, astúcia perniciosa, perverso conselho que dolosamente, e como às escondidas, se introduz nos corações danados.
SOO/SÓÓ – Sou. É a primeira pessoa do presente do indicativo do verbo seer. 1318.

SOOMENTE – Excepto (NAP)
SOPÃO – Beberrão.
SOPAS -Refeição ordinária no refeitório das comunidades religiosas, comida frugal, moderado banquete. 1306.
SOPÉ – Ao sopé, para baixo, ao fundo.
SOPEADO – Diz-se da criança que foi batizada em casa. (VB)
SOPENA – Sob pena.
SOPONTADURA – Pontinhos, que se põem debaixo de algumas letras ou palavras para sinal, que estão demais. 1320.
SOPRIOR – Religioso que supre as faltas do Prior. (RB)
SOPULCRO – Sepulcro
SOPULTURA – Sepultura
SOROMENHO – Pereira Brava. (RB)
SOROR – Título que se dá às freiras – Madre soror Joana de Deus. (RB).
SORREIÇOM – Subrepção, acção de procurar alguma cousa com narração ou exposições falsas. XV.
SORRELFA – Dissimulação mansa para enganar. (RB)
SORTE – O mesmo que "leira ou geira" (LV).
SORTES – Sorteio; sorteio militar; serviço militar. O borrego vai às sortes, o borrego vai a sorteio. O João e Manuel vão ao mesmo tempo para o serviço militar. Partilha por sortes, partilha da herança por sorteio. (VB)
SORTEGAMENTO – O resultado das sortes que se lançaram o sorteamento. XIII.
SORTEGAR – Deitar sortes, sortear.
SORTELAS – Anéis que serviam para ornar os dedos. É palavra mais espanhola que portuguesa. Os nossos maiores disseram sortelhas e ainda hoje dizemos sortelha uma vila da comarca de Castelo Branco., sem dúvida porque um anel são as suas armas presentes havendo sido antigamente meia-lua.
SORTELAS DAS VIRTUDES – Anéis, em cujas pedras se julgava consistir em alguma virtude natural ou supersticiosa, para curar algumas enfermidades, ou livrar de alguma doença ou maleita. 1258.
SORVETE – Confeição de sumo de frutas com calda e açúcar em ponto muito alto a qual segurada para se desfazer em água e beber, como a limonada de calda para se guardar. (RB)
SOSANO – Desembaraço, resolução.
SOSPENSO - Suspenso
SOSQUINAR-SE – Inclinar-se a favor de alguém.
SOSTIMENTO – Fundo, cabedal, suportamento, socorro preciso e indispensável para alguma cousa se manter e levar ao pretendido fim. 1387.
SOTAINA – Vestidura mais longa que a casaca, talar, aberta por diante e tomada com botões como a trazem alguns moços de conventos. (RB). Também; Tareia, sova. (VB)
SOTAL – Contanto, debaixo de tal. 1301.
SOTERNOCAMENTE – "*El-rei de Castela com gram cobiça soternocamente os quer subjugar a si e tiralos da livraçom e izençom que houveram des o tampo que os nossos avós os ganharam aos mouros*" Cortes de Coimbra de 1385, parece que soterrano; soterranho; ou soterrenho (que é cousa escondida e oculta debaixo da terra) se disse soternocamento, isto é, às escondidas, com dádivas e promessas ocultas. Pois esta era

uma das máquinas com que o Rei D. João de Castela queria subjugar a si o Reino de Portugal, corrompendo os grandes e alcaides, ou governadores das praças.
SOTERRAÇOM – Funeral, enterro, acção de meter debaixo da terra. 1335.
SOTERRAMENTO – O mesmo que soterraçom. 1307.
SOTERRAR – Pôr, esconder, sepultar debaixo da terra. 1393.
SOTO – Debaixo. 1191.
SÓTO – Loja, comercio. (VB)
SOTTERRAR – O mesmo que soterrar.
SOUPICAR – Pisar a uva no lagar. (VB)
SOUSASOR – Sucessor. 1305.
SOUTO – Mata, bosque, espesso. (RB).
SOUK – Rua de uma cidade muçulmana, por vezes coberta, com grande actividade comercial. (AA)
SOVEIO – Correia grossa de couro, que serve para prender o carro de bestas ou o arado ao jugo. (VB)
SOVEREIRO – Forma antiga de sobreiro.
SOVINHA – Cada um dos pregos de pau que prendem os atados à albarda, quando esta não tem fivelas. (VB)
SPADALEIRO – Remeiro. Vide alcaide do navio e proeiro.
SPADANAL – Lugar ou terra apaulada onde nasce muita espadana, espécie de tábua. Vide Avelanal.
SPADOA – Vide Corazil. 1296; Também; Entrecosto de porco. Era como se estipulava: de sete, de oito, de nove, de dez, de onze ou de doze costas ou costelas. E, outras vezes era huma apadoa, com todas sas costas. XIII/XIV e XV.
SPARGELAR – Vide Espargelar.
SPARGIMENTO /SPARGIR – Derramar, esparzir.
SPECTANTE – O que tinha impetrado letras apostólicas expectativas. 1369.
SPECULO – É o Speculum Juris de Durando, bispo de Mende, que teve o sobrenome de Speculador, por causa deste livro que por muito tempo foi consultado com preferência pelos canonistas.
SPEITANTE – O mesmo que Spectante. 1358.
SPEITAR – Vide Speitamento.
SPERSAMENTE – Expressamente. 1318.
SPITALEIRO – O mesmo que spadaleiro ou espadaleiro. Vide alcaide do navio e proeiro.
SPREGUNTAR /ESPREGUNTAR – Inquirir perguntar.
SPREMUNTAR – Vide Sperguntar. Inquirições D. Dinis.
SQUALIDAR – Rotear, reduzir a cultura os silvados, charnecas e matagais.
SSA/SSAS – Vide Sa.
SSAYOADA – Vide Sayoada.
SSEGRAAES – Vide Seglaaes.
SSEIDAS – Vide seidas
SSOMICHAS – Vide Semichas.
SSYHA – Vide Syha.
STA – Esta. Sta terra, esta terra. 1322.
STADA – Assento, cadeira, banco. 1331.

STADO – O mesmo que estado. Também podemos dizer se chamaram stados ou estados os roes ou protocolos em que os termos, ou assentos das querelas ou denúncias se escreviam.
STADO DA TERRA – Vide estado.
STALA – Presépio, curral, estrebaria, corte, casa baixa, humilde e não asseada. Vem do latim stabulum.
STALLO – O mesmo que stada. 1368.
STANÇA – Instància. 1393.
STÃO – Estalagemn, casa de albergue, onde se dá pousada por dinheiro.
STAR – Subst. Na baixa latinidade, se disse stare, estare e starrum, pela residência, vivenda habitação ou casa, em que alguém estava ou residia. Igualmente se tomava pelo hospício ou hospedaria, em que os hóspedes ou passageiros se albergavam e recolhiam. 1272.
STEDE – Esteve, pretérito do verbo star ou estar. 1268.
STERCORARIA – Caderia em que o Papa se senta no dia da sua sagração. (RB)
STEVADAME/STEVADÁME DE VINHO – Estiva ou medida certa de vinho. Vide estiva.
STEVADAME/STIVADAMENTE/ESTIVADAMENTE – Por medida certa à risca, nem mais nem menos. XIV.
STEVAINHA – O mesmo que Steveinha.
STEVEINHA – Nome de mulher que em latim se diz Stephania. 1336.
STIL – O mesmo que astil.
STO – Isto. 1336.
STRANHAR – Alienar, passar aos estranhos e fora da avoenga ou família, qualquer propriedade ou fazenda. 1341.
STUDO – Estudo. 1285.
STULTO – Louco, usado. (RB)
STURMENTO – Vide estrumento.
STYL – E estil, o mesmo que astil.
SUÃ – (O Aforismo “ósso de Suãu) barba untada, barriga em vão.
SUBTRALHA – O excesso de liquido (vinho, azeite) que escorre do copo ou de qualquer vasilha (Lagoaça) (VB)
SUÁSTICA – Termo de origem Hindu. Criz Gamada cujos quatros braços iguais têm a forma da letra grega gama. Emblema solar; os cogulhos acrescentados à cruz exprimem o movimento da rotação do sol. Este sinal que parece que nasceu na Ásia Menor anterior ou no mundo Egeu, teve carreira prodigiosa: Na China, no Japão, entre os Índios da América. (AA)
SUBBASSI – Oficial de justiça entre turcos, espécie de meirinho.
SUBFREGANHO /SUFREGANHO – Sufragâneo, o que estava sujeito e dependente de alguém. Diz-se hoje dos bispos e bispados das igrejas e colérigos. Antigamente se dizia de qualquer terra ou povo que estava no temporal sujeito a outro. 1335.
SUBIDEIRO – Carreiro, escalão ou entrada estreita, por onde se sobe, subida.
SUBLIMEÃO – Eminente, grande sublime como por excelência. Tal foi o evangelista S. João que, a respeito dos outros apóstolos, foi mais honrado, querido e estimado pelo divino mestre. 1510.
SUBREPÇÃO – Acção de negociar e diligenciar alguma ordem, decreto, lei, bula subrepticia. (RB)

SUBRICIO – Acha-se esta palavra na larga doação, que a rainha D. Teresa fez à Sé de Tui, sendo seu bispo D. Afonso no ano de 1125 Arquivo das mitra bracarense documentos confirmados nº 4, lê-se; …. Ita quod nullus Comes vel subricius, aut Gallinarius…
SUBRREGANO/SURIEGANO – Casal ou prazo, que paga leitão, marrão, cobro ou espádua de proco. 1258.
SUBSOLANO – Vento de levante, oposto a Favonio. (RB)
SUCCEDER – Convir, aceitar, aprovar alguma cousa e de boamente.
SUCUBO – adj. Que fica por baixo no acto da copula carnal: diabos – os que fazem as vezes da mulher em tais actos. (RB).
SUDATÓRIO, SUDATORIUM – Estufa dos banhos romanos. (AA)
SUDEIRO – Toalha ou lenço de alimpar o suor. Vem do latim sudarium. 1195.
SUEIRAS/SUEYRAS – Certas pedras preciosas, talvez safiras.
SUEIRAS – Suar (PA); Manilha ou colar que se traz no braço e pescoço. Elucidário Tomo II pág 336
SUFFOCATO – (Comer) – comer carne de animal sufocado (o que era proibido aos Judeus)
SUFREGANHO – Vide subfreganho
SUFRIDEIRA – Nome que os ferreiros dão à alfeça e que serve para ajudar a dar formas ao ferro. (VB)
SUGISTÓRIO – Homem que ia nas procissões vestidos ridiculamente fazendo jeito de matar a serpe que saia em algumas procissões. (RB)
SUIDADE – Saudade. Também; O estado daquele que era herdeiro necessário de algum testador como o filho que estava debaixo do pátrio poder ao tempo da morte de seu pai, o qual se chama herdeiro seu e necessário. (RB).
SUK – (Em francês souk); Em árabe, é o mercado. Transcrito como zoco em espanhol. Daí o nome da praça toledana; Zocodover.
SUMETIDINHO – Acanhado, tímido e também, raquítico, falando-se de crianças especialmente. (LV).
SUMMAMENTE – Muito bem.
SUMMARIO – Macho, mulo, azêmola, besta de carga.
SUPER-ALTARE – Ou sobre-altar; acha-se em alguns dos nossos mais antigos documentos, já no sentido de pedra d'ara ou altar portátil, já com dossel, pálio ou sobrecéu, com que algum altar se cobria e ornava.
SUPER-EVANGELIA – Capa preciosa, com que os sagrados evangelhos, ou mais bem o códice, em que eles estavam escritos e a que hoje chamamos missal.
SUPER-SARRACES – Entre os vários ofícios que pelos anos de 1022 havia no mosteiro dos Santos Fecundo e Primitivo era um a que chamavam super-sarraces, isto é, inspectores dos escravos, moços, cativos que por serem sarracenos se disseram sarraces.
SUPER-VILLAS – Vide Super-Sarraces.
SUPOSITAS – Trapaças, enredos, falsidades, enganos, maquinações, intrigas. Vide inmissão.
SUPERSÍTO – Tudo o que são pertenças de uma herança.
SUPITAMENTE – Subitamente.
SUPITO – De súbito.
SURBIÃO – Movimento anormal e desencontrado das águas do mar que acompanha as calmarias ou se segue a elas. (LV).
SURÊLO – Chinelo velho. (LV)

SURIA – Síria.
SURIEGANO – Vide subrregano.
SURNALHO – Lenço de assoar. (VB)
SURRÃO – mesmo que sarrão. Individuo badalhoco. (VB)
SURRAR – Surrar peles, tirar-lhes o pelo e limpar-lhe o carnaz. Dar surra de açoites. (RB)
SURRIEGANO – O mesmo que subrregano.
SURTUM – Veste que não fecha pelo meio do ventre, mas passa a abotoar-se a um lado do corpo, com duas ordens de botões. (RB).
SUSANA – adj. Veia, a da testa. (RB)
SUSO – Vide Jussãa. Também; adv. Acima, dantes; suso dito; a suso, acima: Testamento do rei D. João I. (RB).
SUSQUEDONO – Interjeição; Ala! Rua! Fora! (VB)
SUSTENIDO – Bofetada. (VB)
SUSUESTE - Vento de sul para sueste. (RB).
SUTRÂO – Mulher gorda e desajeitada; marafona. (LV)
SUUM – Acha-se dessuum e desum. Vide Deconsuum.
SUXAR – Dispensar, abrandar, remitir. XIV.
SY - Sim
SYHA /SSYHA – Estava. É a terceira pessoa do pretérito indicativo do verbo seer. 1289.
SYLLOGISMO – Argumento que consta de 3 proposições V.G. as substâncias espirituais são simples. Deus é substância espiritual, logo é um ente simples. Método de raciocinar e argumentar. (RB).
SYNDERESIS – A consciência moral, os remorsos. O instinto moral e conhecimento natural do0 bem e do mal. (RB)
SYNADO – Assinado com o nome ou firma de alguém. 1418.
SYNEDERIM – Tribunal dos Judeus. (RB)
SYNODATICO – Vide Cathedratico. 1596.
SYNONYMIA – Figura de retórica, consiste em juntar synonimos, ou antes, termos de significação aproximada. (RB)

T

T – Na música dos antigos, denotava a morosidade ou detenção do canto.
TA/TAA – Assim chamaram os Mouros a cada uma das cabildas ou almohelas compostas de muitos aduares em que repartiam algumas grandes porções de terra.
TÁ (Interjeição) – Alto! basta!
TAÁ – Cabeça de partido, julgado, concelho.
TABALHIOM – Tabelião. 1295.
TABALLIADEGO – Ofício de tabelião
TABARDO – Vestido- Veja-se a pragmática de D. Afonso IV.
TABEFE – Tabiche (PA); O leite das ovelhas fervido e engrossado com algum tanto de farinha e açúcar. Deriva-se do verbo "Tabacha" cozinhar, guisar.
TABELIÃO – Notário. Oficial público cuja principal função consistia em redigir escrituras e outros documentos que requeressem autenticidade legal. Também; Notário, escrivão (Viterbo Doc. 1295) (CM). Também; Notário. Oficial público cuja principal função consistia em redigir escrituras e outros documentos que requeressem autenticidade legal. (BV)
TABIQUE – Tabique (PA); Parede ou repartimento de que se faz tábuas e arcos de pipa ou fasquias serradas e depois de tudo pregado se enche de cal e se reboca. Deriva-se do verbo tábaca, por uma coisa sobre outra. Tecer.
TABLADO – A parte do Theatro onde os actores recitam, onde os dançarinos dançõo. (RB)
TABOAS – Aludindo às táboas enceradas ou engessadas em que os antigos escreviam com estilo ou ponteiro de ferro se chamaram depois taboas.
TABOLEIRO – Tablia (PA); Voz pérsica. Certo movel de madeira com bordas à roda.
TABULADO - Terreiro, fechado por tapumes, em que se fazem as touradas. (VB)
TAÇA DE ALABASTRO – Taça de alabastro, proveniente do castelo de Silves, século XIII.

Espólio da Associação Terras Quentes

TACUELA/TACOILA – Joelheira, isto é, caixa de madeira em que se ajoelha quem anda lavando soalhos.
TAES E QUIJENDAS /QUIJANDAS – Vide Quejendas.
TAFUIS – Jogadores.
TAGANTE – Golpe de açoute ou azorrague, que corta e retalha a carne e, por isso, se disse tagante, isto é, talhante. 1388.
TAGAR – Cortar, ferir.
TAGRA – Medida de vinho, seis das quais faziam meio almude coimbrão, que é um cântaro de vinte e quatro quartilhos. Tabela II. Sistema de medidas de capacidade do

Condado Portucalense Designação 64 Moio 16 Quarteiro (cereais) e Puçal (vinho) 8 Sesteiro 4 Teiga (cereais) e Quarta (vinho) 2 Almude 1 Alqueiro (LSL)
TAGARRO – Tagaron (PA); Lugar na província da estremadura, patriarcado de Lisboa. Significado, fenda ou boca no monte, caverna, concavidade.
TAGE – Tage (PA); A coroa. Deriva-se dol verbo árabe "táuuaja". Coroar ou por coroa sobre a cabeça de alguém.
TAIFAS – (reino das); Em al-andaluz, principados independentes que se formaram no início do século XI, após o desmoronar do califado de Córdova. Literalmente "Facção, partido".
TAIFAS (OS REINOS DE – 1021/1095) – O estertor do Califado prolongou-se até 1031. Em vinte anos proclamaram-se quinze califas. A anarquia fragmentava o Andaluz em dezenas de territórios independentes, os reinos de Taifas. Estes reinos espelhavam a diversidade das forças militares. Uns foram governados por chefes árabes, como os de Córdova, de Sevilha, Saragoça, Valência, Múrcia, Huelva, Niebla de Faro e Silves. Outros por berberes descendentes dos que vieram à conquista, como Badajoz, Toledo, Mértola; Terceiros por Berberiscos, berberes radicados há menos tempo, boa parte deles convidados por Almançor, como Granada, Carmona, Ronda; e, finalmente, os de chefia eslava, como Almeria, Denia, Tortosa. Os que se mantiveram mais tempo foram os de Saragoça, Toledo, Granada, Sevilha e Badajoz. Os dois últimos dividiram entre si o Ocidente muçulmano, cuja fronteira norte se situava ainda na corda do Douro. Nenhum dos pequenos reis se apresentava como muladi, ao contrário das rebeliões do século IX, sinal inequívoco da islamização dominante. Ao mesmo tempo, a divisão e o uso de mercenários cristãos nas guerras civis abriram caminho ao pagamento de párias e a descida dos cristãos sobre os territórios do sul.
TAINA/TAINAR – Taina é, no Minho a pagodeira, bródio, comezaina alegre festiva. Daí tainar; pagodar; petiscar alegremente, em agradável convívio.
TAIPA – Parede feita de terra ou barro calcado entre dois tabuões paralelos e cuja distância é proporcionada à grossura da parede. (RB).
TAIPADOR – Aquele que faz paredes ou muros de taipa.
TAIPAL – Os taipais são as tábuas entre as quais se calca o barro, quando se faz a parede de taipa; carro que tem as bordas altas de tábuas (RB).
TAJ – (Do persa, coroa) O Taj Mahal. O esplêndido túmulo de mármore em Agrana Índia foi construído pelo Imperador Shah Jehan entre 1630-1651. Em memória da sua rainha. (AA).
TAL – Simples. Ex: pedra tal, pedra ensossa, simples, sem barro – Ex: Lâmpada tal de vidro, lâmpada simples de vidro.
TALABARTE – Fabricante e vendedor de arcos de Madeira para vasilhame. (LV)
TALAN /TALANTE/TALENTE – Talhante. Também; Vontade (NAP)
TALANQUEIRA – Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.356) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro rústicos das freguesias de Santa Combinha e Sezulfe. (TMC). Também; Mesa. Pau que se atravessa no caminho. (VB)
TALÂO – a parte do coiro de sapato que se levanta para cobrir o calcanhar; É o calço da Besta onde as pontas da ferradura assentão atrás; Uma vara mais curta que a guarda, deixa-se ao fazer a poda e fica junto à teira. (RB)
TALAR – Destruir, arruinar, queimar os campos, searas e plantações; as cidades casas como faz talvez o inimigo. (RB)

TALAREJO – Uma peça do freio dos cavalos. (RB)
TALARIA/TALAZIA – Talha, em que estava o vinho que se vendia aquartilhado. XIV.
TALCO – Talco (PA); Pedra transparente e luzidia que se abre em folhas ou escamas. Dela se fazem lanternas e se põem sobre os registos em lugar de vidro e chama-se lápis specularis.
TALEIGA – Vide Taliga. Também; Saco pequeno, uma taleiga de trigo são 4 alqueires. (RB). Também; O mesmo que bornal ou fardela. Antiga medida para cereais equivalente a 24kg ou 30litros. (VB)
TALEIGADA – Porção que se leva numa Taleiga; Uma Taleigada de Azeite, são 2 cântaros medida de Lisboa. (RB).
TALENTE – O mesmo que talan.
TALENTO – D. Sacho I, além dos maravedis em ouro, prata e cobre, que corriam no reino, fez bater também áureos de puro ouro que valiam pouco mais de 120 réis; e depois foram chamadas coroas e valiam justamente 120 réis. O Talento que também mandou fazer todo de ouro tinha o valor de 1600 réis.
TALENTO DE OURO – Nos documento dos fins do século XII se faz menção com frequência do talento d'ouro.
TALENTOSO – Alegre, desejoso, satisfeito, contente. Também; do francês talento = vontade, empenho.
TALHA 1) Incisão. Entalhe. Corte. 2) Incisão feita com buril na superfície na superfície de uma chapa metálica. 3) Obra de escultura. Escultura em madeira, depois dourada, policromada, estofada ou deixada na cor natural, características do barroco peninsular e respectivas zonas coloniais. 4) Recipiente de barro, vidrado à mão de grande bojo, para conter água, vinho, azeite, azeitonas, etc.
TÁLHA – s. f. Vaso de barro de grande bojo e boca estreita, o fundo cónico, serve para guardar azeite nas adegas, etc., - O fragmento do metal que se tira ao lavrar com a ponta do boril – Certo número de achas, ou feixes de lenha de tojo de carradas; v.g. doze carradas serão uma talha, mas o número é vario segundo os lugares e o mesmo era e é nas marinhas, onde se marcam os alqueires dando-se numa vara um talho para marcar o número dos que embarcam e o que dá os alqueires, quando chegam ao numero, v.g. de 10, 12, grita ao marcador "Talha", isto é, que dê um talho, que vale os tantos alqueires do costume. – O pau em que se marca o número das talhas com certos golpes segundo os rústicos costumam – Talha de fuste; vara com mossas, as quais serviam de calculo da soma que cada um devia de imposição, quando os juizes, os Sacadores, Porteiros e Exactores dos cabeções, talhas (que daí tem nome) e fintas não sabiam escrever (V. hic Art. Ler e Ord. Af. 3.95.4) nem algarismos para contar, ao que alude a frase proverbial; "Governa-se lá pelas suas mossas de pau" modo de contar dos rústicos, inferior ao dos tentos e tentins: e talvez clareza do que se lhes tomava, pedia, cobrava deles pelas talhas de fuste, ou o que vale o mesmo, mossas de pau. Sendo mossas o mesmo que talha, ou talho dado no pau para marcar a conta. (Essai sur l'Historire General et les moeurs des Nations chap 84) do Frances Taille (V. Danet. Diction. Franc. Lat. Art. Taille todo) V. no Elicidor t. 1 f. 182, o art. Barro, onde vem talha de fuste, como clareza de devido polo que se tomou fiado. Estas Talhas de Fuste davam os lançadores e encabecadores dos impostos aos Porteiros, que por elas ião fazer cobranças e execuções, ao que alude o documento cit. No Elucidar art. Talha de Fuste; e talvez a Ord. Af. 2 64 Paraf. 1 e no L.3. 92. Paraf. 1 repetida no L. 5. T. 63 paraf. I "se o nosso Porteiro quer com letteras (mandado judicial por escrito) quer com fuste (a talha no fuste que lhe davam os

lançadores d'imposições) quer per si sem mandado nem talha de fuste) v.g. quando o obrigado à imposição que ele sabia, ia fugindo; quando ia fazer penhora por vocal mandado do juiz; "Sem carta nossa, ou sentença de algum nosso Julgador, ou Alvará". (Ord. Man. 3. 72. Orinc, ou só a requerimento da parte e por seu mando, idem, 4 T. 5. E T.e e L 4 57.S) for fazer execuçom, etc,". V. a Afons 3 95. Parf. 4 "Manda el-rei, etc", donde se colhe que as talhas se davam ao sacador e porteiro que não sabiam ler e deviam levar escrivães para autuarem o que eles fizessem. O erudito autor do Elucidário diz que é a taboazinha cortada diagonalmente, ficando em cada um triangulo a obrigação, ou quitação ou número igual de talhos designadamente as quantias, os quais era títulos dos contraentes. V. Talhar Soldada... – O mandado executivo podia ser per letteras onde Juiz e Escrivão. Soubessem escrever; e por talha de fuste onde não soubessem. V. acit Ord. Af 8. 95 "manda el-rei…. E se os prelados, etc, mandarem sacadores e Porteiros que não souberem ler, etc, Paragrafo Obra de Talha; de relevo que fazem os entalhadores e escultores imaginários. V. Talhado: "obra de meia talha" meio relevo. M. Lus L 19 c.6. Há talha (gravura) d'entalhador de buril em metal e laminas que servem de estampar pinturas: "laminas de talha fina, de buril delicado, bem obradas, que os Franceses chamam Talha doce" – Talha tema náutico. Uma corda com que se ata a cana do lema, paro o governar com mais facilidade, quando o mar anda tormentoso; Talhas da cevadeira; são cabos que ajudam a abolinar a cervadeira da artilharia naval, a amarração dos reparos dos canhões às amuradas, etc. – Tributo, finta ou imposto. Ord. Manuelinas L 2 T58. Leão, Orig. fol. 78, diz que á finta: "obrigam os Clérigos e as Igrejas a dar com os leigos talha para fazer e refazer os muros dessas cidades" Ord. Af. 2 f.10 e f.108 e 109. It. Soldada jornal, porção: "dão de comer e beber sobre tamanha de ribeirinhos" (isto é, como e na razão em que se dá aos ribeirinhos) V. Ord. Af L 2 T 64 paraf. 1 Alv. De 11 jan. a5a7. V. Talha soldada ou ajustar jornal, ou preço com alguém e cortar que vale o mesmo que talhar preço, frete, resgate: - Preço certo: "Puseram talha (offerecerão por editaes preço) de mil florins a quem lhes apresentasse a cabeça de João Fernandes Vieira. (AM)

TALHA – s. f. Acção de talhar, retalhar, cortar, entalhar, gravar, obra de relevo fina: gravura, a porção de metal que se separa com o buril, (no jogo da banca) o tirar o banqueiro todas as cartas do baralho lançando metade á direita e metade á esquerda- Talhos no pau para marcar a conta, o número de certas coisas, v. g. de feixes de lenha, de carrada; exemplo doze carradas serão uma – de fuste; talhos feitos em vara para marcar a conta v. g. de quantia que se hão-de cobrar, arrecadar – Tributo, imposto, finta, v.g. impor – soldada jornal, porção; preço certo. – Náutica; corda, cabo – do leme: corda com que se tem mão nelle em tormenta. – vaso de barro vidrado por dentro de grande bojo e boca estreita e fundo cónico para guardar azeite nas adegas. (EF). Também; Peso da moeda. Segundo. (HS)

TALHA/TALHAR – Talha é uma medida de quantidade determinada para as transações de mato, palha e rama-de-pinheiro. Assim uma TALHA de mato tem 50 molhos, uma talha de palha 15 molhos, uma talha de rama 60 molhos. Para o mateiro, que é o trabalhador que enfeixa os molhos, a talha tem mais um molho a que chamam raposo. O raposo, como uma unidade excedente de cada talha, fica de parte, servindo no final para a contagem de trabalho produzido, sem direito a remuneração como mão-de-obra. O antigo sistema de contagem por Talhas, para grandes quantidades, correspondendo aquelas a quantidades fixas determinadas, geralmente de dez, ainda hoje é seguido em vários pontos do país. Usa-se também na prática dos embarques, nos navios mercantes.

A cada talha ou quantidade convencional corresponde um traço, feito geralmente a giz em uma tábua. Talhara é riscar ou traçar as talhas. Ver Parea/Pareia. (LV)
TALHA/S – Contribuição, coleta, exceção, que se lança por cabeça e na qual todos são cortados, segundo os seus cabedais e haveres. Vem do antigo verbo "taleo" talhar, cortar, repartir em todo em limitadas porções. E tais dão as talhas ou fintas, de uma certa e determinada soma, que se lançam e repartem a um povo, concelho, cidade ou província ou reino. Vide Armentinhos - No ano de 1350 escreveu el-rei D. Afonso IV a Vasco Gomes seu corregedor; *" Aaquem dos montes, e todo-los outros que depois hi forem por corregedores ou Meirinhos, dizendo-lhe: Sabede que os Juizes Vereadores e homens-boms dos concelhos dessas comarcas me enviarom dizer… que como por rrazom da pestelença, que s'y seguio, muitos que morreram en ella, leixarom em seos testamentos herdades, e vinhaas, e outras possissoens aás Eigrejas e Moesteiros , e Ordeens, e leixom os que agora morrem: pelas quais herdades, dizem que soyão de pagar aquelles, cujas eram, sendo vivos, em fintas, e em talhas com os concelhos, e faziam a mim serviço de cavallos, e armas. E que agora as Eigrejas e Moesteiros, e Ordeens, que se apoderarom, e apoderam, dizem que nom am por que paguem por ellas: E quem os por alguma rrazom quiser demandar, pera que os ditos bens sejam obrigados, que os demamdem per antes os Juizes da Eigreja. E enviarom-me sobre este pedir Mercé. E Eu veendo o que me pediam: Tenho por bem, e mando-vos, que constragades esses, que asi as ditas herdades cobrarom, que pague, como pagavam os donos dellas sendo vivos, em aquellas cousas, que som prol da terra, e nos encarregos rreaaes, e nosque sempre custumarom. Unde al, etc*". Documento de Moncorvo. Vide Orden., Liv. II, Tít. 59 in princ. TAUSA – O mesmo que talha. "Não paguem em fintas ou tausas. Carta de el-rei D. João I de 1427. Doc. Câmara de Viseu. Ver Tausa.
TALHA DE FUSTE – Pedaço de pau, tabuinha, cavaco ou ramo, no qual, diagonalmente cortado em duas partes, em cada uma delas se escreviam ou imprimiam algumas letras ou sinais, que declaravam a dívida ou a sua paga; ficando uma em poder do credor e outra em poder do devedor, que lhe serviam, ou de obrigação de dívida ou quitação dela. Do latim Talea ou talia que significa ramo cortado, disseram os Franceses taile, os ingleses taley, e os portugueses talha de fuste, isto é, pedaço ou lasca de pau. Vide Du Cange, voc. Talea e voc. Trllia "E nom lhis pagam os dinheiros e dão-lhes senhas talhas de fuste e que passa per huum anno e por três, que nom podem haver deles nenhuma cousa. Capítulo especiais de Santarém de 1325. Vide barro.
TALHADOR – Cutelo, faca. Vide vendima.
TALHADOS – Separados. (HS)
TALHADURA DE ÁGUA – Porção d'água, talho, medida rústica das águas, pela qual se entende uma veia de água bastante a regar ou limar um prado. Campo ou lameiro. 1309.
TALHAMENTO – Talha, taxa, repartição. "Daõ de talhamento VII moios, isto é, sete moios repartidos por talha, segundo os bens de cada um.
TALHANTE – Vide Talan.
TALHAR – Não só se tomava antigamente, por cortar, separar ou dividir alguma cousa, mas também por tomar o caminho direito, cortando sem rodeio de uma parte a outra. "*E des hi, talhando aos barreiros*" Documento de bragança de 1551. Também; Cortar nos montes baldios lenhas, estrume etc.,
TALHAVAM – Cortavam, fendiam.
TALHO – Espaço de terreno limitado por dois regos, e destinados a cultura; talhão. Banco de madeira onde se mata o porco. Talho de três pés, banco tosco, semicircular que

assenta em três és. (VB) Golpe com o fio ou gume da faca ou instrumento de cortar em geral; O cepo em que cada cortador corta e donde distribuiu a carne no açougue. (RB)
TALHO DE PEIXES – No tempo de el-rei D. Afonso Henriques, se diz que dos peixes do mar se pague de unoquoque talio unum modium de XXXII alqueiris, exceptis illis qui vocantur tuphis" Livro dos forais velhos. Era, pois, o talho dos peixes o que é hoje o talho das carnes.
TALHOS – Cortes.
TALIGA /THALIGA/TALEIGE – Até hoje permanece o nome de taleiga, principalmente na província da Beira Uma taleiga são quatro alqueires rasados que fazem três acogulados. Esta é, a medida que se pratica hoje, na província do Minho, onde a três alqueires de sal acogulados chamam teiga… Porém não sendo a teigula ou teiga dos antigos uma medida certa…
TALIM – Correia a tiracolo donde pende a espada. (RB)
TALINTOSA – Diziam os antigos a mulher diligente e cuidadosa na boa economia e administração da casa.
TALMUDE – Compilação de comentários sobre a lei judaica.
TAMALANES – Desassisado, imprudente, atolamado, revoltoso.
TAMALVEZ/TAMALAVÊZ – Adv. Algum tanto, alguma cousa, de algum modo.
TAMANHAM – Tamanho, tão grande, Ainda hoje é usado com desprezo, falando-se de um homem, mui grande de corpo e pequeno de espírito.
TAMANQUEIRO - Pessoas que pregavam ou pregam as gáspeas às solas dos tamancos, por meio de tachas e chatas. (CM)
TAMARMA – Assim chamam, ainda hoje, uma fonte na vila de Santarém. Os Mouros lhe puseram este nome que quer dizer águas de tâmaras ou água doce e não águas amargosas como erradamente disseram alguns dos nossos escritores.
TAMBEIRA/TAMEIRA – A madrinha dos esposados no dia das suas bodas. Esta palavra ainda tem algum uso na província da Beira e se acha no mesmo sentido no tombo do aro de Lamego. 1346. Vide Tamo.
TAMBEM/TAMBÉM – Tanto, assim. "*Também da vossa parte, come da estranha*". 1312.
TAMBO – Vide Tamo. Também; Tálamo ou leite dos casados. (RB).
TAMBORIL – Um tambor pequeno que se toca por festa nas aldeias – usam tamboril e pandeiro – (RB)
TAMEIRA – Vide tambeira e tamo.
TAMPÃO – Tampo, Têsto.
TAMO – Celebridade, festa e regozijo que os noivos fazem no dia das suas bodas. Vem de thalamus, o leito nupcial.
TAMPELO – Mando à confraria do Tampelo dez libras. Testamento em que D. Sancha Pires deixava 10 libras aos confrades ou terceiros da Ordem dos Templários. 1287.
TANG – Dinastia que reina na China de 618 a 907 d.C.
TÂNGARO – Certo jogo de rapazes (Freixo de Espada à Cinta) (VB)
TANGER – Pertencer, tocar, ser da sua particular inspecção e cuidado. 1292. Também; tanger viola e frauta, tanger os finos. Tanger as bestas dar-lhes golpes para que espertem e se apressem ou andem. (RB).
TANGALHA/TANGANHO/TANGANHÃO – Tango outingano é em espanhol "hueso ó piedra que se pone para el juego de esse nombre" Do latim Tango; Este jogo consiste em colocar sobre um pequeno cilindro de pau ou osso uma ou mais moedas de cobre, esforçando-se os jogadores por as deslocarem, atirando de longe outras moedas ou

pedações arredondados de telha. Também; TANGANHÃO - traficante de escravos, na África; tangomão, tangomau, pombeiro. (DH).
TANGIMENTO – Tacto, toque, acção de afagar o corpo.
TANGOMÃO – Desta palavra que usa a orden. Liv 1; tem sido a interpretação mui vária e discordante. Os que dizem que tangomão é o que foge e deixa a sua pátria e morre fora dela, ou por suas culpas, ou por seus particulares interesses. Não negaremos, contudo, que havendo passado esta palavra da Guiné a Portugal particularmente se entende dos que fogem e dos que morrem por toda a Guiné e Cafraria.
TANGE – Interessa, Toca, pertence.
TANHA – Vasilha de barro para o azeite. (VB).
TANHO – "E nom se pagará dizima de esteiras de tabua e de funcho, teigas e tanhos, posto que venhão para vender."
TANJUDA/TANJUGA – Diziam a canpaa tanjuga, a toque de sino. 1420. Campa tanjuda é frequentíssimo dos prazos antigos dos mosteiros e cabidos.
TANOEIRO - O Tanoeiro é um artífice que trabalha no fabrico de toneis, barris, tinas, celhas, pipas e outros objectos cujos elementos-chave são as aduelas e os aros. O tanoeiro era bastante conhecedor das várias madeiras, matéria-prima para o fabrico de aduelas. Estas eram manufaturadas pois a sua curvatura e espessura só poderia ser dada à mão. É ainda em recipientes feitos pelo tanoeiro que se fabricam dos melhores vinhos em Portugal. (CM)
TANTINHO – Pouquinho (VB)
TANTRA - na cultura indiana, conjunto de livros anônimos escritos aproximados entre os séc. VII d.C. e XV d.C., posteriores aos vedas, que preconizam a realização espiritual através de um ritualismo heterodoxo que influenciou seitas hinduístas, budistas e jainistas. (DH).
TAOÍSMO - na cultura chinesa, doutrina mística e filosófica formulada no séc. VI a.C. por Lao Tse e desenvolvida a partir de então por inúmeros epígonos, que enfatiza a integração do ser humano à realidade cósmica primordial, o *tau*, por meio de uma existência natural, espontânea e serena [Seu caráter contemplativo, na vida religiosa chinesa, é o principal rival do racionalismo pragmático que caracteriza o *confucianismo*.]. (DH).
TAQUEAR – Tomar uma pequena refeição por volta das dez horas de manhã. (VB)
TARABELO – Pau que gira sobre a pedra do moinho. Diz-se da pessoa que fala muito. (VB)
TARALHETA – Homem tagarela, que fala de tudo. (VB)
TARAMBECOS – Trastes caseiros, tarecos. (VB)
TARDECO/TARDEGO – Serôdio; tardio. (VB)
TAREFEIRA – Mulher que tem doença contagiosa. (VB)
TARRINCAR – Ranger os dentes. (VB)
TARTÉSSIO - relativo a Tartesso, antiga cidade da Hispânia bética, na foz do Bétis, ou cidade perto do monte Calpe, ao sul de Carpéia (atual Gibraltar), na Espanha, ou seu natural ou habitante; tartesso. (DH).
TENCEIRO- Recebedor das rendas do concelho. (Sentença da Câmara de Ponte de Lima – de 1410). (CM)
TAPADURA – Valado, vala, sebe, parede, tapume e qualquer outro resguardo dos campos, quintas ou fazendas, segundo o uso da terra. Documento de Bragança, XIV.
TAPAGEM – O mesmo que tapadura. XV.

TAPEÇARIA – Este nome deu S. Clemente Alexandrino aos seus stromas que é o mesmo que dizemos tapeçaria.
TAPÍGOOS – Tomadias que se fazem nas terras do concelho Em 1375 el-rei tomou posse do lugar de Cernade e se nomearam logo jurados com alçada de sessenta soldos e conhecimento de estímos e tapigoos; prendendo os malfeitores e remetendo-os para o Castelo de Coimbra.
TRADANÇA – Demora (NAP)
TARDÁM – I vagaroso, remisso, frouxo, descuidado, inerte, preguiçoso.
TARDINHEIRAMENTE – Vagarosamente. XIV.
TARDINHEIRO – Remisso, frouxo, vagaroso. 1287.
TARDOZ – Face da pedra de cantaria que se deixa tosca para ficar para dentro da parede. (RB)
TA RECENA – Não só se deu antigamente o nome de tercenas ao Arsenal, em que se construíam e guardavam os armamentos navais e tudo o que era pertença da marinha, igualmente se chamaram assim os almazéns e arsenais ou parques, em que no interior da monarquia se faziam largos depósitos de munições de guerra. 1488.
TAREIJA – Teresa nome de mulher. 1300.
TARIF – Em 710, comandou uma força de 400 homens 100 deles cavaleiros que desembarcaram na ilha que recebeu o seu nome Tarif (Hoje Tarifa), depois salteou Algeciras e recolheu a Marrocos, carregado de despojos.
TARIFA – Tarifa (PA); Antiga cidade da Andaluzia perto de Gibraltar. Significa, cousa última, extrema. Foi assim chamada por estar situada na extremidade da terra pela parte do Mediterraneo. Deriva-se da voz “tarafon”, fim, ponta, extremidade e não de Tarif, capitão Mouro que conquistou a Espanha como diz Bluteau no tomo VIII do seu dicionário, pág 53.
TARIG – Livro das vidas dos Califas sucessores de Maomé. (RB)
TARIK IBN ZIAD – Em 711 chefia o exército islâmico (segundo uns, persa de Hamadane e liberto de Musa, segundo outros árabe livre da tribo de Sadif, desembarcou em Hespanha com 7.000 muçulmanos de fresca data, na maior parte berberes e libertos: Na travessia utilizaram 4 barcos em vaivém. Rodrigo, rei visigodo, combatia os Bascos em Pamplona quando o informaram do desembarque. Desceu ao encontro dos invasores. Entretanto Musa enviara um reforço de 5000 homens. O exército de Tarik contaria agora com 12000 combatentes, além dos soldados de Julião e de gente do país que “indicava os pontos indefesos e servia para espionagem”. Acercou-se de Rodrigo com a flor da nobreza peninsular e os filhos dos seus reis, mas a traição lavrava fundo no seu exército. Encabeçavam.na Sisberto e o Bispo Opas filhos de Vitiza. Acreditavam que os muçulmanos se contentariam com os despojos como Tarif e voltariam para África. Os dois exércitos encontraram-se junto do rio Guadalete. As alas comandadas por Sisberto e Opas abandonaram o campo. O centro resistiu, mas no final os muçulmanos triunfaram. Tarik, dividiu o exército. Mugit Arrumi, liberto de Al-Ualid ibn Abd al-Malik, o califa de Damasco, partiu com 700 cavaleiros contra Córdova. Outro destacamento dirigiu-se para Málaga. Um terceiro para Granada. O grosso das tropas avançou com Tarik para Toledo que se submeteu. (Todas capitularam).
TARIMA (hoje dizemos tarimba) – Tarimba (PA); voz pérsica. Estrado ou lugar alto, feito de madeira à semelhança de leito.
TAROUCA – Taruca (PA); O musculo da coxa da perna.
TARTAMUDEAR – Gaguejar. (RB)

TARTESSO - Identificado com Gades ou com Carteia.
TARUGO – Na Beira-Alta é o mesmo que esbirro. Isto é, espeque no travejamento de uma casa para aguentar ou forçar um madeiro. Também; Torno ou prego de pau que se embebe para segurar duas tábuas, borda com borda. (RB)
TAUSA – O mesmo que talha. "Não paguem em fintas ou tausas. Carta de el-rei D. João I de 1427. Doc. Câmara de Viseu.
TAUSAÇOM/TOUSAÇOM – Taxa que se põe e determina sobre o preço ou valor de alguma cousa. XIV.
TAUSAR/TOUSAR – Taxar, pôr taxa às mercadorias, aos mantimentos, ao tempo, aos gastos, aos louvores, às palavras etc., Daqui se disse; eu tauso ou touso, eu punho taxa, etc.,
TAVOLETA – Alterna com taboleta e designa a espécie de matraca de que, na idade média os leprosos deviam andar munidos, a fim de, com o seu bater, afugentarem do seu contacto qualquer caminhante.
TAVOLLAGEIROS – Os que jogam jogo de sorte.
TAVOLLAGEM – Todo e qualquer jogo de sorte.
TAXAÇÃO – Certo direito que se paga aos ministros que manejam a real fazenda.
TAXADOR – O que põe a taxa a qualquer cousa., que se vende, arrenda ou aluga e isto com obrigação de lhe pôr o justo preço.
TÊA – Toda a qualidade de lenha de pinho, que também se disse facha.
TEADA – Teia ou teias de qualquer género ou qualidade que sejam v.g. Linho, teia, seda, algodão etc.
TECELÃO – Pessoa que tece ou trabalha com tear. (VR)
TECIMENTO – Enredo, urdidura, artifício, tramoia, tecedura.
TÉDO – O mesmo que teudo, obrigado.
TÉDOR – O que actualmente tem e possuiu. Tédor das estradas e caminhos: o ladrão público que, com mão armada, rouba os passageiros.
TEÉDOR – O que actualmente tem e possui. "Meu irmão, teedor desta carta". 1291.
TEEDOR DAS ESTRADAS E CAMINHOS – Ladrão público que, com mão armada e violentamente, ocupa, tem e embarga estes lugares, roubando os passageiros. Este não goza de imunidade da Igreja, assim como nem o incendiário das searas, nem o que insidiosamente de propósito e só a fim de injuriar, comete algum delito.
TEEIGAS – Medidas de capacidade geralmente utilizadas para os cereais e que variavam de região para região, oscilando entre um e quatro alqueires. O foral novo concedido por D. Manuel a Sesulfe, em 1514, designa-a por cavadela, correspondendo a dois alqueires e meio. Também; Medida de capacidade geralmente utilizada para os cereais e que variava de região para região, oscilando entre um e quatro alqueires. O foral novo concedido por D. Manuel a Sesulfe em 1514 designa-a por *cavadela,* correspondendo a dois alqueires e meio. (BV)
TEENDO – "Sem tendo" - Sem terem.
TEENTE/TENT – Tenente (NAP)
TEER – Ater (NAP)
TEEYA – Tinha, pretérito do verbo teer.
TEGELADA/TEGHELADA – De mui diferentes tigeladas se trata na arte de cozinha. Mas nenhuma delas se parece com as que antigamente usou a frugalidade portuguesa, pois em humas se lançava vinho branco, em outras leite, em outras ovos, em outras côdeas de pão.

TEGERMO – O dia trigésimo. 1458.
TEGHELAGA – Vide tegelada.
TEGULA – Telha romana, que se conjugava com os imbrice. (AA)

Tégula conjugada com imbrice – Foto Associação Terras Quentes

TELHEIRO – Fabricante de telhas. (VR)
TEIA – Espaço que antecede o tablado ou palco. Também; No foral de Figueiró dos Vinhos dado em 1176, falando das divisões pela parte que demarca com Pedrogão diz; *Quomodo venit pela teia de Monasterio de Agia*. Poderíamos aqui dizer que por teia se entende aqui o muro, parede, valado, cava, sebe, estacada ou qualquer outro tapume com que cerca deste mosteiro se defendia.
TEIGA – Se em todas as unidades de medida, de que os nosso maiores usaram, particularmente na teiga se observa uma variedade tão grande que quase podemos afirmar serem tantas e tão diferentes as teigas como eram as terras. Ver Elucidário.
TEIGA DE GONÇALO VELHO DO PAÇO – "*De cabedal V. quarteiros de milo feitos e huu sesteiro de trigo pela teyga de Gonçalo Veelo do Paaço, que sempre deram"*. 1347.
TEIGA DE MARTIM GONÇALVES – "Dedes a nós por pam e por vinho quatro moios e sser pela teyga de Martim Gonçalves: e o cabedal seer terzo de centeo e d'orgo e as duas partes de milo, feitos en celeyro". 1329.
TEIGA QUINTA – Desta há frequente menção nos documentos de Pendorada do século XIV; "*Huum sesteiro de trigo pela talíga da quinta*" 1312.
TEIGA RASOIRA – Humma teiga de milho rasoeira – Sete quarteiros de milho feito per teyga rasoyra – 1368.
TEIGAS – No foral de Ferreiros se declara três teigas valiam alai dous alqueires.
TEIGULA – O mesmo que taliga e teiga.
TEIXE – Peça, brinco ou dixe de ouro ou prata de que antigamente se usava e cujo feitio hoje se ignora.
TEJO – Extenso rio peninsular atravessa a Ibéria de Este para Oeste, passando por território dos Celtiberos, dos Carpetanos dos Vetónios e dos Lusitanos, até desaguar em Olissipo (Lisboa). (ET)
TELITONE – Vestido muito espaventoso. (VB)
TELIZ – Telisan (PA); voz pérsica. Pano bordado com que se cobre a sela do cavalo.
TELONIO – Casa ou mesa onde estavam os rendeiros das rendas publicas e arrecadadores delas. (RB).
TEMENTE – Que teme. 1286.
TEMORIZADO - Atemorizado
TEMPAM – Tempo. XIV.
TEMPERAMENTO – Temperança, medida, ordem, moderação, relego. 1351.
TEMPERAR – Em Felgueiras (Moncorvo) temperar a colmeia é tirar ou dar caça aos zangões quando se tornam prejudiciais à colmeia. (LV)
TEMPERO – Regulação do arado, através de uma tarracha ou através de uma barra com orifícios, nos quais se enfia uma chaveta de ferro (tesa). (VB)

TEMPLE /TEMPRE – Assim é chamada a Ordem dos Templários em um documento das bentas do porto de 1295 e noutro da guarda de 1298.
TEMPLEIROS – Vide Tempreiros.
TEMPO DE MESTÉRES/MESTERES – Tempo de aperto, necessidade, guerra. Vide sergente.
TEMPRE – Vide temple.
TEMPLÁRIOS/TEMPREIROS OU TEMPLEIROS – (Informação retirada do Elucidário de Viterbo) *"Assim chamaram os Templários, professores de uma ordem militar. No ano de 1314 e fervendo já as contestações entre D. Dinis e Clemente V, sobre os bens que foram dos templários, querendo o Papa dispor deles a seu arbítrio o rei que só à real coroa pertenciam pelo direito reversivo, não existindo jamais a intenção causa ou motivo, porque dela se haviam desmembrado, e porque os seus vassalos lhos haviam legado ou concedido, fez o soberano tirar uma larguíssima inquirição (que se guarda original na torre do tombo) sobre usos costumes e jurisdição dos templários e sobre as preheminencias que os senhores reis de Portugal tiveram sempre sobre esta ordem. No ano de 1118 a Ordem dos Templários principiou na Palestina as suas actividades. Segundo o Catálogo dos mestres e principais chefes da Militar Ordem do Templo Teve em Portugal desde a sua entrada neste reino até que se extinguiu: O primeiro foi Guilherme Ricardo, Para nos descartarmos de mil incoerências e se desvanecerem alguns aparentes anacronismos se deve ter presente o que se disse (Vide Preceptor) onde se mostrou que os maiores prelados, primeiros e principais cabeças desta ordem em Portugal umas vezes se intitulavam, preceptores, outras comendadores mores outras mestres, outras procuradores, outras ministros outras mestres provinciais, a respeito do gram-mestre que residia na Palestina. Ver Elucidário. Pág 582 a 602.*
A Ordem dos Templários, cavaleiros do Templo, devotados à defesa dos lugares santos da Palestina, foi fundada em 1119 por Hugo de Payens e mais oito cavaleiros companheiros de Godofredo de Bulhões, totalizando o número de nove: entre os quais Godofredo de Saint – Omer e o português Arnaldo da Rocha.
Nove anos depois, em 1128, a Ordem dos Templários foi confirmada pelo Papa a pedido de S. Bernardo de Claraval, que lhe redigiu as regras que foram aprovadas no Concilio de Troyes no mesmo ano e lhe inculcou o seu espírito, tendo para tal escrito um livro em louvor dos Templários.
Esta foi a única Ordem fundada, não com o intuito de auxiliar peregrinos e doentes, mas sim para combater de imediato os infiéis. Nos seus documentos oficiais designam-se com «Fratres militiae Templi ou Pauperes commilitones Christi Templique Salomonis» O rei de Jerusalém Balduíno II oferece-lhes para a sua sede uma ala do seu palácio situado na Mesquita El-Aksa, construída no lugar onde se situara o antigo Templo de Salomão, de onde tiraram o nome.
A Ordem compreendia quatro classes: Os cavaleiros, os escudeiros, os irmãos leigos e os capelães e sacerdotes (chefes militares, sargentos, soldados, clérigos). Juravam consagrar a sua vida ao serviço de Deus, defender no temporal a fé cristã e os lugares santos e combater os seus inimigos, fazendo votos de pobreza, obediência e castidade.
O santo abade Bernardo de Claraval descreve-os como «monges – cavaleiros de Deus» vivendo numa sociedade frugal, sem mulheres, sem filhos, sem terem nada de próprio. Nunca estão ociosos, nem espalhados fora das suas casas; quando não estão em campanha contra os infiéis, reparam as vestes, armas e os arreios dos cavalos, ou estão

ocupados em exercícios piedosos. Detestam os jogos, não se permitem caçar e banham-se raras vezes; andam negligentemente vestidos com a cara queimada pelo sol.
Para o combate armam-se por dentro de fé e por fora de ferro, sem qualquer espécie de ornato e tendo as armas como único enfeite. Toda a sua confiança está no deus dos exércitos e, combatendo pela sua causa procuram uma vitória certa ou uma morte santa e honrosa.
OS TEMPLÁRIOS DA PALESTINA E CHIPRE VÃO PARA A PENÍNSULA IBÉRICA
Enquanto viveram na Palestina, houve sempre uma rivalidade entre os Templários e os Hospitalários, que não poucas vezes se traduziu em lutas armadas que muito enfraqueceram as posições cristãs na Terra Santa. Após a queda de S. João de Acra em 1291 ambas as Ordens se transferiram para Chipre que Ricardo Coração de Leão tinha dado ao rei de Jerusalém. Essa rivalidade prolongou-se até à extinção da Ordem dos Templários pelo Papa Clemente V a instâncias do rei de França Filipe o belo. Mas enquanto os Cavaleiros do Hospital se conservavam no Mediterrâneo Oriental, os Templários, na linha da sua missão universal expandiram as suas implantações no Ocidente da Europa. Os seus templos constituíam verdadeiras fortalezas, inexpugnáveis, que subsistem ainda hoje em Portugal.

PORTUGAL PAÍS TEMPLÁRIO
Foi principalmente na Península Hispânica, e em particular em Portugal, nas campanhas de reconquista contra os mouros, que os Templários mantiveram a sua acção de luta pela propagação da fé cristã. Como em França e na Inglaterra não tinham as mesmas condições dedicaram-se sobretudo à actividade financeira, o que os tornou odiosamente vítimas da inveja dos grandes senhores feudais e mesmo de reis. Para tal, contornavam as disposições da igreja que proibiam os cristãos de exercer tal actividade.

Foram até banqueiros do Papa, de reis, de príncipes e de particulares. O seu grande poderio financeiro pô-los mais tarde em conflito com a maioria dos soberanos, ao pretenderem estes defender os seus interesses e dos seus vassalos, que com jactância cobiçavam as suas riquezas, denunciavam publicamente às mais altas instâncias eclesiásticas, a duvidosa origem lícita dos bens dos Templários. Por assim dizer, eram um estado dentro doutro estado, que originavam muitas vezes graves perturbações de prosperidade económica no entender dos ditos soberanos.

Os Templários na Península Ibérica tiveram uma actuação benemérita que foi reconhecida e recompensada pelos reis com benefícios importantes. Estavam isentos de impostos e da jurisdição episcopal como os censos eclesiásticos gerais. Ao contrário do que ocorria em França e na Inglaterra, na Península Ibérica os reis concediam-lhes privilégios e doações de territórios muitos dos quais situados nas fronteiras, de preferência em zona de combate e de vanguarda cristã contra os mouros.

O NOBRE CRUZADO BORGONHÊS HENRIQUE FUNDA A DINASTIA TEMPLÁRIA DO CONDADO ''PORTUGALENSIS ''
Sabe-se que os condes borgonheses D. Henrique e D. Raimundo chegaram à Península Ibérica nos finais do século XI a convite de Afonso VI de Leão e Castela, como fronteiros e em espírito de cruzada para o auxiliar na defesa e na reconquista contra os almorávidas.
O Conde D. Henrique, 4° filho de Henrique de Borgonha, bisneto de Roberto I de França, irmão dos duques Hugo e Eudes de Borgonha, e sobrinho-neto de S. Hugo, abade de

Cluny, foi no seu tempo na Península um dos representantes mais activos do espírito europeu da época.
É natural que os reis de França quisessem que os duques de Borgonha concretizassem a sua vassalagem, e como em teoria eram sujeitos da coroa, fruíam de uma independência que não era vista com bons olhos pelos reis de França.
Revelada a expansão do Catarismo no Languedoc que se estendeu pela Borgonha, Provença, e por Aragão, os borgonheses viram-se envolvidos nas campanhas albigenses. D. Henrique, como cruzado foi atraído por zonas de combate contra os infiéis e quis ligar à Terra Santa a sua posição de fronteiro do Ocidente.
Tendo acompanhado o seu primo Raimundo na Cruzada contra os sarracenos, visita na Península Ibérica a sua tia a rainha Constança de Leão, tendo sido convidado pelo rei leonês Afonso VI a ajudá-lo no combate aos infiéis no condado Portugalensis – Portus-Calixis – o mesmo que Porto Graal ou Portugal, nome proveniente do Cálice sagrado, um dos símbolos páleo–cristãos particularmente venerado pelos Cátaros e pelos Cavaleiros Templários.
Para compensar D. Henrique dos serviços prestados na sua luta contra os mouros, o rei Afonso VI, no ano de 1095 dá-lhe em casamento a sua filha D. Tareja, oferecendo como dote o 'fronteiro' condado Portugalensis, integrado nos estados do rei de Leão, no que restava da antiga Lusitânia. Este condado surge em meados do século IX abrangendo ao norte o Alto Minho, para o oriente a hoje província de Trás-os-Montes, Douro e Coimbra. O distrito de Coimbra abrangia o Douro, Mondego, até ao Tejo; no ano de 1097 D. Henrique dominava o território do Minho a Santarém.
Os sucessos militares ocorridos na primavera de 1095 moveram Afonso VI a acentuar mais a separação do condado portugalensis dos outros territórios peninsulares, sem a qual era mais difícil continuar a fazer a guerra na fronteira com os sarracenos.
Segundo o testemunho da Crónica Lusitana, muitos franceses tinham passado os Pirinéus para participar na batalha de Zalaca, e ainda depois desta.
Nada indica que o Conde D. Henrique tivesse abraçado a doutrina cátara, mas decerto como Bolonhês perfilharia as razões da luta do Languedoc contra as hordas capetianas, e condenaria as medidas repressivas tomadas pela Cúria Romana. Foi 'cruzado' e em Jerusalém contactara com os Templários a quem tinham sido revelados os princípios da religião 'dualista', com origem na antiga doutrina de Zoroastro.
A primeira referência a D. Henrique é de 1072, (Chartes de Cluny) e em 1082 num documento de Molesme é considerado 'puer'. Na data do seu casamento em 1095 andaria pelos seus 30 anos de idade, pelo que se conclui que deveria ter nascido em 1065. Usava o manto de Cruzado pelo que se supõe ter estado na Terra Santa, e é entre estas duas datas que se distingue na fronteira sudoeste da Península Ibérica contra os almorávidas. Formou a sua corte de fidalgos, artistas e sábios predominantemente borgonhesca e provençal, que continuou durante a dinastia de seu filho o rei Afonso Henriques.
Ao casar a sua filha Tareja (Teresa) com Henrique, Afonso VI não se limitou a entregar-lhe governo do condado portugalensis, com a qual já frequentemente se confunde o distrito coimbrense e o de Santarém debaixo desse nome comum. As propriedades regalengas, isto é, do património do rei e da coroa, passaram a ser possuídas como bens próprios e hereditários da coroa. É a estes bens que parece que se refere a célebre passagem da crónica de Afonso VII falando de Tareja «dedit maritatam Enrico camiti, et dotavit eam magnifice dans portugralesem terra juce heriditaria».

O Castelo de Balsemão, hoje, Freguesia de Chacim, Concelho de Macedo de Cavaleiros: Paulo Dordio Gomes, no seu trabalho Povoamento Medieval de Trás-os-Montes na página 185 e em nota 11 afirma, citando Alexandre Herculano – Trás-os-Montes conhece de novo em 1212 e depois em 1220-1223 a intervenção militar do rei de Leão Afonso IX, no contexto do conflito entre o Rei D. Afonso II de Portugal e suas irmãs D. Teresa, D. Sancha e D. Mafalda. As infantas aceitaram a defesa do rei de Leão que, em Junho de 1212 (na primeira investida) invade Trás-os-Montes e toma diversos castelos e terras – Castelos de Algoso, ***Balsemão****, Freixo, Urros, Mós, Alva, Picote, e Sicoto e as Terras de Barroso, Vinhais, Montenegro, Chaves,* ***Laedra, Lampaças****, Aguiar, Panoias e Miranda.*
A situação parece ter acalmado ainda em Novembro de 1212 e um tratado de paz é assinado na Primavera de 1213, segundo o qual Afonso IX de Leão, restitui a Portugal os castelos tomados (Alexandre Herculano s/d IV, 14 e segs e nota I; doc. ML, vol. VI, pág. 515, escritura VI)". (Viterbo): Também; cavaleiro do Templo ('ordem militar'); Etimologia: lat.medv. *templarius* (séc. XII) 'ordem religiosa dos cavaleiros do Templo', instituída em 1118, em Jerusalém, nas proximidades do Templo de Salomão, por Hugues de Payns, para defender o Santo Sepulcro; dissolvida c1317 pelo papa Clemente V; às vezes alt. por infl. do fr. *templier* (1220) 'id.'; ver *templ-*; f.hist. 1214 *templeiro*, séc. XIII *tenpreyros*, 1314 *templarios*, séc. XV *templaros*, séc. XV *templeyro*. (DH).

Algumas datas significativas:

1115 – Fundação por D. Hugo, Conde de Troyes, do Mosteiro de Claraval, de que o Primeiro Abade foi S. Bernardo de Claraval.
1119 – Fundação da Ordem dos Templários ou Ordem da Cavalaria do Templo de Salomão por Hugo de Payens.
1124 – No dia do seu aniversario natalício, dia consagrado ao Espírito Santo, D. Afonso Henriques, tendo envergado ele próprio as suas vestes de guerreiro, como era atributo das pessoas reais, foi armado cavaleiro ao pé do altar da igreja de S. Salvador, em Zamora.
1126 – Primeira doação aos Templários em Portugal: Fonte Arcada.
1128 – Doação aos Templários, também por D. Teresa, do Castelo de Soure e das terras entre Leiria e Coimbra. Confirmação da Ordem dos Templários no Concilio de Troyes.
1128 – Vitória do Infante D. Afonso Henriques sobre a sua mãe na batalha de São Mamede.
1131 – Redacção definitiva, por S. Bernardo de Claraval, da Regra Templários.
1140 – Vitoria de D. Afonso Henriques sobre os mouros na batalha de Ourique.
1143 – Reconhecimento do título de Rex, usado por D. Afonso Henriques, com o apoio do Papa Eugénio III, que fora discípulo de Bernardo de Claraval. O Mosteiro de S. João de Tarouca passa à obediência de Claraval, seguido dos Mosteiros de Lafões, Salzedas, Sever, Fiães, S. Pedro das Águias.
1147 – Conquista, por D. Afonso Henriques, de Santarém e de Lisboa. Cedência aos Templários das possessões e dos rendimentos das igrejas de Santarém.
1153 – Fundação do Convento de Santa Maria de Alcobaça, que passa a ser a cabeça e o centro espiritual e intelectual dos Cisterciences em Portugal, sob a jurisdição de Claraval.
1157- Concessão aos Templários, por D. Afonso Henriques, de privilégios extraordinários: inviolabilidade de propriedades e de pessoas; isenção de tributo e de serviços; isenção de portagens; isenção de pagamento do dízimo dos terrenos que eles próprios cultivavam ou mandavam cultivar à sua custa; os Templários não podiam ser

capturados, nem se lhe podia exigir penalidades por crimes cometidos, sendo os pleitos decididos pele sentença de «homens bons».
1158 – Tomada de Alcácer do Sal. Gualdim Pais é investido 6° Mestre dos Templários portugueses.
1159 – Doação aos Templários do vasto território de Cêras.
1160 – Construção, neste território, do Castelo de Tomar, com a sua igreja e Charola, projeção arquitetónica da Cruz Templária, a Cruz das oito beatitudes.
1185 – Morte de Gualdim Pais, o Mestre que mais consolidou os domínios Templários em Portugal, os quais possuíam nessa altura os Castelos de Tomar, Almourol, Zêzere, Pombal, Idanha-a-Velha, Cêras, Cardiga, Sousa e Monsanto, entre outros, além de muitas propriedades em Lisboa, Sintra, Santarém, Leiria, Évora e Beja.
1213 - tratado de paz é assinado na Primavera de 1213, segundo o qual Afonso IX de Leão, restitui a Portugal os castelos tomados, entre eles o castelo de Balsemão (Alexandre Herculano s/d IV, 14 e segs e nota I; doc. ML, vol. VI, pág. 515, escritura VI).
Este sincronismo de datas indica perfeitamente a realidade histórica: durante a soberania do Conde D. Henrique o território está sujeito ao Mosteiro de Cluny; depois de D. Afonso Henriques é com o apoio moral e religioso dos Cisterciences e com o auxílio decisivo dos Templários que se faz a conquista, a ocupação e a cristianização do território português.
A independência de Portugal é, pois, marcada e qualificada pela convergência da aliança borgonhesa – lusitana e do espírito cristão, segundo o ideal Cistercience e Templário, sob o magistério de S. Bernardo de Claraval.
É no triângulo Guimarães / Braga, Tomar e Alcobaça que assenta a nova nação europeia. O 1° rei de Portugal é um cavaleiro templário, o que explica a sua total identificação com a Ordem. Portugal será a ponta de lança afiada contra o Islão ao mesmo tempo que o espaço exemplar de um país missionado.
Um reino cristão concebido e espiritualmente organizado, desde a origem, segundo os princípios do cristianismo trinitarista, ético, cruzado e apostólico de idealidade cavalheiresca, mariana e bernardina.
Nesse sentido, a grande nave despojada de Alcobaça e a charola octogonal do Convento de Cristo em Tomar simbolizam visivelmente a dupla consagração das palavras de Cristo a D. Afonso Henriques antes da batalha de Ourique, que constituem uma revelação premonitória de toda a vocação da história de Portugal.
O ímpeto cruzado e templário de D. Afonso Henriques, não só conduziria à conquista total do território português, como levaria a Cruz de Cristo aos confins da África, à Índia, ao Extremo Oriente e às Américas:
«Porque eu sou o fundador e o distribuidor dos impérios do mundo, e em ti, e a tua geração, quero fundar para mim um reino, para cuja indústria será meu nome notificado a gentes estranhas.» Frei Bernardo de Brito, na Crónica de Cister.
O SANJOANISMO, O TEMPLARISMO, E O GRAALISMO – CONCESSÕES E POSSESSÕES
Nesse tempo verificava-se um elo espiritual entre o Sanjoanismo (doutrina do Evangelho de S. João), o Templarismo e o Graalismo; ou seja, a devoção ao Espírito Santo (Divino Parácleto) e a S. Bernardo de Claraval. A própria arquitectura do Convento de Tomar reflecte-nos essa mesma confluência do Templo de Salomão, do Mosteiro de Caraval, e da Demanda do Santo Graal.

Roma sempre suspeitou de desvios da ortodoxia por parte dos nobres cavaleiros portugalensis que considerava «Terra dos Templários» (Tempreiros) apesar desta ter sido extinta no resto da Europa, e ter-se prolongado no seio da Ordem de Cristo.

Assim, a Cúria Romana criou durante séculos dificuldades e decisões injustas na arbitragem de pleitos ao reino de Portugal. E durante séculos até ao último rei português, desde o filho bastardo do rei Afonso Henriques que foi Grão-Mestre não da ''Ordem do Templo '' mas da ''religião de São João'' conforme se indica na lápide do seu túmulo na Igreja de São João do Alporão em Santarém, imbuída na devoção ao Espírito Santo, passando pelos rei D. Dinis e Isabel que foram os re-propulsores do culto do Espírito Santo.

O Conde D. Henrique nunca deixou de fazer viagens à Síria e à Terra Santa em Cruzadas. E como Cruzado morreu em 1112, na terra que tinha libertado dos infiéis. Seu filho, D. Afonso Henriques escolheria a Cruz de Cristo das Cruzadas de seu pai e templária como símbolos do escudo de armas que imortalizou na bandeira portuguesa.

Após a morte de D. Henrique a sua viúva D. Tareja concede à Ordem do Templo por foral de 1128 os castelos de Soure e Alpreade, e também a terra deserta e despovoada, entre Coimbra e Leiria.

Afonso Henriques 1° rei de Portugal na sua Cruzada Ibérica para expulsar os mouros da Península e alargar o seu território, fê-lo muita vez com os cavaleiros da Ordem do Templo e o seu Mestre Gualdim Pais.

Em 1153 o rei D. Afonso funda o Mosteiro de Alcobaça para a Ordem de Cister, que ele chamara a Portugal com o apoio do próprio São Bernardo de Claraval, estando presente um dos seus militantes Pedro Henrique, filho do Conde D. Henrique e meio-irmão de D. Afonso.

Em 1159 em recompensa pelos seus feitos de armas é-lhes dado pelo rei o castelo de Cêra ; em 1160 os Templários conquistam para o reino a cidade de Tomar, entregando-lhes as terras do rio Nabão que os mouros chamaram Tomah, onde Mestre Gualdim Pais viria a construir 10 anos mais tarde num morro sobranceiro ao rio Nabão, o castelo para a sede da Ordem, e mais um terço de todo o território que pudessem conquistar a sul do Tejo ; mais as possessões e os castelos de Castro-Marim, Almourol e Pombal.

Na França, os Templários assentaram em Paris, e como as finanças do Estado francês se tivessem esgotado, o rei para resolver o seu problema económico, sobrecarregava o povo de impostos. Dessa maneira começaram a odiar o monarca e a manifestar admiração pela Ordem dos Templários cujo poder de compra enriquecia mercadores e artífices cristãos e judeus, e em cujas terras férteis empregavam braços de muitas famílias rurais.

O TEMPLO DE CRISTO E O GRAAL

Se na sua primeira fase a acção templária em Portugal foi principalmente de combate, no apoio a D. Afonso Henriques e na luta contra os mouros, terá sido a partir de 1160, com a construção do Castelo e da Igreja de Tomar, que iniciou a sua fase por assim dizer espiritual.

Gualdim Pais era um velho companheiro de D. Afonso Henriques, que aos 21 anos tomara parte na batalha de Ourique, onde foi armado cavaleiro. Pouco depois, partiu como cruzado para a Palestina, onde permaneceu cinco anos e onde se distinguiu em várias batalhas. Foi na Palestina que ingressou na Ordem do Templo, sendo de crer que os seus feitos e a sua personalidade o tenham elevado até à mais alta hierarquia. Aí foi certamente iniciado na doutrina joanina da Ordem, tendo aí compreendido que a acção

dos monges cavaleiros de Deus visava muito mais do que a defesa física dos lugares santos.

Ao regressar a Portugal, está compenetrado da missão que lhe cabe, se é que dela não foi conscientemente incumbido. Em 1158 foi investido no cargo de 6° Mestre da Ordem Templária portuguesa.

Pouco depois, a 1 de Março de 1160, D. Gualdim Pais lança os fundamentos do Castelo de Tomar, que será a Sede dos Templários.

O templo que foi construído não tem, na sua forma, tradição conhecida em Portugal. É um templo octogonal, tendo no interior uma capela igualmente octogonal, quase circular pela disposição dos pilares, no centro da qual está o altar.

Havia primitivamente uma única porta, que dava directamente para o Convento, sendo a única serventia dos cavaleiros.

Tal como outras igrejas templárias, teve por modelo a igreja do Santo Sepulcro de Jerusalém.

As colunas que sustentam a cobertura, marcando o espaço da capela interior são encimados por capiteis de inspiração orientalista ou fitomórfica, tendo um deles, hoje voltado para a nave aberta por D. Manuel I, a cruz templária gravada e realçada a vermelho.

Nas cerimónias litúrgicas ou quando em oração, os templários dispunham-se em círculo, segundo o arquétipo dos cavaleiros da Távola Redonda, buscadores do Graal.

A charola de Tomar forma como que um círculo, sendo o central, o do altar, da mesa ou da távola, em redor do qual se alinhavam os cavaleiros; é uma távola redonda.

Tendo em conta a relativa exiguidade da igreja, constituída por dois octógonos concêntricos, tendendo à circulatura, facilmente se reconhece estarmos em presença de um templo que não foi concebido para multidões, mas para um pequeno número de cavaleiros-monges admitidos na Ordem, ou seja, um templo iniciático. Esta disposição reforçava as ideias de eleição, de escolha e de missão essenciais à vivência destes cavaleiros que, como os do rei Artur «deixam os seus país, parentes, esposas e filhos para seguir a Ordem».

Como se sabe, nos romances da Demanda do Santo Graal, os templários são os guardiães do Graal, que usavam uma cruz vermelha sobre uma túnica branca ou uma veste branca com uma cruz vermelha ao peito.

O Graal é o cálice com o sangue de Cristo que foi trazido para a Europa por José de Arimatéia.

Cavaleiros do Graal que, segundo as narrativas da época (ciclo de Robert de Boron e Wolfram von Eschenbach) procuravam lugares e domicílios desconhecidos para guardar o Santo Graal, navegando em barcos de velas brancas com uma cruz vermelha que prenunciam as futuras caravelas portuguesas, com a Cruz de Cristo.

A EXCOMUNHÃO DE FILIPE IV O BELO PELO PAPA BONIFACIO VIII, E O APOIO DOS TEMPLÁRIOS Á AUTORIDADE PAPAL ESTÁ NA ORIGEM DA SUA DISSOLUCÃO.

Neste período, o rei de França Filipe IV 'o belo' entrou em conflito com o Papa Bonifácio VIII que decidiu excomungá-lo, tendo o rei francês reagido com a convocação dos ''Estados Gerais'' na qual se decretou em 1302 que a Coroa francesa não reconhecia a autoridade do Papa. Sucedeu-lhe Bento XI, logo falecido em 1304, sendo o trono papal ocupado por Clemente V.

Os Templários tinham apoiado o Papa Bonifácio e esta atitude exacerbou de tal modo Filipe IV que vendo simultaneamente extinguir-se o prazo para a solvência da sua

enorme dívida que tinha para com os templários, e desejoso de se apoderar das suas imensas riquezas, aproveitou todas as lendas que se tinham acumulado contra eles, acentuou mais a campanha extremamente violenta que nos fins do século XIII tinha desencadeado contra a Ordem do Templo, decidiu aniquilar a Ordem que reunindo com o Bispo de Bolonha e concertando uma cláusula secreta que seria imposta a Clemente V que o rei tinha conseguido pôr no trono Papal.

Foram acusados de numerosos crimes; lesa-majestade, usura, heresia, costumes depravados etc.

É provável que a sua longa estância no Próximo Oriente tivesse tido alguma influência na pureza da sua fé, mas a acusações divulgadas e instigadas por Filipe 'o belo' fizeram que o Papa, de conivência com o rei, decidisse extinguir a Ordem no Concílio de Viena do Delfinado (1311).

Mas a principal razão da perseguição de que foram objecto reside no poder que os Templários tinham. Poder político e financeiro.

Ao nível político os Templários tinham um plano de governo mundial, através de uma federação de Estados autónomos, sob a direcção de dois chefes supremos, um espiritual, o Papa, o outro político, o Imperador. Tendo ao seu serviço a Milícia do Templo.

Este plano far-se-ia sobre a reconciliação e a cooperação das três religiões monoteístas herdeiras da tradição bíblica: cristãos, muçulmanos e judeus.

Esta concepção ecuménica revela-se, por exemplo, nas enigmáticas relações dos Templários com os ismaelitas da Palestina, em especial com a organização secreta dos Assaci, chefiados pelo Sheik el Djebel, o Velho da Montanha e sobretudo pela existência de Sinagogas judaicas em áreas de influência templária, sendo aí o seu culto protegido, como é o caso da Sinagoga de Tomar, uma das poucas conservadas e intactas em Portugal.

Estes factos constaram das acusações de Filipe o Belo e de Clemente V, muito embora o seu significado houvesse sido para tal intencionalmente deturpado.

A ATITUDE DOS REIS PENINSULARES, SOBRETUDO A DO REI DE PORTUGAL NA PROTECCÃO DOS MEMBROS DA "ORDEM"

Avisados os reis da Península para irem a esse concílio, alguns deles se fizeram representar, menos o rei de Portugal, que fez saber que nunca tivera motivos de queixa dos Templários, e graças a eles combatera os infiéis alargando e prosperando o País.

Para evitar que fossem perseguidos, e ao mesmo tempo como o Papa pretendia dispor dos bens da Ordem por esta lhe estar directamente subordinada, os reis de Portugal, Castela e Aragão, para obstar à sua alienação, alegaram que esses bens tenham sido outorgados com o intuito de favorecer a sua acção missionária. Por esse motivo desaparecendo a Ordem, desaparecia a causa da doação devendo os bens regressar à Coroa.

Seja como for, parece demonstrado que o Papa acreditou, nomeando comissões de inquérito, cujas conclusões não foram definitivas, mas que levaram à extinção da Ordem.

Daí conclui-se a atroz cumplicidade do Papa com Filipe IV, que doravante tinha condições de foro jurídico-eclesiástico para prender, julgar e condenar à fogueira o Grão-Mestre Jacques Molay e todos os cavaleiros que se encontravam em França.

Filipe 'o belo' pouco tempo viveu após a sentença condenatória dos Templários e teve uma morte atroz, transportando através de gerações a maldição que o Grão-Mestre lhe lançou quando morria na fogueira.

O rei francês não conseguiu eliminar a Ordem do Templo porque com a vinda dos templários franceses para o seu PortoGraal a Ordem tornou-se mais forte, desenvolveu-se, expandiu-se pelos 4 cantos do mundo deixando a sua presença na arquitectura, nas ciências, nas artes, e com os seus códigos foi missionáriamente implantada em todos os continentes do mundo.

OPERACÃO DE FACHADA NA ORDEM DO TEMPLO REALIZADA PELO REI D. DINIS

IGREJAS CIRCULARES E OCTOGONAIS QUE OS TEMPLÁRIOS PORTUGUESES "CAVALEIROS DA ORDEM DE CRISTO" IMPLANTARAM NO MUNDO

Com a metamorfose dos Cavaleiros do Templo em Cavaleiros da Ordem de Cristo o estandarte albi-negro dos Templários, que o acusador francês Guillaume de Nogaret malignamente denunciara como símbolo dualista do Reino da Luz e do reino das Trevas, Deus e Bafomé, é substituída pela cruz vermelha sempre de identificação templária com a qual os portugueses levariam a mensagem na descoberta do mundo.

Como é notório e histórico, o rei português D. Dinis cuja casa real e base da nobreza, assim como grande parte da população eram formados por Templários, cátaros, e judeus, (os qual os havia até na Ordem) que desde a fundação da nacionalidade vieram com o conde D. Henrique, popularam e constituíram a maior parte da região, mudou-lhes o nome para ''Cavaleiros da Ordem de Cristo'' evitando assim a perseguição às componentes templárias-cátaras – judias da Ordem. A ''Ordem'' continuou através dos séculos levando a Cruz de Cristo de um outro Henrique Infante, Grão-Mestre da Ordem (Templária) de Cristo por entre terras e mares desconhecidos, evangelizando, gentes na infância da civilização, guerreando o Islão, e levando messiânicamente o Espírito Santo mensageiro a toda a parte, desenvolvendo e colocando Portog(ra)al no cume das nações, casta de valores fundidos no universo.

No acesso à Ordem entravam os que tivessem ganho ''Gentileza'' condição primordial para ser Cavaleiro. Nas 'Ordenações Afonsinas' mandadas reunir por D. Afonso V, definia-se a entrada para a Ordem de Cavalaria, o 1° grau da nobreza dizendo '' esta Gentileza vem de três maneiras: a primeira por linhagem, (origem familiar); a segunda por Saber; a terceira por bondade; bons costumes e habilidade.

O saber e a habilidade levaram também muitos judeus conversos à Gentileza e à Cavalaria do mar (cavaleiros – navegadores).

Na primeira igreja do Castelo de Tomar encontra-se a rotunda poligonal, o mais belo espécime de arte síria de todo o Ocidente. Em Newport (USA) depara-se uma torre com 8 arcos (templária) de construção do século XV, levada e construída pelos portugueses, nomeadamente o navegador Miguel Côrte-real, Cavaleiro da Ordem de Cristo (versus do Templo) com a mensagem arquitectural cristo-templária análoga à Charola do Convento de Tomar ou Altar-mor. A parte extrema é redonda, e a parte interna é octogonal com 8 arcos e foi construída à semelhança do Santo Sepulcro em Jerusalém.

Os Templários portugueses inspirados nas igrejas circulares e octogonais que viram no Próximo Oriente durante as cruzadas, nomeadamente o Santo Sepulcro, lugar onde Cristo morreu, construíram 7 castelos no mesmo estilo: Almourol, Idanha, Monsanto, Pombal, Zêzere, Cêra, Castro-Marim e Tomar.

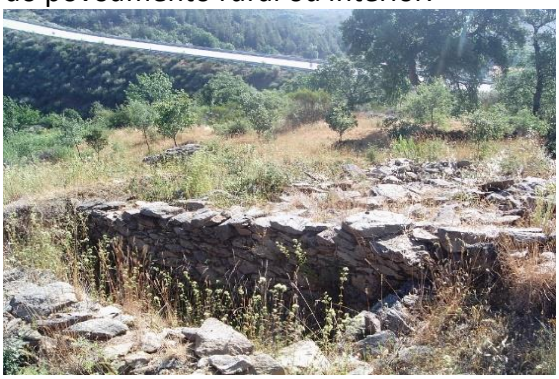
O castelo de Tomar é o protótipo das rotundas octogonais portuguesas com 8 arcos. Tem uma parte exterior circular que termina em torre de vigia. Durante o período dos descobrimentos os portugueses usaram o mesmo método para construir mais de 150 castelos e igrejas na África, na Ásia e no Brasil. Nenhum país da Europa construiu em tantas terras distantes mais igrejas e castelos com torres circulares e octogonais do que

Portugal. De facto, a bandeira portuguesa é a única no mundo que tem castelos. E os arcos templários destes castelos assemelham-se ao de Newport nos EUA.
Como os Templários contavam a Ordem em 4 graus. Como os Templários juravam manter segredo absoluto de tudo quanto viam e ouviam. Como os Templários eram igualmente ajuramentados. Com D. João II intensificar-se-ia a divisa templária ''Sigillum Militum Christi'' «Política de Sigilo».
Sábios, navegadores, e descobridores, e muitos outros foram irmãos da Ordem de Cristo. Mas não só a cavaleiros e marinheiros era permitido pertencer à Ordem. Também se achavam ligados a ela matemáticos, cartógrafos e médicos, e entre eles havia-os de ascendência judaica.
Pela história, pela arqueologia, pela epigrafia, e genética, ciências exactas, prova-se que tesouros, do que restou, e particularmente o Santo Graal, que velado 'através do Tempo' encontra-se sigilosamente guardado na terra Portusgalensis, nome proveniente do Cálice Sagrado que o acolheu: Portus Calixis – o mesmo que Porto Graal. (Texto sobre os templários retirado da obra de Viterbo)
TEMPTAÇOM – O mesmo que tentaçom.
TENADOR – Garfo. (VB)
TENARÍA/TENARIA – Vide palame.
TENEBRISMO – Pintura característica do Século XVII de influência Caravaggesca, que se desenvolve sobretudo em Nápoles e leva ao limite os contrastes de claro-escuro Por exemplo Ribera. (ASA)
TENEBRISTAS – Nome dado aos pintores italianos da escola de Caravaggio por causa das sombras opacas dos seus quadros. (AA)
TENÇA – Pensão, por serviços prestados. Também; O direito de ter, possuir. 1403. Também; Pagamento periódico a título de recompensa de serviços. (HS). Também; Pensão atribuída pelo rei por pagamento de serviços ao reino. Podiam ser temporárias ou vitalícias. (VB)
TENCEIRO – Recebedor de rendas do concelho. 1410.
TENÇOM – Contenda, arruído, briga, revolta. Também; "*Todolos os logares teeriam esta tençom*" – Seguiriam este partido.
TENDER – estender. Também; Entender, trabalhar, ocupar-se
TENDER-SE - Estender-se, alargar-se, apossar-se de mais terreno do que o direito permite.
TENÊNCIA – s.f. O cargo de tenente do que tem algum posto por outrem "El Rei Farao lhe deu (a José) a tenência da sua pessoa" Vieira, 6.147. – A casa em que habita o que tem a tenência. – A tenência, ofício, administração da repartição do Tenente-general da artilharia e oficiaes, que servem na dita repartição. Resol. 9 Jul 1757. Nos armazens da tenência estavão todos os depósitos de armas e ahi se fazião de toda a sorte. Severim. Disc. Esses efeitos mesmos erão a tenencia.
TENENTE – s.m. O que tinha e defendia o posto por outrem que nelle o poséra. Monachia Lusitana 4 – Tenentes dos Cesares, que por eles governavam, e em seu lugar e vezes. Vicira – Na Syria e na India lugartenentes, locotenentes – Antiq. Governador de cidade por ElRei. M. Lusitana 4 p. 1. 12.c.2.f.3; Tenente Rei, Governador por el-rei de fortaleza, castello, praça de armas. – Tenente-general, posto superior ao de Marechal de Campo. – Tenente simplesmente, posto militar, superior ao de Alferes, inferior ao capitão. – Tenente-coronel é inferior ao coronel. - . A mão tenente; v.g. pelejar tenente; isto é,

muito perto e travados os combatentes. Barros; “uns de arremesso, outros à mão tenente. (AM). Também; Marido enganado. (VB)
TENESMO – O puxo que toma quem tem o ventre embaraçado para obrar. (RB).
TENILHA – Pano de linho para tapar a merenda. (VB)
TENOEIRO – Tanoeiro. A forma mais antiga era toneiro. Depois por dissimilação: Tenoeiro.
TENTAÇÕM – Intento, determinação, vontade. XIV.
TENTADO – Doente, molestado. 1540.
TENTAMENTO – Tentação, determinação mostrada no exterior e começada já de algum modo a pôr em execução.
TEPÉS – Aferrado ao seu ditame, teimoso, contumaz.
TEPIDÁRIO, Tepidarium – Sala das termas romanas onde se mantinha uma temperatura morna, com piscina de água morna ou apenas ar morno, entre o caldarium e o frigidarium. (AA)
TEÓLOGO – Formado em teologia, a ciência das coisas divinas.
TENREIRO – Vitelo mamão. (VB)
TEREM – pensarem.
TER EM MENTE – Lembrar-se de alguma pessoa ou cousa, tê-la presente na lembrança, não se esquecer dela. 1315.
TERMHO – Território ou espaço de terra sob uma determinada jurisdição. (BV)
TERNO – Grupo de trabalhadores dirigido por um maioral ou capataz, geralmente nos trabalhos de campo. (LV); Talhão, gleba. (VB)
TER OS CAMINHOS – Atravessar-se nas estradas para intercetar e comprar por menos as mercadorias e víveres para ao depois os monopoliar ou vender por mais alto preço. 1304.
TER-SE COM A GUERRA COM A PAZ – Desejar, gostar antes da guerra, da paz etc.,
TERBOLHAS/TERBOLIAS – Vide Embolhas.
TERÇARIA – Depósito, reféns, segurança do contrato. De estar na mão, tutela ou casa de um terceiro, que não é nenhum dos contraentes, se disse terçaria.
TERÇAS PONTIFICAES – Para ter inteiro conhecimento das terças pontificais é necessário ter presente a origem da divisão das rendas eclesiásticas. Desde a primitiva igreja tiveram os bispos a seu cargo, por si e seus diáconos as oblações e quaisquer outros emolumentos que, em toda a sua diocese se faziam à Igreja com obrigação, porém de atender com eles à sustentação frugal e honesta do seu clero, ao reparo dos templos e ao socorro dos pobres e necessitados….
TERÇAS REAES – É um direito inseparável de majestade, que se paga aos reis do Portugal de todas as rendas dos concelhos do reino, das quais a terça parte é para a coroa...
TERCER – Terceiro. 1292.
TERÇO E QUINTO – Se em alguns dos nossos documentos, particularmente nos de Grijó, se acha com frequência a disposição da terça e quinta parte da herança a benefício das almas dos pios testadores e isto ainda que tivessem filhos de mulher legítima e forçosos herdeiros. 1138.
TEREMMENTE – Lembrar-se de alguma pessoa ou cousa.
TERIAGA/TRIAGA – Medicamento, contraveneno. (HS) usado para curar uma ferida de virote ou flecha impregnada com erva de besteiro, mas de pouco serviria. Também utilizavam urina como cura se fosse de um clérigo haveria mais hipótese de êxito.
TERMHO – Território ou espaço de terras sob determinada jurisdição. (BV)

TERMEO – Território, distrito ou espaço de terra onde chega a jurisdição dos juizes ordinários ou de fora, chamado assim dos marcos e balizas ou sinais públicos que põem termo e demarcação a sua autoridade e jurisdição.
TERMINOS – Termos, limites, confrontações, balizas. 1285.
TERMO – Área à volta de uma povoação que pertence aos seus habitantes. (MC)
TERNO – Talhão, gleba. (VB)
TEROLEIRO – Pessoa leviana, amalucada. (VB).
TERRA – Segundo a partida IV Liv II Tít 25, as rendas, que o rei concedia aos grandes e cavaleiros em certos lugares, mas sem postura de algum serviço, se chamavam terra e daqui se disse "senhor da terra".
TERRA (BRITAR A) – Quebrar os coutos, termos ou limites, pastando os gados e montando, nos outros concelhos, sem ter para isso licença ou carta de vizinhança. 1335.
TERRA CALVA – No século XIII, se chamavam terras calvas as que já estavam limpas de mato, rotas e lavradas.
TERRA CHAAN **–** Aldeia ou povoação pequena, que não é cabeça de concelho nem tem muros, torres ou castelo.
TERRA DE PAGÃOS/TERRA DOS PAGONS – Aquela em que residiam os Mouros.1139.
TERRADO – Certo foro que se paga aos bispos de Coimbra, de todas e quaisquer propriedades que, naquele bispado, se venderem, não podendo o tabelião algum fazer carta de venda, que válida seja sem que nela vá inserto o bilhete do bispo. Pelo qual da licença. 1605. Também; Terra boa, fértil. (Freixo de Espada à Cinta). (VB)
TERRA GALLEGA OU GUALEGA – Com o mesmo espírito com que se disse salterio galego se chamou terra gallega a que não era de campo fértil e rendoso, mas sim de charneca, delgada e não muito rendosa. 1290.
TERRA SIGILLATA – 1) Designação originalmente aplicada à cerâmica feita à cerâmica feita em argila originária de Samos e Lemnos, que se suponha ter propriedades medicinais. As peças eram marcadas com um selo para garantir a sua autenticidade. Mais tarde, a expressão foi aplicada à cerâmica romana de polimento vermelho produzida entre o século I a.C e o século V d.C. caracterizada por ter a marca de oleiro no fundo (sigillum ou selo). Podia ter decoração em relevo. 2) Terra fina de uma amarelo-avermelhado que se extraía da i9lha de Lemnos, assim chamada porque os sultões de Constantinopla serviam-se dela à maneira de cera, para aí imprimir o seu selo. (AA)
TERRADEGO/TERRADÊGO – Laudémio, ou certa parte do preço, ou estimação da cousa vendida que paga o foreiro quando com licença e consentimento do direito senhorio a venda a troca, dá ou alheia. Também; Esta palavra na significação de laudémio se introduziu nos prazos de Coimbra depois de 1503...
TERRADEGUEIRO – Assim chamam na catedral de Coimbra ao cónego que recebe os laudémios pertences ao seu cabido. Os quais laudémios se chamam ali terradégo.
TERRADÍGO – Renda ou pensão anual, que se pagava por viver e cultivar em terra alheia. 1276.
TERRONHA DE PINHOVELO - A Terronha de Pinhovelo está situada numa elevação, delimitada a Oeste, por abruptas escarpas e a Este e Sul por taludes outrora monumentais. Deteria um amplo controlo visual sobre a depressão de Macedo.
O momento de ocupação mais antigo até agora atestado neste local insere-se na Idade do Ferro e inclui uma estrutura semicircular em materiais perecíveis.

No que respeita às ocupações de época romana, foram edificados, numa primeira fase, vários compartimentos de planta retilínea e uma estrutura de combustão.
Na segunda fase romana são construídos novos compartimentos e lajeados sobre os derrubes dos edifícios da fase anterior. Um desses compartimentos tem três estruturas de combustão. No limite Sul regista-se o aterro de edifícios antigos, assim como a queima de detritos domésticos.
Foram recolhidas evidências de práticas agrícolas (sementes de trigo e cevada, fragmentos de mós) e pastorícia (fauna) assim como de tecelagem (pesos de tear e cossoiros. Outros artefactos conectam-se com actividades diversas, como a guerra, de que são exemplo as duas armas de arremesso e do lazer.
Salientam-se ainda os variados motivos decorativos dos vasos cerâmicos, assim como os abundantes objectos de adorno: fíbulas, uma delas com um motivo zoomórfico (um cavalo), anéis, contas de colar e um camafeu com a figura da deusa Minerva. Acrescenta-se a exumação de uma base e de uma tampa de caixa de selo de correio (peças 106 e 154 da exposição o que vem atestar a relevante importância deste arqueossítio.
Atesta-se, assim, a presença romana neste local entre os séculos II e V (no final do Alto Império e no decorrer do Baixo-Império).
Sobre as cerâmicas exumadas nas campanhas arqueológicas levadas a cabo pela Associação Terras Quentes, neste arqueosítio, Ana Patrícia Silva no seu artigo " A Terra Sigillata Hispânica Tardia da Terronha de Pinhovelo, publicado no caderno 6 pág. 6 a 50 no ano de 2007 diz-nos em conclusão:
A expressividade do conjunto de TSHT recolhido no Sector B poderia indicar uma maior dinâmica do povoado no Baixo-império, nomeadamente entre os séculos. III e V d.C., com especial concentração no séc. IV d.C. No entanto, o conjunto analisado deve ser lido em conjugação com os dados obtidos pelo registo arqueológico, ou seja, a representatividade de TSHT encontra-se concentrada no Sector B, ao passo que Sector A se observa a sua quase completa inexistência. Assim sendo, ao povoamento ocorrido em época Alto Imperial, poder-se-iam seguir duas realidades em época tardia: uma retração da área habitada, ou pelo menos, uma estratégia de ocupação do terreno díspar da de época precedente. O esclarecimento destes dados pode ser aclarado com o decorrer dos trabalhos de escavação em profundidade e com o conhecimento completo do faseamento em época romana.
Por fim, a representatividade deste conjunto e a continuidade de importação das produções hispânicas indica também a perduração das rotas, essencialmente terrestres, já existentes em período precedente. Este facto afasta assim a ideia de instabilidade vivida neste período, testemunhada pela vitalidade de alguns sítios em detrimento de outros, principalmente no que concerne ao povoamento rural ou interior.



Legendas: Provável estrutura de armazenamento - Estruturas escavadas em intervenção de emergência

TERRONHA (SOUTELO MOURISCO) -Tipo de sítio: Povoado Fortificado. Período: Idade do Ferro. CNS 199 Localização: Olmos. Descrição: O povoado da Terronha desenvolve-se num relevo em esporão que permite o controlo de um significativo troço da bacia do rio Azibo. Apesar de muito destruído é possível ainda observar, no sector sul do antigo povoado, o mais vulnerável em termos defensivos, os vestígios de uma linha de muralha em xisto. As condições de defesa natural são excelentes, se excetuarmos o colo de acesso localizado a Sul, de mais fácil penetração. No interior, no local onde se desenvolveu a estação arqueológica não se detetam vestígios de nenhuma natureza, nem estruturais, nem materiais. A cerâmica de superfície é praticamente inexistente e as estruturas e todos os derrubes que aqui existiam, nomeadamente das muralhas, foram retirados há cerca de 20 anos para serem reutilizados na construção civil. (TMC)

TERRONHA - Designação: Terronha. Tipo de sítio: Povoado Fortificado. Período: Indeterminado/Idade do Ferro? CNS: 6310. Localização: Soutelo Mourisco. Descrição: Povoado fortificado de média dimensão, localizado num esporão que se desenvolve sobre a ribeira de Urze e o regato de Vale de Côvo. Apesar de encaixado num relevo de baixa altitude, se comparado com os montes envolventes que constituem a serra de Nogueira, tem boas condições de controlo estratégico da região envolvente, sendo mais vulnerável em termos de defesa natural, sobretudo a Sul, que é o sector que permite um mais fácil acesso. Talvez por esse motivo se desenvolveu um conjunto de estruturas defensivas constituídas por uma linha de muralha que circundava o povoado em toda a sua área, e um fosso do qual subsistem alguns parcos indícios no lado Sul. No sector Oeste podem ser observados alguns derrubes de pedra miúda que poderiam integrar essa mesma muralha. Os vestígios estruturais da ocupação do local são muito ténues, e não se encontram cerâmicas de superfície. (TMC).

TERSOL – Toalha e propriamente manustérgio do altar que serve para alimpar os dedos do sacerdote ao lavado.

TESSERAS – Peça de osso ou marfim como os dados, com pinturas nas faces delas usavam os romanos na guerra para senha ou como de boletins de pagamento de soldo e viveres.

TEROLEIRO – Pessoa leviana, amalucada. (VB).

TESA – Anilha de ferro, atravessada pela ateiró, na qual assenta o esse ou rosca; Chaveta de ferro que se enfia nos orifícios da barra de ferro que atravessa o ateiró. (VB).

TESÃO – Últimas das tábuas na parte posterior do chedeiro do carro de bestas (recolhido em Fornos) – Também, Rede para ir à pesca de rio. (António L. Fontes, «O comunitarismo do Barroso» vol. II p. 161. (VB)

TESO – Outeiro alcantilado, pequeno. Também; O alto do monte difícil de subir (RB)

TESURA – Aprumo, vaidade, empatia. (LV)

TESTAÇOENS – Vide Pôr Testaçoens.

TESTAÇOM – Também se disse pôr testaçom por embargar. Doc. de 1315. Também se tomou a testaçom por coima, postura ou cominação de pagar tanto ou quanto de encoutos a quem fizer o contrário. 1318.

TESTAMENTO – Não só se tomava esta palavra pela doação, feita aos mosteiros, igrejas ou lugares pios, por serem feitas a Deus e de sua natureza irrevogáveis (de que entre nós se conserva um pasmoso número desde o IX até ao XIV.; Mas também se disse testamento o direito de herdar ou suceder naqueles rudes e calamitosos tempos.

Também direito de sucessão ou de avoenga. XIII. Também; se deu este nome não só a qualquer pensão de frutos ou dinheiro que só das terras e propriedades das igrejas e mosteiros aos que eram seus herdeiros naturais.
TESTAMENTO DO MONGE – Ainda que por muitas leis não pudessem os monges fazer testamento, nós achamos muitos testamentos de abades e abadessas e mesmo monges e monjas particulares.
TESTÃO – O mesmo que tostão. Sobre a origem do nome desta moeda são tantos os pareceres quantas as cabeças. Mas há outros autores que lhe dão princípio e fim; O tostão foi introduzido no séc. XVI por D. Manuel I, circulando por mais de 500 anos. Originalmente era uma bela moeda de prata, mas sua história chegaria ao fim em terras brasileiras em 1942, em Portugal o tostão teve sua morte oficialmente decretada algum tempo depois, 1979. (figuras do putativa primeira moeda de tostão e a última).
"Marcelino" em referência a Marcelo Caetano, então Primeiro-ministro do Estado Novo (destituído pelo golpe militar de 25 de Abril de 1974); - Era chamada de *"moeda flutuante"* pois, posto cuidadosamente à superfície de um copo de água, flutuava suspenso apenas pela tensão superficial da água; - Na época colocava-se um punhado de *"marcelinos"* na palma da mão, dava-se um sopro e o número de moedas que ficassem na palma da mão, era igual ao número de anos que Marcelo Caetano permaneceria no governo.

Moeda Marcelinho, última moeda de tostão (CM)

TESTEIRA – Divisão, termo, fronteira, limite, ponta de terra, que está a partir com outra sua limítrofe.1292.
TESTEIRO/TESTEIRU – O mesmo que testeira. 1213.
TESTEIROS – Testadas ou confrontações de uma fazenda ou casal. 1322.
TESTEMOIO – Instrumento dado em pública-forma.
TESTEMONIO/TESTEMOYO – O mesmo que testemunho.
TESTEMUNHO FALSO EM JUISO – Em vários forais impuseram os nossos religiosíssimos soberanos graves penas aos réus deste delito, pela qual a sua terra se perdia e se arruinava pelos mais baixos alicerces a tranquilidade pública, chamando sobre os povos e as iras do Céu pelo desprezo louco que se fazia em nome santo de Deus.
TÉTOR – O mesmo que tutor, diz-se do homem e da mulher. O seu ofício é atender a tudo o que pode interessar o seu pupilo. 1439.
TETRICO – Carregado, melancólico, tristemente grave. (RB)
TEUDO – Obrigado, constrangido. XII/XIV.
TEÚDO (NÃO ERA TEÚDO DE) – Não era obrigado a. (HS)
TEÚDOS – Tidos, obrigados; Constrangidos.
TEXEDORES – Tecelões.
TEXUDO – Tecido, do latim Texo.
TEVEROM – Afirmaram.
TEYO – Tio, irmão do pai ou da mãe. 1289.

THALIGA – Vide Taliga.
THEOLESIA – Teologia.
THEOTÓKOS - título da Virgem Maria como 'Mãe de Deus', esp. na Igreja ortodoxa do Oriente; imagem pictórica ou esculpida da Virgem Maria com Jesus no colo, típica das artes bizantina e românica. (DH).
THONO – Tom; É vocábulo castelhano.
TIA – Pretérito do verbo Ter. Tinha, havia, possuía.
TIBAR/TIBADO – Tibo, tiby, tibe, no sentido de morno, ou talvez temperatura mais elevada. Tibo, corresponde ao minhoto, tibado "água tibada é água tépida". (LV)
TIBÓRNIA – Pão torrado, embebido em azeite novo, que se come no lagar. (VB).
TÍDIO -relativo aos tídios, povo asiático que habitava nas proximidades do Cáucaso, no Sudeste da Europa, ou indivíduo desse povo. (DH).
TIGELLO - Toda a louça de barro que se fabrica no reino ou fora dele.
TIGELO/TIGÊLO – Tijolo. XV.
TIGISITANO -relativo a Tigísis ou Tigise, cidade da Mauritânia cesariense, antiga região do Norte da África, ou o seu natural ou habitante. (DH).
TIGRÉ - diz-se de ou língua do ramo etíope da família de línguas camito-semíticas, falada na Etiópia. (DH).
TIJOLEIRO – Fabricante ou vendedor de tijolos. (VR)
TIMÃO – Peça do arado de duas bestas a que atrelam os animais. (VB)
TIIMENTO – Obrigação, foro, direito ou pensão de alguma cousa. Tiimento de carreira, obrigação de fazer tantos caminhos ou quantos caminhos ou viagens. Vide apostila e carreira.
TIMAQUETE – "As contas que as casadas trazem ao pescoço, as solteiras (que não tem marido ou amigos) trazem-las (sic) cingidas dalredor da carne e grande soma de timaquetes sobre a sua natura: e quem pode haver cascavel, ou pequena campainha, alli a traz" Tal é o ofício das moças do lugar que se chama casas de S. Miguel. Em outra parte, se diz: "*As moças de 20 e 25 annos e trazem as mamas até à cinta, e descuberto seu corpo galante, cheio de conchinhas por cima delle*" Desde os pés até à cabeça tudo anda à vista. Em outra parte diz; "*E as molheres assim mesmo trazem pano algum tanto maior que os homens, e cobrem aqui o que podem que lhes Deos deo. Ho de mais*". Isto é; anda á vista. Parece que timaquetes são castanhetas, ou cousa que faça estrondo, como cascavéis, ou campainhas ou soalhos e guizos etc.
TINALHA – Tina, vasilha com arcos e aduelas, a modo de dorna ou pequena cuba. Serve principalmente para recolher, conduzir, e pisar uvas, e guardar ainda o mesmo vinho. 1228.
TINÇA – A tinça de – equivale a "não obstante" "apesar de". (LV).
TINHA – O mesmo que tinalha. Também é a lagarta de uma espécie de borboleta que ataca as colmeias devorando a cera dos favor, chamam-lhe também traça. (LV).
TINHA FOEÇADO – tinha tomado pela força.
TINITA - relativo à antiga cidade de Tinis (Egito), capital das duas primeiras dinastias do Antigo Império, ou seu natural ou habitante. (DH).
TINTINI – Certo jogo. Pelo alvará de 8 de junho de 1521, se determina que qualquer homem ou moço que dentro do paço ou varanda dele fosse achado jogando o Tintini, pagasse da cadeira 300 réis para o meirinho do paço e homens da guarda dele. Em edição de 1665 se lê: Como sam defesas as cartas e dados. Também; O jogo de cartas ou dados.

TIRAPÉ – Correia estreita e fechada de forte que faz um círculo que os sapateiros metem por um cabo debaixo da sola do pé e com o outro seguram a obra no buxo, ou sobre a forma no joelho. (RB)
TIRAMENTO – Arrecadação de alguma finta, imposição, tributo. 1465.
TIRAR – Atirar; Puxar.
TIRAS – Aldeia extinta, perto da freguesia de Bornes, actual concelho de Macedo de Cavaleiros. (Caderno Terras Quentes nº 7)
TIRAZ – Certo pano de linho com alguns ramos ou feitios, como talagaxas. E talvez que se dissesse tiraz, aludindo ao tirio ou púrpura, em que tais ramos se usavam. 960.
TIRO – Acto ou efeito de arremessar o ferro, a relha ou a pedra, no jogo da barra. (VB)
TIROLIRO – Jogo similar ao jogo às escondidas. (VB)
TIROS (DE BESTA) - … que dista dois tiros de besta – menos de um quilómetro. (HS)
TIRUDO – Obrigado a fazer alguma cousa. 1310.
TISSUM - tecido usado no séc. XVIII. (DH).
TITUBAR – Titubear, vacilar.
TITULEIRO – Título, inscrição, epitáfio.
TITULUS – (Em latim significa título, inscrição) 1) Letreiro que trazem ao pescoço os escravos a vender. 2) Inscrição ridicularizante em três línguas (hebraico, grego, Latim) colocada na cruz, por cima da cabeça de Jesus. Nas crucificações pintadas e esculpidas, o "Titulus" reduz-se frequentemente à forma latina INRI, abreviatura de "**I**esus **N**azarenus **R**ex **I**udaeorum" (Jesus Nazareno rei dos Judeus). (AA)
TIUMPHADO – Governador, conde, rico-homem ou adiantado, perante o qual se decidiam as causas.
TODO – Tudo (NAP)
TOLHER – Tirar (NAP); "se vos pudesse tolher a água desse rio" - Impedir de beber. Também; Embaraçar, paralisar, deixar de servir para a função normal. (MC)
TOLOSANO - relativo a Tolosa (atual Toulouse, na França), cidade da Gália narbonense, província do antigo Império Romano, ou o seu natural ou habitante; tolosate. (DH).
TOMABEU - relativo aos tomabeus, antigo povo da Arábia Feliz, a principal parte da península Arábica, ou indivíduo desse povo. (DH).
TOMAR – Atacar (NAP)
TOMBA LADEIRAS – Homem desajeitado. (VB)
TOMBEEIRINHO – Criança que quer estar sempre a mamar. (VB)
TONELETES – Toneletes das armaduras, ou peitos de armas são uma como fralda, ou peças que descem da cintura talvez até aos joelhos, como pernas separadas umas das outras. (RB).
TONESCO – Individuo que bebe muito, Bêbado. (VB)
TONHO – Palerma, idiota. (VB)
TOPAR – Embater (NAP)
TOPO – Embate (NAP)
TOPONIMIA - **Diglossia** (do grego διγλωσσία, transl. *diglossía*, onde *di-* significa "duas vezes" e *glossa* [em ático *glotta*], "língua") designa a situação linguística em que, numa sociedade, duas línguas ou registos linguísticos funcionalmente diferentes coexistem, sendo que o uso de um ou de outro depende da situação comunicativa.O termo διγλωσσία (*diglōssia*) normalmente se refere ao bilinguismo em geral, mas foi usado pela primeira vez em sentido especializado por Emmanuel Rhoides no prólogo de

seu *Parerga* em 1885. A palavra foi imediatamente adaptada para o francês como *diglossie* pelo linguista grego-francês Ioannis Psycharis, com crédito para Rhoides.
TOPONÍMIA MOÇARABE/ÁRABE – Palavras árabes - Revista Medievalista nº 1 2005 = O Gharb al- Andalus em dois geógrafos árabes do século VII da Hégira/XIII – Yãqût al-Hamâwî e Ibn Sa'îd al -Maghribî , Por António Reis UNL. **MOÇARABISMO E TOPONÍMIA EM PORTUGAL** – Maria Luísa Azevedo – Academia das Ciências, 2015 Lisboa.

Âlîsh (melhor [Âlbash] > Elvas) (RM)

Com i no lâm, yâ sem vogal e shîn com pontos. Cidade em al-Andalus. Entre ela e Badajoz, um dia. (Ed.: I, p. 56 ; trad.GAK, p. 61)

Akhshânba (Ocsónoba - I) (RM)

Com a; depois ausência de vogal ; a no shîn com pontos; nûn sem vogal e bâ com um só ponto. É uma região em al-Andalus. Imensamente conhecida pela abundância dos seus bens naturais. Entre ela e Silves são seis dias; e entre ela e Lepe (1), três dias. (Ed.: I, p.123; trad.GAK, p.63

NOTA 1. Lepe, povoação da província andaluza de Huelva.

Arûn (melhor [Arûsh] > Aroche) (RM)

Com a e depois u, a wâw sem vogal; e nûn. Zona agrícola de al-Andalus, pertencente aos distritos fiscais de Beja. O seu linho excede o linho corrente em al-Andalus. (Ed.: I, p. 164; trad.GAK, p. 67

Ushbûna (Lisboa - I) (RM)

É uma cidade de al-Andalus, também chamada Lashbûna. Limita com Santarém perto do Mar Envolvente [Oceano Atlântico]. Existe nas suas costas um âmbar excelente. Diz Ibn Hawqal :"Encontra-se na desembocadura do rio de Santarém, em direcção ao mar."(1) Diz ainda : "Da foz do rio que é em Almada, até Lisboa, e daí a Sintra, são dois dias."(2) (Ed.: I, p. 195; trad.GAK, pp. 69-70

Al-Andalus (RM)

Al-Andalus [...] estende-se do limite da Galiza até à kura de Santarém, [daí] até Lisboa [e] até Jabal al-Ghûr e demais cidades que vão até Gibraltar [...](1). O segundo lado (2) [...] [segue, depois da foz do Guadalquivir] para a ilha de Saltes, o rio Guadiana, Tavira, Santa Maria (3), Silves e daqui gira em direcção a Lisboa e Santarém, regressando depois ao Cabo de S.Vicente (4) , em frente a Silves, podendo o mar ser cortado entre Silves e o Cabo de S. Vicente, por uma distância de cinquenta milhas. Lisboa, Sintra e Santarém estão à direita de um alfoz. O Cabo de S. Vicente é um monte que se eleva entrando pelo mar cerca de quarenta milhas, onde se ergue a famosa Igreja dos Corvos. Em seguida, abandonando o Cabo de S. Vicente, junto ao Mar Circundante (5), passa-se pelo alfoz de Arrifana, pelo alfoz de Mira (6) e cruzam-se aquelas regiões inflectindo para norte. (Ed.: I, pp. 272-274; trad.GAK pp. 91-97

Akshûniya (Ocsónoba - II) (RM)

Com a no hamza; kâf sem vogal; e u no shîn com pontos; wâw sem vogal; i no nûn; e yâ ligeira. Cidade no al-Andalus cujas dependências ligam com as de Lisboa. Está a ocidente de Córdova. É uma cidade com inúmeros bens terrestres e marítimos. No seu litoral encontra-se um âmbar superior, que nada deve ao da Índia (1). (Ed.: I, p. 240; trad.GAK, p. 82

Bashîla (?) (RM)

Um dos distritos de Ocsónoba, em al-Andalus. (Ed.: I, p. 429;trad.GAK, p. 120)

Al-Jawf (?) (RM)

Território baixo ou avançado no mar, no ocidente de al-Andalus, sobre o Mar Circundante. E é também, um dos distritos de Ocsónoba, de al-Andalus. (Ed.: II, p. 188; trad.RL, pp. 66-67)

Dimyâna (?) (RM)

Com i na sua primeira letra; com ausência de vogal na segunda; e yâ com dois pontos em baixo; e depois alif e nûn. Um dos distritos de Ocsónoba, em al-Andalus. (Ed.: II, p. 475; trad.GAK, p. 163)

Rujîna (?) (RM)

Com u na sua primeira letra; com i na segunda; e depois da yâ com dois pontos em baixo e sem vogal, nûn. Distrito de entre os distritos de Beja, em al-Andalus. (Ed.: III, p. 30;trad. GAK, p. 166)

Al-Zâwiya (Lagos) (RM)

Um dos distritos de Ocsónoba, em al-Andalus. (Ed.: III, p. 128; trad.GAK, p. 172)

Al-Sand (?) (RM)

Com a na primeira letra, e sem vogal na segunda. Assim o encontrei na escrita de alguém da gente de Granada, atribuível a ele, em caligrafia de al-Andalus, exactamente. E diz: "É do distrito de Beja". (Ed.: III, p. 268; trad.GAK, p. 186

Al-Sahl (?) (RM)

Como o contrário de difícil (1). É um dos distritos fiscais de Beja. (Ed.: III, p. 290; trad.GAK, p. 187)

NOTA 1. Em árabe 'sahl', significa também 'fácil', daí a explicação do autor.

Sharq (?) (RM)

Com a pronúncia de "Oriente" contrário de "Ocidente". [...] Distrito de Beja [...] em al-Andalus. (Ed.: III, p. 337; trad.RL, p. 73)

Shaqabân (Sacavém) (RM)

É um dos povoados de Lisboa, a oriente dela. Relaciona-se com ela Taytal ibn Ismâ'îl al-Saqabânî, de quem há alguma poesia (1). (Ed.: III, p. 354; trad.RL, p. 73)

NOTA 1. Este poeta e místico da região de Lisboa, depois de ter vivido e estudado em Córdova, veio, mais tarde, a escolher a zona da albufeira de Sacavém para seu local de retiro espiritual, tendo lá edificado uma arrábida ou azóia. Lá permaneceu, até ao fim dos seus dias, dedicando-se às práticas espirituais. A sua fama perpetuou-se, tendo a arrábida ficado conhecida, durante bastante tempo, como a Arrábida de Taytal (cf. al-Dabbî, Bughya, nº 1212 ; al-Humaydî, Jadwa, nº 294 ; al-Marrâkushî, Dhayl, V/1, nº 390; e Ibn Sa'îd, Rayât [ed.E.Garcia Gomez], nº 39. A memória daquela arrábida ou azóia terá permanecido até hoje na região, concretamente no topónimo Azóia, próximo de Stª Iria da Azóia.

Shilb (Silves) (RM)

É uma cidade no ocidente de al-Andalus. Entre ela e Beja, são três dias. Está a oeste de Córdova. É a capital do distrito administrativo de Ocsónoba. E entre ela e Córdova são dez dias para o cavaleiro veloz. Fui informado de que não há em al-Andalus, para lá de Sevilha, outra [cidade] como ela. Entre ela e Santarém, são cinco dias. Ouvi dizer a muitos: " Poucos serão aqueles entre a sua gente que não digam poesia e não se

interessem pela cultura. E se passares por um agricultor detrás da sua junta de bois, e lhe sugerires um mote, glosá-lo-á na hora [e de forma corretíssima]"(1). (Ed.: III, pp. 357-8; trad.GAK, pp. 200-1)

NOTA 1. Esta passagem relativa à grande capacidade de improvisação poética dos habitantes de Silves e sua região, encontra-se também noutros autores árabes, como al-Idrîsî (Nuzhat al-Mushtâq (ou Kitâb Rujjâr), ed. E. CERULLI et all., Opus Geographicum, IX fascl., Napoles-Roma, IUON-IIMEO, E.J.Brill, [Leyden], 1975, f.V, p. 543; trad.parc. portug. J.P. MACHADO, "A Península Hispânica segundo um Geógrafo Arábico do Séc. XII" Boletim Soc. Geografia de Lisboa, nº1-3, 1964, pp. 17-53, p. 27), al-Himyarî, (al-Rawd al Mi'târ, ed. IHSÂN 'ABBÂS, 2ªed., Beirute, Nasser Foundation for Culture, 1980, p.342; trad. parc. francesa E. LÉVI-PROVENÇAL, La Péninsule Ibérique au Moyen Âge d'après le "Kitâb rawd al-mi'târ fi habar al-aktâr" d'Ibn 'Abd al-Mun'im al-Himyarî, Leiden, E.J.Brill, 1938, p. 129), e al-Qazwînî (Âthâr al-bilâd, ed. Beirute. Dâr Sâder, 1380/1960, p.541; trad.parc.cast. Fátima ROLDÁN, El Occidente de al-Andalus en el "Âthâr al-bilâd" de alQazwînî, Sevilha, Alfar, 1990, pp. 119-121

Shantara (Sintra) (RM)

Com vogal a e depois ausência de vogal, e tâ com dois pontos encima e râ sem qualquer ponto diacrítico. Cidade dos distritos fiscais de Lisboa, em al-Andalus. Diz-se: Nela há maçãs, em que o perímetro de cada maçã é de três palmos (1). Deus sabe se isso é verdade. Está agora em poder dos cristãos, que a conquistaram no ano 543 (2). (Ed.: III, p. 367; trad.GAK, p. 209)

NOTAS 1. Sobre as extrordinárias maçãs de Sintra, v. Adel SIDARUS e António REI, "Apêndice I - Sintra ou Santarém (âmbar e maçãs)", do trabalho "Lisboa e o seu Termo, nos geógrafos árabes", Actas do Colóquio «Lisboa - Encruzilhada de Muçulmanos, Judeus e Cristãos» / Arqueologia Medieval 7, Mértola/Porto, CAM/Afrontamento, 2001, pp. 37-72, p. 69-70 . Para a medida do "palmo", ver Joaquín VALLVÉ, "Notas de metrologia hispano-árabe - El codo en la España musulmana", Al-Andalus XLI (1976), pp. 339-354. 2. A partir desta referência cronológica, que precisa de ser confirmada, a Sintra islâmica teria ainda resistido, no mínimo, mais sete a oito meses à conquista cristã, após a queda de Lisboa (21 de Outubro de 1147), pois o ano de 543 iniciou-se em 22 de maio de 1148 (G.S.P. FREEMAN-GRENVILLE, The Muslim and Chistian Calendars, Londres, Oxford University Press, 1963, p. 31).

Shantarîn (Santarém) (RM)

(Trata-se de) duas palavras articuladas : shanta, uma palavra, e rîn (outra palavra), como se explicou anteriormente (1). (Em) rîn o râ é vocalizado com i ; (sendo)o yâ (mesmo) com dois pontos (em baixo); e (no fim há) nûn. É uma cidade com dependências fiscais confinando com as dependências de Beja, no ocidente de al-Andalus, para oeste de Córdova. Está situada junto ao rio Tejo, perto da sua desembocadura no Mar Circundante. É inexpugnável. Entre ela e Córdova, são 15 dias ; e entre ela e Beja, são 4 dias (2). Ela agora é dos cristãos, tendo sido dominada no ano de 543 (3). (Ed.: III, p. 367; trad.GAK, p. 209)

NOTAS 1. O autor refere ao artigo anterior sobre Shanta Ulâlyâ no leste peninsular (tex., p.366; trad., p. 208). 2. Todo este § está ausente da tradução de Gamal 'ABD AL-KARÎM. 3. Algum erro de leitura se terá dado aqui pois a conquista de Santarém, em 15 de março

de 1147 sucedeu ainda no ano islâmico de 541, e não no de 543 (> 1148/49) (cf. G.S.P. FREEMAN-GRENVILLE, ibidem). Esta informação provirá de Ibn Ghâlib, o qual, no relativo à conquista cristã, tratou numa mesma passagem Lisboa, Sintra e Santarém. Yâqût decompôs essa passagem em tantas partes quantas as localidades referidadas. Para a Lisboa de Ibn Ghâlib, e para Lisboa e Sintra de Yâqût, v. Adel SIDARUS e António REI, ob.cit

Shîrûsh (Xira [Vila Franca de] ?) (RM)

A sua parte primeira é como a do que a antecede : [com i, depois sem vogal, e râ]; depois wâw, e no fim outra shîn. É um dos distritos de Santarém, em al-Andalus. (Ed.: III, p. 383; trad. GAK, p. 213)

NOTA Preliminar Para esta identificação toponímica baseámo-nos apenas na semelhança fonética e na proximidade geográfica a Santarém. Al-Sakhra (?) Com a pronúncia de um pedaço de rochedo pétreo. É um dos distritos de Ocsónoba em al-Andalus. (Ed.: III, p. 395; trad.RL, p.74)

Sakhra Haywa (?) (RM)

Região no Ocidente de al-Andalus. (Ed.: III, p.395; trad.GAK, p.214)

Saqlab (antiga Scallabis) (RM)

Vogal a (para a primeira consoante); ausência de vogal (para a segunda); vogal para o lâm; e no fim do nome (temos) um bâ com um só ponto [...] (1). E Saqlab (encontra-se) também em al-Andalus. Um dos distritos fiscais de Santarém. A sua terra é excelente . Diz-se que um makkûk quando semeado nessa terra, rende, para além dele, 100 cafizes e [ainda] mais (2). (Ed.: III, p. 416; ausente das trad.castelhanas)

NOTAS Preliminar As citadas traduções espanholas não referem esta notícia, apesar de a conhecida compilação levada a cabo por ALEMANY BOLUFER, «La Geografia de la Península Ibérica en los autores árabes», Revista del Centro de Estudios Historicos de Granada y su Reino, (1919-21) a ter identificado (cf. D. LOPES, NATP, p.190). 1. Se esta vocalização, segundo o autor, corresponde ao habitat dos Eslavos no leste europeu, para a Hispânia, o esqueleto consonântico SQLB permitiria a leitura Saqallab (< Scallabis). 2. O makkûk na Ásia Menor no século XII oscilaria entre os 41,75 kg e os 46,38 kg . O cafiz, também naquela região equivalia a 47,15 kg, ou seja, um valor idêntico ou ligeiramente superior (cf. E. ASHTOR, “Makâyil et Mawâzîn”, E.I.2, T.VI, 115-20). Cem cafizes seriam, assim, cerca de 4715 kg. Reproduzindo-se, de uma outra maneira, e em relação a outras unidades métricas, o mesmo índice de fertilidade mediana de 100 / 1 ou um pouco mais, que também aparece em al-Idrîsî (cf.ed.Napoles-Roma (1975), pp. 549-550; trad.J.P.MACHADO (1964) , pp.31-32), e reaparece em al-Himyarî (cf.ed.I. ‘ABBÂS(1980), p. 346; trad. LÉVI-PROVENÇAL (1938), p.139) e no Dhikr Bilâd al-Andalus...(cf. Luis MOLINA, Madrid, CSIC (1983): ed. p.53; trad. pp. 58-59

Pág 10 segue

Tabîra (Tavira) (RM)

Com a; depois com i; depois com yâ com dois pontos em baixo; e râ. Pequeno povoado em al-Andalus. (Ed.: IV, p. 21; trad.GAK, p. 217)

Tartânash (?) (RM)

Com a; depois sem vogal; repete o tâ; depois de alif , vem nûn; e no fim shîn pontuada. Zona agrícola (nâhya) de al-Andalus, pertencente aos distritos de Ocsónoba. (Ed.: IV, p.29;trad. GAK, p.217)

Tartawânsh (?) (RM)

Com a; depois sem vogal; outra tâ; depois wâw; depois do alif, nûn e shîn pontuada. Um dos distritos de Beja, em al-Andalus. (Ed.: IV, p. 30; trad.GAK, p. 217)

Targhalla (?) (RM)

Com a no princípio; sem vogal na segunda; a no ghain com ponto; e a no lâm intensificado. Cidade em al-Andalus, dos distritos de Ocsónoba. (Ed.: IV, p. 31; trad.GAK, p.220)

Tutâliqa (Toutalga) (RM)

Com u na sua primeira; sem vogal na segunda; depois outro tâ; e depois alif, e lâm com i; e qâf. Pequeno povoado em al-Andalus, pertencente ao distrito de Beja, onde há uma mina de prata pura. (Ed.: IV, p. 50; trad.GAK, p. 227)

NOTA Preliminar Topónimo identificado na Serra da Adiça, concelho de Moura (cf. Cláudio TORRES, "Povoamento antigo no Baixo Alentejo. Alguns problemas de topografia histórica", Arqueologia Medieval nº 1(1992), Mértola / Porto, CAM / Afrontamento, pp.189-202, p.189; e REPORTÓRIO TOPONÍMICO DE PORTUGAL, Lisboa, Ministério do Exército, III vols., 1967, vol.III, p.117: 'Ribeira de Toutalga'. Acresce que tal topónimo ocorre na Serra da Adiça, sendo 'adiça', do árabe al-dîsa > "o trilho ou a passagem subterrânea" (Federico CORRIENTE, Diccionário Árabe-Español, 2ªed., Madrid, IHAC, 1986, p. 262), daí o sentido de 'mina', enquanto 'galeria do subsolo', corroborando a actividade mineira da região.

Al-Fahs (Alferce) (RM)

É um dos distritos de Ocsónoba. (Ed.v.IV, 227; trad.GAK, 229-30)

NOTA Preliminar Este topónimo foi muito recentemente correlacionado com a povoação de Alferce, no actual concelho de Monchique (cf. Abdallah KHAWLÎ, "Quelques réflexions sur l'histoire de l'Algarve pendant les premiers siècles de l'islamisation (VIII-XIème siècle)", Xarajîb 2 (2002), CELAS, Silves, pp. 21- 40).

Qâshruh (Castro Marim) (RM)

Depois do shîn, vem râ com u; e hâ sem vogal. Encontram-se o alif e o shîn, ambas sem vogal. Dos distritos de Niebla. Encontrei noutro manuscrito, escrito em caligrafia de al-Andalus: Qâtîduh. Sendo isto certo (1). (Ed.: IV, p. 297; trad. RL, p. 77)

NOTA 1. Referido pelo próprio autor a existência de um outro manuscrito em que o topónimo figura mal copiado e, portanto, dando origem a uma outra leitura. Aquelas duas grafias em árabe são muito próximas.

Qastalla (Cacela) (RM)

Com a na primeira letra; sem vogal na segunda; com a no tâ; intensificação do lâm; e hâ. Cidade em al-Andalus. (Ed.: IV, p. 347; trad. GAK, p. 251)

Qasr Bâja (Alcácer do Sal) (RM)

Cidade em al-Andalus, pertencente às zonas rurais de Beja. Está próxima do mar. Diz-se que o ambâr existe nas suas costas. (Ed.: IV, p. 356; trad.GAK, p. 253)

NOTA Preliminar Único caso conhecido até ao momento em que Alcácer do Sal surge designada, como 'Qasr Bâja' > 'Castelo de Beja'.

Qulumriya (Coimbra) (RM)

Com u na primeira e na segunda letras; sem vogal no mîm; e i no râ; e um yâ simples. Cidade em al-Andalus, a qual está hoje nas mãos dos cristãos (1). Que Deus os humilhe! (Ed.: IV, p. 391; trad.GAK, p. 256)

NOTA 1. 'Cristãos' neste texto, de autor oriental, designados como Afranj 'francos'. Esta expressão passou a designar, no oriente, a partir do período das Cruzadas, os cristãos em geral.

Lashbûna (Lisboa II) (RM)

Diz-se também Usbuna, com alif . É uma cidade de al-Andalus, cuja jurisdição confina com as terras de Santarém. É uma cidade antiga, próxima do mar e situada a oeste de Córdova. Nas suas montanhas há bons falcões e produz o melhor mel de todo o al-Andalus, que se conhece como al-ladharnî (1); parece-se com o açúcar, conservando-se embrulhado em pano, para que não se suje. A cidade está junto ao rio Tejo e perto do mar. No seu solo há jazidas de ouro puro e nas suas costas encontra-se um âmbar excelente. Os francos apoderaram-se dela no ano de 573 [/ 1177] (sic) (2) e creio que continua em seu poder. (Ed: V, p. 16; trad.GAK, p. 271)

NOTAS 1. Único autor que apresenta uma denominação para o famoso mel da zona de Lisboa 2. Lapso do copista, pois a data da conquista foi 542/1147 (cf. G.S.P. FREEMAN-GRENVILLE, ob.cit., p.31).

Murjîq (Marachique > Castro da Cola, Ourique) (RM)

Com u, e depois sem vogal; com i no jîm; yâ, com dois pontos embaixo, sem vogal; e qâf. Fortaleza dos distritos fiscais de Ocsónoba, em al-Andalus. (Ed.: V, p. 103; trad. RL, p. 81)

Massâna (Messines) (RM)

Com a; depois uma intensificação; e depois do alif vem nûn. Uma das zonas rurais de Ocsónoba, em al-Andalus. (Ed.: V, p. 125; trad.GAK, p. 286)

Malmâr (?) (RM)

Com a, e dois mîm/s; no final, râ. Pertence ao distrito de Ocsónoba, no al-Andalus. (Ed.: V, p. 195; trad.GAK, p. 289)

NOTA Preliminar Para este topónimo foi aventada muito recentemente a hipótese de poder tratar-se da povoação de Marmelete, no ocidente algarvio (cf. Abdallah KHAWLÎ, ibidem).

Munt Ashyûn (Monte Sião ou Monsanto ?) (RM)

[Primeira letra da palavra]com vogal u , depois sem vogal[para a segunda letra] , e tâ com dois pontos. [Na segunda palavra]depois do alif , sîn com pontos diacríticos, yâ debaixo do qual [há] dois pontos, e no seu final nûn. É uma cidade dependente de Lisboa, no al-Andalus. Disse al-cAbdarî: « Munt é o nome de "monte"; e estão relacionados com ele todos os lugares [montanhosos], como dizendo-se monte tal e tal. (Ed.: V, p. 207; trad.GAK, p. 290)

NOTA Preliminar - Remetemos totalmente para o aparato crítico presente em Adel SIDARUS e António REI, ob.cit., pp.54-55

Munt Afût (aliás [Munt Aqût] > Monteagudo, Mértola) (RM)

Com fâ. Fortaleza das zonas rurais de Beja, em al-Andalus. (Ed.: V, idem; trad.GAK, idem)

NOTA Preliminar A confusão resultante na grafia da segunda palavra, advém do facto de o qâf no ocidente islâmico (Magrebe e al-Andalus) e o fâ no oriente poderem então ser

facilmente confundidos, pois ambos apresentavam apenas um ponto diacrítico sobreposto. Ibn Ghâlib, o autor andalusî que foi a fonte para Yâqût, escreveu o qâf com apenas um ponto, e este último, leu a letra como fâ, pois o qâf no oriente sempre teve dois pontos sobrepostos.

Mîrtula (Mértola) (RM)

Com i; juntam-se duas letras sem vogal; tâ, duplamente pontuada encima, com u; e lâm. Castelo dos distritos fiscais de Beja. É o mais inacessível dos castelos do ocidente e o mais poderoso deles. De construção antiga, está sobranceira ao rio Guadiana. (Ed.: V, p. 232; trad.GAK, p. 295)

Wadhra (Odemira) (RM)

Com a; depois sem vogal; e râ. Pertence aos distritos de Ocsónoba, em al-Andalus. (Ed.: V, p. 369; trad.GAK, p. 302)

NOTA Preliminar Devido à semelhança gráfica em árabe entre Wadhra e Mîra, (embora Madra esteja um pouco mais próxima de Mîra, v.supra 'al-Andalus') pensamos tratar-se da actual Odemira, cujo nome seria então o nome que hoje se reporta exclusivamente ao rio, ou sera Mîra. Para mais dados sobre esta questão, v. António REI, "Azóias / Arrábidas no Gharb al-Andalus e o movimento dos Muridîn", Xarajîb 2 (2002), CELAS - Silves, pp. 53-61.

Yâbura (Évora) (RM)

Região do ocidente de al-Andalus. (Ed.:V, p. 424; trad. GAK, p. 305

REINO DE BADAJOZ (RM)

Reino poderoso no noroeste de al-Andalus. Tornou-se dos cristãos. E o texto reparte-se da seguinte forma:[…] Cidade de Mérida,[…] Cidade de Badajoz,[…] Fortaleza de Medellín,[…] Fortaleza de Terena, […] Cidade de Évora,[…] Cidade de Trujillo,[…] Fortaleza de Juromenha. (Ed. P. 360; trad. P. 231

Hisn Talanna (Fortaleza de Terena) (RM)

Das fortalezas de Badajoz, a qual é agora dos cristãos. (Ed. p.373; trad. p. 234-5)

NOTA Preliminar No título está a forma árabe "Qalanna". Sobre a identificação linguística deste termo, que será um equívoco de copista ou de leitura do termo Talanna >Terena, ver David LOPES, Nomes Árabes de Terras Portuguesas (NATP), p.123. Maria Jesús Viguera identifica Qalanna com 'Cabañas del Castillo', pequeno povoado da zona de Badajoz. Esta nota introduz notícia sobre um letrado e funcionário oficial (kâtib) dali natural, chamado Abû Zakariyâ ibn Sa'îd ibn Mas'ûd al-Ansârî.

Madînat Yâbura (Cidade de Évora) (RM)

A cidade de Évora é uma das cidades famosas no Reino de Badajoz (1), e muito recordada por Ibn 'Abdûn na sua poesia (2). Tendo-a fortificado al-Muzhaffar ibn al-Aftas, colocou nela o seu filho al-Mansûr. Da mesma forma foi seu governador al-Mutawwaqil, e o filho de alMutawwaqil (3). Ela agora pertence aos cristãos (4). (Ed. p. 374; trad. p. 235)

NOTAS 1. Realmente foi a segunda cidade mais importante do Reino Taifa de Badajoz. 2. Sobre Ibn 'Abdûn, o mais famoso poeta e intelectual da Évora islâmica, ver José MOHEDANO BARCELÓ, Ibn 'Abdûn de Évora (c.1050-1135), Univ. Évora, 1982; IDEM, "Ibn 'Abdûn de Évora. Poeta, erudito y hombre de Estado. La crisis espiritual del siglo XI en al-Andalus", Bataliús II - Nuevos estudios sobre el Reino Taifa, Madrid, Letrúmero,

1999, pp. 61-106. 3. Referência a alguns dos membros da dinastia dos Banû al-Aftas: al-Muzhaffar ibn al-Aftas, foi o segundo monarca daquela dinastia (437/1045 - 460/1067-68); o seu filho Yahyâ al-Mansûr, foi o terceiro (460/1067-68 - 464(?)/ 1072(?)); 'Umar al-Mutawwaqil, o quarto e último (464(?)/ 1072(?) - 487/1095). O filho de al-Mutawwaqil aqui referido teria sido, como era habitual, o filho mais velho, o qual se chamou al-Mansûr. Todos mortos pelos Almorávidas em 1095, juntamente com o seu pai, nem ele nem qualquer dos seus irmãos chegou a reinar. (Cf. Rachel ARIÉ, España Musulmana (siglos VIII-XV), vol.III da História de España (dir. M.Tuñon de Lara), Barcelona, Labor, 1984, p. 505). 4.A conquista cristã de Évora, facto posterior a al-Hijârî, que faleceu em 550/1155 (cf. F.PONS BOIGUES, ob. cit., p. 221) terá sido passagem acrescentada por algum membro dos Banû Sa'îd

Hisn Jullumâniya (Fortaleza de Juromenha) (Ed. p.378; trad. p. 235-6) (RM)

NOTA Preliminar Sem qualquer informação geográfica específica, para além da sua integração geral no Reino de Badajoz, surge referida como local de origem de um poeta muçulmano do século XI, Abû Zakariyâ Muhammad ibn Zakî alJullumânî, o qual também residiu em Lisboa. Poeta errante, terá também residido em Toledo, pois buscou através de uma qasîda (obra poética) o mecenato de al-Ma'mûn, um dos monarcas Dhú-Núnidas da Taifa de Toledo.

REINO DE SILVES (RM)

Reino colindante com o reino de Sevilha, situando-se a noroeste deste último. Recolhe-se nas suas costas âmbar, proveniente do Mar Circundante. E reparte-se o texto da seguinte forma:[...] Cidade de Silves,[...] povoado de Shannabûs, [...] povoado de Ramâdah, [...] Cidade de Santa Maria (Faro), [...] Cidade de Loulé, [...] Cidade de Cacela. (Ed. p. 380)

Madînat Shilb (Cidade de Silves) (RM)

Do Livro de al-Râzî: "A sua construção ergue-se sobre um rio onde se fazem sentir as marés do Mar Circundante. E entre Silves e Córdova, para um cavaleiro, são nove dias" (1). É uma cidade louvável e famosa por causa dos intelectuais. Nela cresceu al-Mu'tamid Ibn 'Abbâd, e nela se situa o Palácio das Varandas, em relação ao qual diz [este príncipe a] Ibn 'Ammâr: «Saúda o Palácio das Varandas da parte de um jovem Que tem um perpétuo anseio por esse Palácio». Antes de que al-Mu'tamid Ibn 'Abbâd lá se criasse, o seu pai, al-Mu'tadid, apoderou-se desse reino. E recém-chegado al-Mu'tamid a Sevilha, nomeou governador de Silves o seu filho al-Mu'tadd (2). E os seus governadores agora vêm de Sevilha (3). (Ed. p. 381) NOTAS Preliminar Silves é tratada como cabeça de "reino" ou "senhorio". 1. Usa o literal e pouco comum «dias», para referir 'dias de viagem', em vez de «jornadas». 2. Esta notícia sobre al-Mu'tamid e a relação deste príncipe com a cidade de Silves, sob os pontos de vista cultural e histórico-administrativo tê-la-á Ibn Sa'îd recolhido de al-Hijârî. 3. Sendo Sevilha a capital almóada no al-Andalus, esta notícia será possivelmente do punho de Ibn Sa'îd, ou seu pai.

Qaryat Shannabûs (Povoado de Estômbar ou de São Brás de Aportel (?) (RM)

Dos melhores e mais pequenos povoados dele [do Reino de Silves]. (Ed. p. 389)

NOTA Preliminar Sobre a questão linguística que envolve este topónimo: se será mesmo Shannabûs, tradicionalmente identificado com Estombar; ou se deverá ser entendido

como uma corruptela de Shanbaras (que seria S.Brás de Alportel), v. David LOPES, NATP, p. 131-2.

Qaryat Ramâda (Povoado de ?) (RM)

Menciona al-Hijârî: "É um dos povoados de Silves". (Ed., p.392)

NOTA Preliminar Ainda não identificado o topónimo, é, no entanto, referido como dando origem à nisba (referência antroponímica ao lugar de origem ou de residência) de um poeta, chamado Abû 'Umar Yûsuf ibn Hârûn al-Ramadî al-Kindî (Idem, pp. 392-394). Madînat Shantamariyya (Cidade de Santa Maria [Faro]) Cidade famosa, conhecida como Santa Maria do Ocidente, pois há uma Santa Maria do Oriente (1). Actualmente é dos muçulmanos. (Ed. p.395) NOTA 1. Esta "Santa Maria do Oriente" é a actual Albarracín, no Levante espanhol. Sobre este último topónimo ver David Lopes, NATP, p.132. Madînat al-'Ulyâ (Cidade de Loulé) [Do Reino de Silves] uma das cidades do noroeste. (Ed. p. 398) Madînat Qastalla (Cidade de Cacela) Conhecida como Cacela do Ocidente. (Ed. p. 400.

Madînat Shantamariyya (Cidade de Santa Maria [Faro]) (RM)

Cidade famosa, conhecida como Santa Maria do Ocidente, pois há uma Santa Maria do Oriente (1). Actualmente é dos muçulmanos. (Ed. p.395)

NOTA 1. Esta "Santa Maria do Oriente" é a actual Albarracín, no Levante espanhol. Sobre este último topónimo ver David Lopes, NATP, p.132.

Madînat al-'Ulyâ (Cidade de Loulé) [Do Reino de Silves] (RM)

uma das cidades do noroeste. (Ed. p. 398)

Madînat Qastalla (Cidade de Cacela) (RM)

Conhecida como Cacela do Ocidente. (Ed. p. 400)

REINO DE BEJA (RM)

Reino do noroeste, que se tornou dos cristãos. E reparte-se o texto em duas partes:[...]Cidade de Beja, [...] Fortaleza de de Mértola. (Ed. p.402)

Madînat Bâja (Cidade de Beja) (RM)

Do Livro de al-Râzî: "A cidade de Beja é das mais antigas cidades de al-Andalus. Foi construída nos tempos de César, o primeiro dos Césares que foi quem começou a medir a terra e a repartí-la. As suas terras são solos para agricultura e ganadaria. As suas flores são excelentes para as abelhas, produzindo-se muito mel. As suas águas são apropriadas para o curtimento de peles, não havendo curtimento que se lhe possa comparar". (Ed. p.403)

NOTA Preliminar Notícia com grande identidade textual relativamente à primeira parte da notícia sobre Beja que existe na Crónica Geral de Espanha de 1344 (ed. L.F. Lindley Cintra, vol. II, p. 65), v. António REI, Memória de Espaços e Espaços de Memória - de al-Râzî a D.Pedro de Barcelos, pp. 109 e 121-122.

Hisn Mârtula (Fortaleza de Mértola)

Uma das fortalezas de Beja. É uma fortaleza poderosa. Estava em poder dos muçulmanos quando eu estava em al-Andalus (1). (Ed. p. 406)

NOTA 1. Sobre a importância desta última afirmação, relativamente à datação da conquista cristã de Mértola, v. António REI, "A fronteira no Sudoeste Peninsular (1234-1242) - novas visões da "Reconquista" a partir do al-Mughrib... de Ibn Sa 'îd de Granada", Arqueologia Medieval nº 8, no prelo.

REINO DE LISBOA (RM)

Reino poderoso junto ao Mar Circundante. Tem permanecido em poder dos cristãos. E o texto reparte-se da seguinte forma: [...]Cidade de Lisboa, [...]Comunidade (1) de Alcabideche, [...] Cidade de Sintra, [...] Santarém. (Ed. p. 410)

NOTA 1. Alcabideche surge diferentemente identificada pelo autor. Nesta parte introdutória surge como dawla > 'comunidade' (cf. Ibrâhîm MUSTAFÂ et al., Al-Mu'jam al-Wasît [Dic. Língua Árabe], II vols., Cairo, 1378-81 / 1958-61, reimp. Teerão, al-Maktabatu-l-'Ilmiyya, s.d., I vol., p.304); e na notícia vem como qarya > 'povoado

Madînat Ushbûna (Cidade de Lisboa) (RM)

Do Livro de al-Râzî : "É uma cidade antiga a ocidente de Beja. É dotada de benesses na excelência dos seus frutos e nas possibilidades para a caça e para a pesca. E os falcões das suas montanhas são os melhores de todos os falcões e os mais propensos a serem ensinados. E nas suas montanhas há colmeias de abelhas, e o mel é puro e branco como o açúcar, e que é embrulhado em pano por não haver nele humidade" (1). Foi, no tempo dos reis de Taifas, de al-Mutawwaqil ibn al-Aftas (2). Este fê-la governar (durante um certo tempo) por Abû Muhammad ibn Hûd, que se tinha refugiado junto dele vindo de Saragoça. Tomaram-na os cristãos no fim do período dos Almorávidas. (Ed. p. 411)

NOTAS Preliminar Sobre Lisboa e Sintra nas fontes geográficas árabes , v. Adel SIDARUS e António REI, "Lisboa e seu Termo segundo os Geógrafos Árabes", Arqueologia Medieval nº 7, Porto / Mértola, CAM / Afrontamento, 2001, pp.37- 72, pp. 43-44. 1. Até este ponto constata-se também grande identidade textual com a parte inicial da notícia de Lisboa presente na Crónica Geral de Eespanha de 1344, v. António REI, Memória de Espaços e Espaços de Memória..., pp. 110-111 e 123-124. 2. Sobre este monarca da Taifa de Badajoz, v.supra 'Évora' n. 3. Este Ibn Hûd, de seu nome completo Abû Muhammad al-Judâm ibn Hûd, foi um filho do monarca da Taifa de Saragoça , Ahmad al-Muqtadir billâh (438/1046 - 475/1082) (cf. Christophe PICARD, Le Portugal musulman (VIIIe - XIIIe siècle), Paris, Maisonneuve & Larose, 2000, p.258; R. ARIÉ, ob.cit., p. 508). Lisboa pertenceu realmente durante alguns períodos do século XI, ao Reino Taifa de Badajoz.

Qaryat al-Qibdhaq (Alcabideche) (RM)

Um dos povoados de Lisboa. (Ed., p. 413)

Madînat Shantara (Cidade de Sintra) (RM)

É cidade famosa pelo viço. Lá existem as invulgares maçãs, acerca das quais conta Ibn Alîsa', entre outros : não transporta [qualquer] animal senão três exemplares das mesmas. É agora dos cristãos. (Ed., p. 415)

NOTAS Preliminar Sobre os factos e os personagens referidos esta notícia, v. A. SIDARUS e A. REI, "Lisboa e o seu Termo nos Geógrafos Árabes", pp. 44 e 69-70.

Madînat Shantarîn (Cidade de Santarém) (RM)

Do Livro de al-Râzî : "A oeste de Beja (1), está edificada sobre o rio Tejo, perto do lugar onde este entra no mar (2). E os seus terrenos são o extremo da generosidade e da bondade". Os seus governadores procediam de Lisboa. Ela é agora dos cristãos. (Ed. p. 417)

NOTAS Preliminar Na estruturação da obra, a "cidade de Santarém" (madînat Shantarîn) aparece integrada no "reino de Lisboa"(mamlakat al-Ushbûna). Mais do que "reino", aqui a palavra mamlaka deverá ser aqui entendida enquanto "senhorio". 1. Melhor 'a

noroeste'. 2. Santarém é localizada próxima do mar, porque o estuário do Tejo já era considerado como sendo um braço de mar, o tradicional 'mar da palha'(v. sobre esta questão, Adel SIDARUS e António REI, "Santarém e o seu Termo nos Geógrafos Árabes", Qurtuba nº 8, no prelo). Esta passagem encontra-se também em outros autores árabes, além de Ibn Sa'îd e de Yâqût : em al-Rushâtî, Ibn Ghâlib (e os textos da Crónica do Mouro Rasis e da Crónica Geral de Espanha de 1344, a ele devedoras [cf. supra n. 4 à Introdução]), al-Qazwînî e Abû-l-Fidâ.

Kitâb bast al-ard fî-l-tûl wa-l-'ard (RM)

Trata-se de uma obra geográfica organizada em função dos Sete "Climas", e de coordenadas geográficas atribuídas a numerosas localidades. Terá Ibn Sa 'îd tentado com esta obra completar a obra de al-Idrîsî, acrescentando-lhe para isso informações de precisão geográfica que faltavam àquela.

Referências bibliográficas - Ibn Sa'îd al-Magribi, Kitab bast al-ard fî-tul wa-l-c ard = Kitab al-Gugrafiyya, ed.Juan Vernet (Ed.V), Tetuão, Instituto Mulay al-Hassan, 1958 - ed. Isma'îl al-'Arabi (ed.A), Beirute, Manshurat al-Maktaba al-Tigariyya li-l-Tiba'a wa-l-Nasr wa-l-Tawzi', 1970. - trad. e ed. parc. de Juan Vernet, España en la Geografia de Ibn Sac id al-Magribi , Septª de Tamuda, Ano VI, Sem.II, Tetuão, Editorial Genades, 1958, pp.307-326. - H. Mu'nis, Târîkh al-Jaghrâfiya..., p.495-517

Kitâb bast al-ard fî-l-tûl wa-l-c ard (RM)

Clima V - Secção primeira (RM)

[...] Em seguida [desde a ilha de Saltes] em direcção à foz do grande rio Guadiana, o qual cruza Mérida e Badajoz, são nove milhas. Seguindo para Tavira, vinte e três milhas, situando-se esta a noroeste do rio Guadiana. Depois, indo para a foz do rio de Santa Maria (1), dezoito milhas. Depois, para a foz do rio de Silves (2), vinte e oito milhas. Depois, para o golfo de Arrifana (3), quinze milhas. Depois para o Cabo dos Corvos oitenta milhas, e entra no mar este cabo vinte e duas milhas. Ele é a latitude extrema do Clima Quinto, cuja longitude é 6º.[...]

NOTAS 1. O 'rio de Santa Maria' é o rio Letes. 2. Ou seja, o rio Arade. 3. Este 'golfo de Arrifana', refere-se claramente à baía de Lagos, e não à região de idêntico nome no actual concelho de Aljezur. Sobre o alfoz de Lagos, também designado 'da Arrifana', e respectivas problemáticas de identificação, v. A. REI, "Azóias / Arrábidas no Gharb al-Andalus e o Movimento dos Muridîn", Xarajîb 2 (2002), pp. 53-61.

Clima VI - Secção primeira (RM)

[...] O primeiro que encontras dele [o Clima] sobre o Mar Envolvente é a Igreja dos Corvos, famosa junto das gentes do mar. Entre ela e o Cabo dos Corvos, o qual foi referido no extremo da latitude do Clima Quinto, são sete milhas. A longitude ali, tomada desde as Ilhas Eternas (1), é de seis graus. Daí até onde está o rio Sado, no Golfo do Âmbar, quarenta milhas (2). Sobranceiro a ele [o Sado] está o Castelo com ele relacionado*, tendo os Cruzados no nosso tempo tido aí uma famosa batalha (3). Situava-se no extremo das fronteiras do Islão daquela região. Desde aqui [Alcácer do Sal] até à desembocadura do grande rio de Lisboa, o mesmo que cruza Toledo, há quarenta milhas, e desde o mar até Lisboa, trinta (4). Esta situa-se na margem sul (sic) do rio, onde a longitude é de 7º 0' e a latitude de 42º 40'. A norte e a oeste da cidade encontram-se braços de mar que formam albufeiras salgadas (5). Os viajantes dizem que

o Tejo se vai alargando na sua desembocadura até chegar a medir 10 milhas. A norte desta desembocadura, a trinta milhas de distância, encontra-se a cidade de Sintra em cuja costa se recolhe muito âmbar. Era a mais extrema marca islâmica, junto à costa, antes da cega guerra civil. A norte dela [Sintra] situava-se o extremo da grande Cordilheira da Serra (6), a qual divide al-Andalus em duas metades, situando-se a norte a cidade de Montemor-o-Velho, das terras da Galiza, e donde saem pequenas barcas (7). Situa-se a norte de um rio (8) que se derrama, desde a referida Cordilheira, no Mar Circundante. A norte da foz do rio, está Coimbra; e a norte da [Cordilheira] fica a cidade de Salamanca, famosa na terra de Portugal, e fim da extensão do Clima VI, cuja longitude é 7º20' e a latitude 45º. Entre ela e a cidade de Coimbra, capital da Galiza, são duas jornadas. Ela está a NE do rio. Na Cordilheira da Serra, disseminadas, do oriente de al-Andalus até ao seu ocidente, há muitas fortalezas de nomes não-árabes. E de entre elas, nesta parte, está a Fortaleza de Almeida (9). Diz-se que a Mesa de Salomão, sobre ele seja a paz, estava guardada nela. E daí a tomou Târiq quando conquistou Toledo, havendo entre ambas duas jornadas, e sendo a fortaleza a norte (10). E a sul da Cordilheira da Serra está a cidade de Cória, a qual foi a fronteira dosmuçulmanos na época dos reis de Taifas, com longitude de 8º e 30' e latitude 44º. A sul dela [Cória] e a sul do rio de Toledo (11) situa-se a cidade de Santarém, com longitude de 8º e 10' e latitude 42º 35'. Prosseguindo para leste dela, a sul do [mesmo] rio, situa-se a Fortaleza da Ponte da Espada. Entre elas há 80 milhas.[...]. (Ed. V: pp. 99-100 e 111-112; Ed.A: pp. 178-179 ; trad., pp. 314 e 317-318)

NOTAS 1. Estas 'Ilhas Eternas' serão as Ilhas Canárias (cf. Luís de ALBUQUERQUE, Os Descobrimentos Portugueses, Lisboa, Alfa, 1983, p. 8)

2. No texto: 'nahr Bû Dânis' > 'o rio de Abû Dânis', ou seja, o rio que passa em Alcácer do Sal, que na altura tinha o topónimo 'Al-Qasr Abî Dânis' > 'o castelo de Abû Dânis', sendo Abû Dânis o epónimo de uma família que dominou Alcácer desde o século IX (cf.Ch.PICARD, ob.cit., pp.194-196).

3. Esta famosa batalha, "em nosso tempo", ou seja, de que o autor foi contemporâneo (Ibn Sa'îd nasceu em 1213), foi a que deu origem à conquista de Alcácer do Sal em 1217, realmente com apoio dos Cruzados (cf. Dic. História de Portugal (dir.J.Serrão), VI vols., Porto, Figueirinhas, 1989, vol.I, p.79) como também nos diz Ibn Sa'îd.

4. Claramente exagerada a distância. Talvez antes 'três' do que 'trinta', facilmente confundíveis em árabe.

5. Estas albufeiras salgadas eram as de Sacavém, Camarate, Frielas e Unhos, a norte; e as de Alcântara e Hortanavia a oeste cf. A. SIDARUS e A. REI, "Lisboa e o seu Termo nos Geógrafos Árabes", p. 45, n.4.

6. No texto: 'Jabal Shârra', 'montanha da serra', forma de tipo tautológico, em que o primeiro termo é árabe e o segundo é romance modificado pelo mesmo árabe. Refere-se à grande Cordilheira Central Ibérica.

7. No texto: 'buraykât', que, curiosamente, se trata do plural do diminuitivo árabe aplicado ao termo romance 'barka' (barca), pequena embarcação.

8. O Rio Mondego.

9. No texto: 'hisn al-mâ'ida' > lit. 'fortaleza da mesa', sendo que 'al-mâ'ida' é 'a mesa'.

10. Sobre a questão da conquista de Almeida por Târiq ibn Ziyâd, e da relação do topónimo daquela povoação com a mítica mesa de salomão ou do Templo de salomão, v. António REI, "Târiq ibn Ziyâd e o seu exército em Almeida e na Cidade da Ammaya (Marvão) em finais de 711 - inícios de 712", Ibn Maruán nº 12, no prelo.

11. Será antes ' juzante'.

Promontório do Calpe – Estreito de Gibraltar

Bética, ter-se-ia chamado em perídio Visigótico "Vandalicia"

Al-Andalus – Platão chamou-lhe "Jazirat-al-Andaluz" a ilha de Al- Andalus, usada no árabe clássico como ilha do Atlântico ou a Atlântida.

Hispânia coexistiram cinco grupos étnico sociais

1- **Baladiyym**, povos provenientes da Arábia.
2- **Mouros ou Berberes**, Povo proveniente da Mauritânia, povo conquistado pelos Árabes e parcialmente islamizados.
3- **Muwalladim** (muladis) Povo hispano-godos convertidos ao islamismo
4- **Judeus, povo** que tinha os mesmos direitos que os Moçarabes
5- **Hispano-godos** ou **hispanos romanos**, Povos da Ibéria, submetidos ao domínio muçulmano, mas não assimilados, que viviam em comunidades separadas e dispunham de instituições e autoridades próprias.

Moçárabe – Termo derivado de um princípio árabe "must'arab ou mustarib" que significa "povo submetido aos árabes, arabizado".

Mouros -. Topónimos que testemunham a presença de mouros e sarracenos – Vilar de Mouros; São Martinho de Mouros; Cova dos Mouros; Azinhal dos Mouros; Cerro dos Mouros; Cabeça da Moura; Mourão; Mouraria, São Pedro de Sarracenos; Serrazim; Serrazina etc.

Muladis – Topónimos que testemunham a presença de Muladis; Moldes; Cela de Moldes; Torre de Moldes etc.

Judeus – Topónimos que testemunham a presença de Judeus – Judeu; Malhada dos Judeus; Monte do Judeu; Porto Judeu; Vale de Judeus etc.

Mudéjares - árabes que permaneceram nos territórios reconquistados — deixaram a sua marca na arte peninsular, influenciando cristãos e até estrangeiros, vindos para a Península seduzidos pelo estilo árabe.

Moçarabes – Topónimos que testemunham a presença de Moçarabes; Monservia; Casal de Monservia, Moçarria; Monçaravia; Monsarros: Monte de Monçarves; - Na toponímia antiga; Maria Mozaraba; Petrus Mosarabe (1167); Dominicus Mozaravinus /1232).

Codex Gothorum ou Liber Judicum – Códigos pelo que regiam os povos visigóticos (leis visigóticas)

Alcadii . Juiz

Zavalmedina – Perfeito da cidade.

Almotacém – Fiel de pesos e medidas

Almoxarif – Encarregado da fazenda

Termos árabes e latinos: açafate / cesto, achaque / doença, alcunha / apelido, almanaque / calendário, alforge / saco, almofada / travesseira, argola / anel, arrecada / brinco, enxaqueca / dor de cabeça, nora / engenho, tabefe / bofetada, tareia / pancada, sanefa / cortina(do).

Termos importados do Oriente – ex. alfazema, âmbar, café, cetim, gergelim, nácar.
Registos construção civil muçulmano - a utilização do tijolo na construção das paredes; os arcos de ferradura, os ogivados e os de "pleno cintro"; janelas geminadas ou de ajimez; pavimentos de tijolo e / ou de azulejo; telhas vidradas e polícromas de inspiração oriental; ornamentação baseada em motivos florais estilizados e geométricos; e tetos de madeira concebidos segundo a técnica do alfarge.
Alarife Mouro – Pedreiro
Linguística Portuguesa - A nossa identidade linguística também se constituiu no caldeamento dos traços regionais de falantes do Norte, do Centro e do Sul, processo no qual as populações moçárabes desempenharam um papel fundamental: A par da constituição de uma língua escrita, o avançar do português diversificado do Norte para a área moçárabe meridional possibilita o encontro que sintetizará, no eixo Lisboa-Coimbra, características linguísticas do Norte românico e do Sul românico-arabizado e permite que naquela área, por razões histórico-políticas, se sedimente um dialeto que ousaria chamar de cosmopolita: é Lisboa a cidade mais povoada, o primeiro porto e a porta para o mundo.
Alguns traços linguísticos - as comunidades moçárabes eram muito numerosas e, além de dominarem o árabe, conservavam os seus idiomas românicos tradicionais — usados sobretudo em situações informais ou domésticas —, o que possibilitou a conservação de muitos nomes, sobretudo na área da toponímia e, particularmente, da toponímia menor, que, menos exposta à mudança e à influência da norma, é o domínio lexical mais conservador e estável, constituindo, portanto, uma das áreas onde os moçarabismos estão mais bem preservados. São vários os traços linguísticos distintivos dos moçarabismos, por referência ao galego-português. Elencam-se aqui apenas os que estão presentes nos nomes de lugar selecionados e que se analisarão, seguidamente, de forma breve:
- Enfraquecimento do timbre das vogais finais ou apócope ('queda').
• Anaptixe: desenvolvimento de uma vogal entre consoantes.
• Africada palatal surda [č] como resultado de CE / CI latino.
• Conservação de: o -N- e -L- latinos intervocálicos; o consoantes surdas intervocálicas; o grupos latinos CL- PL- e FL-.
• Condicionamentos dos nomes de origem latina pela fonética árabe: o imela 'passagem de [a] tónico a [e] ou a [i]'; o evolução do grupo -ST- para [s] ou [z]; o palatalização de [g] > [j]; o sonorização de [p] > [b] em posição forte; o substituição da terminação -iz por -ique.
• Interferências morfossintáticas: Aglutinação a uma base hispânica do o náçabe árabe (i)ben; o elemento árabe wadi > ode 'água'; o artigo árabe al.
A propósito deste último tipo de aglutinação, convém esclarecer que o l do artigo se assimilava ao fonema inicial da palavra seguinte — resultando, assim, a- —, antes das consoantes solares hispano-árabes (as interdentais, dentais e pré-palatais oclusivas e fricativas), mantendo-se antes das lunares (as restantes consoantes)
Topónimos:
Abitureira(s), Abutra e Abutre (com diversas variantes e compostos) (RM)

São nomes de lugar que se podem encontrar um pouco por tudo o país. Com aglutinação de a(l), continuam o latim VULTŬRE 'abutre' (> *VULTRE > a-buitre > abutre), conhecendo-se as formas arcaicas avuitor e avuitre e, na toponímia, Avuitoreira (1220). Refira-se a existência dos topónimos Bitureira e Vitoreira, sem a aglutinação do artigo árabe.

Alandroal e Barranco da Alandroeira (Évora) (RM)

assentam no nome da planta loendro (< LORANDRU, de rhodendron), a que se aglutinou a(l). A vegetação é um dos fatores importantes para a denominação dos lugares e, na verdade, na região abundam os alandros ('arbustos ornamentais conhecidos por cevadilha').

Alcácer (Setúbal, Évora), Alcaçarias, Alcaçarinho e Cacela (Faro) (RM)

São topónimos românicos arabizados. Os primeiros chegaram-nos através do árabe qasr 'fortaleza, palácio', representante do latim CASTRU 'forte', e evidenciam a aglutinação de al e a evolução do grupo -ST- para [s]. O último, também veiculado pelo árabe qastallâ, deriva do latim CASTELLU 'posto militar fortificado', diminutivo de CASTRU, tendo o grupo medial -ST- sofrido o mesmo tratamento, de que resultou [s]. Verifica-se este mesmo fenómeno — evolução -ST- > [s] — nos nomes de lugar Monsarros, Moçarava, Monçarve, Monceravia / Monçaravia e Monservia / Monçarvia < must'arab / mustarib 'submetido aos árabes, arabizado' — já referidos a propósito da "pegada" toponímica deixada pelas populações moçárabes no nosso país. Calveiras da Granja (Beja), Calvaria(s) (Leiria), Calves, Quinta de Calvel (Lisboa) e Calvino(s) (Coimbra, Évora, Santarém) são representantes do latim CALVU, 'calvo', que, na nossa toponímia, se reporta, geralmente, a lugares de pouca vegetação, tal como sucede com a forma popular covo 'lugar sem vegetação' (registada como topónimo e como apelido). Os dois primeiros nomes continuam, mais especificamente, CAL(A)VARIA, 'crânio', nome também derivado de CALVU. Todos conservam -L- intervocálico; Calves apresenta enfraquecimento do timbre da vogal final; Calvel, a apócope da vogal final do sufixo -el (< latim -ELLU); e Calvino(s), a manutenção de -N- intervocálico no sufixo -ino(s). Alcolombal (Lisboa) e Columbeira (Leiria) são filiados no latim COLUMBARIU 'pombal' (de COLUMBA 'pomba'). Ambos conservam -L- intervocálico, apresentando o primeiro também aglutinação de al

Qasr (RM)

Fortaleza, Palácio.

QASTALLÃ (RM

deriva do latim CASTELLU 'posto militar fortificado', diminutivo de CASTRU, tendo o grupo medial -ST- sofrido o mesmo tratamento, de que resultou [s].

Grândola - do latim GLANDULA, diminutivo de GLANDE 'bolota'.

Alenquer (Lisboa) e Alenqueres (Évora) (RM)

topónimos híbridos em que o artigo árabe é anteposto ao nome latino IUNCARIU 'juncal', locativo que, na época proto-histórica, se revestiria da forma iunquerio < *al-iunquerio.

Arneiro; Arnado; Arnal; Arnela e Arnosa (RM)

são nomes de lugar continuadores e derivados do latim ARENA 'areia', que também conservam -N- intervocálico, ao contrário das formas galego-portuguesas areia, areal, areeiro, areosa…, também muito frequentes entre nós.

Espadanedo, Espadana, Espadanal, Espadaneirinha. (RM)

Conservam o -N- intervocálico dos sufixos e derivam do latim SPATHA 'espátula; espada', reportando-se, provavelmente, à planta cujas folhas estreitas e compridas se assemelham a uma espada

Fontanelas, Fontana(s), Fontanal e Fontanais (RM)

bem como diversos compostos, são nomes que continuam o latim FONTANA 'fonte' e que estão presentes na toponímia dos distritos de Lisboa, Setúbal, Évora, Beja e Faro.

Moreno(s) e Morena(s) (RM)

em formas simples ou compostas, são topónimos disseminados pelo território nacional, ao Sul da Guarda. Segundo Corominas, derivam de mouro, do latim MAURU 'habitante da Mauritânia', provavelmente através de *MAURENU. De facto, Simonet abona maurîno e moréno 'escuro', bem como o apelido Moreno, onde se conserva o -N- intervocálico no sufixo -ENUS (este, segundo alguns autores, de origem pré-romana, eventualmente etrusca).

Alpendrada (Setúbal) e Alpendurada(s) (Porto, Aveiro, Coimbra, Setúbal, Beja) (RM)

são nomes de lugar derivados do latim PENDERE 'pender' e devem ter começado como adjetivos referentes à morfologia inclinada dos terrenos. A aglutinação de al é evidente em ambos os topónimos e Alpendurada(s) apresenta anaptixe de [u], talvez reforçada pela analogia com pendurado(a).

Carapinha(s), Carapelhos, Carapinheira, Carapinhal e Carapeto(s) (RM)

simples ou compostos, ocorrem com frequência no Centro e no Sul do país e, segundo J. J. Nunes, filiam-se em *CARPA / CARPINUS 'espécie botânica arbustiva / arbórea'. Podemos verificar a anaptixe de [a], amplamente documentada em fontes moçárabes, onde é bastante frequente o aparecimento de uma vogal entre consoantes. A anaptixe de [a] está igualmente presente nos continuadores de CARVA 'bouça; mata de carvalhos jovens': Caravalhosa (Castelo Branco), Caravela e seus compostos (Bragança, Évora, Faro, Guarda, Vila Real, Viseu), Quinta da Caravelinha (Évora) e Alcaravela (Santarém). Neste último topónimo, verifica-se também a aglutinação de al.

Alportel, São Brás de Alportel (Faro) e Portel (Beja, Évora) (RM)

são diminutivos que radicam no baixo latim PORTELLU, diminutivo de PORTU 'abertura, passagem; entrada de um porto', podendo assumir, nestes contextos, os sentidos de 'alfandega' e / ou de 'passagem estreita entre montanhas'.

Espichel (RM)

Apresenta em Ponta do Espichel (Leiria) e em Cabo Espichel (Setúbal), nome derivado de *espiche / espicho — originário do cruzamento do latim SPECULA 'atalaia' e SPECULU 'espelho', à semelhança dos topónimos espanhóis Espeja, Espejo, Espiel e Espiells.

Pinhel (Guarda) (RM)

é um continuador do diminutivo latino PINELLU (< PINU 'pinheiro'), igualemente com apócope da vogal final do sufixo -el (< latim -ELLU). Da mesma família etimológica de PINU 'pinheiro', há a registar Pino Gordo (Portalegre), Cabeço do Pino (Portalegre,

Lisboa), Vale do Pino (Bragança) e Pineiral (Vila Real), nomes em que se conserva o -N- intervocálico simples latino.

Alvalade (RM)

(Coimbra, Lisboa, Setúbal), Fonte de Alvalade (Beja) e Alvalades (Faro) são topónimos híbridos, documentados a partir de 933: Albalat, Alualad, Alualati. Na sua base está a forma latina PALATIU 'palácio', com influência do árabe al-balat 'zona plana, chão'. Além da aglutinação do artigo árabe al, ocorre a substituição de [p] por [b] (posteriormente fricatizado em [v]) e o enfraquecimento do timbre da vogal final em [e]. Na toponímia, o apelativo alvalade afasta-se do sentido clássico de 'palácio' para assumir o de 'residência senhorial, casa de campo de fidalgo', explicando-se, assim, o plural Alvalades e a frequência com que ocorre onde não seria esperado que se conservasse o significado etimológico. Campo de Alvalade Grande e Campo de Alvalade Pequeno eram os nomes outrora dados aos atuais bairros do Campo Grande e do Campo Pequeno, nome conservado em Praça de Alvalade.

Balisa / Baliza (Castelo Branco, Beja, Portalegre, Setúbal) e Beliche (Faro),

simples ou integrados em diversos compostos, são topónimos que Corominas admite serem continuadores moçárabes do latim PALU 'pau' sufixado com -ICIU, onde, além da conservação de -L- intervocálico, se verifica a sonorização da bilabial oclusiva surda inicial [p] em [b]. Em Beliche, observa-se também a africada palatal surda [č] como resultado de CI latino.

Galego-Português –

O galego-português, ao deslocar-se para Sul, impôs os seus traços linguísticos, mas foi forçado a acompanhar a meridionalização da vida política e cultural portuguesa; e foi no Centro-Sul — onde se falavam dialetos moçárabes — que a língua portuguesa teve o seu eixo de gravitação, adquiriu a sua fisionomia e se constituiu como língua nacional. O estudo da toponímia revela que o fenómeno moçárabe foi mais extenso e mais profundo do que se poderia imaginar, abrangendo, num grau bastante considerável, até mesmo as regiões mais setentrionais do país, que se julgavam "ao abrigo" de tal influência. Pensamos que 8% dos vocábulos que ainda hoje se utilizam na língua portuguesa são de origem moçárabe; (almoço, amora, baliza, capacho, esfanicar, fanico, granizo, manada, melancia, melão, mocho, moço, pepino, sangacho… etc.), os topónimos são testemunhos de uma "camada linguística" quase totalmente submersa pelos idiomas dos Reconquistadores do Norte, mas não completamente inerte

Chiqueiro (RM)

Em Chiqueiro e em vários compostos (Aveiro, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Guarda), está igualmente presente a africada palatal surda [č] como resultado de CI latino. De facto, Galmés de Fuentes afirma que chiqueiro se relaciona com a forma moçárabe sirkáir 'choça; cabana; tugúrio', continuadora do latim CIRCARIU, derivado de CIRCA 'cerca, cercado'.

Corcha(s) (Guarda, Beja, Faro), Corcho(s) (Beja, Castelo Branco, Évora, Faro, Leiria, Setúbal) e Várzea do Corchinho (Beja),

do latim CORTICE 'cortiça', também apresentam a mesma africada palatal surda [č], nestes casos resultantes de CE latino. Refira-se que, no léxico comum, corcho / corcha se usam em várias regiões do nosso país com diversas especializações semânticas,

dependendo dos objetos que designam e dos fins a que se destinam, por exemplo: 'cortiça', 'caixote', 'cortiço', 'tábua para transportar argamassa', 'flutuador de cortiça', 'bucha de madeira', 'escudela de cortiça'…

Beja e Mombeja (Beja) (RM)

São nomes de lugar que assentam no latim PACE. De facto, a Pax Julia dos romanos era vulgarmente conhecida por Pace, com a pronunciar-se [k], o que facilitou a sua passagem a [paka], pois, de acordo com a morfologia árabe, os topónimos eram, geralmente, femininos. Por imela, o [a] da sílaba tónica passou a [e], tendo-se verificado também a substituição de [p] por [b] e de [k] por [g] que, posteriormente, se palatalizou em [j], resultando Beja. O topónimo Mombeja é composto pelos elementos mon (= monte) e Beja.

Tejo (RM)

Do latim TAGU, terá evoluído, nos dialetos moçárabes, para *Tajo e Tejo, sofrendo o mesmo tipo de alteração fonética que ocorreu em Beja, isto é, a imela [a] > [e] e a palatalização [g] > [j]. Estes mesmos fenómenos fonéticos ocorreram em Brejo(s), que se encontram em todo o país, em topónimos simples ou compostos, e em Brejes (Coimbra), bem como nos derivados Brejoal e Brejoeira (Viana do Castelo, Leiria, Santarém, Lisboa e Beja). Verifica-se ainda o enfraquecimento do timbre da vogal final, em Brejes. Trata-se de nomes de lugar que assentam no latim *BRAGU 'terreno pantanoso, alagadiço', de origem celta. Como apelativo, brejo documenta-se desde 1176 e a primeira abonação do topónimo Bregium regista-se em 1257.

Benavente (Guarda, Santarém, Portalegre) (RM)

é um nome que continua Aventi, o genitivo do nome próprio românico Aventus, ao qual se aglutinou o náçabe árabe ben. 17 O mesmo aconteceu em Bordonhos (Viseu), de que se conhecem as formas antigas (século XI) villa de Iben-Ordonizi / Iban-Ordonis, onde é bem visível a aglutinação deste náçabe ao antropónimo latino Ordonius.

Viegas (RM)

E diversos compostos (Beja, Coimbra, Évora, Faro, Leiria, Portalegre, Vila Real, Viseu, Santarém), Pai Viegas (Coimbra) e Benega (Setúbal) são representantes toponímicos do nome germânico romanizado Egas (da raiz ekk / ekka 'ponta, corte, espada'), a que também se aglutinou o náçabe árabe ben. As formais mais antigas, Benegas, Beniegas, Iben Egas, Iben Ecas, Ibeniegas, Egas iben, Veniegas, Venegas e Uenegas, remontam aos séculos X e XI, havendo a acrescentar, por curiosidade, Uẽegas (1278), com o til a assinalar a nasalidade deixada pelo desaparecimento do [n]. Em Pai Viegas, há a salientar a apócope de -o em Pai (< Paio < Pelaio < PELAGIU), que contrasta com a sua manutenção em Paio, nome muito abundante da nossa toponímia. Em Curvatos (Beja), do latim CURVATU (particípio passado de CURVARE 'dobrar, curvar'), verifica-se a manutenção da surda intervocálica [t]. Também a surda intervocálica [f] se conserva em Defesa e nos seus compostos, bem como em Defesinha (Beja, Évora, Portalegre, Setúbal, Faro). Trata-se de topónimos que continuam o latim tardio DEFENSA (de DEFENDERE 'proibir, vedar'). De facto, a ideia de proibição está presente na designação dos terrenos cercados de paliçadas, sebes ou muros e, a par de Defesa, nome prevalente no Sul, regista-se Devesa na toponímia setentrional. Os nomes românicos acabados em -ricus originaram a terminação -rigo (do acusativo) e, mais frequentemente, -riz (do genitivo).

Mas, especialmente ao sul do Tejo, verificou-se, em vários casos, a substituição de -iz por -ique, não sendo alheia a este fenómeno a frequência da terminação -ique em palavras árabes (alambique, arrebique, tabique, etc.) e a representação, em árabe (igualmente por -ique), das terminações românicas ou romanizadas -icu / -ico e -ecu / -eco.

Montachique e Cabeço de Montachique (Lisboa)(RM) — Monte Aiseque, numa inquirição de D. Afonso III —, continuadores do antropónimo germânico Agicus, que apresentam a terminação -ique por -icu. Manniko, Mannic e Mennic são formas antigas de Manique, que, simples ou em nomes compostos faz parte da toponímia do distrito de Lisboa.

Elas apontam para uma origem germânica e nelas é já visível a evolução fonética da terminação [iku] em [ik], a que, na grafia, corresponde -ique.

Mourique (Évora) (RM)

representante do genitivo patronímico Mauricii (do latim MAURUS), verifica-se também a substituição de -iz por -ique, ao contrário do que acontece na toponímia do Norte, onde há várias ocorrências de Mouriz(es). Igualmente com alteração de -iz em -ique, Ourique (Beja), Vila Chã de Ourique (Santarém), Campo de Ourique (Coimbra, Leiria, Lisboa) e Chão de Ourique (Coimbra) são nomes de lugar que radicam no genitivo do antropónimo godo Auricus (de que se conhecem as formas antigas Oric, Ouric, Ourich, Aurich e Aulich) e que contrastam com Oriz (por vezes, também grafado Ouriz) — topónimo de Braga que mantém o genitivo em -iz. Em Monchique (Braga, Porto, Setúbal, Évora, Faro) está também presente a típica terminação moçárabe -ique. A localidade algarvia é referida, em textos árabes, como Mordjîq ou Munt Sàquir 'a montanha sagrada', e também conhecida pelos antigos como Monte Cico.

Odeceixe (RM)

A aglutinação do elemento árabe (wadi- >) ode- 'curso de água' está patente em Odeceixe (Faro), continuador do latim SAXU 'pequena pedra / rocha', o que aponta para Odesseixe como grafia etimológica deste topónimo. Também em Odeleite (Faro), do latim LACTE 'leite', se verifica o mesmo tipo de aglutinação. Odeleite, tal como Guadalete (potamotopónimo espanhol da região de Cádis), pode configurar uma situação de importação semântica seguida da tradução do empréstimo, uma vez que, na toponímia de Fez, se regista uad al-laban 'rio de leite'. Outros nomes de rios apresentam aglutinação do elemento árabe (wadi- >) ode- / guad- 'curso de água'. É o caso de Odemira (Beja), radicado em Mira, nome de origem germânica, e de Odiana / Guadiana, rio a que os antigos chamavam Ana(s). A confirmar-se a origem pré-romana (ibérica?) do apelativo ana 'rio', onde assentará Guadiana, este hidrotopónimo significa, à letra, 'rio rio'.

Plaina(s), Plaine, Plaino, Plainada, Praina(s), Praino(s) (Aveiro, Braga, Bragança, Porto, Vila Real, Viseu) (RM)

são continuadores do latim PLANU / PLANA. Nos quatro primeiros verifica-se a manutenção do grupo latino PL-; no segundo, o enfraquecimento do timbre da vogal final; e, nos últimos, a evolução L > [r], como também é típico nos moçarabismos.

TORCILHÃO – Rodilha de palha para limpar o cu do porco na matança. (VB)

TORCULO – Máquina de lapidar cristais. (RB).

TORDA – Bebedeira. (VB)
TORGA – Urze. (VB)
TORNAHI - Tomar vingança, por suas próprias mãos, usar de uma rigorosa justiça, adoptar providências fortes, castigar com aspereza e sem dó dos insolentes e culpados.
TORNAJEIRA – Jeira paga com outra jeira; troca de um dia de trabalho por outro, sem envolver qualquer transacção monetária. (VB).
TORNILHO – Castigo militar que se dá atravessando uma arma sobre o pescoço do homem e outra pela curva das pernas e apertando-as com correias de forte que façam curvar e dobrar o corpo. (RB).
TORQUES – Colar metálico usado pelos Celtas, maciço, de forma curva terminando em pontas afastadas para colocar a peça no pescoço, tendo as extremidades em forma de elementos decorativos geométricos ou zoomórficos, colocados para a frente (ex: Gaulês moribundo, Museu do Capitólio, Roma). (AA)
TORTA – Bebedeira. (VB)
TOSADOR – Aquele que tosa panos de lã. (VR)
TOSTE – Cedo (NAP), Também; Adv. Logo e sem demora, com muita diligência, apressadamente. 1376.
TOSTEMENTE – Depressa (NAP); O mesmo que Tosté.
TOUCA – Taquial (PA); voz pérsica, Barrete ou carapuça que se traz na cabeça
TOURAL – Lugar em que se vende gado vacum. (VB)
TOTÓ – Partes pudendas das mulheres. (VB).
TOXANDRO - relativo a Toxândria, parte da Gália bélgica (correspondente à atual região de Liège), ou o seu natural ou habitante. (DH).
TRABALHAR/TRABALHAVA/TRABALH0U – Extenuado, Esforçar.
TRABALHO – Dar trabalho ao vinho, pisar as uvas ou o mosto, bater o vinho ainda no largar, para que levede. (VB)
TRABUCO – Máquina bélica com que se atiram grandes pedras dentro das praças. Também; TRABUCO - máquina de guerra com que se lançavam grandes pedras para abalar e destruir muralhas e torre; espingarda de um só cano, curto e de boca larga; cavalo de mau aspecto ou franchão, mas firme e bom para trabalhar. (DH).

Trabuco; Peça que faz parte do espólio
da Associação Terras Quentes.

TRABULHO – Estrado rectangular de onde se ergue o eixo da roda do oleiro (Felgar – Torre de Moncorvo). (VB)
TRACTADOR – Negociador. (NAP)
TRACTO – Acordo (NAP)
TRADILHA – Seda. (VB).
TRADUCIANISMO - doutrina religiosa que postula que os filhos recebem a alma dos pais no momento de sua geração [Há um traducianismo materialista (linha de Tertuliano) e um espiritualista (de santo Agostinho), este também dito *generacionismo*. (DH).

TRAFARIA – Tarifîa (PA); Lugar na província da estremadura, patriarcado de Lisboa. Significa coisa extrema, final ou último. Vide a derivação do nome. Tarifa
TRAFOGUEIRO – Fogueira que se faz na praça da aldeia na noite de Natal. (VB)
TRALHA – Pequeno rego, derivado do rego principal (António L. Fontes, Etnografia Transmontana, vol. II, p.129); Malha. Deixastes escapar duas tralhas, deixastes escapar duas malhas de renda. (VB).
TRA-LO-CASTELO – Topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, pp.152 e 570) como de interesse arqueológico, bem como na grande enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. XXXIX, p. 282), mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Castelãos (TMC)
TRAMAGAL – Rapaz ou rapariga de pouco juízo. (VB)
TRAMBOLHO – Cepo que se põe aos animais domésticos para se não desviarem para longe. (RB).
TRAMPA – Excremento grosso, ferido, indecente. Antigamente significava engano doloso, enredo, tramoia. (RB)
TRAMPOSO – Trapaceiro, burlão. (Freixo de Espada à Cinta). (VB)
TRANGLADANÇAS – Desajeitado, que não sabe vestir-se ou comportar-se corretamente. (Fornos). (VB).
TRANQUEIRO – Reg. Trás-os-Montes; Ombreira da porta. (DH). Ombreira da porta. Tranqueiros são as duas pedras laterais da porta que assentam sobre a soleira sustentando a padieira

TRANSMONTANO - que ou o que está situado detrás dos montes do Norte; trasmontano, ultramontano [por oposição a cismontano]; relativo a Trás-os-Montes (Portugal) ou o que é seu natural ou habitante; trasmontano. (DH).
TRASCAR-SE – Crestar-se, queimar-se. (VB)
TRASGA – Argola de madeira pendente da canga de duas bestas para segurar o timão. (VB)
TRASGUEIRO – A correia que prende a trasga ao jugo. (VB)
TRASLADO/TRELADO – Cópia autenticada por um tabelião. (BV).
TRAS – Atrás, detrás. (NAP)
TRASPASSO – Demora. (NEP)
TRUTAR/TRUTASSE/TRAUTO – Tratar, Tratado. (NAP)
TRAVADOURO – O colo da perna da besta onde se ata a trava ou peia. (RB)
TRAVAGEM – O freio da língua. (VB)
TRAVANCA – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. – Empecilho; embaraço; obstáculo. Da referida base de dados, extraiu-se a seguinte informação: Designação: Travanca. Tipo de sítio: Habitat. Período: Romano.
CNS: 17269. Localização: Macedo de Cavaleiros. Descrição: Na encosta Sul do cabeço onde se situa o grande povoado da Terronha, numa zona baixa e aplanada, detectam-se alguns fragmentos de tégula numa vinha. Indicam a existência de um possível habitat romano, de características desconhecidas, cuja proximidade e localização no que deveria ser a zona privilegiada de acesso à Terronha deixam supor uma ligação estreita a este povoado. Os escassos materiais detectados à superfície, num terreno lavrado com boa profundidade de solos, fazem pressupor uma boa conservação dos estratos arqueológicos. (TMC)
TRAVESA – Través. (NAP)

TRAVESSA – Designação que na Terras de Bragança tinha o tributo que em outros lugares se chamava “passagem”. (BV); Certo tributo, que se pagava em Bragança, que parece ser o que em outras partes se dizia passagem. “Pesos e travessas de todas aquellas cousas, que vendessem em essa vila”. 1444. Também; Designação que na Terras de Bragança tinha o tributo que em outros lugares se chamava “passagem”. (BV)
TRAVINCA – Pequena peça de pau, em forma de ângulo Obtuso, e que serve de argola grosseira nas cilhas e sobrecargas. (VB)
TRAZER – Vestidura, assear, compor (NAP)
TREBELHOS – Jogos; Festas. As peças do jogo de xadrez ou de outro qualquer jogo, como damas, tábula, etc., Também se chamou antigamente, trebelho, o brinco, jogo desenfado. Vide Trebalhar. 1403. Também; Assim foi chamado o foro direitura ou certa pensão, que pagavam os que vendiam vinho aquartilhado ou por miúdo que, ordinariamente, estava ou era conduzido em odres. Também; Brincos, jogos, momos, folias, invenções de festas. (HS)
TRECENTISTA - relativo ao séc. XIV ou ao trecentismo; que ou aquele que segue a escola, o estilo artístico, literário etc. do trecentismo; Etimologia: *trecentista* (1752) 'todo artista italiano que floresceu entre os anos de 1300 e 1399, vale dizer no séc. XIV'; (1805) 'imitador dos trecentistas', de *trecento* 'trezentos; esp. o séc. XIV', do lat. *trecenti,ae,a* 'trezentos', de *tre-* 'três' e *centi* 'centos';(DH).
TREÇOLHO – O último bácoro de uma ninhada. (VB)
TRELA – Tomar alguém à trela, tomá-la de ponta. (VB)
TRELADOR – Traslador, Traduzir.
TRELADO – Treslado, cópia
TREMONHA –Vaso de madeira quadrado, largo de boca e estreito no outro extremo oposto com passagem como o funil, pela qual cai na mó o trigo que está na tal tremonha. (RB).
TRESFOGUEIRO – Travessão de ferro em que se apoiam as achas na lareira. (VB)
TRESTORNAR-SE – Voltar-se.
TRIAGA – ver Teriaga. Também; Remédios.
TRIGANDO – “…se viiam andando per toda a parte trigando”. – Apressando-se, esforçando-se.
TRIGAR-SE – Apressar-se.
TRIGOSO – Apressado; Ligeiro.
TRIGUEIRA – Vendedora de pão de trigo. (VB)
TRINTAYRO - Trintário
TRIPEIRA – Mulher rota e suja. (VB)
TROCAMENTO – A palavra que corresponde a esta é troculentia, que quer dizer dureza, violência (LV).
TRONCO – Assento comprido (NAP); Aparelho de contenção de animais fixo ao chão, em ferro ou em madeira, usado para tratamentos ou inspecção. (MC)
TROGALHO – Pessoa desajeitada. (VB)
TROLARÓ – Individuo meio amalucado. (VB)
TROLES BOLES – Individuo pouco sério e inconstante, troca-tintas. (VB)
TRONDÃO – Diz-se de mulher gorda e feia; estafermo. (VB)

TROQUES – Estalidos que se dão com o dedo polegar e médio. (VB). Também; TROQUES. Reg. Trás-os-Montes: estalos que se produzem com o dedo polegar e o médio, usado em certas danças; para chamar animais etc… (DH).
TROTO – Trote. (NAP).
TRUENTINO - relativo a Truento (depois Tronto), antiga cidade do Piceno, região da Itália sobre a costa do mar Adriático, ou o seu natural ou habitante. (DH).
TURQUESTANO - relativo ao Turquestão (região histórica da Ásia central, geralmente dada como compreendendo o Turcomenistão, o Uzbequistão, o Quirguistão, o Tadjiquistão, o Sul do Cazaquistão, o Oeste da China e o Nordeste do Afeganistão), ou aquele que é seu natural ou habitante. (DH).
TRYÇAM – Traição (NAP)
TOALHETE – Guardanapo. XIV.
TOAYRO – Item, "*hum Toairo cantado, mui bõo: está na sacristia em hu caderno*".
TOCAR – As grainhas de figos caprificados ou tocados, como se diz no algarve. (LV)
TOCAR RIJAMENTE – Andar a toda a pressa.
TOCOU O SINO E DESCEU O CESTO – Um dos sinais de alarme utilizados para prevenir as populações da aproximação do inimigo era um cesto içado no alto de um mastro que inicialmente talvez tivesse servido para instalar um vigia; quando o inimigo era avistado descia-se o cesto, sinal que podia ser visto de longe. (HS)
TODO AGUISADO – Tudo que fosse conveniente.
TODOLHOS – Todos, 1311.
TÔDOLOS – (resultante da aglutinação) de todos los.
TOEZ/TOESA/TOEZAS – Unidade de medida (antes de se usar a medida padrão – o metro) que equivalia a 1,949mt
TOLHER – "se vos pudesse tolher a água desse rio" – Impedir de beber. Também; Embaraçar, paralisar, deixar de servir para a função normal. (MC)
TOLHEITO – Participo passado de tolher, é ainda usado no Minho querendo significar o mesmo que "Ingerido, tolhido de frio". (LV)
TOJEIRO – O que conduz lenha para os fornos. Sendo esta ordinariamente de tojo.
TOLEDANA – Espada fabricada em Toledo.
TOLEDO – Toletum (latim), Tolledoth (hebreu) Talaytula (árabe); Tulaytuli (Toledano).
TOLER – O mesmo que tolher, embaraçar, tirar, impedir. XIII e seguintes.
TOMADAS – Não tanto as cousas, que se tomam, quanto o direito, que alguém tem de tomar alguma cousa.
TOMADÍA/TOMADIA – Presa, roubo, despojo, que se faz à força e com as armas em punho. Também; Direito de tomar mantimentos, roupas, etc., sem pagar a seus donos cousa alguma, que abusivamente se praticava entre os senhorios e os seus vassalos ou colonos. 1395.
TOMADÍAS – Presa, roubo, despojo feito mão armada – Direito de tomar mantimentos, roupas etc.
TOMAMENTO – Tomada, acção de tomar carta de el-rei D. João II de 1491, pela qual confirma ao Senhor D. Jorge duque de Coimbra, seu filho, uma carta de aceitamento por ele feito em que se continha a eleição e tomamento que dele fizeram para se senhor.
TOMBORO – No dialecto da terra de Bragança era, antigamente o mesmo que cômoro. No ano de 1501 no Tombo do Mosteiro de Castro de Avelãs, se acha esta verba: "*Até o marco no Comoro da Veiga, ou Tomboro, segundo sua lingoagem*". 1457.
TONE – Maricasa, efeminado; tanso. (LV)

TONEL ABATIDO – “E non pagaram o dito direito os que trouveram aduela e tonees abatidos” quer dizer desfeitos para se tornarem a pôr em pé.
TONELLADA – No foral de Monção de 1512, se declara que a verdadeira tonelada são cinquenta almudes de vinho, os quais devia um tonel e a pipa vinte e cinco almudes.
TONSURADOS – Com tonsura, isto é, com coroa de clérigo.
TORCER – Dia de torcer, dia de trabalho ou jeira, que se empregava em amanhar as videiras, as quais se costumavam gemer do vinho, fique logo nos primeiros olhos do vide. Nos prazos do extinto Mosteiro de Vilarinho, se acha com frequência: “Pagardes tanto de pão e dia de torcer.
TÓRCULO – Pequena prensa.
TORGIMAAS – Língua, farauto, intérprete, em que ainda se diz toreimão.
TORGIMAM/TURCHIMÃO – O língua, farauto, intérprete – O alcoviteiro.
TORMENTA – Aflição, pena, dor, angústia. 1408.
TORNADA – Volta.
TRONADIÇO – Nome injurioso que se dava ao judeu, ou a qualquer gentio ou infiel, que voltava da religião católica à sua antiga.
TORNAMENTO – Tornada, volta. XIV.
TORNAR – Voltar-se contra alguém, indignar-se.
TORNAR-HI – Tomar vingança, por suas próprias mãos, usar de uma rigorosa justiça, adoptar providências fortes, castigar com aspereza e sem dó dos insolentes e culpados.
TORNAR MAÃO – Defender-se com a mão armada, castigá-lo com todo o rigor.
TORNAR MÃO – Defender-se com mão armada, resistir à justiça.
TORNAR-SE CONTRA ALGUÉM – Indignar-se contra ele, castigá-lo com todo o rigor.
TORNESES/TORNEZES/TURONENSES – Dizem que el-rei D. Pedro I fizera lavrar os torneses. Era de prata esta moeda e tinha de uma parte a cabeça do rei com barba comprida e letra: Petrus Rex Portugalea, et Algarbii e da outra o escudo do reino e na orla; Deos adjuva me – Valiam então 13 réis.
TORNEZ – Pano. Ver pragmática de D. Afonso IV. 1340.
TORNEZES – Vide Torneses.
TORO/TORAR/TORAGEM – Toro é um segmento de tronco ou ramo de pinheiro de comprimento variável entre 5 e 6 palmos, geralmente destinado a combustível. (LV)
TORONENSES/TYRONENSES – Vide Torneses.
TORRE – O mesmo que trapeira, sótão, geralmente o último andar de uma casa quando a sua frente fica um pouco recuada em relação ao plano das fachadas. (LV)
TORRE DE MENAGEM – A torre principal da fortaleza.
TORRELHAS – Um dos jogos que, antigamente, se usaram e que hoje se ignoram No Cod Afon. Se manda que ninguém jogue dinheiros secos nem molhados a torrelhas nem a dados fêmeas, nem a vaca, nem a jaldeta, nem a butir, nem a porca, nem a outro jogo, que se ora se chame curre-curre nem a outro jogo nenhum, de qualquer nome que seja chamado.
TORRÉLHAS – Nome de um jogo que antigamente se jogou. (Eluc.)
TÔRTA – O mesmo que bôla. (LV).
TORTEIRA – Vaso de barro de muito diâmetro e pouca altura, para ir ao lume. O mesmo que frigideira. (LV)
TORTICEIRO – Também se disseram torto-tos, os malvados, injustos, perversos, malfeitores, que pervertem os costumes quebrantam as leis, inquietam os bons.

TORTO – Ofensa, Vilta, Desonra.; Também; Injúria, dano, avaria, lesão, injustiça, agravo, castigo. Vide tormenta.
TORVA – O mesmo que torvo. 1409.
TORVAÇAM – Perturbação.
TORVAMENTO – Inquietação, desassossego. XIV.
TORVAR – Inquietar, perturbar, causar desassossegos e fadigas. 1438. Também; Estorvar, incomodar.
TORVO – Impedimento, estorvo, embaraço. 1468.
TOSTÃO – Moeda de ouro e prata e que propriamente se devia chamar testão da palavra francesa antiga teste ou teston, nome de certas moedas daquela nação, nas quais se viam a cabeça dos reis. E que tinham o mesmo valor dos nossos tostoens., mandou lavrar D. Manuel. Moeda pertencente ao espólio da Associação Terras Quentes.

Reverso Anverso

Legenda: **Anverso** - +: EMANVEL: R: P: ET: A: D: GVINE (Manuel I rei de Portugal e Algarves Senhor da Guiné) entre cercaduras perolada e lisa. Ao centro, o escudo real coroado, ladeado pelas letras V e I. **Reverso** - .IN. HOC. SIGNO. VINCEES (com este sinal vencerás) entre cercaduras perolada e lisas. Ao centro, a cruz do cantonada de estrelas.
TOSTÃO DE AVIS – Moeda em prata mandada cunhar (batida) por D. Sebastião (1557-1578)

Reverso Anverso

Legenda: **Anverso:** - + SEBASTIANVS.I. REX: PORTVGAIIIAE. E. (Sebastião I rei de Portugal. Orlado por cercadura granulado. Ao centro, o escudo das armas reais coroados, ladeado pelas marcas monetárias P e R encimadas por três pontos em triângulo. **Reverso: -** + IN HOC: SIGNO VINCES (Com este sinal vencerás) orlado por cercadura granulada. Ao centro limitado por cercadura lisa, a cruz da Ordem de Avis, cantonada de estrelas e encimada por 3 pontos.
TOSTE – Adv. Logo e sem demora, com muita diligência, apressadamente. 1376.
TOSTEMENTE – O mesmo que Tosté.
TÓSTO – O mesmo que tosté.
TOUGA – Assim chamaram os antigos ao que nós hoje mudado o “g” em “c” dizemos touca. Vem da voz pérsia taquia, barrete ou carapuça, que se traz na cabeça. Hoje é ornato da cabeça, próprio das religiosas e das viúvas graves e honestas. Vide Valancina.

TOURA – No livro dos forais de Beja se lê que os judeus costumam jurar pela sua toura e que por toura entendem Pentateuco que são os cinco livros de Moisés ou da lei.
TOURAS – Aportuguesamento de Torah. Bíblia Hebraica. (HS)
TOURINHAS Cédulas, fitas ou listões de pergaminho, em que estavam inscritos os mandamentos da lei, ou parte do Pentateuco.
TOUSAÇOM – Vide tausaçom.
TOUSAR – Vide tausar.
TRAAER – Entregar alguma cousa ou pessoa por traição, falsidade ou aleivosia; ser traidor.
TRABALHADO – Angustiado, aflito, acabrunhado com o pessoa da enfermidade ou moléstia. 1540.
TRABALHAVOM – Procuravam, se esforçavam.
TRABOLHAR – Trabalhar, ocupar-se, entreter-se em alguma cousa.
TRABUQUETE – Pequeno trabuco, com que se atiravam pedras e metralhas. 1489; *Também Suposto que de trabuchetum ou trebuchetium que era catapulta species, seu machina grandior ad projiciendos lapides et concutiendos urbium obsessarum muros*" se pudesse dizer trabuquete em português parece mais natural dizermos que trabuquete (e para os franceses trabuquet). 1446…
TRAÇAS – Planos, projectos.
TRADIÇOM – Entrega acção de entregar alguma cousa.
TRAGIMENTOS – Nas cortes de santarém de 1331 se diz que o rei D. Afonso IV "*publicou muitos agravamentos e máos tragimentos que corregêo*" Parece que do antigo verbo, trager se disse tragimentos.
TRALADO – Traslado, cópia, exemplar, transunto. 1310.
TRALHO - Rede de pesca que se estende de uma a outra margem do rio. (LV)
TRAMA – Chaga, íngua, nascida, postema, inchaço, doença de peste, mal endémico, geral e contagioso. Lopes, crónica D. João tomo I. cap.149/150.
TRAMA (FINOU-SE DE) – Peste. (HS)
TRAMBOLHIA – Lenha de pernadas.
TRANCE ou TRANSE – Momento aflitivo.
TRANQUEIRO – Ombreira da porta. Tranqueiros são as duas pedras laterais da porta que assentam sobre a soleira sustentando a padieira
TRASLADO – Cópia. Também; TRASLADO OU TRELADO, Cópia autenticada por tabelião.
TRANTOS – Contratos.
TRAPALA – Estrondo, alvoroço, rebuliço.
TRAPASSADO – O que já passou; tempo decurso, pretérito e que já não torna a vir.1396.
TRASFEGAR /TRESFEGAR – Comerciar. Daqui; tráfego, comércio, trato, comunicação e comutação dos géneros e mercadorias. 1436.
TRASMUDAR – Transferir, traspassar, mudar para outrem. XIII.
TRASORDINARIO – Extraordinário, fora do comum e ordinário.
TRASPOR/TRASPÔR – Sumir-se, desaparecer por causa de algum cerro, colina, mato, arvoredo etc., que encobre o objecto, que pretendemos ver ou descobrir. Também; Sumir-se, desaparecer por entre arvoredos, serras, etc.,
TRASTEMPAR – Prescrever, passar além do tempo. 1284.
TRASTEMPO – Prescrição, tempo já decurso e passado.
TRASTORNAMENTO – Transtorno, perdição, desarranjo de qualquer intenção ou projecto.

TRATOS – Comercio, negócios.
TRAUSAR – Taxar, pôr certo e determinado preço a qualquer cousa. 1366.
TRAUSO – Taxa. Vide Trausar.
TRAUSSAÇÃO/TRAUSSAÇOM – Assim se disseram as comedorias, casamentos, jantares etc., que nos mosteiros se pagavam aos naturais deles, quando não eram dados em própria espécie, mas sim taxados a dinheiro o que muitas vezes se fazia para evitar exorbitâncias dos mesmos naturais ou herdeiros dos fundadores ou padroeiros. 1334.
TRAUTO – Tracto da terra, um bom espaço de caminho. Era ao que parece o trauto espaço que uma besta podia correr a galope por uma vez eram 125 passos ou um estádio.
TRAUTOS – Contratos.; Também Negociações.
TRAVECIAS – Vide Travecía.
TRAVESSA – Certo tributo, que se pagava em Bragança, que parece ser o que em outras partes se dizia passagem. *"Pesos e travessas de todas aquellas cousas, que vendessem em essa vila*". 1444. Também; Designação que na Terras de Bragança tinha o tributo que em outros lugares se chamava "*passagem*". (BV)
TRAVESES (pl. De través) – Travessas de madeira.
TRAVESSIA – Vide Soão.
TRAZER PANNO DE ALGUEM – Ser seu criado, moço, pajem, ou apaniguado, que dele recebe mantença e vestido e é da sua família.
TRAZER-SE BEM – Assear-se, compor-se, enfeitar-se.
TRAZIDA – A acção de trazer alguma cousa. XV.
TRAZTEMPO – Vide Trastempar. Não parece ser tempo imemorial, mas sim o tempo que tem decorrido.
TREBELHAR – O mesmo que trabalhar. Também; Jogar, brincar, divertir-se.
TREBELHO – Brinco, jogo, desenfado.
TREBELHOS – As peças do jogo de xadrez ou de outro qualquer jogo, como damas, tábula, etc., Também se chamou antigamente, trebelho, o brinco, jogo desenfado. Vide Trebalhar. 1403. Também; Assim foi chamado o foro direitura ou certa pensão, que pagavam os que vendiam vinho aquartilhado ou por miúdo que, ordinariamente, estava ou era conduzido em odres. Também; Brincos, jogos, momos, folias, invenções de festas. (HS)
TREBOLAS/TREBOLHAS/TREBOLIAS – Vide Embolhas.
TREDOR - Traidor
TREES – "De toda a carga de estoupa, bragal, trees, feltros, norel, enxerga, almáfega, picotes, mandiis, mantas da terra, tomento, fiado de candeas. 1790.
TREITO – Exposto, ocasionado.
TREITOS – Tratados.
TREMEDAL – Campo ensopado em águas apaulado a quem chamamos lameiro. 1501.
TREMISSE – A terça parte de um soldo.
TREMENDAIS – Pântanos.
TREMENDO – Respeitável.
TREMPE – É o conjunto de três pedras na lareira, para se acender o lume. Em alguns lugares da Beira, o mesmo que escano. (LV)
TREMETIAM – Se metiam dentro. (de intrometer)
TREMUDAR – O mesmo que trasmudar. 1435.
TRENA D'OURO – Ornato de vestido. Ver pragmática Afonso IV.

TREPÉES – Trempe, instrumento ou traste de cozinha bem conhecido. 1359.
TREPÓS – Trempe.
TRESFEGAR – Vide trasfegar.
TRESMALHAR – Fugir, escorregar, sumir-se, desaparecer.
TRESMALHO – Rede de pescar.
TRESO/TRÉSO – De más entranhas, malicioso.
TRESPASSADAS – Passadas, anteriores.
TRESPASSADO – Transferido, trasladado, mudado de um para o outro lugar. 1290. Também "Toda a tristeza foi fora das gentes e seus corações nom deram lugar a nenhum trespassado", Anterior, Entenda-se (todos os temores passados desapareceram naquele instante".
TRESPASSAMENTO – Quebrantamento da lei, inobservância, transgressão.
TRESPASSAR – Transgredir, não observar, não cumprir.
TRESPASSO – Dilação, demora.
TRESPORTALECER – Desaparecer, ausentar-se, não ser mais visto, como aquele que passa além de uma portela.
TREU – Certo pano que se fabricava na comarca do Porto e sobre cuja largura, que devia ser de um palmo e dous dedos, manda vigiar el-rei em 1377. Servia só como hoje, para velas das embarcações daquele tempo.
TREUSASSOM – O mesmo que traussação. 1351.
TREVUDADO – Tributado ou tributário, sujeito a pagar tributo. 1280.
TREVUDO – Tributo.
TRIAGA – Remédios.
TRIBOS ÁRABES NA PI – Os Iemenitas das tribos de Laim, Yundam; Yashub; Hadramawi; Uyib, estabeleceram-se no Sudoeste de Espanha e na Marca Superior – enquanto os árabes do norte, com predomínio dos MUDAÍES (Tamim, Majuzum, Kinana) e dos Oays Aylam (Taqif, Kilab etc.) se fixaram na Andaluzia oriental. Os berberes assentaram em Cória, Nafza, Trujillo, Merida, Miknasa, Talavera, em Huelva e "em todo o território Lusitano" Os grupos berberes que entraram em Espanha na época da conquista eram originários do Norte, mas de Marrocos e da Argélia ocidental e central, mas alguns contingentes provinham das grandes tribos nómadas de origem tripolitana como os Nafza e Hawwara. Alguns autores menosprezam o número de recém-chegados, no entanto só no século VIII seriam 50.000 os efectivo militares árabes, sem contar com o afluxo contínuo de indivíduos ou de grupos, e uns 200.000 berberes. O afluxo de árabes e particularmente de Berberes continuou durante os dias do emirato e do califado de Córdova. Os números subiram com Almansor e principalmente com as dinastias almorávida e almóada. (Eluc.)
TRIBUNO – Almoxarife. Vide Tempreiros.
TRIGANÇA – Pressa, calor, expediente pronto e executivo. 1459.
TRIGAR – Apressar.
TRIGO MOURISCO – Assim chamavam, antigamente, ao trigo de que hoje comumente usamos e que nada tinha de equívoco com o trigo tremez e menos com o trigo mouro. 1352.
TRIGOSAMENTE – Sem demora, com grande oressa e ligeireza. 1459.
TRIGOSO – Apressado, ligeiro, veloz.
TRILHOADA - "*E os outros lavradores que lavrarem com trilhoada ou singel*". Aqui se faz diferença entre os lavradores grandes e pequenos. 1565.

TRINCA – Dentada, pedaço. (LV).
TRINCHA – Cós da saia. (LV)
TRINCHEIRAS - Os queixos, em que estão os dentes, que trinchão as viandas e defendem o rosto.
TRINTAIRO/TRINTARO – Trintário que algumas vezes se tomava pelas exéquias que se faziam-no dia trigésimo, contado desde aquele em que alguém faleceu de presente vida, tornando-se ordinariamente pelo número de trinta missas ditas sucessivamente e sem interrupção pela alma de algum defunto…
TRINTENA – A trigésima parte de alguma cousa. Era o foro ou tributo que ordinariamente se pagava nas portagens dos rios.
TRIPÓ. Variante de tripé, significando também espécie de tripeça com assento em coiro. Tripé ou tripeça é um banco de três pés. (LV)
TRISTEGA – Edifício de três andares ou bem mais, a parte superior do tal edifício. Vide Tristega; Também; Eirado, mirante ou o que hoje dizemos águas-furtadas. 1158.
TRISTÉGA – Edifício de três andares, eirado, mirante.
TRIVUDAR HUMA HERDADE – Obrigá-la a pagar tributo.
TRIVUDAR-SE – Obrigar-se alguém, por si e seus bens, a pagar algum tributo.
TROCHAS – Atalhos, veredas pouco trilhadas e de poucos bem conhecidas.
TROCHO – Bastão, cajado.
TROFEO – Nada mais era que certos monumentos dedicados a alguma cidade para memória das vitórias que se conseguiam dos inimigos, escrevendo nelas o modo e as vezes que as alcançaram, em alguma coluna de pedra, bronze ou madeira e às vezes em troncos de árvores principalmente oliveiras e carvalhos.
TROLHO – É, nas ribeiras do Lima uma medida ou maquia que leva meio salamim. Dezasseis destes trolhos fazem um alqueire. Também; Matéria fecal, por extensão “obra mal feita” e ainda “rolo de cabelo no alto da cabeça”. (LV)
TROM – Espécie de catapulta para arremessar pedras. Também; Trovão E também chamaram os nossos maiores o tiro ou estrondo da peça de artilharia que, de alguma sorte o imita. Também; – A palavra Trom designa tanto os aparelhos de arremesso usados nos sítios como os primitivos canhões nos quais a explosão da pólvora expelia uma bala de pedra. (HS)
TROMBA – Trombeta; insígnias, ceptro ou maças que, nas colegiadas mais insignes se tem conservado.1397.
TROMBAS – Parece ser o que nós hoje dizemos insígnias, ceptros ou maças, que nas catedrais e colegiadas mais insignes se tem conservado. 1397.
TRONCARIA/TRONQUEIRO – É a porção ou aglomerado de troncos. (LV).
TRONCO – Aparelho de contenção de animais fixo ao chão, em ferro ou em madeira, usado para tratamentos ou inspecção. (MC)
TRONCO DA PROCISSÃO – O meio ou parte principal dela.
TROÕS – Peças de artilhari9a, que arremessavam pedras.
TROPEAR – Fazer tropel, barulho com as patas.
TROPEÇAMENTO – Número grande de quedas, erros, deslizes em que os maus se precipitam, tropeçam e caem moralmente falando.
TROSEL – Vide troxel.
TROSQUIAR – Tosquiar, expoliar.
TROTEIRO – O mensageiro que vai de trote. Pela posta e bem montado.
TROUÇAR/TROUCAR – Trouciar.

TROUCIAR/TROUXIAR/TROUCAR. Passar, vencer, exceder, ser mais atendível o seu juramento em juízo e fora dele. 1258.
TROUFER O mesmo que trouver.
TROUSAR – Taxar.
TROUVER – Usar, trazer. 1352.
TROUXEL/TROUXELO – Vide Troxel.
TROUXIAR – Vide Trouciar.
TROVADOR – Designação dada na Idade Média aos poetas.
TROVISCADA – Ver Emtruviscada.
TROXEL – Fardo, balote, carga. 1096.
TRUFAR – Gracejar. E também fazer escárnio e zombaria.
TRUNFA - Turbante
TRUÕES e FARSISTAS – Espécie de bobos que divertiam a corte com vários passatempos, entre os quais figuravam os arremedilhos ou imitações.
TRUSQUIAR – Rapar, tosquiar à tesoura. Ainda no século XVI durava entre nós o antigo costume de tosquiarem a cabeça aos homens e mulheres assim que morriam e antes de serem amortalhados; e aos homens igualmente tosquiavam as barbas de sortes que eram sinónimos trosquiar e morrer. "Adoeceo a huma 4ª feira. ao Domingo se confessou e tomou o santo sacramento…e á segunda-feira se trusquiou, isto é, morreo. Doc de 1521.
TRUSQUIAR-SE – Morrer, porque os mortos se tosquiavam.
TUDE (S) – Santo Antídio, bispo e mártir, advogado da tosse e partes internas.
TUDO – Tido ou havido.
TUDOS – Todos. 1308.
TUGURIO - Cabana
TUMASO – O mesmo que plumazo.
TUMULUS – Terra natural ou artificial servindo de sepultura. Elevação artificial de terra que cobria as sepulturas pré-históricas, nomeadamente os dólmens e os Tholoi. Daí o sentido de adjectivo tumular que tomou o significado de funerário. (AA).
TURBANTE – Torgemán (PA); voz Pérsica Cobertura da cabeça de que os Orientais e Africanos usam
TURBÃO – Turbante.
TURCHIMÃO /TORGIMAM – O língua, faraute, interprete – O alcoviteiro.
TURVAÇÃO DA FORTUNA – ou o Desandar da sorte – Fracasso. (HS)
TYUFADO – O mesmo que milenário ou que presidia a mil cavaleiros. Esta companhia ou regimento de mil homens se chama no código visigótico; Tyuphadía e no Fuero Juzgo; Tyufa. Os Tyufados eram do número dos que podiam julgar as causas, assim como os duques, condes, vicários, assertores da paz, et.

U

U – onde. Do Latim UBI
U SIIA – onde estava.
UABAÍNA - sumo venenoso da acocantera (*Acokanthera oppositifolia*), usado para envenenar flechas. (DH).
UBERDADE – Abundância e fartura de novidades e frutos. Ordenações L.4 T27. (RB)
UBI – Lugar que se ocupa, onde se está, mora, habita. Ter ubi, Vieira; pessoa sem ubi certo, i. é., sem certa pousada ou morada. (RB)
UBICAÇÂO – Escolástico; o acto de ocupar alguma coisa.
UCHA/UCHÃO – Vide Eichão. Também; caixa de guardar pão eoutras virtualhas. (RB).
UCHARIA Casa onde se guardam as viandas, ou despensa, ainda hoje se diz a uchria del Rei. (RB)
UCHARIA DA NEVE – Despensa, casa, oficina, em que ela se guardava.
UCHE! – Interjeição, pode lá ser! (VB)
UCLÉS – Vide Ocres.
UDO – Não deixar udo nem miúdo; i.e., nem grande nem pequeno. (RB).
UFANIA - Bizarria, brio, soberba. Com alegre ufania se gloriou, Jactância, ostentação. (RB)
UGRATES/OCRATES – A vila e priorado célebre do Crato no Alentejo, entre Nisa e Portalegre. Priscindindo se sobre as ruínas da cidade de Cataleucas/Catraleucas/Cataleucos ou Castraleucas, se fundou a vila do Crato, ele é certo que, antes de 1232, D. Sancho II doou este lugar à Ordem do Hospital para o povoar e fortalecer.
ULANO - hist.mil soldado de cavalaria armado de lança ou sabre, que fazia parte dos exércitos mongólicos e tártaros desde o séc. XIII e que, a partir do séc. XVI, foi adotado pelos exércitos de uma série de países da Europa (Polônia, Hungria, Áustria, Prússia, Alemanha, França etc.) [A partir do séc. XIX, os ulanos foram armados com carabinas e pistolas.)] (DH).
ULHA! - Interjeição. Olha! (VB)
ULO; ULA – Aonde a; aonde o, aonde as, aonde, os. (RB).
ULTRIZ – Que dá vingança, castigando ao ofensor daquele a quem se dá a vingança. Elegíada p 37. (RB).
ULULAR – Dar gritos lamentosos, grandes gritos. Remetem os Moiros a ele todos ululando. Elegíada, p. 273 v. (RB)
UMMA – Comunidade dos crentes muçulmanos. 1º Pilar = Deus; 2º Pilar = a oração cinco vezes por dia sendo a mais importante a sexta-feira. Nos primeiros tempos rezavam a céu aberto e em templos cristãos desactivados.; Restantes Pilares; Esmola legal destinada aos pobres; o Jejum no mês do Ramadão e a peregrinação aos lugares santos., ao menos uma vez na vida. E sem dúvida “Deus ama os que combatem pela sua causa”.
UMADALAMULA/UMANAMULA – Jogo que consiste em saltar por cima de um rapaz com a coluna horizontal, paulatinamente elevada até à vertical, sendo este substituído e recomeçando o jogo quando algum dos outros rapazes não conseguir saltar por cima dele. (VB)
UNDE AL NOM FAÇADES – É a fórmula dos nossos instrumentos reais, desde os princípios da monarquia até ao século XV., quer dizer: e, portanto, ou á vista do que, vós não façais cousa alguma contra o que nesta carta sentença ou alvará vos é mandado fazer, mas antes a cumprir e guardai inteiramente e como nele se contém.

UNHAR – Unhar o bacelo, é (na cultura das vinhas) depois de lançar na cova, puxar pela ponta da vara para cima, e dois palmos a baixo, fazer uma covinha mais baixa no chão e lançar-lhe terra e calcar nela a vara, para que ali lance raízes se faça outra videira. (RB)
UNIÃO/ONIÃO, ONS – Ajuntamento conventículo, assuada, revolta, levantamento, revolução de mão comua.
UNIATA - diz-se de ou cristão que, embora mantenha o rito, a disciplina, a liturgia e a estrutura da igreja Ortodoxa Oriental, se submete à autoridade do papa. (DH).
UNTRE – Entre, no meio de outras cousas ou pessoas, ou lugares.
UQUER – Onde quer que. 1295.
URBI ET ORBI – Expressão latina que significa "à cidade e ao mundo", isto é, "a quem quiser ouvir", "a todos".
URBANO VI (papa) - Brasão – Papado Roma 1378/1389.

Museu Martim Gonçalves de Macedo
Espólio da Associação Terras Quentes

URGAONENSE - relativo a Urgão, cidade da Hispânia bética, ou o seu natural ou habitante. (DH).
URNA – Esquife, tumba, féretro.
URREIRO – Peça do moinho fixa numa das extremidades e presa na outra ao aliviadouro. (VB)
URRETA – Vale. (VB)
URRETA DAS MOZ – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico. – Urreta; (ver, orrêta). – Moz; (corrup. de mós) pl. de mó; derrangadeira; massa; moenda, montão; queixal; pedra circular, rotativa dos moinhos, pedra de amolar. De referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Urreta das Mós. Tipo de sítio: Indeterminado. Período: Indeterminado/ Pré-História Recente. CNS: 17275. Localização: Carrapatas. Descrição: Neste sítio, identificado apenas por alguns escassos fragmentos de cerâmica superficial, colocava-se a hipótese de corresponder a um monumento megalítico, até pelo topónimo "Madorra" em que se insere. Situa-se na mesma zona do Alto da Madorra, cerca de 150 metros a Sudoeste numa plataforma de cota inferior. Por estar ameaçado pela construção do troço do IP2 Pinhovelo- Vale Benfeito, foi objecto de uma intervenção arqueológica. A abertura de uma grande vala de sondagem não forneceu qualquer elemento arqueológico, ficando por confirmar a origem dos materiais de superfície. A existência no local de alguns afloramentos rochosos de xisto inviabiliza de alguma forma a existência de um monumento megalítico, mas este poderia ter existido nas proximidades. De realçar que um dos fragmentos cerâmicos encontrados à superfície apresenta uma decoração com duas fiadas de punção arrastado, elemento decorativo também encontrado no habitat do Alto da Madorra. (TCM)

USADAMAR – Apelido ou alcunho, que houve em Portugal, que se dizia em latim, usus maris, como se vê na Crónica de S. Domingos.
USAGEM – O mesmo que costumagem. (BV); Vide Custumagem. Hoje se diz usual o tributo que se costumam pagar das cousas comestíveis.
USAGRE – Espécie de sarna muito acre que vai roendo a carne (RB).
USMAR – Divisão de bens móveis (cobertores, toalhas, etc.) feita pela mãe, para distribuir pelos filhos pelos filhos, numa espécie de pré-partilha (recolha efectuada em Fornos). (VB)
USMEIRA – Que tem o hábito de fazer o que lhe apetece. (VB)
URDIMALAS – Urdidor de maldades e más obras. (RB).
USAGEM – Vide Custumagem. Hoje se diz usual o tributo que se costumam pagar das cousas comestíveis.
USAVEL – Usual, cousa que se usa. 1359.
USURPAR A BRAÇADOS – Furtar desbragadamente, roubar sem alma nem consciência. XV.
UT – A primeira nota da Música ut, ré, mi. (RB).
UTAR – Mover as mãos com certo jeito quando se criva o trigo.
UVEIRA – A árvore a que a vide se arrima. (RB)
UVOLAMBOSO – Nome próprio de homem, o mesmo que Afonso. Vide Vuolamboso.
UXI – Onde se. É frequente no século XIII e XIV. "*Uxi ajuntavão as hostes*", isto é, onde se ajuntavam as milícias ou gente de guerra.
UXÍ- Onde se, v.g. "*Uxi ajuntava a gente de guerra*".
UZITENSE - relativo a Uzita, antiga cidade da província romana de Bizacênia, ao norte da atual Túnis. (DH).

V

V (cinco) REAIS – Moeda em cobre, mandada cunhar (bater) pelo rei D. Sebastião (1557-1578). Moeda pertencente ao espólio da Associação Terras Quentes.

Reverso Anverso

Legenda: - Anverso - + SEBASTIANVS: I: D: G: P: ET: ALGARBIORVM; Sebastião I pela graça de Deus rei de Portugal e do Algarve. Ao centro o escudo real coroado. Reverso: - + REX # SEXTVS# DECIMVS. Décimo sexto rei. Ao centro, limitado por cercadura lisa, a marquilha [IV] ladeado de quadrifólios.

V – Na música dos antigos, queria dizer "velificare", isto é, meter todas as velas ao conto, soltar a voz.

VAABISMO - seita religiosa maometana de caráter conservador e ortodoxo, baseada unicamente na lei do Alcorão, fundada no Séc. XVIII na Arábia central e revivida no séc. XX na Arábia Saudita. (DH).

VÃAGLORIA – Gloria sem fundamento, imaginária, jactancia, vaidade. (RB)

VÂAMENTE – Inutilmente, debalde.

VAASQUEIRO – Não em cheio. (NAP)

VACÃO – Homem do campo, o aldeão rude e boçal.

VACAR – Vacar a Deus, deixar-se das coisas terrenas a aplicar-se a seu serviço. (RB)

VACARIS – Nos forais de D. Manuel é de grande uso esta palavra. No de S. Fins de Paiva de 1513, há um título que diz assim; Vacaris, que são coiros de bois e vacas…

VACARRONA – Mulher vagarosa, indolente e desleixada. (VB)

VACEIOS – Povo situado na região do curso médio do Douro. Estrabão estende a sua presença até ao rio Lima. A sua principal cidade seria Acúcia. (ET).

VACEU -relativo aos vaceus, povo da Hispânia tarraconense, ao sul da Cantábria, ou indivíduo desse povo. (DH).

VADE-MÉCUM – Expressão latina que significa "vai comigo". É o nome dado para um livro para referências muito usadas em várias áreas da ciência. Um *vade-mécum* é uma expressão latina geralmente entendida como um guia essencial para um qualquer assunto ou tema, comprimido normalmente num só volume de pequeno formato. Recuando à sua etimologia, é essencialmente essa qualidade portátil e de compressão de informação primordial que lhe dá significado ("vem comigo", em latim). Em Portugal, porém, o uso corrente da expressão é actualmente quase inexistente, tendo tido o seu apogeu nas primeiras décadas do século XX, no contexto do aparecimento dos livros de viagem e na divulgação da medicina, matemática e engenharia ao grande público. Em termos literários, um *vade-mécum* pode corresponder tanto a um compêndio antológico de obras sobre/de um dado autor, bem como a uma obra/manual de referência para o estudo de um dado assunto/autor/tema,

podendo assim assumir a forma, por exemplo, de um prontuário ou de uma monografia/tese. https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/vade-mécum
VADEAR – Vadear o rio, passá-lo a vão, a pé ou a cavalo. (RB)
VADIO – Badujo (PA); Homem que anda errante, vagabundo de uma parte para outra e que não tem habitação fixa.
VAGA – Posto à vaga parece ser o que é destinado para encher a praça ou lugar, que vagou, e cumprir obrigações, que a semelhante posto estão anexas." *Se alguns homens d'armas, que non som vassalos, nem postos à vaga, nem apurados por nosso mandado, fogiram da armada de Cepta*"; Também; O mesmo que vagaçom "*que o dito abbade e convento… passam apresentar à dita Igreja huma vaga abbade e o dito João Homem e seos irmãos herdeiros, outra*". 1455.
VAGAÇOM – Vacatura, falta. E isto por morte, ausência ou qualquer outro modo que física, moral ou judicialmente vague o prazo, benefício, etc. 1435.

VAGADA – O mesmo que vegada. *Por ser a dita igreja de nossa collaçom esta vagada; provemos da dita Igreja*, etc.,
VAGAR – O mesmo que vacar; aplicar-se com desvelo a qualquer cousa.
VAGAGEYROS/VAGUEIROS – Pedaços de terra calva e desaproveitada em que nunca se tinha plantado, ou em que as plantas tinham morrido, raleiras, mortórios de uma vinha ou outra qualquer fazenda. "*E os vageyros, que jazem nas vinhas chantardelos todos"*. 1285.
VAIVÉM – A primeira malha de cereal, em que os malhadores, no vai, avançam na malhada, e, no vem, malhavam às arrecuas. (VB)
VALANCINA – Pano fino de lã, que se fabricava no reino de Valença.
VALDEVEIS – Valdevez, terra, lugar assim chamado. 1125.
VALDO – O vadio, que só se ocupa em comer o alheio e cometer crimes, ainda mesmo com mão armada.
VAL – "Santa Maria Val" Interjeição frequente no período arcaico, equivalente da moderna "Valha-me Nossa Senhora".
VALE BENFEITO – topónimo referente á freguesia do concelho de Macedo de Cavaleiros., referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico.
–Vale; barbeiro; comba; talvegue; val; vão; alqueive; arroteamento. – Benfeito; bem feito; esmerado; excelente; perfeito. Da referida base de dados extraiu-se as seguintes informações: Designação: Vale Benfeito. Tipo de sítio: Achado isolado. Período: Idade do Bronze. CNS: 17290 Localização: Vale Benfeito. Descrição: Em local indeterminado do termo da freguesia de Vale Benfeito apareceram, em princípios do século XX, quatro alabardas de cobre arsenical, de tipo Carrapatas. Encontram-se guardadas no museu de Bragança. Este achado localiza-se bastante perto do das outras duas achadas em Carrapatas, e que deram o nome a este tipo de alabardas. O contexto do achado é desconhecido, mas informações recolhidas (ver Carvalho et alli, 1997) apontam para que possam ter sido encontradas no sítio dos Lagares, o que a ser verdade lhes daria um contexto sepulcral, numa necrópole de cistas. Designação: Vale Benfeito. Tipo de sítio: Achado isolado. Período: Idade Média. CNS: 17291. Localização: Vale Benfeito. Descrição: Na parede sobre as escadas de uma casa em Vale Benfeito foi colocado uma escultura representando uma cara. Segundo informações recolhidas, haveria uma outra do mesmo tipo, entretanto desaparecida, sendo que uma representaria uma figura masculina e outra uma figura feminina. Eram assim chamadas localmente de "Vale Benfeito" e a "Vale Benfeito", respectivamente. A tipologia da figura que resta lembra

os cachorros das igrejas medievais, podendo ser um elemento reaproveitado de uma igreja antiga, entretanto desaparecida. (TMC)
VALE DA BURGA – topónimo existente na freguesia de Salselas, onde se situa um forno de cronologia indeterminada, conforme é referenciado na base de dados do IPA, mas situando-o no topónimo "Barreiro". (TMC)
VALE DA NOVELA – topónimo referenciada na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro da freguesia de Lagoa. (TMC)
VALE DE NOBÊA – topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, e assumido como "Vale de Noveia" – Nobêa; m.q. noveia de noval; terra desbravada recentemente para ser cultivada; arroteia; terra de pousio. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Vale de Noveia.
Tipo de sítio: Habitat Período: Romano/ Alta Idade Média? CNS: 6195 Localização: Lagoa. Descrição: Numa zona planáltica, a nordeste da aldeia de Lagoa, numa encosta muito suave virada a Norte, observam-se numerosos materiais de superfície. Espalham-se por uma área alargada, mas tem uma distribuição bem circunscrita. Entre os materiais de superfície observados, destacam-se numerosos fragmentos de telha, alguns tijolos, bastante cerâmica, um peso de tear em xisto, uma mó manual de granito. A cerâmica comum encontrada é, quase exclusivamente, pertencente a grandes talhas, rareando a pequena cerâmica comum. A tipologia dos materiais encontrados aponta claramente para uma cronologia de época romana, mas é de salientar que não se encontrou um único fragmento de telha plana de rebordo entre os imensos fragmentos de telha observados, que são todos de meia cana. Uma cronologia medieval, ou alto medieval não é assim de excluir. A confirmar-se a cronologia romana, teria a particularidade interessante e quase única de não ter tégula. Os materiais encontrados apontam também para um uso muito funcional deste sítio, de cariz agrícola. (TCM)
VALE DE PORTAS – topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p. 494) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrada na busca efectuada as folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Ferreira. (TCM), Também; Aldeia já extinta perto da Aldeia de Comunhas no hoje Concelho de Macedo de Cavaleiros. (Caderno Terras Quentes nº 7)
VALE DE VISO – topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p. 356) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro da freguesia de Espadanedo. (TCM)
VALE GRANDE – topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p. 495) como de interesse arqueológico. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Vale Grande. Tipo de sítio: Mina. Período: Indeterminado. CNS: 17280. Localização: Murçós. Descrição: Segundo informações da população, nomeadamente do proprietário do terreno, neste sítio existe uma galeria de mina, cuja boca de entrada era quadrada. A entrada foi tapada com terra, mas não foi destruída, e a galeria mantém-se igualmente intacta. Segundo a tradição local, era mina de ouro, não havendo memória da sua exploração. É de assinalar que nesta área existem numerosas minas de estanho e volfrâmio, de exploração recente, sendo esta a única que se mantém na memória local como exploração muito antiga. (TCM)
VALE MOURÃO – topónimo referenciado na base de dados do IPA, mas com o nome de caramanchão, como de interesse arqueológico, pertencente á freguesia dos Cortiços.
- Mourão; empa; estaca; morilho; poste; trasfogueiro. Da referida base de dados

extraiu-se a seguinte informação: Designação: Cramanchão. Tipo de sítio: Habitat. Período: Romano. CNS. 2019. Localização: Cortiços. Descrição: Sítio arqueológico de média dimensão que testemunha a ocupação romana no vale de Carvalhais, estando em associação com solos favoráveis ao cultivo de cereais. Não se observam vestígios de muralhas, nem tão pouco o local é favorável a fins estratégicos. Á superfície detectou-se grande quantidade de pedra miúda e recolheu-se muita tégula, tijolo e fragmentos de cerâmica comum romana. Do local foram ainda recolhidos, por um habitante dos cortiços, alguns numismas de cronologia romana, dormentes e moventes de mó, fragmentos de cerâmica "terra sigillata" e algum espólio metálico. A construção do caminho de ferro foi responsável pela destruição de uma pequena parte do povoado, virada à ribeira. Aparentemente, a potência estratigráfica é boa, deixando prever uma razoável conservação dos estratos arqueológicos. (TCM).

VALEDEIRA – Valiosa, firme e sem cousa que dúvida faça. 1292.

VALEGO – O mesmo que velegado, preso, unido, aferrado. Odres pegados e valegos. 1407.

VALÊGO (ODRE) Preso, unido, aferrado, ainda com pez.

VALENCINA – Pano. Ver pragmática de Afonso IV. 1340.

VALENSA – Fortaleza, poder, autoridade, força. Do latino valeo.

VALERIAM – Seriam capazes.

VALGA – Vale. (LV).

VALHACOUTO – Lugar seguro, forte, defensável. Asilo, Refugio. (RB)

VALHER – Valer. 1292.

VALLIS DE GOESINDI – Aldeia já extinta perto da aldeia de Arrifana, no hoje concelho de Macedo de Cavaleiros, (Caderno Terras Quentes nº 7).

VALLIS DE PALACIIS – Aldeia já extinta perto da Aldeia de Valdrez, no hoje concelho de Macedo de Cavaleiros. (Caderno Terras Quentes, nº 7)

VALLA – Valha, terceira pessoa do presente do verbo valer. XIII/XIV.

VALLADO – Cerca defensiva (NAP)

VALURA/AS – Vales muito profundos, cortes entre serra altíssimas. Também lhe chama o autor baixuras.

VALVERDE – Vale por onde corria, em tempos recuados um ribeiro que ia desaguar ao Tejo; a actual avenida da Liberdade estende-se, em grande parte, por esse antigo vale, que era muito fértil.

VÂNDALO - indivíduo dos vândalos, povo germânico que por volta do séc. V invadiu, promovendo devastação, a Hispânia e o Norte da África, onde fundou um reino; que ou aquele cuja ação ou omissão traz prejuízo à civilização, à arte, à cultura. (DH).

VANGIÃO - relativo aos vangiões, antigo povo ribeirinho do Reno, região da atual Alsácia (Nordeste da França), ou indivíduo desse povo. (DH).

VAPINCENSE - relativo a Vapinco, cidade da Gália narbonense, ou o seu natural ou habitante.

VAPULAR – Açoita. (RB)

VAQVETA – Coiro brando de forrar sapatos e botas. (RB)

VARA – O mesmo que madeira ou varas para arcaria. Também; Peça do arado de uma só besta, de madeira, que serve para o ligar ao animal. Pau para pendurar os enchidos no fumeiro. (VB)

VARANCADA – Golpes de vara, vangaladas.

VARANGA – Pau que, partindo horizontalmente das rodas de certos lagares, é puxado pelo boi que faz andar as mesmas rodas. (VB)
VARAVIDI – Varavidim, iz. Vide maravidim.
VARAVIDIM – Vide varavidi.
VAREJAR – Tomar conta das fazendas, cousas proibidas ou contrabandos, que cada um tem em sua casa, tomando-as a rol ou medindo-as para pagar os direitos sem poder sonegar alguma cousa.1469.
VAREJO – Dar varejo, dar busca, fazer vereação, procurar, descobrir as cousas de contrabando e proibidas. 1488.
VARETA – Andar de vareta, andar de diarreia; de zoira. (VB)
VARGA – Certa armadilha para caçar peixes. Vide arrinhos. Também; O mesmo que várzea ou veiga, terra plana, e que, na força do inverno, pela maior parte, ao menos se cobre de água.
VARIA – Peixe do tamanho da tainha, que anda na barra de Setuval. (RB)
VARLETE – Moço da câmara, vem do francês valet. "*E se for beesteiro ou barlete ou homem de pee ou page, cortar-lhe-ham a orelha direita*". Os marceneiros, escultores e carpinteiros seguram as madeiras ao banco com o barrilete a que alguns chamam o seu moço pois os ajuda no seu ofício; a sua origem parece ser a mesma de varlete.
VARONENSE - relativo a Verona, cidade da Venécia, na Itália, ou o que é seu natural ou habitante. (DH).
VARONIA – Por macho. (RB).
VASADOR – Ferro dos correeiros, com que fazem buracos redondos. (RB).
VASO NA CABEÇA – Pela ordenação ou lei de 1499, se proíbe geralmente o luto ou dó de burel, mandando-se que nunca se pudesse mais trazer por qualquer pessoa, que fosse, e de qualquer modo que seja, proibindo também às mulheres de qualquer qualidade que fossem o trazer "vaso na cabeça" debaixo de graves penas aos transgressores e aos ministros que, os não castigando o consentissem. E o que se entendia por vaso? Parece que nada mais era que um grande cappelo, o qual como vaso cobria ou incluía dentro de si toda a cabeça do anojado, representando uma figura que metia espanto e horror, a que chamariam carantonha.
VASSALLO – Não nos empenhando em demasia sobre a origem desta palavra que, antigamente, foi título de honra, reservada só aos domésticos do príncipe ou fidalgos da sua corte e reino, e ainda aos ministros e assessores dos seus tribunais, e hoje é sinónimo de súbdito, que reconhece algum soberano por seu chefe e ao qual obedece, ama, serve e respeita em tudo o que é conforme à lei de Deus e do pais. Também; Sujeito, súbdito a respeito do Soberano. Os Senhores e grandes tinham vassalos sobre os quais governavam de certos direitos. D. João I, os tomou para si aos grandes. Cronica do Condestável p63. (RB)
VASSALO DAS LANÇAS – Estes vivendo em terras jugadeiras e não tendo sobre-alvarás, serviços ou linhagens, só eram escusos das jugadas em trinta alqueires de trigo. 1487.
VASSALLOS D'ELREI – Os grandes letrados e desembargadores do paço.
VATALANDI – O campo de Valada. Assim o nomeia a história dos Godos que no ano de 1110, quando ali foi morto Soeiro Formariguez, pelejando contra os mouros.
VAZIO – Carneiro novo, já castrado. (VB)
VESCELANO - relativo aos vescelanos, antigo povo da Itália inferior, ou indivíduo desse povo. (DH).

VESCINO - relativo a Véscia, antiga cidade do Lácio, na Itália, ou o seu natural ou habitante. (DH).
VESCONCIENSE - relativo a Vesoncião, cidade dos séquanos (hoje Besançon, França), na Gália bélgica, ou o seu natural ou habitante. (DH).
VEAÇÂO – Caça brava do Monte. (RB).
VECTAÇÃO – Andadura a cavalo, ou sege ou carro. (RB).
VEDA - cada um dos quatro livros religiosos hinduístas que vêm servindo de fundamento para a milenar tradição cultural indiana, inclusive na esfera profana [Escritos em sânscrito, a partir de 2000 a.C., aproximadamente os Vedas incluem mitos, narrações históricas, poemas, hinos, prescrições rituais, fórmulas mágicas, tratados estéticos, científicos, jurídicos e militares, esboços de especulação filosófica etc.; os trechos mais recentes foram escritos por volta de 500 a.C.]. (DH).
VEDÁ - relativo aos vedás, povo nativo do Sri Lanka (antigo Ceilão), ou indivíduo desse povo. (DH).
VÉDOR – O mesmo que, antigamente dapifer, e hoje mordomo-mor. 1131. Também; funcionário com tarefas administrativas.
VEDRO/A – Velho, Velha., isto é, antigo; Do latim Vetus. Também; Valo, tapume, cômoro, com que se tapam e cercam os campos e searas.
VEEIROS – Entre as mais cousas, que eram defesas pelas nossas leis, que não podiam trazer senão certas pessoas, entre as peles, delicadas e preciosas, como martas, zebelinas etc. de várias cores, que de Hungria, Esclavónia e outras partes se traziam.
VEGAS – O mesmo que Vegada.
VÉGA – Vez.
VEGADA – Vez. (Do latim vicata, vicata, de vices, vezes) (HS)
VEIGA DA DONA – Aldeia já extinta perto da freguesia da Vale da Porca, no hoje extinto concelho de Macedo de Cavaleiros (CTerras Quentes nº 7)
VEIRO – Ornato de vestido, ver pragmática de Afonso IV.
VEIZA - Toda e qualquer hortaliça e principalmente, toda a variedade de couves que ainda hoje nas províncias se chamam, verças. 1200.
VEJAR – Vestido, pragmática de Afonso IV. 1340.
VELA – topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.356) como de interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca às folhas de registo de cadastro rústico á freguesia de Murçós. (TCM
VELA/VELAS - Vide vello. Também; deu-se este nome aos camponeses e lavradores que tinham obrigação de meter sentinelas, vigiar por tornos e guardar os castelos dos respectivos territórios em tempo de guerra.
VELEGADO – Vide valego.
VELEIATE - relativo a Veleia, cidade da Itália, perto de Placência, ou seu natural ou habitante; antigo povo da Ligúria, na Itália. (DH).
VELHO DESTAMPADO – O que já caduca, crê de leve e se esquece do que há-de dizer ou fazer.
VELICE – Velhice. 1324.
VELINO – Pergaminho fino, feito com pele de vitelo nado-morto, preparado para a escrita ou desenho. As miniaturas antigas são geralmente executadas sobre um velino polido com pedra-pomes, para apagar as asperezas. (AA)
VELLA – Vide vello.
VELLO /VELO/VELLA/VELA – Velho e Velha. 1305.

VELO – Vide vello.
VENARIOS – Vide barrarios.
VENATURAS – Veações, toda a caça do monte, caçadas.
VENETA – Veiazinha da loucura. (RB)
VENCILHO – Vide bemsilho.
VENDA – Laudémio, que se pagava da fezenda aforada, que se vendia. 1251. Também; Tudo aquilo, que vai a ser vendido, ou seja, na praça, ou na feira ou seja comestível, ou para qualquer uso da vida. 1304. Também; Utensilio de madeira, de seis dentes, curtos e largos, com que na eira se aventam os cereais, para separar o grão da palha. (VB)
VENDAVAL – Vento que sopra do mar e da parte sul.
VENDEDOIRO – O banco, loja, praça ou qualquer outro, em que, publicamente se vende. 1364.
VENDEDOR – Também se acha no género feminino. "Eu dita vendedor mandei fazer esta carta".
VENDIÇOM – Venda de qualquer cousa. 1322.
VENDILHÃO – O que só cuida em vender, comprar e revender, etc.,
VENDIMA /VENDIMHA/AS – Cesto vendimo, ou que serve para a vendima, o qual em algumas partes, se chama cibana. XV.
VENDIMENTO – O mesmo que vendiçom.
VENDIMHA – Vide vendima.
VENDUDO/A – Vendido, vendida. 1330.
VÊNETO - relativo a Venécia, parte da Gália Cisalpina (Itália), no golfo do Adriático, ou o seu natural ou habitante; venetense; diz-se da ou língua antiga indo-europeia falada pelos vênetos; diz-se do ou conjunto de dialetos falados no Nordeste da Itália (região delimitada pelos rios Pó e Míncio, pelos Alpes Dolomitas, por Piave e Tagliamento). (DH).
VENGUARDA/AABENGARDA/AVANGUARDA – Vanguarda. (NAP)
VENINO – Veneno
VENINOSO – Venenoso.
VENTEADA – Diz-se da rapariga leviana. (VB)
VENTES - Vendo, considerando, reflectindo.
VENTO – O mesmo que gado do vento. (BV)
VENTRILHO – É o cilhão ou cilha dos animais de carga, entre os fabricantes de arreios.
VENTUIRA – Felicidade, ventura, dita. Também; Adv. Se por acaso. Se pola ventuira, corresponde ao latim "si fortè".
VEO – Era ornato precioso da cabeça por cima do toucado, sobre o qual se punha a coroa das citrinas.
VERA – Mau, má. (VB)
VERAS – Adv. É a veras, é a sério, não é a brincar. (VB)
VERDADE – Por ter a verdade um princípio sem falência e conformidade do juízo com a natureza das cousas, que se nos representam, excluindo toda a falsidade e mentira formal, chamaram os nossos maiores "verdade", como por antonomásia, uma fazenda ou qualquer outra cousa, sobre que se litigava e contendia, quando por um ou mais princípios incontestáveis a cousa pertencia a um dos litigantes. XII.
VERDADES – Este nome se deu como por antonomásia, aos bens e herdades das igrejas, porque todas eram ou deviam ser adquiridas com os mais e verdadeiros e legítimos títulos.
VERDADURAS – Vide Esverdados.

VERDIZELLOS/VERDIZÉLLOS/AS – "*Se ponha na dita Capella huma cruz, huum tribo, e huuns verdizelos*" Documento da Graça de Coimbra do século XIV; Também; Castiçais de pau, em que se enrolavam as candeias de cera, que ardiam aos ofícios divinos.
VEREA/VERÊA – Vereda, estrada, caminho, carreira. "como parte com a verea velha", foral de Ervedosa, junto a Bragança por D. Dinis 1288.
VEREAÇOM – Junta dos oficiais da Câmara para ordenarem o que era a bem do concelho e utilidade pública.
VEREADO/A – Administrado ou administrada com rectidão e justiça e utilidade pública. 1352.
VEREAR – Governar, fazer justiça, no respectivo concelho, cidade ou vila. Também; Vide Vereado. Usar de vereação, governar e daqui vereador.
VEREDA – Uareda (PA); Este nome no Arábico significa caminho direito e plano
VEREDE – Multidão copiosa de árvores de fruto a que chamam pomar. 943.
VERDE – Sangue. Já te abri o verde, já te fiz sanguye (Vinhais) Chouriço de verde, chouriço de sangue. (VB)
VERDUGO – Rijo, duro. (VB)
VERGA – Em Paredes de Coura diz-se que é do rabo da verga a pessoa de má índole. (LV).
VERGALHO – O membro genital do cavalo e do boi. Do vergalho seco do boi e estirado se faz um chicote, ou açoite a que chamam vergalho. (RB).
VERGEL – Horto ameno de recreio, onde há jardins. Camões. (RB).
VERGONHOSO – Tímido (NAP)
VERGONTEA – A vara tenra, o renovo das árvores, onde não se dão vergônteas senão madeiros. A prole tenra, os filhos moços, mas aquelas vergônteas direitas…portuguesas, esforçando-se- Fernão Lopes crónica D. João I Vol. I p 315. (RB).
VERGUEIRO – Cabo de pau em cujo extremo os ferreiros cravão as suas talhadeiras. Também; Diz-se do homem ou animal pouco apto para o trabalho e que se verga com qualquer peso. (VB)
VERMEM – Bichinho, cousa vil. XIV.
VERRÁ – Virá, futuro do verbo vir. XIV.
VERRUMA – Barrima (PA); Instrumento de que usam os carpinteiros para furar a madeira. Deriva-se do verbo "barama" torcer, andar à volta.
VERRUMEIRO – O mesmo que batoque (LV)
VERTUOSO – Virtuosos. (NAP)
VESADELLA – Vessada, serviço que se dava no lavrar e semear os campos. 1438.
VÉSPERAS – Uma das horas canónicas que se reza de tarde, ao pôr do sol.
VESPORA – Véspera (NAP)
VESSADA – Campo, lameiro, prado, que se lavra e cultiva, e cuja grandeza corresponde a uma jeira de terra. Também; Terra que se lavra antes da sementeira. (Montalegre) (VB)
VESSADOIRO – Lavrança, direito de lavrar. 1270.
VESTA/VÊSTA – Besta, cavalgadura.
VESTIAIRO – O que tem a seu cuidado e inspecção as roupas e vestidos de alguma corporação ou família. 1287.
VESTIDO DE ALGUEM – O seu moço ou criado.
VESTIMENTA – Não era o que hoje dizemos casula ou planeta (que então se chamava manto) eram sim todos os paramentos, com que um sacerdote se revestia para celebrar

e que, em latim se dizem vestimenta. E assim vestimenta perfeita comprida e acabada constava de amicto, alva, cíngulo, manipulo, estola, planeta. XIV.
VESTIMENTA COMPRIDA – Todos os paramentos necessários das missa.
VESTINO - relativo aos vestinos, antigo povo do Sâmnio, na Itália, ou o indivíduo desse povo. (DH).
VÉSTO – Vestido.
VESÚNICO -relativo a Vesuna, antiga cidade da Gália aquitânica, ou o seu natural ou habitante. (DH),
VESUNO - relativo aos vesunos, antigo povo da Mauritânia, na África, ou o indivíduo desse povo. (DH).
VETONENSE - relativo a Vetona, antiga cidade da Úmbria, na Itália, ou o seu natural ou habitante. (DH).
VEZINHOS – Designação atribuída aos moradores livres de concelho, gozando dos direitos e privilégios do seu foral, mas também sujeitos às obrigações por ele impostas. (BV) Também; Habitante ou morador da localidade. (MJ)
VIA – Pretérito do verbo venio. Eu via, eu vinha. Também; Via/vina; Vinha.
VIA ROMANA XVII – BRAGA/ASTORGA - A Via XVII (variante sul, Chaves/Babe) atravessa o território Macedense em cerca de 7 km (pela proposta de Rodríguez Colmenero, como pelo traçado apresentado por Tarcísio Maciel, as quais pouco diferem), entrando no Concelho a nascente do termo de Vila Nova da Rainha, passando por Lamalonga, aqui terminando junto ao termo de Agrochão, ambos pelos limites do Concelho de Macedo de Cavaleiros.
Albino Pereira Lopo, nos seus apontamentos arqueológicos, a páginas 36, referindo-se a via militar romana de Chaves a Babe afirma: *Se reflexionarmos, ponderadamente, sobre as antiguidades encontradas nesta povoação, na de Castrelos, na de Lamalonga…., e nos padrões ou marcos miliários de que os diversos autores nos têm dado notícias, encontramos definitivamente o trajecto da via militar romana de chaves a Babe, sem admitir dúvida ou hesitação alguma conforme vai marcada na carta cartográfica da região.*
A página 96 da mesma obra este autor referindo-se ao achado de dois miliários em Lamalonga, ressalta a sua importância desfazendo as dúvidas sobre a direcção seguida pela via XVII, assim: …. *Mas se, como provado fica, estas marras nenhuma relação têm com a via militar romana de Chaves a Astorga, nem por isso essa estrada deixou passar nesta povoação (Lamalonga) como o confirmam os dois cipós ou miliários encontrados juntos da capelinha de S. João e que a fotografia representa. Estavam enterrados a Sudoeste da Capela e são cilíndricos e de granito grosseiro: medindo o de pé 1,72m de alto e 1,73 de circunferência na parte mais grossa; e o outro tombado 1,66 de alto por 1,5m de circunferência. Este está tão deteriorado, que não se lhe veem indícios de ter tido qualquer inscrição; naquele, porém, posto que esteja bastante estragado, pode ainda ler-se a inscrição indicada no desenho. A 1ª linha está completa e bem clara, não admitindo dúvida, isto é: IMP FLAVIO VALLERIO, esta última com LL em vez de Valério. Na 2ª lê-se só, mas distintamente, CONSTANTIO. A 3ª está tão mal perceptível, que só depois de longo e aturado estudo é que se puderam reconstituir algumas letras: talvez OS ou B em vez de O; e L em vez de S. Na 4ª Vêem-se só distintamente as letras que vão indicadas. Não vi sinais de outra linha. A inscrição julgo-a fielmente copiada, regulando a grandeza das letras por 0,40m. Esta importante descoberta arqueológica veio desfazer*

todas as dúvidas e hesitações que haviam sobre a direcção seguida dessa via de Chaves a Babe, como se vê no traçado junto da notícia das Antiguidades do Castelo d'Avelãs.
Prospecção efectuada pela Associação Terras Quentes:
Os trabalhos foram desenvolvidos em vários períodos durante os meses de Setembro (5/10; 19/24 e 26/30) e Outubro (12/19, 23/25 e dia 30). Participaram nos trabalhos, os Arqueólogos Carlos Mendes, Lúcia Miguel, José Miguel Costa Rodrigues e João Tereso.
Privilegiou-se numa primeira fase de Prospecção a identificação dos traçados propostos pelos vários autores, mormente Rodríguez Colmenero.

Análise descritiva aos troços prospetados:

Vila Nova da Rainha

À beira da estrada nacional 206 no sentido Torre de D. Chama/Vila Nova da Rainha, a cerca de 1 km desta localidade, do lado direito da estrada encontramos os primeiros vestígios da via XVII a entrar no Concelho de Macedo de Cavaleiros.
É um troço com cerca de 900 metros, que vai desembocar nas primeiras construções que encontramos a poente, pertencentes a Vila Nova da Rainha. Sem preparação construtiva, contudo, detetando-se em grande parte do traçado a existência de marcas dos rodados dos carros no afloramento xistoso.
Este troço tem a particularidade de ser seguir lateralmente à E.N. 206 (sentido Torre D. Chama/Vila Nova da Rainha) como também está a marginado, (na sua margem esquerda, nesse mesmo sentido), por pedras fincadas sendo que na sua margem direita é acompanhado por muro construído de pedra solta sobreposta sem grande rigor, parecendo, contudo, ambas as características, sejam de cronologia mais recente.
Foi feito prospecção aos terrenos envolventes, não tendo sido encontrado quaisquer vestígios ou materiais que se pudessem associar ao período romano. Este troço coincide com o proposto por Rodríguez Colmenero

Traçado da Capela Nª. Srª das Dores (Vila Nova da Rainha/Lamalonga)

É um traçado com cerca de 1,5km, que ladeia o monte onde se situa a Capela com orago a Nossa Senhora das Dores, entra as localidades de Vila Nova da Rainha e Lamalonga. Interrompido por lavra a cerca de 400m da estrada nacional no sentido W-E do seu início.
Apresenta vários sinais de marcas de carris, bem como o seu leito decorre sempre com afloramento geológico à superfície
Neste troço, enquanto Rodríguez Colmenero propõem a sua passagem pela cumeada do monte onde se situa a capela de Nª Srª das Dores, que há que considerar o caminho que ladeia a cumeada (mais a sul) não só por se mostrar mais plano como também a diferença da distância a percorrer não será mais de 600/700 metros.

Novos troços detectados entre Lamalonga e Argana

Se bem que não seja definitivo, vários factores que há que levar em consideração na detecção dos traçados das vias antigas (anteriores à revolução Industrial), e mormente no caso de vias militares, de transporte de mercadorias, cursus publicus (correio estatal) ou com outros fins, do período romano, é a descoberta de marcos miliários, que quando epigrafados e "in situ" nos dão grande certeza do traçado por ai ter passado, outro factor em consideração é a existência nas proximidades de assentamentos populacionais coevos, ou outros interesses de índole económica, como a exemplo pontos de mineração.
O prolongamento da investigação em direcção à aldeia de Argana prendeu-se com o facto da existência de várias informações populares dai existirem "estradas antigas".

Também o facto de estar ainda hoje presente, na memória popular, de que "Argana" seria em tempos muito antigos "o centro do mundo" (Áxis Mundi).

Caminho do Pombal

Este troço nasce junto da entrada sul da aldeia de Argana e estende-se de forma clara por 548m, no sentido sul a caminho de Lamalonga, findo esse troço ele continua, mas com características de caminho mais recente, provavelmente por ter sido alvo de intervenção. Troço que vai ligar ao caminho municipal 1048, a cerca de 900m da sede de freguesia, Lamalonga.

Este trajecto levou-nos a pensar na existência de uma ligação à povoação vizinha de Ervedosa, (já no Concelho de Vinhais), grande centro de mineração, na Idade média, mas também com vagas referências à existência de assentamentos pré-históricos e da antiguidade tardia.

Se em Argana encontrámos um fragmento de um miliário anepígrafo, pequeno monolítico, existência que ultrapassa a memória viva dos habitantes da aldeia, e que hoje serve de suporte a uma mesa junto de um tanque de água.

Caminho do Cemitério de Argana.

Troço com as mesmas características do caminho do Pombal que começando também na saída sul de Argana (por caminho de terra batida) no sentido de Lamalonga, bifurca com o caminho do Pombal, indo mais a norte, passando defronte ao cemitério da aldeia, prolongando-se por 1,2 km, aí perdendo-se por lavras de terras, mas que poderia ter a sua continuação em C1 (mapa1), indo terminar justamente frente à Capela de S. João, onde foram encontrados dois marcos miliários.

Caminho do Bugio.

Trata-se do troço mais bem conservado de todo o traçado, começa no final Norte do aglomerado populacional de Argana na bifurcação de dois caminhos, um de terra batida que segue em frente na direcção de Ervedosa, mas que foi aberto pelos serviços municipais há escassos anos e outro de calçada, notando-se aqui e ali uma preparação de sub-base que assenta no afloramento rochoso. Esta calçada bastante íngreme. Começa na cota 562, (GPS) em direcção a E, subindo, até atravessar os limites do Concelho de Macedo e entrar no Concelho de Vinhais, numa extensão de cerca de 1200metros, à cota 643 (GPS), atravessando a cumeada sul do Cabeço da Pala da Raposa. Após entrar no termo de Vinhais, passa pelo planalto formando entre O Cabeço das Fontainhas e o Cabeço da Pala da Raposa, mas tomando definitivamente o sentido norte em direcção a Ervedosa.

Para admitir um troço de calçada romana com 6,75% de inclinação, (não sendo caso único mesmo em espaço Português) teria que existir uma razão (provavelmente económica) muito forte para tal investimento energético. Pensamos que a existência de mineração em Ervedosa não seria estranho a esse interesse.

Troço: V. N. da Rainha- Lamalonga – Agrochão – variante por Argana.

VIADE – Vide Biéco.

VIADO D'IPRE – Pano. Pragmática de Afonso IV. 1340.

VIANDA – Hoje se toma esta palavra, abusivamente, por manjar e comida de animais imundos, mas o seu verdadeiro significado se estende a todo o mantimento com que os homens sustentam a vida. Os franceses não entendem por vianda senão comida de carnes. Também; alimentos; Também; "à mingua de vianda" falta de alimentos. Também; Qualquer espécie de alimento; lavagens para os porcos. (MC)

VIANDEYRO/VIANDEIRO – Amigo de preparar guisados de carne, glutão, comedor. Também, Comilão, Glutão. (RB)

VICEJAR – Fazer-se viçoso, florente, medrado, pomposo, loução, renovado, frondoso. Diz-se no físico e no moral.

VICELENSE - relativo aos vicelenses, antigo povo do Lácio, na Itália, ou o indivíduo desse povo. (DH).

VICENÇO – Vicente, nome de homem. 1323.

VICENTE (S) – Moeda de ouro, que fez lavrar el-rei D. Manuel e seu filho D. João III que valia 1$000 réis. Tinha uma parte a imagem de S. Vicente com uma nau na mão esquerda e um ramo de palma na mão direita com a letra Zelator Fidei usque ad mortem; da outra o escudo real com a legenda Joan III. Rex de Portugal et Algarb. Havia também meios S. Vicente com os mesmos cunhos e o valor de 500 réis. Que ainda corria em 1561. Moeda Pertencente ao espólio da Associação Terras Quentes.

Reverso Anverso

Legenda: Anverso: - + IONNES: III: REX: PORTV: ET AL (João III rei de Portugal e Algarves orlada por cercadura granulada. Ao centro, o escudo real coroado, prolongando-se até à bordadura superior. Reverso: - + ZELA TOR FIIOEI / VSQVE AO MORTEM [Ze/ador da Fé até à morte] orlada por cercadura granulada. Ao centro, ladeada de estrelas, a figueira de S. Vicente nimbando, de pé e corpo inteiro à direita, interrompendo a legenda, envergando dalmática com mangas até ao cotovelo e golo, segurando a palma do martírio e uma nau.

VIÇO – Bom tratamento. (NAP)

VIÇO DE PALAVRAS – Exuberância, enfeite, pompa, elegância, ornato de palavras e expressões.
VICTOR – Termo com que se aplaude o vencedor, chamando victor, victor, ou vitro como diz o vulgo. (RB)
VICTORIENSE - relativo a Victória (Vitória), antiga cidade da Germânia, ou o seu natural ou habitante. (DH).
VICTRICENSE - relativo à colônia Victriz (lat. Victrix), na Britânia. (DH).
VIDA - Sustento, comida, refeição, pagava-se o direito da vida ao rei, aos senhorios das terras, ou seus mordomos e feitores segundo o estipulado nos aforamentos e contratos, que com os respectivos colonos se faziam. Esta vida ainda que ordinariamente se dava em cousas de comer já guisadas, como caldo, carne, leite, filhós, etc. Algumas vezes se pagava em dinheiro ou em cousas comestíveis, mas não guisadas. Também; Obrigação idêntica ao "Serviço". (BV)
VIDA DE SEMPRE – A vida eterna e que não morre nem falece.
VIDAR /VIDRAR – Plantar vinha, lançar mergulhas.
VIDEAR – O mesmo.
VIDRAR – Vide Vidar
VIEGAS – Substantivo Patronímico de origem árabe (Ibem Egas, filho de Egas).
VIEIRA – Conchinha, concha de marisco. Então se começaram a chamar as conchas de vieiras, quando começaram a ser o distintivo dos que andavam em romaria o caminho de S. Tiago de Galiza; e a via se disse vieira. Também há um peixinho que se chama vieira e é como a ameijoa maior, de cujas conchinhas se ornam os romeiros. E daqui poderia ter nascido esta voz. Assinar, porém, o tempo fixo deste costume não será fácil nem talvez possível…
VIEIRO – Foro real ou pensão que se pagava à coroa, que era o terço do ouro, prata e cobre que nas minas do reino se tiravam. Também; Centro. Um vieiro de terra, um pedaço de terra. (VB)
VIGAGEM – Estrutura interna. (NAP)
VIGÁRIO D'EL REI – Regedor supremo da Justiça. E tal era Gonçalo Mendes quando na junta que dos prelados e infanções fez em Coimbra se decidiu a demanda que corria entre Gonçalo Afonso e o mosteiro de Soalhães. 1153.
VÏHO – Vinho – (NAP)
VIIR – Vir. (NAP)
VIINR – Vir.1280.
VILIAR – Desprezar, afrontar, tratar de vileza, ter em pouco, desestimar. 1496.
VILA – A vila tinha no norte a primitiva significação latina, mas como em torno da habitação principal se aglomeravam as casas dos colonos, ou trabalhadores, delas se originou uma povoação, em que, pelo menos, a casa principal oferecia condições de defesa. A essa casa chamou-se torre. (AFONSO).
VILA DE MOUROS – topónimo referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, p.191) com interesse arqueológico, mas que não foi encontrado na busca efectuada às folhas de registo de cadastro rústico da freguesia de Espadanedo. Também está referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, da qual se extraiu a seguinte informação: Designação: Vila dos Mouros. Tipo de sítio: Povoado Mineiro. Período: Romano. CNS: 17258 Localização: Espadanedo. Descrição: A chamada Vila dos Mouros fica no topo de um cabeço em esporão pouco pronunciado, debruçado sobre a pequena ribeira de Candedo. Um recente arroteamento para florestação terá destruído grande

parte do povoado, tendo-lhe remexido a parte superficial, se não a totalidade dos estratos. A memória local refere a existência de muitos fragmentos de cerâmica e telhas à superfície, sendo que estas, pela descrição, corresponderiam a telhas de rebordo romanas. Actualmente, quase não se detetam materiais à superfície, tirando um ou outro que apontam também para a romanização. A bibliografia refere a existência de muralhas e fosso, agora detetáveis, mas que poderiam existir, tendo em conta as características do sítio. Na vertente a nascente existe ainda uma abertura, que se enfia para dentro do povoado, e que parece corresponder a uma entrada de mina. Do lado oposto, poderá existir outra abertura, não visitável devido ao denso matagal que a cobre. Assim sendo, é de colocar a hipótese de este se tratar de um povoado mineiro, de época romana, não excluindo a possibilidade de ter uma fundação anterior. (TMC)

VILA NOVA DA RAINHA – Topónimo referenciado na base de dados do IPA, como de interesse arqueológico, respeitante a uma localidade pertencente à freguesia de Lamalonga. Da referida base de dados extraiu-se a seguinte informação: Designação: Vila Nova da Rainha. Tipo de sítio: Forno. Período: Romano. CNS: 10542. Localização: Lamalonga. Descrição: Junto à fonte pública da aldeia de Vila Nova da Rainha, ao lado do tanque das lavadeiras onde passa uma linha de água, existe um forno cerâmico medianamente bem conservado cuja tipologia permite atribuir-lhe uma cronologia antiga. O forno estrutura-se ainda com as suas quatro paredes em aparelho granítico e constitui-se fundamentalmente por duas partes principais: a área de aquecimento composta pela boca do forno e câmara de aquecimento; e pela câmara de cozedura, composta pela gralha que ainda se mantém em bom estado de conservação. A grande quantidade de água que existe dentro da estrutura, bem como a intensa vegetação que se desenvolvia em redor, não permitiam observações mais pormenorizadas.

Vilar de Ouro(cmp50) (TMC)

VILLA – Em todos os nossos documentos que decorrem até ao fim do século XII se tomou villa, não por uma povoação grande, numerosa, superior a uma aldeia e que tivesse juiz, senado e pelourinho com os distintivos de jurisdição civil e criminal, mas sim por uma pequena herdade, casal ou granja constante de algumas peças de terra, com sua casa rústica e de abegoaria para recolher frutos e criar gados e outros animais domésticos. 915.

VILLA-GÁA/GÃA – O mesmo que villa chãa.

VILAR DE MASAOS – Aldeia já extinta, perto da aldeia de Limão no hoje concelho de Macedo de Cavaleiros. (Caderno Terras Quentes nº 7)

VILAR DE PENA CHAQUE – Aldeia extinta perto de Bousende, no Concelho, hoje, Macedo de Cavaleiros. (Caderno Terras Quentes, nº 7)

VILAR VEDRO DE PRADO REDONDO – Aldeia já extinta perto da freguesia de Bagueixe, no hoje concelho de Macedo de Cavaleiros. (Caderno Terras Quentes nº 7)

VILÃO – Homem que não é de ascendência Nobre. Também; Designação que, sobretudo na freguesia de Lagoaça se dava à alheira. (VB)

VILLARINHO – O insignificante casal, que também se disse villar ou vílula.

VILLIASTROS – Vilela ou pequena vila.

VILLICO – O que presidia e governava em uma vila ou terra pequena, e na qual arrecadava a real fazenda e administrava justiça. O Fuero Juzgo quase sempre traduz o villico por meirinho e sempre diverso do propósito que diz ser o senhor da terra.

VILLULA – Prédio rústico e de limitado torrão, herdade pequena, insignificante casal. Algumas vezes se chamam estas vílulas com o nome de villares ou vilarinhos. XVI.

VILTA – Injúria, sem-razão, afronta, vitupério, tratamento vil e com desprezo. 1372.
VILTANÇA – Vileza, opróbrio, confusão.
VIMA – Última lavra antes de semear o cereal, realizada quando a terra ainda se encontra húmida. (VB).
VIMAR -Dar a última lavra antes de semear. (VB)
VIMARA PERES – Em 868, cento e cinquenta e sete anos após a entrada doa árabes e berberes o conde Vimara Peres ocupou o Porto, mas a Sé só será restaurada em 1113, cerca de quatrocentos anos depois. O Conde Odoário ocupará Chaves e avançara na região de Trás-os-Montes. No entanto o metropolita de Braga residirá em Lugo, e a sagração da sé catedral só ocorrerá em 1089 pelas mãos de Bernardo bispo cluniacense de Toledo.
VINCOS – Brincos, ornato mulheril.
VINDA DO MEZ – Ou, melhor, Vida do Mez. Este era um direito real e consistia em se dar de comer pelos colonos ou caseiros ao mordomo-menor del-rei uma vez em cada mês, que eram doze comidas por anno, ou fossem em própria espécie ou guisadas ou em dinheiro. XII.
VINDIÇO – O que vem defora da terra.
VINDITA – Vide Omizio.
VINER – Vir, tornar. Do latim venire.
VINGAR QUINHENTOS SOLDOS – Ainda se não decidiu a origem desta expressão frequentada entre nós em o século XIII. Dizem alguns que só os fidalgos de linhagem podiam requerer a satisfação de alguma injuria, sendo condenado o agressor em 500 soldos; não podendo o que não era de linhagem requerer mais de 300 soldos em pena e satisfação de sua injuria.
VINHA – Acha-se em alguns documentos, falando-se de vinha: Hum ou dous, ou três ou mais milheiros de vinha, isto é, um ou mais milheiros decepas, de que a vinha consta; pois em um de declara.
VINHA (TANTOS MILHEIROS DE) – Eram outras tantas cepas.
VINHAR – Vinhal, terreno cheio ou plantado de vinhas.
VINHO DAS BARQUAS – DE qualquer barca ou batel, em que se vendia vinho à prancha, se pagava na cidade do Porto, 25 canadas e meia desta medida ora corrente, repartidas entre o bispo e o mordomo de vila nova.
VINHO DE CUTELLO – É o que cada um colhe da sua própria lavra. Por um alvará de 1629, se mandam evitar fraudes que na cidade do Porto, se faziam sobre a venda do vinho a cutello.
VINHO DE PÉ – O mesmo que vinho podado, à diferença do que era emforcado.
VINHO MOLE – Vinho Mosto, o que ainda não ferveu no tonel. "*Quatro almudes de vinho mole e huum cesto boom de tinta* "1507.
VINHO PODADO – Vinho de vinhas, porquanto na província do Minho e principalmente naquele tempo, se não podava, o que era de embarrado, a que hoje chamam uveiras, isto é, árvores casadas com videiras. "*Doos almudes de vinho podado*" 1507.
VIINIR RIJO – Depressa, à desfilada.
VINTANEIRO – Campo, terra ou monte, que só de vinte em vinte anos se lavra; lavrando-se outros dee dous em dous anos, de quatro em quatro de dez em dez. Daqui se disse terra vinteira, a que era muito fraca, dificultosa de aproveitar, montanhosa, inculta, bravia. Também; Oficial do Juiz de "vintena", um lugar de vinte famílias. (BV)
VINTE – Vindo, chegado, passado, completo, acabado.

VINTÉM – Moeda de prata que principiou no tempo do rei D. Afonso V, tem numa parte um "A" que quer dizer Afonso sobre ele uma coroa, e a letra Adjuntorium Nostrum in nomine Domini; e da outra escudo real com o nome do rei na orla. Valia 20 réis de cobre e daqui nasceu o chamar-se vintém.
VINTÉM DE PRATA – 1695/1699 Reinado D. Pedro II; Valia 20 réis; o meio vintém 10 réis e os cinquinhos, também de prata 5 réis. Espólio da Associação Terras Quentes.

Anverso Reverso

Anverso. - + CI: ET. VL: DOMINVS: GVINE Aquém e *além-mar Senhor da* Guiné entre cercaduras lisas. Ao centro, o monograma real Y coroado, ladeado pela marca monetária L e por anelete.

VINTENEIROS – Vide vintaneiros.
VINTES – Vindouros, futuros, sucessores. Também; Vindo. 1308.
VIO- Vinho. 1308.
VIRA – Pedaço de couro, que cobria a palma da mão e segurava no dedo polegar a qual traziam os besteiros para não se molestarem quando armavam as bestas.
VIRADEIRA – Pequena pá de ferro para "virar" o peixe na frigideira. Em Ílhavo também lhe chamam ferrêta. (LV)
VIRADOIRO – Terra que se coloca no rego para fechar a augueira. (VB)
VIRGEU – Jardim, vergel ou mais bem, pomar de fruteiras. 1374.
VIRGO DEI – Vide Deo-Vota.
VIRATÕES – Virotões, setas grandes.
VIRGO – Virgindade, hímen. (VB)
VIROTE - seta ou dardo curto; o ferro que se colocava transversalmente no copo das espadas antigas; peça de dupla curvatura, que tem seu contorno estipulado pela interseção do costado com o painel da popa; peça da balestilha, constituída de uma barra graduada de seção quadrada, ao longo da qual desliza perpendicularmente a soalha, na tomada de altura das estrelas; grande atividade; azáfama, pressa. (DH).
VIROTÔES/VIRATAN/VIRATOM/VIRATOÕS – Virotão, Setas curtas. (NAP)
…" Em este combate (Vila de Alenquer) deu huu viratom pelo rrosto a Joham Affonso filho d'Affomso Esteevez de Azãbuza de que morreo esse dia". Crónica de D. João I Vol I, cap. CLXVII.
virote destinado a perfurar cotas de malha e placas de armadura.
Os virotes de guerra que não tinham mais de 35cm de comprimento, possuíam cerca de 1cm a 1,5cm de espessura e podiam estar equipados com duas viras ou em certos casos, sem nenhuma. Estas viras podiam ser feitas de coiro, madeira, ou de penas. Estes eram os materiais mais comuns. No entanto, os portugueses faziam-nas por vezes em pergaminho destinadas também a enviar mensagens escritas.

A besta (pronuncia-se bésta), balestra ou balesta é uma arma com um arco de flechas adaptado a uma das extremidades de uma haste e acionado por um gatilho, o qual projeta virotes - dardos similares a flechas, porém mais curtos. Usados em bestas portáteis. Os virote maiores (como eram estes 4 exemplares, tomavam o nome de virotes de balestras porque eram utilizados em béstas não portáteis

Virote, original pertencentes ao
espólio da Associação terras Quentes

VISCONDE – Título de nobreza, inferior na graduação ao Conde; tem coronel sobre o escudo. (RB).

VISEIRA - Visagem da armadura, peça que cobre o rosto pegado ao elmo. Calar a viseira, deixá-la cair sobre o rosto.

VISENTINO - relativo a Visêncio (atual Bisenzo), cidade da Etrúria, na Itália, ou o seu natural ou habitante. (DH).

VISIGODOS – Ramo dos godos que tomou Roma em 410 e se implantou em Espanha (século V, início século VI). Rodrigo (Roderico), o último rei visigodo, foi vencido por Tarique nas margens do Guadalete, próximo de Cádis (711). No ano 700 governaram a Península Ibérica o Rei Égica com o seu Filho Vitiza. (TCM)

Necrópole do Sobreirinho e meia m de Égica, Vitiza moeda em ouro aí encontrada.
Escavação e espólio Associação Terras Quente.

VISINHANÇA – Direito real, que se paga em terra de Chaves. Vide pagados Fogos.

VISINHO – Chamaram-se vizinhos, antigamente, em Portugal, os que eram admitidos a terem bens e herdades no termo de algumas vilas, concelhos ou cidades que de novo se povoavam. Estes, pela maior parte eram pessoas, nó só da primeira nobreza mais ainda chegados ao trono, a fim de que na corte fossemos seus protetores e advogassem sempre a seu favor, perorando em tudo o que fossem melhoradas e bem servidos nas suas causas e requerimentos. 1211.

VISITA – Certa pensão que, antigamente, se impunha em alguns prazo, e consistia em algum presente ou mimo de cousas comestíveis que o enfiteuta, caseiro ou colono fazia uma ou mais vezes por ano ao direito senhorio. 1479. Também; Foragem de alguns prazos que consistia em levar algum mimo uma ou duas vezes por ano ao direito senhorio.

VISITAÇÃO – Vide colheita.

VISO – Portela, cume, colina, lugar eminente, donde se descobre muita terra ou grande parte dela.
VISTORES – Louvados, vedores, apegadores que vão ver as terras e quaisquer propriedades, frutos, ou bens móveis, ou de raiz para averiguar a verdade, ou se decidir a dúvida ou contenda. XIV.
VIUM – Vinho.
VIUVADA – Loucuras, desonestidades ou desordens em que ordinariamente se precipitam as viúvas de poucos anos e sem resguardo. 1565.
VIVENDA – Modo de vida. Também; subsistência ou preciso para viver. 1358. Também; Conduta, vida, comportamento.; Também; Multidão de povo, cópia de indivíduos de um e outro sexo.
VIZAGRA – Dobradiça de ferro para portas; A armadura cheia de vizagras de ouro e azul. Os cortes ou os talhos do vestido com vizagras de oiro, Camões. (RB)
VIZINHO/VIZINO – Para se saber os quais se devem reputar vizinho em uma cidade, vila ou lugar, mandamos aqui pôr lei conteúda no II livro das nossas reformações; Daqui se mostra que já no ano de 1500 em que foi doado este foral estava organizada a reforma das ordenações manuelinas… São vizinhos de Lisboa os lavradores do Alqueidão como termo da cidade por privilégio que disso têm... Ver elucidário. Também; Designação dada aos habitantes dos concelhos que gozavam integralmente das prerrogativas municipais. A simples convivência não bastava para incluir um individuo no grémio municipal, já que o concelho era uma pessoa moral. Assim nem sempre os moradores eram vizinhos pelo que estes se distinguiam pela designação de "arreigados" e os apenas residentes de "não arreigados" – todos contrapostos aos absolutamente estranhos denominados "homens de fora parte"
VIZINO – Vizinho; Também; De vizinho a vizinho; lisamente, sem dolo, nem fraude, trapaça ou enredos, mas antes com toda a sinceridade que se pode esperar de uns bons vizinhos.
VIZMA – Venda ou tira de lenço. No espanhol arcaico ocorre o termo que deve ser o mesmo que o actual Bizma, este toma-se no sentido de emplastro e pele ou pedaço de lenço em que a bizma se aplica e, se não me engano, também no sentido de emplastro.
VOADOR – Que voa. A voadora fama, Camões i.e.., se derrama muito rapidamente. (RB)
VOCABRO – Vocábulo, nome, apelido.
VOCÔNCIO - relativo aos vocôncios, antigo povo da Gália narbonense, ou indivíduo desse povo. (DH).
VODA DA FOGAÇA – Ou dinheiro. Informado el-rei D. Manuel que, nas comarcas da Beira, Trás-os-Montes, Entre Douro e Minho e Riba Côa, se faziam excessivos gastos nos banquetes de casamentos e batizados e nos quais, depois de largas comezainas e borracheiras, havia mortos e ferimentos, desonestidades e outras inumeráveis desordens, cometidas já peplos que haviam concorrido com dinheiros, já pelos que haviam mandado cousas comestíveis e que excitavam grandemente à gula como também pelos que se achavam convidados a estes rijos sacrifícios de Como e Baco, mada e ordena, sob pena de açoutes e degredo para os lugares de África, que nenhuma pessoa de qualquer condição que seja possa convidar para o jantar ou ceia dos noivos (o mesmo dos batismos) pessoa alguma fora do quarto grau dos ditos noivos: e ainda estes parentes e debaixo das mesmas penas, não poderão dar cousa alguma para a voda, nem dinheiro, nem cousas de comer para a dita voda, o que se chama fogaça. 1554.
VODIVO – Vide Bodo.

VODO – Bodo.
VODOS – Vide Bodivo. 1514.
VOENGA – Chamar-se à voenga é rescindir o contrato de venda ou escambo de alguns bens de raiz com o fundamento de que são herança de pai a filhos, a qual se chama avoenga. 1313.
VOGADO – Procurador, advogado, e que tem, e fez a voz do seu constituinte. Vide Aprestamado e Avondosamente.
VOGAR – Fazer ofício de advogado, patrocinar, defender, procurar. 1317.
VOGARIA/VOGARÍA – Ofício de advogado. E como alguns com as suas artes mais uma vez deitam a perder os seus clientes, se disse também por estes que usavam de máa vogaria. 1324.
VOLTA – Briga, discórdia, ferimento, Balburdia, desassossego, turbação, assuada, tumulto, desordem- 1340.
VOLTA (CABEÇO DA ANTA) – Acto ou efeito de voltar ou de volver, regresso, mudança; movimento circular; circuito. – topónimo também conhecido pelo "cabeço da Anta", referenciado na obra do abade Baçal, (vol. IX, pp.570,705 e 706) como de interesse arqueológico. – Este arqueosítio foi intervencionado por Carlos Mendes no âmbito do projecto de investigação arqueológica "Terras Quentes" em Agosto de 2003, tendo-se recolhido como resultado da prospecção efectuada ao local, 58 rochas gravadas, localizadas numa montureira, bem como foram escavadas duas rocha encontradas "in situ", fazendo parte de afloramentos. A técnica utilizada e na quase totalidade por abrasão em filiformes, sendo a temática das gravações das gravuras rupestres representações de figurações de punhais, alabardas e arcos. Tanto quanto é possível dizer nesta fase preliminar do estudo, parecem apontar para um momento dentro da primeira Idade do Bronze. Não foi detectada na prospecção efectuada ao local vestígios da existência de qualquer monumento megalítico. (TMC)
VOLTEIRO – VOLTEIRO – Homem, revoltoso, suscitador de discórdias, brigas, contendas. 1325. Também; Volteiros = dançarinos.
VOLATERIA – Arte de caçar aves. Alternaria. Godinho, montaria. (RB)
VOLUMAR – Encher com demasia.
VOLUNTÁRIO – Diz-se de animal que anda rápido. (VB)
VOLUTABRO – O lodaçal, espojadouro do porco. Imundice de deleites em que se revolve o devasso. (RB)
VOLVEDEIRA/BOLBEDEIRA – O mesmo que espumadeira em Freixo de Espada à Cinta. (LV).
VOLVULO – Doença procedida de se torcer um intestino, talvez faz sair o excremento pela boca. (RB)
VOMIL – O mesmo que gomil ou gumil.
VONTADES/VOONTADES – Assim chamavam aos móveis, trastes e alfaias de casa, que cada um compra ou manda fazer, sem mais regras ou direcção, que o seu parecer, gosto e vontade. 1211.
VOONTADE "Com gram vontade" – Estima, consideração.
VOSQUO – Convosco; correspondente ao vobiscum dos latinos. 1385.
VOSSANCE – Vossa mercê. (RB)
VOUGA (RIO) - Rio que flui paralelo ao Tejo, no território português, desaguando a oeste de Aveiro, (ET)

VOZ – O mesmo que caritel; Também; o mesmo que Seenda; Também; alguns se persuadiram que quando nas doações antigas dos nossos monarcas; também; Comissão, poder, faculdade para representar a pessoa do constituinte, tomar a sua voz e fazer as suas vezes; Também; Falando-se em prazos é o mesmo que pessoa ou pessoas, vida ou vidas; Também; Comissão, mandato, procuração. Acha-se em documentos inumeráveis desde o princípio deste reino.
VOZ E COIMA – Nos pareceres de Saragoça se diz ultimamente, se achara por escrituras autênticas, que por voz e coima se entendem estes direitos. Também; Antiga prestação recognitiva dos homens com direito a julgamento em tribunal público. (BV). Também; Voz e coima; Multa que teria que pagar quem cometesse um delito. Por vezes, além da multa eram aplicadas ao criminoso penas corporais. A voz designava o acto de gritar por socorro; a coima significava a multa ou imposto correspondente ao delito praticado. É um rendimento régio proveniente da repressão de determinadas infrações, exemplo. – homicídio; rapto de mulher; esterco na boca; roubo; casa arrombada, etc… (AFONSO). Também; Multa criminal. Rendimento proveniente de determinada infração como homicídio, roubo, casa arrombada, esterco na boca, rapto e que o rei dividia com as vítimas ou seus familiares. Foral Outeiro. (MJ).
VOZEADOR – Advogado, Grande falador, gritador, pobres, pedintes e vozeadores de saco e brado. (RB)
VOZEIRO – O que tem as vozes e vezes do seu constituinte, como é o procurador, solicitador, advogado. Foral de Tomar de 1174. Também; Vozeiro, mesmo que advogado, D. Pedro I, no seu reinado, extinguiu por decreto esta profissão.
VULGATA – A tradução da bíblia em latim, aprovada pela Igreja. (RB)
VULNERAR – Ferir. Camões ode 8. Vulnerar a consciência. Pastoral do Bispo do Porto. (RB)
VUOLAMBOSO – Nome próprio de homem, o mesmo que Afonso.
VURMO – O pús das chagas. (RB)
VV – Dobrado, quando era longo, assim nos monossílabos, como no meio das dicções, foi muito usado no século XIII até ao XVI.
VYUVIDADE – Viuvez, estado de viúva. 1480.

W

WÜRMIANO - relativo à glaciação de Würm, o último dos quatro grandes períodos glaciais do Quaternário alpino; Etimologia, *Würm* (nome de um lago e um rio da Alemanha) + *-iano.* (DH).

X

X (DEZ) REAIS – Moeda em cobre cunhada no reinado de D. João III (1521-1557). Moeda pertencente ao espólio da Associação Terras Quentes.

Reverso Anverso

Legenda: - **Anverso:** + IONES: 111: D: G: POR: ETALGARBIORVM (João 11/ pela graça de Deus Portugal e Algarve entre cercaduras granuladas e lisa. Ao centro, o escudo real coroado, ladeado por cinco pontos em cruz**. Reverso: -** REX QVINTV DECIMYS (Décimo Quinto rei! Entre cercaduras granuladas e lisas. Ao centro, limitada por cercadura de pequenos arcos, a marquinha "X" cantonada por florões e por cinco pontos em cruz.

X – Na música antiga, denotava "expectare"; fazendo pausa ou espera no canto.

XACOCO – O que querendo falar alguma língua lhe introduz barbarismos. (RB).

XADREZ (JOGO) – Xatrange (PA); Voz pérsica, O Jogo de Xadrez é muito usado na pérsia e em todo o Oriente. É nome composto de "xax" = seis e de rangue mollestias ou aflições e vem a ser jogo de seis aflições. Joga-se sobre um pano de 64 colas e consta de seis peças diferentes ou figuras de marfim cujos nomes são os seguintes "xab" o Rei; "farzán" a Rainha; "fil o Elfante; "rocb" a cegonha; "faras" o cavalo; "baidaq" o soldado de pé ou infante, o seu primeiro inventor foi "Sasab bem Daber". A causa de ele o inventar e mais propriedade deste jogo se podem ver na II. Decada de Barros. Cap. 3.

XAILE – Termo Árabe. Vestuário feminino originário da Índia, composto de uma peça de tecido quadrada dobrada em dois segundo as diagonais. Os Xailes de Cachemira foram muito usados na primeira metade do século XIX. A moda substituiu-os pelos Xailes Espanhóis. (AA).

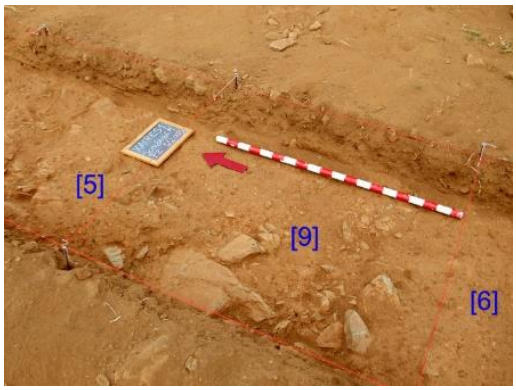
XAIREL – Fraco, adoentado. (VB)

XAIRES – Povoado Calcolítico, Freguesia de Talhas - O arqueosítio de Xaires localiza-se numa elevação de suave declive, com o topo aplanado onde se encontra o marco geodésico de Xaires, a cerca de 1,5 Km a SSE da povoação de Talhas. O local apesar de não apresentar, aparentemente, condições naturais de defesa, possui um bom domínio visual da paisagem. Parte da elevação encontrava-se lavrada, nomeadamente devido ao plantio de olivais e de searas.

Os solos são constituídos maioritariamente por xistos anfibolíticos, situando-se o sítio na bacia hidrográfica do rio Sabor, que se situa a cerca de 1,5 Km a Este em linha recta. Situa-se administrativamente na freguesia de Talhas, concelho de Macedo de Cavaleiros. As suas coordenadas são 6º 40´ 42´´ W e 41º 28´ 54´´ N, folha 79 da CMP 1:25000

O sítio foi identificado pela primeira vez em 2004, no âmbito dos trabalhos de Carta Arqueológica do Concelho de Macedo de Cavaleiros, por uma equipa liderada pelo Hélder Carvalho (cf. MENDES, 2005: 48). E Tem sido intervencionado por Hélder Carvalho; José Ventura e Patrícia Pinheiro.

Em termos estruturais foram detectados pisos de habitat, um dos quais possivelmente associado a um negativo de buraco de poste;
Estas estruturas assentavam – pelo menos no que diz respeito à área intervencionada – em parte directamente sobre os xistos de base, ou então sobre um «empedrado», o que denota desde já uma preparação prévia do solo;
Infelizmente não foi possível determinar se estamos perante um único momento de ocupação, ou se existiram vários níveis de ocupação;
É assim, indubitável estarmos perante um espaço habitacional, com estruturas perenes baseadas em pisos de terra batida, e paredes e tectos de ramagens, consubstanciada pela recuperação de fragmentos de «barro de cabana».
As áreas de recolha de materiais espalham-se por todo o topo aplanado da elevação. Mesmo considerando acções antrópicas recentes, julgamos que o espaço de ocupação efetivo é bastante alargado, podendo rondar os 20000 m^2.
Tendo em conta a análise artefactual, como sempre preliminar, considerando as condições de recolha – escavação e prospecção – os dados apontam para a seguinte realidade:
Entre as cerâmicas recuperadas parecem dominar os elementos lisos sobre os decorados, ainda que a área intervencionada seja muito limitada;
Em termos de técnicas decorativas identificadas até ao momento, prevalece o puncionamento simples, com matrizes variadas e em menor número, a incisão. Dominam as organizações decorativas complexas com base em triângulos preenchidos utilizando, muitas vezes punção a topo ou lateral;
Em termos de gramáticas organizativas, surgiram – ainda que de prospecção – alguns elementos «metopados»;
Encontram-se totalmente ausentes do espectro, as cerâmicas com motivos «penteados» e elementos plásticos como asas, cordões e botões. Até ao momento não foi recuperado um único fundo plano.
Pelo que vai dito, encontramos alguns paralelismos formais com as gramáticas decorativas das cerâmicas recuperadas do nível II do Buraco da Pala e eventualmente com algumas do nível III (cf. SANCHES, 1997), estando ausentes elementos definidores dos mundos mais tardios, como os que detetámos na Fraga dos Corvos, atribuídos por nós a uma Primeira Idade do Bronze (cf. MARTINEZ, VENTURA e CARVALHO, 2004, 2005, 2006 e 2007).



Legenda: Fase da intervenção arqueológica no arqueosítio de Xaires

XALE – Chale. (RB).
XALES – Xále (PA); Os xales são uns panos de feitio de cintas e da largura do pano de linho, tecidos, uns de seda e algodão, outros de lã muito fina; uns lisos outros com listas de cores. De uns e outros usam os Orientais e Africanos e lhes servem para trazer na

cabeça como turbantes ou enrolados à roda do pescoço no inverno. Presentemente as senhoras desta corte os trazem em lugar de capas, estas, porém são quase quadradas e como guardanapo grande e são pintadas de cores.
XALMAS – Grades que se juntam no leito do carro para acomodar mais palha, lenha etc. (RB)
XAQUEMAS – Tecido de cordel de fazer cilhas às bestas. (RB)
XARA – Vide Cirita. Também; Seta ou pau tostado de fazer tiro. Vai como hum azara, i.e., muito rapidamente, Eneida 12. (RB)
XÁRA – Seta ou pau de esteva, de que ela se fazia.
XARDO – Alcunha que se dá aos Judeus. (VB)
XAREL – Peça de pano ou pele que cobre o cavalo do arção traseiro até às ancas.
XARGÃO – Colchão de palha; enxergão. (VB)
XARROCO – Xaruco (PA); termo marítimo; O vento leste ou da terra, outros lhe chamam Levante. Deriva-se da voz "xaarqui" o Nascenete ou Oriente
XARTE – Alfaiate. Sastre. (RB).
XÊCO – Contradição, moléstia.
XERGA – Pano de que antigamente se faziam vestidos de dó e luto. (RB)
XERGÃO – Xárcon (PA); Colchão de pano grosso cheio de palha.
XÉU – Pessoa ordinária, desprezível. (VB)
XEXÉ/XAXÁ – Pénis. (VB)
XI – Se
XICO/A – Seco, seca. Rio Xico, rio seco.
XIBANÇA – Vulgar, Orgulho, presunção com valantia. (RB).
XIBANTE – o que tem xibança, arruador, valentão. (RB).
XIBOBALSAMO – Pau de Bálsamo. (RB)
XINTOISMO - antiga religião politeísta do Japão, de origem autóctone e ainda professada nos dias atuais, caracterizada pela adoração a divindades que representam as forças da natureza, e pela ausência de escrituras sagradas, teologia, busca da salvação, prescrições de conduta e mandamentos; xintó. (DH).
XOANO - escultura grega da época arcaica, com a forma próxima à do tronco de árvore em que era lavrada, os membros rígidos e sempre paralelos ao tronco; xoana [Nenhum deles chegou até nós, mas há esculturas em pedra com tais características.]. (DH).
XÍRA – O mesmo que Xára.
XIRO – Caldo de arroz com sal. (RB)
XISTO – 1) Pórtico grego muito comprido, por vezes descoberto, onde os atletas se exercitavam na luta e na corrida. 2) Entre os Romanos, alameda coberta destinada a passeio (galaria descoberta, etc.) 3) Mineral de estrutura laminosa e friável, formado por óxidos metálicos, sílica e argila. Pode ser usado em coberturas em vez das telhas. (AA)
XÔ – Interjeição com que se manda parar as bestas. (RB)
XOFRE – Matar a perdiz de chofre, i.e., logo que se levanta do pouso. Piparote. DE pressa, Logo. (RB).
XOPRA – Interjeição admirativa irónica. (RB)
XORCA – Vide Axorca. Também; Manilha ou argola que alguns bárbaros trazem nos braços e pernas. (RB).
XORDO – Surdo. (VB)

XP – Por CHR é frequentíssimo em nossos antigos, quando escreviam Xpina por Christina; Xpovão por Cristovão; Xpãos por Cristãos e particularmente XPO ou XPS por Christo ou Christus. Ver elucidário. (Viterbo)
XUDAIRO – Mulher desprezível, rota, esfrangalhada. (VB)
XURDIR – Reg. Trás-os-Montes; trabalhar com afinco; lutar pela sobrevivência. (DH).
XYGRAVIS – Chulo, é um xygravis, i.é., uma figurinha entremetida, esperta. (RB).

Y

Y – Em os nosso documentos se confunde, a cada passo, com o "i" ou "j", dando-lhes a mesma pronuncia. V.g. Yldefonsus por Ildefonsus; Yoanne por Joanne; Yspania por Ispania e outros inumeráveis. (Viterbo)
YAGO/YÁGO – O mesmo que Tiago, Jacobo, Jácome ou Diogo. XV.
YANG - princípio fundamental que está presente em todas as manifestações ativas, quentes e luminosas do universo, em interação com a força oposta e complementar *yin* [A ideia de uma interação entre as forças opostas *yin* e *yang* influenciou os fundamentos religiosos e filosóficos do *taoísmo* e *confucionismo*, além de ser a base teórica da *acupuntura* e de outras manifestações da medicina tradicional chinesa. (DH).
YETI - humanoide lendário da encosta meridional do Himalaia, cognominado 'o abominável homem das neves'. (DH).
YIN - princípio fundamental que está presente em todas as manifestações passivas, frias e escuras do universo, em interação com a força oposta e complementar *yang* [A ideia de uma interação entre as forças opostas *yin* e *yang* influenciou os fundamentos religiosos e filosóficos do *taoísmo* e *confucionismo*, além de ser a base teórica da *acupuntura* e de outras manifestações da medicina tradicional chinesa.]. (DH).
YLMOFARIZ – Vide almofariz. 1350.
IMIIGO – Inimigo (NAP)
YOLANTE – Violante, nome de mulher.
YRIAN – Esquadrão ou exército; segundo o bispo Pinheiro; diz que esta palavra é dos antigos Portugueses, e que dela se origina o nome do padrão junto a Compostela.
YXECO – Moléstia, contradição, trabalho, dúvida, contenda. 1298.

Z

ZÁADONA/ZÁDONA – Senhora, mulher livre, forra, ingénua. 1258.
ZABANEIRA – Mulher desavergonhada. (RB).
ZAIMO - cavaleiro miliciano, na antiga Turquia. (DH).
ZAINFE - na antiga mitologia cartaginesa, manto sagrado que recobria a deusa Tanit. (DH).
ZARANGA - relativo a ou indivíduo dos zarangas, antigo povo da Drangiana, província da Pérsia. (DH).
ZAVAR – Reg. Trás-os-Montes; morder forte, com raiva. (DH).
ZEBRO/A – Boi, vaca, novilho ou vitela. Foral de Lisboa. 1179.
ZAMBORRADA -Bátega de água rápida e forte. (VB)
ZABURRO – Milho grosso. (RB)
ZAMBOTEIRO/ZAMPONEIRO - Murmurador, mentiroso. (VB)
ZANFEIRA – Mulher de mau porte, prostituta. (VB)
ZANARGO/ZANOIO – Vesgo, zarolho. (VB)
ZANGALHO – Segador do meio, quando o numero de ceifeiros é pernão. (Souto da Velha – Torre de Moncorvo). (VB)
ZANGÃO – Espécie de abelha que come o mel que as outras fazem, Atravessador. Também; Bruxo, Lobisomem. (VB)
ZAGA – Vide Azaga.
ZAGAL/ZAGALGO – Ajudante de pastor. (VB)
ZAGALA – Pastora (RB)
ZAGALEJO – Moço (RB)
ZAGALHÃO – Lugar pedregoso e íngreme, com vegetação adequada à pastorícia (Fornos). (VB)
ZAGONAL – Clérigo, zagonal: o mesmo que diácono ou clérigo de evangelho.
ZAHALMEDINA – Vide Zevalmedina.
ZAINO – Cavalo castanho-escuro, sem mescla (RB)
ZALMEDINA – Vide Zavaalmedina.
ZAMBÔA – Gamboa, marmelo molar. Também; Fruto como laranja, mas muito insipido, Parvo tolo como zamboa. Muito sem sabor, insipido.
ZANFARILHAR – Andar para trás e para diante. (VB)
ZANGÃO – Espécie de abelha que come o mel que as outras fazem, Atravessador.
ZANGUIZARRA – Chulo, desordem, anda tudo a zanguizarra. (RB)
ZANOLHO – Zarolho.
ZARA – Zahra (PA); A flor. É nome próprio de mulher. Assim era chamada a Irmã de Abucadam que foi senhor de muitas terras na Lusitânia e do castelo de Gaia no Porto. Esta foi roubada por D. Ramiro II de Castela e depois de batizada casou com ela e se chamou Isabel. Também; Lavra ligeira da terra de cereal, quando este surde do solo (Freixo de Espada à Cinta). (VB)
ZARAGOTA – Planta medicinal (Psylion)- (RB)
ZARABGUCHADA – Ferida dada com zaraguncho (RB)
ZARGUNCHO – Uma meia lança de arremesso usada pelos cafres. (RB)
ZAQUITARIO – O mesmo que saquetario; saquitario; saquiteiro; ou saqueteiro. 1225.
ZARA – Zahra (PA); A flor. É nome próprio de mulher. Assim era chamada a Irmã de Abucadam que foi senhor de muitas terras na Lusitânia e do castelo de Gaia no Porto.

Esta foi roubada por D. Ramiro II de Castela e depois de paptizada casou com ela e se chamou Isabel.
ZARCO – Dizem que assim se chamavam os que tinham os olhos azuis e em demasia claros. Este é o apelido antigo de muitas famílias, de que foi progenitor o capitão João Gonçalves Zarco, que descobriu a ilha da madeira em 1420. Também ZARCO – Azeraco, que tem olhos azuis. (Eluc)
ZARELO – Parece ser sinónimo de bragal. 1223.
ZARAMBÊLHO – Indivíduo aleijado, disforme. (LV)
ZARRA – Almotolia, jarra.
ZARRO – O mesmo que áspero, rijo, inflexível, mau, irascível, de mau génio, frio (falando do tempo)
ZAVADA – Diz-se de deslavada, sem vergonha. (VB)
ZAVALCHEN – Assim chamavam os mouros ao magistrado que decidia as suas causas e fazia dar à execução as suas sentenças. E só ele podia autenticar com o seu sinal qualquer instrumento.
ZAVALMEDINA/ZAHALMEDINA/ZALMEDINA/CAHLMEDINA/SALMEDINA – São frequentes estes vocábulos nos documentos de Espanha até ao século XIII. Era zavalmedina o pretor da cidade, a quem pertencia por comissão do príncipe ou do rico-homem. Todo o governo político e civil da respectiva cidade e sentenciar afinal os feitos cíveis dos seus moradores.
ZEBRAL – No foral de Seia de 1136, se manda *que "o carniceiro de dous lombos de porco e de boi, ou vaca huma pedra de zebral*". Vide Zevro.
ZEBRARIO – Cousa de boi ou de vaca, novilho ou vitela. XI.
ZEBRO – Vide Zevro.
ZEGONIAR – No foral das estremaduras dado pelo rei D. Afonso Henriques, que tinha dado aà villa de Pesqueiras se diz: "Si *homo aut mulier dixerit ad suum vicinum, vel ad suam vicinam, zegulo de foam, aut zegonia com foam"*. … (mulher que vivia em concubinato) **Na casa da Câmara de Sanceriz junto a Bragança se vê ainda hoje um freio, com que se castigavam as mulheres bravas de condição e maldizentes,** e mesmo todas as pessoas cujo crime procedia das palavras; ele tem língua para a boca, argola para o queixo debaixo, cambas, que lançam sobre o nariz, tudo de ferro; tem igualmente cabeçada com sobretesta para a cabeça com fivela que fecha para trás e rédeas com passador. (Eluc)
ZEGONIAR COM FOAM – Se disse da mulher que vivia em concubinato ou se desonestava com certo e nomeado sujeito.
ZEGULO – Vide Zegoniar.
ZEGULO DE FOAM – O que servia torpemente alguma mulher, cujo nome se declarava. Ainda hoje, nas províncias são restos desta duas palavras "zaino" por Mancebado e mulherengo e "Zoina" por mulher trope e desonesta.
ZELOTE – O que tem um zelo falso, mal-entendido ou fingido. (RB)
ZÉNITE – O ponto mais elevado, por cima da cabeça do observador. Também; O ponto vertical oposto ao Nadir, o ponto do Céu perpendicular a cada ponto do globo terrestre; o augue, cúmulo. (RB).
ZENZERE – O rio Zêzere.
ZENZEREIRO – Azereiro, árvore que dá flores brancas e mui cheirosas. Prunus Lusitânica; Louro português. Folhas verdes-escuros brilhantes com talos vermelhos. Espinhos finos de pequenas flores brancas perfumadas no início do verão, seguidos de frutas roxas e

em forma de ovo no outono, fazem uma boa cobertura densa. Cresce para 4-5metros, mas pode ser aparado para fazer uma cobertura fina de 1,2 metros até 3 metros de altura.
ZEPHYRO – Vento brando, genial. Camões. (RB)
ZERECHIA – Reg. Trás-os-Montes; algazarra, balbúrdia, vozearia de rapazes. (DH).
ZERENSE - relativo a ou habitante de Zerna, antiga cidade da Dácia situada na margem esquerda do Danúbio. (DH).
ZERZULHO – Reg. Trás-os-Montes; dinheiro em espécie. (DH).
ZEVRARIO – O mesmo que Zebrario. Nas demarcações do grande couto do mosteiro de Crestuma, que se estendia à margem direita e esquerda do rio Douro no ano de 922, se faz menção da terra de Sousa do Monte zevrario, isto é, do monte das vacas.
ZICHAR – Reg. Trás-os-Montes; sair (água, líquido) aos borbotões; esguichar. (DH).
ZIMBRAR – Açoitar, espancar (RB). Também; Açoitar, vergastar. Apertar as cordas nos barbiões. (Lagoaça) (VB)
ZINA ZIRRA/ZIRRAR/ZIRRA-ZIRRA – Troça das mondadeiras a qualquer rapaz que passe por perto. (VB)
ZINGAMOCHO – Remate de coifa alta (RB).
ZINGRAR – Escarnecer, iludir, chulo. (RB).
ZINGUERREAR – Reg. Trás-os-Montes; emitir som agudo, ligeiramente estridente. (DH).
ZINOTE – Nádega, ânus. (VB)
ZIRGELIM – Semente oleosa de que se faz doce. (RB).
ZIRIDA – Dinastia berbere que reinou em Ifriquiya. Os Ziridas fundaram um reino independente em al-andaluz, após a queda do califado de Córdova, de que granada foi capital (1013-1090). Acabou por cair, perante o poder dos Almorávidas.
ZIZANIA – Semeiar, i.e., discordia, dissensão, desavença. (RB).
ZOAR – Dar som forte. (RB)
ZOÉLAS/ZELAS – Povo que ocupava a região da comarca de Bragança na Idade do Ferro.

Painel da Tábua do povo Zela exposto no museu de arqueologia Coronel Albino Pereira Lopo em Macedo de Cavaleiros – O original encontra-se no Staatliche Museem de Berlim.

ZOILO – Crítico maligno. Camões. (RB)
ZOIRA – Diarreia. (VB).
ZOMBAR – Fazer zombaria, escarnecer, motejar, ridicularizar, enganar, iludir, com lograções e acintes, Gracejar, não falar sério. Não fazer caso das coisas dignas de atenção e respeito. Desobedecer. (RB).
ZOMBAZOMBANDO – Por zombaria, não seriamente. (RB)
ZORAME – Assim chamam os mouros aos seus capotes ou capas brancas. Vem de solhame, que é o seu próprio nome em árabe.
ZORNÃO – Diz-se do burro que zurra muito. (VB)
ZORNAR – Reg. Trás-os-Montes - emitir, soltar zurros (o animal); zurrar, ornear. (DH).
ZOROASTRISMO - antiga religião persa fundada no séc. VII a.C. por Zoroastro (ou Zaratustra), caracterizada pelo dualismo ético, cósmico e teogónico que implica a luta primordial entre dois deuses, representantes do bem e do mal, presentes e atuantes em todos os elementos e esferas do universo, incluindo o âmbito da subjetividade e das relações humanas [O zoroastrismo influenciou em diversos aspectos doutrinários a tradição judaico-cristã.]. (DH).
ZORREIRO – Ronceiro, vagaroso, que se move devagar. Homem tardo, não activo, indigente, passeiro. (RB).
ZORRO – Filho bastardo. Manada isolada de espigas ceifadas que o segador, com a pressa, para não se atrasar dos companheiros, se esquece de juntar às outras manadas e que com estas formaria uma gabela. (VB). Também; ZORRO; Regionalismos de Trás-os-Montes; o macho da raposa, da zorra; raposo; criado velho; filho bastardo ou natural; criança abandonada pelos pais ao nascer ou em tenra idade. (DH).
ZORTAR – Sair. Ir-se embora. (VB)
ZORZAL – Zarzûr (PA); O estorninho. É pássaro de arribação de cor parda com malhas brancas.
ZOTE – Chulo, idiota, pateta, ignorante. (RB)
ZOTECA – Espécie de alcova das casas romanas, para colocar o leito. (AA)
ZOUPEIRO – Individuo gordo, alentado, brutamontes. (LV). Também; Velho decrépito. (RB)
ZOURA – Reg. Trás-os-Montes; eliminação continuada de fezes líquidas e abundantes; diarreia.
ZOURAR – Ter diarreia. (VB)
ZURAME – O mesmo que Zorame.
ZURPA _ Borra de vinho. (VB).
ZURZIDELA – Sova. (VB)
ZURZIR – Maltratar com pancadas, açoites, com palavras ásperas. (RB)

Bibliografia consultada ou/e utilizada

AFONSO, ELIAS DE JESUS MONTEIRO; Edição e Estudo histórico dos Forais Medievais de Mogadouro e Penas Roias, Brigantia cultura, Vol. XXIV nºs 3 e 4 e Vol. XXV nºs 1 e 2 pp 81-116, Bragança, 2004/2005 (AFONSO)
ARAUJO, CARLOS - Toledo, Séculos XII-XIII – Direcção da edição portuguesa; Carlos Araújo, Terramar editores, 1996, Lisboa.
ASSOCIAÇÃO TERRAS QUENTES – Bases de Dados (BD)
AZEVEDO, Maria Luísa Seabra Marques de -Moçarabismo e a toponímia em Portugal, Academia das ciências, 2015 (MF)
BARBOSA, PEDRO GOMES – Reconquista Cristã, nas origens de Portugal Séculos IX a XII – Esquilo, 2008, Lisboa. (PB)
BARROS, VÍTOR FERNANDO – Dicionário dos falares de Trás-os-Montes, Colecção, fora de colecção/92, Campo das Letras, Empresa de Comércio Livreiro, Porto, 1992 **(**VB)
BLUTEAU, PD. RAPHAEL - Vocabulário Português & latino, Officina de Pascoal da Sylva, 1720, Lisboa. (RB)
BLUTEAU PD. RAPHAEL - Diccionario da Língua Portugueza, Tomo II L-Z, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, Lisboa. (RB)
CALADO, ADELINO DE ALMEIDA – Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereyra, Edição crítica da "Crónica do Condestabre com Introdução, Notas e Glossário; Actas Universitatis Coninbrigensis, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1991. (NAP).
CARDOSO, MANUEL J. SOUSA – Quartzo, Feldspato e Mica, vidas de um veterinário; Quarteto Editora, Coimbra, 2000. (MC)
CARDOSO, P. LUÍZ - Diccionário Geográfico ou Noticia Histórica, Tomo I, Officina Sylviana, 1747, Lisboa. (LC)
CHAGAS, MANUEL PINHEIRO - Diccionario Popular, Vol. I Lallemant Freres Typ. Lisboa. 1876. (PC)
COELHO, ANTÓNIO BORGES – Donde viemos, volume I, Editorial Caminho, 2010, Alfragide. (BC)
DICCIONARIO ARISTOCRATICO - contendo os Alvarás de Fidalgos da Casa Real, Tomo I, A-E, Imprensa Nacional, Lisboa, 1840. Cópia da Bodleian Library, 9 AUG 83 Oxford. (DA).
DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA – Departamento de dicionários da Porto Editora, Porto Editora, Porto, 2003.
DICCIONARIO UNIVERSAL DAS MOEDAS, PEZOS, E MEDIDAS - Off. De Simão Thaddeo Ferreira, Lisboa, cópia da Princeton University, 1793. (DMP)
ENCARNAÇÂO, BERNARDO DE - Glossário das palavras antigas ou antiquadas. (BE)
FARIA, EDUARDO DE (EF) – Novo Diccionário da Língua Portuguesa e sinónimos, Tipografia Lisbonense, volume III, 1849, Lisboa pág. 745.
FERNANDES, FRANCISCO – Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa, Volumes, 1 a 4, Editora Globo e Editorial Verbo, Lisboa, 1984.
HERCULANO, ALEXANDRE (HA) – História de Portugal, Tomo I, História de Portugal, Livraria Bertrand SARL, Lisboa, 1980
HERCULANO, ALEXANDRE – História de Portugal, Tomo II, História de Portugal, Livraria Bertrand SARL, Lisboa, 1980 (HA)
HERCULANO, ALEXANDRE – História de Portugal, Tomo III, História de Portugal, Livraria Bertrand SARL, Lisboa, 1980 (HA)
HERCULANO, ALEXANDRE – História de Portugal, Tomo IV, livro III, História de Portugal, Ulmeiro, livraria e distribuidora, Ldª, Lisboa, 1983 (HA).

HOUAISS, ANTÓNIO; VILLAR, MAURO DE SALLES E FRANCO, FRANCISCO MANOEL DE MELO – Dicionário Electrónico Houaiss da língua Portuguesa; Instituto António Houaiss de Lexicografia, Circulo dos Leitores, Lisboa, 2002 (DH)
LOPES FERNÃO - Crónica D. João I, por Fernão Lopes, Tirada à luz por ordem do Ilmº Senhor Dom Rodrigo da Cunha, Impressor del rey Antonio Alvares, 1643, Cópia existente na K.K. Hofbibliothek Osterr. Nationalbibliothek. (FL)
LOPES FERNÃO - Crónica D. João I, por Fernão Lopes, Volumes 1 e 2; 1949; Livraria Civilização; Porto/Lisboa. (FL)
LOPES, LUÍS SEABRA – A cultura da medição em Portugal ao longo da história, Educação e matemática, nº 84, Universidade de Aveiro, Aveiro s.d. (LSL)
MARREIROS, ROSA – Chancelaria de D. Dinis, Livro II, Palimage, Coimbra 2012- (MR).
MENDES, CARLOS ALBERTO SANTOS – Macedo de Cavaleiros, Cultura Património e Turismo, Edição Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros, Macedo de Cavaleiros, 2005. (TMC)
MENDES, CARLOS e BAÊNA, MIGUEL SANCHES – Centros Europeus de Fabrico e Armamento; Século XII até ao final do Século XIV, no prelo. (Caderno terras quentes nº 17). (CM)
MOTA, JOSÉ PEIXOTO PINTO DA – A identidade histórica de algumas aldeias transmontanas: Subsídios para o seu estudo.; Brigantia Vol. XXIV nºs 3 e 4 e Vol. XXV nºs 1 e 2, Bragança 2004/2005 (MJ).
NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA, COMPOSTO, Typografia Rollandiana, Lisboa, 1806
PERES, DAMIÃO – Como nasceu Portugal, 10 edição, Vertente, Porto, 1992.
PEREIRA, ESTEVES e RODRIGUES, GUILHERME – Diccionário histórico, Chorographico, heráldico, Biographico, Numismático e Artístico, Vol. I – A, Editor, João Romano Torres, Lisboa, 1904. (PE)
RAU, VIRGINIA – Estudos de História Medieval, Editorial presença, Lisboa, 1986.
RODRIGUES LAPA – Quadros da Crónica de D. João I. Clássicos de Estudante, 5ª edição, Sá da Costa, 1979, Lisboa.
ROLLANDIANA, TYP – Novo diccionario da língua portuguesa, 1806, Lisboa.
S/N – Diccionario Aristocrático, Tomo I A-E, Imprensa Nacional, 1840, Lisboa.
SARAIVA, JOSÉ HERMANO (HS) – Fernão Lopes "crónica de el-rei D. João I de Boa Memória" primeira parte. Edições europa-américa.1977.
SILVA, ANTÓNIO DE MORAES (AS)– Diccionário da Língua Portugueza, 4ª Edição, Tomo I A-E, Typographia Lacerda, 1831, Lisboa.
SILVA, ANTÓNIO DE MORAES (AS)– Diccionário da Língua Portugueza, 4ª Edição, Tomo II F-Z, Typographia Lacerda, 1831, Lisboa.
SILVA, ANTÓNIO DE MORAIS - Diccionário da Lingua Portugueza, recopilado, Tomo primeiro A-E, Typographia Lacerdina, 1813, Lisboa. (AS)
SILVA, INNOCENCIO FRANCISCO DA; Diccionario Bibliographico Portuguez, Tomo I, II, e III, Lisboa, 1859. (IS)
SILVA, JORGE HENRIQUES PAIS DA, e CALADO, MARGARIDA; Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura, Editorial Presença, Lisboa, 2005. (AA)
SOUSA, JOÃO DE, Fr. (PA1) – Vestígios da Língua Arábica em Portugal ou Lexicon Etymologico das palavras e nomes portuguezes que tem origem arábica, composto por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa, - Frei João de Sousa Interprete de sua Magestade para a língua Arábica. Lisboa, 1789 (190 páginas)

SOUSA, JOÃO DE, FREI – Lingoa Arábica em Portugal, - nome de palavras portuguesas que tem origem árabe, Academia Real das Sciencias de Lisboa, Lisboa, 1830 (243 páginas) **(**PA)

Autores citados nesta obra:

1) Sousa, Manoel Faria; Asia Portugueza.
2) Nicoláo Marracio; Alcorão Refutado
3) Oliveira, Xalom; Avicena ou Ebnsina, traduzido do Árabe para Português pelo autor.
4) Bluteau; Diccionario Porttuguez
5) Pereira, Bento; Diccionario Latino Lusitano
6) Beily; Diccionario Etymologico Latino-Britânico
7) Castello – Diccionario Heptagloto
8) Galvão, Duarte; Chronica dos reis de Portugal.
9) Goes, Damião de; Chronica do Rei D. Manoel
10) Andrade, Francisco; Chronica D. João III
11) S/N; Chronica d'El Rei D. Pedro.
12) Albuquerque, Afonso, Comentários.
13) Costa, António Carvalho e, Pde. Chorografia Portuguesa
14) Barros, Brandão; Chronica de Cister
15) Marques. P; Diccionario Lusitano-Gallico
16) Cardoso. Pde; Diccionario Geografico de Portugal.
17) Phaarmacopeia Tubalense
18) Pinto, Fernão Mendes, Peregrinação.
19) Vossio, Gerardo João; Etymologico-Latinum
20) Eledrisi, Xerife; Geographia Nubiense
21) Haite, Diogo, Frei; História Gerla da Argel.
22) Mendonça, Jeronymo; Jornada de África e perda d'el-rei D. Sebastião.
23) Bernardino, Gaspar de S., Frei; Jornada da Índia por terra até Lisboa.
24) Tenreiro, António; Itinerário
25) Castro. João Baptista de. Pde. Mappa de Portugal.
26) Brandão António, Frei. Monarquia Lusitana
27) Moslandini; Rosário Político
28) Rego, António do; Tratado de Alveitaria.
29) Francisini; Vocabulário Castelhano.
30) Leão, Duarte Nunes de; Chronica el-rei D. Afonso IV
31) Menezes. Conde D. Pedro de; Chronica.
32) Livros inéditos da história Portugueza dos reinados dos Reis D. João I, D. Duarte, D. Afonso V e de D. João II do livro vermelho.
33) Conde da Ericeira; História da tomada de Tanger.
34) Anastácio, Joze; Nova história de Malta.
35) Santos, João dos, Frei; Ethiopia Oriental.
36) Figueiroa, Padre, Comentários.
37) Diccionários Portuguezes de Moraes, Fonseca e da Academia da Letra "A" e os Arábicos de Golio, Gigeo e outros.
38) Abulfeda; Catálogo de algumas vozes castelhanas, puramente arábicas, impresso no tomo 3º das memórias da real ACADEMIA DA HISTÓRIA DE Madrid.

39) Camões; Biblioteca Oriental de Herbeloth.
40) Cartaz; História dos soberanos Mohammetanos da Mauritania.
41) Leão, Duarte Nunes, História Sebastica.
42) Viterbo, Joaquim de Santa Rosa, Frei. Elucidário.

TORRINHA, FRANCISCO – Dicionário Latino-Português, 3ª edição nº 7177, Edições Maranus, Porto, 1945.
VASCONCELLOS, J. LEITE DE (LV); Dicionário dos termos antigos, Revista Lusitânia,1920, Lisboa.
VASCONCELLOS, J. LEITE DE (LV); Philologia Mirandesa, Vol. IImprensa Nacional, Lisboa, 1900.
VICENTE, ANTÓNIO MARIA BALCÃO – Macedo de Cavaleiros, da Terras de Lampaças ao Concelho, Os Forais e a sua época, Editora Âncora, 2004, Lisboa. (BV)
VIEIRA, DR. FREI DOMINGOS - Teshouro da língua Portugueza, Volume I, Editores Ernesto Chardron, 1871, Porto. (VD)
VIEIRA, DR. FREI DOMINGOS - Teshouro da língua Portugueza, Volume II, Editores Ernesto Chardron, 1873, Porto. (VD)
VITERBO, FREI JOAQUIM DE SANTA ROSA - Elucidário das Palavras, Termos e Frases; Volume 1 “A/F”; Volume 2 “B a Z”; 1983; Primeira edição 1798/1799; Livraria Civilização – Porto/Lisboa. (VT) e (Eluc.).

ESTATÍSTICA – DISTRIBUIÇÃO DOS VOCÁBULOS POR LETRAS

O TEXTO CONTÉM 277.485 PALAVRAS

Letras iniciais do vocábulo	Quantidade de vocábulos no vade-mécum	% do vocábulo
A	1.779	16,36%
B	556	5,61%
C	1.390	12,78%
D	507	4,66%
E	750	6,90%
F	488	4,49%
G	309	2,84%
H	135	1,25%
I	159	1,46%
J	119	1,09%
K	31	0,28%
L	408	3,75%
M	835	8,20%
N	118	1,08%
O	216	1,98%
P	781	7,18%
Q	124	1,15%
R	446	4,97%
S	646	5,94%
T	596	5,48%
U	48	0,44%
V	302	2,77%
W	1	0,01%
X	41	0,38%
Y	8	0,07%
Z	83	0,76%
Total vocábulos	10.876	100,00%